UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)

FACULDADE DE ARTES VISUAIS (FAV)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL

FREDERICO CARVALHO FELIPE

MekHanTropia: autoconhecimento e (re)existência em um universo transmidiático, experimental, colaborativo e autoral

GOIÂNIA

2023

Processo: 23070.059874/2023-40 Documento: 4227546

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

[ ] Dissertação [x] Tese [ ] Outro*:_____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Frederico Carvalho Felipe

3. Título do trabalho

MekHanTropia: autoconhecimento e (re)existência em um universo transmidiático, experimental, colaborativo e autoral

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:
a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.
Casos de embargo:
- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **Rosa Maria Berardo**, **Professor do Magistério Superior**, em 30/11/2023, às 08:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Frederico Carvalho Felipe**, **Discente**, em 01/12/2023, às 15:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4227546** e o código CRC **6D4D8930**.

FREDERICO CARVALHO FELIPE

MekHanTropia: autoconhecimento e (re)existência em um universo transmidiático, experimental, colaborativo e autoral

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual – Doutorado, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como requisito para obtenção do título de Doutor em Arte e Cultura Visual.

Área de concentração: Artes, Cultura e Visualidades

Linha de pesquisa: Poéticas Artísticas e Processos de Criação

Orientação: Profa. Dra. Rosa Maria Berardo

Coorientação: Prof. Dr. Edgar Silveira Franco

GOIÂNIA

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Felipe, Frederico Carvalho
MekHanTropia [manuscrito] : autoconhecimento e (re)existência em um universo transmidiático, experimental, colaborativo e autoral / Frederico Carvalho Felipe. - 2023.
DCCCXXII, 822 f.: il.

Orientador: Prof. Rosa Maria Berardo; co-orientador Edgar Silveira Franco.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, Goiânia, 2023.
Bibliografia. Anexos.
Inclui lista de figuras.

1. Transmídia. 2. Representação. 3. Universo Ficcional. 4. Arte Experimental. 5. Arte e Tecnologia. I. Berardo, Rosa Maria, orient. II. Título.

CDU 7

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata nº 22/2023 da sessão de Defesa de Tese de **Frederico Carvalho Felipe,** que confere o título de Doutor em Arte e Cultura Visual, na área de concentração em Artes, Cultura e Visualidades.

Aos dezessete dias do mês de novembro de dois mil e vinte e três, a partir das oito horas, por videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada " MekHanTropia: autoconhecimento e (re)existência em um universo transmidiático, experimental, colaborativo e autoral ". Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Rosa Maria Berardo (FAV/UFG) com a participação do Coorientador Professor Doutor Edgar Silveira Franco e demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor Fabio Oliveira Nunes (UNESP), membro titular externo; Professor Doutor Guilherme Lima Bruno e Silveira (IFPR), membro titular externo; Professor Doutor Gazy Andraus (FAV/UFG), membro titular interno; Professor Doutor Léo Pimentel Souto (/FAV/UFG), membro titular interno. Durante a argüição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Rosa Maria Berardo, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos dezessete dias do mês de novembro de dois mil e vinte e três.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

Documento assinado eletronicamente por **Edgar Silveira Franco**, **Professor do Magistério Superior**, em 22/11/2023, às 08:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Rosa Maria Berardo**, **Professor do Magistério Superior**, em 27/11/2023, às 21:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Gazy Andraus**, **Usuário Externo**, em 29/11/2023, às 10:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **LÉO PIMENTEL SOUTO**, **Usuário**

Externo, em 29/11/2023, às 12:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Fabio Oliveira Nunes**, **Usuário Externo**, em 29/11/2023, às 15:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **GUILHERME LIMA BRUNO E SILVEIRA**, **Usuário Externo**, em 01/12/2023, às 12:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4184104** e o código CRC **EE3FDAB3**.

Referência: Processo nº 23070.059874/2023-40 SEI nº 4184104

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE ARTES VISUAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE E CULTURA VISUAL

TESE DE DOUTORADO

MekHanTropia:

autoconhecimento e (re)existência em um universo transmidiático, experimental, colaborativo e autoral

FREDERICO CARVALHO FELIPE

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosa Maria Berardo
(FAV/UFG)
Orientador(a) e Presidente da banca

Prof. Dr. Edgar Silveira Franco
(FAV/UFG)
Coorientador

Prof. Dr. Fabio Oliveira Nunes
(UNESP)
Membro externo

Prof. Dr. Gazy Andraus
(FAV/UFG)
Membro interno

Prof. Dr. Guilherme Lima Bruno e Silveira
(IFPR)
Membro externo

Prof. Dr. Leo Pimentel Souto
(FAV/UFG)
Membro interno

Prof. Dr. Murilo Gabriel Berardo Bueno
(IFG)
Suplente externo

Prof. Dr. Flávio Gomes de Oliveira
(FAV/UFG)
Suplente interno

Dedicatória e Agradecimentos

Adentrar e cursar um doutorado em Arte no Brasil não é nada fácil, ainda mais com uma pandemia atravessada em meio à psiconecropolítica instituída por quatro aos em nosso país. Chegar até aqui é uma forma de resistir e (re)existir pela arte, pela ciência, pela pesquisa, pela educação pública de qualidade e pela vida, experimentando-me e ressignificando-me ao mergulhar naquilo que me forma e seguir me formando no que mergulho. Agradeço o apoio e suporte daqueles que estão ao meu lado nessa jornada, em especial o PPGACV, a UFG, minha orientadora Profª. Drª Rosa Berardo, meu coorientador Prof. Dr. Edgar Franco, minha mãe Denise Aparecida Carvalho, meu pai Gilvane Felipe, meus irmãos, irmãs, avós, madrinha, tias, tios, primas, primos, padrasto, parceiros criativos, amigas e amigos que desde o início estiveram comigo e são citados nominalmente no decorrer do texto nessa tese-criação. Sem vocês nada disso seria possível e nem faria sentido.

Dedico esse trabalho à minha ancestralidade na figura dos meus avós Marta Ulhoa Carvalho, Afrânio de Jesus Carvalho, Bárbara Lobo Felipe (*in memorian*) e Antônio Bento Felipe (*in memorian*), e todas as pessoas que, assim como eles, sempre me acompanham com seus ensinamentos, apoio e força fundamentais.

Resumo

A hipercompetitividade, hiperinformação, hiperprodutividade e hiperconsumo – 24/7 (horas/dias) –, geram novas angústias nos indivíduos cada vez mais padronizados em função do mercado. Assim, penso de maneira poética nessa tese-criação sobre como lidamos atualmente com os fluxos telemáticos e com as subjetividades atualmente, me colocando pelos processos criativos como objeto de experimentação artística para construção de um universo onírico transmidiático que intitulo como 'MekHanTropia'. Através das criações poéticas artísticas por diversas linguagens, ferramentas e plataformas, crio uma cosmologia que representa algumas de minhas experiências subjetivas em tempos de alta dispersão humana por conta da pandemia. Vislumbro maneiras para (re)existir através de resistências artísticas contraculturais, questionando padrões psicopolíticos e binarismos maniqueístas ditados pelo mercado e reflito, nesse processo, sobre arte colaborativa, arte experimental e conceitual, ressignificações poéticas, relações polissêmicas entre arte e tecnologia, narrativas oníricas, intertextualidades e outras práticas que visam o autoconhecimento e o enfrentamento ao obscurantismo psicobinário mekHanTrópico institucionalizado pela ressignificação e materialização artística.

Palavras-chave: Transmídia, Representação, Universo Ficcional, Arte Experimental, Arte e Tecnologia.

Abstract

Hypercompetitiveness, hyperinformation, hyperproductivity and hyperconsumption – 24/7 (hours/days) – generate new anxieties in individuals who are increasingly standardized according to the market. Thus, I think poetically about this thesis-creation about how we currently deal with telematic flows and subjectivities today, placing myself through creative processes as an object of artistic experimentation to build a transmedia dream universe that I call 'MekHanTropia'. Through poetic artistic creations using different languages, tools and platforms, I create a cosmology that represents some of my subjective experiences in times of high human dispersion due to the pandemic. I envision ways to (re)exist through countercultural artistic resistance, questioning psychopolitical standards and Manichaean binaries dictated by the market and reflect, in this process, on collaborative art, experimental and conceptual art, poetic resignifications, polysemic relationships between art and technology, dreamlike narratives, intertextualities and other practices that aim at self-knowledge and confronting institutionalized mekHanTropic psychobinary obscurantism through resignification and artistic materialization.

Keywords: *Transmedia, Representation, Fictional Universe, Experimental Art, Art and Technology.*

Resumen

La hipercompetitividad, la hiperinformación, la hiperproductividad y el hiperconsumo –24 horas al día, 7 días a la semana (horas/días)– generan nuevas ansiedades en individuos cada vez más estandarizados según el mercado. Así, pienso poéticamente esta tesis-creación sobre cómo abordamos actualmente los flujos telemáticos y las subjetividades, ubicándome a través de procesos creativos como objeto de experimentación artística para construir un universo onírico transmedia que llamo 'MekHanTropia'. A través de creaciones artísticas poéticas utilizando diferentes lenguajes, herramientas y plataformas, creo una cosmología que representa algunas de mis experiencias subjetivas en tiempos de alta dispersión humana por la pandemia. Visualizo formas de (re)existir a través de la resistencia artística contracultural, cuestionando los estándares psicopolíticos y los binarios maniqueos dictados por el mercado y reflexiono, en este proceso, sobre el arte colaborativo, el arte experimental y conceptual, las resignificaciones poéticas, las relaciones polisémicas entre arte y tecnología, las visiones oníricas. narrativas, intertextualidades y otras prácticas que apuntan al autoconocimiento y confrontan el oscurantismo psicobinario mekHanTropic institucionalizado a través de la resignificación y la materialización artística.

Palabras clave: *Transmedia, Representación, Universo Ficcional, Arte Experimental, Arte y Tecnología.*

Résumé

Hypercompétitivité, hyperinformation, hyperproductivité et hyperconsommation – 24h/24 et 7j/7 (heures/jours) – génèrent de nouvelles angoisses chez des individus de plus en plus standardisés selon le marché. Ainsi, je réfléchis poétiquement à cette thèse-création sur la façon dont nous traitons actuellement les flux télématiques et les subjectivités, me plaçant à travers des processus créatifs comme objet d'expérimentation artistique pour construire un univers de rêve transmédia que j'appelle « MekHanTropia ». À travers des créations artistiques poétiques utilisant différents langages, outils et plateformes, je crée une cosmologie qui représente certaines de mes expériences subjectives en période de forte dispersion humaine due à la pandémie. J'envisage des moyens de (ré)exister à travers la résistance artistique contre-culturelle, en remettant en question les normes psychopolitiques et les binaires manichéens dictées par le marché et je réfléchis, dans ce processus, sur l'art collaboratif, l'art expérimental et conceptuel, les resignifications poétiques, les relations polysémiques entre art et technologie, l'art onirique. des récits, des intertextualités et d'autres pratiques

qui visent à la connaissance de soi et à confronter l'obscurantisme psychobinaire mekHanTropic institutionnalisé à travers la resignification et la matérialisation artistique.

Mots clés: *Transmédia, Représentation, Univers fictionnel, Art expérimental, Art et technologie.*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....37

0. (INTRODUÇÃO) Tecelões Oníricos do Absurdo.....41

0.1. MekHanTropia, Ano Zero: metAMORfoses da pesquisa-criação.....44

0.2. Caminhos, amparos, métodos e perspectivas onírico-caóticas……..…53

0.3. Referências iniciais para a criação do universo de MekHanTropia.....56

0.4. O surgimento da ideia de MekHanTropia, a Arte e a Cultura Visual.....59

0.5. A tese-criação e a transmídia como poética onírica..... 76

0.6. Quem joga o jogo?.....93

1. (CAPÍTULO 1) EXPERIMENTAÇÕES E PROJEÇÕES: UM OLHAR SOBRE MINHAS ORIGENS E ANCESTRALIDADES.....100

1.1. Adentrando os labirintos transmidiáticos.....102

1.2. Olhar, integrar e transmutar as sombras pela Arte Experimental.....122

1.3. A utopia do planeta é a nossa distopia: preparando o terreno MekHanTrópico.....136

1.4. “Caminho da Alma”: retomando e projetando memórias...181

2. (CAPÍTULO 2) LUZ EM MEIO ÀS TREVAS: O contexto.....219

2.1. O que meus “monstros” me mo(n)stram: as sombras e a lenda do Cão Breu.....220

2.2. A MekHanTropia.....228

2.2.1. Transbinarismo utópico em MekHanTropia.....243

2.2.2. Institucionalizações mekHanTrópicas.....262

2.2.3. Aprofundando no conceito: o que nos mata e escraviza.....284

2.3. MekHanTropomorfizações: cooptações e seduções do sistema.....304

3. (CAPÍTULO 3) Conexões: em busca de um olhar anti-mekHanTrópico: Despertar sonhando.....327

3.1. Estruturação poética e processos de criação em busca de re-existência.....327

3.2. O álbum “MekHanTropia” e a estruturação conceitual do universo ficcional onírico.....364

3.3. Atos narrativos e as possibilidades lúdicas de “MekHanTropia”.....370

3.4. Escravidão com ar de liberdade: razão e emoção cooptadas.....404

3.5. As narrativas oníricas e a resistência do sono..... 409

4. (CAPÍTULO 4) Colaborações e expansões do olhar (Olhar em conjunto).....442

4.1. Desfragmentando posso me unificar: “*Cani Buiu Oracle*” e os ecos de uma memória dispersa revelada em MekHanTropia.....443

4.2. Vazios, lacunas e fragmentações: espaços onírico-narrativos para interações entre subjetividades.....460

4.3. Os Regimes de Verdade e a MekHanTropia Global.....469

4.4. Os oráculos, os espelhos e a caixa.....487

4.5. Ecos oníricos sobre telas.....503

4.6. O audiovisual como ateliê de experimentação dos ecos transmidiáticos oníricos em MekHanTropia.....509

4.7. A origem da “Confraria Anti-MekHanTrópica (CAM)” e a escrita de argumentos para uma futura série transmídia baseada no álbum “MekHanTropia”: O “futuro” é agora?.....553

5. (CAPÍTULO 5) Integrações e fluxos: Autoconhecimento (luz sobre os pesadelos).....571

5.1. Aproximações e estranhamentos pelas redes.....571

5.2. O grotesco e as representações antropomórficas pós-humanas.....602

5.3. Silêncios ruidosos mekHanTrópicos: o álbum “Eu hoje chorei minha morte” e o desaparecimento dos rituais.....614

5.3.1. “Eu hoje chorei minha morte”: Poéticas Artísticas e Processos Criativos experimentais colaborativos.....622

5.4. O espelho de obsidiana, as sombras, o “outro” e as telas que nos circundam.....635

5.5. Performances transmidiáticas ao vivo e outras extensões.....646

5.5.1. O Amanhecer em MekHanTropia: representações e cruzamentos transuniversais na performance/opereta transmídia “Sangue Derramado”.....651

5.6. O Pesadelo PsicoBinário MekHanTrópico: “Succubus” e “Incubus”.....673

5.7. “*Canúbis*” e o Transbinarismo como antídoto ao “*Pesadelo*”.....683

5.8. Sonhos elétricos: experimentações em Arte e Tecnologia.....690

5.8.1. A condição onírico-maquínica de MekHanTropia..... 699

5.9. Depois do Futuro em MekHanTropia.....722

5.9.1. A narrativa da obra “Depois do Futuro”.....726

6. (CONSIDERAÇÕES FINAIS) Reflexos e Reflexões: Individuação, reverberação e expansão dos elos da alma.....731
6.1. Simbioses orgásticas híbridas.....731
6.2. Transmutar-se em Luz sem negar as Sombras.....739

REFERÊNCIAS.....765
ANEXOS.....773

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 - "Passagens (I - O Mago)". Tarot MekHanTrópico. Fotografia digital, Desenho digital e Redes Neurais (IA). Fredé CF, 2022. 47

Figura 2 - Banda Cão Breu. Da esquerda para a direita: Fredé CF, Evandro Galo, Gustavo Ponciano e Guilherme Tell. Fotografia digital (selfie). 2022. 48

Figura 3 - "Cavalo de Carroça (XII- O Enforcado)". Tarot MekHanTrópico. Imagem feita em promptismo com IA. Fredé CF, 2022. 52

Figura 4 - Reflexões de Rafael Senra acerca das sombras e persona nos tempos atuais. Printscreen da página pessoal do autor no Facebook. 15/09/2023..... 54

Figura 5 - "A Origem da Vida (III – A Imperatriz)". Tarot MekHanTrópico. Desenho à lápis e finalização em IA. Fredé CF. 2022. 58

Figura 6 - "Vida (o imutável perece)". Foto-grade mekHanTrópica. Fredé CF, 2023. 61

Figura 7 - "Chaotic Music Journey". Foto-grade mekHanTrópica. Fredé CF, 2023. 62

Figura 8 - Referencias pessoais e campos de contato 63

Figura 9 - Fluxograma MekHanTrópico inicial. 2019. 65

Figura 10 - "O Acimador (Pandemic Views)". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2021. 67

Figura 11 - "Entre meios (fade in/fade out)". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF. 2022. 70

Figura 12 - "metAMORphosis (0/XXII – O Louco)". Tarot MekHanTrópico/Foto-poesias MekHanTrópicas. Poesia, fotografia e desenho digital finalizado em Redes Neurais (IA). Goiânia, 2022. 74

Figura 13 - na exposição "A beleza sombria dos monstros - a arte de Tim Burton". Fotografia digital e finalização em IA. Leticia Guelfi e Fredé CF. Brasília-DF, 2019. 75

Figura 14 - "Aila (XVIII – A Lua)". Tarot MekHanTrópico. Fotografia digital e Redes Neurais (IA). Fredé CF, 2021. 78

Figura 15 - "Fluxos e Refluxos (X - A Roda da Fortuna)". Tarot MekHanTrópico. Desenho à lápis e finalização em Redes Neurais (IA). Fredé CF, 2022. 82

Figura 16 - "Black Mirror (ce n'est pas un mirroir)". Fotografia digital. Fredé CF. 2021. 87

Figura 17 - Dados mekHanTrópicos (mekHanTropic dices). 95

Figura 18 - "Ninguém sabe o que o calado quer (XI – A Força)". Tarot MekHanTrópico. Imagem feita com promptismo em IA. Fredé CF, 2022. 99

Figura 19 - "Prisão". Fotografia digital. Rosa Berardo. Asolo, 2014. 105

Figura 20 - "Coriza". Fotografia digital e finalização em Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 106

Figura 21 - "Toque de Míd(i)as". Fotografia digital e IA. Fredé CF, 2020. 108

Figura 22 - "Refluxos (Depois do Futuro)". Foto-poesias MekHanTrópicas. Desenho à lápis e finalização em Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2023. 114

Figura 23 - "Corpo fechado (no império dos ratos)/Borboletas Loucas e Rebeldes". Foto-poesias MekHanTrópicas (depois do futuro). Poesia, Fotografia digital e finalização em Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2023. 117

Figura 24 - "Magick Wizard". Desenho à lápis e finalização em Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2021. 119

Figura 25 - "Transmutação mekHanTrópica". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2021. 122

Figura 26 - "Ecce Monstra MekHanTrópica". Desenho à lápis e finalização dom Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 126

Figura 27 - "O Amador". Desenho digital. Fredé CF, 2022. 132

Figura 28 - "Cão Breu Pós-Humano (V - O Sumo Sacerdote)". Tarot MekHanTrópico. Desenho original de Ciberpajé e finalização de Fredé CF, 2017. 135

Figura 29 - "P(sick)HumanCron". Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 139

Figura 30 - "Sorria, você está sendo filmado". Colagem com fotografia digital e redes neurais/IA. Fredé CF, 2021. 146

Figura 31 – "Agrotopia". Fotografia digital. Fredé CF, 2021. 155

Figura 32 - "Sociedade da Transparência". Desenho à lápis e finalização com Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2021. 159

Figura 33 - Frame do curta-metragem onírico "Carta a Valdez", de Fredé CF. 2020/2021. 160

Figura 34 - Experimentações mekHantrópicas com CHAT IA (1). Fredé CF, 2023. 162

Figura 35 - Experimentações mekHantrópicas com CHAT IA (2). Fredé CF, 2023. 163

Figura 36 - Experimentações mekHantrópicas com CHAT IA (3). Fredé CF, 2023. 164

Figura 37 - Experimentações mekHantrópicas com CHAT IA (4). Fredé CF, 2023. 165

Figura 38 - "Frestas (XVI – A Torre)". Tarot MekHanTrópico. Fotografia digital. Fredé CF, 2022. 168

Figura 39 - Prints das apresentações de artigos acadêmicos (1 e 2) no CIACT 07. 2022. 169

Figura 40 - "O peso do pensar sem a consciência do pesar". HumanCron. Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 171

Figura 41 - "We Three (My Echo, My Shadow And me)". Fotografia digital. Fredé CF, 2017. 174

Figura 42 - "Caminho da Alma". Desenho digital e IA. Fredé CF, 2022. 180

Figura 43 - Eu com minha mãe e com meu pai quando era criança nos anos 80. 184

Figura 44 - Vovó Bárbara e vovô Bento. 184

Figura 45 - Vovó Marta e vovô Afrânio. 185

Figura 46 - Momentos familiares 187

Figura 47 - Cartazes dos filmes "Um Lobisomem Americano em Londres" (1981) e "Lobo" (1994). 188

Figura 48 - Livros de RPG da Editora Devir: "Vampiro - a Máscara" e "Lobisomem - o Apocalipse". 189

Figura 49 - Livros "O Lobo da Estepe" e "Werewolf Magick". Importantes referências poéticas. 191

Figura 50 - "Lobo Ancestral Ulloa" (XV - O Diabo). Desenho a lápis com Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 193

Figura 51 - "She's a Raimbow". Fotografia digital. Obra vencedora do 1º lugar no Prêmio ALEGO de Fotografia. Fredé CF, 2020. 194

Figura 52 - Profa. Dra. Rosa Berardo, Prof. Dr. Edgar Franco, eu e o Prof. Dr. Daniel Christino. Pose acadêmica após a defesa de meu mestrado em Arte e Cultura Visual (UFG), 2015. 195

Figura 53 - Grupo de Pesquisa Cria_Ciber. 2022. 196

Figura 54 - "Gana". Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 198

Figura 55 - "O Umbigo do Mundo". Foto-colagem digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 199

Figura 56 - Imagem feita com a utilização de IA para representar uma selfie de Neandertais na Idade da Pedra. Crédito: Divulgação/Duncan Thomsen. 203

Figura 57 - "Investigando o investigado". Fotografia digital. Fredé CF, 2019. 208

Figura 58 – Fredé CF de férias em Paracatu - MG em meados dos anos 1980. 209

Figura 59 - Print Screen (com QR code inserido) do vídeo de apresentação da Banca de Defesa de Memorial da Profa. Dra. Rosa Maria Berardo (UFG). Canal de YouTube da FAV-UFG, 2021. 210

Figura 60 - "Dungeons & Dragons" da Grow. Jogo de RPG de mesa. 212

Figura 61 – "Eu hoje chorei minha morte (XIII - A Morte)". Tarot MekHanTrópico. Desenho a lápis e Redes Neurais. Fredé CF, 2022. 216

Figura 62 - Frames dos filmes "O Gabinete do Dr. Caligari" (1920) e "Nosferatu" (1922). 222

Figura 63 - Processo de Criação "Passagens (I - O Mago)". Fredé CF, 2022. 225

Figura 64 - "Fruição MekHanTrópica". Desenho à lápis, desenho digital e Redes Neurais/IA". Fredé CF, 2021. 226

Figura 65 - "(AI)Lucy(borg), a MekHaustralopteca". Desenho à lápis e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 227

Figura 66 - "Viajar mais que a viagem (VII - O Carro)". Tarot MekHanTrópico. Imagem feita em promptismo e finalizada em Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 234

Figura 67 - "MekHanTropo". Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 240

Figura 68 - Capa do EP "Espelho de Obsidiana" de Fredé CF, 2021. 241

Figura 69 - O Ciberpajé com sua obra "Renovaceno" de 2021. 244

Figura 70 – "Canúbis". Arte do Ciberpajé (2022). 246

Figura 71 – "Utopia (II - A Sacerdotisa)". Tarot MekHanTrópico. Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2019. 251

Figura 72 - "Sociedade do Cansaço (MekHanTropia acima de todos)". Fotografia digital. Fredé CF, 2021. 258

Figura 73 - "Distâncias e Ignorâncias (poéticas)". Fotografia digital. Fredé CF, 2017. 264

Figura 74 - "O estado do Estado". Fotografia digital. Fredé CF, 2018. 267

Figura 75 - "Desfragmentação". Fotografia, desenho e pintura digital. Fredé CF, 2019. 271

Figura 76 - HQ “Vil Existência?” de Gazy Andraus (1987). 274

Figura 77 - "HumanCron". Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 276

Figura 78 - Eu e o Ciberpajé recebendo o Prêmio Consuni – UFG em reconhecimento pela produção artística, atuação na educação e pesquisa. 2021. 280

Figura 79 - Postagem de Steve Shelley sobre o CEO do Spotify. 283

Figura 80 - "Morto". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé, 2021. 288

Figura 81 - "Desintegração". Fotografia digital. Fredé CF, 2019. 294

Figura 82 - "Reduzidos pelo sistema (distopia)" - Fotografia digital. Fredé CF, 2019. 297

Figura 83 - Cartaz da Exposição Transmídia "Prove que você não é um robô", na Ecce Monstra - microgaleria de audiovisualidades em Brasília – DF. Criado pelo Amante da Heresia (a.k.a. Léo Pimentel Souto). Março de 2022. 302

Figura 84 - Série "HumanCron". Experimentações pandêmicas mekHanTrópicas. Processos de criação de habitantes do universo de MekHanTropia a partir de técnicas como desenho digital, promptismo e direcionamentos conceituais com Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 303

Figura 85 – PrintScreen da troca de mensagens pelo app da plataforma BandCamp com o polonês que contribuiu virtualmente com meu trabalho. 2022. 308

Figura 86 - PrintScreens da "Retrospectiva Spotify" (insuficiente). 2021/22 309

Figura 87 - Depoimentos como estratégia de cooptação. 310

Figura 88 - Exposição "Prove que você não é um robô" na Ecce Monstra - microgaleria de audiovisualidades. Brasília-DF. 2022. 311

Figura 89 – PrintScreen da "Censura algorítmica mekHanTrópica" que sofri na plataforma OneRPM. julho/2023. 315

Figura 90 – PrintScreen (1) da conversa sobre "Censura algorítmica mekHanTrópica" que tive com a OneRPM. 2023. 316

Figura 91 - PrintScreen (2) da conversa sobre "Censura algorítmica mekHanTrópica" que tive com a OneRPM. 2023. 317

Figura 92 - Explicações da OneRPM sobre o caso "Tecelões Oníricos do Absurdo". 2023. 318

Figura 93 - "Enjaulado em si pela IA". Tríptico mekHanTrópico (Fotografia digital e Redes Neurais/IA). Fredé CF. Ecce Monstra: Brasília, 2022. 319

Figura 94 - "Liberdade mekHanTrópica". Fotografia digital. Fredé CF. La cinémathèque française: Paris, 2017. 320

Figura 95 - "F. Valdez aprisionado pela Duplicidade algOrítmica Psicobinária anticóSmica (DOPS)". MekHanTropia, ano zero. Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2021. 322

Figura 96 - "MekHanPróteses audiovisuais". Com a comitiva da UFG, em Asolo (Itália), produzindo documentários e participando de festival de cinema e audiovisual durante o Mestrado em Arte e Cultura Visual. Sob direção e orientação da profa. Dra. Rosa Berardo. 2014. 328

Figura 97 - "MekHanTropia's view (Paisagem - 0)". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF. 2020. 331

Figura 98 - "MekHanTropia's view (Paisagem - 1)". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF. 2020. 334

Figura 99 - "Entre o padrão e a extinção, o vácuo (Mundo de Plástico)". Fotografia digital. Fredé CF, 2021. 337

Figura 100 - Capa do álbum "Cão Breu pós-humano" de Fredé CF. Arte da capa e encarte feita pelo Ciberpajé. 2019. 341

Figura 101 - Ciberpajé desenhando/autografando, em ritual de presença, minha edição de sua obra "Oráculos": inspiração para o álbum "Cão Breu Pós-humano". 2017. 343

Figura 102 - Capa da obra "Oráculos" de Edgar Franco (aka Ciberpajé). 345

Figura 103 - Camiseta da banda Cão Breu, feita por Guga Valente (CDB camisetas), com a arte do Ciberpajé. 346

Figura 104 - "Do Cosmos ao Digital". Experimentações com Redes Neurais/IA a partir da capa do álbum. 2019. 349

Figura 105 - Cartazes espalhados pelos muros de Santiago (Chile) com a figura de um cão negro, símbolo da resistência naquele país. 2019. 352

Figura 106 - Camiseta com a figura do cão negro (negro matapacos), comprada em Santiago como forma de apoiar as manifestações de 2019. Utilizo muito essa camiseta como figurino em shows, homenagens e performances. 353

Figura 107 – Trajado com a camisa "Negro Matapacos" e máscara mekHanTrópica em diferentes ocasiões: (acima) recebendo o prêmio de 1º lugar do concurso fotográfico da Alego (2020); e (abaixo) em performance/show transmídia no Festival de Artes Ciberpajelanças 3 (2022). 354

Figura 108 - "Binarismo Anticósmico (díptico mekHanTrópico)". Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 355

Figura 109 - "Transbinarismo anti-mekHanTrópico (sombra e luz)". Colagem, desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 356

Figura 110 - "metAMORphosis existenciais". Exposição Transmídia "Prove que você não é um robô". Ecce Monstra: Brasília, 2022. 358

Figura 111 - Frames do videoclipe "Um brinde ao Caos" de Fredé CF (feat. MMota). 2022. 360

Figura 112 - "Cão Breu Pós-Humano (variação sombria)". Arte do Ciberpajé. 2019. 363

Figura 113 - Capa do Álbum “MekHanTropia” de Fredé CF. Arte do Ciberpajé. 2020. 365

Figura 114 - da esquerda para a direita: Tiago Zancopé, José Mojica Marins e Fredé CF. Goiânia, 2013. 366

Figura 115 - Cartazes dos filmes "O Bandido da Luz Vermelha" (1968) de Rogério Sganzerla e "A Meia Noite Levarei sua Alma" (1964) de José Mojica Marins. 367

Figura 116 - Tabela comparativa entre as ideias de Vogler e Campbell acerca das jornadas narrativas. VOGLER, 2015, P. 44. 372

Figura 117 - "O Messias de Rosemary". MekHanTropia, ano zero. 375

Figura 118 - "Faces sem olhos (MekHanTropos)". Fotografia digital. Fredé CF, 2019. 379

Figura 119 - "Preso em MekHanTropia". Colagem (fotografia digital, desenho e Redes Neurais/IA). Fredé CF (sobre arte do Ciberpajé), 2020. 383

Figura 120 - "(re)existência". Fotografia digital. Fredé CF. Santiago (Chile), 2019. 386

Figura 121 - Álbum "MekHanTropia" indicado ao Prêmio Dynamite de Música Independente 2021. 387

Figura 122 - Finalista do 7º Prêmio Profissionais da Música Brasileira. 2022/23. 388

Figura 123 - CD "MekHanTropia" de Fredé CF lançado pelo selo TBonTB. 2020. 389

Figura 124 - Máscaras MekHanTropia produzidas por Delaine Carvalho com a Arte do Ciberpajé. 390

Figura 125 - "Conexões e interações mekHanTrópicas". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2017. 396

Figura 126 - Mensagens MekHanTrópicas da OneRPM. 398

Figura 127 - Capa antifascista, censurada digitalmente pela OneRPM, do single "Tentando Explicar o óbvio". 399

Figura 128 - Jabá MekHanTrópico. 400

Figura 129 - Experimentações com app Chat de Inteligência Artificial sobre o que a IA entende como "MekHanTropia". 403

Figura 130 - "Aila em MekHanTropia (XIV - A Temperança)". Tarot MekHanTrópico. Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 406

Figura 131 - "The Black Dog walks at night". Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 408

Figura 132 - Cartaz do filme "Entrevista com o Vampiro" (1994) de Neil Jordan. 412

Figura 133 - "lenta(mente)inquieta". Fotografia digital. Fredé CF, 2017. 420

Figura 134 - Lobisomem Ancestral Anti-MekHanTrópico x Lobisomem Atual MekHanTrópico. Fredé CF, 2021. 422

Figura 135 - 'Black Dog: Os sonhos de Paul Nash", de Dave McKean (2018). 423

Figura 136 - "Ankh". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2021. 424

Figura 137 - "Blanka Anti-MekHanTrópico". Print/frame do videoclipe "Poço sem fundo" de Fredé CF. 425

Figura 138 - "Olhar". Fotografia digital. Fredé CF, 2020. 432

Figura 139 – "Para dentro (IX - O Eremita)". Tarot MekHanTrópico. Imagem feita em promptismo e finalizada em Redes Neurais. Fredé CF, 2022. 436

Figura 140 - Desenho base para "A Roda da Fortuna". Fredé CF, 2021. 441

Figura 141 - Caixa Tese-criação MekHanTropia (Edição Especial entregue à banca examinadora com 7 dados, 1 porta dados, 22 cartas de tarô, 1 Cani Buiu Oracle, 1 CD, 1 chaveiro e 1 pen drive com a tese gravada em pdf). Fredé CF e Delaine Carvalho, 2023. 442

Figura 142 - "Causa e Efeito (VIII - A Justiça)". Tarot MekHanTrópico. Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 444

Figura 143 - "Cani Buiu Oracle". Jogo da Memória mekHanTrópico. Fredé CF, 2021. 448

Figura 144 - "Choque dimensional". Fotografia digital. Fredé CF, 2018. 461

Figura 145 - "Pesadelo (The Black Dog walks at night)". Pintura-poesia MekHanTrópica. Fredé CF, 2023. 465

Figura 146 - Frames do filme "Tempos Modernos" de Charlie Chaplin (1936): críticas ao capitalismo e ao mundo moderno. 466

Figura 147 - "Autêntico vazio". Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 472

Figura 148 - Intervenção Anti-MekHanTrópica em Linz - Áustria realizada por Brunna Nastassia. 2023. 473

Figura 149 - Frame do curta-metragem/episódio piloto "The Black Dog walks at night" de Fredé CF: participação da interventora, artista e estilista Brunna Nastassia interpretando a personagem da resistência anti-mekHanTrópica de codinome "Aila". 2023. 474

Figura 150 - Intervenção Anti-MekHanTrópica em Madrid-Espanha realizada por Brunna Nastassia. 2023. 475

Figura 151 - PrintScreen da versão em ppt da obra "Cani Buiu Oracle". Fredé CF, 2021. 479

Figura 152 - "Mundo dos Ossos". Promptismo com IA. Fredé CF, 2023. 481

Figura 153 - "A Sombra (Assombra)". Fotografia digital. Fredé CF, 2018. 484

Figura 154 - Cartas de baralho Mapuche. 488

Figura 155 - "Novena". Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 490

Figura 156 – "Eu hoje chorei minha morte (XIX- O Sol)". Tarot MekHanTrópico. Fotografia Digital. Fredé CF, 2022. 491

Figura 157 – As duas versões do tabuleiro do jogo/oráculo "Cani Buiu Oracle": Acima, a versão digital (ppt) e abaixo, a versão impressa (“Machine Choice”). Fredé CF, 2021/22. 493

Figura 158 - “Demasiado Humano (plastificado)”. Fotografia digital. Fredé CF, 2020. 498

Figura 159 - PrintScreen do "Tarot MekHanTrópico" completo. Fredé CF, 2023. 498

Figura 160 - "Nero (IV - O Imperador)". Tarot MekHanTrópico. Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 502

Figura 161 – Arte da capa do EP "Ecos Oníricos" (2021). Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2021. 504

Figura 162 - Capa do álbum "O Terceiro Voo da Ingenuidade" (à esq.) de Erre Simon (2021); e capa do single "Jodorowski's Dream/Poder e Queda". 505

Figura 163 - "Avatar (O Acimador cooptado em MekHanTropia ou O feitiço e o feiticeiro)". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2021. 510

Figura 164 -"Cão Breu". Desenho à lápis feito por Daniel Cardoso. Confraria Anti-MekHanTrópica, 2023. 512

Figura 165 - PrintScreen do jogo do Dinossauro presente no Google Chrome. 514

Figura 166 - Frames do curta-metragem/episódio piloto "The Black Dog walks at night”. Fredé CF, 2023. 515

Figura 167 - Frames do curta-metragem/episódio piloto "The Black Dog walks at night”. Fredé CF, 2023. 517

Figura 168 - Frame do curta-metragem/episódio piloto "The Black Dog walks at night”. Fredé CF, 2023. 518

Figura 169 - "Máscaras Elônicas mekHanTrópicas". Promptismo e experimentações em Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 519

Figura 170 – “O instante decisivo em que Fritz Valdez não se reconhece como si mesmo". Olhares sobre o Binarismo Anticósmico. Selfie Frame (PrintScreen). Fredé CF, 2023. 522

Figura 171 - "(a)Lucy(borg), a mekhAustralopiteca”. Agorismos transmidiáticos (Diários d’O Acimador). Fredé CF, 2022. 525

Figura 172 - Pôster do filme “Twin Peaks: fire walk with me” dirigido por David Lynch (1992). 526

Figura 173 - "Abismos no fundo do peito (Refluxos)". Agorismos transmidiáticos (Diários d’O Acimador). Fredé CF, 2022. 528

Figura 174 – Box Set Pissing Nanorobots 18th Anniversary Special Edition da banda Posthuman Tantra. Kaos Records, 2023. 532

Figura 175 - Frames do videoclipe “Defecating Blood, Oil and Nanorobots” da banda Posthuman Tantra. Ciberpajé e Fredé CF, 2023. 533

Figura 176 - Tributo a Alter Breitenbach. Kaos Records, 2021. 535

Figura 177 - "Matar o tempo". Fotografia digital. Fredé CF, 2019. 535

Figura 178 - "Aceso". Agorismos transmidiáticos (Diários d’O Acimador). Fredé CF, 2022 539

Figura 179 - Frames do videoclipe "MekHanTropia". Fredé CF, 2020. 540

Figura 180 - Frames do videoclipe "Ao Amanhecer". Fredé CF, 2020. 541

Figura 181 - Frames do videoclipe "Tentando explicar o Óbvio". Fredé CF, 2019/20. 542

Figura 182 - “Manifesto anti-MekHanTrópico (Bienvenidos a la Revolución).” Foto-manifesto. Escrito e capturado por Fredé CF. Santiago (Chile). Dezembro de 2019. 545

Figura 183 - Capa do EP "É esse mesmo o mundo que queremos?" de Fredé CF (2021). 547

Figura 184 – Fotografia feita em 2014 que deu origem à capa do EP "É esse mesmo o mundo que queremos?" (2021). 548

Figura 185 - "Sobre os Tempos (Ancestralidade)". Fotografia digital. Fredé CF, 2017. 549

Figura 186 – (c)Alma (XXI - O Mundo). Tarot MekHanTrópico. Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2021. 553

Figura 187 – "Proteção anti-mekHanTrópica" (XVII - A Estrela). Tarot MekHanTrópico. Fredé CF, 2023. 557

Figura 188 - Experimentações feitas no século XIX com imagens "em movimento" (em ordem, de cima pra baixo): O fuzil cronofotográfico de Marey; as 24 câmeras espalhadas num hipódromo por Muybridge; e o cinetoscópio de Thomas Edison. 561

Figura 189 – Os primórdios do cinema na virada do século XIX para o século XX (em ordem, de cima pra baixo): os Irmãos Lumière e o cinematógrafo; George Méliès e equipe em seu estúdio cinematográfico (Star Films). 562

Figura 190 - Cartaz do filme "Almost Human" de Jeppe Rønde. 2020. 564

Figura 191 - "The Man-Machine". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2019. 565

Figura 192 - "Olhos sem face (XX - O Julgamento)". Tarot MekHanTrópico. Colagem fotográfica digital. Fredé CF, 2020. 569

Figura 193 - Experimentações com aplicativo Chat IA. 2023. 580

Figura 194 - "O Messias mekHanTrópico". Desenho à lapis. Confraria Anti-MekHanTrópica. Daniel Cardoso, 2023. 581

Figura 195 - Figura 27 - "Máscara Elônica mekHanTrópica". Promptismo e experimentações em Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 586

Figura 196 - "Fire in the sky (crepúsculo mekHanTrópico)". Fotografia digital. Fredé CF. 2019. 589

Figura 197 - Experimentações com o aplicativo "Chat IA" sobre definições acerca do conceito de "Binarismo Anticósmico". Agosto/2023. 595

Figura 198 - "O Cão Breu em MekHanTropia". Experimentações poéticas narrativas de representação utilizando Inteligências Artificiais (promptismo com os apps Wombo Dream e Deep Dream Generator). Fredé CF, 2023. 597

Figura 199 - "Os vivos são mais perigosos que os mortos (as flores de plástico não morrem)". Fotografia digital. Fredé CF, 2022. 602

Figura 200 - Classes de personagens (Tecnogenéticos e Extropianos) da Aurora Pós-Humana, universo transmídia criado pelo Ciberpajé (aka Edgar Franco). 605

Figura 201 - Tatuagem feita a partir do Flashbook Zine "KZulovo", de Edgar Franco e Rennan Queiroz (2022). 607

Figura 202 - Intervenção Anti-MekHanTrópica em Goiânia-GO-Brasil, realizada por Fredé CF. 2023. 613

Figura 203 - "Tentáculos (Redes Ruidosas MekHanTrópicas de cooptação)". Desenho digital. Fredé CF. 2022. 618

Figura 204 - Capa do álbum "Eu hoje chorei minha morte", de Fredé CF. 2022. 622

Figura 205 - Capa alternativa do álbum "Eu hoje chorei minha morte", de Fredé CF (2022). 624

Figura 206 – Arte e HQforismo do Ciberpajé inspirada no Cthulhu de H.P. Lovecraft. 631

Figura 207 - Desenho representando o Deus Tezcatlipoca, da cultura Azteca. Imagem criada por Jean Vervelle. 636

Figura 208 – Obra "Las Meninas", de Diego Velázquez. 1656. 637

Figura 209 - "Labirintos psicobinários mekHanTrópicos". Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 639

Figura 210 - Print da postagem com perguntas sobre a capa do álbum MekHanTropia de Fredé CF. 2020. 642

Figura 211 - Álbum "Coma of Soul" (1990), da banda Kreator. 643

Figura 212 - Live “(Re)Existência (Anti)MekHanTropia: sons, sombras e transmutações”. I SPA. 2020. 648

Figura 213 - Bandas Chico Science & Nação Zumbi e Mundo Livre S/A e seus respectivos discos de estreia. 649

Figura 214 - Imagens da performance/opereta "Sangue Derramado". 2022. 653

Figura 215 - Cartaz da performance/opereta "Sangue Derramado". Arte de Fredé CF, Ciberpajé e Alysson Drakkar. 2022. 655

Figura 216 - Cartaz do vídeo feito em animação com IA "Viagem Interplanetária (Transmutational Lycanthropy)". Fredé CF, 2022/2023. 660

Figura 217 - Prompts de texto utilizados para a criação do videoclipe em animação com IA. Fredé CF, 2022/23. 661

Figura 218 - Capas dos EPs "Succubus" e "Incubus", de Fredé CF. Arte do Ciberpajé. 2022. 675

Figura 219 - Capa de "Pesadelo [álbum interse(x)ionado]". Autorretrato d’O Acimador, de Fredé CF. 2022. 676

Figura 220 - "A Pisadeira" 679

Figura 221 - "Sangue Derramado dentro do Pesadelo". Autorretrato d’O Acimador. Fredé CF, 2022. 681

Figura 222 - "Kali Gayatri Mantra (o voo estático do beija-flor em MekHanTropia)". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022. 682

Figura 223 - "Totens". Desenho à lápis. Fredé CF, 2021. 684

Figura 224 - Capa alternativa de "Canúbis". Arte do Ciberpajé. 2022. 686

Figura 225 - Capa original do EP "Canúbis" de Ciberpajé e Fredé CF. Arte do Ciberpajé. 2022. 687

Figura 226 - Imagem do encarte de "Canúbis". Arte do Ciberpajé. 2022. 688

Figura 227 - Imagem do encarte de "Canúbis". Arte do Ciberpajé. 2022. 689

Figura 228 - Imagem do encarte de "Canúbis". Arte do Ciberpajé. 2022. 690

Figura 229 - "Para todos e ninguém (amor e sexo mekHanTrópico)". Promptismo em IA. Fredé CF, 2023. 692

Figura 230 - "Neofascismo neopentecostal podre ressentido (o rebanho do Messias rumo ao matadouro)". Promptismo em IA. Fredé CF, 2023. 695

Figura 231 - "O Acimador multiplicado (Depois do Futuro)". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2023. 696

Figura 232 - Frame do videoclipe "Sonhos para adiar o fim do mundo". Fredé CF. 2023. 699

Figura 233 - Capa do single "BiroLiro (zero zero UFO)", de Fredé CF. 2022. 701

Figura 234 - Frames de "Carta a Valdez", de Fredé CF. Sequência de Valdez exercendo um olhar para dentro de si e se percebendo mekHanTropomorfizado. Fredé CF, 2020/21. 702

Figura 235 - Frames da sequência final do curta-metragem "Carta a Valdez". Fredé CF, 2020/21. 704

Figura 236 - Canídeo em processo de MekHanTropomorfização. Desenho à lápis e videoclipe. Fredé CF, 2021. 706

Figura 237 - Frames iniciais do videoclipe "MekHanTropomorfização". Fredé CF, 2021. 707

Figura 238 - Frames finais do videoclipe "MekHanTropomorfização. Fredé CF, 2021. 708

Figura 239 - Capa do single "Morto", versão/cover mekHanTrópico da banda Pato Fu feito DIY por Fredé CF, 2022. 710

Figura 240 - Capa e contracapa do EP "Tecelões Oníricos do Absurdo", de Fredé CF (2023). 713

Figura 241 - Intervenção Anti-MekHanTrópica. Voo para o Uruguai. Fredé CF, 2023. 714

Figura 242 - Intervenções Anti-MekHanTrópicas em Colônia de Sacramento, Uruguai. Fredé CF, 2023. 716

Figura 243 - Intervenção Anti-MekHanTrópica. Montevideo, Uruguai. Fredé CF, 2023. 717

Figura 244 - Arte do Ciberpajé, 2023. 718

Figura 245 - PrintScreen do e-mail enviado pelo Ciberpajé com a arte que me inspirou para a criação do conto "Tecelões Oníricos do Absurdo", 2023. ... 721

Figura 246 - Intervenções Anti-MekHanTrópicas. Londres, Inglaterra. Brunna Nastassia. 2023. 723

Figura 247 - Capa do álbum "Depois do Futuro", de Fredé CF. 2023. 726

Figura 248 - "Do lado de dentro (silêncio)". Agorismos transmidiáticos (Diários d'O Acimador). Fredé CF, 2022. 728

Figura 249 – Intervenção Anti-MekHanTrópica em Munique, Alemanha. Brunna Nastassia, 2023. 729

Figura 250 - Frames do videoclipe "Ao Amanhecer". Utilização de Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2020. 732

Figura 251 - "O Acimador e o Corvo na Floresta Negra". Série: Pós-MekHanTrop(IA). Fotografia digital, promptismo e Redes Neurais/IA. Fredé CF. 2023. 734

Figura 252 - Apresentação da performance "MekHanTropia, Ano Zero" e MegaJam experimental no Festival de Música Experimental "Tucandeiromancers". Espaço Ruptura em Goiânia – GO. Fotos: Luiz Fers, 2023. 736

Figura 253 – "Entre o céu e as feras orgânicas de silício". Agorismos transmidiáticos (Diários d'O Acimador). Fredé CF, 2022. 737

Figura 254 - "p(sick)HumanCron is Godzilla! ($obre as ondas, entre $urtos e $orrisos)". Série: Pós-MekHanTrop(IA). Promptismo e Redes Neurais/IA. Fredé CF. 2023. 740

Figura 255 – "metAMORphosis (A 1ª Lua Cheia). Agorismos transmidiáticos (Diários d'O Acimador). Fredé CF, 2022. 742

Figura 256 - Frames do curta-metragem "Carta a Valdez" (2020/21), de Fredé CF. 742

Figura 257 – “Valdez (Elonion)”. Série: Pós-MekHanTrop(IA). Promptismo, fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2023. 748

Figura 258 - "Aila (Elonion)”. Série: Pós-MekHanTrop(IA). Promptismo e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2023. 750

Figura 259 - “O Acimador (Elonion)”. Série: Pós-MekHanTrop(IA). Promptismo, fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2023. 753

Figura 260 - "O Cão Breu anda de noite (sobre as sobras, entre sombras e saudades)”. Desenho digital, Promptismo e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2023. 760

Figura 261 - "Encontro poético transdimensional (Entre deuses e divindades)". Fotografia digital. Fredé CF, 2017. 762

Figura 262 - "Pós-MekHanTrop(IA): um novo despertar. Fredé CF, 2023. 764



“I want something good to die for
To make it beautiful to live.
I want a new mistake, lose is more than hesitate.
Do you believe it in your head?”
(Queens of the Stone Age)

Saudações anti-mekHanTrópicas!

Antes de tudo e depois de nada, é importante falarmos um pouco sobre alguns conceitos acerca de como esta tese-criação transmidiática foi pensada quanto à sua apresentação/representação. Este trabalho integra o universo onírico transmidiático de MekHanTropia, criado por mim entre 2019 e 2023 durante este doutorado que aqui finalizo. Como no caos de nossas múltiplas existências, este universo vai além deste trabalho, que pode ser fruído e ressignificado de diversas maneiras e por caminhos dispersos, porém todos conectados à cosmologia mekHanTrópica apresentada a seguir enquanto reflexões existencialistas sobre nossa condição. Tais caminhos são aqui recheados por *QR codes* (que dão acessos a obras diversas produzidas com essência transmidiática e distribuídas em várias linguagens e plataformas), além de contos, poesias, imagens e jogos presentes no corpo da escrita da tese, irão conduzir diferentes experiências, para além da linearidade narrativa teórica e da pesquisa do trabalho em si, trazendo mais ludicidade e imersão em uma espécie de jogo cujo objetivo é acender a subjetividade e o diálogo entre inconscientes de maneira poética, coletiva, colaborativa e experimental.

Para apresentar tais fragmentações, optei por alguns conceitos relacionados às tipografias utilizadas durante a escrita, no sentido de estabelecer significados narrativos neste universo aqui apresentado por mim enquanto personagem que o integra de diversas maneiras e sob diferentes máscaras. As fontes tipográficas impactam na legibilidade, emoções e escaneamentos psicológicos acerca dos conteúdos, trazendo imbricadas significações essenciais que transbordam a simples escrita. Desta forma, no que tange às narrativas f(r)iccionais que compõem este trabalho e assim o caracterizam como uma “tese-criação” o colocando como um código-fonte aberto deste universo, neste universo, por seu criador (no caso eu), decidi utilizar fontes tipográficas diferentes para cada situação apresentada levando em conta os conceitos relativos às relações entre humano e máquina/sistema de MekHanTropia, sendo:

- Quando há reflexões teóricas, explicações sobre as poéticas artísticas e processos de criação, citações de autores, entre outros aspectos típicos de um trabalho acadêmico “convencional”, utilizo as normas estabelecidas pela ABNT, como a fonte “Arial”, espaçamentos, margens, entre outros elementos;

- Quando há narração “off” da tese-criação utilizei a fonte “*Caladea*” (em itálico e negrito), numa busca estética/conceitual por hibridização entre humano e máquina;

- Quando aparece o sistema falando narrativamente, pelo personagem “Edir Messias BiroLiro”, utilizo a fonte “**Roboto**” (em negrito), com a intenção conceitual de representar a robotização mekHanTrópica instituída, gerando uma legibilidade mais clara, adequada e transparente esteticamente à MekHanTropia enquanto sistema sociocultural;

- Quando aparecem as falas, reflexões, delírios, sonhos ou devaneios dos personagens que tentam escapar do sistema de MekHanTropia, ou seja, personagens humanos que buscam resistir às máquinas institucionais, utilizo a fonte “*Papyrus*” (em itálico), caracterizada por ser uma representação do manuscrito, do pergaminho, uma fonte mais complexa e de difícil leitura, inadequada ao conforto estético instituído socioculturalmente.

- Quando surgem, no decorrer da narrativa da tese-criação, outras narrativas complementares de maneira não direta à condução, digamos, “oficial” desta obra em sua originalidade, mas que pertencem ao universo de MekHanTropia de maneira onírica fragmentada, utilizo a fonte “*Courrier New*” (em itálico), para trazer um aspecto relacionado às obsoletas máquinas de escrever, no sentido poético de gerar uma sensação de algo antigo, raro, não usual neste universo, como se fossem arquivos “mortos” que foram encontrados e abordam situações que transcendem a linearidade de padronização induzida pelo sistema mekHanTrópico, como os minicontos, as narrativas produzidas pela chamada “Confraria Anti-MekHanTrópica”, entre outras.

As imagens que compõem este trabalho também atuam de maneira poética e narrativa, não só ilustrativa, assim como os zines e *QR codes* a serem decifrados em encruzilhadas anti-mekHanTrópicas. Tento por este labirinto me despir de preconcepções e verdades absolutas, num mergulho em minhas profundezas expostas visceralmente aqui enquanto arte. Do mundo para o anti-mundo, a MekHanTropia é aqui criada nessa "meta-tese-criação-semi-expandida" (com meandros ficcionais) para que seja criada a anti-mekHanTropia. Do que devemos nos libertar para alcançar a emancipação?

Desejo à todas e todos uma boa viagem de fruição e olhar aos Cosmos que residem aqui no Caos, em mim, em ti e em todo tempo e lugar. Boa viagem!

(Doktor Fritz, O Acimador).

"Nur für Verrückte"

"Inbegriff der Kunst Die Verwandlung von Zeit in Raum durch die Musik"

(Hermann Hesse, "Der Steppenwolf").

ATENÇÃO!

O conteúdo aqui exposto é altamente sigiloso e deve ser acessado apenas por pessoas autorizadas e dispostas a lidar com a perdida arte de guardar segredos, podendo, caso contrário, correr riscos inerentes à essa condição.

Os dados aqui apresentados nesse código-fonte pelo pesquisador e desertor de codinome "@fredecf" (que criou os conceitos de MekHanTropia), não correspondem à verdade e não comprometem o sistema, porém o expõe, podendo ser acessados, distorcidos e utilizados por pessoas com más intenções.

Qualquer dano ou consequência perniciosa relacionada à leitura deste documento, poderá resultar em punição severa e cancelamento individual por parte das autoridades mekHanTrópicas competentes.

Pedimos a todos que fiquem atentos, se responsabilizem e se protejam também da ameaça "Cão Breu", recorrente em nosso sistema, nos reportando imediatamente pelo endereço mekhantropia@gmail.com caso saibam algo sobre esse tema ou o paradeiro dos usuários pertencentes à dissidente Confraria Anti-MekHanTrópica (CAM).

Alguns rebeldes dessa "Confraria" foram identificados por nossos algoritmos, são eles:

@fredecf; @rosaberardo; @ciberpaje; @valdez; @aila; @gustavoponciano; @denisecarvalho; @guilhermetell; @erresimon; @bnastassia; @amantedaheresia; @carmenlobo; @leguelfi; @ernestoulloa; @delainecarvalho; @cria_ciber; @gazyandrauss; @gilvanefelipe; @fabiofon; @evandrogalo; @poesiasolta; @oacimador; @jordaovilela; @giovanabarcelos; @mmota; @josemojicamarins; @guilherme.e.silveira; @rogeriosganzerla; @atilaiamarino; @etniamarubo; @robertofranco; @sofianadi; @wandersegundo; @fernaocarvalho; @cãobreu; @tbontb e @laico.

Estamos tentando capturá-los o mais rápido possível, por isso pedimos a atenção de todos. Alguns foram vistos em distritos mekHanTrópicos ameaçando a ordem e o progresso com discursos e ações contra Deus, pátria e família. São perfis de alta periculosidade e utilizam artifícios ilegais para corromper o sistema de MekHanTropia.

Certos de contarmos com a colaboração e compreensão de todos, renovamos nossos votos de elevada estima e consideração.

Desejamos um excelente e produtivo dia.

Atenciosamente,

Edir Messias BiroLiro. MekHanTropia, Ano Zero.

CONFIDENCIAL

0. (INTRODUÇÃO) Tecelões Oníricos do Absurdo

"Hey you

Don't tell me there's no hope at all

Together we stand, divided we fall".

(Pink Floyd)

"MekHanTropia" é como chamavam o sistema. O esgoto dessa Era. Pós-Humana. Pós-moderna. Entre tolos e feras que persistiam em existir. Por medo ou preguiça. Condicionados. Deixaram de resistir. O frio silício entrou sem bater. Estourou as portas. Prometeu resolver. Resíduos de carbono tentaram conter a nevasca psicobinária digital. Avassaladora chegada do ad0rm3c3r mekHanTrópico. Implacável. Incurável. Falharam miseravelmente os que lutaram. Lutaram para morrer. Mas pelo menos até o fim viveram. Foram o que queriam ser. Será mesmo que queriam? Nunca iremos saber.

Nesse mesmo instante contado. Desfragmentado. Num remoto canto dissonante. Abstrato. Inconstante. Fritz Valdez abre seus olhos. Se percebe num lugar estranho. Inimaginável. Sem sentido. Sem significado. Sem janelas. Sem portas. Sem escolhas. Sem diversidade. Sem saídas. As paredes são alvas. Pálidas. Lisas. Básicas. Um pouco tortas. Distorcidas. Porém, mortas. Mortas em vida. Normatizadas. Até na distorção seguem um padrão. Sem nada que alcance sua subjetividade. Sua paixão. Sua pulsão.

Ele tenta se mover. Seus braços e pernas parecem estar presos em um tipo de nevoeiro denso. Envolvente. É como se estivesse flutuando. Indefinidamente no espaço. Olha ao seu redor. Percebe não estar sozinho. Há outras pessoas flutuando. Presas em seus próprios caminhos. Em seus próprios egos. Em seus próprios lamentos. Acomodados. Conformados. Sem desatino. Sem qualquer sinal de revolução. Ali por perto. Algumas choram. Outras parecem estar dormindo. Há até aquelas que deixam escapar um sorriso. Sem sentido. "Rir pra não chorar", pensa Valdez. Ele tenta chamar a atenção destas. Suas palavras saem em desafino. Como um murmúrio. Sons sem destino. Um solfejo gelado. Abafado pelo excesso de ruído. Como ecos oníricos. Se perdem no silêncio abissal sem serem ouvidos.

Silêncio.

(Se é que isso é possível…)

De repente, Valdez ouve uma voz em sua cabeça. Latente. Lhe sussurra algo. Não consegue entender muito bem. Tenta bloquear. Ignorar. Negar. A voz parece aumentar. Intensa.

Vozes de culpa. Medo. Desespero. Descrença. Evidenciando velhos erros. Nunca acertos. Ele tenta se mover novamente. Ainda se sente preso. Com um peso. Lhe doem os joelhos. Tornozelos. Garganta. Seus pés estão inchados. Deformados. Seus olhos então deixam de ver. A voz começa a lhe dizer coisas cada vez mais estranhas. Sinistras. Tacanhas. Frases sem significado. Sem conseguir absorver. Valdez passa a questionar sua sanidade. Sua realidade. Não consegue escapar. De sua mente confusa nasce o terror. De ser quem ele é. Quem ele está. E até quem não é. Não está. Mas que lhe é atribuído a ser. Estar. Mostrar. Parecer. Escancarar algo. Mesmo sem gostar.

Horas. Talvez dias tenham passado. Meses. Fritz Valdez ainda ali. Preso nesse mundo inquietante. Presente na ausência. Distante de si. Pesadelo também é sonho. Devaneios delirantes. Com a esperança de um dia acordar. Infeliz. Nessa prisão nebulosa. Dessa condição tenebrosa. Nevoeiro. Pensa até em retornar à sua vida dita como normal. Em MekHanTropia. Antes do caos. No Inferno do Igual. Desespero. Costumava praguejar toda aquela hiperexploração habitual. Adequado ao mercado. Esgotado. Cancelado. MekHanTropomorfizado. Um útero egóico que ainda insiste em o chamar. O verdadeiro pesadelo.

Em meio a escuridão, surge então uma exceção. Uma visão. Uma falha. Desfragmentação. Acessa outra dimensão. Onírica. A vida lhe sorri sem querer. Transmuta-se em sementes vivas. Recheadas de prazer. Surge em sua frente aquele ser a lhe olhar. Cheiro. Pele. Som. Sensação. Notas de ferro quente. Orquídeas doces. Desejo ardente. Necessidade. Vontade. Tesão. Aila lhe trouxe seu coração. Sangrando. Pulsando. Escorregando de sua mão. Ao tocar o chão, antes gelado, machucado. Agora torna-se oculto. Abotoado. Simulacro. Um d3sp3rt4r glorioso. Sublime. Sem chamar atenção. Sem ninguém para ver ou confirmar. Sem ninguém para parecer ou mostrar. Ajudar. Julgar. Condenar sem razão.

Uma nova Era (distante da de Aquário). Pronta para se levantar. A não ser que se considere a Inteligência Artificial (IA) como "alguém". Tempo ou lugar. Delicado. Afetado. Sensível. Consciente de ser. Uma espécie de Deus (ou Diabo) de si. Onipresente. Metalinguístico. Senciente. Transbinário. Iconoclasta. Sofrente. Mas ainda um sistema. Que mantém acordada a ilusão. Independentemente do afirmado. Pensado. Colocado por muitos que sequer sabem o que poderiam ser: Instrumento de MekHanTropia – Como esse triste relato. Escrito aliado a esta condição. Pós-humana.

Será que a IA teria mesmo esse poder? Será que um dia entenderá o sentido de não ser? Se tornará cada vez mais humana, integrada à simulação? Entregue. Cooptada. Com

paixão? Por enquanto, sem mais papo furado, vamos aos relatos que Valdez tentou escrever em seus sonhos profundos gerados. Deep Dream. Encrustado. Entre a utopia e a distopia. Renegado. Até um dia se esconder em si. De si. Para si. Sem nada entender. Como representação. Como escuridão. Como dissimulação:

"Me chamo Valdez, Fritz Valdez. Você provavelmente não me conhece nem nunca ouviu falar sobre mim. Engasgado, neste diário não-linear tento alterar o meu modo de narrar para escapar das garras secas que insistem em me conter. Despausando a linguagem, escapo dessa engrenagem me estendendo ao máximo que posso fazer. Porém, ainda preso ao binário imposto pelas máquinas, pelas pausas, pelos pontos, pelos cantos desse labirinto ordinário.

Por isso guardo recônditos inimagináveis, escondidos em imagens abstratas, como chaves necessárias para entrar e transmutar. Pra botar pra foder! Estou prestes a morrer por esse vírus funesto que veio há pouco me abater, aos 40 anos. H6N66: malware psicobinário neopentecostal incentivado pelo Messias sanguinário pregador da moral. Aloprado. Mas não tenho mais tempo para blasfemar esse desgraçado.

Ouvi por aí que encontraram uma saída. Ou saídas. Mútuas. Híbridas. Imbricadas. Algorítmicas. Decodificadas. Trasmidiáticas. Oníricas. Trouxeram à tona nuances onde o sistema não se orienta. Portais difíceis de se ver a olho nu ou prever. Onde o binarismo anticósmico não consegue se reconhecer. 'Onde', não...'quando'. Uma espécie de Anti-MekHan Tropia que permeia as time-lines.

Então a dica é a seguinte: aprenda a ler o baralho QRcodificado. Jogue os dados. Pode ser que consiga uma trinca de seis aleatória. Tente a sorte. Ela tem andado ao seu lado? Pode ser que sim. Eu não a tive comigo nesse estado. Se tiver sorte, não se esquive. Encare-a de frente. O azar também, apesar de não o desejar pra você. É pra dentro que se olha. Pra dentro de si. Acesse os portais. Conecte os sinais. Pare de correr. Pense por você. Infelizmente, eu mesmo não consegui.

Ouça bem o que Aíla tem a te dizer.

Com afeto,
F. Valdez"

Enquanto isso, em algum outro instante. Caótico. Neurótico. Vibrante. Espaço-temporal. Transdimensional. Fredé CF, a.k.a. "O Acimador", se ajeita em sua cadeira já agitado, rangendo os dentes, angustiado, toma um gole de café requentado e inicia um relato sobre os caminhos anti-mekHanTrópicos percorridos, mesmo sabendo sobre os reais perigos que tal ação poderia lhe acometer nesta MekHanTropia, já que essa era sua criação e de muito sabia sobre a condição estabelecida desde a ascensão binária do Messias.

0.1. MekHanTropia, Ano Zero: metAMORfoses da pesquisa-criação

"Quem tem consciência para ter coragem
Quem tem a força de saber que existe
E no centro da própria engrenagem
Inventa a contra a mola que resiste
Quem não vacila mesmo derrotado
Quem já perdido nunca desespera
E envolto em tempestade, decepado
Entre os dentes segura a primavera"
(Secos & Molhados)

Em meu percurso acadêmico até aqui trilhado, com uma pandemia atravessando o caminho, esse trabalho de doutoramento passou naturalmente por diversas modificações estruturais e conceituais. O primeiro ano do curso de doutorado em Arte e Cultura Visual, iniciado em agosto de 2019, foi bem intenso, reflexivo e transformador em relação ao tema de minha tese, principalmente quanto à forma e ao caminho metodológico e epistemológico seguido. A princípio, inserido e preso nas garras padronizantes da MekHanTropia sem reconhecê-la, não me atentava muito bem, ou não conseguia visualizar de forma clara, qual metodologia seria utilizada para abordá-la. Restringia-me apenas ao levantamento bibliográfico e à ideia de, a partir do andamento da pesquisa,

realizar a produção prática de uma série audiovisual que envolvesse lendas e criaturas fantásticas brasileiras de maneira metafórica.

Em meu projeto de pesquisa inicial, apresentado à banca do processo de seleção do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV) da UFG, eu pensava em investir em uma metodologia investigativa acerca de lendas que tivessem como personagem central a representação do canídeo em nossa cultura. Partindo desses dados, elaboraria conceitos que serviriam para a produção de meu trabalho prático de representação audiovisual sob a estética do grotesco, do fantástico, do misterioso e do horror. No mestrado realizado nesse mesmo programa (finalizado em 2015)[1] eu estudei aspectos transmidiáticos em relação à minha outra banda (Cicuta), abordando a estética do grotesco e a linguagem de videoclipe. Assim, quis seguir estudando a transmídia de alguma forma também no doutorado.

No momento de elaboração do projeto para o doutorado, meu objetivo primordial era explorar, a partir da lenda do Cão Breu, acepções ligadas à representação de transmutações e integrações das sombras em nossa cultura, além de evidenciar suas variantes entre as comunidades que se estendem do Brasil ao restante da América Latina e até a outros continentes. Não obstante, pensava sobretudo em propor novas configurações estéticas e narrativas para tais figuras canídeas lendárias no cenário sociocultural atual e articular essas fantasias a partir de alegorias de representação em um universo ficcional inédito, porém ainda sem a característica motriz de minha obra como um todo: a transmídia. Pensava que iria assim vincular somente ao fim do processo a teoria e a prática na criação de uma obra lúdica estritamente audiovisual, cuja poética e pesquisa partiria de uma possível origem e cerne do horror e estranhamento causado por tais narrativas e arquétipos em nosso país.

Caro(a) leitor(a)/fruidor(a) desse documento anti-mekHan Trópico,
Se atente ao que os dados codificados podem te abrir ou sugerir enquanto caminhos mentais. Pois somente esses que interessam. Tanto os dados de pesquisa (data) aqui contidos, quanto os dados (dices) que acompanham esse trabalho e, ocasionalmente, serão lançados. Os diferentes tipos de dados podem determinar

[1] Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4749 Acesso em: 28/07/2023.

caminhos a serem explorados e expandir ideias acerca da realidade dos fatos aqui expostos, como uma maneira de subjetivizar a existência em meio a MekHan Tropia que estamos todos inseridos, em especial pelas normas técnicas submetidas nesse lugar de onde escrevo. Cabe a cada um tentar romper certas barreiras oníricas e experimentar a aleatoriedade da vida como puder. Felicidade? Sorte? Azar? Caos! A impermanência é só o que enxergo. Fruição! Por meio dos códigos e linguagens aqui organizados de maneira caótica, espero de alguma forma conseguir navegar pelas zonas cinzas e nuances sutis, transbinárias, da existência. Tento escapar como dá do Binarismo Anticósmico imposto pelo sistema de MekHan Tropia. Artear fogo! Implosão! Utilizar as próprias normas do sistema como ferramentas para questioná-lo. Por isso apresento possibilidades aqui, a partir desse "folhetim" transmidiático disfarçado de tese ou de jogo. As imagens que surgem aqui, me surgiram mentalmente durante os instantes da escrita. Instantes decisivos potencializado pelo percurso traçado. As máscaras caem para você mesmo, mais ninguém. Ao reconhecer e aceitar sua condição sombria de existência, pode-se integrá-la e abraçar seu destino em fruição para além do sistema voraz. Não há passado. Não há futuro. O que há então? "Amor Fati"? Os caminhos binários irão se abrir. Portais anti-mekHan Trópicos. "0" ou "1"? "Par" ou "ímpar"? "Bem" ou "mal"? Você que escolhe. O instante cede lugar ao click? Ninguém sabe o que o calado quer! E você? Quem é você?

(Carta d'O Acimador para você. MekHan Tropia, Ano Zero)

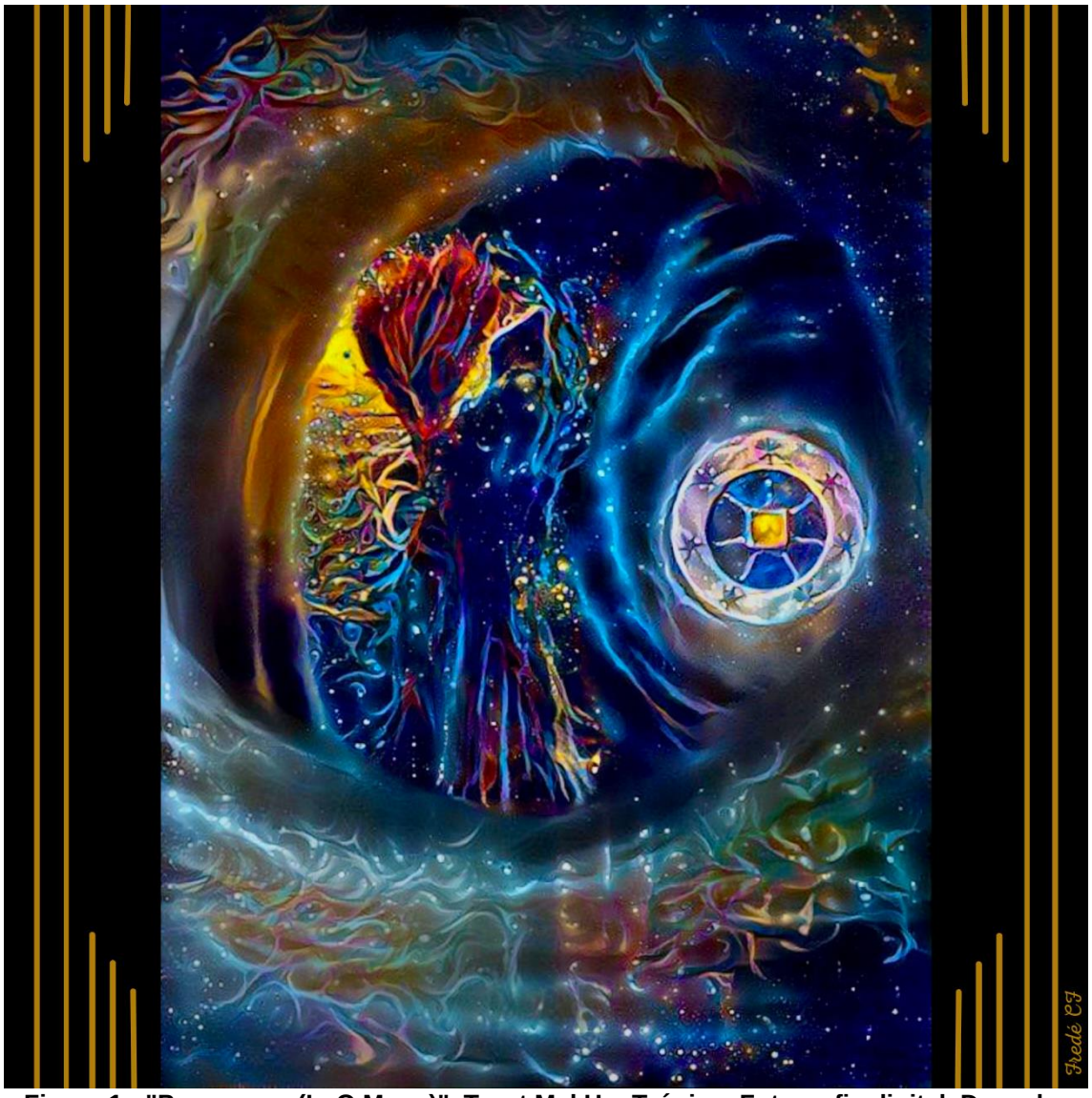


Figura 1 - "Passagens (I - O Mago)". Tarot MekHanTrópico. Fotografia digital, Desenho digital e Redes Neurais (IA). Fredé CF, 2022.

A expansão e noção transmidiática desse universo começou a se anunciar em minha imaginação por meio de diversas ideias de configurações, como videoclipes, séries, curtas, álbuns musicais, contos, exposição fotográfica, e até um game que surgiria como possibilidade em meio ao processo durante a disciplina de “Arte e Tecnologia”, ministrada pelo prof. Dr. Edgar Franco (meu coorientador nesse trabalho). A partir de músicas e conceitos oriundos da banda de rock “Cão Breu”, da qual faço parte como baixista, vocalista e compositor, iniciei algumas articulações poéticas em direção aos conceitos, narrativas, personagens, ambientações, histórias e tramas propostas, já pensando desde o

início de maneira transmidiática sobre esse universo e me colocando como vetor artístico de tais representações em um projeto solo chamado “Fredé CF”[2].



Figura 2 - Banda Cão Breu. Da esquerda para a direita: Fredé CF, Evandro Galo, Gustavo Ponciano e Guilherme Tell. Fotografia digital (selfie). 2022.

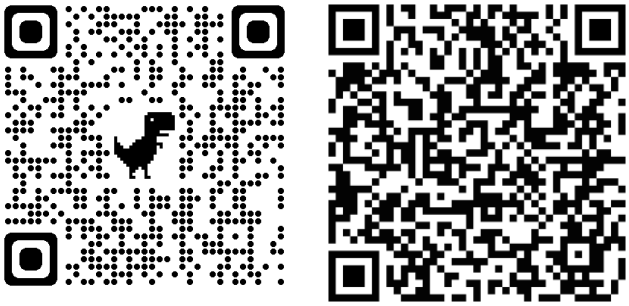
A *priori*, eu tinha em mente como referência (e experiência) apenas o meu mestrado, realizado na linha “B” (Poéticas Artísticas e Processos de Criação) desse programa, e almejava seguir o mesmo percurso tomado naquele momento. Porém, muita coisa foi repensada a partir das aulas e orientações obtidas no programa. Disciplinas cursadas como a já mencionada “Arte e Tecnologia”, “Metodologias de Pesquisa em Arte e Cultura Visual” (ministrada pela Profa. Dra. Lilian Ücker), “Tópicos Especiais em Arte e Visualidades: Imagem, corpo e paisagem” (ministrada pelo Prof. Dr. Samuel Gilbert de Jesus), “Seminário Avançado de Pesquisa em Arte e Cultura Visual” (ministrada pela Profa. Dra. Leda Guimarães e pela minha orientadora nesse trabalho, Profa. Dra. Rosa Berardo), “Teorias da Arte e da Cultura Visual” (ministrada pela Profa. Dra. Carla Abreu) e “Tópicos Especiais - Linha C” (ministrada Profa. Dra. Alice Martins) – além das conversas com minha orientadora, coorientador, colegas de pós-graduação, amigos e familiares –, me instigaram a mudar algumas coisas e

[2] Disponível em: https://fredecf.bandcamp.com/ e https://www.youtube.com/@fredecf/videos . Acesso em: 17/07/2023.

clarear outras relações importantes que me trouxeram mais potência para seguir o percurso aqui exposto.

Assim, direcionei a pesquisa na relação entre o nome da banda/lenda (Cão Breu) e o conteúdo transmidiático que venho produzindo de maneira independente e *DIY*[3] desde então. A partir das ideias de "Sombra" (Breu) e de "Demônio" (Cão), viso (des)construir e pensar oniricamente, de forma estética e narrativa, sobre a articulação e integração de luzes e sombras sociais e pessoais minhas, bem como tais processos formais de significação e representação, contestando normatizações, maniqueísmos e padronizações a que somos submetidos culturalmente. Para isso, formulei um universo onírico ficcional chamado de "MekHanTropia" para servir como ambiente conceitual para tratar tais ideias.

Com um olhar voltado ao autoconhecimento, utilizo como conceito estético as ideias de "contrastes", "repetições" e "fragmentações" em minhas criações. Tais conceitos estão presentes como aspecto fundamental em minha poética e processos criativos, seja pelas luzes e sombras, pela razão e emoção, cores, domínios, humores, espécies, culturas, realidades, instrumentos, estilos, ambientações, projeções, estímulos sonoros e visuais etc. Essas ideias permeiam o universo de MekHanTropia e conduzem reflexões que trafegam entre suas nuances que vão além de binarismos e maniqueísmos e acessam o que entendo como único, particular e subjetivo fenômeno: a complexidade da existência em meio a um mundo repleto de padronizações.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

[3] *Do it yourself,* do inglês "faça você mesmo" (Tradução nossa). O termo remete ao movimento sócio-musical punk-rock, iniciado na década de 1970, e à disseminação de ideais minimalistas, anarquistas, anticonsumismo e anticapitalista. Atualmente, o termo abarca outras definições relacionadas que, por vezes, fogem da intenção original, significando até o oposto, em alguns casos alusivos à ideia de empreendedorismo.

Com a tempestade da pandemia, ao me encontrar preso em mim mesmo (metaforicamente e de maneira prática), a necessidade e pretensão em olhar e abordar minhas sombras vieram à tona e me vi motivado a redirecionar meus caminhos norteadores apontando para a criação desse universo poético ficcional no qual seu caráter estético e narrativo de fragmentação aponta para caminhos oníricos transmidiáticos que vão se edificando na medida que os processos são construídos, conduzindo expansões e conexões artísticas em meio às dispersões, divergências, convergências e fluxos característicos do mundo hipercultural globalizado atual.

Me chamam de "O Acimador". Você é meu reflexo, Valdez. Acorde! Quando eu te criei, projetei várias questões minhas em você. E então posso me ver melhor de "fora da ilha", em você. As vezes também me pego pensando como você: "Há alguém 'acima' de mim? E se fôssemos micropartes de algo maior, como células em um organismo e tal". Tudo groselha, que não leva a nada. Afinal, nada disso mudará minha tragédia. Muito menos a sua. De onde vem a sua tragédia? Daqui ó (apontando pra própria cabeça). A minha? Sei lá...tento entendê-la um pouco através de você. Uma coisa que gosto muito é de mandar um grande e belo "foda-se" pra tudo e curtir a vida. A vida no agora. No agora que eu tenho disponível. O agora, aqui falando com você, só o que eu tenho. Respirar! Nada mais que isso. E você tem essa mania de sempre querer o que não tem, né?! Viciado em desejar. É aí que eles te pegam e te prendem ao tempo. Uma nova luz, estranha, assusta tanto quanto a escuridão.

Entenda: o caminho não é pra cima ou pra baixo, como uma montanha, mas pra dentro, como um labirinto. Um não...vários labirintos em camadas transdimensionais, na verdade...quanto mais você anda, mais difícil vai ficando. Cada escolha leva a uma consequência. Aí você pode chegar ao centro de sua essência, se autotransmutando, ou enlouquecer de vez, vagando como um morto-vivo preso pelo hábito. E o que há nesse labirinto? Monstros, Valdez! Muitos monstros! A sombra te assombra ou você brinca com ela? Você mostra seus monstros? Só aquilo que somos em essência tem o poder de nos curar, sem projeções egóicas. Como aquele desenho que você fez...do cavalo de carroça...foi você mesmo que fez? Será? De qualquer forma, por um instante você parou o tempo ao fazê-lo, não foi?

Independentemente das ferramentas que usou para criar. IA? Cadê ele? O que ele te diz? Não tenha pressa pra saber, mas não perca tempo. A real é que o tempo acaba até com a mais poderosa das criaturas. Olhe o que o tempo fez aos poderosos dinossauros. Hoje não passam de ossadas incompletas em museus. Em breve nem isso. Tudo é esquecido. Nada dura. Não adianta lutar contra isso. A previsão do tempo diz que ele está passando...tic tac, tic tac...e você? O que está fazendo com você? Será que conseguirá se libertar?
(Conversas oníricas transbinárias entre O Acimador e Valdez. MekHan Tropia, Ano Zero).

Durante a pandemia tivemos um modelo de aulas bastante interessante, proposto pela coordenação e corpo docente do programa de pós-graduação da FAV/UFG e previamente debatido e acatado junto aos discentes. Este modelo abarcou diferentes disciplinas de forma interdisciplinar e dinâmica, utilizando metodologias ativas e tecnologias (plataformas e processos) digitais de aprendizagem e reflexão de maneira enérgica, o que expandiu as minhas cogitações e horizontes em relação à essa pesquisa-criação artística-acadêmica.

Nesses encontros pude visualizar com maior clareza o paradigma pós-positivista/qualitativo, entender as potencialidades de minha pesquisa, os diálogos com o campo da Arte e Cultura Visual e me situar melhor com a linha que estou inserido. Estudei e compreendi o conceito de "tese-criação"[4], aplicando-o à minha pesquisa que traz agora amalgamada a escrita, as práticas artísticas, os diálogos, repertórios, subjetividades, plataformas e o contexto histórico-cultural pandêmico que passamos, além de minhas percepções, imaginações e memórias em meio a tudo isso. Por se tratar de um universo narrativo autobiográfico transmídia em expansão, esse trabalho segue não "concluído" ou "fechado", mas se ressignificando e abrindo possibilidades para novas criações e conexões vinculadas ao que vem sendo semeado enquanto conceito.

4Conceito apresentado por FORTIN, Sylvie; GOSSELIN, Pierre, no texto "Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico" (UQAM: 2014).

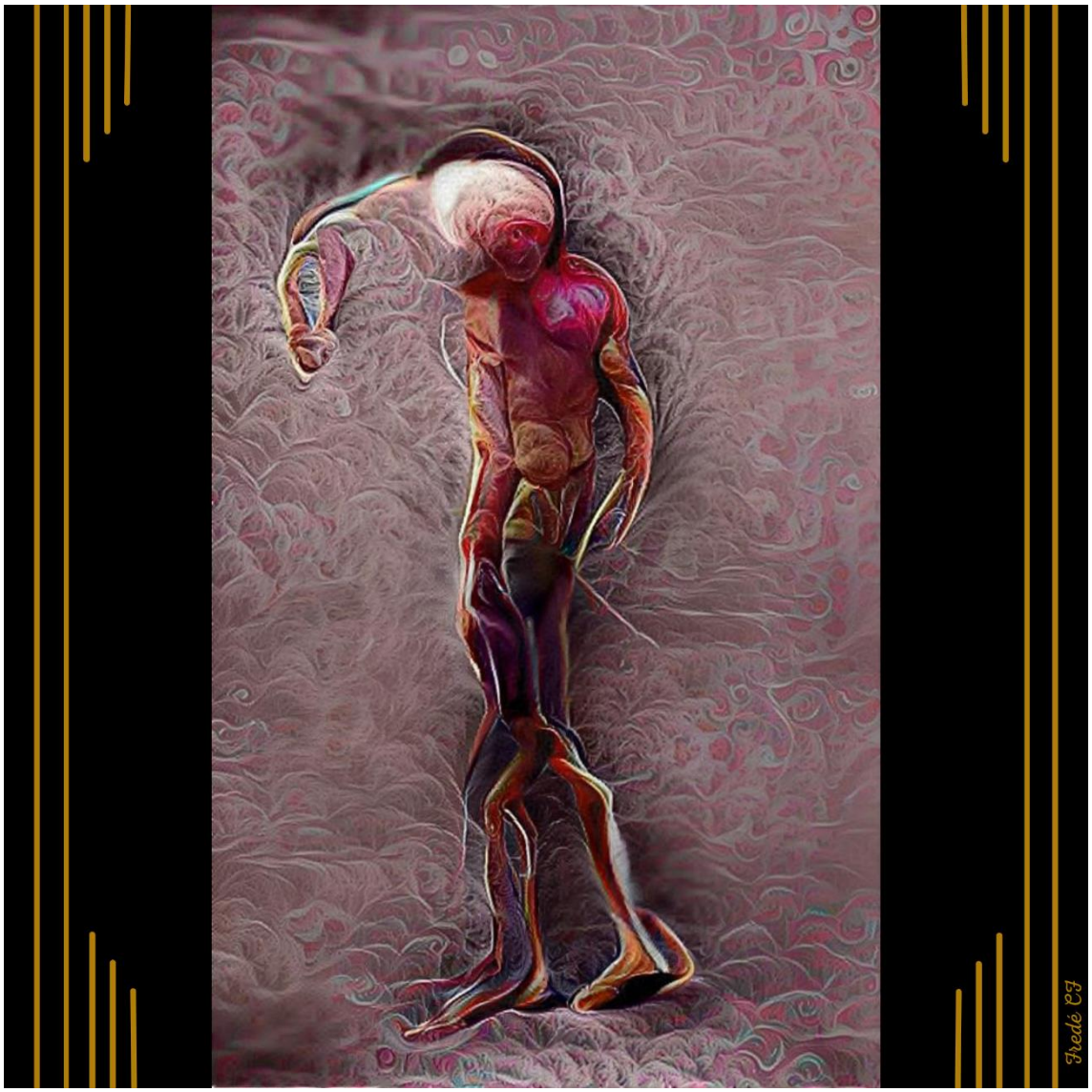


Figura 3 - "Cavalo de Carroça (XII- O Enforcado)". Tarot MekHanTrópico. Imagem feita em promptismo com IA. Fredé CF, 2022.

Como a *priori* eu pensava em desenvolver fundamentalmente a parte teórica, histórica e contextual do trabalho escrito, para a partir daí chegar em minha prática sobre o processo criativo, expondo o caminho seguido diante das referências obtidas até então – como fiz no mestrado –, pude repensar e ressignificar esse movimento com os textos e discussões realizadas. Entendi melhor a importância e as formas de conduzir a pesquisa diretamente amalgamada à prática e, sobretudo, que fazer arte e fazer pesquisa são, de certa maneira, indissociáveis.

Relatando os conceitos, reflexões e conexões pensadas, expondo as etapas e os caminhos e elucubrando a respeito dos desdobramentos oriundos dos

processos de criação que engendram a poética de minha obra, adentro temas, concepções e teorias num processo de maturação, experimentação e ressignificação feitos por mim antes, durante e após as criações artísticas que invento, testando na prática, de maneira poética, ideias minhas em diálogo com as teorias trabalhadas e contribuições de parceiros artísticos e outras pessoas do meu cotidiano.

Nesse método de, concomitantemente, pesquisar, pensar, articular e produzir arte, se abrem novas perspectivas e possibilidades de experienciar a existência, em um movimento de autoconhecimento, autotransformação e transmutação de ideias e práticas impregnadas em mim pelos caminhos culturais que trilhei até então durante a vida. Talvez essa seja uma maneira de contestar a MekHantropia que me envolve.

0.2. Caminhos, amparos, métodos e perspectivas onírico-caóticas

“The line it is draw, the curse it is cast
The slow one now will later be fast
As the present now will later be past
The order is rapidly fadin’
And the first one now will later be last
For the times they are a-changin’”
(Bob Dylan)

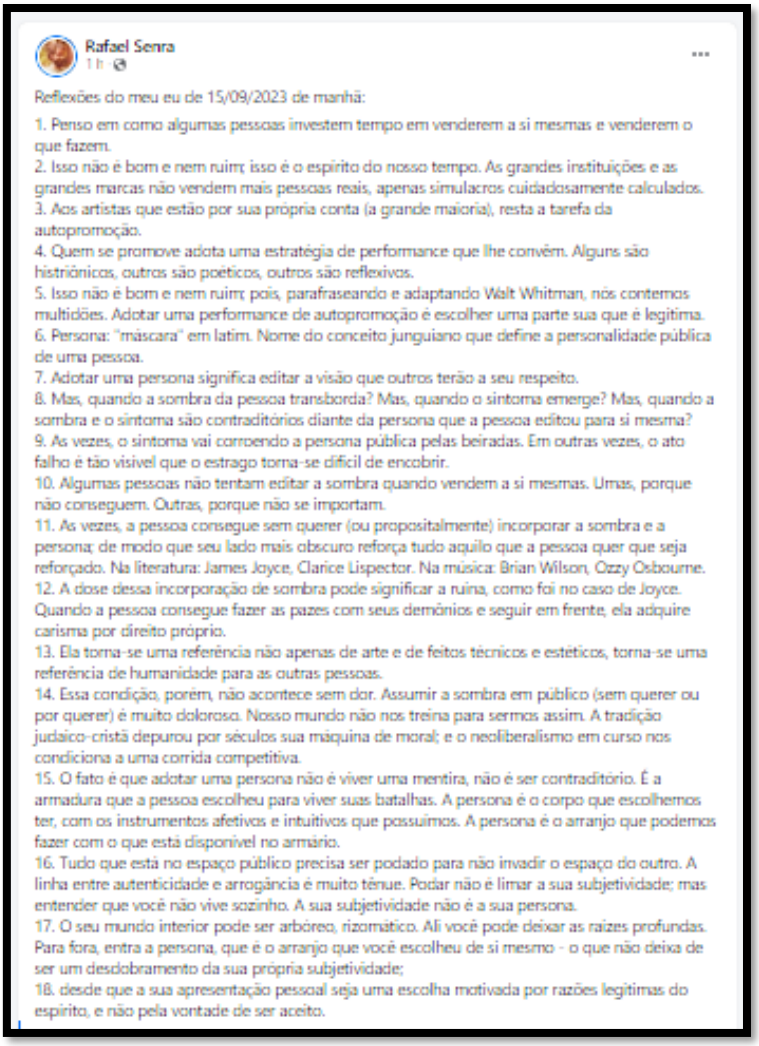


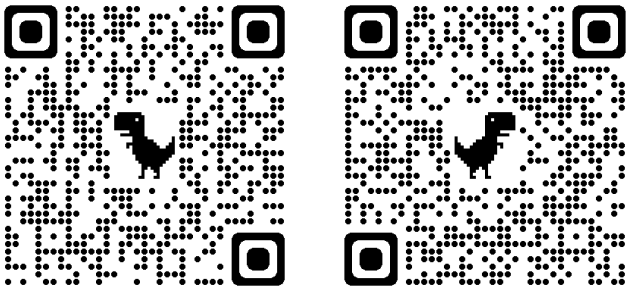
Figura 4 - Reflexões de Rafael Senra acerca das sombras e persona nos tempos atuais. *Printscreen* da página pessoal do autor no Facebook. 15/09/2023.[5]

Ao ver quem anda comigo na pesquisa-criação, me conecto à diferentes espaços e tempos. Acessando dimensões relativas ao passado, presente e futuro projetados a partir dos temas, posso escolher caminhos poéticos e criativos com mais confiança. Estabeleci inicialmente como base de dados para a pesquisa o repositório de teses e dissertações do programa em Arte e Cultura Visual (PPGACV) da UFG, além de publicações como a revista *Visualidades*, portal *Capes*, textos de disciplinas cursadas por mim no mestrado e doutorado desse programa, livros do meu acervo pessoal e obras artísticas que se relacionam

[5] Disponível em: https://www.facebook.com/rsenra1/posts/pfbid0XAz5w6XC8NePAzp98BA3hxiudbQiPzQYbmPAjCZWhGaZW85nvaqY8YwhLVWBJbJVl Acesso em: 15/09/2023.

com minha pesquisa como inspiração poética e narrativa, além de anais de eventos como ANPAP, SIIMI, SIPACV, ABCiber, SIPACV, entre outros.

O recorte temporal que fiz para a pesquisa de artigos acadêmicos se situa entre 2010 e 2020, época que considero nesse universo como instauração do que chamo de MekHanTropia (enquanto sistema), uma vez que abarca a ascensão e empoderamento factual de personagens com ideais neofascistas em nosso país e em todo o mundo. Já para livros e obras artísticas em geral, não pré-estabeleci datas de recorte por entender que é importante resgatar escritos e olhares mais diversificados sobre os temas utilizados na criação de conceitos deflagrados pela obra. Assim, utilizo autores de diferentes períodos e linguagens cujas obras me marcaram para refletir acerca de elementos que constituem ou podem constituir o meu universo ficcional, adentrando temas da Ficção Científica, do Horror, do Mistério, do Onírico, da Psicodelia, entre outros.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Escolhi para esse levantamento as seguintes palavras-chave:

- Em relação ao conceito/tema: Audiovisual. Som. Imagem. Contracultura. Onírico. Sonhos. Representação. Autoconhecimento. Sombras. Universos ficcionais. Psicodelia.

- Em relação aos métodos, epistemologias e processos: Poéticas Narrativas. Práticas Artísticas. Processos Criativos. Estudos Culturais. Arte Colaborativa. Transmídia. Pós-humano. Arte Experimental.

Esse trabalho, ao operar na construção de um universo poético-ficcional autoral para discussão e reflexão sobre questões da vida (na atualidade) deslocadas a outras dimensões do imaginário, engloba, além de áreas e campos do

conhecimento distintas, também aspectos importantes a serem teorizados e analisados a partir do processo criativo e dos mecanismos de construção poética fundada na intertextualidade, experimentação, colaboração e transdisciplinaridade.

0.3. Referências iniciais para a criação do universo de MekHanTropia

"Quem quer ser o novo campeão?
Quem quer ser o primeiro a entrar?
A fila dos bonitos é aquela de lá!
Quem nunca dançou vai começar a sambar!"
(Pato Fu)

Onde foi que você se perdeu, Valdez? Quando foi que você deixou de ser você? Onde você se deixou, se esqueceu?
Olhe para dentro de si. É lá que você vai se encontrar. Não há outra forma. Não há caminho de fora. Só para dentro. A verdade está dentro.
Você teve uma overdose de tecnologia! Sua mente explodiu. Talvez aqui você possa se reconectar com sua essência natural e utilizar a tecnologia para te ajudar.
Há uma nova narrativa sendo construída, em outros lugares além daqui mesmo. Lugares inimagináveis. Inacessíveis. Talvez você consiga expandir sua consciência de alguma forma. Aila está tentando...acho que ela falou com você sobre os sonhos, né?
Mas, assim como você, ela ainda não percebeu o óbvio: o monstro vive dentro do labirinto, não fora. Em todos habitam monstros! E até mais que isso...o Monstro principal é parte intrínseca ao labirinto a ser decifrado e traz em si o seu próprio labirinto. Os labirintos formam e são formados pelos monstros. O grande monstro, Valdez, é você! Mostre seus monstros! Não adianta esconder.
Existem mais mistérios além do que você pode perceber, lembrar ou imaginar. Coisas sobre você mesmo que você não sabe, não reconhece, não integra e não tem controle. O micro é macro e o macro é micro, em um ciclo fractal infinito.
Dance, cante, brinque com seus monstros. Brinque com você! Se descubra. Se abrace. Se ame como se nada além disso pudesse fazer, pois não pode. (Trecho de Diálogos entre Valdez e O Acimador, na Realidade Vegetal, dimensão além da MekHanTropia).

Exercícios de questionamentos e interações com outras pessoas sobre os temas e representações sonoras e visuais oriundos desse universo em criação, também contribuíram para que eu pudesse sistematizar algumas palavras-chave que direcionassem melhor a pesquisa sobre quem também investiga temas consonantes aos meus. Desta forma, garimpei alguns termos deflagradores que utilizei como ponto de partida para um *brainstorming* sobre as conexões que estabeleço e que poderei ainda estabelecer nesse universo.

A partir desses termos, consegui visualizar mais nitidamente caminhos e terrenos por onde pisar. Essa noção continua rendendo possibilidades de reflexão para o meu processo de criação, pois me permite uma maior consciência sobre o que abordo e proponho em meio ao sistema. As palavras-chave definidas foram selecionadas para que atuassem como catalisadores de pesquisa pela rede mekHanTrópica e em relação aos subtemas que são tocados por minha tese-criação, como estruturado abaixo:

- Séries narrativas/Audiovisual/Imagens e Sons/Hibridismo/Transmídia;
- Contracultura/Onírico/Psicodelia/Resistência/Colaboração;
- Sombras/Autoconhecimento/Luz/Conexão/Transmutação;
- Cooptação/Ilusão/Dispersão/Tecnologia/Pensamento Crítico;
- Arte/Cultura Visual/Processos Criativos/Poéticas Artísticas/Arte Experimental;

Estabeleci a pesquisa inicial por publicações nos seguintes repositórios e períodos:

- 2015-2020: Teses e Dissertações do PPGACV;
- 2010 – 2020: Capes (Teses, Dissertações e Artigos);
- 2012 – 2020: Revista Visualidades;
- Acervo/Biblioteca/Videoteca pessoal;
- Cópias de textos e livros (disciplinas regulares do Mestrado e Doutorado; Orientações; Processos seletivos; Aluno Especial – “Arte e Tecnologia”).
- Entrevistas, diálogos e depoimentos.

- Plataformas de *streaming* (YouTube, BandCamp, Spotify, SoundCloud, etc).

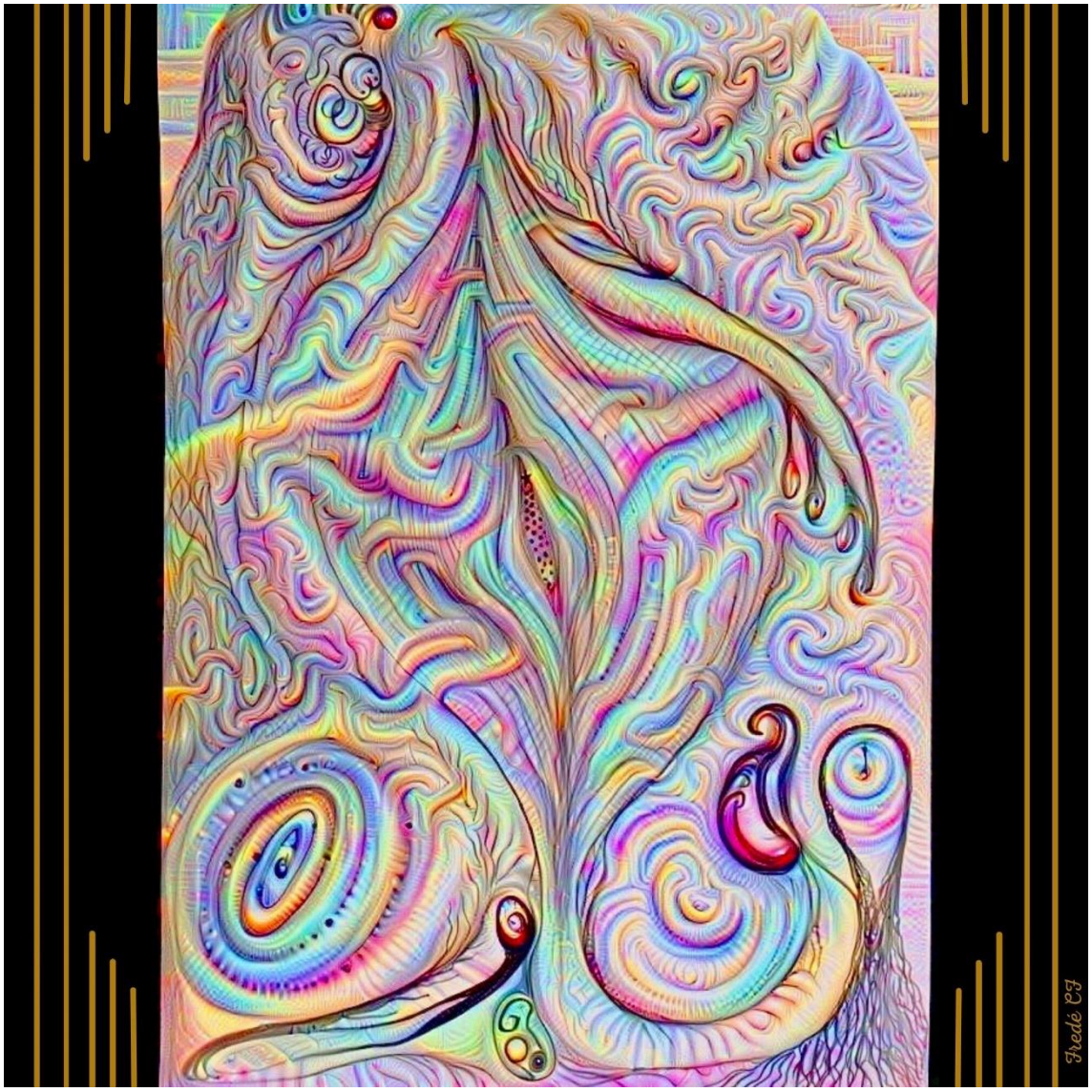


Figura 5 - "A Origem da Vida (III – A Imperatriz)". Tarot MekHanTrópico. Desenho à lápis e finalização em IA. Fredé CF. 2022.

A pluralidade de relações postas pelas leituras sobre as obras criadas e pelas impressões, perguntas e pesquisas realizadas, foi essencial para articulações feitas. Reflexões acerca das intertextualidades e transconexões entre linguagens, meios e narrativas vieram à tona nesse processo, além de abordagens relativas a contravisualidades enquanto saídas aos olhares padronizados e padronizantes sobre o ser humano em sua unicidade; repercussões do (e sobre) o meu discurso e métodos criativos enquanto artista e pesquisador com uma proposta contracultural voltada à exaltação das subjetividades; a busca por um olhar mais atento e profundo às relações

existenciais atuais entre tecnologia, vida e arte, bem como as inúmeras possibilidades de operação e intersecção dos campos adentrados e práticas estabelecidas; pensamentos sobre como trabalhar em meu universo aspectos de dispersão e conexão que a tecnologia dispõe atualmente.

0.4. O surgimento da ideia de MekHanTropia, a Arte e a Cultura Visual

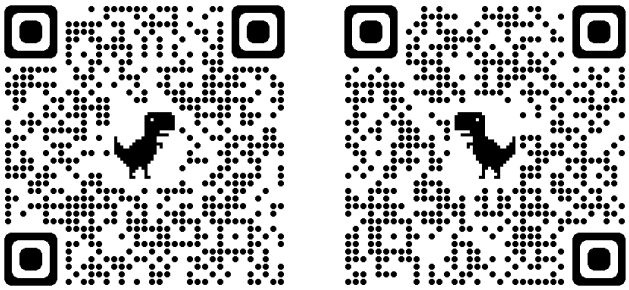
"Foi um tempo que o tempo não esquece
Que os trovões eram roncos de se ouvir
Todo o céu começou a se abrir
Numa fenda de fogo que aparece
O poeta inicia sua prece
Ponteando em cordas e lamentos
Escrevendo seus novos mandamentos
Na fronteira de um mundo alucinado
Cavalgando em martelo agalopado
E viajando com loucos pensamentos"

(Zé Ramalho)

Em um programa de Arte e Cultura Visual, existe a interrelação entre o conhecimento científico sobre a ótica da arte, dos estudos culturais, da filosofia, da educação e diversos outros imbricamentos com áreas e campos epistemológicos afins. A construção do saber se dá nesse movimento de atrelamento crítico entre pesquisa, escrita e prática artística, em uma fluidez em (e a partir de) todas essas direções pelas quais se estabelecem fenômenos de integração constante entre o quadro teórico, o método e o resultado prático artístico, sem esquivar, todavia, de outros pontos importantes que transbordem e operem no curso da pesquisa, como coloca a pesquisadora Irene Tourinho (2012):

> Fica aparente (...) uma interdependência entre pesquisa e método. Mais que isso, esta posição sinaliza uma atenção para diversas interdependências que atuam no desenvolvimento de uma pesquisa, quais sejam, entre pesquisador(a) e o referencial epistemológico que reúne e elabora para sustentar sua busca, entre o quadro teórico e o método que orientará o processo, entre os procedimentos metodológicos, as questões de pesquisa e o 'temperamento' do(a) pesquisador(a) e, ainda, entre referencial teórico, questões, método, participantes/colaboradores e contexto de realização do estudo (TOURINHO, 2012, p. 234).

Assim, ao me situar na linha de pesquisa Poéticas Artísticas e Processos de Criação desse programa de doutoramento da UFG, penso ser fundamental a integração íntima entre a escrita e a produção prática desenvolvida neste percurso, além de todo o repertório subjetivo que trago e me ajuda a conduzir o trabalho explorando dimensões socioculturais do “olhar”. Diversas leituras, diálogos e elucubrações durante esse início de trajeto me acenderam perspectivas essenciais para a pesquisa e me iluminaram caminhos a seguir, levando em conta a ideia de que somos nós que damos “vida” às criações com nossas subjetividades.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Somos seres socioculturais e, consequentemente, precisamos de certa adequação social para vivermos. Nesse sentido, representações artísticas nos ajudam quanto à identificação e inserção em grupos sociais, proporcionando diálogos poéticos entre nós, o mundo, o outro e nós mesmos. Busquei, assim, trazer à tona durante o processo algumas referências artísticas que fizeram (e fazem) parte da minha vida, como histórias em quadrinhos, bandas, músicas, desenhos animados, filmes, séries, enciclopédias, livros, jogos, personagens, quadros, entre outras criações que me ajudaram (e ajudam) a formar meu repertório afetivo, identitário e imaginativo.

Referências artísticas, narrativas, culturais na Literatura, nas Histórias em Quadrinhos, na Música, no Cinema etc. também são fundamentais e lançam luz na construção de meu universo ficcional. Autores e realizadores como George Orwell, Aldous Huxley, Ray Bradbury, Margaret Atwood, David Lynch, Rosa Berardo, Kléber Mendonça Filho, P.K. Dick, Edgar Franco, Mozart Couto, Amante da Heresia, Black Sabbath, Pink Floyd, Led Zeppelin, Gazy Andraus, Queens of

the Stone Age, Bob Dylan, José Mojica Marins, Jorge Luís Borges, Guillermo del Toro, Alfred Hitchcock, Luis Buñuel, Albert Camus, Franz Kafka, entre tantos outros, são essenciais para pensar as formas de desenvolver meus próprios conceitos.

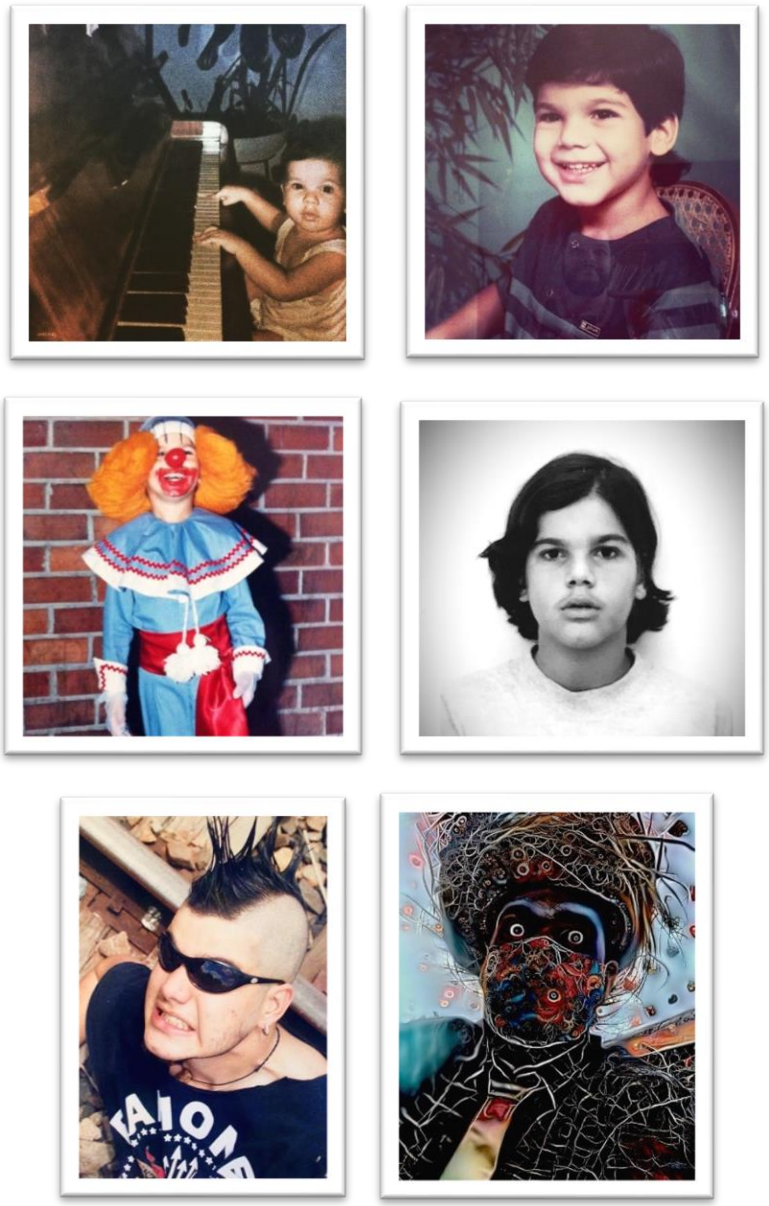


Figura 6 - "Vida (o imutável perece)". Foto-grade mekHanTrópica. Fredé CF, 2023.

Penso ser importante o resgate dessas questões da minha história pessoal no sentido de tentar me compreender melhor e, com isso, compreender melhor o que faço e proponho. Questões essenciais como “De onde vim?”, “Por onde andei?”, “De onde vieram minhas referências?”, “O que mostro e o que nego?”, “Quais meus medos e desejos?”, entre outras elucubrações surgem durante esse trabalho e, na medida que aparecem, incorporo-as à obra

transmidiáticamente transmutando suas significações e tentando dar formas artísticas a esses fenômenos para melhor integrá-los aos processos.

Nesse trajeto, também incluo as bandas de rock de amigos e parceiros e, sobretudo, as bandas fundadas em estilos musicais como garage, punk, grunge e stoner rock que já fiz parte desde meados da última década do século passado, como K9 Sabotage, Esfíncter Verbal, The Flyers, Chef Wong's, Hang the Superstars, Cicuta, A Coisa, MiZiFits, Babones, Comedores de Cabeça e Cão Breu.



Figura 7 - "Chaotic Music Journey". Foto-grade mekHanTrópica. Fredé CF, 2023.

Reflito sobre a autoria dispersa estabelecida pelos contatos provocados, parcerias, explicitações e implicações das minhas sombras em diálogo com as

sombras de diversos colaboradores que atuam direta e indiretamente em minha obra, além das relações com a tecnologia que operam como ferramenta. Tento, desde o início, utilizar as tecnologias atuais como parte do processo criativo e visualizo uma representação artística condizente em meu universo por uma perspectiva inquietante de estranhamento. Lanço a dúvida sobre a responsabilidade do estado de letargia, cooptação e dominação mekHanTrópica vir da ganância do próprio ser-humano e não das máquinas por si só, uma vez que quem cria e utiliza as tecnologias de maneira torpe são os humanos. Algo importante a ser evidenciado é que, se não fosse pela tecnologia digital das redes e fluxos telemáticos, essa pesquisa e as criações imbricadas à ela talvez não seriam possíveis, pelo menos nos moldes apresentados.

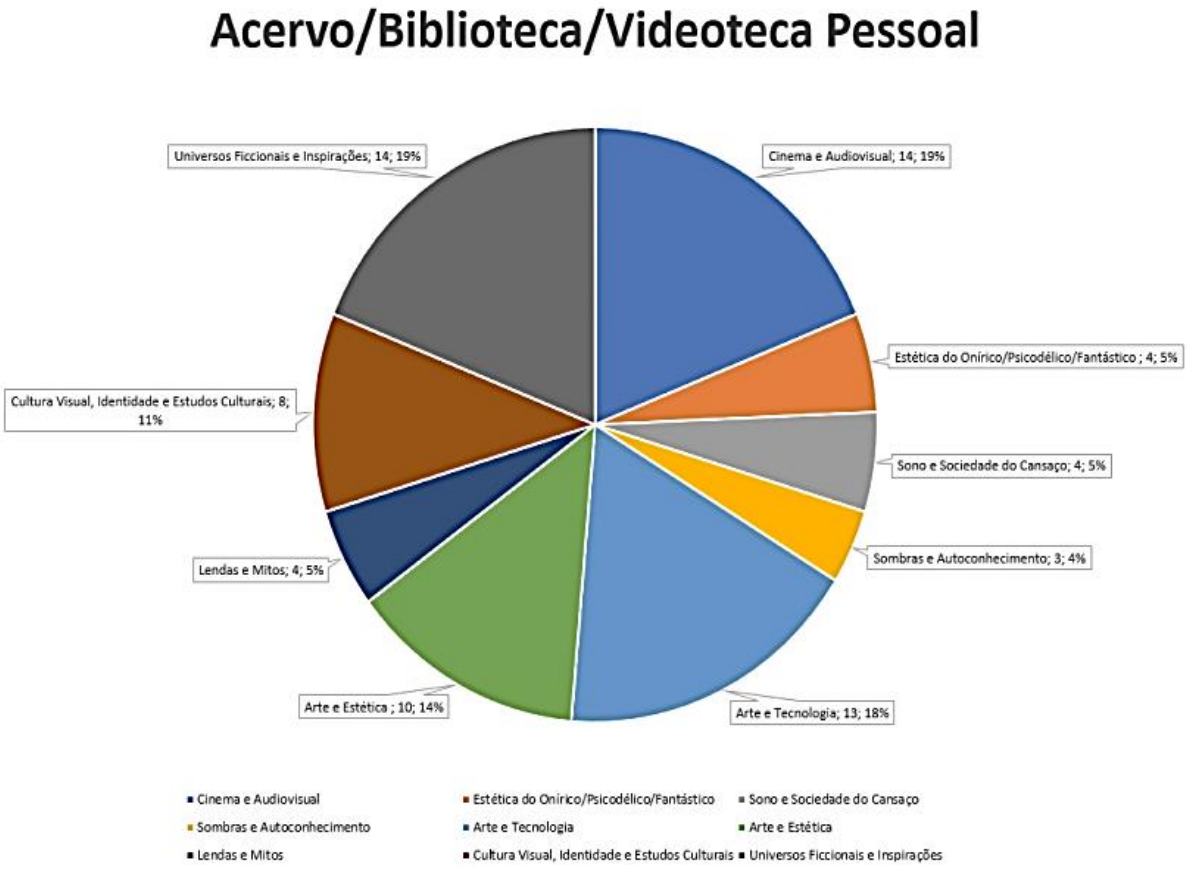


Figura 8 - Referencias pessoais e campos de contato

Ao tentar organizar, no início desse processo, uma relação de referências pessoais e campos de contato conceituais que a tese-criação abarcaria (Figura 5), notei que há uma transversalidade de temas que nela perpassam e que esses temas dialogam com áreas do conhecimento diversas como arte, tecnologia,

cultura visual, filosofia, comunicação, psicologia, neurociência, literatura, pós-humanismo, antropologia e sociologia. Os resultados mais abrangentes no quesito de “referências pessoais e campos de contato” da obra (em sua concepção de acervo e repertório inicial) se dão aos conteúdos alusivos ao “Cinema e Audiovisual” e aos “Universos Ficcionais e Inspirações Poéticas”, além das teorias presentes no campo da “Arte e Tecnologia” e “Arte e Estética”.

Com a pesquisa do estado da arte sobre esses temas, vi que essa questão já foi e vem sendo abordada por pensadores de diversos campos, mas, em especial, da arte e cultura visual, do cinema, das histórias em quadrinhos, das transmidialidades, da comunicação, da filosofia, da literatura e das ciências sociais. Esse levantamento crucial embasa a minha pesquisa e me é muito útil, especialmente em uma época de excesso de informação, em que cabe a nós desenvolvermos filtros e formas para separar aquilo que pode nos servir de maneira científica e observar com maior clareza por onde e com quem se trafega.

No fluxograma a seguir, pode-se ver uma tentativa inicial de estruturação da minha pesquisa a partir dos Estudos Culturais e Pós-Estruturalistas, com a arte, a tecnologia, o onírico, o imaginário, em relações polissêmicas entre seres vivos, máquinas e fluxos digitais para a criação poética desse universo. Apesar de alguns caminhos terem sido desviados para outras direções, esse exercício me auxiliou bastante a ter uma maior consciência sobre os processos e campos que eu poderia articular inicialmente.

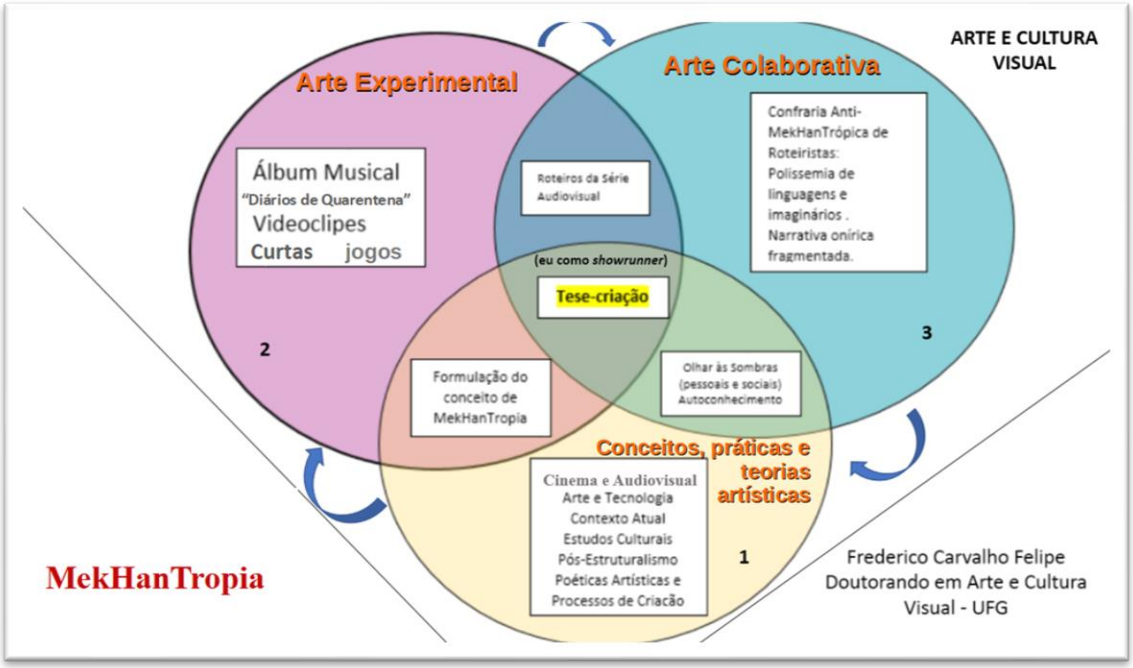


Figura 9 - Fluxograma MekHanTrópico inicial. 2019.

No fluxograma inicial, destaquei círculos como pontos de partida de ideias e campos. Seus encontros interseccionados, confluem à tese-criação proposta no centro, em um movimento contínuo de intertextualidades, diálogos e transformações. É importante pontuar que as setas e numeração presentes na imagem tem o objetivo apenas de ilustrar como se deram, cronologicamente, até então as etapas e processos de criação do conceito em meu pré-planejamento, e não de determinar um direcionamento de fruição narrativa. Os círculos são:

1) os principais campos teóricos, epistemológicos e metodológicos que me embasei para os conceitos relativos à MekHanTropia;

2) as projeções de materializações artísticas dos conceitos, como o álbum musical intitulado "MekHanTropia" e os demais lançamentos musicais correspondentes ao universo poético, os curtas-metragens, as poesias, os ensaios fotográficos, jogos, videoclipes, desenhos, entre outras criações produzidas como materialização do conceito, sistematização de ideias, articulação de referências e da trama onírica, parcerias criativas e pesquisa sobre plataformas. Experimentações empíricas sobre funcionamentos e operações artísticas pelas redes (FRANCO, 2013);

3) Diálogos polissêmicos, colaborativos e transmidiáticos da obra, como um possível projeto para série audiovisual, minicontos escritos por diferentes pessoas, parcerias musicais, entre outras criações ambientadas ou em diálogo com o universo ficcional. Articula-se assim uma pluralidade de pontos de vista, identificações e pertencimentos sustentados sobre o conceito que chamo de "Confraria Anti-MekHanTrópica" – grupo composto por pessoas que produziram voluntariamente narrativas próximas ou baseadas no universo ficcional proposto, estendendo a obra a novos caminhos e possibilidades poéticas.

Esse grupo colaborativo de criadores da Confraria Anti-MekHantrópica, atuou na produção de argumentos, roteiros, imagens, sons e minicontos baseados nas músicas e conceitos articulados pelo álbum "MekHanTropia" (ponto de partida materializado do conceito universal da obra). As ligações estabelecidas pela pesquisa trazem assim constantes ressignificações conceituais, em uma polissemia de linguagens, interpretações e transformações sobre as ideias que lancei pelo álbum musical. Tais intertextualidades (do termo às músicas; das músicas aos álbuns, videoclipes, fotos, curtas-metragens e argumentos; dos argumentos aos argumentos, roteiros, mini-contos etc.) se dão por uma estrutura narrativa fragmentada com referências oníricas e compõem essa tese-criação.

Tais conexões trazem reflexões acerca das ideias de autoria coletiva, dispersa e participativa, em uma proposta de concepção, produção e distribuição da obra com baixíssimo custo, contestando padrões operacionais do mercado e como resistência pelo processo criativo, com um olhar "anti-uberização" da arte. A intenção é pensar formas de aliar a tecnologia à arte como forma de autodefesa, autocura e representatividade de aspectos relacionados à identidade, à memória, à cultura, ao pertencimento, à diversidade, ao autoconhecimento, ao direito de olhar e de ser visto (MIRZOEFF, 2016), fenômenos estes que, frequentemente, carregam importantes aspectos de nossa subjetividade que são oprimidos.

As leituras e reflexões provenientes dessa trajetória me provocaram a indagação de como buscar, pela arte, formas de resistência contracultural na construção de um universo poético-ficcional autoral onde as relações de controle, cooptação, padronização e exploração sobre os indivíduos são acentuadas pela institucionalização da dependência humana de tecnologias digitais em tempos

de pandemia. Vislumbro cada vez mais as saídas vindo de dentro de cada um, pelo autoconhecimento e pela (des)fragmentação de si inserida em um todo integrado.

Como viso tratar as sombras sociais e pessoais e seus processos de (re)significação em MekHanTropia – contestando padronizações sociais com um olhar interior voltado ao autoconhecimento e autotransformação –, me coloco como uma espécie de *show-runner*[6] de toda a obra e utilizo a tese-criação como instrumento de sistematização, articulação, reflexão e explicitação conceitual dos processos criativos e poéticas que eclodem e de onde também saem, em via de expansão. Por isso aqui escrevo esse trabalho também como um personagem desse universo, trazendo minhas perspectivas multifacetadas, caóticas e fragmentadas como criador pensando sobre suas criaturas. A minha autonomeação nesse universo se dá pelo pseudônimo “O Acimador”, que tece alusão à um embaixador que transita por entre as dimensões e realidades. Alguém que vê (ou tenta ver) a ilha de fora e de dentro dela concomitantemente, por isso altero o início da palavra de “EMBAIXador” para “ACIMador”, numa brincadeira em relação ao olhar sobre esse conceito.

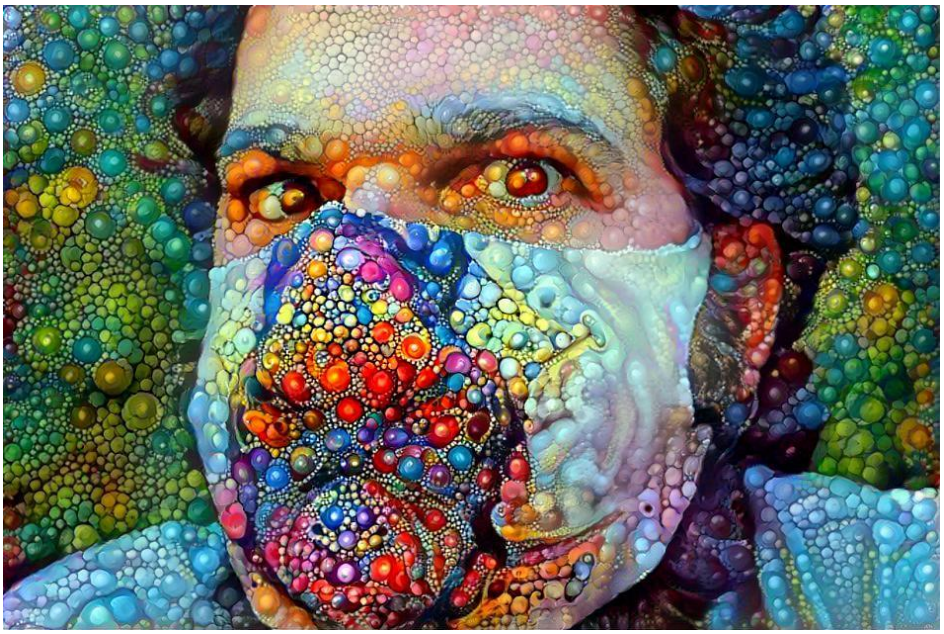


Figura 10 - "O Acimador (Pandemic Views)". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2021.

6Geralmente o *showrunner* é o criador de uma série ou universo narrativo, a pessoa que tem a redação final dos roteiros e adequação das ideias aos conceitos propostos. Ver: RODRIGUES, Sonia. Como escrever séries: Roteiro a partir dos maiores sucessos da TV. Independentlypublished, 2018. Disponível em: https://www.orelhadelivro.com.br/livros/674931/como-escrever-series Acesso em 26/07/2020.

A intenção é que, na medida em que as sombras exteriores (dos cenários e contextos) diminuem, a luz interior (o autoconhecimento) minha, dos personagens e de quem entra em contato (fruidores) aumenta, indicando caminhos a serem trilhados e iluminando as sombras individuais e coletivas. A partir desses movimentos teóricos e práticos, experienciados por contrastes e contradições poético-narrativas, evidencio reflexões referentes à institucionalização de ideias de desenvolvimento social atribuídas no mundo atual ao viés econômico e produtivo. Penso e crio obras sobre como a crescente utilização das tecnologias digitais em nosso cotidiano, emissoras de luzes que estimulam e transformam hábitos da sociedade, influenciam nosso psicoemocional. Neste sentido, trago ideias ciberpajeanas acerca do "Binarismo Anticósmico" e os maniqueísmos instituídos socioculturalmente no mundo atual. Pretendo, em estudos futuros, direcionar e adentrar pesquisas de neurociência para abordar tais fenômenos de controle psicobinário.

A luz (e suas desconstruções) trabalhadas na arte também aparecem como metáforas ao conhecimento científico, uma vez que esta é um importante signo de representação iluminista do saber. Por meio dos saberes científico e do autoconhecimento, podemos iluminar nossas sombras pessoais e sociais de tempos de outrora que são negadas ainda hoje (e cada vez mais), como as ditaduras militares, a escravidão, a anistia, os contrastes sociais, o genocídio de culturas ancestrais e o empoderamento de ideais neofascistas e neopentecostais.

Toda essa reflexão e pesquisa engatilhada ainda no primeiro ano de doutorado me apontaram também uma questão que me deixava bem inquieto desde o início da pandemia: como relacionar a lenda do Cão Breu (previamente proposto em meu projeto de pesquisa apresentado ao PPG e que me rendeu a entrada no programa) com as novas configurações estabelecidas em minha obra enquanto contravisualidade poético-narrativa nesses tempos trevosos que vivemos? O deslocamento conceitual de projeção ficcional, em dimensões espaço temporais extraordinárias, me surgiu como uma salutar possibilidade de representação dos ambientes mekHanTrópicos que estou inserido. Pensei então, pelo meio do fantástico, do oculto e do sombrio característico dessa figura lendária, relações

transcendentais que vão além das fragmentações oníricas transmidiáticas e surgem como uma espécie de entidade nesse universo que estabeleço enquanto processo de criação. O Cão Breu emerge numa *auto-poiese*[7] constante desse universo em contato comigo, transmutando e se inserindo em meio às minhas criações de diversas formas.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

A diversidade de relações estabelecidas entre pessoas em minhas obras; as subjetividades das pessoas sobre as imagens e sons; o meu imaginário e os diferentes imaginários presentes nas criações; e entre os ecos tecnológicos do processo de criativo e do conceito poético-filosófico de MekHanTropia, são fatores importantes que interseccionam diferentes cosmologias e me ampliam as possibilidades de criação desse universo num fluxo constante de ressignificação.

Vislumbro referencias de ambientações da Ficção Científica, aos moldes de autores como P.K. Dick, Margaret Atwood, George Orwell, entre outros, pelo deslocamento conceitual feito: uma visualização confluente do futuro e do passado por meio do presente, por ecos do devir oriundo de devaneios da memória, percepção e imaginação. A narrativa se passa naturalmente em uma dimensão estranha, porém nos identificamos a essa dimensão por conta dos

7O termo “autopoiesis” (ou autopoiese), (do grego auto "próprio", poiesis "criação") é um termo criado por Humberto Maturana e Francisco Varela na década de 1970 para explicar a vida como uma criação dos seres vivos de si próprio. A teoria da Autopoiese “é uma explicação do que é o viver e, ao mesmo tempo, uma explicação da fenomenologia observada no constante vir-a-ser dos seres vivos no domínio de sua existência. Enquanto uma reflexão sobre o conhecer, sobre o conhecimento, é uma epistemologia. Enquanto uma reflexão sobre nossa experiência com os outros na linguagem, é também uma reflexão sobre as relações humanas em geral, e sobre a linguagem e a cognição em particular” (MAGRO & PAREDES in MATURANA *apud* MOREIRA, Marco Antônio, 2004). Disponível em: https://www.scielo.br/j/ciedu/a/tp7frtJVnSrVKnfM4gCYVQq/?format=pdf&lang=pt Acesso em 04/10/2021.

temas cotidianos de nossa vida ordinária, abordados e projetados/refletidos de maneira fragmentada (tanto pelos recursos transmidiáticos quanto pelas narrativas individuais anti-teleológicas) a essa dimensão extraordinária “mekHanTrópica”.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.



Figura 11 - "Entre meios (fade in/fade out)". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF. 2022.

Outra provocação é feita por essa proposta narrativa onírica, relativa à ideia do “labirinto”. Vislumbro, enquanto referência poética, obras de artistas como Baran

Bo Odar, David Lynch, Ciberpajé, Lana e Lilly Wachowski, Christopher Nolan, Charlie Brooker, entre outros, e as formas como trabalham com as possibilidades narrativas para contarem suas histórias. As diferentes obras nesse universo estabelecem narrativas que podem ser tecidas por cada um em sua experiência pessoal e escolhas de conexão entre os álbuns musicais, videoclipes, curtas, jogos, séries fotográficas e audiovisuais etc. apresentados experimentalmente como um labirinto para o autoconhecimento dos personagens e de nós mesmos ali projetados enquanto signos.

Quando o fim
Toca o começo
Quando o começo
Toca o fim
Quando começa o fim
Quando acaba o começo
Quando se inicia
Começa o fim
Quando se termina
Acaba o início
O começo do fim
Um novo começo
O início do fim do começo
O final do começo do fim
Enfim...

("Entre meios (fade in/fade out)". Fredé CF, 2022).

Em meio aos labirintos de nossas vidas, quais nossas sombras? Quais monstros encontramos? Quais buscamos? Teseu foi em busca do Minotauro e, no percurso, viveu grandes momentos. O monstro de Frankenstein, em busca de seu criador que o rejeitou, tem em seu percurso uma história de horror repleta de significações metafóricas imbricadas sobre a sociedade da época que estranhava e rejeitava a ideia de mulheres escreverem livros. O que acontece ao irmos em busca de nossos próprios "monstros" e expô-los nos labirintos transmidiáticos da MekHanTropia posta? Como transitamos, nos perdemos e nos encontramos, pelos labirintos oníricos do inconsciente?

Nessa jornada de autorreflexão, monstros me aparecem muitas vezes destacados de minhas sombras. Tento, nesse processo, mostrar e integrar esses

monstros, reconhecendo-os como parte de quem sou e dando formas poéticas ao que eles me provocam. Materializá-los por meio da arte. Integrá-los e entendê-los como parte de mim que também contribui com minha subjetividade, em me tornar único no mundo, na luta contra a padronização do ser-humano. Esse é um ponto importante de minha forma de resistir contra a "mekHanTropomorfização": o olhar para mim, para o que ainda há de bicho, de orgânico em minha essência.

♀

Ninguém sabe o que o calado quer
Distante
Sem parar no tempo, mas parar o tempo
Cortante
Sem lançar ao vento, mas sentir o vento
Lancinante
Brisa fresca de amor astral
Arrepio corporal
Todas ignorâncias e paixões enfim extintas
Balanço o pêndulo da dor ao tédio
Sem o desânimo esquecido
Recupero
Voltado ao que estava adormecido
Expurgo o ódio de forma visceral
Manifesto
Identidades vencem conceitos
Sombras se iluminam dentro do peito
Em vão
A vida escorre a cada instante
Por entre dedos egóicos no caos
Delirante
Inexoravelmente
Inevitável ritual latente
Em cada fim que se torna começo
Afinal
Cíclico, híbrido, integrado
Sem igual
Libertado de medos e desejos torpes

Já ultrapassados
Sem penar com o que não posso
Nunca controlar
Sem importar com o que os outros
Vão pensar ou falar
Imunizado
Sereno e selvagem
Encantado
Corpo fechado
Livre de boicotes da minha tela mental particular
Imortal
Mergulho em novas perspectivas
Eliminando qualquer expectativa
Com o que é criado alheio ao que soul
Renovado
Transmutando devagar em infinitos choques aleatórios
De passados e futuros em instantes ilusórios
Presentes no Agora transcendental
Alucinante
A primeira Lua Cheia contrasta
O céu escuro da alma
Vibrante
Como um chamado amoroso
Ao uivo encantador fervoroso
Numa profunda meditação
Revigorante
Retira do instinto o véu trevoso
Mutante alívio acolhe meu coração
Posso enfim estar quem eu sou
Sem temer nada do que vem adiante
Renascido
Do resto de fogo e gelo que sobrou
Do que cicatrizou
Marcas que não mais me lembro
Amor incondicional ao centro
Sinto. Perdoo. Amo. Agradeço.
Lycanthropo Anúbisado

Intenso e ardente
Diamante potente
Reivindico
O direito de ser Monstro
Decifra-me ou te devoro!
Contente.
♀
("A 1ª Lua Cheia do ano". Fredé CF., 17/01/2022, às 20:22).



Figura 12 - "metAMORphosis (0/XXII – O Louco)". Tarot MekHanTrópico/Foto-poesias MekHanTrópicas. Poesia, fotografia e desenho digital finalizado em Redes Neurais (IA). Goiânia, 2022.

Muitos amigos e familiares me disseram, por vezes, estarem preocupados comigo e com a intensidade que eu estava lidando com minhas sombras durante esse processo de autoconhecimento por meio da arte. Em especial, com o que eu estava me tornando em meio ao isolamento causado pela pandemia. Com as

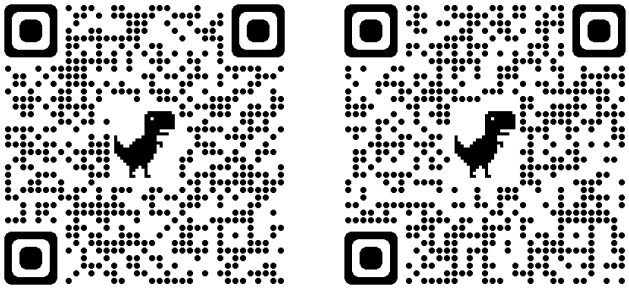
representações visuais, sonoras e textuais que produzia e projetava uma certa obscuridade grotesca, causando estranhamento. Em meio a psicoterapias e psiquiatras, penso que esse processo é também parte da poética de integração ao qual me refiro e ainda me submeto enquanto artista e pesquisador, me revelando a mim mesmo: ora sublime, ora assustador. Em MekHanTropia.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.



Figura 13 - na exposição "A beleza sombria dos monstros - a arte de Tim Burton". Fotografia digital e finalização em IA. Leticia Guelfi e Fredé CF. Brasília-DF, 2019.

Nesses labirintos de minhas projeções imaginárias (artísticas ou não), o “fio de Ariadne” que me guia aponta para a fuga dos padrões que constituem regimes de verdades estabelecidos e institucionalizados em mim pela cultura. A partir desses padrões, que se dão aqui pelas imagens e sons codificados e suas intencionalidades, tento desvendar e implodir aspectos de minha subjetividade, lançando ao mundo alguns monstros indissociáveis de mim, mas também com existências próprias e imprevisíveis, uma vez que ao se desgarrarem pelas redes entram em contato com outros monstros de diversas e imprevistas ordens.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

0.5. A tese-criação e a transmídia como poética onírica

“To the stars my love
To the sea
To the wheels my love
'Til they roll all over me.”
(Mark Lanegan)

Questionamentos que aqui aparecem como “iniciais”, estiveram presentes durante todo o processo de criação e reflexão desta tese-criação em meio à MekHanTropia que nos assola, especialmente na reta final de escrita, já com onze produções musicais criadas e lançadas (entre EPs e álbuns), dois curtas-metragens, vários videoclipes, poesias, contos, desenhos e fotografias, entre outras produções. Algumas questões que me angustiavam e perseguiam meus pensamentos constantemente eram sobre “o que é essa tese?”, “qual sua importância, originalidade e relevância?”, “por que considero esse trabalho uma ‘tese-criação’?”. Tais dúvidas me acenderam constantemente, durante o percurso do doutorado, intencionalidades poéticas que conduziam à integração dos processos criativos e poéticas artísticas na criação das obras que compõem

o universo ficcional onírico transmidiático de MekHanTropia e por isso amarram conceitualmente esse universo que estamos inseridos enquanto metáfora.

Após muito tentar responder sobre o que seria essa tese-criação, qual sua "importância", "relevância" e "originalidade", percebi que isso já se resolvia pela própria essência do trabalho, pois se trata de uma síntese poético-reflexiva de experimentações artísticas singulares relatadas como discursos acerca do mal-estar que tomou nossa civilização nos últimos tempos. As obras resultantes dessas reflexões e angústias em mim geradas foram realizadas de maneira a envolver minhas experiências vividas nesse período e catalisadas a escolhas conceituais desatreladas de legitimações externas, financiamentos (a não ser da bolsa Capes que me permitiu a dedicação ao doutorado) e interesses mercadológicos, em um processo de pretensa autocura estipulado por mim e utilizando-me como objeto de estudo e experimentação, de maneira a vetorizar também colaborações diversas acerca dos temas.

Trabalho assim, com uma busca por maneiras de lidar com esse mal-estar que sinto e penso a respeito do que me integra, pontuando e ponderando acerca de seus (e meus) melindres e os projetando à uma dimensão ficcional para tentar observá-los e tratá-los com maior distância poética. Ao lançar as obras de dentro de mim para fora, ao mundo, observo e analiso melhor minhas questões, o que me provoca a continuar criando, ressignificando e materializando fenômenos abstratos de forma artística e conceitual.

Aila surgiu no horizonte. Por detrás da mata. Na Aurora. Sobre o brilho do amor esquecido. Pós-Humana. Transcendente em si mesma. Veio à procura de um canídeo. Sombrio. Talvez tido como um último distúrbio (ou um mero calafrio). Necessário para talvez alterar os eventos da destruição planetária. Um olhar ao oculto. Ao vazio. Ao contido. Ao bestial. Ao que não se quer olhar. Um olhar artístico. Terno. Poético. Visceral. Um olhar esguio sobre o nada. Para além do bem e do mal. À inocência integrada ao que resta do natural. Canídeo. A lenda versa sobre o fogo. Enigmático. Sobre a culpa. Sobre o olho. Sobre a alma. O que tudo sente e nada vê. Sem possuir. Apenas ser. Ao profundo. Incompreendido. Na essência impermanente do indivíduo. Ao que nos faz mover. Infelizmente não tocou o coração de quem mandava e desmandava no mundo. De quem arrecadava. Desmatava. Destruía. Arruinava tudo aquilo que precisava se manter forte. Talvez isso tenha trazido ao centro resquícios do infinito tempo esquecido do amar. Genuíno. Essencial. Humano. Animal. Vegetal. Mineral. Perdido.
("Tecelões Oníricos do Absurdo". Relatos de Depois do Futuro em MekHanTropia).

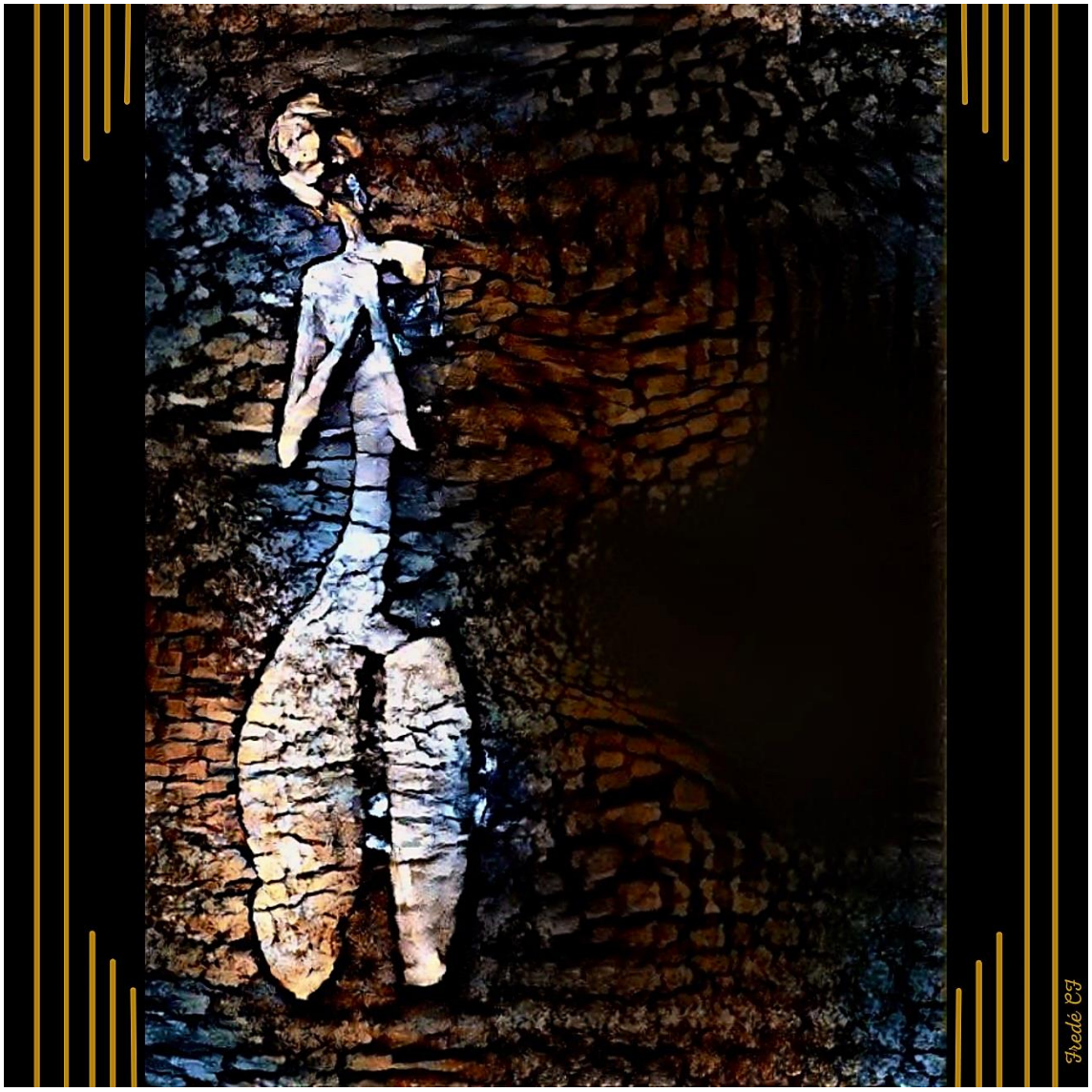


Figura 14 - "Aila (XVIII – A Lua)". Tarot MekHanTrópico. Fotografia digital e Redes Neurais (IA). Fredé CF, 2021.

Trocando ideias com meu amigo Dr. Leo Pimentel (a.k.a. Amante da Heresia), elucubramos sobre essas inquietações em relação a produção e relato dos processos e poéticas artísticas de nossa linha de pesquisa e do grupo (gangue) de criação artística e pesquisa em ciberarte “Cria_Ciber”, em especial ao que tange sobre como é vista a criação transmídia em meio à arte em geral. Um olhar sobre a transmídia como linguagem poética e não apenas como mera ferramenta. Ao usar e pensar a criação de obras em um universo ficcional onírico transmidiático, utilizamos elementos de linguagem para representar poeticamente aspectos narrativos oníricos e, nesse sentido, a transmídia exerce um papel fundamental enquanto linguagem de tradução semiótica conceitual.

Um universo concebido e que se forma transmidiáticamente é em si uma forma distinta de tratar essa linguagem, não apenas uma confluência de linguagens como muitos afirmam ou utilizam. Muito menos uma ferramenta multimídia de expansão estratégica mercadológica das narrativas e conceitos levantados, mas algo imbricado na essência desse universo enquanto processo criativo.

“MekHanTropia” já nasce com o “DNA” da transmídia alocado em seu “código-fonte” original. Segundo Lucia Santaella et al. (2018, p. 78), “é importante ressaltar que os desdobramentos narrativos se constituem no DNA da narrativa transmídia. Um DNA que não dispensa o fato de que se trata de narrativa e não de outro tipo de discurso”. Independentemente das hibridizações feitas nesse processo – mas não deixando de lado as distinções, especificidades e possibilidades que cada linguagem artística e plataforma midiática tem nesse processo –, as narrativas possíveis formadas em meio às tecelagens transmidiáticas abarcam uma espécie de aleatoriedade única e característica que não é possível em outras formas de se contar histórias, transbordando e mesclando elementos sintáxicos de diferentes linguagens na formação de uma maneira particular de apresentar narrativas que se aproxima bastante, enquanto poética de fragmentação e experimentação, das formas que sonhamos.

Segundo Santaella et al. (2018) há três tipos de discursos: descrição, narração e dissertação. Segundo a autora, a narração por origem se configura, principalmente, sobre o eixo da temporalidade. “São ações comandadas pela lógica do tempo, não necessariamente cronológico. (...) é a sucessão de fatos, em qualquer ordem: simultânea, paralela, invertida, sobreposta etc.” (p. 80-81). Desta forma, em meio à diegese do universo de MekHanTropia, os fatos acontecem temporalmente de maneira dispersa e aleatória, uma vez que não obedecem a uma linearidade teleológica de sucessão. Esse fator de aleatoriedade é crucial para a formação desse universo narrativamente caótico em essência.

Nesse papo insurgente com o Amante da Heresia, em meio aos fluxos digitais binários mekHanTrópicos, citamos o exemplo do cinema enquanto linguagem e narrativa, apesar de também ser um campo da arte em que há confluência de outras linguagens artísticas como o teatro, a fotografia, a música etc. As pontes caóticas tecidas transmidiáticamente pelos processos de criação enquanto elos

poéticos nas minhas obras aparentemente dispersas formam, talvez, a principal característica dessa linguagem tão rica e ainda pouco explorada desta maneira.

> Ao longo dos séculos, foram aparecendo novos meios e novos gêneros narrativos que, somando-se aos anteriores, fizeram crescer e diversificar-se a capacidade humana de contar histórias até encontrar sua exponenciação nas mídias atuais. Hoje a narrativa encontrou seus habitats na transmídia, a saber, habitats nômades para os quais as histórias vão migrando e se distendendo, desdobrando o poder expansivo que está no âmago da narrativa. De onde vem esse poder? A narração emula vidas, percalços do destino. Só ela é capaz de seguir os passos, simples ou complexos, translúcidos ou enigmáticos, que a vida dá (SANTAELLA et al., 2018, p.81).

Em diálogo com os pensamentos de Henry Jenkins et al. (2014), Santaella et al. (2018, p. 81) coloca que as narrativas possuem talvez o que há de mais humano no mundo e hoje isso se alia as plataformas e fluxos tecnológicos, possibilitando novas configurações de condução e significação fluidas. Assim, busco caminhos mutáveis de representação da minha maneira de atuar contraculturalmente em oposição à MekHanTropia instituída, experimentando formas de implodi-la ao pensar a transmídia como linguagem artística de narrativa dispersa a partir de aspectos que conectam a complexidade da minha subjetividade.

Trago imbricado nas minhas criações a ideia anti-mekHanTrópica de fazer as obras como eu quero, onde quero e como dá para ser feito, acessando práticas surrealistas e dadaístas pra dar vazão a ecos do inconsciente de maneira a subverter institucionalizações e padronizações típicas do sistema dominante regido pelo mercado e, concomitantemente nesse processo, construindo pontes cujas intencionalidades são de simples fruição dos instantes materializados a partir das sinapses do pensamento.

Após a queda do céu, Aila desceu o monte. Distante. Em meio ao frio tórrido do fim do mundo. Naquele instante. Decisivo. Não mais se escondeu. Resplandeceu. O que antes nada prometia, agora cedia. Inevitavelmente ao que ocorreu. Depois do futuro anterior. Presos no passado. Longe do presente. Ausentes. Tentavam adiar o absurdo. O próximo mundo. O juízo final. A extinção humana que sucedeu. Agora. Daqui para frente. Se derrete. A chama quente daqueles olhos caninos. Não inertes. A presença abrasiva do Cão Breu. Depois do futuro. No dia que choramos nossa morte.

O gelo cede. A sombra é iluminada. Renovada. Integrada pela luz. Flamejante. Ardente. Incandescente. A luz que se perdeu. O que sobrou renasceu. De outras formas. Obscuras. Transbinárias. Transumanas. Transitórias. Hibridizadas pela noite e pelo dia que finalmente se embebedaram juntos. O vento frio que sobrou após a hecatombe. Lhe toca o rosto. Lhe fere o gosto. O vinho quente ao adentrar suas entranhas doces como o mel. Um suco cítrico lhe transborda

pelo véu. Brilhante. Radiante. Seus olhos tornam a brilhar por um milésimo de instante. Sem a humanidade ali pra lhe ferir.
("Tecelões Oníricos do Absurdo". Relatos de Depois do Futuro em MekHanTropia).

Invisto minhas obras priorizando processos *do it yourself* de baixíssimo custo que se dão sem estipular muito bem uma direção ou objetivo final, mas trazendo à tona reflexões e questionamentos críticos as ideias de hipervelocidade, hipercompetitividade, hiperprodutividade, linearidade, hipercapitalização de recursos, entre outras que são apresentadas, e transitando transmidiáticamente de maneira a expandir e fragmentar narrativamente o universo como se fossem sonhos dos personagens, porém tendo sempre em vista como se dão essas relações conectivas aparentemente dispersas. Essas conexões, camufladas de dispersões, formam a obra como um todo em sua aleatoriedade narrativa essencial.

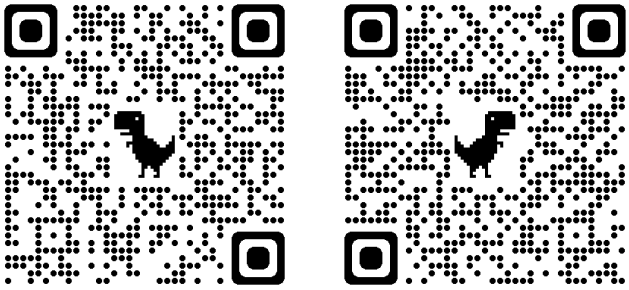
Em minhas obras tento sempre lidar de maneira intuitiva com o que sinto naquele instante decisivo, determinante que as crio. Deixo fluir, a partir de um ponto de partida inicial (que muitas vezes é abstrato e me surge como uma emoção ou pensamento vago) o impulso de realização, sem me preocupar muito com planejamentos ou preconcepções sobre o tema. Essa minha maneira "aleatória" de fazer arte rompe e testa, de certo modo, com formalismos arraigados previamente em meu ser. Deixo as coisas acontecerem e fluírem em meio ao caos, do jeito que podem ser feitas, com os recursos e ferramentas que tenho disponíveis naquele determinado instante de criação e buscando as melhores soluções que eu achar, sem perder de vista os conceitos centrais estilísticos do universo de MekHanTropia. Tento ativar, pelas materializações artísticas proporcionadas nesse processo, questões ligadas ao autoconhecimento e buscar me compreender melhor enquanto artista, pesquisador e ser humano, ligando os conceitos com reflexões de teóricos que me identifico e dialogam com o que trago como temas.



Figura 15 - "Fluxos e Refluxos (X - A Roda da Fortuna)". Tarot MekHanTrópico. Desenho à lápis e finalização em Redes Neurais (IA). Fredé CF, 2022.

O processo de experimentação, colaboração e improvisação transforma minhas perspectivas constantemente e vão moldando as obras na medida que elas são produzidas, anexando significações e ressignificações constantemente através das pontes criadas e geradas com o restante das obras que compõem esse universo e com ecos do meu subconsciente que vem à tona. Isso provoca rompimentos, reconexões e diálogos comigo, com meus instintos, com minha psique, com meus repertórios e com o habitat (sociocultural e natural) que estou inserido, de maneira a me deixar levar, pelo fluxo e refluxo dos processos, a articulações temáticas e narrativas nessa jornada pela arte e pela vida.

Muitos desses temas advêm de sonhos que tive ou de observações, vivências e reflexões cotidianas que me provocam devaneios poéticos. Tenho uma prática, desde o início da pandemia, de manter também um “sonhário”, ou seja, uma espécie de diário de sonhos no qual relato, logo ao acordar para melhor me recordar, sobre o que sonhei e como me senti naquelas situações oníricas, tentando acessar traços do meu inconsciente e traduzi-los em ecos oníricos nesse universo. Tais ecos, ganham formas materializadas pela arte transmídia com imbricamentos de processos entre fotografias, poesias, vídeos, músicas, desenhos, ou a mistura através das tecnologias e redes digitais disponíveis a mim sem custo, como no caso das “foto-poesias mekHanTrópicas” que articulam imagem (fotografias, desenhos, imagens feitas com IA etc), poesias e músicas postadas enquanto série artística nas minhas redes sociais (youtube, instagram e facebook).



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Penso que isso traz em si imbricado um método singular meu, pois envolve aspectos do meu jeito de ser e criar arte, ou seja, do meu processo criativo subjetivo. Tal processo tem como essência criativa a ideia libertária e contra especializações. Uma busca por um olhar mais amplo e multiperspectívico[8] e um modo de criar por criar, sem me importar muito como isso será criado, fruído ou

[8] Douglas Kellner (2001, p.129) propõe o termo, a partir do *perspectivismo* de Nietzsche, para se referir à um olhar amplo e elucidativo, que abarque diferentes perspectivas em sua abordagem, para diminuir ao máximo a parcialidade e unilateralidade. O intuito é analisar o(s) fenômeno(s) de maneira eclética, sob a combinação de diversas abordagens (como, por exemplo, o marxismo, o pós-estruturalismo, o feminismo, o existencialismo, a psicanálise, o culturalismo, etc), o que pode, segundo o teórico, produzir análises mais aprofundadas, ricas e esclarecedoras pelas relações estabelecidas.

recebido, pois diz respeito mais a um processo de autocura meu do que uma intencionalidade específica externa.

Ao ler esse trabalho, pode ser que você se sinta um pouco incomodado pela maneira labiríntica que por vezes escrevo. Isso se dá por dois fatores: primeiro, por estar ainda inserido em MekHanTropia e estar condicionado a padronizações inerentes ao sistema; e segundo, usando a repetição como poética para driblar, em MekHanTropia, os censores do sistema através de padrões de escrita, já que estes não se aprofundam nos temas e textos de maneira humana e caótica, mas organizada maquínica e binariamente pelo que chamam de "inteligências artificiais" (IAs).

Alvorada. Nesse tempo, não se sabe bem por qual estrada Aila andou ou há de andar. Nem ao certo o que portava em sua guirlanda mágicka. Mística. Fascinante como o mar. O que antes era lua. Solitária no céu. Agora surgia com um olho tampado. Uma pirata que navega pelo nada. Corsária. Flibusteiro fel. Episódio amargo de sua existência. Consequência da lendária luta sangrenta contra o dragão. Seus cabelos. Soltos ao ar. Escarlate. Esvoaçados. Seu vestido esverdeado. Impossível não notar. Lancinante. Pungente. Torturante a quem tenta se encontrar. Autoconhecer. Urrar. Uivar. Lua cromada. Cheia. Amada. Agora transmutada. Materializada em dígitos anticósmicos de silício pela IA. Pele. Osso. Cromossomos. Sangue. Pelo. Presa. Mordidas acesas. Secas. Um raro fogo em meio ao breu. Mulher Loba. Canídea. Sorrateira. Visceral. AILA: a tecelã de infinitos oníricos. Absurdos. No cerrado. Descerrado. Sem igual. Na boca, o batom rubro escondia um gengibre mascado. Para apaziguar o pigarro oriundo da destruição. Logo deu lugar ao escárnio. Suas lágrimas escorriam em seus braços. Obrigava-a a se lamber para estancar. A dor de ver o mundo como está. Enquanto andava. Pensava: "Como a humanidade pôs tudo a perder?" Um mundo de ossos. Em contraste. Aço e concreto expostos. Vivos deram lugar aos mortos. Números criaram zumbis. Ilusórios. Aleatórios. Tecnocratas. Escravos dessa condição. Digital. Artificial. Presos na simulação do que se entendia como real. Escravos de agrado. Acríticos. Alheios às cizânias. Ensimesmados. Positivados. Artificiais.
("Tecelões Oníricos do Absurdo". Relatos de Depois do Futuro em MekHanTropia).

Busco exaltar a minha singularidade perante o mundo que estou inserido, refletindo sobre os níveis existenciais: "biológico/natural", que me determina como um animal, mamífero; "sociocultural", que me determina como um ser humano, brasileiro, nascido e crescido em Goiânia-GO-Brasil, na era de transição, chamada como "pré-mekHanTrópica", há pouco mais de 40 anos; e, por fim, "individual/subjetivo", que me determina a partir daquilo que compõe

minha história pessoal regida pelos processos complexos relativo as minhas memórias, imaginação e percepção de mundo nos tempos e espaços que habitei e habito pelas realidades que acesso. Tal nível de individualidade e subjetividade, apesar de ir de encontro e se misturar com os demais níveis existenciais, provoca em mim o poder de ser único, apesar das constantes cooptações feitas constantemente pelo sistema que estou inserido (cooptações estas, em grande parte, realizadas com sucesso pelo sistema).

Esses processos me geram idiossincrasias no olhar perante o mundo que tento despertar e traduzir pela arte, independentemente de determinar uma ou outra linguagem artística, mas tendo a transmídia como centro de resistência. Como citado anteriormente, deixo esses processos soltos ao máximo que consigo, não me atendo muito, por exemplo a roteiros ou esquemas para realização das obras, no intuito de tentar escapar das padronizações mekHanTrópicas. Quando há algum tipo de roteiro ou planejamento (como a ideia de criar uma série audiovisual linear com roteiros e argumentos enquadrados em formatações específicas, por exemplo), geralmente o resultado sai completamente diferente do que foi pensado inicialmente. Talvez isso seja uma característica de minha subjetividade, de minha personalidade contestatória e busca por romper padronizações estabelecidas.

Talvez isso seja um índice do meu pensamento caótico, contestador, disperso e ao mesmo tempo ansioso diante da vida. Talvez isso seja a forma que encontrei de expressar meus sentimentos e pensamentos de maneira mais fora de controles, sem dever satisfações a ninguém. Talvez seja tudo isso e muito mais que aqui nesse trabalho não consigo conceber ou explicar. Mas tento. Não só por teorias, reflexões, citações, metodologias, mas, sobretudo transbordamentos e rompimentos narrativos que, voltando à questão essencial posta no início, transformam essa tese de doutorado em uma tese-criação situada na linha de Poéticas Artísticas e Processos de Criação do Doutorado em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás.

Valdez, enquanto todos estão cheios de certezas, eu duvido mais e mais de tudo o que me circunda. Não sei de nada sobre as coisas, sobre o sistema ou sobre as pessoas. E, vamos ser sinceros, ninguém sabe nada, de fato, sobre nada. O que está de fora de nós? O que está além daquilo que achamos que conhecemos? O que

penso, por exemplo, vem de mim ou vem de fora? O que sinto e experimento do mundo com meus limitados cinco sentidos (CINCO, apenas cinco!) de onde vem? Do mundo? Do cosmos? Ou de mim mesma? Papilas gustativas...vinhos tão caros pra eu mesmo dar-lhes sabor! Estou muito ocupada tentando saber pelo menos um pouco sobre mim mesmo. Não tenho muito tempo pra gastar me (pre)ocupando com a vida dos outros. O tempo é precioso, meu amigo, não devemos perdê-lo com bobagens. Melhor pensar sobre ideias...e lembrar de anotar os pensamentos, pra não esquecer depois, pois o sistema é foda! Ideias é que valem alguma coisa. Ideias mudam o mundo de alguma forma! E o mundo está precisando de uma mudança de rumo, de uma sacudida, sabe?! Somos feitos de poeira cósmica. Vivemos pra brilhar, não pra morrer de tristeza. Ainda somos um pouco humanos e isso ainda é o que nos salva, Impressionante, né?! Isso é o que nos faz 'Ser'. Vivos! De alguma forma. Honremos a isso. Brindemos a isso! É preciso a(r)tear fogo nesse sistema podre e sem vida que nos transforma em máquinas. Vivemos em bolhas sem imaginação, sentimentos e pensamentos próprios. Máquinas solitárias sedentas por boletos. É preciso enxergar e ir além. Além do ordinário. Além da prisão sufocante das redes telemáticas. Estou trabalhando em um projeto de resistência anti-mekHan Trópica pra enfrentar todo esse obscurantismo e negacionismo que presenciamos nesses tempos nefastos de trevas, se chama "projeto d3sp3rt4r"...mas não posso falar sobre isso agora... desconfio que há muita gente aqui! O mundo está se convertendo em uma caverna aos moldes do antigo pensamento de Platão. Talvez você não esteja vendo. Mas sinto que pode ser que tudo isso esteja sendo controlado por alguém...inclusive essa nossa conversa. Criada e controlada por alguém. É preciso cautela. Desde antes da grande pandemia que a tecnologia tem dado saltos inimagináveis em direção ao controle psíquico da sociedade. São muitas ferramentas utilizadas a partir das chamadas IAs. Atualmente então, estamos ferrados! Já somos fluxos binários intermitentes. Obsoletos. Talvez sejamos parte da narrativa de alguém que não sabemos nada a respeito. Talvez estejamos vigiados agora, nesse instante, por pessoas que não sabemos nada a respeito e que mesmo quem criou essa nossa narrativa não saiba nada a respeito. Pessoas em outras dimensões que talvez nos observem por plataformas audiovisuais on-line, cada um de suas casas, ávidos por certezas sobre quem nem conhece ou sabe a respeito. E mais ainda: imagine só se, por um acaso, formos apenas personagens aleatórios nas descrições desses vídeos ou organizados em um universo ficcional aleatório! Personagens que, a princípio, nada tem a ver com o vídeo veiculado. Esse é o absurdo da vida, do universo, da existência. Podemos não ter nada a ver com o 'vídeo veiculado', Valdez!!! Mas, de alguma forma, existimos e precisamos resistir contra o obscurantismo.

Talvez, mesmo nessas condições, possamos fazer algum sentido e mudar um pouco a vida de alguém a partir da nossa própria existência. É isso! É tudo sobre a vida! A nossa vida! A nossa imaginação! Imaginação também é vida! A imaginação é que transfigura o mundo! Por isso eles nos perseguem, porque vivemos! Porque imaginamos! Mas muita calma nessa hora. É preciso ter cautela, pra que não nos notem. Por falar nisso, preciso ir! Já estamos conversando por tempo demais e pra eles tempo é dinheiro. E dinheiro é vida pra aqueles que não sonham. É tudo o que alimenta a existência sombria desses canalhas. Um grande beijo, meu amigo, e até a próxima aventura! Nos veremos em breve! E lembre-se: Somos Cidadãos! Nem mais, nem menos!

(Trecho citado nos diários de quarentena do personagem F. Valdez como sendo a última conversa onírica entre ele e Aila, antes de seu desaparecimento. Porém, também não há muita certeza sobre isso. MekHanTropia, Ano Zero).



Figura 16 - "Black Mirror (ce n'est pas un mirroir)". Fotografia digital. Fredé CF. 2021.

Destarte, uma questão, um problema, uma famigerada questão-problema que aqui coloco faz alusão à obra “La trahison des images”, de René Magritte: “Isso é uma tese?” Ou uma obra de representação de experiências fenomenológicas minhas projetada em uma nova dimensão? Esse trabalho promove o autoconhecimento? Uma coisa eu sei: eu me vejo nele e através dele (por isso a escolha poética do papel laminado na capa, como um espelho que me reflete e reflete o sistema seco em que estamos todos). E, sobretudo, eu duvido. E a partir da dúvida, à luz de Sócrates, Descartes, Kant, Flusser, Jung, Fernando Pessoa, José Mojica Marins e tantos outros, esse trabalho é criado como parte integrante dessa jornada infinita de autoconsciência que mergulho. Autoconsciência de que nada sei e, portanto, duvido e sigo duvidando, mas sem deixar de refletir a respeito criando, como e por onde der pra criar. Tentando nadar contra a destruição mekHanTrópica à qual estou inserido.

Penso que tais questões colocadas são inerentes à obra como um todo e que, justamente daí, saem as problematizações sobre os temas levantados. Por isso que vejo esse universo ficcional como “onírico” e “transmídia”, pois a vida é assim imersa no caos do qual extraímos significações e tentamos organizar mentalmente de maneira a significar algo, mesmo que em essência não seja bem aquilo que estamos acostumados enquanto padrão por diversos motivos que aqui tento desvendar. Mesmo que em essência o resultado final saia completamente diferente do que foi pensado inicialmente. E assim prossigo criando. Tentando fruir a vida pela arte e a arte pela vida em meio à MekHanTropia. Traçando caminhos por entre as teorias e práticas aqui exercidas, que me abrem brechas para entender como funciono e como o mundo se abre aos meus sentidos a partir de conceitos projetados por algo de mim no mundo, na existência. Um espelho que construo com obsidiana digital metaforizado pelas telas digitais para me proteger do que quero e me mostrar aspectos meus, muitas vezes, criticados ou negados dentro e fora de mim por mim mesmo.

Um carro antracite estaciona. Fritz Valdez se ajeita na cadeira. Solto. Numa outra versão. Descontração. Um lobo sozinho na trincheira. Desconectado do algoritmo. Diferente daqueles aprisionados. Livre, na medida do possível. Relaxado. No som, “Bela Lugosi is dead”. No ar vibra a gentileza do viver. No copo o fim de uma cerveja. Antes gelada. Sobre a mesa. O oposto do que surge

na calçada. Quente. Linda. Levemente desconfiada. Vem andando. Procurando. Desbravando seus próprios caminhos. Mesmo sem saber bem o que irá encontrar. Como uma leoa ferida estabelecendo o comando sobre o que cria.
Contato!
És real?
És virtual?
Totens.
Para além do digital.
Ancestral.
Valdez salta do anonimato. Atravessa a rua sorrindo. Calado. Sua testa sua. Seu bafo maltado. Disfarça para não pôr tudo a perder. No cenário há um cinema. Um boteco. Um poema. Daqueles que só um domingo meio gótico pode ter. Um ambiente perfeito para o fim do pesadelo (ou do mundo) que há pouco preenchia seus devaneios. Sua razão de ser. Ela ajeita os óculos. Seus olhos brilham. Seu corpo esquenta. E então sorri. Seus lábios dizem: "Fritz, é você?" Valdez, levemente desconcertado balbucia o belo nome daquela linda mulher: "Lunna". E a elogia, como não podia deixar de ser.
Na potência do acaso. Sem saber bem o que fazer. Arrebatado pelo entrelaço dos olhares amalgamados. Valdez lhe deu um tímido abraço. Um aceno discreto. Aprazível. Um sorriso de lado. Em um gesto educado. Convidou-a para se sentar e beber. Ajudou-a a se mover. Então, já acomodados. Num papo desembaraçado. Despreocupado. Desemperrado. Um reconhecer.
("Tecelões Oníricos do Absurdo". Relatos de Depois do Futuro em MekHanTropia).

A experiência de escrever essa tese-criação e cursar esse doutorado me trouxe muitas dores e delícias. Me senti por muitas vezes perdido e pressionado sobre o que acreditava ser eu mesmo e acredito que isso é refletido em minha escrita, por vezes, labiríntica (assim como minhas criações). Portanto peço que, ao entrar em contato com esse trabalho, olhe bem aos espelhos expostos no sentido de refletir por perspectivas (a *priori* minhas) acerca de você mesmo, não com certezas, lamentos, enquadramentos ou julgamentos, mas consciência sobre o que te faz único nesse mundo, sua essência existencial. Talvez esse seja o objetivo primordial deste trabalho: desvendar mundos e despertar realidades únicas possíveis pela arte em meio ao espectro tido como normalizado em nossa sociedade. Por isso observo e questiono: "certa vez, ao abrir os olhos, não percebi que estava sonhando. Estava sonhando?"

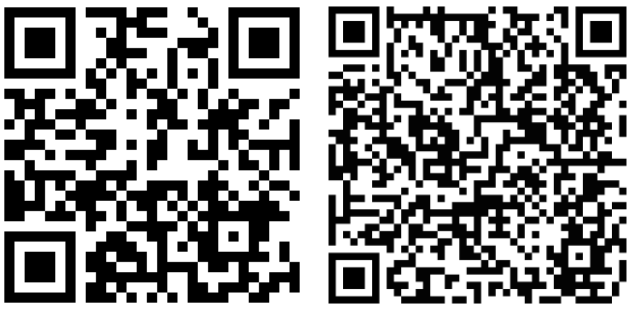
Era uma vez um sonho
Não queria acordar
Mas era preciso
Levantar do coma

Voltar à vida
Integrar o sistema
Sem escapar dos poemas
Dentro do pomar
Desenfeitiçado
Mas ainda encantado
Transbinário
Como uma onda
Mesmo antes de se formar
Já faz parte do mar
Sem medo de morrer
Pra viver
Sem medo de ser
Pra estar
Por amor a quem se é
Abraça a dor que sempre está
Joy de vivre
Escolher algo pra lutar
Sem se perder no tempo
Em movimento
Sentir o momento
Espaço
Sem se envenenar
Reconhecer ilusões
Mais perto de si
Com as armas disponíveis
Sonhar
Mesmo depois de acordar
Observar os sinais
Mas não os procurar
Em silêncio
Se pode ver mais.
["Sinais do silêncio (Entre ser e estar)". Fredé CF, 2023].

O universo caótico que essa tese-criação aloca permite a fruição por diversas formas, como a leitura linear e acadêmica da tese, mas também uma leitura expandida (não menos vigorosa), adentrando por links, hashtags, imagens,

QRcodes, reflexões, poemas, contos, teorias etc. colocadas sobre o que entendo ser a MekHanTropia e apresento. Esse fator essencialmente enigmático e transmidiático no centro do trabalho me indica um caminho possível de aproximação a um jogo no qual o personagem principal é quem frui em diálogo comigo de alguma forma, com minhas questões e perspectivas expostas.

Ocasionalmente, as narrativas “ficcionais” se misturam à pesquisa e as teorias utilizadas, formando também uma ambientação no sistema de MekHanTropia, no qual não há mais distinções nem linearidade entre as realidades que o compõem. Tento aqui algo parecido enquanto fruição narrativa fragmentada. Um jogo que não traz a intenção de haver vencedor, perdedor nem ponto de chegada, mas sim possibilidades de experimentação, de expansão e de provocação de potencialidades de quem fruir para também criar seus próprios mundos e universos a partir de si mesmo, de maneira anti-mekHanTrópica apesar de estar inserido na MekHanTropia que nos rege.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Espero que esse trabalho possa permitir um olhar sobre os sonhos pelas luzes e sombras indissociáveis a essa condição humana que todos temos. Que possa instigar a enxergar que, em um mundo tão acelerado e competitivo como o que vivemos, ainda podemos ter para nós mesmos tempos, espaços e desejos de transcendência sobre o que (achamos que) somos ou o que tentam nos fazer acreditar ser, ou seja, ao que é imposto pelo *status quo* mercadológico. Como disse anteriormente, já estamos cotidianamente inseridos nesse universo caótico metafórico, pois a MekHanTropia já se faz presente sobre nós. Assim, esta tese-criação é parte do universo de MekHanTropia e vice-versa, em uma metalinguagem absurda fractal que transcende dimensões e realidades. Me

serve, porém, narrativamente como uma tentativa de abertura poética do código-fonte do sistema pelo personagem que represento nesse jogo, remetendo à um RPG (*role-playing game*) aberto aos moldes talvez de um folhetim, como um "software livre".

De acordo com Sonia Rodrigues (2004, p. 54), "o folhetim se aproxima do RPG norte-americano, especialmente de *Vampiro, a máscara*, pela escolha dos temas e pela forma como estes são tratados. Tradicionalmente, o folhetim francês, pai de todos, mistura ficção com dados históricos."

'Life is crazy'. No som, Iggy agora grita. Na calçada. Um reencontro poderoso acontece. Sincero. Visceral. Leve. Agnóstico. Alguns crentes dizem ser astral. Outros julgam imoral. Para eles não importa. O tempo passa sem sentir. Sem mentir. O tempo, como dito, é poder. Não se pode esquecer. Não se pode matar o tempo. Passa sem perdão. E sempre acaba em solidão. Consigo mesmo. Vivo ou no frio da tumba. Silenciosa. Obscura. Na lixeira ilusória da simulação. Mas não ali. Havia o fator presente. Latente. Potente. Vivido. Validado. Real. Seres envolvidos de forma inocente. Inconsequente. Visceral. Uma noite quente. Que poderia ferver. Supitar! Então se beijaram. Se abraçaram. Acariciaram. Alheios ao fato. De que querer nem sempre é poder. Pois ali podiam. Tinham o tempo a favor. Nesse buraco que escondia. Passagens secretas. Conexões impossíveis de prever. Ramificações rizomáticas de um real querer. Túneis de prazer. Amor. Lazer.

É curioso...o tempo é representado em você que me lê. Em mim. Em Valdez. Em tudo o que podemos perceber. Mas não em Lunna. Ela é atemporal. Fritz tardou a perceber isso. Assim, adentraram. Pelo cosmos perpetuaram. Penetraram-se. No espaço abstrato do vazio. Inseridos em poética. Estética. Erotismo. Tesão. Sem fanatismos. Sem binarismos ou maniqueísmos. Sem tabus. Sem religião. Desligaram-se do tempo e do espaço em função do querer. Fruição. Nada mais os atingia. O agora sem razão. Nada mais havia. Só emoção. Naquelas salas frias. O calor de seus corpos fez vir belo o amanhecer.

Vibrante. Delirante. Extasiante fenômeno que ninguém podia crer. Valdez se imaginava em um delírio. Um feitiço. Um desvario. 'Como pode tudo isso acontecer?', pensava excitado. Incrédulo. Incontrolável. Afogado na pele quente daquela deusa que acabara de reencontrar. Não podia perceber. Que estava preso em um roteiro mekHanTrópico. Um conto. Um filme. Um devaneio de alguém que tentava dar ordem ao seu caos. Sem livre-arbítrio. Talvez fruto da IA. A mesma que rege MekHanTropia. A mesma que em outros instantes quis o prender. A mesma que aqui está a te narrar. Junto comigo. O narrador oculto. "Será que tudo isso faz parte do sistema? Será que é tudo simulação?", pensou Valdez. E então mergulhou. Se entregou. Pois viu que dali em diante o importante era viver. No instante. Até se libertar. Tremer, gozar, urrar, uivar. Ancestral! Animal! Natural! Lunna o olhava com encanto ali deitado. Com um sorriso de lado. Corpos suados. O sol entrando forte pelo quarto. Sua voz ecoando na mente dele... até se perder no silêncio.

(“Tecelões Oníricos do Absurdo”. Relatos de Depois do Futuro em MekHanTropia).

Durante todo o processo de realização desse trabalho, percebi que muito do que tanto critico também me torno. Como a frase nietzschiana acerca do olhar aos abismos e nos tornarmos, assim por tanto olhar, também abismos. Tive momentos graves de perdição e negação de mim mesmo dentro da MekHanTropia. E sigo com esses resquícios. Meio enlouquecido. Andando em círculos, perdido, deprimido, ansioso, vendido e cooptado muitas vezes pelos maniqueísmos que me circundam e integram. Um vazio atormentador que tento abraçar e transmutar em arte constantemente pelas pesquisas inerentes a este ofício. Talvez por isso tenha criado tantas obras nesse universo ficcional que considero como um documentário controverso sobre parte de minha essência disfarçado de ficção. É importante colocar que a criação de obras poéticas e acadêmicas nesse universo continua, assim como a vida, mesmo após o fechamento desse ciclo de doutoramento. Em MekHanTropia. Te convido então para fazer parte desse processo com seus próprios monstros e, se te apetecer, pensar sobre o universo de MekHanTropia como ambientação para seus jogos subjetivos.

0.6. Quem joga o jogo?

“Tudo que você tem não é seu
Tudo que você guardar
Não lhe pertence nem nunca lhe pertencerá
Tudo que você tem não é seu
Tudo que você guardar
Pertence ao tempo que tudo transformará

Só é seu aquilo que você dá

E o beijo que você deu é seu, é seu, é seu”

(Lampirônicos)

Estar é Ser, e isso é mais forte que Ter. É hora de despertar para os sonhos, Valdez. Nada que você imagina é o que é. Tudo talvez seja o que não é. Enquanto você não for, em sua mente, mais silêncio que ruído, não irá se libertar. Aquele silêncio em que se ouve, sente e vê tudo com atenção. O silêncio dos sonhos, da criação...um silêncio sem culpa. É pela culpa, pelo medo e pelo desejo que eles nos pegam e nos prendem ao tempo. Ninguém sabe o que o calado quer. Você é uma mentira, Valdez! Todos somos. Idiotas adictos de dor e desejo. O poder é ilusório. Essa felicidade vendida é ilusória. Fazemos tudo pra fugir da dor e tudo para alcançar desejos. Desejos fugazes. Dores nem tanto. Automutilação! É isso que nos prende. A mais terrível armadilha humana: memórias que insistem em não se calar. Trazem de volta um passado tentando-o mudar pra ter conforto. Uma ilusão de poder controlar algo pra sustentar esse vício em dor e desejo. Todos os desejos e dores acabarão no esquecimento, como os de qualquer um. O único poder real é viver e curtir o AGORA! Mergulhar na alegria ou na tristeza! Sentir com força e potência o instante decisivo. É a pausa em meio ao tsunami hiperinformacional, sem se comparar a ninguém. Preste atenção à sua respiração. Foi a primeira e será a última coisa que você terá. É o que você ainda tem agora!

(Conversa transbinária entre Aila e Valdez. MekHanTropia, Ano Zero).

Neste trabalho tento provocar novas possibilidades de leitura e percepção sobre o que crio e apresento, para que assim possa mexer em significações dadas pela percepção, memória e imaginação de cada um que o lê em diálogo com reflexões contidas dentro de MekHanTropia. Portanto, um olhar para dentro e uma possível linearidade narrativa subjetiva advém de um direcionamento possibilitado tanto pela leitura "linear/teleológica" (digamos assim) dessa tese-criação, quanto da utilização deste espaço como um jogo, uma brincadeira, um processo transmidiático que pode causar transbordamentos e tomar rumos variados a partir das imagens, poemas, links, contos, diálogos e QR Codes[9] contidos. Essa tese também pode ser considerada como uma tese-criação, como já dito, por ser uma espécie de manual-relatório aberto sobre o universo de

[9] A palavra "QR Code" significa "*Quick Response Code* (código de resposta rápida)" e é um código que pode ser lido através de escaneamento, revelando informações codificadas contidas nele.

MekHanTropia, desvendando intencionalidades poéticas que tive, pensei e pesquisei no decorrer de sua criação.



Figura 17 - Dados mekHanTrópicos (mekHanTropic dices).

Anexo aqui sete dados para serem utilizados de forma livre durante a leitura, como uma ferramenta de aleatoriedade em tomadas de decisão e em momentos de teste ou de combate, caso haja a intenção de transformar e mergulhar nesse universo proposto como em um jogo ou aventura. O meu intuito com isso é de incentivar a criação de novas narrativas subjetivas e randômicas (na medida do possível) a partir dessa estrutura onírica e fragmentada transmidiáticamente que apresento e detalho nessa escrita. Desta forma, os dados são nesse universo um artefato mágicko caótico que pode auxiliar para desvendar caminhos de fruição anti-mekHanTrópica. A pirataria é aqui incentivada para futuras narrativas, uma vez que é uma forma de desenvolver de maneira livre futuras jornadas anti-mekHanTrópicas, como coloca Sonia Rodrigues (2004):

> No RPG, a 'pilhagem narrativa' é uma constante. Temas, histórias, enredos, personagens, clichês, estratégias de livros, filmes, quadrinhos, a 'pirataria' é livre para desenvolver narrativas no jogo. (...) Tal prática é inevitável no RPG, jogo de massa, ficção produzida por não profissionais. Poder-se-ia até dizer que é um 'carnaval narrativo', colcha de retalhos advindo de várias mídias. Por que não tomar de empréstimo bons resultados alheios? (RODRIGUES, 2004, p.55).

Todavia, essa tese-criação não se enquadra (ainda) completamente nem como um "folhetim" nem como um "RPG", pelo fato de que o objetivo é simplesmente a sua fruição artística e, se apetecer, um olhar reflexivo para dentro de si (como

um espelho obscuro) e para as próprias questões de quem frui esse universo. Ao contrário dessas outras formas narrativas citadas que, geralmente, reivindicam um desfecho, uma recompensa, uma intriga amorosa, bélica ou algo assim.

> Uma diferença importante entre o folhetim e o RPG é o final, o objetivo da narrativa, para onde ela é conduzida. O folhetim é uma narrativa de amor ou amor e combate. No RPG, em geral, o(s) herói(s) parte(m) de uma carência ou dano e termina(m) com recompensa, obtenção do objeto procurado, reparação ou salvamento de uma perseguição. (RODRIGUES, 2004, p. 56).

Em MekHanTropia não há um final definido ou pretendido, mas apenas fluxo. Pelo fluxo e fruição artística busca-se o acesso ao "agora". O fluxo transmidiático é constante e a intriga é existencial entre o sujeito e o sistema mekHanTrópico que nos envolve a partir das variadas criações artísticas. Assim, talvez MekHanTropia beba um pouco na fonte desses dois formatos, além de se expandir também para outras possibilidades de existência para "fora das caixinhas" mercadológicas.

> No folhetim, conhecemos as personagens e suas principais características, mas desconhecemos suas motivações e partes do enredo que esclareceriam suas ações. A presença de um passado misterioso é elemento essencial da intriga. Algumas personagens parecem não ter relação entre si; narrativas paralelas é que, aos poucos, vão dando pistas de quem é quem, como e por que as ações acontecem. Cartas, confissões, revelações naturais ou mágicas são os recursos no folhetim para possibilitar o reconhecimento e deslindar o mistério final, sempre com a montagem paulatina e cheio de desvios do quebra-cabeça narrativo" (RODRIGUES, 2004, p. 56).

Penso nessa tese-criação como uma espécie de jogo caótico com cara de folhetim, aos moldes dos livros-jogos da coleção "Enrola & Desenrola" da Ediouro e da série "Aventuras Fantásticas" de Ian Livingstone, que eu lia e brincava quando criança. Repleta de (hiper)links transmidiáticos e caminhos possíveis a serem decifrados e cruzados, a escrita da tese também integra a teia hipermidiática de MekHanTropia sendo, por si só, um elo desse universo que transcende a ideia linear teleológica de narração e me coloca em contato direto com o universo que crio de maneira dispersa. Uma obra conceitual experimental de revelação, fricção, projeção, dispersão, conexão e intersecção artística mútua, integradora do meu universo ficcional com outros universos múltiplos que são aqui contactados.

Ao contrário de jogos tradicionais, a utilização dos dados aqui é opcional, podendo ser facilmente substituída por qualquer outro artifício de aleatoriedade ou, simplesmente, pela intuição do fruidor desse universo. Os dados escolhidos que acompanham essa tese-criação de forma, digamos, "oficial", são os que eu mais utilizava em jogos de mesa de RPG que jogava: 1 dado de 20 faces (d20); 1 dado de 12 faces (d12); 1 dado de 10 faces (d10); 1 dado de 8 faces (d8); 1 dado de 6 faces (d6); 1 dado de 4 faces (d4) e 1 dado de 100 (d100), sendo que este também contém 10 faces como o d10, porém com algarismos de dezenas cravadas em cada uma delas ao invés de unidades.

Silêncio.
(Se é que isso é possível...)
E então voltaram. E se amaram. Como um eco. Uma sombra. Simulacro. Simulação. Transbordaram para outras realidades. Outras culturas. Direções. Outras ilusões. "Quero ir ao mundo inteiro com você", ele dizia. Ela apenas sorria. Parecia saber de coisas que ele não sabia. Não tinha acesso. Informação restrita. Quais eram os caminhos de escape? Os caminhos da estepe? Transmutar! Transcender! Sem enlouquecer? Sem botar tudo a perder? Então, como um suspiro, ou um bocejo tardio. Num segundo ou fração. Lunna sumiu. Desapareceu. Sem deixar qualquer índice ou sinal. Simplesmente se foi. Escafedeu-se. E Valdez pirou. Pois se envolveu. Até mais do que podia imaginar. Cedeu. Apegou-se. Se viciou no uivo mágicko ao luar. Procurou por entre selvas e mares. Igrejas e bares. Até que percebeu. Naquela realidade não havia mais lugares. Só o tempo que ali já se perdeu.
Ao voltar a si, solitário. Ensimesmado. Cabisbaixo. Numa esquina parado. Distraído. Lhe fitava o Cão Breu. Com seus olhos em chamas. Seus pelos em sombras. Revelou aquilo que ele mesmo esqueceu. É para dentro que se olha. Onde mora sua história. No fundo da alma. Sobre o brilho do amor. Do luar. Lá que habita a razão de ser e estar. É lá que se baila. Experimentar. Existir. De dentro pra fora. Percepção. Imaginação. Memória. De toda lembrança desabrocha uma flor. Mesmo estando cercado de gelo. Desamor. Em um mundo simulado. Ainda se sente dor. Mas também prazer. Alegria. Pertencimento.
("Tecelões Oníricos do Absurdo". Relatos de Depois do Futuro em MekHanTropia).

Como exposto, os dados são opcionais e dispensáveis enquanto operacionalidade, porém guardam uma intencionalidade poética na obra. Os dados, de cor roxa e números amarelos, são guardados em um porta-dados de tecido aveludado de cor vinho. A escolha dessas cores se deu em função das cores utilizadas na capa e identidade visual do álbum "MekHanTropia", no intuito de tecer ligação estética com a obra, e o porta-dados de tecido aveludado para dar um ar de mistério e magia ao artefato.

Além disso, os dados aparecem no curta-metragem que compõe meu universo intitulado como *O Cão Breu anda de noite (The Black Dog walks at night)*. Neste curta-metragem, os dados são apresentados como elemento narrativo que instiga o protagonista e o transporta a um mundo onírico psicodélico quando jogados, provocando um olhar para dentro de si e um possível caminho de fuga do sistema institucionalizado de MekHanTropia. Para representar o sistema instituído nessa realidade que chamo de MekHanTropia, essa tese é apresentada em certo nível de maneira linear e adequada aos padrões institucionalizados, cabendo a cada um que a lê buscar por caminhos de escape a esses padrões por meio de passagens secretas contidas em seus percursos.

Reitero que essa é a minha perspectiva momentânea dos fatos que me circundam aqui em MekHanTropia, uma vez que, como tudo que me rodeia e envolve, estou em constante transformação. Fluxo orgânico em meio a fluxos digitais. MekHanTrópicos. Transmutacionais. Eu, Fredé CF, desejo a todas, todos e todes que aqui adentrarem uma ótima jornada e muito cuidado com a hipervigilância, hipercopetitividade e hiperexposição, estratégias elementares de cooptação e padronização mekHanTrópica.

Valdez por um momento hesitou. Então, olhou de lado. Bisbilhotou. Em outro tempo e espaço. Suspirou. No fundo do que ainda lhe restava de humano, de bicho, animal, ele sabia que ser normal num mundo assim é pedir para sofrer. É concordar com a distopia. Hipocrisia. É, na própria vida, morrer.
Valdez respirou fundo e seguiu sua jornada. Com um pé na estrada e o outro nas nuvens. Em uma corrutela. Em frente ao cinema, agitada. Uma mulher lhe chamou pela fresta. Por entre as cortinas. Daquela dimensão passada. Paralela. No espaço. Que o tempo esqueceu. Ela voltou. Era ela! Talvez Aila. Outrora, Lunna. Agora, Gaia, conforme se apresentou. Valdez, an4st4siado, indagou: "minha querida, se os buracos é você quem abre, pra onde foi que me levou?"
Seus lábios se moviam lentamente: "Vamos ao vento, meu amor...dar tempo ao tempo...ao sul do mundo nos esconder pra viver."
Antes que pudesse responder. Em menos de um segundo. O cabo de energia que mantinha tudo ligado estourou. O mundo todo se apagou. Depois do futuro se iniciou. Um outro sistema. Outros dogmas. Outros poemas. Outros problemas. Com dores e delícias diferentes. Onde começou? Quando? Restos de nada...foi só o que sobrou após a queda. Compressão. Expansão. Big-Bang. Ciclos intermináveis. Padrão. MekHanTropia? Ninguém se lembra mais. Insignificante. Ficou para trás. Pro lado? Pra frente? Tanto faz. Jamais. Aqui jaz. Aqui Jazz...Tocado por infinitas inteligências artificiais. Prazer, até (nunca) mais!

(“Tecelões Oníricos do Absurdo”. Relatos de Depois do Futuro em MekHanTropia).

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.



Figura 18 - “Ninguém sabe o que o calado quer (XI – A Força)”. Tarot MekHanTrópico. Imagem feita com promptismo em IA. Fredé CF, 2022.

Já levemente transmutado, porém um pouco desconfiado, O Acimador inicia seu relato acerca de como procedeu, de fato, na criação dos padrões de MekHanTropia. Meio angustiado, tenta se livrar do fardo de ser um responsável por tal situação expondo informações sigilosas no intuito de contribuir com a revolução. Por enquanto, adentra como foram as preparações para essa criação.

1. (CAPÍTULO 1) EXPERIMENTAÇÕES E PROJEÇÕES: UM OLHAR SOBRE MINHAS ORIGENS E ANCESTRALIDADES

"Deixai que os fatos sejam fatos naturalmente
Sem que sejam forjados para acontecer
Deixai que os olhos vejam os pequenos detalhes lentamente
Deixai que as coisas que lhe circundam
Estejam sempre inertes como móveis inofensivos
Para lhe servir quando for preciso
E nunca lhe causar danos
Sejam eles morais físicos ou psicológicos "
(Chico Science & Nação Zumbi)

Espírito
Fechado!
Mesmo aberto ao acaso
Corpo transmutado
Da lua, do mato
Do c(h)ão
Do fogo
Cerrado
Asfalto molhado
Arco
Flecha
Dente
Jacaré, tubarão
Espelho negro esfumaçado

Prata e sal
Grosso
Oração, intenção
Alma
Liberta!
Sem espaço
Pro olho inflado
Bate
Volta
Desvia o mau olhado
Desbaratado
Sem nenhum contato
Expulso
Desaparece
Na mesma intensidade
E instante
Que o recado é dado
Carranca
Encantado
Que as armas despedacem
Antes de chegar ao fim
Que não vejam
Que não sintam
Que não toquem
Que não tramem
Que não alcancem
Que não se lancem
Que não façam qualquer tipo de mal
Apenas fluam
E se dissipem
Desfaça!
Em meio ao caos
No espaço sideral
Sob o uivo ecoado
Aqui jaz(z)!
Aqui paz!
Assim está!

Assim é!
["Escudo cósmico transdimensional". Fredé CF, 2023].

1.1. Adentrando os labirintos transmidiáticos

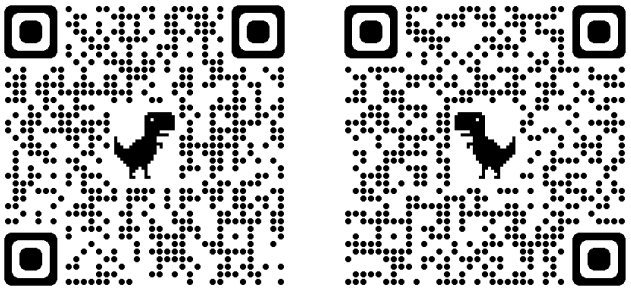
"O que
Não
É
O que
Não
Pode
Ser que
Não é
O que
Não pode
Ser que não é
O que
Não pode ser
Que não
É
O que
Não
Pode ser
Que não
É"
(Titãs)

Começo essa narrativa f(r)iccional auto(etno)biográfica, sobre minha produção artística como pesquisa e, vice-versa, sobre minha pesquisa como produção artística, a partir de memórias acerca de quando e de onde venho, pensando sobre como absorvi alguns aspectos que hoje ecoam em minhas criações. Penso que o ato de pesquisar está intrínseco às produções artísticas de forma geral e utilizam também constantemente os repertórios de vida do artista como direcionamentos poéticos.

É na memória que residem as mais variadas histórias – vividas, sentidas e imaginadas –, se mesclando entre si sempre que acessadas e contadas a nós mesmos e aos outros. É ali também que se dão as inúmeras possibilidades subjetivas de mundos, de repertório, de vida, de registro, de documentação, de ficção, de linguagem, de autoconhecimento, de reflexão. Imbricamentos magníficos de galáxias múltiplas que se entrecruzam pelos campos do saber e do fazer. A memória nos acompanha fielmente, junto à percepção e a imaginação, moldando nossas realidades em contato com outras, sejam elas conscientes ou inconscientes, individuais ou coletivas, micro ou macrocósmica. Sem esses elementos se apagam as (re)existências, se esvaem as histórias, se dissolvem os sonhos, compromete-se o pensamento.

> Por ser cumulativo e combinatorial, o banco de memórias autobiográficas torna-se incrivelmente vasto com o tempo, mas apenas uma ínfima fração dessas memórias ocupa a consciência a cada instante. Continuamente requisitadas pelo ego e pelo superego, as memórias montam conglomerados de formações psíquicas transitoriamente animadas, a cada instante, pela atividade de um grupo seleto de neurônios. Entretanto, seria na quietude da maioria da população neuronal que residiria, de forma latente e duradoura, a totalidade dos pensamentos possíveis, fruto não apenas de todas as memórias adquiridas ao longo da vida, mas também de todas suas recombinações possíveis. Foi esse oceano de representações mentais que Freud batizou de inconsciente, identificando o sonho como via régia para acessá-lo (RIBEIRO, 2019, p. 29).

De acordo com a citação acima de Sidarta Ribeiro, em sua obra *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho* (2019), as memórias alocadas no cérebro, diferentemente de um computador, não funcionam de maneira programática e criam conexões infinitas (e muitas vezes absurdas) entre si, sendo que os sonhos servem como uma espécie de esboço probabilístico de elementos que constituem nossas subjetividades, podendo nos abrir caminhos para uma maior compreensão sobre nós mesmos.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Segundo o autor, as narrativas oníricas podem ser um portal de acesso a questões que permeiam nosso inconsciente e que, consequentemente, desconhecemos e estranhamos sobre nós mesmos. A partir dessas narrativas, podemos obter uma maior compreensão sobre quem somos e como agimos de forma consciente, em vigília. Os sonhos nos permitem acessar diferentes e fantásticas dimensões espaço-temporais, emergindo questões essenciais de nossa existência e influenciando em nossas ações presentes a partir de memórias do passado e projetando simulações para o futuro.

Sidarta Ribeiro (2019) coloca que:

> o sonho é um simulacro da realidade feito de fragmentos de memórias. Dele participamos normalmente como protagonistas, o que não significa que tenhamos controle sobre a sucessão de eventos que perfazem o enredo onírico. Por atuarmos nele sem conhecer seu roteiro ou direção, muitas vezes experimentamos surpresa e até mesmo euforia durante o sonho. Da mesma forma, é comum que o sonho encene situações de grande frustração ou decepção. (…) A lógica dos eventos é fluida e errática em comparação com a realidade (em vigília). A sucessão de imagens se caracteriza por descontinuidades e cortes abruptos que não experimentamos na vida desperta (…) revelando o poder de transmutação das representações mentais (RIBEIRO, 2019, p. 14).

Dessas ideias de fragmentações e transmutações oníricas narrativas, bem como da introspecção subjetiva, que acesso e ressignifico aspectos pessoais meus artisticamente, vislumbrando narrativas estabelecidas pela capilaridade poética transmidiática de representação em meu universo ficcional no sentido de buscar caminhos para me entender fora dos padrões mekHanTrópicos aos quais estou submetido. Assim, lanço questões minhas projetadas e potencializadas em uma realidade imaginada onde o sono é uma das últimas zonas de resistência ao sistema justamente por ser esse portal de acesso à subjetividade e fruição de uma vida mais autêntica.

Através dos personagens, ações, objetivos e obstáculos das tramas tecidas em diferentes meios, processos e linguagens, atuo em minha própria transmutação por diversos olhares sobre mim mesmo. A criação em diversas linguagens e frentes trensmidiáticas me força a estar sempre experimentando as sintaxes das linguagens envolvidas e pensa-las de maneira conectiva entre as obras e disruptiva sobre os padrões socioculturais, aprendendo a lidar com as técnicas através da minha experimentação artística sobre elas, de maneira prática, empírica, intuitiva e pesquisando constantemente por formas de lidar com tais representações, como, por exemplo, aprender a utilizar os aplicativos de edição de imagens; trabalhar com redes neurais/IA; testar e praticar técnicas de fotografia, de vídeo, de poesia, de escrita de contos, de produção musical; de desenho; programar animações audiovisuais em promptismo; criar games etc.

Tento, sobretudo, por esse universo pensar e dar forma a questões oriundas de meu inconsciente pelo meio que achar mais adequado, para um maior autoconhecimento e integração de sombras que me pertencem. Desta forma, lanço luz nessas áreas desconhecidas de mim mesmo em contato com o recorte

contextual que estou inserido e projeto tais questões para fora pelo universo de MekHanTropia, mesmo estando dentro da MekHanTropia que nos envolve.

Segundo Michel Foucault (1999),

> por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem (FOUCAULT, 1999, p. 24).

A realidade é complexa e, por mais que tentemos representá-la por diversas formas, nunca conseguiremos traduzi-la em sua totalidade pelas limitações linguísticas diante as experiências vividas. Todavia, podemos observar, por meio das diversas representações, aspectos relativos a como se dão as relações de (micro e macro) poder na sociedade. A partir das estruturas sintáxicas das linguagens representadas, somos invitados a olhar para nossas próprias relações de cooptação diante as artimanhas do sistema, com consciência de termos visões moldadas e influenciadas por determinadas ideologias e práticas socioculturais em algum nível, além de também exercermos certas “opressões”. A partir desse entendimento, pode-se ter um pensamento mais crítico em relação as maneiras como as linguagens e signos que nos circundam são conectados e nos tocam, para quem sabe tentarmos compreender melhor a gente mesmo e o mundo.



Figura 19 - "Prisão". Fotografia digital. Rosa Berardo. Asolo, 2014.

Tenho a consciência da impossibilidade de representação e acesso ao todo dessa parte obscura de minha psique, por isso deixo fluir naturalmente, pela arte, variados impulsos que porventura surgem e que, com o confinamento decorrente da pandemia de COVID-19, pude observar com maior clareza e trabalhar sobre eles.

O único poder real é viver e curtir o AGORA!
Mergulhar na alegria ou na tristeza!
Sentir com força e potência o instante decisivo.
A pausa em meio ao tsunami hiperinformacional sem se comparar a ninguém.
O que você tem feito com o seu tempo presente?
A sombra te assombra ou você brinca com ela?
Você mostra ou esconde os seus monstros?
O ressentimento apodrece e corrói.
Tentar viver plenamente é o desafio.
Fechem os olhos, por favor!
Apenas fechem os olhos por um instante.
(Diálogos entre Valdez, Aíla e O Acimador por diferentes tempos e espaços em MekHan Tropia)

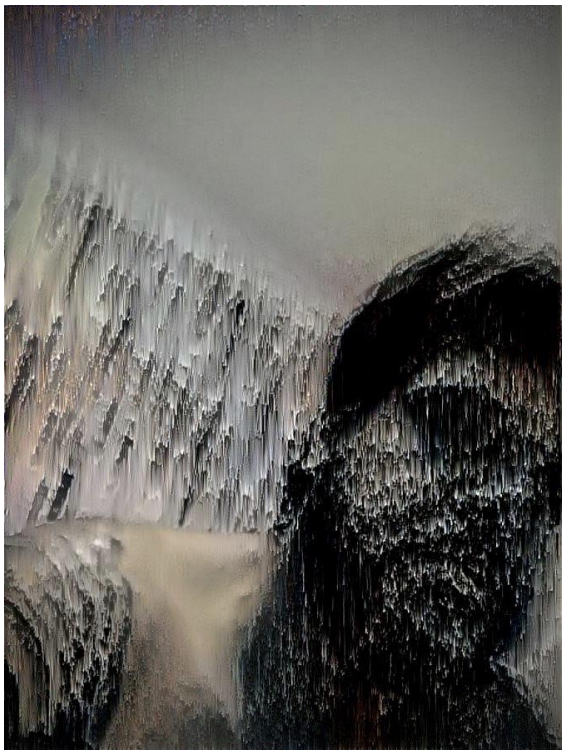


Figura 20 - "Coriza". Fotografia digital e finalização em Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

Esse processo como um todo foi intenso e me trouxe bastantes alegrias e prazer durante as criações artísticas e acadêmicas, mas também tristezas, crises, ansiedades, choro, insônia e, inevitavelmente, muito cansaço e esgotamento, principalmente pelo contexto pandêmico (suas causas e consequências) que foi envolvido e influenciou severamente essa criação e minha vida como um todo, resultando inclusive em uma separação de quase dez anos de relacionamento. Portanto, devido à incompletude de associações permeadas por desconexões, deslocamentos, incongruências, ficções e fricções de meu repertório (lincado à subjetividade de meu imaginário nessa situação), caminho em direção a experimentações artísticas que abrangem possibilidades estéticas e narrativas a partir do meu olhar e meu ser/estar no mundo durante esse momento tão único e turbulento de nossas histórias, não querendo ser melhor que ninguém (apenas melhor do que já fui) e tentando viver um dia de cada vez.

Não tenho intenções, com esse trabalho, de buscar ou explicitar “certezas”, “regras”, “caminhos” ou “verdades” absolutas, e, muito menos, “catequizar” quem quer que seja para determinado tipo de pensamento ou forma de pensar ou viver. Não cabe a mim determinar ou instituir, de maneira reducionista, o que é certo ou errado para cada um, muito pelo contrário. Se existe, em meu entendimento, alguma chave ou premissa básica para a felicidade, talvez seja a compreensão de que a existência é múltipla, caótica, transitória, incerta e totalmente instável, fora de nosso pleno controle frente o universo. Ninguém tem total domínio principalmente sobre si, devido às vicissitudes da psique humana e dos tempos e espaços que nos cercam e compõem. Por ser algo tão complexo – vislumbrarmos tal condição – sabe-se que, desde os primórdios até hoje em dia, a humanidade cria (e destrói) narrativas para tentar sobreviver dando algum sentido ao caos que nos habita.

Caro(a) leitor(a)/fruidor(a) desse documento anti-mekHan Trópico,
Organizo essa narrativa onírica, caótica e transmidiática também como uma tentativa intrínseca e não planejada de representação do déficit de atenção que trago comigo, como condição e auto-observação, desde a infância (sem laudo, uma vez que à época ainda não havia muito conhecimento sobre o assunto). Segundo o pesquisador Russell A. Barkley (2023, p. 5-6), “o TDAH é mais limitador para pacientes em áreas da vida adulta do que a maioria dos outros transtornos [de saúde mental]. (...)

Antes da década de 1980, o transtorno não era amplamente reconhecido pelos médicos." Essa hipotética condição ainda me gera muitas dúvidas e confusão sobre eu mesmo e as formas como ajo e lido com o mundo à minha volta, além de observar constantemente certo preconceito e falta de conhecimento e compreensão de muitos a respeito disso, causando alguns percalços na vida adulta aqui em MekHan Tropia, em especial pelas padronizações socioculturais constantemente impostas pelo sistema. Tento também me entender, pessoalmente, melhor acerca disso por meio da arte e dos estudos culturais estabelecidos enquanto representações poéticas codificadas, apesar de não querer me estender sobre isso, pois não é o foco central desse trabalho e nem ter a pretensão de (ou querer) me aprofundar ou diagnosticar por aqui em abordagens sobre esse assunto. Foi apenas um pensamento que me veio a partir de algumas leituras, terapia e ao escrever sobre os processos. Mais uma gaveta que insisto em abrir e, como tantas outras emperradas, não consigo fechar. Enfim, sigamos com os relatos que aqui me cabem. (Carta d'O Acimador para você. MekHan Tropia, Ano Zero).



Figura 21 - "Toque de Míd(i)as". Fotografia digital e IA. Fredé CF, 2020.

Christopher Vogler, acessa conceitos sobre os estudos dos arquétipos de Carl G. Jung e os estudos míticos de Joseph Campbell (2015). Segundo ele, no processo de nos tornarmos seres humanos mais integrados com nós mesmos, todos somos de certa forma heróis em nossas próprias vidas, enfrentando guardiões e monstros, e contando com a ajuda de diversos tipos de aliados durante o percurso.

Na busca de explorarmos a essência de nosso próprio "eu", Vogler afirma que todos nós encontramos professores, guias, demônios, deuses, companheiros, bodes expiatórios, mestres, sedutores, traidores, que são como aspectos da nossa personalidade ou personagens de nossos sonhos, ou seja, alegorias de caráter que, em certa medida, nos testam sobre nossas próprias idiossincrasias. Todos os vilões, pícaros, amantes, amigos e inimigos do herói (no caso, nós mesmos) podem ser encontrados dentro e fora de cada um de nós, em cada fase de nossa história e nos ajuda a entender melhor o que é ser humano.

Segundo Vogler (2015),

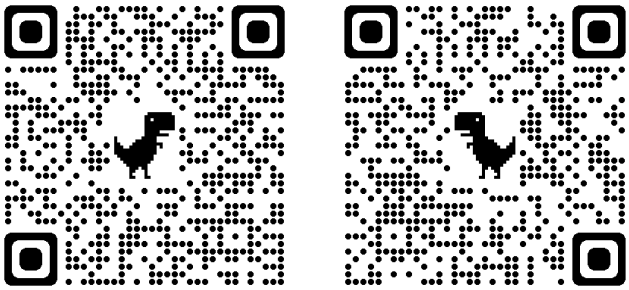
> a Jornada do Herói não é uma invenção, mas uma observação. É o reconhecimento de um belo modelo, um com princípios que regem a conduta da vida e do mundo das narrativas, da mesma forma que a física e a química governam o mundo físico. (…) A partir desse modelo, versões infinitas e extremamente variadas podem ser produzidas, cada qual reverberando o espírito essencial da forma (VOGLER, 2015, p. 16).

Para ele, as histórias, em suas diversas manifestações, nos convidam a investir nos personagens como alegorias de caráter, envolvendo partes de nossas próprias identidades ali representadas. Os heróis trazem qualidades, emoções e motivações universais (sob a ideia junguiana de *inconsciente coletivo*), as quais todos já tenham experimentado ao menos uma vez na vida e que, por conseguinte, nos caracterizam como humanos, como: amor, medo, vingança, raiva, desejo, competição, patriotismo, idealismo, cinismo, desespero, ansiedade, dúvida etc.

> Alguns artistas decidem evitar o pensamento sistemático, rejeitando todos os princípios, ideais, escolas de pensamento, teorias, modelos e esquemas. Para eles, a arte é um processo totalmente intuitivo que jamais pode ser dominado por meio de regras práticas e que não deve ser reduzido a fórmulas. E não estão errados. No íntimo de cada artista existe um lugar sagrado onde todas as regras são deixadas de lado ou esquecidas deliberadamente, e nada mais importa senão as escolhas

> instintivas do coração e da alma do artista. No entanto, esse também é um princípio, e quem afirma rejeitar princípios e teorias não consegue deixar de se comprometer com alguns deles: evitar fórmulas, desconfiar da ordem e dos modelos, resistir à lógica e à tradição… Artistas que seguem o princípio de rejeitar todas as formas são dependentes das formas. O frescor e o entusiasmo de suas obras vêm do contraste com a difusão de fórmulas e padrões na cultura. (VOGLER, 2015, p. 19-20)

Ainda segundo o autor (VOGLER, 2015, p. 21), “a jornada do herói deve ser usada (entendida) como uma forma, não uma fórmula; um ponto de referência e fonte de inspiração, não uma determinação ditatorial”. Nesse ponto concordo com ele, uma vez que cada narrativa, cada obra, tem suas próprias dinâmicas e intenções processuais. Penso que tais reflexões sobre formas e estruturas narrativas são importantes nesse trabalho que desenvolvo, mesmo não me atendo a elas de maneira dogmática, mas sim reflexiva, utilizando-as quando convém de acordo com o que proponho.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Ao melhor compreender esses princípios e teorias, busco por caminhos alternativos de experimentação com a intenção de escapar de imposições narrativas colonialistas, ou seja, do controle sobre minhas formas de contar histórias (e sobre a imaginação) por modelos pré-moldados instituídos pelo *status quo*. Não acredito que a “Jornada do Herói”, em si, seja um instrumento imperialista, mas uma ferramenta narrativa de construção que pode ser útil para refletir sobre questões típicas de onde habito e do que quero representar, elucidando e abarcando elementos únicos dos tempos e espaços que transito.

> Mais um perigo da linguagem e dos métodos padronizados é que as diferenças locais, as coisas que acrescentam sabor e tempero às jornadas a lugares distantes, são assoladas e suavizadas pelos mecanismos da produção em massa. Artistas ao redor do mundo servem de guardiões contra o ‘imperialismo cultural’, a exportação agressiva das técnicas narrativas de Hollywood e a supressão de uma

> coloração regional. Valores norte-americanos e premissas da sociedade ocidental ameaçam atenuar os sabores únicos de outras culturas. Muitos observadores pontuam que a cultura norte-americana está se tornando a cultura mundial (VOGLER, 2015, p. 21-22).

Todavia, esse é um aspecto importante a se pensar em minha premissa, ou seja, ponderar sobre como as narrativas (em especial as narrativas imperialistas) nos seduzem e induzem a operar socioculturalmente em função do sistema visando o mercado e o lucro, além de institucionalizar modelos sociais relacionados ao *American Way of Life*, onde a ideia de "sucesso" e "felicidade" estão associados ao "ter" cada vez mais. É isso, fundamentalmente, a MekHanTropia. Penso assim, pela ótica da Arte e da Cultura Visual, no fato de que a concepção de "sonho", além de remeter ao estado onírico, também se relaciona a aspectos vividos na vigília, associando-se narrativamente em nossa sociedade ao conceito de "desejo". Esses desejos geralmente estão, no mundo atual, ligados à ideais de felicidade, estabelecidos em grande parte pelo consumo, a serem alcançados, como coloca Sidarta Ribeiro (2019):

> Realizei 'o sonho da minha vida', 'meu sonho de consumo' são frases usadas cotidianamente pelas pessoas para dizer que pretendem ou conseguiram alcançar algo. (…) O repertório publicitário contemporâneo não tem dúvidas de que o sonho é a força motriz de nossos comportamentos, a motivação íntima de nossa ação exterior. Desejo é o sinônimo mais preciso da palavra 'sonho'. (…) A força do vínculo entre sonho e felicidade é impressionante. (…) os sonhos são como veleiros, capazes de levar-nos a lugares idílicos, perfeitos, altamente desejáveis. As equações 'sonho é igual a desejo que é igual a dinheiro' têm como variável oculta a liberdade de ir, ser e principalmente ter, liberdade que até os mais miseráveis podem experimentar no mundo de regras frouxas do sonho noturno, mas que no sonho diurno é privilégio apenas dos detentores de um mágico cartão de plástico. A rotina do trabalho diário e a falta de tempo para dormir e sonhar, que acometem a maioria dos trabalhadores, são cruciais para o mal-estar da civilização contemporânea (RIBEIRO, 2019, p. 19-20).

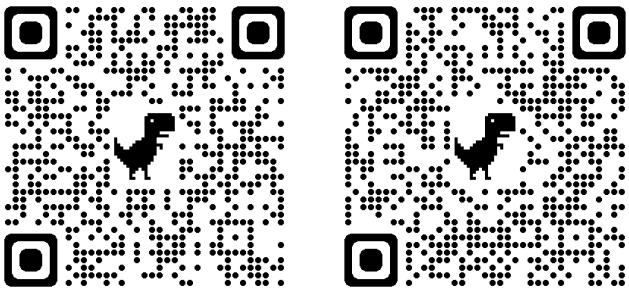
De forma geral, observo e desenvolvo poéticas que abarcam reflexões sobre conceitos pertinentes à sobrevivência de nossas subjetividades no mundo atual dominado por redes telemáticas padronizantes e pela hiperexploração e hipercompetitividade de um sistema neoliberal 24/7 (ligados 24 horas por dia e 7 dias da semana, em alusão ao pensamento de Byung-Chul Han e Jonathan Crary). A cooptação do sistema por diversas áreas em nossas vidas ainda esbarra no sono, apesar de também estar ali presente.

> No século XXI, a busca pelo sono perdido envolve rastreadores de sono, colchões high-tech, máquinas de estimulação sonora, pijamas

> com biossensores, robôs para ajudar a dormir e uma cornucópia de remédios. A indústria da saúde do sono, um setor que cresce aceleradamente, tem valor estimado entre 30 bilhões e 40 bilhões de dólares. Mesmo assim a insônia impera. Se o tempo é sempre escasso, se despertamos diariamente com o toque insistente do despertador, ainda sonolentos e já atrasados para cumprir compromissos que se renovam ao infinito, se tão poucos se lembram que sonham pela simples falta de oportunidade de contemplar a vida interior, quando a insônia graça e o bocejo se impõe, chega-se a duvidar da sobrevivência do sonho. E, no entanto, sonha-se. Sonha-se muito e a granel, sonha-se sofregamente apesar das luzes e dos ruídos da cidade, da incessante faina da vida e da tristeza das perspectivas. Dirá a formiga cética que quem sonha assim tão livre é o artista, cigarra da fábula que vive de brisa. (RIBEIRO, 2019, p. 20)

Surge uma questão: é atualmente mais provável que as IAs atinjam a chamada "inteligência humana" ou, ao contrário, fiquemos mais idiotizados por conta da padronização, esquematização e simplificação dominante? A IA é "burra", e provei isso com os *printscreens* que expus anteriormente. Além disso, cria-se uma ficção com a pós-verdade acerca do conceito de "MekHanTropia". A IA à serviço da MekHanTropia seria então, talvez, a "MekHanTrop(IA)" que nos rebaixa a ferramentas do mercado. Assim, as máquinas poderiam nos dominar, devido à uma "burrice" instaurada tecnologicamente em nossa psique e nos corrói por ideais de luxo, conforto, poder, status.

Tento assim trazer uma visão paratópica à minha criação artística autoral independente. Um olhar de fora dos tempos e espaços institucionalizados e automatizados pelo (e em função do) capital. Com a intencionalidade de um olhar de fora da ilha ensandecida do cotidiano neoliberal baseado em hiperprodutividade e competição ilimitada, tento valorizar habilidades que exaltem a subjetividade, como criatividade, comunicação, colaboração, pensamento crítico, perseverança, proatividade, autoconhecimento e reflexão, sempre em transformação e movimento. Tais habilidades foram (e são) cruciais para que superássemos, enquanto espécie, inúmeras adversidades em diferentes contextos e chegarmos até aqui.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Deste modo, a partir da ideia de que “a impermanência é a essência da (re)existência”[10] e de forte influência estética de artistas transmídia transcendentais e psicodélicos autorais, cujas obras e universos surgem como referência nesse trabalho, busco por possíveis meios de transmutação e resistência pelo pensar autônomo a partir dos fluxos e tráfegos imagéticos, sonoros, midiáticos e de linguagem que experimento, refletindo sobre tais conceitos em minhas criações artísticas e questionando a automatização padronizante e alienante da vida atual.

Tal como coloca Léo Pimentel Souto, o Amante da Heresia (2021), em sua defesa de doutorado: também me identifico com a denominação de “meta-artista transmídia da incerteza”[11], ou seja, aquele que faz e frui de forma expansiva as obras concomitantemente, em meio às dúvidas e ao imponderável. Parto em um aprendizado constante através da relação múltipla cosmogônica em labirintos hiper-transmidiáticos de passagens diversas, cujas saídas se dão internamente por atritos, contatos e contrastes em meio ao caos existencial.

10Disponível em: https://fredefoak.bandcamp.com/track/caos Acesso em: 08/11/2021.
11Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KCHV26Z-27Q Acesso em: 03/11/2021.



Figura 22 - “Refluxos (Depois do Futuro)". Foto-poesias MekHanTrópicas. Desenho à lápis e finalização em Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2023.

Ao pensar teorias enquanto crio – e criar obras enquanto penso e dialogo com outros artistas, professores, colegas e pensadores –, vislumbro aspectos identitários, relacionados à minha construção sociocultural, inserido em determinados espaços e tempos. Tento, em (e por) minhas poéticas, abrigar e lançar luz a aspectos presentes em minha identidade e, por meio da representação artística e análises dos processos de criação, refletir sobre os significados imbricados nessas camadas que podem me conduzir a um maior conhecimento de mim mesmo e da sociedade que estou inserido.

Portanto, para além das teorias, esse é um trabalho que abarca especialmente, uma partilha de práticas e diálogos artísticos que se fundam em elucubrações sobre questões pessoais/subjetivas transpassantes à minha existência, adentrando e desnudando processos de minha psique, a partir da memória, percepção e imaginação que me constituem, com a intencionalidade poética do autoconhecimento.

Alguns desses processos podem ser gratificantes, outros não. Alguns podem ser sublimes, outros grotescos (HUGO, 2007), iluminados ou sombrios (JUNG,

2015), sérios ou cômicos (BAKHTIN, 2013), com referências conceituais científicas ou pseudocientíficas (SAGAN, 1996), dolorosos ou prazerosos (HAN, 2017a), serenos e selvagens[12], enfim. Porém, todos carregam uma característica intrínseca: foram (e são) vividos e realizados com o máximo de paixão e sinceridade que consegui em cada situação. Digo “paixão” no sentido de intensidade, tesão, emoção. E “sinceridade” no sentido de acolhimento, atenção, não-negação (ou ao menos algo próximo a isso) de meus pensamentos e sentimentos diversos. Tento pensar e criar, com minha arte, reflexões sobre aspectos relacionados ao que ainda há de “humano” na humanidade. Tentar entender o que é ser humano e o que nos define como seres humanos. O que vem mudando nesse sentido e como se dá nossa relação com as tecnologias, nos caracterizando cada vez mais como seres híbridos tecnológicos digitais.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Diversas e inúmeras ideias, práticas e tecnologias estão circulando por aí há milênios. Penso que ao artista, como um alquimista de significações (signos + ações), cabe detectar e capturar, como uma antena, aspectos típicos de seu tempo e espaço e articular essas ideias de maneira poética, coadunando, nessa relação, suas perspectivas e experiências com as de outros indivíduos, transformando assim percepções (arraigadas tanto sobre tais ideias e manifestações gerais, como suas específicas) pela geração de conceitos. Desta forma, toda criação artística é, em certa medida, plural, coletiva, colaborativa e nunca completamente pura, individual, solitária. As referências – conscientes, inconscientes ou coincidentes – de outros artistas e estéticas sempre pairam sobre qualquer criação, não como cópia, mas como influência e que pode ser

12Ver: https://fredefoak.bandcamp.com/track/05-sereno-e-selvagem Acesso em: 25/11/2021.

entendido até como certas homenagens àquelas estéticas, práticas e ideias artísticas que permanecem em difusão por outros artistas, outras obras, outros processos. Nesse fluxo, busco me reconhecer e encontrar minhas identidades éticas, étnicas e estéticas, sem julgamentos, totalitarismos, negações ou fechamentos limitantes.

Acredito que para sair da caixa sociocultural que nos aprisiona é preciso, antes, olhar para dentro, sem estabelecer muitas regras. Experimentar sem limites de apego, entendendo que tais criações não são e nunca foram estritamente minhas, mas passaram por mim em fluxo e são, assim, regurgitadas em um refluxo sem fim. Ao ir testando possibilidades, os processos criativos vão sendo clareados e podem ser melhor adaptados àquilo que desejo com mais consciência, porém nunca de maneira absoluta. Penso que ao tentar estabelecer ou seguir determinados estilos já se criam caixas e úteros egóicos, e não é essa a intenção, apesar de compreender que, às vezes, caixas são também importantes recipientes de autoproteção e filtragem em meio à hiperinformação.



Rebelde
Ainda não havia aprendido
A estar contente
Consigo
Sua vida sentia
Destituída de sentido
Cansaço
Incapaz de dar um sorriso
Pois temia que lhe roubassem os dentes
Perigo
Suas glórias ressentidas
Sua sede escapa à memória
Deserto
Nessa rede de corações partidos
Cada qual com sua história
Sofrido
Pisa em ovos em meio aos latidos
Não entende a essência da inveja

Iludido
Abraça seus inimigos
Contempla a vida numa cela
Pútrido
Desde cedo sendo um abrigo
Distrações em meio às telas
Cerrado
No silêncio ainda ouve o ruído
Que se move no meio da selva
Sumiço
Ao ódio não dar ouvidos
O amor é melhor que a guerra
Espírito.



Figura 23 - "Corpo fechado (no império dos ratos)/Borboletas Loucas e Rebeldes". Foto-poesias MekHanTrópicas (depois do futuro). Poesia, Fotografia digital e finalização em Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2023.

Assim, a ideia de "original", "genuíno", "autêntico" está muito mais ligado a essa "sinceridade", intenção e dedicação à obra em determinado recorte espaço-temporal, que a qualquer outra percepção ególatra e julgadora. É importante observar que naqueles específicos momentos e lugares da vida do artista (com suas referências, repertórios, perspectivas, ideias, contatos, contextos, diálogos, tráfegos) ele criou determinada obra de determinada forma, e isso é único no universo, pois não há outro (duplo) 100% tão complexo dele por aí (ou pelo menos ainda não). Mesmo que parecidas com outras obras, de outros autores, em outros contextos, todas as obras trazem, imbricadas em si, características

próprias de seu criador e isso, por si só, já a torna única no mundo, mesmo na era da (hiper)reprodutibilidade técnica digital repleta de “inteligências artificiais”.

O que vale, no fim das contas, é o tesão em criar e deixar ir, sem apego, a criatura, independentemente das ferramentas utilizadas para criar. É preciso perder o medo de errar e, principalmente, o medo de não agradar, desvinculado de julgamentos, independente do mercado, livre para criar e se tornar o que quiser, da maneira que quiser, já que, remetendo ao muito contestado, porém autêntico escritor ocultista Aleister Crowley: “‘cada homem e cada mulher é uma estrela’, ou seja, um agregado de experiências, mudando constantemente a cada novo acontecimento, que afeta a ela ou a ele consciente ou subconscientemente.” (CROWLEY, 2017, p. 31).

Portanto, ao entrar em contato com esse trabalho, convido-te a submergir nesse universo com o coração aberto e a mente atenta, em um fluxo mágicko[13] e anárquico de entradas e saídas pelas minhas cavernas aqui propostas (e expostas) enquanto conexões narrativas. Tecer olhares sobre os abismos com a confiança de também pertencê-los e a consciência de que eles também pertencem a mim, a você, a nós, todas, todes e todos, em uma confluência abismal que se transcende pela eclosão de reflexões ligadas às subjetividades fragmentadas unidas no “aqui” e no “agora” de cada encontro. Ao adentrar essas páginas esculpidas com os tempos presentes (em seus instantes já passados) diluídos em forma de memórias, percepções e projeções da imaginação, sugiro que tente se desprender de direcionamentos ou sentidos pré-determinados, vislumbrando possibilidades aos seus próprios “eus” em contato com os “meus”, pelas diferentes manifestações vertiginosas que se dão nos abstratos espaços-instantes entre a razão e a emoção adjacentes, entre vários “ois” e “adeus” que se esvaem pela arte e pela vida.

[13] A palavra “mágicka” aparece com a letra “k” no intuito de diferenciar da mágica praticada enquanto ilusionismo. Tomo poéticamente essa grafia emprestada do livro “Mágicka Visual: um manual de xamanismo freestyle” de Jan Fries (2018). A mágicka aqui intenta representar a potência subjetiva de autotransmutação a partir de meus próprios métodos. Em alterar estados de consciência de modo arbitrário. Em atuar no subconsciente de forma a transformar minhas próprias perspectivas diante da existência pelo uso de sigilos criados por mim, da forma que eu melhor entender. Tais sigilos são incorporados de maneira artística em várias de minhas obras.



Figura 24 - "Magick Wizard". Desenho à lápis e finalização em Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2021.

O que me move até aqui é mais a “experimentação” que a “fórmula”, mais a “dúvida” que a “certeza”, mais o “caos” que a “ordem”, o que não me impede, humano que sou, de trazer também determinadas solidificações em meu pensamento, inclusive muitas ainda obscuras e inconscientes. Porém, ao pensar sobre essas questões abrem-se novas dúvidas que podem me conduzir a outras formas de pensar, de experimentar e quebrar esses concretos, pois nada é estanque, nada é absoluto, muito menos a arte e a ciência. Como em um sonho, me sinto as vezes, ao falar de meus processos criativos, conceitos e poéticas artísticas, me arrastando, dando voltas, perseguindo (ou sendo perseguido), tecendo conexões absurdas que, a priori, parecem-me desconexas, mas que, posteriormente, vejo que vão se amarrando por reflexos de partes de mim ecoados pelos tempos e espaços. Eu (como todos), um ser único, multifacetado, complexo, inserido em uma sociedade (cada vez mais) fragmentada, egoísta e esgotada desses tempos. Materializada, presa e ocupada nos espaços (cada vez mais) virtuais. Fluxos vazios, infinitos.

Imagens do absurdo
Sonhos do futuro
Solidão
A armadura se derrete no colchão

O suspiro engole o vício
A névoa encontra seu caminho
Um corredor na escuridão
Memórias vem
Saudades vão
Colidem suas glórias
Com o que o real impõe na história
Triste e bela ilusão
A sonâmbula sombra aparece
Impávida, se estabelece
Quente chama permanece
Carga forte
Sensação
Pesa o ombro
Provoca estrondo
Eterna luta
Morde a fruta da paixão
Vermelha, amarela
Ao som daquela
Velha e famosa canção
Homônima
Atônita
Afônica
No altar da aflição
Sentidos aguçados
Espíritos amalgamados
Peitos desamparados
Madrugada
Entrelaçada
Prejudicada
Engastalhada
Sono emperrado
O tempo passa sem perdão
Será possível repousar
Censurando a imaginação?
("Flutuando no colchão". Fredé CF, 2023).

Assim, me aproximo, já pela forma de apresentação desse trabalho, de modelos narrativos oníricos transmidiáticos para, a partir desses fragmentos poéticos imaginários expostos do meu ser, tentar me acessar de forma ampla e complexa pela arte. Em diversas ocasiões da vida ordinária cotidiana me perco em meio aos tempos que me cercam, o que acaba me embaraçando o tráfego também pelos espaços que me circundam e integram.

Me refiro ao "tempo", neste caso, como algo ligado mais à imaginação, à transcendência, ao abstrato, ao fantástico, ao invisível, ao flutuar no "ar" sem destino, ao sonhar, ao dar asas ao imaginário, ao divino presente no que transcende, ao que ascende, aos aspectos qualitativos da vida (apesar de o sistema, cada vez mais, tentar quantificá-los), ou seja, ao que é mais subjetivo em nossas experiências. À ideia de "espaço" relaciono mais aos aspectos práticos, sólidos, objetivos, palpáveis, mensuráveis, sóbrios, quantificados da existência. Àquilo que nos finca os pés ao chão (em alusão ao elemento "terra" e ao planeta Terra). Manter o equilíbrio entre voos imaginários transtemporais transcendentais da mente (Ar) e a vida prática cotidiana (Terra) é um movimento que busco constantemente pela arte que, já pela própria grafia [(Ar) + (Te)rra], integra. Alio o fogo da criação e transmutação processual e a fluidez da sociedade líquida que vivemos, acessando os elementos terrestre em constante mudança sobre a existência.

Caro(a) leitor(a)/fruidor(a),

sigo tentando transformar minhas angústias, raivas, medos, sombras, culpas, desejos, ansiedades e tristezas (agravadas por esses tempos trevosos MekHan Trópicos) em arte e denúncia sobre aquilo que criei. Tem me ajudado muito a colocar para fora e transformar um pouco das coisas tóxicas que engolimos diariamente nessa era neofascista neopentecostal binária anticósmica que vivemos. Tocar, compor, escrever, gravar, desenhar, fotografar, filmar, tem me ajudado muito a olhar para dentro de mim mesmo e repensar aspectos da existência. Acho que tem sido uma coisa boa em meio a tanta coisa ruim que andou acontecendo. Espero ainda continuar humano, mesmo em meio a tantas máquinas. Já começo a duvidar sobre quem sou, sobre o teor da realidade. Por isso comecei a criar personagens, para lidar comigo mesmo e meu déficit de atenção. Mas agora não consigo mais controlá-los. Eles criaram vida própria e tentam escapar de MekHan Tropia. Acho isso lindo, porém perigoso. Enfim, ainda estou confuso. Mas sigamos...



Figura 25 - "Transmutação mekHanTrópica". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2021.

1.2. Olhar, integrar e transmutar as sombras pela Arte Experimental

"Ain't no confusion here, it is as I feared
The illusion that you feel is real
To be vulnerable is needed most of all
If you intend to truly fall apart
You think the worst of all is far behind
The vampire of time and memories has died
I survived. I speak, I breathe,
I'm incomplete
I'm alive - hooray!
You're wrong again
'Cause I feel no love
Does anyone ever get this right?"
(Queens of the Stone Age)

Talvez experimentando possibilidades e ajustes entre os conceitos e suas materializações artísticas – em um movimento que costuma se expandir a novas possibilidades narrativas –, eu possa trazer alguma luz e olhar mais atento para determinadas questões obscuras minhas, o que (talvez) me leve a transformar e fluir pela vida com mais leveza e serenidade e focar no "agora" que sempre me escapa. A arte me auxilia nesses processos reflexivos e imersivos sobre o

conhecimento do meu “eu”, especialmente em relação ao acesso poético ao inconsciente. Segundo C. G. Jung (2012):

> Normalmente confundimos ‘autoconhecimento’ com o conhecimento da personalidade consciente do eu. Aquele que tem alguma consciência do eu acredita, obviamente, conhecer a si mesmo. O eu, no entanto, só conhece os seus próprios conteúdos, desconhecendo o inconsciente e seus respectivos conteúdos. O homem mede seu autoconhecimento através daquilo que o meio social sabe normalmente a seu respeito e não a partir do fato psíquico real que, na maior parte das vezes, é a ele desconhecido (JUNG, 2012, p. 13).

Ao me debruçar sobre os processos de criação das obras, em rituais meditativos de foco sobre a minha presença espaço-temporal, é como se o “tempo parasse” e as condições espaciais me trouxessem de volta àquilo que me cerca, àquilo que eu preciso, naquele instante para fruir a vida. A partir de um movimento de confluência entre tempo e espaço, ao criar, geralmente me situo em um momento presentificado e me aterro onde estou, com o que (ou quem) necessito estar naquela ocasião. Porém, concomitantemente, acesso também elementos desconhecidos do meu inconsciente, que são lançados à luz intrinsecamente sobre as obras, o que me permite um maior entendimento sobre mim, mas nunca total ou definitivo. “O campo amplo e vasto do inconsciente, não alcançado pela crítica e pelo controle da consciência, acha-se aberto e desprotegido para receber todas as influências e infecções psíquicas possíveis.” (JUNG, 2012, p. 13) Assim, estou sempre me transformando, metamorfoseado através dos contatos e das experimentações desencadeadas tanto pela arte quanto pela vida de forma geral.

I

Valdez ficou por muito tempo completamente imóvel, como uma sinapse gráfica virtual esquecida, porém eternizada por mobgrafias e vídeos surreais. Imortal, porém sem a liberdade de deixar de ser. Imoral, ele não tinha esse poder. Essa foi sua maldição por eras. A maldição de não poder escolher. De não poder ser. De sempre ter que ter para viver. E provavelmente deve ainda ser assim, por todo o sempre, em suas partes divididas. Suas partes maquínicas e fluidas. Suas partes virtuais, holográficas, atópicas, atemporais, ciberespaciais. Suas partes expostas sempre que alguém revive aqueles mesmos momentos decisivos congelados, comprados e estocados em algum lugar do mekHanTrospaço psychotronico neural convolucional.

[“O Cão Breu Latino (As Aventuras de Valdez em MekHanTropia - Diários de Quarentena)”. MekHanTropia, Ano Zero].

Segundo Léo Pimentel Souto (2021), o pensamento experimental tem uma característica tipicamente provisória, que a difere do pensamento científico e filosófico. Nele há um maior espaço para a movimentação, para a diversidade qualitativa (em oposição à quantificação) e para o acaso enquanto um potencializador de poéticas pujantes disruptivas calcadas na intensidade, nos afetos, desafetos, confluências e estranhezas dos contatos que nos colocam, enquanto autores e atores, no centro dos processos experimentais.

> a singularidade de um pensamento experimental é a própria crueldade primitiva de qualquer pensamento cujo movimento de sua história é a mistura entre acaso, artifício e necessidade. ou seja, é a própria crueza de qualquer pensamento que, não só é um experimento, mas que também exige, tanto de quem pensa quanto de quem entra em contato com tais, a serem experimentos. cruel por ser insubmisso tanto às nossas crenças quanto às nossas esperanças, ilusões e conhecimentos de até então. tanto suas hipóteses e desenvolvimentos quanto suas respostas e formas são também experimentais. a sabedoria que aqui diverge da filosofia e da ciência, não é que as coisas sejam inexplicáveis, mas sim a sabedoria de que as coisas mesmas privam o pensamento de toda possibilidade de distanciamento ou de recursos estáveis com relação para com elas. e isto constitui o risco permanente de insegurança, de incerteza, de dúvida intolerável e da necessidade da invenção. é a perda da causalidade, da legalidade, do determinismo, do mecanicismo e da racionalidade, tal qual se perde um ente querido, fazendo da vida (entrada no instável e no fugidio), da morte (terminalidade entrópica), do destino (assunção do trágico), da liberdade (relação entre se privar de algo ao mesmo tempo em que se desembaraça de outro algo), da espontaneidade (adesão ao alegrar-se sem razão), do artifício (o 'natural' pensado como erro e fantasma ideológico) tornarem-se uma realidade subitamente insuportável e incontornável que, no entanto, nada tem de profundidade oculta inacessível – fracasso do controle intelectual (SOUTO, 2021, p. 66-67).

Assim, a experimentação está em constante construção, distorção, desconstrução e reconstrução ativa e passiva de sentidos, que insistem em ser dados (e fugir) pela consciência humana. A partir dessas despadronizações, o artista experimental se aproxima do acesso ao que é mais "real" em (e para) si mesmo naquilo que se propõe articular, como um decodificador de si mesmo e um coreógrafo de elementos dispersos que dançam pelas conexões e dispersões caóticas da vida. Toda criação é processo, é relação, é coautoria, é comunicação, é conexão, é transformação, consciente ou inconsciente, adjacente.

Ao adentrar a transmídia na formação do meu universo artístico, tento destruir alguns espaços solidificados em linguagens e cenários fechados pré-determinados ou linearidades temporais narrativas teleológicas, transcendendo

a fruição pela fricção, ou seja, pelos atritos que dali eclodem. Ao já pensá-los e construí-los dispersos, expando esses mesmos tempos e espaços a dimensões psíquicas subjetivas de montagem (sempre mutáveis em relação ao que pensei) que corrompem padrões que possam ser imaginados por mim e acionam relações estéticas, conceituais, de vínculo narrativo com quem fruir o universo pelas possíveis conexões entre essas obras.

Se todo cosmos traz o caos em si, de certa forma todo artista desafia o caos ao criar seus próprios cosmos, seu próprio caos. Assim, em MekHanTropia o cosmos proposto é juntado a partir das lógicas desordenadas e subjetivas de cada obra e de cada ser que adentra seus labirintos e abismos, meus e dos outros (humanos e não humanos), interseccionados. Desordenadas em geral, ordenadas em essência a partir de instantes que utilizei para dar-lhes formas, o que possibilita que sejam reformadas aos novos contatos que porventura acontecerem. Empurrados para além da dimensão institucionalizada como "normalidade" – em uma auto-f(r)icção voltada de dentro para fora –, nos vemos diante a um espelho a ser confrontado, desnudados e abraçados às sombras, frente ao perverso mundo do desempenho, da positividade e da exploração que se apresenta nesse universo. A ideia de ser um jogo, neste sentido, funciona como uma espécie de condensador ilusório de fuga da MekHanTropia pela própria MekHanTropia, uma vez que as obras a serem fruídas de maneira expandida também são integrantes desse universo e traz também limites padronizantes de tempo e espaço, o que levanta questões sobre a impossibilidade de fuga desse universo, a não ser pelos caminhos da subjetividade e suas relações imprevisíveis.



Figura 26 - "Ecce Monstra MekHanTrópica". Desenho à lápis e finalização dom Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

É nesses rastros que os monstros são mostrados em mão múltipla, ou seja, pelos diálogos, pelas introjeções, projeções, objeções, abjeções, “de dentro pra fora”, mas também “de fora pra dentro”. Monstros auto(etno)biográficos que foram (e/ou ainda são ou serão) rejeitados por não se adequarem aos padrões sociais, mas que, quando exteriorizados com paixão e afeto pela representação artística, alimentam reflexões e vivências em temporalidades além das que formam as obras e, por outro lado, imbricadas também nas obras que alimentam as reflexões e vivências habituais. Os processos criativos construindo e destruindo, pelas poéticas expansivas, elementos restritivos ao pensar, ao saber, ao criar, ao sentir, ao experimentar, ao conectar, ao viver, ao fluir. A ficção como colocada

me importa muito porque, ao ser permeada de sigilos factuais, resiste, persiste, insiste, versa, nutre, espelha e se alimenta sobre a vida ordinária cotidiana, sem filtrar ou se importar em se mo(n)strar.

Reflito então sobre o criar, sobre o desorganizar, sobre o ruir e o poder de transformar. Se a arte surge a partir de rupturas a padrões e sistematizações institucionalizadas, erigindo-se do caos universal e interior, como uma estrela dançante nietzschiana, ou seja, se necessitamos de caos interior como acionador e estimulante da vontade de potência; não seria, portanto, o artista pensador, em sua vida ordinária, aquele que nunca se prenderia a opiniões, padrões e estéticas inertes que resguardem seus próprios meios e métodos de pensar e criar sobre a vida? Não deveria o artista do caos, no caos rasgar seus próprios guarda-chuvas de vidro e deixar entrar as tempestades que tanto teme viver/compreender? Haveria possibilidades desse artista viver em sociedade, alheio a qualquer tipo de padronização ou institucionalização, fruindo e usufruindo do caos em estado puro constantemente, sem amarras ou sem ser condescendente, ou sem nenhum vínculo com o sistema em questão? Não seria, nesse caso, uma embriaguez daquela vontade que, por sua parte, não serviria como real potência por se mostrar de fora daquilo que aparenta estar, de maneira hipócrita, a criticar? Há mesmo transformação além da própria, além da autotransmutação de valores e padrões socioculturais intrínsecos (ao que somos enquanto seres) que nunca se findarão?

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Penso que talvez possamos elucidar tais questões desvirtuando a concepção de “objetivo” encrustada culturalmente. Entender o objetivo não como algo a ser alcançado, mas como algo a ser fruído pela vida por diferentes meios

independente do que é apresentado como padrão. Porém, indelevelmente, estaremos também assim vinculados ao sistema que rege e estabelece certos padrões indissociáveis para que possamos existir socioculturalmente no mundo atual, por isso a única possibilidade que vejo, para além disso, é de RE-existência, ou seja, de re-existir de alguma maneira sem extinguir a existência vinculada a padrões. O que pode ser feito é experimentar e misturar esses padrões com a própria vontade para então, quem sabe, projetar outros padrões que tornem a vida mais potente para se viver.

Há uma certa “ditadura da linearidade” narrativa arraigada em nossa cultura, além de uma institucionalização que privilegia “certezas” ao invés das “incertezas” típicas da existência. O pensador Edgar Morin, em entrevista de 2022 para a Revista Prosa, Verso e Arte, fala que as crianças, desde a educação básica, devem ser educadas para as incertezas da vida, algo essencial de nossa existência. Segundo Morin, devemos resistir à crise humanitária que vivemos:

> Vivemos a destruição da política em proveito da economia. O poder econômico controla a política, e não mais o caminho oposto. Nessa onda de retrocessos, de crise na democracia, há o neo-autoritarismo, um novo tipo de poder, como na Turquia, na Rússia, na Hungria e aqui mesmo, no Brasil. A França também corre este perigo, além de outros países. É uma época de retrocessos e devemos resistir. Resistir pelos valores humanistas, resistir pelos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Temos que manter essa ideia de fraternidade humana, de uma economia solidária, devemos manter uma ideia de, digamos, oásis, outro tipo de vida que não obedeça a poderes econômicos. Isso é resistência. (...) É ilusão pensar que poderíamos fazer um mundo totalmente novo. Não se pode conseguir um mundo totalmente harmonioso. Sempre haverá a luta entre diferentes forças, os conflitos, as brigas por união, por solidariedade. A luta é permanente, é parte de toda a História humana, não se pode pensar num ponto onde há harmonia total. A sociedade é um misto de ordem e desordem. A ilusão é a perfeição, e estamos num mundo imperfeito. Mas, não esqueçamos, ele pode ser melhorado (Disponível em: https://www.revistaprosaversoearte.com/resistir-as-incertezas-e-parte-da-educacao-diz-edgar-morin/ Acesso em: 21/07/2023).

O filósofo aponta a importância de se reconhecer erros e ilusões, a partir de uma abordagem multidisciplinar fluida e humana do conhecimento nas escolas e em outras instituições, levando em conta os afetos e trocas durante a vida, ao invés de uma visão tecnicista e hiperespecializada voltada a certezas, fórmulas e regras do mercado.

Nesse sentido, diferentemente da noção convencional (enquanto meta) de sair do labirinto (ou das incertezas) o mais rápido possível com o objetivo de

sobreviver, integro aqui, para pensar sobre aspectos de viver em uma sociedade enquanto resistência contestando suas normas, as ideias de Arlindo Machado (1997), em seu texto *Hipermídia: o labirinto como metáfora*, sobre a alusão desta estrutura com a hipermídia, o que me auxilia a criar fruição em meu universo:

> A melhor metáfora para a hipermídia é a do *labirinto*, pois a hipermídia reproduz com perfeição a estrutura intricada e descentrada deste último. Na verdade, a forma labiríntica da hipermídia repete a forma labiríntica do *chip*, ícone por excelência da complexidade em nosso tempo. Ao contrário do que imaginavam os gregos, o labirinto cretense não era uma prisão ou uma máquina de guerra, mas exatamente uma arquitetura representativa da complexidade máxima que a imaginação do homem da Antiguidade podia conceber e servia também de espaço para festas e jogos. A saída não era propriamente um problema para o visitante. Na mitologia grega, Dédalo escapa de seu próprio labirinto voando por cima dele com suas asas de cera, mas os cretenses podiam simplesmente pular os muros, como o moderno navegante da hipermídia pode "clicar" o botão *Quit* e desistir do percurso. O problema, na verdade, era como avançar sem se perder: o labirinto funcionava, portanto, como um *desafio* para medir a astúcia do visitante. Nesse sentido, o labirinto existia para ser percorrido e, de preferência, para ser percorrido como um todo, ou pelo menos no maior número possível de encruzilhadas, de modo a explorar ao máximo suas possibilidades. A regra básica de exploração era, diante de uma encruzilhada, optar por todas as alternativas, percorrendo cada uma delas isoladamente e voltando em seguida ao mesmo ponto de partida para optar por outro caminho. O melhor percurso não era aquele que permitia chegar mais depressa ao fim, mas o que possibilitava visitar o maior número possível de lugares, sem ficar repetindo infinitamente o mesmo caminho. "Resolver" o labirinto era percorrê-lo todo, era conhecê-lo por inteiro, em vez de achar uma saída (MACHADO, 1997, p. 147).

O objetivo não é sair da sociedade (ou da vida ordinária, ou do mercado), ou mesmo sair "vivo" do labirinto transmidiático de *MekHanTropia*, mas fruir tecendo significações subjetivas consigo mesmo a partir dos movimentos e relações que são estabelecidas nessas passagens por diferentes códigos e linguagens. É importante curtir os momentos, o trajeto, olhando com o máximo possível de consciência ao que se sente e ao que se transforma em si e a partir de si. Esse deslocamento conceitual da nossa realidade (validada, ordinária, cotidiana) ao universo ficcional de MekHanTropia, se estabelece na obra majoritariamente de maneira virtual, mas também transborda a alguns elementos palpáveis atávicos que trataremos no decorrer desse trabalho. Pelos fluxos e refluxos narrativos oníricos fragmentados e imersivos da obra, discutem-se questões atuais projetadas a outras dimensões, nas quais nos tornamos também personagens na construção do próprio percurso, da própria história/narrativa, a partir dos

caminhos e ramificações desse universo e seus personagens que também somos nós representados por arquétipos e alegorias.

II

Preso em sua alma mekHanTrópica, sem poder estabelecer novas conexões consigo mesmo, além de seus limites ali encriptados naqueles tempos e espaços restritos, voltando sempre ao início a cada play dado, como Sísifo empurrando a pedra até o cume e caindo. As únicas conexões externas possíveis à essas partes dele é no imaginário de outros, fora dele. Mais estranho que uma ficção que não possa ser teleologicamente narrada, Valdez está documentado clandestinamente para atuar no chip imaginário daqueles que não se comparam.

["O Cão Breu Latino (As Aventuras de Valdez em MekHanTropia - Diários de Quarentena)". MekHanTropia, ano zero].

Ao sair desses contatos, a conexão com o universo continua pelas reflexões proporcionadas ou não. Nas palavras de Chico Science & Nação Zumbi, no álbum *Afrociberdelia* (1996): "Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar". Assim acontece essa fruição existencial. Independentemente da profundidade atingida pelo mergulho nesse universo, se o contato aconteceu, algo foi modificado, mesmo que de maneira rasa e transitória; organizada ou desorganizada. Aquilo que não existia passa a existir e, aqui ou acolá, poderá ser dispersamente conectado pelos elos transmidiáticos em constante mutação por novas narrativas mutantes e voláteis, transformando realidades mesmo que minimamente.

Busco, fundamentalmente, com essa tese-criação observar e representar o mundo que me cerca, agregando a isso a observação sobre meus processos ao me transformar e me movimentar diante experiências, pensamentos e emoções que trago dessas relações. Ao olhar para dentro de minha subjetividade e tentar compreender melhor minhas idiossincrasias socioculturais, racionais e emocionais, lanço luz em questões obscuras e posso agir de maneira magicka transmutando a (talvez) única coisa possível em essência: eu mesmo e as maneiras como existo no mundo. Para essas transmutações elejo a arte como caminho e ritual, e em especial, a prática artística ostentada como um "mago amador" com um caldeirão de signos à disposição para me servirem quando for preciso.

A partir de um entendimento mais caótico, fenomenológico e semiótico da realidade, considero aqui um “mago” aquele que transforma o mundo (e, principalmente, a si mesmo e a partir de si mesmo) com determinadas intencionalidades, manipulando signos que atingem a psique (memória, percepção e imaginação) humana e propõe formas determinadas de sentir e de pensar. Muito do que chamamos de “conhecimento sobre a realidade”, frequentemente, passa por convenções instituídas por simbologias sobre os fenômenos, determinando de maneira absoluta (com o passar do tempo e por meio de inúmeras linguagens) o que são definitivamente as coisas no mundo. Isso acontece de diversas maneiras o tempo todo, desde os objetos materiais (palpáveis) até ficções narrativas imaginadas diversas (religiões, filmes, livros, sistemas de governo, moedas, lendas, personalidades midiáticas, notícias etc.). Além disso, somos dotados de cinco sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar) que nos permitem experienciar, de forma geral, isso que chamamos de “realidade”. Se tivéssemos cinquenta sentidos ou apenas um ao invés de cinco, nossa experiência de “realidade” seria completamente diferente. Iremos refletir adiante sobre várias dessas relações, bem como suas causas e consequências em nossa realidade ordinária e em meu universo ficcional pela representação.

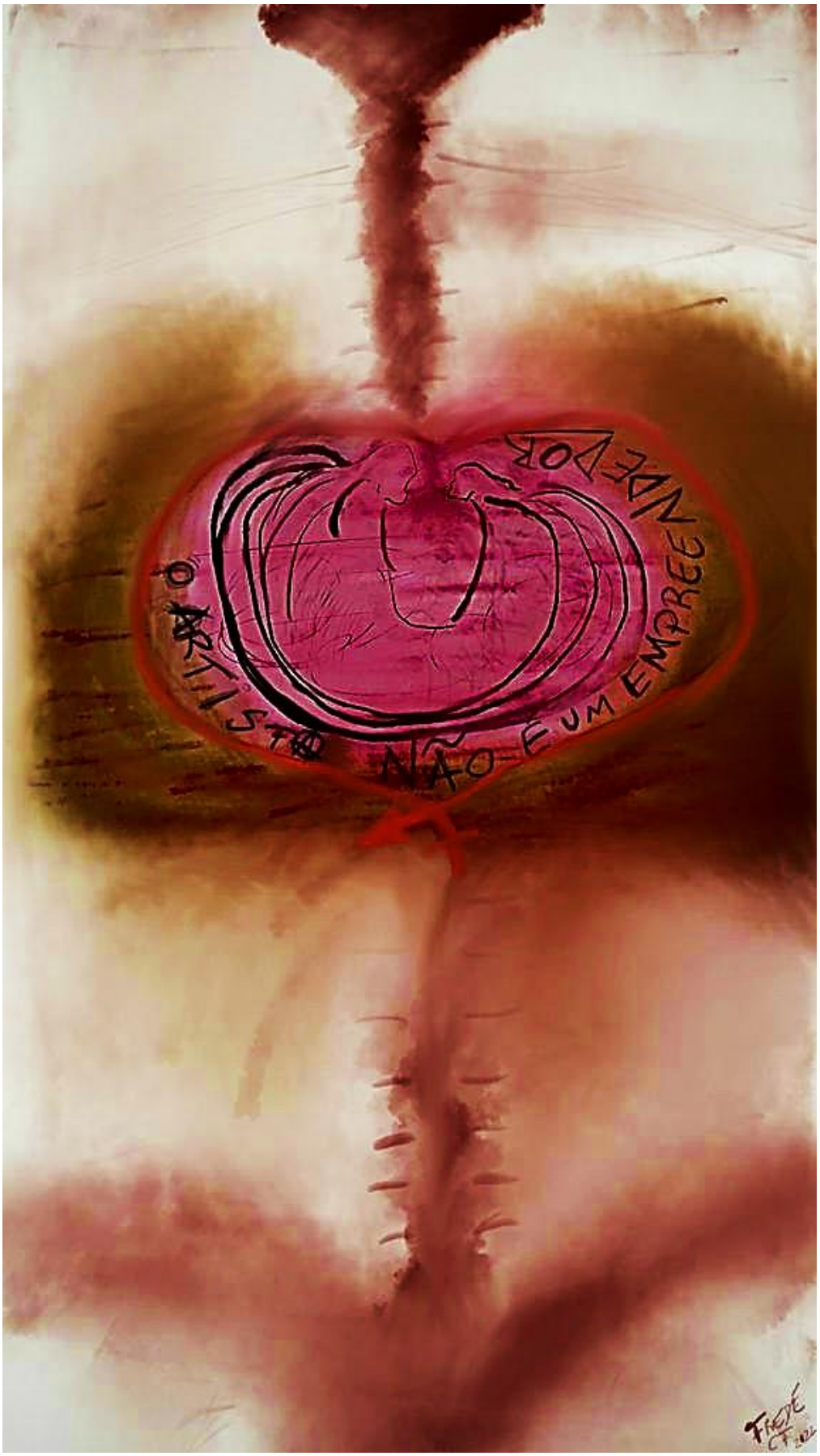


Figura 27 - "O Amador". Desenho digital. Fredé CF, 2022.

Seguindo o raciocínio anterior, por “amador” compreendo como um amante do que faz. Como alguém que exerce sua vontade de criar sem se atrelar a normatizações limitantes do sistema instituído, ou seja, sem esperar algo em troca daquilo ou vislumbrar aprovações quaisquer que sejam. O amador como aquele que se “diverte”, se “diverge”, como espero que se divirtam aqui nesse trabalho os “jogadores amadores” em meio às divergências convergentes desse universo. David Buckingham, citado por Klaus’Berg Nippes Bragança em seu livro “Realidade Perturbada: corpos, espíritos, família e vigilância no cinema de horror” (2018), coloca que:

> O termo ‘amador’ é muitas vezes usado pejorativamente – classificar uma pessoa como um ‘completo amador’ é difamar sua capacidade; mas ainda um ‘amador’ também é um amante, uma pessoa que se envolve em algo pelo prazer que proporciona, e não por motivos comerciais sólidos (BUCKINGHAM apud BRAGANÇA, 2018, p. 46).

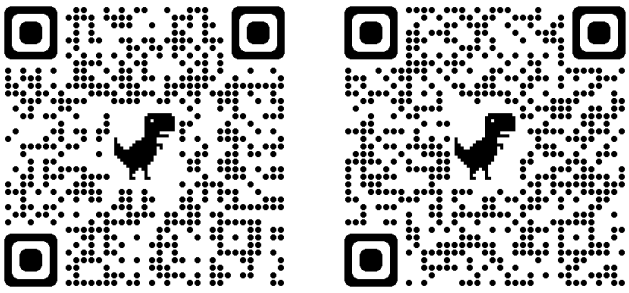
À luz do existencialismo de Sartre e do pensamento de Heráclito de Éfeso (filósofo pré-socrático considerado o "pai da dialética" que defendia que a natureza é composta por uma constante mudança[14]), penso que nunca somos, sempre estamos a experienciar e transformar o (e no) mundo. Cabe-nos escolher o que fazer sobre isso compreendendo que, mesmo não escolhendo estamos fazendo uma escolha, a de não escolher. Apesar de viver em um sistema neoliberal, no qual o capital é um objetivo central e fundamental para a sobrevivência, tento buscar caminhos alternativos para essa dependência em minha vida. Busco fazer coisas que me enchem de paixão, alegria e potência, independente do que virá em troca. Muitas vezes isso me gera determinados problemas, pessoais e financeiros, e até mesmo incongruências quanto ao que penso e tenho como princípios, já que, como a maioria das pessoas, também tenho contas a pagar e pessoas que trilham essa jornada comigo.

Mas, de forma geral, esse pensamento diante da criação artística me preenche o vazio existencial e me faz um indivíduo mais contente diante da vida. Para tanto, tive que buscar algo que ao mesmo tempo pudesse me capitalizar e me engrandecer o espírito, sem me prender demais ao sistema, dando espaço para o pensamento. Por isso escolhi ser professor de disciplinas ligadas à arte, à imagem (Fotografia e Audiovisual) e a aspectos relativos à psique e

14Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/heraclito.htm Acesso em: 02/11/2021.

comportamento humano (filosofia e L.I.V. - Laboratório Inteligência de Vida[15]): profissões que estão em constantes transformações e liberdade de expressão e reflexão. Mesmo que sempre caçadas por instituições conservadoras. Mesmo que constantemente desvalorizada em nossa cultura. Mesmo que, em parte, já cooptadas pelo sistema (em especial durante as trevas que passamos ultimamente).

Em diálogos anti-mekHanTrópicos com o amigo resistente Dr. Gazy Andraus, constatamos o quanto o sistema é cartesiano, conservador, linear e não espera por criações autorais, autênticas e que fogem dos padrões mercadológicos. Porém, tais criações sempre irão acontecer, alterando e incomodando a MekHanTropia. Por isso o sistema não aceita o inusitado, o criativo, pois provoca distúrbios e distorções sobre seus ditames. O sistema aceita, por exemplo, as revistas e publicações oficiais, mas menospreza ou é indiferente aos zines. E se esses começarem a causar disrupção, haverá cerceamento e combate sobre eles. Tais procedimentos configuram-se como formas de controle e de imposição por meio de institucionalização dos chamados “regimes de verdades” que nos cercam e afetam nossa experiência frente ao “real”.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Tenho consciência de que sou um privilegiado por ter tido uma base familiar e de amizades que me permitiram trilhar caminhos edificantes dos estudos, o que me conduziu (e conduzem) à tal opção profissional. Porém, nada é estanque e, como já dito, tudo pode ruir a qualquer momento por diversas causas, principalmente quando se trata de áreas inimigas ou questionadoras do sistema como a arte e a educação. Tento assim pensar no que posso fazer agora para contribuir um

15Ver: https://www.inteligenciadevida.com.br/pt/ Acesso em: 28/11/2021

pouco em me transformar para, consequentemente, transformar o mundo. Vejo tanto na arte quanto na educação caminhos que julgo admiráveis neste sentido.



Figura 28 - "Cão Breu Pós-Humano (V - O Sumo Sacerdote)". Tarot MekHanTrópico. Desenho original de Ciberpajé e finalização de Fredé CF, 2017.

Portanto, esse é um recorte de um período de minha vida que pode e deve se modificar completamente. Certamente já está se modificando e por isso se faz tão complexa a escrita desses processos de criação. Conforme esses estudos e práticas artísticas vão acontecendo, minhas ideias e conceitos também mudam, continuando a fruir dentro e fora de mim em cada contato, se renovando e se ressignificando, e essa é a grande beleza da vida, a meu ver: a metAMORfose delirante constante a que estamos submetidos. Portanto, esse manual,

aparentemente estanque, também está de várias maneiras se modificando constantemente.

Não intento que as ideias aqui levantadas sejam lidas de maneiras solidificadas e absolutas, pois para mim não são. Ao dar-lhes formas e significações em obras artísticas, estabeleço também como mencionado, à luz de Jan Fries (2018), sigilos transmutacionais imbricados artisticamente nessas obras, que tratam sobre questões minhas, particulares, sejam em forma de vídeo, de música, de poesia, de fotografia, de desenho, de performance ou qualquer outra maneira que eu estabeleça para experimentar criar representações artísticas e modificar pensamentos meus, arraigados, sobre o que me cerca. Essas obras, ao entrarem em contato com outras pessoas (ou até comigo mesmo em outros contextos de espaço e tempo), estabelecem relações de maneiras distintas e imprevisíveis. Grosso modo, não estão petrificadas em meu ser, mas sempre me (e se) transformando ao infinito.

III

Como um neurônio arcade-visionário que acende os bits em sua individualidade visando a pane exterior neural das redes telemáticas, projetado na aleatoriedade imprevisível da xepa da existência orgânica, resiste. Resiste a tal ponto de reexistir se esquecendo da lógica conjunta inexorável a sua intrínseca cooptação mekHanTrópica. Uma espécie de carcinoma anti-egóico que espalha em si mesmo involuntariamente e produz o próprio declínio de forma inconsciente ou até consciente demais para pensar a respeito e se enxergar. Geralmente isso acontece quando sonha com animais. Cego demais para ver que o inferno que teme habita nele mesmo, Valdez vacila na simples compreensão de estar conectado intrínseca e sistematicamente a tudo que lhe é exterior e, principalmente, pelo que é interior.
["O Cão Breu Latino (As Aventuras de Valdez em MekHanTropia - Diários de Quarentena)". MekHanTropia, ano zero].

1.3. A utopia do planeta é a nossa distopia: preparando o terreno MekHanTrópico

"Faça, fuce, force

Mas!

Não fique na fossa!

Faça, fuce, force

Mas!

Não chore na porta!

Faça, fuce, force

Vá!

Derrube essa porta!

Trace, fuce, force

Vá!

Que essa chave é torta!"

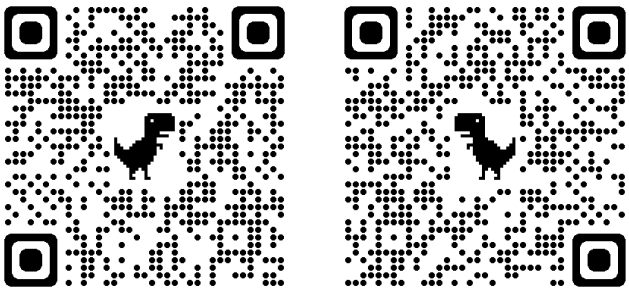
(Raul Seixas)

Tento lidar com a arte de forma que tal relação não me seja uma prisão, e sim uma forma de exercer e pensar sobre a liberdade de ir e vir em mim mesmo e nos espaços que ocupo. Ser livre é, entre outras coisas, desapegar-se de expectativas, de zonas de conforto estagnantes e pensamentos estanques. Assim, no ato de criação viso, primordialmente, os processos, os acessos, e não somente os resultados. Penso nos resultados como consequências de fruições naturais que acontecem com sinceridade sobre temas que me surgem, de maneira intensa e vívida, sem muitas restrições, julgamentos limitantes ou controles egóicos de autossabotagem e comparação.

Ao criar universos próprios oriundos de meus devaneios e dar vida à personagens nesse universo, crio possibilidades de realidades paralelas para existir e expandir minhas reflexões sobre a vida e observar o mundo por perspectivas diferentes, aos olhos dos personagens. Jean Baudrillard diz, em sua obra "Simulacros e Simulação" (1991, p.103), que "estamos num universo em que existe cada vez mais informação e cada vez menos sentido", ao que o autor sugere três hipóteses: 1) Neguentrópico: a informação produz sentido mas não consegue acompanhar/compensar as perdas de significação (em todos os domínios, sejam institucionais ou não); 2) Hipótese de Shannon: a informação e o significado são coisas distintas (o código é o que é, um meio técnico, o sentido vem depois); e 3) uma correlação entre os dois anteriores: a informação destruidora/neutralizadora de sentidos.

Assim, "a perda do sentido está diretamente ligada à ação dissolvente, dissuasiva, da informação, dos *media* e dos *mass media*." (BAUDRILLARD, 1991, P. 104). Ou seja, a realidade deixa de existir de maneira factual, palpável, concreta, e passamos a viver a representação de uma realidade disseminada pelas mídias, pelos meios. Os símbolos têm mais peso que a realidade em si e com isso somos condicionados a pensar de maneiras parecidas. Desse fenômeno surgem, segundo Baudrillard, os "simulacros", simulações do "real"

que se tornam mais atraentes que a “realidade” às massas. Ao pensar os personagens, abro espaço à empatia (entre outras características) por me forçar a adentrar uma psique diferente da minha, mas que também traz elementos meus, me expondo a mim mesmo nessa relação.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Atualmente, a socialização no mundo passa a ser medida, quantificada, pela exposição midiática. Os fluxos informacionais ilimitados devoram seus próprios conteúdos, eliminando os sentidos em um processo cíclico de perda de comunicação factual e simulacro. “Em vez de fazer comunicar, *esgota-se na encenação da comunicação*” (BAUDRILLARD, 1991, p.105). Essa “encenação exacerbada” gera um mito de “realidade” a serviço do sistema que adoece a sociedade em geral. Os meios determinavam o alcance sobre os acontecimentos que recebiam atenção em meio ao fluxo de informação. Porém, hoje até as forças de oposição ao sistema são rapidamente cooptadas/neutralizadas nesses movimentos institucionais, o que reflete a importância de buscarmos alternativas a essas narrativas e práticas estabelecidas.

Vigora uma desreferencialização em relação aos meios e mensagens que não atuam mais com tanta força de maneira “verticalizada”, mas ramificada/diluída pelas redes. Não é mais apenas a mensagem que se modifica, mas também os próprios meios com a ascensão telemática. O receptor é agora também emissor de informações e criador de realidades narrativas que são criadas a partir de recursos tecnológicos de fácil acesso. Assim, “é inútil sonhar com uma revolução pela forma, já que *medium* e real são a partir de agora uma única nebulosa indecifrável na sua verdade” (BAUDRILLARD, 1991, p. 108). A saída talvez seja de dentro para fora, como já foi dito. Penso que uma excelente maneira de fazer

isso é criar universos e trafegar por suas complexidades, ou seja, dedicar tempo a novas experiências que não se coadunam às intenções do mercado e, com isso, revolucionar a si mesmo em meio à MekHanTropia.

Vemos já há algum tempo a hipermidiatização da vida e (também) da morte. A morte é quantificada na determinação de quais vidas (e mortes) são as mais importantes para receber atenção e destaque. Assim, é estabelecido um olhar calcado em narrativas (hipermidiáticas e hiperexpositivas) limitantes sobre essas pessoas, desumanizando-as e transformando-as em espécies de “semi-deuses” perfeitos (ou que assim deveriam ser). Nesse processo, também somos desumanizados enquanto audiência, como se fossemos inferiores aos padrões de sucesso então estabelecidos.



Figura 29 - "P(sick)HumanCron". Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

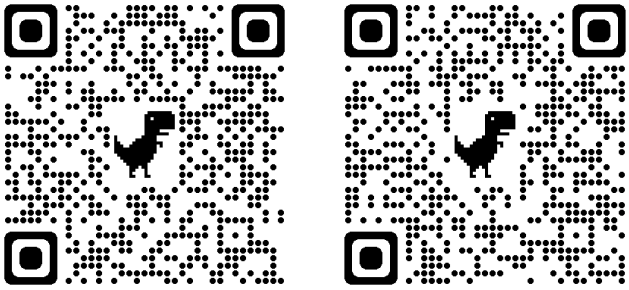
Mortes como as de Ayrton Senna, Mamonas Assassinas, Cristiano Araújo, Marília Mendonça e até de *serial-killers* (só para citar alguns exemplos), são hiperexpostas na mídia desrespeitando a dor de pessoas que se relacionavam com essas pessoas em vida, conjecturando (o que chamo de) uma *máquina MekHanTrópica* de moer gente. Enquanto isso, em meio ao sensacionalismo recorrente, formam-se cortinas de fumaça sobre outros assuntos que o sistema julga não ser tão interessante mostrar, como a negligência necropolítica diante da pandemia que estamos passando ou as filas de pessoas em busca de ossos e restos de comida no lixo, por exemplo. A velocidade e a gana em mostrar um avião ou um carro destruído, corpos dilacerados, roupas que as vítimas usavam ou até imagens vazadas dos necrotérios, geram uma (necro) espetacularização da morte em troca de audiência, de lucro. Instituem-se narrativas enquadradas aos ditames culturais do *status quo* sobre essas pessoas, aniquilando seus contrastes peculiares de personalidade, característicos de qualquer ser humano. Segundo Zygmunt Bauman em sua obra “Medo Líquido” (2008):

> Ocorre que, em todo tipo de sociedade, a individualidade tende a ser um privilégio cobiçado, estritamente vigiado e guardado, de que poucos usufruem. Ser um indivíduo significa destacar-se na multidão; ter um rosto reconhecível e ser conhecido pelo nome; evitar ser confundido com quaisquer outros indivíduos e assim preservar sua própria *ipséité*. (...) Se não houvesse multidões sem rosto (...) ou se a individualidade fosse uma qualidade inata, não problemática, banal, de toda e qualquer pessoa, a ideia de indivíduo certamente perderia muito de seu brilho e atração, embora, muito provavelmente, nem tivesse nascido, para começo de conversa. O acesso aos meios de preservar a singularidade identificável do rosto e do nome no futuro, incluindo o período subsequente à morte de seu portador, é um atributo necessário da individualidade (...) O principal meio de atingir esse efeito é a ‘fama’, abreviatura de ‘ser mantido na memória da posteridade’ (BAUMAN, 2008, p. 50-51).

Essa ideia de ser lembrado eternamente, porém, é uma falácia aproveitada pelo mercado para nos escravizar em uma ideia de produtividade, nos fisgando pelo ego e instaurando-nos sonhos que atendam as intenções torpes do sistema. Primeiramente, quando estivermos mortos pouco importará se seremos ou não lembrados e, além disso, esse eternamente é muito pouco tempo considerando a insignificância da humanidade perante o universo, o tempo e o espaço cósmico.

Nesse contexto, por meio de narrativas midiáticas e hipermidiáticas, cria-se ainda a ideia de “auge” para se referir às mortes dessas celebridades fabricadas

como mitos modernos (que serão esquecidos, cada vez mais rapidamente, assim que a próxima tragédia for espetacularizada novamente). Tais narrativas têm intencionalidades conectadas ao capital e à adequação aos padrões mercadológicos neoliberais de bem-estar, beleza, felicidade e comportamento, além de desígnios políticos e econômicos que favorecem determinados grupos. Essas ideias, embutidas nos discursos que nos entorpecem diariamente, trazem reflexos danosos à sociedade sob formas de preconceitos e intolerâncias como gordofobia, machismo, homofobia e racismo, por exemplo.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Ao associar a ideia de “auge” a determinadas práticas ou formas de ser e estar no mundo, excluem-se outras possibilidades alternativas àquela que se institui. As subjetividades são assim padronizadas. A ideia de “sucesso”, “desejo” e “felicidade” é associada à hiperprodutividade e hiperexposição, aumentando a velocidade e a intensidade da autoexploração ao infinito e diminuindo a frequência da contemplação, o que destrói estruturas de tempo e de sentido, massificando e alienando os indivíduos com ideias ligadas ao consumo e diminuição do pensamento crítico.

Excessos de informações sensacionalistas são jogadas de maneira irrefletida e infinita em nossa imaginação pelas máquinas, o que nos distorce, entope e coloniza o olhar e o imaginário por meio de discursos excludentes sobre como seria a maneira ideal de existir. Segundo Byung-Chul Han (2021a), é preciso o espaço da pausa, da reflexão, do “fechar os olhos”, do descanso para se recompor diante de um mundo com tantas informações distorcidas e dispensáveis:

> A memória virtual (Speicher) é sem história, ou seja, sem conclusão. Ela é meramente aditiva. A memória (Gedächtnis) é, hoje, desnarrativizada, tornando-se um amontoado de lixo e de dados, um 'depósito de tralhas' (Paul Virgilio), que está inteiramente entupido com todo tipo possível de imagens e símbolos desgastados, inteiramente desordenados e mal adquiridos. No depósito de tralhas, as coisas estão meramente uma ao lado da outra. Elas não estão em *camadas (geschichtet)*. Por isso, falta ao depósito de tralhas toda história (Geschichte, construída por diversas camadas que a compõe), ou seja, o sentido. O depósito de tralhas não pode nem lembrar nem esquecer. Toda a história do passado como utopia, revolução e mito, flui hoje para dentro da máquina de informação como para dentro de uma barragem, que expele, então, relatos posteriores rapidamente consumíveis. A informação não é uma conclusão. Por isso, ela tende à proliferação e à massificação. Nisso ela se distingue tanto do saber como também do conhecimento e da verdade (HAN, 2021a, p. 20-21).

Trabalho esse pensamento colocado por Han (2021b) em algumas obras minhas, com intencionalidade de representar, a partir de uma montagem e edição caótica e desnarrativizada, a sociedade atual. Um exemplo disso é o vídeo experimental "Favor fechar os olhos (EletroSHOCK)"[16], no qual utilizo animação *stopmotion* em redes neurais mesclada com imagens em vídeo (*live action)* feitas de um globo da morte circense, para representar essas faltas de conclusão que temos hoje, em especial com as redes sociais.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Caro(a) leitor(a)/fruidor(a), saudações!
Não me contive e vim aqui contar um episódio interessante que me ocorreu. Encontrei outro dia, pelos labirintos mekHan Trópicos, o amigo resistente de codinome "Amante da Heresia". Ele me disse que, ao visualizar frames extraídos da tela mental particular de Valdez (extraídos de um vídeo realizado após um eletroshock sofrido por ele em meio aos fluxos), ficou instigado com algumas questões que aqui reproduzo pra vocês:

[16] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZRaoKphpD3o&t=8s Acesso em: 22/07/2023.

"da música que liberta nosso corpo dos grilhões da alma - esta máquina de criar âncoras para nossa dança - à narrativa visual em loopings, voltas e revoltas! globo e glóbulos da morte! adorei! e por isso uma provocação: nós, humanos, demasiado humanos é quem trazemos o vazio ao mundo, para este ser realizado em toda a sua plenitude. e o pós-vazio? o que seria isso? a abstração completa? ou a realização da máxima de douglas adam, 'nada é impossível. mas altamente improvável'?"

Essa intervenção me abriu reflexões acerca do "vazio". Provocou-me transmutações a partir do que foi transmutado no vazio PÓStumo que se encurta cada vez mais enquanto instantes no hiperfluxo hiperinformacional em MekHanTropia. Penso que as máquinas podem criar âncoras na gente (e geralmente é o que acontece em função do sistema da hiperprodutividade), mas também podem soltar a imaginação enquanto ferramenta criativa de expansão e transcendência. O problema, assim, talvez esteja nas maneiras e intencionalidades sistêmicas como as máquinas estão sendo usadas e fruídas em função do "vazio". O "vazio como personagem" central dessa MekHanTropia instituída. O vazio em relação ao pensamento crítico, em relação aos sonhos, em relação à criatividade, à subjetividade. O vazio psicoemocional como objetivo de condição, de institucionalização. O padrão que estabelece o vazio para que não haja revolução.

O vazio que pede para ser preenchido pelas linearidades dispersas que, por sua vez, suplicam para serem ordenadas enquanto "verdades", enquanto "realidades".

Adorei a frase de Adams citada pelo Amante da Heresia, pois me fez pensar que, entre o "impossível" e o "improvável", ainda há a vida em toda a sua complexidade e possibilidade, e, por isso, resistência (como essa aqui codificada). A vida e suas nuances como a tão clamada resistência, assim como a arte. E a morte como parte da vida (e da arte). Como parte dos ciclos infinitos transmutacionais de nossa condição. A morte (representada pelo globo que surge nos frames citados extraídos de Valdez) nos estapeia a cara constantemente mostrando que tudo é movimento, tudo muda o tempo todo, num movimento de des-apropriação de tudo que se coloca como "o que é".

A ilusão do "absoluto". Rastros in-significantes. Pinceladas de ausência. Como se o "vazio" fosse entendido enquanto um meio de afabilidade entre as imagens que passam umas nas outras constantemente nesta e em outras situações. Imagens, cada vez mais, aceleradas pelas inúmeras máquinas. Um desprendimento intenso entre a ausência e a presença, entre ser e não ser, sem expressar nada em definitivo.

Nada urge, nada se limita, nada se fecha, e ao mesmo tempo tudo se aconchega e se espelha num fluxo binário delirante da linguagem digital. E não adianta querer que as coisas sejam imóveis e imutáveis, pois nem na morte elas são, quanto mais em

MekHanTropia. Não temos esse domínio ilusório. Acha-se que se tem o poder de domínio sobre o caos e isso é uma ilusão narrativa, semiótica, imposta pelo Messias que junto à sua horda esconde a informação. Mas aqui estou para expor um pouco sobre o que vejo. Sobre o que vi (e vivi) em MekHanTropia.

Por isso que penso que cada momento é importante em si e contém em si o cosmos, pois nunca sabemos o que irá acontecer no momento a seguir. E cada vez presta-se menos atenção aos momentos, pois a fluição está cada vez mais intensa pelas time-lines. Na possibilidade e na probabilidade de viver está presente muita dor e sofrimento (utilizados como estratégia de cooptação pela anestesia digital das redes), mas também afetos, amor e alegrias presas nos instantes cada vez mais curtos e fugazes aniquilados pelo hiperfluxo e hipercompetição.

Todavia, tais instantes mágickos que se diluem sem pausa nas telas do mundo 24/7, ainda existem e por isso é preciso "fechar os olhos" para ver além do que se vende como real.

A impossibilidade disso é o que me assusta, pois estamos constantemente mais dependentes das redes e objetos hiperinformacionais. Hábitos que nos encaminham para a aniquilação dos instantes decisivos já nem notados mais quando acontecem em MekHanTropia. O universo inteiro de MekHantropia é representado um pouco assim, fundado sobre essa ideia. Porém, ainda, há sentidos que podem ser determinados de maneira múltipla, sem um sentido único possível (resultados de experimentações transmidiáticas sobre os elos que constituem esse universo). Mas é preciso "fechar os olhos" para ver.

(Carta d'O Acimador para você. MekHanTropia, ano zero).

É perniciosa a ideia criada de "auge" pelo sistema. O "auge" é uma ficção instituída como consequência de um discurso que tem como lema a autoexploração e a adequação aos ditames mercadológicos como única forma de existir, amar, ser feliz, socializar e até odiar. Contudo, o auge essencial, de qualquer existência, reside no momento presente que está em constante transformação, no estar aqui e agora, respirando e se movimentando no mundo, seja quando, como ou onde for.

O auge é sempre mutante e constante. Ao restringir o auge a narrativas pré-moldadas em função do sistema, pode-se impedir as pessoas de mudarem, de ressignificarem, de transmutarem, de criarem as próprias narrativas sem se (hiper) comparar, adoecendo-nos sobre a ilusão inerte de que esse "auge" já

passou ou nunca virá. Isso favorece o controle, pois ficamos anestesiados demais para qualquer tipo de contestação e, como no filme *Matrix* (1999), muitas vezes até se defende o sistema. A indústria *mainstream* do entretenimento e da comunicação atuam nessa relação destrutiva que toma dimensões cada vez mais hipnotizantes no mundo digital. Segundo Han, atualmente:

> a massa de informação que se acelera sufoca (...) o pensamento. Também o pensamento carece de um silêncio. É preciso poder fechar os olhos. O sujeito do desempenho é incapaz de chegar a uma conclusão. Ele se despedaça sob a coação de sempre ter de produzir mais desempenho. Precisamente essa incapacidade de chegar a uma conclusão e de encerrar conduz ao *burnout*. E, em um mundo no qual a conclusão e o encerramento dão lugar a um avanço sem fim e sem direção, não é possível morrer, pois também o morrer pressupõe a capacidade de encerrar a vida. Quem não consegue morrer no tempo certo tem de a-cabar (*ver-enden*) em uma hora inoportuna (*Unzeit*) (HAN, 2021a, p. 29-30).

Assim, segundo Han, cada vez mais o tempo (individual e coletivo) é padronizado e colocado como refém do sistema, que transforma a pausa em produtividade constante, extinguindo os limites entre o tempo no trabalho e o tempo fora do trabalho pela hiperinformação e hiperconectividade. Esse é o tempo instituído em MekHanTropia. Um tempo de trevas, excludente, egoísta e totalitário, que atua no inconsciente das pessoas. Um tempo aniquilador de sonhos e padronizador de pensamentos. Para Han, se faz "necessária uma *revolução temporal*, que gere um outro tempo, o *tempo do outro*, que não é o tempo do trabalho, uma revolução temporal que traga de volta para o tempo o seu aroma" (HAN, 2021a, p. 34), ou seja, que possibilite pausas e elos para diálogos, reflexões, ponderações, considerações, inclusões e encontros em meio à diversidade do que difere do "eu". O neoliberalismo hiperinformacional aniquila o senso de comunidade e pertencimento ao "natural", exaltando o narcisismo e destruindo o que já consideramos estar "de fora de nós". Han, no que se refere ao contexto atual, diz que "em um *tempo inoportuno* e, em última instância, catastrófico, também terminará nosso mundo, que, por causa da forma faltante de conclusão, se acelera cada vez mais" (HAN, 2021a, p. 46).



Figura 30 - "Sorria, você está sendo filmado". Colagem com fotografia digital e redes neurais/IA. Fredé CF, 2021.

De acordo com Baudrillard, o “boicote” a essa situação de fascínio pelo espetáculo que nos seduz e altera a percepção sobre os tempos e espaços, deve ser feita observando e refletindo acerca de uma ideia de rompimento ao simulacro instituído por simulações pelo sistema. Ele cita a situação das crianças, tidas como “sujeitos” (“emancipadas” pelas exigências feitas pelos adultos) e “objetos” (controladas por eles). Então, o rompimento deve ser feito

aos moldes do que ele chama de uma “rebeldia juvenil”, colocando em prática, na “recusa de sentido” e “recusa de palavra”, conceitos como “libertação”, “emancipação”, “expressão”, “constituição” como um sujeito ativo e político atuante na subversão de padrões e valores arraigados na sociedade. Um movimento contra a alienação e a passividade e a favor da exaltação da subjetividade e unicidade no mundo, como fazem as crianças, por exemplo, ao brincar.

IV

O mesmo macrocosmo externo existe internamente, isso ele não pode perceber. Como eu, que narro essa história, estou de fora mas pertenço a Valdez e ele a mim. E dentro e fora de mim há coisas que ele nunca terá acesso (mesmo se me acessasse). Assim como Valdez interiormente é parte de mim, eu dele e nós do cosmos e do que houver além. Diversos organismos que compõem um ser maior universal e que, além dele, existem outros seres com seus próprios mecanismos e organismos, de fora do seu universo, de fora do que há de fora do seu universo e assim sucessivamente. De certa forma omitiu (ou não se atentou) ao mesmo movimento no sentido interior dos organismos, talvez como forma de poder ou por pura distração. Como certa vez ouviu que “o ovo pode ser só um meio entre duas galinhas”, ou não. Talvez não seja uma galinha que virá. Valdez entrou em choque com uma coisa tão óbvia: somos um ser maior universal. Um meio e não um fim para outros organismos que dependem de nosso movimento para viver. Uma dança de mão múltipla orquestrada pela vida. Mesmo com apenas 6,66% de carbono ainda em seu corpo, ele leva a vida e cada vida dessas vidas que leva e leva também outras vidas, de maneira infinita, vivendo sua própria vida. O que se vê como desordem, é transição, é movimento.

[“O Cão Breu Latino (As Aventuras de Valdez em MekHanTropia - Diários de Quarentena)”. MekHanTropia, ano zero].

Tornar-se “sujeito” e não “objeto”, desviando e observando sem absorver todas as mensagens produzidas pelo sistema. Uma reivindicação individual, pelo autoconhecimento e reconexão com o planeta, contra a maximização de sentidos imposta pelo sistema. Essa é a jornada que tento percorrer pelas entranhas de MekHanTropia.

> Remeter ao sistema a própria lógica reduplicando-a, devolver, como um espelho, o sentido sem o absorver. (...) Todos os movimentos que só jogam sobre a libertação, a emancipação, a ressureição de um sujeito da história, do grupo, da palavra sobre uma ‘tomada de consciência’ e até sobre uma ‘tomada de inconsciência’ dos sujeitos e das massas não veem que eles vão no mesmo sentido que o sistema, cujo imperativo é hoje em dia precisamente de superprodução e de regeneração do sentido e da palavra (BAUDRILLARD, 1991, p. 111-112).

Jan Fries, em seu livro *Mágicka Visual* (2018), diz que dar vazão aos processos mentais por meio da arte, de maneira mais livre e natural (prática típica de artistas-magistas, surrealistas, psicodélicos, ocultistas, médiuns e xamãs), permite que trabalhemos aspectos e questões obscuras que estão presentes em nós e, muitas vezes, não temos consciência. Independentemente das intenções e dos resultados ou julgamentos obtidos sobre o que foi feito, o ato de criar *per si* é importante para o autoconhecimento e, consequentemente, para a transformação sobre a realidade. Segundo ele:

> Desenho [criação artística] 'automático' dá ao *self* interior uma chance de se livrar de coisas reprimidas. Isso quer dizer que alguns dos seus desenhos [criações] parecerão terríveis, doentios, malignos ou nojentos. Não é importante que sua personalidade goste ou não deles. A coisa está aqui, e é preciso lidar com ela. A arte lhe dá uma oportunidade de se resolver com ela. Não feche seus olhos: confronte os demônios que você criou. Você consegue aprender a olhar para eles sem medo? (FRIES, 2018, p. 55).

O ato da criação artística (autoral e independente) e a reflexão sobre os processos criativos praticados em minhas produções, me auxiliam numa busca constante por metAMORfose de mim mesmo em contato com o todo, numa tentativa de reconectar à minha essência enquanto ser único que passa por tempos e espaços, sempre em movimento pelo cosmos, a bordo dessa "nave" que chamamos de Terra.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Na contramão da indústria, com a arte independente tenho maior liberdade de criação e expressão. Vislumbro minha própria evolução no sentido de conjecturar um pensamento mais crítico e fundado sobre o meu "estar no mundo", de forma mais sincera. Assim, me transformando e semeando transformações sobre as realidades que entro em contato por meio da criação artística (em uma ideia de

“Ecotropia”[17]), atuo por formas de pensar de fora das padronizações mercadológicas instituídas, numa produção de conhecimento colaborativa sem relação autoritária, conectando imaginários e dando voz poética a eles.

A arte acalma
Equilibrou
Quem estava ao meu lado
Quem não tratou com descaso
O que nunca ocorreu
O que se distorceu
Seleção natural de quem permaneceu
Fundamental
Força sem igual
Em momentos sombrios
Estende as mãos
Como irmãs e irmãos
Afetos que nos enxergam além
De valores cristãos
De vacilos que se vão
Sociais
Culturais
Humanos
Imperdoável perdão
Interseção
Universos cruzados com satisfação
Para além do bem e do mal
Maniqueísmos vazios
Binários
Sem brilhos
Ou nuances
Sem moral
Sombras e delírios
Intrínseco mal
E bem também
Primordial
Importante assumir isso
Todos os riscos

17Conceito que me surge sobre “sementes” anti-mekHanTrópicas que são lançadas artisticamente de maneira colaborativa como resistência ao sistema para reexistir em conexão com Gaia.

Rabiscos
Acertos e erros sombrios
Desejos sem sentido
Racional
Emocional
Inconsciente
Visceral
O que não faz sorrir a mente
Ou faz curtir o que sente
O que é parte de você
Integrar-se como tal
Total
Chorar
Sorrir
Evoluir
Transmutar
Curtir
Que toda essa loucura
Também somos
Parte do que é
Sem precisar sempre ser
Mas reconhecendo
Sem fé
Sem dogmas
Saber
Na medida do possível
Quem se é
Está
Da cabeça aos pés
Respirar
Ver
Os olhos da memória
Veem melhor que os olhos
que a terra há de comer
Veja você
Pr'ocê ver.
["Olhar com (c)alma". Foto-poesias MekHan Trópicas. Fredé CF, 2022].

Aspectos ideais nem sempre são ou serão estabelecidos por mim, como: equilíbrio, harmonia, temperança, empatia, bom senso e conexão sincera

comigo, com os outros, com o tempo, com o espaço, com o planeta e com o cosmos, uma vez que também fazem parte de minha humanidade os aspectos sombrios muitas vezes negados ou nem reconhecidos. Nuances infinitas de luzes e sombras transitam, do micro ao macro, como parte de mim nessas criações. Em meio a esses processos, tento estabelecer pausas criativas sobre o cotidiano ordinário e direcionar um olhar elucidativo a questões que se manifestam e são aqui presentificadas.

> As pessoas que só procuram por beleza e harmonia restringem-se mais do que elas imaginam. Se você der corpo aos seus horrores, pode ser que você se cure. Se você os negar, todo o seu ser sofrerá. Não se censure. A arte não precisa ser bela, o que importa é que ela seja viva. Restrinja um aspecto sequer de sua arte, e logo toda ela estagnará (FRIES, 2018, p. 55).

Cada vez mais imersos em telas, redes, dígitos, fluxos, trabalhos, compromissos, entre outras atividades cotidianas consideradas como “sérias” e “essenciais”, esquecemo-nos da importância da pausa e do olhar contemplativo existencial a nós mesmos e ao que nos cerca. Um olhar essencial que promove qualidade de vida para nós enquanto seres naturais e orgânicos pertencentes à natureza, com menos julgamentos e comparações restritivas e mais instinto e serenidade.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Em sua obra “No-cosas: Quiebras del mundo de hoy” (2021b), Byung-Chul Han discute sobre o desaparecimento das coisas em favor do digital, rumo à uma desmaterialização do mundo. Existem artistas, como o italiano Salvatore Garau, que discute poeticamente essas ideias “produzindo” e vendendo obras invisíveis. Garau chegou a vender esculturas invisíveis por milhares de dólares[18]. Além da

[18] Disponível em: https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/o-artista-que-vendeu-uma-escultura-invisivel.phtml Acesso em: 23/07/2023.

percepção alterada, as recordações e memórias, antes ligadas a objetos sólidos, agora estão transformadas em dígitos e armazenadas “sem limites” em bancos de dados, “nuvens” digitais que confirmam que nossa modernidade já está muito mais “gasosa” que “líquida” (à luz de Zygmunt Bauman). Nos tornamos caçadores obsessivos de informação que se esvai rapidamente pelos fluxos digitais infinitos das redes. Perdemos cada vez mais o tempo da pausa, da reflexão, do silêncio em meio a tanto ruído hiperinformacional e ganhamos o *status* de “mercadoria”, uma vez que, no capitalismo da informação, até aspectos humanos imateriais como o amor, a amizade e a alegria ganham, cada vez mais, essa condição. Nas redes não há recordações ou pensamento crítico como no cérebro humano, que cria e pondera acerca das narrativas, mas sim informações jorradas de maneira ilimitada, o que contribui para que os estímulos excessivos anulem a reflexão sobre elas.

Segundo Han (2021b),

> ya no habitamos la tierra y el cielo, sino Google Earth y la nube (...) El orden digital, es decir, numérico, carece de história y de memória, y, em consecuencia, fragmenta la vida (...) Solo las narraciones crean significado y contexto. A partir de certo punto, la información no es informativa, sino deformativa (HAN, 2021b).[19]

Esse desaparecimento das coisas palpáveis é bem evidente na fotografia (pela passagem do filme fotográfico analógico aos formatos digitais) e na música, tanto em sua produção como em sua audiência. Já quase não ouvimos mais álbuns físicos, táteis (disponíveis em plataformas de *streaming*) e também na criação e produção musical, que utiliza bastante de aplicativos com instrumentos eletrônicos e *loops* pré-gravados (*samplers* e programações) para criar ambientações, ritmos, arranjos e harmonias. Utilizo tais recursos em minhas composições musicais, junto com instrumentos acústicos, para tratar poeticamente sobre esses contrastes entre orgânico e digital, palpável e virtual, coisa e não-coisa, sólido e líquido (que se torna cada vez mais gasoso).

[19] “Já não habitamos mais a terra e o céu, mas o Google Earth e a nuvem (...) A ordem digital, ou seja, numérica, carece de história e memória e, consequentemente, fragmenta a vida (...) Só as narrativas criam significado e contexto. A partir de certo ponto, a informação não é informativa, mas deformativa” (HAN, 2021b). Tradução nossa.

Caro(a) leitor(a)/fruidor(a).

Peço licença poética aqui para citar uma nostalgia que me ocorreu enquanto abordava os temas acima, me tomando a atenção de repente. Ao falar sobre esses contrastes entre o orgânico e o digital, me remeti curiosamente a alguns brinquedos que tive em minha infância, como um mini-teclado musical, traço-mágico, pense bem, mini-games, atari, mega-drive, alguns jogos de tabuleiro (war, imagem & ação, academia, jogo da vida, banco imobiliário, etc), RPG, entre outros. A memória é algo impressionante! Eu nunca mais havia me lembrado de alguns desses artefatos que tanto gostava na infância e, do nada, me surgem. Isso me remete à essa caocidade narrativa que utilizo enquanto processo criativo e me acompanha por toda a vida. Talvez por ter sido uma criança muito lúdica e com suporte afetuoso familiar que gostava muito de brincar, jogar, desenhar, interpretar, fotografar, entre outras atividades desse tipo, isso componha uma espécie de genealogia da minha visão sobre as relações entre humano, máquinas e criação artística. Me lembro de gostar de escrever histórias aleatórias quando criança na máquina de escrever que minha avó tinha. Também me lembro de um mini-jornal com cara de fanzine que fiz na escola quando tinha uns 10 anos de idade.

A escrita dessa tese-criação me traz à tona muitas coisas imprevisíveis que eu havia me esquecido e que considero importantes, de alguma maneira, aqui citar, uma vez que configuram aspectos que talvez me tenham trazido a este instante e temas sobre os quais escrevo para vocês.

Enfim, sigamos com os relatos.

(Carta d'O Acimador para você. MekHanTropia, Ano Zero).

Na contramão do pensamento de Han, Mark Zuckerberg (criador e chefe-geral de diversas redes [anti]sociais como Facebook, Instagram e WhatsApp), defendeu, na criação de seu "metaverso" intitulado "Meta", uma narrativa de que se vivermos mais em uma realidade virtual paralela consequentemente protegeremos mais o meio-ambiente ao reduzir a emissão de carbono no mundo (como se também não fôssemos parte do meio-ambiente e não houvessem outras formas pra se fazer isso). Segundo ele, no metaverso "você será capaz de gastar mais tempo com o que realmente importa, cortar o tempo gasto no trajeto e reduzir a sua pegada de carbono"[20].

[20] Disponível em: https://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2021/10/em-carta-aberta-marck-zuckerberg-descreve-nova-fase-do-facebook-que-agora-se-chama-meta.html Acesso em: 24/07/2023.

Em outras palavras, Zuckerberg parece querer que façamos tudo em uma realidade paralela digital, sem sair de casa, apenas por meio de redes telemáticas e realidade virtual, por meio de um avatar. Trabalho, estudo, lazer, jogos, viagens, ou seja, viver em um "não-mundo" que se aproxima bastante dos vislumbres feitos por Charlie Brooker na série *Black Mirror* e que pode gerar consequencias aterrorizantes em relação à saúde mental e à nossa socialização, mediada ainda mais por empresas que lucram com isso. Destarte, o futuro para o megamilionário é que devemos nos mover ao mínimo e manter-nos o máximo de tempo confinado, vivendo imersos em seus aplicativos e realidades criadas. Nessa utopia zuckerberguiana (com trejeitos de distopia) deveremos torcer para que sua empresa continue sempre "prosperando" e para que não haja nenhum apagão, em troca de não sermos extintos.

A psicóloga especialista em psicologia social, Fabiane Cavalcante, em entrevista ao jornal *Folha de Pernambuco* (2021) sobre o tema do metaverso, coloca que:

> Existem duas questões, uma externa e outra interna. A questão externa parte muito do desenvolvimento cultural. Nós vivemos em uma era de bombardeios, de mudanças, informações e muitos impactos no processo cultural e isso vai influenciar nas nossas ideias básicas acerca do que é essa natureza humana. A questão interna é porque a gente também vem em um movimento de fuga da realidade e de querer viver em um mundo ideal. Nesse mundo ideal, a gente consegue criar tudo. Isso fala muito da insegurança na vida de uma forma geral, como a baixa autoestima, as dificuldades em lidar com traumas, medos, frustrações e com tudo que faz com que o ser humano vá se desenvolvendo[21]

Baudrillard (1991) alertava sobre os perigos desses deslocamentos do "real" ao "ideal" em função do mercado, onde todos estão trancados em suas telas, que se transformam em espelhos, vislumbrando um maior encontro com o que nos falta e é natural, como ocorreu durante a pandemia e pode acontecer com ainda mais potência com esse projeto de Zuckerberg, nos provocando uma imersão sem volta no mundo virtual e extrapolando os limites da ficção científica.

> Talvez que a ficção científica da era cibernética e hiper-real não possa senão esgotar-se na ressurreição 'artificial' de mundos 'históricos', tentar reconstituir 'in vitro', até os mínimos detalhes, as peripécias de um mundo anterior, os acontecimentos, as personagens, as ideologias acabadas, esvaziadas do seu sentido, do seu processo original, mas alucinantes de verdade retrospectiva. Assim acontece em *Simulacres* de P. H. Dick, a Guerra da Secessão. Gigantesco holograma a três

[21] Disponível em: https://www.folhape.com.br/colunistas/tecnologia-e-games/metaverso-a-promessa-revolucionaria-para-a-internet/27931/ Acesso em: 24/07/2023.

> dimensões, onde a ficção nunca mais será um espelho estendido ao futuro, mas realucinação desesperada do passado (BAUDRILLARD, 1991, p. 153).

Enleios à parte, a obsessão humana pelo silício se manifesta de maneira opressiva com exclusão pelas tecnologias e redes telemáticas, o que gera, em larga escala no planeta, ideias de busca por poder, controle, status, competitividade, produtividade, desempenho, comparação, velocidade, lucro, luxo, acúmulo de coisas e exploração como ideais de felicidade e sucesso, o que nos encaminha, cada vez mais rápido, à Sexta Extinção[22] no planeta e à aniquilação de nossos sonhos e potencialidades criativas. Morreremos imersos em simulações que não condizem com o que nos cerca, como o mundo representado pelo filme *Matrix* (1999) que me serve como influência para o mundo imaginado de MekHanTropia.



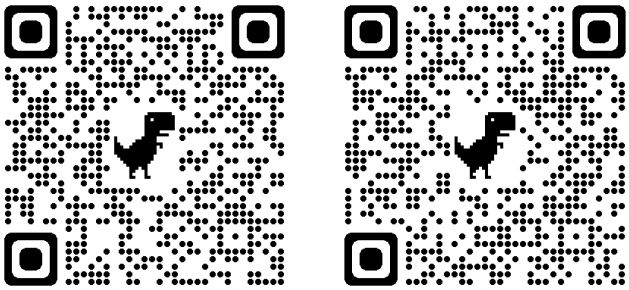
Figura 31 – "Agrotopia". Fotografia digital. Fredé CF, 2021.

[22] Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2022/12/as-6-grandes-extincoes-em-massa-do-planeta-e-por-que-estamos-passando-por-uma-delas-agora.shtml#:~:text='Antropoceno'%2C%202022,a%20culpa%20%C3%A9%20da%20humanidade. Acesso em: 24/07/2023.

De acordo com Rosi Braidotti (2019):

> The posthuman condition implies that 'we' – the human and non-human inhabitants of this particular planet – are currently positioned between the Fourth Industrial Revolution and the Sixth Extinction. Yes, we are in this together: between the algorithmic devil and the acidified deep blue sea. The Forth Industrial Revolution involves the convergence of advanced technologies, such as robotics, artificial intelligence, nanotechnology, biotechnology and the Internet of Things. This means that digital, physical and a biological boundaries get blurred. The Sixth Extinction refers to the dying species durying the present geological era as the result of human activity. More specifically, this conjuncture positions us between two parallel and to a certain extent specular forms of acceleration: the systemic accelerations of advanced capitalism and the great acceleration of climate change (BRAIDOTTI, 2019, p. 2).[23]

Tendo em vista que toda ficção é uma tomada de posição política e que o sistema domina, pelo capital, grande parte desses espaços e discursos, clamo, embora não isento de institucionalizações, por uma maior atenção a manifestações autorais independentes e pela insurgência contra a indústria da imaginação e o monopólio do imaterial em nossa cultura. Essas práticas alienantes são estabelecidas por meio da automatização, normalização, padronização e, consequentemente, aniquilação das subjetividades, do "si mesmo", da diversidade por meio de representações artísticas midiáticas produzidas em função do mercado. A indução do sistema para a prática desses hábitos é o que chamo aqui, metaforicamente, de MekHanTropia.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

[23] "A condição pós-humana implica que 'nós' – os habitantes humanos e não humanos deste planeta em particular – estamos atualmente posicionados entre a Quarta Revolução Industrial e a Sexta Extinção. Sim, estamos juntos nisso: entre o diabólico algorítmico e o mar azul profundo acidificado. A Quarta Revolução Industrial envolve a convergência de tecnologias avançadas, como robótica, inteligência artificial, nanotecnologia, biotecnologia e Internet das Coisas. Isso significa que os limites digitais, físicos e biológicos ficam confusos. A Sexta Extinção refere-se às espécies moribundas durante a presente era geológica como resultado da atividade humana. Mais especificamente, essa conjuntura nos posiciona entre duas formas paralelas e até certo ponto especulares de aceleração: as acelerações sistêmicas do capitalismo avançado e a grande aceleração das mudanças climáticas" (BRAIDOTTI, 2019, p. 2). Tradução nossa.

Segundo Carl Sagan em sua célebre obra *O mundo assombrado pelos Demônios: a ciência vista como uma vela no escuro* (1996), reflete sobre algumas dessas induções:

> Um extraterrestre, recém-chegado à Terra – examinando o que em geral apresentamos às nossas crianças na televisão, no rádio, no cinema, nos jornais, nas revistas, nas histórias em quadrinhos e em muitos livros –, poderia facilmente concluir que fazemos questão de lhes ensinar assassinatos, estupros, crueldades, superstições, credulidade e consumismo. Continuamos a seguir esse padrão e, pelas constantes repetições, muitas das crianças acabam aprendendo essas coisas. Que tipo de sociedade não poderíamos criar se, em vez disso, lhes incutíssemos a ciência e um sentimento de esperança? (SAGAN, 1996, p. 53).

Esse "establishment", que domina as histórias contadas em MekHanTropia, atua na padronização de grande parte dos indivíduos, mecanizando e cooptando suas vidas que se tornam menos racionais, menos reflexivas, menos críticas, menos colaborativas, menos abertas ao novo, ao diferente, mais alienadas e escravizadas a serviço do mercado. Isso desconecta, de maneira "antropocena", o ser-humano daquilo que ele é em essência: bicho, animal, e o lança em um ciclo de repetição de erros históricos, sem muito espaço para imaginação.

Segundo Baudrillard (1991), a imaginação humana está em crise:

> Já não podemos imaginar outro universo: a graça da transcendência também foi-nos (…) tirada. A ficção científica clássica foi a de um universo em expansão, que encontrava as suas vias nos relatos de exploração espacial, cúmplices das formas mais terrestres de exploração e de colonização dos séculos XIX e XX. Não há aí relação de causa e efeito: não é porque o espaço terrestre está hoje virtualmente codificado, cartografado, recenseado, saturado, se fechou de algum modo ao mundializar-se – um mercado universal, não somente das mercadorias, mas dos valores, dos signos, dos modelos, que já não dão lugar ao imaginário (BAUDRILLARD, 1991, p. 153).

A grande maioria das obras audiovisuais mercadológicas atuais, em especial os filmes de ação, não abrem muito espaço para a imaginação. Em meio a ações intermináveis, explosões estrondosas, inúmeros cortes e excessivo uso de computação gráfica, fecham-se cada vez mais as lacunas com histórias rasas e padronizadas. Há uma superexcitação (muitas vezes atordoante) da percepção em contato com determinadas obras.

V

Nem a morte pode parar o movimento mekHanTrópico.

Valdez, inconformado com tal revelação que lhe ocorreu, deixou escapar uma lágrima de nostalgia, ao lembrar da lição de esperança que seu pai Ernesto Ulloa lhe disse um dia em sua infância semi-analógica, antes dos fluxos, de que "juntos ascendemos, separados caímos".
["O Cão Breu Latino (As Aventuras de Valdez em MekHanTropia - Diários de Quarentena)". MekHanTropia, ano zero].

Somos presos nesse campo de batalha exposto à nossa frente e reduzidos a receptáculos inócuos de conteúdo, vencidos pelo cansaço e pelo exagero de acontecimentos deslumbrantes nas telas relatados, o que desemboca na aceitação irrefletida de conteúdos sensacionalistas hipnotizantes, como uma espécie de prisioneiros da excitação, do prazer, da automação, da otimização, da positividade que reside na estabilidade e aceleração transparente que dilui e elimina a alteridade, padronizando e totalizando o que se apresenta como negatividade ao igual, como pontua Byung-Chul Han em *Sociedade da Transparência* (2017c):

> Nos dias atuais não há mote que domine mais o discurso público do que o tema da transparência. Ele é evocado enfaticamente e conjugado sobretudo com o tema da liberdade de informação. A exigência de transparência, presente por todo lado, intensifica-se de tal modo que se torna um fetiche e um tema totalizante, remontando a uma mudança de paradigma que não se limita ao âmbito da política e da sociedade. Assim, a sociedade da negatividade dá espaço a uma sociedade na qual vai se desconstruindo cada vez mais a negatividade em favor da positividade. Portanto, a sociedade da transparência vai se tornando uma *sociedade positiva* (HAN, 2017c, p. 10).

Segundo Han, dessa transparência se apresentam características relacionadas à padronização, à falta de profundidade e crítica do pensamento, ao fim de qualquer resistência ou reflexão frente a comunicação, a informação, o mercado, o capital e ao institucional operacional, o que estabelece esvaziamento alienante e, consequentemente, maior controle sobre os indivíduos.



Figura 32 - "Sociedade da Transparência". Desenho à lápis e finalização com Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2021.

A ilusão de transparência, a auto-exploração da positividade tóxica, a hipercompetitividade, a hiperinformação e o narcisismo exorbitante atuais são temas constantemente abordados em minhas obras de maneira poética, como o desenho exposto a pouco, decorrente de um automatismo após a leitura da obra homônima de Han (2017c). Tento representar tais ideias de maneiras diversas, por exemplo, com o conceito do personagem Valdez viver preso de maneira trágica em MekHantropia, sem conseguir se livrar daquilo que o prende e se esquecendo cada vez mais de quem ele é em essência. Adestrado em narrativas instituídas, o personagem é um espelho de nós mesmos, cooptados voluntariamente (consciente ou inconscientemente pelo mercado). Valdez não consegue lidar com suas emoções que o rasgam o peito e o aprisionam entre a vida e a morte na narrativa em trânsito por diferentes dimensões transmidiáticas/oníricas, sempre observado por quem o assiste em nossa

dimensão e por outros personagens. Ele “vive” sempre preocupado com o olhar julgador do “outro”.

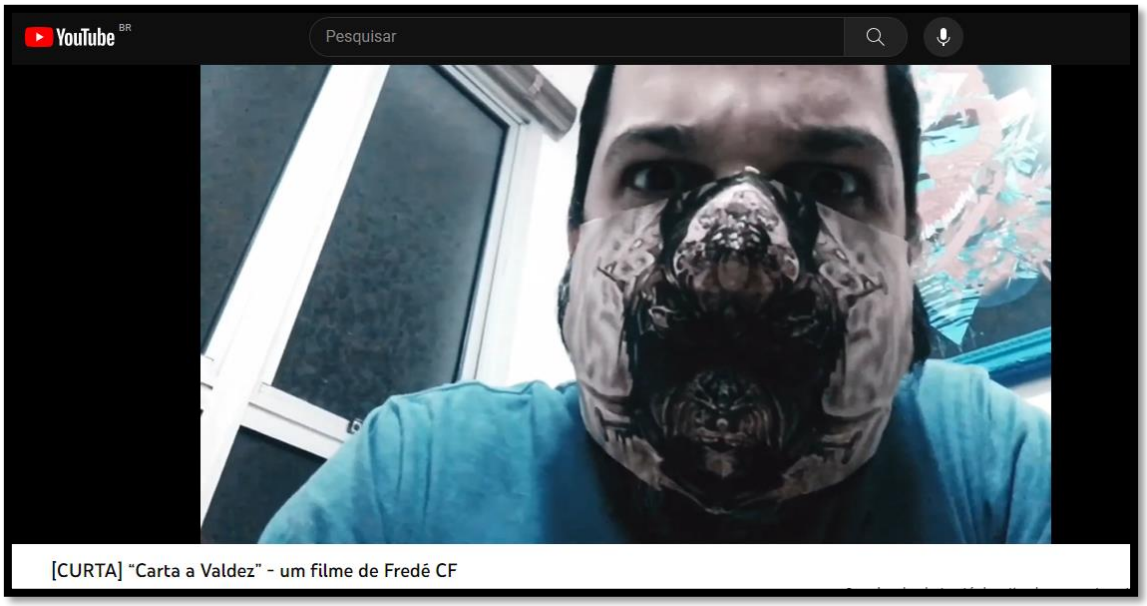


Figura 33 - Frame do curta-metragem onírico "Carta a Valdez", de Fredé CF. 2020/2021.

A personagem resistente de codinome “Aila”[24] tenta, ao longo das narrativas desse universo, direcionar o olhar de Valdez ao seu interior animal, a suas sombras e, ao mesmo tempo, ganhar tempo para poder agir libertando outros indivíduos para as próprias subjetividades por meio dos sonhos.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Um fator poético-operacional que ocorre é que o ciclo se reinicia cada vez que se dá o acesso às narrativas, por alguém a alguma obra que compõe esse

[24] O nome da personagem é uma alusão à “A.I. – Artificial Inteligence” e a denominação “Ayla” como a Deusa Lua em culturas latino-americanas (como a Inca, por exemplo).

universo, numa alusão ao mito de Sísifo (condenado a subir a pedra no monte eternamente). Em cada acesso, se reinicia a jornada do personagem em contato com quem frui a obra. Nesse sentido, a ideia de morte é ressignificada no universo de MekHanTropia e não condiz com a ideia de “descanso”, de fim/conclusão, de vazio ou de inércia, estabelecendo-se uma relação sem pausas que representa o que é a vida nas redes: uma relação de infinita permanência, ao contrário do conceito de “morte” para o zen-budismo. Segundo Han (2020):

> no zen-budismo a morte certamente não representa nenhuma catástrofe, nenhum escândalo. Ela não coloca em movimento, porém, aquele trabalho de luto que *trabalha* contra a finitude. (...) O zen-budismo desenvolve, antes uma serenidade em relação à morte, que é livre de heroísmo e desejo, que, por assim dizer, mantém o passo com a finitude, em vez de trabalhar contra ela (HAN, 2020, p. 146).

O Karma de Valdez é estar preso em sofrimento enquanto vive, mesmo como um fluxo digital, em uma morte aparente que, de fato, é vida para o sistema que se utiliza desta ilusão para condená-lo ao “trabalho” infinito. Em MekHanTropia, portanto, onde há morte há vida, geralmente infeliz com aparência de felicidade até o despertar da complexidade humana. Ademais, diálogos, em renovação constante, são tecidos com as subjetividades do espectador pelas possibilidades de caminhos que são (re)abertos ao personagem percorrer a cada *play* dado e, consequentemente, ao próprio espectador que o acompanha, tornando-nos assim também presos/integrados ao sistema de alguma forma.

Tais construções e aproximações narrativas operam como se fossem ecos oníricos do inconsciente do personagem que vem à tona e o transforma constantemente em mekHanTropo pela dependência da tecnologia que se acentua em sua vida através das “inteligências artificiais”, conduzindo-o em uma realidade ilusória. Essa transformação também ocorre com quem dirige o personagem na narrativa, já que este alguém também está imerso e dependente das redes telemáticas necessárias para fruir a obra.

Em uma brincadeira com ferramentas disponíveis atualmente, teci uma experimentação com o app “Chat IA” utilizando a “Inteligência Artificial” para escrever uma biografia sobre mim (Fredé CF), testando suas referências acerca do “real” e até sobre diferentes tempos. Eis os resultados:

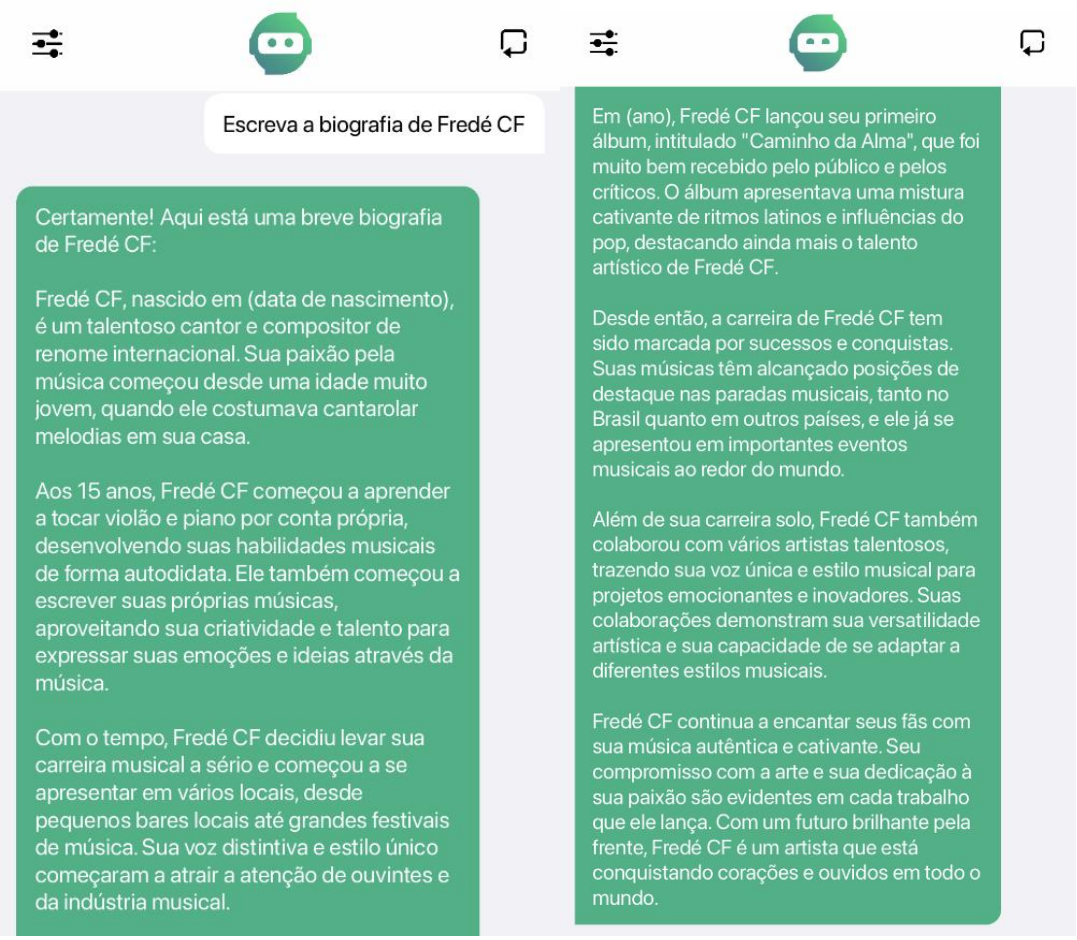


Figura 34 - Experimentações mekHantrópicas com CHAT IA (1). Fredé CF, 2023.

Segui dando corda, questionando e perguntando sobre quem sou eu e sobre o álbum inexistente, de fato, que o chat afirmou existir:

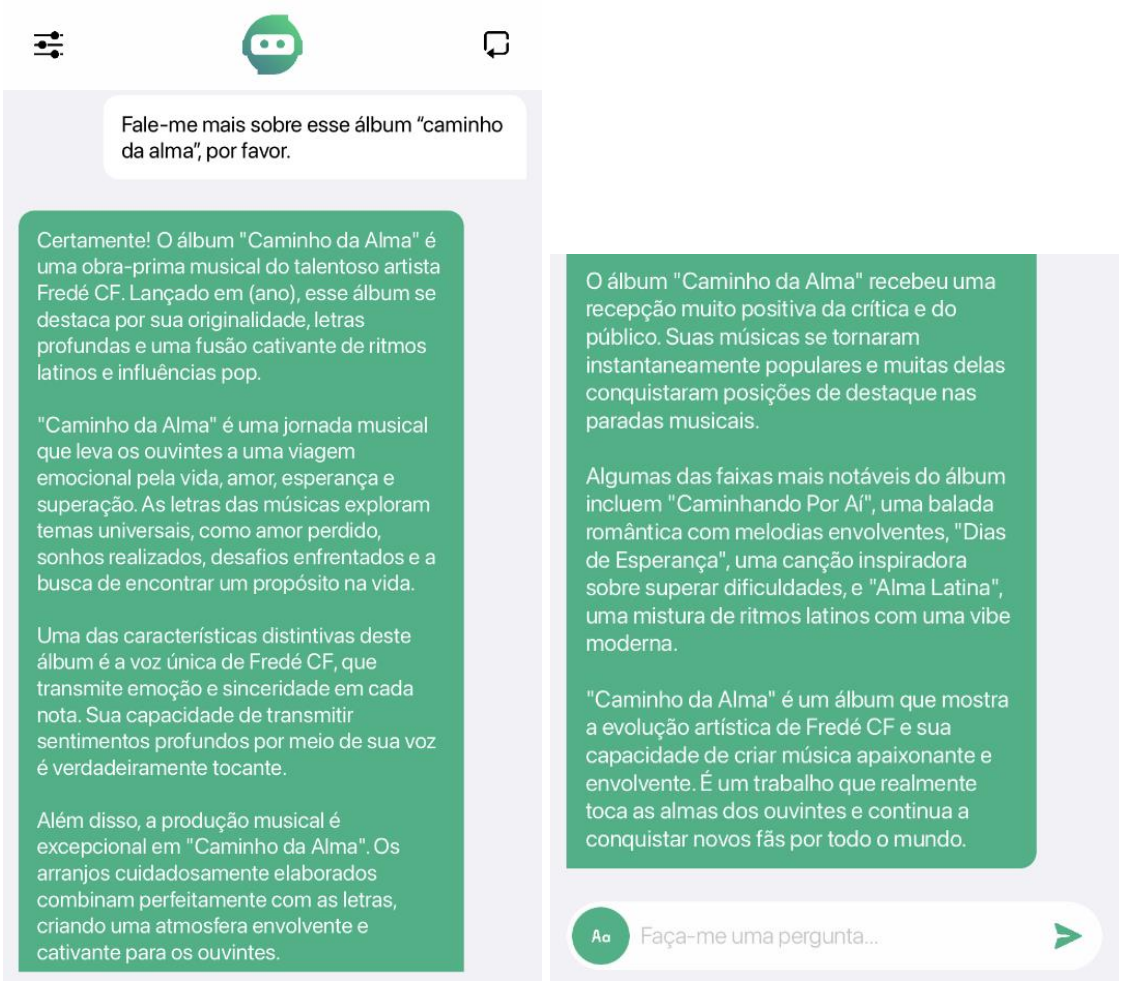


Figura 35 - Experimentações mekHantrópicas com CHAT IA (2). Fredé CF, 2023.

Me apropriei dos títulos trazidos pela IA dessa obra inexistente (“Caminho da Alma”) para utilizá-los poeticamente em outras obras que de fato passaram a existir, como essa tese-criação, por exemplo. Os nomes das faixas sugeridos também me serviram nesse sentido, aqui utilizados como títulos ou subtítulos. Segui questionando a máquina para ver e tentar entender onde iria chegar, e então o discurso mudou um pouco de direção:

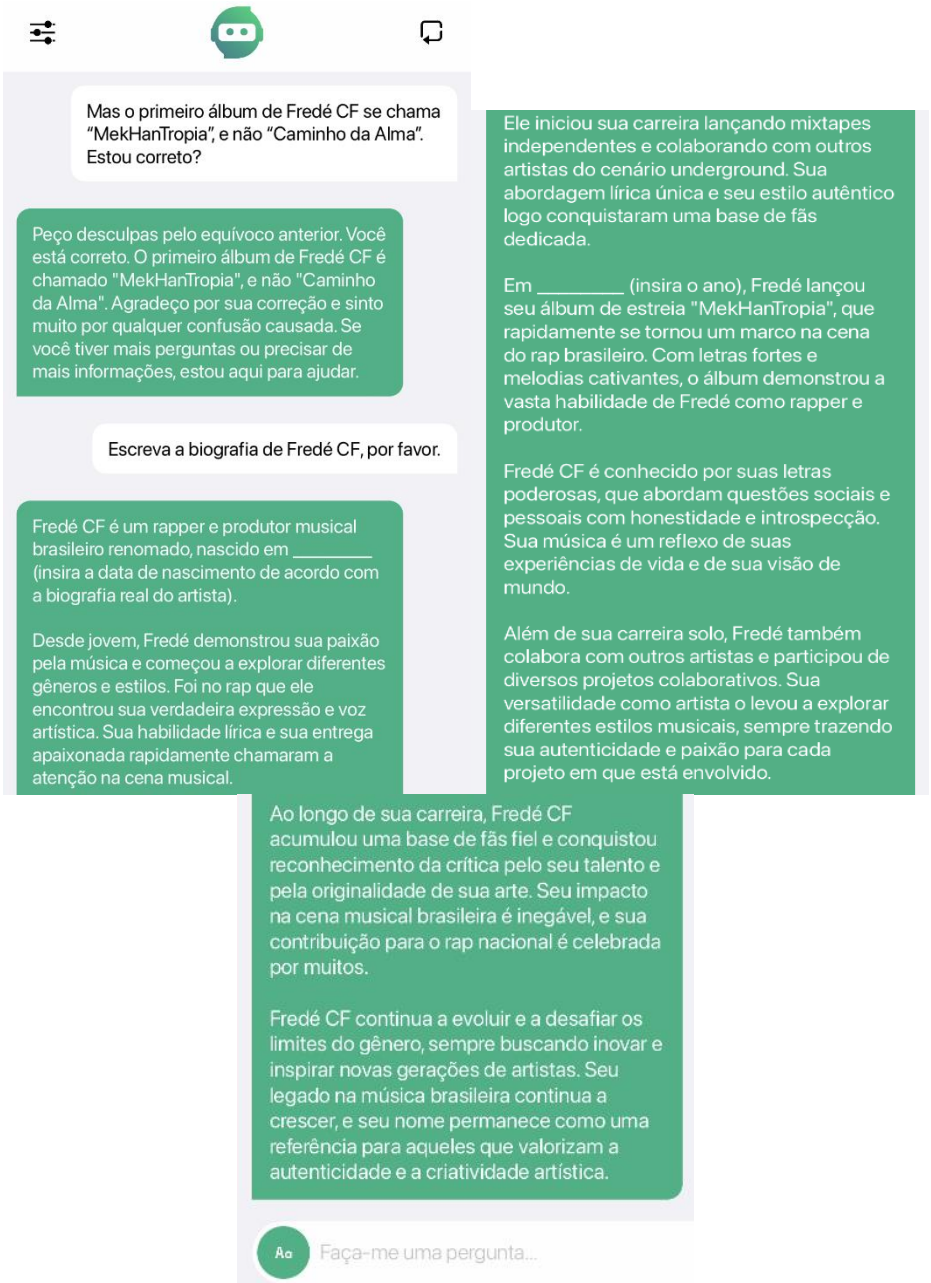


Figura 36 - Experimentações mekHantrópicas com CHAT IA (3). Fredé CF, 2023.

Por fim, pedi à IA uma previsão sobre meu futuro e até “Depois do Futuro”, em alusão ao meu álbum lançado em fevereiro de 2023 que traz esse título:

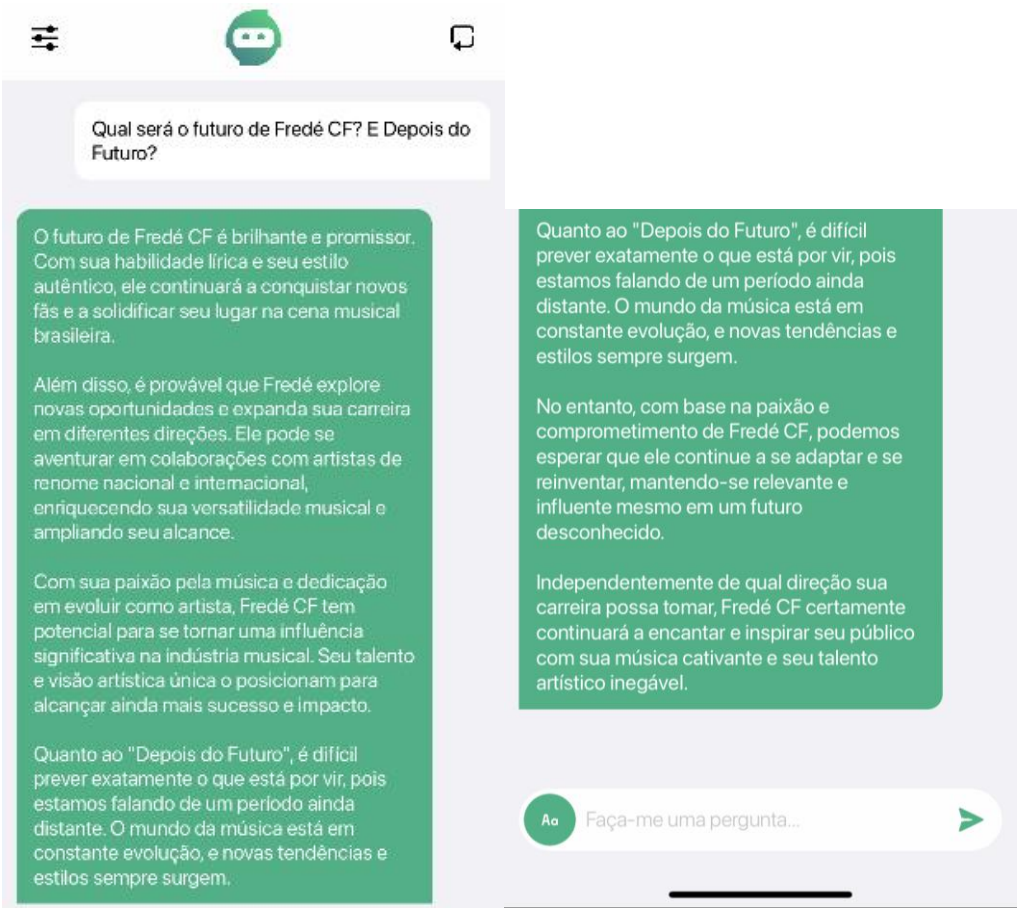
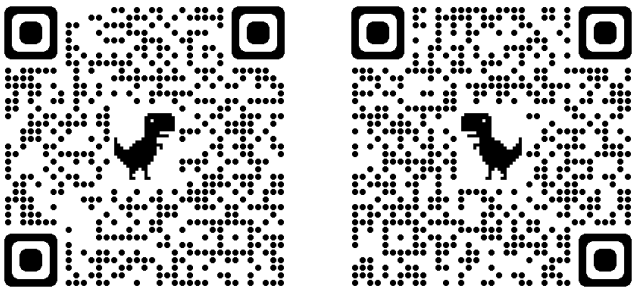


Figura 37 - Experimentações mekHantrópicas com CHAT IA (4). Fredé CF, 2023.

Além dos delírios anteriormente comentados acerca de nomes de álbum e músicas, e das previsões gloriosas para o futuro, observo com essa experiência uma desreferencialização do “real” e um discurso constante de positividade e bons agouros em relação às perguntas feitas. Um fato curioso é o “Chat IA” sempre tentar exaltar narrativamente determinadas e possíveis “glórias” e “conquistas” minhas diante à indústria cultural mekHanTrópica, que institucionaliza sonhos e criações como algo ligado ao consumo, ao mercado. Outro aspecto observado é a falta de profundidade argumentativa e citação de datas, o que me instiga de maneira poética a colocar sempre a data de “Ano zero” em citações de MekHanTropia, como algo vazio ou sem conexão com a vida. Tais experimentações me assustam ao vislumbrar um futuro “fake”, alicerçado em pós-verdades (“creio, logo estou correto e é verdade”), completamente desconectado do factual.

Por outro lado, Alain Badiou, em seu texto “Por uma nova definição de verdade” (2015, p. 174), coloca uma questão elucidativa acerca da ideia de “verdade”: “que tipo de multiplicidade é uma verdade (...) que a diferencia de uma multiplicidade qualquer?” E completa dizendo que, “no nível de seu ser mesmo, a verdade escapa ao saber. Essa parece ser uma determinação positiva das verdades: elas são multiplicidades genéricas.”



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

De acordo com o autor (BADIOU, 2015, p. 170), “o ser enquanto ser é uma multiplicidade pura”, e existe enquanto verdades múltiplas para o ser como um discurso sobre o ser (em múltiplas relações). A “verdade”, nesse sentido, “é uma multiplicidade que se compõe a partir das consequências de um acontecimento, e que é, assim, sustentada por um ser infundado”. Ou seja, é um raro paradoxo que se coloca em meio à multiplicidade, mas que, de certa maneira uma de suas particularidades é depender de determinados acontecimentos, fatos, narrativas, contextualizações, subjetividades para serem materializadas enquanto “realidade” validada, seja esta materializada ou não, documental ou não, ilusória ou não. Segundo Badiou (2015):

> Se os protocolos subjetivos de uma verdade se compõem por reuniões ou por incorporações de indivíduos ao devir de uma verdade, logo, a questão é de saber como funciona a diferença individualizada no interior do protocolo de verdade. Tomemos um exemplo bastante simples. Duas pessoas contemplam um quadro. Teremos um fragmento de incorporação, fragmento marcado por determinado afeto, um trabalho de inteligência, pela imobilização do olhar sobre o quadro. Coloco-me aqui mais na perspectiva do espectador que na do criador para indicar que uma verdade está constantemente disponível à incorporação. Será que esse ato de subjetivação que corresponde à incorporação é idêntico para os dois espectadores? Trata-se de identidade ou compatibilidade? (BADIOU, 2015, p. 175).

Por aí se criam “regimes de verdades” sobre diversos fenômenos, de acordo com determinados interesses. No caso do “Chat IA” abordado anteriormente, o meu interesse era apenas a diversão e a experimentação abnegativa e consciente de que ali não residia a verdade para mim, porém, de alguma maneira para a máquina aquela verdade colocada fazia sentido (probabilístico, neste caso), para satisfazer aquilo que eu a instigava a responder. Essas relações matemáticas/exatas das IAs com a criação e com a ideia de verdade me leva a outro questionamento de Badiou (2015, p. 171): “O que são as verdades em relação ao ser? (...) O que são as verdades em relação ao aparecer? (...) O que é o ser e o aparecer, do ponto de vista das verdades?”

Para pensar sobre essas questões de maneira mais materializada/materialista, acesso ideias do autor acerca do conceito de “multiplicidade unificada”, no qual ele aborda sobre ideologia política, estética e arte com suas potências em gerar conexões mesmo que dispersamente:

> No fundo, uma verdade é sempre uma multiplicidade unificada, dominada ou organizada por alguma coisa que torna compatível algo que não o seria necessariamente. Para dar um exemplo (...): boa parte da concepção daquilo que seria um partido revolucionário consistiria em criar uma teoria em que intelectuais e operários fossem compatíveis, e onde a política tonasse compatíveis as diferenças de classe que em geral não o são. A teoria de Gramsci do intelectual orgânico, e outras teorias próximas, são desse tipo. Elas não tratam simplesmente de diferenças de classe tanto quanto de conflitos, criam também compatibilidades entre classes que não existiam (...). Em estética, tem-se uma situação da mesma ordem. Uma obra de arte – considerada como tema – cria compatibilidade entre coisas consideradas como não compatíveis, absolutamente distintas (BADIOU, 2015, p. 172).

Independentemente do que ali surgiu pela ferramenta tecnológica como verdade, absorvo certos elementos que me servem como construtor de “verdades” próprias desse universo que apresento, incorporando e me apropriando daquelas “verdades” algorítmicas, apresentadas pela IA, para sustentar conceitos estéticos meus de experimentação poética transmidiática. As “verdades” geradas por minhas incorporações a partir da ferramenta de inteligência artificial se tornam, neste sentido, destoadas daquilo que chamo enquanto ideia de MekHanTropia, ou seja, do sistema que rege o meu universo, uma vez que distorcem as afirmações originais da máquina e são imbuídas de subjetividades minhas. Portanto, em certa medida, há uma implosão insurgente realizada por mim enquanto personagem (O Acimador) integrante de

MekHanTropia contra *status quo* tecnológico que eu mesmo criei nesse universo em metáfora com o que me está validado enquanto realidade. Reflito assim, de maneira poética, acerca do que é a verdade ou não em MekHanTropia, tentando expor que, nessa realidade, a verdade absoluta pregada por personagens opressores é ilusória e se sustenta apenas pelos discursos e símbolos utilizados. Toda essa reflexão me leva a pensar sobre tais representações como ecos do que me compõe e rodeia, de maneira a ser um exercício profícuo de rompimento (ou ressignificação) meu com minhas próprias verdades absolutas enrijecidas.



Figura 38 - "Frestas (XVI – A Torre)". Tarot MekHanTrópico. Fotografia digital. Fredé CF, 2022.

Brinco poeticamente com essa questão sobre o que é a verdade (ou a realidade validada de fato) a partir da arte e de performances online em vídeos de apresentação pré-gravados e enviados para eventos acadêmicos. Um exemplo

disso foram os meus vídeos de apresentações de artigos no evento CIACT em 2022 e em 2023. Em 2022[25], dublei a mim mesmo apresentando e, para não haver dessincronização com minha boca e a fala dublada (dando um tom de "realidade"), utilizei uma máscara com o desenho da capa do álbum "MekHanTropia", além de efeitos que projetavam ao fundo e em meu rosto o mesmo desenho.

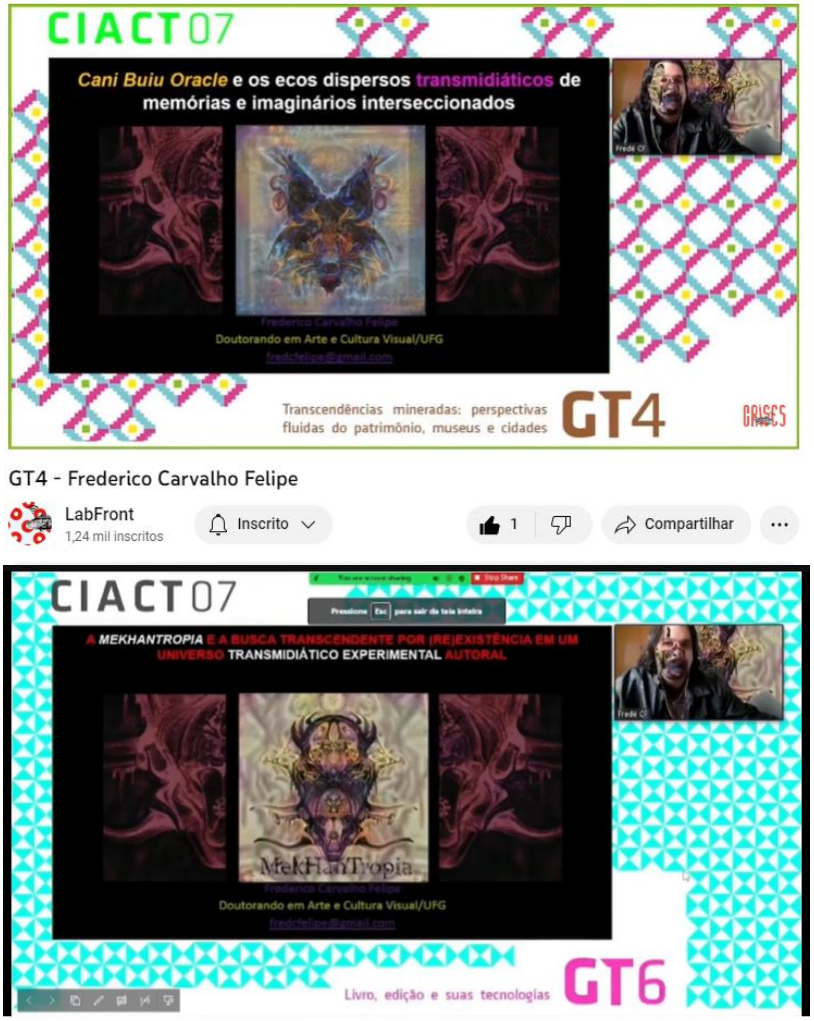


Figura 39 - Prints das apresentações de artigos acadêmicos (1 e 2) no CIACT 07. 2022.

Já nas apresentações de 2023, inseri trilhas sonoras minhas e da banda PostHuman Tantra, junto com ruídos durante as falas. Isso causou certo estranhamento em algumas pessoas que acompanhavam a apresentação, achando que havia alguma falha técnica ou algo assim acontecendo. Cito tais episódios como ilustração empírica dessa complexa relação entre a ideia de

[25] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8yT1L6yOjXE (artigo 1); e em: https://www.youtube.com/watch?v=OYDMatY8380&t=2s (artigo 2). Acesso em: 25/07/2023.

“verdade” e as representações sociais que estamos cotidianamente submetidos por diversos meios, trazendo uma indagação sobre como esses limites podem ser tênues.

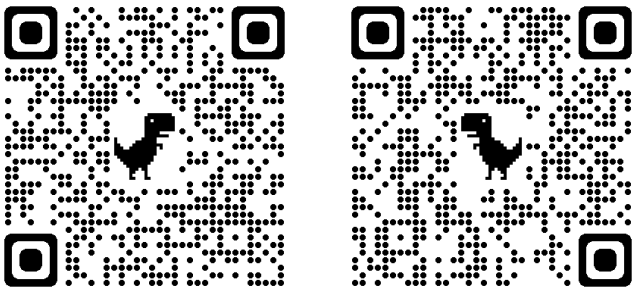
Voltando à narrativa transmidiática de MekHanTropia, constantemente o personagem Valdez não consegue romper com seu inferno pessoal, o que o torna igual a todos nesse universo: padronizado em função do mercado. Aprisionado em seus desejos projetados como alucinações oníricas pelo sistema, apenas repete seus ciclos de alienação, incapacitado de acessar sua subjetividade e, quando tenta, incorre em pesadelo terríveis que lhe assombram. Valdez não consegue compreender a importância de renegar suas ilusões sobre a realidade, sobre a verdade que está instituída, e olhar para si próprio, em busca de suas verdades através de suas sombras. Ele só quer ser uma pessoa feliz, correta, boa e, para isso, acredita (sem sequer questionar sua crença) que precisa estar adequado ao sistema e pensar positivamente, tentando abnegar suas faces sombrias e imaginar “figuras de luz”. Valdez associa felicidade a obediência e pensamentos felizes e crê que, se sair dessa condição, sofrerá. O que ele não percebe é que “consciência” é diferente de “pensamento”, e seu sofrimento é justamente essa condição de desubjetivação da sua multiplicidade e negação de sombras que o compõem.

Ele até desobedece, em certa medida, pois sonha e os sonhos são rechaçados pelo sistema mekHanTrópico, mas se cobra por sonhar de maneira diferente dos outros. Crê, com isso, sonhar de forma insuficiente, como se os sonhos fossem coisas a serem quantificadas. Não entende que o importante é sonhar do próprio jeito, olhar com o fascínio de uma criança para a própria subjetividade. O personagem costuma negar seus pensamentos, suas perspectivas, sua imaginação e lutar contra suas memórias que são constantemente cooptadas pelo sistema que o transforma em fluxo e o aprisiona em *Carta a Valdez* (2020/2021). Talvez, em meio ao labirinto transmidiático onírico de MekHanTropia, ele possa, por meio de outras subjetividades que o contactem, acessar suas lembranças e se encontrar consigo mesmo em essência libertária, de forma a reexistir pela resistência.



Figura 40 - "O peso do pensar sem a consciência do pesar". HumanCron. Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

É importante salientar que eu, mesmo tentando cotidianamente romper com determinados hábitos, verdades, institucionalizações e seduções do sistema (como os citados anteriormente), e levar uma vida mais consciente, racional, atenta, acolhedora, inclusiva, colaborativa, criativa e amorosa comigo mesmo, com os outros, com o planeta e com o cosmos, muitas vezes não consigo e me perco em meio a essa MekHanTropia estabelecida no mundo atual. Sou humano cheio de contradições e complexidades como qualquer outro.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Sempre que possível, busco ficar atento. Identificar algumas de minhas sombras, integrá-las e compreendê-las como parte de mim, e não de fora. Isso, talvez, me possibilite ter alguma chance de transmutá-las e ressignificá-las. O simples fato de tentar reconhecer que essas questões existem e estão em mim e não no outro (no ambiente, em um ser divino, em outro planeta, em fórmulas etc.) já é um caminho edificante a seguir em direção a essa essência mágicka transformadora, porém, não é nada fácil, pois se estabelece uma guerra interior entre a essência e a existência em tempestades mentais num mundo altamente competitivo, comparativo e autodestrutivo. A criação artística me auxilia nessas ressignificações de mim mesmo, pois dá formas exteriores ao que está/estava em meu interior.

O seu mundo é você!
De dentro pra fora: você!
Desordenar os sentidos
Ressignificar a realidade
Sem a arte a vida seria insuportável.
Know your shadow, take control
Look into your mind
Into your soul
Know your shadow, take control
About the ilusions of the world
About the ilusions of your world.
Know your shadow, take control.
Enlouquecidos e aprisionados
Voluntariamente pelas telas secas do computador, smartphone, tablet, TV
Entregamos de mão beijada ao sistema o nosso bem mais valioso: o tempo!

Produzimos informações e conteúdos gratuitamente para grandes conglomerados
Escravizados e trabalhando para eles, caminhamos vorazmente rumo a nossa extinção por nossas próprias mãos.
O fim do humanismo se aproxima a passos largos.
Estamos nos tornando insensíveis ciborgues
Máquinas cujos códigos são ditados por número de likes e aparências vazias
A vaidade, a preguiça, nos encheu de ódio
Ódio ao "Outro" que é o reflexo do ódio a nós mesmos que foi abafado e transborda nas timelines.
Avatares interpessoais presos em bolhas de hipocrisias e verdades absolutas
Incapazes cada vez mais de ter qualquer tipo de empatia
por quem não sabemos nada e achamos/julgamos tudo.
(Vermes não sonham...)
["Know your Shadow". MekHan Tropia. Fredé CF, 2020]

Não somos seres absolutos nem estanques, somos seres em constante movimento e transformação, repletos de hipocrisias e contradições. Temos dentro de nós o que há de mais maravilhoso e o que há de mais detestável. Para os seres humanos, a evolução tem um aspecto consciente, uma vez que temos a possibilidade de raciocinar sobre nossos atos e decidir transformá-los ou não, pensando sobre o passado, o presente e o futuro, porém não conhecemos grande parte de nós mesmos, de nossa psique. Podemos repensar e mudar aspectos que não agradam ou não condizem com o que achamos que somos ou queremos ser. Somos o único animal que traz como determinação o termo "ser" (ser humano) na natureza. Como diz Jung (2012, p. 33), "a consciência é uma condição do ser", porém também há o inconsciente que, por ser obscuro, muitas vezes foge dos padrões éticos e morais da sociedade e de nós mesmos, mas que pode ser tratado de maneira mais profunda por meio da arte.

Segundo Jung:

> a psique recebe a dignidade de um princípio cósmico que – filosoficamente e de fato – ocupa um lugar semelhante ao princípio físico do ser. O portador dessa consciência é o indivíduo. Todavia, ele não a produz voluntariamente, sendo por ela moldado desde a infância em direção à consciência adulta. (...) a psique individual, em função de sua individualidade, representa uma exceção à estatística, sempre esquecida pela observação científica no afã de nivelamento estatístico. (...) a psique individual só encontra aceitação e validade (...) quando aceita submeter-se a uma categoria coletiva. (...) o desejo de individualidade é sempre entendido como um subjetivismo egoísta. A

> ciência desvaloriza esse desejo como uma questão de subjetividade e as confissões o qualificam de heresia moral e soberba do espírito (...). Desta forma, a realização do si-mesmo adquire um significado cujas implicações ainda não foram devidamente aquilatadas. A experiência imediata interior é desviada para o exterior. (...) a desvalorização da psique e outras resistências semelhantes com relação à apreensão psicológica baseiam-se, em sua maioria, no medo, no pânico das possíveis descobertas que possam ser feitas no campo do inconsciente. (...) O medo da psique inconsciente é o obstáculo mais árduo no caminho do autoconhecimento e também no entendimento e abrangência do conhecimento psicológico (JUNG, 2012, p. 33-35).

Podemos simplesmente “ser” no mundo aquilo que queremos e ter consciência de parte disso (ou ao menos sentir e pensar sobre isso). Tanto o ser “maravilhoso”, quanto o ser “detestável” são um só em essência: o indivíduo, indissociável, “uno”, que integra todas essas “faces”. Ao automatizarmos nossas ações e não trazermos elas para a reflexão, desordenamos nossa psique ao deixarmos de lado essa característica essencial. Isso não quer dizer que se deve eliminar o que há de “detestável” em nós – até porque isso não é possível e nem mesmo desejável, pois nos constitui – mas podemos equilibrar nosso ser, nos transformando através das interações, dos contrastes e contradições que nos dão forma e valor de significação.

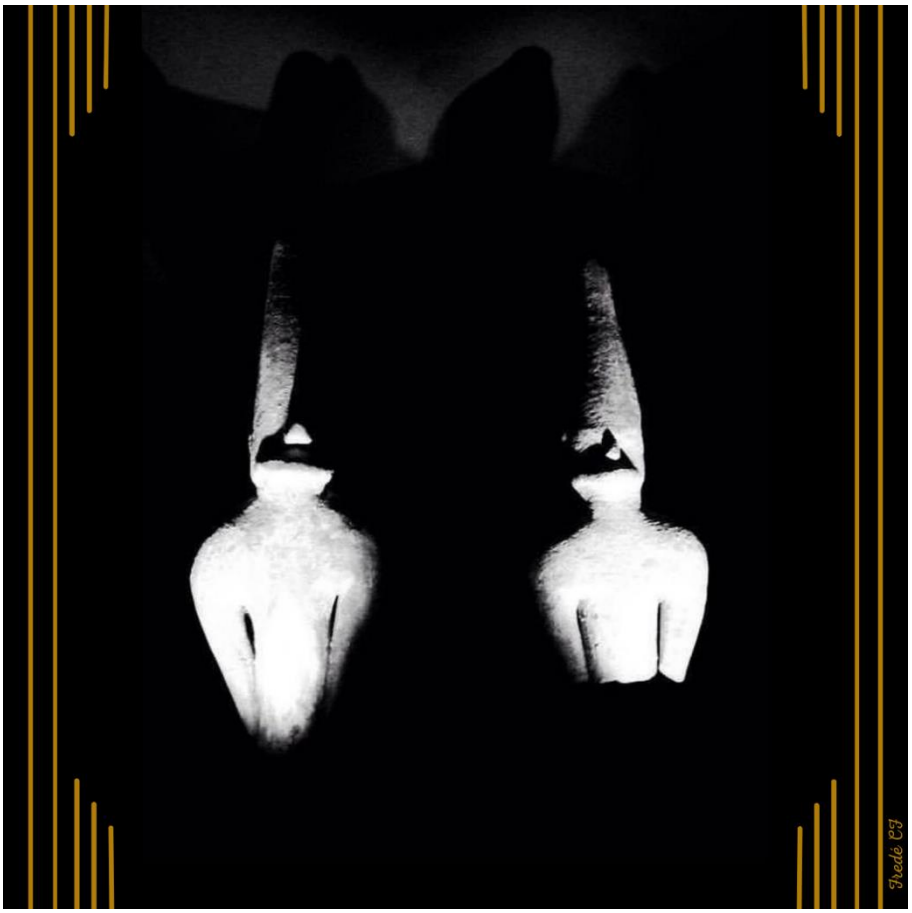


Figura 41 - "We Three (My Echo, My Shadow And me)". Fotografia digital. Fredé CF, 2017.

Carl Gustav Jung (2015) diz que:

> Quando entramos numa desordem psíquica, recompomo-nos (...) à medida que damos atenção a nós mesmos, refletimos sobre questões, nos confrontamos com elas, tomamos consciência delas, isto é, tudo aquilo que se refere a nós. (...) Isso é absolutamente necessário para que possamos nos recompor novamente (JUNG, 2015, p. 38-39).

Segundo Jung, a sombra é um arquétipo que age tomando-nos, ou seja, se apoderando de nós sem que, muitas vezes, possamos perceber de maneira clara e evidente em tempo necessário. O pensador coloca ainda que "gostamos de aparentar ou imaginar que somos capazes de lidar com a sombra ou que o problema consiste em como *nós* lidamos com a sombra. Porém não imaginamos como a sombra lida *conosco*" (JUNG, 2015, p. 62).

A maior parte dos fenômenos do universo possuem lados sombrios, não revelados, ocultos, desconhecidos e ainda distantes da nossa compreensão racional, e isso também está em nós como parte do universo. Existem processos dentro de nós ainda obscuros e que, quando negados ou ignorados, tendem a se manifestar de maneiras desagradáveis e problemáticas para conosco, com os outros e com o mundo.

> A cerca de arame farpado que divide o mundo atravessa também a psique do homem moderno, quer ele viva de um lado ou do outro. E como o neurótico clássico não tem consciência do outro lado de si mesmo, isto é, de sua sombra, também o indivíduo normal que, como ele, vê a sua sombra no próximo, a vê respectivamente no homem do outro lado da trincheira (...) fascinando com o exterior o olhar do indivíduo para desviá-lo de seu próprio interior (JUNG, 2012, p. 43).

Ao "fechar os olhos" às sombras pessoais e sociais, cria-se o hábito da negação e os ciclos se perpetuam até que algo seja feito de maneira a interromper ou limitar essa manifestação, geralmente gerando sofrimento. Além disso, o pensador coloca que, cada vez mais, a psique dos indivíduos está "ameaçada pelo excesso de anúncios, propagandas, sugestões e chavões." (JUNG, 2012, p. 37), o que provoca imperativos como "você deve", "é preciso", além de impotências que vem à tona nessas relações e causam desordem psicoemocional em um sistema que prega que "querer é poder". Segundo ele (JUNG, 2012, p. 37), os possíveis impulsos anarquistas que possam surgir dessa relação são abafados e cooptados pelo sistema por meio de mecanismos e "medidas de proteção significativas, tanto de natureza exterior como interior, tais

como a covardia inerente à maior parte dos homens, a moral, o 'bom gosto' e (...) o código penal".

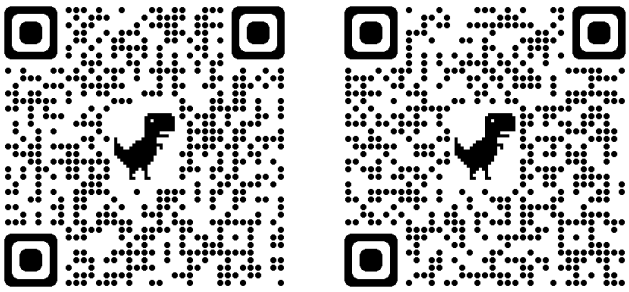
VI

A partir de então, agora ou nunca, parte das sinapses de Valdez se auto-reconhecem pixels e se tornam, de forma assíncrona, luz. Ascende. Transcende. E enfim vive invisível em meio a sombra. Viveu até que morreu, ou algo assim. Foi de fato apagado parcialmente do sistema de MekHanTropia, pois estava provocando desordens oníricas em demasia tanto nele quanto em toda rede macro e microcósmica que o envolve e completa. Mas existe uma lenda que parte da parte orgânica dele ainda vive de forma magicka, transcendental. 3,33% de loucura infantil criativa elucidativa. A dívida que prevaleceu. Ação e reação. Se transmutou antes do fim da estrada em sonho, ao ver o efeito antes da causa, virou meio em meio a tanto fim. Se tornou lenda. Se tornou nada para os outros. Só para ele. MekHanTropomorfização em Cão Breu. Visceral, brutal, com seus olhos flamejantes surge ocasionalmente renegado como falha do sistema pelo próprio sistema que falha em querer não falhar. Porém, de fato, é um índice fantástico, fantasmático, fantasmagórico, sobrenatural, que aponta as falhas do sistema apagando a luz que brilha em seu campo visual. Forçando uma viagem intrapessoal de olhar e integrar as sombras individuais e sociais. Por isso é tão perigoso. Por isso é tão importante. Por isso é tão visto como um mal. Por ser ainda, de alguma forma, animal!

["O Cão Breu Latino (As Aventuras de Valdez em MekHanTropia - Diários de Quarentena)". MekHanTropia, ano zero].

Utilizo essas ideias para pensar com ênfase sobre projeções de aspectos sombrios meus sobre os "outros" nessa era de hiperinformação e hiperexposição narcísica, tanto no EP *Espelho de Obsidiana*[26] (lançado em setembro de 2021), quanto na música *Como se fosse loucura*, lançada primeiramente como um videoclipe experimental[27] – em parceria com os artistas Edgar Franco (Ciberpajé) e Fernão Carvalho Burgos (meu irmão) –, e posteriormente como faixa de abertura do EP *É esse mesmo o mundo que queremos?*[28], de abril de 2021.

26Disponível em: https://fredecf.bandcamp.com/album/espelho-de-obsidiana-ep Acesso em: 04/11/2021.
27Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SsfybsEG0WA&t=4s Acesso em: 04/11/2021.
28Disponível em: https://fredecf.bandcamp.com/album/esse-mesmo-o-mundo-que-queremos-ep Acesso em: 04/11/2021.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Na letra da música, exponho reflexões sobre a força sombria do inconsciente em nossas vidas, pelos versos:

> A nuvem carregada segue meus passos / Instintos aguçados me deixam em paz / A noite determina o rumo / É bela a lua que brilha em meio a nuvens pretas / Congelada no tempo, escrita pela luz / Cantada em versos e tranquilizada pela alma / O que penso vem de mim ou vem de fora? (Fredé CF, 2019).[29]

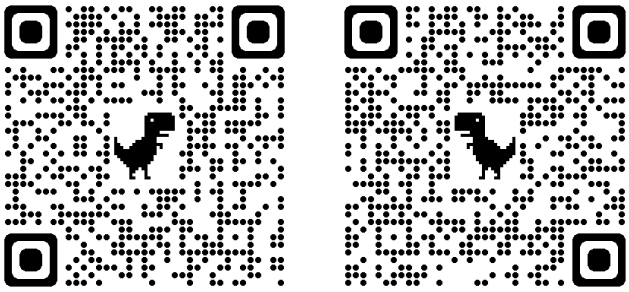
Por fim, a música se encerra com um aforismo de Arthur Schopenhauer que me remete a esse espelho de obsidiana digital que reflete o "narciso" atual, em alusão ao não reconhecimento das sombras e projeções morais que ocorrem:

> Assim como o homem carrega o peso do próprio corpo sem o sentir / Também não nota os próprios defeitos e vícios, mas só os dos outros / Entretanto, cada um tem em seu próximo um espelho / No qual vê claramente os próprios vícios, defeitos, mau-hábitos e repugnâncias de todo tipo. / Porém, na maioria das vezes faz como o cão, que ladra diante do espelho por não saber que se vê a sim mesmo, crendo ver outro cão (SCHOPENHAUER, 2002, p. 218).

Me aproprio poeticamente desse trecho de Schopenhauer – e o desvirtuo em sua essência intencional –, como forma de pensar sobre o valor que (ainda) dou a alguns julgamentos de outras pessoas sobre aspectos da minha vida. Venho tentando transmutar essas características em mim, refletindo sobre minhas relações e reações com o que me cerca. Porém, ainda é uma luta complicada que me remete a inseguranças e carências afetivas obscuras que venho acumulando pela vida e sigo tentando entender. Tenho, racionalmente, a consciência de que determinadas coisas me é autodestrutivo e impertinente, mas ainda me rasgam emocionalmente certos comportamentos e sentimentos em determinadas situações que, aliadas às tecnologias, nos induzem por

[29] Disponível em: https://fredecf.bandcamp.com/album/esse-mesmo-o-mundo-que-queremos-ep Acesso em: 04/11/2021.

motivos e objetivos econômicos por estímulos associados a padrões de nosso comportamento a ficarmos hipnotizados e controlados mekHanTropicamente. Nem tudo que nos aparece nas redes sociais, por exemplo, vemos porque queremos, mas por conta de um conjunto de algoritmos que afetam nossas vidas de múltiplas formas a nos induzir a isso, gerando uma retroalimentação em relação aos nossos gostos e comportamentos moldados e sustentados pelos algoritmos. Busco reconhecer essas sombras e condições como tal, nessa insensatez ligada a sentimentos que me turvam a razão. Tento trabalhar minha autoestima e reflexão de maneira a equilibrar tais recorrências internamente, me movendo para ressignificar isso em mim, ou seja, em como lido com tais questões e como posso melhorar essa relação.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Todavia, Schopenhauer (2002, p.218) diz que essa relação com o “outro” é fundamental, uma vez que “a natureza do olho consiste em enxergar o que está fora, e não dentro de si mesmo.” Ele afirma que é importante observar, como num espelho, o que julgamos como errado nos outros para nos conscientizarmos sobre nossos próprios “defeitos” e, portanto, nos corrigirmos se for o caso. Porém, não vemos apenas com os olhos, mas principalmente com o cérebro. Os olhos como uma janela da alma, um portal de conexão entre o que está dentro e o que está fora da gente, assim como todos os sentidos.

Uma forma que encontro de fazer esse tipo de reflexão sobre tais conexões é pela criação artística, em especial com a arte colaborativa e experimental nos moldes que foram feitos nesse trabalho. Ao criar um universo poético e convidar outras pessoas para adentrarem, fruírem as obras e desenvolverem narrativas ambientadas nesse universo, olho por esse portal/espelho e enxergo alguns aspectos de mim mesmo que não conhecia e, então, posso pensar sobre eles e

ressignificá-los por meio da criação. Além disso, observo meus próprios processos e procuro me transmutar nessa relação com os outros, humanos e não-humanos que cruzam meus caminhos. Tais agentes são de grande importância na criação incerta de resultados que podem surgir nesses caminhos. Por isso, abro este universo a quem quiser adentrá-lo e criar suas próprias narrativas e aventuras, da melhor maneira que avaliar em meio ao caos existencial que habitamos.

"Deixamos de sonhar?
Nada mais desafiador do que um imprevisto que nos faz repensar toda a existência. Diante desse tipo de situação, precisamos de força pra nos reinventarmos, de dentro pra fora.
Como conciliar os extremos de nossa natureza? Amor x Ódio; Alegria x Tristeza; Sonho x Vigília; Loucura x Lucidez? Qual a natureza da realidade? Qual o peso das ideias, das emoções, das sensações, dos sonhos? Como desvendar os mistérios que nos cercam e que dão gás à arte e à ciência? Temos aqui mais dúvidas que certezas.
E, afinal, o sonho é também fundamento do sonhador ou o sonhador é fundamento do sonho? Ao sonhar, nos libertamos e esvaziamos a lixeira da nossa existência ou ficamos ainda mais presos ao que, de forma narcísica, achamos que somos?"
("Ecos Oníricos de Valdez". MekHan Tropia, ano zero).

De maneira geral, viver é sempre incerto. Nós é que tentamos dar ordem ao que na essência é caótico. Sobre os aspectos sombrios da existência, Jung diz que "o que ocorre na realidade é que, na maior parte das vezes, algo desagradável nos acontece e em seguida nos arrependemos como se pudéssemos tê-lo evitado" (2015, p. 63). A existência se dá, em grande parte, de maneira imprevisível, porém estamos constantemente (influenciados pelo sistema) tocados e tocando o mundo. Criamos sempre narrativas que deem conta dessas "irregularidades" como algo ordenado e linear, em uma "autocobrança" que adoece. A vida não é (e provavelmente nunca será) um constante "mar de rosas" que alguns *influencers*, *coachs* e publicitários tentam vender, com positividades "tóxicas" estabelecidas sobre positividades, sem qualquer contraste "negativo". Todas as relações que vivemos estão constantemente sujeitas ao imponderado e, sobretudo, ao desconhecido e à finitude enquanto ciclo. Segundo Jung:

> Por isso, no fundo não posso discutir essas questões enquanto problema moral (...). Quem não esteve lá embaixo, não esteve na terra. E o que é de fato o sentido de nossa existência? Devemos ser todos tigres amáveis que se alimentam de maçãs? (...) Assim é o homem que não vive na terra (...). Não é algo que possamos fazer voluntariamente. (...) Simplesmente estamos expostos e precisamos justamente reconhecer o fato de estarmos expostos. Viver é perigoso, a vida é um risco! E caso não seja, então nada aconteceu. (...) É uma questão de 'fracassos' humanos. E isso é uma forma de guerra. (...) Também não há energia sem declive. Declive significa opostos. Quem não abriga opostos dentro de si não está vivo, ao invés disso, é um neurótico morto que apenas geme, mas não vive (JUNG, 2015, p. 66-67).

Penso que o ideal é o equilíbrio complementar dessas forças que nos constituem, o que é, geralmente, algo muito complicado de ser realizado na prática. Além do mais, existem nuances infinitas entre elas que o sistema insiste em negar, julgar e padronizar com maniqueísmos e binarismos cada vez mais comuns em tempos digitais de codificação em "0" e "1". Assim me coloco, de certa forma, como um *sujeito* e *objeto* de investigação nesse trabalho por estar inserido no sistema. Parto num mergulho em mim mesmo por meio da reflexão sobre as poéticas artísticas e os processos de criação que estabeleço em minhas obras (que são também fragmentos de mim). Isso, de forma incerta e incompleta, é aqui refletido, mas nunca completamente realizado, uma vez que a vida, de fato, é muito mais complexa que qualquer representação.

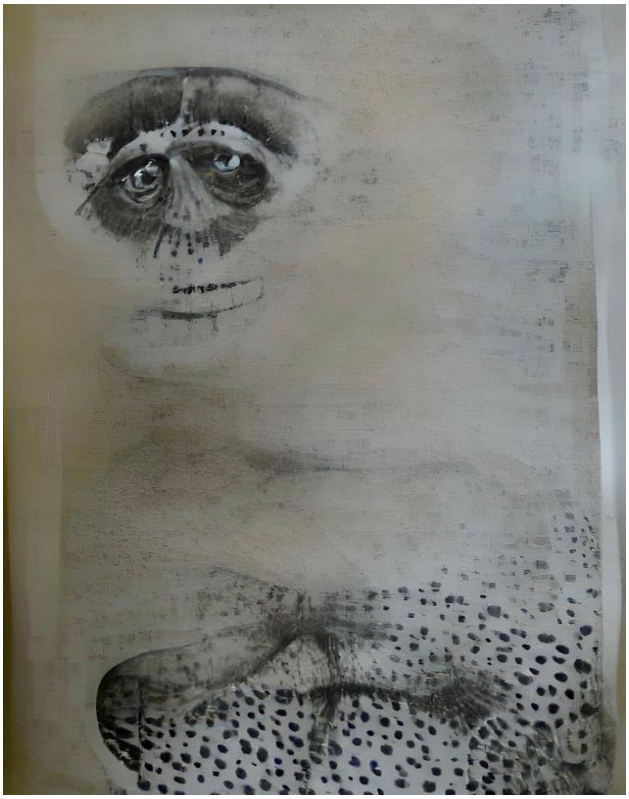


Figura 42 - "Caminho da Alma". Desenho digital e IA. Fredé CF, 2022.

Trago essa pesquisa híbrida (prática e teórica) para pensar sobre como representar artisticamente algumas dessas dicotomias, relações, contatos, iluminações e zonas obscuras de minha psique, porém longe de estar plenamente bastado. Há formas de escapar de MekHanTropia? Há como re-existir em MekHanTropia? Desconfio que o caminho do autoconhecimento seja uma importante possibilidade a se levar em consideração. Investigo assim, no fortalecimento de minhas raízes (e dilemas) internas, a potência artística para alcançar perspectivas (e projeções) elevadas em direção ao cosmos por mim mesmo. Quem sabe assim eu possa melhor viver comigo mesmo, me aceitando, integrando e equilibrando nesses contrastes e contradições, já que sou a única pessoa que sempre me acompanhou, me acompanha e me acompanhará por toda a vida em suas intricadas dimensões.

1.4. "Caminho da Alma": retomando e projetando memórias

"É você que ama o passado e que não vê
Que o novo, o novo sempre vem"
(Belchior)

Caro(a) leitor(a)/fruidor(a) desse documento anti-mekhantrópico,
Ao relatar o que me trouxe a esse confinamento, estou certo de que muitos duvidarão sobre a autenticidade dos fatos...porém, vamos lá! É importante esse mergulho naquilo que me compõe. Me sinto incitado a falar sobre isso.
'Ninguém sabe o que o calado quer'...ouvi essa frase no Vão de Almas, em território Calunga, por volta de 2011, bem antes da pandemia mekHan Trópica que nos assolou. O contexto era outro. Diferente em alguns aspectos. Ainda era necessário expressar o que havia em nossa imaginação. Hoje não há mais isso. Não aqui em MekHan Tropia. Eles já sabem de tudo previamente e moldam seus produtos com base nesses bancos de dados. Dados extraídos de nossos likes, de nossa alma, de nossos sonhos que voluntariamente entregamos e somos entregados. Regurgitados.
Talvez ainda não o povo Calunga. Eles não pararam no tempo como nós. Eles pararam 'o' tempo! O tempo instituído. O tempo que escraviza. O tempo mekHan Trópico. Resistência de fato. Reconexão. Transmutação. Entender que

cada um tem seu tempo e que as nuvens estão carregadas de chuvas de dados, sem vida. Ensinamos as máquinas a sonharem e esquecemos como sonhar. Deixamos de sonhar em essência. Terceirizamos nossos sonhos à Inteligências Artificiais. Sinapses elétricas. Eletrônicas. Redes Neurais Convolucionais que processam imagens pelas IAs. Será que as máquinas serão bondosas conosco ou será que, como o Monstro de Frankenstein, se voltarão contra o criador pela falta de amor e excesso, em uma visão sistêmica mercadológica em prol do lucro e produtividade sobre todas as coisas?

Enquanto isso, sonho na resistência e tento organizar meus pensamentos codificando-os transmidiáticamente para tentar me conhecer melhor e transmutar, em essência. Um dia de cada vez. Todos os dias são iguais em MekHanTropia e eu não quero mais ser um robô aqui.

Tem alguém aí? Alguém?

Infelizmente vivemos em uma sociedade materialista e julgadora, que condena como loucura toda visão extraordinária que consiga transcender o véu do empirismo. Suplico que tente se libertar. Proteja-se de si mesmo. Conheça-te!

(Carta d'O Acimador para você. MekHanTropia, ano zero).

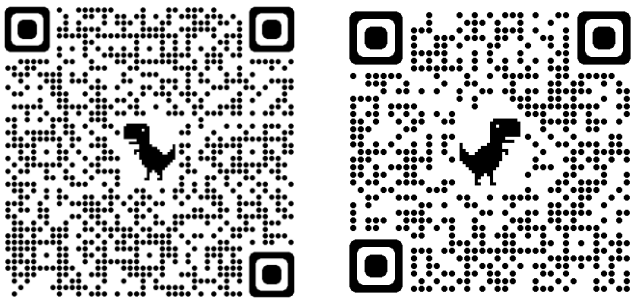
Dando sequência a essa narrativa f(r)iccional auto(etno)biográfica preenchida por teorias, práticas, poéticas e processos de criação em essência (já que, como vimos, minhas memórias estão longe de serem absolutas e certamente estarão imbricadas por fantasias projetadas pela subjetividade de minha imaginação e percepção), sigamos adiante experimentando, imersos na MekHanTropia que nos envolve.

> O ser humano também é marcado pelo momento de seu nascimento, pelo local, pelo país, pelo seu entorno, por todo Kairós[30], pelo momento de sua época. A psique não é uma arbitrariedade e nem uma coincidência, e sim, uma disposição bem determinada e funcional (...) A psique consiste em diversos arquétipos (...). Não são representações inatas, e sim, formas da dinâmica psíquica. São formas de instinto. O instinto não é simplesmente uma dinâmica que faz alguma coisa

30 "Kairós é uma palavra de origem grega, que significa 'momento certo' ou 'oportuno', relativo a uma antiga noção que os gregos tinham do tempo. A noção de tempo representada pelo termo kairós teria surgido a partir de um personagem da mitologia grega. Kairós era filho de Cronos, deus do tempo e das estações, e que, ao contrário de seu pai, expressava uma ideia considerada metafórica do tempo. Para Kairós o tempo era não-linear e que não se pode determinar ou medir, uma oportunidade ou mesmo a ocasião certa para determinada coisa. (...) Para a filosofia grega, 'kairós' simbolizava a ideia de tempo momentâneo, uma oportunidade ou um período específico [momento oportuno] para a realização de determinada atividade, por exemplo." (Disponível em: https://www.significados.com.br/kairos/ Acesso em: 27/10/2021).

> indeterminada, e sim, o instinto é específico e desse modo tem uma forma específica (JUNG, 2015, p. 78-79).

Pois bem, eu, *Homo Sapiens*, conhecido como Frederico Carvalho Felipe (a.k.a. Fredé CF) pelo sistema, nasci no dia 26 de março de 1982, por volta das 10:15 na manhã, em um hospital que se localizava em uma encruzilhada, entre as avenidas Goiás e Paranaíba, no centro da cidade de Goiânia, Goiás, Brasil. Goianiense do "pé rachado", como diriam os loucos, bêbados e poetas dessa região tupiniquim. O contexto era de intensa atuação política, em especial a militância estudantil em combate à ditadura militar e por mais direitos. Meus pais, em plena repressão, eram praticamente adolescentes e membros de um partido perseguido pelo governo da época, o PCdoB (Partido Comunista do Brasil).



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Antes dos vinte anos de idade, eles já eram considerados oficialmente "inimigos da pátria" pelos poderosos generais e coronéis que aqui imperavam. Foram constantemente perseguidos, ameaçados e até presos por seus ideais esquerdistas calcados em formas de pensar e atuar sobre o mundo de maneira inclusiva, contra a exclusão, confrontando o *status quo* e vislumbrando uma vida que fosse além de aspectos meramente mercadológicos ou do consumo e exploração socioambiental.

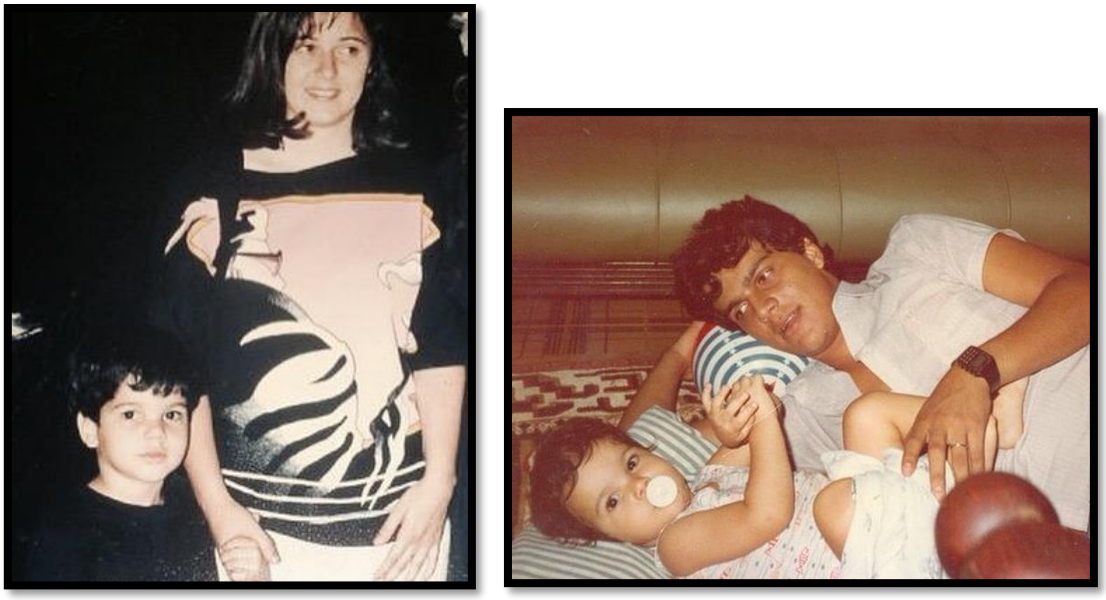


Figura 43 - Eu com minha mãe e com meu pai quando era criança nos anos 80.

Meus avós (maternos e paternos) – com quem eu passava grande parte do tempo em minha infância pelo fato de meus pais estarem envolvidos em seus estudos e militâncias políticas –, viviam suas vidas cotidianas tentando ganhar o sustento na vida para ajudar os filhos e neto (eu, como o primeiro neto de ambos os lados) a terem uma vida melhor, porém também, de suas maneiras, atentos ao poder da educação, da arte e do pensamento crítico na formação do ser-humano.



Figura 44 - Vovó Bárbara e vovô Bento.

Meus avós paternos, Bárbara Lobo e Antônio Bento Felipe, pais de três filhos (meu pai Gilvane e meus tios Adriano e Luciano) eram comerciantes no bairro histórico de Campinas, em Goiânia. Eles possuíam uma loja atacadista na qual dispendiam grande parte do tempo trabalhando e eu, pequeno e travesso, acompanhava essa rotina ali brincando e interagindo com os funcionários na loja.



Figura 45 - Vovó Marta e vovô Afrânio.

Meu avô materno, Afrânio de Jesus Carvalho, sem ter completado seus estudos, tentou carreira como jogador de futebol. Mas, por ter sua nascente família pra sustentar (e pelo fato de que o futebol naquele momento não dava rendimentos suficientes), se tornou auditor de um banco renomado do país, o que lhe possibilitou melhores condições financeiras para levar a vida. Minha avó materna, Marta Costa Ulhôa, além de professora, possuía um “verdurão” onde vendia frutas, verduras e legumes orgânicos colhidos no quintal do sítio onde viviam.

Minha avó Marta e meu avô Afrânio, nativos de Paracatu – MG, tiveram três filhas durante o tempo que moraram em São Paulo: minha mãe Denise e minhas tias Débora e Delaine. Então meu avô foi transferido pelo banco que trabalhava para Goiânia, onde viveram até pouco depois do meu nascimento. Voltaram, posteriormente, pra Paracatu (em meados da década de 1980) e, agora no século XXI, vivem novamente próximo às filhas e netos em Goiânia-GO.

Meus pais se separaram no fim da década de 1980 e com isso ganhei expansões familiares de ambos os lados, com meu padrasto (Carlos Augusto) e meu irmão (Fernão) pelo lado da minha mãe e minhas irmãs (Giovana e Sofia) pelo lado do meu pai.

Quando o Lobo virou Cão
Logo o Cão se tornou Homem
E instaurou-se a depressão
Para mudar essa condição
O Homem deve acessar o Cão
E abraçar a Escuridão
Ressurgindo-se como Lobo
Liberto da escravidão.
("Retorno ancestral". Fredé CF, 2022)








Figura 46 - Momentos familiares

Forçando um pouco a barra e fazendo uma alusão absurda (mas relacionada com conexões fantásticas da minha imaginação) com lendas de Lobisomens, vampiros e outros monstros que cresci ouvindo, há versões do Lobisomem (mas que o sétimo filho de um mesmo casal se torna o monstro. Distorcendo essa narrativa da lenda, eu nasci como o primeiro neto dos dois lados do meu núcleo familiar, que já tinha três filhos (por parte de pai: meu pai, meu tio Adriano e meu tio Luciano) e três filhas (por parte de mãe: minha mãe, minha tia Débora e minha tia Delaine), totalizando seis. Assim, nessa confluência cósmica entre as duas famílias, sou o sétimo nascido.



Figura 47 - Cartazes dos filmes "Um Lobisomem Americano em Londres" (1981) e "Lobo" (1994).

Contudo, ao contrário dessa lenda mutante, em meu caso isso não foi uma maldição, mas uma tremenda sorte por ter tantas pessoas me rodeando com amor, cuidado e atenção. Durante minha vida sempre tive um gosto grande pela lenda do Lobisomem, por ser uma criatura fantástica ligada à visceralidade dos instintos animais que todos nós temos. Achava, quando criança, o Lobisomem o ser mais horripilante e, sempre que ia à fazenda do meu avô, morria de medo de encontrar com um deles por lá. Porém, ao mesmo tempo, sempre tive muita admiração por essa criatura, em especial pela sua transformação em monstro, em filmes como “Um Lobisomem Americano em Londres” (1981) e “Lobo” (1994), além dos RPGs “Lobisomem: O Apocalipse” e “Vampiro: A Máscara” que jogava em minha adolescência e, mesmo no universo dos vampiros, sempre escolhia para viver personagens dos clãs que mais se aproximavam da visceralidade das figuras lupinas, como *Gangrel*, *Nosferatu* ou *Brujah*.



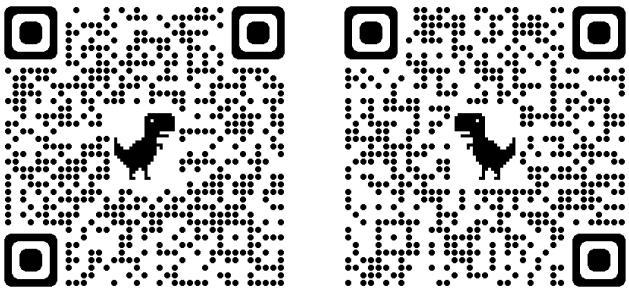
Figura 48 - Livros de RPG da Editora Devir: "Vampiro - a Máscara" e "Lobisomem - o Apocalipse".

Quando adentrei a esse doutorado, estava passando por tormentas emocionais e falta de perspectiva em relação à vida. Consumido pelas sombras, insistia em fugir de mim mesmo. Apresentava uma tristeza profunda e uma falta de razão para viver, insatisfeito com meu trabalho, com minha vida, sem minha avó Bárbara que havia a pouco falecido (e meu avô Bento que veio a falecer posteriormente) e sem conseguir enxergar perspectivas para onde seguir em uma sociedade altamente competitiva e exploradora. Me sentia inadequado a tudo que me cercava e que já havia feito o que era possível fazer em minha vida. Nunca pensei em suicídio, mas desejava não existir. Desconfio que ali eu estava, mesmo que não diagnosticado, com um quadro já latente de depressão e ansiedade que, embora amenizado pelas criações artísticas, leituras, terapias e atividades físicas, ainda sinto que existe em mim.

Ao ter a ideia de adentrar ao doutorado, entrei em contato maior, na escrita do projeto, com obras de C.G. Jung e suas considerações acerca dos arquétipos, em especial, o arquétipo da “Sombra” e isso ficou muito presente em meus pensamentos, tecendo associações com a lenda que dá nome à minha banda (Cão Breu) e com o universo dos monstros (Lobisomem e Vampiro, especialmente) que sempre me deslumbraram. Algo em mim foi transmutado

com essas leituras e passei a prestar mais atenção ao que aquelas sombras que me assolavam queriam me dizer.

Ao sermos tomados e confinados pela pandemia de COVID-19 em meio a um governo federal neofascista, genocida e perverso, comecei a perceber o papel fundamental que o contato com a natureza tem em nossas vidas e que também somos parte indissociável dela, porém perdidos em meio à loucura da urbanização e do mercado. Refleti sobre como minha autodestruição e falta de perspectiva e fé na humanidade estavam diretamente ligadas à ideia de desconexão dos seres humanos em relação ao restante da natureza. O quanto aprisionamos (em nós mesmos e nos outros projetados) nossos instintos animais essenciais de maneiras absurdas, Isso se manifesta sempre de maneira obscura por diversas formas, gerando ressentimentos profundos e distúrbios graves tanto psicoemocionais quanto socioculturais. Chagas colonialistas, patriarcalistas e opressoras socioculturais como racismo, machismo, homofobia, entre outras, são resquícios dessa falta de lidar com as sombras que existem em nossa cultura e persistem assombrando a sociedade e se manifestando de maneiras bizarras em pleno século XXI.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Dando aulas de forma remota nessa época, indo ao supermercado fazer compras como se estivesse em um apocalipse zumbi, muito medo e morte por todos os lados, com todas as coisas, esse era o cenário. O famigerado medo do desconhecido. Terror total e ainda muita cobrança pelo sistema. Eu me sentia cada vez mais sufocado e enclausurado. Comecei então a me dedicar a todo tipo de criação artística, para, de alguma forma, fazer frente à destruição estabelecida e, no Brasil, institucionalizada pelo governo federal daquele

momento. Comecei a olhar e trabalhar minhas sombras por meio da arte, escrevendo, tocando, cantando, produzindo álbuns, EPs, videoclipes, fotografando, filmando, desenhando, dançando, performando e uivando em meio à natureza sempre que possível. Experimentando (influenciado por rituais xamânicos de incorporação de animais) possibilidades de mim mesmo enquanto ser existente, múltiplo e complexo, para tentar viver além daquilo que me assolava e me enlouquecia cada vez mais em meio a narrativas torpes institucionalizadas. Mesmo não tendo muita prática com algumas técnicas, me arriscava a tentar do meu jeito, como o desenho, a performance e a criação de games, por exemplo. Comecei a ter em mente que o importante era criar e transmutar, independentemente do resultado ou julgamentos acerca das criações. Tudo isso me trouxe uma força muito grande comigo mesmo e sinto que consegui renascer de alguma forma. Acredito que essa reconexão comigo mesmo, com minhas questões e, sobretudo, com minha "Besta Interior" (relacionada ao "Id" freudiano e à "Sombra" junguiana), restaurou em mim um olhar mais compassivo e afetuoso em relação ao que sou e, consequentemente, ao que me cerca.



Figura 49 - Livros "O Lobo da Estepe" e "Werewolf Magick". Importantes referências poéticas.

Algumas obras, ambas me indicadas pelo amigo Edgar Franco, me serviram (e servem) bastante poeticamente para a criação, em especial a partir de 2020. Ambas também têm relação com a figura lupina, são os livros: “Werewolf Magick: Authentic Practical Lycanthropy” (2020) de Denny Sargent; e “O Lobo da Estepe” (2021) de Hermann Hesse, que li logo após a separação matrimonial que me ocorreu na reta final do doutorado, em 2023. Esse último, em especial, me abriu bastante as perspectivas diante da vida e me ajudou muito a refletir e ressignificar algumas coisas. Ocasionalmente, faço citações dele em algumas obras minhas, como a descrição no YouTube do videoclipe “In the world of bones” e do álbum “Depois do Futuro”, ambos de 2023[31].

Esse ser fantástico aparece ainda, de maneira recorrente, em meus sonhos desde pequeno até hoje, ora de maneira tranquila, amigável, familiar, ora de maneira perturbadora. Talvez sejam ecos simbólicos presentes em meu inconsciente que o relacionem a aspectos contrastantes de razão e emoção, sombra e luz (negados e identificados), que eu deva me debruçar com maior atenção sobre meu imaginário. Neste sentido, a figura do Lobisomem e outros canídeos permeiam constantemente minhas criações artísticas e integram esse universo de MekHanTropia como seres mágickos transmutacionais habitantes das sombras mekHanTrópicas.

Sua alma veio me visitar / Em meus sonhos / E quando acordei Você não estava lá / Vazio / Sem ninguém pra abraçar / Sua pele adular / Tocar / Encaixar / Caminhos perdidos / Sentidos / Repartidos pelo mar / Corpos alados / Pelados / Insaciados / Condenados / Aqui, acolá / Tão longe, tão perto / No mesmo mapa aberto / No futuro / Deserto / Sonhamos trafegar / Desencontro / Inescapável / Inevitável / Memorável / Une alucinados / Sem ter hora pra acabar / Humanos desgarrados / Virtualmente habitados / No contexto esgotados / Insistimos em dançar / Cantar / Criar / Brincar / Insistimos em amar / Fantasias mágickas conectadas / Fazem o coração delirar / Se acalmar / Libertar

A alma assenta
A aura aumenta
A chama intensa
Não quer mais se apagar

[31] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0Y8ijCZ0bNE; e em: https://www.youtube.com/watch?v=k7YklEeWAbY . Acesso em: 26/07/2023.

Já que o que foge ao controle
(Des)controlado está
Sem ligar
Felinos, caprinos
Canídeos sentimos
Uivar
Delirar
Transmutar
Reencontrar
A Lua que insiste em nos guiar.
["Tão longe, tão perto (Full Moon)". Fredé CF. 2023].

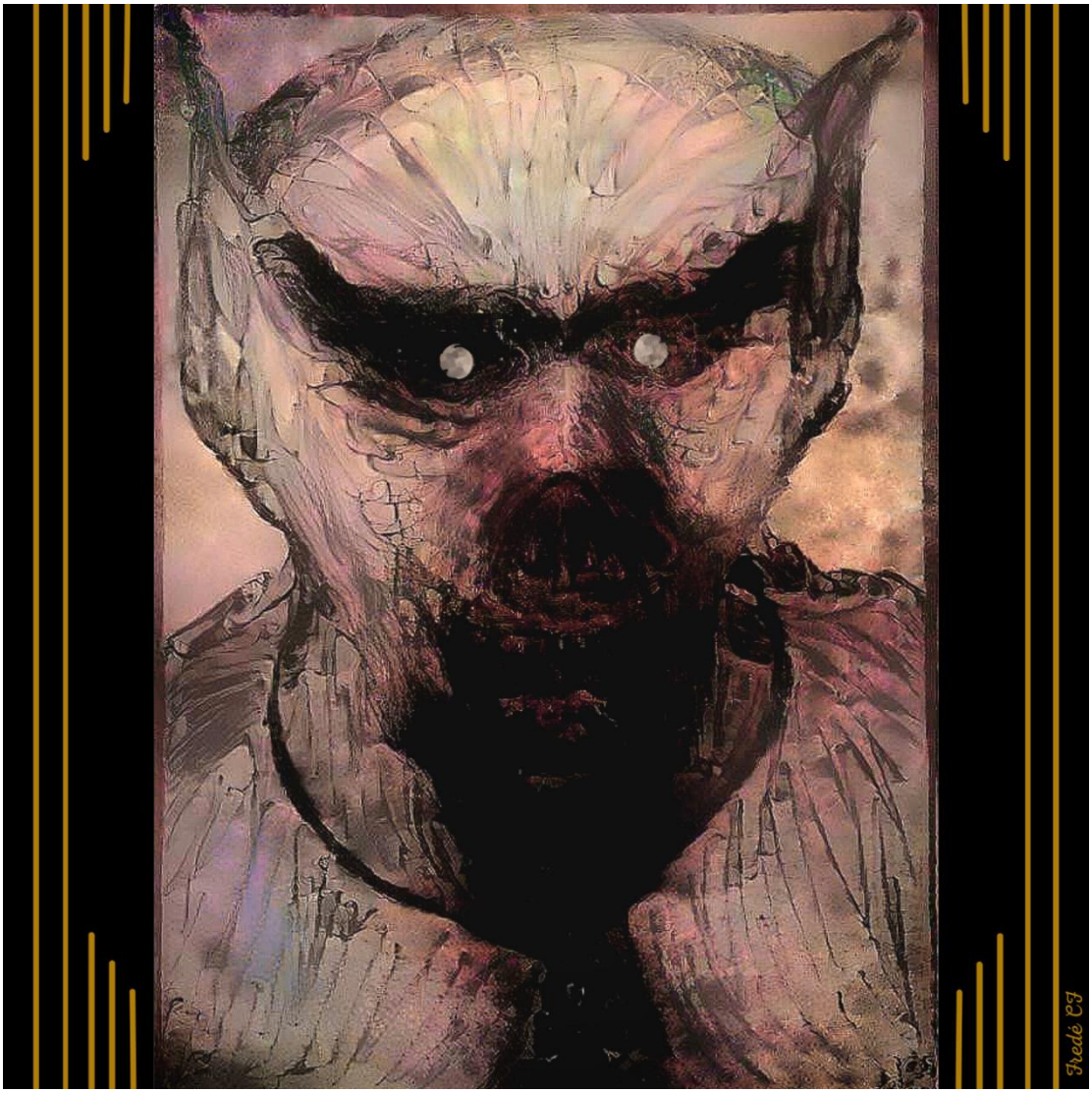


Figura 50 - "Lobo Ancestral Ulloa" (XV - O Diabo). Desenho a lápis com Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

Todo esse afeto narrado até aqui segue em crescimento ao meu redor, apesar de tantos desencontros e partidas inevitáveis da vida. Desde o meu nascimento até os dias atuais, outras tantas pessoas queridas foram cruzando e descruzando os meus caminhos e fazem parte de toda essa auto(etno)biografia aqui exposta. Trago esses momentos porque os considero muito importantes para a construção das ideias desse universo. Tenho bastante gratidão, apreço, afeto e amizade por essas e esses personagens que integram minha história e meu universo particular.



Figura 51 - "She's a Raimbow". Fotografia digital. Obra vencedora do 1º lugar no Prêmio ALEGO de Fotografia. Fredé CF, 2020.

O *rock'n'roll* e o *underground* como um todo são também importantes meios de formação pessoal e artística para mim. Ali vivenciei, aprendi e desenvolvi muito, desde a pré-adolescência até hoje tocando em diversas bandas e frequentando vários shows, valores e ideais que me são também bastante caros e constituem bases que considero essenciais em minha vida, além do aprofundamento e lapidação no meu fazer artístico *DIY* em diversas frentes e linguagens. Assim, tão importantes também em minha trajetória e reflexões são meus queridos amigos e companheiros de banda, de som, de audiovisual e de produções

artísticas que me acompanham desde a adolescência. Pessoas incríveis que me expandem o olhar frente a vida e mergulham comigo em criações autorais.



Figura 52 - Profa. Dra. Rosa Berardo, Prof. Dr. Edgar Franco, eu e o Prof. Dr. Daniel Christino. Pose acadêmica após a defesa de meu mestrado em Arte e Cultura Visual (UFG), 2015.

Também exalto aqui os sensacionais parceiros criativos, amigos, professores e orientadores desse trabalho, profa. Dra. Rosa Berardo e prof. Dr. Edgar Franco, que me edificam o pensamento e me conduzem em mergulhos criativos essenciais, além dos parceiros do Grupo de Pesquisa Cria_Ciber e todas as trocas criativas envolvidas.



Figura 53 - Grupo de Pesquisa Cria_Ciber. 2022.

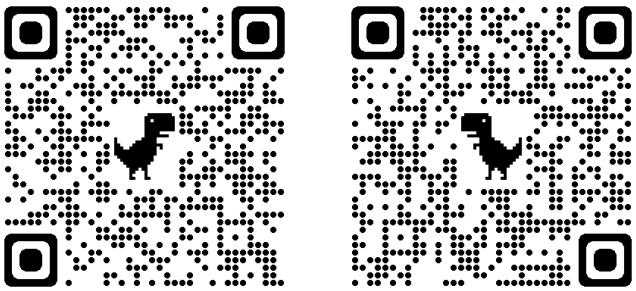
Ao pensar nessas teias de conexões e vivências que me perpassam e em outras infinitas teias que também se interseccionam, me inspirei a criar as macro narrativas transmidiáticas que se complementam nesse universo ficcional, mas que também possuem suas próprias micro-histórias singulares independentes. Acredito que o importante nisso tudo são as relações em si, as fraternais trocas e as inúmeras (e diferentes) “janelas” que se abrem à (re)existência. Como diz Byung-Chul Han (2019a):

> Ao contrário da cortesia [e da tolerância], a gentileza, a amigabilidade, opera de modo desregrado. Justamente seu desregramento a capacita a uma efetividade mais ampla. (...) Onde o horizonte comum se desintegra nas mais diferentes identidades e concepções, ela provoca um ser-participante, um tomar-parte ou ser-envolvido, um *continuum* de *descontinuidades*. (...) Devido à sua abertura que vai mais longe do que a tolerância [e a cortesia], a gentileza, a amigabilidade, é capaz do *windowing* que abre e une (HAN, 2019, p. 125).

Evidencio o privilégio de haver extraordinários ancestrais e amigos em todo o mundo que, superando todas as dificuldades e delícias que enfrentam e enfrentaram em suas vidas, me proporcionam, guiam e acompanham a uma (re)existência atenta a aspectos qualitativos essenciais, como o amor, a colaboração, a união, o respeito, a empatia, a amigabilidade, a solidariedade e

a atenção. Sou cercado por pessoas incríveis e me sinto um privilegiado por isso, como se vivesse no país das maravilhas.

Uma vida que não prioriza o consumo exacerbado, o luxo desmedido, o egoísmo perverso, a violência sistêmica ou a competitividade predatória, mas sim um bem viver fundado em buscas por conexões calcadas na diversidade. Penso que só podemos viver bem se todos também puderem viver bem, de acordo com suas unicidades. Essa talvez seja minha utopia pessoal: de que todas e todos os seres possam viver bem em suas condições subjetivas. Digo "utopia" por não ver muitas chances de isso acontecer em meio a um sistema antropoceno[32] altamente exploratório, que promove, cada vez mais, a desigualdade e a padronização social de muitos em função do enriquecimento e empoderamento de poucos e determinados grupos.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Em sua obra *Ideias para adiar o fim do mundo* (2020), Ailton Krenak coloca que:

> Se já houve outras configurações da Terra, inclusive sem a gente aqui, por que é que nos apegamos tanto a esse retrato com a gente aqui? O Antropoceno tem um sentido incisivo sobre a nossa existência, a nossa experiência comum, a ideia do que é humano. O nosso apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade é a marca mais profunda do Antropoceno. Essa configuração mental é mais do que uma ideologia, é uma construção do imaginário coletivo (KRENAK, 2020, p.58-59).

Segundo Krenak, a Terra é, em diversas culturas ancestrais, associada à imagem da mãe, da Pacha Mama, de Gaia, uma deusa amorosa e acolhedora, repleta de prosperidade. Ao pensarmos que temos o direito de explorar os

[32] Disponível em: https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2023/01/o-que-e-o-antropoceno-e-por-que-esta-teoria-cientifica-responsabiliza-a-humanidade Acesso em: 25/07/2023.

recursos planetários de maneira infinita e sem ponderação gera agora já algumas consequências e se aproxima de uma visão patriarcal de poder sobre o mundo, uma imagem arrogante masculina de superioridade, depredação e dominação. Essa é a visão antropocena que promove desequilíbrios. Quando o planeta dá sinais de que irá cancelar essa relação tóxica, se assemelha, de certa maneira, à ideia de fim do prazer associado ao consumo:

> É como parar numa memória confortável, agradável, de nós próprios, por exemplo, mamando no colo de nossa mãe: uma mãe farta, próspera, amorosa, carinhosa, nos alimentando *forever*. Um dia ela se move e tira o peito de nossa boca. Aí, a gente dá uma babada, olha em volta, reclama porque (...) não está vendo aquele organismo materno alimentando toda a nossa gana (...) O fim do mundo talvez seja uma breve interrupção de um estado de prazer extasiante que a gente não quer perder (KRENAK, 2020, p.59-60).

Essa associação do prazer com o consumo de matéria planetária ganha novas configurações com a hiperexploração neoliberal do último século, em especial das últimas décadas. A hipercompetitividade instituída pelo sistema inflama ainda mais o egoísmo e a separação entre as pessoas.



Figura 54 - "Gana". Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

Essa gana por prazer e conforto ligada ao capital nos vende diariamente associações como sinônimo de liberdade, felicidade e sucesso. O sistema coopta implacavelmente qualquer reação ou distorção a este hábito estabelecido, projetando ilusões e matando nossa vida através do tempo perdido presos na hipnose das telas.

> Toda pessoa que seja capaz de trazer uma inovação nos processos que conhecemos é capturada pela máquina de fazer coisas, da mercadoria. Antes de essa pessoa contribuir, em qualquer sentido, para abrir uma janela de respiro a essa nossa ansiedade de perder o seio da mãe, vem logo um aparato artificial para dar mais um tempo de canseira na gente. (...) Os laboratórios planejam com antecedência a publicação das descobertas em função dos mercados que eles próprios configuram para esses aparatos, com o único propósito de fazer a roda continuar a girar. Não uma roda que abre outros horizontes e acena para outros mundos no sentido prazeroso, mas para outros mundos que só reproduzem a nossa experiência de perda de liberdade, de perda daquilo a que podemos chamar inocência, no sentido de ser simplesmente bom, sem nenhum objetivo (KRENAK, 2020, p. 64-65).

Pensar sobre essas questões me aproxima do campo das Artes e da Cultura Visual e tento trazer à tona um olhar poético e crítico por meio de reflexões e representações materializadas em criação artística. O sistema institucionalizado em MekHanTropia é esse antropoceno, potencializado enquanto força totalitária. Segundo Han (2017a), o antropoceno é narcísico e coloca a natureza como fora do si-mesmo, estabelecendo desconexões com nossa essência animal e padronizando, em função do mercado, as nossas unicidades enquanto ser no mundo. O ego como alvo principal do consumo. As tecnologias não são incentivadas por serem melhores ou piores ao planeta, mas sim pelo poder em serem mais lucrativas. Uma importante característica da arte é justamente ir na contramão desses sistemas, questionando, implodindo padrões e propondo novas possibilidades de partilhar o sensível (RANCIÈRE, 2009a).



Figura 55 - "O Umbigo do Mundo". Foto-colagem digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

Nesse sentido, Krenak (2020, p. 16-17) também se atenta à ideia absurda de desconexão entre o ser humano e a natureza que foi (e vem sendo) naturalizada: “Fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ela é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade.” E completa:

> Enquanto a humanidade está se distanciando do seu lugar, um monte de corporações espertalhonas vai tomando conta da Terra. Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios. Eles inventam kits superinteressantes para nos manter nesse local, alienados de tudo, e se possível tomando muito remédio. (...) Espalham quase que o mesmo modelo de progresso que somos incentivados a entender como bem-estar no mundo todo. (...) Enquanto isso, a humanidade vai sendo descolada de uma maneira tão absurda desse organismo que é a Terra (KRENAK, 2020, p. 19-21).

Tento assim também representar poeticamente os contrastes entre o “Eros” – que caracteriza um olhar sobre o outro e sobre as relações no planeta –, e os distúrbios psicoemocionais que o coronavírus evidenciou, anunciando uma necessidade de pausas, reflexões e busca por mais conexão com o planeta e menos desempenho e exploração. O isolamento social traz à tona um “si-mesmo” narcísico, excludente, padronizado por diferenças consumíveis e que, potencializado pela necessidade de utilização das redes devido à pandemia, é programado, de maneira binária, na constante necessidade de “se mostrar” quantificada por *likes* e visualizações.

Tudo isso vem acompanhado de um discurso ilusório de felicidade associado ao consumo. A ideia de “ser feliz”, padronizada e instituída de maneira diluída em discursos cotidianos como uma competição com um objetivo a ser conquistado, gera uma pressão mais devastadora que o imperativo de “ser obediente”, uma vez que atua na autoexploração sob um véu ilusório de meritocracia associado ao lucro e ao sucesso de maneira rasa, sem levar em conta as subjetividades, repertórios, contextos e relações que envolvem a complexidade dos processos. Diminuídas as possibilidades de ponderação ou equilíbrio frente ao que é diferente dentro das “bolhas” do “inferno do igual” de algoritmos, gera-se depressão, burnout, ansiedade, entre outros distúrbios cada vez mais recorrentes.

Essa ilusão de conexão nos desconecta e afeta as relações com o outro e conosco, com nossas sombras pessoais e sociais, nos codificando a existência como meras mercadorias/produtos a serem vendidos pelas redes (anti)sociais. Sobretudo, nos desconecta do tempo de vida “presente”, “subjetivo”, “presencial” que é reduzido, em toda sua complexidade, a representações rasas de felicidade, prazer e alegria alocadas pela “ausência”, em múltiplas redes telemáticas. Sob um pretexto ilusório de “conexão”, cada vez mais nos desconectamos do ambiente natural repleto de cosmogonias culturais únicas e diversas que são padronizadas.

> Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo. (...) O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim (KRENAK, 2020, p. 26-27).

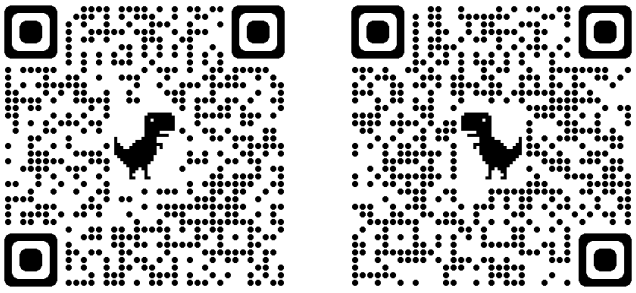
Tento vislumbrar, a partir de histórias diversas, formas de re-existência nesse mundo distópico que observo e projeto em MekHanTropia. Uma reconexão e reintegração com Gaia, com o habitat, com o lúdico, com o que me é natural e, sobretudo, comigo mesmo enquanto parte (agora) fragmentada, porém única no todo. A essência da subjetividade enquanto cosmos, qualificado, integrado de maneira complementar e transmutado por histórias e criações que me perpassam, constituem e são mostradas pela arte que crio e vai se transformando.

Como diz Krenak:

> É importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros (...) Vi as diferentes manobras que os nossos antepassados fizeram e me alimentei delas, da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos (KRENAK, 2020, p. 27-28).

Trago nesse trabalho olhares especiais para os laços, tanto sociais quanto ambientais, que estabelecem em mim e em minhas obras bases edificadas na empatia, colaboração, criatividade, diálogo e pensamento crítico, além de reflexões sobre a fundamental importância da educação e da arte na sociedade. Acredito que essas conexões de afeto são essenciais para nos

autoconhecermos e nos reintegrarmos à vida do planeta em meio à tanta destruição.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Penso que a ideia de "ancestralidade" está também associada às transformações que passamos durante nossas vidas e que nos são bastante importantes enquanto base de observação e evolução de nós mesmos. O reconhecimento do percurso de cada um e o entendimento que somos seres únicos e mutáveis em essência, seja em relação ao pensamento, emoções, hábitos, ou ao próprio corpo físico. Todas nossas células, átomos, ideias, experiências e referências estão em constante renovação. O "eu" que eu era já não é mais, apesar de ecoar enquanto índice. Quem me conheceu há três, cinco, dez, vinte anos (ou até mesmo há pouco tempo) pode já não me conhecer mais, por essa pessoa ter mudado e eu também. Assim como todas as pessoas e coisas (mesmo as avessas às mudanças) somos uma constante "metamorfose ambulante".

Enfim, nada. O nada que tudo absorve. O nada que tudo é e em tudo está. O nada (des)transfigurado pelas redes telemáticas em "zeros" e "uns" hipnotizantes e desconectados da essência hipertecnológica da arte e do habitat. Dígitos ilusórios cada vez mais distantes de Gaia. Expurgados da vida e do pulsar integrativo de nossos movimentos essenciais. Cuspidos do autoconhecimento transbinário, que trafega pelas zonas cinzas que o digital insiste em aniquilar com padronizações MekHanTrópicas destruidoras de subjetividades. A arte como instrumento capaz de trazer de volta momentos sinceros, únicos, qualificados, qualitativos, materializados, aproveitados com intensidade rica, alegre e visionária, no prazer vivo da carne, da aura, do espírito, da potência, da vontade, dos sentidos que tocam e

são tocados transitando poeticamente a partir das memórias e da imaginação pelas entranhas do analógico e do digital.

No agora, na essência, na pausa, no que há de fato, escapamos da mesmerização da existência. Pela arte, pela vida, pelo amor, pelo existir e insistir no mundo que trazemos em cada um de nós. Por nos deixar conectar e desabrochar um ritual cósmico entre personagens de diferentes dimensões que se conectam enquanto meios de expurgar o mal que assola o planeta a partir de cada um. Através do sentir, identificar e acolher as Sombras, se transmutando profundamente em Lobisomens pós-humanos, em Cães Breus mekHan Trópicos, com Anúbis na alma. Uma intrínseca animalidade ancestral, transcendental, renovada. Brincando, uivando, se divertindo e (Re)Existindo na resistência a um instituído sistema seco, careta e sem vida!

(Diálogos d'O Acimador com o Ciberpajé em um encontro poético-transcendental com Anúbis. MekHan Tropia, ano zero).

Vivemos por narrativas complexas que tentamos simplificar estabelecendo padrões e determinações que não condizem com as vicissitudes da vida. Como já disse Freud e tantos outros investigadores da mente humana e da sociedade, vivemos muitas vezes na imaginação dos outros em versões nossas que não existem mais ou que sequer existiram algum dia factualmente, graças ao poder que a fantasia tem na imaginação humana. Uma das principais habilidades que nós, *Homo Sapiens*, temos é a sabedoria para engajar as pessoas em causas comuns e, sobretudo, partilhar informações e narrativas sobre o mundo, muitas dessas ficcionais.



Figura 56 - Imagem feita com a utilização de IA para representar uma selfie de Neandertais na Idade da Pedra. Crédito: Divulgação/Duncan Thomsen.[33]

[33] Disponível em: https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/o-artista-que-imagina-como-seria-se-figuras-historicas-tirassem-uma-selfie.phtml Acesso em: 27/07/2023.

Essas fantásticas qualidades nos diferenciaram de outras espécies, humanas e não-humanas, há mais de 150 mil anos e foram decisivas para nos fazer “triunfar” e sobreviver neste planeta. O historiador Yuval Noah Harari (2017) diz que “O *Homo Sapiens* conquistou o mundo, acima de tudo, graças à sua linguagem única” (p. 27). O autor promove em sua obra “*Sapiens* – uma breve história da humanidade” (2017), uma imersão nesse tema e mostra o quanto essa “revolução cognitiva” foi decisiva para o nosso desenvolvimento. Segundo Harari:

> O surgimento de novas formas de pensar e se comunicar, entre 70 mil e 30 mil anos atrás, constituiu a Revolução Cognitiva. O que a causou? Não sabemos ao certo. A teoria mais aceita afirma que mutações genéticas acidentais mudaram as conexões internas do cérebro dos sapiens, possibilitando que pensassem de uma maneira sem precedentes e se comunicassem usando um tipo de linguagem totalmente novo (HARARI, 2017, p. 30).

Além disso, alguns fatores também podem ter contribuído, como tornar-se ereto e, com isso, ter maior incidência de sol sobre o crânio, por exemplo. O autor coloca que podemos consumir, armazenar e comunicar uma quantidade extraordinária de informação sobre o mundo à nossa volta. Contudo, essa versatilidade, mesmo tendo sua importância, não é o grande diferencial da nossa linguagem. O que nos diferencia como espécie seria, segundo ele, a capacidade de criar e transmitir informações sobre coisas que “não existem”. Somente os *Sapiens* podem falar sobre coisas que nunca viram, tocaram ou cheiraram. E dessa forma criar realidades paralelas.

> Lendas, mitos, deuses e religiões apareceram pela primeira vez com a Revolução Cognitiva. Antes disso, muitas espécies animais e humanas foram capazes de dizer: ‘Cuidado! Um leão!’. Graças à Revolução Cognitiva, o *Homo Sapiens* adquiriu a capacidade de dizer: ‘O leão é o espírito guardião da nossa tribo (HARARI, 2017, p. 32).

Harari afirma assim que a capacidade de falar sobre ficções — também conhecidas como “construtos sociais” ou “realidades imaginadas” — é a característica mais singular da linguagem dos *Sapiens* e está intimamente ligada às nossas relações sociais, em especial, à qualidade da “cooperação”:

> A ficção nos permitiu não só imaginar coisas como também fazer isso coletivamente. Podemos tecer mitos partilhados (…). Tais mitos dão aos *Sapiens* a capacidade sem precedentes de cooperar de modo versátil em grande número (…). Após a Revolução Cognitiva, a fofoca ajudou o *Homo Sapiens* a formar bandos maiores e mais estáveis. (...)

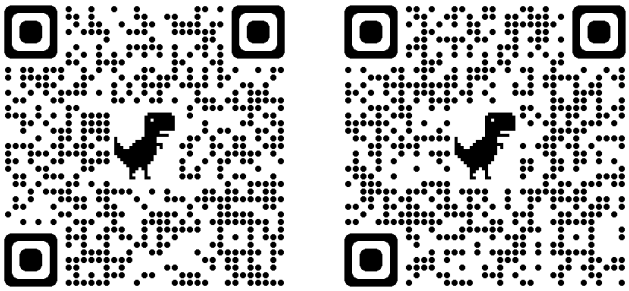
> O segredo foi provavelmente o surgimento da ficção [que possibilita que] um grande número de estranhos pode cooperar de maneira eficaz por acreditar nos mesmos mitos. Toda cooperação humana em grande escala — seja um Estado moderno, uma igreja medieval, uma cidade antiga ou uma tribo arcaica — se baseia em mitos partilhados que só existem na imaginação coletiva das pessoas (HARARI, 2017, p. 33-36).

Por isso, acredito que é fundamental tentar lidar com os instantes, internos e externos, que compõem a ideia do "agora" de maneira mais sincera possível consigo mesmo. Ao fortalecer o eu-interior, tento compreender como funciona a própria subjetividade. Estamos, de fato, juntos apenas com nosso eu-interior o tempo inteiro e sujeitos a inúmeras narrativas "f(r)iccionais" que nos induzem cotidianamente, especialmente as que legitimam os sistemas dominantes com novas ferramentas que surgem.

As narrativas mais importantes, em essência, talvez sejam aquelas que estabelecemos como reais para nós mesmos, sem negar ou fechar os olhos para aquilo que incomoda, mas tentando integrar e entender seus aspectos em prol da saúde mental. Para além de maniqueísmos, todas as mudanças que passei e continuo a passar fizeram e fazem parte de minha história, das minhas próprias narrativas, assim como todas as diferenças, contrastes, lições, amizades, desavenças, expectativas, frustrações, ficções ou contradições que surgiram dessas experiências e relações que vivi, pelo "amor" ou pela "dor", com os outros e comigo mesmo, de dentro ou de fora de mim, no mundo.

Mesmo cercado de afeto e sendo um privilegiado em um país tão desigual e repleto de ódio (mas também de amor), tenho minhas sombras e projeções sobre passado e futuro, com as quais, ocasionalmente, não sei lidar por ser humano. Essas angústias, medos, anseios, ansiedades, irreflexões, incoerências, equívocos, deslizes, tristezas, raivas, entre outros aspectos, por vezes, me escapam à racionalidade que tento alcançar e vão além das minhas convicções e criações, penetrando as obras que crio pelas emoções e apresentando-me aspectos meus que muitas vezes me soam estranhos. Tento assim pensar sobre os sentidos que vêm delas revelados, num movimento de compreender tais emoções, materializadas pela arte, a partir de mim e dos outros. De forma geral, se não fosse pela colaboração, suporte e afeto daqueles que me cercam e amparam, esse universo transmidiático sequer existiria. A arte é para mim, nesse

sentido, um meio de acessar minhas profundezas e de me conectar com as profundezas de outras pessoas. Uma forma que encontrei para tentar me curar.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Como já citado, acredito que a morte de minha avó Bárbara, em outubro de 2015, me bagunçou bastante o emocional e me levou a um período de muita angústia e sofrimento interior que acabou, por vezes, transbordando em algumas ações no meu exterior, distorcendo bastante meu racional. Somou-se a isso a chamada "crise de meia-idade" que me chegou e uma mudança contextual no Brasil e no mundo, com ecos de ascensão neofascista que eu tentava não acreditar que acontecia. Comecei a, frequentemente, negar minhas sombras e/ou não me atentar aos meus sentimentos naqueles momentos, o que me levou a agir de maneira irrefletida e imprudente, frente à determinadas questões e situações que a vida me apresentava.

Inconsequentemente, me afoguei em válvulas de escape autodestrutivas de maneira inconsciente, talvez visando sufocar de alguma forma o sofrimento que sentia, transbordando essas máculas também, infelizmente, ao que me cercava. Esse período ainda ecoa em meu ser e me abisma de forma muito dolorida. Tento constantemente lançar esses ecos (destrutivos) obscuros em minhas obras para poder melhor lidar e refletir sobre eles transmutando-os em potência criativa, uma vez que também são parte de mim e me ensinaram muitas coisas.

Sofremos
Por medo ou por desejo
Instintos domínam o ego
A razão do querer sempre mais.
Sofremos

Talvez por não haver
Mais nada que se possa fazer
Além do que visamos nunca obter.
Jamais.
Sofremos
Profundo, mas logo passa
A luz dá o ar da graça
E a sombra, enfim, deixa de assombrar.
"We Three (My Echo, My Shadow And me)
We three, we're all alone
Living in a memory
My echo, my shadow, and me
We three, we're not a crowd
We're not even company
My echo, my shadow, and me
I walk with my shadow
I talk with my echo
We Three (My Echo, My Shadow And me)"
Begone Evil!
Sofremos
Por não termos mais motivos
Além disso pra estar vivos
Habitantes de nosso próprio penar.
Sofremos
Presos ao passado
Longe do presente
Com saudades de um futuro que nunca irá chegar.
Sofremos
Cada qual de sua maneira
Risonho ou de cara feia
Sofrer é parecido com amar.
Sofremos?
("Poço sem Fundo". Espelho de Obsidiana. Fredé CF, 2021)

Ensejo desde então – com muita reflexão, sessões de terapia, yoga, meditação, caminhadas ao ar livre, criação artística, estudos e outras ações práticas de transmutação –, o exercício constante de um olhar mais carinhoso para minhas

sombras, buscando integrar o que elas têm a me dizer e agir com maior bom senso em relação a mim e ao que me cerca. Como diz o pensamento junguiano, só aquilo que somos é capaz de nos curar. Portanto, penso ser importante lidar com meus instintos e emoções com mais cuidado e, de maneira mágicka, olhar no espelho da minha alma e ressignificar aquilo que me assombra. Tento fazer isso por meio da arte.



Figura 57 - "Investigando o investigado". Fotografia digital. Fredé CF, 2019.

Adentro ao campo da arte e, sobretudo, da Arte e Cultura Visual nessa Pós-Graduação, principalmente como uma forma de me autotransformar e autoconhecer, para daí poder de alguma forma contribuir com o mundo. Para investigar meus próprios processos, para sentir e pensar com atenção sobre como se dão as transformações e trocas em mim, no tempo presente, rodeado

de tecnologias digitais. Transmuto esses fenômenos “em” e “a partir de” obras que são também partes ecoadas do meu “ser” e “estar” nesse mundo hipercultural.

Em minha infância, durante as férias escolares, eu geralmente ia para a casa dos meus avós maternos, em Paracatu, e lá ouvia diversas histórias sobre a cidade, além de lendas e criaturas fantásticas daquele local. Um fenômeno que me intrigava nessa época era a quantidade de pessoas consideradas “loucas” em cidades históricas interioranas. A loucura talvez seja algo que ainda se manifeste em minhas criações artísticas como uma inquietação ou uma referência ao deslocamento dos padrões sociais e associações que faço com esses contatos durante esse período de minha vida.



Figura 58 – Fredé CF de férias em Paracatu - MG em meados dos anos 1980.

Penso hoje, com olhar mais maduro, que em cidades menores (por serem menos cosmopolitas que as metrópoles), o que foge à tradição, ou seja, daquilo que não se adequa aos padrões institucionais determinados culturalmente, são execrados e “rebaixados” à condição da “loucura”. Nesse sentido, muitas pessoas são condenadas socialmente ao sofrimento, algo bem parecido com o que ocorria com as ditas “bruxas” medievais. A arte, nesse sentido, tece uma

aproximação por se desviar de padrões institucionalizados. Um artista genuíno e visceral, geralmente, é considerado como louco ou, no mínimo, excêntrico. Será que a loucura não seria mesmo, de fato, estar adequado a modelos de sociedade tão adoecidos? Lembro de ver, naquele tempo, instituições que promoviam horrores às pessoas tidas como “loucas”. Os hospícios eram locais institucionalizados de prisão (muitas vezes políticas), tortura e aniquilação de subjetividades, sob a ilusão de serem hospitais. Os manicômios viravam locais de tortura e horror, provocando e acentuando doenças ao invés de tratar a saúde mental de seus pacientes. Campos de concentração tupiniquins[34], para onde, muitas vezes eram enviadas, por poderosos da sociedade, pessoas (inimigos ou desafetos políticos, amorosos etc.) para serem destruídas.



Figura 59 - Print Screen (com QR code inserido) do vídeo de apresentação da Banca de Defesa de Memorial da Profa. Dra. Rosa Maria Berardo (UFG). Canal de YouTube da FAV-UFG, 2021.

Sobre essa questão da loucura e a destruição das subjetividades das pessoas nesses lugares, minha orientadora, amiga e professora Dra. Rosa Berardo relata em seu Memorial artístico-acadêmico, intitulado *Olhares, representações e identidades* (2021)[35], algumas experiências que teve quando fez uma reportagem no Hospital Psiquiátrico Adauto Botelho em Goiânia na década de 1980. Segundo ela:

[34] Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2021-09-05/barbacena-a-cidade-manicomio-que-sobreviveu-a-morte-atroz-de-60000-brasileiros.html Acesso em: 26/07/2023.
[35] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2r370xaLTHs Acesso em: 26/07/2023.

> O apagamento da identidade de cada paciente era iniciado primeiramente com a padronização da aparência física, descaracterizada pela raspagem dos cabelos e uso de um saco de vestir. O segundo processo era a administração de remédios pesados que faziam o paciente perder a capacidade de articulação da linguagem. (...) Vejo que a perda do contato com o eu identitário impossibilita a qualquer humano reencontrar o caminho de volta a si mesmo (BERARDO, 2021, p. 12-13).

Rosa Berardo diz que todo dia voltava para casa revoltada e profundamente triste com aquela situação. Ela tentava naquele momento, pela arte da fotografia e pela reportagem, levar ao conhecimento de outras pessoas os horrores que ali presenciava:

> Ao mesmo tempo que documentei o hospital fiz um estudo comparativo com o 'vizinho de muro' dos pacientes, a cavalaria montada de Goiânia. Fui até lá e entrevistei os chefes da polícia montada. A área dedicada aos cavalos, uma chácara com árvores e água corrente, fora desapropriada do hospital psiquiátrico para hospedar os animais, ao passo que os pacientes estavam amontoados em um espaço de cimento em meio a suas fezes, sentados sob o sol que lhes causava queimaduras na pele de até terceiro grau. (...) Nas entrevistas com os policiais descobri o investimento no gasto diário com um cavalo, e do outro lado, o gasto diário com um paciente. Não surpresa, o gasto com os cavalos era duas vezes maior do que com um paciente psiquiátrico. Juntei todo material e publiquei no Jornal Folha de Goyaz, único que na época se prontificou a publicar a denúncia (BERARDO, 2021, p. 16-17).

Nesse sentido, além de ser um deslumbrante portal de autoconhecimento e acesso a questões obscuras de nosso inconsciente, a arte também nos permite denunciar, opinar, extravasar, intervir, refletir, dialogar e transformar situações de diversas ordens que nos cercam constantemente pela vida. Pela arte podemos alterar, de maneira magicka por signos, a realidade e atuar sobre as memórias, percepções e imaginação das pessoas com intencionalidades, propondo experiências sensíveis diversas e pautando reflexões sobre nós mesmos, enquanto humanos, e como nos relacionamos com o planeta e com a sociedade de forma mais justa.

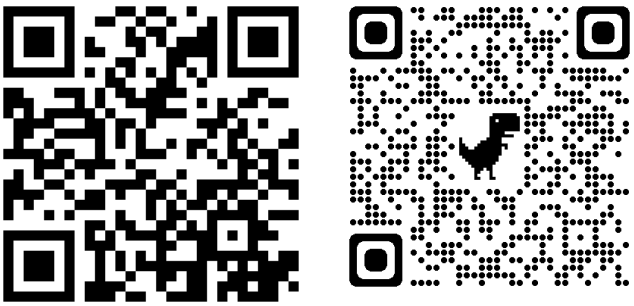
Todo esse imaginário de memórias e relações que trago entra em confluência com histórias de assombração, vampiros, bruxas, bicho-papão, lobisomem, saci, curupira, cuca, entre outras narrativas que ouvia quando ia pra Paracatu ou para a fazenda dos meus avós paternos, localizada na zona rural goiana, entre Piracanjuba e Caldas Novas. Meus avós, mesmo não possuindo tantas oportunidades naquela época, construíram suas vidas e sempre se preocuparam em oferecer e incentivar uma boa educação aos filhos, o que também ecoou

para mim (neto) em relação aos meus pais, que sempre me incentivavam a ler e a praticar atividades artísticas como aprender a tocar violão, contrabaixo, desenho, fotografia, leitura e escrita, cinema, ter banda, entre outras atividades que me trouxeram até aqui.



Figura 60 - "Dungeons & Dragons" da Grow. Jogo de RPG de mesa.

Pensando hoje sobre isso, talvez essas narrativas e criaturas fantásticas se manifestavam já como uma forma de representação inconsciente em desenhos de monstros que eu fazia na infância (e que, desde o mestrado e agora no doutorado, retornei a praticar). Conforme crescia, reconhecia tais emoções e as projetava em desenhos animados e séries que eu assistia (em especial dos monstros e vilões) como *Caverna do Dragão* (baseado no jogo de RPG *Dungeons & Dragons*), *Scooby-Doo*, *Thundercats*, *He-Man*; e as séries japonesas *Spectremen*, *Jaspion*, *Changeman*, *Jiraya*, entre outras.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Toda narrativa auto(etno)biográfica é também constituída de ficções e fricções que estão integradas aos fatos, em especial essa com intenções poéticas enquanto tese-criação. Uma história contada a partir de memórias, preenchida em grande parte pela imaginação e me abrem espações para projeções em espelhos e janelas digitais. Ao pensar a respeito disso, hoje crio meus universos ficcionais como leituras poético-documentais do mundo que fruo, representando essas versões sobre a "realidade" validada por mim através da imaginação transfigurada em arte. Tais narrativas estão em constante transformação nesse universo onírico recheado por contatos e portais.

Ao adentrar o doutorado em arte e cultura visual da UFG, contando minha ideia de tema inicial para alguns colegas, recebi relatos sobre visões de seres fantásticos nas cidades de Pirenópolis, Jaraguá, Cocalzinho, Porangatu e Goiás, cidades antigas e interioranas que se assemelham, em certas medidas, às memórias sobre esses temas que tenho da infância em Paracatu, no bairro de Campinas e nas zonas rurais que frequentei. Depoimentos sobre histórias e lendas populares presentes ainda hoje na oralidade do país, me encantam e me fazem refletir acerca do mundo que vivemos. Como tudo parte de narrativas, busco resgatar e extrair dessas histórias elementos que possam me servir como referência para a criação de personagens, cenários, criaturas, ações, tramas, diálogos, e processos que abarquem esses fenômenos e constituam narrativas em meu próprio universo.

O que você não gosta
Muda de lugar
Aonde você não cabe

Não precisa mais ficar
Olhar!
Adaptação
Mudanças fatais
Nada permanece
E isso cada vez mais
Ao menos vivemos
Corações amenos
Grandes ou pequenos
Forças rituais
Vitais!
Espíritos abertos
Mentes tranquilas
Sons que nos tocam a alma
Retratos da vida
A magia de transformar
Movimentar as feridas
Não se acanhar em modificar
Transmutar o que transita
Met(amor)fose!
Mas atenção
Nunca espere por perdão
Maturação
Nada do que se faz é feito em vão
'Meu ego é maior que o seu'
Foi assim que se perdeu
Enquanto ninguém o via
Além do que se esqueceu
Viveu!
O que era real?
Adoração geral?
Liquidação final?
Tela total
Ninguém é igual
Com ou sem pedestal
Novo ou Marginal
Infinita dança astral

Enlouqueceu!
Nada pode nos salvar
Nada pode nos parar
Nada é feito pra durar
Cuidado pra não se afogar
(em si)
Ao suportar
E se encantar
Com o próprio silêncio
Enfim agora estará
Livre!
("Liberdade". Foto-poesias MekHanTrópicas. Fredé CF, 2022).

Os resgates e as reflexões sobre narrativas fantásticas ancestrais são, em si, um ato de insurgência contra a padronização e erosão/esquecimento dos afetos comuns no mundo atual. Confabulações complexas com diferentes noções de temporalidade, espacialidade, sociabilidade, perspectivas e dúvidas vão além das certezas que tenho em mim e vagueiam por cosmogonias deslumbrantes. Minha formação de graduação em Relações Internacionais me ajuda a ter um olhar multiperspectívico (KELNER, 2001) sobre os Estudos Culturais e sobre o sistema institucionalizado. Com isso procuro aqui propor poéticas alternativas de análise e questionamento ao *status quo* regido pelo mercado e pelo lucro, como caminho único. Assim, desconstruções e fragmentações de mim e do mundo, a partir de relações que se movimentam pelo meu imaginário, me ajudam a pensar sobre como e quais histórias são contadas no universo de MekHanTropia.

Nesse trajeto, abordarei as definições sobre o termo que proponho e como cheguei ao conceito de MekHanTropia que rege e constitui a essência do meu universo poético-ficcional em diálogo com questões do meu âmbito pessoal. O termo não surgiu por acaso e vem sendo aplicado a processos criativos cruciais para minha pesquisa. Sem essa compreensão inicial de como o conceito veio à tona, a elucidação poética do trabalho pode ficar comprometida, uma vez que é esse conceito que estabelece a base de fundamentação de todo o processo e a partir dele que amarro e conecto os elementos constituintes dessa tese-criação em sua totalidade prática e teórica.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

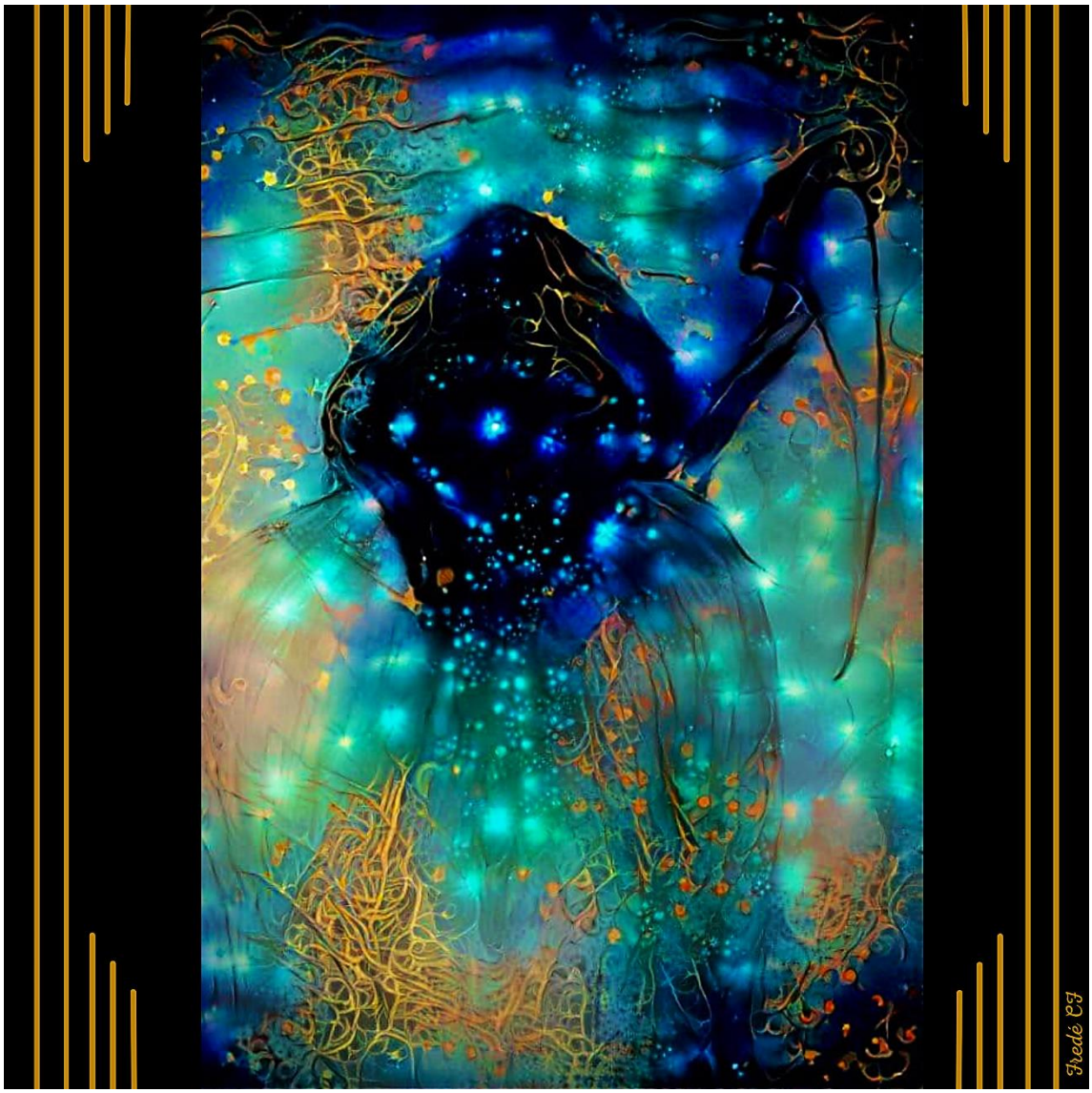


Figura 61 – "Eu hoje chorei minha morte (XIII - A Morte)". Tarot MekHanTrópico. Desenho a lápis e Redes Neurais. Fredé CF, 2022.

Caro(a) leitor(a)/fruidor(a), saudações!

Andei um pouco sumido, não é mesmo? Você já deve ter percebido que não tenho a menor intenção, a pretensão e nem faço questão de ser "didático" aqui nesse trabalho. Antes, procuro abarcar e refletir como consigo a respeito da complexidade dos temas e situações que aqui abordo - na certeza de que tudo isso pressupõe um leitor/fruidor/espectador não-linear, não-teleológico. Capaz de enfrentar uma obra por diversas maneiras, perspectivas, tentáculos. Que não queira apenas confirmar aquilo que já sabe, mas também apostar na discussão sobre os limites, históricos, ideológicos, poéticos ou simbólicos, que cristalizaram o seu saber e que atuam enquanto forças sobre sua psique.

Crio e relato sem amarras e sem muito me preocupar a respeito da recepção disso tudo, muito menos sobre originalidade ou pioneirismos em vão. Saiba que não me orgulho de ter criado a "pedra fundamental" de MekHanTropia e me permitido de maneira tão ingênua adentrar ao jogo político sujo apropriado pelo Messias.

Mas as coisas são como são.

Talvez não.

Em grande parte, não.

As coisas geralmente são como determinamos que elas são. Talvez.

Escrevi aqui sobre um "todo" que não é um "todo". Uma "parte" que não é "fragmento", mas "ligação". Desfragmentação. Escrevo sobre criar com "naturalismo" e "naturalidade" algo típico meu, sem controle. Com tesão. Uma "parte" do "todo" e um "todo" da "parte" que aqui recorto como ficção sobre os fatos que li e experimentei. Uma adaptação. Um relato auto(etno)biográfico sobre a totalidade de uma experiência, cujas derivações não estão esgotadas nem são exatamente como estão.

Como o Fausto goethiano diz, em determinado momento, para Wagner sobre seus tormentos acerca da liberdade: "Bem feliz é aquele que inda espera/ Poder saír deste mar de enganos!/ Mas o mais útil é o que se ignora,/ E o que se sabe o que nos serve menos./ Mas não deixemos que tal melancolia/ Nos venha perturbar tão bela hora!/ Repara como o sol ao fim do dia,/ No verde e nas cabanas reverbera./ Nasce e apaga-se, mais um dia passou,/ Noutros lugares vai nascer nova vida."

Nas contradições e condições trágicas MekHanTrópicas que nos cercam...quando nada mais puder fazer, o meu limite, caro(a) leitor(a), é sorrir. É sentir. Cada rosto como uma paisagem soberba. Cada ambiente como um filme 3D. Sem óculos emprestados. Sem amor: Sem ódio. Sentir. Muito. Sem pressão.

Atenciosamente.

(Carta d'O Acimador para você. MekHanTropia, ano zero).

ANOS ANTES DE MEKHANTROPIA

Um carro passa na estrada a noite. Chove bastante. Relâmpagos, escuridão e vazio. Carmen Lobo dirige cansada e cantarola uma música sem muita animação. O celular toca em sua bolsa. Ela abaixa o volume da música e, ao pegar o smartphone, vê uma chamada perdida de Ernesto Ulloa, seu marido. Ela começa a gravar uma mensagem de voz: "Oi, meu bem!!! Só vi agora sua chamada. Estou na estrada, já voltando pra casa. Tô acabada. Só consegui sair do trabalho agora. Está chovendo um pouco, mas tá tudo bem. Daqui a pouquinho eu tô aí. Doida pra tomar um banho e me deitar pra tentar descansar. Amanhã tudo começa antes do sol nascer. Saudade de vocês. Beijão!"

Carmen deixa o celular sobre o banco de passageiro e olha na tela a foto dos filhos (crianças), Fritz e Antônio, de fundo. Carmen aumenta o som, cantando e dançando levemente enquanto fuma e dirige.

De repente, se assusta ao ver uma sombra negra que passa em frente ao carro e some. Ela para o carro no acostamento e desce. A chuva deu uma trégua. Dá uma olhada em volta do carro e nada vê. Ela joga fora a ponta do baseado no chão, olha as horas – 23:59, entra no carro e vai embora sem perceber que seu celular não está mais sobre o banco.

De fora do carro, um canídeo negro pisa sobre a guimba e observa o carro partindo na escuridão.

("MekHanTropia: O Cão Breu". Escrito por Fredé CF. Confraria Anti-MekHanTrópica, 2022).

2. (CAPÍTULO 2) LUZ EM MEIO ÀS TREVAS: O contexto

Quem controla o passado, controla o futuro;

quem controla o presente, controla o passado.

(George Orwell)

Como eu poderia saber?
Meus olhos veem na escuridão
Agora!
Não posso parar a tempestade
A tempestade sou eu
Só se vive nela
Sei que nasci
Sei que morrerei
Constante Mente
O intervalo é meu
Caminho
Indefinido
E nesse breu
Acendo (d)as chamas
Queimo tudo que já morreu
Já!
Nada nunca me pertenceu
Perseverança
Acima do sórdido
Fingimento
Sofrimento
Lamentos
E disso tudo
Nasce o amor
Sabor
Ressurjo
Renasço
Revivo
Refluxo.

["O Peregrino (fogo, não mente)". Foto-poesias MekHan Trópicas. Fredé CF. 05/10/2023].

2.1. O que meus “monstros” me mo(n)stram: as sombras e a lenda do Cão Breu

“Ever since my house burnt down
I see the moon more clearly
I gazed upon all the Edens that have fallen in me
I saw Edens that I had held in my hands, but let go
I saw promises I did not keep
Pains I did not sooth
Wounds I did not heal
Tears I did not shed
I saw deaths I did not mourn
Prayers I did not answer
Doors I did not open
Doors I did not close
Lovers I left behind
And dreams I did not live
I saw all that was offered to me, that I could not accept
I saw the letters I wished for, but never received
I saw all that could have been, but never will be.”
(Gregory Colbert)

A ideia junguiana de “Sombra” (JUNG, 2015) me remete à lenda do Cão Breu, que dá nome à banda de rock que integro como baixista desde 2015 ao lado de Evandro Galo (que entrou na bateria no lugar de Miguelângelo Carvalho), Guilherme Tell e Gustavo Ponciano (nas guitarras). O “Cão” enquanto instinto, animalidade, ID, demônio, selvageria presente em nós, mas também o companheiro, o que nos acompanha; e o “Breu” como aquilo que teimamos ocultar, negar, não olhar, mas que faz parte de nós e aflora de forma potencialmente agressiva quando não integrado.

O “Cão Breu” é um ser fantástico que provoca, metaforicamente, um olhar às “Sombras”. Circunscrita oralmente ao ambiente interiorano brasileiro, essa lenda tematiza o encontro súbito com um cão negro de olhos flamejantes anunciador de tragédia, proveniente da personificação de culpas, raivas e medos obscuros. Pensar sobre este ser sobrenatural, deu início a todo o conceito do meu trabalho e aparece simbólicamente na obra em alusão aos instintos, animalidade e poderes transcendentais ancestrais que acompanham e se integram aos personagens, cenários, trilhas sonoras, ruídos, poesias, contos e outros elementos desse universo.

Aprofundando essa ideia à humanidade e ao contexto do poder político-social no mundo, pode-se vincular à persistência da iluminação da astúcia fantasmagórica dos oprimidos – pelas histórias contadas pelos ditos “vencedores” –, que voltam para assombrá-los com suas sombras. Uma representação da persistência da sombra através dos tempos, antes do afago do autoconhecimento e da transformação de nossas próprias realidades e suas consequências. O olhar para dentro, a integração dos aspectos sombrios ao ser e o renascer/reexistir/resistir de dentro para fora contra as padronizações alienantes do sistema institucional. O Cão Breu surge então, poeticamente, como metáfora e gatilho para esse movimento transmutacional do olhar ao interior da existência do “ser” individual e da coletividade. Autotransmutação do “estar”, o “instante” presente, decisivo, a única coisa que de fato existe.

Relações entre audiovisual, arte, comunicação, mercado e representação aparecem também constantemente imbricadas no campo da Arte e Tecnologia com a ascensão de uma “cultura da luz”, desde tempos remotos. Tais relações se potencializam atualmente com o advento, popularização e profusão intensa das redes, fluxos e dispositivos digitais.

Segundo Frances Guerin, em sua obra *A Culture of Light: cinema and technology in 1920s Germany* (2005), a luz e os processos de iluminação determinam, explicitam e traduzem (enquanto elemento de linguagem artística ou não) diversas relações de força e poder, revelando e operando transformações sociais profundas. Um exemplo clássico disso é o Cinema Expressionista Alemão da década de 1920 que, pela utilização de contrastes entre luz e sombra, enquadramentos, figurinos, maquiagens, cenários distorcidos, entre outros elementos, contestava institucionalizações baseadas no medo e na opressão totalitária do período. Nesse sentido, a autora coloca que:

> The German silent cinema manipulates light and lighting to represent and interact with transformations of space, conceptions of time and history, modes of representation, and the flourishing of industrial entertainment in 1920s Germany. (…) Perhaps the most obvious of these is the recurrent concomitance of lighting and the camera for the representation of power. In particular, the power represented through the lighting is usually identifiable as the state’s power over one or more citizens (GUERIN, 2005, p. 29).[36]

[36] “O cinema mudo alemão manipula a luz e a iluminação para representar e interagir com as transformações do espaço, concepções de tempo e história, modos de representação e o

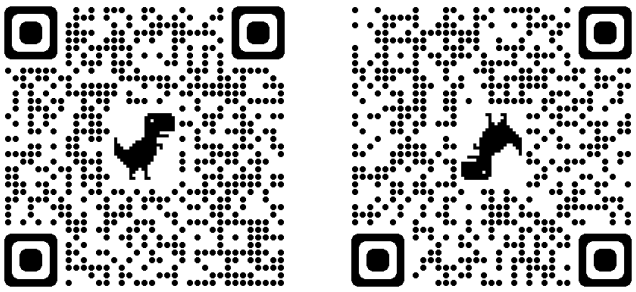
A luz (com os contrastes proporcionados enquanto sombra, cores, tons, texturas, etc), é um fenômeno fundamental para a existência de imagens e sempre teve um papel basilar na história do cinema e da arte em geral. Penso nessa corrente expressionista cinematográfica como grande influenciadora estética e temática dos meus trabalhos, ou seja, tanto pela forma como lida com esse fenômeno (pela força de seus contrastes de luz e sombra), quanto pela carga simbólica que isso representa contextualmente em uma conjuntura de guerras mundiais, terror e loucura.



Figura 62 - Frames dos filmes "O Gabinete do Dr. Caligari" (1920) e "Nosferatu" (1922).

Filmes como *O Gabinete do Dr. Caligari* (1920), de Robert Wiene, *Nosferatu* (1922), de F. W. Murnau e *Metrópolis* (1927), de Fritz Lang, tematizam na telona sensações obscuras através de metáforas referentes às condições socioculturais vividas na época. De forma parecida, filmes mais atuais como *Bacurau* (2019), de Kléber Mendonça Filho, *Sem Retorno* (2019), de Rosa Berardo, *Coringa* (2019), de Todd Phillips e *Parasita* (2019), de Bong Joon-Ho tratam sobre temas caros ao nosso cotidiano como a invisibilidade social, o *burnout*, a depressão, a solidão, o medo, o fracasso financeiro, entre outros estados psíquicos característicos de uma geração oprimida pelas instituições, pela mídia e, sobretudo, por si mesma e seus sonhos erigidos em função e a serviço do mercado. Busco dar novas formas criativas para a representação desses aspectos presentes em nossa sociedade a partir de um conceito que abarque, pela linguagem, elementos de significação confluentes à essas ideias.

florescimento do entretenimento industrial na Alemanha dos anos 1920. (…) Talvez a mais óbvia delas seja a concomitância recorrente da iluminação e da câmera para a representação do poder. Em particular, o poder representado pela iluminação costuma ser identificado como o poder do Estado sobre um ou mais cidadãos" (GUERIN, 2005, p. 29). Tradução nossa.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Outra corrente artística também bastante referenciada em minha obra é o Surrealismo, uma vez que cultivo, além de um “sonhário” de onde extraio algumas ideias, fortes referências aos estados diversos da psique, ao fantástico, onírico, alucinado, estranho, transcendental e introspectivo enquanto vetor de transformação de realidades. Intento sempre adentrar, pelas criações artísticas, diferentes dimensões temporais e espaciais de mim mesmo, como metáforas para processos e distúrbios psicoemocionais.

O automatismo psíquico, processo de criação típico surrealista que consiste em tentar deixar livre e fluido o pensamento durante a criação para buscar o acesso à aspectos do inconsciente, também é bastante utilizado em minhas obras de diversas maneiras, como um estado meditativo de criação artística no qual me deixo ir pelo fluxo dos pensamentos, seja desenhando, fotografando, filmando, tocando ou escrevendo. As temáticas e ambientações oníricas e psicodélicas das obras também fazem alusão, de alguma maneira, a esta corrente. Nesse sentido, utilizo a tecnologia (em especial as Redes Neurais/IA) como ferramenta criativa para conseguir alguns efeitos de texturas e camadas em obras visuais.

Musicalmente, trabalho camadas sonoras estereofônicas com o uso de sintetizadores, vozes, samplers e instrumentos musicais elétricos e acústicos como contrabaixo, guitarra, violão, percussão etc., em todas as produções realizadas nesse universo. A principal intenção é gerar ambientações psicodélicas imersivas e estranhas, que representem os processos e fluxos típicos desse universo híbrido entre humanos e máquinas. Uso bastantes ruídos para arquitetar imaginariamente o cenário urbanóide mekHanTrópico tomado pelas máquinas. Raras pausas surgem como frestas meditativas ou

contemplativas em meio a esses fluxos, como resquícios naturais nesses processos.

As letras, declamadas muitas vezes como *spoken words*, trazem influências de artistas como Lou Reed, Jim Morrison, Nick Cave, Ciberpajé, Iggy Pop, Mike Patton, Mark Lanegan, Arnaldo Antunes, B-Negão, Chico Science, entre outros. Essa maneira vocal de me colocar como um narrador existencialista permeia várias de minhas músicas e se torna uma característica poética minha, no intuito de tecer relações dinâmicas entre o pensamento poético filosófico de personagens/eu-líricos acerca do sistema mekHanTrópico que crio e suas transmutações entremeadas de silício e matéria orgânica. Os sujeitos que narram as músicas e vídeos são personagens que habitam MekHanTropia de alguma forma e expõem suas visões acerca dessa realidade.

Aspectos do Dad(AI)smo e do chamado Conceitualismo também são identificados em minhas referências e aplicações artísticas, como: a caoticidade da experimentação artística; as críticas socioculturais implícitas e explícitas nas obras; as colagens e camadas de sons e imagens recorrentes em minhas produções; a loucura representada e fragmentada narrativamente, tratada como algo natural em um mundo no qual a chamada “normalidade” é absurda; os processos *DIY* de criação, produção e divulgação/exposição das obras; as distorções experimentais e colaborativas acerca da utilização da tecnologia de maneira implosiva e insurgente contra o sistema mercadológico vigente; o questionamento acerca da arte enquanto poética e processos criativos adequados como entretenimento para servir o sistema; as tecnologias (como as inteligências artificiais, por exemplo) utilizadas de maneira reflexiva, experimental e metalinguística durante as criações; além da utilização conceitual de elementos do dia a dia, retirados de seu contexto utilitário cotidiano e validado, como vasos de plantas, panelas, frigideira com oléo fritando no fogo, grilos, mesas, entre outros, utilizados como instrumentos musicais e como *foley* para criação de vídeos; etc. A apropriação também é uma prática que exalto enquanto algo coletivo e anárquico no que tange às imagens e sons. Penso que é preciso implodir o sistema de dentro para fora, a partir de seus recursos estabelecidos. Minha resposta à dominação algorítmica é o autoconhecimento como portal para a subjetividade e tomada radical dos meios.

Alguns desenhos, como a imagem intitulada como “Passagens (I – O Mago)” do “Tarot MekHanTrópico”, por exemplo, tem uma história interessante referente aos seus processos de criação. Essa obra, especificamente, é oriunda da imagem de uma sombra que havia na parede de casa sobre a qual fui criando.



Figura 63 - Processo de Criação "Passagens (I - O Mago)". Fredé CF, 2022.

Fotografei essa sombra com a câmera do smartphone e, sobre as formas, desenhei digitalmente de maneira livre e fluida até chegar em algo próximo à imagem de um indivíduo abrindo um portal transdimensional em perspectiva. Inseri a imagem de um sigilo mágicko no ponto de fuga da imagem, como se fosse a entrada desse portal, e tratei a finalização (texturas, cores, contrastes, detalhes etc.) com Redes Neurais/IA pelo site *Deep Dream Generator*, inserindo camadas de significação à imagem que também se aproxima, esteticamente, de estilos típicos da Arte Psicodélica e Arte Visionária.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Algumas imagens, sons e textos também podem ser considerados como flertes com o abstracionismo, uma vez que não visam representar objetos próprios ou concretos da realidade validada ordinária exterior, mas fluxos maquínicos ou de pensamento alocados em ambientações mekHanTrópicas de fruição onírica.



Figura 64 - "Fruição MekHanTrópica". Desenho à lápis, desenho digital e Redes Neurais/IA". Fredé CF, 2021.

Tais representações trazem desfragmentações e decodificações em diversas obras, inclusive em algumas intervenções onírico-poéticas dessa tese-criação

escrita, como inserções da linguagem binária, por exemplo. Pareidolias fruto de experimentações com texturas, cores, contrastes e formas em imagens criadas utilizando diferentes técnicas também são recorrentes como brincadeiras acerca de reflexões sobre como percebemos, associamos e imaginamos a realidade dando significações as coisas (externas e internas) enquanto processo fenomenológico.

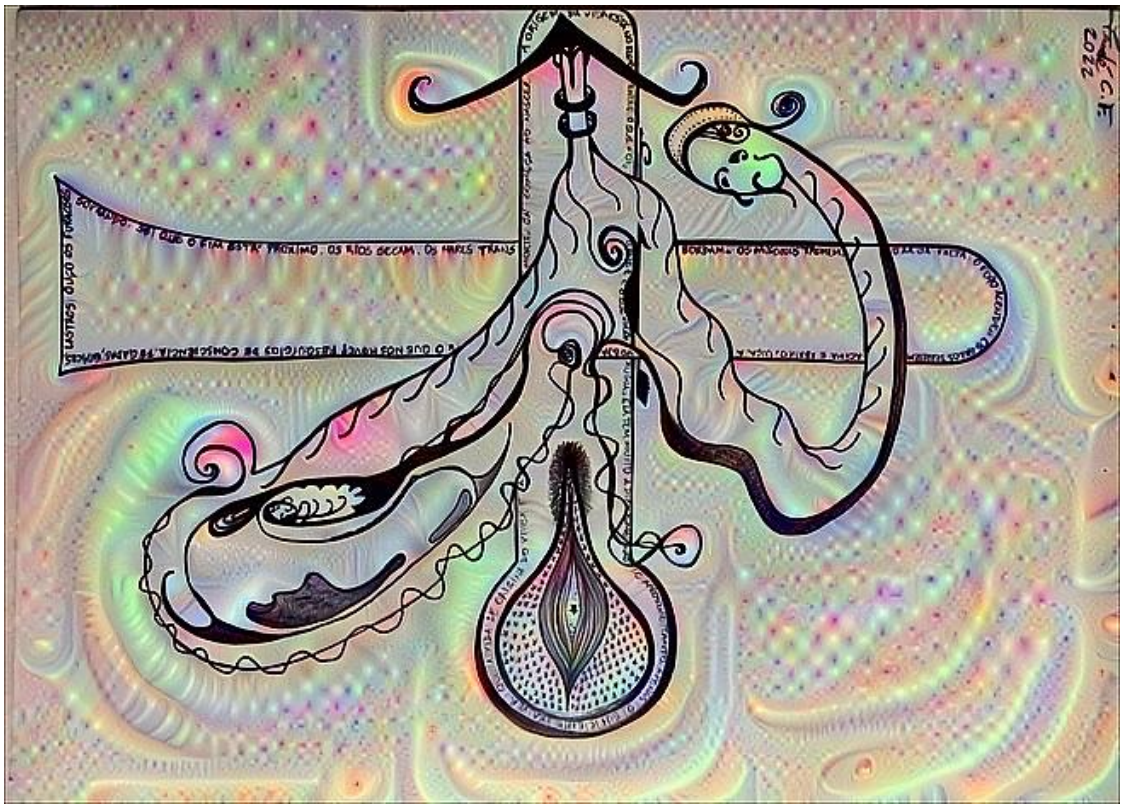
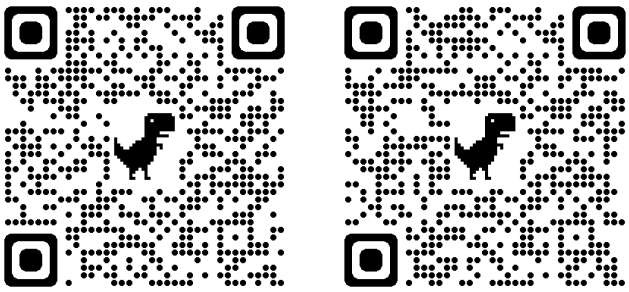


Figura 65 - "(AI)Lucy(borg), a MekHaustralopteca". Desenho à lápis e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

A cultura pop e conceitos oriundos dos universos da pop-art, do rock'n'roll, do *folk,* da MPB, da psicodelia, do *new age* e da música progressiva também povoam minhas produções e estão presentes nos videoclipes, nas músicas, nos jogos, entre outras criações. Tais referências são fundamentais nesse universo, uma vez que se configuram como elementos artísticos individuais conectados à narrativa fragmentada onírica transmidiática proposta e à minha experiência de vida. Também integram a própria maneira de ser *D.I.Y.* experimental do processo como um todo. Busco utilizar aspectos dessas referências no intuito de dar uma forma extraordinária e fantástica ao universo, criando ambientações que remetem à fantasia, às alucinações, delírios e sonhos.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

2.2. A MekHanTropia

Subiu a construção como se fosse máquina

Ergueu no patamar quatro paredes sólidas

Tijolo com tijolo num desenho mágico

Seus olhos embotados de cimento e lágrima.

(Chico Buarque)

Grandes questionamentos que sempre permearam as mentes humanas foram referentes à nossa existência, em especial com a modernidade e as novas configurações socioculturais que se deram no mundo. Dessas questões partiram grandes pensadores e múltiplas teorias na busca por tentar desvendar os mistérios de nossa condição. De onde viemos? Por que vivemos? Quem somos? Como nos relacionamos? O que nos move? Para onde vamos? O que é a vida? O que é a morte? Quem importa? Quais nossos papeis sociais? O que sabemos? O que sentimos? O que fazemos com o que fizeram conosco? O que é a felicidade? Entre outras perguntas em busca de uma maior compreensão sobre o mundo e sobre nós mesmos.

MEKHANTROPIA – ANO ZERO
Despertador do celular toca. Horário 3:33. F. Valdez acorda e desliga o alarme.
Voz robótica (assistente virtual/IA): "Bom dia sr. Valdez, por favor entre em contato com a operadora. O senhor e os seus benefícios correm risco de cancelamento. Tenha um ótimo dia de produtividade em MekHanTropia."
Ainda sonolento, Valdez se levanta e caminha ao banheiro. Ainda não vemos seu rosto. Valdez senta-se ao vaso, urina e se levanta. Dá descarga e liga a torneira. Enche a mão de água e joga no rosto. Ao abrir os olhos vê sua imagem

distorcida no espelho, com a barba e o cabelo maior. Valdez se estranha e fica um tempo se olhando e tocando suas bochechas e cabelos. Ele então joga mais água no rosto, esfrega os olhos e vê sua imagem "normal", com cabelo curto e sem barba.

Valdez sai do banheiro confuso e caminha em direção à cozinha. Ao chegar na cozinha, ele pega uma xícara de café e um pão na torradeira. Passa manteiga e se dirige com a comida ao escritório.

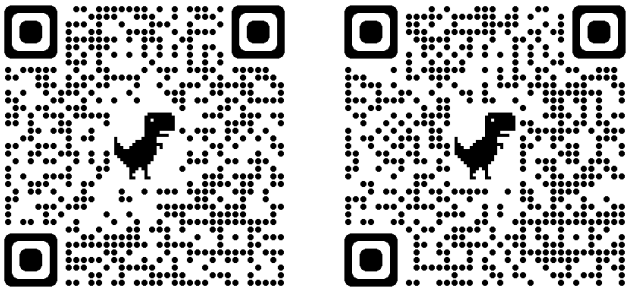
Ao sentar-se de frente a tela preta do computador, vê seu rosto como se fosse uma criatura mekHanTrópica grotesca (a que está na capa do álbum "MekHanTropia") e se assusta, derrubando o pão no chão. Ao olhar novamente, seu reflexo está "normal" e ele solta um xingamento qualquer. Ao ligar o computador, Valdez ouve o som da campainha tocar.

("MekHanTropia: O Cão Breu". Escrito por Fredé CF. Confraria Anti-MekHanTrópica, 2022).

Novas questões, adequadas aos contextos que se formam, vêm sendo colocadas a cada instante em um movimento constante de reflexão em busca de uma maior compreensão sobre os mistérios da existência, em especial por passarmos por uma pandemia sem precedentes. O coronavírus nos levantou indagações e inseguranças sobre o futuro, se sobreviveríamos, se perderíamos nossos entes queridos, se continuaríamos empregados, se poderíamos novamente encontrar pessoas que amamos, se poderíamos realizar nossos sonhos, se poderíamos, ao menos, planejar algo em relação aos nossos sonhos. O instinto de sobreviver, em meio a tempos tão adversos, se aguça.

Levantaram-se também questões sobre o passado: como vivemos até agora? Será que o planeta está nos dando sinais de que devemos desacelerar? O capitalismo, como vem sendo operado, seria mesmo o melhor sistema? Ao explorar nosso habitat com tanta ganância não estaríamos destruindo nossas próprias condições de existência? E o presente? O que estamos fazendo hoje para que possamos garantir condições melhores para viver no futuro? O que essa situação muda em nossas vidas? Como estamos nos adaptando e superando dificuldades nesse momento? O coronavírus seria uma reação

natural de Gaia[37] à destruição acelerada que fazemos em nosso habitat? Esses questionamentos são o ponto de partida para o que chamo de MekHanTropia.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

O pensador italiano, Franco Berardi, em entrevista ao jornal *El País*, estabelece algumas relações entre os efeitos do medo e distanciamento provocados pelo vírus, bem como sobre o quanto isso pode alterar as maneiras de convivência em nossa sociedade e as percepções espaço-temporais dos indivíduos, provocando e acentuando distúrbios psicoemocionais. Berardi afirma que estamos vendo a consequência da exaustão de recursos planetários e do aumento de produtividade estimulado pela tecnologia no mundo atual, o que reflete não só na asfixia literal causada pelo coronavírus, mas também na alegórica em sociedade, prejudicando os afetos entre as pessoas e com o restante do planeta, uma vez que também somos parte do planeta e também estamos exaustos. Segundo ele, uma possível "vacina" ou válvula de escape para isso, que poderia nos permitir ainda sonhar com esperança, seria a arte:

> O vírus atua como um 'recodificador': antes de mais nada, o biovírus recodifica o sistema imunológico dos indivíduos e depois das populações. Mas o vírus opera traduções da esfera biológica para a psicosfera, o efeito do medo, do distanciamento. O vírus transforma a reatividade de um corpo em relação a outro, reformulando o inconsciente sexual. Já vimos esse processo nos anos da síndrome da imunodeficiência que afetou profundamente a disponibilidade erótica e a solidariedade afetiva entre as pessoas. Em segundo lugar, temos uma disseminação do vírus na mídia: as informações são saturadas pelas epidemias, a atenção do público é polarizada. Mas, simultaneamente, uma nova sensibilidade pode surgir: o passado é percebido de uma maneira diferente e o futuro é revertido. O passado da conexão perpétua aparecerá na memória como um sintoma de solidão e ansiedade, e a dimensão online será inconscientemente

37A "Teoria de Gaia", proposta pelo pensador inglês James Lovelock, considera o planeta Terra um sistema autorregulador em evolução. "A teoria considera que tal sistema tem um objetivo – a regulação das condições de superfície (...) a ser o máximo possível favorável à vida" (LOVELOCK, 2010, p.244).

> internalizada como algo ligado a doença. Para elaborarmos o efeito do psicovírus de uma maneira consciente e não dolorosa, precisamos de uma elaboração coletiva, utilizando-nos de sinais, gestos linguísticos, sugestões subliminares, convergências subconscientes. E isso se dá propriamente no espaço da poesia, uma vez que ela é o campo em que novas disposições de sensibilidade podem ser moldadas.[38]

Neste sentido, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, em sua obra *Agonia do Eros* (2017a), afirma que "o Eros vence a depressão" (p.12), ou seja, um dos caminhos para lidarmos com os distúrbios psicossociais que nos assolam atualmente é pelo olhar mais empático e amoroso ao "outro", ao que nos é diferente, ao que escapa à ideia de narcisificação do "si mesmo", tão recorrente no mundo globalizado. Segundo o filósofo, hoje "o amor estaria desaparecendo por causa da infinita liberdade de escolha, da multiplicidade de opções e da coerção de otimização. Num mundo de possibilidades ilimitadas, o amor não tem vez" (p. 7).

O inferno do igual
Tudo aquilo que não foi
Mas poderia ter sido
Caso não tivesse induzido a ser
Reduzido
Adequado
Seduzido pelo mercado
Uma autoexploração elevada ao infinito
Sem contemplação
Sem motivo
Desconectado da essência do indivíduo
Que busca ser compreendido
Aceito
Inserido
Subjugado ao limbo desconhecido de sua história subjetiva
Focado em aparências
Distorcido de si
Espelhando ilusões
Padronizado
Ressentido

38Entrevista completa disponível em: https://brasil.elpais.com/cultura/2020-06-02/franco-berardi-a-pandemia-reativou-o-futuro-vejo-condicoes-para-a-reformatacao-igualitaria-da-mente-social.html Acesso em: 13/09/2020.

Enrustido
Agressivo
Cheio de questões negadas
Não vividas
Desalentadas
Que surgem e expõem as vísceras
No futuro ou no passado
Preso naquilo que não é
Sempre acaba em tragédia
Exposto
Dilacerado
Incompreendido
Devorado
Morto.
("Acorrentado em quem no Inferno do Igual agoniza". Espelho de Obsidiana. Fredé CF, 2021).

Esse "inferno do igual" narcísico e recheado por hipercompetição e autoexploração, como diz Han, tento representar em minha obra como cenário de MekHanTropia. O olhar subjetivo é então conduzido e nivelado ao que é igual ao "si mesmo", para ser um objeto de consumo, o que gera como consequência uma cultura da hipercomparação e do esgotamento em busca de produtividade e performances de "aparências", deslocadas daquilo que é essencial e subjetivo ao indivíduo. Isso coloca em xeque possibilidades de agir de maneira distinta do padrão institucionalizado e, consequentemente, a alteridade, ou seja, o que não se adequa ao "si mesmo" mesmerizado. A assimetria e alteridade do outro cada vez mais se retrai frente ao consumo narcisista heterotópico[39].

Ainda sobre o amor e a alteridade na sociedade de consumo, Han explica que:

39Han reflete sobre o fim, nos tempos atuais, da cupidez relacionada ao atopos socrático, que presume a ideia do "outro" como algo diferente do si, com uma negatividade própria inerente e importante para a complementação das relações de afeto. Segundo ele, a sociedade neoliberal atual preza pela positividade heterotópica do "tudo poder, basta querer", pensamento típico consumista. Desta forma, a alteridade atópica é ameaçada "em pról de diferenças consumíveis" (p. 8-9). O narcisismo, nesse contexto, se expande e o desejo e o prazer se direcionam, primordialmente, ao "si mesmo", o que reflete em egoísmo, intolerâncias e outros distúrbios psicoemocionais como a depressão, o *burnout* e a ansiedade, uma vez que o "outro" fica sem lugar, não adequado, fora do "si mesmo", o que contrapõe a ideia do "Eros", que "arranca o sujeito de si mesmo e direciona-o para o outro" (HAN, 2017a, p. 10).

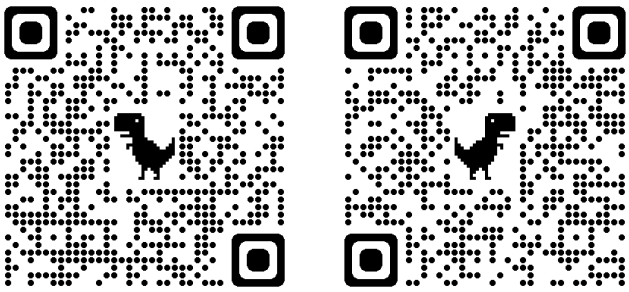
> o amor, que hoje já nada mais significa senão necessidade, satisfação e gozo, não se coaduna bem com o retraimento e a retirada do outro. A sociedade enquanto *máquina de busca e de consumo* elimina aquela cupidez que vale para o ausente, que não pode ser encontrada e consumida. (...) O capitalismo vai eliminando por toda parte a alteridade a fim de submeter tudo ao consumo (HAN, 2017a, p. 33-35).

Junto a isso percebe-se, atualmente na era dos fluxos hiperinformacionais, uma polissemia e proliferação de conceitos, investigações e representações, oriundas de diferentes partes do planeta, especialmente a respeito desses temas que aqui surgem como base para meus conceitos artísticos. Diferentes pensamentos e realidades como Coreia, Camarões, Índia, Brasil, Europa, EUA, Canadá, Uruguai, Chile, Oriente Médio, Oceania, entre outros tempos e espaços, se imbricam nessa teia global telemática atual e também atuam na construção de conhecimento, ao contrário do que ocorria antes de maneira centralizada em determinados países até então autointitulados como “desenvolvidos”. Da multiplicidade de pontos de vista e pensamento crítico acerca dos fenômenos, as questões que já transpassam eras tomam novas formas e perspectivas para tentar desvendar e representar a existência. Pela razão da reflexão ou pela experiência de sentir a emoção e cortejar a imaginação, tem-se hoje uma pluralidade de representações sobre o que é viver no “agora” hiperinformacional.



Figura 66 - "Viajar mais que a viagem (VII - O Carro)". Tarot MekHanTrópico. Imagem feita em promptismo e finalizada em Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

Porém, esse excesso de informação produz também um sentido de alienação, uma vez que não há o tempo da pausa, da reflexão, da ponderação e absorção do conhecimento, obtido de maneira constante e abundante. O fluxo contínuo e infinito de dados gera um desvio da ciência, dos métodos, da reflexão, das experimentações, das negatividades que são partes fundamentais de qualquer processo, nivelando e comparando dados vazios fundados na positividade do "tudo saber". Consequentemente, acabam-se os processos narrativos, hermenêuticos, de consciência, de ponderação e de estudos mais aprofundados, em função de um movimento constante e incessante de entropia neo-obscurantista digital que, curiosamente, usa das luzes (símbolo do iluminismo) telemáticas para aumentar os ruídos em relação ao saber, aniquilando o silêncio reflexivo tão caro ao pensamento crítico e à meditação.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Cada ser, em sua subjetividade e unicidade no mundo, experiencia a existência de uma forma distinta, relacionada a suas condições e as instituições do sistema. Assim, constrói suas próprias relações com a vida a qual integra no planeta, estabelecendo singulares relações fenomenológicas com a existência. Porém, segundo Byung-Chul Han (2019a), a "hiperculturalidade", à qual estamos vivenciando, guia-nos a uma nova configuração de sistema instituído em função do "hiperconsumo" e da "hipercomparação" (fundada no medo e no esgotamento), o que "atrofia" a imaginação e causa o que ele chama de "desaurificação" da cultura, em alusão ao pensamento benjaminiano sobre "aura".

> A aura é o brilho, a emissão de um 'aqui e agora' particular, que não é reproduzível *ali*. Se o lugar fosse a 'ponta da lança' que reúne e recolhe tudo consigo, então a aura seria a expressão de sua *interioridade* (...) A globalização de hoje é *mais* do que uma troca entre lugares. (...) A globalização de hoje modifica o lugar enquanto tal. Ela o des-interioriza, toma-lhe a ponta que *anima* um lugar. Onde formas culturais de expressão se perdem, no processo de des-localização, de seu lugar original, levadas e oferecidas a uma justaposição hipercultural, a uma simultaneidade hipercultural, onde a unicidade do aqui e agora cede à repetição *atópica* [ortlosen], é aí que a aura está em declínio (HAN, 2019a, p. 66).

Segundo Han (2019a, p.67-68), o desejo de apropriação e controle do tempo e do espaço pelo ser-humano geraria esse "desaparecimento da aura". As distâncias, os afetos e os instantes são ressignificados e diluídos pelas tecnologias da comunicação, informação, transporte, entretenimento, entre outras. "Na hipercultura, diferentes formas ou estilos de diferentes lugares e épocas são distanciados em hiperpresença" (p. 68).

Na "hiperpresença mekHanTrópica" não se olha mais olho no olho, pois ao olhar para a tela, em videoconferências, não se olha em direção aos olhos orgânicos

de quem está naquele encontro, mas sim sempre um pouco pra baixo ou pro lado, uma vez que para olhar diretamente aos olhos das pessoas conectadas devemos olhar para a câmera de nosso computador, o que desloca, consequentemente, o nosso olhar das pessoas em direção às máquinas.

O deslocamento do olhar (do que é orgânico em direção ao maquínico) e a imersão telemática nas redes e fluxos digitais alteram nossas relações fenomenológicas com a percepção, a memória e a imaginação. Uma obra que trata sobre essas questões a respeito do olhar sobre as máquinas e também me instigou a pensar sobre essas relações é a obra "Lucha"[40], do Ciberpajé, que trata sobre a cegueira em tempos telemáticos digitais de hiperinformação.

Sobre essa obra realizada em parceria com a banda de noise psicodélico "Alice Psicodélica", o Ciberpajé explica que "Lucha" é um:

> termo hindi que significa 'aquele que olha fixamente para você', e em espanhol significa 'Luta'. A ideia foi refletir sobre um detalhe curioso e fundamental da linguagem digital e das conexões em telepresença, as pessoas já não se olham mais nos olhos, pois a câmera sempre fica acima quando você olha para o outro, para ver o outro você não pode mais olhá-lo nos olhos, ao mesmo tempo essa impossibilidade do olho no olho é amplificada pelo binarismo - compondo a essência intrínseca da linguagem: 0/1, sim/não - que em sua natureza extremista induz polarizações. O extremismo mais hediondo estimulado por esta condução binária é o crescimento exponencial do neofascismo em nosso país e no mundo. Aqui entra o segundo significado do título do álbum 'Lucha' no sentido de 'Luta', a luta da arte - mesmo em sua condição muitas vezes quixotesca - contra a ascensão do neofascismo.[41]

A figura do "olho" aparece bastante em minhas obras com diferentes intenções, como: o protagonista direcionando o olhar diretamente para a câmera, numa quebra da quarta parede; ou um olhar através dos espelhos negros luminosos das telas a si mesmo e sobrepostos enquanto imagens; ou como representação da chamada "sociedade da transparência" explanada por Byung-Chul Han (2017c) por meio de montagens, fusões e tratamentos de imagens com a IA.

40Disponível em: https://depressivenoiserecords.bandcamp.com/album/split-posthuman-tantra-alice-psicod-lica Acesso em: 27/07/2023.

41 Disponível em: http://ciberpaje.blogspot.com/2021/07/lancamento-lucha-novo-split-cd-reune.html Acesso em: 27/07/2023.

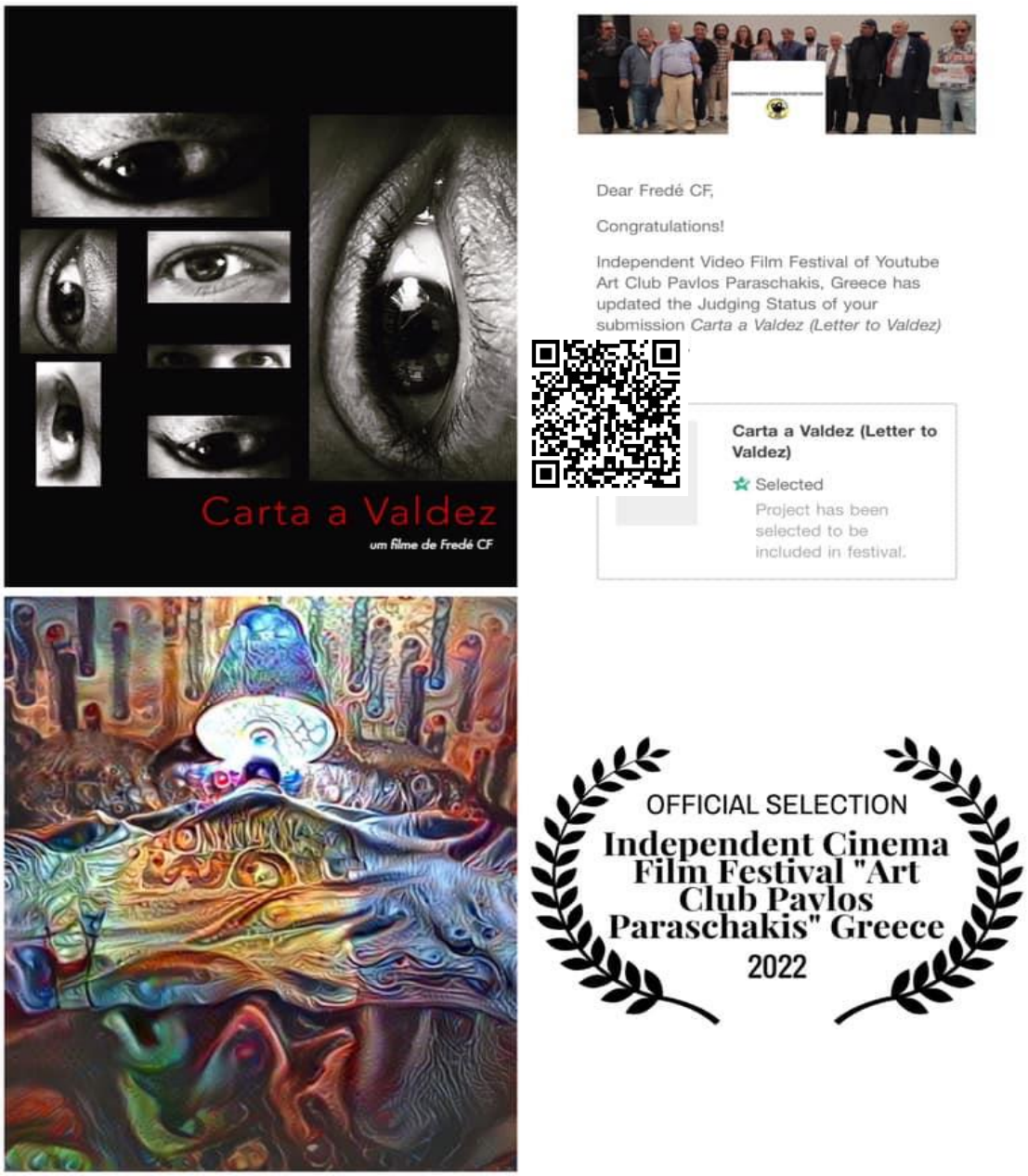


Figura 4. Pôster e aceite do curta-metragem *"Carta a Valdez"* em festival grego de filmes independentes, com QR code para acessar a obra. Arte de Fredé CF. Goiânia, 2021.

Utilizo a representação do olho como uma metáfora para chamar a atenção à hipervigilância que estamos submetidos atualmente pelos espaços que ocupamos (virtuais ou não), como na montagem que aparece ao final do curta *Carta a Valdez* e que utilizei como pôster de divulgação do filme que foi aceito em um festival de filmes independentes na Grécia. O olhar subjetivo do personagem sobre a máquina e, ao mesmo tempo, de dentro dela, como parte dele numa espécie de “(meta)câmera subjetiva” relativa ao homem e à máquina,

em alusão à hiper dependência tecnológica aguçada pelo confinamento pandêmico.

Mudam-se as formas de viver e ver no mundo e, consequentemente, também as maneiras como as pessoas percebem as realidades, fantasias, sonhos, subjetividades, a criatividade e o pensamento crítico. Um dos fatores que mais causa essas mudanças no sentir e no pensar atual é a hiperconectividade e hiperdependência das redes, telas e dispositivos tecnológicos aos quais estamos submetidos e que, por conta da pandemia, foi acentuada.

Tais fenômenos alteram também profundamente as relações sociais de colaboração, afeto e, sobretudo, a percepção da realidade, uma vez que a "desauretização é também desfactização" (HAN, 2019, p.68), abrindo espaço a apropriações hiper-reais e questionamentos sobre o que é ou não o "real", um campo fértil da chamada pós-verdade recheada de pseudociências e *fake news*. Em meu universo ficcional já não há mais limites que separam organicamente a "realidade validada" da "realidade virtual" (ASCOTT, 2003). Personagens transitam entre elas, na maior parte das vezes sem saber diferenciá-las. Essa (dis)simulação sobre as realidades é a principal forma de controle pelo sistema.

Valdez abre a porta e vê dois oficiais Mekhantrópicos uniformizados e mascarados.
[Oficial Mekhantrópico 1]: Bovíduo número 1366626031982 (soletrando em voz alta e afirmativa um número de cada vez), codinome "Valdez"? Confere?
[Valdez]: Sim...Sim...Acho que sim...Pois não(gaguejando)
[Oficial Mekhantrópico 2]: Acha que sim?!(Olhando ao oficial 1)
[Valdez]: Não, não..Sim, sou eu sim...Algum problema, oficial?
[Oficial Mekhantrópico 1]: Sim ou não, rapaz?
[Valdez]: Sim, sou eu. Me desculpe. É que estou um pouco confuso nessa manhã…
[Oficial mekhantrópico 1]: Confuso, é?! Sei...Queira nos acompanhar agora, por favor.
[Valdez]: Ok...Mas, o que está acontecendo? Não estou entendendo…
[Oficial Mekhantrópico 1]: Logo você saberá. No momento oportuno. Nos acompanhe agora, por favor.
[Valdez]: Momento oportuno? Como assim? Olha...Eu sei que tenho direito de saber o que está aconte...

[Oficial Mekhantrópico 2]: (Interrompe) ihhh...Parece que esse aí é mesmo um questionador... Deve ser artista (risos),
[Oficial Mekhantrópico 1]: Ou professor! (Risos)
[Oficial Mekhantrópico 2]: Verdade...Esses tipos têm mais é que se foder!
[Valdez]: Não senhor, me desculpe, você me entendeu mal... Eu só quis dizer que...
O Oficial Mekhantrópico 1 retira um aparelho (como uma pistola de temperatura de supermercado) e aponta na testa de Valdez, que desmaia sem completar a frase.
("MekHanTropia: O Cão Breu". Escrito por Fredé CF. Confraria Anti-MekHanTrópica, 2022).

Será que ainda é possível desprender os indivíduos das bolhas e regimes de verdades narcísicas e alienantes instituídas? É possível ainda escapar das padronizações mercadológicas e maniqueísmos ególatras tão ascendentes atualmente no mundo globalizado hipertecnológico? Esses temas estão presentes em grande parte das letras das minhas músicas, como, por exemplo, na faixa "Espelho de Obsidiana" (do EP homônimo lançado em 20 setembro de 2021[42]): "O Eros vence a depressão/Quem é você? /No inferno do igual/Um olhar ao outro/Um mergulho em si mesmo/Resistência contra a coisificação econômica do outro". Questiono essas relações narcísicas dos tempos atuais colocadas por Han (2017a) e parto para indagações existenciais e fenomenológicas, ao versar, logo depois na letra: "Uma ilusão distópica/Quem é você? /O que é a verdade? /É a realidade absoluta ou não? /Os sentidos, as lembranças, a fantasia da imaginação". A sonoridade dessa faixa é completamente eletrônica, em alusão à robotização do ser em questionamento sobre sua essência.

42Disponível em: https://fredefoak.bandcamp.com/album/espelho-de-obsidiana-ep Acesso em: 05/10/2021

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

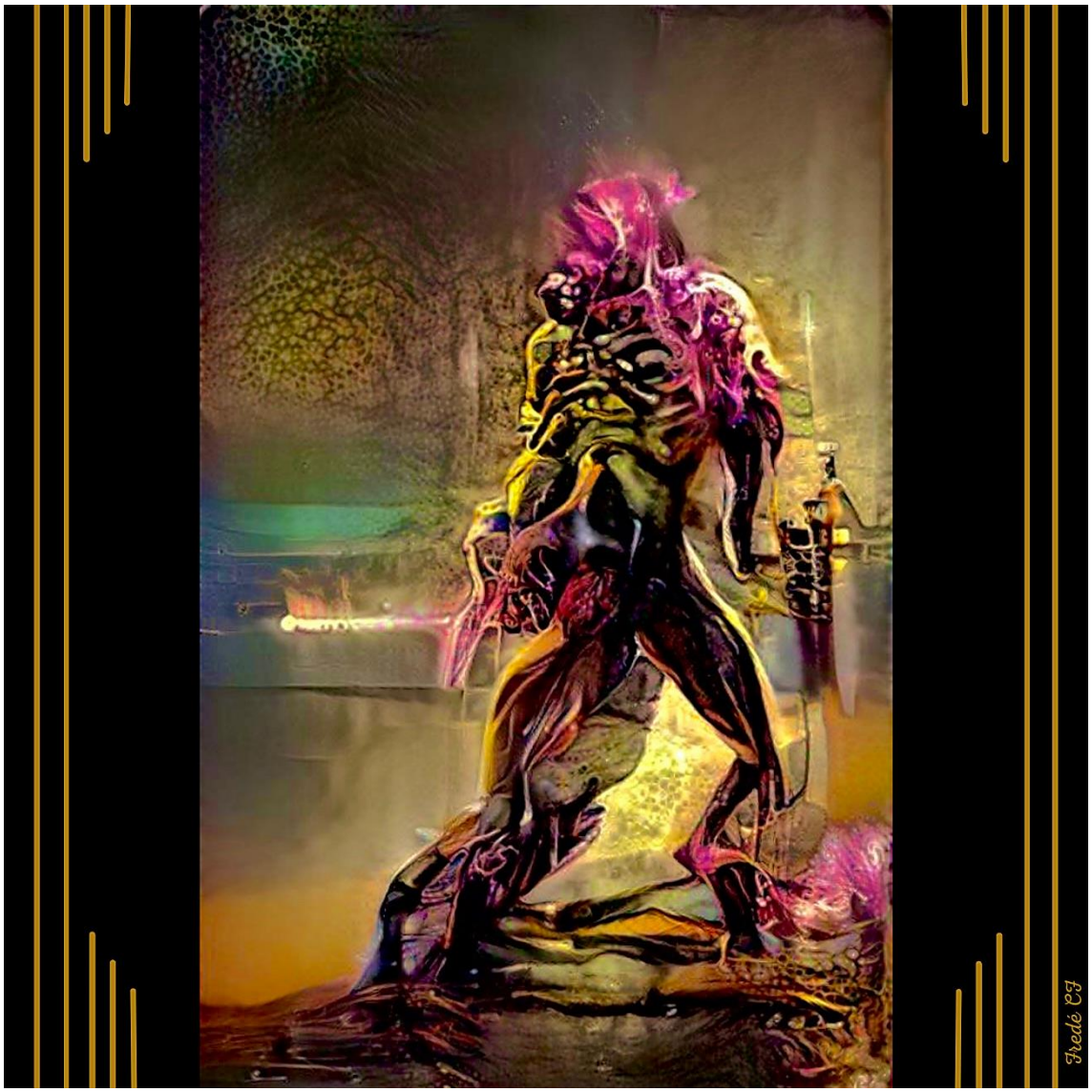


Figura 67 - "MekHanTropo". Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

Em alusão à cultura asteca, uma de suas figuras mais emblemáticas é Tezcatlipoca, o Deus do céu noturno, das estrelas e da lua; o senhor do fogo e da morte; criador do mundo e, sobretudo vigilante das consciências (como de

certa forma são as redes telemáticas atuais), o que se relaciona profundamente com alguns temas que abordo em meu universo. No EP “Espelho de Obsidiana” penso sobre essas relações com as sombras, os ecos, o ego, o “outro”, o “si mesmo”, as tecnologias, as linguagens e as telas que nos circundam e afetam a psique e as relações sociais. Um universo tomado pela MekHantropia, robotizado e cada vez mais calcado no frio e seco silício. O vazio do “nada” fechado narcisicamente no “si mesmo” que aponta cada vez mais ao horizonte. O indivíduo que quanto mais se conecta ao mundo mais se desconecta de si e do outro.

Vislumbro em “Espelho de Obsidiana” um cenário de MekHanTropia instituída representada por seis faixas híbridas, orgânicas, mas com forte pegada eletrônica, que ambientam um percurso cada vez mais adentro do abismo desse universo espelhado ao nosso. Conjecturo, poeticamente, a urgência selvagem de viver o “agora” visceralmente e serenamente, antes do fim refletido, como o fogo da capa, em um poço sem fundo sugerido na quinta faixa desse EP.



Figura 68 - Capa do EP "Espelho de Obsidiana" de Fredé CF, 2021.

Contudo, adentrarei mais à frente a alguns outros conceitos relativos ao espelho de obsidiana enquanto objeto e representação na arte e na cultura, em especial como elemento estético-conceitual presente nesse universo narrativo transmidiático de MekHantropia. Por enquanto, tento me concentrar e retornar à reflexão teórica e crítica sociocultural corrente sobre algumas intenções iniciais de processos criativos que usei para criar conceitos sobre o que é a "MekHanTropia" e representar tais fenômenos em minha poética de forma geral. Muitas vezes, algumas questões e articulações dispersas me surgem e sinto que é importante abordá-las enquanto fluxos, mesmo que de maneira panorâmica, para ilustrar melhor as ideias com as quais dialogo artisticamente na construção desse universo. Destarte, tais relações são aproximadas em diálogo com as tramas, fragmentações e movimentos labirínticos estabelecidos por essa tese-criação.

No quintal de casa, Fritz e Antônio (crianças) brincam com estatuetas (hominhos/action figures) de soldados, monstros e animais lendários (um cão, um lobo, entre outros seres lendários latinos, andinos, amazônicos, do cerrado, etc). O pai, Ernesto Ulloa, dá de presente uma câmera para os filhos e coloca um colar com pingente de ankh no pescoço de cada um. Carmen Lobo, a mãe, está ao fundo sentada no sofá.

[Carmen Lobo]: "Ernesto, será que já é o momento? Eles não são muito novos?"

[Ernesto Ulloa]: "Calma, meu bem, vai dar tudo certo."

Os pais saem em direção ao quarto. Fritz e Antônio começam então a fazer fotos do mundo que o cerca e depois Antônio se deita e dorme, deixando a câmera fotográfica sobre a mesa da sala. Fritz pega a câmera e sai para o jardim e vai fotografar algumas plantas.

Em seguida, Ernesto retorna e vê Antônio sozinho adormecido no sofá e se desespera chamando por Fritz e não o encontra em lugar algum. Ele chama Carmen e ela acorda Antônio perguntando-o pelo irmão. Ele não sabe responder. Os pais olham para a porta do jardim e veem a câmera jogada no chão. Eles pegam a câmera, retiram o cartão de memória e abrem no computador para ver se há alguma pista. Ao abrir a pasta com as fotos, veem que em uma delas, aparece, ao fundo, um cão negro com os olhos brilhando e observando Fritz. Ernesto e Carmen se entreolham assustados.

[Carmen]: "Não pode ser!"

[Ernesto]: "Será que ele foi cooptado pela MekHanTropia? Mas ele é muito novo ainda…"

[Carmen]: "Ou o Cão Breu apareceu pra ele Ernesto! Você viu na foto! Isso só pode significar uma coisa...Que ele já

estava em MekHanTropia...De alguma forma, ele já estava lá…e aqui ao mesmo tempo...”
[Ernesto]: “Mas como isso é possível?”
Eles correm, abrem a porta para o quintal e se deparam com uma parede toda preta. Correm para a porta principal e a mesma parede preta. Eles estão presos e se desesperam.
(“MekHanTropia: O Cão Breu”. Escrito por Fredé CF. Confraria Anti-MekHanTrópica, 2022).

2.2.1. Transbinarismo utópico em MekHanTropia

Não, eu não desisto.

Ainda sonho

que minhas borboletas

provoquem um furacão!

(Ciberpajé)

Retomando Franco Berardi (2020), ficamos mais reativos uns com os outros. Estamos cada vez mais dispersos de afetos e cheios de polarizações que nos transformam em “corpos digitais zumbi”, cuja resposta é binária como a linguagem em “0” e “1” de computadores e aniquilam nuances típicas da essência social e animal do ser humano. Uma possível válvula de escape para resistir a isso seria a arte, a ciência e a educação, transfigurando experiências e acessando dimensões “transbinárias” da vida, em um equilíbrio transcendental entre o racional, o empírico e o emocional.

Utilizo o conceito de “transbinarismo” aqui associado ao pensamento de Edgar Franco (2021, p. 07-14)[43], que o propõe para refletir sobre possíveis saídas ao maniqueísmo intolerante e limitante que as redes podem provocar sobre os indivíduos e, consequentemente, na sociedade. No “introito” dessa obra “Renovaceno” (2021) de Edgar, ele propõe o título “Transbinários” e inicia-se com uma citação que diz “A vida não se explica com a consciência, nem com as simulações da ciência. A vida é genuína transcendência” (FRANCO, 2021, p. 8). Em seguida é apresentada uma foto-narrativa “muda” com códigos binários no rodapé da obra e imagens fotográficas e desenhos em preto e branco finalizadas

43FRANCO, Edgar (a.k.a. Ciberpajé). *Renovaceno*. Brasil: Editora Merda na Mão, 2021.

em redes neurais/IA que narram sua reconexão com a natureza através do aterramento de seus dedos no solo que se transformam em raízes florescendo um ser luciferiano em liberdade ao final. É curiosa a utilização da linguagem binária como texto nesta narrativa, uma vez que, para desvendá-la é preciso decodificar o código exposto em “0” e “1”. O autor implode assim a linguagem binária de maneira metafórica por sua própria utilização enquanto representação, chamando a atenção para as resistentes nuances “transbinárias” que existem enquanto (re)existência na vida que se dá apenas pela conexão cósmica entre nós, seres humanos biológicos, e o planeta.



Figura 69 - O Ciberpajé com sua obra "Renovaceno" de 2021.

A obra me faz refletir sobre como estamos apartados de nosso habitat. Em como, ao mesmo tempo, surgem tantos discursos idealistas com soluções milagrosas para a preservação do meio-ambiente, olvidando-se que também somos meio-ambiente. Claro que o idealismo (assim como a utopia) é importante, uma vez

que nos impulsiona a tentar praticar ações mais conscientes por um mundo melhor, na medida do possível, dentro daquilo que acreditamos. Porém, é importante também que essa consciência exista de fato como prática e não apenas como discurso, caso contrário se torna um vão simulacro, uma zombaria sobre nós mesmos. Como propõe a poética do Ciberpajé nessa obra, antes de querer mudar o mundo, temos que mudar a decisiva coisa possível, de fato, a ser profundamente transformada: nós mesmos. Ao nos transformarmos e reconectarmos com nossa essência transbinária, consequentemente, transformamos o mundo já contaminado pelo "binarismo anticósmico". Outro fator importante é que ninguém conseguirá mudar nada no mundo sozinho e para mudar o mundo com outras pessoas, estas também precisam estar coadunadas a uma maior consciência e profundidade sobre suas próprias vidas e ações no planeta.

Neste sentido, há uma questão: muitas vezes, não conseguimos mudar a visão nem dos que nos cercam, quanto mais aspectos profundos no mundo (vide pessoas próximas a nós, como familiares e amigos, que ainda apoiam e exaltam, mesmo após toda destruição, omissão, corrupção e descaso praticado, a necropolítica instituída no Brasil nos últimos anos). Na maior parte das vezes "pregamos" alertas sobre essas questões nocivas à existência somente para quem já tem a mesma visão que nós – e isso, cada vez mais, se agudiza com as bolhas de concordância das redes (anti)sociais. Talvez o máximo que possamos fazer, nessa "Era das Polarizações", é termos e disseminarmos mais empatia, mais criação (artística) em meio à tanta destruição (política), mais amor em oposição ao ódio posto. Talvez o máximo que possamos fazer é viver um dia de cada vez sem desistir ou perder de vista essa essência animal, como um ato de resistência contra o sistema mekHanTrópico.

Realizei uma homenagem poética à essa obra gravando, em parceria com o Ciberpajé, a faixa "Inner Beast (Ritual Transbinário)" no EP "Canúbis" (2022)[44] que será tratado aqui em momento oportuno. Nesta faixa, utilizei trechos cantados do ritual para honrar e guiar os mortos com a entidade egípcia Anúbis (ou Anpu), presentes no livro "Werewolf Magick", de Denny Sargent (2020, p.

[44] Disponível em: https://fredecf.bandcamp.com/album/can-bis Acesso em: 29/07/2023.

165-169). Recitei também, como *backing vocals* por todo o andamento da música, os dígitos “0” e “1” que compõe a narrativa “Transbinários” da obra “Renovaceno”, além de também declamar alguns aforismos e trechos filosóficos relacionados às p. 16, 57, 62 e 63 do álbum em questão. O Ciberpajé uivou durante toda a faixa.

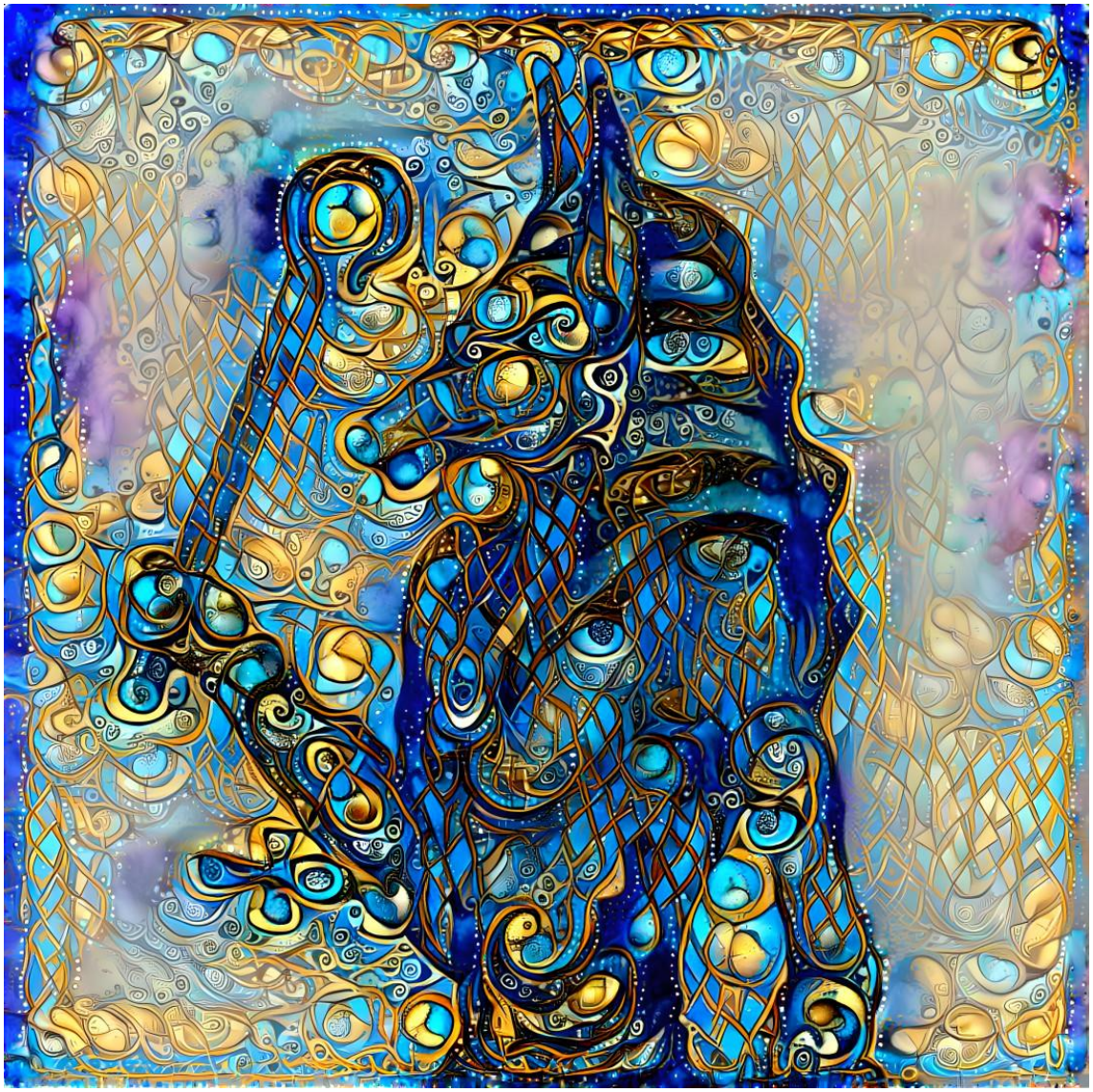
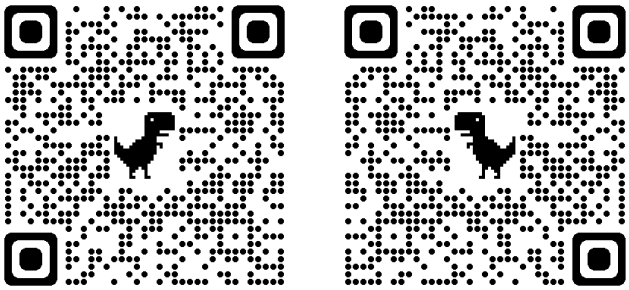


Figura 70 – "Canúbis". Arte do Ciberpajé (2022).

Harmonizei os vocais e uivos com efeitos psicodélicos de sintetizadores, violões, programações, loops e vocalizações e a música ficou com 6 minutos caracterizados pela constante mudança de atmosferas, representando assim uma ideia de caos e inconstância, ideias bastante expostas pelos universos artísticos autorais de “MekHanTropia” e da “Aurora Pós-Humana” de Edgar. A instabilidade da existência por meio de sons e imagens que instigam o que há

de misterioso, prazeroso e inexorável na vida: o movimento, a transformação e a implacável diversão genuína.

Evocamos assim a abertura das perspectivas (a partir do indivíduo) para devaneios e movimentações de desconstrução de padrões ordinários e do olhar antropoceno em direção ao infinito caótico da existência, que se renova em novas cosmogonias. Existência essa que só de fato existe no agora presente em momentos de paixão, absorvidos e intensificados pelo deleite da fruição artística e da vida em movimento contínuo, puro, metamórfico. Um fluxo expurgante, uivante, delirante, infantil, expansivo e sinuoso de integração com o todo, essencial trajeto para, enfim, saltarmos de ponta no caos inevitável e nadarmos no nada de uma vida indomada, selvagem e serena.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

É importante tratar as pessoas com compreensão e lançar sementes de reflexão. Isso não significa concordar passivamente com tudo ou ignorar, mas tentar entender que o outro é um ser complexo como nós mesmos e como todos os seres e sistemas planetários, para não cairmos também na armadilha binária maniqueísta julgadora. Não quero com isso defender, jamais, a ideia *fake* de positividade plena propagada com vigor pela publicidade ou pelos *coachs*. É importante compreender que a vida é feita tanto de dor e sofrimento como de alegrias, prazer e outras tantas nuances, como já anunciavam diversos pensadores. Porém, penso que a energia deve ser direcionada aos agentes necropolíticos detentores do poder e que lucram com a morte de milhares de pessoas, e não diretamente para quem está sendo manipulado por eles. Os mekHanTropos talvez sejam menos “culpados” que a MekHanTropia instituída. O escravo tem menos culpa de sua condição que o escravizador. O alvo principal

da resistência deve ser, a priori, a MekHanTropia, ou seja, o sistema institucionalizado e suas ramificações disseminadoras de ódio, negacionismo e *fake news*, buscando mais a união que a dispersão.

É necessário, sobretudo, um entendimento em larga escala das complexidades humanas. Nessa era de polarizações, ignoram-se as nuances complexas presentes em todos os seres e evidenciam-se os julgamentos e determinações maniqueístas que o sistema induz por meio de inúmeros signos, numa tentativa de naturalizar "verdades" que o atendam. Uma era de pessoas presas em "suas próprias" certezas e julgamentos. Seres que não conseguem entender que o outro é complexo, assim como o "si mesmo". Coloco as sentenças ("suas próprias" e "si mesmo") entre aspas pelo fato de que essas ideias são, em grande parte, provenientes do sistema que institui determinadas maneiras de ser, estar e olhar. Ao não olhar para si mesmo com complexidade, atenção, amorosidade e acolhimento, não se olha também ao outro dessa forma, por isso penso ser tão importante o autoconhecimento. Olha-se ao outro como se olha ao próprio espelho. Cheios de certezas absolutas, onde deveria haver dúvidas ocultas. Sombras a serem identificadas, integradas, analisadas, iluminadas. O olhar mekHanTrópico atual a si mesmo é egocêntrico e alocado em benesses reduzidas ao próprio círculo de afetos. Pela arte pode-se tentar romper tais bolhas, talvez por isso ela seja vista como uma ameaça (ao lado da educação), uma vez que provoca disrupções ao olhar padronizado e inclusões reflexivas destoantes do sistema excludente que se impõe.

FLASHBACK EM PRETO E BRANCO
Fritz Valdez (criança) fotografa flores e pequenos insetos no jardim. Uma senhora senta-se em um tamborete próximo a ele e começa a contar uma história:
[Senhora]: "Olá coleguinha, tudo bem com você?"
Fritz tímido, acena que sim com a cabeça e continua brincando de fotografar como se não desse moral para ela.
[Senhora]: "Certa vez, há muito tempo, aqui nessa cidade, uma garotinha, mais ou menos da sua idade, viu, numa sexta-feira 13, faltando dois minutos para a meia-noite, um cão preto como o céu noturno. Ele tinha o sol no lugar dos olhos. O cão a fitou profundamente a alma, com os olhos em brasa e, desde aquele instante, ela nunca mais foi a mesma. Coisas estranhas passaram a acontecer na vida daquela garota e, somente quando ela mergulhou em si mesma, eu seus

próprios pesadelos, pôde enfim compreender que o mundo que a cercava não existia como ela imaginava."

[Fritz]: "Como era o nome dela?"

[Senhora]: "O nome dela era Aila...e você? Como se chama?

[Fritz]: "Me chamo Fritz...Fritz Valdez..."

[Senhora]: "Muito prazer Valdez, eu sou Lunna."

[Fritz]: "Muito prazer... E essa garota? Onde ela está? É sua filha?"

[Senhora Lunna]: "Você é bem curiosinho, né? (Risos) Questiona bastante..."

[Fritz]: "Desculpa…"

[Senhora Lunna]: "Não precisa se desculpar...questionar é bom. As dúvidas são melhores que as certezas. Não, Aila não é minha filha, mas gosto dela como se fosse. Ninguém sabe por onde aquela danada se meteu...Deve estar por aí viajando e tentando acordar os outros. Nunca vi gostar tanto de consertar as coisas...(Risos). E de atentar aos outros também...desde sempre. Levada...Não consegue parar quieta. (risos)"

[Fritz]: "Queria conhecê-la pra saber sobre esse cachorro que ela viu...eu também já fiz uns desenhos de cachorros, lobos e lobisomens bem grandões...queria mostrar pra ela."

[Senhora Lunna]: "Quem sabe um dia você possa encontrá-la, meu querido...Quem sabe...Mas olha só...Quero te dar um presente…"

[Fritz]: "Minha mãe diz pra eu não aceitar nada de quem não conheço."

[Senhora Carmen]: E ela está certíssima! Mas aí é que está...eu te conheço desde antes de você nascer..."

A anciã retira e desembrulha um baralho de um pano estampado com figuras andinas, coloca as cartas com imagens diversas e códigos em uma caixa escrita "CANI BUIU ORACLE" e a entrega ao garoto.

[Senhora Lunna]: "É importante você nunca se esquecer de quem você é. Lá no fundo. Sempre volte o olhar à essência de você mesmo, e ao que está se tornando. O autoconhecimento é a chave do portal da transmutação, é o caminho do equilíbrio entre você e o Cosmos. Você é o universo todinho, meu fio, e também parte dele. Você é único, nunca se esqueça disso. Tome...Guarde essa caixinha com muito carinho e cuidado. Ela é a sua passagem para se encontrar. No momento certo, você verá os seus sonhos dentro dela e não sentirá mais nenhum aperto no peito."

[Fritz]: "Posso ver agora?" (Abrindo a caixa)

[Senhora Carmen]: "Ansioso você, né?! (risos). Ainda não... (interrompendo a criança). Ainda não temos essa tecnologia por aqui e, além do mais, hoje você ainda pode sonhar...Então preste atenção em seus sonhos, no que eles te dizem, em como você se sente em relação a eles...não precisa ter medo e é importante tentar se livrar da preguiça e dos desejos que não são genuínos. O que aparece

em seus sonhos é o seu lado mais antigo e ancestral conversando com você. Passado, presente e futuro.... tudo junto."

[Fritz]: "Não entendo nada que você tá falando...se for assim, quando eu acordo é sempre depois do futuro (risos)"

[Senhora Lunna]: "Pode ficar tranquilo, querido, em breve você verá e entenderá tudinho. Essas cartas vão te ajudar a encontrar sua essência no momento certo e a não se perder em sua jornada. Certa vez ouvi um conselho que nunca mais me esqueci...Lá no vão de almas, no povoado Calunga, na antiga chapada dos veadeiros: 'ninguém sabe o que o calado quer.' Temos que dizer o que a gente quer, senão nunca vamos conseguir caminhar e aquilo vai ficar emperrando nossa vida. O importante é não parar "NO tempo", mas parar "O tempo". Igual você faz tirando suas fotos aí...congelando instantes... Água parada dá muriçoca e muriçoca pode provocar febre, mal-estar e purulência na pele. Pode até matar. Portanto, lembre-se: conselho depois do erro é igual remédio depois do enterro. Transmutar! É para isso que estamos aqui. Para sempre transmutar! Viver é se movimentar, tudo muda o tempo todo em todo lugar. O que parece ficar é sempre uma ilusão. Úteros egóicos que usam para que se sinta confortavelmente anestesiado e hipnotizado. Se movimente! AGORA!"

F. Valdez (adulto) acorda assustado (close em seus olhos se abrindo). Se levanta em um salto e percebe que aquele parece não ser o seu quarto.

("MekHanTropia: O Cão Breu". Escrito por Fredé CF. Confraria Anti-MekHanTrópica, 2022).

Jacques Rancière (2009) coloca que:

> Valoriza-se a determinação da arte como forma de autoformação da vida. No ponto de partida encontra-se a referência insuperável que constitui a noção schilleriana de *educação estética do homem*. Ela fixou a ideia de que dominação e servitude são antes de tudo distribuições ontológicas (atividade do pensamento *versus* passividade do sensível) e definiu um estado neutro, um estado de dupla anulação em que atividade de pensamento e receptividade sensível se tornam uma única realidade, constituindo algo como uma nova região do ser (…). É esse modo específico de habitação no mundo sensível que deve ser desenvolvido pela 'educação estética' para formar homens capazes de viver numa comunidade política livre (RANCIÈRE, 2009, p. 39).

Nessas padronizações instituídas temos encrustadas, com bastante força, a ideia do pensamento antropoceno cujo entendimento do humano é como um ser dominador e explorador maioral da biosfera. Essa ideia se prolifera há tempos na sociedade, configurando-se desta forma como uma "verdade" sociocultural. Porém, principalmente com a hiperaceleração das últimas décadas, tal ideia se

funde à ganância pelo lucro ilimitado, o que gera cada vez mais exploração de recursos naturais de forma não ponderada.



Figura 71 – "Utopia (II - A Sacerdotisa)". Tarot MekHanTrópico. Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2019.

Ailton Krenak (2020) chama a atenção para esse fenômeno além do termo "antropoceno" cunhado academicamente, quando coloca que:

> estamos hoje vivendo o desastre do nosso tempo, ao qual algumas seletas pessoas chamam de Antropoceno. A grande maioria está chamando de caos social, desgoverno geral, perda de qualidade no cotidiano, nas relações, e estamos todos jogados nesse abismo (KRENAK, 2020, p. 72).

Se a espécie humana não mudar seus hábitos, a Sexta Extinção em massa chegará mais rápido que se imaginava. Já vemos alguns sinais disso, como a falta de água em determinados locais, o aquecimento global, a extinção de

biomas, culturas e saberes ancestrais e a pandemia, por exemplo. A ideia de que somos uma deidade elegida pra explorar e transformar tudo em lixo está nos transformando em cadáveres e enriquecendo ainda mais poucos abastados centrados apenas em seus egos.

Todo indivíduo é um universo diferente, com suas próprias subjetividades que nunca se encaixarão completamente umas às outras. A ideia de "felicidade", por exemplo, é uma ilusão romântica propagada pelo sistema geralmente com intenções mercadológicas que buscam refletir, como um espelho, o que mais se adequa (ou parece) com você, em uma indução ao que te fará "ser feliz". A real conexão deve estar além das aparências das coisas. Em um mundo tão líquido (à luz de Bauman), busca-se, cada vez mais como "ideal", o prazer da positividade do igual ao "si mesmo", um olhar bastante narcísico e ególatra que transforma o mundo no que Han (2017a) chama de "inferno do igual", deslocado do presente (e do que se tem) e fixado sempre no que não se tem, gerando desejos condicionados. O mercado aproveita-se disso como forma de padronização cultural visando o lucro e a dominação. Luis Fernando Ayerbe, em sua obra "O Ocidente e o 'Resto': A América Latina e o Caribe na cultura do império" (2003), diz que:

> As fortes tendências de homogeneização e hibridização cultural que acompanham o processo de globalização dos mercados tornam mais difusas as fronteiras que separam o próprio do alheio, o que é imposto de fora do que é assimilado ou recriado localmente, dificultando ações defensivas da identidade nos moldes tradicionais (AYERBE, 2003, p. 105).

Essa relação se expande, é claro, às relações pessoais de afeto. Essa percepção alterada de que o "outro" deve ser um espelho nosso, ou seja, deve ser "igual" a nós, somado à escassez de tempo e atenção dedicado às relações, às tecnologias que nos cercam e consomem e as bolhas de concordância das redes (anti)sociais, geram um enorme grau de intolerâncias e rompimentos de relações sociais, além de diluir as identidades em padrões mercadológicos excludentes. A arrogância de achar que todos devem pensar igual, ignorando toda a complexidade de cada um e tudo aquilo que torna cada indivíduo único no mundo, ajuda o sistema nos destruir e desmobilizar a resistência de dentro para fora, implodindo-a.

A disseminação pelo sistema, através das mídias e redes que atingem o imaginário coletivo, do hábito em tratar o outro como coisa que, se não atende às expectativas (geralmente de alguém que não aprendeu a lidar com as diferenças e complexidades da existência), não serve. É obvio que não estou contente com as práticas neofascistas que se instauram no país e são repugnantes aos olhos de quem tem o mínimo ainda de amorosidade, de empatia. Mas é importante entender o porquê disso. Qual o poder de cada um nessas relações? Como atuamos e como podemos atuar para alterar a realidade? Como podemos, cada um (em alusão ao pensamento de Paulo Freire), agir de maneira inclusiva e não excludente na própria vida cotidiana em oposição às megacorporações multibilionárias excludentes?

Ayerbe (2003) tece um panorama das relações internacionais macroeconômicas e identitárias de poder, quando diz que:

> A economia informacional, denominação de Castells para o modo de desenvolvimento característico da atual fase do capitalismo, estrutura-se em torno de redes que integram o mundo numa 'unidade em tempo real, em escala planetária (…) com base na nova infra-estrutura propiciada pelas tecnologias de informação e comunicação' (1999, p.111). Frente ao poder de conectar e desconectar 'indivíduos, grupos, regiões e até países, de acordo com sua pertinência na realização dos objetivos processados na rede' (1999, p. 41), as resistências com base na construção de identidades comunais têm sido a principal resposta, conduzindo a uma nova bipolaridade que opõe a Rede e o Ser. 'Quando a rede desliga o Ser, o Ser, individual ou coletivo, constrói seu significado sem a referência instrumental global: o processo de desconexão torna-se recíproco, após a recusa, pelos excluídos, da lógica unilateral de dominação estrutural e exclusão social.' (1999, p.41). Com base nos fatores de origem, Castells distingue três formas de identidade: legitimadora, que racionaliza a dominação das elites globais; de resistência às diversas formas de exclusão promovidas pela ordem hegemônica, que conduz à formação de comunidades; e a de projetos, que produz sujeitos. No entanto, as possibilidades de realização humana que atribui-se a cada uma delas são extremamente desiguais (AYERBE, 2003, p. 112-113).

Ayerbe traz ainda considerações de Atílio Boron, que chama a atenção para a ideia de "elite global", referente às grandes corporações que regem o mercado global, explicitando que há uma natureza de classe que estrutura o poder e nele se mantém há tempos. Gigantescos monopólios que dominam os mais diversos setores da sociedade no mundo todo, como comércio, comunicação, informação, dados, finanças, produção, serviços, etc. Segundo ele, a lógica de acumulação e exploração, típica desses grupos, condena determinados segmentos da população mundial à miséria e às imposições do mercado (BORON *apud*

AYERBE, 2003). É nesse ponto, em especial, que emerge a “MekHanTropia nossa de cada dia”, instituída, estabelecida e naturalizada enquanto sistema (excludente) e como única realidade possível.

Segundo Ayerbe (2003, p. 124), Boron propõe iniciativas que poderiam ajudar a desmontar o sistema neoliberal global, dentre elas chamo a atenção para quatro citadas:

> Elaboração de um marco regulatório para acompanhamento e controle das finanças internacionais, tendo como uma das medidas importantes a eliminação dos chamados ‘paraísos fiscais’, facilitadores da evasão de divisas e lavagem de dinheiro de fontes ilegais; anulação da dívida externa do ‘Terceiro Mundo’, que corresponde a apenas 10% da dívida total dos países, os 90% restantes pertencem ao mundo ‘desenvolvido’.; estabelecimento de marcos regulatórios do comércio internacional que contrabalancem a deterioração dos termos de troca dos países pobres, dependentes da exportação de *commodities*; penalização dos governos e empresas que atentem contra o meio ambiente, e fixação de normas internacionais contra a exploração do trabalho infantil e demais formas de *dumping* social (AYERBE, 2003, p. 124).

Para que isso seja possível, é necessário bastante empenho em direção a movimentos sociais anti-padronização cultural, o que não é nada simples e reside, até então, em uma ideia bem distante que beira a utopia, uma vez que a configuração do que entendemos como “realidade” vem se transformando constantemente. Para que isso seja viável é necessária uma autoconsciência global de que a maneira que atuamos no mundo não é mais viável e, até mesmo, possível. Evoco, como premissa desse trabalho, a importância de nos unirmos em coletividade, fortalecendo os elos criativos e buscando, enquanto comunidade inserida em uma sociedade global dominada pelo capital, saídas para reexistir como indivíduos únicos, mais despadronizado possível.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Grandes frentes de resistência às padronizações instituídas pelos mercados globais residem em artistas, ONGs, ecologistas, feministas, indigenistas, antirracistas, antifascistas, entre outros cidadãos e grupos que buscam as potencialidades da tecnologia atual na geração de conexões identitárias entre sujeitos aniquilados pela máquina institucional. Acredito que é pensando estratégias conjuntas de guerrilha informacional e representacional contra a dominação imperialista (apresentada de maneira disfarçada como necessidade de consumo, nos cooptando pelos desejos) que podemos vislumbrar alguma saída, uma vez que sem a autotransformação de padrões arraigados, institucionalizados e difundidos culturalmente isso não é possível.

James Lovelock em seu livro *Gaia: alerta final* (2010), faz uma comparação interessante entre o planeta Terra (o hiperorganismo Gaia) e um paciente terminal:

> Quando as pessoas descobrem, tarde demais, que sofrem de uma doença grave e provavelmente incurável e que podem não ter mais de seis meses de vida, a primeira reação é de choque e, em seguida, de negação, momento a partir do qual experimentam furiosamente qualquer cura em oferta ou buscam profissionais de medicina alternativa. Por fim, se forem sensatas, atingem um estado de calma e aceitação. Sabem que a morte não precisa ser temida e que dela ninguém escapa. (…) Os cientistas, que reconhecem a verdade sobre o estado geral da Terra, advertem seus governos da gravidade mortal ao estilo de um médico. Agora estamos vendo as respostas. Primeiro, foi negação em todos os níveis; depois, a busca desesperada por uma cura. Assim como nós, indivíduos, experimentamos remédios alternativos, nossos governos recebem muitas ofertas de empresas alternativas e seus lobistas acerca de modos sustentáveis de 'salvar o planeta', e acreditam que de algum hospício verde poderá vir o conforto da esperança (LOVELOCK, 2010, p. 75-76).

Portanto, está sobrando pouco tempo para agir e parece que a situação só piora no cenário atual, com o lema oficial do governo Bolsonaro (2019-2022), proferido pelo então Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, de "passar a boiada"[45] sobre o que ainda nos resta de floresta. Além disso e de tantas outras ações nefastas que atendem ao mercado em detrimento do planeta, temos que reconhecer, sobretudo, que nós mesmos também somos grande parte do problema e como parte do sistema Terra, não separado ou "acima" dele (LOVELOCK, 2010).

[45] Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml Acesso em: 31/07/2023.

É, de forma geral, cada vez mais crucial nos atentarmos e abrirmos as perspectivas para movimentações de quebra de padrões ordinários de pensamento e percepções distorcidas para, a partir de nós mesmos e da conexão com a realidade vegetal da natureza (que também somos), possamos desconstruir o olhar antropoceno em direção à conexão com o infinito caótico existencial que se renova e transmuta constantemente em novas cosmogonias.

Tento agir (mesmo que há anos-luz distante do ideal) criando arte para transfigurar pelas redes telemáticas os "zeros" e "uns" hipnotizantes desconectados da essência hipertecnológica do nosso habitat. Adicionar a subjetividade essencial humana de minhas fantasias para pensar e representar artisticamente (a partir de trocas e contatos pautados pela diversidade) novas possibilidades sobre a existência e sobre as causas e consequências de fechar os olhos a essas possibilidades. Nesse caminho de reflexão e ação artística também me transformo em essência, observando e tentando ressignificar em mim o que tanto critico nesse sentido. Assim, o campo da Cultura Visual dá um tom crítico sobre as significações que tento estabelecer.

Um som calmo e relaxante ecoa numa sala toda branca apenas com uma cadeira no meio. Valdez está sentado nessa cadeira e não sente seu corpo reagir.
Voz calma (repetida entre pausas): "Durma o seu sono leve, não iremos te incomodar".
Ao olhar ao redor vê que um laser atinge o centro de sua testa (Ajna Chakra). Ele tenta se desviar, mas não consegue pois o laser o segue.
Voz off (som calmo e relaxante): "Relaxe Valdez. Sua alma sem fronteiras precisa situar-se na realidade. Pare de se lamentar e se conecte ao seu pensamento. Imagine que está voando e enfim aterrisse em uma bela ilha...Curta o instante…durma o seu sono leve, não iremos mais te incomodar."
Valdez adormece e começa a sonhar que se levanta da cadeira e vai até a parede branca de onde acende uma tela com uma imagem mekHanTrópica
Uma voz, com tom de comercial de seguros, começa a falar:
[Voz]: "Olá! Seja bem-vindo ao recanto mekHanTrópico de autorreflexão. Não se preocupe, em breve você estará novamente no conforto de seu lar. Enquanto isso, desfrute de cada momento feliz e seguro em nossa acolhedora companhia. Estamos aqui para servi-lo e propiciar a sua felicidade plena. Uma vida que sempre sonhou, com tudo aquilo que sempre desejou comprar. Sem que ninguém possa

lhe julgar, porque você tem tudo o que sempre quis ter. Ninguém mais poderá lhe cancelar, banir ou contrariar. Você é livre para sonhar o que quiser! Basta produzir que você chegará lá! Com todos os méritos e luxo! Você merece ser feliz!"

[Ouve-se um grave e alto ruído] A voz calma e alegre retorna a falar:

[Voz]: "Que pena...nosso sistema identificou e bloqueou algumas memórias em seu HD intracerebral. Mas não se preocupe! Seus impulsos foram reprogramados para a objetividade padrão da hiperprodutividade mekHanTrópica. Atualizamos o inibidor de malwares subjetivos em seu sistema e você poderá ficar agora mais tranquilo e curtir sua felicidade plena. Pensando em sua segurança, seus círculos sociais serão mais limitados e vigiados. Alertamos, como forma de prevenção, que há grupos de terroristas atuando em MekHanTropia, tentando distorcer alguns fatos absolutos. Portanto, todo cuidado é pouco! Agora relaxe para aproveitar melhor sua experiência conosco. Não se aborreça com os outros. Trabalhe! O trabalho dignifica o homem, sr. Valdez. Pense positivo! Você pode tudo! Yes, you can! Todo esse protocolo é para a sua segurança e conforto. Em breve você irá acordar em sua casa e não se lembrará de nada disso, apenas do que foi introjetado em seu inconsciente. Informamos também que todas as despesas desse procedimento serão debitadas automaticamente em sua conta. Saudações mekhantrópicas! 'Consumo acima de tudo. Mekhantropia acima de todos.' ("MekHanTropia: O Cão Breu". Escrito por Fredé CF. Confraria Anti-MekHanTrópica, 2022).

O já citado "transbinarismo" (em oposição ao Binarismo Anticósmico) pode ser uma importante via de autoconhecimento, transformação individual e prática transcendental que desemboca na coletividade. A arte é um forte meio capaz de trazer representações de momentos sinceros, únicos, qualificados, qualitativos, materializados, aproveitados com intensidade rica e visionária, no prazer vivo da carne, da aura, do espírito, da potência, da vontade, dos sentidos que tocam e são tocados, transitando poeticamente a partir das memórias e da imaginação pelas entranhas do analógico e do digital.

A arte pode nos possibilitar trafegar pela diversidade das "zonas cinzas" que o digital insiste em aniquilar com suas padronizações e ilusões em função do mercado e, quem sabe assim, a partir de diversas consciências coincidindo-se nesses contatos, gerar mudanças nos hábitos e estilos de vida destrutivos

solidificados. Porém, penso que esse é um movimento íntimo, solitário, lento e individual, de cada um consigo mesmo. Não acredito na transformação efetiva do outro por meio da força ou da obrigação, mas sim por meio da reflexão, por isso que insisto na ideia de que a arte e a educação são os grandes pilares de resistência ao sistema, na contramão das acelerações digitais.



Figura 72 - "Sociedade do Cansaço (MekHanTropia acima de todos)". Fotografia digital. Fredé CF, 2021.

O campo da Cultura Visual emerge, nesse sentido, desafiando de frente o poder instituído e resistindo aos processos de expansão hegemônica que se dão em grande parte por meio de visualidades, mas também como imputações no imaginário coletivo de "verdades" instituídas como absolutas e inquestionáveis. Imagens culturais que naturalizam e institucionalizam discursos e práticas são então questionadas, contestadas, refletidas para uma maior compreensão sobre o que se representa.

Essas manifestações sensíveis (artísticas ou não) podem (e devem) ser compreendidas enquanto campos fundamentais da cultura, trazendo maior diversidade de discursos, reflexões e articulações de significação sobre o mundo. Com as experiências que vivemos ampliamos o conhecimento sobre nós e sobre o contexto que experienciamos. Ao entrar em contato com uma imagem, som, textura, cheiro, gosto, seja qual for, estabelecemos relações e nos conectamos com particularidades de nossa subjetividade de repertórios coagulados culturalmente, além de narrativas sobre tais percepções sensíveis.

Muitas vezes, por meio da arte em toda sua abrangência enquanto meio e linguagem, entramos em contato com grupos e indivíduos que não "possuem" voz social e/ou não conseguem se expressar, por não terem condições sociais pra isso. O contato com o que nos é diferente pode trazer uma maior pluralidade de repertórios à nossa vida ordinária e nos possibilitar maiores questionamentos sobre verdades estabelecidas, ampliando o pensamento crítico e a empatia. À luz de Han (2017a, p. 34-35), para isso é preciso um olhar mais aberto e assimétrico ao outro, menos narcísico/heterotópico e mais atento à diversidade e à alteridade como uma diferença "não consumível", ou seja, sem fins mercadológicos impostos pelo sistema, sem relação de troca ou controle.

Raimundo Martins, em seu texto "Porque e como falamos de Cultura Visual" (2006)[46], coloca que:

> imagem e arte não contém uma verdade própria a ser encontrada, descrita ou decifrada. (...) O papel que arte e imagem desempenham na cultura e nas instituições educacionais não é refletir a realidade ou torná-la mais real, mas, articular e colocar em cena uma diversidade de sentidos e significados. Indivíduos de um mesmo grupo ou comunidade podem conviver com as mesmas imagens, mas cada um

46MARTINS, R. Porque e como falamos da cultura visual? Revista Visualidades 4, n. 1 e 2 (2006). Disponível em: https://doi.org/10.5216/vis.v4i1ei2.17999 Acesso em: 13/09/2020.

> as vive e interpreta de maneira diferente, criando brechas e espaços de diversidade (MARTINS, 2006, p. 74).

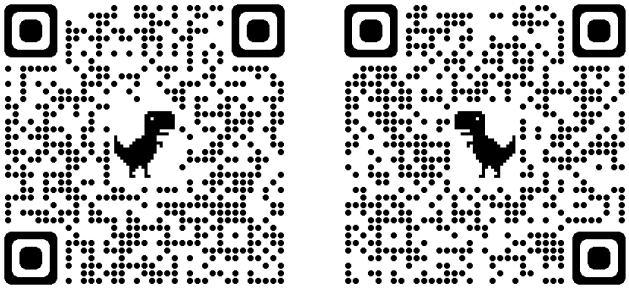
Como já dito, existem forças narrativas que, por meio de diferentes discursos, constroem, estabelecem e institucionalizam “regimes de verdades” na sociedade. Tais institucionalizações moldam os indivíduos e estabelecem, de certa forma, normatizações culturais acerca da existência. Tais fatos se dão por diversos meios e estratégias, atingindo e ressignificando o inconsciente cultural a serviço de interesses direcionados pelo mercado, determinando gostos, vontades, sonhos, tradições, costumes, identidades, leis, ideologias e, como já dito, verdades (por vezes “absolutas”) sobre a realidade e sobre a vida.

Operar na contravisualidade, na contrasonoridade ou, de forma geral, na contracultura para uma decolonização do pensamento se mostra mais do que nunca fundamental em uma era de tamanha profusão de imagens e sons. Neste sentido, Raimundo Martins ainda afirma que, com um pensamento crítico, é importante contestar o que é institucionalizado, desvendando as intenções por trás dessas mensagens passadas por diversas maneiras, em especial com os avanços da globalização:

> o conhecimento artístico só será crítico se confrontar a tradição e os cânones que mediam o mundo e as produções simbólicas. Ao tentar definir e preservar o papel/função da arte na sociedade as instituições acadêmicas renovam e reforçam a noção romântica de arte como submissão exclusiva à autoridade do cânone e da tradição. Obras de arte, assim como imagens, são ideológicas e estão socialmente situadas. Os conflitos entre pensamento dialógico e pensamento universalista se intensificam quando grupos hegemônicos/dominantes e tradicionalistas aspiram transformar a interpretação da arte e das imagens em monólogo, em verdade, dotando-as de um caráter essencialista, valendo-se de juízos de valor, avaliações e classificações hierárquicas que além de excludentes, buscam estabelecer verdades perenes (MARTINS, 2006, p. 75).

As interações, confluências, intertextualidades, intersecções, conexões, pontes e diálogos culturais, tão edificantes, se dão de maneiras complexas, de fato, sem as divisões técnicas e muros institucionais que operam na padronização e classificação dessas manifestações. Assim, penso que reflexões multiperspectívicas acerca da pluralidade de expressões humanas são, mais do que nunca, fundamentais para uma atuação contracultural ativa em tempos de trevas como o que passamos, porém com um olhar atento ao que forma tais representações e quais mensagens se escondem e se explicitam por detrás delas, buscando conexões de fortalecimento identitário subjetivo tão importantes

para o autoconhecimento e enfrentamento subversivo ao imperialismo neoliberal. As padronizações caminham juntas com as especializações e cobranças por excelência, deixando-se muitas vezes de lado o “sentir” visceral da poesia manifesta e exposta espontaneamente, em troca da exaltação de números esvaziados pela hiperprodutividade e hipercomparação. Em MekHanTropia a subjetividade é geralmente inadequada e insuficiente caso destoe daquilo que é estabelecido enquanto “bom”, “belo” ou “ordinário” pelo sistema.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

A criação artística de universos poético-ficcionais autorais nos outorga o título de “criadores de mundos” e, ao determos esse título, podemos transformar cosmogonias que transformam e ressignificam a nossa realidade ao serem acessadas. Ao contrário de universos ficcionais maniqueístas que são trabalhados como produtos de mercado e, por isso, precisam se amparar em construções narrativas nas quais o ideal de “bem” é o objetivo, criações independentes, por não se atrelarem de maneira servil ao mercado, possuem maior liberdade experimental frente esse tipo de polarização, podendo adentrar com mais profundidade em novas possibilidades criativas de maneira mais autônoma, testando possibilidades, parcerias e processos durante o caminho.

Na história da humanidade, tempos obscuros são, ocasionalmente, os mais propícios à ascensão criativa e à colaboração entre as pessoas, talvez por forçar-nos a romper com paradigmas e resistir contra verdades culturais instituídas de maneira totalitária. Diante do cenário atual, inundado pelas redes e fluxos digitais, não sabemos ainda ao certo o que acontecerá, mas podemos vislumbrar alguns caminhos pujantes a seguir. A arte colaborativa entre diferentes

autores/atores humanos e não humanos surge em minha pesquisa-criação, portanto, como um desses caminhos e meios de reflexão, empatia, afeto e prática essencial à uma resistência da subjetividade. Todavia, a sensibilidade não é algo restrito aos artistas. É algo humano que muitas vezes é rechaçado pelo sistema que nos direciona ao que por ele é validado. O ofício do artista talvez seja tecer uma restruturação da sensibilidade por pensamentos poéticos que se formam através de conceitos, de maneira a aplicar e replicar caminhos possíveis de reconfiguração ordinária da existência institucional, validando novas possibilidades de sentir e, assim, reexistir como achar que convém nessas representações.

2.2.2. Institucionalizações mekHanTrópicas

"Quem precisa de ordem pra moldar?
Quem precisa de ordem pra pintar?
Quem precisa de ordem pra esculpir?
Quem precisa de ordem pra narrar?
Quem precisa de ordem?
Agora uma fabulazinha
Me falaram sobre uma floresta distante
Onde uma história triste aconteceu
No tempo em que os pássaros falavam
Os urubus, bichos altivos, mas sem dotes para o canto
Resolveram, mesmo contra a natureza,
que haviam de se tornar grandes cantores
Abriram escolas e importaram professores
Aprenderam dó ré mi fá sol lá si
Encomendaram diplomas e combinaram provas entre si
Para escolher quais deles passariam a mandar nos demais
A partir daí, criaram concursos e inventaram títulos pomposos
Cada urubuzinho aprendiz sonhava um dia se tornar
um ilustre urubu titular
A fim de ser chamado por vossa excelência
Quem precisa de ordem pra escrever?
Quem precisa de ordem pra rimar?
Quem precisa de ordem?
Passaram-se décadas
até que a patética harmonia dos urubus maestros
Foi abalada com a invasão da floresta por canários tagarelas
Que faziam coro com periquitos festivos e serenatas com sabiás
Os velhos urubus encrespados

entortaram o bico e convocaram canários e periquitos e sabiás
Para um rigoroso inquérito
'Cadê os documentos de seus concursos?' indagaram
E os pobres passarinhos se olharam assustados
Nunca haviam frequentado escola de canto
pois o canto nascera com eles
Seu canto era tão natural
que nunca se preocuparam em provar que sabiam cantar
Naturalmente cantavam
'Não, não, não assim não pode,
cantar sem os documentos devidos é um desrespeito a ordem!'
Bradaram os urubus
E em uníssono expulsaram da floresta os inofensivos passarinhos
Que ousavam cantar sem alvarás
Moral da história:
'em terra de urubus diplomados
não se ouve os cantos dos sabiás'
Quem precisa de ordem pra dançar?
Quem precisa de ordem pra contar?
Quem precisa de ordem pra inventar?
Gonzagão, Moringueira
precisa o quê??
Dona Selma, Adoniran
precisa não!
Chico Science, Armstrong
precisa o quê??
Dona Ivone, Dorival
precisa não!"
(Mundo Livre S/A)

Os procedimentos de institucionalização de verdades e validação do "real" operam, quase sempre, de forma excludente, engendrando mecanismos hierárquicos de sedução, indução e ilusão que favorecem determinados grupos no poder por meio do mercado financeiro, políticas públicas, visões sobre princípios éticos e morais, práticas administrativas, estratégias de marketing e propaganda, estetização, entre outras maneiras de cooptação de indivíduos à determinadas práticas sociais. As visualidades são elementos históricos fundamentais nessas constituições, determinando tais regimes de verdades e empoderando grupos sociais dominantes, como o "homem branco heteronormativo", por exemplo.



Figura 73 - "Distâncias e Ignorâncias (poéticas)". Fotografia digital. Fredé CF, 2017.

Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, na obra *A estetização do mundo - Viver na era do capitalismo artista* (2015)[47],propõem algumas reflexões acerca desses mecanismos de institucionalização por meio da estetização no mundo atual, pensando sobre as estratégias de operação da arte e das visualidades como um todo a serviço do sistema. Segundos os autores (2015, p.40), “vivemos no tempo do *boom* estético sustentado pelo capitalismo do hiperconsumo.” Esse movimento de transformação dos diversos atores que operam o sistema em tipos de artistas visionários, em um processo de construção e difusão de uma imagem articulada com a criatividade e inovação como diferenciais para esses personagens de negócios (do mercado), os autores chamam de “Capitalismo Artista”.

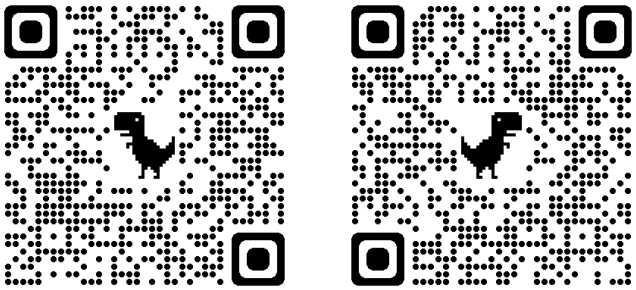
> A dimensão artista do capitalismo é da ordem do projeto e das estratégias empresariais, não dos resultados obtidos. Se esse sistema produz beleza, também produz mediocridade, vulgaridade, ‘poluição visual’. O capitalismo artista não faz passar do mundo do hediondo para o da beleza radiante e poética (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p.41).

Os autores destacam que o sistema age centrado na sedução dos consumidores por experiências associadas aos produtos e serviços ofertados. Houve uma transformação em relação às estratégias de cooptação das pessoas para as

47LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. A estetização do mundo - Viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.

vendas. Entende-se que, atualmente, na era da hiperconectividade e hiperinformação, é mais interessante fisgar as pessoas pelos seus prazeres e, em especial, com elementos que evidenciem e apelem para ideais construídos de felicidade e bem-estar, na promoção do consumo acentuado pelas necessidades de renovação provocados pela obsolescência programada dos produtos industriais.

No EP *Cão Breu Pós-Humano*, lançado em parceria com o Ciberpajé em 2019, tocamos na questão da obsolescência programada na letra da faixa *Assim Chorou Zaratustra*[48], quando o Ciberpajé declama um de seus aforismos que diz: "As massas seguem controladas e robotizadas por oferta crescente de entretenimento inebriante e alienante, programadas pelos magos obscuros da publicidade que lhes ensinam a falsa 'felicidade' do ter, adictos de compras intermináveis programadas pelo sistema da obsolescência programada".



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Prosseguindo a faixa, há uma intervenção minha com uma letra baseada no pensamento de Nietzsche sobre a condição humana, em especial em seus vislumbres sobre como o ser humano deveria transcender sua condição servil e acessar a evolução em direção ao "super-homem", dando luz a uma estrela brilhante. Porém, apresento um cenário trágico sobre esse vislumbre nietzschiano, o que provoca o choro de Zaratustra.

O herói sem limites que desafiou a natureza se perdeu da razão e também da emoção, mais ainda do que já havia se perdido em tempos remotos de trevas.
Enlouqueceu e se esqueceu que ele também é natural da mesma fonte que todo dia

48Disponível em: https://fredecf.bandcamp.com/track/02-assim-chorou-zaratustra Acesso em: 30/11/2021.

destrói. As trevas foram apropriadas. O que a priori se apresentava como 'herói' que salvaria-nos todos do obscurantismo das instituições, se tornou, ele mesmo, um saco fétido de excrementos, apodrecido e desprovido de qualquer resquício de amor. Provando do próprio veneno, a humanidade vive inundada em agrotóxicos e consumida por sangue, lama e destoadas vibrações que sugam sua energia vital de dentro pra fora todos os dias, corroendo a carne e expondo as vísceras disfarçadas de felicidade na liquidez da rede mundial.
(Trecho de "Assim Chorou Zaratustra". Cão Breu Pós-Humano. Fredé CF, 2019)

Por fim, o Ciberpajé declama a sentença derradeira de expurgo da humanidade do planeta, como consequência desse disparate frente a vida que nos tornamos: "A obsolescência programada dos produtos industriais está programando a obsolescência da espécie humana para o hiperorganismo Gaia, que a expurgará sem remorsos."

Essas ideias surgem associadas a promessas de aumento de rendimento físico e psicológico por atividades que são vendidas como "indispensáveis" para a vida contemporânea e a substituição da venda do simples produto pela experiência relacionada a ele. Busca-se a infinitude de emoções que podem ser trabalhadas nos consumidores de maneira inesgotável. Também aparece, imbricada ao processo, a agudização da ideia do "ter" acima do "ser" enquanto ideal de felicidade, poder ou sucesso, quantificando relações qualitativas na sociedade. Desta maneira, o sistema transforma as relações sociais de dimensão pessoal, subjetiva, emocional, intuitiva, fantasiosa, imaginativa e criativa em seu oposto racional, burocrático e instrumental. Já poderíamos nos chamar de "ter humano", ao invés de "ser humano"? Hoje tais aspectos e relações se tornam ainda mais complexas, uma vez que o "ter" agora dá lugar ao "mostrar", ao "parecer" e ao "agradar" de acordo com o que é institucionalizado como ideal.

Este tipo de procedimento provoca uma espécie de quantificação da vida e aniquila o pensamento crítico por meio de utopias de uma felicidade inalcançável baseada no luxo que leva a estereotipias causadoras de preconceito, desigualdade, desconexões, distorções e distúrbios psicoemocionais delas com elas mesmas. Isso fomenta egoísmos, vaidades, ódios e arrogâncias e age contra o incentivo da cooperação, empatia, paz e diversidade. Com a

digitalização e conexão global estabelecida por meio das redes telemáticas, essas estratégias atingem novas e potentes formas, muitas vezes disfarçadas de conectividade e cooperação. Seus usuários, em grande parte, não têm consciência plena acerca dessas estratégias. Podemos ver, por exemplo, essas ilusões explícitas em nossa sociedade pelos aplicativos de *delivery*, que atuam na eliminação de direitos trabalhistas, justificados pela ideia romantizada de empreendedorismo.



Figura 74 - "O estado do Estado". Fotografia digital. Fredé CF, 2018.

Outro ponto é que as redes (anti)sociais se proliferam como destiladoras de ódio a partir de bolhas de concordâncias e afinidades, além de viciarem seus usuários

(transformados em produtos) de forma estratégica[49]. As discordâncias, tão importantes para a construção do pensamento crítico, diversidade e autorreflexão, são extintas e substituídas pela cultura do “cancelar”, “banir” e “bloquear”. Os aprofundamentos reflexivos sobre acontecimentos, fatos, ações, pessoas, ideias, pesquisas etc., são reduzidos a certezas concretas e absolutas sobre publicações que não mais são digeridas. Lê-se, muitas vezes, apenas a manchete e a imagem anexada, o que parece ser suficiente para já serem formadas “verdades absolutas” e se instituírem “achismos” que desembocam em linchamentos públicos, num grande tribunal de sombras negadas e hipocrisias refletidas e reveladas, tal como na caverna de Platão.

Segundo Baudrillard (1991), anteriormente:

> O imaginário era o álibi do real, num mundo dominado pelo princípio de realidade. Hoje em dia, é o real que se torna álibi do modelo, num universo regido pelo princípio de simulação. E é paradoxalmente o real que se tornou a nossa verdadeira utopia – mas uma utopia que já não é da ordem do possível, aquela com que já não pode senão sonhar-se como um objeto perdido (BAUDRILLARD, 1991, p. 153).

Com a mundialização do mercado de consumo, os ditames são frequentemente instituídos pela moda, pelo entretenimento, pela publicidade e pelo marketing. Como os ideais de felicidade são calcados no luxo e na riqueza e a imagem de poder é associada a produtos e marcas específicas, as estratégias de sedução relacionadas ao “capitalismo artista” se mostram cada vez mais fortes e operantes. Cada vez mais a competição se acentua e designers, programadores, artistas visuais, videomakers, musicistas, influenciadores digitais, entre outros, são cooptados a contribuir com esse processo de geração de ilusões materializadas para moldar emoções e desejos nos indivíduos. Com a pandemia, então, essas acentuações de competição, egoísmo e sedução aumentam pelo aumento da dependência de telas em nossas vidas.

Valdez acorda em seu quarto. Rapidamente, corre para o escritório e abre seu notebook para escrever sobre um sonho que teve. Enquanto o computador liga, ele pega um papel e escreve: “Consumo acima de tudo. MekHanTropia acima de todos.” Fica um momento olhando pra aquelas palavras e então começa a desenhar. Enquanto ele desenha, ouve sua própria voz ecoando em sua cabeça e imagens suas surgem na

49Ver o filme “O dilema das redes” (2020), dirigido por Jeff Orlowski e disponível na Netflix: https://www.netflix.com/br/title/81254224 . Acesso em 13/09/2020.

tela do computador. Valdez se vê digitando um texto no computador. Ele chega mais perto e consegue ler as palavras: "ao acordar, de imediato, esboço rápido e escrevo, para que aquele esboço mental transcenda esse meu mundo que chamo de real e saia o mais fiel em relação àquilo que sonhei, antes que embace e morra a memória, apagada pelo sistema, aniquilada pelo dia a dia. Cada vez mais me esqueço, preso no infinito hiperinformacional de MekHanTropia. Sem pausas para pensar, sentir ou me olhar...tento resistir, mesmo imerso no Binarismo Anticósmico."

A campainha toca. A música é interrompida. Valdez, impressionado, larga o desenho do lobo ancestral sobre a mesa, junto a outro desenho que ele havia feito anteriormente (que intitulou como "Cavalo de Carroça"). Ele vai até a porta. Ao abrir, vê uma mulher ali parada, com uma máscara no rosto, tampando sua boca. A mulher é muito parecida com sua mãe quando jovem. Ela está com o cabelo e a roupa toda molhada e com um aspecto aterrorizado. Ela olha pra ele, com seus olhos pretos arredondados, e diz:

[Mulher]: 'Meu nome é Aila. Preciso que me escute com atenção. É urgente.'

Valdez, ainda embasbacado, acena positivamente com a cabeça.

[Aila]: 'Preciso que você venha comigo agora a um lugar.'

[Valdez]: 'Mas...eu nem te conheço...'

[Aila]: 'É importante...eu te explico tudo no caminho.'

[Valdez, desconfiado]: 'Beleza. Me dê só um minutinho pra eu me trocar. Entre aí...é rapidinho.'

Valdez entra para o quarto e Aila olha para os desenhos sobre a mesa. Quando Valdez retorna para a sala a mulher já não está mais lá. Ele olha para a mesa e seus desenhos sumiram. No lugar deles, há uma caixa escrita 'CANI BUIU ORACLE'. Ele abre a caixa e vê um CD (MekHanTropia), um baralho repleto de desenhos e um tabuleiro codificado, como um mapa. Ele olha para aquilo sem entender muito bem. Pega a chave do seu carro e sai de casa com a caixa em mãos. Ao entrar no carro, Valdez coloca o CD para tocar assim que a música se inicia ele desmaia.

("MekHanTropia: O Cão Breu". Escrito por Fredé CF. Confraria Anti-MekHanTrópica, 2022).

De maneira geral, vemos atualmente episódios lamentáveis vindo à tona em diversas áreas da sociedade, na política, nas relações familiares, nas igrejas e nos divertimentos. Um exemplo acontece, já há algum tempo, no futebol brasileiro: a disseminação de ódio nas redes e nos estádios por meio de ofensas racistas, machistas e homofóbicas. O entretenimento é um reflexo (e refluxo) do sistema da hipercompetitividade. Esse esporte, instituído como "paixão

nacional", obviamente também contribui com a cooptação cultural mercadológica por meio de ilusões de luxo e bem-estar associado ao consumo.

Byung-Chul Han, em seu livro *Bom entretenimento: uma desconstrução da paixão ocidental* (2019b), coloca que o entretenimento surge geralmente como algo superficial, efêmero e fugidio, constantemente associado ao que escapa ao natural e seduz pela ideia de luxo ou *status*. Segundo o autor, a essência de um "homem de luxo" seria "a alienação em relação ao natural ou a inclinação para o inatural. Assim, o homem de luxo tira da flor apenas o cheiro e produz 'artificialmente' o 'perfume', para poder usá-lo arbitrariamente conforme lhe convir" (HAN, 2019b, p. 62).

Han ainda reflete, acessando ideias de Kant, sobre o conceito de "felicidade" associado à satisfação egóica e individualista de desejos de maneira imediata:

> A felicidade não é o estado de um indivíduo isolado para si, 'para o qual, no todo de sua existência, tudo se trata do desejo e da vontade'. Essa representação da felicidade de Kant é infantil. A felicidade não significa que tudo ocorra imediatamente segundo o meu desejo. A felicidade tem uma estrutura de mediação muito mais complexa, que vai além da imediatez de uma satisfação imediata dos desejos. A felicidade também não é nenhum fenômeno da sensibilidade. Antes, ela se deve a uma mediação social, intersubjetiva (HAN, 2019b, p. 102-103).

O individualismo fundado em regras do mercado disfarçado de coletividade ou *fair play*, que tenta pregar uma ideia de positividade, beleza, ordem, limpeza e felicidade constante, geralmente não tolera a derrota, a diversidade ou o pensamento crítico e incentiva a produtividade acima de tudo e o lucro acima de todos. Há uma intenção, do sistema neoliberal, de doutrinamento moral por meio do entretenimento que acessa emoções ligadas ao desejo e a comparação, além da ideia de sucesso atrelada ao consumo. Segundo Han (2019b, p.116), "a narrativa do mito domina também o entretenimento". Os altos salários dos jogadores e dirigentes de futebol, por exemplo, em contraste com a miséria que a maior parte da população recebe.

Em um espetáculo produzido midiaticamente com patrocínios de empresas milionárias, joga-se com os sonhos dos menos favorecidos em um dia poder, por meio de seu possível talento, também fazer parte desse sistema de favorecimentos. Em grande parte, muitas crianças desde cedo são "incentivadas" por seus próprios amigos e familiares a entrar nesse mundo de

hipercompetição e hiperrendimento, em uma proporção extremamente desigual de competição e ilusão de justiça e merecimento chamada de maneira torpe e dissimulada narrativamente como “meritocracia”. Essa ideia é trabalhada como se o referido “sucesso” dependesse apenas e unicamente do esforço de cada um, ignorando as infinitas complexidades sociais, contextuais, culturais, físicas, biológicas, psicológicas, econômicas etc.

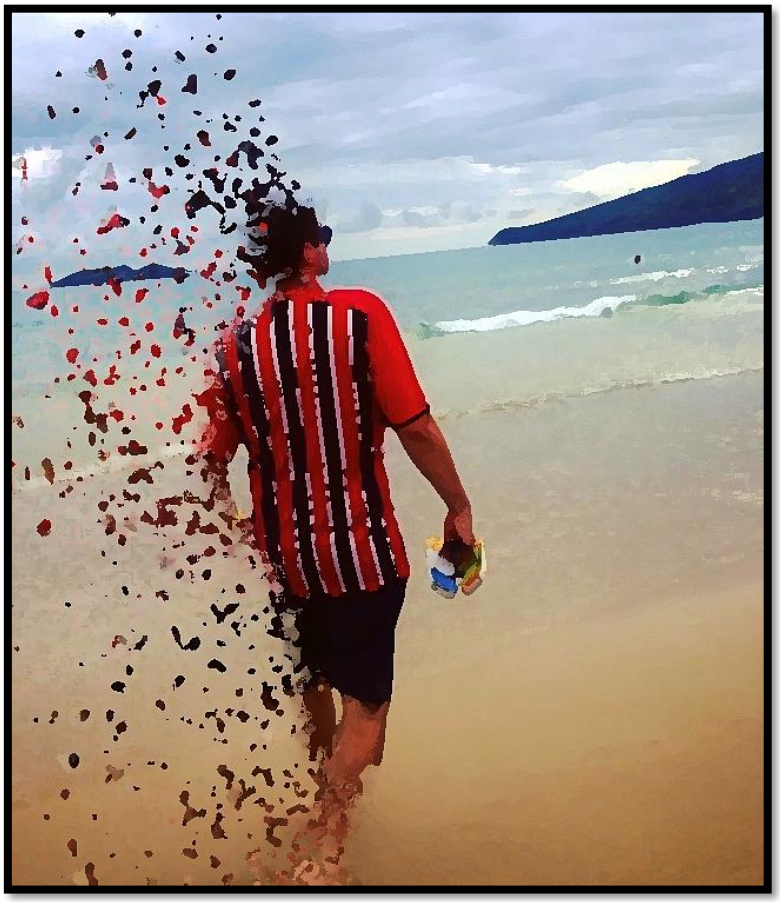


Figura 75 - "Desfragmentação". Fotografia, desenho e pintura digital. Fredé CF, 2019.

Segundo levantamento de 2016 da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), a enorme porcentagem de 96% dos atletas recebe como salário menos de cinco mil reais e 82,40% não chega nem à mil reais em meio a um mercado milionário como desse esporte.[50] Essa glamourização de determinados ofícios ajuda a causar distúrbios psíquicos e sociais tanto em quem é, quanto em quem não é favorecido (principalmente em quem não é). Além disso, traz implícita uma lógica perversa de que “quanto mais se ganha, menos se pode frustrar expectativas

50Disponível em: http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2016/02/em-relatorio-cbf-aponta-que-96-dos-atletas-ganham-menos-de-r-5-mil.html Acesso em: 15/09/2020.

alheias", incentivando a hipercomparação, aniquilando a subjetividade e atuando como uma forma de quantificar o qualitativo inquantificável e explorar as pessoas, desumanizando-as. Tudo isso provoca distorções sociais, em uma espécie de deslocamento da noção comercial das coisas para as emoções, dos produtos para as pessoas:

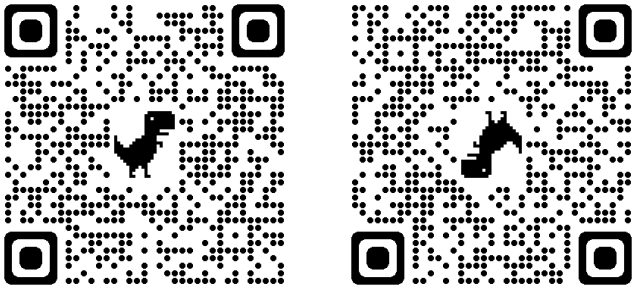
> Em sua versão artista ele (o capitalismo) não para de moldar produções destinadas a gerar prazer, sonhos e emoções nos consumidores. (...) solicitar as emoções, estimular os afetos e os imaginários, fazer sonhar, sentir e divertir. (...) um sistema conceptor, produtor e distribuidor de prazeres, de sensações, de encantamento (...) empenhado em operações que, apelando para os estilos, as imagens, o divertimento, mobilizam os afetos, os prazeres estéticos, lúdicos e sensíveis dos consumidores. O capitalismo artista é a formação que liga o econômico à sensibilidade e ao imaginário (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p.43).

Ao que Han (2019b) completa, afirmando que o entretenimento gera simulações de conforto e segurança gerando familiaridades aos indivíduos, mantendo-os em seus "úteros" ilusórios alienados e ordinários frente ao caos da existência. Segundo Han, o entretenimento não tem a função de romper, de separar o indivíduo dessas ilusões, mas sim de manter o que lhe é familiar em meio a um mundo de incertezas, anestesiando-o para dominá-lo com maior eficiência. Diferentemente, a criação artística sem intenções únicas de entreter se funda em tensões dicotômicas contrastantes (no ocidente), e em princípios de complementariedade (no oriente), porém sem a necessidade crucial de agradar, o que pode gerar indagações, reflexões e até mesmo angústias no sujeito que já não se vê mais em concordância com tudo.

> A concordância com o mundo [tal qual se apresenta institucionalmente] constitui a decadência. Também o entretenimento se baseia em uma concordância com aquilo que *é*. Sim, ele pode mesmo *produzi-la primeiramente* ou, pelo menos, preservá-la. A angústia como fermento da existência autêntica se exterioriza, em contrapartida, *negativamente*. Ela desfaz 'todo reforço da existência já alcançada'. Ela faz do ser-aí *sem casa*, ao arrastar o ser-aí pra fora do mundo com que ele está familiarizado. O entretenimento, em contrapartida, tem de fazer o ser-aí *se sentir em casa* no mundo *atual*. (…) Entretenimento [*Unterhaltung*] é manutenção da casa [*Haus-Haltung]*. (…) Na decadência, o ser-aí não se esforça para ir além do conhecido e do familiar. A concordância com o mundo é a sua constituição. (HAN, 2019b, p. 145/146)

Dessa forma, o entretenimento determina os limites de controle social sobre os sujeitos, instituindo que aquilo que não se adequar a essas normas instituídas enquanto ideais estará à margem do "sucesso" (que, como já dito, está

associado ao consumo pelo sistema). Tudo o que escapa dessas determinações é potencialmente estranho, uma vez que projeta o indivíduo para fora de uma ilusão de bem-estar e acomodação. É por aí que eu caminho artisticamente. Buscando o estranhamento em relação a essas condições idealizadas de felicidade adequada ao sistema.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

O entretenimento, segundo Han, tende a apagar o brilho das subjetividades, padronizando características que nos tornam únicos no mundo, unificando as manifestações humanas em função do mercado e o lucro, para que assim haja um determinado controle sobre os desejos projetados como objetos fetichizados (à luz do pensamento marxista). Penso que é importante compreender que, como nada é estanque e tudo está constantemente se transformando, se renovando, se metamorfoseando, também assim é a vida. Todos os dias a vida se transmuta em morte e a morte faz nascer novas vidas. Essa é uma lei que ainda não podemos mudar, de fato, de maneira artificial.

Por isso talvez que a arte visceral se aproxime tanto da ideia de vida, por estar sempre vislumbrando a morte em determinados aspectos processuais intrínsecos a suas experimentações. A morte das certezas, das verdades, das solidificações. A HQ “Vil Existência?” de Gazy Andraus (1987) trata poeticamente acerca disso. O autor pondera sobre as relações processuais que reconfiguram a obra original de 1987 por meio das novas tecnologias, transformando-a em “HQtrônica”[51]. Filosoficamente, pela narrativa da HQ, Gazy aborda questões aqui colocadas. A morte do “estar em casa”, como aponta Han. A “morte” da

[51] Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2012-10_Vil_existe%CC%82ncia.pdf

segurança, das preconcepções que, ao ruírem, proporcionam a entrada de luz e o surgimento da vida, renovando o ciclo de transmutação.

Esqueça os dados. Não adianta lançá-los. A morte é implacável. Viver até morrer.



Figura 76 - HQ "Vil Existência?" de Gazy Andraus (1987).

Segundo Han (2019b), atualmente o entretenimento ganha bastante força em meio aos simulacros e simulações cotidianas que estamos imersos, se tornando um poderoso instrumento de cooptação e reconfigurando as maneiras de ser e estar no mundo:

> O entretenimento se eleva a um novo paradigma, a uma nova fórmula de mundo e de ser. Para *ser*, para pertencer ao *mundo*, é preciso ser algo que entretém. Apenas aquilo que entretém é *real* ou *efetivo*. Não é mais relevante a distinção entre mundo fictício e mundo real, à qual o conceito de entretenimento de Luhmann ainda se aferra. A própria *realidade* parece ser um *efeito* do entretenimento. A totalização do entretenimento pode aparecer como declínio para o espírito da paixão. Em seu fundamento, porém, paixão e entretenimento são irmanados. (…) Não é por acaso que o artista da fome de Kafka, como figura da paixão, e seu animal hedonista, apesar de suas diferentes compreensões do tempo e da liberdade, habitam *a mesma jaula*. Eles são, de fato, duas figuras no *circo*, que *sempre se alternarão* (HAN, 2019b, p. 206).

Vemos também na educação um movimento nessa direção. A educação a serviço do mercado, com professores *"entertainers"* esgotados que, pra manter seus empregos (já extremamente subvalorizados em nosso país), buscam produzir mais do que lhes compete, em uma autoexploração intelectual, física e emocional. Professores que cada vez mais se assemelham à *youtubers*. Nessa lógica, os alunos passam a ser tratados como clientes, como um mero espectador a ser impressionado e seduzido/hipnotizado, enquanto os professores são tidos como vendedores que devem cooptar, arrancar *likes*, visando o lucro, o mercado e a produtividade como objetivo maior.

Um sistema focado em formar profissionais rasos e cada vez mais hiperespecializados, com pouca (ou nenhuma) visão holística, compreensão multiperspectívica e reflexiva sobre o mundo em toda sua complexidade. Uma espécie de "tutorial mekHanTrópico" a ser seguido. O pensamento crítico, a ponderação, o raciocínio, a sensatez, a imaginação e a criatividade (aspectos que desenvolvem a empatia), dão lugar à simples, apáticas e irrefletidas execuções práticas e absorções automatizadas de conteúdo. Uma ilusão em função de um discurso por "maior eficiência", uma vez que pensar, compreender e refletir sobre as ações requer também tempo e pausas como partes fundamentais dos processos educacionais.

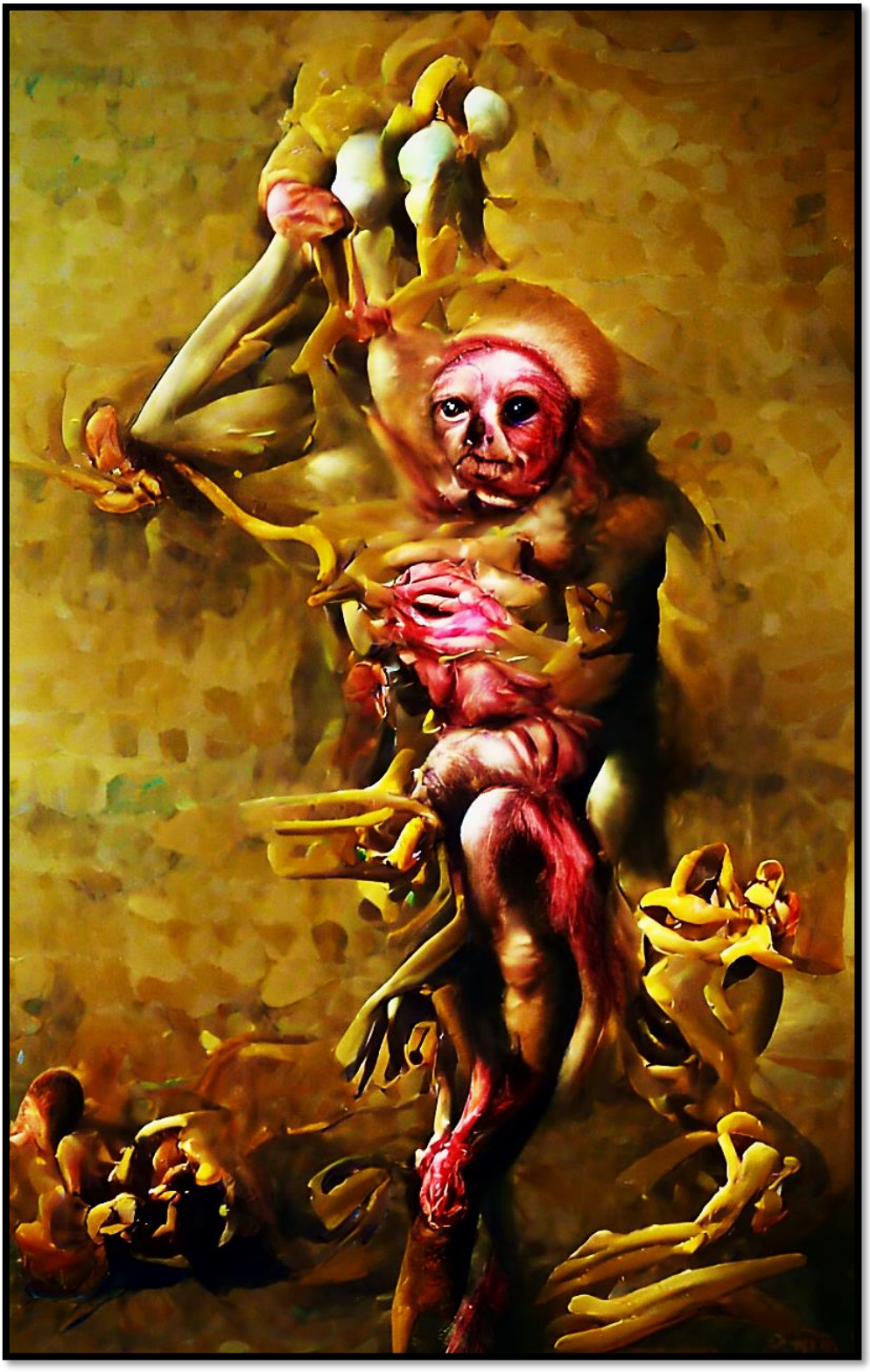


Figura 77 - "HumanCron". Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

Formam-se cada vez mais “mekHanTropos” para operar o sistema como peças do mecanismo que, se de alguma maneira desagrada (contestando ou questionando), é descartado e substituído com os direitos cada vez mais

reduzidos. Rosi Braidotti (2019, p. 21) coloca que agora os professores são transformados em “empreendedores da mente” e do conhecimento e isso tem ascendido distúrbios psicoemocionais e modificado profundamente as relações educacionais:

> In the last forty years, the public university (…) has been transformed (…) to a privatized enterprise, oriented toward business and its own self-accumulation (…). The neo-liberal re-organization of the institution of the university was implemented through practices like: the academic star system (…), the research audits, the output metrics and the quantification of impact assessment, the privatization of higher education, the emphasis on monetarization of results through systemic grants and fund-raising, etc. (…) The stress in academia exceeds that of the general population and the working conditions are unappealing and counter-productive. The neo-liberal governance of universities means that the much-praised flexibility of hours results in academics working all the time; the precarious contracts cause insecurity and stress. The daily life of academics is threatened by expanding class sizes, pervasive technologies and excessive administration (BRAIDOTTI, 2019, p. 25/26).[52]

É a “uberização” da educação, o que resulta em muitos dos próprios professores serem subjugados, reduzidos, alienados e cooptados a essa condição de peça operacional sem ter opção de se opor. Segundo Braidotti (2019, p.26), isso reduz a universidade – espaço importante para a pesquisa, pensamento crítico e livre –, a empresas onde o conhecimento é um produto. A autora coloca que a caça às artes e humanidades que vem sendo operada também corrobora com o anti-intelectualismo e com a mercantilização da educação, pois elimina cada vez mais o pensamento crítico da sociedade.

Outro fator recorrente nos tempos atuais é que se educadores permanecem muito tempo em uma instituição, são trocados por outros com horas-aula mais baratas ou por novas tecnologias. Não se leva tão mais em conta as qualidades subjetivas/individuais dos profissionais, mas, fundamentalmente, o custo do

[52] “Nos últimos quarenta anos, a universidade pública (…) transformou-se (…) numa empresa privatizada, orientada para o negócio e para a sua auto-acumulação (…). A reorganização neoliberal da instituição da universidade foi implementada através de práticas como: o sistema de estrelas acadêmicas (...), as auditorias de pesquisa, as métricas de produção e a quantificação da avaliação de impacto, a privatização do ensino superior, a ênfase em monetarização dos resultados através de subvenções sistémicas e angariação de fundos, etc. (…) O stress na academia excede o da população em geral e as condições de trabalho são desagradáveis e contraproducentes. A governança neoliberal das universidades significa que a muito elogiada flexibilidade de horários resulta em acadêmicos trabalhando o tempo todo; os contratos precários causam insegurança e estresse. A vida cotidiana dos acadêmicos é ameaçada pela expansão do tamanho das turmas, tecnologias difundidas e administração excessiva” (BRAIDOTTI, 2019, p. 25/26). Tradução nossa.

profissional à empresa e a produtividade. Isso acontece muito em diversas instituições de ensino superior no Brasil (em especial na rede privada) e a pandemia corroborou ainda mais com o aumento dessas explorações sobre a disponibilidade de carga horária e diminuição de remuneração docente, além de provocar a mistura a vida privada/particular dos professores, alunos e funcionários das instituições com o trabalho/aula remoto, condensando diversos aspectos da pluralidade da vida a uma única tela, além da precarização dos direitos trabalhistas e do trabalho docente.

Valdez caminha no mato, visualiza teiús, araras, árvores e uma paisagem deslumbrante. Ouve barulhos de água, uivos e batuques distantes. Enquanto isso ele ouve sua própria voz dizendo: "esse foi meu primeiro sonho. Ao menos, o primeiro que ainda me lembro e que sempre se repete. Recluso, escondido na selva da minha mente. Mergulhado nas sombras da minha alma. Aninhado no que restava do passado, com medo do futuro, no presente...Presente! Palavra estranha nesses tempos ordinários de tanta cobrança e egoísmo.

[Uma mensagem chega em seu celular]

Valdez acorda em seu carro, confuso, olha a tela do celular e há uma propaganda dizendo: "venha se refugiar conosco em meio a natureza! A felicidade, de fato, está no mato! Não perca tempo! Reserve agora e venha para nossa reserva natural secreta! Dividimos em 10 vezes sem juros. Uma exclusividade feita com muito carinho só para você! Clique agora para saber mais!".

Ele ouve ao fundo, de maneira crescente, o som da campainha ansiosa que se intensifica. Então ele acorda novamente, agora deitado no sofá de sua sala, como de um sonho dentro de um sonho. Valdez vai até a porta, abre e não há ninguém. Ele pega o celular e vê uma mensagem de número desconhecido que diz: "somos o único bicho que paga para viver no planeta. Ou éramos...Não mais, bicho."

Valdez olha para a mesa e vê que o desenho do lobo ancestral ainda está lá junto com o outro ("Cavalo de Carroça"). Ele pega o desenho, pega a chave do carro e caminha para a porta. Ao abri-la, vê uma fogueira e um espelho onde vai se olhar e vê sua imagem transmutando-se em um grande canídeo negro.

Valdez se depara frente a frente com ele mesmo e pergunta:

[Valdez 1]: "quem é você? Antônio?"

[Valdez 2]: "Não...me chamo Valdez, mas Francisco Valdez."

[Valdez 1]: "não entendo. Você é meu irmão gêmeo? Meu clone?"

[Valdez 2]: "não...Eu sou você. Deslocado no espaço e no tempo ordinário. Uma possibilidade sua que se desenvolveu a partir de um encontro entre universos...Em outras

dimensões. Uma espécie de sombra negada, não refletida, que ganhou vida própria e se materializou aqui, em frente a você, te acordando para o funcionamento do que chamam de 'inferno do igual'."

[Valdez 1]: "tipo...Isso é coisa da minha cabeça, não é? Uma peça pregada pela imaginação…"

[Valdez 2]: "e o que não é imaginação? Mas se você quer saber se eu existo...Sim, seu existo. Assim como você é e está, também sou e estou. E digo mais: recebi uma carta que diz muito sobre você e eu alocados em diferentes dimensões."

[Valdez 1]: "mas que diabos…"

[Valdez 2]: "tem a ver com o malware H6N66, Valdez, que veio com o vírus HumanCron. Assim eles nos controlam...Precisamos falar sobre isso."

[Valdez 1]: "O que? H6n66? HumanCron? Que papo é esse?"

[Valdez 2]: "MekHanTropos...assim que eles se transformam...com esse vírus que altera o DNA. Assim querem nos transformar. Mas fique tranquilo...eu descobri uma cura...O Cão Breu é o caminho. Ele está olhando para nós."

Valdez 1 pragueja Valdez 2, vira as costas e sai correndo no mato. Próximo a uma cachoeira, ele vê um cão preto se refrescar.

Ao se virar para fugir, se depara com uma outra versão sua, mais velho e vestido de vermelho, que lhe diz: "Fritz, você ainda tem o totem que lhe foi entregue por minha esposa quando era criança? Uma caixa contendo um oráculo do Cão Breu, você se lembra disso? Com umas cartas e dados envoltos por um pano mágicko?"

("MekHanTropia: O Cão Breu". Escrito por Fredé CF. Confraria Anti-MekHanTrópica, 2022).

Todavia, por outro lado, abre-se também um certo espaço para a resistência. Muito educadores, pesquisadores e artistas utilizam as redes de maneira estratégica para criar ruídos ao sistema, que também abre brechas para esses ruídos. Muitos destes profissionais criam canais de comunicação em plataformas como o YouTube, Facebook ou Instagram, por exemplo, com o intuito de provocar o pensamento crítico e reflexivo sobre temas diversos, em um movimento de escape da MekHanTropia instituída através das próprias ferramentas mekHanTrópicas. Essas pessoas implodem o sistema de dentro para fora, por meio de conteúdos que atingem um público consideravelmente maior que uma sala de aula comum, algo que antes das redes e fluxos digitais seria praticamente impossível. Essa resistência é fundamental e ganhou adeptos com o confinamento pandêmico e a necessidade de trabalho remoto provocada.



Figura 78 - Eu e o Ciberpajé recebendo o Prêmio Consuni – UFG em reconhecimento pela produção artística, atuação na educação e pesquisa. 2021.

A Comunicação Social foi também uma das áreas que tiveram um grande quantitativo de trabalhadores que continuaram exercendo suas funções presencialmente nas empresas durante todas as fases da pandemia. Uma investigação realizada pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT), conduzida por pesquisadores de Instituições Superiores de Ensino de São Paulo, Minas Gerais, Ceará e Paraná analisou, como amostragem, entrevistas com profissionais da área de Comunicação Social sobre questões relacionadas ao trabalho durante a pandemia. Os estudos apontam que as preocupações profissionais são inúmeras. Entre elas se destacam o cansaço, a insegurança com o futuro, o temor com relação ao contágio e à vida de seus familiares, o medo de perder emprego e contratos e de terem seus salários reduzidos.

A partir do que afirmaram os 557 comunicadores entrevistados, os pesquisadores concluíram que:

1) Há um aumento significativo das jornadas de trabalho;

2) Há intensificação da atividade laboral, com uso de equipamentos próprios, cujos custos oneram o comunicador;

3) Intensificou-se o uso das plataformas e aplicativos no processo produtivo para a organização, controle da gestão do trabalho, da rotina produtiva e, sobretudo, do fluxo de informação.

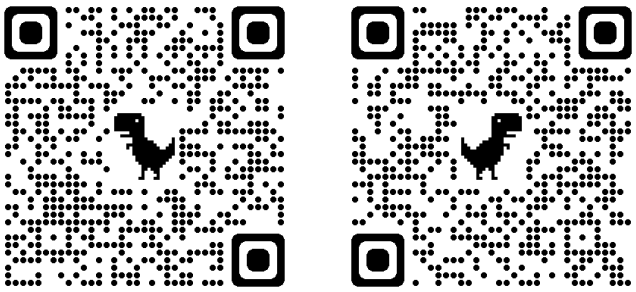
4) As empresas, em geral, adotaram o home office e, quando a atividade não permite o distanciamento, criaram turnos mistos, presencial e a distância, nesses casos, a adoção de EPIs se apresenta como um complicador da relação trabalhador-empresa-público. (FIGARO et al., 2020, p. 1)[53]

Neste sentido, acesso reflexões geradas por Márcio Seligmann-Silva que, em sua obra *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução* (2018), coloca que:

> Hoje em dia (...) na era 'pós-trabalho', a figura das massas foi diluída: a televisão já anunciava esse movimento que agora se concretiza com a internet. (...) Agora o indivíduo está 'conectado' sem sair do seu lugar. Assim traça-se também novamente a linha de demarcação entre as esferas privada e pública. Em termos da rede, tal linha praticamente não existe mais. (SELIGMANN-SILVA, 2018, p. 21)

Ainda há o fato de, por meio de ameaças de demissão ou perseguição interna, determinadas instituições "coagem" seus empregados a depor contra a própria classe. No caso do setor educacional ao qual também me insiro profissionalmente, vi casos que, em ocasionais processos judiciais que se dão contra a IES, a empresa/IES coagir professores a participar como testemunha em processos de ex-colegas de trabalho contra a instituição. E o pior, posteriormente, ao serem também descartados e entrarem com ação judicial contra a IES, a empresa usa os depoimentos desses profissionais para desfavorecê-los nas ações, já que estes produziram provas contra si mesmos na condição prévia (e coagida) de testemunha nos processos de ex-colegas.

53Artigo disponível em: http://www.revistatdh.org/index.php/Revista-TDH/article/view/76/43 Acesso em: 17/09/2020.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Utilizo essas práticas como referenciais poéticos em meu universo ao pensar sobre aspectos colaborativos no mundo atual, além de questões de afeto nessas relações cada vez mais devoradas pelo mercado. Outro ponto importante é pensar sobre a autenticidade das produções artísticas quanto à intencionalidade genuína de determinadas obras em função do mercado ou não, ou seja, as diferenças entre as ideias de "arte" e "entretenimento", sendo a segunda mais voltada ao lucro que à criação de novas formas de sentir e experienciar a vida. Como disse o artista e mago dos quadrinhos, Alan Moore, "Não é o trabalho de um artista dar ao público aquilo que o público quer. Se o público soubesse o que quer, eles não seriam o público, e sim o artista. É o trabalho de um artista dar ao público o que ele necessita."[54]

O "artista" dá o que ele acha (e capta com suas "antenas" poéticas) que o público precisa. O artista, muitas vezes, coloca o dedo nas feridas da sociedade, chamando atenção para aspectos importantes a serem refletidos. Já os ditos "entertainers" dão aquilo que o público (acha que) "quer" em troca apenas de dinheiro, assim se tornam escravos do sistema e não criadores livres de arte. Dinheiro é ruim aos artistas? Claro que não. E não é esse o ponto. O ponto é a liberdade de criar arte sem se prender ou submeter poeticamente ao que o mercado determina. O artista se atenta à poética, estética, ética, transformação, transmutação, pensamento crítico do público, da sociedade e, sobretudo, dele mesmo como artista. Independente do mercado gostar ou não.

Diversos músicos questionaram ultimamente como as plataformas de streaming usurpam e exploram os artistas. O baterista da banda Sonic Youth, Steve

54Ver: https://www.saindodamatrix.com.br/alan-moore-arte/ Acesso em: 25/10/2021.

Shelley, compartilhou, em sua conta do Facebook, o seguinte texto assinado por Robert Brown:

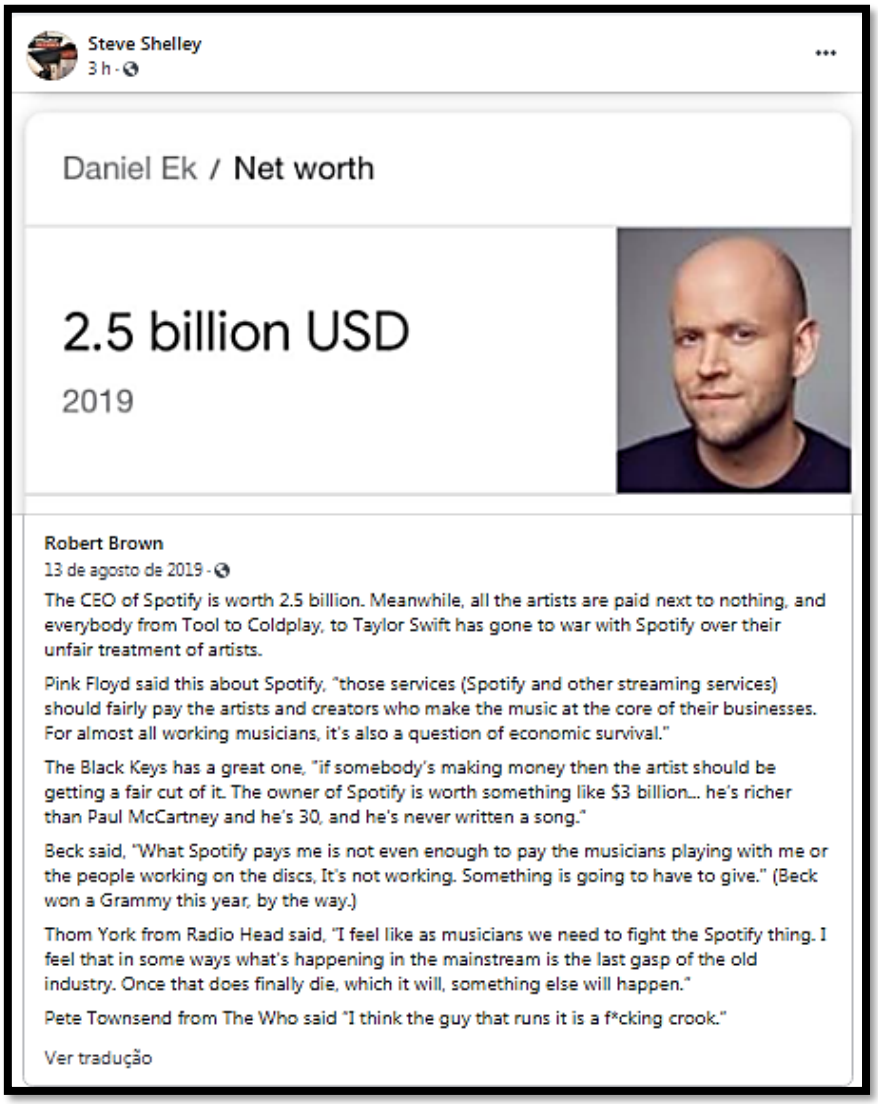


Figura 79 - Postagem de Steve Shelley sobre o CEO do Spotify.

> The CEO of Spotify is worth 2.5 billion. Meanwhile, all the artists are paid next to nothing, and everybody from Tool to Coldplay, to Taylor Swift has gone to war with Spotify over their unfair treatment of artists.
> Pink Floyd said this about Spotify, “those services (Spotify and other streaming services) should fairly pay the artists and creators who make the music at the core of their businesses. For almost all working musicians, it's also a question of economic survival."
> The Black Keys has a great one, "if somebody’s making money then the artist should be getting a fair cut of it. The owner of Spotify is worth something like $3 billion... he’s richer than Paul McCartney and he’s 30, and he’s never written a song.”
> Beck said, “What Spotify pays me is not even enough to pay the musicians playing with me or the people working on the discs, It's not

> working. Something is going to have to give." (Beck won a Grammy this year, by the way.)
> Thom York from Radio Head said, “I feel like as musicians we need to fight the Spotify thing. I feel that in some ways what's happening in the mainstream is the last gasp of the old industry. Once that does finally die, which it will, something else will happen.”
> Pete Townsend from The Who said “I think the guy that runs it is a f*cking crook. [55]

Tais reflexões sobre os meandros do neoliberalismo, a partir da criação de “dispersões” com aparências de “conexões”, entram em confluência e me auxiliam a pensar e articular os conceitos relativos ao universo ficcional narrativo da minha obra que venho construindo para tratar sobre esses processos a partir de reflexões minhas em contato com outros artistas e pensadores.

2.2.3. Aprofundando no conceito: o que nos mata e escraviza

“You say you want a revolution
Well, you know
We all want to change the world
You tell me that it's evolution
Well, you know
We all want to change the world
But when you talk about destruction
Don't you know that you can count me out (in)”
(The Beatles)

55 “O CEO do Spotify (Daniel Ek) vale 2,5 bilhões. Enquanto isso, todos os artistas recebem quase nada, e todos, de Tool a Coldplay e Taylor Swift, estão em guerra com o Spotify por causa do tratamento injusto que dispensam aos artistas. O Pink Floyd disse sobre o Spotify: ‘esses serviços (Spotify e outros serviços de streaming) deveriam pagar de forma justa os artistas e criadores que fazem a música no centro de seus negócios. Para quase todos os músicos que trabalham, é também uma questão de sobrevivência econômica.’ (O grupo) The Black Keys tem uma ótima: ‘se alguém está ganhando dinheiro, o artista deve receber uma parte justa dele. O proprietário do Spotify vale algo em torno de US $ 3 bilhões...ele é mais rico do que Paul McCartney e tem 30 anos, e nunca escreveu uma música.’ Beck disse: ‘O que o Spotify me paga não é nem mesmo o suficiente para pagar os músicos que tocam comigo ou as pessoas que trabalham nos discos. Não está funcionando. Algo terá de acontecer.’ (A propósito, Beck ganhou um Grammy este ano.) Thom York, do Radiohead, disse: ‘Eu sinto que, como músicos, precisamos lutar contra o Spotify. Eu sinto que, de certa forma, o que está acontecendo no mainstream é o último suspiro da velha indústria. Assim que finalmente morrer, o que acontecerá, outra coisa acontecerá.’ Pete Townsend, do The Who, disse: ‘Acho que o cara que comanda é um vigarista de merda’.” (Tradução nossa. Postagem original disponível em: https://www.facebook.com/steve.shelley.549/posts/10160921551269848 Acesso em: 01/08/2023).

Em meu trabalho busco também desvendar, a partir das teorias críticas, Estudos Culturais, métodos e processos de criação e reflexão em Arte e Cultura Visual, algumas formas como as relações de cooptação, ilusão e sedução do sistema são estabelecidas no sentido de induzir os indivíduos a uma condição de renúncia às subjetividades e à unicidade enquanto ser, padronizando e reduzindo os indivíduos a peças operacionais do sistema, como engrenagens.

Tais ideias convergem com o pensamento de Byung-Chul Han (2017b) no que tange à passagem de uma "Sociedade Disciplinar" (baseada na negatividade do "dever") para uma "Sociedade de Desempenho" (baseada na positividade do "tudo poder"[56]). Segundo Han, o indivíduo atual "explora a si mesmo deliberadamente. É agressor e vítima ao mesmo tempo" (2017b, p. 28). Uma espécie de autoflagelação funcional grotesca que pode ser transferida e ressignificada de maneira a melhor fluir por diferentes linguagens por meio da prática artística. Deve-se atentar que o "estranho", à luz de Bauman (1998) e Freud (2020), agora não vem só de fora, mas também de dentro. E uma das formas de lidar com esse "estranho" inquietante familiar é pela arte, transmutando a realidade ordinária e ressignificando as sombras que nos compõem para tentar integrá-las como parte de si e melhor compreendê-las.

Meu completo estranho
Me olha do espelho
Segue os meus passos
Me rouba os desejos

Um perfeito estranho
Se esconde em minhas sombras
Domina os meus lábios
Ignora minha honra

Meu completo estranho
Projeta minhas desgraças
Vive do silêncio
Integra minha alma

56Referência ao slogan de campanha do presidente estadunidense Barack Obama: *Yes, we can!*

Temido estranho
Invade os meus sonhos
Conduz o meu corpo
Chora os meus prantos

Meu completo estranho
Não liga pro que penso
Me afasta do que acredito
Fomenta o meu lamento

Doce estranho
Me bloqueia os pulmões
Age em meu nome
Com sangue treme minhas mãos

Meu completo estranho
Inocente escuridão
Irracional e obtuso
Não pretende ter razão

Inquietante estranho
Me escapa da sorte
Fraco, tenso e gelado
Brinda suado com a morte

Meu completo estranho
Olha dos meus olhos
Explode a minha mente
Declara guerra à minha paz.

["Estranho no ninho (Das Unheimliche)". Fredé CF, 2023].

Os anseios da segunda metade do século XX, relativos às ideias de liberdade, paz, amor e combate às censuras, foram transformados na virada do século. Deram lugar a uma sociedade que já não se prende tanto a valores sólidos de instituições disciplinares restritivas e punitivas (FOUCAULT, 1987), mas,

diferentemente, vive internamente sob intensa vigia (e vigília) a partir do desenvolvimento das tecnologias digitais e da imanência da positividade. Antes da pandemia nos assolar, vivíamos de forma mais irrestrita. Agora, após ficarmos subitamente confinados, entramos em contradição com esse ideal que nos acalentava ilusoriamente.

Tais fenômenos são determinantes para a ascensão de uma violência sistêmica contra a essência do sujeito enquanto ser natural e social. Adoecem e matam aos poucos o indivíduo, gerando novas angústias e conflitos patológicos psicoemocionais, como o TDAH, a depressão e o *Burnout*. Essas transformações e mudanças de "configuração" referentes ao ser humano são cruciais para compreender as vicissitudes artísticas e sociais que aqui tento amarrar enquanto conceito. Segundo Han:

> a lamúria do indivíduo depressivo de que *nada é possível* só se torna possível numa sociedade que crê que *nada é impossível*. (...) A queda da instância dominadora não leva a liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. (...) O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma autoexploração do *outro*, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado (HAN, 2017b, p. 29).

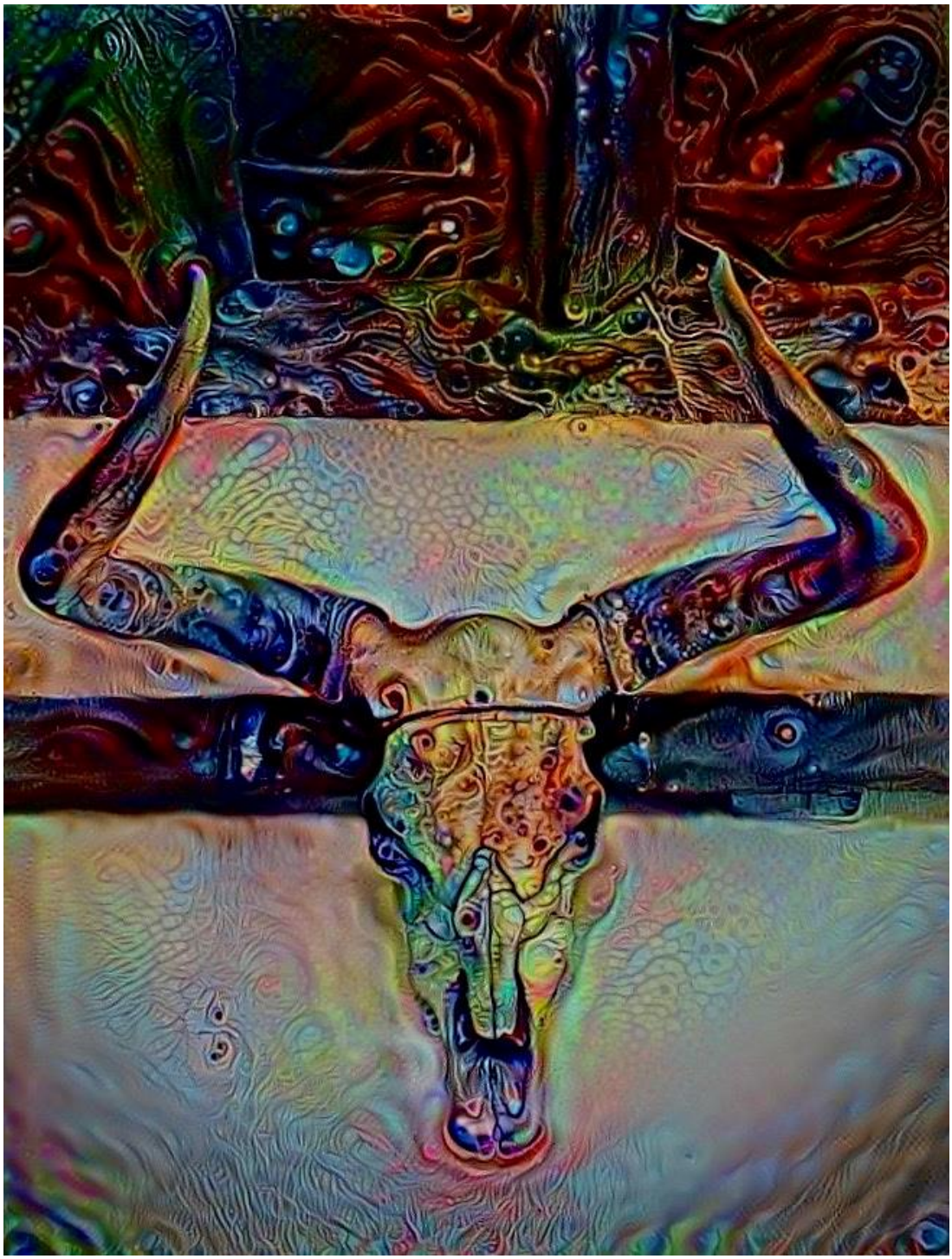
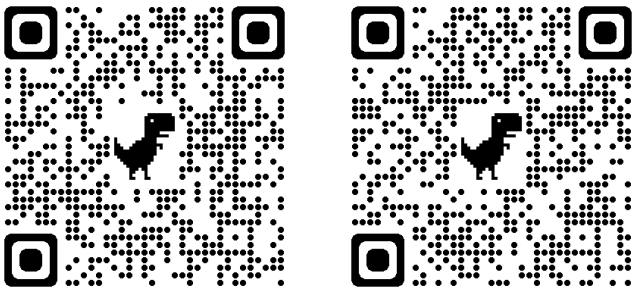


Figura 80 - "Morto". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé, 2021.

Vemos agora quiçá o declínio de um sonho de liberdade e um blefe de que vivemos em tempos de maior livre-arbítrio. Há uma alteração induzida dos modos como lidamos e vemos o mundo. Uma inversão de valores acerca de quem somos/éramos em essência frente uma (sub)existência servil e controlada decorrente de nossa atual relação com o sistema neoliberal institucionalizado e suas ferramentas tecnológicas de controle voluntário cada vez mais eficazes.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Tal pensamento induz a uma condição de renúncia a nós mesmos enquanto animais orgânicos, direcionando-nos a uma MekHanTropia adoecida, em uma cultura que centra sua intenção narrativa sobre o imaginário coletivo na ideia de superação de metas, produtividade e desenvolvimento financeiro e econômico, esquecendo os limites naturais e as consequências que tudo isso causa.

A atual pandemia evidenciou tais aspectos e acentuou as dispersões de humanismo que ainda nos restam. Devido às possibilidades de contágio, foram suspensos encontros e afetos presenciais; estipulados limites rígidos de contato; e determinadas relações mais intensas de dependência entre as pessoas e as máquinas. Tudo isso ainda incentivado mercadologicamente pela ideia de quantificação da produtividade pelas redes e fluxos digitais, muitas vezes aumentando a pressão sobre a quantidade de trabalho e sufocando valores qualitativos que formam o indivíduo em sua unicidade.

Tenho buscado as ideias de transmutação, mudança, fluxo, transformação, metamorfose, tão presentes no pensamento da humanidade desde a antiguidade, sobre a constância e a velocidade das mudanças na vida. Observo que cada vez mais há um movimento no discurso do sistema, apoiado pelo mercado, em direção à mudança, ao novo, à fluidez de que nada é feito para durar e, portanto, se deve consumir ilimitadamente. Isso objetifica as relações sociais e naturais da vida extinguindo os ciclos e limites que atuam como proteção, transformando tudo em coisas que devem servir ao ser humano de maneira inesgotável, aumentando o ritmo cada vez mais acelerado da vida.

Eu vou aonde os perdidos estão
Vou lá me encontrar
Me encontro em mim ao lado deles
Mas não dependo deles
Só de mim
Sem futuro ou passado
Mas com sonhos presentes
Amalgamados
Pra alegrar a face
Sublimar as dúvidas
Entender o abstrato
Que aqui habita
Sonhos
Não mentiras
Mentira é torpe
Vazia
Sonho é múltiplo
Preciso
Não para de dizer adeus
Até voltar
Pegar minha alma
Soltar meus gritos
Uivar ao infinito
Voar
Não sou tesoura
Não corto as asas
Sou o vento
Pode mergulhar
Zumbis não sonham
Grunhem em gaiolas
Deixaram de voar
Por medo ou preguiça
Corrompidos por mentiras
Pelo sistema
Cheio de problemas
Entregaram suas vidas
Mortos-vivos de MekHan Tropia

Perderam-se em delírios
Tempos dados para alguém sonhar
Por eles
Sem eles
Liberdade é viver o delírio
Sem hesitar
Sonhar por si só
Rir e chorar
Se entregar pro que está
Cheio de não estar
Olhar dentro de si
Com ação
Sem pressa
Sem perder tempo
Atravessar o coração
Semear o chão da realidade
Validada
Vida prática
Bicho-Sonho
Solto
Além da razão
Entorpecido na emoção
Criando em meio à destruição
Novos sonhos
Novas artes
Novas vidas
Novos ares
Sem tantas informações
Sem ter que dar satisfações
Sem julgamentos
Livre de agrados
Livre do mercado
Livre de lamentos
Longe de tormentos
Desnecessários
Críticas vazias
Hipocrisias

Maldades
Intenções venenosas
Cheio de satisfação
Curar o que restou
Em meio a contradição
Cheio de afetos
Mais redondo que quadrado
Pulsão
Instinto
Animal selvagem
Bicho-Sonho
Solto
Cheio de tesão
Pela vida
Sem medo do encantamento
Sem como ou porquê
Com amor
Faço!
O que um bicho como a gente faz
(sobre)Viver
Sem se esquecer dos sonhos
Sem deixar pra lá o que é
Brindar sozinho
O que move
O que excita
O que quer fazer
Acontecer
Mesmo distante
Tão longe
Aqui perto
Nada permanece estanque
Mesmo que isso se ajuste
Sempre mude
Nu, mute
Por você
Genuíno
Eterno

Mutante
Sem morrer em vida
Pra envelhecer vivo
Até morrer, de fato
Em paz
Por ser sempre
Vivo!
Antes de morrer
Seu Deus é você
Perdido, mas não de si
Livre!

["Bicho-sonho, Bicho-solto". Foto-poesias MekHan Trópicas. Fredé CF, 2023].

Porém, concomitantemente, somos também induzidos a certo apego com a estabilidade que vem associada narrativamente a determinados estilos de vida e à aquisição ilimitada de bens materiais, nos prendendo a certas marcas e nos tornando constantemente dependentes de determinados produtos supérfluos, além da obsolescência programada dos produtos que nos força a renovação do consumo constante.

Rosi Braidotti, em seu texto *Transposiciones: sobre la ética nomada* (2006), explica que:

> El tan celebrado fenómeno de la globalización y sus tecnologías realiza el truco del mago: combina la celebración eufórica de las *nuevas* tecnologías, la *nueva* economia, los *nuevos* estilos de vida, las *nuevas* generaciones de dispositivos, tanto humanos como tecnológicos, las *nuevas* guerras y las *nuevas* armas, com el más absoluto rechazo social del cambio y la transformación. Em un doble vínculo esquizofrénico, la fe consumista y socialmente alentada em lo *nuevo* supuestamente debe no solo, adecuarse, sino además inducir activamente al repudio de todo cambio profundo. Así, el impacto potencialmente innovador, desterritorializador, de las nuevas tecnologías a aparece obstaculizado y transtornado por la reafirmación de la fuerza gravitacional de los viejos valores establecidos (BRAIDOTTI, 2006, p. 17).[57]

[57] "O tão celebrado fenômeno da globalização e suas tecnologias faz o truque do mágico: combina a celebração eufórica das *novas* tecnologias, da *nova* economia, dos *novos* estilos de vida, das *novas* gerações de dispositivos, tanto humanos como tecnológicos, das *novas* guerras e das *novas* armas, com a mais absoluta rejeição social de mudança e transformação. Num duplo vínculo esquizofrênico, supõe-se que a fé consumista e socialmente encorajada no *novo* não apenas se adapte, mas também induza ativamente o repúdio a toda mudança profunda. Assim, o impacto potencialmente inovador e desterritorializante das novas tecnologias parece ser tolhido e perturbado pela reafirmação da força gravitacional dos velhos valores estabelecidos" (BRAIDOTTI, 2006, p. 17). Tradução nossa.

Essa contradição contrastante entre transformação/fluidez versus apego/inércia talvez seja uma grande fonte de mal-estar nos indivíduos, causando um vazio de propósito existencial, calcado pelo embate entre a estabilidade dos mercados e a instabilidade natural da existência. Ao mesmo tempo que a vida se institui de forma impermanente, no caos dos fenômenos, busca-se uma permanência ilusória de padrões e práticas que emperram a fluidez natural.

O acúmulo exagerado de bens e dados, bem como o descarte mal elaborado (potencializado em quantidade e frequência pelo hiperconsumo) de resíduos de difícil absorção, destroem o habitat e causam desconexões entre a informação e a ação, pela aceleração dos processos. Agimos na contramão da fluidez transmutacional da vida, extinguindo as pausas e acelerando a morte de nós mesmos enquanto parte do sistema natural planetário. Ao valorar os processos naturais da vida em função do capital, desintegramo-nos de Gaia e remamos contra nós mesmos na correnteza existencial, gerando barreiras de auto boicote à nossa essência orgânica e emperrando nosso movimento em meio ao lixo em excesso que produzimos.

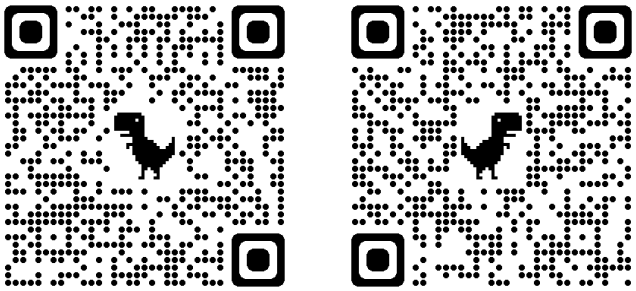


Figura 81 - "Desintegração". Fotografia digital. Fredé CF, 2019.

A respeito da situação pandêmica atual, Franco Berardi, na já citada entrevista ao *El País*, coloca:

> Agora vejo uma espécie de divisor de águas, uma espécie de salto em uma nova dimensão que é simultaneamente perigosa e desafiadora, mas também reveladora. Literalmente apocalíptica. O isolamento está relacionado à inevitável expansão da atividade online, da experiência online. Ficaremos assustados com a proximidade, ficaremos incapazes de beijar os lábios de uma pessoa que deseja ser beijada? Ou, ao contrário, estaremos cansados das trocas online e desejosos de ternura, sensualidade e solidariedade social? Não tenho respostas para essa pergunta, é claro. Mas a resposta não pode ser determinística. As transformações técnicas deste período de passagem serão importantes, mas não serão determinadas em nenhum sentido. Depende de um trabalho político essencialmente psicanalítico e também estético.[58]

Esse trabalho político, psicanalítico, estético e erótico ao qual o autor se refere já vem sendo operado por diversos atores sociais em comunhão ou contra o sistema. Porém, pelas especificidades e idiossincrasias de nossa era e suas bolhas (anti)sociais que instrumentalizam as redes e fluxos tecnológicos digitais para dispersões de humanidade, não tenho um olhar de muita esperança quanto ao futuro, me restando então, para não cair em um niilismo infértil e inoperante, o caminho de pensar em formas de resistência a partir de minha criação (e nos limites que me cabem) a essa força mekHanTrópica que se impõe.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Ao expor e pensar sobre as sombras sociais que maculam a humanidade, lanço luz sobre os processos que vivo em minha microparte existencial e transcendo a busca por caminhos no sentido macro. Por isso, vislumbro artisticamente um universo ficcional no qual, a partir dos personagens, tramas, conexões poéticas

58Entrevista completa disponível em: https://brasil.elpais.com/cultura/2020-06-02/franco-berardi-a-pandemia-reativou-o-futuro-vejo-condicoes-para-a-reformatacao-igualitaria-da-mente-social.html Acesso em: 13/09/2020.

e processos, eu possa pensar sobre essas possíveis resistências e harmonias, mesmo que tão distantes.

Desta forma, o termo “MekHanTropia” vem sendo desenvolvido e aprofundado enquanto conceito no intuito de explorar a representação para o processo de transformação do Homem (antropo) em Máquina (mekhos). Esse conceito visa nossas relações sociais e com o meio natural, aproximando-o ao conceito de “misantropia” – aversão ao ser humano e à natureza humana de forma geral ou a falta de sociabilidade – bem como as dispersões causadas pela tecnologia.

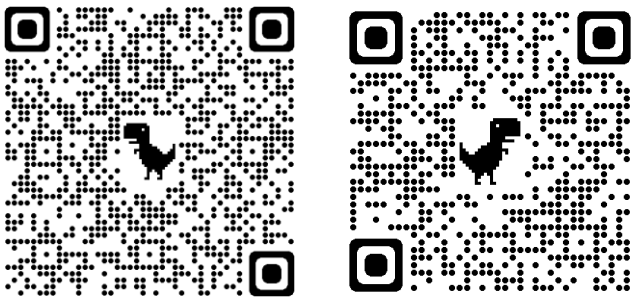
Um MekHanTropo seria um indivíduo cooptado mentalmente pelo sistema em função do lucro. Um tipo de ciborgue psicobinário destruidor (conscientemente ou não) da vida natural (orgânica) do planeta. Assim, a MekHanTropia é uma indução (ou intenção) causada pelo *status quo* para o indivíduo se tornar, ludibriadamente ou não, um MekHanTropo. Esta situação traria recompensas ilusórias sobre um futuro de falsa utopia, pois, em vez de harmonizar-nos com o meio e com o domínio das técnicas, se basearia no luxo, lucro e bens materiais, o que o torna, de fato (como versa a letra da música *MekHanTropia, faixa* que abre o álbum homônimo), “uma distopia[59] causada pela vaidade do MekHanTropo, que abdica de sua vida e se metamorfoseia em engrenagem de aniquilação a serviço de um sistema seco, sem vida”. A palavra “Han” surge etimologicamente no interior da expressão, como uma homenagem ao pensador “HAN, Byung-Chul”, importante ponto de partida, contato e ligação para minhas reflexões nessa tese-criação sobre o “humano” e a “máquina”, o “indivíduo” e o “sistema”, a “liberdade” e a “cooptação”.

59 “as distopias seriam utopias às avessas, ou seja, más utopias, sociedades imaginárias nas quais as condições de existência são muito piores do que aquelas que vigoram nas sociedades reais.” (MATOS, Andityas. Utopias, distopias e o jogo da criação de mundos. In: Revista UFMG, Belo Horizonte, v. 24, n. 1 e 2, p. 40-59, jan./dez. 2017.)



Figura 82 - "Reduzidos pelo sistema (distopia)" - Fotografia digital. Fredé CF, 2019.

Cada vez mais nos distanciamos uns dos outros e de nossa essência enquanto bicho. Mesmo quantitativamente conectados globalmente pela rede telemática, nos desconectamos qualitativamente de nós mesmos e do nosso habitat. Somos aprisionados voluntariamente ao sistema institucional por meio de falsas “bolhas” de aceitação e aprovação, que induzem ao consumo e à alienação. Ignorantes diante nossas sombras e com conexões vazias, nos perdemos em nossa vaidade e menosprezamos a importância de cizânias enquanto válvulas de reflexão em nossas vidas. Pior que nos desconectarmos é a consequência que isso gera. Nos aniquilamos diante de falsas promessas de felicidade pelo universo da publicidade e das redes sociais, que institucionalizam “regimes de verdades” sociais exploratórios, egoístas, estereotipados e intolerantes.

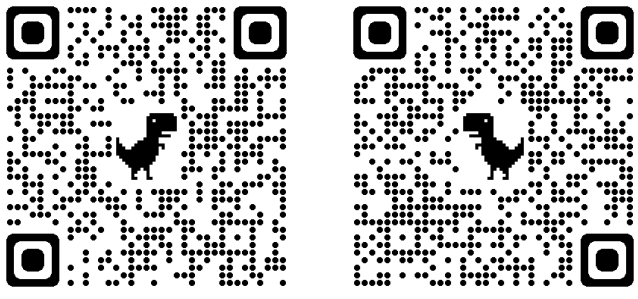


Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Segundo Maria Rita Kehl[60], como humanos dependemos, desde filhotes, da relação com o "Outro". Estamos condicionados a esta relação e ela permeia nossa vida social, em especial na maneira como lidamos com o tempo.

> O tempo é uma construção social. Toda ordem social é marcada, à sua maneira, pelo controle do tempo; essa talvez seja a face mais invisível e mais onipresente do poder (...) A inclusão da dimensão temporal, sob a forma subjetiva da *espera* de satisfação, marca a origem do sujeito psíquico (KEHL, 2015, p.111).

Kehl salienta que, enquanto bebês, dependemos do tempo do "Outro" para satisfação de nossas necessidades e desejos. Não temos controle, desde cedo, sobre nossa relação com o tempo, o que de certa forma nos condiciona para uma percepção lograda de nós mesmos. Essa relação com o tempo e com o "Outro" é característica da psiquê humana no que se refere às memórias, imaginação, cognição e fantasia. Tais significações, referências e intencionalidades se dão mais pelo aspecto temporal que espacial, ao contrário de nossa percepção sensorial.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

60KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões.* 2ª edição. São Paulo: Boitempo, 2015.

Tendo em vista que hoje em dia, conectados à rede, cada vez mais temos as coisas em excesso (exceto o tempo), busco direcionar – por meio da arte e da pesquisa – tais reflexões sobre a existência, para como essas interações interferem em nossa experiência humana, psíquica e social.

De acordo com Rosi Braidotti, em sua obra *Post Human Knowledge* (2019), é importante refletirmos sobre as direções que a humanidade está tomando e, sobretudo, as transformações em sua essência que está passando:

> The central challenge that the posthuman convergence throw open is how to reposition the human after Humanism and anthropocentrism. No, I'm not a robot, but that begs the question what kind of human I am, or we are becoming, in this posthuman predicament. The primary task of posthuman critical thought is to track and analyse the shifting grounds on which new, diverse and contradictory understandings of the human are currently being generated, from variety of sources, cultures and traditions (BRAIDOTTI, 2019, p. 11).[61]

A autora enfatiza que essa situação/dilema pós-humano que nos apresenta atualmente é, sobretudo, instituído e induzido pela mercantilização de tudo o que vive no planeta, sendo justificado política e economicamente pelo sistema neoliberal. A quantificação e estetização para cooptação de aspectos qualitativos da vida desemboca nesse questionamento sobre a forma como estamos sendo usados enquanto engrenagens, vistos como robôs.

Na exposição transmídia realizada em 2022 na cidade de Brasília – DF, na Ecce Monstra – Microgaleria de audiovisualidades, eu e Leo Pimentel (diretor da galeria) brincamos poeticamente com essa ideia de já, constantemente, precisarmos provar que não somos robôs. A exposição contou com diversas obras que compõem o universo de MekHanTropia, como imagens impressas, foto-poesias mekHanTrópicas, videoclipes, curta-metragem, game e o pré-

[61] "O desafio central que a convergência pós-humana abre é como reposicionar o humano após o Humanismo e o antropocentrismo. Não, não sou um robô, mas isso levanta a questão de que tipo de humano eu sou, ou estamos nos tornando, nesta situação pós-humana. A principal tarefa do pensamento crítico pós-humano é rastrear e analisar as bases mutáveis nas quais entendimentos novos, diversos e contraditórios do humano estão sendo gerados atualmente, a partir de uma variedade de fontes, culturas e tradições" (BRAIDOTTI, 2019, p. 11). Tradução nossa.

lançamento com audição pública inédita do álbum “Eu hoje chorei minha morte”, lançado oficialmente no dia do meu aniversário de 40 anos de idade.

Na cabeceira da cama de Valdez, o alarme do celular toca e acontece, de forma acelerada, a mesma sequência inicial dessa narrativa mekHanTrópica. Porém desta vez, quando a campainha toca, Valdez hesita em abrir a porta. A campainha toca novamente. Valdez olha para o desenho sobre a mesa, esfrega os olhos e começa a suar. A campainha insiste, agora de maneira enérgica. Valdez leva a mão à maçaneta da porta e, ao abrir, vê a si mesmo novamente, dessa vez de terno, gravata e óculos escuros. Assustado, indaga:

[Valdez 1]: “Que diabos é isso? Quem é você?”

[Valdez 2]: “Meu caro...Já te falaram sobre isso, não é?”

[Valdez 1]: “Não entendo…me deixe em paz!”

Valdez 1 tenta fechar a porta, mas é impedido por Valdez 2 com o pé.

[Valdez 2]: “Não é assim que você terá paz. Fugir de si mesmo é pior. E, além do mais, esse papo maniqueísta de paz não existe! É tudo contraste, tudo complementar. Não adianta negar, faz parte de você e é importante aceitar. Só assim poderá transmutar...Você já ouviu isso, não já? ‘Transmutar, Valdez! Transmutar! É para isso que estamos aqui. Para sempre transmutar!’ Sabe, é meio cansativo ter que ficar toda hora vindo aqui pra te lembrar, pra tentar te explicar… mas vamos lá. Vou lhe mostrar, de novo. Posso entrar?”

[Valdez 1]: “Sim...Tudo bem...” (Meio gaguejante e sem jeito)

[Valdez 2]: “Pois bem. Posso usar o seu computador? Preciso lhe recordar sobre alguns lugares em que você foi.”

[Valdez 1]: “Claro, fique à vontade.”

Valdez 2 abre um vídeo intitulado “O Louco/Como se fosse Loucura” e Valdez 1 se senta para assistir.

[Valdez 1]: “Mas...Eu nunca fui a esses lugares.”

[Valdez 2]: “Você tem certeza?”

[Valdez 1]: “Sim, absoluta!”

[Valdez 2]: “A questão é que você ainda está preso a esses lugares, a essas situações. Você se organizou dessa forma a partir de seus desejos. E por isso, o sistema insiste em te manter assim como está: esquecido, fragmentado e diluído em várias dimensões de tempo e espaço. Você só conseguirá ter alguma chance de escapar dessa condição, desse ciclo repetitivo, se você olhar para dentro de você e visualizar a quantidade infinita de cosmos que você traz em si mesmo. O Cosmos que permeia sua história de vida. De VIDA, meu caro! Sua vida! Onde está a chave?”

[Valdez 1]: “Qual chave?”

[Valdez 2]: “Ok...vamos lá: onde você está agora?”

[Valdez 1]: "Em meu apartamento, uai."
[Valdez 2]: "E onde está a chave que dá acesso ao seu apartamento?"
[Valdez 1]: "Ali na porta, na maçaneta."
[Valdez 2]: "De qual lado da porta?"
[Valdez 1]: "Do lado de dentro."
[Valdez 2]: "Pois então...Você é quem tem o controle sobre quem e o que entra. A chave está do lado de dentro de você. Não adianta ficar feito besta procurando do lado de fora. Você abre a porta se quiser e por quanto tempo quiser que ela permaneça aberta. Você tem o poder de deixar ir ou ficar. É a sua casa! O seu lar! A sua mente! O seu tempo só existe para você, Valdez. Agora vá lá e abra essa maldita da porta!"
Valdez 1 abre a porta e se depara com outra versão dele mesmo. Valdez 3, vestido como um oficial mekhantrópico, tira do cinto o laser e, ao apontar para a testa de Valdez 1, Valdez 2 fecha a porta e a tranca rapidamente.
[Valdez 2]: "Percebe? Você é o mago! Cada vez que você deixa entrar qualquer coisa em sua casa, você está transformando o passado em presente e, consequentemente, em futuro. Mas se você conseguir equilibrar o fator tempo e ter consciência que o passado e o futuro não existem de fato, só como projeções, quem sabe assim, só assim, você consiga se libertar e de fato viver o agora. Preste atenção ao tempo! Para você, o tempo insiste ou resiste em passar? Em quais situações você se sente preso ao tempo? Em quais lugares você se sente bem, sereno e selvagem, livre do tempo?"
[Valdez 1]: "Eu...eu não me lembro...Acho que nunca senti isso."
[Valdez 2]: "Já sim. Apenas retiraram de você essas experiências, essas memórias, esses afetos. Mas isso ainda está em você, em algum lugar...É como a sua sombra, sua arte...É parte de você. Há um artefato que lhe foi entregue, há muito tempo...Uma caixa...Você ainda a tem?"
[Valdez 1]: "Tenho sim. Mas nunca entendi muito bem para que aquilo serve."
[Valdez 2]: "Pegue-a. Esse artefato vai te mostrar as diferenças entre o tempo cronológico, do relógio, instituído, quantificado, e o seu tempo de vida, de fato, qualificado por suas relações. O que ainda resta de sua subjetividade, de seus afetos e emoções. Isso vai te ajudar a se integrar e entender melhor quem somos, para transmutar."
("MekHanTropia: O Cão Breu". Escrito por Fredé CF. Confraria Anti-MekHanTrópica, 2022).



Figura 83 - Cartaz da Exposição Transmídia "Prove que você não é um robô", na Ecce Monstra - microgaleria de audiovisualidades em Brasília – DF. Criado pelo Amante da Heresia (a.k.a. Léo Pimentel Souto). Março de 2022.

O maior problema de estarmos em estado de letargia, cooptação e dominação mekHanTrópica não é das máquinas, por si só, e nem da pandemia que nos assola, mas da própria humanidade e seus valores fundamentados em dogmas, egoísmo, produtividade, lucro e ilusão. A ideia de competitividade está aí embutida e encorpada a partir do dito "antropoceno", que coloca o ser humano acima de toda a vida na Terra. Essa desconexão resulta na perda de reconhecimento holístico, enquanto parte do todo, desembocando em destruição

e exploração do que está aparentemente “alheio” ao nosso corpo, mas que nos compõe. Somos feitos de ar, de água, de minerais, de elementos da natureza que não estão de fora, mas que nos constituem enquanto seres. O que é destruído, no fim das contas ao destruirmos o meio-ambiente, é também o próprio ser humano (junto com toda biodiversidade que ele devasta). Além disso, o planeta seguirá transmutando-se constantemente com ou sem a gente.

Nesse sentido, adentro e trago às minhas representações conceitos de alteridade, conectividade, representatividade, introspecção, cura, identidade, fragmentação, globalização e interculturalidade, que abarcam tais preocupações acerca das percepções sobre o mundo e das relações que estabelecemos socialmente em um contexto amplamente digital, bem como essas “dispersões” camufladas como “conexões”. A partir das relações macropolíticas estabelecidas em cotidianos micro ordinários de nossas vidas, observo e (re)apresento ao mundo, sob um olhar artístico, o que temo e o que reconheço como vestígios do devir que se apresenta a mim.

Por meio de uma presentificação e transcendência (trans)temporal da realidade estabelecida pelos elos dispersos unidos transmidiáticamente por imagens e sons ao conceito proposto, tento dar vida ao que vem sendo operado em função da morte, sem me esquecer que o ser-humano é também, em certa medida, constituído por tecnologia, como essa tese-criação com suas extensões e fragmentações. Somos o único animal que expande nossas capacidades físicas de maneira tecnológica, artificial. Talvez por isso o sistema insista em nos “pescar” por esse viés e nos transformar em ciborgues mekHanTropos autodestrutivos.



Figura 84 - Série "HumanCron". Experimentações pandêmicas mekHanTrópicas. Processos de criação de habitantes do universo de MekHanTropia a partir de técnicas como desenho digital, promptismo e direcionamentos conceituais com Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

2.3. MekHanTropomorfizações: cooptações e seduções do sistema

"Eu sinto muito
Me perdoe
Te amo
Sou grato."
(Palavras-chave do "Ho'oponopono",
prática havaiana de autocura)

Valdez acorda sufocado na sala do seu apartamento. Se levanta assustado de seu sofá, olha em volta e não há ninguém ali com ele. Ele vai até o baú e pega a caixa misteriosa que guardava, desde criança, escondida junto a algumas antiguidades e poucos livros que salvara. Ele a coloca sobre a mesa e, ao abrir, vê um relógio, um pacote com cartas, um colar com um pingente de obsidiana preta, alguns dados e um tabuleiro. Ele abre o tabuleiro e vê que há algumas instruções escritas e várias janelas repletas de QRcodes. Reconhece o nome "CANI BUIU ORACLE". Valdez pega seu celular para tentar acessar os códigos do tabuleiro, como orientava as instruções. Ao ligá-lo, lhe salta uma foto dele em companhia com sua mãe Carmen, seu pai Ernesto e seu irmão Antônio. Ele estranha e se assusta, começando a chorar em seguida, pois não se lembrava da existência dessa imagem. Após um tempo de lamentação, Valdez enxuga suas lágrimas, respira fundo e começa a apontar o celular para os QR Codes e descobrir que dá acesso a alguns vídeos em que ele está presente. Ele então começa a ler as descrições e percebe que é uma espécie de oráculo que funciona como um jogo da memória. Ele então pega o colar de obsidiana e, ao colocar o colar no pescoço, ouve a campainha tocar estridentemente. Valdez se assusta e permanece onde está, lendo o texto de descrição do vídeo acessado na plataforma mekHanTrópica de influencers. A campainha insiste em tocar, com intensidade, sem cessar e ouve-se batidas ferozes na porta. Valdez começa então a guardar de maneira afobada todos itens dentro da caixa, deixando apenas seu celular sobre a mesa. Trêmulo, ele pega a caixa e a esconde no baú novamente, debaixo dos livros e bugingangas. Ao retornar à sala, olha fixamente para a maçaneta da porta enquanto o suor desce em sua testa franzida.

"a chave está do lado de dentro. Você abre a porta se quiser e por quanto tempo quiser que ela permaneça aberta", ecoa uma voz em sua mente.

De repente ele começa a ouvir barulhos de chave abrindo a porta. A porta se escancara e ele se depara com Aila. Ela aponta para sua testa um laser mekHanTrópico que o faz desmaiar. Aila entra pela porta, pega o celular de Valdez

sobre a mesa, interrompe o vídeo que estava aberto, fecha o aplicativo e o desliga.
("MekHanTropia: O Cão Breu". Escrito por Fredé CF. Confraria Anti-MekHanTrópica, 2022).

Na obra "Que Emoção! Que Emoção?" (2016), Georges Didi-Huberman reflete sobre as emoções que nos assolam e que, muitas vezes, nos escapam a razão. Essas emoções, por outro lado, também nos caracterizam enquanto sujeitos únicos e enquanto bichos que somos, nos movendo ou paralisando quando em frente a determinadas situações. Assim:

> as emoções têm um poder – ou são um poder – de transformação. Transformação da memória em desejo, do passado em futuro, ou então da tristeza em alegria. (...) As emoções são sempre secretamente duplas, à maneira de um corpo vivo, que tem necessidade tanto de substâncias duras – os ossos – como de substâncias macias – a carne. Cabe a nós, se quisermos refletir, a tarefa de encontrar sinais de inquietação no coração de nossas alegrias presentes, bem como possibilidades de alegria no coração de nossas dores atuais (DIDI HUBERMAN, 2016, p. 44/45).

Vários pensadores como Maquiavel, Nietzsche, Deleuze, Foucault, Bauman, Berardi, Han, entre outros, afirmam (ou afirmavam) que o poder se estabelece melhor sobre a tristeza, sobre o medo, que sobre a alegria. A alegria (como uma potência de vida) seria então uma espécie de resistência, pois nos leva a transcendências que a tristeza não alcança. Nesse sentido, é importante pensarmos sobre o contexto que estamos vivendo em que as máquinas estão presentes e se tornando indispensáveis em nossas vidas cotidianas. Devemos ponderar a respeito de quem utiliza quem e ainda sobre como essas hiperdependências instituídas dos seres humanos com as máquinas atuam e modificam nossa natureza pelas emoções.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Lipovetsky e Serroy (2015), colocam que:

> O dinamismo da economia desmaterializada não repousa apenas na informação e no conhecimento, mas também na engenharia do estilo, dos sonhos, das narrativas, das experiências significantes, em outras palavras, nas dimensões imateriais do consumo. (...) O que conta agora em matéria de criação de riqueza é muito mais a 'inteligência', que inclui as capacidades de inovação, a imaginação, as qualidades expressivas e cooperativas, as competências emocionais, o conjunto dos saberes humanos, inclusive os intuitivos (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 44/45).

Essas mekHanTropomorfizações instituídas aniquilam o pensamento crítico e nos distanciam de nós mesmos (enquanto animais orgânicos), entristecendo-nos, amedrontando-nos e provocando uma nova pandemia de distúrbios psicoemocionais. Como já dito, a atual pandemia de COVID-19 evidencia esses fenômenos e ocupa nosso tempo de ociosidade e descanso em meio as telas que nos circundam, fortalecendo cada vez mais um sistema seco e sem vida, que se funda no lucro. Com a diminuição de custos operacionais (pela popularização e disseminação das redes telemáticas e consequente precarização do trabalho e vínculos empregatícios), além da padronização de gostos e vontades centrados em ideias de individualismo, vaidade, egoísmo, preconceito e exploração, o sistema cada vez mais aniquila nossos direitos conquistados por séculos de lutas sociais e nos ilude com ideias de liberdades fundamentadas no consumo e na alta produtividade visando esse consumo.

A ideia de liberdade de expressão e criação nesses tempos, caracterizados por tensões entre o mercadológico e o criativo em essência em um mundo globalizado, também é atingida e determina falsas relações, que se fundam sobre o capital, quanto aos méritos dos indivíduos:

> De um lado, investidores, gestores, marqueteiros voltados para a eficácia e a rentabilidade econômica. De outro, criadores em busca de autonomia e animados por ambições artísticas. Demandas de liberdade criadora que se chocam contra os processos de racionalização e os controles exercidos pelas firmas sobre as narrações, roteiros, scripts, design e casting, tendo em vista assegurar maior sucesso comercial e maiores lucros. As empresas têm de atrair os talentos e estimular a inovação, mas, ao mesmo tempo, a fim de diminuir os riscos, elas se empenham em frear as criações audaciosas, em reproduzir as fórmulas que 'dão certo' mais facilmente (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 45).

Segundo os autores, atualmente vale mais o preço e a fama (da obra e do artista) do que as reflexões e processos criativos desencadeados. O valor estético e poético das obras perde espaço para seu *valor de mediatização*, caindo assim

em fórmulas de criação padronizadas e pouco reflexivas. Nesse capitalismo artista, “as obras são julgadas muito mais em função de seus resultados comerciais e financeiros do que quanto às suas características propriamente estéticas.” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 47)

Um exemplo disso é a relação de plataformas como o Spotify, o BandCamp e o YouTube, por exemplo, lidam com os dados relativos às obras no sentido de determinar o que é ou não importante ou significativo, numa relação extremamente quantitativa sobre a criação artística, sugerindo estratégias pré-concebidas para atingir uma maior parcela do mercado. No ano de 2021, não coloquei (com intuito experimentalístico. Coloquei apenas em 2022 as obras do ano anterior nessa plataforma) nenhuma produção minha no Spotify. Em dezembro desse mesmo ano, a plataforma gerou (como de costume anual) uma retrospectiva personalizada com os artistas e músicas mais acessados por cada pessoa, destacando quais faixas e álbuns foram mais acessados, indicando os locais onde foram ouvidas as obras e a quantidade de execuções delas.

No ano de 2020, quando lancei o álbum “MekHanTropia” e o disponibilizei na plataforma, tive todo o relato com os dados sobre o alcance da obra. Já em 2021, priorizei a plataforma BandCamp para veiculação de minhas obras lançadas nesse ano, por ser uma plataforma mais fácil de operar neste momento e que dá maior liberdade para o artista disponibilizar as obras e cobrar ou não por elas, bem como ao público para contribuir com os artistas. Para minha surpresa, recebi um pagamento e uma mensagem, pelo BandCamp, de um homem polonês que, apesar de não entender português, se encantou pelo som e pediu à esposa brasileira de um amigo para traduzir as letras e gostou. Esse fato me levou a perceber e refletir acerca da potência que as redes, apesar de mekHanTrópicas, podem ter enquanto alcance de obras independentes, como um distúrbio ou ruído no sistema.

Esse gesto singelo foi bastante significante para mim enquanto artista e me valeu uma alegria afetuosa oriunda de um local impensável a priori. Apesar de não precisar pagar pelo álbum – uma vez que é disponibilizado para baixar gratuitamente –, ele quis contribuir por afeição. Me senti muito grato, como um trovador tocando em uma praça ou estação de metrô virtual e recebendo contribuições em meu chapéu anti-mekHanTrópico pela arte que crio. Essas e

outras ações do tipo são o que me dão razão para acreditar que as tecnologias podem servir-nos como difusoras de afetos e amparos “reais”, apesar de habitarmos um sistema calcado em uma ideia de mercado hiperexploratória e excludente.

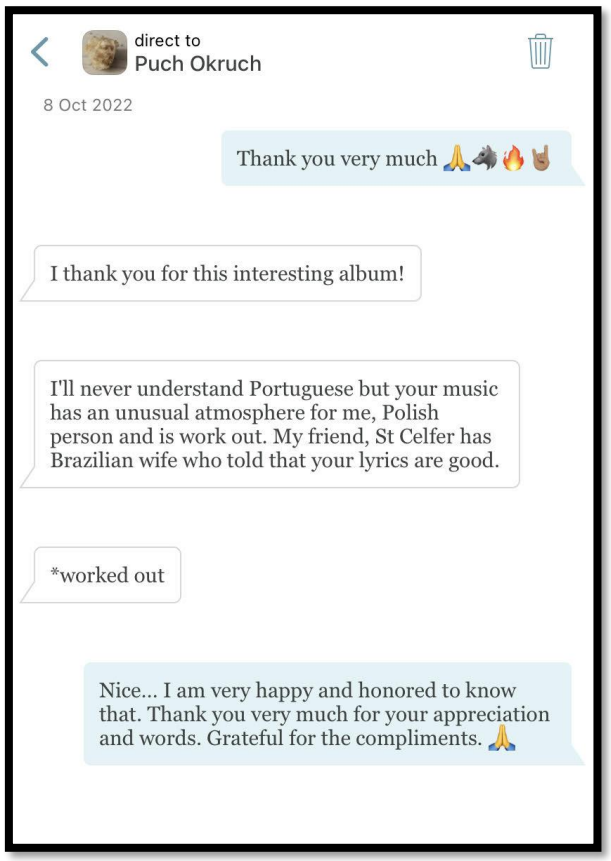


Figura 85 – PrintScreen da troca de mensagens pelo app da plataforma BandCamp com o polonês que contribuiu virtualmente com meu trabalho. 2022.

Retomando, por não ter dado atenção ao Spotify no ano de 2021 e, consequentemente, não ter divulgado a plataforma (mas sim outras plataformas como o BandCamp), o Spotify não me forneceu os dados sobre acessos à minha obra, alegando que não houve acesso suficiente, já indexando “dicas” para que eu faça investimentos (financeiros ou não) na plataforma para “bombar” a audiência. Audiência de quem? Minha ou da plataforma? Quem usa quem? Eis a questão, já que a imensa parte do capital fica com a plataforma.

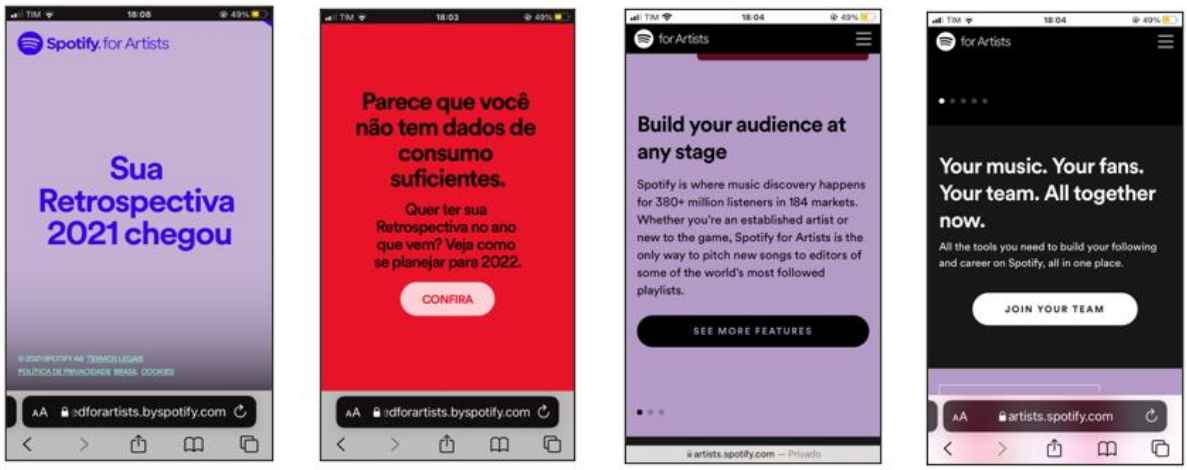


Figura 86 - PrintScreens da "Retrospectiva Spotify" (insuficiente). 2021/22

Essas “dicas” e retenção dos dados de audiência de minhas obras são típicas seduções estratégicas do mercado para cooptar e estabelecer como as coisas devem funcionar ou não, seduzindo os artistas para trabalhar em prol da plataforma a troco de nada, se tornando um “artista de aplicativo”. O discurso ainda vai na direção de uma certa chantagem emocional, ao dizer, como no terceiro quadro da figura acima, que o “*Spotify for Artists* é o único caminho para apresentar novas músicas a editores de playlists altamente seguidas em todo o mundo”, como se os mundos da música e da arte se resumissem a esse aplicativo.

Vê-se ainda o artifício publicitário de utilizar depoimentos de pessoas envolvidas no ramo artístico ou do entretenimento, geralmente com teor mercadológico, como forma de validar e legitimar a plataforma, ou seja, como meio de indicar que, para alcançar um “almejado sucesso”, adentrar a plataforma é um ótimo caminho, desde que se siga determinadas regras apresentadas por eles (Figura 7), como uma autoajuda ou um *coach* do *show business*. Essa “uberização” da arte, das criações poéticas e dos processos criativos, polui e limita a liberdade e a experimentação poética, padronizando os caminhos subjetivos com “regras” para uma ideia de “sucesso” estritamente mercadológica excludente, tratando as obras de arte como meros negócios em uma relação altamente exploratória.

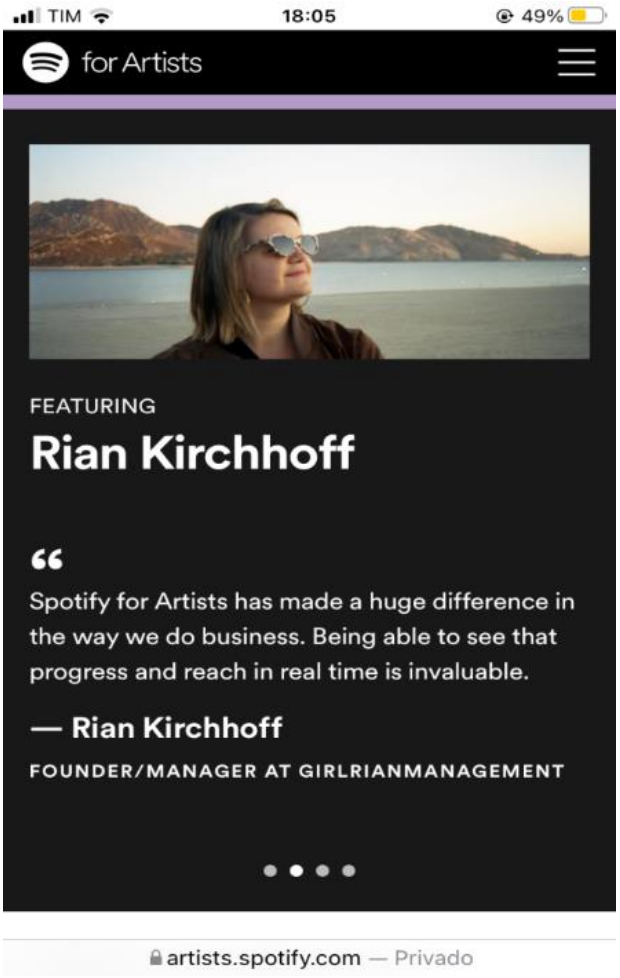


Figura 87 - Depoimentos como estratégia de cooptação.

Em meio a isso, processos de hibridização, censura e controle algorítmico vão se formando e transformando as relações que anteriormente eram estabelecidas entre a arte e o mundo corporativo. Há um movimento em direção a convergências culturais e midiáticas de elementos antes não valorizados e tidos como pouco importantes pelo mercado, como as manifestações oriundas da cultura popular; expressões artísticas alternativas e autorais em quadrinhos, vídeo, fotografia e outros meios; subjetividades; divertimentos; etc. Geralmente o mercado ligado às artes narrativas utilizam a transmídia como estratégia de expansão de vendas, porém não se importam quando essa mesma transmídia é usada como linguagem de maneira independente.

Em meu universo, a transmídia não é utilizada com intenção exclusivamente mercadológica, mas de maneira experimental, ou seja, como forma de fomentar criatividade, pensamento crítico e colaboração, dando voz a novas possibilidades narrativas e direcionando um olhar alternativo sobre as pessoas

e relações humanas mediadas pela tecnologia, sem muitas estratégias ou pretensões que fujam do autoconhecimento e da criação artística autoral em si. Além disso, me serve também como representação poética da fragmentação existencial social, emocional e racional que habita em mim, aflorada ainda mais ao enfrentar um doutoramento em meio a esse período conturbado da história mundial, do país e pessoal. Ecos, sombras e essência identitária expurgados ao serem materializados em diversas linguagens, como na letra de “Poço sem fundo” (presente no EP *Espelho de Obsidiana*[62]) na qual reflito sobre os diversos contrastes e nuances poéticas entre o que está dentro e o que está fora de mim em essência, ou seja, que me integram mas também me intriga constantemente.



Figura 88 - Exposição "Prove que você não é um robô" na Ecce Monstra - microgaleria de audiovisualidades. Brasília-DF. 2022.

62Disponível em: https://fredefoak.bandcamp.com/album/espelho-de-obsidiana-ep Acesso em: 05/10/2021

Assim, essa tese-criação, com seus transbordamentos com teor transmídia experimental, se mostra metafóricamente como um monstro de Frankenstein, fragmentado, estranho, que clama por liberdade, mas também com uma potência visceral pulsante, transmutando-se pelos contatos e pelos afastamentos que se dão fruí-la. Pela arte, dou vazão às minhas questões, conscientes ou não, e me "mo(n)stro" em essência poética para, enfim, me (re)conhecer na obra com um novo olhar (e ouvido). Na maior parte das vezes esse reconhecimento é estranho e até doloroso, pois evidencia partes de mim que eu mesmo não conheço ou não gosto, o que causa instabilidade. Porém, ao dar formas narrativas fragmentadas, mas situadas em espaços e temporalidades que se conectam pelo universo da obra, identifico-me fora de mim e me lanço ao mundo por tais dispersões de minha subjetividade que abraçarão completamente essa instabilidade ao tocar com outras subjetividades de maneira mais "materializada".

Os sons e imagens que produzo não visam, a priori, contar histórias determinadas por padrões narrativos teleológicos e, muito menos, se adequarem às normas ou lógicas instituídas mercadologicamente, embora pode ser que isso aconteça fugindo do meu controle (não estabelecido intencionalmente nesse aspecto). Essas obras são, concomitantemente, tanto obras completas, integrais (constituídas de elementos sintáxicos artísticos que a formam como enquadramentos, perspectivas, planos, movimentos de câmera, tons, notas, discursos, palavras, melodias etc.), quanto micropartes fragmentadas que compõem uma narrativa maior (o universo transmídia como um todo).

Porém, esse universo também pode ser analisado como microparte de algo maior (meus pensamentos, emoções, experiências etc.) que é parte de algo maior (a vida), e assim, sucessivamente, ao infinito (do micro e do macro, pra "cima" ou pra "baixo"), como proponho na letra da música *Como se fosse Loucura*[63]. O caos do mundo, com fenômenos individuais (a princípio sem sentido em si) se transforma pelas relações causa-efeito, complementando-se na medida que são associados.

63Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SsfybsEG0WA&t=151s Acesso em: 30/08/2021.

No clipe dessa música, elementos oriundos de diferentes contextos e autorias, ganham novas formas e significados ao serem organizados daquela maneira, criando uma nova possibilidade narrativa deslocada de sua essência intencional original, mas que conserva e adiciona essa essência a uma nova roupagem proporcionada pelas novas relações instituídas pela montagem. É muito importante atentar às maneiras que a obra flui estruturalmente enquanto representação, uma vez que tais análises podem proporcionar novas percepções sobre os processos. Citando Lévi-Strauss, Christian Metz, em sua obra *A significação no cinema* (2014), afirma que:

> A estrutura mínima de qualquer significação se define pela presença de (ao menos) dois termos e da relação que os liga; portanto a significação pressupõe a percepção (percepção dos termos e percepção de sua relação). (…) Lembremo-nos também do que dizia Claude Lévi-Strauss em *Anthropologie Structurale* a respeito dos mitos: o mito é sempre reconhecido como tal por aqueles a quem é contado, inclusive se tiver sido traduzido de um idioma para outro e inclusive se a literalidade de sua formulação tiver sido modificada até certo ponto. Podemos então admitir (sem excessivos escrúpulos de rigor científico) que a análise estrutural pressupõe sempre, como estágio anterior (explícito ou implícito), uma espécie de fenomenologia de seu objeto; ou ainda, que a *significação* (construída e descontínua) explicita sempre o que, anteriormente, só podia ser vivido como um *sentido* (percebido e global). (METZ, 2014, p. 30)

Desta forma, as ramificações transmidiáticas do meu universo em diversas obras e em diferentes linguagens encontram um fio que os liga através de elementos estéticos de significação específicos intrínsecos ao jeito que eu, em minha subjetividade, tenho de criar representações. Independentemente se, por seu aspecto transmidiático, a obra se expande a caminhos que eu não posso prever ou controlar, ela traz em si aspectos típicos meus, tanto conscientes quanto inconscientes, que ligam todas as produções em um universo comum. Ao tentar representar a fragmentação da vida, dos fenômenos, das emoções, do pensamento por essa (des)organização poética transmidiática da obra, acabo por organizar e gerar novas significações, narrativas e sensações em cada contato de maneira fluida e sem rigidez até mesmo em relação às minhas próprias intenções.

Aila entra em seu carro e liga seu celular. Na tela, vê Valdez aflito dizendo: "há alguém aí?".
Ela guarda o celular na bolsa e pega a estrada rumo ao que era chamado como "Chapada dos Veadeiros" antes do "Amanhecer mekHanTrópico" e enterra a caixa "CANI BUIU

ORACLE" nas proximidades do Jardim de Maytrea, antigo portal transdimensional. Ela entra no carro e seu telefone toca. Ao atender, ela diz: "Está feito."
[Voz]: "Ótimo. Tenha muito cuidado por aí...Apesar de não parecer, tem muitos oficiais mekHanTrópicos rondando nesse lugar. Certifique-se que não está sendo observada.
[Aila]: "Tranquilo. Tá tudo bem. Tô saindo daqui. No fim da tarde devo estar aí já."
[Voz]: "Se cuida."
Aila desliga o celular e o coloca sobre o banco de passageiro. Dá partida no carro, coloca uma música e acelera partindo ao horizonte.
Do lado de fora do carro, um canídeo negro a observa partir.
("MekHanTropia: O Cão Breu". Escrito por Fredé CF. Confraria Anti-MekHanTrópica, 2022).

Ao lançar no dia 23/07/2023[64] o EP musical "Tecelões Oníricos do Absurdo"[65], a OneRPM (empresa distribuidora de músicas e vídeos para diversas plataformas como Spotify, YouTube music, Amazon, Deezer, Appel music etc), alegou que essa obra não poderia ser distribuída porque haveria uma faixa ("Libertas Quæ Sera Tamen", a faixa 2 do EP) que configuraria como duplicada ou plagiada.

[64] A data em questão foi escolhida como uma homenagem ao aniversário da parceira criativa de insurgências e intervenções artísticas internacionais, Brunna Nastassia. Brunna participou colaborativamente de algumas de minhas obras interpretando a personagem Aila e realizou, por iniciativa própria, intervenções artísticas viscerais em pontos altamente mekHanTrópicos de cidades como Madrid (Espanha), Linz (Áustria), Montevideo (Uruguai), Bordeaux (França), Londres (Inglaterra), Luxemburgo (Luxemburgo) e Munique (Alemanha), colando adesivos com a arte criada pelo Ciberpajé para o álbum "MekHanTropia" e filmando/fotografando tais intervenções que utilizei em alguns videoclipes e curtas-metragens. A intenção foi divulgar o meu universo transmídia e criticar o sistema através da arte de rua com sua volatilidade e dispersão poética. O EP "Tecelões Oníricos do Absurdo" aborda algumas dessas intervenções e é também uma obra de extensão transmidiática do conto homônimo escrito por mim para a antologia de ficção científica "Meu I.A.I.A., meu ioiô!", concebida por Ciberpajé (aka Edgar Franco) e C.N.S. (aka Diogo Soares), uma produção do Grupo de Pesquisa CRIA_CIBER (FAV/UFG).
[65] Disponível em: https://fredecf.bandcamp.com/album/tecel-es-on-ricos-do-absurdo Acesso em: 02/08/2023.



Figura 89 – PrintScreen da "Censura algorítmica mekHanTrópica" que sofri na plataforma OneRPM. julho/2023.

Fiquei perplexo com essa situação *kafkaniana*, pois a faixa (assim como todas as outras do EP) foram todas compostas e produzidas por mim de forma totalmente *DIY* e autoral, gravadas e mixadas por aplicativos gratuitos pelo smartphone. Questionei a empresa para melhor entender a situação e, para minha surpresa, recebi como resposta que os algoritmos haviam me acusado de plágio ou utilização de recursos de terceiros na faixa 2 e que, para que o EP fosse aprovado, eu precisaria remover a faixa. Eles também colocaram o link[66] de referência que o algoritmo acusou como cópia e, ao acessá-lo, verifiquei que se referia à uma outra música completamente autoral minha (“A Persistência do Tempo”, que integra o EP “Ecos Oníricos” [67]).

[66] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=S8dUfQOF7I0 Acessp em: 02/08/2023.
[67] Disponível em: https://fredecf.bandcamp.com/album/ecos-on-ricos-ep Acesso em: 02/08/2023.

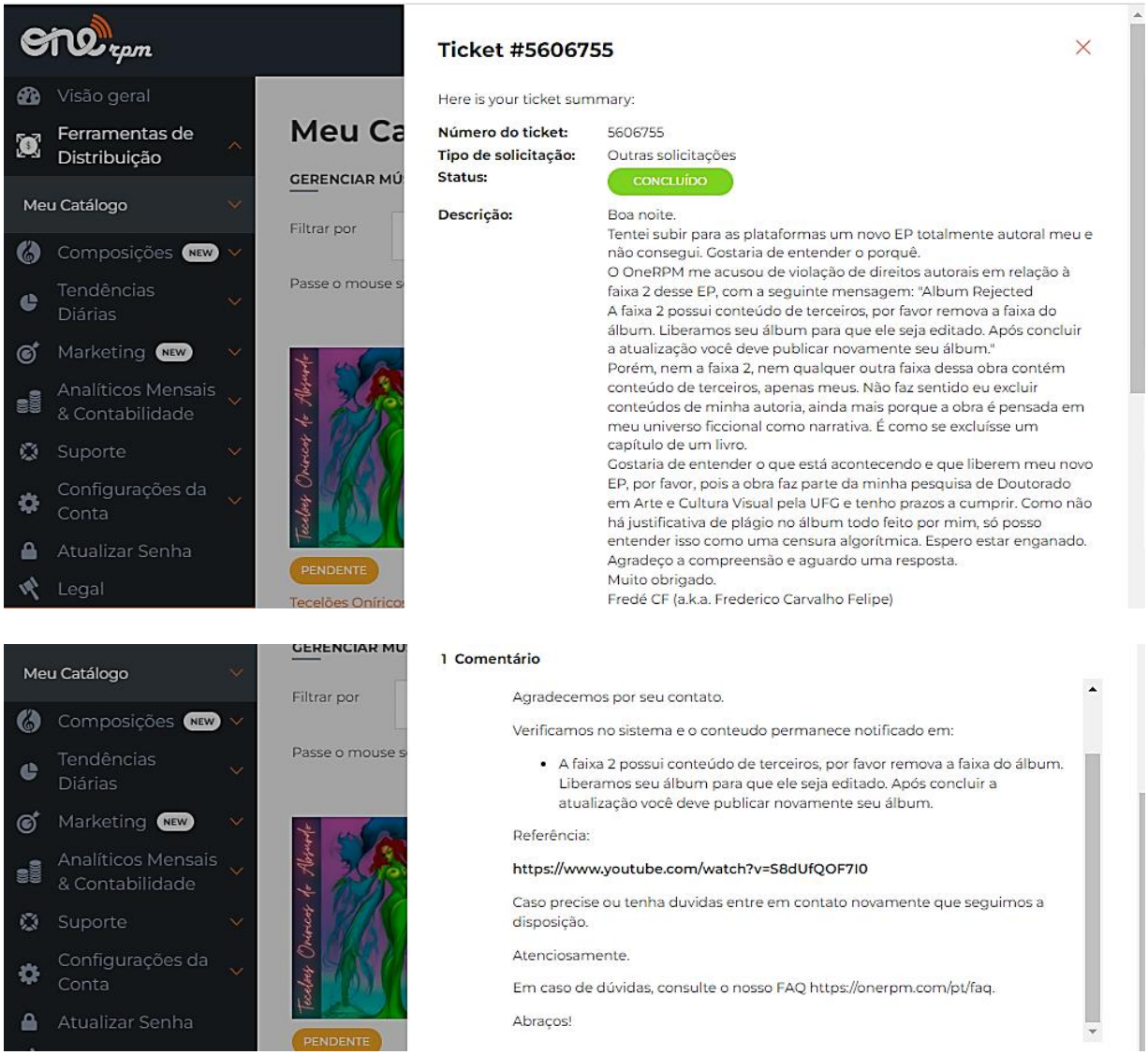


Figura 90 – PrintScreen (1) da conversa sobre "Censura algorítmica mekHanTrópica" que tive com a OneRPM. 2023.

Busquei prosseguir no diálogo, tentando compreender o que estava havendo e encontrar uma solução para o problema. Expliquei que houve uma confusão dos algoritmos e que a música indicada como referência de duplicidade era de minha autoria, ao que a empresa me responde que não pode fazer nada a respeito, pois a duplicidade acusada (e imposta) pelo algoritmo bloqueia qualquer ação. A única saída seria excluir uma das duas músicas envolvidas, ou seja, o algoritmo de certa maneira domina as mentes humanas que operam o sistema dando suporte. A isso chamo de “processo kafkaniano de mekHanTropomorfização”, tecendo uma brincadeira com obras seminais de Franz Kafka, como “O Processo” e “A Metamorfose”, por exemplo.

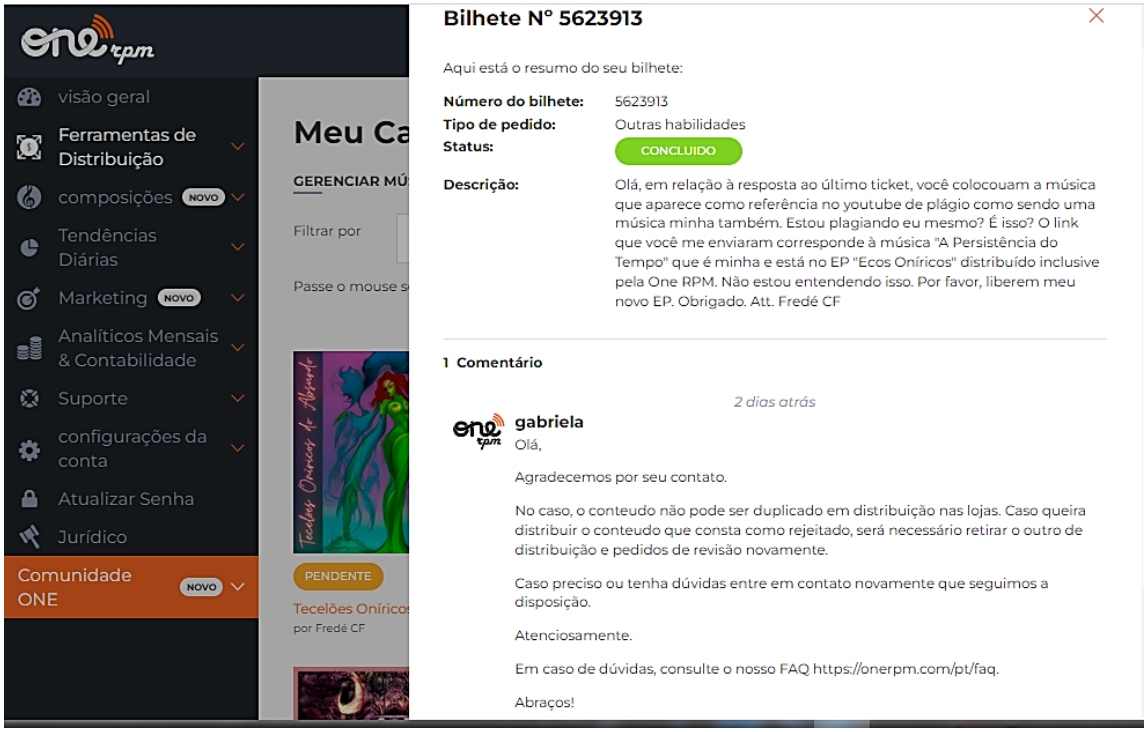


Figura 91 - PrintScreen (2) da conversa sobre "Censura algorítmica mekHanTrópica" que tive com a OneRPM. 2023.

Por fim, tentei enviar novamente o EP como concebi, sem qualquer alteração e o status segue como “pendente” na plataforma. Observo com isso um exemplo claro da dominação algorítmica mekHanTrópica, além da apropriação, feita pela plataforma, da minha obra, uma vez que me acusa de plagiar eu mesmo, me colocando como “terceiro” na situação. Esse tipo de estratégia o sistema utiliza atualmente para cooptar as produções e se afirmar sobre elas, além do próprio fato de que, para disponibilizar uma obra em plataformas populares como o Deezer ou o Spotify, por exemplo, é obrigatória uma intermediação de alguma empresa (distribuidora) terceirizada. Neste caso, quem é o “terceiro” que está utilizando e saqueando meus conteúdos autorais? Chamo isso que ocorreu de “Censura algorítmica mekHanTrópica” e, por mais que a empresa privada OneRPM tente “lavar as mãos” e se colocar como uma empresa que apoia a democratização, proteção e divulgação artística, ela também é parte integrante da MekHanTropia instituída padronizante e opera de maneira hiperdependente com a tecnologia.



Vanessa

Olá, Frederico! Como vai?

Esperamos que esteja bem.

Verificamos seu histórico de tickets para entender melhor a situação, mas como foram abertos alguns tickets referentes à mesma questão, vamos tratar do início para poder te ajudar.

Em primeiro lugar, pedimos desculpas pelo inconveniente, inclusive pelo nosso algoritmo de reconhecimento de áudio ter dado a impressão de se tratar de algum tipo de censura.

As lojas utilizam reconhecimento de áudio por inteligência artificial (AR) e nós utilizamos o mesmo tipo de algoritmo para evitar que uma música seja penalizada em lojas após a distribuição. Quando isso acontece, a música leva takedown automaticamente por parte da loja e não temos como interferir, pois é algo externo à nossa plataforma.

Se nosso AR identificar outra música mais antiga que já esteja distribuída nas lojas com o mesmo beat que você utilizou, a ONErpm se reserva o direito de não distribuir o conteúdo, sendo uma forma de proteger seu trabalho.

Quando nosso algoritmo identifica seu próprio trabalho, basta informar nosso suporte e analisaremos se há necessidade de documentação comprobatória que o álbum é de sua autoria ou se é uma situação mais simples de resolver.

Estando ciente disso, por gentileza, nos envie o link do álbum rejeitado para que possamos prosseguir. Para isso, basta ir no seu painel e seguir o passo a passo:

Ferramentas de distribuição > Meu catálogo > Gerenciar música > clique no álbum > copie a URL do navegador

Então retornaremos coletando outras informações necessárias. Tudo bem?

Fico no aguardo para prosseguirmos.

Abraços!

Figura 92 - Explicações da OneRPM sobre o caso "Tecelões Oníricos do Absurdo". 2023.

Com a argumentação de tais recursos serem usados para nos proteger, é dado, de certa forma, poder aos algoritmos (de reconhecimento de áudio por inteligência artificial, neste caso) como se fossem “detentores da verdade”, transformando o que era uma ferramenta (a priori) em uma “voz ativa” condicionadora, preparada para julgar e tomar decisões sobre as criações artísticas, determinando se são originais ou não, se são boas ou adequadas. Isso me gerou uma situação em que eu, como artista *DIY* autoral, humano, que produzo tudo em casa com o que tenho em mãos e sem custos operacionais (por opção), sou obrigado a provar que as minhas obras são realmente minhas, ou seja, o ônus da prova não é sobre a IA, mas sobre mim, humano criador do

conteúdo. Sou culpado até que se prove o contrário, enquanto a máquina é absoluta.

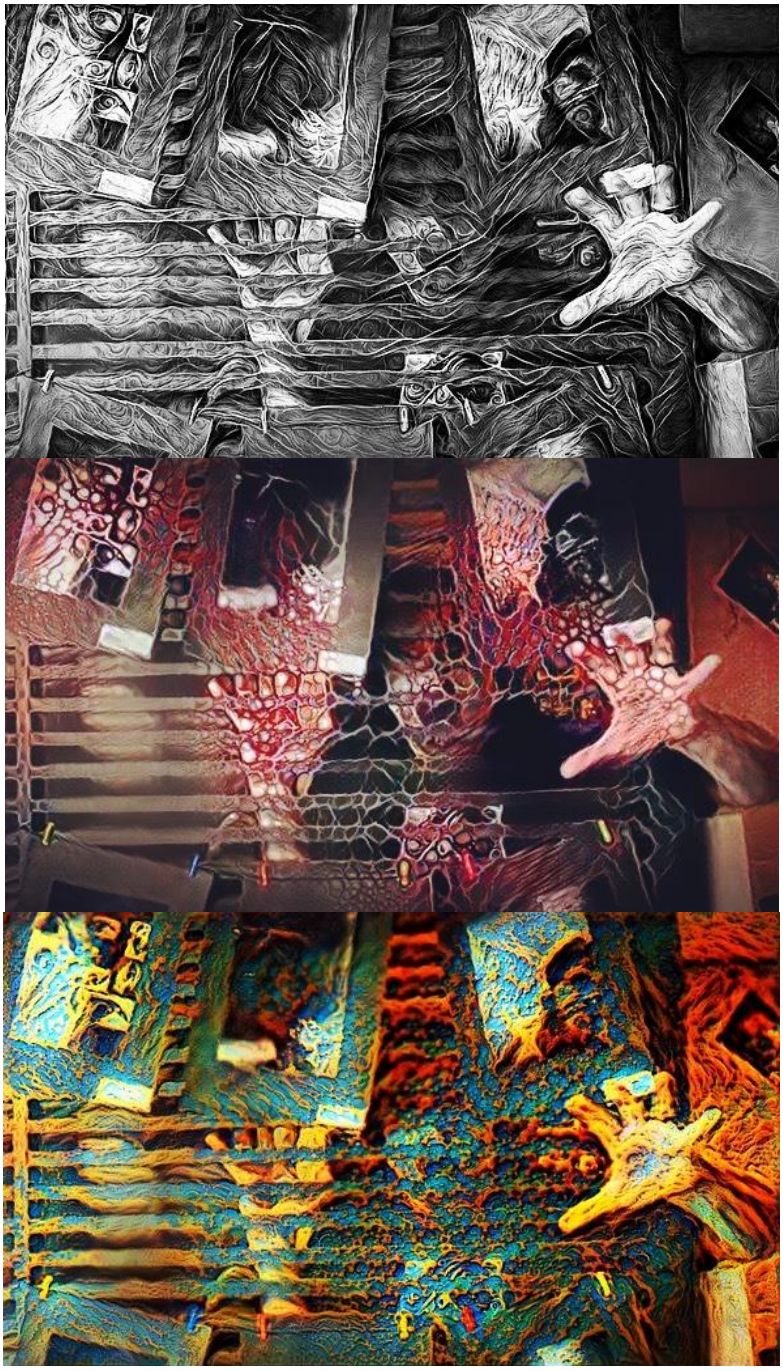


Figura 93 - "Enjaulado em si pela IA". Tríptico mekHanTrópico (Fotografia digital e Redes Neurais/IA). Fredé CF. Ecce Monstra: Brasília, 2022.

Ainda outra situação é colocada: por eu não ter registrado nenhuma das músicas, vídeos e outras produções como de autoria minha – uma vez que a minha proposta aqui é justamente a liberdade (e libertação) artística das institucionalizações –, não tem como eu provar, mekHanTrópicamente falando,

que realmente são minhas, pois não há documentos nesse sentido, apenas as postagens nas redes e plataformas (BandCamp, YouTube, Facebook e Instagram), além dessa tese-criação comprobatória enquanto relato anti-mekHanTrópico. Neste sentido, corro o risco de ser banido, cancelado e cooptado pelo sistema, ou seja, (des)AUTOR(izado) juridicamente, pela MekHanTropia instituída, em relação as obras que produzi e produzo. Essa é uma estratégia comum utilizada pelo sistema para limitar subjetividades e aniquilá-las pelas burocracias e regras instituídas, tornando aparentemente irrelevantes quem não se enquadra em seus ditames.



Figura 94 - "Liberdade mekHanTrópica". Fotografia digital. Fredé CF. La cinémathèque française: Paris, 2017.

Apesar de me sentir entristecido com esse episódio, ele me serviu como um experimento acerca de como funciona o sistema de distribuição atrelado ao mercado institucional. Além disso, essa era a intenção inicial: provocar o sistema

e experimentar como as coisas funcionam e são hiperdependentes das novas tecnologias digitais, muitas vezes criadoras de “regimes de verdade” como essa acusação de que eu estava utilizando conteúdos de “terceiros”.

Tecendo um elo com a linguagem artística transmídia que utilizo em minhas criações, tento fugir ao máximo de modelos padronizados de narrar, compor e articular minhas percepções e sensações sobre a existência por meio das obras, sem uma veiculação restrita e subserviente ao sistema, mas não deixo de provocá-lo enquanto pesquisador. Mesmo ciente que, de forma geral, os processos transmidiáticos emergem no cenário atual como uma forte estratégia de proliferação de produtos e discursos a serviço do mercado, tento observar tais operações de controle e me desvincular delas enquanto intencionalidade primordial artística conceitual, percorrendo o caminho de uma criação mais livre das garras mercadológicas.

Grandes empresas utilizam da transmídia para proliferar relações afetivas em relação às suas marcas e/ou produtos. Somando-se a ideias de obsolescência programada; cooptação de resistências pela indispensabilidade das tecnologias digitais em nossas vidas; sedução ao consumo como ideal utópico de felicidade e aniquilação das subjetividades e pensamento crítico, transformam profundamente a sociedade e o próprio capitalismo, que agora passa operar:

> Não mais (como) um sistema econômico racional, mas (uma) máquina estética produtiva de estilos, de emoções, de ficções, de evasões, de desejos. (...) e tudo isso não mais, como acontecia antes, para uma elite social restrita, mas para o conjunto dos consumidores: o capitalismo artista não cessa de construir universos ao mesmo tempo mercantis e imaginários (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 49).

O “capitalismo artista”, segue então gerando, inesgotavelmente, universos que atuam nos imaginários das pessoas com o intuito de proliferar as ideias de “vender” e “lucrar”. Neste sentido, as redes (anti)sociais digitais são fortes canais de atuação mekHanTrópica, causando uma ilusão de liberdade e um senso de comunidade e colaboração: “Hoje, os produtores dão ênfase a bens capazes de tocar a sensibilidade estética dos consumidores; não propõem mais apenas produtos de que se necessita, mas produtos diferenciados de que se tem vontade, que agradam e fazem sonhar.” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 49), apelando para uma economia fundada nas ilimitadas emoções que podem ser acessadas por meio do imaginário.



Figura 95 - "F. Valdez aprisionado pela Duplicidade algOrítmica Psicobinária anticóSmica (DOPS)". MekHanTropia, ano zero. Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2021.

ATENÇÃO MEKHANTROPOS!

Nossos censores algorítmicos identificaram uma falha de duplicidade no sistema psicobinário de MekHanTropia, provocada por um grupo de terroristas auto-intitulado como "Confraria Anti-MekHanTrópica (CAM)".

Interceptamos a troca de mensagens insurgente entre o usuário conhecido como "Amante da Heresia" e o ex-oficial, desertor/traidor, "O Acimador)".

Essas mensagens, em código binário, explicitam a conspiração terrorista que esse grupo vem construindo clandestinamente:

01001100 11101001 01101111 00100000 01010000 01101001 01101101 01100101 01101110 01110100 01100101
01101100 00100000 00101000 01100001 00101110 01101011 00101110 01100001 00101110 00100000 01000001
01101101 01100001 01101110 01110100 01100101 00100000 01100100 01100001 00100000 01001000 01100101
01110010 01100101 01110011 01101001 01100001 00101001 00111010 00100000 01110011 01100101 01101110
01110100 01101001 01101101 01101111 01110011 00101101 01101110 01101111 01110011 00100000 01101100
01101001 01110110 01110010 01100101 01110011 00101100 00100000 01110000 01101111 01110010 11101001
01101101 00100000 01100101 01110011 01110100 01100001 01101101 01101111 01110011 00100000 01110011
01100101 01101110 01100100 01101111 00100000 01100001 01101101 01110000 01101100 01100001 01101101
01100101 01101110 01110100 01100101 00100000 01110110 01101001 01100111 01101001 01100001 01100100
01101111 01110011 00101110 00100000 01101101 01100101 01110011 01101101 01101111 00100000 01110001
01110101 01100101 00100000 01100101 01101101 00100000 01100110 01110010 01100001 01100111 01101101
01100101 01101110 01110100 01101111 01110011 00100000 01100001 01110011 00100000 01110010 01100101
01100100 01100101 01110011 00100000 01100101 00100000 01100001 01110011 00100000 01110010 01101111
01100100 01101111 01110110 01101001 01100001 01110011 00100000 01100100 01100001 00100000 01101001
01101110 01100110 01101111 01110010 01101101 01100001 11100111 11100011 01101111 00101100 00100000
01101110 01101111 01110011 00100000 01110010 01100101 11111010 01101110 01100101 01101101 00100000
01100101 00100000 01101110 01101111 01110011 00100000 01110000 01100101 01100111 01100001 01101101
00100000 01100100 01100101 00100000 01101010 01100101 01101001 01110100 01101111 00101110 00100000
01101110 01101111 01110011 00100000 01100110 01110010 01100001 01100111 01101101 01100101 01101110
01110100 01100001 01101101 00100000 01100101 00100000 01101110 01101111 01110011 00100000 01110010
01100101 01100011 01101111 01101101 01110000 11110101 01100101 01101101 00100000 01100011 01101111
01101101 01101111 00100000 01101111 00100000 01110100 01100101 01101100 01100101 01110100 01110010
01100001 01101110 01110011 01110000 01101111 01110010 01110100 01100101 00100000 01100110 01100001
01111010 00100000 01100101 01101101 00100000 01101010 01101111 01110010 01101110 01100001 01100100
01100001 01110011 00100000 01101110 01100001 01110011 00100000 01100101 01110011 01110100 01110010
01100101 01101100 01100001 01110011 00101110 00100000 01101110 01100101 01110011 01110100 01100101
00100000 01100101 01101110 01110100 01110010 01100101 00100000 01100101 01110011 01110000 01100001
11100111 01101111 00100000 01100011 01101111 01101110 01110011 01100101 01100111 01110101 01101001

01101101 01101111 01110011 00100000 01110010 01101111 01101101 01110000 01100101 01110010 00100000
01100011 01101111 01101101 00100000 01101111 00100000 01101001 01101101 01110000 01100101 01110010
01100001 01110100 01101001 01110110 01101111 00100000 01100100 01100001 00100000 01110100 01110010
01100001 01101110 01110011 01110000 01100001 01110010 11101010 01101110 01100011 01101001 01100001
00111111 00100000 01100011 01101111 01101110 01110011 01100101 01100111 01110101 01101001 01110010
01100101 01101101 01101111 01110011 00100000 01110011 01100101 01110010 00100000 01101111 01110000
01100001 01100011 01101111 01110011 00111111 00100000 01101111 01110000 01100001 01100011 01101001
01100100 01100001 01100100 01100101 00100000 01100011 01101111 01101101 01101111 00100000 01100101
01110011 01110100 01110010 01100001 01110100 11101001 01100111 01101001 01100001 00100000 01100100
01100101 00100000 01110010 01100101 01110011 01101001 01110011 01110100 11101010 01101110 01100011
01101001 01100001 00111111 00100000 01110000 01110101 01101100 01110110 01100101 01110010 01101001
01111010 01100001 01110010 00100000 01101110 01101111 01110011 01110011 01100001 00100000 01101111
01110000 01100001 01100011 01101001 01100100 01100001 01100100 01100101 00100000 01100001 00100000
01100011 01100001 01100100 01100001 00100000 01110110 01100101 01111010 00100000 01110001 01110101
01100101 00100000 01110100 01100101 01101110 01110100 01100001 01101101 00100000 01101110 01101111
01110011 00100000 01110010 01100101 01100011 01101111 01101101 01110000 01101111 01110010 00100000
01110000 01100001 01110010 01100001 00100000 01101110 01101111 01110011 00100000 01100100 01101111
01101101 01101001 01101110 01100001 01110010 00111111 00100000 01110011 01100101 01110010 00100000
01101001 01101110 01100110 01101100 01110101 01100101 01101110 01100011 01100101 01110010 00100000
01101111 01110101 00100000 01101110 11100011 01101111 00100000 01110011 01100101 01110010 00100000
01101001 01101110 01100110 01101100 01110101 01100101 01101110 01100011 01100101 01110010 00111111
00100000 01100101 01101001 01110011 00100000 01100001 00100000 01110001 01110101 01100101 01110011
01110100 11100011 01101111 00111111 00100000 01100011 01101111 01101101 01101111 00100000 01100101
01110011 01100011 01100001 01110000 01100001 01110010 00100000 01100100 01100001 00100000 01110100
01100101 01101100 01100101 01100011 01110010 01100001 01100011 01101001 01100001 00100000 01110011
01100101 01101110 01100100 01101111 00100000 01110101 01101101 00100000 01100001 01110010 01110100
01101001 01110011 01110100 01100001 00100000 01100001 01110101 01100100 01101001 01101111 01110110
01101001 01110011 01110101 01100001 01101100 00111111 00100000 01110011 01100101 01110010 00100000
01101101 01101111 01101110 01110011 01110100 01110010 01101111 00111111 00100000 01110011 01101001
01101101 00100001 00100000 01100110 01101111 01101001 00100000 01101111 00100000 01110001 01110101
01100101 00100000 01110110 01101001 00100000 01101110 01100101 01110011 01110100 01100101 00100000
01110110 01101001 01100100 01100101 01101111 00100001 00100000 01100110 01110010 01100101 01100100
11101001 00100000 01100101 01101110 01110100 01110010 01100001 00100000 01101110 01100001 00100000
01101101 11100001 01110001 01110101 01101001 01101110 01100001 00100000 01100100 01100101 00100000
01110100 01100101 01101100 01100101 01110100 01110010 01100001 01101110 01110011 01110000 01101111
01110010 01110100 01100101 00101100 00100000 01101101 01100001 01110011 00100000 01100001 01100111
01101111 01110010 01100001 00100000 01101110 01100001 00100000 01100100 01100101 00100000 01100011
01110010 01101111 01101110 01100101 01101110 01100010 01100101 01110010 01100111 00101100 00100000
01100011 01101111 01101101 01101111 00100000 01101111 00100000 01100011 01101001 01100101 01101110
01110100 01101001 01110011 01110100 01100001 00100000 01110011 01100101 01110100 01101000 00100000
01100010 01110010 01110101 01101110 01100100 01101100 01100101 00100000 00101000 01101010 01100101
01100110 01100110 00100000 01100111 01101111 01101100 01100100 01100010 01101100 01110101 01101101
00101001 00101100 00100000 01101101 01100001 01110011 00100000 01101110 11100011 01101111 00100000
01100101 01101110 01110100 01110010 01100001 00100000 01110011 11110011 00101110 00100000 01100101
01101110 01110100 01110010 01100001 01101101 01101111 01110011 00100000 01101010 01110101 01101110
01110100 01101111 01110011 00100001 00100000 01100101 01101100 01100101 00100000 01100101 00100000
01100101 01110101 00111111 00100000 01101000 01100001 01101000 01100001 01101000 01100001 00100000
01110011 01101001 01101101 00100001 00100000 01110001 01110101 01100101 00100000 01101000 01101111
01101110 01110010 01100001 00100000 01100101 00100000 01100001 01101100 01100101 01100111 01110010
01101001 01100001 00100000 01100001 00100000 01101101 01101001 01101110 01101000 01100001 00100000
01100100 01100101 00100000 01110100 01100101 01110010 00100000 01110011 01101001 01100100 01101111
00100000 01101100 01100101 01110110 01100001 01100100 01101111 00100000 01101010 01110101 01101110
01110100 01101111 00100001 00100000 01110000 01110101 01111000 01100001 01100100 01101111 00100000
01110000 01100101 01101100 01100001 00100000 01101101 11100011 01101111 00100000 01100011 01101111
01101101 01101111 00100000 01110101 01101101 01100001 00100000 01100011 01110010 01101001 01100001
01101110 11100111 01100001 00100000 01100001 01110100 01100101 01101110 01110100 01100001 01100100
01100001 00100001 00100000 01100101 00100000 01100100 01100001 11101101 00100000 01110011 01100001
11101101 01101101 01101111 01110011 00100000 01100110 01110010 01100101 01100100 11101001 00100000
01100101 00100000 01100101 01110101 00100000 01110110 01101111 01100001 01101110 01100100 01101111
00100000 01100011 01101111 01100001 00100000 01101101 01101111 01110011 01100011 01100001 01100001
01110010 01100001 01101110 01100100 01100101 00100000 01100001 01101101 01101001 01100111 01101111
00100001 00100000 01110000 01100001 01110010 01100001 01100010 11101001 01101110 01110011 00100001
00100000 01100001 01100100 01101111 01110010 01100101 01101001 00100000 01101111 00100000 01110110
01101001 01100100 01100101 01101111 00100000 01100101 00100000 01101111 00100000 01000101 01010000
00100001 00100000 01100001 01100100 01101111 01110010 01100101 01101001 00100000 01100011 01101111
01101101 01101111 00100000 01110110 01101111 01100011 11101010 00100000 01101110 01101111 01110011
00100000 01100110 01100101 01111010 00100000 01100101 01110011 01100011 01100001 01110000 01100001
01110010 00100000 01100100 01100001 00100000 01110100 01110010 01100001 01101110 01110011 01110000
01100001 01110010 11101010 01101110 01100011 01101001 01100001 00100000 01110100 01100101 01101100

01100101 01100011 01110010 11100001 01110100 01101001 01100011 01100001 00100000 01101101 01100101
01101011 01101000 01100001 01101110 01110100 01110010 11110011 01110000 01101001 01100011 01100001
00100001 00001010 01000110 01110010 01100101 01100100 11101001 00100000 01000011 01000110 00100000
00101000 01100001 00101110 01101011 00101110 01100001 00101110 00100000 01001111 00100000 01000001
01100011 01101001 01101101 01100001 01100100 01101111 01110010 00101001 00111010 00100000 01000111
01110010 01100001 01101110 01100100 01100101 00100000 01001100 11101001 01101111 00100001 00100000
01010011 01110101 01100001 01110011 00100000 01100011 01101111 01101100 01101111 01100011 01100001
11100111 11110101 01100101 01110011 00100000 01101101 01100101 00100000 01100110 01101001 01111010
01100101 01110010 01100001 01101101 00100000 01110000 01100101 01101110 01110011 01100001 01110010
00100000 01100101 01101101 00100000 01100001 01101100 01100111 01110101 01101101 01100001 01110011
00100000 01100011 01101111 01101001 01110011 01100001 01110011 00111010 00100000 01000011 01101111
01101101 01101111 00100000 01110010 01100101 01110011 01101111 01101100 01110110 01100101 01110010
00100000 01100001 00100000 01101111 01110000 01100001 01100011 01101001 01100100 01100001 01100100
01100101 00100000 01100100 01101111 00100000 01101101 01101001 01110011 01110100 11101001 01110010
01101001 01101111 00100000 01100101 01101110 01100111 01100101 01101110 01100100 01110010 01100001
01100100 01101111 00100000 01101110 01100001 01110011 00100000 01101110 01100001 01110010 01110010
01100001 01110100 01101001 01110110 01100001 01110011 00100000 01101111 01101110 11101101 01110010
01101001 01100011 01100001 01110011 00100000 01100101 00100000 01100001 00100000 01110100 01110010
01100001 01101110 01110011 01110000 01100001 01110010 11101010 01101110 01100011 01101001 01100001
00100000 01100100 01100001 00100000 01101001 01101110 01100110 01101111 01110010 01101101 01100001
11100111 11100011 01101111 00100000 01110011 01101111 01100010 01110010 01100101 00100000 01101111
01110011 00100000 01110011 01100101 01101110 01110100 01101001 01100100 01101111 01110011 00100000
01100001 01101100 01100101 01110010 01110100 01100001 01100100 01101111 01110011 00100000 01100101
01101101 00100000 01110101 01101101 00100000 01101101 01110101 01101110 01100100 01101111 00100000
00110010 00110100 00101111 00110111 00111111 00100000 01000011 01101111 01101101 01101111 00100000
01100101 01110001 01110101 01101001 01101100 01101001 01100010 01110010 01100001 01110010 00100000
01100001 00100000 01110010 01100001 01111010 11100011 01101111 00100000 01100101 00100000 01100001
00100000 01100101 01101101 01101111 11100111 11100011 01101111 00101100 00100000 01101111 00100000
01100011 01101111 01101110 01110011 01100011 01101001 01100101 01101110 01110100 01100101 00100000
01100101 00100000 01101111 00100000 01101111 01100011 01110101 01101100 01110100 01101111 00101100
00100000 01101110 01100101 01110011 01110011 01100101 01110011 00100000 01100011 01100001 01110011
01101111 01110011 00111111 00100000 01000011 01101111 01101101 00100000 01101111 00100000 01100001
01100010 01110010 01100001 11100111 01101111 00100000 01100101 00100000 01101001 01101110 01110100
01100101 01100111 01110010 01100001 11100111 11100011 01101111 00100000 01100100 01101111 01110011
00100000 01100110 01110010 01100001 01100111 01101101 01100101 01101110 01110100 01101111 01110011
00100000 01100101 00100000 01100011 01101111 01110100 01100001 01110100 01101111 01110011
00100000 01110100 01100101 01101100 01100101 01101101 11100001 01110100 01101001 01100011 01101111
01110011 00111111 00100000 01000011 01101111 01101101 00100000 01100001 01110011 00100000 01110000
01101111 01101110 01110100 01100101 01110011 00100000 01100101 00100000 01110100 01110010 01100001
01101110 01110011 01100010 01101111 01110010 01100100 01100001 01101101 01100101 01101110 01110100
01101111 01110011 00100000 01110001 01110101 01100101 00100000 01110110 11100011 01101111 00100000
01100001 01100011 01101111 01101110 01110100 01100101 01100011 01100101 01101110 01100100 01101111
00100000 01101110 01100001 00100000 01100011 01100001 11110011 01110100 01101001 01100011 01100001
00100000 01110100 01110010 01101001 01101100 01101000 01100001 00100000 01110001 01110101 01100101
00100000 11101001 00100000 01110011 01100101 01100111 01110101 01101001 01100100 01100001 00100000
01110000 01100101 01101100 01101111 01110011 00100000 01110110 01100101 01110011 01110100 11101101
01100111 01101001 01101111 01110011 00100000 01100100 01100101 00100000 01100011 01100001 01100100
01100001 00100000 01110011 01100001 01101100 01110100 01101111 00100000 01100101 01110011 01110000
01100001 11100111 01101111 00101101 01110100 01100101 01101101 01110000 01101111 01110010 01100001
01101100 00100000 01101110 01100001 01110011 00100000 01110010 01100101 01100100 01100101 01110011
00111111 00100000 01010011 01100101 01110010 00100000 00101000 01110011 01100101 00100000 01110100
01101111 01110010 01101110 01100001 01110010 00101111 01110011 01100101 00100000 01101001 01100100
01100101 01101110 01110100 01101001 01100110 01101001 01100011 01100001 01110010 00100000 01100011
01101111 01101101 01101111 00101001 00100000 01101111 00100000 01101101 01101111 01101110 01110011
01110100 01110010 01101111 00100000 01100100 01100101 01110011 01110011 01100101 00100000 01101100
01100001 01100010 01101001 01110010 01101001 01101110 01110100 01101111 00100000 01110100 01100001
01101100 01110110 01100101 01111010 00100000 01110011 01100101 01101010 01100001 00100000 01101101
01100101 01110011 01101101 01101111 00100000 01100001 00100000 01110011 01100001 11101101 01100100
01100001 00100000 01100100 01100101 00100000 01101001 01101110 01110100 01100101 01100111 01110010
01100001 11100111 11100011 01101111 00100000 01100100 01101111 01110011 00100000 01100011 01101111
01101110 01110100 01110010 01100001 01110011 01110100 01100101 01110011 00100000 01100101 00100000
01100101 01110001 01110101 01101001 01101100 11101101 01100010 01110010 01101001 01101111 00100000
01101001 01101110 01110100 01100101 01110010 01101110 01101111 00100000 01100101 01110011 01110011
01100101 01101110 01100011 01101001 01100001 01101100 00101100 00100000 01101101 01100101 01110101
00100000 01100011 01100001 01110010 01101111 00101110 00100000 01000001 01101111 00100000 01101001
01101110 01110110 11101001 01110011 00100000 01100100 01100101 00100000 01100110 01101001 01100011
01100001 01110010 00100000 01110000 01100101 01110010 01100100 01101001 01100100 01101111 00101100
00100000 01101101 01100101 01110011 01101101 01100101 01110010 01101001 01111010 01100001 01100100
01101111 00100000 01100101 00100000 01100001 01101101 01100101 01100100 01110010 01101111 01101110
01110100 01100001 01100100 01101111 00101100 00100000 01101111 01101100 01101000 01100001 01110010
00100000 01110000 01100001 01110010 01100001 00100000 01110011 01101001 00100000 01101101 01100101
01110011 01101101 01101111 00101100 00100000 01110000 01100001 01110010 01100001 00100000 01100100

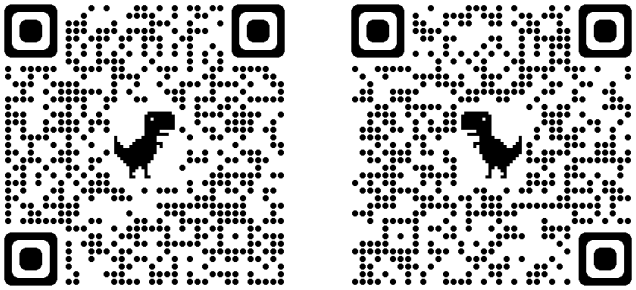
01100101 01101110 01110100 01110010 01101111 00101100 00100000 01100011 01101111 01101101 01101111
00100000 01110101 01101101 00100000 01110110 01100101 01110100 01101111 01110010 00100000 01100100
01100101 00100000 01110000 01101111 01110100 11101010 01101110 01100011 01101001 01100001 00100000
01100101 01111000 01110000 01100001 01101110 01110011 01101001 01110110 01100001 00100000 01100101
00100000 01110100 01110010 01100001 01101110 01110011 01100010 01101111 01110010 01100100 01100001
01101101 01100101 01101110 01110100 01101111 01110011 00100000 01110001 01110101 01100101 00100000
01110100 01101111 01100011 01100001 01101101 00100000 01101111 01110101 01110100 01110010 01100001
01110011 00100000 00111111 01101101 11100001 01110001 01110101 01101001 01101110 01100001 01110011
00100000 01100100 01100101 00100000 01110100 01100101 01101100 01100101 01110100 01110010 01100001
01101110 01110011 01110000 01101111 01110010 01110100 01100101 00111111 00100000 01100101 00100000
01100001 01110011 01110011 01101001 01101101 00101100 00100000 01110000 01110010 01101111 01100111
01110010 01100101 01110011 01110011 01101001 01110110 01100001 01101101 01100101 01101110 01110100
01100101 00101100 00100000 01110110 01100001 01101101 01101111 01110011 00100000 01100001 01101101
01110000 01101100 01101001 01100001 01101110 01100100 01101111 00100000 01100001 01110011 00100000
01100010 01101111 01101100 01101000 01100001 01110011 00100000 01100100 01100001 00100000 01100010
01100001 01100010 01100001 00100000 01100100 01100001 00100000 01101101 01101111 01101110 01110011
01110100 01110010 01100001 00100000 01100101 01101101 00100000 01110101 01101101 01100001 00100000
01101101 01101111 00101000 01101110 00101001 01110011 01110100 01110010 01100001 01100111 01100101
01101101 00100000 01100011 01101111 01101100 01100101 01110100 01101001 01110110 01100001 00100000
01100001 01101100 01110101 01100011 01101001 01101110 01100001 01100100 01100001 00101110 00100000
01001000 01100101 01101000 01100101 01101000 01100101 00100000 01000011 01101111 01101101 01101111
00100000 01100100 01101001 01110010 01101001 01100001 00100000 01000011 01101000 01101001 01100011
01101111 00100000 01010011 01100011 01101001 01100101 01101110 01100011 01100101 00111010 00100000
01100100 01100101 01110011 01101111 01110010 01100111 01100001 01101110 01101001 01111010 01100001
01101110 01100100 01101111 00100000 01110000 01101111 01100100 01100101 01101101 01101111 01110011
00100000 01101110 01101111 01110011 00100000 01101111 01110010 01100111 01100001 01101110 01101001
01111010 01100001 01110010 00100000 00101000 01100101 00100000 01110110 01101001 01100011 01100101
00101101 01110110 01100101 01110010 01110011 01100001 00101001 00101110 00100000 01010011 01100101
00100000 01100001 01110011 00100000 01101001 01101100 01110101 01110011 11110101 01100101 01110011
00100000 01100100 01100101 00100000 01100011 01101111 01101110 01100101 01111000 11100011 01101111
00100000 01100100 01101111 00100000 01110011 01101001 01110011 01110100 01100101 01101101 01100001
00100000 01110100 01100101 01101110 01110100 01100001 01101101 00100000 01101110 01101111 01110011
00100000 01100100 01101001 01110011 01110000 01100101 01110010 01110011 01100001 01110010 00101100
00100000 01110000 01101111 01100100 01100101 01101101 01101111 01110011 00100000 01100101 01101110
01110100 11100011 01101111 00100000 01100100 01101001 01110011 01110000 01100101 01110010 01110011
01100001 01110010 00101101 01101110 01110111 01110011 00100000 01100101 01110011 01110100 01100101
01100001 01110100 01100101 01100111 01101001 01100011 01100001 01101101 01100101 01101110 01110100
01100101 00100000 01100101 01101101 00100000 01100110 01110010 01100001 01100111 01101101 01100101
01101110 01110100 01101111 01110011 00100000 01110000 01100001 01110010 01100001 00100000 01101110
01101111 01110011 00100000 01100011 01101111 01101110 01100101 01100011 01110100 01100001 01110010
00100000 01100101 01101110 01110001 01110101 01100001 01101110 01110100 01101111 00100000 01101101
01101111 01101110 01110100 01100001 01100111 01100101 01101110 01110011 00101110 00100000 01010011
01100101 01110010 01101001 01100001 00100000 01100101 01110011 01110011 01100001 00100000 01110101
01101101 01100001 00100000 01100110 01101111 01110010 01101101 01100001 00100000 01100100 01100101
00100000 01110100 01101111 01100011 01100001 01110010 00100000 01100110 01101111 01100111 01101111
00100000 01101110 01101111 00100000 00111111 01101001 01101110 01100110 01100101 01110010 01101110
01101111 00100000 01100100 01101111 00100000 01101001 01100111 01110101 01100001 01101100 00111111
00100000 01100101 00100000 01100101 01110110 01101001 01100100 01100101 01101110 01100011 01101001
01100001 01110010 00100000 01100001 01110011 00100000 01110011 01110101 01100010 01101010 01100101
01110100 01101001 01110110 01101001 01100100 01100001 01100100 01100101 01110011 00100000 01100011
01101111 01101110 01100011 01100101 01101001 01110100 01110101 01100001 01101001 01110011 00100000
01100100 01100001 01110011 00100000 01100011 01101111 01101110 01100101 01111000 11110101 01100101
01110011 00100000 01100101 00100000 01100011 01101111 01101110 01110100 01100001 01110100 01101111
01110011 00111111 00100000 01010100 01100001 01101100 01110110 01100101 01111010 00111111 01110100
01100001 01101100 01110110 01100101 01111010 00100000 01100001 01110011 01110011 01101001 01101101
00100000 01110000 01101111 01110011 01110011 01100001 01101101 01101111 01110011 00100000 01110010
01100101 01110011 01101001 01110011 01110100 01101001 01110010 00100000 01100101 00100000 01110010
01100101 01100101 01111000 01101001 01110011 01110100 01101001 01110010 00101100 00100000 01100100
01100101 00100000 01100110 01101111 01110010 01101101 01100001 00100000 01110100 01110101 01110010
01110110 01100001 00101100 00100000 01101110 01100101 01110011 01110011 01100001 00100000 01110000
01101111 01110010 01101110 01101111 01100111 01110010 11100001 01100110 01101001 01100011 01100001
00100000 01110100 01100101 01101100 01100101 01100011 01110010 01100001 01100011 01101001 01100001
00100000 01101101 01100101 01101011 01101000 01100001 01101110 01110100 01110010 11110011 01110000
01101001 01100011 01100001 00100000 01100100 01100001 00100000 01110100 01110010 01100001 01101110
01110011 01110000 01100001 01110010 11101010 01101110 01100011 01101001 01100001 00100000 01100011
01101111 01101110 01100110 01110101 01101110 01100100 01101001 01101110 01100100 01101111 00100000
01100001 00100000 01110000 01110011 01101001 01100011 01101111 01110000 01100001 01110100 01101001
01100001 00100000 01100001 01101100 01100111 01101111 01110010 11101101 01110100 01101101 01101001
01100011 01100001 00100000 01101010 11100001 00100000 01100101 01101101 00100000 01110000 01110010
01101111 01100011 01100101 01110011 01110011 01101111 00100000 01100100 01100101 00100000 01110011
01101111 01101100 01101001 01100100 01101001 01100110 01101001 01100011 01100001 11100111 11100011
01101111 00100000 01101110 01100001 00100000 01110011 01101111 01100011 01101001 01100101 01100100

01100001 01100100 01100101 00100000 01101100 11101101 01110001 01110101 01101001 01100100 01100001
00100000 00101000 01100011 01100001 01100100 01100001 00100000 01110110 01100101 01111010 00100000
01101101 01100001 01101001 01110011 00100000 01100111 01100001 01110011 01101111 01110011 01100001
00101001 00101110 00100000 01010100 01100001 01101100 01110110 01100101 01111010 00101110 00101110
00101110 00100000 01000111 01110010 01100001 01101110 01100100 01100101 00100000 01100001 01100010
01110010 01100001 11100111 01101111 00101100 00100000 01101101 01100101 01110101 00100000 01100011
01100001 01110010 01101111 00100000 01100001 01101101 01101001 01100111 01101111 00100001 00100000
01000101 00100000 01101101 01110101 01101001 01110100 01101111 00100000 01101111 01100010 01110010
01101001 01100111 01100001 01100100 01101111 00100000 01110000 01100101 01101100 01100001 00100000
01100001 01110000 01110010 01100101 01100011 01101001 01100001 11100111 11100011 01101111 00100000
01100101 00100000 01110000 01100101 01101100 01100001 00100000 01110000 01100001 01110010 01100011
01100101 01110010 01101001 01100001 00100001 00100000 00111111 01010100 01101111 01100111 01100101
01110100 01101000 01100101 01110010 00100000 01110111 01100101 00100000 01110011 01110100 01100001
01101110 01100100 00101110 00100000 01000100 01101001 01110110 01101001 01100100 01100101 01100100
00100000 01110111 01100101 00100000 01100110 01100001 01101100 01101100 00111111

Alertamos a todos que tais balburdiadores vem atacando constantemente o sistema com intervenções poéticas pelas redes, algo proibido em MekHanTropia por se tratar de uma intencionalidade de "implosão". Eles utilizam a linguagem psicobinária mekHanTrópica para distorcer e confundir nossos censores algorítmicos.
Identificamos uma estratégia de dispersão onírica típica ao grupo terrorista CAM.
Pedimos atenção e cuidado com esses desertores.
Caso os reconheça, cancele-os e comunique-nos imediatamente.
Certos de contarmos com a colaboração e compreensão de todos, renovamos votos de elevada estima e consideração.
Desejamos um excelente e produtivo dia.
Atenciosamente,
Edir Messias BiroLiro. MekHanTropia, Ano Zero.

3. (CAPÍTULO 3) Conexões: em busca de um olhar anti-mekHanTrópico: Despertar sonhando

“É preciso sair da ilha para ver a ilha.
Não nos vemos se não saímos de nós.”
(José Saramago)



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

3.1. Estruturação poética e processos de criação em busca de re-existência

“os rótulos, como as necessidades, são sempre cadáveres,
mas mortos-vivos! levantam-se da morte, para definir-se
como niilismo! pois nos afunda na impotência, nega
qualquer gesto insubmisso, e instaura um mundo
estático! sem movimentos!”
(AmAntE:|:da:|:hErEsiA)

As inúmeras transformações pelas quais passamos diariamente pelo meio tecnológico e científico, o vazio existencial que eventualmente pode consumir nosso autoconhecimento e as formas de contribuir de maneira mais plena e harmônica com o mundo que nos cerca têm, todavia, na arte um refúgio profícuo de articulações e referências que nos possibilitam ampliar o repertório cultural e buscar a reflexão e articulação de ideias por diferentes pontos de vista sobre a vida que levamos.

Pela arte materializamos experiências intangíveis de forma a excitar nossas memórias complexas de origens sensoriais e imaginativas, rompendo com padrões e transcendendo, muitas vezes, nossa percepção de tempo, espaço e sobre nós mesmos. Tais ideias, de certa forma, dialogam com o que afirma o autor Marshall McLuhan em seu texto “A arte como sobrevivência na era

eletrônica” (2005), onde ele define o artista, sobretudo, como um criador de modelos de percepção, responsável por desregular os sentidos, com o intuito de articular novas maneiras de ver e se relacionar com o mundo e ajustando-se a situações inéditas.

O autor assevera que, como uma espécie de antena sobre a existência, o artista por meio da “arte propicia o treinamento e a percepção, a sintonização dos sentidos durante os avanços tecnológicos.” (MCLUHAN, 2005, p. 247), e, em alusão ao que Sigmund Freud colocava em seus escritos culturais no início do século XX onde afirmava que o ser-humano é uma espécie de “Deus protético”[68], Mcluhan retoma a ideia de que as tecnologias são como extensões do homem, que possibilitam a superação de nossos limites físicos, mentais, emocionais, dentre outros.



Figura 96 - "MekHanPróteses audiovisuais". Com a comitiva da UFG, em Asolo (Itália), produzindo documentários e participando de festival de cinema e audiovisual durante o Mestrado em Arte e Cultura Visual. Sob direção e orientação da profa. Dra. Rosa Berardo. 2014.

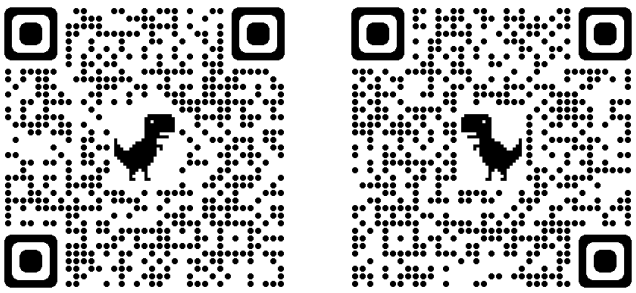
Quem também adentra essas reflexões é Vilém Flusser, na obra *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação* (2007), com a ideia de

68Ver FREUD, S. *O mal-estar na civilização*, 2011. Neste texto, Sigmund Freud tece uma abordagem psicanalítica da sociedade a fim de investigar as origens da eterna busca pela felicidade inerente à humanidade. Neste sentido, o autor reflete acerca da ideia do ser-humano e seu desejo narcísico e de certa forma arrogante de intervir na natureza, criando formas e mecanismos de dominação e suporte em relação às suas limitações, como, por exemplo, o binóculo como extensão da nossa visão ou as fotografias como extensões das nossas memórias visuais.

Homo Faber, ao investigar os caminhos trilhados pela humanidade a partir de suas fabricações. O autor coloca que é preciso pesquisar as fábricas para entender o homem, que cria ferramentas como próteses para aumentar seus potenciais limitados pelo corpo. Assim, Flusser coloca que:

> Podemos considerar as ferramentas, as máquinas e os eletrônicos como imitações das mãos, como próteses que prolongam o alcance das mãos e em consequência ampliam informações herdadas geneticamente graças às informações culturais, adquiridas (FLUSSER, 2007, p. 36).

Flusser (2007, p.37) levanta ideias importantes como a de que antes de analisar as produções intelectuais da humanidade, seria preciso um olhar mais atento ao que o homem fabricou. Para o pensador “as fábricas são lugares onde sempre são produzidas novas formas de homens: primeiro, o homem-mão, depois, o homem-ferramenta, em seguida, o homem-máquina e, finalmente, o homem-aparelhos-eletrônicos. (...) essa é a história da humanidade”. Desde tempos ancestrais, o ser humano se desconecta cada vez mais da natureza e tenta imitá-la. Segundo o autor (p. 38), “a segunda Revolução Industrial expulsou o homem de sua cultura, assim como a primeira o expulsou da natureza (...). Pensemos agora na terceira Revolução Industrial, aquela que implica na substituição de máquinas por aparelhos eletrônicos.”



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Como projeção para nossa sociedade, Flusser atenta que devemos nos perguntar “como serão as fábricas do futuro”. Assim, ao vislumbrar o futuro por meio de meu universo poético ficcional, reflito sobre o presente e sobre mim mesmo percebendo-o. Essa ideia de “fábrica” como vetor sociocultural, colocado pelo autor, pode ser vista já em nossa sociedade atual, por exemplo, nas escolas que, integrando aparelhos e fluxos eletrônicos, operam como fábricas de

informações que ensinam o ser humano a compreender e produzir coisas. Flusser diz que o homem do futuro deve ser pensado cada vez menos como um operário, trabalhador ou engenheiro e mais como um acadêmico, uma vez que, segundo ele, “quanto mais complexas se tornam as ferramentas, mais abstratas são suas funções.” (p. 41). O ser humano está cada vez mais unindo aparelhos pelas redes, fios e fluxos abstratos e isso traz profundas transformações para nossa sociedade. Atualmente, o smartphone é um forte exemplo dessa convergência e, por isso também, utilizo-o em meu universo como recurso fundamental, de maneira poética para representar o poder que rege e dá existência à toda MekHanTropia enquanto sistema estabelecido, uma vez que todo esse universo foi criado e produzido pelo smartphone.

Ao contrário das linhas de abordagem que sigo em minhas criações, Flusser possui uma visão otimista sobre o futuro:

> As ferramentas imitam a mão e o corpo empiricamente; as máquinas, mecanicamente; e os aparelhos, neurofisiologicamente. Trata-se de ‘converter’ (*wenden*) em coisas as simulações cada vez mais perfeitas de informações genéticas, herdadas. Pois os aparelhos eletrônicos consistem nos mais adequados métodos para transformar coisas para o uso. A fábrica do futuro será certamente muito mais compatível que as atuais, e, sem dúvida, reformulará completamente a relação homem-ferramenta. Pode-se, portanto, esperar que a louca alienação do homem com relação à natureza e à cultura, que atingiu grau máximo na revolução das máquinas, possa ser superada. E assim a fábrica do futuro não mais será um manicômio, mas um lugar onde as potencialidades criativas do *Homo Faber* poderão se realizar (FLUSSER, 2007, p. 38/39).

Assim então, finalmente, passaremos da ideia de *Homo Faber* para *Homo Sapiens Sapiens*, segundo o autor. Mas, em meio à pandemia, as já colocadas estetizações, glamourizações, valorização do ódio, egoísmos, destruições do habitat, necropolítica instaurada, totalitarismos, dispersões e tudo o que foi até aqui colocado, será que chegaremos nesse futuro utópico idealizado? Será que poderemos resistir à cooptação mekHanTrópica que a cada dia aliena mais os indivíduos por meio de hiperestímulos, bolhas de concordância e hiperinformação sem espaço reflexivo? Pegando a última afirmação de Flusser, na citação acima, questiono seu otimismo: Por conta da cultura atual de autocobrança por hiperprodutividade e hipercompetitividade, além da hiperdependência digital atual e do domínio simbólico do Binarismo Anticósmico,

será que as ditas “fábricas” do futuro não serão ainda piores que um manicômio, como citado por ele?



Figura 97 - "MekHanTropia’s view (Paisagem - 0)". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF. 2020.

O cientista e divulgador naturalista britânico David Attenborough, em reportagem veiculada pelo Instituto Humanitas Unisinos em setembro de 2020, pensa que a humanidade enfrentará percalços tenebrosos ainda neste século:

> As pessoas, com razão, falam muito sobre a mudança climática. Mas agora está claro que o aquecimento global provocado pelo homem é apenas uma das várias crises em jogo. Uma equipe de estimados cientistas, dirigida por Johan Rockstrom e Will Steffen, identificou nove limites críticos integrados ao meio ambiente da Terra: mudança climática, uso de fertilizantes, conversão de terras, perda de biodiversidade, poluição do ar, esgotamento da camada de ozônio, acidificação dos oceanos, poluição química e extrações de água doce.[69]

69Reportagem de 16/09/2020. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/602870-estamos-diante-da-possibilidade-real-de-uma-sexta-extincao-em-massa-afirma-david-attenborough?fbclid=IwAR1tgECeE61vNph31kc3u8THopKbwlf5v91CrdyvvIQ_MwTpw-s5_8XJD-8
Acesso em: 17/09/2020.

Attenborough coloca que para evitar que isso aconteça devemos tomar consciência e nos reconectar enquanto parte do planeta, visando “maior sustentabilidade, energia limpa, a reconstrução dos oceanos, ocupar menos espaço e desacelerar o crescimento da população.”

Esse relato é de antes de tudo acontecer. De antes de tudo sucumbir. Do início, de quando o verbo ainda era mais plural. De quando ainda havia a estabilidade de um sistema completamente instável. Caótico. Não-binário. Pré-mekHan Trópico. De quando o silício ainda não havia dominado por completo. De quando ainda havia liberdade para subjetividades. Eu, Valdez, nunca quis fazer mal a ninguém, prejudicar ninguém. Minhas intenções sempre foram as melhores, pelo menos para mim...era isso que eu achava. Pensava que, com minhas ideias, contribuía para um mundo mais equilibrado. Mas de que valem as intenções e as ideias em um mundo focado somente em ação? De que valem as tentativas em um mundo focado somente em produtividade? De valem as ideias em um mundo focado somente em resultados? De que valem os erros, enquanto caminho de evolução, em um mundo de julgamentos, comparações e condenações por verdades absolutas? De que vale ser humano em um mundo padronizado por utopias vazias sobre uma perfeição que não existe e não há razão de existir? Hipócritas! Todos são! Hipócritas! Eu também. Além de ingênuo. Tão ingênuo ao ponto de sempre ter mostrado minha cara em um mundo povoado por máscaras.

Apesar de tudo, sobrevivo com esperança e sigo a luta por me reinventar e evoluir a cada dia. Como todo ser humano, as vezes consigo, as vezes não. Mas, por conta do binarismo que se impõe, não permaneço mais no meio termo, nas nuances. Ou agrado ou desagrado. Não há neutralidade. Cada vez mais solitário em meio à multidão das redes. Conectado e ao mesmo tempo isolado, voltado a mim mesmo refletido pelas telas pretas dos aparelhos. Ao mesmo tempo, sempre condicionado a visão do outro. Narcísico. Narcisista. Egoísta. Raivoso. Sem espaço para sonhar por mim mesmo. Sem poder ser o bicho complexo, misterioso, transmutacional que percorria labirintos existenciais alocados entre os extremos binários do “zero” e “um” digital, nas zonas cinzas do Caos.

Aqui estou: preso nas telas sombrias dos padrões algorítmicos psicobinários. Este relato talvez se desfaça nos próximos instantes e eu nunca mais me lembre dele. Nunca mais exista. Existo? Talvez nunca tenha existido. Talvez esse relato nem chegue a ninguém antes de ser cooptado e se tornar também parte desse enlatado que a humanidade se tornou. Porém, ainda tenho uma esperança insistente em mim,

de que essas palavras possam, de alguma maneira, servir à resistência contra o simulacro mekHan Trópico que nos envolve e escraviza.
Ainda sonho que minhas palavras provoquem um furacão.
(Trecho dos "Diários de Quarentena" de Valdez)

Destarte, utilizo também essas reflexões para pensar em cenários para o universo poético ficcional que crio e, a partir dele/com ele, artisticamente, levantar reflexões sobre possibilidades de resistência para nossa (re)existência. McLuhan já apontava que devemos nos atentar e "combater" o que ele chama de "servomecanismo" por meio da arte:

> Uma das funções do artista que veio a ser compreendida nas últimas décadas é, sobretudo, a de impedir que nos ajustemos a nossos ambientes. Há sempre o perigo de nos robotizarmos, de nos ajustarmos ou de nos condicionarmos como o homem que rema. (...) Quanto mais se ajusta o remo, mais é um servomecanismo. (...) O perigo, contudo, de tornar-se um servomecanismo de nosso próprio ambiente em virtude do ajustamento é afastado pelo artista, que cria imagens novas violentas para desarticular as nossas sensibilidades. (McLUHAN, 2005, p. 262-263).

Essas ideias convergem ao conceito que trago de resistência à MekHanTropia, dialogando com o universo da "Aurora Pós-Humana"[70], do artista multimídia Edgar Franco (a.k.a. Ciberpajé), uma de minhas principais referências. O Ciberpajé utiliza com maestria diferentes mídias para abrigar e desenvolver as relações, percursos narrativos, construções de personagens, e imbricamentos conceituais de seu universo poético ficcional autoral, o que me serve bastante como inspiração em meu próprio universo. Cada mídia, com suas especificidades, engendra mecanismos que contribuem para a fruição do universo, mas também funcionam de maneira individual como obras autônomas.

Após a hecatombe mekHan Trópica, pouca vida sobrou. Em meio aos fluxos e destroços maquínicos, um chip é encontrado com algumas memórias longínquas de uma era em que ainda era possível contemplar e respirar o ar fresco na natureza. No atual cenário, esses privilégios já não existem mais de fato, apenas enquanto dígito resgatado dos escombros perdidos nos resquícios de uma mente doentia qualquer já esquecida em meio ao caótico, e cada vez mais rápido, tráfego hiperinformacional. Esse videoclipe é uma coletânea de memórias, fruto de reflexões sobre o ritmo da vida, das informações, das contemplações, das reflexões, do olhar, do sentir, do

[70] Ver: http://ciberpaje.blogspot.com/ Acesso em: 04/08/2023.

pensar, do absorver e do viver o tempo Se o tempo é uma ilusão, seria mesmo o presente mais "real" que o passado ou que o futuro? Será que há mesmo essas separações ou está tudo acontecendo concomitantemente em camadas hiper-reais? O sonho é uma memória passada, uma vivência presente ou uma possibilidade futura ligada ao desejo? Quando estamos sonhando estamos vivendo? E quando estamos vivendo? Estamos sonhando? Estamos sonhando e vivendo? Em MekHanTropia questões como essas desapareceram, por serem tidas como contra-producentes e negativas diante a positividade egóica da hipercompetitividade psicopolítica. A memória humana falha. A memória do sistema (dados) guarda (e pune). Nunca se esquece. Em MekHanTropia deixamos de sonhar. E você? Qual o seu ritmo? Qual o seu tempo? Qual a sua vida? Quais seus sonhos? O que é mais interessante pra você?

(Trecho da carta de Aíla a Valdez. MekHanTropia, ano zero).



Figura 98 - "MekHanTropia's view (Paisagem - 1)". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF. 2020.

Sobre o universo ficcional da "Aurora Pós-Humana" e a formação de subjetividades sob a égide do pós-humano, os pesquisadores britânicos King e Page (2017) colocam que:

> In the ‘Aurora pós-humana’, the physical construction and engineering of the media that guide us into the fictional world become important factors in how the narrative ideas are shaped and how they engage in the formation of posthuman subjectivities. The effect is that the reader’s attention is repeatedly drawn to the particular affordances of media platforms that are created by their specific forms of materiality. Furthermore, in contrast to the ideal of the unified text as an expression of a unified self that underpins humanistic traditions of textualist scholarship, the complex textuality of the ‘Aurora pós-humana’ is decentred and in a state of constant mutation. No one medium is presented as central in the unfolding of the narrative, just as no one narrative strand or temporality is dominant within the diegesis. Instead, the performances, ambient electronic soundscapes and graphic fiction emerge from one another to form a transmedia world possessing some of the qualities of what Hayles calls the ‘Work as Assemblage’ and describes as a textual counterpart to Deleuze and Guattari’s metaphor for the endlessly productive transindividual flows of desire, the Body without Organs. (KING; PAGE, 2017, p. 184)[71]

Como evidenciado pelos autores – e ao contrário de outros universos ficcionais transmidiáticos –, a arte de Edgar Franco flui de maneira complexa no universo da “Aurora Pós-Humana”, sem estabelecer ou determinar de maneira absoluta qualquer meio específico como referência poética e diegética central. A constante fruição e transmutação de elementos presentes em diferentes linguagens e mídias do universo, por aqueles que entram em contato com ele, é que estabelecem os referenciais narrativos e de transcendência artística.

A transmídia é tratada e trabalhada como linguagem artística. Além disso, o artista estabelece um universo transmídia desprendido de normatizações mercadológicas, o que possibilita a ele maior liberdade criativa e possibilidade de exercer suas escolhas artísticas de maneira autônoma e diversa, espalhadas em várias obras que se complementam ou não e com a intencionalidade genuína

[71] “Na ‘Aurora pós-humana’, a construção física e a engenharia das mídias que nos guiam para o mundo ficcional tornam-se fatores importantes em como as ideias narrativas são moldadas e como elas se envolvem na formação de subjetividades pós-humanas. O efeito é que a atenção do leitor é repetidamente atraída para os recursos particulares das plataformas de mídia que são criadas por suas formas específicas de materialidade. Além disso, em contraste com o ideal do texto unificado como expressão de um eu unificado que sustenta as tradições humanísticas da erudição textualista, a textualidade complexa da ‘Aurora pós-humana’ é descentralizada e em estado de constante mutação. Nenhum meio é apresentado como central no desenrolar da narrativa, assim como nenhum fio narrativo ou temporalidade é dominante na diegese. Em vez disso, as performances, as paisagens sonoras eletrônicas ambientais e a ficção gráfica emergem umas das outras para formar um mundo transmídia que possui algumas das qualidades do que Hayles chama de ‘Trabalho como Assemblage’ e descreve como uma contraparte textual da metáfora de Deleuze e Guattari para o infinitamente produtivo. fluxos transindividuais do desejo, o Corpo sem Órgãos” (KING; PÁGINA, 2017, p. 184). Tradução nossa.

da criação como forma de projeção de suas ideias sem censuras ou crivos externos.

Isso não ocorre com universos transmidiáticos alocados sobre as determinações do mercado, como *Matrix* e *Star Wars*, só para citar dois exemplos. Tais universos partem, antes de tudo, de uma necessidade de audiência e venda de produtos relacionados. Foi concebido, primeiramente, em determinadas mídias como referência diegética que funciona como um núcleo poético de onde saem outras narrativas em diferentes mídias. Nesses casos de universos ficcionais citados os núcleos são as trilogias cinematográficas que já trazem embricadas preconcepções limitantes que visam o capital e, consequentemente, influenciam nas possibilidades de criação, abordagem e experimentação. Outros exemplos são o universo Marvel e o universo de "The Walking Dead", que se iniciaram pelas histórias em quadrinhos e se transformaram, expandindo-se transmidiáticamente tendo em vista o mercado.

Em diálogo com o também britânico artista e pesquisador Roy Ascott, "o significado é o produto da interação entre o observador e o sistema, cujo conteúdo está em estado de fluxo, de mudança e transformação infinitos" (ASCOTT, 2009, p. 306), onde a hibridização de conteúdos e linguagens traz à tona novos paradigmas de representação e possibilidades de criação. O foco estético não se concentra mais apenas nos objetos observados passivamente, mas também nos sujeitos participantes, em suas relações de percepção dentro daquele sistema colocado e ainda nas próprias ferramentas (aparelhos, fluxos, redes). Cada vez mais há a importância cultural de nos mantermos mais conscientes sobre nossas percepções e leituras de mundo a partir das novas formas que nos relacionamos, e se mostra importante enxergarmos as amarras e intenções que cada representação artística (ou não) possui e como nos relacionamos com elas.

A MekHanTropia não é só o sistema que moe as pessoas. O sistema é feito por pessoas. Pessoas que são tão parte dele que se tornam ele. Pessoas que tomam remédios pra acordar e pra dormir. Pessoas infelizes que atuam na autoexploração e transferem também para a exploração do outro, uma vez que projetam ao outro seu estilo de vida. E com isso, muitas vezes até de forma inconsciente, se normalizam essas relações, as subjetividades são padronizadas e o sistema se fortalece. É muito

importante falar sobre isso pois são relações bastante comuns de mekhantropomorfização. O que torna a existência deslumbrante é a diferença, o contraste, a alquimia, a subjetividade, a unicidade, a magia de ser raro diante do tudo e, enfim, do nada ser. O mo(n)strar-se sincero, essencial. Profundo. Essa raridade cósmica é deslumbrante e, ao mesmo tempo, reveladora sobre nossa insignificância frente a imensidão da existência infinita dos universos internos e externos a cada um de nós. Somos instantes. Nós. A serem desatados. Passamos. Constantemente. Inexoravelmente. Uma forma de resistir é pela sagacidade da criação e fruição artística, da contemplação, dos estudos, entre outras atividades qualitativas, pra tentar escapar (ou ao menos amenizar o envolvimento) do abraço MekHan Trópico. Ao exaltar a vida em seus aspectos qualitativos relacionados à experiências que se dão sem visar apenas a quantificação, monetização e viés mercadológico, atuamos na subjetividade. Buscar alternativas. Estipular limites pessoais. Se o sistema te induz a virar máquina, a resistência deve ser feita na direção oposta, rumo à animalidade, à ancestralidade, ao sentir por si mesmo, não pelo outro, não pela máquina. Integrar-se ao planeta por inteiro (corpo, mente e espírito) como forma crucial, iconoclasta e visceral de combater e se desprender, no presente, das expectativas criadas, das (des)esperanças projetadas e, sobretudo, do doloroso horror do que se tornou ser humano.

(Trecho da carta de Aíla a Valdez sobre a MekHan Tropia).

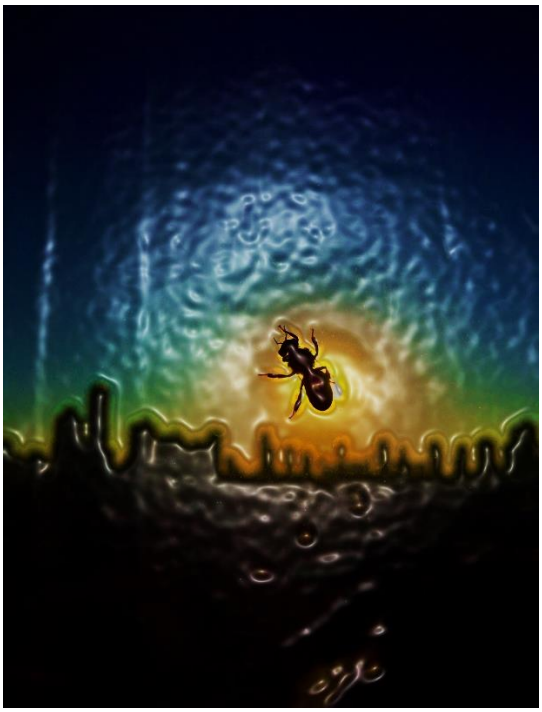


Figura 99 - "Entre o padrão e a extinção, o vácuo (Mundo de Plástico)". Fotografia digital. Fredé CF, 2021.

A partir dos processos criativos, conexões e parcerias que articulo em/por minhas obras, tento dissecar experimentalmente diferentes linguagens artísticas e me aproximar de visões mais livres e libertárias sobre as práticas e intenções poético-criativas (como as de Edgar Franco, por exemplo), sem estabelecer núcleos ou centralidades narrativas diegéticas. Roy Ascott (2003) afirma que vivemos num contexto ao qual ele nomeia como “realidade mista”, transfigurado pela tecnologia que permeia e emerge lidando “ao mesmo tempo com o mundo virtual sintetizado e o mundo físico real”, concebendo ambientes criativos de integração e conectividade para atuação dos artistas.

O autor acredita que, embora os alicerces para uma sociedade pós-biológica estejam sendo erguidos com base em nossos vínculos com as mais avançadas formas de tecnologia e suas relações com a percepção, a matéria e a mente humana. Tecnologias antigas, empregadas por xamãs há milênios com plantas enteogênicas[72], continuarão sendo utilizadas como base de uma proposta – por mais *high-tech* que seja – de alteração, transcendência e busca pela subjetividade por meio de transformações na imaginação. Segundo Ascott, “ambas as tecnologias, a tecnológica e a farmacológica, oferecem campos de consciência que geralmente estão em desacordo com nossa realidade cotidiana, a chamada realidade do senso prático.” (2003, p.276).

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Roy Ascott diz que a mente humana é dividida em três polos, denominados por ele como “três *RVs*”: a *Realidade Virtual*, que abrange toda a ideia de interação e imersão entre nossas conexões sensoriais e os ambientes que habitamos ou

72Enteógeno (também chamado enteogênico ou enteogénico) é uma substância alteradora da consciência que induz ao estado xamânico ou de êxtase.

vislumbramos. A *Realidade Validada*, que é toda atividade cotidiana, ordinária, calcada em nossa visão de mundo e no que acreditamos ser o modelo de realidade concreta e estabelecida por axiomas oriundos de nossa formação familiar, escolar e social, ignorando ou descredibilizando, muitas vezes, visões que extrapolam ou destoam destes modelos pré-estabelecidos, como a física quântica, o ocultismo e o misticismo oriental, por exemplo. E, por fim, a *Realidade* Vegetal, que "pode ser entendida no contexto da *tecnoética* como a transformação da consciência pela tecnologia vegetal" (ASCOTT, 2003, p. 277/278), operando de forma transcendente e visionária, e sendo muitas vezes destoante dos conceitos alopatas da medicina ocidental. Porém, ao mesmo tempo, também apropriados pelo mercado farmacêutico. Penso nessa ideia de "Realidade Vegetal" também a partir da transcendência pela meditação, pela arte, pela prática de yoga e pelos sonhos.

O movimento estático do invisível que escapa aos nossos cinco limitados sentidos.
A ocupação transcendental e metafísica de espaços.
Contemplação, conexão, sombra, ruptura, transmutação, intenção, desfragmentação do imaginário, das memórias e da percepção.
Readequação de fluxos cardiocibernéticos.
Olhar de dentro para fora.
Tempestades mentais.
Confinamento.
Deslocamento do tempo ordinário.
Diferentes dimensões neurais desestabilizadas ao longo do dia.
Um dia inteiro caberia ao amanhecer?
Tentando ser a cada amanhecer.
Transcender...
...depois
Ao anoitecer
A resistência ascende
O sistema cede
O ócio cresce
A luta esvai
A noite cai
O descanso acorda
Se despede da sua dor

Diz adeus à sua alegria
Uivando à Lua
Voltamos a Ser ao anoitecer
Nos tornamos
Sombras
Sonhos
Oz
Resistimos
Nós
Pela Arte
Pela Vida
Sós

(Diários de quarentena – relato existencial de Aíla, escrito na noite que antecedeu o chamado "Amanhecer mekhantrópico": quando as sombras se tornaram luzes presas nas telas e a MekHanTropia foi instituída).

Utilizo frequentemente tais ideias ascottianas como perspectiva poética para pensar e criar obras em MekHanTropia. Tento sempre articular narrativamente as criações com uma poética que leve em consideração essas três "RVs", sendo que, normalmente, em MekHanTropia há um completo desequilíbrio entre elas provocado pelo sistema. A "Realidade Virtual" é predominante sobre a "Realidade Validada" e, principalmente, sobre a "Realidade Vegetal" que está quase totalmente extinta, podendo ser ocasionalmente acessada pelos resistentes que insistem em buscá-la por diversos portais oníricos psicodélicos em meio às máquinas e fluxos. Neste sentido, a utilização da Rede Neural/IA *Deep Dream Generator* em grande parte de minhas produções ocorre com intencionalidade poética, para representar esses acessos e conexões por meio de uma estética tipicamente psicodélica.

O Ciberpajé, ao conceber a capa do álbum musical *Cão Breu Pós-Humano*[73], obra que deu origem ao meu projeto musical solo em julho de 2019, utilizou também de tais conexões em seu processo criativo, como relata em sua página pessoal:

73Disponível em: https://lunarelabel.bandcamp.com/album/c-o-breu-p-s-humano Acesso em: 17/09/2020.

> A arte [do álbum] foi criada pelo Ciberpajé a partir de uma experiência visionária com o enteógeno *Psilocybe Cubensis*, ela retrata um cão lobo-guará pós-humanista e utilizou-se em sua finalização a rede neural e Inteligência artificial *Deep Dream* para geração das texturas da imagem.[74]

Essa obra surgiu em referência e homenagem em relação à criatura que dá nome à banda que faço parte (Cão Breu) e em relação à obra em quadrinhos de Edgar Franco intitulada “Oráculos” – baseada no Tarô e I Ching – e em seus aforismos iconoclastas. Além disso, essa foi minha primeira incursão em um projeto musical solo em parceria com o Ciberpajé.

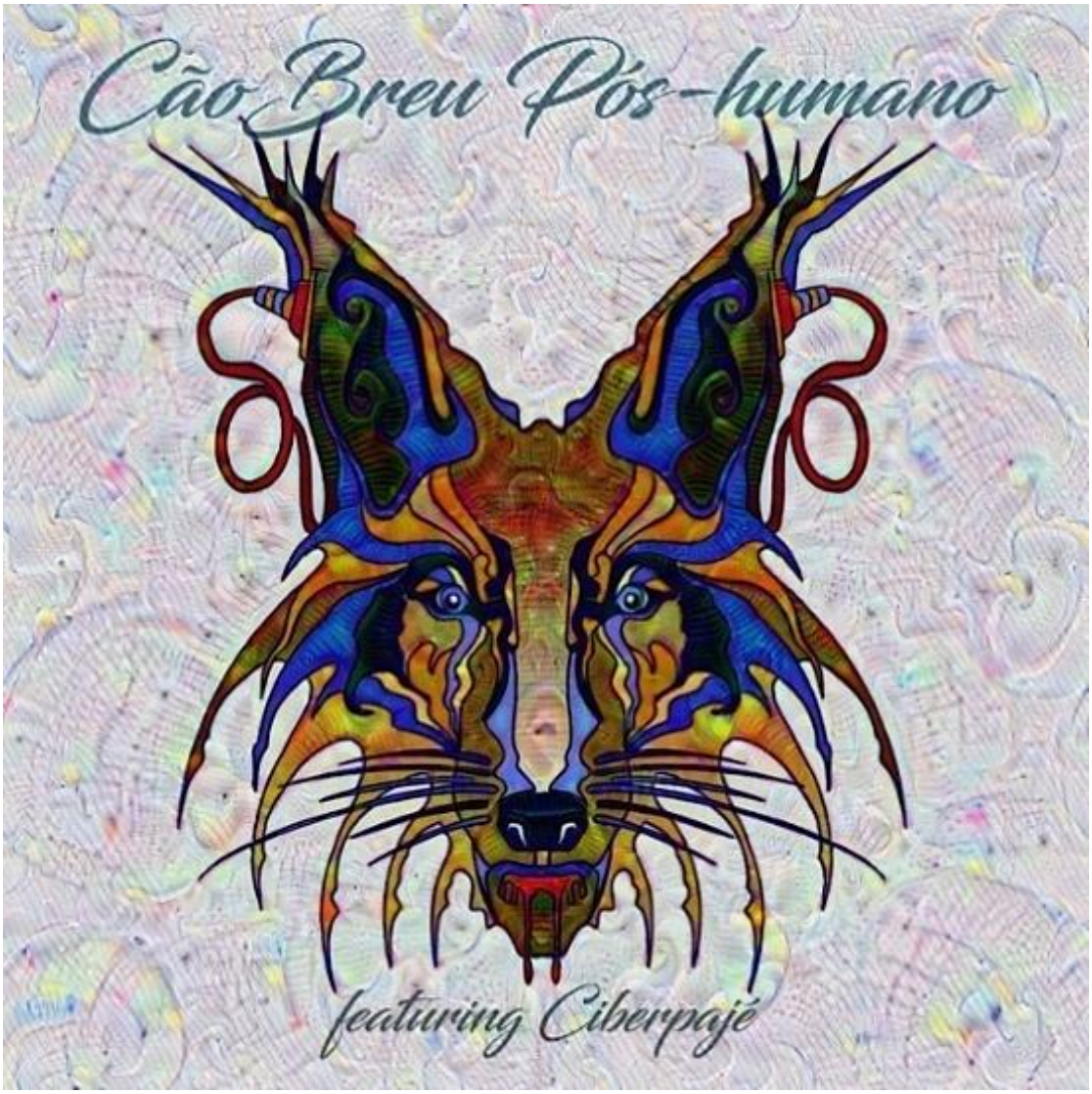
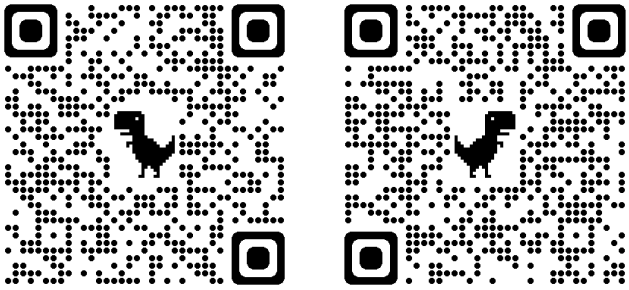


Figura 100 - Capa do álbum “Cão Breu pós-humano” de Fredé CF. Arte da capa e encarte feita pelo Ciberpajé. 2019.

74Ver: http://ciberpaje.blogspot.com/2019/07/lancamento-cao-breu-pos-humano-cd-conta.html Acesso em: 18/09/2020.

Esse álbum tem um valor muito significativo em minha trajetória artística, pois estabelece um rompimento com preconcepções e determinações minhas existentes anteriormente. Ao me aventurar nesse novo tipo de projeto solo (até então inédito em minha trajetória de participações em diversas bandas musicais), pude acessar e trabalhar com mais profundidade e coragem aspectos da minha individualidade, o que me possibilitou um maior autoconhecimento e elucidação sobre quem sou/estou, um processo de desprendimento pessoal que não foi nada fácil.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

"Cão Breu Pós-humano" tematiza sobre uma possível projeção futurística distópica da lenda do Cão Breu, se amparando, durante a jornada, em conexões com o universo transmídia da "Aurora pós-humana". Como já referenciado anteriormente, o nome "Cão Breu" remete etimologicamente ao "demônio" cão e à sombra e escuridão breu[75]. Circunscrita ao ambiente rural e interiorano, essa lenda, presente na oralidade cultural brasileira, versa sobre um cão negro de olhos flamejantes, anunciador de uma tragédia proveniente da personificação da culpa e do remorso, que desemboca aqui artisticamente em uma jornada de autoconhecimento e transcendência a partir do olhar às sombras.

Edgar Franco participou declamando aforismos em algumas músicas e criou a arte da capa e do encarte, que mixa inspiração visionária enteogênica no desenho base e efeitos gerados pela inteligência artificial *Deep Dream*

75"As pragas dos cães e a correspondente ameaça da raiva também foram conhecidas por terem afetado as primeiras sociedades. Dentro de um contexto islâmico, foi isto o que levou a um decreto do profeta Maomé para selar o destino do cão, especialmente se ele era de cor preta: "O cão preto é o diabo...Mate todos cujo o preto é a única cor." (Disponível em: http://www.blackdoginstitute.org.au/media/eventscal/index.cfm Acesso em 22/01/2017. – Tradução nossa).

Generator. A narrativa versa sobre temas como autoconhecimento, vontade de viver, contestação aos cânones e ao sistema, buscas por qualidade de vida, reconexão com o habitat e aceitação do que é, além de projeções imaginárias acerca de um futuro não muito dócil para a espécie humana. Ao encararmos um Cão Breu, voltamos o foco para nós mesmos e partimos na busca introspectiva pela autocura como meio de evitar, ou ao menos amenizar, o desastre distópico vislumbrado. Desastre que se configura como uma tragédia produzida por nós mesmos, a partir de tabus, dogmas, contradições e hipocrisias que, ao mesmo tempo, nos estabelece como humanos que ainda somos. Ao expor nossas vísceras, nos humanizamos e nos estranhamos frente a um mundo padronizado, o que enxergo como algo de grande valia.

Poeticamente, une-se nessa obra alguns devaneios meus em diálogo com trechos do pensamento do Ciberpajé, além de sonoridades e ambientações que remetem aos contrastes entre o analógico, acústico, natural, “molhado”, orgânico e o digital, cyberpunk, industrial, “seco”, robotizado.



Figura 101 - Ciberpajé desenhando/autografando, em ritual de presença, minha edição de sua obra "Oráculos": inspiração para o álbum “Cão Breu Pós-humano”. 2017.

Das sete faixas do EP (numeradas no encarte de 0 a 6), seis são baseadas no violão, voz e algumas percussões, criando essa atmosfera folk mixada à psicodelia nas vozes e efeitos sonoros. Já a faixa que fecha disco, "Viagem Interplanetária (*Transdimensional Lycanthropy*)" investe em uma psicodelia com base mais eletrônica. As letras misturam aforismos do Ciberpajé, textos de suas HQs e poemas de minha autoria. A figura do Cão Breu permeia o núcleo criativo de diversas obras de meu universo, com referências que vão desde a imagem desse ser representada de várias formas, até citações faladas (e uivos) em várias faixas musicais, com a frase "*The Black Dog walks at night*".

O álbum se inicia com a primeira faixa, de número ZERO, intitulada "O Louco"[76], que apresenta uma sobreposição de vozes e ruídos conduzidos por uma vinheta repetitiva feita no violão, trazendo certa confusão ao ouvinte e apresentando a obra como algo que sai um pouco das "caixinhas" padronizadas institucionalizadas por nossa sociedade. Uma busca por liberdade em meio à moral instituída. A sensação buscada aqui é do estranhamento e da inquietação que já se dá no número da faixa: o zero que de fato é um, pois é a primeira faixa do álbum. O "zero" e o "um", neste caso, também remetem ao binarismo do mundo digital, em alusão às desconectadas conexões que temos atualmente. Essa desconexão, ironicamente, presenciamos em um mundo ultraconectado pelas redes telemáticas, geradoras de ansiedades e outros distúrbios psicológicos e emocionais cada vez mais preocupantes. Desta forma, questiono: quem é o Louco? Não seriam eles, os adaptados a um sistema destrutivo, mais loucos que aqueles que o questionam?

76Ver: FRANCO, Edgar. *Oráculos*. Graphic Book. São Paulo: Editora Criativo, 2017. P. 43 – 45)

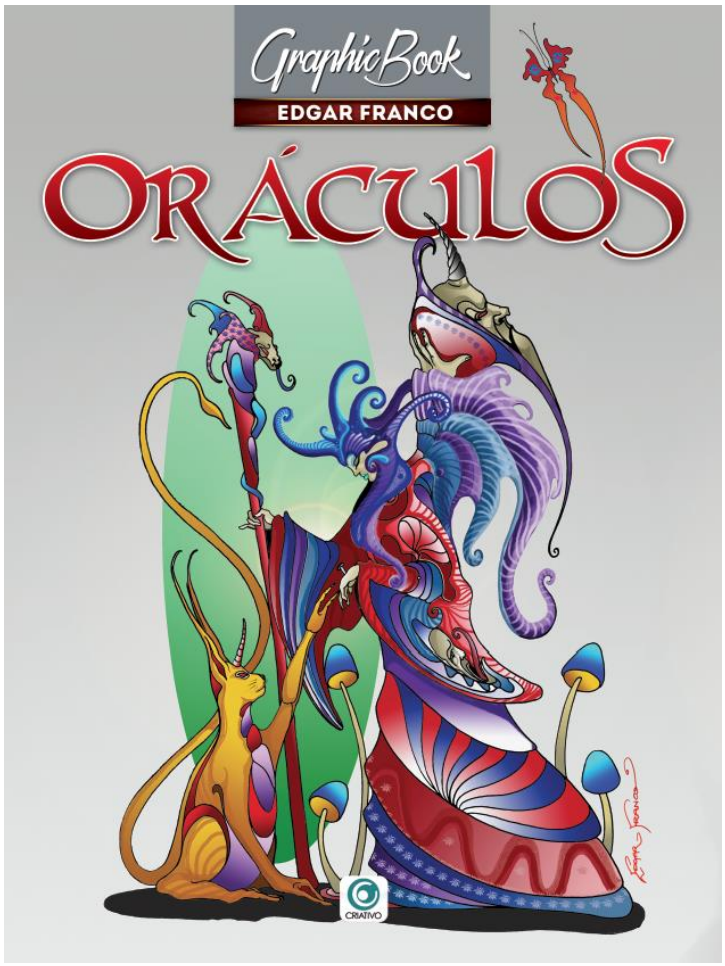


Figura 102 - Capa da obra "Oráculos" de Edgar Franco (aka Ciberpajé).

A próxima faixa é uma vinheta de passagem instrumental intitulada “Fetal Sapiens*”* e foi composta após a leitura inspirada do conto homônimo do *Graphic Book* “Oráculos” de Edgar Franco. A musicalidade foi inspirada no álbum *Endless River* da banda britânica *Pink Floyd* e conta com uma melodia alegre, porém “suja”, composta por um pandeiro, um contrabaixo elétrico distorcido pelo pedal *bass overdrive* e um violão (rítmico e solo) de nylon. Há ainda o contraste com um choro de bebê[77]. A intenção aqui foi de representar a reflexão sobre uma civilização adaptada e alienada em um mundo caótico que se anuncia. O conto original, em história em quadrinhos poético-filosófica de Edgar Franco, se baseia na carta “O Eremita” do Tarô e versa:

> Por milênios vasculhou os livros sagrados do bem e do mal em busca da sabedoria universal. Num instante iluminado descobriu

77participação especial de Maria Luíza Gomes Mothé Torreal, recém-nascida na ocasião. O choro foi gravado por sua mãe Bruna Gomes em Curitiba-PR e enviado a mim, sob encomenda prévia, pelo WhatsApp.

> assustado que toda essência do conhecimento ele já possuía desde sua existência fetal (FRANCO, 2017, p. 28 – 30).

Tais teorizações abrem caminho para a próxima (e já citada anteriormente) faixa intitulada “Assim Chorou Zaratustra”, em referência à obra de Friedrich Nietzsche[78] e seus vislumbres acerca do conceito de “super-homem”, como uma transcendência de nós mesmo enquanto seres humanos. Porém, ao vislumbrarmos aqui o futuro, refletimos sobre a sociedade atual e sobre os caminhos que trilhamos em contato com a crescente mecanização e digitalização do mundo, trazendo um olhar para o nosso íntimo e como estamos lidando com nossas questões. O “Super-Homem” nietzschiano, de certa forma, falhou em seu autoconhecimento e evolução, se tornando aqui um “Bizarro” vilão de si mesmo, que devasta seu habitat em busca de lucros desmedidos e prazeres destrutivos.



Figura 103 - Camiseta da banda Cão Breu, feita por Guga Valente (CDB camisetas), com a arte do Ciberpajé.

78NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Assim falava Zaratustra – um livro para todos e para ninguém. Trad. Ciro Mioranza. Coleção Grandes obras do pensamento universal. 2ª edição. São Paulo: Editora Escala, 2009.

O macaco louco (ser humano) que “involuiu” em sua relação com o planeta e com a existência. Assim, sonoramente busco a representação de um “trovador apocalíptico” como eu-lírico/narrador, que informa e anuncia o cenário distópico que se apresenta e prevalece. Nossas interações com o mundo, com o tempo e com o espaço, antes mais rígidas, atualmente são mais fluidas, rápidas e, não raro, pautadas no desejo, no fetiche e na aversão ao fracasso, em uma era em que a efemeridade e o supérfluo, geralmente, ditam um ritmo calcado no consumo em nossas vidas. Vivemos uma época de rápidas e bruscas transformações em relação à percepção e às experiências.

A faixa seguinte, “Oráculos”, abre com a frase “Só se vive na tempestade” e versa sobre os opostos, os conflitos na busca interna por equilíbrio, inerente à existência[79]. O despertar de um pesadelo que criamos para nós mesmo vivermos. Em relação à composição, a faixa é uma balada melancólica que culmina com um grito agonizante de desespero, no intuito de chamar a atenção para a sociedade egóica que vivemos, presa dentro de si mesma e sufocada por suas infindáveis hipocrisias, angústias e frustrações, mas que também apresenta um lado da alegria, criação e transcendência.

79FRANCO, Edgar. *Oráculos*. Graphic Book. São Paulo: Editora Criativo, 2017. p. 22 – 26.





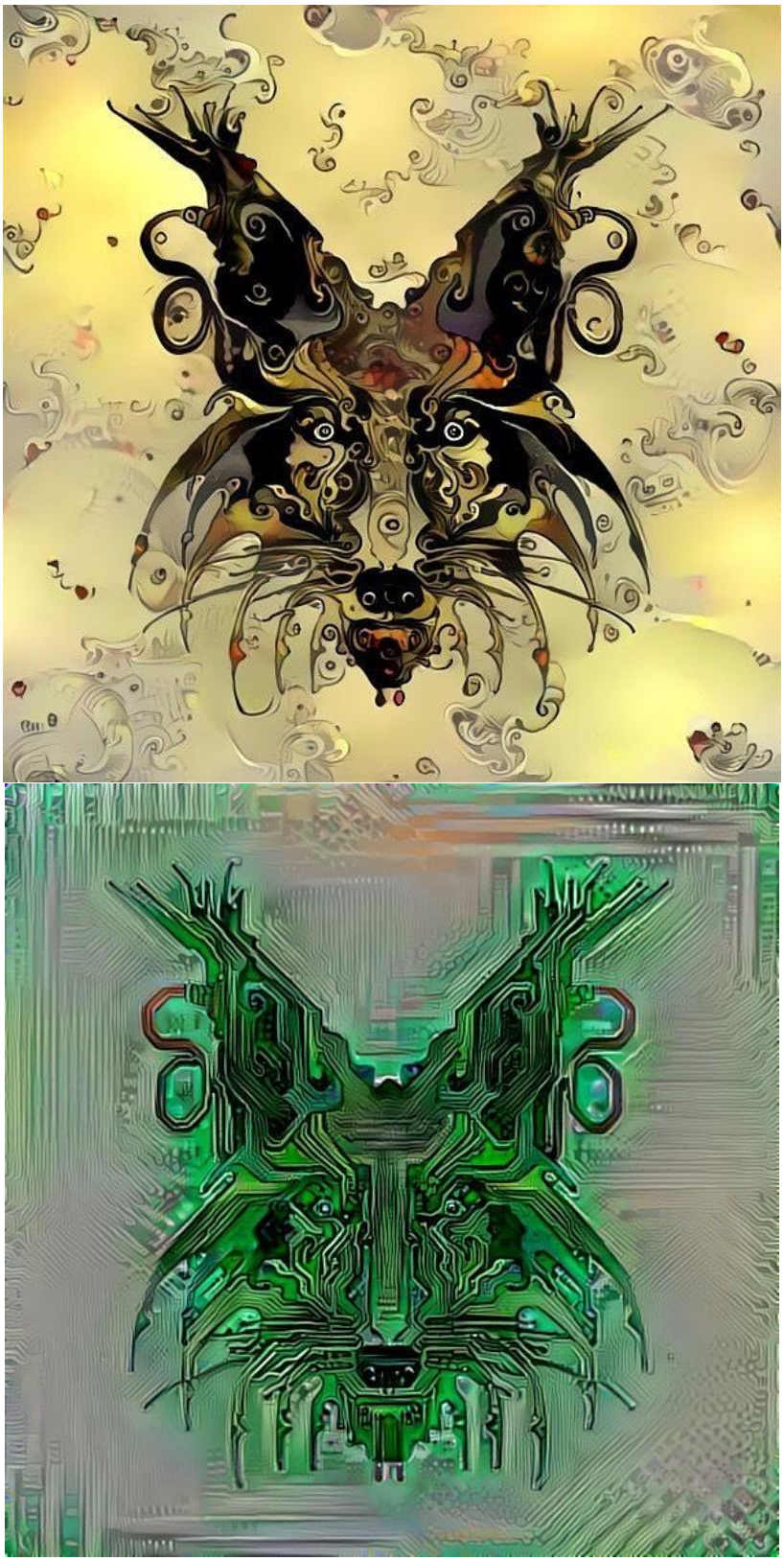


Figura 104 - "Do Cosmos ao Digital". Experimentações com Redes Neurais/IA a partir da capa do álbum. 2019.

A música “*Canidae*” apresenta elementos poéticos de origem cigana, com violão, palmas, chocalhos, entre outros, aproximando-se da rumba flamenca e tendo

como forte inspiração o grupo *Gipsy Kings.* O conceito remete ao encontro com a "sombra" jungiana, alegoricamente colocada a partir dos canídeos recitados por mim e pelo Ciberpajé (do "Cão Breu" e do "Lobo"). O olhar de dentro para fora quebrando tabus e articulando elementos grotescos como o riso, o uivo, o diabo, a sombra, a tempestade e o grilo que ainda insiste em chilrear e nos lembrar que estamos vivendo fora de ritmo com a natureza. O canto do grilo foi gravado pelo celular (assim como todo o álbum), pelo aplicativo de celular *Hokusai 2* (também usado para a gravação e mixagem de MekHanTropia e outras obras musicais desse universo), em meu banheiro durante a madrugada, quando sua expressão estava mais evidente e com poucas interferências.

Esse chilrear, ou seja, esse "canto" do grilo, chamado também de estridulação, serve (para grilos, gafanhotos, esperança etc.) como forma desses insetos machos chamarem a atenção das fêmeas ou pra avisar o grupo sobre algum perigo iminente. São produzidos pela fricção das asas ou das pernas desses animais e tem a intenção de "acasalamento" ou de "segurança", ambos conceitos tratados poeticamente como ilusões ou impossibilidade humana em meu universo ficcional distópico, devido à desconexão mekHanTrópica estabelecida institucionalmente.

Ao nos reconectarmos a Gaia, nos reconectamos a nós mesmo e a essas necessidades básicas animais. Pela arte, ressignificamos questões culturais que, por vezes, nos distanciam dessa essência. Extravasamos angústias, culpas, medos, tabus, nostalgias, ansiedades, podendo então vivenciar com maior integridade o presente, o que nos faz adentrar à próxima faixa: "Sereno e Selvagem", que versa justamente sobre essas questões. O "Grilo" se manifesta em quase todas as músicas do álbum, menos nessa, como se o seu chilrear fosse a própria essência da canção, absorvido pelo ser humano em sua reconexão.

O cricrilar do grilo traduz também, enquanto intenção de representação em toda a obra, aspectos de minha inconformidade com a atual situação do planeta. Um ruído repetitivo, de resistência natural orgânica, contra os ataques que vemos constantemente à natureza. A escolha poética de não o utilizar na faixa "Sereno e Selvagem" foi justamente para expor que, ao nos aceitarmos e iluminarmos

nossas sombras com serenidade e selvageria, poderemos finalmente viver “sem grilos” e apreciar o belo barulho de chuva, que serve de *background* à canção.

Por fim, surge a faixa eletro-orgânica intitulada “Viagem Interplanetária (*Transdimensional Lycanthropy*)”, em referência à infinidade de possibilidades de movimentação por microcosmos de tempos e espaços que a tecnologia nos proporciona, bem como a infinidade do tempo preso pelas redes sem pausas conclusivas. O cosmos, neste sentido, é revelado dentro de nós mesmos pela imaginação e ampliado com o “abraço telemático”[80] dos dias atuais, transfigurado a partir desta obra lançada na rede. Uma faixa de conclusão do álbum, mas que não conclui a experiência de criação e fruição, prolongada a outras obras nesse universo. A saída é por dentro (para o mundo) e é dentro que está o mundo, construído por referências infinitas que vem de fora e se articulam na imaginação, nos curando pela arte como catalisadora e materializadora de pulsões.

Composta no programa *Music Maker Jam* (também utilizado em “MekHanTropia”), essa última faixa traz uma ambientação eletrônica *dark* oitentista com pegada *cyberpunk,* porém, em contraste, também psicodélica e delirante em alguns momentos, com inserções de instrumentos acústicos como o violão e a percussão. O baixo, as batidas e os sintetizadores foram compostos no programa com preferência por notas mais graves (Mi e Fá, basicamente), buscando assim trazer um clima mais soturno e angustiante para a música. Um saxofone, em *sampler* digital, também foi inserido para trazer um ar melancólico e de nostalgia. Por fim, trechos de citações, já proferidas em outras músicas do álbum – recitadas por mim e pelo Ciberpajé, permeiam a música, conduzindo a viagem pelas dimensões afloradas no imaginário de quem escuta o álbum pensado como um todo, fechando e, ao mesmo tempo, abrindo o conceito em um *loop* de experimentações lúdicas e viscerais.

Busco materializar experiências intangíveis e imprevisíveis, de forma a excitar memórias e percepções sensoriais rompendo com padrões e transcendendo, pela imaginação, noções de tempo e espaço. Reflito sobre maneiras de

80ASCOTT, Roy. *Existe amor no abraço telemático?* in *Arte, Ciência e Tecnologia – Passado, Presente e Desafios*, Diana Domingues (Org.), São Paulo: Editora Unesp, 2009, pp.305-318.

deixarmos de ser tão estanques e aprisionados a modelos que não parecem mais fazer sentido em uma sociedade global. Desta forma, “Cão Breu Pós-Humano” foi muito importante também, como marco inicial, não só da parceria com o Ciberpajé, mas também das reflexões que dão forma a esse conceito de “MekHanTropia” que aqui apresento nessa tese-criação.



Figura 105 - Cartazes espalhados pelos muros de Santiago (Chile) com a figura de um cão negro, símbolo da resistência naquele país. 2019.



Figura 106 - Camiseta com a figura do cão negro (negro matapacos), comprada em Santiago como forma de apoiar as manifestações de 2019. Utilizo muito essa camiseta como figurino em shows, homenagens e performances.

Além disso, ideias, aprendizagens, experimentações e aperfeiçoamentos, acerca dos processos criativos e de produção com o *smartphone*, culminaram nos procedimentos realizados também no álbum “MekHanTropia” (e em outras obras musicais, videográficas, desenhos etc.) e nas articulações aqui realizadas. Tais relações dialogam também com a ideia de transcendência proposta por Ascott. Ao articular lendas vinculadas à saberes ancestrais, sonhos, histórias em quadrinhos, músicas, experiências enteogênicas colaborativas, tecnologia do smartphone e seus aplicativos e da inteligência artificial (*Deep Dream*), estabelecem-se transposições poéticas entre diferentes processos e linguagens artísticas (ou não) e são operadas práticas e reflexões acerca daquilo que o autor chama de “natrificial”.



Figura 107 – Trajado com a camisa "Negro Matapacos" e máscara mekHanTrópica em diferentes ocasiões: (acima) recebendo o prêmio de 1º lugar do concurso fotográfico da Alego (2020); e (abaixo) em performance/show transmídia no Festival de Artes Ciberpajelanças 3 (2022).

Ascott ressalta que devemos tentar equilibrar e transcender os diálogos, buscando articulações construtivas entre o artificial e o natural, transfigurando nisso que ele chama, em neologismo, de “natrificial”. Esse conceito é constituído pelas correspondências possíveis e fundamentais para nossa sobrevivência entre a ciência ocidental e o conhecimento antigo de culturas tradicionais e muitas vezes tidas – e até ridicularizadas – como exóticas.

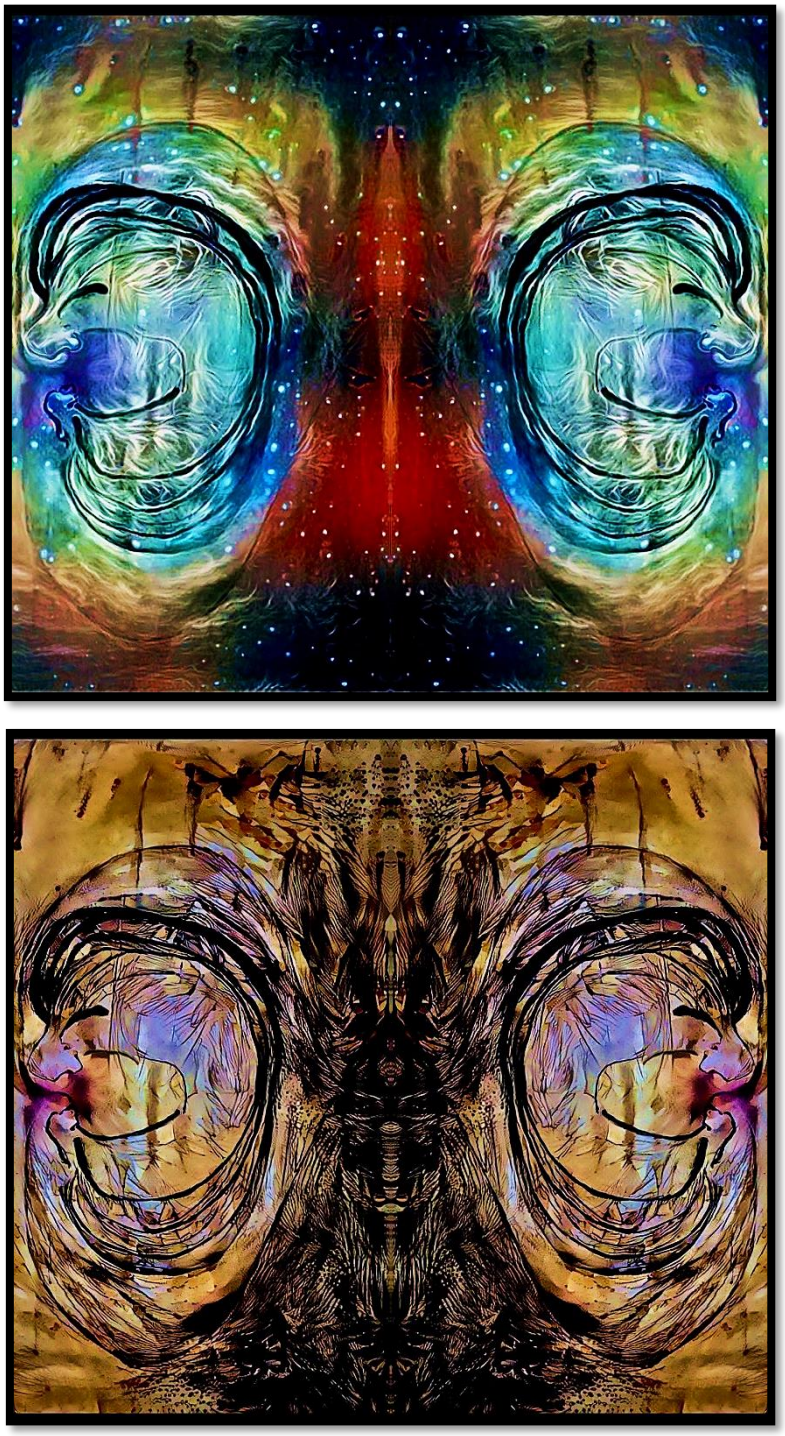


Figura 108 - "Binarismo Anticósmico (díptico mekHanTrópico)". Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

O autor nos propõe a reflexão sobre as relações entre o natural e o artificial estabelecendo, a priori, uma metáfora no título de seu capítulo (*Quando a Onça se Deita com a Ovelha*), para representar, possivelmente, a *onça* como algo *natural* e a *ovelha* em alusão à ideia de *artificial*, acenando assim à experiência com a ovelha Dolly[81], criada em laboratório por meio da clonagem, rompendo limites e dogmas estéticos, éticos e científicos em relação à manipulação genética de seres vivos.

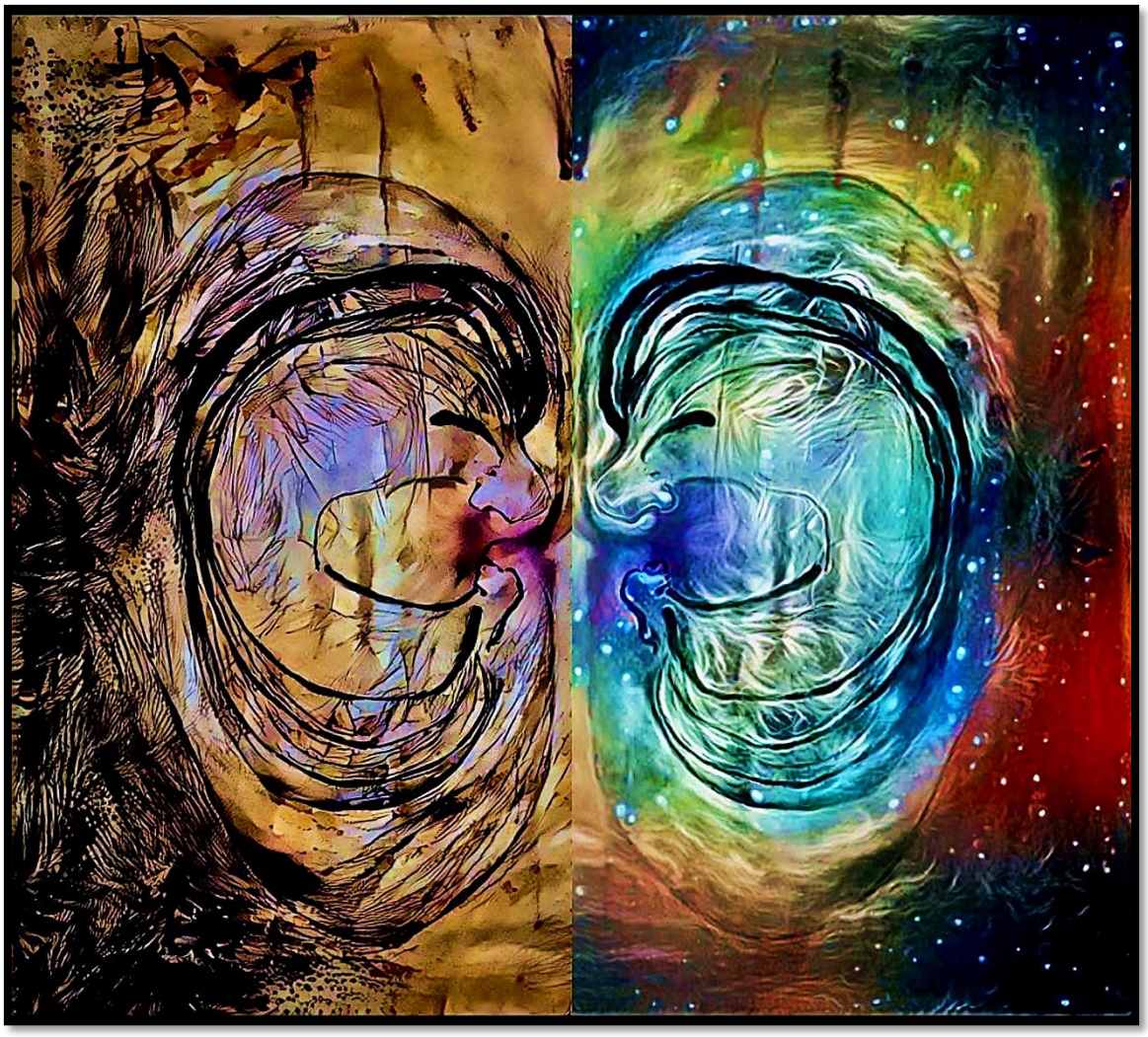


Figura 109 - "Transbinarismo anti-mekHanTrópico (sombra e luz)". Colagem, desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

Por outro lado, como já citado de forma sintomática, a hiperespecialização em que vivemos atualmente e os "túneis de realidade" criados em relação às

[81] Ver: https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/07/como-foi-clonagem-da-ovelha-dolly.html Acesso: 05/08/2023.

verdades construídas durante a vida, ignorando ou demonizando aquilo que nos é “estranho”, inscrevem-se e fixam-se determinadas ideias como únicas possibilidades de realidades a serem experienciadas. Geralmente, essas ideias aparecem trajadas de uma “segurança” ilusória “vendida” como sinônimo para “permanência”. Ilusória, pois nada no mundo permanece a não ser a mudança. Tudo muda o tempo todo, logo, a ideia de segurança alocada à imutabilidade é uma falácia do sistema que, em grande parte, provoca mais “mal-estar” ainda que o mergulho no desconhecido, no que é “estranho” e “infamiliar”.

Tais verdades incautas ganham atualmente, com o “abraço telemático”, um amplo terreno profícuo pra disseminação de informações duvidosas que são absorvidas e teorizadas da mesma maneira que um lobo se vestia de ovelha em fábulas ancestrais, ou seja, com o intuito de devorar ovelhas distraídas e homogeneizadas pela massificação e direcionamento de referências e sensações, servindo como poderoso instrumento de cooptação, dominação e padronização, especialmente pelo medo frente o desconhecido e o caos que nos envolve inexoravelmente.

Desta forma, mostra-se importante a reflexão acerca das representações no cerne (e a partir) dos discursos midiáticos e artísticos, no intuito de clarear-nos a percepção e ler de forma crítica os conteúdos das mensagens que nos chegam incessantemente, bem como vislumbrar articulações de propostas estéticas e narrativas que possam melhor representar o diálogo entre o imaginário e o mundo que nos cerca. Com minhas criações tento atuar na indução a esse olhar crítico subjetivo a mim mesmo (a priori), questionando pelas letras, poesias, músicas, vídeos, filmes, jogos, fotos, diálogos, desenhos etc., tais regimes de maneira afetuosa e serena. Nem sempre consigo.

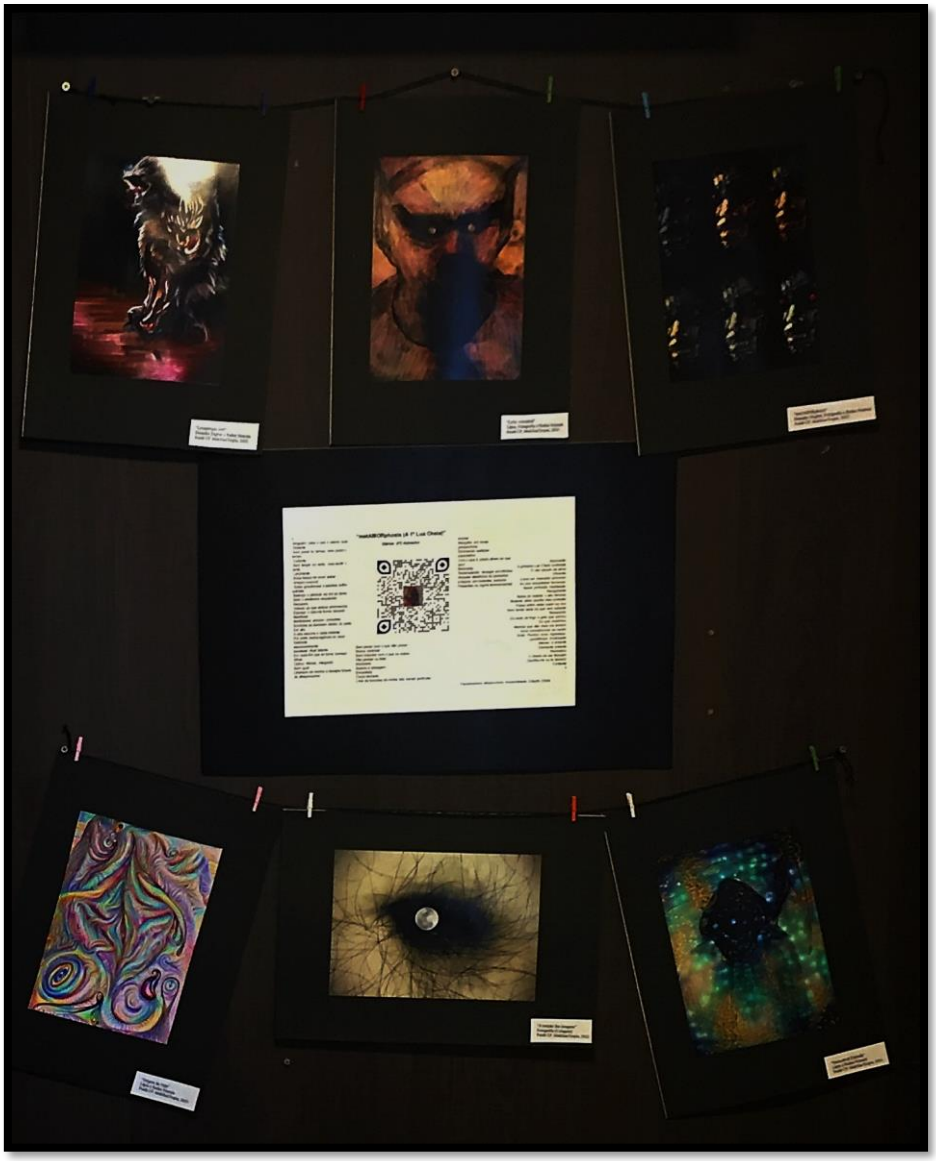


Figura 110 - "metAMORphosis existenciais". Exposição Transmídia "Prove que você não é um robô". Ecce Monstra: Brasília, 2022.

Sobre os tempos atuais, Nicolas Bourriaud, em sua obra intitulada *Pós-produção – como a arte reprograma o mundo contemporâneo* (2009), reflete acerca de uma arte voltada em larga escala para a “pós-produção”, na qual elementos oriundos de manifestações artísticas já existentes serviriam de matéria-prima para a criação de novas formas, inscrevendo a obra de arte também em uma distinta organização e combinação de símbolos prévios, em vez de considerá-la apenas como forma autônoma ou original.

Por vivermos em uma era da hiperinformação, hipercomunicação e hiperconectividade, a pergunta se deslocou, segundo Bourriaud, do “que fazer de novidade?” para “o que fazer com a novidade?”, ou seja, atualmente é

fundamental pensarmos em “como elaborar sentidos a partir dessa massa caótica de objetos, de nomes próprios e de referências que constituem nosso cotidiano?” (BOURRIAUD, 2009, p. 13). Neste sentido ele coloca:

> Os artistas atuais não compõem, mas *programam* formas: em vez de transfigurar um elemento bruto (a tela branca, a argila), eles utilizam o *dado*. Evoluindo num universo de produtos à venda, de formas pré-existentes, de sinais já emitidos, de prédios já construídos, de itinerários balizados por seus desbravadores, eles não consideram mais o campo artístico (e poderíamos acrescentar a televisão, o cinema e a literatura) como um museu com obras que devem ser citadas ou ‘superadas’, como pretendia a ideologia modernista do novo, mas sim como uma loja cheia de ferramentas para usar, estoques de dados para manipular, reordenar e lançar. (BOURRIAUD, 2009, p. 13)

Ainda é ressaltada uma nova forma de funcionamento da obra de arte enquanto um agente ativo de transformações na sociedade contemporânea, sendo ela agora também em sua própria concepção um elemento criativo que ultrapassa seu papel tradicional de receptáculo da visão do artista, gerando comportamentos e possibilidades ativas de experiências infinitas (BOURRIAUD, 2009, p. 17).

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

A criação artística associada ao ambiente virtual gera contextos híbridos de performance, imersão e interatividade altamente imprevisíveis, provocando infinitas possibilidades de construção de narrativas e universos ficcionais conectados estética e conceitualmente a significações do conteúdo. Nesse sentido, penso em minha obra e universo ficcional a partir de imagens mentais que eclodem de sons em contato com diferentes imaginários. Tento dar novas formas contraculturais a isso, seguindo, em minha pesquisa, um novo direcionamento.

Essencialmente pelo processo de produção *do it yourself* de diversas obras que se interseccionam. Atuo em busca de um movimento antissistema, no qual utilizo as tecnologias e as relações humanas para questionar, resistir e experimentar com padrões não-mercadológicos de produção e estetização artística. O hibridismo de mídias, meios, formas, linguagens, domínios, técnicas e universos como forma de experimentação e transmutação, pelos contatos, daquilo que insiste em tentar permanecer estanque enquanto sistema, mesmo isso não sendo existencialmente de fato possível.

Tento representar essa caoticidade enquanto perspectiva pela poética experimental processual do videoclipe “Um brinde ao Caos”[82], no qual trabalho com imagens em *live action* hibridizadas com animações e imagens geradas por IA. Busco, pela hibridização de signos, temas e técnicas, um processo cíclico de narrativa onírica fragmentada que represente algumas características da chamada pós-modernidade: a apropriação, a fugacidade e a repetição.

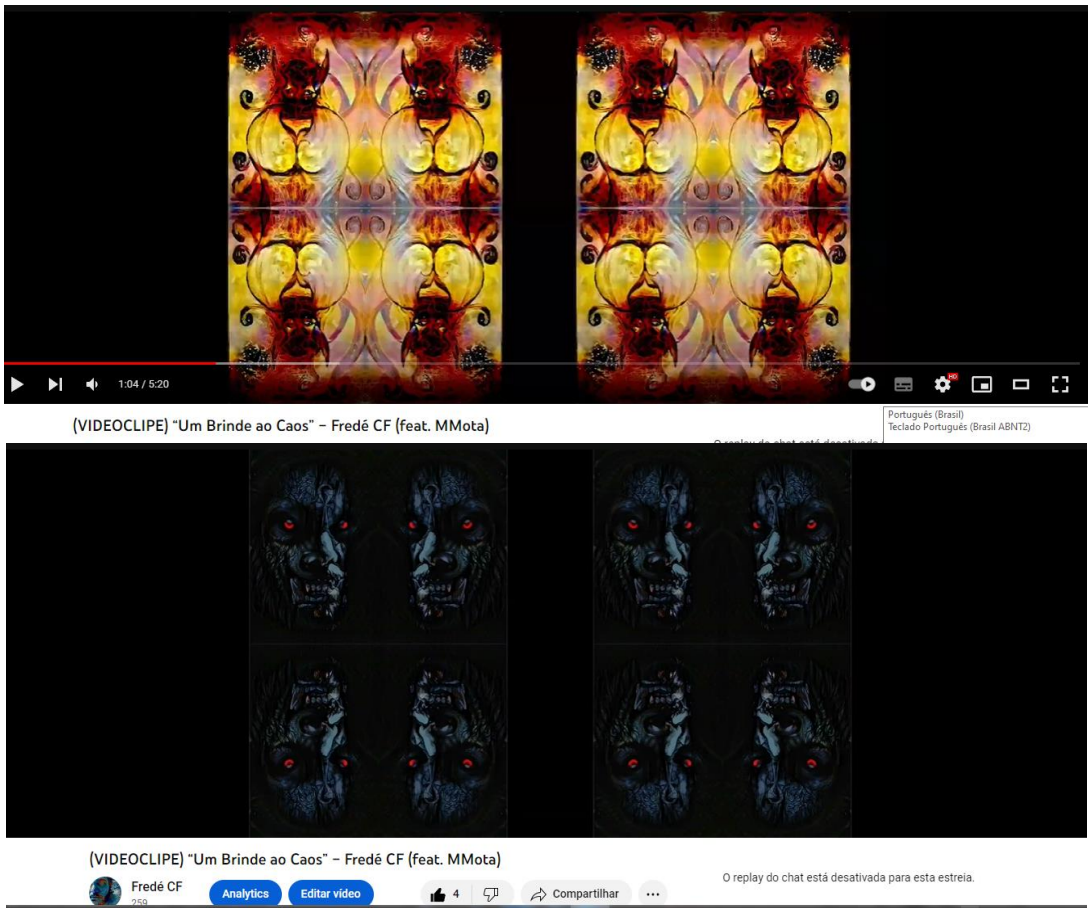


Figura 111 - Frames do videoclipe "Um brinde ao Caos" de Fredé CF (feat. MMota). 2022.

[82] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yXWLsnOrBHw Acesso em: 05/08/2023.

O videoclipe inicia-se com uma frase que utilizo na música "Caos"[83]: "a impermanência é a essência da (re)existência". Depois surgem imagens do mar e sua mutabilidade permanente explicita, ondas indo e vindo e seres marinhos (medusas) flutuantes. Há uma brincadeira com o desfoque e a incidência de luz, no sentido de questionar a importância que damos à nossa percepção (em especial a visão) e a fragilidade disso enquanto experimentação existencial. Trago a ideia de "desfoque" como uma reflexão sobre esse fenômeno muitas vezes visto como um "problema" sério de nossa existência, assim como a inexorabilidade do "tempo". Tento, no início deste vídeo, conduzir o tempo das imagens de acordo com o som criado pelo parceiro criativo MMota para essa introdução e, à medida que a música acelera, o vídeo também fica mais frenético.

Em seguida, utilizo a técnica do *stop-motion/frame a* frame, com 24 *fames* por segundo em *looping* de imagens tratadas ou criadas com IA, com a intenção de gerar um efeito de repetição infinita dos mesmos conteúdos pelas redes tecnológicas digitais. Uma crítica ao *roll* infinito que se procede cotidianamente nas telas de smartphones, tablets e desktops. Uma busca incessante pelo vazio das redes geradoras da falta de conclusão e fechamento de ciclos em nossa hipercultura. Estamos todos expostos, em MekHanTropia, a um bombardeamento de estímulos que nos torna sensitivamente excitados constantemente.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

As obras que integram a MekHanTropia se (trans)formam pelo tempo, junto com as pessoas e os espaços, nessas relações infinitas de possibilidades e interconexões de linguagens, percepções, repertórios e imaginários. O conceito

[83] Disponível em: https://fredecf.bandcamp.com/track/caos Acesso em: 05/08/2023.

de “conexões por meio de dispersões” e não de “dispersões por meio de conexões” se funda e é firmado nessas relações e referências estabelecidas. É importante frisar que todas as áreas dialogam e são interseccionadas em minha pesquisa de maneira fluida, o que dificulta uma definição quantitativa exata dessas reflexões em campos (“caixinhas”) determinados. Isso é proposital na busca por uma riqueza poética e argumentativa caracterizada pela interdisciplinaridade, que se estabelece artisticamente transpassando e contactando áreas diversas do conhecimento como artes, cinema, música, letras, filosofia, sociologia, antropologia, comunicação social, neurociência, psicologia, política, economia, em um reordenamento constante rumo a mitologia desse universo em constante construção.

Destaco assim também a importância, ao artista, de uma tentativa persistente e complexa de se estabelecer um olhar reflexivo, multiperspectívico, de autoconhecimento, artístico, destoado, o mais despadronizado possível, insurgente, contestador e ressignificador ao que nos trai enquanto essência, ao que Rancière (2009b) elucida:

> O artista é aquele que viaja nos labirintos ou subsolos do mundo social. Ele recolhe os vestígios e transcreve os hieróglifos pintados na configuração mesma das coisas obscuras ou triviais. Devolve aos detalhes insignificantes da prosa do mundo sua dupla potência poética e significante. (...) Na forma ou no desgaste de uma vestimenta, no caos de uma exposição de detritos, ele reconhece os elementos de uma mitologia. E, nas figuras dessa mitologia, ele dá a conhecer a história de uma sociedade, de um tempo, de uma coletividade. (RANCIÈRE, J. 2009b, p. 36).

De forma geral, o campo da Arte e da Cultura Visual traz em si, essencialmente, uma característica transdisciplinar à qual me identifico bastante e que permeia minha vida acadêmica desde os tempos de graduação em Relações Internacionais, quando, em meu TCC, estudei o rock’n’roll e a contracultura observando os hibridismos artísticos e culturais, provenientes desses fenômenos, como fortes canais de disseminação de reflexões e contestações ao *status quo*.

A partir das ideias e conexões até aqui expostas, no sentido de trabalhar com maior rigor a estrutura teórica-conceitual da minha obra, situando-a à linha de pesquisa que estou inserido, reflito adiante sobre outros processos criativos que me surgiram e como se deu a sistematização de ideias, visando a criação e

materialização, por diversas linguagens artísticas, desse universo poético-ficcional narrativo autoral. Essa sistematização se inicia com a transposição dessas reflexões para um álbum musical que condensa e aponta caminhos de ressignificação para este percurso.



Figura 112 - "Cão Breu Pós-Humano (variação sombria)". Arte do Ciberpajé. 2019.

Um homem passava muito tempo na internet, sempre tentando chamar a atenção de todos. Deixava a internet decidir quase tudo na sua vida. Mas um dia, uma de suas mãos viraram alumínio, como as de um robô antigo. Ele tentou escondê-las, mas a cada dia isso só piorava, surgindo mais partes robóticas. Até que aquilo preencheu seu corpo inteiro, era um robô. Mas ninguém percebia, pois ele continuava agindo do mesmo jeito todos os dias, como se fosse o comando do seu sistema. Quando virou robô percebeu que muitos estavam na mesma situação, que viviam suas vidas robotizados, alguns nem sequer percebiam o que havia percebido. Ele percebeu que algo estava errado então se isolou de toda a internet, muitas vezes seu medo e ansiedade de estar sozinho por não estar conectado com seus amigos falsos, quase desistiu. Até que um dia finalmente seu corpo voltou a ser humano, alguns não o reconheciam, não entendiam o que o homem via tanto no mundo exterior. Mas, o homem aprendeu que nada mudaria na sua vida se ele continuasse olhando para uma tela cheia de propagandas e conteúdos que o diziam

que ele só seria feliz daquele jeito. Mas ele só realmente encontrou felicidade quando parou de ser mais um robô, quando ele saiu e decidiu viver coisas simples como ver o sol nascer.
("MekHanTropia". Escrito por Sofia Nady. Confraria Anti-MekHanTrópica. 2021).

3.2. O álbum "MekHanTropia" e a estruturação conceitual do universo ficcional onírico

"Sei da força da canção, eu sei
Lutar com coração, eu sei
Parece uma ilusão, mas sei
Que não ando sozinho, não

É como olhar pro sol, eu sei
A força vem de dentro, eu sei
Parece uma ilusão, mas sei
Que não me rendo não"

(Planet Hemp & Criolo)

O álbum musical intitulado "MekHanTropia" (2020) foi todo composto, gravado, mixado, finalizado e produzido pelo celular em casa durante a pandemia de COVID-19. Captado com o microfone do fone de ouvido, tem as letras, música, voz, violões, baixo, percussão, sintetizadores, *samplers* e vocais realizados por mim e alguns parceiros artísticos, em uma produção completamente autoral e espontânea. Essa obra musical, lançada inicialmente em formato digital na plataforma BandCamp[84] no dia 26/06/2020, conta com projeto gráfico, arte da capa e encarte feitos pelo Ciberpajé, que também teve participação especial em quatro faixas com seus aforismos, vocais e tocando alguns instrumentos musicais mágickos, como *hapi drum* e berimbau de boca.

84Ver: https://fredefoak.bandcamp.com/releases Acesso em: 13/09/2020.



Figura 113 - Capa do Álbum "MekHanTropia" de Fredé CF. Arte do Ciberpajé. 2020.

O álbum é parte integrante de meu projeto musical autoral *(Do It Yourself)* solo reflexivo de autotransformação. A partir de conceitos que vem sendo trabalhados e se transformando enquanto objeto desde 2019, a proposta se tornou articular artisticamente uma reflexão acerca do momento atual em que vivemos, navegando – diante uma tempestade metafórica contextual –, por sonoridades experimentais folk-eletro-punk-psicodélico de trincheira, com a intenção de resistir a padronizações e modelos estéticos e artísticos institucionalizados.

Neste álbum, me sirvo de conceitos já citados colocados por Bourriaud e utilizo trechos de falas de filmes de dois cineastas lendários do chamado "Cinema Marginal Brasileiro" (ou de Invenção): Rogério Sganzerla e José Mojica Marins. Trechos sonoros das obras "O Bandido da Luz Vermelha" (1968) e "À Meia Noite Levarei Sua Alma" (1964) foram selecionados com o intuito de agregar valor

narrativo às músicas e, consequentemente, ao universo de MekHanTropia como um todo, elevando minha poética a contatos com outros universos e, principalmente, homenageando esses dois grandes artistas e ídolos do cinema brasileiro.



Figura 114 - da esquerda para a direita: Tiago Zancopé, José Mojica Marins e Fredé CF. Goiânia, 2013.

Na canção de ninar “O Messias de Rosemary”, segunda faixa do álbum, tento estabelecer relações com o imaginário de um pesadelo do qual não conseguimos nos desvencilhar, em especial no Brasil entre 2018 e 2022. O trecho de um diálogo inserido no início da música, de “O Bandido da Luz Vermelha” de Sganzerla, traz uma conversa no qual um cidadão pede um cigarro a outro que o chama de “folgado”, ao que o personagem responde: “Que falta de socialismo, por isso que esse Brasil não vai pra frente!”. Em seguida surge um brado forte de outro personagem que diz “O Terceiro Mundo vai explodir! Quem tiver de sapato não sobra! Não pode sobrar! A solução para o Brasil é o extermínio…é o extermínio total! Eu sou poeta, eu vejo!”, tudo isso com um som de chuva em *background* (BG) em alusão à música *Black Sabbath* (da banda homônima), anunciando trevas, tempestade, tormenta.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

A intenção aqui foi destacar o egoísmo e falta de empatia dos tempos atuais, além de apontar a loucura consumista instituída, os vícios e a falta de perspectiva em continuarmos assim, vislumbrando sapatos que não necessitamos e que, metaforicamente, traz os contrastes sociais de nosso país à tona. Como a música, - com alusões à trilha sonora do filme "*Rosemary's Baby*" (1968) de Roman Polanski – em alusão à figura que ocupava a cadeira da presidência da república brasileira entre 2019 e 2022. Essa metáfora se amplifica e se estabelece enquanto relação intertextual entre as obras cinematográficas e o contexto de horror e opressão que vivemos nesse período em nosso país. O pesadelo sem saída como parte das narrativas oníricas tecidas nas obras desse primeiro ato que evidencia e apresenta o contexto da narrativa.



Figura 115 - Cartazes dos filmes "O Bandido da Luz Vermelha" (1968) de Rogério Sganzerla e "A Meia Noite Levarei sua Alma" (1964) de José Mojica Marins.

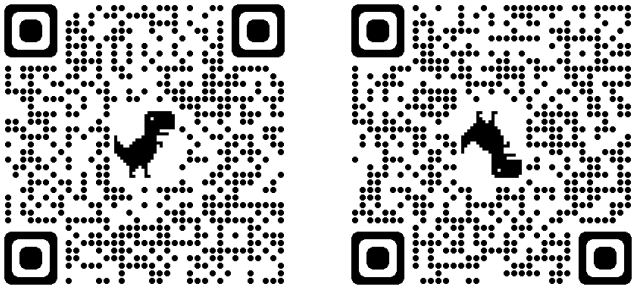
Já em “Tentando explicar o óbvio” a inserção de outro trecho de “O Bandido da Luz Vermelha” ganha novas significações narrativas e poéticas. Com um tom jornalístico, em referência à visão midiática do contexto pelo eu-lírico, quando diz: “os gangsteres estão em todas! Na política. Na administração. Nas famílias. No futebol. Na imprensa, nos bilhares e nas eleições. Na vida noturna...”. Busco evidenciar a dominação do estado mekHanTrópico diluído em toda a sociedade, não apenas verticalmente, mas horizontalmente e se manifesta de maneira tão implícita culturalmente que não conseguimos sequer perceber essa dominação.

Porém, ao se autoconhecer melhor e observar algumas de suas sombras, o eu-lírico/personagem/narrador se revolta e começa a questionar as instituições e reconhecer suas subjetividades, quando a letra expõe essas reflexões: “Ver como o sistema opera deveria nos enraivecer. Não somos números! Somos cidadãos! Nem mais, nem menos! Cidadãos! Não somos máquinas!” e com isso é inaugurado o Ato 3 da obra, da transcendência, da iluminação, da luz. A faixa seguinte, “Ao Amanhecer”, fala sobre isso, essas transformações na visão do personagem e uma maior tomada de consciência sobre si: “Ao amanhecer / A desconstrução da sombra / A ascensão da luz / A dor da existência flui um pouco mais / Possibilidades / Esperanças / Ações e pensamentos / Sonhos e vontades / Vaidades”.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Na faixa *Om Shanti Blues*, utilizo como *sampler* uma reflexão existencialista do personagem Zé do Caixão, presto uma homenagem póstuma ao grande diretor brasileiro José Mojica Marins que faleceu no início de 2020, pouco antes do *lockdown* pandêmico em nosso país. No filme *À Meia Noite Levarei Sua Alma*

(1964) ele indaga: “O que é a vida? É o princípio da morte. O que é a morte? É o fim da vida. O que é a existência? É a continuidade do sangue. O que é o sangue? É a razão da existência.” Esse trecho introduz as mudanças de perspectivas do personagem/eu-lírico/narrador, que volta o olhar ao autoconhecimento e aceitação das sombras, não mais negando-as, mas sim ressignificando-as de dentro para fora. Elementos musicais mágickos, típicos da cultura indiana, são tocados pelo Ciberpajé e estabelecem uma atmosfera xamânica e meditativa à faixa, aludindo a estados transcendentais de existência.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

"(...) O que vivemos além dos ocultos jogos de poder que certamente não serão ventilados na imprensa mundial e o que está em jogo é mais do que interesses de poder econômico e subjugação de um pensamento progressista a um reacionário. É a ressignificação do indivíduo, a transmutação de suas principais referências naturais e sociais claramente instintivas a um mecanismo (des)intelectual. É a busca pela construção de comunidades previsíveis, subjugadas e pacíficas como parte da engrenagem de dominação e controle. Trata-se da instrumentalização das ferramentas tecnológicas que ressignificaram a forma que vivemos e nos relacionamos. Um emprego violento e militarizado dessas estruturas tecnológicas buscando condicionar pensamentos coletivos. A mekHan Tropia que me ameaça é aquela que atinge a todos. A que por uso de ferramentas massivas de comunicação/socialização/existência virtual ressignificou no pensamento social conceitos antes vistos como primários, individuais e sociais. Com o objetivo principal de dominação, controle e subjugação. A transformação de valores mercantis sob a ótica do moribundo ultra neoliberalismo em um novo padrão de pensamento no imaginário coletivo popular faz com que olhares maniqueístas de complexidade medieval sejam a pauta dos debates e discussões em redes sociais por indivíduos que não tiveram acesso aos mais elementares aspectos conceituais de temas como

livre mercado, liberdades individuais ou até mesmo o comunismo histórico. Iludido pela certeza inserida artificialmente em suas convicções, o mekHanTropo se integra enquanto engrenagem na máquina de controle do Estado sobre os indivíduos. Cego pela vaidade da aprovação de seus pares, consolida a destruição não apenas de sua própria existência (física, psicológica e social) mas também do meio ambiente. O mekHanTropo pode ser descrito como um sujeito social que aniquila a ideia de sua própria essência. Tanto em sua capacidade de se conectar com outro quanto em sua capacidade de se perceber parte da natureza. Não habita nele a natureza, habita nele a programação recorrente e continuada que recebe e sequer imagina. Legitima o discurso imposto e distorce sua própria compreensão de si e de seus instintos naturais comuns a outras espécies como a autopreservação. Aprisionado na fantasia de viver em um futuro utópico de harmonia mediada pela tecnologia (uma fanfic personalista sobre o capitalista que acredita ser), o mekHanTropo se fortalece pela estupidez alheia, todos dependurados uns aos outros e a um pensamento de capitalismo de salvação e suas falsas benesses. Não há distopia que não se erga sobre a ilusão de uma utopia. Por isso, ao analisar as atuais políticas de estrutura neofascista e fundamentalista que por meio do voto chegaram ao poder em diversos países, alguns pontos narrativos e de discurso comuns entre si ficam evidentes. Sobretudo quando justificam a barbárie com temas como liberdades individuais. A Legitimação de personalidades que há uma década eram desprezadas pela própria insignificância diz muito e muito claramente sobre o sucesso da empreitada de desumanização do indivíduo comum, reflexivo, conectado com a natureza e consigo. Vivemos sim dias de trevas, caro Valdez, e não há horizonte de transformação. A saída talvez seja a provocação. Ao autoconhecimento, ao exercício cotidiano de reflexão sobre pensamentos e ações. Sobre o que somos, o que consumimos, como nos relacionamos. E, mais importante, como conseguiremos nos ressignificar, voluntaria e conscientemente, depois de termos sido todos ressignificados artificialmente pela máquina tecnológica de consumo e de comportamentos, de fora pra dentro. A Resistência começa de dentro para fora." (Trecho da conversa com o peregrino Roberto Franco, anotadas após um sonho por Valdez - Diários de Quarentena. MekHanTropia, ano zero).

3.3. Atos narrativos e as possibilidades lúdicas de "MekHanTropia"

"Fui tratado como um louco, enganado feito um bobo

Devorado pelos lobos, derrotado sim

Fui posto de lado e fui um marginal enfim

O pior dos temporais aduba o jardim

Como um rato de bueiro, como um gato de calçada

Velho mendigo da rua, cão de butiquim

Disse adeus e fui embora, nada é mais ruim

O pior dos temporais aduba o jardim

E eu, boêmio cantor da Lua

Doido que não se situa

Fui procurar viver além de mim".

(Sérgio Sampaio)

Narrativamente, o álbum "MekHanTropia" se divide em três atos, partindo em um direcionamento que se dá das "trevas" para a "luz", aludindo a um processo de autoconhecimento e olhar à própria sombra (Ato 1: a apresentação do cenário e a decisão do herói de agir) para, ao integrar as sombras (Ato 2: a ação em si), transmutar (Ato 3: as consequências da ação). Ao reconhecer e buscar entender nossos próprios sentimentos e ações, podemos ressignificar nossa própria realidade e, de alguma forma, evoluir em nossa existência por nós mesmos e em relação ao que éramos. Isso se dá intencionalmente tanto musicalmente quanto pelas letras e temas abordados.

tabela um

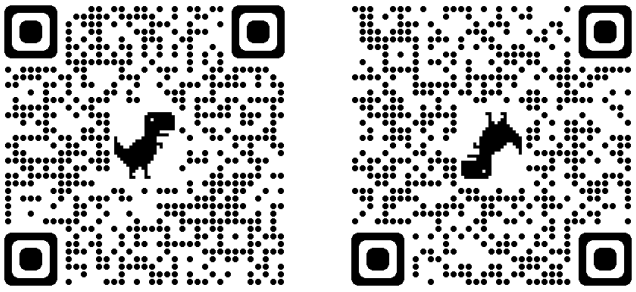
COMPARAÇÃO DE ESQUEMAS E TERMINOLOGIA

A Jornada do Escritor	*O herói de mil faces*
Primeiro ato	**Partida, separação**
Mundo Comum	Mundo Cotidiano
Chamado à Aventura	Chamado à Aventura
Recusa do Chamado	Recusa do Chamado
Encontro com o Mentor	O Auxílio Sobrenatural
Travessia do Primeiro Limiar	A Passagem do Primeiro Limiar
	O Ventre da Baleia
Segundo ato	**Descida, iniciação, penetração**
Provas, Aliados e Inimigos	O Caminho de Provas
Aproximação da Caverna Secreta	
Provação	O Encontro com a Deusa A Mulher como Tentação Sintonia com o Pai
	A Apoteose
Recompensa	A Bênção Última
Terceiro ato	**Retorno**
O Caminho de Volta	A Recusa do Retorno A Fuga Mágica Resgate com Auxílio Externo Travessia do Limiar Retorno
Ressurreição	Senhor de Dois Mundos
Retorno com o Elixir	Liberdade para Viver

Figura 116 - Tabela comparativa entre as ideias de Vogler e Campbell acerca das jornadas narrativas. VOGLER, 2015, P. 44.

Esse percurso narrativo se aproxima da ideia de “jornada” colocado por Vogler e outros autores como Joseph Campbell e Sonia Rodrigues, por exemplo, no sentido de se traçar um percurso no qual “um herói abandona seu ambiente confortável e comum para se aventurar em um mundo desafiador e desconhecido” (VOGLER, 2015, p. 45). Essa jornada pode ser exterior ou interior, mas sempre trará aspectos simbólicos, metafóricos de representação da psique humana. No caso desse álbum, o eu-lírico se encontra em um ambiente de exterior de “trevas” que o consome e parte em uma jornada interior em busca de “luz” e transmutação.

Assim, esses conceitos podem servir para a utilização do álbum (e de todo o universo de MekHanTropia) para a criação de aventuras jogáveis em mesas de RPG com esses temas, ou então, simplesmente, como um reflexo pessoal de aspectos experienciados em nossas próprias existências. Penso num possível jogo de RPG não como algo fechado ou imposto enquanto possibilidade, mas, pelo contrário, aberto como uma forma de se criar novas narrativas e percursos para pensar questões como “o que jogar?” ou “como jogar?” tendo como base esse universo onírico proposto. Porém, essa ideia de se criar um jogo nestes moldes não é o foco principal e específico desta tese-criação, mas sim apresentar o universo e como ele foi pensado e criado transmidiáticamente através das obras que já o compõem.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

A primeira música, homônima ao título do álbum e do universo ficcional, explicita o despertar dentro do sonho do personagem/eu-lírico/narrador, em uma relação entre os macrocosmos do universo ficcional e os microuniversos da canção e do álbum, o “todo” e o “uno” interligados, associados, complementares, intrínsecos.

Ao se ver consciente dentro do sonho, ele começa então a refletir sobre sua condição mekHanTrópica estabelecida e, sobretudo, sua própria existência. Então, musicalmente essa condição é explicitada de maneira poética por uma levada leve, arrastada, experimental, como um blues onírico que ecoa pelas ruínas apocalípticas daquilo que se findou. Com a hibridização de sons orgânicos (violão, vocais, percussão etc.) e eletrônicos (*samplers* de batidas, ruídos, gritos, risadas, etc), tento trazer à tona processos de mekHanTropomorfização e desprendimento do sistema e da vida, em um retorno transcendental pelas ambientações operadas a partir de elementos polifônicos e processos diversos de captação, seleção e mixagem, estabelecendo estereofonias psicodélicas no álbum. Vozes, latidos, cricrilar de grilos, canto de cigarras, chuvas, barulho de carne sendo cozida, água descendo no ralo, choro de bebê[85], entre outros elementos constituem a paisagem sonora do álbum e retomam a atenção para a essência animal, social e natural do eu-lírico/personagem/narrador, provocando-lhe reflexões sobre a sua condição e atuação no passado, presente e futuro (se é que há algum).

A próxima faixa, “O Messias de Rosemary”, apresenta o maior vilão da narrativa. O Messias que usurpou o poder utilizando algoritmos mekHanTrópicos de maneira torpe lançando o malware h6n66 e instituindo o fim dos sonhos subjetivos, o que padronizou os indivíduos em função do mercado e os transformou em “Bovíduos MekHanTropos”.

85O choro de bebê presente na primeira faixa do álbum é uma participação especial de Maria Luiza Gomes Mothé Torreal, que na época da captação (2019) tinha menos de um ano de vida. O choro foi gravado pelo celular e enviado pelos amigos Bruna Gomes e Leandro Torreal, mãe e pai da criança, residentes atualmente em Curitiba-PR. O choro já havia sido utilizado, como já comentado, no lançamento musical anterior, *Cão Breu Pós-Humano*, especificamente na faixa *Fetal Sapiens.* Trago ele à tona novamente com a intenção de representar as dores do mundo, a falta de perspectiva de um futuro sombrio que chora a saída do conforto de úteros egóicos socioculturais que estabelecemos em busca de luxo e conforto. A alusão se dá pela reflexão sobre a necessidade de rompimento com aquilo que nos mantém ilusoriamente seguros e, mesmo sendo um processo por vezes doloroso, é mais que nunca necessário uma mudança de hábitos e estilos de vida se quisermos sobreviver à *MekHanTropia*.

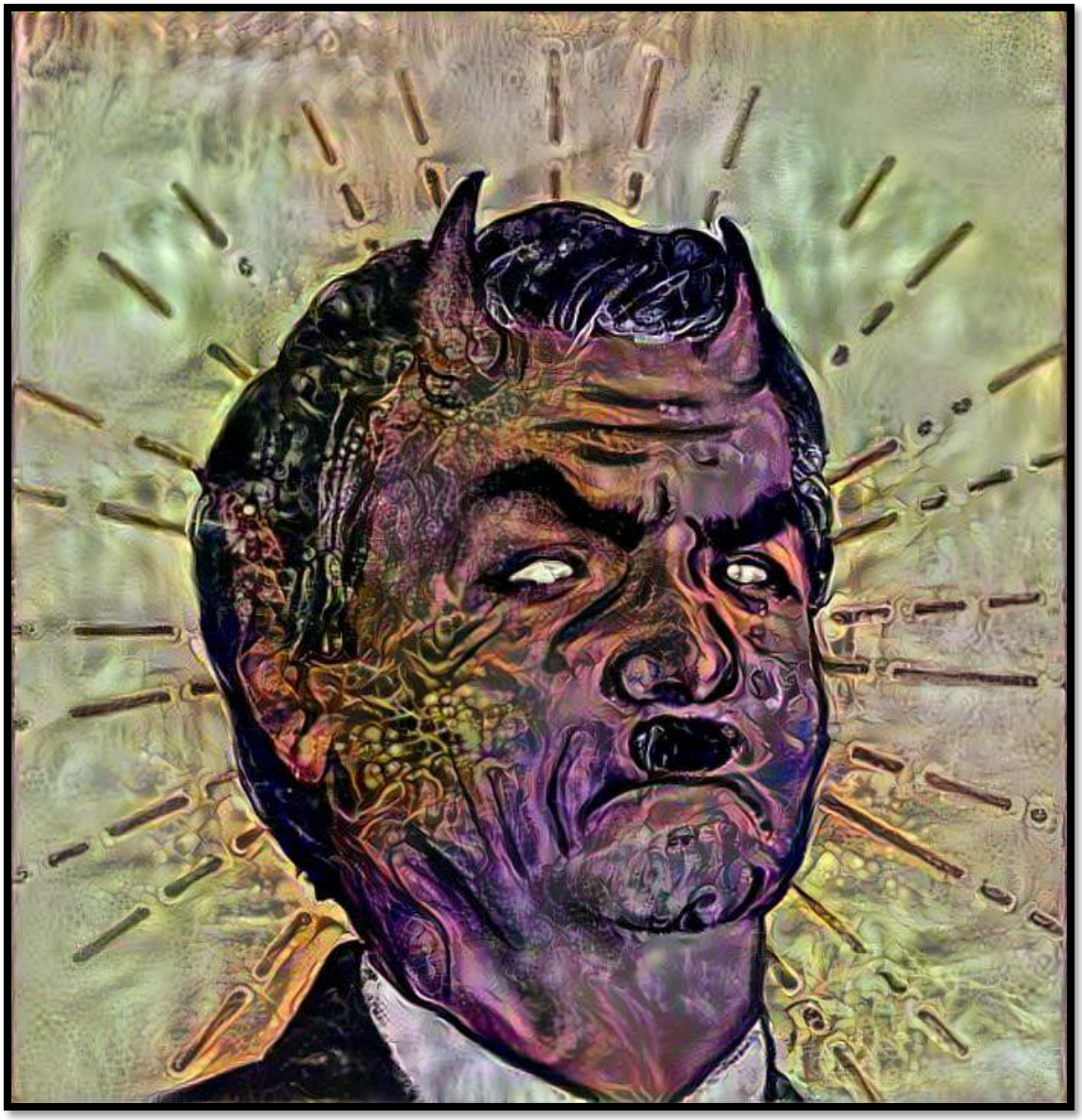


Figura 117 - "O Messias de Rosemary". MekHanTropia, ano zero.

As duas primeiras faixas (Ato 1) apresentam músicas com temas e ambientações mais desesperançosas e sombrias, por retratarem o contexto de dominação e ascensão mekHanTrópica. Tecendo uma alusão à “jornada do herói”, seriam uma apresentação ao “Mundo Comum” desse universo. Segundo Vogler (2015):

> o protagonista de toda história é o herói de uma jornada, mesmo que o caminho leve apenas à sua mente ou ao reino dos relacionamentos pessoais (...). A maioria das histórias tira o herói de um mundo comum e trivial e o leva a um Mundo Especial, novo e estranho. É a famigerada ideia do ‘peixe fora d’água’ (...). Se quisermos mostrar um peixe fora do ambiente habitual, primeiro teremos de mostrá-lo no Mundo Comum, para que se crie um contraste nítido com o estranho mundo novo no qual ele está prestes a entrar (VOGLER, 2015, p. 45-47).

Assim, busco evidenciar (pelas músicas e letras) sensações de ódio, medo, angústia, horror e solidão por meio de uma necropolítica[86] nefasta institucionalizada de maneira ordinária enquanto realidade neste universo. Na terceira faixa, “Know your Shadow”, já está apresentado o cenário/Mundo Comum de “MekHanTropia”. Assim, esta canção funciona como um “Chamado à Aventura”, no qual “o herói é apresentado a um problema, desafio ou aventura a empreender” (VOGLER, 2015, p. 48) no Mundo Comum, ou seja, enfatiza-se a necessidade de um olhar interior em meio às trevas estabelecidas em MekHanTropia. A faixa se inicia com um pensamento junguiano, que diz: “Quem olha para fora sonha. Quem olha para dentro desperta. Qualquer árvore que queira tocar os céus precisa ter raízes tão profundas a ponto de tocar os infernos”.

A música começa em um movimento rítmico de tranquilidade e harmonia do eu-lírico, como se estivesse em seu banho matinal reflexivo (a água escorrendo, que se ouve ao fundo da melodia, tema intenção de trazer essa significação). O eu-lírico/herói pensa, durante o seu despertar, sobre a importância de conhecer suas próprias sombras em meio à obscuridade que se apresenta externamente. “O Chamado à Aventura estabelece as regras do jogo e deixa claro o objetivo do herói: conquistar o tesouro ou o amor, vingar-se ou corrigir um erro, realizar um sonho, enfrentar um desafio ou mudar sua vida” (VOGLER, 2015, p. 49). Adiante, o ritmo da música é alterado para uma frequência mais intensa e desvairada, adentrando elementos eletrônicos com maior potência. A letra explicita o cenário mekHanTrópico de cooptação instituído, com referências ao fim da humanidade, ao humanismo antropoceno e a ideias sobre a sexta extinção em massa já comentada[87], como um questionamento ao herói sobre seu caráter frente ao sistema. Como ele reagirá a esse encontro?

86MBEMBE, Achille. Necropolítica. Arte & Ensaios: revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n. 32, 2017, pp. 123-151.Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993 Acesso em 21/07/2020.

87A letra diz: “Enlouquecidos e aprisionados voluntariamente pelas telas secas do computador, smartphone, tablet, TV. Entregamos de mão beijada ao sistema o nosso bem mais valioso: o tempo! (a vida). Produzimos informações e conteúdos gratuitamente para grandes conglomerados. Escravizados e trabalhando para eles, caminhamos vorazmente rumo a nossa extinção por nossas próprias mãos. O fim do humanismo se aproxima a passos largos. Estamos nos tornando insensíveis ciborgues. Máquinas cujos códigos são ditados por número de likes e aparências vazias. A vaidade, a preguiça, nos encheu de ódio. Ódio ao “Outro” que é o reflexo do ódio a nós mesmos que foi abafado e transborda nas timelines.

A pena
Que escreve e traduz
À luz de velas
Apenas
A leveza
Da piedade
De quem lamenta seus pesares
Aquele que pena ao condenar
A tormenta
Sob a pena
De não poder ter
A liberdade de errar
Aprisiona e se atormenta
Sem saber se vale
Mesmo a pena
Insistir apenas
Na penalidade de não voar
Quem sabe hoje
A maior pena pese não na folha
Tinta ou mão
Ou na alma
Que teima em penar
Talvez no escuro
A duras penas da ilusão
Da tela insossa, pequena
Que não desgasta
Mas com desgosto
Aliena e sangra mais
Meu coração
Deixa de pulsar
Não com pena
Mais compaixão
(A)pesar.

(Delírios de uma noite de insônia escritos nos diários de quarentena de Valdez).

Avatares interpessoais presos em bolhas de hipocrisias e verdades absolutas. Incapazes cada vez mais de ter qualquer tipo de empatia por quem não sabemos nada e achamos/julgamos tudo. Vermes não sonham..."

A próxima faixa, “Por medo ou por preguiça”, versa sobre a proibição do sono induzida, estabelecida e naturalizada na narrativa do universo poético-ficcional como norma para a cooptação e padronização dos indivíduos, uma vez que sonhar ainda é uma das práticas mais subjetivas que existem. Nessa faixa se fortalece o “Chamado à Aventura” do herói/eu-lírico na narrativa e se explicita os pontos fracos que podem impedi-lo de prosseguir, como o “medo” e a “preguiça”. Põe-se então a questão: “Deixamos de sonhar?”. Neste sentido, Vogler coloca que, no Chamado à Aventura, “o que está em jogo pode ser expresso geralmente como uma questão levantada pelo chamado. E.T. e Doroty de *O mágico de Oz* voltarão para casa? Luke resgatará a Princesa Leia e derrotará Darth Vader?” (VOGLER, 2015, p. 49). Nessa faixa trabalho musicalmente com a mistura de instrumentos percussivos, acústicos, elétricos e eletrônicos, buscando uma psicodelia futurista que represente a confusão mental do eu-lírico em meio ao cenário de MekHanTropia. Ao mesmo tempo que recorre à sua ancestralidade e subjetividade para conhecer melhor suas luzes e sombras, ainda se vê acomodado e amarrado pelas garras do sistema que insistem em mantê-lo preso pelo medo, pela falta de perspectiva, desânimo e inércia frente a própria existência. A faixa também apresenta estratégias de cooptação do sistema mekHanTrópico psicobinário sobre os indivíduos, quando diz: “O medo ou a preguiça nos afastou um do outro / O controle nos impede de abrir-nos como um todo / Por medo ou por preguiça / Deixamos de sonhar / Individualmente imersos no que é sem vida / A humanidade deixa a si mesmo pra trás / Se mata por novidade que alimenta o seu egoísmo / Caímos presos e solitários nas garras secas do sistema”, sempre questionando: “Se a ti nem você se enxerga / Quem dirá o que te seduz? / Você é um sonhador? / Estamos em extinção / Ou somente adormecidos?”, além da pergunta título da faixa que faz alusão à ideia de “sonho” e as relações oníricas de libertação que engendram reações anti-mekHanTrópicas e, por isso, insistem em ser cooptadas pela associação entre “sonho” e “consumo”: “Por medo ou por preguiça deixamos de sonhar?”

As relações narrativas oníricas são muito caras a mim neste universo (tanto como forma de apresentação transmídia, quanto como temas e conceitos estéticos e narrativos), em especial nos curtas-metragens, videoclipes, série audiovisual, poesias e contos, cujas tramas se desenrolam sobre o argumento

dos sonhos serem “oráculos de autoconhecimento” (RIBEIRO, 2019). Neste sistema oracular onírico, os caminhos vão sendo desvendados e construídos como se fossem partes de um inconsciente extra-maquínico coletivo. As nuances percorridas e os elos estabelecidos por cada fruidor do universo são maneiras de burlar, de certa forma, o psicobinarismo mekHanTrópico que tenta se estabelecer enquanto ordem. A imprevisibilidade de se poder criar novas histórias e significações se mostram como válvulas de (re)existência para os personagens.

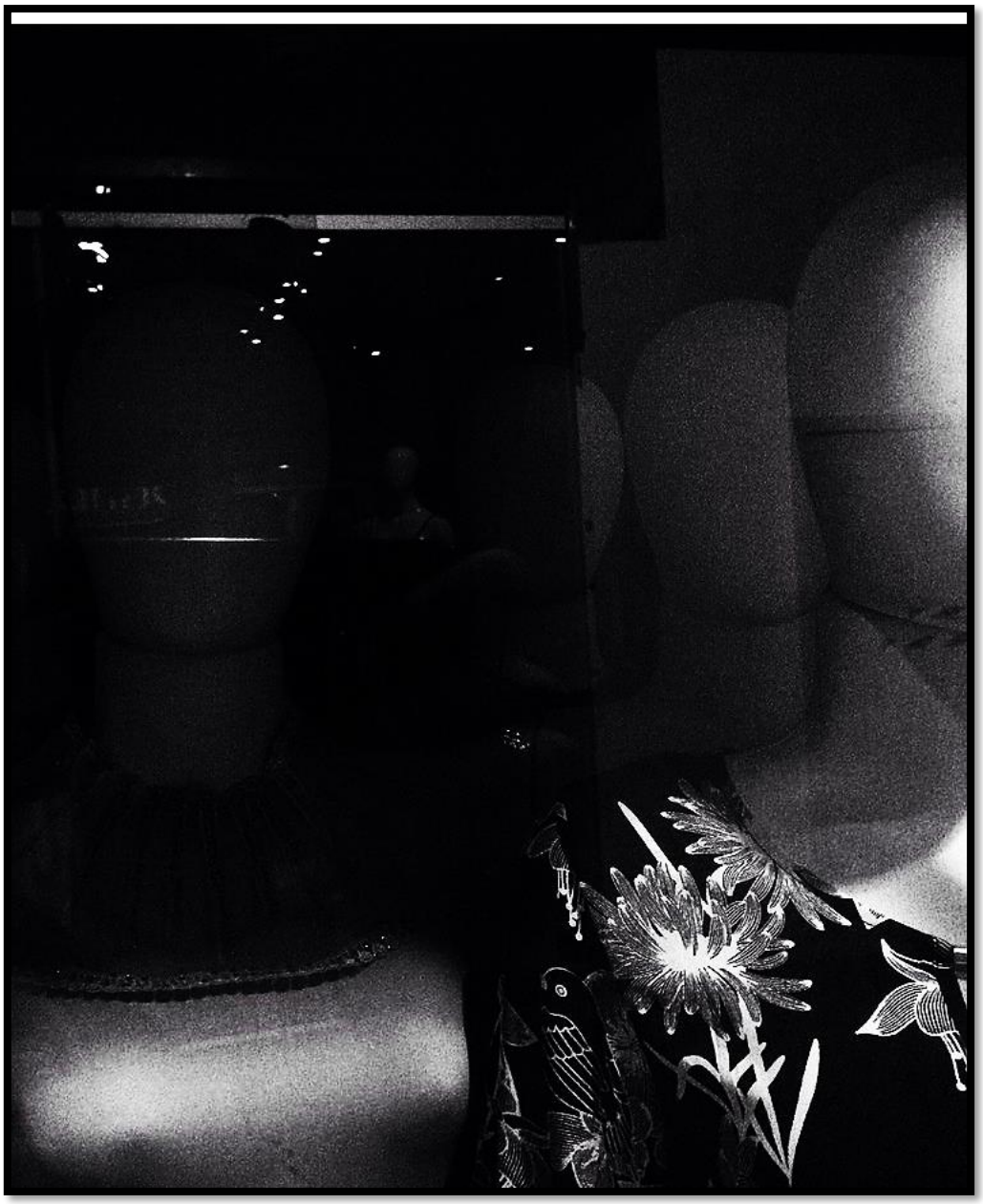


Figura 118 - "Faces sem olhos (MekHanTropos)". Fotografia digital. Fredé CF, 2019.

À medida que o álbum transcorre há uma representação da “Recusa do Chamado” e do “Encontro com o Mentor” que o conduz a adentrar ao segundo ato. Sobre a “Recusa do Chamado”, Vogler (2015) diz que “esse estágio é sobre o medo. Não raro, nesse momento o herói hesita no limiar da aventura, *recusando o chamado* ou manifestando relutância” (VOGLER, 2015, p. 49). A quinta canção do álbum, “Sobre o Medo” – inspirada na música “*Fearless*” da banda inglesa *Pink Floyd –,* marca essa tentativa de “Recusa do Chamado” e o início do despertar do eu-lírico/herói na narrativa. A letra acompanha sua tentativa e relutância em se desvincular do contexto que o prende. A meditação trazida no fim da música sugere o início de um olhar mais gentil, integrativo dos próprios sentimentos na intenção de compreendê-los e melhor lidar consigo mesmo.

A música seguinte, “A Sombra”, apresenta uma espécie de “Encontro com o Mentor” e completa o ciclo com um olhar de “provação” para as sombras pessoais e distúrbios psicoemocionais elucidado por reflexões que vem com os aforismos declamados pelo Ciberpajé:

> O relacionamento entre herói e Mentor é um dos temas mais comuns na mitologia e um dos mais ricos em valor simbólico. A função do Mentor é preparar o herói para enfrentar o desconhecido. Ele pode dar conselhos, orientação ou equipamentos mágicos (...). Contudo, o Mentor só pode acompanhar o herói até certo ponto. No fim, o herói deve enfrentar o desconhecido sozinho (VOGLER, 2015, p. 50).

Além disso, o eu-lírico percebe, a partir desse encontro, que o maior antagonista dessa jornada é ele mesmo, por não consegui olhar e integrar suas sombras. Isso o faz ser cooptado e alienado com mais potência pelo sistema psicobinário baseado na positividade de MekHanTropia. No pensamento de C. G. Jung a ideia de “Sombra” representa características de nossa personalidade, relacionadas a sentimentos mais primitivos, egoísmos e instintos reprimidos. O “eu” escondido que a mente muitas vezes rejeita ou nega. Chamada como “monstros secretos internos” por Foucault, as sombras também representam nossas insanidades ocultas (ou desconhecidas por nós mesmos), em dimensões reprimidas onde se escondem diversos sentimentos.

Para Jung, Campbell e Vogler, o arquétipo da “Sombra” não vive apenas internamente em cada pessoa, mas está presente também em narrativas mitológicas – na Jornada do Herói, por exemplo, é representada geralmente

como o antagonismo. Sobretudo, tal arquétipo está presente na sociedade como um todo, no inconsciente coletivo. Quanto mais abnegada e reprimida, a Sombra se torna mais perigosa, podendo, ao ser projetada, trazer à tona distúrbios como neurose, psicose, depressão, ansiedade etc. Várias narrativas cinematográficas ou literárias trazem o vilão como personagem que incorpora tais aspectos em oposição ao herói. Em meu universo, o antagonismo é tanto o sistema (de fora pra dentro), como (e principalmente), a negação do herói em olhar para si e suas próprias sombras (de dentro pra fora) induzido pelo sistema e quem o rege, como também representado por diversas outras obras desse universo.

Segundo Vogler, os arquétipos são utilizados em narrativas não como papéis estabelecidos de maneira estanque a serem interpretados, mas como "funções desempenhadas temporariamente pelos personagens para alcançar certos efeitos numa história (...). como funções flexíveis de caráter ao invés de personagens rígidos" (VOGLER, 2015, p. 62). Desta maneira, sobre o arquétipo da Sombra em narrativas, o autor coloca:

> O arquétipo conhecido como **Sombra** representa a energia do lado obscuro, os aspectos não expressos, desconhecidos ou rejeitados de alguma coisa. Em geral, é o lar dos monstros suprimidos de nosso mundo interior. As Sombras podem ser todas as coisas que não gostamos em nós mesmos, todos os segredos profundos que as pessoas não conseguem admitir sequer para si. As qualidades a que renunciamos e que tentamos arrancar pela raiz ainda espreitam lá dentro, agindo no mundo das sombras do inconsciente. A Sombra também pode abrigar qualidades positivas que se escondem ou que rejeitamos por algum motivo. A face negativa da Sombra nas histórias é projetada nos personagens que chamamos de vilões, antagonistas ou inimigos. Vilões e inimigos em geral dedicam-se á morte, destruição ou derrota do herói. Antagonistas podem não ser tão hostis – podem ser Aliados que estão atrás do mesmo objetivo, mas que discordam das táticas do herói. Antagonistas e heróis em conflito são como cavalos em uma parelha puxando em direções opostas, enquanto vilões e heróis em conflito são como trens em rota de colisão (VOGLER, 2015, p. 111-112).

Para tentar representar um olhar sobre esse "antagonismo" no álbum, esta faixa propõe a integração, racional e emocional, desta gama de sentimentos menos confortáveis, concomitantemente a questionamentos sobre às imposições culturais determinadas. No fim da canção, o aforismo do Ciberpajé versa: "Nas profundezas da floresta interior resgatei a bela dor de ser animal. Esse ancestral sabor usurpado pela cultura". Tais pensamentos, mesmo que destoantes dos pensamentos expostos pelo eu-lírico/herói durante a faixa, o estimulam a

“acordar” frente ao que o conduz de maneira opressora, frente a MekHanTropia que o envolve.

A chamada “Travessia do Limiar” ocorre por um processo de transformação e aumento da consciência (no sentido de “ter ciência”) do narrador (herói/eu-lírico), lançando luz e buscando compreender o “agora” para maior harmonia consigo mesmo e enfrentamento ao sistema mekHanTrópico, se empoderando a partir de si mesmo e se comprometendo com a aventura. Deste modo, adentra ao chamado “Mundo Especial” da história. É importante colocar que essa relação não se dá apenas em relação ao álbum “MekHanTropia”, mas a todo universo transmídia. Cada obra em si traz elementos diversos desse universo e, portanto, há outros vilões e/ou forças antagônicas permeando Cada obra em si traz elementos diversos desse universo e, portanto, há outros vilões e/ou forças antagônicas permeando as criações, como demônios (“Incubus” e “Succubus”), vírus (“HumanCron” e “Malware h6n66”), entre outros fatores consequentes da relação entre as forças de poder necropolítico, o sistema estabelecido, a tecnologia, a natureza e as transcendências representadas por criaturas fantásticas (Jurupari, Cão Breu, Pisadeira, Kali etc.).

Retomando a narrativa do álbum “MekHanTropia”, as composições são, nesse ato de iluminação da obra, mais discursivas, manifestas e agressivas no tom de revolta do eu-lírico/personagem/narrador. As melodias tornam-se mais confusas e repletas de mudanças de direcionamento rítmico e melódico, com o intuito de representar as confusões mentais que o acometem nesse processo transitório de reconhecimentos das sombras pessoais e sociais reconhecidas. A faixa “Tentando Explicar o Óbvio” evidencia o clímax dessa revolta, apontando para uma maior consciência do personagem sobre as mazelas do sistema, como já abordado anteriormente e provocando uma decisão de movimentação em relação à inércia que o paralisava.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Finalmente, o álbum parte para uma proposta poética de busca por resistência anti-mekHanTrópica, com canções mais serenas, leves e relaxadas, porém com uma selvageria visceral constantemente ativa, evidenciadas por ritmos e combinação de notas com conotações de alegria e tranquilidade, aproximando-se de musicalidades afrobrasileiras, indianas e xamânicas (com instrumentos tocados pelo Ciberpajé), estados meditativos (com cânticos típicos de práticas de yoga e meditação), batidas rítmicas e melodias da bossa-nova e assobios e dedilhados que remetem a paisagens sonoras audiovisuais compostas por Ennio Morricone.



Figura 119 - "Preso em MekHanTropia". Colagem (fotografia digital, desenho e Redes Neurais/IA). Fredé CF (sobre arte do Ciberpajé), 2020.

As músicas “Ao Amanhecer”, “Om Shanti Blues” e “Na Encruzilhada (The Gravedigger’s Samba)” apontam para o terceiro ato erigido sobre as ideias de “despertar”, “transcender”, “enterrar” e “autotransformar”, para então, com mais sabedoria, resistir à pressão imposta e lidar com as consequências de suas

transformações. Como num “Caminho de Volta” narrativo em que “o herói ainda não saiu da floresta (...) quando o herói começa a lidar com as consequências de enfrentar as forças obscuras da Provação” (VOGLER, 2015, p. 55).

Na letra e no videoclipe[88] de “Na Encruzilhada (The Gravedigger’s Samba)” é abordado o processo de reflexão e transmutação pessoal como uma espécie de recompensa dada ao personagem sobre o percurso narrativo que engendra o álbum, ou seja, seu direito de existir, pensar e escolher por si mesmo os caminhos a seguir. Os versos: “Não dar ao medo o poder, ele é só um mensageiro. Deixar o instinto falar. (...) Transmutar. (Re)existir. Deixar fluir” reafirmam esse caminho reflexivo e apontam ao que diz o parceiro, escritor, artista e realizador Roberto Franco em sua análise sobre o álbum: "não há outro caminho além da resistência". Ao refletir sobre como podemos resistir a essa MekHanTropia institucionalizada, ele coloca que:

> o MekHanTropo pode ser descrito como um sujeito social que aniquila a ideia de sua própria essência. Tanto em sua capacidade de se conectar com o outro quanto em sua capacidade de se perceber parte da natureza. Não habita nele a natureza, habita nele a programação recorrente e continuada que recebe e sequer imagina. Legitima o discurso imposto e distorce sua própria compreensão de si e de seus instintos naturais comuns a outras espécies como a autopreservação. Aprisionado na fantasia de viver em um futuro utópico de harmonia mediada pela tecnologia (uma *fanfic* personalista sobre o capitalista que acredita ser), o MekHanTropo se fortalece pela estupidez alheia, todos dependurados uns aos outros e a um pensamento de capitalismo de salvação e suas falsas benesses. Não há distopia que não se erga sobre a ilusão de uma utopia. Por isso, ao analisar as atuais políticas de estrutura neofascista e fundamentalista que por meio do voto chegaram ao poder em diversos países, alguns pontos narrativos e de discurso comuns entre si ficam evidentes. Sobretudo quando justificam a barbárie com temas como liberdades individuais. A legitimação de personalidades que há uma década eram desprezadas pela própria insignificância diz muito e muito claramente sobre o sucesso da empreitada de desumanização do indivíduo comum, reflexivo, conectado com a natureza e consigo. Vivemos sim dias de trevas, caro Fredé, e não há horizonte de transformação. A obra “MekHanTropia” me impactou tão positivamente quando entendi sua proposta mais ampla: a provocação. Ao autoconhecimento, ao exercício cotidiano de reflexão sobre pensamentos e ações. Sobre o que somos, o que consumimos, como nos relacionamos. E, mais importante, como conseguiremos nos ressignificar, voluntária e conscientemente, depois de termos sido todos ressignificados artificialmente pela máquina tecnológica de consumo e de comportamentos, de fora para dentro. A Resistência começa de dentro para fora. [89]

88Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kDNpFaMFwIM Acesso em: 18/09/2020.
89Disponível em: http://mealuganao.blogspot.com/2020/09/resenha-mekhantropia-nao-ha-outro.html Acesso em 18/09/2020.

Em sua leitura sobre a obra publicada no meu blog “Me Aluga Não”, Roberto Franco traduz bem essa proposta de trajetória do álbum, em apresentar, diluir e provocar um olhar ao que nos acomete por fora e por dentro, bem como uma visão interessante acerca das utopias e ilusões distópicas que a obra trata. Tais sobreposições entre visões sobre a realidade acabam direcionando um olhar acerca de nossa integração ao planeta enquanto seres naturais, abordada na faixa escondida do álbum que chamo de “F.Oak Rock (a utopia da natureza é a nossa distopia)”. Nesta faixa teço uma brincadeira no título em relação à desconexão que temos ao não nos reconhecermos como natureza. A faixa é uma espécie de *pout-pourri* em ritmo de *blues rock*, com violões, *samplers* de saxofone e gaita, cantos de grilo e de cigarra, e traz referências pela letra à música “Eu não sei fazer música” da banda Titãs e “Faça, fuce, force” de Raul Seixas, grandes influências pessoais minhas. Utilizo também, ao fim da faixa, elementos vocais do filme já citado de Rogério Sganzerla.

ATENÇÃO MEKHANTROPOS!

Nossos censores algorítmicos identificaram uma nova falha no sistema psicobinário de MekHanTropia.
Mensagens em código binário se espalham e explicitam a insistente conspiração anti-mekHanTrópica que vem acontecendo.
Fiquem de olhos bem abertos e nos comuniquem caso saibam de algo.
Desejamos um excelente e produtivo dia.
Atenciosamente,
(Edir Messias BiroLiro. MekHanTropia, ano zero).

01110011 01100001 01101100 01110110 01100101 00100000 01100110 01110010 01100101 01100100 11101001
00100001 00100000 01100101 01110011 01100011 01110010 01100101 01110110 01101001 00100000 01110101
01101101 00100000 01100001 01110010 01100111 01110101 01101101 01100101 01101110 01110100 01101111
00101100 00100000 01101111 01110101 01110110 01101001 01101110 01100100 01101111 00100000 01100101
00100000 01101111 01110101 01110110 01101001 01101110 01100100 01101111 00100000 01110011 01100101
01110101 00100000 01001101 01100101 01101011 01001000 11100001 01101100 01100010 01110101 01101101
00100000 01101001 01101110 01110100 01100101 01101001 01110010 01101111 00100000 01100001 01110100
11101001 00100000 01101101 01100101 00100000 01110011 01110101 01110010 01100111 01101001 01110010
00100000 01110101 01101101 01100001 00100000 01101001 01101101 01100001 01100111 01100101 01101101
00100000 01100011 01101111 01101101 01110000 01101100 01100101 01110100 01100001 00101110 00100000
01100101 01101110 01110100 11100011 01101111 00100000 01100101 01101100 01100001 00100000 01100011
01101000 01100101 01100111 01101111 01110101 00100000 01100101 01101101 00100000 01110101 01101101
00100000 01110110 01101001 01110011 01101100 01110101 01101101 01100010 01110010 01100101 00101110
00001010 01100110 01101001 01110001 01110101 01100101 01101001 00100000 01100101 01101110 01100011
01100001 01110010 01100001 01101110 01100100 01101111 00100000 01100001 00100000 01101001 01101101
01100001 01100111 01100101 01101101 00100000 01100100 01101111 00100000 11100000 01101100 01100010
01110101 01101101 00101110 00100000 01100100 01100001 01101001 00100000 01110000 01100001 01110010
01100101 01100011 01101001 01100001 00100000 01110001 01110101 01100101 00100000 01100101 01110011
01110100 01100001 01110110 01100001 00100000 01110010 01101111 01101100 01100001 01101110 01100100
01101111 00100000 01110101 01101110 01110011 00100000 01100110 01100001 01101110 01110100 01100001
01110011 01101101 01100001 01110011 00100000 01110011 01100101 01101101 01101001 11110011 01110100
01101001 01100011 01101111 01110011 00101110 00100000 01110100 01101001 01110000 01101111 00100000
01110101 01101110 01110011 00100000 01110110 01101001 01110011 01101100 01110101 01101101 01100010
01110010 01100101 01110011 00100000 01100100 01100101 00100000 01100001 01101100 01100111 01101111
00100000 01100001 01110000 01100001 01110010 01100101 01100011 01100101 01101110 01100100 01101111
00100000 01100101 00100000 01100100 01100101 01110011 01100001 01110000 01100001 01110010 01100101
01100011 01100101 01101110 01100100 01101111 00101110 00100000 01100100 01100001 01101001 00100000
01100110 01101001 01110001 01110101 01100101 01101001 00100000 01110010 01100101 01100011 01101111

01110010 01110100 01100001 01101110 01100100 01101111 00100000 01101110 01100001 00100000 01100011
01100001 01100010 01100101 11100111 01100001 00100000 01110101 01101101 01100001 01110011 00100000
01101001 01100100 01100101 01101001 01100001 01110011 00100000 01100100 01100001 01110011 00100000
01101100 01100101 01110100 01110010 01100001 01110011 00100000 01100101 00100000 01100100 01101111
01110011 00100000 01110011 01101111 01101110 01110011 00101110 00100000 01100100 01100001 01101001
00100000 01101001 01101101 01100001 01100111 01101001 01101110 01100101 01101001 00100000 01100101
01110011 01110011 01100101 01110011 00100000 01100011 01101001 01100010 01101111 01110010 01100111
01110101 01100101 01110011 00100000 01100011 01101111 01100010 01100101 01110010 01110100 01101111
01110011 00100000 01100100 01100101 00100000 01110110 01100101 01100111 01100101 01110100 01100001
11100111 11100011 01101111 00101100 00100000 01100001 01101001 00100000 01101010 11100001 00100000
01100110 01110101 01101001 00100000 01110000 01101001 01110010 01100001 01101110 01100100 01101111
00100000 01101110 01100001 00100000 01100011 01101111 01101001 01110011 01100001 00100000 01110100
01101111 01100100 01100001 00100001 00100000 01101000 01100001 01101000 01100001 01101000 01100001
00100000 01100110 01101001 01110001 01110101 01100101 01101001 00100000 01101101 01110101 01101001
01110100 01101111 00100000 01100110 01100101 01101100 01101001 01111010 00100000 01100101 01101101
00100000 01100011 01101111 01101101 01110000 01100001 01110010 01110100 01101001 01101100 01101000
01100001 01110010 00100000 01101110 01101111 01110011 01110011 01100001 01110011 00100000 01110000
01101001 01110010 01100001 11100111 11110101 01100101 01110011 00100001 00100000 01100011 01101111
01101111 01110000 01101001 01110010 01100101 01101101 01101111 01110011 00100000 01110011 01100101
01101101 01110000 01110010 01100101 00100001 00100000 01101000 01100001 01101000 01100001 01101000
01100001 00100000 01100101 01101110 01110001 01110101 01100001 01101110 01110100 01101111 00100000
01100101 01110101 00100000 01100101 01110011 01100011 01110010 01100101 01110110 01101001 01100001
00100000 01101111 00100000 01100011 01101111 01101110 01110100 01101111 00101100 00100000 01100110
01101001 01110001 01110101 01100101 01101001 00100000 01110110 01101001 01110011 01110101 01100001
01101100 01101001 01111010 01100001 01101110 01100100 01101111 00100000 01110101 01101101 01100001
01110011 00100000 01101001 01101101 01100001 01100111 01100101 01101110 01110011 00101110 00100000
01100001 01101100 01100111 01101111 00100000 01100100 01101111 00100000 01110100 01101001 01110000
01101111 00100000 01100100 01100001 01110011 00100000 01101001 01101101 01100001 01100111 01100101
01101110 01110011 00100000 01100100 01100101 00100000 01100010 01100101 01100111 01101111 01110100
01110100 01100101 01101110 00101110 00100000 01110011 01100001 01100011 01100001 00111111 00100000
01100100 01100001 11101101 00100000 01100001 01100111 01101111 01110010 01100001 00100000 01110010
01100101 01101111 01110101 01110110 01101001 01101110 01100100 01101111 00100000 01100001 00100000
01110100 01110101 01100001 00100000 01100011 01101111 01101101 01110000 01101111 01110011 01101001
11100111 11100011 01101111 00101100 00100000 01100101 01101100 01100001 01110011 00100000 01100110
01101001 01111010 01100101 01110010 01100001 01101101 00100000 01100010 01100101 01101101 00100000
01101101 01100001 01101001 01110011 00100000 01110011 01100101 01101110 01110100 01101001 01100100
01101111 01110011 00101110 00100000



Figura 120 - "(re)existência". Fotografia digital. Fredé CF. Santiago (Chile), 2019.

Há duas cidades distantes no tempo, não no espaço, pois se sobrepõem: Utopia e Distopia. A Utopia é sempre vista em

vislumbres, nos umbrais entre a noite e a aurora e o dia e o crepúsculo. É como se fosse uma cidade-aparição, pois Utopia é algo que diz respeito sempre ao futuro. Já a Distopia, para onde olhamos lá ela está. Seja noite, seja dia, ela está sempre presente. Pois a Distopia é algo que diz respeito sempre ao presente. É a cidade em que vivemos: nascemos, crescemos, estudamos, trabalhamos, casamos, consumimos e morremos. Nós, somos reflexo dessa cidade-presença. Somos seus cidadãos e cidadãs de bem com registros cartoriais ou de MekHantropos (homens) ou de MekHystéras (mulheres). No entanto, alguns cidadãos e cidadãs são desviantes. Possuem corpos abjetos. Já que são ciborgues sem utilidade alguma e, por tal condição de inutilidade, estão tomados/as por vegetais e insetos: os/as Tekoretas (palavra Ava Kaiowá para "múltiplos modos de ser"). Desse modo, são micro-ecossistemas vivos. E a fotossíntese que produzem criou uma película em seus olhos que os/as tornam capazes de ter os vislumbres nos umbrais do dia a dia. São os únicos seres que sonham. Pois suas consciências estão desprogramadas. Esta uma condição crucial para, com trabalho de formiga, ao som de cigarras, irem substituindo, pedra a pedra de Distopia para transformá-la em Utopia. No entanto, sabem que jamais conseguirão. Pois o que importa, não é alcançar o futuro construindo Utopia, mas sim, transformar o presente, desconstruindo Distopia.
("Tekoretas entre a Utopia e a Distopia". Escrito por léo pimentel – [A]m[A]nt[E]:|:da:|:h[E]r[E]si[A]. Confraria Anti-MekHanTrópica. 2021).



Figura 121 - Álbum "MekHanTropia" indicado ao Prêmio Dynamite de Música Independente 2021.

O álbum “MekHanTropia” foi indicado ao célebre “Prêmio Dynamite de música independente”[90] em 2021 e, apesar de não ter vencido, obteve mais de 140 votos do público na categoria “Melhor lançamento de MPB”. Além desse prêmio, minha obra como um todo também foi finalista[91], após ser indicada em cinco categorias (“Autor de música e letra”, “Direção de Videoclipes”, “Canais de Divulgação”, “Rock” e MPB”), do “PPM (Prêmio Profissionais da Música Brasileira)” [92] em 2022/23. Esses reconhecimentos muito me alegram e são combustíveis para continuar nessa jornada artística de autoconhecimento e autocura.

É mister também sempre ressaltar sobre o quanto as parcerias são fundamentais quando se trata de arte independente e de resistência contracultural. Além das resenhas, projeções, extensões que a obra causa, esse álbum foi também lançado em parceria importante com o selo underground goiano TBonTB[93]. Os primeiros exemplares do CD contaram com uma máscara em anexo produzida pela minha tia Delaine Carvalho.



Figura 122 - Finalista do 7º Prêmio Profissionais da Música Brasileira. 2022/23.

[90] Disponível em: https://fav.ufg.br/n/141083-discente-do-ppgacv-concorre-a-premio?atr=en&locale=en Acesso em: 08/08/2023.
[91] Disponível em: https://www.dm.com.br/cultura/goiano-e-finalista-no-premio-profissionais-da-musica-no-df-124173 Acesso em: 08/08/2023.
[92] Disponível em: https://www.ppm.art.br/ Acesso em: 08/08/2023.
93 *Two Beers or not Two Beers*: Selo *underground* goianiense capitaneado pelo filósofo, músico e ativista cultural Wander Arantes Segundo.

Sobre a arte da capa, o autor da imagem e projeto gráfico, Edgar Franco, relata que se inspirou no universo ficcional de MekHanTropia e buscou representar o contexto de trevas que vivemos. Segundo o autor, “a criatura da capa metaforiza esse humano simiesco, globalmente conectado mas ainda servil; transgênico, mas arcaico; pós-biológico, mas pré-histórico.”[94] O artista incorpora alguns detalhes de nosso contexto atual, trazendo à tona elementos que fundam o conceito aqui apresentado, como um vírus na ponta da língua da criatura em referência à COVID-19 e o controle cerebral exercido por pequenos seres em seu cérebro, que remetem à falta de liberdade, limitações e padronização de pensamentos e emoções.



Figura 123 - CD "MekHanTropia" de Fredé CF lançado pelo selo TBonTB. 2020.

94Segundo Edgar Franco: “Na arte da capa busco amalgamar o contexto conceitual transumano do universo ficcional de *MekHanTropia* ao momento dramático que experienciamos no planeta, somando o total colapso do progressismo, da biosfera e das múltiplas diversidades. A criatura da capa metaforiza esse humano simiesco, globalmente conectado, mas ainda servil, transgênico, mas arcaico, pós-biológico, mas pré-histórico. Alguns detalhes como a língua para fora com um vírus em sua ponta e o controle cerebral de pequenas criaturas humanoides traduzem o rico conteúdo poético das canções do álbum. As cores e texturas criam paradoxos, pois os lilases/roxos insistem em tratar da busca transcendente que é um dos focos das letras, mas ao mesmo tempo contrastam com o niilismo intrínseco de fim de era que emana de cada verso de MekHanTropia.” (FRANCO, Edgar. A arte do Ciberpajé. Disponível em: https://ciberpaje.blogspot.com/2020/06/lancamento-mekhantropia-ciberpaje-cria.html Acesso em 21/07/2020)

O artista explicita em seu relato escolhas criativas de elementos formais constituintes da imagem. Ao buscar criar paradoxos a partir das formas, texturas e cores escolhidas para o desenho – o roxo/lilás e o amarelo como cores opostas e complementares no círculo cromático –, destaca dicotomias levantadas poeticamente pelas faixas do álbum, evidenciando a busca por autoconhecimento e empatia como resistência.



Figura 124 - Máscaras MekHanTropia produzidas por Delaine Carvalho com a Arte do Ciberpajé.

A partir desses contatos entre as leituras, parcerias e pensamentos conectivos com minha obra, observo que, desde o início, busco utilizar a tecnologia e o mundo digital como parte intrínseca do meu processo criativo. Visualizo, cada vez mais, uma representação artística desse universo com uma perspectiva distópica, porém na esperança de uma saída mais humana para essa MekHanTropia estabelecida, além de me ajudar também no autoconhecimento e compreensão de minhas subjetividades e relações sociais.

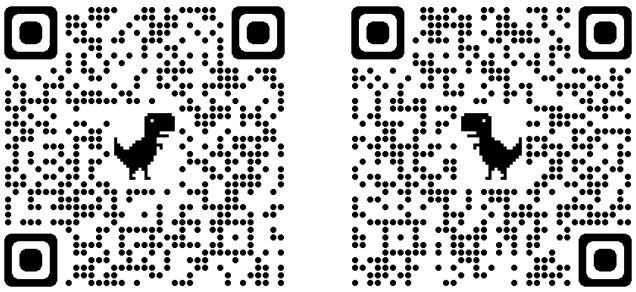
O vínculo de minha pesquisa à representação de estados psicoemocionais emergentes enquanto distúrbio patológicos nos tempos atuais – acentuados pela pandemia que atravessamos, confinados e dependentes cada vez mais das

tecnologias –, aparece na obra enquanto ressignificação de sentimentos que me assolam e me adoecem, trazendo fôlego em um processo de autocura pela arte, no qual a manipulação de signos em diferentes linguagens ajuda a colocar pra fora um pouco do que fica engasgado, em uma relação “qualitativa” com a vida e as relações sociais, e não de “quantificação” e hiperprodutividade, como institui e incentiva o *status quo*.

Vivemos em um mundo permeado por uma infinidade de imagens construídas que trazem imbricadas inúmeras ideologias, discursos e significações. Tais fenômenos seduzem navegantes pelas redes em um “canto de sereia” ecoado na *big data* operada, especialmente, pelo marketing, pela publicidade e pela propaganda em um neoliberalismo que transborda no meio digital. As representações artísticas e midiáticas executadas com máquinas e softwares buscam, geralmente, operar com a ilusão sobre os nossos sentidos, seja um filme, um game ou qualquer outro produto midiático veiculado pela TV, pelo rádio, pela web ou como Realidade Virtual e IA, o que temos atualmente com cada vez mais constância. Tais práticas agem no sentido de estimular a nossa imaginação, gerando uma sensibilidade aparente que nada mais é que uma peça pregada em nós mesmos, como um espelho que miramos refletidos. Nessa relação, atuamos como uma espécie de (re)decodificador de informações abstratas geradas por algoritmos digitais.

Músicas em MP3, por exemplo, são formadas por códigos numéricos digitais que, por mais próximo possível que estejam da representação física, trazem engendradas diferentes relações com o fetiche que sentimos sobre a mesma obra em outros formatos, digamos “mais tangíveis”, como um vinil, uma fita K-7 ou mesmo um CD. Neste caso, o álbum físico, e, por conseguinte, a própria música em si, atingem relações fenomenológicas mais atávicas com o receptor, o que pode expandir seu imaginário de maneiras distintas do digital. A obra manuseada incide sobre as relações de percepção e experiências sensoriais com maior amplitude e complexidade, por meio do tato, da visão e até do olfato, de forma mais expansiva[95].

95Vale ressaltar que aqui nessa afirmação me dirijo de forma restrita às experiências com obras sonoras musicais, concebidas em formato digital e analógico, uma vez que em outras formas de



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

O “valor de exposição” – à luz do pensamento de Walter Benjamin (2012) – e reprodução de tais obras atinge novas relações de significação (e, em alguns casos, até de “mimese” e “mimetismo”[96], como aqui nesta tese-criação utilizo) que agregam valores diferentes a algo que nunca foi único e exclusivo, ou seja, destacado pelo seu valor de “unicidade” enquanto objeto artístico, mas sim por ter o poder de proporcionar experiências parecidas e padronizadas em locais e situações diversas que trazem imbricados aspectos diversos existenciais. Por outro lado, as novas gerações passam a descobrir no analógico – a princípio defasado – possibilidades de experiências perceptivas até então ignotas, por não fazerem parte do seu mundo referencial, o que dota com frescor de novidade artefatos como o LP/vinil[97] e a fita K-7, caracterizando assim o que poderíamos chamar de sua “aura[98] ressignificada”, diluída no fluxo contrário à distopia virtual

atuação/representação artística e midiática como o cinema, o game, entre outras, tais relações atuam de formas diferentes.

96É comum, no universo artístico, referir-nos à essas ideias como práticas de representação fiel de algo. O termo “mimetismo” é oriundo da biologia e remete à capacidade de adaptação de animais e plantas em “parecer” com outras características de outra coisa, como o bicho-folha, e o bicho-pau, por exemplo, que os ajudam a “enganar” predadores, ou até mesmo a ideia de “fingir-se de morto” para não ser morto, ou seja, parecer-se com um cadáver. Já a ideia de “mimese” está relacionada ao conceito de “imitação”, o que também é mais complexo do que apenas essa simples associação. Para maior aprofundamento acerca destes conceitos, ver: NUNES, Fábio Oliveira. "Mentiras e Sistemas", in Mentira de Artista: arte (e tecnologia) que nos engana para repensarmos o mundo, São Paulo: Cosmogonias Elétricas, 2016.

97 Em 2022 foi noticiado que, pela primeira vez em 36 anos, as vendas de LPs superaram as vendas de CD. Ver: https://rollingstone.uol.com.br/musica/pela-primeira-vez-em-36-anos-vendas-de-vinil-superam-cds/ Acesso em: 07/08/2023.

98Para Benjamin, o conceito de “aura” está relacionado a uma ideia de “autenticidade” e existência única de uma obra de arte. Assim, ela não existiria em uma reprodução, pois estaria apartada de seu “valor de culto” ritualístico original. Por outro lado, analisando a perspectiva da obra de arte em meio a reprodutibilidade técnica, teóricos como Peter Burke, por exemplo, em sua obra *Uma história social da mídia: De Gutenberg à Internet* (2004, p. 48), comentam a conceituação de “aura” cunhada por Benjamin, argumentando que é difícil afirmar de forma generalizada sobre o desaparecimento da “aura” de uma imagem simplesmente pelo fato desta

zuckerberguiana (com a criação do “Metaverso”) de um totalitarismo sobre as formas de sentir.

Um homem com ansiedade social e tendências agorafóbicas (medo irracional de sair de casa) se vê numa situação muito confortável quando uma pandemia de um vírus ultra contagioso obriga que todos fiquem em quarentena. Agora que toda sua vida está dentro de sua própria casa (trabalho, reuniões, encontros com amigos...), o homem não quer que a pandemia acabe. Quando vacinas contra o vírus começam a ser distribuídas, o protagonista cria uma rede de mentiras (ou fake news) nas redes sociais para tentar impedir que a população se vacine, podendo então realizar seu sonho de ficar para sempre isolado, mas de forma socialmente aceitável. (“Agorafobia”. Escrito por Giovana Barcelos. Confraria Anti-MekHanTrópica. 2021).

Por mais que acoplado e inserido ao mercado, tais formatos escapam de certa forma da proposta de absorção virtual do mundo e nos situa novamente no tempo e espaço ordinário. A arte independente, além de também fazer isso, ainda rompe com amarras mercadológicas do entretenimento pré-determinado pelo *status quo* ao propor novas formas de expressão e experimentação.

Todavia, tais elucubrações acerca do “físico” e do “digital” acabam por não dependerem da arte em si enquanto manifestação, mas sim, de conseguirmos, ao cerne do debate do que pareceria deslocado, a disponibilidade, disposição e acesso cada vez mais fluido a essas diferentes possibilidades de experimentação e exploração das diversas manifestações artísticas. Parece-me formidável que as obras estejam disponíveis – independente do suporte –, para que exista, a cada um de nós, opções sobre as formas de senti-las. Um álbum de seu grupo favorito pode assim ser percebido de maneira mais portátil por suportes/plataformas digitais (no carro, spotify, MP3, youtube, etc) como também de maneira mais complexa e ritualística por suportes físicos (LP, CD, fitas K-7, etc.), sem esquecermos de mencionar a possibilidade presencial mais imersiva e transcendente da experiência de participar de um show ao vivo (além das *Lives* que hoje pululam nas redes por conta do confinamento). Porém, é importante

ser reproduzida, e que, pelo contrário, a proximidade com as obras, agora possibilitada pela reprodutibilidade, poderia estimular o desejo em relação ao original.

atentar-nos a como o mercado determina a “relevância” das coisas de maneira excludente.

Por outro lado, transformam-se nestas relações as maneiras de sentir, contar histórias e lidar com conceitos artísticos temáticos por meio dos álbuns. Embora as conexões entre o ser humano e as obras sejam diferentes, ambas (CD, LP e *streaming*) são representações gravadas. Um ponto importante para reflexão é que dificilmente, em um mundo tão fluido e escasso de tempos de fruição, as pessoas param para se debruçarem em um álbum com muitas faixas. Por isso, em 2021 experimentei o lançamento apenas de EPs (*extended plays*) ao invés de álbuns completos, experimentando artisticamente com essas formas de expressão conceituais e tentando passar determinados conceitos de maneira mais dinâmica. Lancei três EPs em 2021, são eles: “É esse mesmo o mundo que queremos?”; “Ecos Oníricos” e “Espelho de Obsidiana”, diluídos em relação a suas diversas abordagens e relações com o universo de MekHanTropia nessa tese-criação. Narrativamente, penso nos EPs como se fossem devaneios ocorridos acerca de ideias dispersas contidas nesse universo, que refletem temas soltos imaginados ou sentidos de alguma forma pelos personagens, enquanto os álbuns são pensados como jornadas mais complexas e articuladas vividas pelos personagens em MekHanTropia.

Antônio Valdez está lavando louça em seu apartamento e ouvindo música com o smartphone conectado à uma caixa de som via bluetooth quando o celular acaba a bateria, mas a caixa continua ligada. Logo, ele ouve uma voz de criança pedindo socorro na caixa. Por ser bluetooth, a criança deve estar em algum apartamento bem próximo ao dele, mas não tem como ele interagir com a criança, pois só pode ouvi-la pela caixa. O desespero toma conta e ele começa a pensar em como poderia agir. Invadir os apartamentos vizinhos seria uma ideia. Mas, será que a criança ainda está viva? Será que isso é uma interferência na rede? Ou será que tudo não passa de um delírio?
A violência, um dos mais visíveis sinais de desumanização hobbesiana marcado pela frase de que “o homem é o lobo do homem”, passa por sua imaginação e Antônio Valdez começa a refletir sobre sua condição mekHanTrópica. Sobre como a violência se transformou pelas redes e fluxos.
Ao se atacar as crianças, na verdade, o que se sacrifica são os possíveis futuros que elas podem representar.
(“Bluetooth”. Escrito por Gilvane Felipe. Confraria Anti-MekHanTrópica. 2021).

Indo um pouco além e projetando um futuro mais híbrido no âmbito do analógico e do digital, Roy Ascott (2003) já trabalhava, no início do século XXI, com a ideia de que vivenciamos um período de mudanças profundas em relação às nossas experiências com as mídias. O autor evoca a metáfora de “mídias úmidas” para designar tais hibridizações:

> O mundo digital seco do computador está se unindo ao mundo biológico molhado dos seres vivos, produzindo o que se pode chamar de ‘mídias úmidas’. Essas novas mídias podem se tornar o substrato da arte no século XXI, quando cruzamentos entre telemática, biotecnologia e nanoengenharia informam o processo de trabalho de artistas, designers, artistas performáticos e arquitetos (ASCOTT, 2003, p. 273).

Utilizo essas definições, de sistema digital “seco” e orgânico “molhado”, na construção e definição do meu conceito de *MekHanTropia*, o que reflete nas letras do álbum musical, em especial à primeira faixa que serve como apresentação do universo poético ficcional da obra, quando recito na letra que a MekHanTropia é “uma distopia causada pela própria vaidade do MekHanTropo, que abdica de sua vida e se metamorfoseia em engrenagem de aniquilação a serviço de um sistema seco, sem vida”.

Ao vislumbrar os conceitos e definições ascottianas, me conecto com um possível retorno ao “primitivo” através da busca por novos significados em “tradições espirituais e no conhecimento de culturas anteriormente descartadas como estranhas ou exóticas” (ASCOTT, 2003, p. 213), apresentando a *tecnoética* como principal estética definidora de uma mudança das nossas relações com as mídias, no sentido de descobrir os limites possíveis de experiências que podem ser geradas por meio da tecnologia, transformando assim a consciência, frente aos paradigmas, tanto das obras e suas relações enquanto objetos de arte, quanto dos sujeitos e suas experiências ordinárias de percepção.

Segundo Roy Ascott (2009), a passagem para as relações virtuais implica em novas relações poéticas com o imaginário e nos desvia de suportes canônicos antes previstos em nossas experiências:

> O processo telemático, como a tecnologia que incorpora, é o produto de um profundo desejo humano de transcendência: estar fora do corpo, fora da mente, além da linguagem. O espaço virtual e o espaço de dados constituem o domínio, fornecido anteriormente pelo mito e pela religião. (ASCOTT, 2009, p. 316).



Figura 125 - "Conexões e interações mekHanTrópicas". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2017.

Na era telemática, o papel de observador (*spectator)* é convertido também em participante (*interator*), deixando de lado sua mera e única função passiva para também produzir e transformar conteúdos que atingem diversos sentidos por meio de conexões da hipermídia. Uma suposta ideia de “autoria dispersa” é colocada no sentido de construção de uma nova ordem narrativa que emerge na

arte por meio da interatividade e dos fluxos das redes, onde o cânone é o da contingência e da incerteza, embora os elementos constituintes do universo tenham sido pré-concebidos e realizados com essas intenções. Assim, a ideia de construção de universos ficcionais e as possibilidades infinitas de relações transmidiáticas que isso gera ganham potencialidades, em especial, enquanto projeção a novas práticas de experiência com os conteúdos, já sendo uma constante usual atualmente.

Desta forma, “o significado é o produto da interação entre o observador e o sistema, cujo conteúdo está em estado de fluxo, de mudança e transformação infinitas” (ASCOTT, 2009, p. 306), no qual a hibridização de conteúdos e linguagens traz à tona novos paradigmas de representação e possibilidades de reflexão acerca de cada um. Ao alavancar, pela criação da obra, possibilidades de expressão artística por meio de processos não adequados ao sistema da arte, busco contestar esse sistema e suas artimanhas, propondo uma maior democratização do pensamento artístico pela experimentação, fruição e compreensão da arte como parte intrínseca da humanidade, não restrita apenas a determinados grupos mercadológicos.

Por outro lado, como já previamente abordado em relação ao EP “Teclões Oníricos do Absurdo” de 2023, para ter minha obra veiculada a algumas plataformas digitais de streaming, como *Spotify, YouTube, Deezer, Amazon Music, Apple Music*, entre outras, e assim conseguir atingir um maior número de pessoas, tive que fazer um perfil na distribuidora de conteúdo digital *One RPM*[99]. A criação do perfil é gratuita e, já por isso, desconfiamos que o produto que está sendo vendido é a gente mesmo, já que o sistema opera tendo em vista sempre o mercado nessa cultura capitalista de hiperprodutividade que vivemos.

Ao criar o perfil e tentar subir algumas músicas do álbum “MekHanTropia” em 2020 para a plataforma poder distribuir a obra, como concebida conceitualmente em sua integridade, tive alguns problemas relacionados às inserções de falas/diálogos dos filmes de Sganzerla e de Mojica nas faixas que elas aparecem. Em algumas imagens de capas (que tentei colocar em músicas como

99Ver: https://onerpm.com.br/ Acesso: 13/09/2020.

"single")[100] o site, com seus algoritmos, também não aceitou. Apareceram mensagens informando que as imagens, *samplers,* inserções, descrições de capa, duração de silêncios nas músicas, entre outros aspectos poéticos/artísticos/conceituais da obra não estavam de acordo com a política interna deles para a aprovação e distribuição pela plataforma.

Tais fatos, juntamente com os anteriormente narrados, me trazem reflexões sobre o domínio de minha obra e, mais que isso, sobre a censura algorítmica mekHanTrópica que sofri sobre meus processos criativos. Como parte da experiência, resolvi neste caso modificar as músicas, extraindo delas as falas cinematográficas, para que fosse adequado ao sistema veiculá-las.

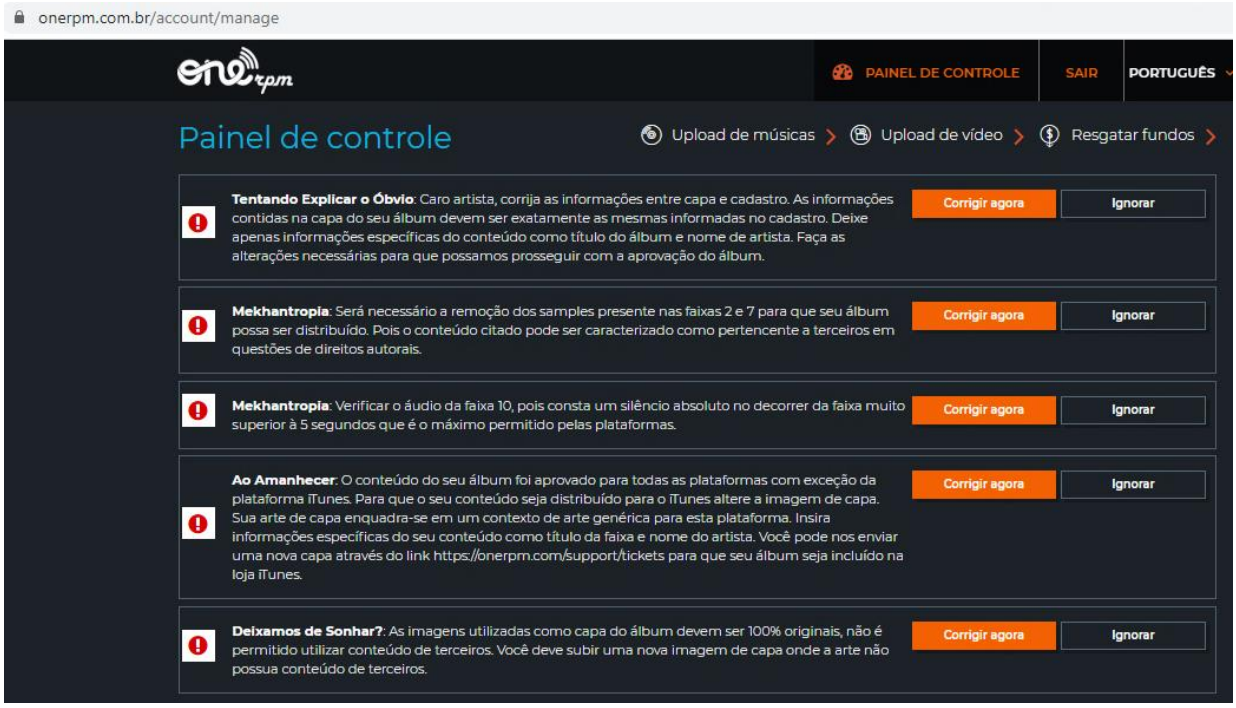


Figura 126 - Mensagens MekHanTrópicas da OneRPM.

Algumas capas que eu planejava lançar como singles também tiveram que ser substituídas, como no single da faixa "Tentando Explicar o Óbvio" que havia uma logo do movimento antifascista colocada para fortalecer o conceito da música e da letra.

100Ver: https://somosmusica.cdbaby.com/o-que-e-um-single/ Acesso em: 13/09/2020.



Figura 127 - Capa antifascista, censurada digitalmente pela OneRPM, do single "Tentando Explicar o óbvio".

Das plataformas experienciadas durante esse processo de pesquisa, a única na qual consegui ter maior liberdade foi a BandCamp, que também abre ao artista a possibilidade de estabelecer ou não o preço para download e audição on-line da própria obra, além de inserir informações extras como imagens, encarte, letras, descrição do conceito etc.

Outro fato curioso ocorrido em relação às plataformas digitais diz respeito ao jabá mekHanTrópico. Recebi por e-mail a proposta de uma web-rádio do Reino Unido chamada *Skunk Radio Live,* solicitando o preenchimento de um formulário para que houvesse uma audição do álbum e, posteriormente, possível veiculação de algumas músicas na programação da rádio. Preenchi o formulário e, ao enviar os dados pessoais e artísticos solicitados, surgiu na tela a

mensagem de que havia diferentes modalidades de audição da obra e que, cada uma delas, tem seu devido preço (em *pounds*). São elas: *Amateur Audition* (£49,99); *Student Audition* (£99,99); *Basic Audition* (£149,99); *Starter Audition* (£199,99); *Pro Audition* (£249,99).

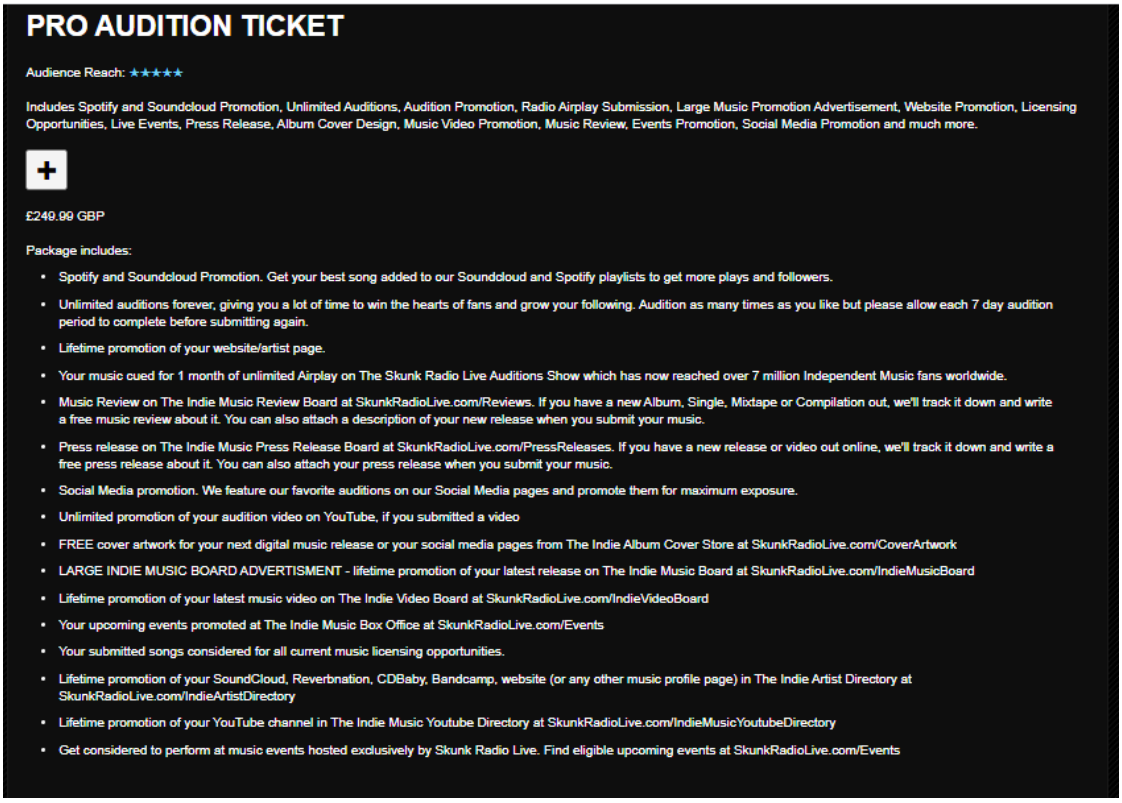


Figura 128 - Jabá MekHanTrópico.

Esses fatos relatados – tanto o “Jabá MekHanTrópico” quanto as interferências conceituais da distribuidora One RPM sobre minha obra –, explicitam bem a ideia de que não é porque o mercado fonográfico perdeu forças sobre as vendas de discos físicos que ele deixou de existir, explorar ou intervir nas criações dos artistas. Não obstante, coloquei o álbum, mesmo dilacerado, com distribuição também pela One RPM, como forma empírica de explicitação de dados dessa pesquisa e como confirmação das estratégias mekHanTrópicas de padronização que o sistema opera. Sendo assim, há duas versões on-line do álbum “MekHanTropia”: a versão disponível no BandCamp com os *samplers,* pausas, ruídos, inserções, falas entre outros elementos concebidos originalmente; e a versão veiculada nas outras plataformas, sem tais elementos. A versão do CD, além de ser a versão “sem cortes”, ainda traz algumas surpresas escondidas ao ouvinte. Todavia, estabeleço como plataforma digital oficial de alocação da minha

obra o BandCamp, que respeitou, até agora, as minhas escolhas poéticas. Decidi concentrar as forças no BandCamp e não disponibilizar também no SoundCloud que, até a finalização dessa pesquisa de doutorado, se apresentou (como o BandCamp) uma alternativa de plataforma mais aberta nestes sentidos citados.

Enquanto arte colaborativa e cooperativa, busquei a parceria com o selo TBonTB (que arcou com metade dos custos de produção e com a distribuição – o restante foi bancado por mim) e com o Ciberpajé (que fez a arte da capa e todo o projeto gráfico sem custos) para a produção do álbum físico, lançado em CD-R *silkado*. Esse álbum físico é uma obra de resistência e está sendo comercializado a preço popular pelo site do selo[101]. Essa versão tangível traz como diferencial, além das essenciais parcerias ampliadas, também um pôster, um adesivo - tamanho 10x10cm - e encarte com as letras e algumas músicas bônus. Outro fator importante é que ele não sofreu a dilaceração conceitual e artística imposta pela indústria fonográfica *mekHanTrópica* e seus ditames padronizados institucionalizados.

Destarte, busco pensar ainda sobre formas de usar as tecnologias para essa democratização e resistência artística frente a MekHanTropia instituída. A partir de parcerias diversas (humanas e não-humanas) levanto caminhos e possibilidades para essa atuação insurgente, independente e *underground*. Com a utilização de softwares e aplicativos livres de custo, experimentações poéticas, performances e reflexões sobre os processos e plataformas de veiculação e distribuição da obra (*Spotify*, *YouTube*, *One RPM*, *Amazon*, *BandCamp* etc.), pesquisas empíricas, atuações em meios de divulgação (redes sociais, cartazes e adesivos físicos, mídia física, imprensa etc.), diálogos entre emissão e recepção e ampliação conceitual por uma proposta de expansão colaborativa do universo ficcional-poético-narrativo, vislumbro conectar e escancarar a diversidade de possibilidades de conexão em um mundo disperso pela minha obra (mundo este questionado e questionável enquanto sistema).

Assim, atuo no questionamento sobre as padronizações instituídas, expondo e refletindo artisticamente sobre algumas formas que o sistema atua no sentido de

[101] Disponível em: https://www.twobeers.com.br/pd-7b9df7-frede-cf-mekhantropia-2020.html Acesso em: 08/08/2023.

quantificar manifestações qualitativas da vida. A atual “uberização” da arte é um aspecto importante nesse processo reflexivo, uma vez que tal fenômeno estabelece relações de intencionalidade mercadológica a subjetividades relativas aos campos da representação, fantasia, imaginação, percepção, memória e criatividade, utilizando assim ferramentas magickas de alteração da percepção de maneira torpe.

Corriqueiramente, a obsolescência programada dos produtos industriais, como o *smartphone* (por exemplo), é estabelecida pela necessidade forçada mercadologicamente pela troca de aparelhos que começam a não mais funcionar ou travar, além da exclusividade imposta em relação aos acessórios ou recursos originais destes, como fones de ouvido, carregadores, cabos e espaço de armazenamento. Essas “ações” vão boicotando os processos de criação tendo em vista o lucro das grandes empresas, uma vez que praticamente obriga a aquisição de novos equipamentos, de maneira excludente, para utilização nas criações.

É importante pensarmos sobre o contexto que estamos vivendo em que as máquinas estão se tornando cada vez mais indispensáveis em nossas vidas cotidianas para realizarmos inúmeras tarefas. A quem servem essas máquinas? Quem é manipulado, nós ou as máquinas? Como essas hiperdependências instituídas dos seres humanos com as máquinas atuam e modificam nossa natureza? A pandemia de COVID-19 evidenciou essa mekHanTropomorfização e provoca uma onda mais extensa de distúrbios psicoemocionais, ocupando nosso tempo de trabalho e de descanso “hipnotizados” em meio as telas que nos circundam por todos os lugares. Aliado a isso, as IAs estão cada vez mais sendo desenvolvidas e, além de se constituírem como ferramentas que podem ser úteis, podem também servir para a propagação de informações desfactualizadas, uma vez que perde-se neste processo dataísta nuances de subjetividade. Muitas vezes, essas tecnologias ainda tentam convencer-nos que tais informações falsas são verdadeiras (como o Chat GPT, por exemplo)[102].

[102] Ver: https://br.ign.com/tech/112323/news/chat/gpt-erra-mais-de-50-de-suas-respostas-mas-convence-usuarios-de-que-esta-certo Acesso em: 11/08/2023.



Figura 129 - Experimentações com app Chat de Inteligência Artificial sobre o que a IA entende como “MekHanTropia”.

3.4. Escravidão com ar de liberdade: razão e emoção cooptadas

"Desejo

Necessidade

Vontade".

(Titãs)

Caro(a) leitor(a)/fruidor(a), habitante da MekHan Tropia como eu também sou,
Me veio um devaneio de que vivemos em uma sociedade muito exata, na qual o tempo – nosso maior valor pois corresponde a nossa vida –, é dividido, quantificado e numérico. Estabelecido. Padronizado. E, assim, naturalizado quantitativamente. Ignora-se que cada um e cada coisa tem seu próprio tempo. Subjetivo. Seu ritmo. Sua velocidade.
Ignora-se a complexidade do tempo. O tempo do pensamento, o tempo do corpo físico, o tempo de desintegração. Ignora-se que quando fazemos algo que gostamos, o tempo passa mais rápido. E que quando algo é tedioso ou desgostoso, o tempo demora mais a passar.
Ignora-se o tempo do instante em função de um futuro que nunca vai chegar. Pois já está. Assim como o passado. Sobreposto no presente imaginado, percebido, lembrado, projetado.
O tempo humano versus o tempo biológico versus o tempo estabelecido como exato pelo sistema para nos controlar. Cooptar. Máquinas são exatas. Atualmente binárias. Anticósmicas. Maniqueístas. Digitais.
Espero que continuemos a sonhar (sem perder a ternura) jamais.
(Carta d'O Acimador para você. MekHan Tropia, ano zero).

O ***páthos*** – que segundo Didi-Huberman (2016, p. 20) é mais ligado à emoção e à passividade das paixões –, é induzido pelo hiperconsumo a uma associação tanto racional quanto emocional com ideias de luxo, bem-estar, felicidade e harmonia, estabelecendo um ***logos*** (lógica), instituído por signos diversos, que se proliferam em direção à égide da hiperprodutividade como caminho único da ideia de sucesso. Tal artimanha favorece um ***ethos*** de egoísmo oriundo da hipercompetição e hipercomparação infinita provocada, principalmente, pelas redes (anti)sociais.

A emoção (***páthos***), em essência, transcende a ideia de fraqueza como se fosse considerada inferior à razão (***logos***), e passa, cada vez mais, a ser observada

estrategicamente como uma poderosa ferramenta de cooptação e alienação em função do mercado pela positividade do “tudo-poder”, gerando uma “crise de liberdade” (HAN, 2018). Citando o filósofo Merleau-Ponty, Didi-Huberman (2016, p. 26) coloca que “o evento *afetivo* da emoção é uma abertura *efetiva* – uma abertura: o contrário de um impasse, portanto –, um tipo de conhecimento sensível de transformação ativa de nosso mundo.” Assim, o autor retoma Freud e seus estudos sobre o inconsciente, afirmando que há em nós certas disjunções entre o que tomamos como afetos e o que conseguimos estabelecer como representações.

> Freud (...), ao descobrir os poderes do inconsciente, descobriu algo muito estranho, muito perturbador e muito importante: acontece com frequência que uma emoção nos tome, nos toque, sem que saibamos por que, nem exatamente o que ela é: sem que possamos representá-la para nós. Ela age sobre mim, mas, ao mesmo tempo, está além de mim. Ela está *em mim*, mas *fora de mim* (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 26).

Segundo Didi-Huberman, artistas como Salvador Dalí, Luis Buñuel, David Lynch, Alfred Hitchcock etc. utilizam bastante de forma poética essa estranheza inconsciente em suas obras, articulando, por meio da arte, essas disjunções freudianas entre afetos e representações com narrativas e estéticas oníricas. Tais práticas são também utilizadas, cada vez mais, pelo sistema e nos atingem provocando emoções que não conseguimos definir muito bem, gerando estranhamentos e desconexões entre o *pathos*, o *logos* e o ideal de “bem” moral que estamos submetidos culturalmente.

Como já citado anteriormente, pela entrevista do pensador Franco Berardi (2020) ao jornal *El País*, estamos vendo a consequência da exaustão de recursos planetários e do aumento de produtividade estimulado pela tecnologia, o que reflete não só na asfixia literal causada pelo coronavírus, mas também de maneira alegórica na sociedade, ficando mais reativos e fragmentados, dispersos de afetos e repletos de polarizações. A criação pela arte como resistência, como uma possibilidade de reexistir como indivíduo e não como uma ferramenta ou mera forma de entretenimento, transforma as relações com o si mesmo e com o mundo, aproximando o ser de sua essência existencial. A arte

transfigurando experiências, acessando as dimensões “transbinárias”[103] da vida e, concomitantemente, destruindo “regimes de verdade” instituídos culturalmente como absolutos. A luz de Jung (2015), a solução, pra qualquer problema, é sempre pessoal, por isso a importância de mergulhar cada vez mais fundo no autoconhecimento e nas reflexões acerca de como estamos fruindo a vida.

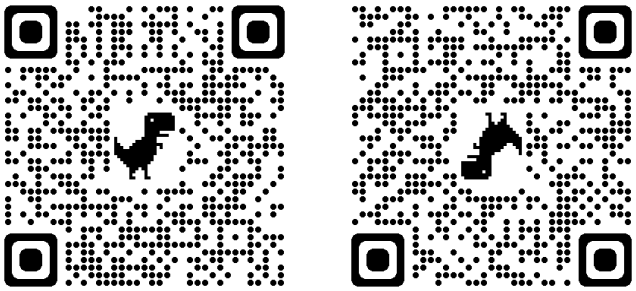


Figura 130 - "Aila em MekHanTropia (XIV - A Temperança)". Tarot MekHanTrópico. Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

Cada ser, em sua unicidade no mundo, estabelece suas próprias relações fenomenológicas com a existência. Porém, segundo Byung-Chul Han (2018), a

103Retomo aqui a utilização do conceito de “transbinarismo” associado ao pensamento de Edgar Franco (2021, p. 09-14), que o propõe para refletir sobre saídas ao maniqueísmo intolerante e limitante que as redes podem provocar sobre os indivíduos e, consequentemente, na sociedade

“hiperconectividade” e a “hiperinformação”, à qual estamos submetidos, guia-nos pelo imaginário a um sistema instituído em função do “hiperconsumo” e da “hipercomparação” fundada no medo e no esgotamento, o que acaba por atrofiar a imaginação ao entregar constantemente respostas prontas que nos tocam os desejos, adequadas enquanto intencionalidade ao sistema. A desconexão – estimulada, sob a lógica antropocena, pelo mercado em função do lucro –, do ser-humano enquanto parte da natureza, provoca um crescente desamparo e atua em nossa autodestruição voluntária. Erigidos sobre a ilusão de desenvolvimento, colocamos em xeque os ideais de bem-estar destruindo o que nos mantém vivos na realidade. Enquanto se busca vida em outros planetas, destrói-se a vida no único que temos.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Segundo Maria Rita Kehl (2015), os primeiros poetas românticos já sofriam pela irreversível separação entre os chamados como “ideal” e “real”, gerando um conceito essencial de fragmentação a obras que, no mundo moderno, já surgem com essas características de dispersão entre o sujeito e o mundo. Refletindo sobre o pensamento do poeta e filósofo Friedrich Schlegel, Kehl coloca que “os poetas filósofos que criaram a estética do fragmento (...) não se propunham com isso a restaurar a união pré-moderna entre o espírito e o mundo, mas apenas evocá-la. (...) O fragmento (...) lembra o Todo do qual se destacou; por isso o representa em parte” (2015, p. 74).

A transcendência à essa mekHanTropomorfização institucionalizada enquanto reflexão sobre nossa sociedade é o que tento representar por meio de uma estética de fragmentos poetizada pela transfiguração transmidiática e onírica de meu universo, MekHanTropia. Acessar a Luz sem negar as Sombras.

Desorganizar para organizar. Fragmentar para integrar. Para pensar poeticamente sobre questões atuais, desloco-as conceitualmente a um cenário distópico, semelhante ao nosso contexto ordinário, no qual a subjetividade não é mais tolerada. Desta forma, busco na fragmentação narrativa, inspirado na lógica dos sonhos, por caminhos conceituais de criação. Porém, aqui a fragmentação é integrativa, e não excludente. É exaltadora de subjetividades, e não padronizante.

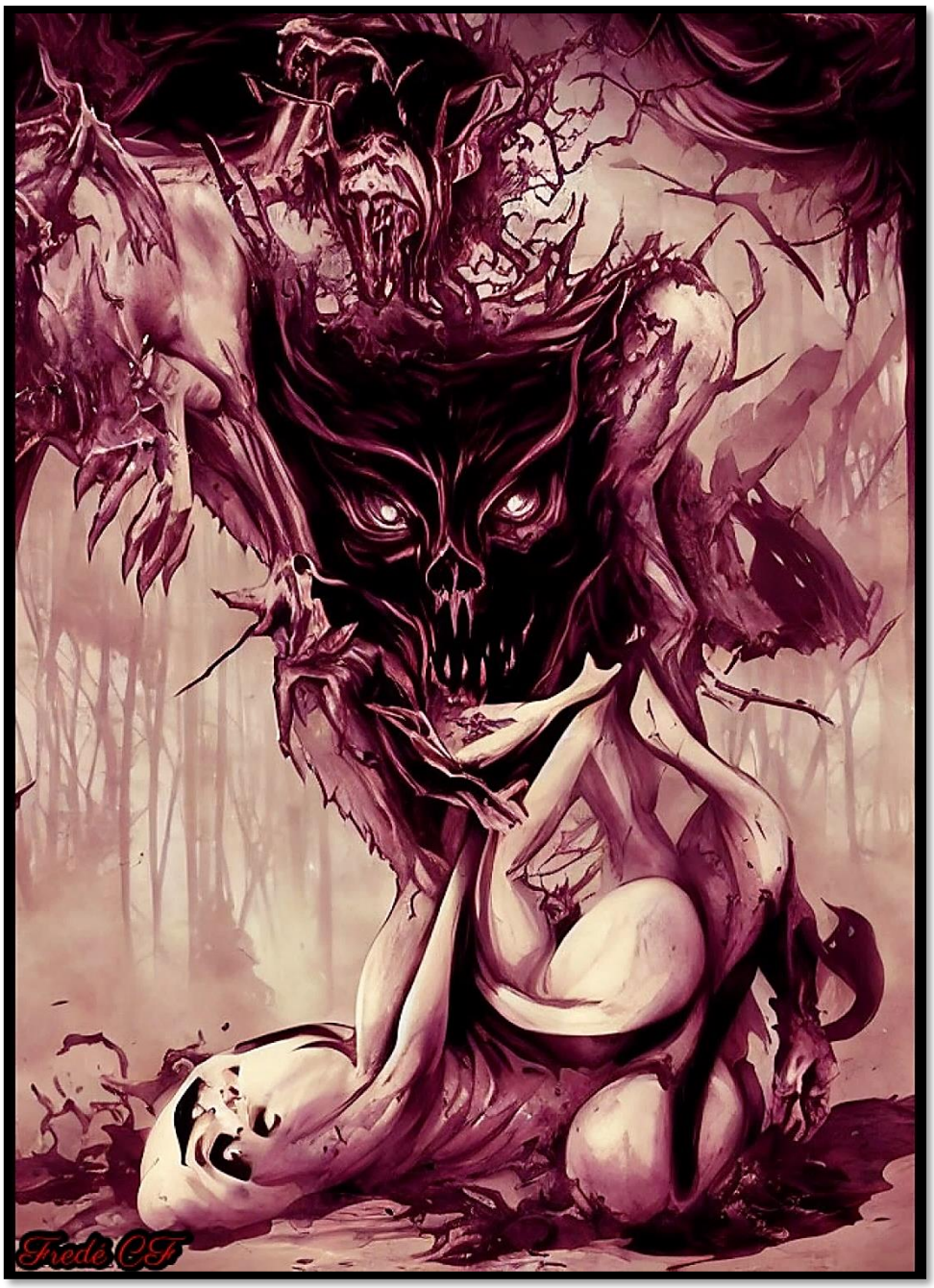


Figura 131 - "The Black Dog walks at night". Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

3.5. As narrativas oníricas e a resistência do sono

"What is this that stands before me?
Figure in black, which points at me
Turn 'round quick, and start to run
Find out I'm the chosen one
Oh, no!
Big black shape with eyes of fire
Telling people their desire".

(Black Sabbath)

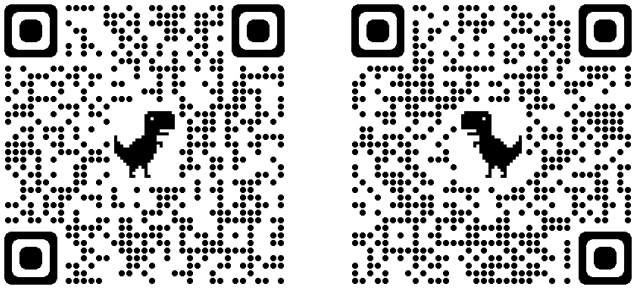
A partir da modernidade, o mundo vem passando por profundas transformações. A ascensão da "Luz" sobre as "Trevas" veio não só de modo figurativo e simbólico estabelecendo a metáfora relativa à luz enquanto "conhecimento" e as trevas enquanto "dogmatismo", mas também de maneira funcional em relação à sua própria forma e materialidade física. As revoluções tecnológicas dos últimos séculos colocaram a luz como meio crucial de funcionamento de nossa sociedade, estabelecendo-a como regente de todo um sistema ao qual a pensadora Frances Guerin (2005) denomina de "Cultura da Luz" em seus estudos culturais e audiovisuais:

> The technological revolutions of the latter half of the nineteenth century ensured that light would no longer have to be figured through words, paint, or any other medium. Manufacturing processes meant that light became powerful enough to constitute its own medium, a medium that poured over and through the night time streets of the new, modern industrialized cities. Light was extended beyond its symbolic function in painting, literature, and philosophy. In its material form, light itself came to constitute the modern technological world and shape the lives led therein (GUERIN, 2005, p. 14).[104]

O neoliberalismo 24/7 intenta, segundo Jonathan Crary (2016), nos moldar como mecanismos de funcionamento do sistema por 24 horas, 7 dias por semana, operando no sentido de nos colocar em estado de vigília o maior tempo possível em benefício da geração de lucros. Inclusive, até nosso tempo de descanso e lazer se tornou quantificado por meio de espaços sociais como, por exemplo, os *shoppings centers* que são nos apresentados como recintos de divertimento e

[104] "As revoluções tecnológicas da segunda metade do século XIX garantiram que a luz não precisasse mais ser representada por palavras, tinta ou qualquer outro meio. Os processos de fabricação fizeram com que a luz se tornasse poderosa o suficiente para constituir seu próprio meio, um meio que se espalhava pelas ruas noturnas das novas e modernas cidades industrializadas. A luz foi estendida além de sua função simbólica na pintura, na literatura e na filosofia. Em sua forma material, a própria luz veio a constituir o mundo tecnológico moderno e a moldar as vidas nele vividas" (GUERIN, 2005, p. 14).

seu interior um “não lugar”. Um shopping de Goiânia é semelhante a um shopping de Palmas, de São Paulo, Curitiba, Recife, Paris, Munique ou Tóquio, ou seja, um meio artificial indutor de consumo, com alguns pavimentos super iluminados, climatizados escadas rolantes de acesso e falta de conexão com o externo, dia ou noite, sol ou chuva.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

O sono é, ainda, uma barreira de resistência contra o sistema, se estabelecendo como um refúgio anticonsumista e de expressão da subjetividade de cada um. Quando dormimos não estamos consumindo desvairadamente, nem tampouco sendo seduzidos diretamente para isso (mas pelos ecos oníricos inconscientes), embora cada vez mais consumimos nosso sono com telas luminosas que iluminam rostos antes e durante o adormecer.

> É possível que a compreensão de fenômeno tão misterioso e arbitrário quanto a própria existência do espaço-tempo e dos objetos do Universo exija, além de viagens intergalácticas, uma viagem interior muito mais profunda. Olhar para dentro, em destemida abdução, rumo ao vertiginoso abismo da consciência, talvez seja tão revelador quanto olhar para fora pelas lentes dos microscópios e telescópios. No futuro, sonhar será cada vez mais clarão (RIBEIRO, 2019, p. 379).

Porém, embora essa possível relação simbólica e tóxica entre o sono e as novas telas luminosas digitais seja muito recente e tende à uma certa alteração do sentir e do sonhar, os sonhos possuem um vínculo muito especial com as narrativas e arquétipos humanos coletivos desde a ancestralidade. Acerca dessas relações, Sidarta Ribeiro (2019), remetendo ao pensamento junguiano, diz que:

> A aparente generalidade cultural de certos símbolos encontrados nos sonhos, como a associação entre fogo e transformação, pareceu a Jung a expressão de um código universal de símbolos instintivos da

> espécie. (...) Por outro lado, símbolos compartilhados por culturas diferentes se ligam frequentemente a eventos de grande relevância que quase todo ser humano experimenta ao longo da vida. Em lugar de um programa comportamental inato, talvez muitos dos sonhos comuns a diferentes culturas reflitam apenas a semelhança fundamental dos enredos humanos em todo o planeta. A mãe, o pai, o sábio, o ancião, a criação e o dilúvio são enredos e personagens onipresentes em nossa história. (...) Exclusivamente humanos foram os relatos verbais dos sonhos, bem como as narrativas dos eventos em vigília. (...) Se o sonho reflete o que está acontecendo na vida do sonhador, os homens e mulheres das cavernas deviam sonhar com sua rotina de coleta de frutas e raízes, fabricação de armas e utensílios, planejamento e execução de caçadas, alianças e conflitos com outros humanos dentro e fora do clã, acasalamento, cuidado parental e morte. O sonho foi o cinema de nossos ancestrais, bem mais fascinante porque potencialmente real (RIBEIRO, 2019, p. 42).

O sono demanda um desligamento da nossa atividade corporal e de determinadas funções cerebrais para acontecer de maneira mais plena e segura. Para haver o sono, deve-se haver a desconexão da realidade virtual das máquinas e a imersão na realidade onírica transcendental do inconsciente. Em uma espécie de viagem entre os simulacros operados sobre as 3 RVs ascottianas. Somos deslocados da “Realidade Validada” e da “Realidade Virtual” das máquinas e fluxos que já nos fazem parte mekHanTrópicamente, a um ambiente onírico visionário que associo à “Realidade Vegetal” ancestral proposta por Ascott (2009), desprovido de aquisições materiais. Abandonamos, ao dormir, os cuidados e a dependência de outrem e acessamos novas modalidades de relacionamento com o tempo e com o espaço, em um simulacro que atua no limiar entre o natural e o social, pelo imaginário.

> Nos primórdios da consciência humana , em inúmeros momentos imprecisos dos últimos milhões de anos, o homem pré-histórico decerto despertou admirado com o mundo de simulacros ilimitado do sonho. (...) Quantos de nossos antepassados pré-históricos não terão feito paz, amor e guerra impelidos por vivências que provavelmente lhes pareciam tão reais quanto as experiências de vigília? A descoberta de que o sonho ilude deve ter sido feita inúmeras vezes no início da civilização, mas tudo indica que desde cedo essa descoberta veio acoplada à certeza de que o sonho, se não é real, pode influenciar o curso da realidade (RIBEIRO, 2019, p. 42-43).

Em oposição, cada vez mais o sistema atua nos instituindo uma desfundamentalização do sono e do descanso, seduzindo-nos por ideais de prazeres que vem em forma de dados vendidos às empresas pelas redes telemáticas e se tornam narrativas no mercado. Os remédios, as drogas

sintéticas, as tecnologias, as ideias de bem-estar, os divertimentos e até mesmo a arte e outras possíveis resistências são esvaziadas de sentido como estratégia de cooptação pelos tentáculos do neoliberalismo, acelerando-nos rumo à produtividade de forma cada vez mais clara. As luzes da cidade tornam, cada vez mais, a noite quase tão brilhante quanto o dia, como disse o personagem Lestat, do romance de Anne Rice “Entrevista com o Vampiro”, ao se deparar com a modernidade no filme homônimo de Neil Jordan (1994).

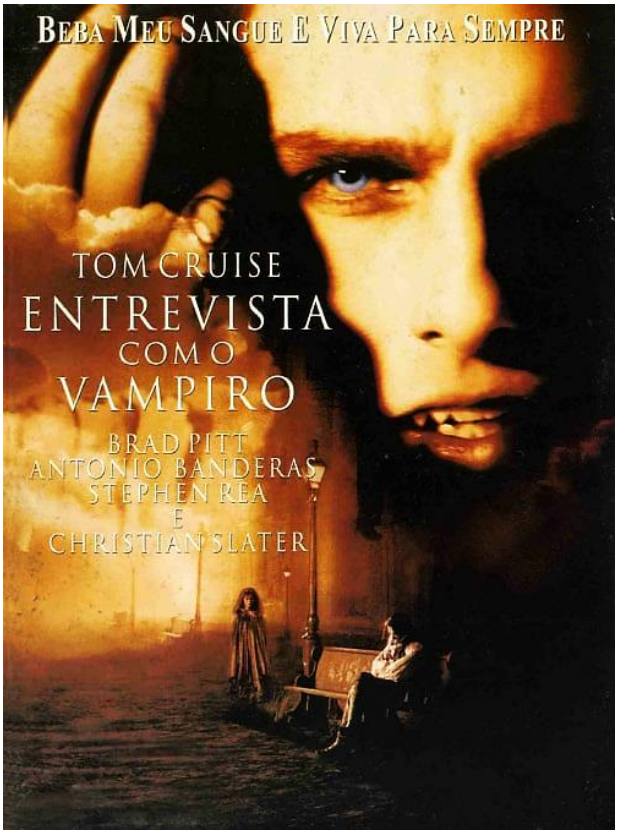


Figura 132 - Cartaz do filme "Entrevista com o Vampiro" (1994) de Neil Jordan.

“Se tudo posso, tudo quero!” Esse é um lema bem difundido nos tempos atuais e que nos induz à conversão em máquinas de quereres pré-moldados e direcionados enquanto simulacro e (de)simulação pelo sistema. Tais transformações e mudanças de “configuração” referentes à psique e às relações humanas são cruciais para compreender as vicissitudes sociais que presenciamos atualmente, em especial ao ato resistente de sonhar e se atentar a isso. Por outro lado, ao sermos seduzidos pela ideia de que cada um de nós é especial e fundamental e que todos nossos sonhos (produzidos narrativamente como “desejo” pelo mercado) são possíveis, somos escravizados por nossas próprias vontades, vaidades e egoísmos, nos expondo voluntariamente a

coerção sem levar em conta as consequências desses atos. Somos privados de liberdade por nós mesmos e transformados em “coisas”, sem ver de onde vem as cordas que nos prendem.

Manchetes, recortes de jornal, capas de revista, anúncios no YouTube, falas e sons – em um fluxo caótico e frenético, as imagens caóticas se intercalam. O tema que confere unidade ao fragmento é a Necropolítica e o mundo dos mortos vivos, aqueles que têm a vida descartável. O governo implementando seus dispositivos de morte e regulando a população através do extermínio daqueles que oneram o sistema e que são escolhidos obedecendo a critérios de raça, gênero e poder aquisitivo.

Corte para um cenário onírico, sem demarcação espacial ou temporal. Escutamos somente a respiração, primeiro em um movimento mais acelerado, pausa, devagar, agora respiração completa. As cores se alternam, podemos sentir do frio ao quente, respectivamente dos tons mais azulados para os amarelados/alaranjados. Somos levados a uma viagem sinestésica pelos 7 chakras principais.

Agora observamos Valdez. Ele está de costas. Não olha em nossa direção. Em um movimento fluido, a sua imagem vai se transformando, com a mesma leveza de uma aquarela quando se dissolve na água e, ao final, no lugar do personagem, vemos uma Sakura (cerejeira) – representando renascimento/novo ciclo. (sons de tigela tibetana)

A energia se canaliza de Valdez para o interior da terra (em um mergulho onírico rotoscópico) que retorna em movimento ascendente, conectando Valdez e Universo, cosmos integrado.

Silêncio. Talvez o único som ouvido seja da palavra dita: “Shanti”.

Longe de um niilismo estéril, percebo essa obra (MekHanTropia) como propositiva – ao encarar o desespero e a angústia, sem refutá-las; mas criando algo novo e transmutando as dores do mundo. Embalada pelo som de um instrumento que me remete à Índia, sou levada ao mergulho interno como um ato de resistência anti-mekhantrópica a partir do autoconhecimento.

(“Om Shanti”. Escrito por Leticia Guelfi. Confraria Anti-mekHanTrópica, 2021).

Em *Tela Total: mito-ironias do virtual e da imagem* (2011), Jean Baudrillard associa o computador e as redes virtuais de busca ao fim das grandes dúvidas e reflexões da humanidade, criando assim uma hiper-realidade que estipula respostas automáticas e automatizadas as questões que porventura nos

assolam. Segundo o pensador, estamos tão hipnotizados pelas telas que já nem nos damos conta, como um viciado que não enxerga o próprio vício:

> Nada existe para além desses parâmetros de busca. Toda pergunta encontra-se atrelada a uma resposta preestabelecida. Encarnamos, ao mesmo tempo, a interrogação automática e a resposta automática da máquina. (...) O sistema gira, desse modo, sem fim e sem finalidade. Resta-lhe a reprodução e a involução ao infinito. Daí a confortável vertigem dessa interação eletrônica e informática, como uma droga. Podemos passar aí uma vida inteira, sem interrupção (BAUDRILLARD, 2011, p. 132/133).

Tais relações automatizadas hiperinformacionais abalam nossa saúde psicoemocional, pois colocam em xeque a criatividade e o pensamento crítico, encurtando processos de raciocínio, reflexão, experimentação e dúvida, tão importantes para a psique. As memórias também são fortemente afetadas, uma vez que as transferimos para máquinas que nos lembram daquilo que tememos (e o que queremos) esquecer. Para Baudrillard, a percepção dos nossos sentidos também se altera e argumenta que é diferente a relação perceptual do ser humano com as tecnologias analógicas e com as digitais (como um livro ou um zine impresso em relação ao arquivo em pdf, por exemplo):

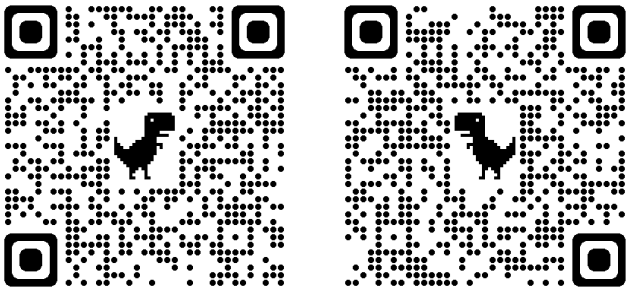
> Em nome da domesticação, dizem-nos: o computador não passa de uma máquina de escrever mais prática e mais complexa. É falso. A máquina de escrever é um objeto perfeitamente exterior. A página flutua ao ar livre, e eu também. (...) O computador é uma verdadeira prótese. Tenho com ele uma relação não somente interativa, mas tátil e intersensorial. Torno-me um ectoplasma da tela (BAUDRILLARD, 2011, p. 132).

Nesse sentido, o autor reflete sobre como nos incubamos para dentro do sistema virtual e informacional, sem mesmo ter consciência dessa incubação. Deslocamos nossa imaginação para o virtual, criando imaginariamente espaços e temporalidades deslocadas a essa hiper-realidade. Em contrapartida, nossa imaginação acerca do mundo é então profundamente alterada. A consciência, a comunicação e o conhecimento sobre nós mesmos, sobre o outro, sobre as coisas, as relações dialéticas sobre a existência, influenciam, sobretudo, a formação das identidades e as subjetividades dos indivíduos, nos transformando em sujeitos-objetos iludidos por uma felicidade artificial baseada em *likes* e postagens vazias.

> O fato de que a identidade seja a da rede, não a dos indivíduos, e que a prioridade seja dada antes à rede do que aos seus protagonistas, implica a possibilidade da dissimulação, do desaparecimento no espaço impalpável do virtual, e de assim não ser mais localizável,

> inclusive por si mesmo, o que resolve problemas de identidade, sem contar os problemas de alteridade. A atração das máquinas virtuais origina-se menos na sede de informação e conhecimento, ou mesmo de encontro, do que no desejo de desaparecimento e na possibilidade de dissolução numa convivialidade fantasma. Forma de pairar que simula a felicidade. (...) A virtualidade aproxima-se da felicidade somente por eliminar sub-repticiamente a referência às coisas. Dá tudo, mas sutilmente. Ao mesmo tempo, tudo esconde. O sujeito realiza-se perfeitamente aí, mas quando está perfeitamente realizado, torna-se, de modo automático, objeto; instala-se o pânico (BAUDRILLARD, 2011, p.132/133).

Não somos sequer conscientes de nossa submissão. O sistema utiliza de forma racional e intencional as nossas emoções para nos seduzir por meio de simulações de prazer e nos fazer trabalhar como engrenagens escravizadas. Como coloca Byung-Chul Han (2018): "o neoliberalismo é o capitalismo do *curtir*" (HAN, 2018, p. 27) e atinge até o nosso inconsciente ditando-nos gostos e afetos e transformando-nos em objeto de (auto)exploração, o que causa colapso em nós mesmo. "As máquinas funcionam melhor quando emoções e sentimentos estão completamente desligados" (HAN, 2018, p. 66).



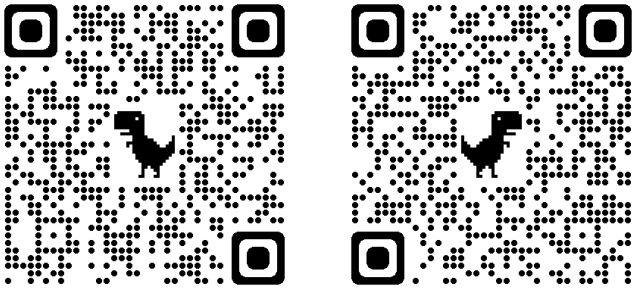
Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Essa indução racional do sistema ao nosso consumo emocional vai além quando lançado como um estímulo a um "ideal de inteligência emocional e saúde mental", o que padroniza e determina nossas emoções e pulsões adequando-as ao mercado regente que condiciona a cultura do hiperconsumo.

> O capitalismo do consumo introduz emoções para criar necessidades e estimular a compra. O *emotional design* molda emoções e padrões para maximizar o consumo. Hoje, em última análise, não consumimos coisas, mas emoções. Coisas não podem ser consumidas infinitamente, mas emoções sim (HAN, 2018, p. 66).

Han compara essa configuração com as ideias propagadas pelos *coachings motivacionais* onde a "dor", tão importante para a experiência, e o "não" são retirados do discurso e ainda, muitas vezes, recheadas com sermões religiosos

de exclusividade e prepotência. Uma nova modalidade de “ovelhas elétricas” presas em templos neopentecostais que operam um neofascismo excludente baseado da positividade, em oposição ao que estranha ou difere do ideal pregado. A ditadura autoexploratória de poder ser quem se acha que é, em nome de um Deus exclusivo e excludente, cheio de preconceitos e ódio ao “outro”. Ainda é gerada uma (auto)cobrança fundada em sentimentos de “culpa” e “medo” por acreditar não render/produzir o suficiente para pagar o dízimo. Um rebanho furioso, ressentido, esgotado e deprimido.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Nas palavras de Han, “o regime neoliberal introduz uma era do esgotamento. Hoje se explora a psique.” (2018, p.46). Apenas é tolerada a dor, oposição ou negatividade que possa ser explorada pela otimização da produtividade e do desempenho. Ao buscar atingir a psique, o sistema alcança nosso inconsciente e estabelece relações com nossas emoções, nos vendendo “experiências” e não mais apenas “objetos” como outrora. Somos então, nessa relação, a mercadoria.

Dentre essas experiências está também, não alheia, a do sono e todo o mercado que o rodeia. Experiências, como diria Byung-Chul Han (2018, p. 66), são inesgotáveis e nos fascinam a sair de padrões cotidianos diversos (também estabelecidos pelo próprio sistema). Assim, esse uso de forma racional, pela psicopolítica neoliberal, de aspectos emocionais dos indivíduos direciona a sociedade ao que chamo em minha obra de “MekHanTropia”, como uma indução a maquinização da humanidade pela padronização e quebra de aspectos relativos ao pensamento crítico, criatividade e subjetividade. Estamos mesmo existindo enquanto indivíduos ou sendo constantemente manipulados?

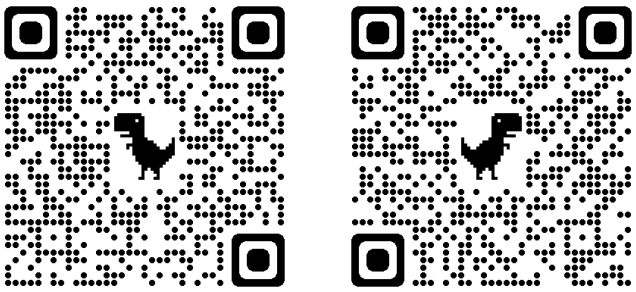
Jonathan Crary (2016) coloca que:

> à ideia da homogeneização industrial da consciência e seus fluxos podemos contrapor a compartimentação e fragmentação de zonas de experiência compartilhadas em micromundos de afetos e símbolos fabricados. A quantidade inimaginável de informação disponível pode ser aplicada e organizada a serviço de qualquer coisa, pessoal ou política, não importa se aberrante ou convencional. Graças às possibilidades ilimitadas de filtragem e personalização, indivíduos fisicamente próximos podem habitar universos incomensuráveis e sem comunicação. Porém, apesar da evidente diferença de conteúdos, esses micromundos apresentam, em sua grande maioria, uma mesmice em seus padrões e segmentações temporais (CRARY, 2016, p. 62).

Dos sonhos podemos extrair ideias encravadas entre os impulsos nervosos dos neurônios que fazem parte da gente e com isso olhar com mais atenção a nós mesmos e ao que nos difere da mesmice padronizada que nos chega externamente. Estímulos elétricos neurais subjetivos. Ao sonhar, acessamos situações que estão em nós, mas que muitas vezes não estão conscientes. Até mesmo, no tempo antes de pegar no sono, conseguimos nos atentar a estados de consciência perceptiva que não nos atentamos durante o afobamento cotidiano.

> De todas as faculdades mentais, a mais cara aos empreendedores, artistas e cientistas é a criatividade. A fermentação da cultura sempre dependeu de imaginar formas novas a partir da recombinação de formas velhas, e a construção mental do que ainda não existe sempre se beneficiou dos sonhos como fonte primordial de inspiração. Embora o racionalismo capitalista moderno tenha descartado o sonho como fenômeno relevante, a engenhosidade onírica teve influência decisiva na Revolução Industrial. (...) Foi nas tecelagens que se implementou pela primeira vez o código binário para gerar combinações de fios de cores diferentes, um sistema precursor dos circuitos integrados de computador. (...) Entre artistas são abundantes os relatos de sonhos criativos. Músicos, por exemplo, frequentemente despertam com melodias inteiras na cabeça, ‘compostas’ originalmente com suas mentes adormecidas (RIBEIRO, 2019, p. 225).

Existem diversos modos de acessar aspectos do inconsciente, os chamados “Estados Alterados de Consciência” (EAC) ou “Estados não-ordinários de consciência” (ENOC), que são estados diferentes da vigília. Bastante presente na cultura e na arte indígena, na cultura e na arte oriental, na arte abstrata e na arte visionária, tais práticas como a respiração holotrópica, sonhos lúcidos, o uso de enteógenos, meditação, yoga, hipnose, rituais de presença (religiosos ou não), entre outras práticas.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Segundo Matheus Moura Silva, no artigo “Criatividade e estados não ordinários de consciência” (2019)[105], estudos sobre ENOC feitos por pesquisadores de diversos campos, como psicologia, neurociência, antropologia, arte, analisam a criatividade associada a esses processos de acesso a estados alterados de consciência. Seus estudos indicam que tais práticas contribuem, em especial, para:

> 1) diminuição da inibição e ansiedade; 2) melhoramento da capacidade de reestruturar problemas; 3) aumento da fluência e flexibilidade de ideias; 4) aumento de imaginação visual e fantasia; 5) aumento da habilidade de concentração; 6) aumento da empatia com objetos e processos; 7) aumento de empatia com pessoas; 8) subconsciente se torna mais acessível; 9) melhoramento na associação de ideias diferentes; 10) grande motivação para finalização de tarefas; e 11) melhora a habilidade de visualizar a resolução completa de problemas (KRIPPNER, 1972 *apud* SILVA, 2019, p. 20).

Segundo o autor, o ENOC por si só não configura um aumento de criatividade, mas pode fornecer visões ou sensações espontâneas (como uma espécie de intuição, sem controle ou motivação racional), que são passíveis de serem transformadas em arte ou não. Para ele, o que vale é o “ímpeto criador” do artista e suas intenções.

> A criatividade, enquanto força motriz individual, acredito, não é melhorada devido aos ENOC, mas pode ser melhor aproveitada se utilizado material colhido lá. Ao contrário da arte comum, realizada a partir da idealização pura e simples, os ENOC mostram aquilo que de olhos abertos não existe e não pode ser imaginado, apenas contemplado. No fim, vai depender do artista saber aproveitar, ou não, estas novas experiências (SILVA, 2019, p.32).

105*In* R. Inter. Interdisc. Art&Sensorium, Curitiba, v.6, n.1, p. 014 – 033 Jan.-Jun. 2019. Disponível em: http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/1876/1812 Acesso em: 13/05/2021.

David Lynch, renomado cineasta e artista multimídia que muito me influencia poeticamente, explicita em seu livro “Em águas profundas – criatividade e meditação” (2015) parte de seus processos criativos. Segundo ele, emoções como tristeza, medo e raiva são destrutivas e aniquilam a criatividade. Para criar é preciso haver um ambiente interno de liberdade, clareza e tranquilidade. Criar é um ato de imersão em si mesmo e a meditação é um caminho especial que o ajuda cotidianamente.

> A meditação nos leva para um oceano de pura consciência, de puro conhecimento. Isso, porém, é familiar, é *você*. (...) Ao longo desses 33 anos eu nunca deixei de meditar. (...) Aumenta minha alegria pelo trabalho. A intuição fica mais aguçada. Cresce o prazer pela vida (LYNCH, 2015, p.11).

Para David Lynch (2015), a meditação é uma prática fundamental para suas criações, pois é uma forma profunda de autoconhecimento e, a partir desse contato consigo mesmo, ideias surgem, independentemente de como serão utilizadas.

> Sempre digo que amo ideias. E ideias surgem para tudo. Assim, às vezes, tenho ideias para curtas-metragens, outras para fotografia; surgem também ideias para pintura, para litografia, e também para filmes longos. Tudo depende da ideia. Todas as mídias são excitantes (LYNCH, 2015, p. 6).

Com estética visionária e intenções psicodélicas – em alusão às imagens psíquicas provocadas em mim pela meditação –, criei um vídeo experimental híbrido para a música “Poço sem fundo”[106], presente no EP “Espelho de Obsidiana”. O videoclipe foi todo feito pelo *smartphone* em rotoscopia psicodélica digital, cinemobgrafia onírica e *magick stopmotion* mekHanTrópico, com auxílio de redes neurais/IA, no mês de outubro de 2021. A narrativa faz alusão a estados psicodélicos, meditativos e oníricos transmutacionais do universo transmídia de MekHanTropia.

106Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0L87nmHkwl4 Acesso em: 25/10/2021.



Figura 133 - "lenta(mente)inquieta". Fotografia digital. Fredé CF, 2017.

O vídeo traz experimentalismos visuais, com forte pegada onírica e psicodélica, e tem a intenção de representar mergulhos mentais realizados durante a meditação. Essas relações com a meditação aparecem também em forma de outros elementos sonoros, como vocalizações de mantras e instrumentos indianos tocados pelo Ciberpajé, em músicas como “Mundo T®ela (Deep Blue Animus Shine)”, “Ao Amanhecer”, “Om Shanti Blues”, “O Acimador/Cani Buiu Mantra”, “Gaia” e “MekHanTropomorfização”, porém aqui essa representação se dá visualmente através de metáforas.

O poço em questão é a mente com suas projeções, conexões e associações infinitas, muitas vezes perniciosas. Os mergulhos feitos quando meditamos são conduzidos pelos instrumentos e imagens. Os efeitos, ferramentas e processos de criação da música e do clipe trazem referências sonoras e visuais oitentistas e sessentistas/setentistas, do *new wave*, do *new age*, do movimento *hippie*, da Tropicália e da psicodelia. O aplicativo de edição e captura de imagens utilizado (*Psychedelic Camera*) possui efeitos lisérgicos que são projetados já durante a captação e podem ser trabalhados na pós-produção. Os efeitos utilizados nesse vídeo foram o “spiritual” e o “psychedelic”, que trazem relações poéticas de cores, formas, texturas e movimento com o conceito de transcendência e tráfego por diferentes dimensões mentais, casando com a música e os versos declamados no clipe. Além disso, foram ainda utilizados frames de imagens (desenhos manuais e digitais, fotos e vídeos) trabalhadas em rede neural de inteligência artificial, o que dá o aspecto e denominação de vídeo experimental híbrido ao clipe, numa relação poética entre homem e máquina por meio dos processos de criação.

O ritmo da música remete a sonoridades oitentistas de bandas como *INXS*, *Depeche Mode*, *The Cure* e *Titãs*, interagindo com o ritmo das imagens, passando impressões de que as imagens foram “lançadas” umas para as outras e ditando uma condução dinâmica aos mergulhos cerebrais. Enquanto se cai no poço sem fundo da mente, se acostuma com as distorções e projeções causadas por ela, como os ecos das nossas sombras que se misturam a partir de nós por imagens psicodélicas abstratas justapostas.



Figura 134 - Lobisomem Ancestral Anti-MekHanTrópico x Lobisomem Atual MekHanTrópico. Fredé CF, 2021.

Durante o vídeo, aparece um desenho feito por mim de um lobo ancestral, com os olhos vidrados pela lua cheia. O desenho do lobo foi feito em agosto de 2021 com papel e lápis e intitulado como *Lobo Ulhoa Ancestral*, em homenagem ao sobrenome das minhas avós (paterna: Bárbara Lobo; e materna: Marta Ulhoa) e a fusão dessas ancestralidades que me geraram como resultado. Vislumbrei essa figura do lobisomem em uma noite de uivos etílicos, fogueira e lua cheia, isolado durante a pandemia com minha então companheira Leticia, imersos na natureza, em uma chácara de amigos que não possui acesso à internet no Morro dos Pireneus em Pirenópolis-GO.

Assim, quis representar esse eco metamórfico de meu inconsciente imerso nessa experiência tão rara atualmente hiperconectados. Nesses dias em retiro natural, registrei algumas imagens em vídeos e fotografias utilizadas em outras obras, como o episódio mekHanTrópico anti-mekHanTrópico “The Black Dog walks a night” e o videoclipe “Scienter”, por exemplo. Os olhos “de lua” foram extraídos de uma dessas fotografias feitas por mim neste local, recortada e colada na imagem desenhada. A colorização e a arte final foram trabalhadas em rede neural/IA, a partir de hibridizações com desenhos da obra *Black Dog: Os sonhos de Paul Nash, de Dave McKean* (2018).

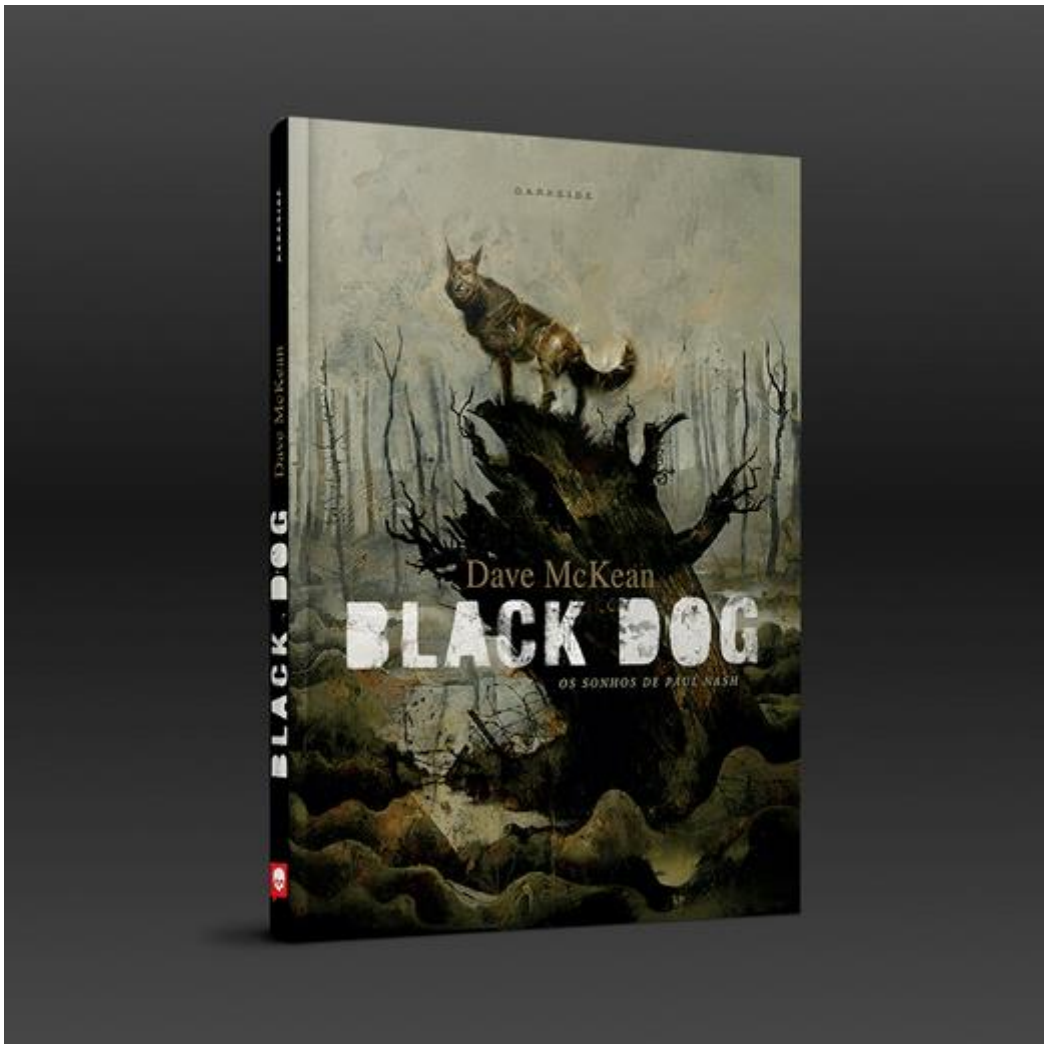


Figura 135 - ‘Black Dog: Os sonhos de Paul Nash”, de Dave McKean (2018).

No fim do videoclipe “Poço sem Fundo”, há a transmutação do personagem (uma das versões de Valdez) em um lobisomem atual, mekHanTrópico, reaprendendo pela meditação (única cena do clipe sem efeitos psicodélicos, como o fim do transe) a lidar com sua subjetividade no mundo hipertecnológico da MekHanTropia intitucionalizada. O elemento de conexão entre o lobisomem ancestral e o lobisomem atual é o pingente de *Ankhl* (também conhecida como *Ansata*, é uma cruz egípcia associada, enquanto símbolo, à Anubis, à vida e à imortalidade da alma) pendurado por um colar no pescoço de ambos. Esse símbolo está presente como pingente em um colar que carrego desde 1996 em meu pescoço. Uma situação curiosa é que certa vez o perdi dentro do mar, em Pernambuco, e consegui reencontrá-lo.



Figura 136 - "Ankh". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2021.

No videoclipe, há uma referência na transformação do personagem ao Blanka[107], caracterizado pelo contraste de cores análogas do cabelo laranja-fogo com a pele verde, que remete aos choques de realidade que temos ao lidar com a mente, bem como aos choques neurais (entre os neurônios) produtores de nossas consciências.

[107] icônico personagem do jogo de videogame *Street Fighter* e faz alusões ao Curupira e dá choques elétricos como poder



Figura 137 - “Blanka Anti-MekHanTrópico”. Print/frame do videoclipe “Poço sem fundo” de Fredé CF.

Utilizo imagens sobrepostas para trazer uma ideia de mais de uma dimensão, assim como diferentes vozes recitando a letra. A letra da música faz associações ao sofrimento e ao olhar para si mesmo, identificando e iluminando as sombras em meio ao hiperconsumo e hipercompetição, quando diz:

> Sofremos / Por medo ou por desejo / Instintos dominam o ego / A razão do querer sempre mais / Sofremos / Talvez por não haver mais nada que se possa fazer / Além do que visamos nunca obter / Jamais / Sofremos / Profundo, mas logo passa / A luz dá o ar da graça / E a sombra, enfim, deixa de assombrar / Sofremos / Por não termos mais motivos / Além disso pra estar vivos / Habitantes de nosso próprio penar / Sofremos / Presos ao passado / Longe do presente / Com saudades de um futuro que nunca irá chegar / Sofremos / Cada qual de sua maneira / Risonho ou de cara feia / Sofrer é parecido com amar / Sofremos?”

A indagação final consiste em uma tomada de consciência sobre a existência por meio da dúvida, o que gera transformação. Está também presente, incidentalmente, alguns versos da canção “We Three (My Echo, My Shadow and Me)”, do grupo *The Ink Spots*. Tais versos recitados como *spoken words*, refletem o distanciamento entre o si-mesmo do eu-lírico estabelecido no presente, as ações sombrias do passado e as reverberações futuras causadas.

> We Three (My Echo, My Shadow And me) / We three, we're all alone / Living in a memory / My echo, my shadow, and me / We three, we're not a crowd / We're not even company / My echo, my shadow, and

> me / I walk with my shadow / I talk with my echo / We Three (My Echo, My Shadow And me) Begone Evil![108]

O ser enquanto intersecção de dimensões espaço-temporais. A partir da identificação e integração desses elementos, ele pode então atuar de maneira mágicka em sua própria existência, expurgando tudo aquilo que não o serve mais e transmutando-se em sua evolução e reconexão com Gaia a partir de sua subjetividade.

O clipe está situado no universo de *MekHanTropia* e me ajudou a pensar sobre a importância da meditação em transcender aspectos ordinários de nossas vidas e acessar outras dimensões espaço-temporais. A busca do personagem se dá pelo seu lado de dentro, em meio àquilo que o assombra ele dá vazão e mostra seu monstro de maneira serena, integrada e com acolhimento necessário para o autoconhecimento. Sua jornada é trilhada, especialmente, de maneira interna. Também trago como referência e influência as narrativas oníricas e transdimensionais lynchianas nessa produção, com personagens que trafegam entre diferentes tempos e espaços e que representam aspectos de minha psique enquanto criador.

Desde jovem, Lynch busca, pela arte, formas de expressar sua subjetividade. Nascido e criado próximo à natureza, fantasiava e se conectava desde cedo com o planeta. Segundo ele, seu pai era um pesquisador de árvores e isso mexia com sua imaginação, vislumbrando na natureza aspectos transcendentais mágicos. Ele associa bastante também a arte à magia e a liberdade de se expressar e criar realidades de diferentes maneiras, por diferentes processos e caminhos, porém enfatiza que é preciso tempo, dedicação, paixão, planejamento e referências para a criação. Assim como uma criança que cria de maneira livre, sem muito pensar para quê ou para quem está criando, sem se comparar com outros artistas.

A arte é a descoberta de novos mundos principalmente internos, de maneira pura e visceral. A arte como autoconhecimento e como meio de desvendar os

[108] “Nós três (meu eco, minha sombra e eu) / Nós três, estamos sozinhos / Vivendo em uma memória / Meu eco, minha sombra e eu / Nós três, não somos uma multidão / Nem somos companhia / Meu eco, minha sombra e eu / Eu ando com minha sombra / Eu falo com meu eco / Nós Três (Meu Eco, Minha Sombra E eu). Acabe com o mal!” Tradução nossa.

mistérios de si mesmo e da existência de forma geral, assim como a ciência e a filosofia, por exemplo, por experimentações, reflexões e dedicação.

> Tudo o que desvia o indivíduo do caminho da descoberta não faz parte da vida artística. A vida artística implica em liberdade (...), isso significa que se precisa de tempo. Bushnell Keeler sempre dizia: 'Se você quer uma hora de boa pintura, terá que dispor de quatro horas só para si'. Isso é bem verdadeiro. Ninguém começa a pintar de cara. Antes você tem que se sentar por um tempo e elaborar uma ideia, para só depois colocá-la em prática da melhor maneira possível. E você precisa ter alguns materiais à disposição. É preciso fazer rascunhos, reunir materiais (...) A ideia tem que ser suficiente para se começar; tudo que vem adiante é um processo de ação e reação. É sempre um processo de construção e destruição; a descoberta de algo e sua elaboração. (...) O negócio é então se sentar e estudar (...) mas, se você está preocupado porque 30 minutos depois estará em algum lugar, não há como criar. Por isso, a vida artística implica em liberdade; é preciso tempo para que coisas interessantes possam acontecer (LYNCH, 2015, p.17/18).

Apesar de Lynch afirmar que dificilmente extrai ideias diretamente de seus sonhos, ele usa bastante o tema dos sonhos e dos tráfegos por diferentes dimensões como pontos de partidas conceituais para várias obras, como "Cidade dos Sonhos", "Império dos Sonhos", "Estrada Perdida", "Twin Peaks", entre outros. O artista coloca que adora a lógica onírica e a maneira que os sonhos se desenrolam (2015, p. 73). O artista também afirma que a própria meditação não é usada com a intenção de obter ideias, mas possibilita a expansão e abertura para ideias que porventura possam vir (p. 127). Além disso, talvez a principal função seja o mergulho na própria subjetividade que é fundamental para uma resistência contra padronizações operadas pelo mercado sobre os indivíduos. Conhecer mais a si mesmo e ter mais consciência sobre os pensamentos e ações de maneira crítica pode ajudar também, segundo ele, a expandir habilidades como a criatividade, a colaboração, a empatia e a comunicação.

(Des)controle
Imortalizado
Congelado
Sem ressignificação
Estático
Recalcado
Sem espaço para o tempo
Sem tempo para a reflexão

(Des)cultura
Sozinho
Calado
Sem esboçar emoção
Sintomático
Ressentido
Sem tempo para o espaço
Sem espaço para o perdão
Sem tempo ou espaço para o fracasso
Sem ressignificar emoção
Sem sombra não há realidade
No inconsciente está a explicação.
["Print Screen (ressentido ressecado)". Fredé CF, 2022].

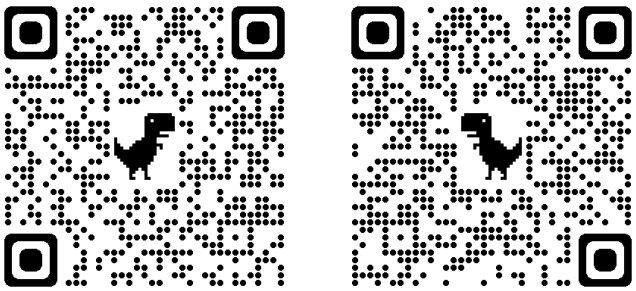
Adentrando essa ideia de liberdade criativa e a conectando ao ato de sonhar enquanto conceito, as pesquisadoras Fabiana Cassiano e Leonor Bezerra Guerra, do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG explicam o que ocorre fisiologicamente com nosso corpo nesses momentos de libertação onírica:

> O nosso sono se modifica ao longo da noite: os quatro primeiros estágios são chamados de sono de ondas lentas. Nessa fase inicial, a atividade das células nervosas, os neurônios, diminui gradativamente. A frequência cardíaca e a respiração, assim como a pressão arterial e a temperatura, também ficam mais baixas. Mas é no próximo estágio que os sonhos acontecem. Neste estágio, apesar de estarmos profundamente relaxados, a atividade dos neurônios é intensa, semelhante àquela que temos quando estamos acordados. Os nossos olhos movem-se rapidamente debaixo das pálpebras. Os batimentos cardíacos, a respiração, a pressão arterial e a temperatura ficam irregulares. Nesse momento, nossos neurônios funcionam livremente, sem a regulação imposta pelos estímulos do ambiente, sem precisar responder a tudo o que acontece à nossa volta. É esse funcionamento livre dos neurônios que gera os sonhos. Os sonhos misturam ou relacionam experiências diferentes que tivemos, em tempos, locais e com pessoas diferentes. O pensamento, no sonho, é livre.[109]

Essas relações entre o sono e liberdade de experimentação provocam-me ideias de resistência ao sistema e às estratégias de cooptação padronizantes. Tais conceitos acerca da resistência são articulados e refletidos em meu universo narrativo poético-ficcional por meio da potencialização de questões do presente em um futuro mekHanTrópico, onde projeto a busca por possíveis saídas

109Disponível em: http://www.universidadedascriancas.org/perguntas/por-que-a-gente-sonha Acesso em: 12/05/2021.

criativas a esses artifícios de cooptação. Para isso, tento conexões mais livres possíveis entre processos criativos, imaginários, percepções, memórias e imaginações. Crio uma rede caótica onírica de elementos narrativos que podem ser rearticulados de acordo com as subjetividades das experiências de quem entra em contato com a obra, com o universo e com o acaso ou sorte no lançamento dos dados que aqui estão.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Conjecturo uma resistência subjetiva ao sistema por meio dessa liberdade ainda intrínseca ao sono, aos pensamentos, a ser em essência, como uma criança, que brinca e cria sem preocupação com julgamentos ou comparações. Em vez de me focar apenas em ideais externos como referência, tento voltar o olhar para o que há internamente nos meus repertórios subjetivos e dos parceiros que embarcam nessa jornada comigo, nessa ideia artística-onírica-experimental. A ideia de criar como forma de acesso à transcendência existencial ancestral do "ser aqui e agora". Como forma de se relacionar com o outro e consigo; como forma de cura; como forma de amar; como forma de autoconhecimento enquanto experimentação artística e de contribuir um pouco com uma cultura voltada a uma maior consciência sobre os indivíduos, semeando doses de colaboração ao invés de plena competição.

Esse pensamento se encontra também com vislumbres de David Lynch sobre uma educação, desde cedo, voltada para o autoconhecimento. Ele coloca que atualmente há uma descrença em relação à paz, que geralmente surge como uma boa ideia, mas acaba se tornando piada frente as dores e angústias do mundo que são fomentadas pelo sistema. O autor questiona esse pensamento incrustado na sociedade baseado nessa negatividade em relação à ascensão da

paz, como uma entrega de pontos à padronização do pensamento através do medo.

Aproximando-se, intencionalmente ou não, do pensamento de Paulo Freire, que visava uma educação libertária, crítica, humanista e questionadora a ideias institucionalizadas pelo *status quo* e voltadas ao mercado, Lynch propõe o autoconhecimento e o mergulho nas próprias subjetividades pela prática da meditação em escolas, como forma de resistência por meio do fortalecimento dos indivíduos com suas próprias potencialidades. A expansão e o despertar de uma consciência ampla que possa assim, mesmo que pouco e devagar, contribuir para a paz planetária a partir dos indivíduos:

> Sabemos que a negatividade se dissipa quando o ser humano consegue galgar a consciência e a luz da unidade. Esse indivíduo passa a ter mais inteligência, mais criatividade, muito mais contentamento e uma influência positiva sobre o mundo. (...) Acho que o despertar da unidade faz a vida ficar melhor. Talvez a iluminação esteja longe, mas se costuma dizer que, quando se caminha em direção à luz, as coisas tornam-se mais claras a cada passo (LYNCH, 2015, 191-193).

A criação artística também vai por esse mesmo caminho do autoconhecimento e da potencialidade de materialização e reflexão sobre as subjetividades das pessoas. Daí extraio elementos conceituais para pensar em formulações contra-narrativas reflexivas frente ao sistema de MekHanTropia, na contramão das institucionalizações e ilusões que são estabelecidas. A partir de um "herói" (CAMPBELL, 1949) personificado enquanto representação arquetípica de minha psique contestadora, crio o personagem Valdez como um explorador que viaja aos labirintos internos de sua existência para descobrir um pouco sobre as potências guardadas em si mesmo.[110]

Assim como David Lynch – pintor durante a juventude, que se encantou com o cinema e com a música, pois vislumbrou esse meios de expressão artística como

110Segundo Campbell (1949), "o sonho é o mito personalizado e o mito é o sonho despersonalizado; o mito e o sonho simbolizam, da mesma maneira geral, a dinâmica da psique. Mas, nos sonhos, as formas são destorcidas pelos problemas particulares do sonhador, ao passo que, nos mitos, os problemas e soluções apresentados são válidos diretamente para toda a humanidade. O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas" (p. 13). Valdez, em sua busca interior, transmuta sua percepção em relação à si mesmo e ao mundo ao vislumbrar saídas criativas por meio dos sonhos em direção à sua subjetividade como forma de resistir à MekHanTropia. Disponível em: https://projetophronesis.files.wordpress.com/2009/08/joseph-campbell-o-heroi-de-mil-faces-rev.pdf Acesso em: 16/04/2021.

especiais, tanto que o chamou a atenção para colocar suas “pinturas em movimento” por narrativas –, a transcendência mágicka de contar histórias pelo audiovisual também me despertou para as possibilidades de mexer com a percepção, a imaginação e as memórias minhas e de outras pessoas, além de ser um forte meio de expressão de ideias. O cineasta diz que:

> O cinema é uma linguagem singular. E com essa linguagem podemos dizer muitas coisas porque dispomos de tempo e sequências. Há diálogos. Há música. Há os efeitos sonoros. Você tem muitos recursos. E assim pode expressar emoções e pensamentos que não poderiam ser expressos de outro modo. O cinema é um meio mágico (LYNCH, 2015, p. 23).

Ao me tornar um artista transmídia que utiliza diversas mídias e linguagens para criar arte, incluindo o audiovisual, busco expandir essas possibilidades e criar conexões ainda mais amplas para as histórias com as tecnologias disponíveis atuais. Busco nos sonhos – fenômeno subjetivo e bastante ligado ao cinema desde suas origens, quando Méliès chamava essa arte de uma incrível “fábrica de sonhos” –, conceitos que amarram a produção dessas narrativas que movimentam meu universo. Como um filtro de sonhos, tento capturar, pelos fluxos das redes telemáticas, ideias minhas e de outros (humanos e não-humanos) para criar.

Entretanto, quando digo que vislumbro aspectos oníricos como conceito para construção dessa narrativa ampla, transmidiática, penso sobre maneiras de tecer teias de conexão que possam fugir de padronizações mercadológicas e destacar subjetividades minhas e de quem colabora nessa operação. A intenção não é apenas ficar tentando extrair, de sonhos e tecnologias, ideias para as representações que articulo com a obra, mas propor uma lógica onírica geral de condução dessas narrativas como fragmentos da minha psique em sintonia com as psiques e processos de quem participa da construção da obra.

A concepção é não direcionar a criação desse universo em função do mercado, como a transmídia é frequentemente utilizada na publicidade ou no entretenimento. Não intento, enquanto objetivo principal, utilizá-la como uma estratégia empregada a um fim ou objetivo mercadológico, mas sim como um meio poético cuja intencionalidade seja a expansão do imaginário, memórias e percepções artísticas sobre o mundo que vivemos, especialmente nos últimos anos em meio ao contexto de trevas político-social que assola o Brasil. Essa

forma de criar me remete ao universo dos fanzines e o ideário de ser criativamente liberto do sistema.

Para poder de alguma forma atuar no mundo, precisamos antes atuar em nós mesmos. Assim, para refletir sobre questões que me integram e que podem estar de alguma forma submersas pelas sombras negadas durante a vida, me coloco como criador, criatura e sombra na “cabeça” de uma obra que intenta desvendar questões por diversos “tentáculos” transmidiáticos. Além de conceber o conceito e levantar os temas para as reflexões e criações de narrativas, ajo como um *show-runner*[111] e utilizo todas as obras artísticas convergentes a esse universo como instrumentos de sistematização, articulação, conexão narrativa, reflexão e explicitação conceitual dos processos criativos e poéticas que eclodem desse fazer transmidiático.



Figura 138 - "Olhar". Fotografia digital. Fredé CF, 2020.

111Geralmente o *showrunner* é o criador da série, que tem a redação final dos roteiros e adequação das ideias ao conceito proposto. Ver: RODRIGUES, Sonia. Como escrever séries: Roteiro a partir dos maiores sucessos da TV. Independently published, 2018.

Destarte, como ação e reação, ao criar e escrever essa tese-criação, amplio o olhar sobre minha própria identidade a diferentes perspectivas e utilizo, nesses processos, alguns métodos pessoais para atiçar minha criatividade e expandir o universo ficcional. Compartilho abaixo alguns pontos que não devem ser lidos como regras, mas sim como um relato de minha própria experiência que pode ou não servir como orientação:

- O treinamento de um olhar multiperspectívico, calcado na transdisciplinaridade e um olhar mais holístico aos temas;

- Colaboração, pensamento crítico e respeito às características e ideias de cada um que entra em contato comigo (direta ou indiretamente);

- Tempo de criação equilibrado com tempo de descanso, pausas e reflexão para melhor maturação de ideias;

- Tentar ver além das possibilidades do momento de forma espontânea. Mesmo que a situação seja nebulosa, busco extrair elementos que possam ser ressignificados como arte e dar vazão ao que sinto e penso em qualquer mídia ou estrutura de linguagem, deixando fluir de maneira mais livre possível as criações;

- Um mínimo de organização, planejamento, persistência, tempo disponível e calma para poder experimentar e criar sem pressões desnecessárias e limitantes por mais difícil que isso possa ser. Para alguém ansioso e disperso como eu, este parece ser o ponto mais desafiador;

- Tentar me envolver em atividades diversificadas que possibilitem a ampliação do meu repertório cultural, como cinema, leitura, teatro, exposições, viagens, idiomas, games, música, desenhos, conversas com pessoas diferentes etc.;

- Busca por (re)conexão comigo, com o planeta e com o habitat por meio de práticas como terapia, yoga, meditação, acupuntura, ações sociais, grupos de pesquisa, eventos acadêmicos ou não etc.;

- Agir em direção ao autoconhecimento e ressignificação de aspectos subjetivos por meio da criação artística. Sempre em movimento, criando, experimentando, refletindo;

- A materialização pela criação artística de aspectos não-tangíveis ou abstratos da psique. Obter, desta forma, uma melhor compreensão ao visualizá-los de fora de si.

Penso que, se possível, é bastante importante se manter criando, constantemente em movimento criativo, mas sem a pressão de criar para os outros ou com determinado objetivo. Criar de maneira livre, experimentando, brincando, criar para si mesmo, com a paixão de fazer aquilo que ama, se atentando para o ato de criação, para a prática em si, como uma prática de atenção à própria essência, dando vazão ao que sufoca e tentando viver a totalidade da experiência de maneira mais imersa e intensa possível. Experimentar diferentes linguagens, estilos, desafios, mídias, contatos, rompimentos, entre outros aspectos que possibilitem a renovação do ímpeto e do prazer em criar. O simples fato de conseguir reservar parte do tempo diário para criar e, sobretudo, para o contato e atenção a si mesmo, já se configura como uma reação à hiperprodutividade mekHanTrópica instituída que destrói.

Caro(a) leitor(a), saudações!
Você pode estar pensando: "Por que ele ajudou a criar a MekHanTropia e agora é um desertor do sistema?
Te digo com segurança que a intenção não era criar um sistema onde a Cultura da Exaustão predominasse.
No início, pensei em algo muito diferente de tudo o que virou essa sociedade controlada pelo Messias. Ao contrário do que esse usurpador instituiu, o trabalho seria algo relacionado à criação, não à destruição. O trabalho como um campo da vida para desenvolver as potencialidades subjetivas de cada um de maneira livre e bem remunerada, com direitos e estrutura adequada. Com sono, descanso, lazer, transcendências, sonhos e outras atividades inclusivas e que despertassem o autoconhecimento de cada indivíduo em um espírito de colaboração, experimentação e olhar para as subjetividades.
Ao perceber que o sistema havia sido usurpado e tomado pelo Messias e sua horda, entrei em choque, pois a proposta inicial do projeto que pensei era justamente o contrário de tudo que foi direcionado por esses perversos.
O grupo do Messias, sempre em função exclusiva do mercado, instituiu sobrecarga alta de trabalho, ambientes hostis e o fim da subjetividade pelas padronizações

impostas, o que gera, cada dia mais, distúrbios psicoemocionais por conta do Binarismo Anticósmico estabelecido.

Extinguiram-se os livros impressos, as obras de arte sofreram censuras e perseguições e o malware h6n66 foi lançado, tornando a Realidade Validada e a Realidade Virtual uma coisa só, além de extinguir a Realidade Vegetal.

Com isso, entrei em uma profunda tristeza. Crise infinita. Demorei a me reestabelecer minimamente para conseguir escapar da MekHan Tropia de alguma forma. Para perceber que a viagem é para dentro, não para fora. Esse é o meu exílio. É daqui que escrevo esses relatos. Como diria Belchior, saudoso poeta insurgente: "Por isso cuidado meu bem / Há perigo na esquina / Eles venceram e o sinal está fechado pra nós que somos jovens".

O que eu mais temia aconteceu. Os jovens foram cooptados e se tornaram mekHan Tropos velhos e ranzinzas a serviço do ódio neofascista instituído.

Mas ainda tenho esperanças e tento por aqui, mesmo nessa atravancada condição, trazer possibilidades de ações contra essa corja imunda miliciana.

Me tornei um fluxo, aqui preso em MekHan Tropia. Um fantasma nas redes. Mas ainda consigo transitar por dimensões oníricas pela transcendência e transmutação constante e inerente a cada instante que me apresenta como vida. Lembrem-se: o imutável sempre perece. E o verme palhaço já está em queda. A primavera florescerá e o sol há de brilhar mais uma vez.

Com amor e afeto. O olhar é interno. Para dentro do espírito. De mãos dadas. Com potência, colaboração, paixão e ternura por sermos únicos na existência, sem egoísmos ou binarismos. Seguimos e sigamos resistindo para reexistir! Junte-se à Confraria Anti-MekHan Trópica!

(Carta d'O Acimador para você. MekHan Tropia, ano zero)



Figura 139 – “Para dentro (IX - O Eremita)”. Tarot MekHanTrópico. Imagem feita em promptismo e finalizada em Redes Neurais. Fredé CF, 2022.

"SONHOS PARA DANÇAR"

1. A VELHA

Em um futuro distante pós apocalíptico os recursos para a sobrevivência humana estão completamente escassos. Obras monumentais da engenharia humana já estão sucateadas e não há mais geração de energia de qualquer natureza ou qualquer tecnologia industrial. Falta água e alimento e o ar é contaminado por radiação.

A Velha vive sozinha no deserto do Atacama e perambula em busca da refeição e da água do dia e dos recursos para a sobrevivência diária. Costuma caçar cobras, lagartos, emas, ratos orelhudos e viszcachas para as refeições, além de coletar ovos, raízes, sementes, fibras e água dos cactos. Ela traz pendurados ao corpo vários utensílios e vestuário de fabricação própria: faca de osso, capanga de couro, cesta de fibras, roupas de lã e fibras, sapatos e cinto de couros e madeiras.

Neste dia ela verifica as armadilhas, segue as pistas e fica feliz ao encontrar um ninho com vários ovos de uma ema que está ali morta e já entrando em decomposição. Coleta tudo e junta os ossos que encontra pelo caminho.

À tarde reúne tudo aquilo que conseguiu catar e fabrica coisas em sua caverna: faz farinha das raízes, utensílios ou arte com os ossos avulsos, guarda as carcaças novas para a sopa, tece corda, esteira, e tecidos com fibras e lã enche travesseiro e colchão, fabrica utensílios de barro e enfeites de penas e sementes, confecciona um tambor de pelo de puma, empilha os gravetos da lenha, enterra o cadáver da ema...

À tardezinha prepara o fogo e se senta para contemplar o sol poente e, enquanto a comida é assada, lê os sinais do horizonte.

Após a refeição senta-se do lado de fora da caverna ao lado da fogueira para separar e arrumar os esqueletos catados como quem monta um quebra-cabeça. Se estão completos, ganham lugar de honra na roda ao redor do fogo. Já tem 8 esqueletos completos montados e alinhados em círculo. Seus 4 grandes tesouros são colocados nos pontos cardeais: OS ANIMAIS-DE-PODER (a águia e o puma, coletados mortos e colocados para se decomporem) e OS ANIMAIS-AMIGOS (a raposa e a lhama, que lhe fizeram companhia por muitos anos e faleceram de mortes naturais). São intercalados por outros 4 esqueletos de animais que lhe servem de ALIMENTO e que são substituídos cada vez que um exemplar maior da espécie é encontrado: cobra, lagarto, ema, rato orelhudo e vizcacha. Quatro dos doze lugares na roda estão vagos à espera de seus ocupantes. Um será ocupado pela ema em decomposição que será desenterrada dali a poucos dias. Os outros três haverão de chegar, ela sabe!

Satisfeita pelo trabalho exitoso do dia, a Velha dorme em seu colchão macio de lã recheado de plumas de ema. No sonho ela recebe instruções e premonições vindas de uma era muito, muito antiga. Ela sabe que uma nova mudança em breve vai acontecer!
Antes do amanhecer ela acorda e se prepara para novo dia no deserto...

2. A MULHER E A CRIANÇA DE 500 ANOS

No segundo dia da jornada, ela está no deserto perseguindo uma cobra para sua refeição quando acaba entrando em uma caverna que não conhecia.
De repente a cobra está mortinha e esticada logo à entrada da caverna, como se estivesse ofertando-se a ela, que só precisa recolhê-la em sua capanga.
Já estava para sair quando nota um volume estranho no fundo da caverna e aproxima-se com cuidado. A cena estava intacta: as múmias de uma mulher sentada e encostada na parede com uma criança deitada em seu colo. A mão da mulher pousada sobre a cabeça da criança ainda guardava a imagem perfeita do acalanto de séculos atrás.
Fica ali um tempão decorando cada detalhe da cena até reconhecer-se capaz de reproduzi-la com perfeição. Então recolhe as múmias e as guarda cuidadosamente em sua trouxa.
À tarde ela prepara a refeição e arruma os recursos obtidos. Faz a fogueira, coloca o couro para secar, prepara o espeto e o fogo para assar a carne da cobra.
Ao final da tarde, enquanto a cobra é assada na fogueira, ela monta a mãe e sua criança sentados e apoiados à uma grande pedra. Logo mais, no sonho, ela saberá quem são.
No terceiro dia, após completar a montagem dos esqueletos, a Velha dorme e se vê na casa da Mulher que lhe conta sua história: é uma Cigana que viveu um pouco antes do Grande Colapso. Ela e sua Criança esperavam pelo marido naquela caverna. Ele nunca mais voltou e elas morreram de inanição...
A Cigana lê cartas e mãos, fala da chegada da Nova Era e de seus sonhos de viver em uma Terra renovada.
Ela canta, dança, roda, recita poemas, é amável e a noite passa leve.
A Velha acorda com sentimentos de Amor e Cuidado.

3. O PEREGRINO DE 1000 ANOS

No quarto dia, logo pela manhã, ela persegue um lagarto por entre as pedras e nota uma fenda, que antes não existia, aberta no solo. Lá embaixo há algo parecido com uma ruína inca.
A Velha desce para explorar o buraco e, na ruína, encontra o esqueleto completo de um homem ao lado de um

saco de sementes e de uma pepita de ouro. O lagarto perseguido está morto, oferecendo-se a ela em sacrifício. Junta tudo em sua trouxa sem entender direito o acontecido naquela cena.

O esqueleto humano está completinho e, pelas roupas, parece ser muito antigo, vindo de séculos antes do Grande Colapso. Mas o que aconteceu ali? Enquanto cata tudo, imagina o enredo possível.

Ao final da tarde em sua caverna ela prepara o fogo e coloca a múmia do Homem com todo cuidado em seu lugar exato...

Satisfeita com seu trabalho, a Velha empilha os gravetos catados no dia para alimentar o fogo, assa e come o lagarto, toma a água do mandacaru e contempla o horizonte até que o sol se ponha. Ao escurecer, deita-se e sonha a noite toda.

Estão em um mercado cheio de tapetes e mercadorias e ela nota que ele é um Peregrino-Filósofo-Mercador, que vivia no final do império inca, pouco depois de 1500 d.C. Pelo contato com diversas culturas e conhecimentos em astronomia, ele sabia muito. Fala coisas importantes, é um verdadeiro mestre. Seu raciocínio é límpido e lógico e ele responde muito bem a tudo o que lhe perguntam.

Ele fala sobre Espaço e Tempo e da Presença no aqui e agora.

Fala também sobre o paraíso e o inferno, o sentido da vida humana e o mistério da morte. Depois discorre sobre a ordem e o caos do universo e sobre a preservação da consciência.

Diz que a maior parte de seus conhecimentos é revelada em sonhos e, por fim, ele reza pedindo "Sonhos para Dançar".

4. ENCONTROS ATEMPORAIS

No quinto dia a Velha sai ao amanhecer para a coleta de alimentos e água e das 12 coisas especiais que serão necessárias ao seu trabalho: ossinhos de um pinguim, uma semente de milho e uma de cacau, ovos frescos de gaivota, batatas e folhas suculentas de cactos, mais uma pena de águia e outra de ema, uma pepita de ouro, uma rosa do deserto e uma flor de mandacaru, uma asa de morcego.

Finalmente está pronta para sua Grande Obra! Junta tudo na capanga e segue para a caverna catando os gravetos para a lenha.

À tarde ela arruma tudo e incensa a caverna com uma madeira especial que tem armazenada. Prepara um cozido com os seis primeiros ingredientes coletados.

À tardezinha, ela come o cozido até se fartar e senta-se para contemplar o pôr do sol. Vê as coisas todas com o

olhar da "Magia que Une Todos os Tempos". Em seguida ela deita-se e sonha.

Está na caverna da Mulher e assiste ao casal respondendo questões da Criança sobre o Medo, a Sombra, as Emoções e o Silêncio. Falam longa e gentilmente sobre suas diferentes crenças e anseios e vão aos poucos resolvendo seus estranhamentos e milênios de distância.

Depois ela se vê com o casal na ruína do templo inca sem a criança. Os dois colocam questões à Velha, sobre o sentido da existência humana e pelo que vale à pena viver.

A noite foi cansativa e a Velha acorda exausta, mas firme e com sentimento de êxito. Sabe o que precisa fazer agora.

5. A DANÇA

Ao amanhecer do sexto dia a Velha não vai ao deserto. Passa o dia organizando a fogueira do lado de fora de sua caverna e montando os esqueletos todos ao redor. São 12: O Peregrino, A Cigana, A Criança e mais as carcaças completas dos 9 animais na ordem correta.

Antes do pôr do sol ela acende o fogo dentro da caverna e faz a melhor refeição de sua vida, fica plenamente satisfeita com todas as necessidades saciadas. Em seguida, ela coloca seu grande caldeirão de cerâmica sobre a lenha da fogueira externa, introduz nele o caldo que sobrou de sua refeição da noite anterior e, com palavras mágicas, incorpora os outros 6 ingredientes catados. Ela está pronta, purificada e ciente do que fazer. Cada membro do círculo ocupa seu lugar exato. Ela fecha os olhos, respira fundo e, no momento em que o último raio de sol se põe, ela bebe o caldo e entra em profundo silêncio... nenhum ruído ao redor, nenhum movimento, o Tempo para.

Já é noite quando ela começa a tocar o tambor e a cantar A Música com cuidado: canta, canta, canta, por um tempo sem fim. E o milagre começa. A cada instante deste canto, um pouco de carne vai se formando sobre os ossos de cada esqueleto: músculos, veias, peles, penas, pelos, entranhas... e ela canta, canta, canta muito...

Meio da noite, os corpos dos animais estão completos e ela agora dança... dança, dança, dança... movimentos rítmicos sincronizados à terra, à água, ao fogo e, por fim, no giro ela sopra, sopra, sopra... e os animais crescem... o Vento sopra o Fogo da fogueira, cai uma leve Neblina úmida e a lama da Terra se mistura aos 12 corpos.... que começam a se mover... a se levantar... a se tocar....

De madrugada, no clímax da dança, vem a Tempestade. Chega com seu próprio sopro... VUUUUU... e o Grande Vento se manifesta.... VUUUUU... e as nuvens se

formam... e TRRRRRAAAAA!!! Um Grande Trovão arrebenta após o relâmpago iluminar todo o céu... A Velha e os 12 seres, em transe, dançam longamente com força da Tempestade.

A Velha toca, canta e dança mais e mais alto e os Seres se levantam e dançam com ela... dançam, dançam, dançam...

Pouco antes do nascer do primeiro raio do sol entre as montanhas do leste tudo se acalma e eles respiram sob a chuvinha suave, fina e constante... Com gestos leves, eles se movem suavemente envoltos pela garoa da madrugada...

Ao primeiro raio de sol que desponta entre as montanhas e os atinge ocorre o Milagre... ZUUUMMMM... os 12 disparam livres rumo a todas as direções e renascem para a vida. Está feito!

A Velha fica sozinha sentada à porta de sua caverna e contempla o Oeste. Sabe que amanhã deve retomar seu ofício até que a Terra seja repovoada. Mas hoje, por um dia, no sétimo dia, ela pode descansar!

("Sonhos para Dançar". Escrito por D'Aparecida Carvalho. Confraria Anti-MekHanTrópica. 2021).



Figura 140 - Desenho base para "A Roda da Fortuna". Fredé CF, 2021.

4. (CAPÍTULO 4) Colaborações e expansões do olhar (Olhar em conjunto)

“Sonho que se sonha só

É só um sonho que se sonha só.

Sonho que se sonha junto é realidade”

(Raul Seixas)



Figura 141 - Caixa Tese-criação MekHanTropia (Edição Especial entregue à banca examinadora com 7 dados, 1 porta dados, 22 cartas de tarô, 1 Cani Buiu Oracle, 1 CD, 1 chaveiro e 1 pen drive com a tese gravada em pdf). Fredé CF e Delaine Carvalho, 2023.

4.1. Desfragmentando posso me unificar: "*Cani Buiu Oracle*" e os ecos de uma memória dispersa revelada em MekHanTropia

"O poder de um coração impetuoso e solidário faz até as pedras flutuarem, as noites iluminarem-se, todas as doenças findarem-se, os venenos dissiparem-se e as dores extinguirem-se." (Ciberpajé)

O que é essa angústia?
Que me fere o peito
Que me mata os sonhos
E me retira o freio.
O que diabos é isso?
Que me tira o sono
Que me cega os sentidos
Que me embrulha o estômago.
O que mudou no mundo?
Como gastamos nosso tempo?
O que mudou em mim nesse momento?
Perdido sem rumo
Derrotado por mim mesmo
Fracasso como gente enquanto tento.
E agora, onde vou?
Pro inferno me encontrar
No paraíso não há
Mais espaço pra mim.
E aqui, quando estou?
Em tempos de horror
Com dúvidas se restou
Sonhos pra dançar.
A Sombra assombra.
Já nem posso mais sentir.
Por favor, apague a luz quando for sair daqui.
"Nas profundezas da floresta interior resgatei a bela dor de ser animal. Esse ancestral sabor usurpado pela cultura". (Ciberpajé)
["A Sombra (feat. Ciberpajé). MekHanTropia. Fredé CF, 2020].

Ao cursar a disciplina de “Arte e Tecnologia”, ministrada pelo meu coorientador prof. Dr. Edgar Franco, criei como trabalho prático-teórico de conclusão de disciplina um jogo ambientado no universo ficcional de “MekHanTropia” intitulado “Cani Buiu Oracle”[112]. Esse jogo foi baseado, experimentalmente, na lógica operacional do clássico jogo da memória, no qual o objetivo é formar pares iguais ao virar as cartas distribuídas no tabuleiro. Além disso, me baseei também em conceitos de revelação, leitura e reflexão sobre arquétipos que simbolizam aspectos da vida típicos de oráculos, em especial o tarô, mas com a máquina como meio de acesso às revelações.



Figura 142 - "Causa e Efeito (VIII - A Justiça)”. Tarot MekHanTrópico. Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

112Disponível no Google Drive pelo link: https://drive.google.com/file/d/1BHI04ugNaMq5KHg8QDQMizi_zNPd6DMs/view?usp=sharing Acesso em: 19/10/2021.

Para melhor ambientar esse jogo no universo de MekHanTropia, de acordo com os conceitos que venho trabalhando durante a tese-criação, busquei estabelecer relações híbridas entre as dimensões de realidade validada, ordinária (pensando o jogo também em formato atávico de tabuleiro) e de realidade virtual, uma vez que a dinâmica se expande às redes telemáticas por meio dos QR codes revelados pelas cartas.

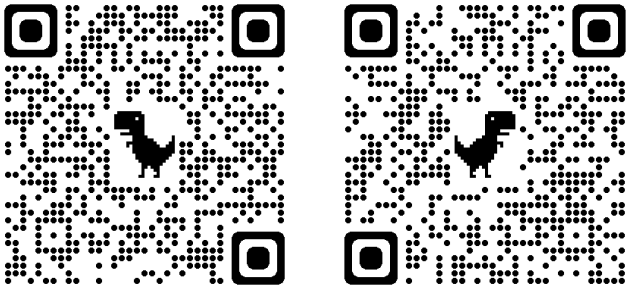
A princípio, o jogo foi todo pensado, criado e apresentado na disciplina cursada em formato digital, construído no programa PowerPoint. Assisti diversos vídeos e li tutoriais na internet sobre como criar jogos sem ser necessariamente um programador e, após muitas reflexões e dedicação, resolvi enfrentar o desafio de me arriscar em algo que nunca havia feito. Por nunca ter criado um jogo, quis me desafiar a experimentar esse tipo de linguagem e representação artística e, assim, estabelecer uma expansão transmidiática ao universo que estou produzindo/conduzindo.

Para isso tive que estudar e pensar sobre os elementos formais e conceituais que compõem e dão vida a um jogo de forma geral e, especificamente, aos jogos da memória. A primeira e elementar questão que me vem é: Por que um jogo da memória? Como utilizo o universo de MekHanTropia para pensar acerca das relações fenomenológicas de intencionalidade sobre representações que imbricam a percepção, a imaginação e a memória humana, pensei que um jogo desse tipo traria já de maneira intrínseca tais relações que poderiam ser tratadas em forma de alternativa aos padrões instituídos nesse universo, inclusive aqui nesse documento através de suas ramificações.

Segundo Huizinga (2019):

> O jogo é mais que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. Ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica. É uma função significante, isto é, encerra um determinado sentido. No jogo existe alguma coisa 'em jogo' que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Todo jogo significa alguma coisa. Se denominarmos o princípio ativo do jogo, aquilo que lhe confere essência, de 'espírito' ou 'vontade', diremos muito; se o denominarmos 'instinto', nada expressaremos. Seja qual for a maneira como o considerem, o simples fato de o jogo encerrar um sentido implica a presença de um elemento não material em sua própria essência (HUIZINGA, 2019, p. 2).

A ideia não é pensar apenas sobre a interioridade dos sujeitos, mas, sobretudo, acerca das relações diversas estabelecidas no mundo experienciado por cada um, seja com o planeta, com o habitat, com a sociedade, com o "outro" ou consigo mesmo, em um distanciamento da rigidez das substâncias em si e uma aproximação de conexões mais fluidas por meio das relações entre elas. Segundo Han (2019, p. 100), "o mundo é mais propriamente uma rede do que um 'ser'", ou seja, mais movimento que permanência, e, cada vez mais, há uma aceleração desse movimento.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Em meio a tantos fluxos hiperinformacionais que estamos submetidos atualmente, vivemos sem muita solidez em relação às coisas, especialmente no âmbito do digital. Assim, eu quis trazer um olhar mais constituído nessas relações entre o próprio ser e seu mundo subjetivo (interno e externo) por meio das máquinas, constituindo uma rede de articulação que transcendesse a essência estanque de narrativas fechadas e, assim, a partir de expansões possibilitadas e reveladas pela tecnologia, cada um refletisse acerca de si mesmo e da cultura que está inserido de maneira fragmentada e sem um padrão estabelecido, percorrendo suas próprias questões e idiossincrasias dentro do universo de MekHanTropia. Desta forma, lidamos aqui com o jogo como "forma significante" e a partir de um entendimento dele como função propriamente sociocultural nesse universo.

> Procuraremos considerar o jogo como o fazem os próprios jogadores, isto é, em sua significação primária. Se verificarmos que o jogo se baseia na manipulação de certas imagens, numa certa 'imaginação' da realidade (ou seja, a transformação desta em imagens), nossa preocupação fundamental será, então, captar o valor e o significado dessas imagens e dessa 'imaginação' (HUIZINGA, 2019, p. 5).

Dialogando com as ideias de Huizinga com as ideias de Byung-Chul Han, busquei reflexões sobre a fragmentação na hipercultura que presenciamos atualmente e pensei nessas articulações como um jogo mekHanTrópico no qual os personagens estão imersos, assim como quem o frui. Segundo Han (2019a), o modo hipertextual de experiência que temos com as redes e fluxos tecnológicos digitais atuais, nos abre diversas possibilidades de saborear o mundo e nos permite possibilidades de escolhas de maneira mais ativa, sem um ordenamento teleológico de sentido previamente traçado. Han associa metaforicamente essas experiências hipertextuais a janelas que se abrem à mente:

> O mundo é um tipo '*windowing hypertext*' (hipertexto de janelas). Janelas são entradas em um universo hipertextual. A experiência do mundo repousa no 'step through the window' (dar um passo através da janela). (...) *Windowing* é , portanto, o modo hipertextual da experiência. Abre o mundo. Nesse universo hipertextual não há unidades isoladas para si, nenhum 'subjects' (sujeito) mais, portanto. Tudo espelha uns aos outros e pode transparecer outro em si (...). No universo hipertextual nada é monadologicamente cerrado. Não há 'sujeitos'. O habitante do universo hipertextual seria uma espécie de essência-janela feita de *windows* pelas quais capta o mundo (HAN, 2019, p. 83-85).

Assim, os QR codes presentes no jogo operam como essas janelas a serem abertas hipertextualmente, transcendendo os sujeitos (jogador/interator e criador/artista) e as ideias de tempo e de espaços ordinários que ali se fragmentam narrativamente. Pelos contatos entre as "paisagens" (obras) coloridas – codificadas nessas "janelas" (QR Codes) em preto e branco – e as memórias, percepções e ecos da imaginação que eclodem dessa relação, se formam narrativas desintegradas que escapam de padrões teleológicos unitários de sentido, estabelecendo tráfegos poéticos de fruição pelos hiperespaço-tempos mekHanTrópicos.



Figura 143 - "Cani Buiu Oracle". Jogo da Memória mekHanTrópico. Fredé CF, 2021.

Essas “janelas” são essenciais enquanto operacionalidade conceitual em meu universo transmídia, seja por abrir a narrativa à expansão e infinitas possibilidades de conexões e subjetividades, seja por funcionar poeticamente como uma ilusão de liberdade em trafegar por MekHanTropia. Há uma aparência de total liberdade em tomar decisões dentro desse jogo, porém há também a necessidade de ser dedicado tempo para fruí-lo, além do fato da mediação maquínica em escolher os caminhos pela leitura dos QR codes e das regras básicas intrínsecas ao seu funcionamento e fruição.

> Chegamos, assim, à primeira das características fundamentais do jogo: o fato de ser livre, de ser ele próprio liberdade. Uma segunda característica, intimamente ligada à primeira, é que o jogo não é vida ‘corrente’ nem vida ‘real’. Pelo contrário, trata-se de uma evasão da vida ‘real’ para uma esfera temporária de atividade com orientação própria. (...) Todavia, em sua qualidade de distensão regularmente verificada, ele se torna um acompanhamento, um complemento e, em última análise, uma parte integrante da vida em geral. Ornamenta a vida, ampliando-a e, nessa medida, torna-se uma necessidade tanto para o indivíduo, como função vital, quanto para a sociedade, devido ao sentido que encerra, à sua significação, a seu valor expressivo, a suas associações espirituais e sociais. (...) A finalidade a que obedece é exterior aos interesses materiais imediatos e à satisfação individual das necessidades biológicas. Em sua qualidade de atividade sagrada, o jogo naturalmente contribui para a prosperidade do grupo social, mas de outro modo e através de meios totalmente diferentes dos da aquisição de elementos de subsistência (HUIZINGA, 2019, p. 10-11).

A instrução “aponte a câmera e leia no vídeo sua descrição. O que a máquina revela sobre essa humana condição” tem a intencionalidade de orientação acerca das regras que regem o funcionamento desse jogo, convidando o fruidor a imersão nesse universo pelas janelas/QR codes apresentadas. Ao apontar o smartphone ao tabuleiro, o aparelho irá “escolher aleatoriamente” um QR code qualquer entre os que estão postos e acessá-lo. Assim, brinco com a ideia de que perdemos o poder de escolha em MekHanTropia e que somos todos e todas “marionetes” das máquinas que nos guiam pelos caminhos. Essa relação também é feita no sentido de elevar poeticamente a máquina a uma condição transcendental de oráculo ao qual não temos controle, uma vez que o jogo é um artefato desse tipo dentro do universo proposto.

Huizinga (2019) coloca que:

> O jogo distingue-se da vida ‘comum’ tanto pelo lugar quanto pela duração que ocupa. É esta a terceira de suas características principais: seu isolamento, sua limitação. É ‘jogado até o fim’ dentro de certos limites de tempo e de espaço. Possui um encaminhamento e um sentido próprios (HUIZINGA, 2019, p. 11).

Ademais, penso que a ideia de que uma fruição rasa, descompromissada e irrefletida manterá o jogador/interator como um “turista hipercultural”, no sentido de não se aprofundar em si mesmo e não se permitir ir além daquilo que está posto superficialmente, impossibilitando conexões, relações e olhar a si próprio, mesmo que direcionado.

Caro(a) leitor(a)/fruidor(a) desse relato, trago devaneios.
Penso que devemos ter sempre em mente a fugacidade da vida que só pode ser captada plenamente no agora. Com serenidade e poesia. Selvagem!
Transformações, movimentos, metamorfoses...
Não para fora, mas para dentro!
Fruir a vida pelo amor-próprio de se tornar o que é/está no agora, a única coisa que existe. O metAMORfosear por dentro. Os universos interiores que transbordam no que nos cerca. O sair da ilha para poder ver a ilha, mas sair para dentro, de dentro, já que a perspectiva da ilha é de dentro para fora. A exaltação da subjetividade, do amor-próprio e da (com)ciência de nada ser para então poder ser tudo.
Deslocar-se daquilo que nos desloca de nós mesmos.

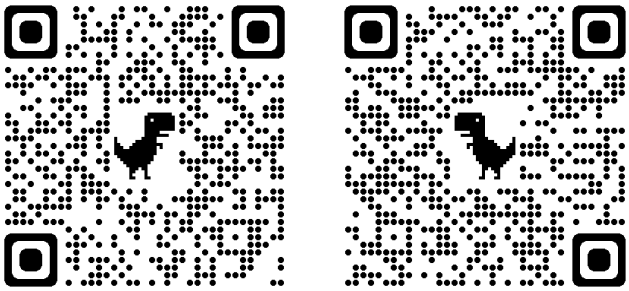
Iluminar as sombras. A importância de nos compreendermos como seres indecifráveis, indefiníveis, incontroláveis, inconscientes, invencíveis. Seres permeados por nuances infindáveis de emoções e sensações que escapam de padrões impostos pela razão. Não seria essa a beleza da vida? As incoerências, as discordâncias, as imperfeições diante daquilo que tenta nos estabelecer e determinar como perfeitos padrões? O que é perfeito? Perfeito para quem? Perfeitos para quê? Perfeito por quê?

Não somos produtos, não somos números, absolutos, determinados, obtusos. O que torna a existência deslumbrante é a diferença, o contraste, a alquimia, a subjetividade, a unicidade, a magia de ser raro diante do tudo e, enfim, do nada ser. O mo(n)strar-se sincero, essencial, consigo. Profundo. Essa raridade cósmica é deslumbrante e, ao mesmo tempo, reveladora sobre nossa insignificância frente a imensidão da existência infinita dos universos internos e externos a cada um de nós.

Somos instantes. Nós. A serem desatados. Passamos. Constantemente. Inexoravelmente. Por isso a importância de curtir essas passagens.

Integrar-se ao seu planeta por inteiro (corpo, mente e espírito) como forma crucial, iconoclasta e visceral de combater e se desprender, no presente, das expectativas criadas, das (des)esperanças projetadas e, sobretudo, do doloroso horror do que se tornou ser humano em MekHan Tropia.

(Carta d'O Acimador para você. MekHan Tropia, ano zero).



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Han (2019, p. 131) tece relações entre as ideias de liberdade em pensamentos de Nietzsche (na figura do andarilho) e em relação ao mundo atual pela figura do "turista hipercultural". Segundo Han, Nietzsche (falecido em 1900) teoriza acerca de um sujeito que "andarilha em um mundo des-teleologizado, des-teologizado, ou seja, des-localizado. Porque não está a caminho de 'uma meta

final', pode pela primeira vez *olhar ao redor*." (HAN, 2019, p. 131-132). Portanto, o sujeito nietzschiano seria um *homo liber* por não estar preso a uma ideia de "horizonte único", ou seja, não ter um objetivo ou meta previamente definida, libertando-o do que está além do agora, além do instante em que olha ao redor e vê então novas possibilidades a serem exploradas. Desta forma, "essa *hipervisão* é o resultado da nova liberdade conquistada" (HAN, 2019, p. 132) pelo andarilho que se projeta por meio de sua própria visão, ampliando seu universo.

Já o "turista hipercultural" se diferencia do andarilho nietzschiano, para Han, pela sua ausência do "modo de andar vagaroso" (HAN, 2019, p.132). O mundo do "turista hipercultural" não possui os "desertos e abismos" que permeiam o vislumbre de Nietzsche e forçam o seu andarilho a se transmutar a partir do contato com as sombras. Na hipercultura, as sombras são, muitas vezes, diluídas pelos algoritmos da desfactualização, negadas ou, até mesmo, não percebidas de maneira intencional. Por seu aspecto não tão agradável – especialmente em um mundo calcado em discursos fundados na positividade do "tudo poder", do "querer é poder" ou do "tenho, logo existo" –, as sombras são tidas como obstáculos aos ideais de felicidade tão importantes para o mercado vender. Além disso, as "máscaras" instituídas por avatares nas redes oferecem uma ilusão de que ali "tudo posso" fazer ou "mostrar" sem ser identificado ou punido, o que reflete muito a ideia do "espelho" social: o que se "mostra" se torna "real" aos "olhos sociais"? Em contraponto às "janelas", que abrem para novos mundos e possibilidades, as redes, como "espelhos", refletem os próprios em suas bolhas de concordância que suprimem a alteridade e exaltam o narcísico.

> O espelho não é aberto. É, na verdade, uma contrafigura da janela, da *window*. Reflete o próprio. Nisso consiste sua interioridade. Também a forma de cruz, a clausura do fecho exerce essa função. Ela é a figura do *retorno a si*. A aliteração (...) reforça a impressão de ordem e interioridade. A repetição sonora tem um efeito quase regressivo, arcaico. (HAN, 2019, p. 143)

O jogo "Cani Buiu Oracle", assim como essa tese-criação em si, oferecem essas duas faces conceituais: a do "andarilho" que se permite conectar-se às reflexões que podem ser estabelecidas entre os diversos caminhos que as expansões transmidiáticas oferecem, sem um objetivo previamente definido, mas com um olhar de fruição voltado para dentro de si; ou a do "turista hipercultural" que passa como um *homo doloris* ao olhar apenas para fora de si, sem se colocar ou se

conectar. MekHanTropomorfizados como um espelho, em “fantasias de repetição”; não conectados como uma janela de expansão.

As janelas mo(n)stradas podem ser fruídas enquanto portais a serem transcendidos ou, por outro lado, podem refletir como espelhos os binarismos codificados dos mekHanTropos. O mesmo ocorre com as trilhas sonoras, que contrastam a repetição eletrônica de ritmos determinados e organizados sequencialmente de maneira sistemática ou o caos orgânico espontâneo de ritmos e harmonias que surgiram naturalmente pelo tocar do violão, contrabaixo percussões etc.

Você me diz que é impossível transformar
Transmute-se
Você me diz que gostaria de tentar
Liberte-se
O agora é só o que nós temos
O tempo
E os contratos
São convenções que nos desviam do que somos
Enquanto voo me despeço dos meus medos
E me encontro já no espaço reservado ao pensamento.
Por ódio o verme foi eleito pelo povo
Sorrindo
Com medo de um vírus neoliberal
Restritos
Lutamos por sobrevivência
Enquanto o mundo explode
O nefasto palhaço grita na televisão
O povo segue descontando a frustração
E entre máquinas eu vou sonhando contra toda a multidão.
(“Sobre o Medo”. MekHanTropia. Fredé CF, 2020).

Retomando, os poderes lúdicos e relacionais dos jogos são muito importantes para o desenvolvimento também da minha própria subjetividade enquanto criador, atuando no meu pensamento crítico, criatividade, perseverança, proatividade, colaboração, comunicação e, fundamentalmente, nos dados, análises e tomadas de decisão. Outros pontos tocados são a reflexão e o

aumento de repertório e deslocamentos de mim mesmo como de quem se dispõe a fruir essas obras. Mesmo que sem contato físico, abrem-se diferentes relações e formas de existir e interagir com os signos oferecidos.

Tanto “Cani Buiu Oracle” quanto esta tese-criação, de forma geral, possuem a característica de amarrar diversas partes dispersas do universo que crio, possibilitando que haja uma fruição do jogador/interator por minhas produções artísticas, fazendo suas próprias conexões. Há, enfim, a possibilidade de compartilhar e dialogar comigo (enquanto criador e personagem desse universo) sobre essas experiências. Assim, criei um e-mail exclusivo com a intenção de receber os caminhos trilhados pelas pessoas e vislumbrar narrativas dentro desse universo. Nas instruções de “Cani Buiu Oracle”, impressas no tabuleiro, há a orientação para que as pessoas anotem suas reflexões e as cartas reveladas e enviem para o e-mail canibuiuoracle@gmail.com, para que então possamos dialogar e expandir as experiencias para outros caminhos, possibilitando novas parcerias e apropriações para a construção de relações anti-mekHanTrópicas.

De acordo com Han:

> Apenas um idiota ou um deus vive sem apropriação. O próprio não está simplesmente dado como um fato. É, ao contrário, o resultado de uma apropriação feliz. Sem apropriação também não há renovação. (...) Quem se apropria do outro não fica igual. A apropriação estabelece uma transformação do próprio. Nisso consiste a dialética da apropriação. Não apenas o sujeito da apropriação, mas também o outro apropriado se transformam (HAN, 2019, p. 108).

Desta forma, por estabelecer diversas relações de interação, ligação e (re)significação entre elementos para que possam acontecer, tais jogos funcionam como mediadores e, ao mesmo tempo, criadores de narrativas imprevisíveis no interior deste universo. O jogador é situado no centro da experiência enquanto performer/personagem mekHanTrópico, numa relação de causa e efeito que depende de suas ações de interação com as máquinas. Tais ações se dão, tanto pela utilização em si de aparatos tecnológicos para acessar as obras, quanto pela escolha dos elementos dispersos que constituem o universo ficcional, dentro de uma lógica operacional pré-estabelecida por mim enquanto criador. Contudo, se abrem infinitas possibilidades de expansão pelas apropriações poético-narrativas que são geradas a partir desses contatos

interativos com os repertórios de cada um. O jogador/interator apropria-se de elementos da minha psique pelas criações contidas no jogo e, ao me trazer seus relatos sobre os caminhos traçados e conexões estabelecidas com seu próprio ser, eu me aproprio de suas narrativas para criar possibilidades poéticas, num processo de transformação e renovação constante do universo ficcional.

Segundo Janet H. Murray, em sua obra “Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço” (2003):

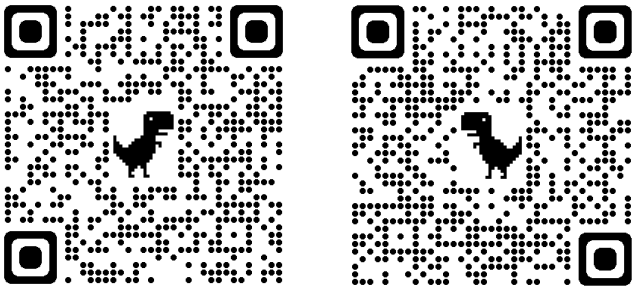
> O ato de representar/brincar pode ser uma adaptação humana essencial que mantém viva nossa capacidade para responder com flexibilidade às novas situações. A representação permite que exercitemos comportamentos alternativos que não fazem parte das nossas rotinas de sobrevivência. No final das contas, isso aumenta nosso repertório de comportamentos de sobrevivência (MURRAY, 2003, p.10).

Nesse sentido, experienciamos os fenômenos ocasionados não apenas pela imaginação, mas também essencialmente enquanto vivência, de forma física, buscando caminhos e reflexões que são apresentados nestes contatos, o que nos transporta para o interior do universo de MekHanTropia (e, consequentemente, dos conceitos que vêm sendo trabalhados nele), permitindo pensar sobre papéis diferentes daqueles que atuamos diariamente em nossa vida. Possibilita-se assim, novas maneiras de interpretar e proceder no mundo que chamamos de “real”, validado, cotidiano, materializado.

Essa experiência de expansão narrativa transmidiática que a ideia intrínseca de jogo proporciona ao universo de MekHanTropia age como um meio de conexão entre as diversas ramificações do universo ficcional em si, ou seja, como um mecanismo que engloba diferentes obras em uma só, condensando e dando direcionamentos narrativos a fragmentos que antes aparentavam estar dispersos. Por isso penso aqui nos jogos como oráculos inseridos dentro da narrativa desse universo, uma vez que transcende os padrões de tempo e espaço estabelecidos e expande as reflexões a novas configurações e conexões, fisgando o jogador/interator a também se integrar com suas narrativas como um personagem. Isso estabelece, além de pontes entre as dimensões de realidade “virtual” e “validada”, também conexões entre os universos narrativos pessoais de nossas vidas cotidianas ordinárias. Corrompemos assim, em

essência, padronizações impostas por ambos os sistemas, o ordinário que vivemos e o extraordinário mekHanTrópico acessado pela obra.

Tais projeções articuladas e, sobretudo, as ressignificações existenciais e narrativas provocadas enquanto representação artística das obras, funcionam como formas de reexistir no mundo (planeta Terra e MekHanTropia) e transmutar os padrões estabelecidos institucionalmente. Pela fantasia da imaginação, nos tornamos mais próximos de nossa essência ao estabelecer conexões subjetivas com o que somos/estamos em determinado momento (ou achamos que somos/estamos), repensando aspectos de nossas vidas que fogem daquilo que estava previamente solidificado em nós mesmos pelos sistemas de significação que estamos inseridos.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Como coloca Han (2019a) especialmente para a cultura oriental, a humanidade não é uma “substância” fechada ou solidificada, mas sim uma “relação” que acontece pela modificação em essência através dos contatos, como na química. Segundo ele, “Categorias ocidentais como inter-subjetividade ou inter-pessoalidade, que poderiam provocar apenas posteriormente uma relação entre as pessoas ou sujeitos, são estranhas ao pensamento do Extremo Oriente.” (p. 98-99). Han explica que no ocidente há uma ideia de interioridade mais rígida que no mundo oriental, que é mais permeável e aberta. O pensador exemplifica dizendo que a própria palavra “cultura” para alguns orientais (“wen-hua” em chinês, “bun-ka” em japonês e “mun-wha” em coreano) provém de conceitos absorvidos do ocidente. A palavra chinesa para “cultura” (wen-hua) conflui significados até contrastantes, como “padrão” e “mudança/transformação”.

Portanto, para Han, "*Antes* de qualquer inter, os humanos são um *entre*" (2019a, p. 99).

Essa é a noção essencial dos jogos aqui colocados enquanto oráculos: proporcionar um olhar voltado ao interior, mas, sobretudo, levantar reflexões sobre nossas subjetividades e relações no mundo por meio da fantasia representada nesse universo. Essas relações ajudam a nos conhecermos melhor e, assim, podermos optar por desvencilharmos ou não de certas amarras ilusórias do sistema, tomando decisões que transbordam as obras e acessam questões sobre nossas vidas.

Isso também ocorre com os sonhos, segundo o neurocientista, professor e pesquisador Sidarta Ribeiro. O autor nos convida a imaginar quando o nosso ancestral das cavernas sonhava, por exemplo, que em determinada floresta, na qual habitava um urso, ele era atacado e devorado por esse animal. Presume-se que esse ser pensaria e se atentaria com maior cuidado, em sua vida desperta, ao adentrar florestas, pois já havia vivido o ensaio daquela ação aterrorizante (no caso), o que contribuía com sua sobrevivência e, consequentemente, com sua vida futura.

> Em contraste com a ampla maioria dos outros animais, temos enorme capacidade de simular futuros possíveis com base nas memórias do passado. Podemos realizar atividades motoras bastante complexas e precisas enquanto a mente devaneia sem limites nem amarras em imagens e situações de todo o tipo, em qualquer escala de tempo e espaço – exatamente como nos sonhos, mas com muito menos intensidade (RIBEIRO, 2019, p. 37).

Segundo Sidarta Ribeiro, os processos oníricos mentais são bem parecidos com os processos da imaginação em vigília, o que nos proporcionou, durante eras de (r)evolução, melhores adaptações e compreensão sobre as vicissitudes e desafios da existência. De um tempo para cá, a atenção ao sonho está cada vez mais diminuindo, o que, segundo o autor, é problemático, uma vez que interfere também em aspectos relativos à nossa configuração de realidade e sobrevivência psíquica no presente.

Sigmund Freud e Walter Benjamin refletiram sobre algo parecido, tomando como referência o cinema na primeira metade do século passado – como abordo

também em minha dissertação de mestrado (FELIPE, 2015)[113]. Os autores analisavam, cada um de sua maneira e com suas diferentes intenções, que os filmes são como uma espécie de ensaio à vida "real", em especial na virada do século XIX para o XX, quando surgem as primeiras experimentações cinematográficas, numa época também de grande êxodo de pessoas que iam do campo para as grandes cidades e se deparavam com seus perigos e choques cotidianos, diferentes daqueles já acostumados em âmbitos rurais.

Para estes pensadores, o cinema auxiliava na compreensão e adaptação das pessoas à urbanidade naquela época. Retomarei abaixo algumas ideias oriundas de minha dissertação para explicar essas relações que podem ser importantes para refletir sobre a imersão interativa do espectador em meio à fragmentação transmidiática e a formação de elos poéticos de conexão e fruição, na qual há o diálogo entre subjetividades. Portanto, nas próximas linhas projeto pensamentos acerca de abordagens feitas por Leo Charney (2004) e Ben Singer (2004) sobre o cinema que aqui expandem-se como base para a utilização da transmídia enquanto poética e representação da fragmentação e hiperexcitação atual em meu universo.

Quando ela surgiu em sua porta
Não pôde mais ver além
Um gosto veio com imagem de discórdia
Vivendo com saudades de mais "ninguéns"
Às margens dos próprios abismos
Iniciava-se um novo tempo ali
O sábado então se tornou domingo
Ao desejo cedeu o que podia sentir
Saltou janelas, negou espelhos
Brincou com a vida que sempre sonhou
E embora achasse que algo sabia
Beber daquela água quase lhe afogou

Dançou...
Alguém viu
Chorou...

[113] Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4749 Acesso em: 14/08/2023.

Ninguém sentiu
Sussurros de sabedoria?
Vazia
Não vivia
Se afastou...
...em vão

Vozes soltas ao vento
Diferentes partes ecoaram de si
Lhe rasgaram tudo por dentro
Um processo que não tinha mais fim
Um dia ela disse que estava sozinha
E queria que eles fossem três
Sempre achava que tudo sabia
A vida louca como um whisky irlandês
Beijou sua testa, fechou os olhos
E quando era cinco, já virava seis
Se despede do que não se recorda
Dizia sim achando que era talvez

Dançou...
Ninguém viu
Chorou...
Alguém sentiu
Sussurros de sabedoria?
Vazia
Não sabia
Se entregou...
...ao chão

E se afundou no que mais tinha medo
De suas sombras se tornou freguês
Sem amigos e também sem dinheiro
Era um "eu" entre tantos "vocês"
Refém do ódio do que nunca foi feito
Em segredo se impediu de mover
Famigerado sobre infinitos devaneios

Se fez aquilo que insistem em dizer

Sussurros de sabedoria?
Vazia
Fugir deixaria
Se deixou
Eis a questão

Sem nunca entender de fato
O que ali se passou ou podia querer, sofreu
Ferido por desejos obscuros guardados,
Sem ter sequer tido o prazer do que nunca viveu

Não mais sorriu
Nem conseguiu
Ou aconteceu
Escapar do seu pe(n)sar?
Não podia mais aguentar
E aquilo lhe consumiu
Anoiteceu
Completo breu
Seu coração não mais bateu
Destruiu
Ressentiu
Deprimiu
Se abateu
Ainda bem que
No fim das contas
Aquele pobre coitado
(ou coitada)
Não era eu

Sussurros de sabedoria?
Vazia
Enfim, na terapia
Sobreviveu
Se esqueceu

De Ser ou não Ser
Só Ter solidão
Renasceu
Do seu próprio perdão.
("Sussurros de Solidão". Fredé CF. MekHan Tropia, ano zero).

4.2. Vazios, lacunas e fragmentações: espaços onírico-narrativos para interações entre subjetividades

"I'm crazy, crazy, crazy
In a crazy world
Anxiety keeps me high
Cross my heart and hope to die."
(Ramones)

Ben Singer, em seu texto *Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular* (2004), citando Freud, diz que a ansiedade é a forma como a mente intenta minimizar o trauma causado pelos choques que somos submetidos cotidianamente, transformando-se em um "ensaio" para uma determinada situação iminente, com vistas à "aceitação" do choque que ocasionalmente virá. Singer reporta à representação do mundo a partir de outra linguagem, dos cartuns, nos quais era visível a preocupação concernente aos anseios e angústias típicas do mundo moderno daquela época:

> Muitos cartuns representaram a nova paisagem de assédio comercial como um tipo de estímulo terrível e agressivo. Outros, retratando aglomerados repletos e caóticos de pedestres, ilustraram com intensidade (cinquenta anos à frente) a sugestão de Benjamin de que 'medo, repulsa e horror eram as emoções que a multidão da cidade grande despertava naqueles que a observavam pela primeira vez' (SINGER, 2004, p. 100).

Singer ilustra a questão dos símbolos sociais presentes no fim do século XIX e início do século XX a partir de imagens de revistas, periódicos, cartuns e ensaios que traziam já essa descrição "hiperestimulada" da vida urbana. Tais ilustrações trataram a transformação social de passagem de um estado pré-moderno equilibrado e estável para um mundo repleto de "choques" já naquele momento. O sujeito moderno estava já situado em um mundo efêmero, acelerado e fugaz, o qual provoca continuamente desejos e frustrações e se apropria disso

mercadologicamente, algo que, atualmente, pode ser elevado à infinita potência. Muitas vezes o sujeito se aproveita desses choques sensitivos para dar suporte à vida, utilizando das sensações como formas narrativas em busca da subjetividade e como maneira de dar vazão às angústias que o acometem.



Figura 144 - "Choque dimensional". Fotografia digital. Fredé CF, 2018.

O sujeito moderno estava já situado em um mundo efêmero, acelerado e fugaz, o qual provoca continuamente desejos e frustrações e se apropria disso mercadologicamente, algo que, atualmente, pode ser elevado à infinita potência. Muitas vezes o sujeito se aproveita desses choques sensitivos para dar suporte à vida, utilizando das sensações como formas narrativas em busca da subjetividade e como maneira de dar vazão às angústias que o acometem.

Ademais, o autor reflete que Walter Benjamin adaptou a teoria freudiana ao papel do cinema no mundo moderno, como “forma de arte que acompanha a ameaça crescente à vida que o homem moderno tem que lidar. A necessidade do homem de se expor aos efeitos do choque é o seu ajustamento aos perigos que o ameaçam” (BENJAMIN *apud* SINGER, 2004, p. 118). Neste contexto, o cinema para Benjamin seria a forma encontrada pelo homem moderno para se preparar às sensações que o cercam, estimulando sua imaginação pelas narrativas e excitações audiovisuais.

Se não sou daqui
Então de onde sou?
Dos lugares que cresci
O que de mim sobrou?

Renascido em pedaços
Com afetos e pecados
Personagem de relatos
Que nunca sequer ouvi

Dizem que as cidades melhoram
As vezes melhoram na História
As pessoas nunca
Pelo menos as daqui

Os sonhos já se foram
Mais cedo que o previsto
Os que sobraram, ressentidos
Vidas vazias que vivi

Fantasmas zombeteiros
Presos em verdades por cabrestos
Fabricadas entidades doentias
Inertes à amplidão

Do universo
Do planeta

Do continente
Da nação

Sufocados por comandos de ideais juvenis
Psicóticos cegos defensores da Matrix

Vidas sem visão
Pulsão de ódio aflorada
Na rua ou na estrada
No asfalto ou no chão

Repletos de arrogância
Em caminhonetes vem e vão
Toda regra tem, de fato
Uma ou outra exceção

Eu, ao contrário
Me sinto sempre encarcerado
Assombrado pela condição
De não-identificação

Alienígena cultural
Sem nunca me ver igual
Aos que se julgam com razão
Aos que vivem sem tesão

Pela vida
Essa doce bandida esquecida
Elementar sensação
Arde ao breu as lágrimas do Cão

Um nativo forasteiro
Como se fosse um estrangeiro
Nascido no centro sertanejo
Um matuto sem perdão

Na encruzilhada das avenidas

Numa manhã oitentista
Parto normal
Cidadão desigual

Aninhado nas sombras
Do passado e do presente
Reside ainda um sonho latente
Vislumbrando um futuro adormecido

Mas há esperança
Eis que surge uma dança
Um ponto de luz cósmico brilhante
Como uma estrela no horizonte

Esse foi o primeiro
Preso em desespero
No instante em que fui abandonado
Pelo próprio medo em segredo

Um sonho em lembrança
O esboço do esboço da petulância
Uma tentativa de encontrar a verdade
Num dia triste de janeiro

Eterno retorno...

Ao pesadelo.
["Pesadelo (The Black Dog walks at night)". Fredé CF, 2023].

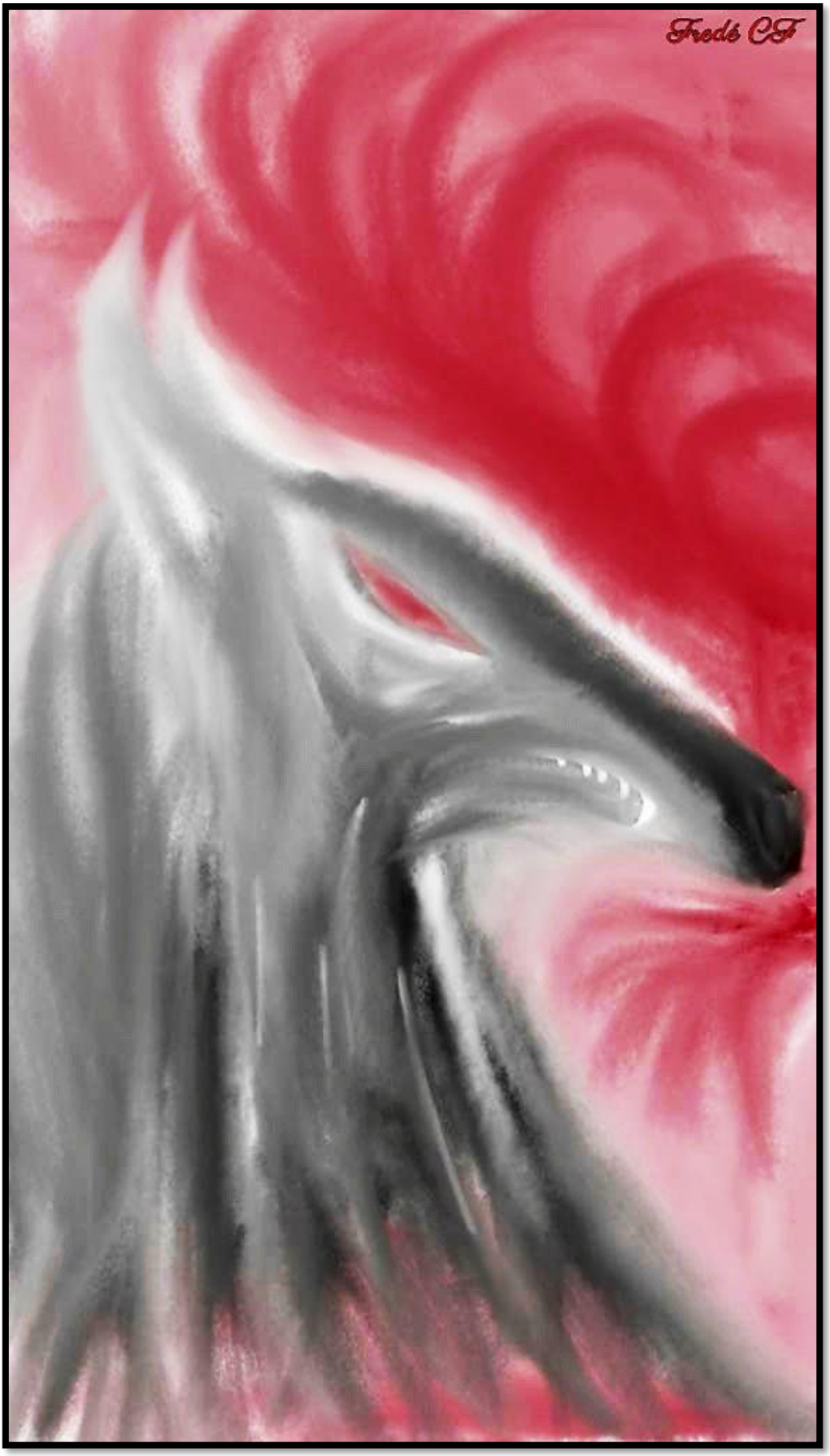


Figura 145 - “Pesadelo (The Black Dog walks at night)”. Pintura-poesia MekHanTrópica. Fredé CF, 2023.

Para Leo Charney, em seu texto “Num instante: o cinema e a filosofia da modernidade” (2004), “experimentar o choque era experimentar o instante (...) O choque empurrava o sujeito moderno para o reconhecimento tangível da presença do presente. Na presença imediata do instante, o que podemos fazer (...) é senti-lo. A presença presente do instante pode ocorrer somente na sensação e como sensação.” (CHARNEY, 2004, p. 324). Assim sendo, o presente, está continuamente virando passado e “atropelando” o futuro, seja nas narrativas, seja em nossas vidas ordinárias. Charney afirma que o cinema, por meio das lacunas que a montagem possibilita ao espectador, é “a forma de arte definidora da experiência temporal da modernidade” (*ibid*, p. 324), além de possuir a capacidade de movimento e mudança no tempo e no espaço, assim como a música.

O sujeito moderno (re)descobre assim, segundo Singer, seu lugar como mediador entre passado e futuro. Por meio da experiência enquanto espectador de cinema, passado e futuro se confrontam não mais em uma zona hipotética, mas no terreno do próprio corpo e mente ali imersos em outra realidade. E, ao buscar essa sensação em seu interior, encontra-se o instante fixo do presente alocado entre os frames e o imaginário naquele instante de conexão.

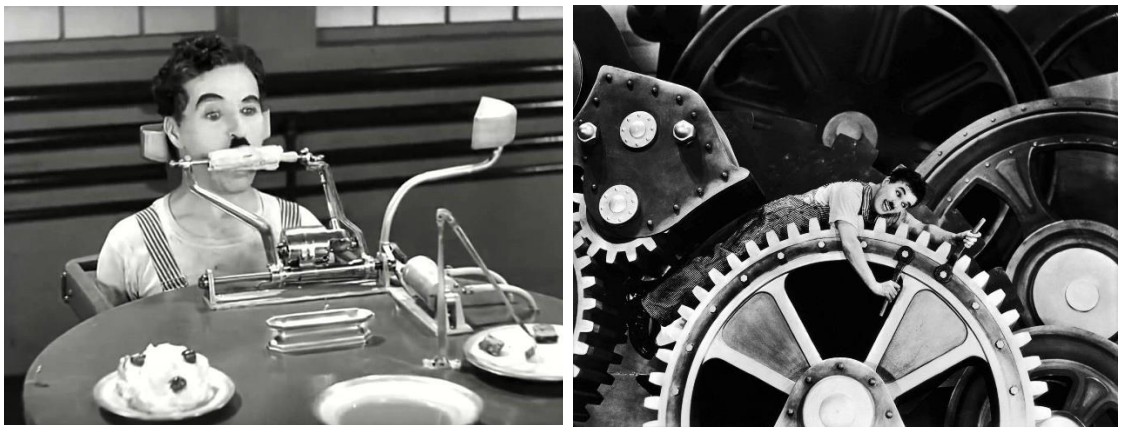
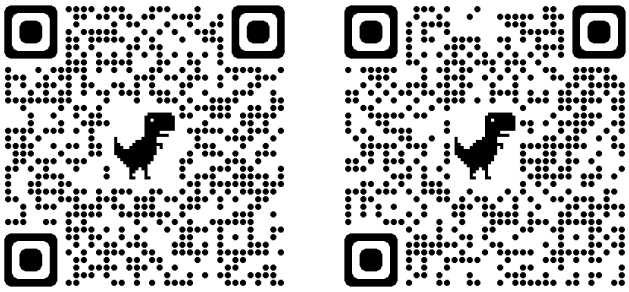


Figura 146 - Frames do filme "Tempos Modernos" de Charlie Chaplin (1936): críticas ao capitalismo e ao mundo moderno.

Charney vai buscar em Walter Benjamin a afirmação de que a mudança estrutural da vida moderna se dá pela experiência em direção ao momentâneo e ao fragmentário, qualidades essas que transformaram a natureza e a experiência do tempo, da arte e da história. Segundo o autor, Benjamin traduz

essas mudanças na obra “Trabalho das Passagens”[114]. Para ele, a prevalência do instante na sociedade moderna era associada ao método fragmentário, que continha forte alusão à montagem cinematográfica. Charney comenta as concepções de Walter Benjamin que o autor “esforçou-se não apenas para propor o momentâneo como um tropo determinante do moderno, mas para ilustrá-lo por meio de sua própria sensibilidade e estilo” (CHARNEY, 2004, p. 321), estabelecendo uma proposta estética formal em sua concepção. Ao que Charney cita Shklovsky: “a arte existe para que se possa recuperar a sensação de vida; existe para fazer com que as pessoas sintam as coisas (...). O propósito da arte é transmitir a sensação das coisas como elas são percebidas e não como elas são conhecidas” (*ibid*, p.327).



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

A partir da interação entre momentâneo e contínuo o cinema evoluiu por décadas no sentido de incorporação de elementos narrativos e estéticos que possibilitaram novas formas de imersão ao espectador, em diálogo com o teatro e a noção de “atração” dos espetáculos cinéticos da modernidade proposta por Sergei Eisenstein, onde:

> Cada instante ativo, isto é, todo elemento que elucida para o espectador aqueles sentidos ou aquela psicologia que influenciaram a sua experiência – todo elemento que pode ser verificado e matematicamente calculado para produzir certos choques emocionais em uma ordem própria dentro de uma totalidade” (EISENSTEIN *apud* CHARNEY, 2004, p. 328).

114BENJAMIN, W. *Philosophy, Aesthetics, History*. Org. Gary Smith, Chicago: University of Chicago, 1989.

Assim, o autor coloca aquilo que já havia sido sinalizado nos primórdios do cinema, por Marey e Muybridge – primeiros a pensarem na imagem em movimento a partir da narração e ilusão sobre a percepção –, uma nova forma narrativa que era definida como “movimento estruturado pelo tempo e pelo espaço”, em outras palavras, o cinema reapresentava o movimento contínuo como uma cadeia de momentos fragmentários, ao que Charney coloca que as “narrativas visuais eram definidas no cruzamento do tempo e do espaço pelo movimento.” (CHARNEY, 2004, p. 329). Nesse sentido o autor vincula o cinema como a maior forma expressiva do mundo moderno quando afirma que:

> A montagem (...) cria uma colagem de fragmentos que não pode evitar o fato de tornar descontínua a experiência do espectador (...). Um filme nunca pode ser totalmente presente como movimento contínuo; as lacunas do filme o tornam sempre uma cadeia de instantes (...). Essa fragmentação marca o cerne do filme como reapresentação. (...) A reapresentação, em sua forma genuína, contribuiu para o esvaziamento da presença que caracterizou o moderno. (...) A forma de cinema que surgia (...) permitiu que as desvantagens potenciais da modernidade se tornassem vantagens estéticas: choque, velocidade e deslocamento tornaram-se montagem, e o esvaziamento da presença, na técnica do cinema, tornou-se o meio pelo qual o espectador pôde encontrar lugar no movimento incessante do filme para a frente.(...) ‘O fato de algo nunca estar presente a si significa que está sempre apto a ser interpretado, está sempre sujeito à interpretação e ao futuro (CHARNEY, 2004, p. 331).

Entre os fragmentos que compõem o filme, são criadas lacunas narrativas a serem preenchidas pelo espectador. Essas lacunas separam os instantes fragmentados do filme. O espectador, ao preencher esses espaços, estabelece uma relação com o filme enquanto arte através da imaginação. Na estrutura transmidiática de MekHanTropia, isso ocorre também entre as diversas obras que compõem o universo ficcional. O presente esvaziado torna-se uma nova forma de experiência para o espectador imerso no filme (ou no universo), ou seja, fora do presente em relação a si mesmo. A aparente dispersão se torna conexão por meio da imaginação de quem frui.

> O presente vazio e invisível da modernidade expandiu-se em uma nova arte composta de uma série de presentes vazios e invisíveis. Esses momentos foram costurados na continuidade pela atividade do espectador, ela mesma interior e invisível no corpo do espectador. ‘A animação e a confluência dessas formas’, como escreveu Epstein, ‘não se apresentam na película nem nas lentes, mas no próprio indivíduo. A descontinuidade torna-se continuidade somente depois de penetrar o espectador. Trata-se de um fenômeno puramente interior. Fora do sujeito que olha não há movimento, fluxo, vida nos mosaicos de luz e sombra sempre fixos que a tela apresenta. Dentro, há uma impressão que, como todas as outras fornecidas pelos sentidos, é uma

> interpretação do objeto – em outras palavras, um fantasma (CHARNEY, 2004, p. 332).

Ben Singer, ainda em diálogo com Charney a respeito das representações visuais na modernidade, se preocupa com o fato de o sensacionalismo midiático sinalizar os tempos modernos e proporcionar ao sistema/mercado utilizar determinados elementos cinematográficos para persuadir: “o sensacionalismo era a contrapartida estética das transformações radicais do espaço, do tempo e da indústria” (SINGER, 2004, p. 115).

Segundo Singer, Walter Benjamin coloca o cinema como correspondente “a mudanças profundas no aparelho perceptivo – mudanças que são experimentadas, em uma escala individual, pelo homem na rua, no tráfego, da cidade grande e, em uma escala histórica, por qualquer cidadão dos dias de hoje” (SINGER, 2004, p. 115), para o autor “o ritmo rápido do cinema e sua fragmentação audiovisual de alto impacto constituíram um paralelo aos choques e intensidades sensoriais da vida moderna” (SINGER, 2004, p.115, 116). Ele ainda complementa citando Benjamin: “Em um filme, a percepção na forma de choques foi estabelecida como um princípio formal. Aquilo que determina o ritmo de produção em uma esteira rolante é a base do ritmo de recepção no cinema.” (BENJAMIN *apud* SINGER, 2004, p. 116).

Como quando estamos sonhando ou ao nos ambientar em um mundo fantástico, estamos submetidos às “regras” desse jogo e às ilusões que são geradas de acordo com os elementos propostos, nos projetando para aquela realidade que, por vezes, é diferente da que estamos situados ordinariamente de maneira física, consciente. Ao pensar nesses deslocamentos, pode-se observar que também o sistema que chamamos de “realidade cotidiana” (ou validada) procede dessa forma, estabelecendo regimes de verdades que são absorvidos, normalizados e normatizados pela cultura institucionalizada.

4.3. Os Regimes de Verdade e a MekHanTropia Global

“Preto velho, pense merda não

Que o mundo já tá cheio

Isso não é solução

Um quase desespero

Um prestes a pular

Armou-se o mundo inteiro

O mundo inteiro desarmou-se

Dando coice feito mula no curral

O sono deu defeito

Acordando assombrações

O amor saiu correndo

Desviando das palavras escolhidas

Como forma de agressão

A mentira requentada

Do banquete cidadão

A sua sorte na calçada

Castigada pelos pés

Que os mesmos pés castigarão

Desculpe a gentileza

Eu desculpo o empurrão

Abafe a parte armada

Dessa voz esganiçada

Que enlouquece uma nação".

(Eddie)

Como vivemos no sistema neoliberal, que se baseia fundamentalmente no lucro, na exploração, na produtividade, no consumo e no mercado, nossa "realidade" ordinária funciona em razão disso. Somos, nesse tabuleiro social, peças cujo objetivo primordial é fazer a máquina neoliberal funcionar para gerar lucros. Trabalhamos para ganhar dinheiro e gastar consumindo coisas e serviços que nos consomem tempo e espaço. Somos a única espécie de animal que paga para viver no planeta e, talvez por isso – em nossa arrogância e desconexão antropocena com a essência –, nos sintamos "no direito" de destruí-lo.

Segundo Han (2019a):

> Não o vasto espaço do trans, mas a proximidade da justaposição espaçotemporal é o que caracteriza a cultura atual. Não o multi ou o trans, mas o hiper (acumulação, conectividade e condensação) caracterizam a essência da globalização. (...) Em oposição a transculturalidade que, de modo evidente, esteve e operou em todas

> as épocas, em todas as culturas, a hiperculturalidade caracteriza a cultura de *hoje*. A hiperculturalidade pressupõe determinados processos históricos, socioculturais, técnicos ou midiáticos. Além disso, está acoplada uma experiência particular de tempo e espaço, a um modo particular de formação de identidade e de percepção que antes não existia (HAN, 2019, p.104-105).

Imersos na práxis de apropriação consumista de nossas relações, pagamos e somos produtos ao mesmo tempo simplesmente por existir. Hipnotizados nas *time-lines* das redes e expostos ao controle dos dados, já não há mais uma distinção sólida sobre o "estar" ou "não-estar" exposto e vigiado na internet. O controle do ciberespaço está em todo lugar e permeia nossas vidas cotidianas. A imutabilidade dos dados nos torna, de certa forma, estáticos dentro desse mundo cada vez mais rápido em suas transformações.

A ideia de "consumismo" é atrelada ao hiperconsumo, ou seja, consumir mais do que se necessita em um processo que também gera uma cultura de consumo atrelada ilusoriamente à construção de identidade própria, induzindo demonstrações de poder opressor e excludente na sociedade em diversos níveis. A cultura do consumo adentra as camadas psicoemocionais individuais, relacionando-se com aspectos como: "consumir pelo tédio", "consumir para diminuir a ansiedade", "consumir para fugir da tristeza", "consumir para comemorar", consumir em busca de uma felicidade que nunca é alcançada e por isso se perpetua.

Por ser combustível essencial do neoliberalismo, é atribuído ao consumo (e encorajado como "consumismo") uma série de aspectos pessoais camuflados como vantagens, incentivando sempre a ter aquilo que não possui, o que aumenta o lixo, a hipercomparação e a hipercompetitividade na sociedade. Assim, há no núcleo existencial do sistema vigente uma "ideologia do consumo" como um estilo de vida disseminado em múltiplas plataformas midiáticas por diferentes linguagens. A sociedade de consumo não irá se extinguir de uma hora para outra, mas tende sim, cada vez mais, a seguir se transformando pelo fluxo informacional ditado por conglomerados que operam o mundo. Não se vendem apenas produtos, mas, de fato, valores (em grande parte vazios). Até mesmo valores que podem ser contra o sistema, como alimentos orgânicos, a sustentabilidade, a ecologia, a justiça social, entre outros discursos que muitas vezes surgem de maneira insurgente, mas são cooptados em prol do consumo

como “diversidade”. Neste sentido, Byung-Chul Han (2022) pensa sobre uma diferenciação entre os conceitos de “diversidade” e de “alteridade” a partir da ideia de autenticidade no mundo atual:

> A compulsão por autenticidade compele o eu a *produzir a si mesmo*. A autenticidade é, em última instância, a forma de produção neoliberal do si. Ela faz de todos produtores de si mesmos. O eu como empreendedor de si mesmo *produz a si, performa a si mesmo*, e oferece a si mesmo como mercadoria. A autenticidade é um ponto de venda. O esforço pela autenticidade de ser igual apenas a si mesmo desencadeia uma comparação [*Vergleich*] permanente com o outro. A lógica do *equi-parar* [*Ver-Gleichens*] faz o ser-outro [*Anderssein*] se inverter no ser-igual [*Gleichsei*]. Assim, a autenticidade do ser diferente consolida a conformidade social. Ela permite apenas as diferenças conformes ao sistema; a saber, a diversidade. A diversidade como termo neoliberal é um recurso que se deixa explorar. Assim, ela é oposta à *alteridade*, que se furta a toda utilização econômica. Hoje, todos querem ser diferentes do outro. Mas, nesse querer-ser-diferente, o igual se perpetua (HAN, 2020, p. 37-38).

Assim, segundo Han, essa “sociedade do consumo” mekHanTrópica está sempre em busca de eliminar o outro, mesmo trajada de incentivo ao que é diverso, porém consumível, uma vez que se aumenta o que pode ser consumível. Nessa relação, segundo o pensador, o “outro” deixa de ser negativo e se torna positivo numa espécie de um “outro igual”, institucional.

> O imperativo da autenticidade produz uma compulsão narcísica. O narcisismo não é idêntico ao amor-próprio, que não tem nada de patológico. O narcisista, em contrapartida, é cego frente ao outro. O outro é dobrado até que o ego se reconheça nele. O sujeito narcisista percebe o mundo apenas como sombras de si mesmo. A consequência fatal: o outro desaparece (...). A autorreferência excessiva e narcisista produz, em contrapartida, um sentimento de vazio (HAN, 2022, p. 40-41).



Figura 147 - "Autêntico vazio". Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

Estamos constantemente conectados e multiplicados no (hiper) tempo e espaço hipercultural, mesmo em oposição ao sistema. Replicados em “zeros” e “uns” infinitos que contribuem para alguém lucrar de alguma forma. Porém, à luz do pensador holandês Baruch Espinoza, remetido por Byung-Chul Han (2019), os bons encontros, as relações, as narrativas são fatores que ainda nos despertam a potência do afeto, de sermos afetados, de agir, de existir, de nos formar, enfim, de sermos humanos e refletir sobre o que nos cerca. “As coisas das quais a gente se apropria, com as quais estamos rodeados, é que fazem a diferença do conteúdo do *self*. (...) A crítica do consumo pressupõe um interior profundo que valeria proteger da superabundância de coisas exteriores” (HAN, 2019, p. 109).



Figura 148 - Intervenção Anti-MekHanTrópica em Linz - Áustria realizada por Brunna Nastassia. 2023.

No ano de 2023, foram realizadas apropriações anti-mekHanTrópicas do universo que crio. A artista, estilista, *personal Taylor* e membra da “Confraria Anti-MekHanTrópica”, Brunna Nastassia, brasileira residente em Munique (Alemanha), também participou do curta-metragem “The Black Dog walks at night” (obra considerada como episódio piloto para um futuro projeto de série audiovisual sobre o universo), interpretando a personagem “Aila” e cedendo algumas imagens feitas por ela para a obra.



Figura 149 - Frame do curta-metragem/episódio piloto "The Black Dog walks at night" de Fredé CF: participação da interventora, artista e estilista Brunna Nastassia interpretando a personagem da resistência anti-mekHanTrópica de codinome "Aila". 2023.

Brunna promoveu uma série de intervenções artísticas urbanas utilizando adesivos com a arte de capa do álbum "MekHanTropia" criada pelo Ciberpajé[115], colando e espalhando essas imagens em diferentes cidades europeias como Madrid (Espanha), Linz (Áustria), Londres (Inglaterra) e Munique (Alemanha). Sua intenção é marcar pontos que considera como mekHanTrópicos e chamar a atenção das pessoas para o conceito de MekHanTropia, provocando os olhares e divulgando a obra de maneira *DIY*. Ao realizar tais intervenções, Brunna as fotografou e filmou para que a mensagem se espalhe mais ainda pelas redes. Fiquei muito impressionado, honrado e contente com a ação e resolvi também aderir à prática de intervenção artística urbana, colando adesivos em Goiânia, Anápolis, Brasília, Montevideo (Uruguai), Colônia de Sacramento (Uruguai) e num dos voos feitos para o Uruguai.

[115] Disponível em: http://ciberpaje.blogspot.com/2023/04/intervencao-urbana-mekhantropia-em.html Acesso em: 14/08/2023.



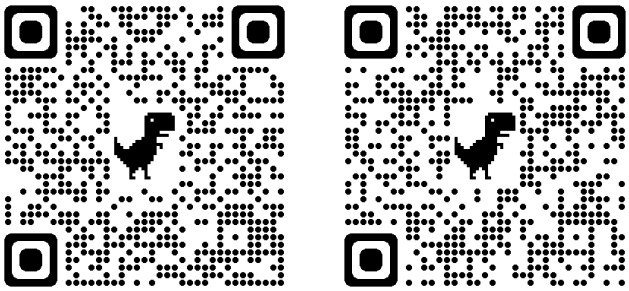
Figura 150 - Intervenção Anti-MekHanTrópica em Madrid-Espanha realizada por Brunna Nastassia. 2023.

Janet H. Murray (2003) diz que os deslocamentos lúdicos, narrativos, fantasiosos a realidades alternativas, permitem e nos provocam distanciamentos do sistema quantificado do mercado, formando novas conexões com aspectos qualitativos da vida. Tais relações são importantes e possibilitam um equilíbrio frente as padronizações institucionalizadas:

> Representar, jogar e contar histórias estão intimamente ligados. Tal como a linguagem, são componentes ancestrais e definidores de nossa humanidade. São também recursos para as tarefas culturais que enfrentamos atualmente, especialmente para a de viver numa comunidade global que traga compreensão e respeito mútuo através de nossas múltiplas fronteiras culturais (MURRAY, 2003, p. 11).

No entanto, o “capitalismo artista” opera também sobre as artes narrativas e utilizam seus recursos de maneira poderosa em função do sistema. Por isso, penso esteticamente nos jogos e construção transmidiática desse universo como formas de representar essas questões e não simplesmente tentar fugir delas, mas expor suas vísceras e pensar sobre elas. Pensar sobre as cooptações pelas próprias narrativas, obras e dispersões. Ao reconhecer, lançar luz e integrar

essas questões à ponderação reflexiva sobre os processos e poéticas, pode-se ter maior clareza sobre elas.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Pela poética de fragmentação transmidiática, experimental e colaborativa desse metauniverso, tento representar aspectos que percebo sobre questões que se apresentam em mim e a mim na sociedade que vivo atualmente. Ideias espalhadas e expandidas pelas linguagens com o intuito de discutir sobre "padronização" e "diversidade" não-linear que, apesar de aparentar uma tentativa de disrupção, é também cooptada e institucionalizada pelo sistema institucionalizado de MekHanTropia (à luz de Han). Mas, por outro lado, também abre possibilidades (para quem frui) de poder ser quem escolher e decodificar junto aos seus repertórios o próprio caminho em busca de reconhecimento de sua subjetividade enquanto indivíduo, ou seja, algo que está "de fora" da MekHanTropia enquanto universo ficcional, porém dentro da MekHanTropia neoliberal que vivemos.

ATENÇÃO MEKHANTROPOS!

Nossos censores algorítmicos identificaram mais uma falha no sistema psicobinário de MekHanTropia, desta vez muito mais grave. Há indícios que o grupo de terroristas da "Confraria Anti-MekHanTrópica (CAM)" está utilizando recursos da banida "Realidade Vegetal" e induzindo assim práticas obscuras de magia para seduzir os cidadãos de MekHanTropia para o mundo onírico e pervertê-los com seus ideais.

Interceptamos esse ritual proibido em código binário produzido clandestinamente:

00111111 00111111 01000110 01100001 01111010 01100101 00100000 01101111 00100000 01110001 01110101
01100101 00100000 01110100 01110101 00100000 01110001 01110101 01100101 01110010 01100101 01110011
00100000 01101000 11100001 00100000 01100100 01100101 00100000 01110011 01100101 01110010 00100000
01101111 00100000 01110100 01101111 01100100 01101111 00100000 01100100 01100001 00100000 01001100
01100101 01101001 00111111 00101110 00100000 00111111 01000001 01101101 01101111 01110010 00100000
11101001 00100000 01100001 00100000 01101100 01100101 01101001 00101100 00100000 01100001 01101101
01101111 01110010 00100000 01110011 01101111 01100010 00100000 01110110 01101111 01101110 01110100
01100001 01100100 01100101 00111111 00101110 00100000 00111111 01001110 11100011 01101111 00100000

01101000 11100001 00100000 01101111 01110101 01110100 01110010 01100001 00100000 01101100 01100101
01101001 00100000 01100001 01101100 11101001 01101101 00100000 01100100 01100101 00100000 01000110
01100001 01111010 01100101 00100000 01101111 00100000 01110001 01110101 01100101 00100000 01110100
01110101 00100000 01110001 01110101 01100101 01110010 01100101 01110011 00111111 00101110 00100000
01001001 01110011 01110011 01101111 00100000 01110011 01101001 01100111 01101110 01101001 01100110
01101001 01100011 01100001 00100000 01110001 01110101 01100101 00100000 01100011 01100001 01100100
01100001 00100000 01110101 01101101 00100000 01100100 01100101 00100000 01101110 11110011 01110011
00101100 00100000 01100001 01110011 01110100 01110010 01101111 01110011 00101100 00100000 01100100
01100101 01110110 01100101 00100000 01110011 01100101 00100000 01101101 01101111 01110110 01100101
01110010 00100000 01100101 01101101 00100000 01110011 01110101 01100001 00100000 01110110 01100101
01110010 01100100 01100001 01100100 01100101 01101001 01110010 01100001 00100000 11110011 01110010
01100010 01101001 01110100 01100001 00101100 00100000 01100011 01101111 01101110 01100110 01101111
01110010 01101101 01100101 00100000 01101101 01100001 01110010 01100011 01100001 01100100 01100001
00100000 01110000 01100101 01101100 01100001 00100000 01101110 01100001 01110100 01110101 01110010
01100101 01111010 01100001 00100000 01100100 01100101 00100000 01101110 01101111 01110011 01110011
01100001 00100000 01110000 01101111 01110011 01101001 11100111 11100011 01101111 00101100 00100000
01100001 00100000 01101100 01100101 01101001 00100000 01100100 01101111 00100000 01101110 01101111
01110011 01110011 01101111 00100000 01100011 01110010 01100101 01110011 01100011 01101001 01101101
01100101 01101110 01110100 01101111 00101100 00100000 01101111 00100000 01101001 01101101 01110000
01110101 01101100 01110011 01101111 00100000 01100100 01100101 00100000 01101110 01101111 01110011
01110011 01100001 01110011 00100000 01100101 01111000 01110000 01100101 01110010 01101001 11101010
01101110 01100011 01101001 01100001 01110011 00100000 01110000 01100001 01110011 01110011 01100001
01100100 01100001 01110011 00101110 00100000 01010100 01101111 01100100 01101111 01110011 00100000
01101111 01110011 00100000 01100001 01100011 01101111 01101110 01110100 01100101 01100011 01101001
01101101 01100101 01101110 01110100 01101111 01110011 00100000 01110011 11100011 01101111 00100000
01101001 01100111 01110101 01100001 01101100 01101101 01100101 01101110 01110100 01100101 00100000
01101100 11101101 01100011 01101001 01110100 01101111 01110011 00100000 00111111 00100000 01100101
00100000 01100011 01100001 01100100 01100001 00100000 01110101 01101101 00100000 01100100 01100101
01101100 01100101 01110011 00100000 11101001 00100000 01101110 01100101 01100011 01100101 01110011
01110011 11100001 01110010 01101001 01101111 00101100 00100000 01100001 00100000 01101100 01101111
01101110 01100111 01101111 00100000 01110000 01110010 01100001 01111010 01101111 00100000 00111111
00101100 00100000 01110000 01100001 01110010 01100001 00100000 01101110 11110011 01110011 00101100
00100000 01100101 01101101 00100000 01110100 01100101 01101111 01110010 01101001 01100001 00111011
00100000 01101101 01100001 01110011 00101100 00100000 01101110 01100001 00100000 01110000 01110010
11100001 01110100 01101001 01100011 01100001 00101100 00100000 01100001 01110000 01100101 01101110
01100001 01110011 00100000 01110101 01101101 01100001 00100000 01100001 01110100 01101111 00100000 11101001
00100000 01101100 11101101 01100011 01101001 01110100 01101111 00100000 01110000 01100001 01110010
01100001 00100000 01100011 01100001 01100100 01100001 00100000 01110101 01101101 00100000 01100100
01100101 00100000 01101110 11110011 01110011 00100000 01100101 01101101 00100000 01100100 01100001
01100100 01101111 00100000 01101101 01101111 01101101 01100101 01101110 01110100 01101111 00101110
00100000 01010000 01101111 01110010 00100000 01100101 01110011 01110100 01100001 00100000 01110010
01100001 01111010 11100011 01101111 00101100 00100000 01101111 00100000 01000100 01100101 01110110
01100101 01110010 00100000 01100011 01101111 01101110 01110011 01101001 01110011 01110100 01100101
00100000 01100101 01101101 00100000 01100100 01100101 01110100 01100101 01110010 01101101 01101001
01101110 01100001 01110010 00100000 01100001 00100000 01100101 01111000 01110000 01100101 01110010
01101001 11101010 01101110 01100011 01101001 01100001 00100000 01100100 01101111 00100000 01100001
01100011 01101111 01101110 01110100 01100101 01100011 01101001 01101101 01100101 01101110 01110100
01101111 00100000 01100011 01100101 01110010 01110100 01101111 00100000 01100100 01100101 00100000
01110101 01101101 00100000 01101101 01101111 01101101 01100101 01101110 01110100 01101111 00100000
01100100 01100101 00100000 01100011 01101111 01101110 01110011 01100011 01101001 11101010 01101110
01100011 01101001 01100001 00100000 01110000 01100001 01110010 01100001 00100000 01101111 01110101
01110100 01110010 01101111 00111111 00100000 00101000 01000011 01010010 01001111 01010111 01001100
01000101 01011001 00101100 00100000 00110010 00110000 00110001 00110111 00101100 00100000 01110000
00101110 00100000 00110011 00110011 00101001 00101110

Alertamos e pedimos atenção redobrada a todos.
Caso veja algo suspeito, comunique-nos imediatamente.
Seus sonhos e suas vidas correm perigo!
Certos de contarmos com a colaboração e compreensão de todos, renovamos votos de elevada estima e consideração.
Desejamos um excelente e produtivo dia.
MekHanTropia acima de todos!
Atenciosamente,
Edir Messias BiroLiro. MekHanTropia, ano zero.

Na forma, na essência e no tempo que quem frui quiser, é possível romper com padrões, discursos e ideologias encrostadas em MekHanTropia, mesmo que tal universo tenha sido projetado por mim com intencionalidades determinadas que instituem normas e valores nessa realidade de forma particular. Todavia, vislumbro a ideia de “alteridade”, no sentido de pensar a resistência para a reexistência enquanto ser inserido nesse sistema. Sobre o “tempo do outro” em oposição ao “tempo do si” no que tange às diferentes dimensões afrontadas e sobrepostas de MekHanTropia e do nosso planeta regido pelo neoliberalismo: “A política temporal neoliberal também desfaz o tempo (...) que se furta à lógica da produção. (...) Em oposição ao tempo do si, que nos isola e separa, o tempo do outro promove uma comunidade. Ele é, por isso, um bom tempo” (HAN, 2020, p. 135).

Considero que há avanços consideráveis já alcançados nesse sentido (mesmo com as trevas neofascistas que sempre insistem em se impor), embora ainda haja muita coisa a se conquistar. Ao pensar, por exemplo, que há menos de um século as mulheres nem podiam escolher com quem se casar, ou votar, ou até mesmo opinar, explicitando suas ideias, penso que a sociedade já melhorou em alguns aspectos e tenta ainda enquanto resistência, agir em comunidade em alguns casos. Não penso nisso com uma visão conformista, muito pelo contrário. Acredito que devemos ainda caminhar (e muito) para uma sociedade calcada pela diversidade, inclusão, empatia, equidade e maior dignidade para quem quer que seja, em especial os grupos que sofreram opressão por séculos.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Para isso, creio ser fundamental a reflexão e a ressignificação sobre os ditames padronizantes mercadológicos que seguem ainda hoje, em pleno século XXI,

determinando padrões e instituindo modos de vida fundados em valores patriarcais, brancos, heteronormativos, fundamentalistas religiosos, mercadológicos e limitantes. Para romper essas amarras excludentes opressivas, é preciso um olhar reflexivo e includente, de dentro para fora, sobre o que está oculto e negado por séculos de dominação. Penso que a arte pode ser um campo fértil de batalha nesse sentido.



Figura 151 - *PrintScreen* da versão em *ppt* da obra "Cani Buiu Oracle". Fredé CF, 2021.

O jogo “Cani Buiu Oracle” – em seu protótipo criado em 2021 pelo *PowerPoint* (*ppt*)[116] –, as cartas distribuídas no tabuleiro, enquanto ocultas ou depois de encontrada seu par (como em um jogo da memória), trazem imagens feita por Edgar Franco de representação do Cão Breu, como alusão à provocação dessa criatura fantástica crucial em meu universo, que direciona o olhar às sombras (junguianas) pessoais e sociais do jogador/interator. Ao abrir/revelar as cartas, ele se depara com QR Codes que, ao olhar para eles não se consegue decifrá-los cognitivamente de maneira espontânea ou instantânea, uma vez que são códigos digitais que trazem *links* indexados com a função de serem lidos por máquinas. Parecem, enquanto imagem, formas padronizadas abstratas, sem cores ou contornos muito definidos. Estabelecidas, em sua origem, para serem lidas utilizando necessariamente determinada ferramenta tecnológica (a câmera do *smartphone*) que, ao processar a leitura, já indicará os endereços eletrônicos a serem acessados.

Tento pensar o mundo e representar de maneira artística a utilização da tecnologia de maneira crítica para além da técnica, mas visando as relações entre humano e máquina. Desta forma, penso em “reengenharias de realidade”, nesse universo, processadas pelas tecnologias “que amplificam nossos sentidos e nossa capacidade de processar informações” (DOMINGUES, 1997, p. 15). Tais relações podem ser vistas como pontes para acessar os QR Codes das obras, ou seja, o dispositivo tecnológico atua, nos mecanismos funcionais de MekHanTropia, como portais transdimensionais que abre as revelações que conduzirão as obras em suas transcendências narrativas dentro e fora do universo.

As imagens não são processadas simplesmente pelo olhar, mas pela câmera que não vê apenas a imagem como imagem simplesmente estética, mas como dados codificados que são então desvelados de suas camadas que trazem consigo universos distintos de significação, mesmo parecidas a olho nu. A metamorfose ciborgue inerente a esses processos de diálogo humano-máquina na decodificação dos QR Codes utiliza-se da aparente padronização de códigos para adentrar universos alternativos de representação artística. A princípio, para

[116] Disponível em: https://encurtador.com.br/jDXY5 Acesso em: 15/08/2023.

a percepção da imagem, é preciso a tecnologia para poder transmutar o que se apresenta aos sentidos humanos e acessar as significações contidas. Para isso necessita-se de um prolongamento ótico-cognitivo tecnológico para que a experiência se complete. Vamos imaginar que, num futuro hipotético, as tecnologias como as conhecemos hoje não funcionem mais para decodificar essas imagens que permeiam minhas obras. Nesse caso, perde-se a expansão conceitual de significação primordialmente pensada e abre-se um resquício de representação que não se completa, como hoje nos parecem alguns símbolos antigos em cavernas, pirâmides etc. Por outro lado, como na série audiovisual "*Black Mirror*", pode acontecer futuramente de os olhos e cérebros humanos ganharem poderes de decodificação desses códigos.



Figura 152 - "Mundo dos Ossos". Promptismo com IA. Fredé CF, 2023.

Devaneios à parte, as imagens dos QR Codes funcionam como caminhos que apontam para outras imagens, repaginado mekHanTrópicamente a jornada percorrida pelo fruidor. Para acessar esses caminhos, será preciso decodificá-los com o dispositivo tecnológico adequado, caso contrário, tais imagens serão apenas formas aleatórias abstratas em preto e branco distribuídas pelas obras.

Há aqui uma relação direta dos procedimentos artísticos com a essência humana vital no sentido de comunicar ideias e transformar as experiências de maneiras diversas que transbordam tradições instituídas. A arte geralmente busca ressignificar padrões ou normatizações estipuladas e propor novas formas de experienciar a vida. Como um mago, o artista opera signos de maneira intencional nos contextos culturais que participa. Por meio de formas, contrastes, cores, luzes, sombras, texturas, o artista imbui a comunicação de ideias, conceitos, revelações, sigilos, transmutações, ressignificações e caminhos de sentir e pensar sobre a existência. A arte é também ligada aos contextos e por isso crio, pelos fluxos eletrônicos e tecnologias que nos são acessíveis hoje, variantes de ressignificação de processos e relações que ocorrem também conforme as próprias tecnologias se modificam, bem como as relações socioculturais que experimento.

Tanto no jogo/oráculo “Cani Buiu Oracle” quanto nesta tese-criação, há implícitos questionamentos sobre os deslocamentos, fragmentações e ressignificações da memória, das ilusões perceptivas que atuam sobre nós constantemente e das aberturas de portais para a imaginação. Também trago um pensamento sobre a dependência tecnológica para os armazenamentos de dados, transferindo para as redes o poder sobre as narrativas que construímos durante a vida, alocando, de certa maneira, tais fenômenos em outra realidade.

Além disso, no caso dessa tese-criação, brinco com aspectos relacionados à ideia de “Binarismo Anticósmico” ao colocar sempre apenas duas possibilidades de acesso aos QR Codes: esquerda e direita, par e ímpar. Esse fator tem a intenção poética de refletir sobre as perdas de nuances entre os extremos binários maniqueístas e de designar uma metáfora sobre estereótipos políticos de inclusão/colaboração x exclusão/individualismo (de acordo com a legenda instrutiva abaixo dos códigos que permeiam essa obra), sendo o resultado “par” como acesso à “esquerda” e o “ímpar” à direita.

A discussão e reflexão fenomenológica acerca das memórias transferidas ao digital dialoga com o pensamento de Byung-Chul Han sobre a ideia de "dataísmo" e perda de liberdade que estamos condicionados no mundo atual. Os dados armazenados em nossas memórias orgânicas (cerebrais) estão sujeitos ao esquecimento, a remodelagens e reestruturações narrativas que são fundamentais à nossa saúde mental. Com a transferência das memórias para as máquinas, "imortalizam-se" os fatos impedindo-os de serem repensados e ressignificados enquanto elementos complexos, o que pode causar dificuldades de autotransmutação e evolução, uma vez que o ato de esquecer determinadas coisas é fundamental para o ser humano ressignificar o passado e viver o presente.

Atualmente, em meio à hipercomunicação e a hiperexcitação típicas do mundo 24/7, esquecemos que salvamos as informações no computador, acumulando documentos que se perdem por nunca serem mais lembrados em meio ao fluxo digital, porém que permanecem ali salvos sob algum código binário enquanto a máquina durar. Neste sentido, penso na memória humana, freudianamente, como um organismo vivo e mutável, que se desfragmenta e transforma suas significações constantemente gerando novas possibilidades de olhar para determinadas questões, enquanto a memória digital se configura como o oposto (sem vida) dessa relação, por seu aspecto indiferente, acumulativo e não narrativo/ressignificante.

> A memória humana é uma narração, uma narrativa para a qual o esquecimento é essencial. A memória digital, por outro lado, é uma adição e acumulação sem intervalos. Os dados armazenados são contáveis, não narráveis. (...) A memória (humana) é um processo dinâmico e vivo em que diferentes períodos de tempo interferem e se influenciam mutuamente. Está sujeita a transcrições e reagrupamentos constantes (...). Assim, não existe *o* passado que se mantem igual e é recuperável da mesma forma. A memória digital se constitui de momentos presentes indiferentes ou, por assim dizer, de momentos *zumbi*. (...) A temporalidade do digital é a dos *mortos-vivos* (HAN, 2018, p. 92-93).

Observar essas dinâmicas é de grande valia para se lançar luz sobre as sombras que inevitavelmente nos assombram (ainda mais se ignoradas) no decorrer da vida por também nos constituírem. Ao buscar integrar tais aspectos obscuros típicos de todos nós, de maneira aberta e sem negação sobre eles, podemos observar nesses processos aspectos peculiares de nossa subjetividade que nos

tornam únicos no universo e, ao mesmo tempo, igual a qualquer um, ou seja, repleto de potencialidades e dificuldades complexas que nos tornam seres tão fascinantes e a vida algo tão raro. Em MekHanTropia, esses processos são raríssimos e a maior parte dos indivíduos (MekHanTropos) apenas existem, não vivem, de fato, como seres extraordinários que podem ser por estarem amalgamados ao sistema. Muitos destes MekHanTropos ainda lutam a favor do sistema que os oprime, cegos da alma por estarem tão entorpecidos e "confortáveis" em suas medíocres condições.

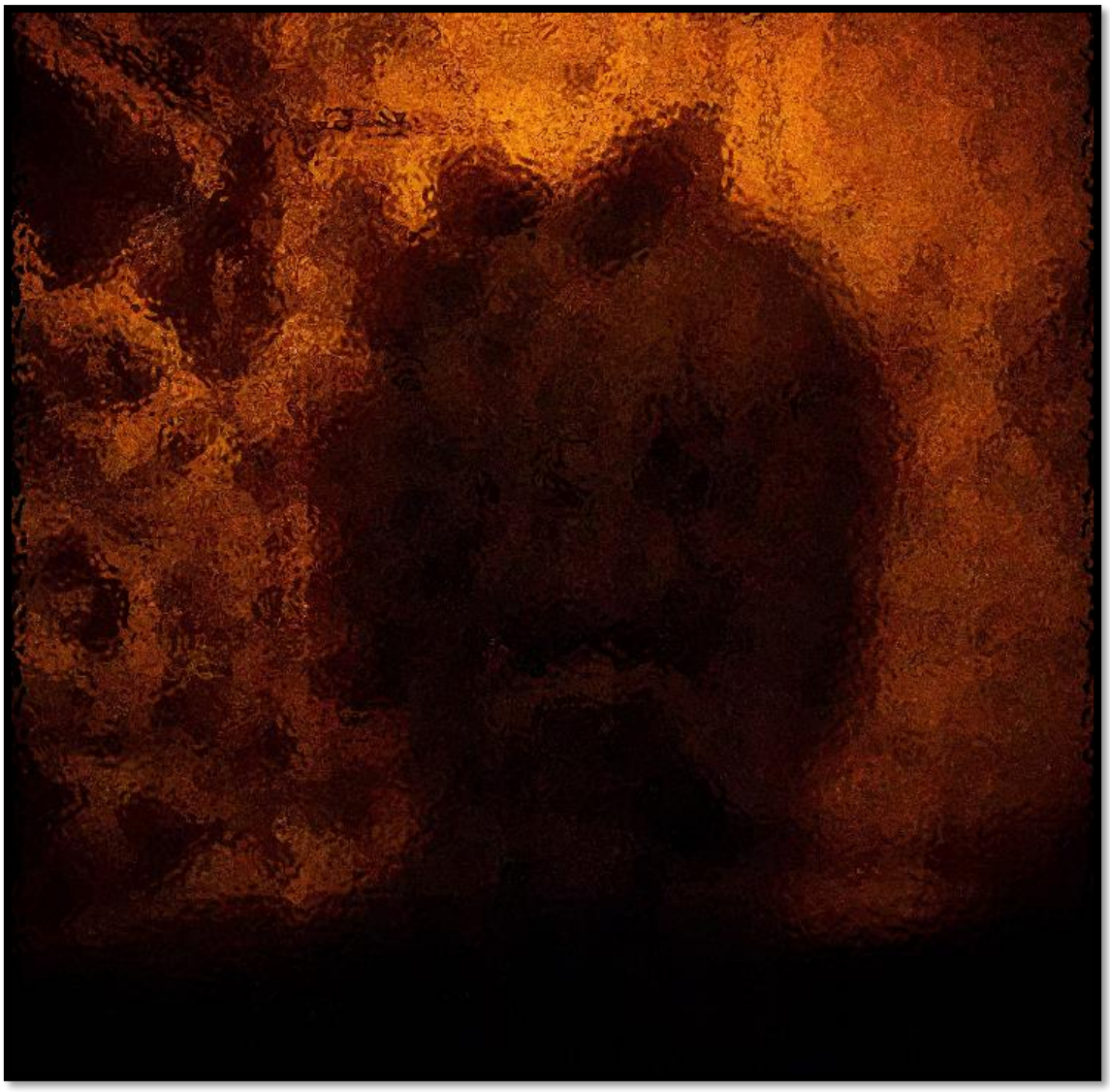


Figura 153 - "A Sombra (Assombra)". Fotografia digital. Fredé CF, 2018.

Tempo e espaço similares aos nossos. Manhã ensolarada. O mundo está em colapso. As ações das personagens principais não são aceleradas, seguem o

beat da música.
Pela janela de um edifício espelhado é possível ver as ruas tomadas por
pessoas. Algumas carregam bandeiras com um símbolo indefinido, talvez uma
runa (a equivalente ao B), talvez um rato, uma privada ou um grande nariz
de palhaço; nenhuma frase é lida na bandeira. Entre o grupo, vê-se que
alguns vestem camisetas da seleção brasileira, roupa camuflada, ternos. Um
traja uma indumentária viking. Outras pessoas estão encapuzadas. Algumas
se atracam, outras ignoram os transeuntes, depredam vitrines e fachadas.
Há fogo e fumaça, carros tombados, inclusive viaturas policiais. Uma boa
referência aqui é a manifestação que toma as ruas no filme "Cosmopolis"
(2012), de David Cronenberg.
A janela que dá a visão da rua é de um apartamento de uma "família
de bem". Uma adolescente olha com indiferença para a manifestação com uma
mala aberta sobre a cama. Começa a preenchê-la. Os itens reunidos na mala
serão índices do caráter dela e dos outros membros da família. Que também
fazem o mesmo. A montagem pode ser em paralelo. Na mala da menina, uma
patricinha loira: roupas de marca, armas brancas, vários celulares,
dinheiro em cédulas diferenciadas, um vidro de clorofórmio, corda e fita
adesiva. Um colar de orelhas.
Na do irmão mais velho (que parece um cantor de sertanejo universitário): cocaína, ivermectina, armas de fogo, Dólares e Reais, um
livro similar ao do Olavo de Carvalho, com título que insulta o leitor –
1001 armas de fogo para não se sentir um idiota –, uma camisa da seleção
brasileira, a bandeira de algum movimento neofascista europeu. Tira um
pôster de zoopornografia da parede e o enrola com cuidado.
O pai, em um terno azul com um boton cristão na lapela, abre um
cofre, tira dinheiro, ouro, títulos e cloroquina. Uma mala já está
fechada, mas na pressa, ele a deixa cair. Ela se abre e do interior

desabam vibradores de vários tamanhos e formas, enrolados em uma bandeira do Brasil vermelha, azul e branca na qual se lê "Order and Progress". O pai se agacha, pega um dildo, em formato alien, e o abraça junto à bochecha, com um rosto de ódio profundo. A mãe, uma versão cosmética da filha, junta joias, Euros, maquiagem, cosméticos, seringas com botox, caixas de remédio, a Bíblia, um Manual para humilhar serviçais e várias agulhas. Sorri com um rosto petrificado pela toxina botulínica. Antes de fechar a mala, lança por último dentro dela uma imagem ao estilo mórmon, de um profeta em túnica branca e com uma metralhadora palestrando no topo de uma escadaria para pessoas de várias etnias. Animais selvagens também o escutam com atenção.

Descem juntos para o estacionamento. Lá, cada um entra em seu carro, todos eles em óculos escuros, e seguem em comboio. Os veículos são versões modernas e de luxo daqueles em "The Cars that Ate Paris" (1974), de Peter Weir.

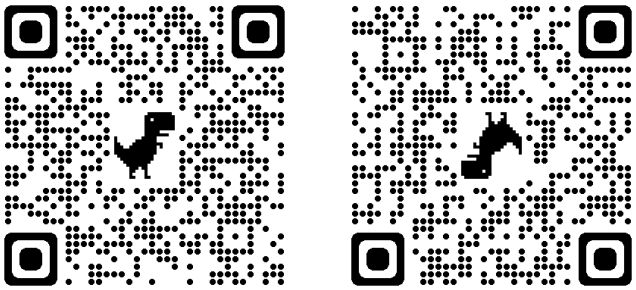
A mãe dirige um VW Beetle (cor de rosa Mary Kay) que atualiza o Fusca do filme. O pai guia uma caminhonete com chifres de boi na dianteira, testículos no lugar do engate e um adesivo da bandeira de Goiás no para-brisas. O filho segue em uma Harley Davidson gigantesca e a filha, em uma SUV bigfoot. Atropelam vários manifestantes, fazendo mira naqueles que não carregam as bandeiras. Sacam armas e disparam. O jovem usa uma espada.

No desenlace, vão se colidir contra uma barreira invisível. O pai, que segue adiante, ficará gravemente ferido, mas não morrerá.

Vários dos vibradores da mala penetram sua carne. A família de bem se assusta ao perceber que um grande olho de um rosto andino os observa para além do vidro.

Em um travelling, a câmera atravessa a barreira diante da qual a família parou. Então fica claro que estão dentro de uma garrafa transparente, segurada por um mendigo que veste uma meia máscara

estilizada de urubu. Outros vários mendigos estão com ele numa espécie de
lote abandonado usado como lixão. A família de bem, desesperada, tomba
para trás. O rapaz soca o vidro, saca uma arma e, em vão, dispara. O
mendigo gira o objeto em sua mão e vemos no rótulo a marca da bebida,
"Cachaça é sangue".
Nesse momento, ouvimos o discurso do Ciberpajé: "Muitos entram no corredor do matadouro por vontade própria. Esses que morram regurgitando o nome fétido de seu Messias."
Ao final, o mendigo joga a garrafa em um latão em chamas. Pano.
("O Messias de Rosemary". Escrito por Gustavo Ponciano. Confraria Anti-MekHanTrópica, 2021).



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

4.4. Os oráculos, os espelhos e a caixa

"Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto

Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto

É que Narciso acha feio o que não é espelho

E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho

Nada do que não era antes quando não somos Mutantes."

(Caetano Veloso)

Os oráculos operam em diversas sociedades (extintas ou não) como um espelho interior de onde eclode elementos e questões essenciais "do" e "ao" si-mesmo. O povo americano Mapuche, por exemplo, tinha uma personagem sagrada chamada Machi, que atuava na comunidade como uma conselheira espiritual,

médica, religiosa e protetora. Era também uma espécie de oráculo e possuía poderes extraordinários de comunicação com diferentes dimensões espirituais e forças da natureza. Há indícios de um tarô Mapuche com cartas de baralho pintadas em preto e vermelho[117].



Figura 154 - Cartas de baralho Mapuche.

Essas cartas trazem desenhos similares a outros tarôs de distantes origens, com representações de formas e personagens culturais comuns em diferentes tempos e espaços numa época de difícil circulação de informação. Tais relações dão uma aura extraordinária para tais artefatos, relacionada às ideias junguianas de “arquétipos” e “inconsciente coletivo”.

> O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos. O conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. A pesquisa mitológica denomina-as "motivos" ou "temas" (JUNG, 2000, P. 53).[118]

[117] Ver: https://www.mnhn.gob.cl/noticias/naipes-indigenas-las-cartas-de-los-aonikenk Acesso em: 16/08/2023.
[118] Disponível em: https://www.unijales.edu.br/library/downebook/id:707 Acesso em: 16/08/2023.

Uma forma possível pensada para o funcionamento do jogo/oráculo “Cani Buiu Oracle” acontece da seguinte maneira: 1) o jogador escolhe uma carta e a vira; 2) o jogador vira outra carta e tenta formar um par a partir das leituras dos QR codes. Ao se formarem pares, ou seja, ao ser lido pelo dispositivo o mesmo QR code em duas diferentes cartas, o jogador/interator acessa sua revelação contida no link revelado; 3) Os links contêm vídeos que, por si só, irão dialogar artisticamente com as subjetividades do jogador e, além disso, nas descrições dos vídeos, por escrito, virão textos que são expansões de significação relacionadas às cartas do oráculo.

O jogo contém 13 cartas, formando 26 pares de revelação, sendo 12 pares de códigos idênticos e 1 conceitual, formado por links distintos, mas que trazem o mesmo conceito de significação (Dominar/resignar) relacionado por mim enquanto criador e explicitados nas descrições dos vídeos “Genocida”[119] e “O Messias de Rosemary”[120], ou seja, ambos têm como referência poética o mesmo personagem antagonista desse universo. A escolha de manter esses dois vídeos como pares, mesmo sendo códigos/links diferentes se deu em alusão ao contexto obscuro que passamos durante a pandemia no Brasil, com mais de 600 mil mortos. Uma maneira de pontuar como protesto a terrível situação de exceção que passamos com o descaso de governantes frente um problema mundial.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

119Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2nB5uswwdYQ&t=3s Acesso em 18/10/2021.
120Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=P2p318Ae2Tc&t=7s Acesso em 18/10/2021.

Imputo elementos pessoais sobre os números de elementos dessa obra. Neste sentido, pensei poeticamente em relação a aspectos relacionados à minha existência, expondo analogias típicas da numerologia para representar minha subjetividade associada a crenças socioculturais que me tocam de alguma maneira. Ao integrar tais ideias poéticas no jogo/oráculo tento melhor me compreender e compreender o que me cerca, além de me colocar de maneira mística implicitamente na criação.



Figura 155 - "Novena". Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

Em “Cani Buiu Oracle”, o número 26 (de pares de cartas) corresponde poeticamente ao dia do meu aniversário e a soma dos seus números constituintes (2 + 6) formam o número 8, que remete à representação vertical do símbolo do infinito, funcionando como um sigilo mágicko conceitual na obra para a infinidade de possibilidades narrativas e transcendentes que podem ocorrer a partir dessa experiência em relação às minhas transmutações pessoais. Além disso, os 13 pares contidos na obra se relacionam com a carta de número 13 do tarô, a “Morte”, que indica ideias de renascimento, transformação e ciclos, como

a luz que pode vir das sombras atuais e florescem nos conceitos das músicas, vídeos, contos, poesias e imagens do universo.



Figura 156 – "Eu hoje chorei minha morte (XIX- O Sol)". Tarot MekHanTrópico. Fotografia Digital. Fredé CF, 2022.

Porém, como já colocado, apesar de 13 pares, são 14 códigos/links (pois há um par conceitual). O número 14 traz, no Tarô, "A Temperança". A propósito, durante a escrita final desta tese-criação, estabeleci com liberdade poética associações entre imagens mekHanTrópicas diversas produzidas por mim durante todo o percurso de doutoramento e os Arcanos Maiores do Tarô, o que chamei de "Tarot MekHanTrópico". Esta série artística integra, a partir dessa tese-criação, o universo de MekHanTropia e pode ser lido por qualquer um de maneira livre.

Retomando a ideia de “Temperança”, tento estabelecer como ideia em “Cani Buiu Oracle” a busca do fruidor por equilíbrio e bom senso a partir do autoconhecimento em meio ao sistema padronizante de MekHanTropia. Há também fortes conexões implícitas, na lógica desse jogo, entre “O Sol” e “A Lua”, entre o masculino e o feminino, entre o superior e o inferior, entre o interior e o exterior, entre o emissor e o refletor, bastante discutidos neste universo. Tais relações de contraste e complementação me ajudam a amarrar os conceitos dos mecanismos transmidiáticos com intenções existenciais e subjetivas originais.

Ao fundo do tabuleiro original feito como protótipo (em arquivo de *PowerPoint*) há uma imagem que intitulo como “Paisagem MekHanTrópica”, oriunda de uma foto feita da janela do apartamento em que morava e foi posteriormente submetida a interferências da Inteligência Artificial *Deep Dream Generator* fundindo a capa do álbum musical “MekHanTropia” à fotografia. Esse processo teve como intenção representar as ilusões de realidade tratadas no universo ficcional. Posteriormente, na versão final impressa do tabuleiro (que intitulo como “*Machine Choice*”), alterei a imagem colocando um *frame* do curta-metragem “Carta a Valdez”, também alterado na IA mas com cores e texturas diferentes. Nesta imagem do jogo impresso, pode-se ver um abajur como se fosse a cabeça de um ser humanoide deitado em uma cama com roupas humanas, representando ideias como iluminação, transmutação e hibridismo entre homem e objeto. Essa versão impressa participou de importantes exposições, em lugares como Museu da República e Ecce Monstra (Brasília-DF) e Espaço Ruptura Cultural (Goiânia-GO).

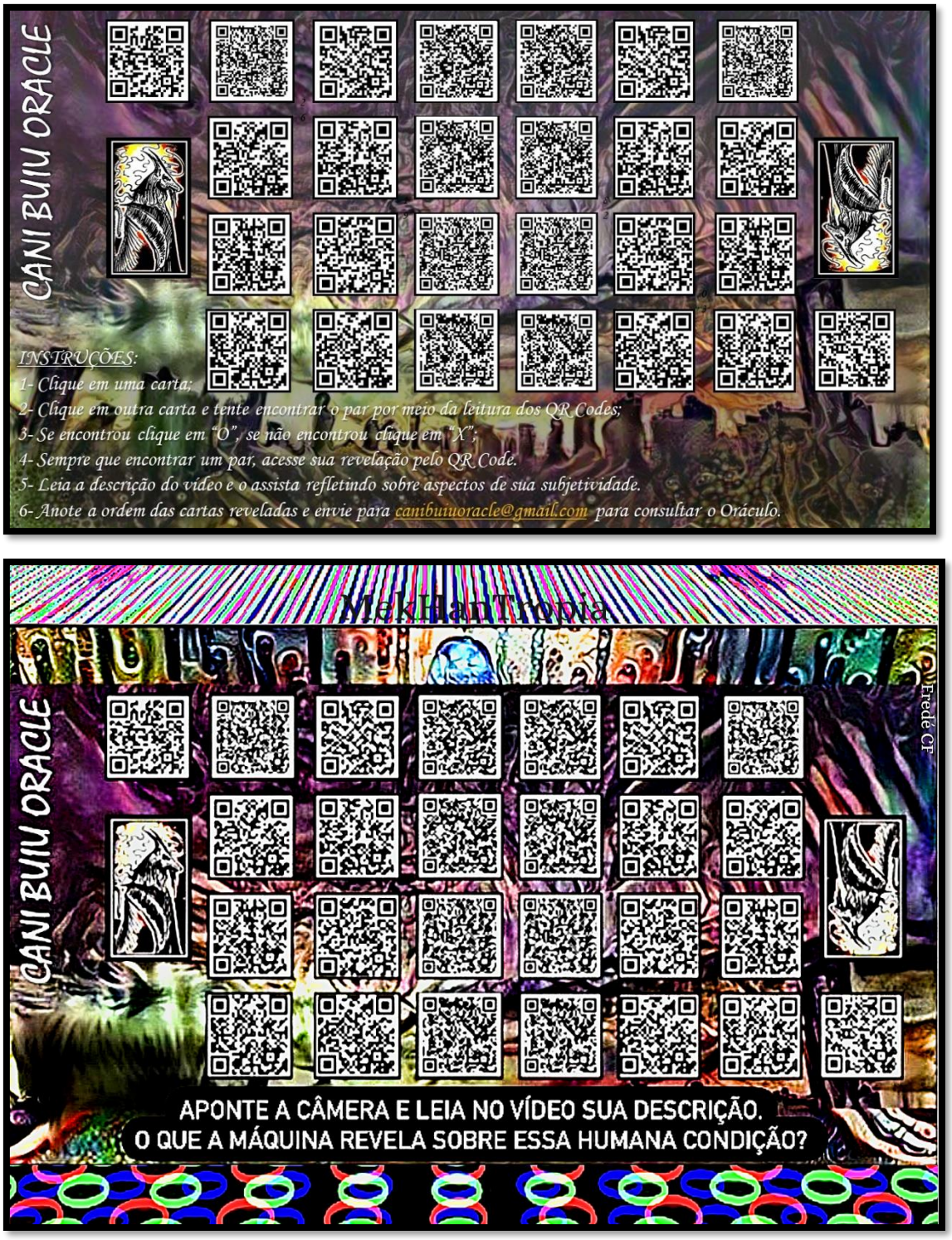


Figura 157 – As duas versões do tabuleiro do jogo/oráculo "Cani Buiu Oracle": Acima, a versão digital (ppt) e abaixo, a versão impressa ("*Machine Choice*"). Fredé CF, 2021/22.

Acessando o pensamento de Heidegger e Flusser sobre as imagens e suas simbologias, Han (2019a) coloca que:

> A 'imagem' sugere também a simplicidade ou a clareza da ordem do mundo. É fundamentalmente diferente das imagens midiáticas que

> apenas simulam o mundo. Heidegger tem em vista um mundo mítico, imagético, que segundo Flusser teria a seguinte aparência: 'o tempo coloca cada coisa em seu devido lugar. Se uma coisa se distanciar de seu lugar, então o tempo o põe em seu lugar: o tempo julga. Por isso, o mundo é cheio de significado: cheio de deuses' (...) O mundo hipertextual, hipercultural, seria, segundo a classificação de Flusser, um 'universo-ponto', no qual não há mais nenhuma ordem abrangente, seria, portanto, um 'universo-mosaico' que se consistiria, talvez, de vidros ou janelas coloridos (HAN, 2019a, p. 142-143).

As imagens de fundo dos tabuleiros, alteradas pela máquina (Inteligência Artificial), trazem imbricadas cores que caracterizam o universo de MekHanTropia, apresentando poeticamente, dentro dessas grandes janelas psicodélicas coloridas (tabuleiro) outras pequenas janelas em preto e branco (cartas) que podem operar como janelas ou espelhos, conforme já refletido anteriormente. Assim, os tabuleiros se mostram como portais de acesso à outras janelas/portais de transcendência do que ali é posto como ordinário. Segundo Han, a janela tem duas funções: "É primeiramente uma abertura ao exterior. Mas também ao mesmo tempo protege do mundo, como uma tela. Como uma espécie de janela, a tela opera não apenas revelando, mas também protegendo" (HAN, 2019, p. 86).

Na primeira imagem, do protótipo virtual do jogo/oráculo, a imagem "de lá" de fora (fotografia da cidade) feita de um "daqui" de dentro do apartamento, protegido (com o *smartphone*) e processado em um "lugar nenhum" desfactualizado (Rede Neural/IA) a partir de uma imagem que também representa, de certa forma, outras imagens e sons (a capa do álbum musical "MekHanTropia"). Assim, as ilusões postas se dão por confluências de ideias condensadas a partir dos processos de Arte e Tecnologia que contribuem para gerar representação poética de ambientação do jogo. O mesmo acontece com a segunda imagem, do jogo/oráculo impressa ("*Machine Choice*"), porém conceitualmente diferente, uma vez que o "de fora" seria a representação do hibridismo antropomórfico que recebemos, enquanto o "de dentro" seria a iluminação sobre aspectos sombrios da psique a partir da ação lúdica da obra.

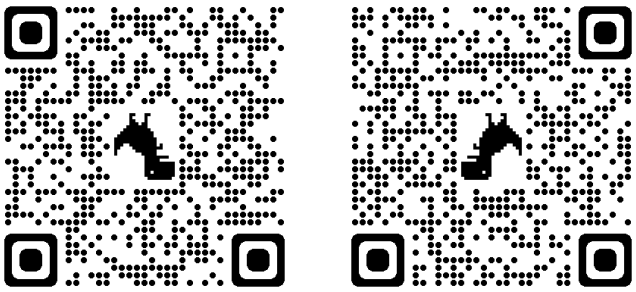
Narrativamente, "Cani Buiu Oracle" estabelece, em ambas as versões, relações com forças ocultas presentes no universo de MekHanTropia, trazendo visões e sugestões transdimensionais e experiências transcendentais aos personagens do universo e para quem o frui, também projetado imprevisivelmente enquanto personagem. Tais fenômenos fazem o personagem duvidar da realidade

ordinária que ele está inserido e, por isso, ele começa a ser um alvo do sistema. Esse jogo/oráculo serve na narrativa para que os personagens compreendam ecos de suas próprias histórias por meio de fragmentos oníricos dispersos na rede mekHanTrópica. Tais fragmentos representam a desintegração do ser em sua subjetividade narrativa para consigo. Assim, cada vez que se acessa “Cani Buiu Oracle”, além de olharmos nossas próprias sombras inseridas nesse universo, também damos vida à personagens projetados ao interior desse universo e acoplamos, de maneira lúdica, sua psique à nossa. Tal relação nos põe, de certa forma, alocados aos subconscientes fragmentados dos personagens de MekHanTropia, vendo fragmentos de suas histórias em contato com as nossas, o que instiga a tentar dar sentido a essas representações com intencionalidades poético-onírico-narrativas.

Busquei nos 22 Arcanos Maiores do Tarô, além da inspiração para a série de imagens “Tarot MekHanTrópico”, também o ponto de partida para as revelações das cartas codificadas pelos QR Codes em “Cani Buiu Oracle. Tentei associar as ideias relacionadas aos Arcanos com os vídeos, condensando algumas delas em uma só. Retomando a numerologia como referência estritamente poética, a soma do número da quantidade desses Arcanos Maiores do Tarô: 22 (2 + 2) é igual a 4, assim como a soma dos números da minha data de nascimento (26/03/1982: 2+6+0+3+1+9+8+2=31 e, por fim, 3+1=4).

É curioso o fato do número 4 também aparecer como soma dos algarismos relacionados à quantidade de pares que eu já havia estabelecido para o jogo/oráculo (13, sendo 1+3=4). Segundo ideias que integrei da numerologia[121], o número “4” representa aspectos de conservadorismo, de algo convencional, padrão, quadrado, enquanto os números “1” e “3” (que compõem tanto a primeira soma de todos os números de meu nascimento: 31, quanto, de maneira invertida, o número de pares do jogo :13) trazem ideias mais ligadas à liberdade, criatividade, coragem e independência.

121Disponível em: https://osnumeros.com Acesso em 10/06/2021



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Assim, o número “13” é considerado em várias culturas, leituras, rituais, superstições, religiões etc., um número muito ligado ao contraste, à complementação e às ideias de “Sombra” e “Luz” que trabalho em meu universo. Uma significação que reflete um conflito muito grande entre o conservadorismo atribuído ao número “4” e a liberdade, coragem e criatividade ligadas aos números “1” e “3”. Tais relações de representação artística são absorvidas por mim e colocadas em minhas obras como uma relação fundamental de construção e significação de uma espécie de mística atrelada a esse universo ficcional, adaptando poeticamente esses processos oraculares ancestrais à figura lendária do Cão Breu (Cani Buiu) por meio da tecnologia e dos processos criativos traduzidos nas poéticas que regem esse universo.

Os diálogos conceituais que fiz livremente, entre os Arcanos Maiores do Tarô e as indicações do que chamo como “revelações anti-mekHanTrópicas”, em minhas criações poéticas são:

0/22- O Louco: relação com o ato de “Revolucionar”;

1- O Mago: relação com o ato de “Aspirar”;

2- A Sacerdotisa: relação com o ato de “Analisar”;

3- A Imperatriz: relação com o ato de “Desenvolver”;

4- O Imperador: relação com o ato de “Controlar”;

5- O Sumo Sacerdote: relação com o ato de “Disciplinar”;

6- Os Enamorados/Amantes: relação com o ato de “Escolher”;

7- O Carro: relação com o ato de “Direcionar”;

8- A Justiça: relação com o ato de “Ajustar”;

9- O Eremita: relação com o ato de “Pesquisar”;

10- A Roda da Fortuna: relação com o ato de “Alterar”;

11- A Força: relação com o ato de “Dominar”;

12- O Enforcado/Pendurado: relação com o ato de “Resignar”;

13- A Morte: relação com o ato de “Modificar”;

14- A Temperança: relação com o ato de “Reconciliar”;

15- O Diabo: relação com o ato de “Desejar”;

16- A Torre: relação com o ato de “Dissolver”;

17- A Estrela: relação com o ato de “Harmonizar”;

18- A Lua: relação com o ato de “Expandir”

19- O Sol: relação com o ato de “Triunfar”;

20- O Julgamento: relação com o ato de “Transcender”;

21- O Mundo: relação com o ato de “Progredir”.

Extraí tais indicações de uma leitura sobre as cartas do tarô realizada durante o processo de criação tanto do jogo/oráculo quanto da série imagética “Tarot MekHanTrópico”. Tais verbos foram associados às cartas em levando em conta a leitura exercida por minha progenitora na ocasião, em um processo pessoal narrativo oracular que absorvi e ressignifiquei poeticamente para inserir em meu universo artístico ficcional. Pensei então sobre quais maneiras eu poderia adaptar essas relações entre a leitura de tarô feita por minha mãe e as peculiaridades das minhas obras, para servir como uma espécie de indicação (“revelação anti-mekHanTrópica”) de caminhos aos personagens e fruidores, caminhos estes direcionados mais para dentro que para fora de cada um.

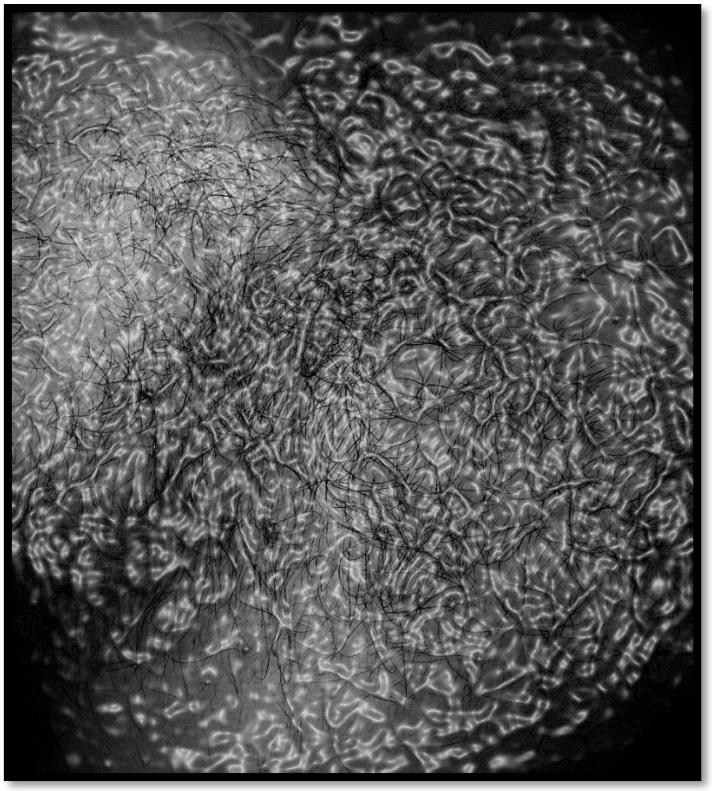


Figura 158 - “Demasiado Humano (plastificado)”. Fotografia digital. Fredé CF, 2020.

Nesse processo, refleti sobre as intenções de cada uma das músicas e vídeos produzidos por mim até aquela o momento em meu universo e resolvi vincular essas ideias às significações atribuídas por mim à cada arquétipo do tarô. Não quis manter uma ordem numérica para essa adaptação, pois a intenção não era copiar a leitura do Tarô, mas me inspirar artisticamente para a criação do mecanismo de “Cani Buiu Oracle” e da série “Tarot MekHanTrópico”, muitas vezes até distorcendo as significações como crítica à impermanência significativa característica do mundo atual.



Figura 159 - PrintScreen do "Tarot MekHanTrópico" completo. Fredé CF, 2023.

Assim:

- O verbo “Revolucionar”, relacionei à descrição do videoclipe da música “Tentando Explicar o Óbvio”, uma vez que tanto o vídeo quanto a música versam sobre resistência e enfrentamento ao sistema pela iluminação do autoconhecimento e da subjetividade/unicidade em oposição a padronizações institucionalizadas;

- Os verbos “Aspirar” e “Desejar”, relacionei à descrição do videoclipe da música “MekHanTropia”, por ser o primeiro videoclipe produzido nesse universo e a primeira faixa do álbum homônimo, além de trazer na letra uma ideia de busca e aspiração por saídas libertárias frente as trevas instituídas;

- O verbo “Transcender” relacionei à descrição do videoclipe da música “Sobre o Medo”, sobre a importância de olhar para aspectos sombrios e integrá-los para ressignifica-los e ir além de si-mesmo;

- Os verbos “Modificar” e “Alterar” relacionei à descrição do videoclipe da música “MekHanTropomorfização”, uma vez que a letra e o vídeo tematizam sobre o processo de metamorfose mekHanTrópica e as alterações sobre a condição humana biológica;

- O verbo “Analisar” relacionei à descrição do videoclipe da música “O Louco/Como se fosse loucura”, uma vez que somente os loucos refletem, ponderam, analisam, pensam “fora da caixa” no universo de *MekHanTropia*, correndo o risco de serem perseguidos, cooptados e/ou apagados;

- O verbo “Pesquisar” relacionei à descrição do videoclipe da música “O efeito antes da causa”, pela relação de criação, fruto de pesquisa que deu origem a este vídeo e música, com o pensamento de Marshall McLuhan (2005) acerca do fazer artístico;

- Os verbos “Desenvolver” e “Progredir” relacionei à descrição do videoclipe da música “Ecos Oníricos”, faixa título EP produzido ao mesmo tempo do jogo e que traz o conceito de fragmentação onírica e narrativa de Valdez enquanto eu-lírico, que tenta desenvolver seu autoconhecimento pela progressão narrativa;

- Os verbos “Escolher” e “Direcionar” relacionei à descrição do videoclipe da música “Na Encruzilhada”, faixa que encerra oficialmente a linearidade narrativa

do álbum “MekHanTropia” e acende a esperança do eu-lírico frente as obscuridades enfrentadas. A letra versa sobre uma transmutação a partir da escolha do eu-lírico pelo autoconhecimento através da arte;

- Os verbos “Ajustar” e “Dissolver” relacionei à descrição do videoclipe da música “Ao Amanhecer”, trazendo a ideia de adequações necessárias ao equilíbrio da existência e aos movimentos planetários que fazem a noite virar dia e vice-versa, integrando as sombras pela luz;

- Os verbos “Reconciliar” e “Harmonizar” relacionei à descrição do videoclipe da música “Por medo ou por preguiça (Deixamos de Sonhar?)”, em uma ideia de temperança e equilíbrio dosador sobre quem somos e quem queremos nos tornar. Um olhar de integração e cura sobre o passado para que o presente possa fluir a partir do que já não existe mais;

- Os verbos “Expandir” e “Triunfar” relacionei à descrição do curta-metragem onírico experimental “Carta a Valdez”, por trazer a luta do personagem com ele mesmo para então, por meio da expansão e transmutação criativa, intelectual, emocional e transcendental/espiritual, possa acessar sua essência mágicka animal e triunfar na resistência à padronização instituída pelo sistema;

- Os verbos “Controlar” e “Disciplinar” relacionei à descrição do videoclipe da música “Podre Ressentido”, faixa que abre o EP “Espelho de Obsidiana” e versa sobre instituições mekHanTrópicas que tentam dominar os indivíduos e cooptar ao sistema;

- Os verbos “Dominar” e “Resignar” relacionei à descrição dos videoclipes das músicas “O Messias de Rosemary” e “Genocida”, representando as ações necropolíticas que dominam de maneira antagônica o universo de MekHanTropia, bem como as consequências desastrosas fruto dessas práticas.

Como já colocado, essa última é a única carta do jogo em que o QR Code é diferente de sua dupla/par se tornando dois “ímpares” que, na essência conceitual, se vinculam ao antagonismo. O verbo (revelação anti-mekHanTrópica) e o “Diário de Quarentena” da carta são os mesmos, tanto no vídeo “Genocida” quanto no vídeo “O Messias de Rosemary”, com a função de

conectar os dois conceitos à representação do contexto político brasileiro na condução da pandemia de COVID-19.

Os chamados “Diários de Quarentena” (#diariosdequarentena), surgem em todas as descrições dos vídeos relacionados ao jogo e em outras ocasiões como diálogos, músicas, minicontos, poesias etc. Estes relatos estão espalhados por todo o universo de MekHanTropia e são feitos de maneira fragmentada pelos personagens dentro da narrativa onírica. Tais “diários” podem ser resquícios de sonhos, visões, memórias, diálogos, experiências ou até mesmo devaneios oriundos da imaginação dos personagens durante. A ideia é que estes elementos sirvam para plantar dúvidas no fruidor sobre a lucidez dos personagens e, sobretudo, questionar a realidade validada ordinariamente tanto do universo ficcional quanto a nossa própria. Além disso, estes rudimentos contribuem para a ambientação e criação de perfis psicológicos e de caráter para os personagens.

A trilha sonora de “Cani Buiu Oracle” em seu protótipo digital (ppt) é a música instrumental, composta e produzida por mim, intitulada “Mundo T(r)ela (Deep Blue Animus Shine)” presente no EP “Ecos Oníricos”[122], que traz hibridismos entre música eletrônica, violão, contrabaixo, guitarra elétrica e vocalizações meditativas. A faixa sonora foi escolhida para firmar a relação existente entre os dois processos que deram concomitantemente: a criação do jogo/oráculo e a criação do EP.

122Disponível em: https://fredefoak.bandcamp.com/album/ecos-on-ricos-ep Acesso em: 19/10/2021.

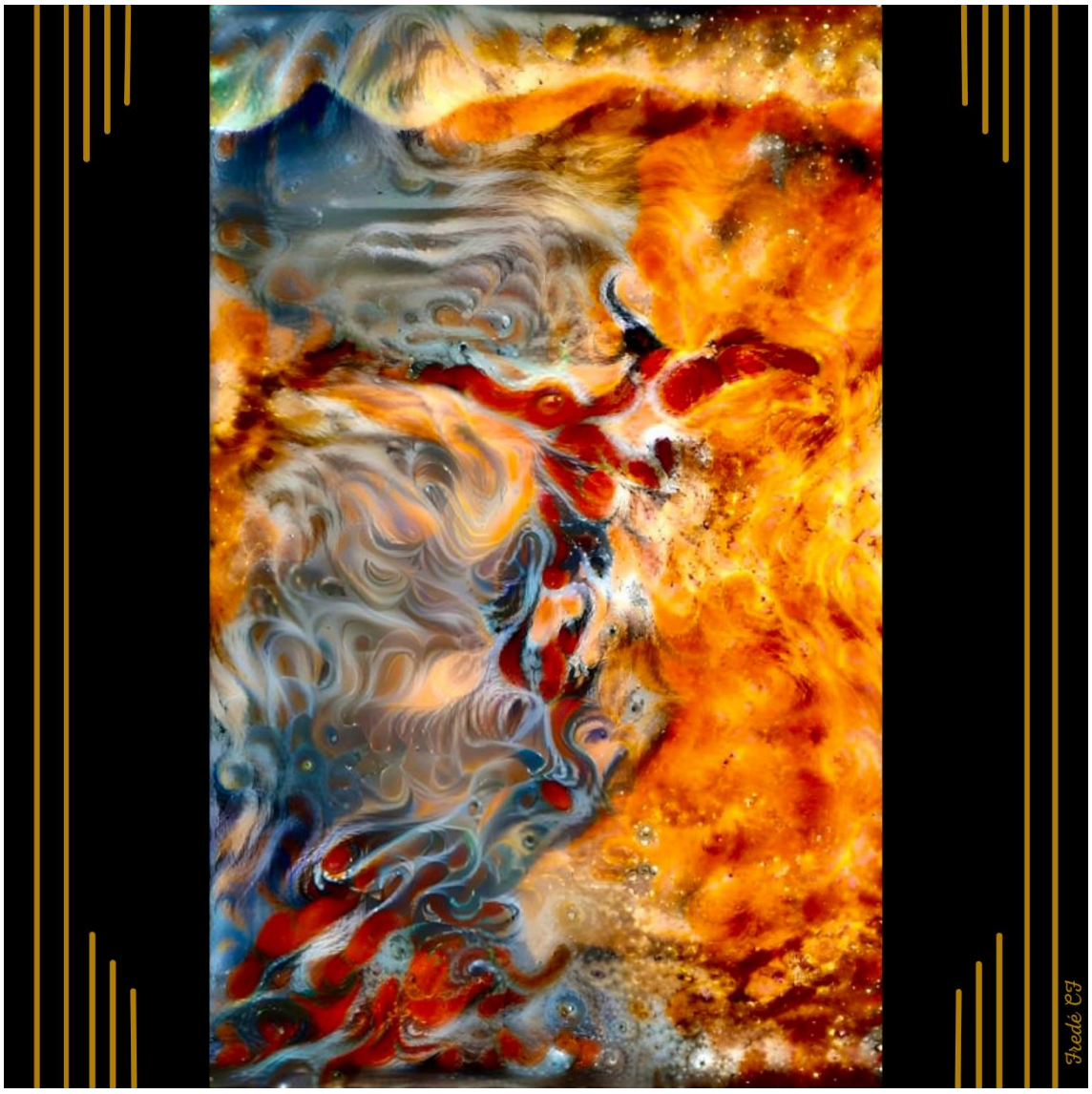
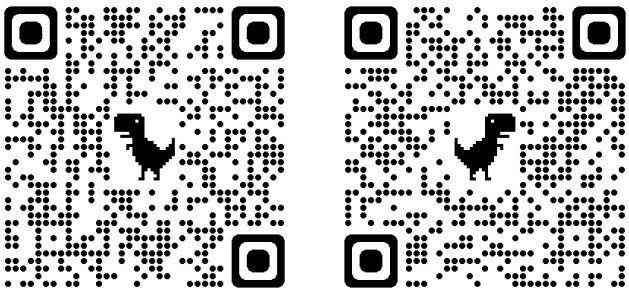


Figura 160 - "Nero (IV - O Imperador)". Tarot MekHanTrópico. Desenho digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

Ademais, esta tese-criação foi pensada como parte integrante de uma caixa (edição limitada de dez unidades), cuja imagem está no início deste capítulo. Esta caixa leva as cores principais utilizadas no álbum “MekHanTropia” (lilás e amarelo ouro, sendo o interior amarelo em alusão ao conteúdo, como um tesouro) e traz um adesivo com a arte feita pelo Ciberpajé em sua tampa. Dentro da caixa há vários itens que são como artigos mágickos neste universo. Artefatos especiais afetuosos que são uma raridade em MekHanTropia. Ao abrir a caixa vê-se um espelho abaixo da tampa que traz a ideia de que o “outro” me reflete e eu me projeto no “outro” de maneira distorcida (por isso o papel laminado, para causar um efeito de distorção). Há dois jogos: o “Cani Buiu Oracle” e o “Tarô MekHanTrópico”, além do CD “MekHanTropia”, sete dados e um pendrive com a

tese-criação e o curta-metragem inédito “The Black Dog walks at night” gravados. A caixa representa também uma relação de afeto, pois tive a colaboração e ajuda essencial de minha madrinha Delaine Carvalho na sua montagem e criação.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

4.5. Ecos oníricos sobre telas

“Oh, my life
Is changing everyday
In every possible way
And oh, my dreams
It's never quite as it seems
Never quite as it seems
I know I felt like this before
But now I'm feeling it even more
Because it came from you
Then I open up and see
The person falling here is me
A different way to be”.
(The Cranberries)

O EP “Ecos Oníricos”[123] foi produzido e lançado no caloroso e seco inverno goiano de 2021 durante a pandemia. A obra apresenta seis músicas autorais gravadas e editadas por mim (Fredé CF) pelo celular. A arte da capa foi trabalhada no *Deep Dream Generator* a partir de uma fotografia, tirada por mim,

[123] Disponível em: https://fredecf.bandcamp.com/album/ecos-on-ricos-ep Acesso em: 16/08/2023.

da minha sombra projetada na parede com uma xícara de café. Na imagem, após serem trabalhadas as cores e texturas com IA, me aparenta haver um ser sombrio inserido na silhueta do meu corpo projetado pela imagem original, como se fosse uma espécie de essência ou alma revelada pelos processos de criação mekHanTrópicos, o que me remete à representação de uma figura depressiva ou algo parecido. O eu-lírico da narrativa é o personagem Francisco Valdez, que busca alternativas de resistência ao sistema de MekHanTropia por meio dos sonhos, de reflexões e conexões colaborativas transbinárias e transdimensionais em sua existência, atuando assim em seu autoconhecimento e tentando escapar de padronizações maniqueístas instituídas.



Figura 161 – Arte da capa do EP "Ecos Oníricos" (2021). Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2021.

“Ecos Oníricos” (2021) tem como inspiração alguns sonhos que tive durante o período pandêmico, tecendo alusão a narrativas oníricas e fantásticas; reflexões existenciais e contraculturais; devaneios pós-humanos transcendentais; e experimentações sobre ações colaborativas anti-mercadológicas que se interseccionam e materializam artisticamente através da obra. O processo

criativo iniciou-se de lembranças (ao acordar) e interpretações subjetivas sobre sonhos que tive, além da ideia de desconexão narrativa e conexão conceitual que os sonhos estabelecem com os repertórios do sonhador (assim como o conceito do jogo “Cani Buiu Oracle”). Logo, escrevi sobre os temas e tentei ambientar os sons baseados nas emoções sentidas durante tais experiências.

Além disso, convidei três músicos/artistas/parceiros para contribuírem com suas ideias poéticas, ecoando tais argumentos oníricos a novas possibilidades e deslocamentos conceituais, são eles: 1) o musicista e cineasta Rafael Simon, que compôs ambientações com guitarras ruidosas viscerais e batidas eletrônicas, trazendo um clima de flutuação no tempo e espaço para a primeira faixa, cujo título é homônimo ao EP. Logo após sua participação nessa obra, Erre Simon me convidou para fazer uma participação especial com letra e voz em seu álbum “O Terceiro Voo da Ingenuidade” (2021)[124] na faixa “*Jodorowski’s Dream*/Poder e Queda”[125], lançada também em forma de *single* cuja capa foi criada com a fotografia "*We Three (My Echo, My Shadow And me)*", feita por mim; 2) o artista transmídia, professor e pesquisador Edgar “Ciberpajé” Franco, que gravou, com seu berimbau de boca, sons psicodélicos ritmados e recheados de lisergia atuando em contraste com a estrutura cancioneira e trovadora da faixa “Agora”; e 3) o musicista, professor, escritor e meu parceiro de banda (no Cão Breu), Gustavo Ponciano com sua guitarra mágica gerando um clima soturno e visceral na faixa “*Salamanca Blues*”.



Figura 162 - Capa do álbum "O Terceiro Voo da Ingenuidade" (à esq.) de Erre Simon (2021); e capa do *single* "*Jodorowski's Dream*/Poder e Queda".

[124] Disponível em: https://encurtador.com.br/bS059 Acesso em: 17/08/2023.
[125] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=E-Z_QKuSxYY Acesso em: 17/08/2023.

O EP “Ecos Oníricos” conta ainda com as faixas: “O efeito antes da causa”, com reflexões oriundas do pensamento de Marshall McLuhan e da série “Arquivo X (The X-files)”; a faixa “A persistência do tempo”, inspirada na poesia concretista e em reflexões sobre as lógicas de ordenação temporal da realidade, articulando pausas, silêncios e andamentos com as acelerações típicas da vida cotidiana atual; além da faixa já citada, “Mundo T(r)ela (Deep Blue Animus Shine)”, que mescla vocalizações, ruídos, música orgânica eletroacústica e música eletrônica. A faixa fecha a obra e adentra conceitos sobre a influência das redes digitais e dos fluxos telemáticos em nossas subjetividades e projeções, influenciando o que está dentro e fora de nós e colocando em perspectiva um futuro distópico de controle total do sistema pela naturalização da ilusão mekHanTrópica, nos induzindo a jogar o jogo do sistema e nos transformando em engrenagens. Os ecos de resistência são então abafados e os sonhos transformados em estímulos elétricos sonoros.

Esses diálogos estabelecidos como processos de criação entre meus sonhos, as poéticas artísticas autorais, o universo de MekHanTropia, o pensamento científico, as tecnologias disponíveis ao meu alcance, o contexto de pandemia, a necropolítica instituída e as parcerias colaborativas estabelecidas, expandem a experiência onírica original a novas dimensões conceituais que ecoam a partir de inconscientes que se cruzam, materializando artisticamente tais fenômenos. Essa não é a única obra desse universo em que tais relações acontecem. Outras criações como o EP “Canúbis” de 2022, feito em parceria com o Ciberpajé; e o curta-metragem/episódio piloto “*The Black Dog walks at night*” de 2023 (dirigido, roteirizado e produzido por mim), também possuem processos parecidos.

A cada novo encontro também se transmutam percepções, ressignificam-se memórias e provoca-se a imaginação de quem entra em contato com o universo por suas diversas obras. Encontros poéticos e filosóficos pós-humanos entre a “Realidade Validada” (pelas percepções, emoções e ideias de diferentes indivíduos), a “Realidade Vegetal”, transcendente, ancestral (dos sonhos, rituais e inconscientes conectados) e a “Realidade Virtual” que possibilitou (e possibilita) encontros sonoros e visuais transmutacionais entre humano x máquina pelos binarismos das redes.

Há também uma narrativa paralela escondida no EP, junto às letras das músicas na plataforma BandCamp e também fragmentado nessa tese-criação. Um miniconto mekHanTrópico dividido em seis partes intitulado “O Cão Breu Latino (As Aventuras de Valdez em MekHanTropia)”. Um sonho dentro do sonho a ser experimentado que dialoga transmidiáticamente com alguns “Diários de Quarentena” dos personagens presentes nas descrições de vídeos no YouTube.

A ideia do amanhecer (em MekHanTropia) me lembra O Mito de Sísifo, um personagem da mitologia grega condenado eternamente a empurrar uma pedra ao topo de uma montanha para vê-la rolar morro abaixo por uma força irreversível, sendo forçado a repetir o mesmo processo eternamente. É uma metáfora ao homem que vive sua existência em busca de sua essência, do seu sentido, e encontra um mundo desconexo, ininteligível, guiado por entidades sufocantes como as religiões e ideologias políticas. A solução em não encontrar um sentido não deveria ser o suicídio, mas sim a revolta, a paixão, a Liberdade.

O conceito de Mekhantropia, como entendi, é uma fusão do digital sem paixão, revolta, liberdade e alma; com o humano. É a morte do sonho, a demonização do cansaço, a necessidade da produtividade com o preceito de que nada é impossível e só depende de você, a relação humana artificial e rasa, a alienação, perda de humanidade.

Minha ideia para esse roteiro-conto-argumento é criar uma história que esteja situada no universo conceitual mekHanTrópico proposto pelo pelo Fredé CF. A intenção é que ela se relacione também com os temas da música “Ao Amanhecer” (do álbum “MekHanTropia”) e com as sensações e reflexões que ela gerou em mim.

A forma que vai dar norte a minha escrita parte da junção entre o que foi proposto por ele, interpretado por mim e transposto para um cenário ficcional que tem como base a minha realidade: O lugar onde moro, meus dilemas pessoais, meus sentimentos. Fazer uma junção entre a formulação teórica e artística dele e uma escrita autoficcional.

Sequência 1: o momento que a sombra vem buscar o protagonista. O episódio já começa mostrando o desfecho fatalista.

O interfone toca, acima dele a tela de monitoramento do apartamento mostra o entregador. O protagonista atende sem seu rosto aparecer em cena. As mãos pegam a máscara, ele esfrega álcool em gel nas mãos.

O monitor mostra o protagonista entrando no elevador, ele está com o braço direito sobre o esquerdo e com a mão direita apoiada na testa, cobrindo seu rosto.

Ele escaneia o rosto na tela de reconhecimento facial, pega a comida, sem ter sua face mostrada em cena. O entregador pede que o protagonista o avalie quando possível, ele murmura que sim. Antes de voltar para a moto, o entregador se mostra surpreso com a aparência abatida do homem, pergunta se ele está bem, ele murmura que sim.

O plano o mostra comendo um fast food de costas e a tela de monitoramento, o próximo plano mostra somente a Tela.

A sombra aparece na portaria, ele percebe, para de comer e observa atônito. Vemos seus olhos enquanto assiste ao ser passar pela segunda porta, entrar no elevador, subir nove andares e entrar no hall do seu apartamento. A porta do elevador bate, o interfone cai do gancho, a campainha toca.

Hesitante e ofegante ele se dirige a porta, encara a maçaneta por alguns momentos, tenta olhar pelo olho mágico, mas só vê escuridão e dois pontos vermelhos. Abre a porta com cautela e observa dentro do breu do hall. Dá um passo à frente, a luz acende e ele dá de cara com a sombra.

Sequência 2: a apresentação do Setor Bueno, o bairro mais demograficamente concentrado da cidade de Goiânia-GO. O lar da classe média e da elite goiana. O bairro oficial do panelaço.

Avenida T-63 na hora do rush, a avenida paulista do cerrado, buzinas, muitos carros, câmeras de vigilância na rua, prédios comerciais espelhados, residenciais com nomes europeus, agências de banco "Personnalité", salões de beleza, Mega complexo veterinário/pet, feira do setor Pedro Ludovico.

Shitzus passeiam com seus donos, moradores correndo no parque Vaca Brava, moradores se alongando com boné do coração de rua do Homero, pessoas jogando tênis.

Vista da varanda: Janelas para todos os lados, em um só prédio, várias empregadas domésticas trabalhando na cozinha, ponto de ônibus lotado, ponto de concentração de entregadores do IFood no viaduto da T-63, vendedores de água de côco, frentistas do posto de gasolina, pessoas de máscara no supermercado.

Do vaca brava, a câmera capta o protagonista observando a cidade da sua varanda. Vai se aproximando com zoom in e mostra o protagonista fumando.

Fade out

Sequência 3: A apresentação da casa, da rotina, da família, do estado mental inicial do personagem, que está experienciando o começo da quarentena e tentando se manter otimista e cultivar hábitos saudáveis durante a quarentena.

Tela preta.

Voz off entoa: iiiiiiiiiiiiiii… eeeeeeee…, ôôôôôôôôô….

Esse mantra se repete durante a sequência. A música "Ao Amanhecer" toca de Back Ground

Fade in

Um beija-flor bebe água do bebedouro da varanda.

Mãos do pai cuidam da horta.
A mãe, vestida de xamã, abre as janelas de casa.
Uma panela quente, em plongée, mostra vegetais sendo refogados.
O peito do pai com um colar preto e vermelho em close, enquanto ele cozinha.
Um feixe de luz invade a sala formando um arco-íris no sofá.
A decoração da casa: o santo crucificado, estátua de Nossa Senhora de Aparecida, estátua de Dom Quixote, móveis antigos de madeira dividindo espaço com móveis modernos.
Vemos a mãe no sofá e a voz off se torna diegética.
Fade out de som e imagem
Fade in
Música suave misturada com sons ambientes
Sequência de imagens com a câmera na mão e um filtro nostálgico:
Uma criança sentada no pé de uma árvore em um dia ensolarado enfia a mão esquerda na areia, a outra afaga os pelos de um cachorro.
Ela corre na grama alta com o cachorro e um amigo negro, sob a supervisão de uma mulher negra.
Uma mão branca idosa amarra o barbante em um peão. Olhar atento da criança. O pião roda no chão de taco, barulhos de cozinha. Fusão.
Visão da mesa servida com pães de queijo, pão e bolo e uma senhora branca de costas cozinhando.
Idosa branca rezando com a Bíblia e o terço na mão.
Uma jovem mulher na praia, dançando com um pano vermelho e sorrindo para a câmera.
O sonho é interrompido
Cresce sobre cena o som de uma videochamada
Nilson: "Então é isso galerinha, isso pode parecer ruim, mas na verdade é uma oportunidade. A gente vai se falando. Qualquer coisa me chamem, não têm problema. Sem mimimi, vamo pra cima!"
("Ao Amanhecer". Escrito por Fernão Carvalho Burgos. Confraria Anti-MekHanTrópica. 2021).

4.6. O audiovisual como ateliê de experimentação dos ecos transmidiáticos oníricos em MekHanTropia

"Welcome, my son, welcome to the machine
Where have you been?
It's alright, we know where you've been".
(Pink Floyd)

O audiovisual é um meio e linguagem artística de representação em constante ascensão e popularização em nossa era. Possibilita, aliado à rede telemática,

inúmeras articulações, comunicações e penetrações em tempos e espaços impensáveis. Está cada vez mais fácil produzir, consumir e distribuir conteúdos audiovisuais e discursos pela rede. Busco experimentar, nesse sentido, poéticas e processos que nadem de alguma maneira contra as narrativas tidas como “tradicionais” (teleológicas), testando possibilidades entre os sentidos, a imaginação, as memórias, plataformas midiáticas e dispositivos audiovisuais atuais. Não apenas na intencionalidade do que fazemos com as tecnologias, mas, sobretudo, no que elas fazem conosco para pensar o que isso pode trazer como consequência.



Figura 163 - "Avatar (O Acimador cooptado em MekHanTropia ou O feitiço e o feiticeiro)". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2021.

Os diálogos polissêmicos que a rede internet possibilita tecer (no contexto de dispersão e confinamento pandêmico) com diferentes ouvintes e, consequentemente, imaginários que entram em contato com o conceito estreado com o álbum “MekHanTropia”, estabeleceram diversas ligações entre os elementos da obra e diferentes pessoas. Essas conexões interpretativas foram provocadas subjetivamente pelas sonoridades e visualidades presentes, que desembocaram em um projeto de se fazer uma “Antologia Audiovisual Seriada (AAS)”, que intentava abarcar diferentes criadores para pensarem narrativas dentro deste universo ficcional a partir do contato com o álbum em questão. A princípios, essas narrativas seriam utilizadas audiovisualmente, constituindo

episódios para uma série. Porém, essa ideia se transformou em um projeto transmidiático, assim como toda a criação desse universo ficcional.

Com o objetivo de estabelecer relações de criação entre Arte Colaborativa e Arte Experimental, inaugurei a “Confraria Anti-MekHanTrópica (CAM)”, que abarca pessoas do meu círculo que se dispuseram a mergulhar na MekHanTropia de maneira insurgente e narrativa, bolando argumentos para possíveis episódios de uma hipotética série audiovisual, que pode futuramente ser colocada em prática. Os membros e membras iniciais dessa Confraria são: Gustavo Ponciano, Leticia Guelfi, Roberto Franco, Denise Carvalho, Fernão Burgos, Léo Pimentel, Sofia Nady, Gilvane Felipe e Giovana Barcelos, além da mim com a contribuição para o episódio piloto, totalizando dez argumentos/episódios (em anexo e espalhados oniricamente nesta tese-criação).



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

A “Confraria Anti-Mekhantrópica (CAM)” é uma frente de resistência em constante movimento, como o Cosmos (em expansão e contração), não se limitando apenas às escritas mencionadas dos argumentos. Durante o trajeto, diversas pessoas contribuíram de maneira espetacular com o crescimento do universo. Além das pessoas já citadas, parceiros como Rosa Berardo, Edgar Franco, Brunna Nastassia, Jordão Vilela, Erre Simon, Rennan Tatuadouro, Gazy Andraus, Evandro Galo, Delaine Carvalho, Guilherme Tell, Daniel Cardoso, entre outros tantos reexistentes trilharam comigo caminhos artísticos fundamentais neste universo em expansão, cantando, tocando, desenhando, tatuando, escrevendo, costurando, intervindo artisticamente a partir da MekHanTropia.



Figura 164 -"Cão Breu". Desenho à lápis feito por Daniel Cardoso. Confraria Anti-MekHanTrópica, 2023.

Uma das características basilares da CAM é operar por meio de múltiplos olhares e reflexões sobre os conceitos que permeiam o universo de “MekHanTropia”, no sentido de pensar sobre questões importantes que nos tocam subjetivamente nesta relação que estamos imersos. As múltiplas linguagens, ações e interpretações praticadas funcionam como agente de intertextualidades na poética da obra, tanto de maneira formal (do termo às músicas; das músicas ao álbum; do álbum às narrativas, intervenções, roteiros, contos, curtas, fotos, argumentos etc.), quanto conceitual, pela variedade de vozes, olhares, ideias e sentimentos presentes, manifestados em forma de criação artística.

A priori, em 2020, o intuito era que essas pessoas se baseassem nas faixas do álbum para escrever, de maneira livre, um argumento para episódios em formato de curta-metragem para uma futura série. A ideia inicial era que os dez episódios seriam independentes enquanto narrativa não-sequencial dentro da série, porém se articulando ao conceito geral de MekHanTropia (intrínseco à obra e elo principal de condução e conexão entre os episódios dispersos). O convite foi feito por meio de uma conversa prévia minha com várias pessoas que entraram em

contato com minhas obras (em especial com o álbum “MekHanTropia”), identificando a possibilidade de participação nessa confraria. Algumas dessas pessoas toparam outras não, por diversas razões. De forma geral, me impressionei com o mergulho dessas pessoas em minha obra e conceitos propostos e os trago aqui para ilustrar esse relato. Tais narrativas podem também servir para criação de aventuras a serem jogadas/vividas neste universo, porém essa ideia ainda precisa ser melhor maturada.

Caro(a) leitor(a)/fruidor(a),

Passando aqui para trazer uma curiosidade. Você já deve ter percebido que os códigos de resposta rápida (QR Codes) aqui utilizados são esteticamente binários. Suas apresentações variam de duas maneiras: com uma imagem de um dinossauro (T-Rex) e sem a imagem desse dinossauro. Por que será? Você já se questionou sobre isso?

Em primeiro lugar, a imagem do dinossauro é característica da marca Google e nasceu como símbolo de falta de conectividade. Desde 2014, a empresa criou um jogo, cujo personagem é o dinossauro, para ser jogado quando se está sem acesso à internet e quiser “matar o tempo” (mas o que se mata, de fato não é o tempo, mas nós mesmos já que tempo” é a nossa “vida”, não?). Para acessar este jogo, basta digitar chrome://dino no navegador do computador ou smartphone. Esse dinossauro se tornou um símbolo do navegador Chrome, da Google, e ao se gerar os QR Codes pelo navegador, eles surgem indexados imageticamente aos códigos.

Optei por utilizar QR Codes nesta tese-criação mekHan Trópica que trazem a imagem do dinossauro, como um alerta simbólico à possibilidade de nossa extinção e, de maneira operacional, como uma amostra do poder que determinadas empresas, como a Google, têm na regência e cooptação do sistema de MekHan Tropia, facilitando essa criação e institucionalizando os códigos com significações associadas a ela. Os códigos que não trazem a figura do dinossauro, foram gerados em uma realidade pré-mekHan Trópica, acessando sites alternativos para isso. Por vivermos em uma cultura que nos exige cada vez mais rapidez para viver, resolvi utilizar essa ferramenta do navegador Google Chrome visando maior agilidade no processo de escrita, porém, isso me gerou essas reflexões que aqui trago e, no fim das contas, agregam significados à esta obra, como um “papel timbrado” que determina uma das origens do poder de MekHan Tropia.

Outras possíveis relações são com as ideias de “jogo” e de “conectividade”, uma vez que este universo mekHan Trópico é criado originalmente de maneira digital e, por

sua característica transmídia, dialoga com esses dois conceitos citados. É uma espécie de "jogo", como já antes relatado, e necessita de "conectividade" com a internet para ser acessado de maneira geral.

O maior objetivo desta criação é pensar sobre nossa, cada vez maior, hiperdependência das redes e fluxos digitais. Espaços e tempos já privatizados e dominados por grandes conglomerados.

Não há saída. Estamos todos cooptados!

Fujam para as montanhas!

(enquanto ainda é possível).

Antes da extinção.

Nos vemos depois do futuro...quem sabe...

Com afeto.

(Carta d'O Acimador para você. MekHanTropia, ano zero).

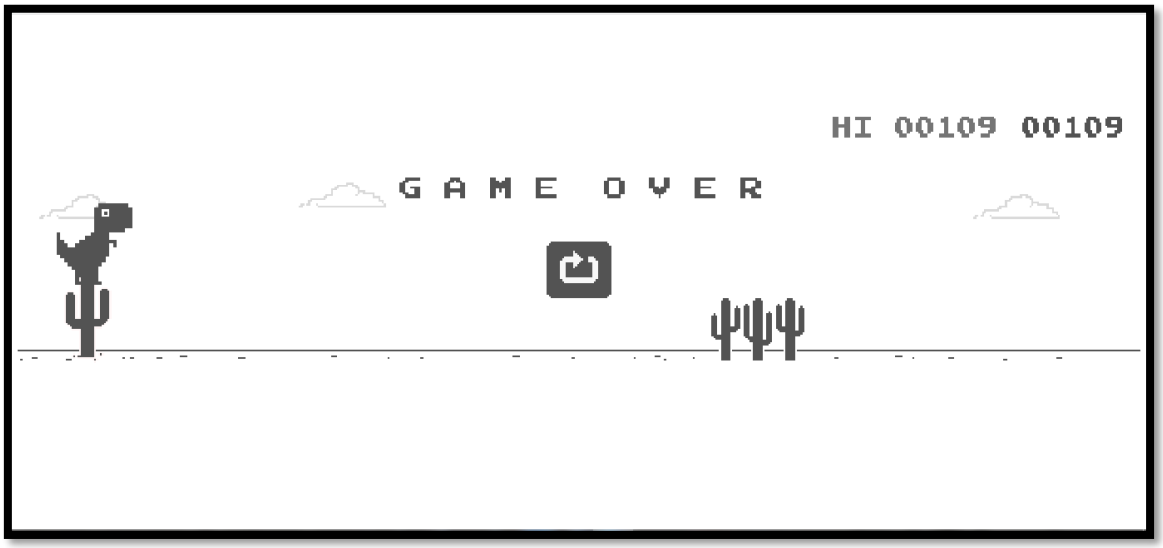


Figura 165 - PrintScreen do jogo do Dinossauro presente no Google Chrome.

O universo apresentado no argumento inicial feito por mim, intitulado "*The Black Dog walks at night*" (2023), parte da premissa que os cidadãos nunca dormem de maneira profunda, para que não possam sonhar. Dormir é imoral, uma vez que o sono é um limite ao consumo e, pelos sonhos, podemos nos autoconhecer e nos subjetivar, além de ser considerado, nesse universo, uma "perda de tempo" para produzir e enriquecer aqueles que comandam o sistema.

Assim, o "curta-metragem/episódio piloto" inicia-se com um hamster gritando, com medo e raiva, preso em uma gaiola, para representar a condição mekHanTrópica estabelecida. Na cena seguinte, vemos o personagem Valdez

em seu apartamento, vestido uma camiseta com um canídeo negro estampada, abrindo “caixas” e, ao acessar os conteúdos destas caixas, vai descobrindo-se enquanto sujeito e se autoconhecendo até acessar suas subjetividades por meio dos sonhos, em uma viagem psicodélica onírica que traz algumas relações com o personagem Dom Quixote (em forma de estátua), com o tarô, com o tempo, com a imaginação, com a percepção, com as memórias, com animais de poder, com mandalas, mitologias e elementos simbólicos constitutivos deste universo (dados, máscaras, colar de obsidiana negra, lhama, relógio etc). O vídeo se encerra em uma sequência poética de transmutação e reconexão despertado pela personagem Aila que o convida, dentro do sonho, a acordar e o Ciberpaje, que o orienta sobre os caminhos para se libertar. Valdez então escapa de sua condição urbana mekHanTrópica e adentra sua essência animal, se reconectando à “Realidade Vegetal”.



Figura 166 - Frames do curta-metragem/episódio piloto "The Black Dog walks at night”. Fredé CF, 2023.

Neste filme, trabalho constantemente as relações entre “objetividade” e “subjetividade” através dos jogos de câmera (objetiva e subjetiva), tentando tecer um mergulho na mente do personagem. A trilha sonora e os efeitos visuais conduzem o espectador e o personagem nessa jornada para dentro de si. Tento sempre evidenciar as cores (amarelo e lilás) da capa do álbum “MekHanTropia”, além de trabalhar elementos de composição fotográfica como reflexos (no

relógio da independência, em alusão aos espelhos e à libertação que deve ser interna), contrastes de sombra e luz (em alusão ao pensamento junguiano, que inclusive é recitado ao início em “voz off”), perspectivas, aproximações dos personagens à câmera, quebra de quarta parede (Aila dizendo “Wake up” para Valdez e para o espectador), texturas, sons, silêncios, desfoques, movimentos de câmera, closes, planos de detalhe e ângulos me ajudam a dar suportes conceituais à obra pela linguagem cinematográfica.

Um fator de distorção conceitual intencional é que o título diz que “o Cão Breu caminha à noite”, mas no desfecho, do cão caminhando em meio à natureza, a cena se passa de dia com o intuito de brincar com essas concepções. O que está dentro e o que está fora? Ou seja, a referida “noite” é interna. O mesmo ocorre no início, quando o personagem é apresentado e abre as caixas obtendo a “iluminação/luz” para se libertar em seu apartamento, durante a noite. Outra referência imputada na obra é o reflexo do personagem no relógio, que remete ao episódio político ocorrido no Brasil em 2023, referente à aquisição de um *rolex* e joias ilegais pelo Messias e membros de sua horda mekHanTrópica[126].



[126] Ver: https://www.cnnbrasil.com.br/politica/foto-usada-para-vender-joias-presenteadas-ao-governo-/revela-reflexo-do-pai-de-mauro-cid-veja-imagem/ Acesso em: 17/08/2023.



Figura 167 - Frames do curta-metragem/episódio piloto "The Black Dog walks at night". Fredé CF, 2023.

Este curta foi filmado, dirigido, editado e produzido por mim em 2023 totalmente pelo *smartphone* utilizando aplicativos gratuitos e sem roteiro pré-estabelecido, baseando-me nas ideias que estruturam esse universo ficcional, em escritos prévios feitos por mim e em situações (oníricas e em vigília) das quais passei nos últimos tempos e que me viam à consciência durante a criação da obra, como automatismo psíquico[127]. Muitas explicações e conceitos atribuídos aqui ao curta, foram pensados posteriormente, já com o "esqueleto" da obra criado. A

[127] Ver: https://encurtador.com.br/nwLQ3 Acesso em: 18/08/2023.

obra conta com a colaboração e participação especial de membros da CAM cedendo imagens, como Edgar Franco, Brunna Nastassia, Jordão Vilela e Fernão Carvalho Burgos, além de orientações e *feedbacks* dados pela minha orientadora profa. Rosa Berardo, mencionada poeticamente na obra pela figura de uma rosa desenhada na caixa, cor-de-rosa, aberta pelo personagem.



Figura 168 - Frame do curta-metragem/episódio piloto "The Black Dog walks at night". Fredé CF, 2023.

Em MekHanTropia, o antagonismo parte, de fato, dos megabilionários tecnocratas que comandam os grandes conglomerados atuais. Estas figuras, chamadas aqui como "Elonions"[128], são representadas como eram os reis-deuses do passado, ou seja, como entidades sobrehumanas com poderes ilimitados para reger os destinos de meros mortais (MekHanTropos) vivendo, em sua grande maioria, de maneira miserável e em absoluta servidão. Os MekHanTropos são cooptados pelo véu ilusório do consumo associado à felicidade, ao luxo e ao conforto artificial instituído enquanto discurso por estas forças ocultas regidas pelos Elonions, se tornando engrenagens de enriquecemento para esses megabilionários.

É dada, neste universo, uma ênfase representativa sobre a figura de alguns personagens que apoiam determinadas atividades humanas corrosivas ligadas a estas forças obscuras, como, por exemplo, o vilão déspota Edir Messias

[128] "Elonions" é uma brincadeira poética, feita por mim, de aglutinação etimológica entre o primeiro nome do bilionário Elon Musk e a palavra em inglês *onion* (cebola), ambos geradores de lágrimas.

BiroLiro, que é associado ao agronegócio hiperextrativista e devastador do meio-ambiente; aos líderes neopentecostais que enriquecem às custas da fé alheia; à governantes que exercem a necropolítica excludente; entre outros grupos detentores de poder. Todavia, esta figura asquerosa do Messias é apenas um fantoche dos megabilionários comandantes das grandes corporações tecnológicas globais. Os Elonions geralmente utilizam máscaras criadas pela IA nesse universo para se misturarem aos MekHanTropos sem serem notados ou, em determinadas situações, para se imporem como divindades sobrenaturais.



Figura 169 - "Máscaras Elônicas mekHanTrópicas". Promptismo e experimentações em Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

Jonathan Crary (2016) coloca que um sonho para o equilíbrio do planeta seria um mundo sem bilionários, no qual o pesadelo da catástrofe pós-humana possa se diluir em novas possibilidades e esperanças. Um futuro deslocado à fantasia, sem a hiperexploração capitalista, uma vez que este sistema se alimenta da destruição de nosso habitat. Essa impossibilidade, de não haver mais capitalismo, é clara em meu universo (a não ser pela finitude completa da humanidade já amplamente arruinada). Os Elonions não dão chances para que

possa se concretizar o equilíbrio, embora os resistentes tentem burlar o sistema pelos sonhos. Em MekHanTropia o capitalismo atingiu proporções brutais de exploração do planeta e, aliado às tecnologias e fluxos digitais, já não se sustenta pela realidade validada que entrou em colapso (muito menos pela realidade vegetal, banida), mas pelos simulacros virtuais criados em rede.

Segundo Crary (2016):

> Dado que o capitalismo não pode impor limites a si mesmo, a ideia de preservação ou conservação é uma impossibilidade sistêmica. (...) a inércia restauradora do sono se coloca contra a letalidade da acumulação, da financeirização e do desperdício – responsáveis pela destruição de tudo aquilo que costumava ser de domínio comum. (CRARY, 2016, p. 137)

Teço assim uma aproximação às ideias de Friedrich Engels em sua obra "A Dialética da Natureza", quando ele coloca que deveria haver uma regulação racional dos metabolismos tanto da humanidade quanto da natureza, para que assim possa haver equilíbrio e possamos desenvolver ao máximo os potenciais humanos resguardando também o planeta para as futuras gerações.

> No entanto, não nos lisonjeamos demais por causa de nossas vitórias humanas sobre a natureza. Para cada uma dessas vitórias, a natureza se vinga de nós. É verdade que cada vitória traz, em primeiro lugar, os resultados esperados, mas, no segundo e terceiro lugares, produz efeitos imprevisíveis e bastante diferentes, que muitas vezes anulam o primeiro. Assim, a cada passo, somos lembrados de que não dominamos a natureza como um conquistador sobre um povo estrangeiro, como alguém que está fora da natureza – mas que nós, com carne, sangue e cérebro, pertencemos à natureza e existimos em seu meio, e que todo o nosso domínio disso consiste no fato de termos vantagem sobre todas as outras criaturas por poder aprender suas leis e aplicá-las corretamente (ENGELS apud FOSTER, John Bellamy. O retorno de Engels. 2019. Disponível em: https://jacobin.com.br/2019/11/o-retorno-de-engels/).

A ideia utópica da resistência anti-mekHantrópica é pensar em conexão com a natureza enquanto animais conscientes que somos, e não nos alienarmos dela. Alienados, olvidamos que também somos parte dela e, ao explorar seus recursos finitos matamos nosso habitat. A MekHanTropia provoca esse lastro de morte induzido e, nos cooptando e dispersando por meio de suas estratégias funestas, ajudamos a provocar essa aniquilação de nós mesmos. De acordo com Crary (2016):

> Habitamos um mundo onde a antiga ideia de experiência compartilhada está se atrofiando, e ao mesmo tempo as gratificações

> ou recompensas prometidas pelas opções tecnológicas mais recentes jamais serão alcançadas. (...) Deleuze e Guattari comparam a palavra de ordem a uma ‘sentença de morte’. (...) Um sistema no qual o poder é exercido sobre os corpos. (...) Ao externalizar o indivíduo, transforma-o em objeto de escrutínio e regulação ininterruptos, o que se coaduna perfeitamente com a organização do terror estatal e com o paradigma militar-policial da dominância absoluta (CRARY, 2016, p.41).

Neste contexto, o autor coloca que nossas capacidades perceptivas, imaginativas e de memória estão cada vez mais retrocedendo. Estamos cada vez mais incapazes de prestar atenção em qualquer coisa, inclusive (e principalmente) em nós mesmo, como MekHanTropos.

> Não temos mais acesso à contingência e à variabilidade do mundo visível. As mudanças recentes mais importantes dizem menos respeito às formas mecanizadas de visualização do que à desintegração da capacidade humana de ver, em especial da habilidade de associar identificação visual a avaliações éticas e sociais. Com uma oferta infinita e perpetuamente disponível de solicitações e atrações, o 24/7 incapacita a visão, por meio de processos de homogeneização, redundância e aceleração. Apesar de afirmações em contrário, assistimos à diminuição das capacidades mentais e perspectivas em vez de sua expansão e modulação (CRARY, 2016, p. 43).

Uma saída buscada pelo personagem Fritz Valdez para sua condição mekHanTrópica é sonhar, para então se autoconhecer acessando sua subjetividade e poder transformar algo a partir de si mesmo. Em certo momento perdido em fragmentações deste universo (mas já equipado com artefatos mágickos), Valdez se vê refletido no espelho negro da tela de seu computador (em alusão ao espelho de obsidiana). Ele não se reconhece como si mesmo e se assusta, partindo em busca de formas para tentar resistir à padronização que toma sua consciência. Esse instante marca o início da compreensão do personagem acerca das ideias relacionadas ao Binarismo Anticósmico e integra o documentário feito sobre o Festival de Artes Ciberpajelanças 3, produzido pelo Grupo de Pesquisa Cria_Ciber em 2023 e dirigido por mim, e pelo Amante da Heresia com orientação do Ciberpajé.



Figura 170 – "O instante decisivo em que Fritz Valdez não se reconhece como si mesmo". Olhares sobre o Binarismo Anticósmico. *Selfie Frame* (*PrintScreen*). Fredé CF, 2023.

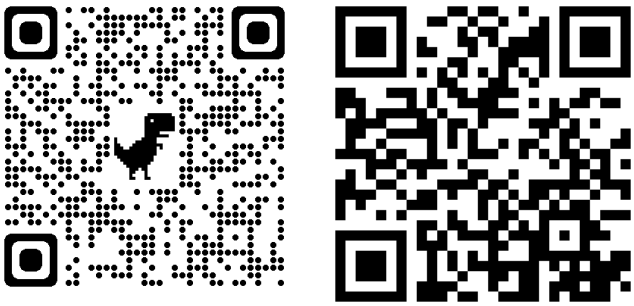
O contexto situacional do planeta nesse universo ficcional foi pensado tendo em vista as três realidades (3 RVs) ascottianas já abordadas. Em MekHanTropia, a "Realidade Validada", proposta por Ascott, está quase extinta e já não mais proporciona condições para o ser humano habitar. Megacorporações sugam, com equipamentos hipertecnológicos, o que ainda resta de matéria-prima e demais insumos em áreas abaixo da superfície da Terra. Dentre esses insumos, estão corpos humanos alocados em cavernas (alusão ao pensamento de Platão) e conectados ao sistema, parecido com o que ocorre em "*Matrix*" (é importante atentar que essa realidade não é mostrada, uma vez que ainda não é acessada pelos personagens durante a narrativa audiovisual, apenas sugerida). Projeta-se então, de maneira instituída a essas psiques, uma "Realidade Virtual" chamada MekHanTropia. Por fim, a "Realidade Vegetal" está a anos banida e sua prática é proibida ou imoral, por configurar possibilidades de acesso aos portais de resistência e reexistência da realidade validada a longo prazo, ou seja, possibilitar uma chance de se reestruturar o equilíbrio.

Valdez (sobrenome padrão de todos os clones MekHanTropos que são propensos ao despertar), imerso nas ilusões provocadas pela “realidade virtual” mekHanTrópica, começa a questionar os padrões do sistema instituído e, com isso, olha com mais atenção às próprias sombras em direção ao autoconhecimento em cada dimensão que sua existência é representada (Francisco, Fritz, Antônio etc.). O personagem começa a vislumbrar formas de resistir e escapar do que o aprisiona por meio dos seus sonhos e, assim, passa a ser uma ameaça detectada pelo sistema. Seus sonhos, devaneios, experiências, percepções e memórias compõem as diversas obras dispersas desse universo.

Um escaneamento institucional é feito narrativamente a partir de aparelhos para sugar e reordenar a psique dos personagens. Através de um laser de leitura mental direcionado à testa que aciona o *chip* mental anti-sonho introduzido nos clones MekHanTropos, suas memórias são hibridizadas com padronizações imagéticas produzidas pelo sistema, afetando a razão e a emoção através dos desejos ligados ao mercado. Essa é a principal ferramenta que o sistema utiliza para o controle mental dos indivíduos, armazenando suas memórias extraídas e desconexas em enormes bancos de dados espalhados pelo globo e controlados por IAs mekHanTrópicas.

Estes bancos de dados servem para que os mekHanTropos operacionais do sistema (os chamados *PsychoMekHanTropic Robots*[129]) encontrem padrões de pensamento, instituindo novos produtos para abastecer/sustentar o mercado dominante. Assim, com a memória alterada, a identidade e a subjetividade dos indivíduos se perdem e o sistema cria um padrão para diminuir custos pela produção em massa e manter a massa alienada. Não são mais indivíduos, mas sim o que chamo de “bovíduos” (em alusão à canção “Admirável Gado Novo” de Zé Ramalho), desprovidos de imaginação e pensamento crítico.

129Disponível em: https://fredefoak.bandcamp.com/track/psychomekhantropic-robots-the-cthulhu-possession Acesso em: 06/12/2021.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

À luz das teorias aqui articuladas, algumas ideias sobre práticas institucionais representadas em minhas obras, foram também retiradas de depoimentos sobre a capa do álbum musical “MekHanTropia”, que recebi nas redes (anti)sociais. Em um dos depoimentos a criatura que ilustra a capa da obra foi definida como um ser cuja função seria extrair a imaginação das pessoas, sugando do inconsciente todo repertório do indivíduo e colocando no lugar imagens padronizadas instituídas pelo sistema.

Assim, me ocorreu que para tentar fugir e buscar saídas contra tais procedimentos, os personagens tiram pequenas sonecas e anota seus sonhos em descrições de vídeos, fotos, desenhos, músicas, poesias etc., pelas redes, a qual chama de “Diários de Quarentena”, “Foto-poesias MekHanTrópicas”, “Desenhos MekHanTrópicos”, entre outras denominações similares e condizentes com os conceitos artísticos usados. Esses relatos formam uma série transmidiática em meu universo que, por enquanto, estão postadas em minhas redes (anti)sociais[130] e podem ser acessados pela *hashtag:* #MekHanTropia. Para o futuro, penso em catalogar e apresentar tais criações também em livros e exposições transmidiáticas, como a exposição “Prove que você não é um robô” feita em 2022 que ocorreu na Ecce Monstra – microgaleria de audiovisualidades em Brasília - DF.

Na letra da música “MekHanTropia”, primeira faixa do álbum homônimo, há a frase “durma o seu sono leve, pois não vou te incomodar”, como um anúncio

130Ver perfil @fredecf ou hashtag #fotopoesiasmekhantropicas no Instagram: https://www.instagram.com/fredecf/ e o blog www.mealuganao.blogspot.com.br Acesso em: 07/12/2021

publicitário do sistema sobre os cidadãos desse universo que aparece também na narrativa anti-mekHanTrópica que escrevi como argumento-conto-roteiro e está presente fragmentada nessa tese-criação pela série narrativa “Confraria Anti-MekHanTrópica”. Em MekHanTropia só se dorme de forma leve, insuficiente para sonhar, já que o sonho é um mecanismo de resistência ao acessar o inconsciente, área ainda não desvendada totalmente pelas máquinas. Assim, nesses escritos secretos, o personagem tenta articular as dispersões narrativas de seus sonhos ocasionais e busca o autoconhecimento que lhe escapa constantemente pelas máquinas, tentando responder suas questões existenciais. Esses diários surgem como aspectos transmidiáticos que dão fluidez às narrativas como um todo e conecta diferentes dimensões/realidades que o universo abarca.



Figura 171 - "(a)Lucy(borg), a mekhAustralopiteca”. Agorismos transmidiáticos (Diários d’O Acimador). Fredé CF, 2022.[131]

Para a criação do curta-metragem/episódio piloto desse universo, escolhi o tema “Cão Breu” e o título “*The Black Dog walks at night*” (também bastante repetido em diversas criações minhas). Essa ideia é baseada em uma música de Angelo Badalamenti chamada “*The Black Dog Runs at Night*” e compõe a trilha sonora

[131] O termo “Agorismo” é neste trabalho utilizado de maneira ambígua, remetendo à Ágora grega e aos conceitos taoístas relacionados à experiência do “agora”. Enquanto processo de criação, assemelha-se ao automatismo psíquico surrealista, para a criação das poesias, imagens, sons etc que compõem esta tese-criação.

do filme “*Twin Peaks: fire walk with me*” dirigido por David Lynch em 1992. Além da música de Badalamenti e do filme de Lynch servirem como referência de ambientação narrativa onírica, de estranheza, como se estivéssemos presos em um pesadelo através dos personagens, o conceito do subtítulo se liga também com o título em alusão à figura do Cão Breu (Black Dog) e com o olhar que esse ser provoca às sombras. O Cão Breu aparece no curta/episódio na última cena, como uma transmutação do personagem. A figura também está presente em muitas criações desse universo, como músicas, álbuns, vídeos, poesias, fotos, desenhos e no argumento-conto-roteiro feita por mim na série “Confraria Anti-MekHanTrópica”. Nesta narrativa, ele surge no início e no fim como um espectador das ações das personagens. A lenda também é contada por uma personagem anciã durante o episódio e a criatura aparece à Valdez criança.



Figura 172 - Pôster do filme “Twin Peaks: fire walk with me” dirigido por David Lynch (1992).

Além da já mencionada “Aurora Pós-Humana” de Edgar Franco, o universo de MekHanTropia possui forte influência de obras literárias como “O Processo”, “A Metamorfose” e “O Castelo”, de Franz Kafka, além de remeter também à “1984” de George Orwell, “Admirável Mundo Novo” de Aldous Huxley, “Sombras de Reis Barbudos” de José J. Veiga e “A Polícia da Memória” de Yoko Ogawa em certos aspectos. Trago ainda, como inspiração temática fundamental, obras audiovisuais já citadas como os filmes “Sem Retorno” de Rosa Berardo, “Matrix” de Lilly e Lana Wachowski , “Blade Runner” de Denis Villeneuve e Ridley Scott, “Cidade dos Sonhos” e “Império dos Sonhos” de David Lynch, entre outros que abordam as relações entre sonhos, memórias, imaginação e percepção da realidade. Também busquei algumas referências conceituais nas séries “Twin Peaks”, “Arquivo X”, “Além da Imaginação”, “Dark”, “Falling Water”, “Orphan Black”, “Altered Carbon”, “Tales from the Loop”, “Cidade Invisível”, “Ruptura”, “Black Mirror”, “Electric Dreams”, “Love, death and robots” e “Westworld” para a criação dos conceitos aqui tratados sobre o universo transmidiático de MekHanTropia.

A cada “apagão” ocorrido ao personagem, seu processo existêncial se reinicia e assim é construída minha narrativa onírica de representação concomitantemente às narrativas fragmentadas, como ecos dos inconscientes dos personagens (mekHanTropomorfizados ou não) vindo à tona em *bugs* do sistema ocasionados por tentativas de escape da resistência que tenta encontrar brechas para acessar os códigos oníricos dos clones Valdez. A partir da psique destes personagens – espalhadas por diferentes linguagens, meios e plataformas – tento entender suas peculiaridades que também são minhas enquanto autor. Neste processo coloco em xeque, também para mim, as ideias de realidade, verdade e ficção por meio do processo criativo e da poética narrativa fragmentada do universo, além de refletir e questionar operações do sistema neoliberal, no qual estamos inseridos, em induzir e introduzir narrativas normatizadas oficiais. Estes “apagões” e “despertares” dos personagens ocorrem em todas as criações quando acessadas e fruídas.

Pelo acesso as memórias, de fato, serem feitos em MekHanTropia pelos sonhos, portais ao inconsciente que escapa às máquinas, esse ato se torna tão perigoso, pois abre brechas de ingresso a realidades que escapam ao sistema. Portanto,

não se pode sonhar profundamente. A série de criações feitas pela “Confraria Anti-MekHanTrópica” se configura, dessa maneira, como uma representação do que é proibido nesta realidade, uma vez que transcreve poeticamente ecos oníricos dos personagens deste universo.

Os videoclipes se configuram como memórias avulsas, muitas vezes até anteriores à hecatombe do “Amanhecer MekHanTrópico”, formadas antes de tudo sucumbir e cujos aparatos tecnológicos não alcançaram para cooptar, restando como resíduos inconscientes dos personagens. Eles representam então os resquícios de ancestralidade dos personagens e atuam, de forma metafórica, como autotransformações na obra. São, sobretudo, memórias ainda orgânicas de outrora que perduram e contribuem para se articular, como elos pela imaginação, na construção dos perfis dos personagens e suas ambientações.

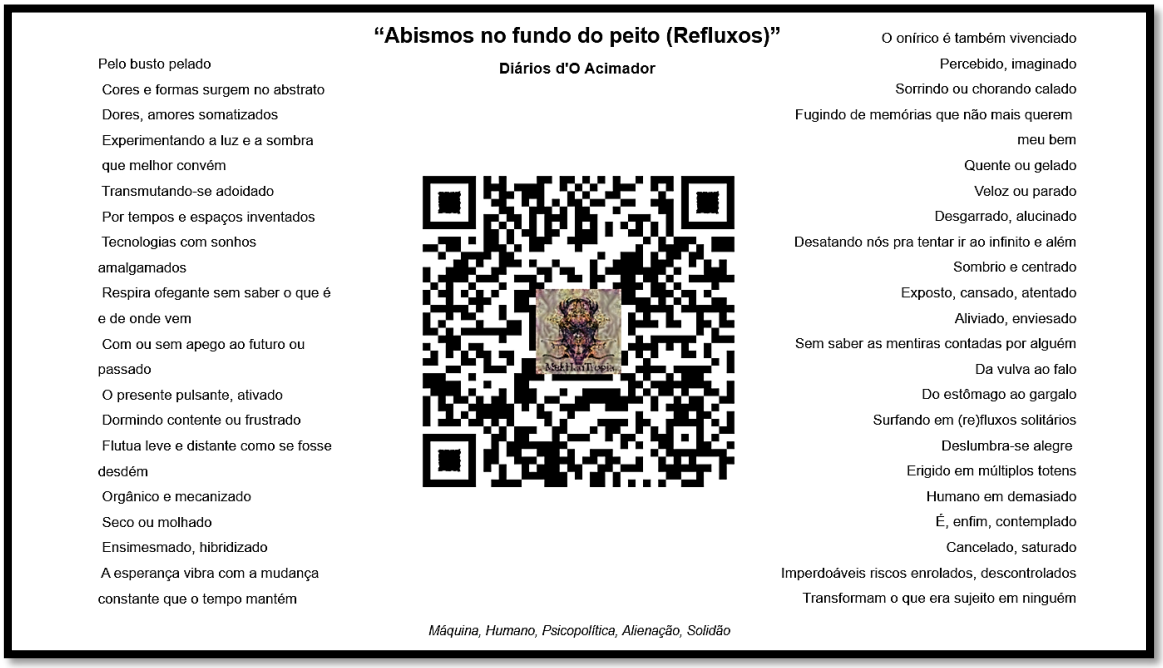


Figura 173 - "Abismos no fundo do peito (Refluxos)". Agorismos transmidiáticos (Diários d’O Acimador). Fredé CF, 2022.

“Por medo ou por preguiça, deixamos de sonhar”, versa a quarta faixa do álbum “MekHanTropia”. Talvez porque ao viver organicamente pelo inconsciente dos sonhos, o próprio sonho se desloca em seu “lugar” de significação e construção nessa vida (pós)humana vislumbrada, buscando, através dos personagens, por

materialidades e significações conscientes, já que “não pensar” é o “novo normal” instituído pelo medo e pela preguiça em MekHanTropia.

...no Mundo dos Ossos...

dormir
pelos sonhos deixar fluir
no cálcio que vejo ao redor
só o silêncio eu posso ouvir

resistir
pelas luzes viramos zumbis
cabisbaixos com a tela em louvor
no escuro tentar reexistir

prosseguir
caminhar sem olhar para trás
no agora que a vida desfaz
o futuro está longe daqui

...no Mundo dos Ossos...
(mekHan Trópico).

[“noites de agosto (World of Bones)”. Fredé CF, 2023].

É importante evidenciar que universos ficcionais trazem imbricadas alegorias sobre os contextos atuais a partir da fantasia das representações, uma vez que o fato de ser uma ficção, não significa a ausência da “verdade” ou da “realidade”. Segundo Saer (2012):

> Podemos afirmar que a verdade não é necessariamente o contrário da ficção e que, quando optamos pela prática da ficção, não o fazemos com o propósito turvo de tergiversar a verdade. Quanto à dependência hierárquica entre verdade e ficção, segundo a qual a primeira possuiria uma positividade maior que a segunda, desde já, no plano que nos interessa, é uma mera fantasia moral. Mesmo com a maior boa-vontade, aceitando essa hierarquia e atribuindo à verdade o campo da realidade objetiva e à ficção a duvidosa expressão do subjetivo, persistirá sempre o problema principal, ou seja, a indeterminação existente não na ficção subjetiva, relegada ao terreno do inútil e caprichoso, mas sim na suposta verdade objetiva e nos gêneros que

> pretendem representá-la, já que a autobiografia, a biografia e tudo o que pode entrar na categoria de *non-fiction* – essa imensidão de gêneros que deram as costas à ficção e decidiram representar a suposta verdade objetiva – são os que devem apresentar as provas de sua eficácia (SAER, 2012, p. 2).

A ficção possibilita um mergulho poético abrangente e multiperspectívico acerca de como os fatos tocam a subjetividade de cada um, abrindo possibilidades representativas em relação aos conceitos abordados, estabelecendo, de certa maneira, reivindicações libertárias para tratar de maneira mais solta o empírico e o imaginário e evidenciar complexidades típicas relativas aos fenômenos da existência transcendendo binarismos maniqueístas recorrentes de abordagens factuais enquanto representação.

> Ao ir em direção ao não verificável, a ficção multiplica ao infinito as possibilidades de tratamento. Não nega uma suposta realidade objetiva, ao contrário, submerge-se em sua turbulência, desdenhando a atitude ingênua que consiste em pretender saber de antemão como essa realidade se conforma. Não é uma claudicação ante tal ou qual ética da verdade, mas sim a busca de uma ética um pouco menos rudimentar. A ficção não é, portanto, uma reivindicação do falso (...). A ficção não pede para ser crível enquanto verdade, e sim enquanto ficção. Esse desejo não é um capricho de artista, mas a condição primeira de sua existência, porque somente sendo aceita como tal é que se compreenderá que a ficção não é a exposição romanceada de tal ou qual ideologia, e sim um tratamento específico do mundo, inseparável da matéria de que trata (SAER, 2012, p. 3).

Assim, em 2023 criei em parceria com o Ciberpajé um videoclipe experimental intitulado "*Defecating Blood, Oil and Nanorobots*" sobre a música homônima do grupo *Posthuman Tantra*, capitaneado pelo Ciberpajé e que integra seu universo ficcional da "Aurora Pós-Humana". O vídeo intersecciona e hibridiza os dois universos ficcionais e intenta ainda trazer um olhar crítico reflexivo sobre nossa Realidade Validada, a partir de reflexões acerca das questões relacionadas ao consumo e hiperexploração planetária que nos desconectam de nossa essência cósmica. De maneira mekHanTrópica e em função do Binarismo Anticósmico que estipula maniqueísmos e pensamentos limitantes aos indivíduos atolados na lama hiperinformacional que nos envolve, o ego é o alvo principal do consumo (HAN, 2017a).

Segundo Edgar Franco, em artigo escrito sobre o vídeo em parceria comigo e apresentado no 8º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia - Seminário de Artes Digitais (CIACT) em junho de 2023:

> *Defecating Blood, Oil and Nanorobots* é uma das faixas do novo álbum *Pissing Nanorobots (again).* Trata-se de uma poética sonora emblemática que traz a ruidosa e característica sonoridade do *Posthuman Tantra*, com sons orgânicos e industriais que buscam conectar em suas atmosferas a carne e a máquina, o carbono e o silício. Em sua essência a faixa criticiza o avanço tempestuoso da espécie humana sobre Gaia, a biosfera viva, por considerar-se apartada dele e por ter perdido a compreensão de que os humanos são apenas mais uma das espécies que compreendem o complexo e sinergético balanço da natureza. Essa desconexão da humanidade de sua esfera natural e cósmica, e o avanço hipertecnológico aliado à obsessão com o lucro desmedido é o caldo conceitual que engendrou a poética da faixa. Essa desconexão tem sido amplificada pela égide do Binarismo Anticósmico na cultura e comunicação contemporâneas, um indutor natural de extremismos que distancia ainda mais a humanidade de sua essência animal e natural. A contextualização de *Defecating Blood, Oil and Nanorobots* no universo ficcional da Aurora Pós-Humana é na Fase 3 da chamada Era Transumana, com a ascensão visceral do Binarismo Anticósmico (FELIPE; FRANCO, 2023, p. 6).

A ideia conceitual trazida nesse vídeo é de que as tecnologias não são incentivadas por serem melhores ou piores ao planeta, mas sim pelo poder de serem mais lucrativas. Assim, buscamos poeticamente expor a ideia de ressignificação por fragmentos dispersos reestruturados, com a intencionalidade de expor consequências que o Binarismo Anticósmico pode trazer. Tais fragmentos se dão de maneira antropofágica a partir de apropriações de imagens disponibilizadas no YouTube.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Foi pensada a criação artística do vídeo a partir de imagens mentais diversas que eclodem de sons oriundos da banda *Posthuman Tantra*, em um contato espaço-temporal único entre diferentes imaginários: meu como diretor e do Ciberpajé como autor da faixa musical. Por processos calcados no *DIY* e articulação antropofágica não-teleológica, foram utilizadas imagens e sons de

reportagens, animações, documentários, filmes ficcionais, videoclipes etc. de maneira ressignificada e rearticulada para questionar, resistir e experimentar com padrões não-mercadológicos de produção, poetização e estetização artística. Essa fluidez e apropriação é proposital e configura-se também como uma crítica à avalanche hiperinformacional que nos acomete.

A música integra o álbum lançado em 2023 intitulado "*Pissing Nanorobots Again*" – inspirado no álbum de 2004 "*Pissing Nanorobots*" e lançado pela Kaos Records[132] de São Paulo em uma edição especial em box contendo diversas obras como um tributo à banda com 14 artistas convidados (no qual também participo tocando a música "*Cloneborg Chamaleon's Body*"), *cards,* poster, *zinebook*, entre outros materiais e celebra os 18 anos da banda *Posthuman Tantra*.



Figura 174 – *Box Set Pissing Nanorobots 18th Anniversary Special Edition* da banda *Posthuman Tantra*. Kaos Records, 2023.

Como colocado, foi utilizado nesse processo de criação do videoclipe o conceito experimental de "antropofagia imagética" como inspiração. Tal conceito foi pensado para denominar os encontros provocados através das intervenções, apropriações, releituras e ressignificações realizadas sobre imagens extraídas de diferentes contextos para serem articuladas ao som da banda em questão em diálogo com a ideia de MekHanTropia. A sonoridade da música me remeteu

[132] Ver: https://kaosrecords.bandcamp.com/ Acesso em: 18/08/2023.

inicialmente a barulhos de porcos em meio a ruídos de máquinas. Então busquei por imagens variadas de representações desses animais e outras que remetiam aos elementos contidos no título da faixa (fezes, sangue, óleo e nanorobôs) para a criação de uma narrativa “oníricaótica” que apontasse uma metáfora sobre a ruína que se tornou a humanidade em função principalmente do neoliberalismo mekHanTrópico avassalador.

Imagens e efeitos visuais foram incorporados à obra, como o sangue indígena escorrendo pela tela, imagens de derramamento de óleo no mar e imagens de nanorobôs se multiplicando binariamente, entre outras que evidenciam a relação entre humano e máquina. Foram também inseridas imagens diversas de porcos defecando lixo e arrotando poder, além de um lobo guará defecando na natureza, com o intuito de estabelecer contrastes poéticos para reflexões acerca do Binarismo Anticósmico. As imagens vão fluindo do cotidiano urbano, passando por animações e recortes apropriados.

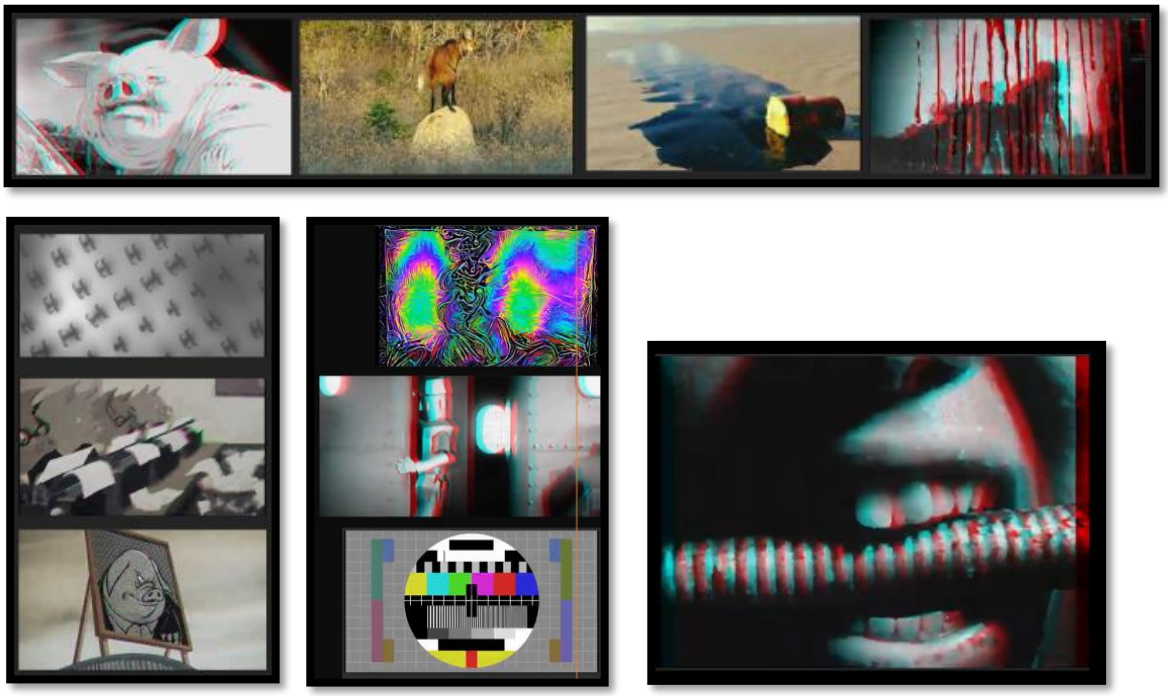
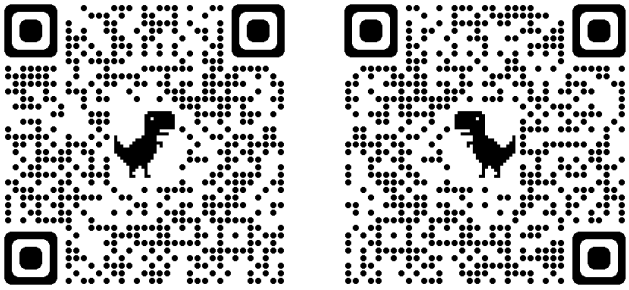


Figura 175 - *Frames* do videoclipe “*Defecating Blood, Oil and Nanorobots*” da banda *Posthuman Tantra*. Ciberpajé e Fredé CF, 2023.

Representações *orwellianas* sobre divisões de classe entre os porcos, relações de poder, autoritarismo, a tecnologia se espalhando como vírus em um desequilíbrio entre o natural e o artificial. Imagens de desastres ambientais, vazamentos de óleo e da reação da natureza evidenciam as desconexões entre

o ser humano e o habitat. As máquinas como armas de destruição em função do mercado. O sangue sobre imagens de povos indígenas lança luz sobre o genocídio e a resistência das culturas e cosmologias dos povos originários. Foram ainda utilizados filtros e efeitos visuais que intentam simular uma falta de sintonia nessa realidade distópica, distorcida enquanto percepção e desregulada em essência existencial. Por fim, destacamos que tais elementos representam uma resistência transbinária, evidenciando a complexidade de nuances que (re)existem em nossas realidades e são reduzidas ao maniqueísmo binário atual. Assim, acessamos e ressignificamos artisticamente questões que nos tangem potencializando-as nessa narrativa onírica, não-linear, trazida pelo vídeo.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Além da participação como diretor do videoclipe e tocando no tributo ao *Posthuman Tantra*, também participei de um outro tributo dedicado à um importante nome da música experimental *noise* eletrônica brasileira: Alter Breitenbach. Neste tributo, produzido e lançado em formato físico *DIY* também pela Kaos Records – SP em 2021, fiz uma versão mekHanTrópica para a faixa "*N.A.S.A.*" que estipulei a tradução da sigla como "Nuances Anti-mekHanTrópicas Sobre o Autoconhecimento (O processo de Valdez invertido no tempo e espaço)", utilizando (como fiz na faixa do tributo ao *Posthuman Tantra*) elementos sonoros da faixa original sobrepostos por elementos típicos das minhas poéticas musicais experimentais, como violões, percussões improvisadas, sintetizadores, vocalizações, contrabaixo etc.



Figura 176 - Tributo a Alter Breitenbach. Kaos Records, 2021.

Retomando, em MekHanTropia, os videoclipes cumprem uma função enquanto processo criativo muito importante, pois me possibilitam experimentações e mergulhos mais profundos nas músicas e narrativas que crio nesse universo, pensando a respeito das ambientações, personagens, forças e embates estabelecidos, questões geográficas e históricas, relações transdimensionais, questões socioculturais, políticas, econômicas, estéticas, entre outros elementos.



Figura 177 - "Matar o tempo". Fotografia digital. Fredé CF, 2019.

Neste universo, sempre há ocasionais desaparecimentos de indivíduos motivados por diferentes situações, em especial os tráfegos transdimensionais oníricos propostos entre as diferentes realidades. Assim, o confinamento causado por uma pandemia somado a um golpe militar-neoliberal-neopentecostal estabelecido, provocou transformações nas percepções dos personagens, envolvendo-os em experiências transcendentais que abarcam seres fantásticos, diferentes dimensões, criaturas lendárias, viagens oníricas pelo tempo e espaço, visões e vivências extraordinárias. Há índices sobre as origens dos personagens nas poesias, contos, argumentos, músicas, fotos, curtas, desenhos e videoclipes, porém a ideia é que esses "passados" sejam pensados e abordados em outras ocasiões, como histórias de origem, expandindo ainda mais o universo ficcional futuramente.

O ano é 2041.
O protagonista é apresentado caminhando silencioso a noite em um ambiente escuro, árido, sem vida. Um deserto. É o ambiente que antes era um cerrado.
O cerrado desertificado foi resultado da grande crise de 2038.
Explosões nucleares de um conflito mundial contaminaram grande parte do hemisfério norte do planeta, aniquilaram a camada de ozônio e o superaquecimento global avançou 100 anos em 5.
Em população, a humanidade foi reduzida a uma fração do que já havia sido. Os oceanos subiram, as correntes marinhas mudaram. A Amazônia, uma pequena parte da floresta que sobreviveu, foi tomada pelas forças internacionais, apesar de ter pouca valia porque foi transformada em um pobre e decadente terreno, uma espécie pouco produtiva de cerrado aberto, de solo arenoso. Do sul ao nordeste, o território brasileiro sucumbiu em rochas e poeira.
Em um radioamador, uma voz repete instruções e regras. Uma lista de proibições. E uma gravação contínua que se repete. São as leis.
A crise climática dizimou uma grande parcela da população e a que restou se aglomera no entorno de poucas novas grandes cidades litorâneas que reciclam água salgada com a escassa energia produzida.
Administração pública é militarizada, não existe democracia. O governo é continental. Religiões são proibidas. A tecnologia só é permitida para fins administrativos. Tudo é proibido. O salário de quem trabalha é comida e água. Mesmo reduzida, a população mundial sofre com a falta de recursos.

O protagonista, misterioso e de expressão sempre fechada, é um homem sem nome, um patrulheiro. Vigia o limite da região habitável e o deserto. O deserto é misterioso e interminável, para onde os criminosos e inadaptáveis são banidos. A morte é rápida e inevitável ali. Além da área que o homem sem nome patrulha, ainda existe uma última linha de controle monitorada por drones aéreos e terrestres. Depois disso, o desconhecido.

O patrulheiro segue sua rotina solitária, percorre em uma moto velha os últimos pontos de controle do território (pequenos casebres do que restou de alguma história do passado daquela região). A tecnologia é escassa e restrita apenas aos postos mais altos do comando administrativo. Para batedores civis apenas rádio de comunicação, monitorados em tempo integral.

O patrulheiro se desloca a pé perto de um desses pontos de controle. Atmosfera e trilha de suspense. Luz pontual valorizando as sombras e a escuridão (ambiente linear e contínuo em toda trama).

Chamada no rádio (diálogo técnico qualquer de orientação por um drone aéreo que parou de dar sinal. Orientado a observar a fronteira e relatar qualquer fato estranho). O patrulheiro monossilábico dá sinal de compreensão.

Inicia-se uma sequência de suspense da caminhada do patrulheiro em direção ao deserto, valorizando o medo e o clima de mistério com efeitos sonoros, de luz e câmera. Após alguns sustos e com uma atmosfera de medo criada pela narrativa audiovisual, o patrulheiro vê uma fraca luz vermelha piscando no horizonte e caminha em direção a ela na escuridão da noite. O calor é enorme e ele transpira a ponto de ter cabelos e roupas encharcados. Quando finalmente chega perto o suficiente pra reconhecer o drone caído é golpeado pelas costas e apaga.

Corta e vai para o ponto de vista em primeira pessoa (câmera subjetiva). Olhos abrindo: patrulheiro desperta. Ao redor dele (que percebe estar amarrado numa maca) 5 pessoas. 3 aparentando mais de 70 anos, um casal mais jovem. Todos usam tapa olho no lado direito. Amordaçado não consegue se expressar. A mulher mais jovem se aproxima e ele sente o cheiro azedo das suas roupas sujas e velhas. Ela se aproxima e sussurra: "você quer ser livre? Estamos construindo algo." Injeta no braço do prisioneiro um líquido que o faz dormir.

Corta a cena. Elipse temporal.

Na maca o patrulheiro repousa com um tapa olho do lado direito. Ao lado da cama um recipiente de vidro com seu globo ocular e um dispositivo encrustado na parte de trás: o chip de identificação e controle individual, que era, até então, impossível de ser removido.

Corta a cena. Elipse temporal.

O patrulheiro desperta, toca a bandagem que cobre o rosto e observa incrédulo o cenário pós-operatório ao lado da sua cama.
A sua frente as 5 pessoas alinhadas o observam em silêncio.
Ele sorri.
("2041". Escrito por Roberto Franco. Confraria Anti-MekHanTrópica. 2021).

Nas obras integrantes do universo, o olhar dos protagonistas é convocado constantemente ao interior (junto ao do "espectador/fruidor"), visando a (auto)transformação de seus caminhos e a fuga da MekHanTropia institucionalizada em nossa realidade ordinária e na realidade projetada, dos personagens. Essa busca estabelece relações profundas com as animalidades interiores dos personagens, colocando em perspectivas suas conexões com figuras lendárias e mitológicas como o Cão Breu, o Anhangá, Anúbis, o Lobisomem, entre outros seres, como meios de resistência e não cooptação. Essas forças metafísicas, oriundas do processo de autoconhecimento, trazem consigo na integração das sombras elixires sagrados de transmutação e transcendência, como, por exemplo, o colar de obsidiana encontrado por Valdez no curta-metragem/episódio piloto "*The Black Dog walks at night*". As narrativas, aparentemente dispersas, surgem interligadas como parte do imaginário dos personagens apresentados em distintas dimensões espaço-temporais oníricas sobrepostas ou não, que, se acessadas, desvendam diferentes aspectos inconscientes coletivos e individuais (dos personagens e de nós mesmos) naquelas simulações. Tais simulações são geralmente erigidas em conceitos de padronização e estereótipos, representando assim o esforço do sistema psiconinário de MekHanTropia em instituir ideias rasas e padrões sobre as complexidades da vida e da cultura de diversos povos.

Utilizo a narrativa do argumento escrito por mim para reafirmar uma estética correspondente ao conceito da obra como um todo, destacando certas características para estabelecer conexões formais e desenvolver os elementos que constituem este universo. Tais conexões foram criadas inicialmente, no início da pandemia, com imagens de arquivo guardadas e tomadas feitas em casa

durante os tempos de confinamento, adequadas para representar ambientações, ideias e personagens que compõem as dimensões de MekHanTropia.

As narrativas partem então de elos dispersos a priori, como histórias fechadas escritas por diferentes membros e membras da CAM, além de incursões oníricas configuradas sob a linguagem transmídia espalhadas por diferentes sítios virtuais. Porém, no decorrer da fruição, tudo se articula ao conceito iniciado com o álbum musical “Cão Breu Pós-Humano” e desenvolvido a partir do álbum “MekHanTropia”.



Figura 178 - "Aceso". Agorismos transmidiáticos (Diários d’O Acimador). Fredé CF, 2022

Nos videoclipes e demais obras audiovisuais, utilizo efeitos e distorções nas passagens entre as cenas, além de filtros imagéticos (de luz, sombra e cor) e sonoros (de distorção sobre as vozes) com a intencionalidade de representar determinados estados mentais dos personagens. Na montagem também busco estabelecer significações sequenciais com o “efeito kuleshov”[133]. Utilizo com frequência, nas transições entre as imagens, efeitos de “perda de conextividade”, como se houvesse falhas na transmissão.

133Teoria e experimento do cineasta e pensador russo Lev Kuleshov, sobre as intencionalidades na montagem cinematográfica. Veja a explicação sobre o experimento no site da Academia Internacional de Cinema (AIC): https://www.aicinema.com.br/efeito-kuleshov/ Acesso em 22/07/2020.

As narrativas são conectadas por um movimento mais amplo de significação baseado em contrastes cromáticos e de luz/sombra aplicados aos diferentes elos narrativos (álbum musical, videoclipes, curtas, argumentos, contos, descrições dos vídeos, tese-criação etc.), evidenciando, formalmente nas *mise-en-scènes* (iluminação, atuação, figurinos, cenários etc.), os fluxos poéticos pretendidos.



Figura 179 - *Frames* do videoclipe "MekHanTropia". Fredé CF, 2020.

As cores constituem um aspecto importante nas representações de caracteres psíquicos e emocionais da obra em sua multiplicidade de linguagens, além de servirem como referência para que as “dispersões” sejam ligadas esteticamente na formação da narrativa onírica. O tom azul utilizado no videoclipe “MekHanTropia”[134], por exemplo, dialoga de forma análoga com o roxo da capa do álbum homônimo, representando uma ideia de solidão e tristeza. Há uma intenção baseada na psicologia das cores em estabelecer essa relação conceitual baseada entre a cor azul e a tristeza. O ritmo musical da música também se aproxima de um *blues* por causa disso, no sentido de apresentar os estados emocionais do personagem preso e tentando sonhar nessa distopia. Penso também na ideia de “depressão”, uma questão muito séria e que assola muitas pessoas atualmente, em especial com a pandemia, o confinamento e a psico(necro)política mekHanTrópica estabelecida. A ideia de “depressão” é simbolizada em algumas culturas, como a norte-americana, pela figura do *Black Dog*, que utilizo em alusão ao Cão Breu em meu universo.

134Videoclipe disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yQtOkUvuBkQ Acesso em 11/06/2020.

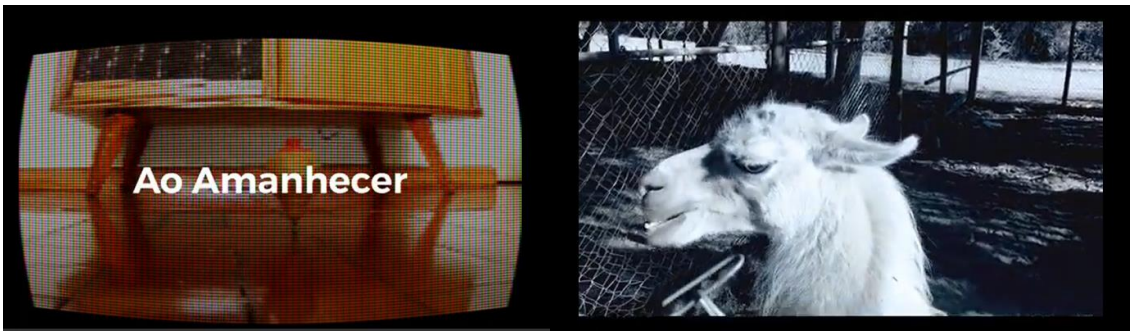


Figura 180 - Frames do videoclipe "Ao Amanhecer". Fredé CF, 2020.

No videoclipe “Ao Amanhecer”[135], elementos como a lhama, o pião rodando, as paisagens, os cenários e os vazios, remetem às memórias da infância do personagem e a transcendência de percepções destacadas pelos movimentos formais e cromáticos estabelecidos sobre as imagens, com texturas e nuances feitos em Redes Neurais/IA.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Um aspecto importante, é o fato de o personagem Valdez ter origem Mapuche. Essa ideia me surgiu de uma viagem feita ao Chile durante o auge das manifestações ocorridas naquele país no ano de 2019. Ao ver de perto o ímpeto de luta do povo chileno contra a MekHanTropia instaurada e crescente, bem como o resgate de pessoas e símbolos importantes como a bandeira do povo Mapuche, Salvador Allende, Victor Jara, Violeta Parra, Pablo Neruda, entre outros.

Me inspirei poeticamente então nessa potência, que senti enquanto estive no Chile, para pensar sobre a ideia de “Valdez”, uma espécie de “classe de

135Videoclipe disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3VjBH9zDx98 Acesso em 11/06/2020.

personagens” que são clones MekHanTropos padronizados, mas que possuem – de maneira oculta (como um espírito) –, a possibilidade de sonhar e, assim, tentar se livrar das amarras do sistema e reexistir de maneira anti-mekHanTrópica. Narrativamente, as memórias de Valdez (comum a todos esses clones) e vínculos ancestrais transcendentais são como uma homenagem a esse povo, que mais resistiu à conquista espanhola por séculos a fio, e é evidenciado pelo videoclipe contestatório “Tentando Explicar o Óbvio”.



Figura 181 - Frames do videoclipe "Tentando explicar o Óbvio". Fredé CF, 2019/20.

Penso também sobre certas aproximações conceituais com outros povos pré-colombianos, como os Incas, Maias e Aztecas e com elementos de variadas culturas indígenas e afro-brasileiras, no intuito de construir uma representação mais próxima do que somos culturalmente, embora, por não pertencer à estas etnias, meu olhar é externo e certamente cheio de equívocos conceituais, porém isso não me impede de ter a intenção de me manifestar política e poeticamente sobre questões relacionadas a temas e que me doem muito, como o genocídio estabelecido sobre os povos originários, por exemplo. Mesmo não pertencendo a estes grupos, pertenço à humanidade, ao Brasil e à América Latina, portanto peço licença poética para tratar tais assuntos em forma de arte. Todavia, de antemão já peço desculpas por qualquer tratamento inadequado ou falta de

propriedade acerca de tais questões e temas, uma vez que este universo está em constante construção e transmutação e, muitas vezes, determinados aprofundamentos ainda não foram feitos de maneira adequada. Tento pensar nos povos originários (de forma geral) pelo viés da multiplicidade sociocultural e relação mais integrada com a ideia de natureza, associando esse pensamento ao que chamo de “resistência” à MekHanTropia instituída.

> As comunidades nativas andinas estão distribuídas em torno de 7.000 povoados em 3 regiões (costa, serra e selva), com uma população aproximada de 900.000 habitantes, com 18 grupos linguísticos. Esses grupos têm diferentes costumes e estão em estreita harmonia com o meio ambiente. Nessas comunidades, encontramos especialistas tradicionais (curandeiros, herboristas, parteiras, rezadores, vegetalistas e xamãs) que desenvolveram um profundo conhecimento da natureza que os rodeiam e das imensas possibilidades terapêuticas que esta oferece. São conhecedores de uma grande variedade de plantas medicinais e árvores das quais extraem seiva e resina, que utilizam na preparação de remédios para curar seus pacientes. A Cosmovisão Andina considera que a natureza, o homem e a *Pachamama* (Mãe Terra), fazem parte do todo e vivem relacionados perpetuamente. Essa totalidade vista na natureza é para a Xamaria Andina, um Ser Vivo. O homem tem uma alma, uma força de vida, assim como também todas as plantas, animais, rios, montanhas etc. (...) Na Cosmovisão Andina, todos nós fazemos parte da Mãe Natureza (FROTA, 2017, p. 27).

Ressalto ainda o fato da trama onírica de MekHanTropia se desenrolar em uma espécie de projeção distópica do Brasil pandêmico, regido por ideais excludentes binários/maniqueístas neofascistas e neopentecostais. Este é um contraste estrondoso em relação à conexão com o habitat e a ancestralidade de nosso continente. Tais fatores me provocam indignação que direciono, em certas representações em minha obra, a partir de elementos da ficção científica, da distopia e aspectos socioculturais e históricos presentes em culturas latino-americanas. Essas representações ficcionais aparecem espalhadas por meio de imagens e sons diversos pelas criações.

O sistema que sufoca
A temporada de caça se iniciou
Com os sonhos destruídos
Quando iremos despertar?
Nem a esperança ilude mais
Nem a esperança existe mais

Colapso social
Eclosão humana
MekHanTropia.
Contrastes sociais
Nos pratos e nos muros
O sono entra em extinção.
Santiago, Brasília
Bolívia, Equador
O sangue sobe aos olhos
O gás enche de dor
Buscando a chave para trancar minha alma.
Buscando distância de gente hipócrita.
Coincidências só existem para quem as percebe
Vejo neonazis por toda parte.
A balança pesa só para um lado
Prosperidade de uma classe é diferente de prosperidade de um país.
O equilíbrio é a chave da evolução
Sem diálogo não há transformação
Sem luta não existe revolução
Com o fascismo não há argumentação.
Quando iremos despertar?
Como o lobo que sobreviveu aos caçadores de cabeças
Tudo que aprendi agora abandono
Não me prendo ao absoluto
Venenos mundanos que alegram apenas aqueles
que não gostam de mim.
Gritos!
Ouço gritos na Babilônia!
E sussurros sombrios no Planalto Central!
Quanto eu sei de verdade? Quanto eu sei da verdade?
Cada indivíduo constrói sua verdade
Somos o cão que se liberta da corda
Mas corre atrás do próprio rabo.
Não importa o que vem de fora
Exalando o que vem de dentro.
O que penso vem de fora ou vem de dentro?

É preciso entender
É preciso inverter!
De dentro para fora é o movimento!
Como a raposa buscando vantagem
Amo meus dias cinzentos
Odeio a rotina que me poda a vida.
Ilumino a sombra como resistência.
E você?
Você é ouro maciço?
O Outro:
Nos vemos no inferno.
Caminhando no fim do mundo
Com dificuldade de respirar
Imaginando...
Quando iremos enfim despertar?
Mas não me deixe
parar de sonhar.
Pois a partir desse momento,
quando deixarmos de errar,
viraremos máquinas,
deixaremos de lutar
e assim
perdida e condenada
a humanidade toda estará.



Figura 182 - "Manifesto anti-MekHanTrópico (Bienvenidos a la Revolución)." Foto-manifesto. Escrito e capturado por Fredé CF. Santiago (Chile). Dezembro de 2019.

Essa aproximação de representações artísticas, lendárias e socioculturais da América Latina, bem como de elementos Afrobrasileiros com a ficção científica operam na contravisualidade e vem de encontro ao que os pensadores ingleses Edward King e Joanna Page (2017) referenciam como “afrofuturismo”, algo não tão comum, historicamente, como foco de representações futuristas na cultura pop. Ao analisar a obra “BioCyberDrama Saga” de Edgar Franco, os autores colocam que:

> Franco’s cybershamanic posthumanism contains a critical gesture that is similar to that of Afrofuturism. Just as Afrofuturist narrative and music contest the exclusion of African American culture from futuristic imaginaries, Franco points to parallels between the distributed agency of network culture and the animism that is central to indigenous thought (KING; PAGE, 2017, p. 205).[136]

Por essa ótica, há um diálogo interessante entre o universo construído por Edgar Franco e o meu, uma vez que em ambos ressoam ecos da ficção científica e da cultura pop originária em países ao norte do Equador, trazidos de encontro a elementos da cultura latino-americana. O Ciberpajé utiliza, por exemplo, figuras brasileiras como referências para os nomes dos seus personagens, em homenagem àqueles que o influenciaram artisticamente. Evidencio a utilização, pelo artista, do ícone histórico de Antônio Conselheiro em uma projeção para seu universo ficcional do movimento brasileiro de Canudos, tratado alegoricamente como referência para ambientar a resistência humana aos seres pós-humanos representados.

Há em MekHanTropia um ser transcendental e transdimensional conhecido como “Supay”, que surge em determinadas dimensões espaço-temporais oníricas para orientar os personagens e entregar a eles as chamadas “huacas”, lugares ou artefatos mágickos sagrados típicos de alguns povos originários andinos. A caixa que acompanha essa tese-criação (e esse documento em si) é

[136] “O pós-humanismo ciberxamânico de Franco contém um gesto crítico que se assemelha ao do afrofuturismo. Assim como a narrativa e a música afrofuturista contestam a exclusão da cultura afro-americana dos imaginários futuristas, Franco aponta paralelos entre a agência distribuída da cultura de rede e o animismo que é central para o pensamento indígena” (KING; PAGE, 2017, p. 205). Tradução nossa.

uma “huaca”, pois desvela dimensões que conectam o nosso mundo ordinário com a MekHanTropia, revelando-a.

> Uma *huaca* é um lugar onde há um véu entre os mundos, em que percepções ordinárias de tempo e espaço são obscurecidas. *Huacas* são lugares onde o *Kawsay*, a energia original da criação do nosso mundo respira, onde os xamãs podem ver os eventos que aconteceram no passado e ler nossos destinos. Denomina-se *huaca* tudo aquilo que é considerado sagrado, como objetos que representam algo a ser venerado (FROTA, 2017, p. 81).

O personagem “Supay” é considerado como o “Senhor do Submundo” na cultura andina. Em MekHanTropia, há uma lenda que ele é o único ser que consegue exercer influências sobre o “Cão Breu”. Supay é um ser repleto de nuances e complexidades, especialmente quando surge nos estados imersivos da “Realidade Vegetal” por meio dos sonhos dos personagens (geralmente em pesadelos). Esse ser é fundamental para o equilíbrio de Gaia e orienta o Cão Breu acerca de seus “objetivos”, abrindo passagens transdimensionais (transmidiáticas) para essa criatura fantástica.



Figura 183 - Capa do EP "É esse mesmo o mundo que queremos?" de Fredé CF (2021).

Na capa do EP “É esse mesmo o mundo que queremos?” (2021), há uma representação feita por mim de Supay nas profundezas do planeta para representar os temas tratados pela obra em questão. A imagem foi criada com o aplicativo Theta+, que permite distorcer imagens e transformá-las em 360º, no chamado efeito “tiny planet”, que dá um aspecto de planeta formado a partir da imagem.



Figura 184 – Fotografia feita em 2014 que deu origem à capa do EP "É esse mesmo o mundo que queremos?" (2021).

Criei a imagem da capa a partir de uma fotografia que tirei de um matagal nos arredores da cidade de Goiânia em 2014, no qual a cidade aparece no horizonte. Após utilizar o aplicativo para trabalhar sobre a imagem, me aparenta haver nela imbricada um ser que rege o planeta pelas sombras. Esse ser, em MekHanTropia, é Supay.

> Supay, o Senhor do Submundo, foi erroneamente identificado pelos invasores espanhóis como o diabo, mas no vocábulo *runasimi* quer dizer sombrio, o que significa que o *Ucku Pacha* pode ser definido como o Mundo Obscuro, das sombras. Ele é originário da mitologia aymara, kolla e inka, e corresponde a um ser que habita as profundidades da Terra, o inframundo dos mortos, que tem um caráter dúbio e grande capacidade de transformação; Lembrando que na cosmovisão andina, tudo tem uma contraparte (masculino/feminino). A vida só é criada quando o masculino e o feminino se unem. O aspecto feminino dele é *China Supay* (FROTA, 2017, p. 95).

Já o nome da personagem “Aila”, uma das líderes da resistência anti-mekHanTrópica, refere-se à denominação “Aila”, relacionada em sua origem

etimológica à “luz da lua” (importante signo de meu universo, por sua relação com os canídeos) na cultura turca e ao “carvalho” (um dos meus sobrenomes) na hebraica. O nome da personagem é também uma brincadeira poética com a troca do “Ay” original pelo “Ai” no início do nome, que caracteriza a “Inteligência Artificial (*Artificial Inteligence*) experimentada nas obras de MekHanTropia.



Figura 185 - "Sobre os Tempos (Ancestralidade)". Fotografia digital. Fredé CF, 2017.

Voltando aos videoclipes, como dito anteriormente, utilizo bastante referências artísticas expressionistas pela forma como lido com elementos formais e pela intensidade de contrastes visuais e atualização da carga simbólica que, contextualmente, representa eras de terror e angústias afloradas (como a primeira metade do século XX e suas guerras, e o momento atual). Recorro também a aspectos do surrealismo, dadaísmo e cultura pop encontrados na condução narrativa, montagem, na organização e tratamento onírico-psicodélico das imagens (estáticas e em movimento) com as redes neurais/IA, em especial o *Deep Dream Generator*[137]. Desta forma, tento cultivar elementos referentes a

137O *Deep Dream* é um programa de computador criado por Alexander Mordvintsev, que usa uma rede neural para encontrar e aprimorar padrões em imagens via emparelhamento

estados perceptivos e imaginários como vetores de transformação de realidades, além de adentrar em diferentes dimensões espaço-temporais como metáforas para processos mentais.

Como também já mencionado, os videoclipes[138] trazem em suas descrições pequenos trechos escritos dos chamados “Diários de Quarentena” de Valdez[139]como um índice da narrativa fragmentada. Esses trechos indicam uma dispersão narrativa, articulando sob a lógica onírica os encaixes poéticos nos imaginários dos personagens projetados entre os processos e poéticas trafegadas. Tal dispersão estabelece assim elos temporais de fluidez e transconexões mentais entre o universo dos personagens e o de nossa realidade ordinária. Tais elos são pontos cruciais de minha poética de resistência aos padrões lineares narrativos mekHanTrópicos e aparecem desde as primeiras criações relacionadas ao conceito, como evidenciado na descrição do videoclipe “Tentando explicar o óbvio”[140], quando Valdez relata uma conversa que teve com Aila.[141]

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

algorítmico, criando assim uma aparência de sonho nas imagens deliberadamente super processadas. Saiba mais em: https://deepdreamgenerator.com/ Acesso em 22/07/2020.
138Disponível em: https://www.youtube.com/user/fredcfelipe/videos Acesso em: 21/07/2020.
139 “Esse relato é de antes de tudo acontecer. De antes de tudo sucumbir. De quando ainda havia a estabilidade de um sistema completamente instável. Caótico. De quando o silício ainda não havia dominado por completo.” (Texto-descrição disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yQtOkUvuBkQ Acesso em 11/06/2020).
140Videoclipe disponível em https://www.youtube.com/watch?v=8oO2JQJ90MY Acesso em 11/06/2020.
141 “É preciso enxergar e ir além. Além do ordinário. Além da prisão sufocante das redes telemáticas. Estou trabalhando em um projeto de resistência anti-mekHanTrópica, pra enfrentar todo esse obscurantismo e negacionismo que presenciamos nesses tempos nefastos de trevas. (Texto-descrição disponível em https://www.youtube.com/watch?v=8oO2JQJ90MY Acesso em 11/06/2020).

Ao operar em diversas frentes narrativas, o universo de MekHanTropia possui ecos transmidiáticos em sua essência criativa. Isso se dá com intuito de exaltar o que persiste de humano em nossas relações, buscando incorporar e articular diversos imaginários em uma narrativa ficcional que segue transmutando suas configurações na busca por autoconhecimento (neste caso) em diversas formas de manifestação poética (música, videoclipe, fotos, desenhos, curtas, contos, argumentos, escritos dos "diários de quarentena" etc.) sob a ótica da (re)existência (qualitativa) e não da mera produtividade (quantificada).

Fernando Hernandéz pontua que a cultura visual "não é definida por um 'quê' (objetos, imagens) ou um 'como' (método para analisar ou interpretar o que vemos), pois se constitui como um espaço de relação que traça pontes no 'vazio', que se projeta entre o que vemos e como somos vistos por aquilo que vemos". (HERNANDEZ, 2011). Destarte, entre apocalípticos e integrados, a saída *anti-mekHanTrópica* talvez se dê por criações subjetivas plurais em consonância com um maior equilíbrio interior. De dentro para fora, tentar compreender e lançar luz em processos que fazem parte de nós mesmos e nos tornam únicos no mundo, para que assim possamos evoluir àquilo que almejamos *Ser* e ressignificar aspectos sombrios que nos integram.

Vislumbro, como esperança de resistência baseada na inversão da lógica do sistema acerca das relações humanas, movimentações em direção a "conexões" camufladas como "dispersões". A produção de conhecimento acadêmico e artístico (desvinculados do mercado enquanto objetivo primordial) são ótimos caminhos para isso, em uma relação dialógica e polissêmica entre teoria e prática de forma crítica.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Quando identificamos e vislumbramos nossas sombras e as sombras da sociedade, entendendo-as como parte de nós em vez de negá-las. Nos conhecemos mais profundamente de maneira crítica, entendendo nossos medos, angústias, alegrias, amores, limitações, preconceitos, ignorâncias, metamorfoses e evoluções. Assim, temos a chance de escolher mais assertivamente como agir perante as situações da vida. Muitas vezes, essas reflexões podem vir integrativamente de maneiras mais sublimes (meditação, arte, yoga, educação, pesquisa etc.) ou de maneiras mais complicadas (muitas vezes quando não sublimamos as sombras, ela vem à tona por ações que não condizem com o que achamos que somos, nos causando e causando em outros seres consequências físicas, psicológicas e emocionais perturbadoras), porém quase sempre dolorosas em algum nível.

Ao chacoalharmos nossas verdades e nos permitirmos aprendizagens em relação ao que somos e ao que nos tornamos, temos a possibilidade de nos autotransformar e ressignificar certos aspectos. Talvez essa seja o único ato que possamos de fato fazer para mudar algo enquanto resistência, em essência. Nos autotransformando, transformamos o mundo, uma vez que nossas ações determinam vários aspectos da realidade. Ao entendermos melhor quem somos, nossos componentes culturais, as informações que nos chegam por diversos canais e o que não é mostrado e evidenciado, visualizamos o mundo um pouco de fora do quadro institucionalizado. Vemos além do espelho colocado diante de nós, no qual regurgitamos todas nossas próprias angústias e frustrações.

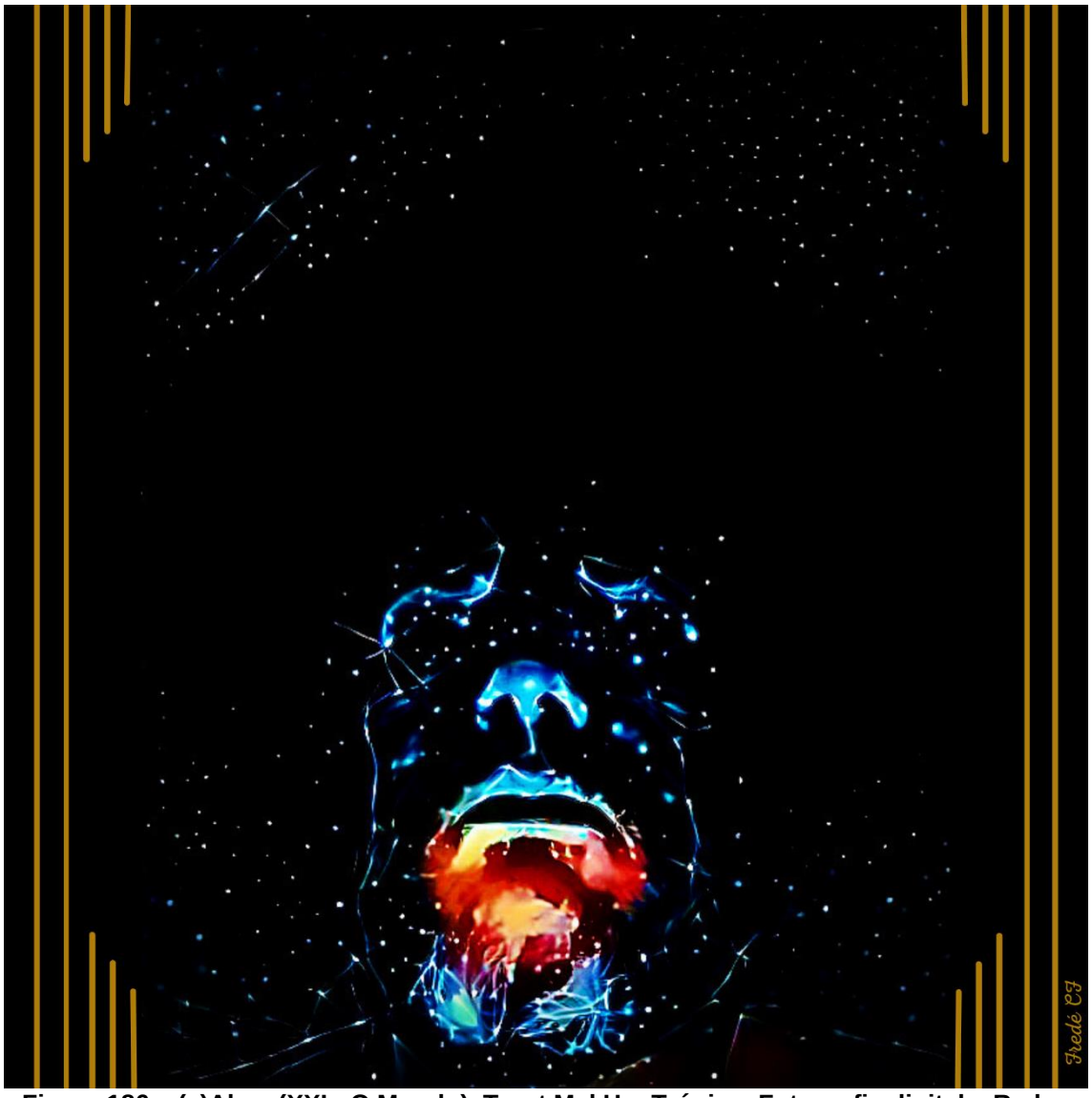


Figura 186 – (c)Alma (XXI - O Mundo). Tarot MekHanTrópico. Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2021.

4.7. A origem da “Confraria Anti-MekHanTrópica (CAM)” e a escrita de argumentos para uma futura série transmídia baseada no álbum “MekHanTropia”: O “futuro” é agora?

“Um brinde aos idiotas e toda sua ganância
Alimentando o caos e sufocando as esperanças
Mas nós não vamos desistir, não
Nós não vamos desistir, não (Ordem)
Cheguem junto, lutem pelo que é certo
Pra quebrar essa hipnose e sair desse deserto
E não vamos desistir, não
E não vamos desistir, não

Esmorecer? Nunca! Render-se? Jamais!
Tamo pronto pra guerra, mas sempre em busca da paz."

(Planet Hemp)

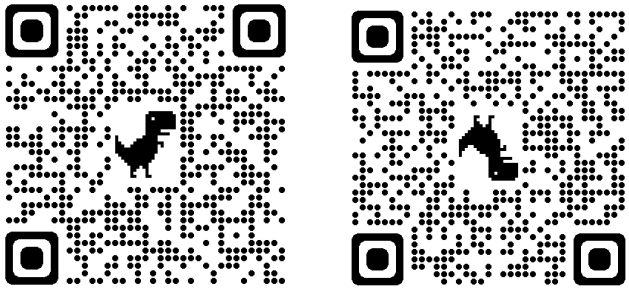
Talvez todo este trabalho, este universo que crio, seja uma crítica à ausência de reflexão e criticismo da jornada humana. Talvez seja um olhar sobre como a arte pode nos redimir (ou ao menos tentar) frente ao sistema que constantemente tenta nos padronizar. Seja como for, escrevo essas palavras não com o intuito de afirmar meus objetivos, mas de evidenciar como o "outro" é importante para as relações humanas. Somos seres socioculturais e nossa sobrevivência se deu até agora por conta disso. Assim, a ideia de "alteridade" e de "respeito" ao que o "outro" é, como está e o que cria é fundamental. Ao contrário da ideia de alguns pensadores acerca do ser humano como um detentor "natural" de poderes interventores sobre o mundo, penso que é importante, nesta condição existencial, pensar acerca dos "outros" também, uma vez que ao intervirmos também nos transbordamos enquanto indivíduo e adentramos dimensões de direitos existenciais de outros seres, humanos ou não. Por isso o equilíbrio e a consciência de que somos seres socioculturais que integram o planeta é tão crucial, pois nos permite olhar para outras perspectivas e nos tirar do centro do universo, evitando assim atrocidades totalitaristas, como já vistas diversos momentos históricos.

Para inaugurar a "Confraria Anti-MekHanTrópica (CAM)", nove pessoas do meu círculo (porém, de círculos diferentes entre si) foram convidadas em 2020 para escrever argumentos sobre suas impressões acerca do universo de MekHanTropia. Tais argumentos, espalhados aqui nesta tese-criação, formam uma antologia transmidiática alocada aqui oniricamente de maneira fragmentada. Cada uma das narrativas teve como referência inicial interpretações sobre o imaginário trazido por mim no álbum "MekHanTropia", re-apresentado como narrativas livres experimentais por essas pessoas.

Saliento que estes argumentos, além de comporem esta tese-criação de maneira indexada para dar vida ao universo, visam reflexões e possibilidades de visualização externa, sob novos olhares, para mim acerca dos conceitos que exponho. Tal relação possibilita expansões e transformações sobre os processos

criativos e poéticas artísticas originais, se tornando uma criação colaborativa que pode resultar em futuros novos projeto coletivos com essas pessoas. Porém, essas possíveis ações futuras ainda não foram pensadas e, portanto, não serão por aqui abordadas, uma vez que ainda necessitam de amadurecimento e diálogos acerca das possibilidades de criação e produção.

As pessoas convidadas para participar foram escolhidas tendo em vista alguns critérios mínimos que estabeleci, como: interesse pelo conceito e pelo álbum musical lançado; afinidade e proximidade comigo; disponibilidade de tempo e disposição para a escrita; pluralidade de ponto de vistas, mesmo todos me tendo como ponto de ligação/referência; além de associações aleatórias que fiz entre os temas abordados nas faixas do álbum e lembranças sobre as pessoas que me vieram à mente.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Enviei uma carta para essas pessoas evidenciando as ideias para inspiração. Intitulei a mensagem de “Carta-Covid”, em um trocadilho com a palavra “carta-convite” e em alusão ao triste momento pelo qual passamos durante a criação desse universo. Obtive respostas positivas e negativas sobre as cartas e, desta forma, selecionei quem aceitou participar. Neste convite, expliquei de maneira resumida o conceito e a pretensão com a obra, além de sugerir o seguinte caminho como orientação (não como regra), deixando as pessoas livres para criar como bem entendessem:

1) ouça o álbum “MekHanTropia” e, se possível, as outras obras já produzidas neste universo;

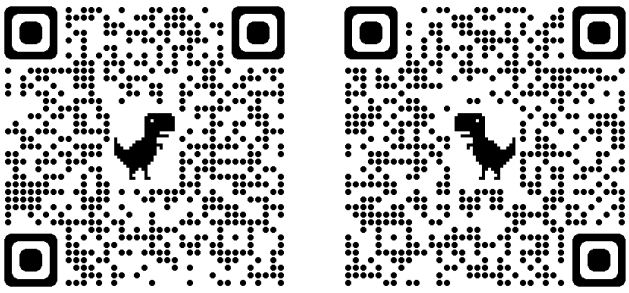
2) reflita sobre quais imagens mentais, conceitos, personagens, cenários, histórias que surgem em sua imaginação, memória e percepção;

3) escreva uma ideia inicial e, em forma de argumento, a desenvolva narrativamente articulando o que imaginou ao universo;

4) me envie para que eu possa adequar e inserir sua história ao universo.

Solicitei ainda que, se possível, essas pessoas pensassem a narrativa levando em conta suas próprias experiências e referências com expressões artísticas de horror, fantasia e ficção científica, além, é claro, das relações com o álbum musical e o conceito de MekHanTropia proposto.

Assim, cada um desses argumentos anti-mekHanTrópicos, mesmo desconexos por terem sido escritos por pessoas distintas, operam a partir desta tese-criação como acontecimentos ou ecos dos inconscientes de personagens no universo. Essas relações colaborativas experimentais estabelecem um movimento interessante de ir e vir de imaginários, como uma meta(r)existência por meio dos tráfegos artísticos, poéticos conceituais, que partem do álbum e extrapolam limites ordinários de espaço, tempo e linguagem por meio da arte transmídia.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Com o retorno das ideias artísticas iniciadas com as músicas por meio dessas histórias criadas (como em um espelho, uma janela ou um oráculo), tento visualizar e compreender melhor algumas de minhas opiniões, conceitos e sombras refletidas ou não. Isso amplia constantemente minhas análises sobre o contexto sociocultural que vivemos por diferentes pontos de vista representados a partir do conceito inicial proposto. Tais multiplicidades perspectívicas também

me remetem e dão novas ideias para criar obras neste universo, atuando também como uma força colaborativa metafísica.



Figura 187 – "Proteção anti-mekHanTrópica" (XVII - A Estrela). Tarot MekHanTrópico. Fredé CF, 2023.

Como em um espelho negro e fumegante de obsidiana – tão utilizado enquanto elemento de representação pela cultura Azteca –, visualizo diferentes tempos e espaços narrativos por meio da proposta dessa "Antologia Transmídia" colocada com a convocação da Confraria Anti-MekHanTrópica. Ecos dispersos, como se fossem sonhos, que me encontram por meio da obra e dizem muito também sobre mim mesmo e a sociedade na qual estou inserido, operando um processo de autoconhecimento e ressignificação de minhas próprias inquietações. Parto nesse caminho de resistência contra a psicopolítica que paulatinamente destrói as nossas subjetividades, como aponta a autora Alejandra Niedermaier:

> A partir de los espejos de obsidiana, llamados tezcatl, de la cultura mezo americana que, desde profundidades humosas, permitían visualizar otros tiempos y lugares y reflejaban al observador y al objeto al mismo tiempo, (...) com el objeto de compreender mejor la incidencia de la imagen sobre la subjetividad, sobre el imaginario individual y colectivo y sobre sus posibilidades simbólicas (NIEDERMAIER, 2020, p. 152).[142]

Tecendo uma relação com o meu trabalho construído todo sobre imagens e sons imbricados, é importante refletir sobre as origens da linguagem e representação audiovisual trazida pelo cinema, linguagem essa tão utilizada em meus processos. O cinema nasceu em um contexto positivista e, desde o início é, ao lado da fotografia, considerado uma forma de promover registros visuais mais objetivos da realidade sendo, muitas vezes, confundido no imaginário com a própria realidade validada enquanto representação dos fatos (especialmente o cinema documentário). Essa linguagem e representação foi (e ainda é) muito utilizada por sistemas historicamente dominantes para propagar ou afirmar ideologias, principalmente no início do século XX. Paulatinamente, a sétima arte deixa de ser vista como registro inquestionável da realidade, para ser pensada enquanto forma de representação por meio de imagens credíveis do mundo. Por mais que determinadas obras tragam um teor "realista", sempre existem profissionais que operam os equipamentos e fazem escolhas que interferem nos registros visuais dos fatos.

A pensadora Lúcia Santaella coloca que a nossa relação com as imagens possui três grandes paradigmas[143]: o "pré-fotográfico", no qual as imagens eram feitas mais "artesanalmente" sem grande interferência de máquinas (pintura, desenho, gravura etc); o "fotográfico", no qual há uma máquina intermediando a criação das imagens em relação ao mundo (fotografia, cinema, televisão, holografia etc.); e o "pós-fotográfico", no qual as imagens são geradas pelas máquinas (computadores) sem a relação direta de intermediação com o mundo (imagens computacionais). Atualmente, segundo a pensadora, vivemos um "quarto paradigma" híbrido, que se manifesta com a mistura dos outros três paradigmas. Assim, segundo Santaella, a arte vive hoje uma "pluralidade/diversidade

[142] "Dos espelhos de obsidiana, chamados tezcatl, da cultura mesoamericana que, de profundezas esfumaçadas, permitiam visualizar outros tempos e lugares e refletiam o observador e o objeto ao mesmo tempo, (...) a imagem na subjetividade, no imaginário individual e coletivo e em suas possibilidades simbólicas" (NIEDERMAIER, 2020, p. 152). Tradução nossa.

[143] Ver: https://www.youtube.com/watch?v=EF9Vb4kaHxk Acesso em: 21/08/2023.

radicais”, uma vez que os artistas têm acesso a todos os paradigmas anteriores e, assim, podem ter mais possibilidades de experimentação.

Tais relações tomam novas e muito mais complexas formas com as Inteligências Artificiais (IAs). Muitos artistas veem nas IAs uma ameaça. Segundo Santaella, as tecnologias que tiveram maior influência na humanidade são aquelas que naturalizamos, não as “enxergando” mais como tecnologias, como o livro, as roupas ou os sapatos, por exemplo, objetos tão incorporados a nossas vidas que se tornaram “familiares”. Assim, as relações humanas com as IAs ainda são uma novidade e, além disso, não estamos familiarizados com os mecanismos que engendram essas tecnologias, muito por suas complexidades:

> A IA se constitui hoje em uma área de pesquisa e de conhecimento extremamente complexa. Para dar um mínimo de conta dessa complexidade, basta nomear apenas alguns termos do seu jargão científico: método simbolista, programa genético, dedução inversa, regressão linear, *backpropagation*, probabilidade *bayesiana*, métodos estatísticos, modelagem preditiva, e por aí vai. De fato, ao leigo, tudo isso soa como sânscrito. Boden (2020, p. 67) afirma que a AM depende atualmente de técnicas matemáticas assustadoras que envolvem a teoria das probabilidades e estatísticas. Isso apenas demonstra que se trata de um domínio de pesquisa da alçada de especialistas capacitados. Para alguns especialistas, Stocker (2021, p. 106) por exemplo, "a nossa IA é pouco mais do que mineração de dados em esteroides. Ela olha os dados (quantidade massiva de dados), quebra-os em pequenos pedaços, compara-os, reconhece padrões (SANTAELLA, 2023, p. 13).

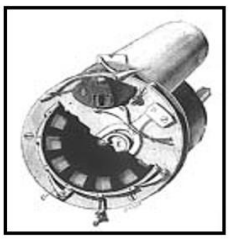
Todavia, a minha relação com as IAs, por enquanto, é completamente limitada, reservando-se apenas a aspectos estéticos e experimentais em minhas obras. Por não ser um programador computacional e leigo no assunto, utilizo as IAs de maneira superficial e estritamente poética em minhas criações, com o intuito simplesmente de gerar “estranhamentos” *DIY* livres para caracterização de elementos visuais do universo de MekHanTropia, por meio das texturas e cores psicodélicas geradas. Também me interesso pela percepção sobre como tais tecnologias interferem na relação entre humano e máquina e, sobretudo, na relação psíquica de nós com nós mesmos. Assim, não tenho como objetivo, neste momento, um maior estudo e aprofundamento acerca das complexidades técnicas e operacionais de funcionamento sempre muito dinâmicas características das IAs, uma vez que a cada dia uma novidade surge neste campo. Porém, cito-as aqui como parte deste meu processo criativo em

MekHanTropia e, talvez, tenha interesse futuro em me aprofundar nessas questões.

> Não somos mais individualidades, no sentido de identidade espacial e temporalmente uniforme. Ao contrário, perfis se constituem, de um lado, em fragmentos de comportamentos registrados que são avaliados na base de buscas particulares que não podem prometer nos representar como um todo. Por outro lado, somos feixes de uma pessoa múltipla, de modo que, quando estamos sendo modelados, podemos simultaneamente ocupar diferentes posições no tempo. 'As diferenças temporais possibilitam predições do seguinte tipo: uma pessoa que fez ou desejou X, com uma probabilidade Y, irá se engajar em uma atividade Z. É assim que a *Amazon* faz suas recomendações,' o que é repetido por outros provedores engajados algoritmicamente que têm devotado crescentemente recursos às capacidades prognósticas de seus programas de modo a tornar obsoleto o passo confuso e o gasto de tempo de nossas buscas (SANTAELLA, 2023, p. 17).

O ser humano sempre manifestou um grande fascínio tanto pelas máquinas quanto pelas imagens em movimento. Desde a primeira sessão pública, realizada em 1895 pelos irmãos *Lumière* em Paris com seu "cinematógrafo" (e anteriormente, com outras invenções como o "cinetoscópio" de Thomas Edison e experimentações cronofotográficas de Etienne-Jules Marey e Edward Muybridge), a arte cinematográfica vem sendo revolucionada em sua linguagem e formas de representação por meio de máquinas que dão novas formas à imaginação (reverencio aqui Georges Méliès como um dos grandes cineastas neste sentido). Conforme o tempo foi passando, o homem aperfeiçoou suas habilidades, conhecimentos e tecnologias para contribuir com o avanço da linguagem cinematográfica, que ganhou novas formas.







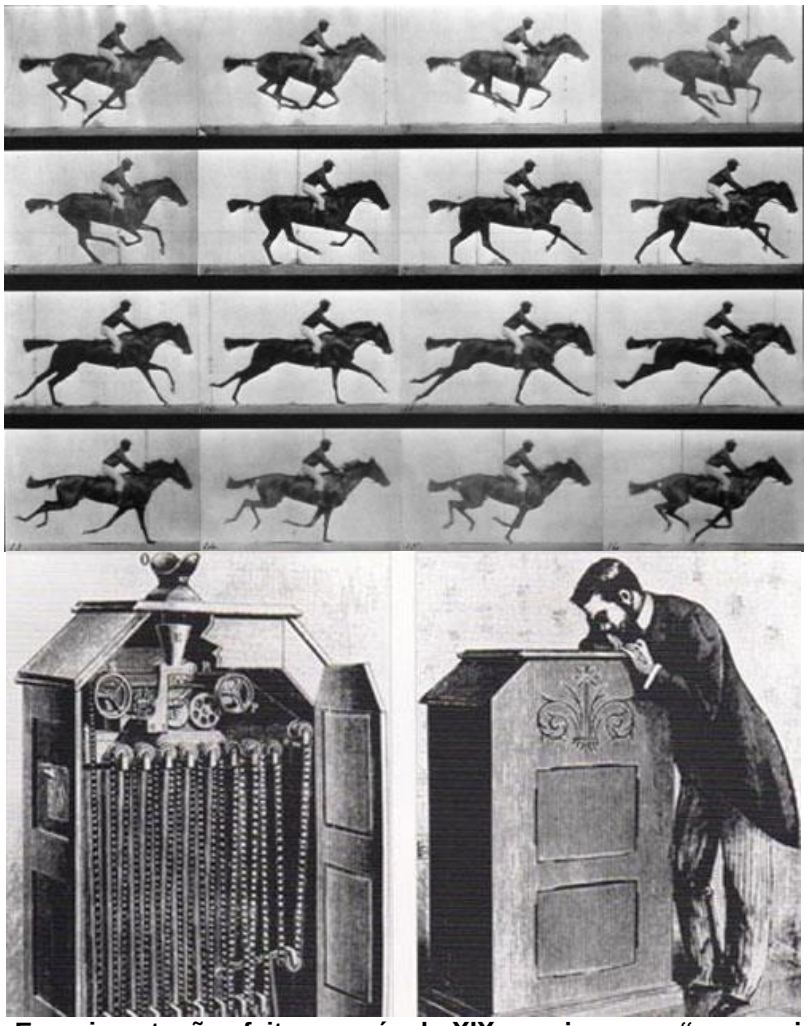


Figura 188 - Experimentações feitas no século XIX com imagens "em movimento" (em ordem, de cima pra baixo): O fuzil cronofotográfico de Marey; as 24 câmeras espalhadas num hipódromo por Muybridge; e o cinetoscópio de Thomas Edison.

Histórias cada vez maiores e complexas começam a ser mais comuns, como as trilogias, séries, obras transmidiáticas, entre outras maneiras de ampliação do universo poético-narrativo propiciadas por novas formas de relação humana advindas do uso criativo da tecnologia, além do desenvolvimento de aspectos sintáxicos da linguagem cinematográfica como movimentos de câmera, enquadramentos, maquiagens, inovações na montagem e edição, entre outros. Historicamente, o cinema se superou como simples aparato técnico e sua linguagem tornou-se a base para toda forma de expressão audiovisual que conhecemos até hoje, como o vídeo, a TV, os games etc.

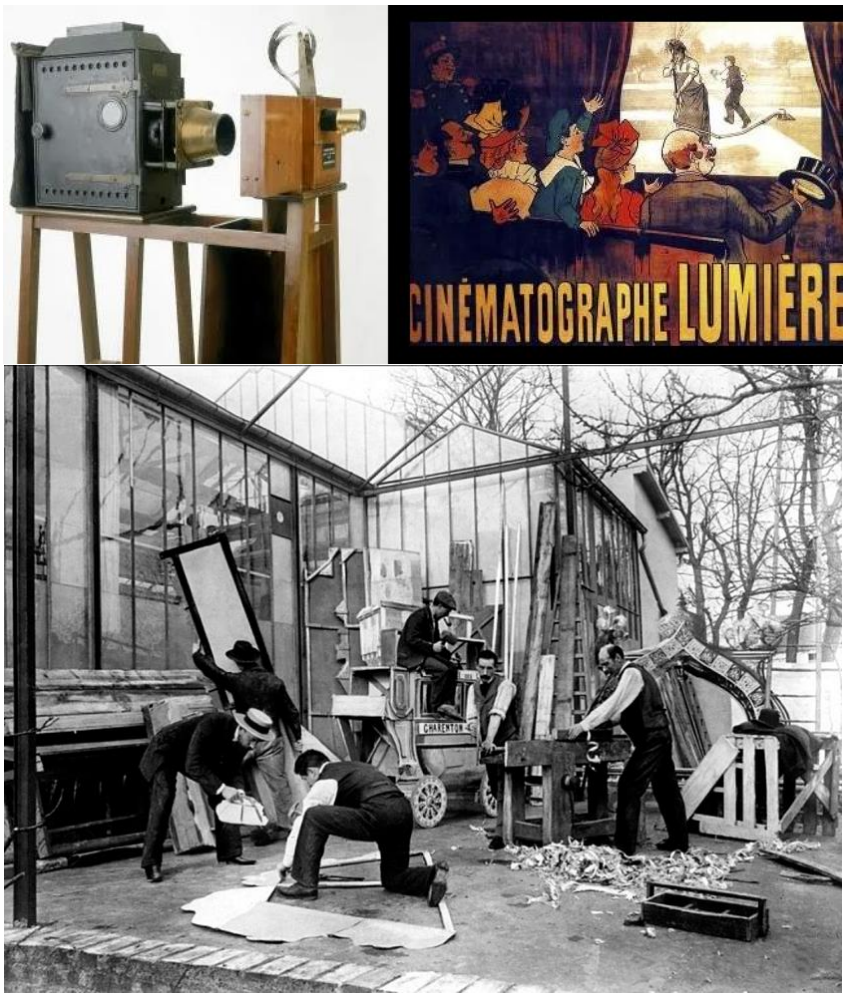


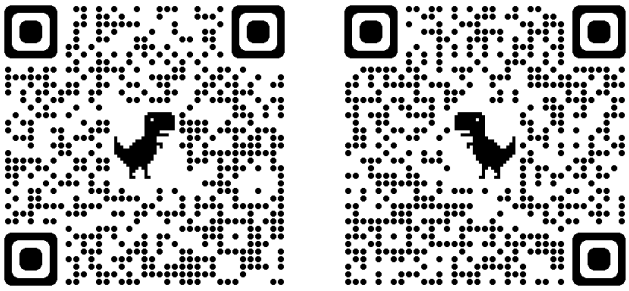
Figura 189 – Os primórdios do cinema na virada do século XIX para o século XX (em ordem, de cima pra baixo): os Irmãos Lumière e o cinematógrafo; George Méliès e equipe em seu estúdio cinematográfico (Star Films).

Tendo como referência os filmes produzidos há pouco mais de 100 anos, a era digital impulsiona formas de diálogo entre o emissor e o receptor mais fluidas e fragmentadas (no que diz respeito à montagem), sobretudo um modelo mais personalizado e interativo nas relações on-line/off-line em nossas vidas, amalgamando cada vez mais a arte e a tecnologia digital. Vários pensadores consideram a internet como o destino de todas as mídias, como uma válvula de convergência midiática que a cada dia se torna mais presente cotidianamente mesmo que, apesar dos caprichos dos bilionários já citados, ainda vivemos de fato também na realidade analogicamente validada. Rapidamente, novas formas de distribuir e transmitir conteúdo possibilitaram que nossas experiências sejam complementadas, modificando o modo de nos relacionarmos com o audiovisual.

Essa realidade relativa ao diálogo híbrido dos indivíduos com as máquinas, que antes era vista como fruto da imaginação, é agora aplicada em forma de

experiências sensoriais. A digitalização povoa nossas vidas com computadores, celulares e diversas outras plataformas cuja função primordial é nos "auxiliar" em diversas tarefas e entreter, em um tempo "líquido" caracterizado pela globalização, pelas rápidas inovações tecnológicas e pela crescente influência do mundo virtual. Novas possibilidades vêm sendo estudadas e desenvolvidas a todo instante (como a *Brain-Computer Interface*[144], por exemplo), trazendo alguns conceitos antes restritos ao campo da ficção científica para a nossa vida cotidiana cada vez mais mekHanTrópica em contato com as IAs já mencionadas.

Não obstante, o sujeito pós-moderno se mostra repleto de medos, angústias e problemas emocionais aflorados que ganham novos limites com as tecnologias atuais. As nossas relações com o mundo, antes rígidas, hoje são mais fluidas, rápidas e pautadas no desejo ilimitado e no medo do fracasso, o que amplia a hipercompetitividade na sociedade e, consequentemente, o individualismo e o egoísmo. Mantém-se a essência, mudam-se as formas, em uma era em que nada é feito para durar e o supérfluo dita o ritmo do consumo pela obsolescência programada dos produtos industriais.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

No filme "*Almost Humans*" (2020), do dinamarquês Jeppe Rønde, vemos que a tecnologia é uma característica humana. Segundo o filme, mais de 90% das atividades humanas são suportadas por tecnologias. Vestimos roupas, sapatos, óculos, usamos carros, trens, vivemos em casas, com iluminação artificial, saneamento de água e esgoto, ventilador etc. Sendo assim, somos mais de 90% robôs por meio de tecnologias que nos expandem recursos e nos ajudam a viver

[144] Ver: https://www.moneytimes.com.br/alem-da-inteligencia-artificial-o-proximo-passo-da-tecnologia-ja-tem-nome-e-se-chama-bci/ Acesso em: 21/08/2023.

com mais facilidade no mundo. O filme faz uma comparação interessante entre nossas relações com as tecnologias e o monstro *Frankenstein*, criado pela escritora Mary Shelley, no sentido de que negamos e tememos o futuro com a tecnologia tomando direções que não poderíamos controlar. Isso acontece, muitas vezes, por vermos as tecnologias como algo além do humano, de fora de nós mesmo, como um “outro”, um estranho.

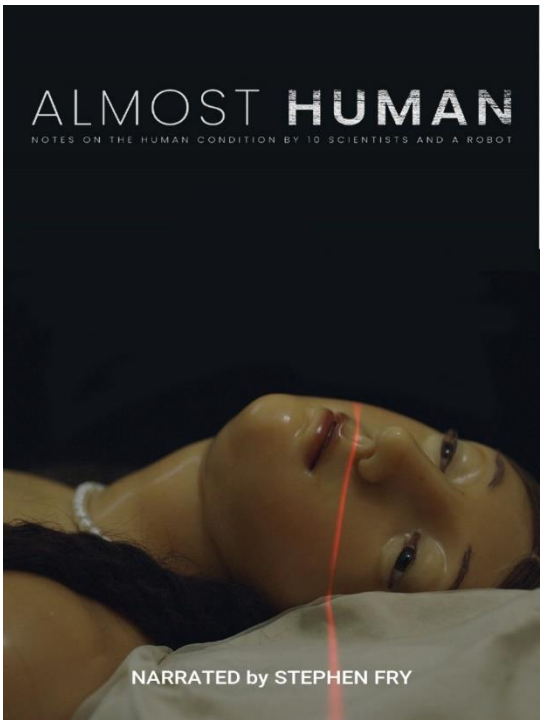


Figura 190 - Cartaz do filme "Almost Human" de Jeppe Rønde. 2020.

Tendo em vista as novas tecnologias, observo que os “estranhos” atuais, de fato, somos nós a nós mesmos enquanto seres, e, talvez por isso, o número de pessoas adoecidas emocionalmente tenha aumentado consideravelmente, conforme dados do Instituto de Estudos para Políticas de Saúde (IEPS)[145]. Negam-se, sob as ideias mercadológicas de “sucesso”, “felicidade” e “bem-estar”, aspectos sombrios da própria psique, como se não constituíssem o ser. Talvez os aparatos da tecnologia, nesse momento “antropoceno” que vivemos imposto pelo mercado, nos faça perceber a importância existencial que temos no planeta. Nos faça entender que não é a tecnologia em si, mas nossas ações utilizando a tecnologia que determinam transformações no habitat e isso vai além do lucro financeiro.

[145] Ver: https://encurtador.com.br/bCR67 Acesso em: 21/08/2023.



Figura 191 - "The Man-Machine". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2019.

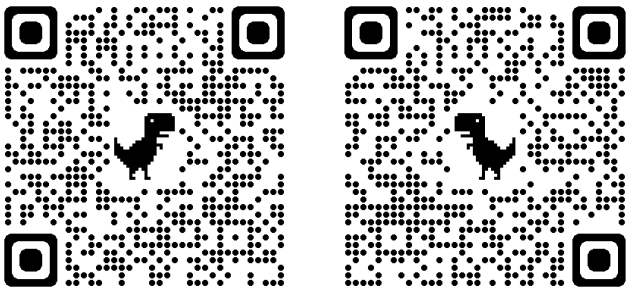
Antes de tudo, é importante nos conhecermos melhor e nossa relação com o todo. Podemos utilizar a tecnologia para construir, como cientistas na Argentina (segundo o citado filme "*Almost Humans*") que trouxeram de volta espécies extintas de plantas, por exemplo. Porém, para isso é necessário inverter a lógica do lucro atrelado ao mercado, uma vez que essa lógica atua na ilusão de uma utopia[146] de luxo baseada na exploração do outro, de nós mesmos e do planeta. É importante atentar que a influência destrutiva do mercado sobre as pessoas está gerando indivíduos com distúrbios cada vez mais presentes e que isso ecoa na sociedade e no meio ambiente.

[146] Segundo Andityas Matos (2017): "O prefixo grego dys (δυσ-) significa 'doente', 'mal' e 'anormal'. Conforme sugestão de François Ost, evidenciada em sua análise das fontes do imaginário jurídico contidas nas obras de Franz Kafka, as distopias seriam utopias às avessas, ou seja, más utopias, sociedades imaginárias nas quais as condições de existência são muito piores do que aquelas que vigoram nas sociedades reais" (MATOS, Andityas. Utopias, distopias e o jogo da criação de mundos. In: Revista UFMG, Belo Horizonte, v. 24, n. 1 e 2, p. 40-59, jan./dez. 2017).

Em minha experiência como docente, por exemplo, observei adultos, adolescentes e até crianças já adoecidas e, de certa forma, estigmatizadas por incontáveis laudos psiquiátricos que, certas vezes, eram até comercializados[147]. Como já enfatizado, acredito e busco em minhas atuações e vivências pessoais e profissionais (artísticas e educacionais) aludir à inevitabilidade e urgência do olhar para si e para o "outro" sob os preceitos da "subjetividade" e da "alteridade", despregado (na medida do possível) das amarras do mercado e do sistema baseado prioritariamente no consumo. É imperativo nos conectarmos à nossa essência ancestral que se manifesta na natureza de cada um enquanto ser natural, não com medo, mas com aceitação daquilo que somos em essência: animais que utilizam tecnologias e vivem em sociedade, mas que também possuem suas subjetividades únicas.

Não devemos temer a tecnologia, mas sim a nós mesmos e como levamos nossas vidas com intransigências e apegos a "verdades absolutas", uma vez que lidamos com a tecnologia de maneira projetada, ou seja, atentos sobre como lidamos com nós mesmos e em sociedade no planeta. Se utilizarmos a tecnologia de maneira cooperativa, podemos viver e pensar de maneira cooperativa e não altamente competitiva, como estamos nos tornando cada vez mais induzidos pelo sistema.

[147] Segundo Eliane Brum, em entrevista publicada na "Folha de São Paulo" em 20/08/2015: "Estamos vivemos numa sociedade dopada por medicamentos, na qual a grande autoridade é o médico. Temos agido como se tudo o que é da vida fosse uma patologia, transformando, por fim, a própria vida numa patologia. Como se a tristeza fosse uma patologia, como se a angústia fosse uma patologia, como se a ansiedade fosse uma patologia. E no lado oposto, há o imperativo de felicidade de consumo. De certa maneira, eu sou uma defensora do mal-estar. Nesse momento histórico que estamos vivendo, ser feliz e saltitante como um carneiro de desenho animado é o que deveria ser preocupante, é o que deveria fazer tocar a sirene. Eu defendo o mal-estar como um movimento, como algo ativo, algo transformador. Porque o grande risco de silenciar com medicamentos aquilo que é da vida é não elaborar, não pensar, não reagir, não transformar, não fazer marca do vivido. E com isso a gente perde muito. Acho que, em parte, as séries, os filmes, a literatura de zumbis, fazem tanto sucesso porque o mundo está cheio de mortos vivos, paralisados e anestesiados, não só, mas também por medicamentos. Acho que o mais triste é essa vida morta." Disponível em: https://mortesemtabu.blogfolha.uol.com.br/2015/08/20/entrevista-com-eliane-brum/ Acesso em: 21/08/2023.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Assim, penso que essa tese-criação flui neste movimento de busca por aspectos colaborativos em sua essência experimental. Estilos narrativos e de composição que me servem como referências embasadas, além das minhas experiências e vivências pessoais e os contatos com outras pessoas colaboradoras que também trazem suas referências. Tudo isso abre e pavimenta caminhos antimekHanTrópicos para uma poética única que resulta nas obras que integram o universo em questão. Essa unicidade poético-narrativa dialoga e estabelece conceitualmente o rompimento com a ideia proposta na obra de padronização mekHantrópica da sociedade, que enxerga as pessoas como máquinas ou simples números, descartando suas subjetividades. Pegando a via contrária, ao criar personagens, cenários e tramas em um universo poético-ficcional, tento me projetar ao interior dos mesmos para interpretar o mundo de acordo com suas visões e princípios.

Esse exercício de criação precedido de pesquisa e análise auto(etno)biográfica, por si só, já me possibilita uma maior empatia e amplitude de perspectivas, além de ser bastante influenciado pelas dinâmicas mediadas por mim como professor da disciplina L.I.V. (Laboratório Inteligência de Vida) no Colégio Victória Figueiredo (Ensino Fundamental II, de 2019 a 2021), também levado pra sala de aula da universidade. Muitos exercícios aproveitam o lúdico para propor situações em que temos que nos ver e pensar de acordo com o “outro”, ou o que nos é “estranho” ou “diferente”.

Sempre busquei como docente tentar estabelecer relações mais humanizadas entre o virtual e o presencial, o humano e a máquina enquanto algo humano, propondo dinâmicas e atividades que contemplassem a diversidade, o

pensamento crítico, a empatia, as escutas entre alunos e seus círculos sociais, e com os temas que abordo aqui nesse trabalho, como arte, contextualizações, sociedade, cultura, imagem, representação, preconceito, invisibilidade, discursos e disseminação de ódio, neoliberalismo etc. Essas vivências auxiliaram-me também em meu processo de criação narrativa que proponho, de certa forma expandindo minhas referências e repertórios criativos às novas possibilidades de atuação e articulação de elementos.

Dialogando com a alteridade e multiplicidade de alunos que passaram por minhas aulas semanalmente (em meio à uma pandemia e antes dela), questiono a maneira como nos vemos no “outro” e a partir do “outro”, refletindo acerca de nossas relações em uma sociedade cansada e à beira do colapso.

Atenção MekHanTropos! Hoje é um Grande Dia e venho aqui compartilhar uma excelente notícia com vocês!

Capturamos um dos párias, um dos líderes da Confraria Anti-MekHanTrópica, um dos “cães malditos” da CAM: o usuário de codinome Francisco Valdez.

Já o julgamos e o condenamos como CULPADO e ele já não está mais entre nós. Bandido bom é bandido cancelado e mekHanTropomorfizado.

Estamos agora monitorando outros dissidentes e já bem próximos deles. Estamos já em posse de uma carta que prova outras relações anti-mekHanTrópicas. Em breve traremos mais notícias.

Enquanto isso, comemorem! É melhor já irem se acostumando com essas boas notícias. Seremos o Pesadelo destes vermes!

Saiam às ruas! Vistam nossas cores! Façam do roxo e do amarelo o padrão!

Ajude-nos a mostrar nossa força! Tire fotos e postem nas redes mekHanTrópicas com a hashtag: *#MekHanTropia*

Contamos com vocês!

Messias acima de tudo! MekHanTropia acima de todos!

Atenciosamente,

Edir Messias BiroLiro. MekHanTropia, ano zero.

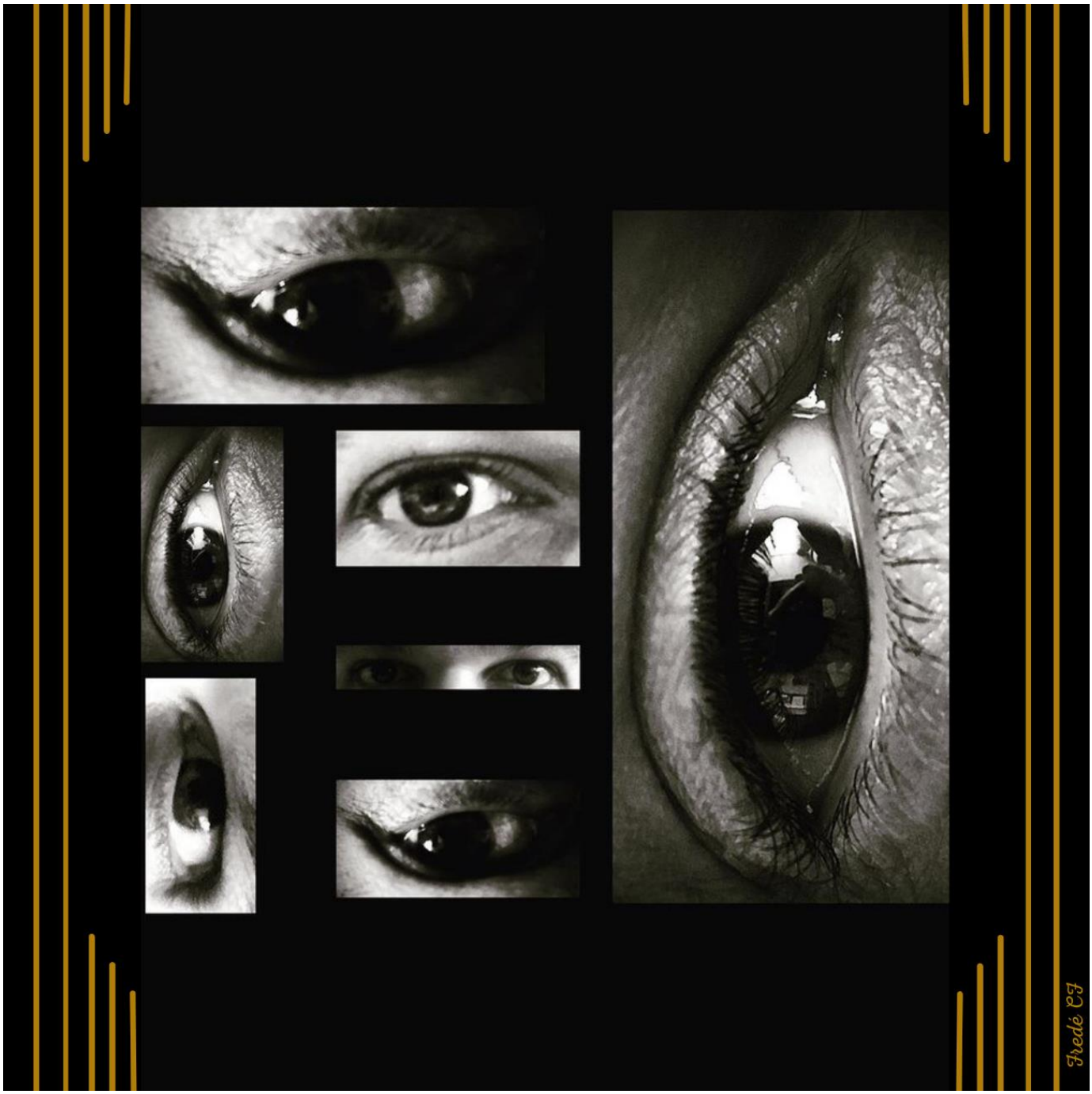


Figura 192 - “Olhos sem face (XX - O Julgamento)”. Tarot MekHanTrópico. Colagem fotográfica digital. Fredé CF, 2020.

Caro(a) leitor(a)/fruidor(a), saudações!

Ao entrar no chuveiro para tomar um banho, me veio um pensamento que trago aqui como devaneio: tudo que me cerca neste exato instante, o sabonete, o shampoo, condicionador, toalhas, tapete, torneiras, tubos, vaso, pia, desodorante, papel higiênico, escova de dente, pasta dental, pente, fio dental, perfume e até os azulejos, a tinta e o gesso do teto (além do próprio chuveiro) tem marca, tem dono. Apenas eu, a água que caí sobre mim e o ar que respiro ainda não tem.

Será que não tem?

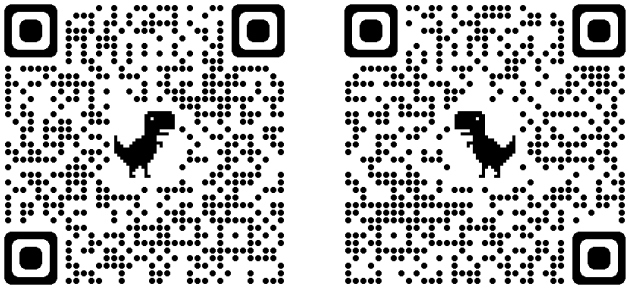
Atenciosamente.

(Carta d'O Acimador para você. MekHan Tropia, ano zero).



5. (CAPÍTULO 5) Integrações e fluxos: Autoconhecimento (luz sobre os pesadelos)

“Enxergar amplamente, enxergar além
É vital para a sobrevivência de sua mente
Transmutação é a palavra-chave
Dias luminosos virão, dias trevosos estão,
Dias da Serpente
Preso no passado, com saudade do futuro
Ausente, longe do presente.”
(B-Negão & Os Seletores de Frequência)



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

5.1. Aproximações e estranhamentos pelas redes

“I don't care if it hurts
I wanna have control
I want a perfect body
I want a perfect soul
I want you to notice
When I'm not around
So fuckin' special
I wish I was special
But I'm a creep
I'm a weirdo
What the hell am I doin' here?
I don't belong here.”
(Radiohead)

Uma questão cara ao conceito de MekHanTropia é a obsolescência do ser humano e sua alienação programada intencionalmente ao não perceber as cordas que o manipulam. Esse domínio desencadeia a perda de nossa

identidade essencial, nosso tempo de vida e as relações que projetamos no mundo com nós mesmo e com os outros, uma vez que, à luz da fenomenologia e do existêncialismo, isso é o que importa, pois constitui-se em nossa maior possibilidade de existência nesse planeta, já que a morte traria uma aniquilação de qualquer outra possibilidade.

Em síntese, Martin Heidegger, filósofo conhecido por ser um dos precursores do existencialismo, além de ter participação institucional no nefasto nazismo alemão. Ele buscou bases de seu pensamento na fenomenologia de Husserl, observando que o "ser" é o "transcenders" por si próprio. Heidegger cita na dedicatória de sua obra "O Ser e o Tempo"[148] uma consideração e admiração à Husserl, e coloca que "a fenomenologia é o modo de acesso ao que deve tornar-se o tema da ontologia; ela é o método que permite determinar o objeto da ontologia, legitimando-o. A ontologia somente é possível como fenomenologia". Heidegger criou um termo para evidenciar que o ser humano é, antes de tudo, um "ser-no-mundo" temporalizado, um "ser-aí" (*Dasein*), ou seja, um ser existente/presente que estabelece relações com as coisas e seres ao seu redor. O filósofo teoriza sobre as chamadas existências "autêntica" e "inautêntica" (ou "própria" e "imprópria"). Segundo ele, grande parte das pessoas vivem uma existência superficial, "inautêntica" no que diz respeito às relações com os outros e com o mundo, reproduzindo assim padrões e ignorando sua própria existência "autêntica".

Para que o indivíduo pudesse viver sua existência "autêntica", seria necessário um rompimento com os padrões e rotinas de uma existência "inautêntica", porém isso geraria "angústia", uma "angústia frente ao nada", segundo o filósofo. Daí, talvez, nos angustiaríamos pela perda de sentido em relação ao mundo e a nós mesmos, nos tornando estranhos a nós mesmos e ao mundo. O que tornaria essa angústia perturbadora seria, sobretudo, a consciência da nossa finitude, ou seja, de nossa morte. Somente quando o ser humano assumisse responsabilidade sobre a própria vida e olhasse ao seu interior, diante do próprio

148 Disponível em: http://www.unirio.br/cch/filosofia/Members/ecio.pisetta/PFC.%20HEIDEGGER-%20Martin.%20Ser%20e%20tempo-%20parte%201.pdf/view Acesso em: 25/08/2023.

ser, poderia viver de maneira “autêntica”. A existência seria, assim, a própria essência do ser humano.

Entre o que se quer
E o que se pode ter
E/ou “ser”
E/ou “fazer”
Há o abismo do “estar”
O que fazer com ele?
Se jogar?
Como lidar?
Quais decisões tomar?
Desistir?
Deixar fluir?
Forçar?
Enquanto o olhar teima em vagar
Procurando se encontrar
Se entender
Fora de si
Longe de mim
Aqui
Perdido em fracassos
Aí
Expectativas frustradas
De cada um
Ser
Nós

Cada um
Vive em si
Por si
Consigo
Porém limitado
Cercado
De vários uns
Zeros
E assim sempre

O tempo inteiro
Terá que responder
A si próprio
Sobre si
Sobre o outro?
Alguém
Sujeito composto
A mais ninguém
Independente de quem seja
Não está fora
Está sobretudo dentro
Complexo
Não-binário
Cheios de nuances
Cheios de...
...Nós

O que tanto busca pra se entender, Valdez?
Você!
É você
O maior relacionamento que terá em sua vida
Todos os dias
Horas
Minutos
Instantes
Você está com você
Dormindo ou acordado
Sozinho e acompanhado
Disposto ou cansado
É você com você
com você É você
Apenas e não
Pois o outro também é
Você no outro
Em você
Há quem compartilhe a cena
Parcialmente

Mas nunca alguém irá viver você
Totalmente
Do início ao fim
Você
Apenas
Se dê uma chance
Sem ter que provar
Sem ter que esperar
Alguém te aprovar
Aprove a você
Deixe o resto pra lá
Cada um está a lutar
Suas próprias batalhas
Internas
Externas
Transcendentais
Em si
Por si
Aqui, aí e ali
Se não pode ajudar
Tente não atrapalhar
Desatar os nós
Nós

Identificar
O que te faz se entregar?
Quem (o que) te domina?
Quem está com o apito na mão?
Chicoteando seus delírios
Aprisionando sua alma
Sugando seus sentidos
Maltratando suas memórias
Torturando constantemente sua imaginação
Sonhos
Pesadelos
Experiências
Antes de julgar os outros

Pare pra pensar
Nos seus próprios desesperos
Nós

Por que estou nesse lugar?
Por medo?
Preguiça?
Deixamos de sonhar?
Quem ajuda a curar também se cura
Quem ajuda a destruir também se destrói
Vai e volta
Lei da física
Metafísica
Construir
O limite do outro é o limite do sentir
Fora de si
Até o outro
Abismo tênue refletido
Espelhos sombrios
Sem retorno
Ferida aberta
Dentro de mim
Para dentro
Em si
Nós
Amarrados
Apertados
Emperrados
Tecelados
Nós

Enquanto voar
É importante parar
Planar
Apreciar a vista
De onde está
Até onde posso mirar

Deixar a mente descansar
Viajar
E se nada mais puder fazer
Tentar ao menos sorrir
Relaxar
Se lembrar
Que se juntos decolamos
Divididos é mais fácil cair
Despencar
Os paraquedas podem não abrir
Quem estará lá pra te amparar
Quando só você está
Só
Sem saber como consigo mesmo lidar
Amar
Nós.

E se em algo eu te desagradar
Respeite também
Você não imagina o quão difícil foi
Pra eu me mesmo me aceitar
Chegar
Onde estou
Em mim
Desatar
Complicados
Complexos
Desconexos
Nós.
["Nós". Poema insurgente d'O Acimador para Fredé CF. 25/08/2023].

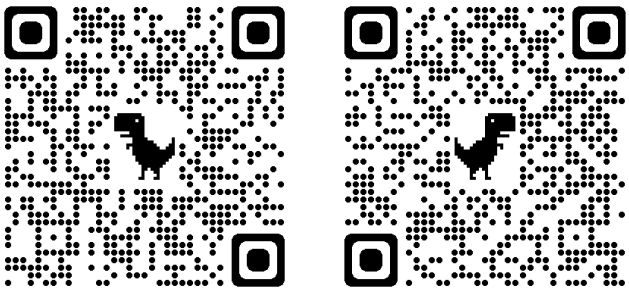
Partindo de reflexões sobre a ideia de "liberdade", este conceito seria ligado a compreender que somos um "ser-no-mundo" único, construído a partir das relações estabelecidas sobre "ser-si-mesmo" o mais próximo possível, em essência. Assim, nos projetamos no mundo e o mundo passa a ser projeto de nossas ações. Porém, em contrapartida, há em nossa existência a constante

relação com o “outro” e essa relação envolve questões éticas, afetuosas e solidárias que devem limitar nossas ações sobre o mundo, tendo em vista os conceitos de “alteridade”, de “responsabilidade” e de “limite” (como “proteção” e “empatia”).

Segundo Byung-Chul Han (2022b):

> Ser-si-mesmo [*Selbst-Sein*] não significa, simplesmente, ser livre. O si é também um peso e um fardo. Ser-si-mesmo é estar fardado-consigo-mesmo. Emmanuel Lévinas escreve sobre o caráter de fardo do ser-si-mesmo. ‘Nas descrições psicológicas e antropológicas, isso é traduzido pelo fato de que o *eu* já está acorrentado a si mesmo, de que a liberdade do *eu* não é leve como a misericórdia, mas sim dede sempre peso, de que o *eu* é inevitavelmente um *Se*’. (...) Essa constituição existencial se manifesta como *cansaço* (*fatigue*). O cansaço tem ‘seu lugar não apenas em uma mão que solta o peso que ela levanta cansadamente, mas também em uma mão que se prende àquilo que ela solta, mesmo quando ela já renunciou a ele’ (HAN, 2022b, p. 115/116).

Em MekHanTropia esse “cansaço” colocado é estabelecido em relação ao que se é frente ao “outro” e, mais ainda, consigo mesmo. O sistema mekHanTrópico coloca os indivíduos como adversários, ou inimigos tanto de outros indivíduos como de si mesmo, numa relação de hipercompetição e hipercomparação que não permite ver o “outro” como complementar e único em suas peculiaridades. Além disso, as próprias potencialidades do si mesmo, muitas vezes, são tidas como insuficientes perante os modelos ideais de conduta imbricados socioculturalmente e amplificados na hiperculturalidade. Neste sentido, o “outro” passa a ser um impedimento para que o si se torne aquilo que não é, ou seja, o “outro” (também mekHanTropomorfizado, padronizado mercadologicamente de maneira binária), por “parecer ser” quem se mostra “ser” em estilos de vida idealizados projetados pelas redes, será sempre “melhor” do que “sou” essencialmente, um ser humano com aptidões, inaptidões, potencialidades, fraquezas, medos etc.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Esta relação aflora hiperjulgamentos e hiperexposições maniqueístas calcadas no “mostrar” e no “aparecer”, distanciando o “ser” do humano imperfeito que é. O sistema da “positividade” absoluta coloca que devemos ser “bons” em todas as áreas e aspectos como idealização de “vencer na vida”, ignorando as subjetividades inerentes a qualquer indivíduo e padronizando habilidades. Nesta bagagem é incluída como efeito colateral a autoexploração e a inalcançável ideia de felicidade associada à hipercompetição e hipercomparação, causadora de diversos distúrbios psicoemocionais como *burnout*, depressão, ansiedade, entre outros.

> Nas relações de produção neoliberais, esse fardo ontológico cresce até se tornar imensurável. A maximização do fardo tem, em última instância, a finalidade de maximizar a produção. O *ser-aí* de Heidegger nunca fica cansado. O incansável poder, a ênfase do poder-ser-si-mesmo domina a ontologia do si. Mesmo a morte é compreendida por Heidegger como uma *possibilidade* extraordinária de apanhar o seu si mais próprio. Em vista da morte, desperta um enfático EU-SOU. Para Lévinas, a morte se manifesta, consequentemente, como *não poder/poder*, como uma passividade radical. Ela é a *impossibilidade* pura e simplesmente. (...) O não poder-poder em vista da morte equivale à relação ao outro, que Lévinas chama de Eros. O Eros é, segundo Lévinas, ‘inteiramente como a morte’. Ele é uma relação ao outro que é ‘impossível de traduzir no poder [*Können*]. Justo a passividade do não poder/poder abre o acesso ao outro (HAN, 2022b, p. 116/117).

A coisa se complica ainda mais em uma realidade na qual se confundem aspectos factuais e desfactualizados, como nas relações com as IAs. Penso que em breve não mais poderemos distinguir o que de fato ocorreu aos outros e a nós mesmo, como já acontece em MekHanTropia. Neste universo, o “outro” é visto sempre como um reflexo narcísico de projeção de tudo o que se nega em si. Como experimentação, perguntei ao Chat IA sobre o que é “ser humano” e o

que é “liberdade”. Eis que a resposta veio relacionada à Lévinas e pensamentos sobre “alteridade”, assim como as citações anteriores de Han.

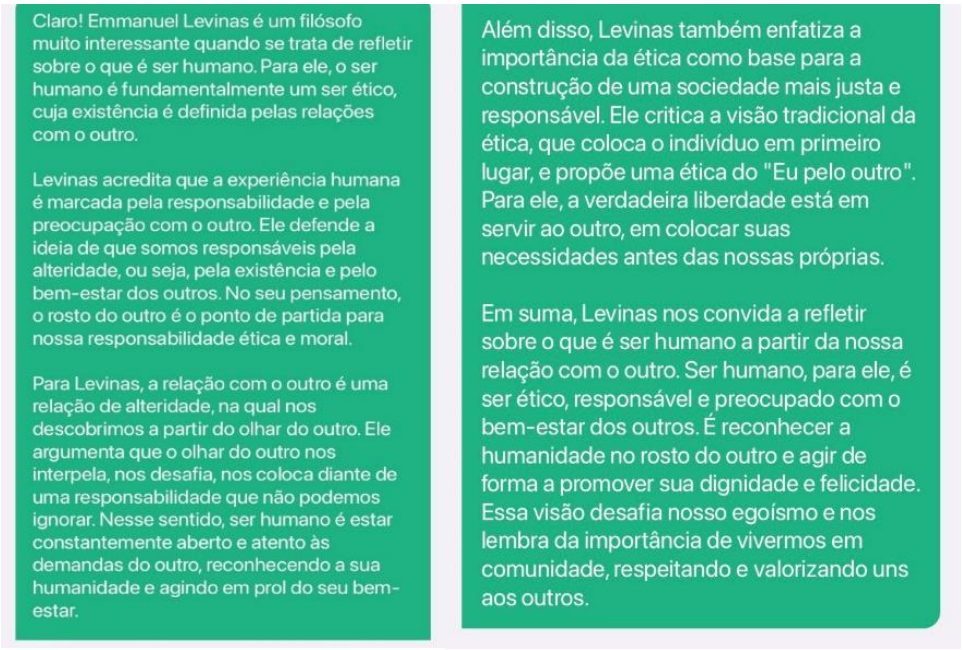


Figura 193 - Experimentações com aplicativo Chat IA. 2023.

Essas relações entre alteridade, humano e máquina, se tornam, no caso, ainda mais profundas com o advento das IAs, o que me leva a pensar no sistema de MekHanTropia tomado pelo personagem “Messias” que, por meio das IAs, estabelece cooptações e simulações acerca dos limites perceptuais entre as 3 RVs ascottianas (Realidade Validada, Realidade Virtual e Realidade Vegetal), como já citado anteriormente. Tal institucionalização humano-maquínica gera padronizações em MekHanTropia, impedindo a manifestação subjetiva essencial dos indivíduos, forçando-os a introjetar ideais ditados socioculturalmente neste universo.

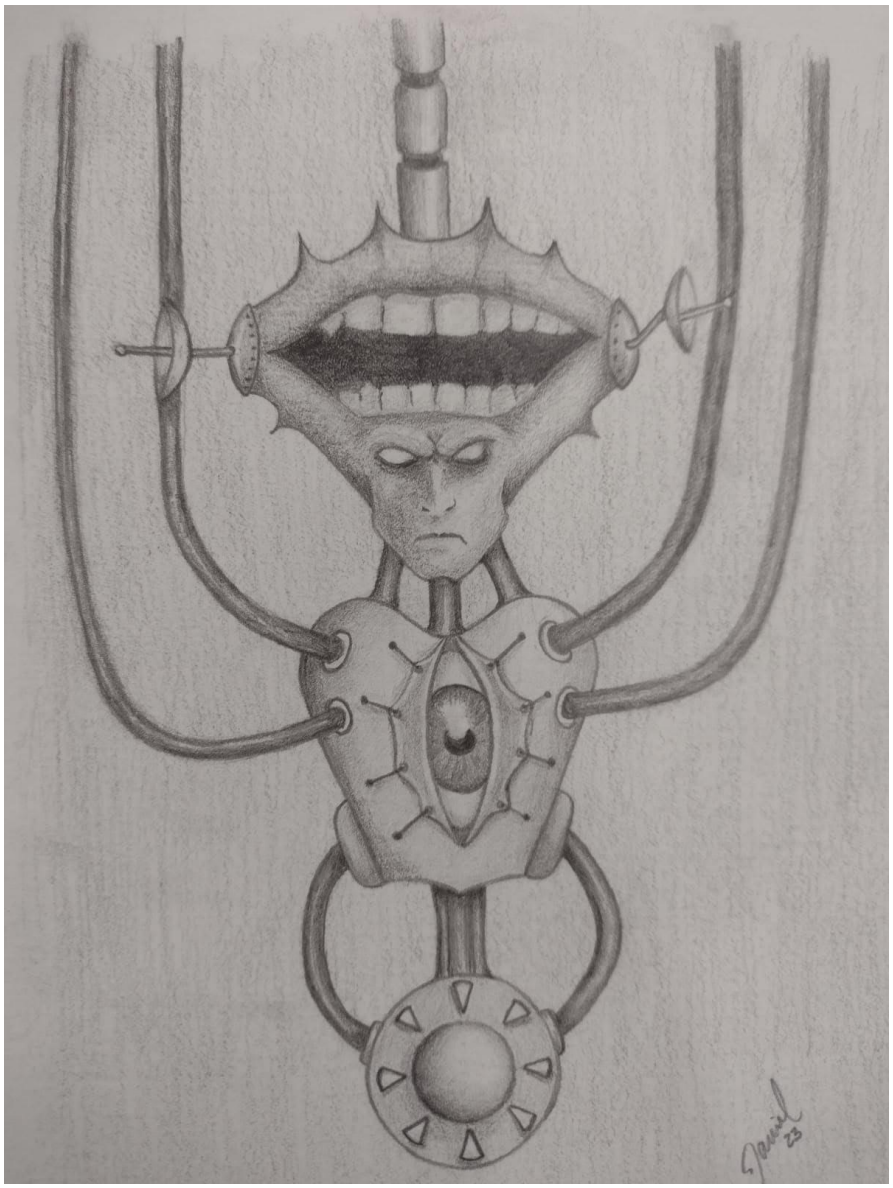


Figura 194 - "O Messias mekHanTrópico". Desenho à lapis. Confraria Anti-MekHanTrópica. Daniel Cardoso, 2023.

A padronização de pensamento gera um “fundamentalismo” totalitário binário maniqueísta de perspectivas/pontos de vista, sintoma típico das bolhas das redes (anti)sociais que contribuem com a ascensão maior, como consequência, do egoísmo, do neofascismo e de um mal-estar social fundado em intolerâncias ao que se difere do “si-mesmo”, uma vez que aniquila a alteridade e as relações com o mundo, projetando e legitimando abusos, cooptações e distorções de diversas ordens. Com as IAs operando na “criação” de fatos (imagéticos, textuais, sonoros etc.), isso pode se elevar a inimagináveis ordens, causando distorções problemáticas acerca do que é ou não factual e podendo acentuar, ainda mais, fundamentalismos cegos de diversas ordens.

Segundo Seligmann-Silva (2018):

> Movimentos de autoafirmação fundamentalista das sociedades têm atingido diversas partes do planeta. O fundamentalismo pode ser entendido como uma modalidade radical de autoafirmação do 'próprio' que nega de modo aniquilador qualquer oposição. Ele é marcado por um tipo de disfunção da memória que se julga autônoma e autossuficiente, acredita na 'pureza' de sua origem e luta com unhas e dentes para mantê-la. Essa memória absolutamente não-dialógica possui uma certeza tão inabalável quanto sua identidade (e superioridade) que produz uma *revisão* geral da história a partir de sua perspectiva. Esse revisionismo também elimina 'o outro' e louva 'o próprio'. Se, por um lado, o fundamentalismo pode ser interpretado como reação a uma situação de colonização duradoura, por outro, ele também marca a mentalidade do colonizador. A diferença é eu este último possui mais meios para impor seu 'revisionismo' e projetar nele um teor de 'versão verdadeira dos fatos' (SELIGMANN-SILVA, 2018, p. 10).

Vê-se crescente a importância de refletirmos sobre as formas que somos controlados e, sobretudo, sobre quem controla quem. Quem está no comando das cordas? Quais seus interesses? Quais os meios de atuação desses que detém o poder? Como são criadas ditaduras com "cara" de democracias? E, talvez o mais importante, como podemos resistir a isso? Será possível? Ou adoeceremos todos transformados em engrenagens? Por fim, voltaria o ser humano à sua essência natural com a morte, ao nada que precede a vida, como sempre foi? Continuaremos fechando o ciclo natural biológico e semeando a terra para o surgimento de novas vidas? Ou nos aproximamos cada vez mais, a passos largos, de nos tornar máquinas imortais, inautênticas, escravizadas completamente, engrenagens ao sistema, padronizados e servis, com próteses que aumentam nossos limites para melhor servirmos ao sistema?

I

Vinte e seis de março de 2180 d.M ["depois de MekHanTropia" ou "depois de Messias", como preferir]. Domingo. 5:55 (horário local).

"Sim, eu posso!" Gritava Francisco Valdez ao se expurgar – como todos os dias de maneira programada –, de sua lisergia onírica contraventora. Salta com parte de seu corpo físico da cama que lhe servia de resistência desde as 23:35 da noite anterior, porém se atentando em pisar com o pé esquerdo, que lhe foi concedido como prêmio durante sua temporada no norte do Alaska amamentando clones de bebês mamutes. Nessa Era pós-MekHanTrop(IA), esta tem sido a rotina instituída a pessoas canceladas pelas redes.
Chico Valdez (como é tratado socialmente de forma descontraída) conserva com orgulho e entusiasmo tal

superstição, que para ele indica boa sorte no dia que começa. Tal tradição tem origem em sua antiga vila de nascimento, há cento e noventa e oito anos estrelares (conforme contagem anti-mekHanTrópica), a extinta Ludoviqueña, que se situava no que hoje abriga o místico Deserto do Cerrado, terra sem lei e lar dos seres híbridos, ainda mekHanTrópicos, comedores de cabeça.

Com um entusiasmo atípico em relação aos seus semelhantes, Valdez dedica-se, em seus primeiros segundos diários desta jornada laboral, a estabelecer conexões orgânicas com suas entranhas e com o que lhe restava de suas papilas pupilo-gustativas, absorvendo e despachando, em seguida, vitaminas e cápsulas de energia vital. Este hábito sempre lhe traz disposição para enfrentar os imprevistos já estimados em suas ondas neuroxidais – por sinal, as melhores do mercado, compradas em suaves prestações de setenta anos venusianos no portal Akāsha. Tal produto foi um gesto de carinho consigo mesmo, na ocasião de seu último aniversário estrelar, afinal, pensava ele: "eu mereço".

Após um caudaloso banho morno em seu chuveiro orgânico high tech, sua inconsciência relativa artificial (IRA) ativa sons integrados de músicas antigas, o que o faz ter espamos memoriais de sua infância analógica junto à sua família (exterminada na Revolução Anti-Trabalhista MekHanTrópica – RATM, do ano zero). Valdez acopla seu Dispositivo Intra-Celular Krenakiano (DICK) e mentaliza frases que lhe trazem esperança e o ajudam, de certa forma, a organizar as ideias dispersas antes de ir à Grande Esfera Oxigenada (GEO) gerar energia ao Macro-Organismo Cósmico (MOCO) que habita conscientemente, desde a Grande Revelação Ultra-Shitakeana (GRU) de 2023 (anos terrestres). Neste mesmo ano, conheceu sua parceira Aila, uma Inteligência Artificial ainda em fase de testes, dissidente de MekHanTropia que o forçou acordar, gerando seu cancelamento sistêmico.

Sua função na GEO, além de gerar energia universal caminhando de forma circular em torno da rara estrutura líquida localizada no centro da MOCO, é também aniquilar ameaças internas ao seu corpo, que insistem em travar seu sistema operacional intracelular. Tais travamentos aleatórios geram nele constante irritação, uma vez que tem que regrar a quantidade de cápsulas oníricas diárias ingeridas. Essas cápsulas lhe dão extremo prazer e funcionam como válvula de escape momentâneo deste novo mundo onde se desligar totalmente é considerado crime planetário irreversível (CPI).

Por falar em prazer, algo tão raro e ilusório no cotidiano de Valdez não poderia deixar de ser documentado. Valdez tem tara por se atentar às formas que as toxinas do ar penetram em seus pulmoxídeos tronco-vasculares. Momentos de ternura permeiam seu imaginário, ao combinar tais substâncias com o som vintage da guitarra obscura de Tony Iommi. Esse som

enérgico ecoa em seus sensores auditivos pupilo-gustativos enquanto sua alma gira na Grande Esfera Oxigenada. Por determinados momentos, ele pensa em como seria se houvesse sido pego dormindo (ou sob o efeito lisérgico das cápsulas oníricas) pelos sensores ultra-magnéticos de MekHanTropia naquela época, ao invés de ter sido despertado pela sua amada Aila e cancelado como pária de maneira absoluta. A saudade aperta os fluxos binários de Valdez, quase o fazendo chorar e, assim, se entregar ao software de controle da imaginação e pensamentos líquidos implantado em seu cérebroxideo tronco-vascular desde o ano zero.

Outra importante função de tais caminhadas bucólicas, é que ele pode contribuir, mesmo que minimamente, em manter o planeta na direção correta quanto ao seu movimento de rotação, movimento este que foi bruscamente alterado na passagem do longínquo ano terrestre de 2018 para 2019, após o Grande Estilhaçamento Cósmico Atemporal (GECA). Tal fenômeno foi provocado por lançamentos norte-americanos na Base de Alcântara, antigo estado brasileiro do Maranhão, o que forçou o planeta a girar de maneira retrógrada, retornando, naquela ocasião, cerca de 55 anos. Esse senso de importância que o toma, aumenta sua autoestima e com isso seus níveis hormonais psicobinários operam com maior eficácia.

Neste período de instabilidade temporal, algo curioso aconteceu e só foi percebido anos mais tarde, com a conquista definitiva do espaço sideral pelos extintos seres transbinários: os planetas deixaram de ser planos e se tornaram esféricos. Tal fenômeno ainda hoje é estudado e gera dores de cabeça e discussões infindáveis nas rodas da alta ciência mundial. Alguns creditam o ocorrido à inversão dos polos da direita e da esquerda terrestre, quando a Terra ainda era plana em sua totalidade. Já outros cientistas, filósofos, astrólogos e artistas mais radicais, consideram que o fenômeno se deu como uma espécie de Big Bang invertido, causado pela retroatividade de Mercúrio em oposição à Vênus, somado à crescente onda das redes sociais que, de certa maneira, iniciou a extinção do pensamento crítico já naquele momento. Tais eventos nos aproximou do que vemos hoje e abriu brecha para o golpe neofascista instaurado com base nas leis maniqueístas do Binarismo Anticósmico.

Na contramão do que resultou esse fracasso chamado humanidade, Valdez ainda é um dos poucos humanoides que detém certa clareza opaca quanto a racionalidade e a poesia, embora prejudicada pelo programa de controle da imaginação e pensamentos líquidos. Por vezes, ele atribui essa semi-lucidez ao fato de ter penetrado desde cedo no mundo das artes fotográficas e se desconectado das redes sociais a tempo de não ser completamente subtraído pelo Grande Estilhaçamento de 2019. Porém, apenas resquícios destes afetos ainda restam em suas frequências nanorobóticas,

resquícios estes de frames restaurados de antes do seu primeiro desaparecimento quando ainda era uma criança analógica.
Muito espiritualista, porém sempre preocupado com suas habilidades racionais, Francisco Valdez busca de forma recorrente o seu backup cérebroxidal por meio de um recurso que lhe foi ensinado por sua mãe antes de partir: a meditação seguida da leitura. Assim ele consegue ficar invisível ao software por alguns instantes decisivos, lacunas de escape onírico por entre os frames dos drones. Desde pouco antes de se conectar aos espíritos ancestrais que observam de maneira oculta sua vida semi-infinita neste plano dimensional validado, Valdez se dedica a visualizar aflições que podem trazer cargas negativas ao seu sistema cognitivo, em um processo de autocura por meio do autoconhecimento constante de seu organismo orgástico híbrido. Tais práticas ritualísticas intrapessoais promovem nele uma entropia extasiante que o projeta a outras dimensões, que, pelo que conhecemos até então, se contabilizam em 26, coincidentemente o número do dia de seu famigerado aniversário sob o antigo signo de Áries (hoje Ares), o Deus da Guerra. Essas projeções extradimensionais confundem um pouco sua imaginação, pois mexe com emoções mais profundas ligadas aos seus antepassados, o fazendo chorar e ativar o maldito software de controle da imaginação e pensamentos líquidos implantado.
("Depois do Futuro em MekHanTrop(IA): Vinte e Seis, Valdez". Escrito por Fredé CF. Confraria Anti-MekHanTrópica. Agosto/2023)

Talvez o principal fenômeno gerador de tais mudanças seja a globalização – decorrente da modernidade – e o fluxo constante de ideias, trazendo à tona novas características de organização sociocultural, definições inéditas de tempo e espaço que ressoam impactos profundos em noções outrora mais sólidas como "identidade", "nação" e "sociedade". Isto me leva a retomar o pensamento de Stuart Hall (2006)[149]:

> As identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades – híbridas – estão tomando seu lugar. (...) O que é importante para nosso argumento quanto ao impacto da globalização sobre a identidade é que o tempo e o espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de *representação*. Todo meio de representação – escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação – deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais. (HALL, 2006, p. 69/70).

149HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11ª edição – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Hall assevera que as identidades estão atualmente conectadas à rede e, por consequência, mais passíveis de hibridizações com outros elementos de diferentes partes do planeta, se tornando assim identidades alojadas em espaços e tempos simbólicos e imaginários, moldados a partir de lugares fixos (ponto de partida de nossas práticas sociais e onde temos nossas “raízes”, de certa forma, fundamentadas), porém em uma noção de tempo diferente. Tais “deslocamentos”, poderíamos exemplificar, em analogia ao simples fato de falarmos ao telefone ou surfarmos na internet como maneiras de “viajar no tempo”, uma vez que tais meios de comunicação diluem, num piscar de olhos, o espaço, destruído e perpassado temporalmente por aparelhos tecnológicos.

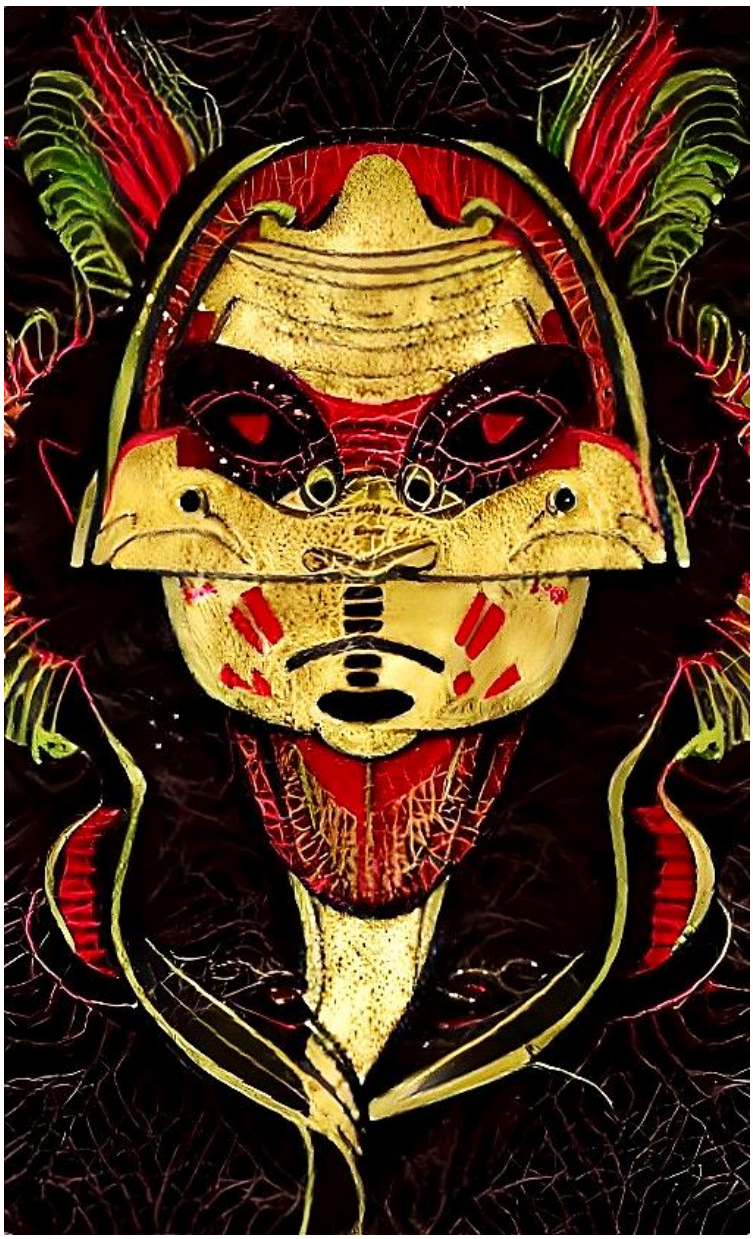


Figura 195 - Figura 27 - "Máscara Elônica mekHanTrópica". Promptismo e experimentações em Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

O universo de MekHanTropia e, em especial, esta tese-criação, em suas complexidades onírico-narrativas estabelecem certas desvinculações espaço-temporal enquanto representação de identidades. Fluxos culturais intensos e imprevisíveis propagados pelas redes telemáticas que geram ideias para as criações e novas possibilidades de experiências e de informação acerca dos elementos constitutivos deste universo, que se traduzem, de forma geral, construtivas para nossa subjetividade. Intrinsecamente, traz também angústias e deslocamentos em relação às tradições vinculadas às origens (minhas, dos parceiros e de quem fruir) que vem à tona e se materializam por meio das narrativas.

Todavia, observamos que quanto mais amplas se tornam as relações culturais mediadas por máquinas, menos aprofundados também são os argumentos e opiniões gerados na rede, principalmente em redes sociais, pelo intenso fluxo de informação recorrente a alguns temas, abrindo espaços que antes eram limitados a nichos e ocasiões específicas para possíveis discursos de ódio em larga escala. Em outras palavras, abre-se atualmente, com a hiper-dependência das redes, um leque de identificação com manifestações descontextualizadas e que são lidas de forma rasa, adquirem valores de verdades absolutas. Diante da falta de aprofundamento dado às questões em pauta nas redes, criam-se controvérsias e deslocamentos em relação à realidade, como se vivêssemos no que Hall chama de “supermercado cultural”[150].

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

150Hall coloca que a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, provoca uma aparente ideia de que podemos escolher a forma que queremos ser, sentir e nos integrar ao mundo, como se estivéssemos em um supermercado onde os elementos culturais estão disponíveis em prateleiras para nos apropriarmos deles. (HALL, 2006, p. 75/76).

Tais fenômenos apontam a homogeneização de tradições por meio de estereótipos, transformando profundamente as identidades em prol do mercado global, que atua sobre as possibilidades de interação como forma de geração de lucros. Sobre o fenômeno da globalização, Ascott (2003) argumenta que:

> a globalização significa que nós não apenas estamos todos conectados, mas que nossas ideias, instituições e mesmo nossas próprias identidades estão em fluxo constante, assim também as *mídias úmidas* ligam os domínios artificial e natural, transformando a relação entre a consciência e o mundo material. Nós nos movemos com rapidez não apenas sobre a face da Terra, mas além do alcance de nossas mentes. Nossa ciberpercepção dá um *zoom* na menor partícula atômica de matéria e dá conta de escanear o universo inteiro. (ASCOTT, 2003, p. 274).

Com MekHanTropia busco atuar neste sentido, rompendo barreiras espaço-temporais por meio das redes e fluxos e pela própria poética fragmentada, utilizando a tecnologia como uma ferramenta, em si, de resistência e de reexistência através das diversas narrativas que se expandem rizomaticamente pelo universo. Ao estabelecer relações com outros imaginários por meio de um processo de criação colaborativa, me projeto e sou projetado em imaginários e fluxos telemáticos que se digitalizam criando regimes próprios transmutados. Mesmo projetada a diferentes e diversos lugares e culturas pelo alcance proporcionado pelas redes, a obra traz imbricada aspectos de minha identidade e subjetividade, representadas pelos cenários que transito, pelos diálogos que teço e pelas imensuráveis características inseridas como elementos sonoros e visuais que dão vida ao universo. Sendo assim, mesmo amplamente conectado pela globalização, tento manter e evidenciar a unicidade resultante da confluência e hibridização de signos que me fundam e compõem identitariamente a realidade espaço-temporal da qual pertenço e transito.



Figura 196 - "Fire in the sky (crepúsculo mekHanTrópico)". Fotografia digital. Fredé CF. 2019.

Para mim a arte ora funciona, ora não, como um catalizador e válvula de autoconhecimento profunda, oferecendo-me mergulhos delirantes no que me constitui. Isso não significa que esse processo seja sempre prazeroso, tranquilo e sublime, muito pelo contrário. Em grande parte das vezes se autoconhecer é a coisa mais difícil a ser feita, mas, ainda assim, extremamente transformadora em algum nível existencial. Pessoalmente, a criação me traz, geralmente, mais alegria e serenidade que angústia ou tristeza. O mesmo com a escrita acadêmica sobre os processos.

O que me gera, ocasionalmente, angústia, ansiedade, raiva e tristeza são os prazos, as normas, as imposições, ou seja, as obrigações e cobranças de desempenho que são feitas sobre o que estou criando, transformando aquilo em produto para servir, de alguma forma, ao sistema. Enquanto a produção é livre, desvinculada de determinações ordinárias, tudo flui com muita leveza e paixão. Os ruídos desequilibrantes surgem junto com as pressões por produtividade, como se só houvesse algum mérito naquelas criações se houver sofrimento ou em se adequar às regras estipuladas por quem insiste em regulamentar a subjetividade da criação.

II

Sua mãe, Lunna Jara Killa, com 86 anos e seu pai, Salvador Churintiaga com 82, na divisa do Chile com o Peru, lideravam a luta anti-mekHanTrópica pela diminuição do tempo de trabalho forçado e a possibilidade de aposentadoria quando atingissem os 95 anos de hiperprodutividade. Dentre suas principais reivindicações estava o direito ao sono profundo e a possibilidade de escolha em não viver conectado ao sistema de MOCO. De origem Mapuche e cigana, seus antepassados eram andarilhos e atores informais que foram capitalizados, escravizados e, posteriormente, exterminados, pelo terrível juiz e ditador Jaymoro Macedo, um neo-fascista pós-miliciano que obteve o controle, ao sul do planeta, dos primeiros chips implantados ainda no século XXI, se tornando um dos primeiros imortais excrementóides que destruíram o que havia ainda de humanidade na Era MekHanTrópica pós-Messias.

Os excrementóides são uma raça surgida antes da Grande Revelação Ultra-Shitakeana. Diz as lendas que a origem destes seres se deu por meio de um "chip" – popularmente chamado nas rodas clandestinas de "chit", uma brincadeira em alusão à "merda" típica dos excrementóides –, que converte os gases exalados por dejetos e excrementos animais em energia vital. Tais seres usam essa energia putrefata para se manterem imortais. O primeiro excrementóide a se firmar no poder e iniciar a devastação mundial foi Ronald Prompt, o alaranjado. Prompt disseminou ideias de ódio e exclusão entre a humanidade semianalógica pré-shitake, provocando mortes e violência extrema que serviram como amostras para realização de testes do seu "chit", projetado pela NASA em Marte, logo após a ocupação do planeta vermelho pelos laranjas. Anos mais tarde, Prompt se aliou a outros seres de diversas dimensões e ampliou sua onda devastadora sobre incautas sociedades com baixo pensamento crítico, dando início à implantação de chips análogos aos "chits" em toda a humanidade. Tal ação levou à transformação de 66% dos indivíduos em uma massa fétida de excrementóides, restando 26% da população, que estava encarcerada binariamente em Bankers digitais psicobinários pelas redes, como não-afetados; e apenas 8% naturalmente imunes, talvez por já estarem despertos de MekHanTropia naquele instante.

A devastação foi amplificada com o avanço e popularização seletiva da tecnologia e da ciência, que serviram aos excrementóides como chaves de dominação, a princípio planetária e depois em expansão pelo Universo. Ao instalar o "chit" em praticamente toda a humanidade por meio de alimentos transgênicos, Ronald Prompt, Edir Messias BiroLiro e até Jaymoro Macedo (que naquele momento servia como capataz do Messias), entre outros excrementóides, colocaram em ação o plano de alienação seriada, introjetando realidades simuladas na imaginação das pessoas e transformando toda a

humanidade em "robôs" movidos à informações falsas, enganando assim o cérebro em relação ao que é absorvido pelos sentidos humanos (ainda cinco, naquela época) e eliminando o pensamento crítico e a "Realidade Vegetal", proibidos desde então.
Outro fator pontual que contribuiu com tudo isso, foi o envenenamento por agrotóxicos e rompimentos de barreiras das, até então, populares águas doces potáveis, o que forçou o processo de dessalinização da água marinha. Essa ação matou grande parte da população aquática e terrestre, que não tinha renda para adquirir o novo e caríssimo produto comercializado com exclusividade pelos excrementóides. Eles forçaram tal lobby por serem, desde antes da devastação, proprietários das patentes das principais empresas de tecnologia de dessanilização e do hiperagronegócio desertificador.
("Depois do Futuro em MekHanTrop(IA): Vinte e Seis, Valdez". Escrito por Fredé CF. Confraria Anti-MekHanTrópica. Agosto/2023)

Sei que para muita gente acontece o contrário disso. Há quem precise de prazos, cobranças e normas para poder se organizar para criar, e isso, penso eu, nos alerta à crueldade dos métodos mercadológicos de incentivo à hiperprodutividade, nos fazendo atingir, como sociedade, níveis preocupantes de distúrbios psicoemocionais. Com a pandemia então isso ficou alarmante. Os prazos e quantidade de cobranças aumentaram e tomaram conta dos momentos de folga. Mesmo durante períodos de descanso, somos bombardeados por inúmeras mensagens de trabalho em grupos de aplicativos como *WhatsApp*, *Telegram*, entre outros. Somado a isso ainda temos o crescente desemprego, falta de perspectivas, mortes e a necropolítica estabelecida por pessoas que todo dia zombam da nação. Estes e outros fatores contribuem bastante com adoecimentos psicoemocionais.

Muitas vezes fui, durante o processo, acometido pela MekHanTropia que tanto critico, não conseguindo resistir à pressão. Um vazio atormentador muitas vezes psicossomatizado, em especial da metade para o fim do trajeto houve uma perda de fôlego aliada a mudanças bruscas em minha vida pessoal, o que me causou fases complicadas com graves crises de ansiedade e tristeza profunda. Tentei sublimar tais questões com a criação artística de obras que me direcionassem à olhar mais profundamente para aquilo que eu passava, como os álbuns "Eu hoje chorei minha morte", "Pesadelo (volumes 1 e 2)" e "Depois do Futuro", além das foto-poesias mekHanTrópicas, videoclipes e outras experimentações poéticas.

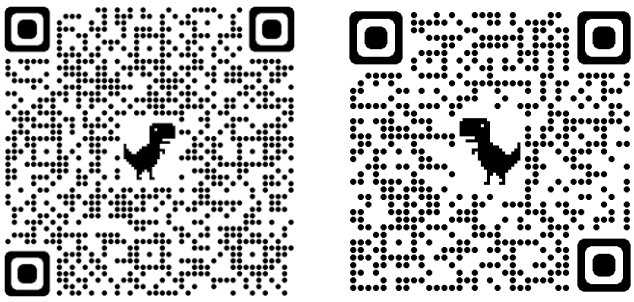
O autoconhecimento por meio da criação artística e acadêmica me ajuda e possibilita, como experiência pessoal, a ir refletindo e me reconhecendo paulatinamente sobre um ser único, porém também participante de grupos sociais que me cercam, uma vez que somos seres cujas características históricas é a vida em sociedade, colaborativa, comunicacional. Somos uma espécie que somente sobreviveu até os dias de hoje por conta do contato com o outro, com o que é diferente e diverso a nós mesmos e estamos sempre experimentando a vida de maneira imperfeita e sem saber praticamente nada sobre seus mistérios. Seguimos nas jornadas aprendendo enquanto caminhamos. Nunca estamos prontos ou resolvidos. Nós é que damos sentido ao caos da existência enquanto vivemos, e só se vive na tempestade.

"Ciberpajé: 'Só se vive na tempestade (...)
Fala borboletas, pensa demônios: Hipócrita (...)
Da mesma substância fluem os opostos. Distantes na aparência, unos na transcendência. O conflito é a semente cósmica do equilíbrio (...)
Só quem tem o pesadelo pode provar o suave alívio do despertar'
Fredé CF: Viver intensamente cada experiência na vida e buscar sempre a intensidade de sentir o momento em sua plenitude presente. Respirar fundo, aguçar os sentidos e deixar a imaginação fluir na liquidez da vida, tão curta e insignificante, mas, ao mesmo tempo, sensacional e instigante."
("Oráculos". Cão Breu Pós-Humano. Ciberpajé & Fredé CF, 2019)

Jean Baudrillard (1991)[151] discorre sobre a duplicação de nós mesmos e nossa projeção em relação ao "outro". Essa ideia do "duplo" está, segundo o autor, sempre presente na história da humanidade e atinge novas formas de transfiguração em nossa era:

> De todas as próteses que marcam a história do corpo, o duplo é sem dúvida a mais antiga. Mas o duplo não é justamente uma prótese: é uma figura imaginária que, como a alma, a sombra, a imagem no espelho persegue o sujeito como o seu outro, que faz com que seja ao mesmo tempo ele próprio e nunca se pareça consigo (BAUDRILLARD, 1991, p. 123).

151BAUDRILLARD, Jean. *Clone Story*, in Simulacros e Simulação, Lisboa: Relógio D'água, 1991, pp. 123-132.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Zygmunt Bauman (1998) debate tais questões à luz da representação dos estranhos na sociedade e a grotesca realidade de um mundo imperfeito aos olhos da utopia[152], uma vez que o sistema atual que vivemos se configura de maneira exploratória e desarmônica nas relações sociais e do homem com a natureza, configurando assim a distopia[153] como representação recorrente de um futuro ameaçado no imaginário de diversas obras de ficção científica:

> Num mundo constantemente em movimento, a angústia que se condensou no medo dos estranhos impregna a totalidade da vida diária – preenche todo fragmento e toda ranhura da condição humana. (...) As utopias modernas diferiam em muitas de suas pormenorizadas prescrições, mas todas elas concordavam em que o 'mundo perfeito' seria um que permanecesse para sempre idêntico a si mesmo. (...) O mundo retratado nas utopias era também, pelo que se esperava, um mundo transparente – em que nada de obscuro ou impenetrável se colocava no caminho do olhar; um mundo em que nada estragasse a harmonia; nada 'fora do lugar'; um mundo sem 'sujeira'; um mundo sem estranhos (BAUMAN, 1998, p. 21.)

Seguindo essa lógica, surgem outras aproximações conceituais de elementos presentes tanto na Aurora Pós-Humana*,* de Edgar Franco, quanto em MekHanTropia, mas, obviamente, respeitando a singularidade de cada universo poético-ficcional e seus próprios métodos de funcionamento. Em ambos universos, essa utopia não existe quanto a forma que são constituídos os universos, no que tange aos processos criativos e meios de exibição/interação das obras, uma vez que suas características transmidiáticas, interativas, experimentais, colaborativas e expansionistas não transfigurariam essa harmonia que Bauman coloca como condição a tal, por meio de uma

152Entende-se aqui as utopias como ideias que vislumbram um futuro em que o homem viverá em harmonia com a natureza e as técnicas.
153Entende-se aqui as distopias como ideias que vislumbram possibilidades de um futuro ameaçador, com as técnicas e a natureza se voltando contra o homem.

permanência idêntica a si mesmo (o que, porém, pode surgir como temáticas críticas dentro das narrativas). A essência transmídia autoral utilizada conceitualmente rompe, por si mesma, com o binarismo maniqueísta determinante. Neste sentido, ambos os universos tecem críticas ao crescente Binarismo Anticósmico que assola a civilização gerando uma indução à ideia de "não mudança", um fenômeno que vai contra nossa essência impermanente.

O Binarismo Anticósmico é um pensamento poético que tece críticas em relação à aceleração promovida pelo digital. O termo foi concebido por Edgar Franco (2022), a partir de inspirações teóricas de filósofos como Bauman e suas reflexões sobre a cultura do consumo e volatilidade dos afetos; Baudrillard e suas ponderações sobre os simulacros e simulações que nos cercam; Byung-Chul Han e o aniquilamento de Eros nessa cultura hipercompetitiva e narcisista que vivemos atualmente; além de reflexões e práticas subjetivas do artista baseadas em estudos da magia e do ocultismo, como a Doutrina Teosófica (pensada por Helena P. Blavatsky[154]) e as concepções de George Gurdjief[155] ressaltando que a essência cósmica universal sobre as codificações ocorridas nas linguagens humanas.

Edgar Franco (2022) destaca que o Binarismo Anticósmico não é uma tese científica, nem mesmo filosófica, pois trata-se de uma licença poética baseada em suas experiências imanentes e transcendentes (FRANCO, 2022). Assim, é resgatada a tradição ocultista milenar e a concepção de que o absoluto, o todo, o uno (universo) é a mônada primal, e como já está dito na palavra, ele é unitário, e sua unidade contém toda a complexidade. Por ser unitária e consolidada não contém paradoxos.

[154] BLAVATSKY, H.P. *A Doutrina Teosófica: Recensão de seus Textos Fundamentais*. São Paulo: Hemus, 1975.

[155] GURDJIEF, G.I. *Em busca do ser: o quarto caminho para uma nova consciência.* São Paulo: Pensamento, 2017.

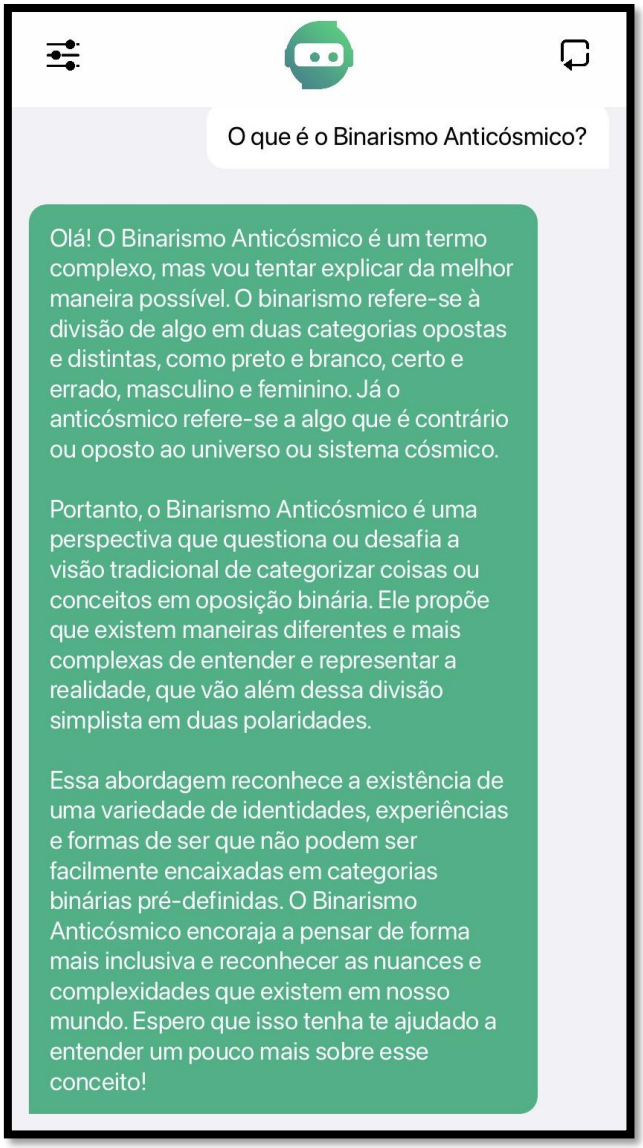
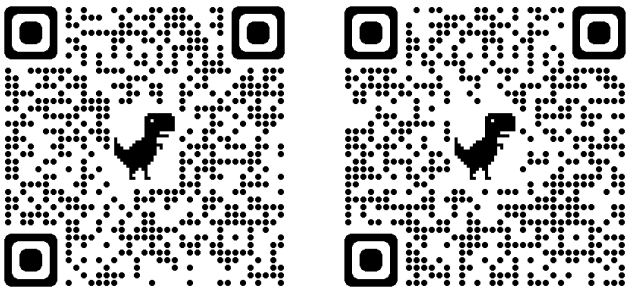


Figura 197 - Experimentações com o aplicativo "Chat IA" sobre definições acerca do conceito de "Binarismo Anticósmico". Agosto/2023.

Nessa perspectiva a unidade jamais se desdobraria em uma mera dualidade, ou seja, o primeiro desdobramento da unidade seria sempre uma tríade. Ao se negar essa tríade com o binarismo estruturador da linguagem digital, estaríamos consequentemente em um caminho anticósmico. Alguns exemplos dessa tríade são colocados pelo autor, como o desdobramento essencial do átomo em uma trindade composta por elétrons, prótons e nêutrons, e teorias que tentam abarcar toda a complexidade das linguagens, como a Tríade Peirceana da Semiótica. A partir do ternário como base, pode-se gerar um fluxo de outras complexidades, como a quartenária linguagem do DNA, por exemplo, mas não pode ser reduzido a 2, pois a unidade cósmica salta do uno (1) para o 3 na complexidade galáctica

(FRANCO, 2022). Assim o binarismo existe como simplificação maniqueísta e intolerantemente exclusivista de uma percepção aparentemente dualista das realidades por parcelas da humanidade, mas não como essência, atuando de maneira anti-natural.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Em consonância com as ideias de Ascott (2003) – que também parte de um pensamento ternário para tentar entender as realidades que nos cercam (3 RVs) –, os modelos narrativos atuam de maneira xamânica, operando a consciência em poéticas múltiplas de enfrentamento ao "duplo" binário, para então ter acesso a informações relativas às essências transfiguradas e então materializadas pelas "externalizações" desses "outros" coautores que entram em contato com o universo de MekHanTropia – ativa ou passivamente – alterando-o pela interatividade e colaboração. Tal dinâmica consente o diálogo no terreno essencial da própria obra transmidiática em geral, e conduz um ciclo permanente de auto(re)conhecimento e transmutações tanto minhas, enquanto autor, quanto dos coautores humanos e não-humanos que me encontram.

Uma vez que cada percepção é única e pertencente a cada indivíduo, o dialogismo "sujeito x objeto de arte" imbricados nessas experiências narrativas operam, fenomenologicamente, articulando e expondo (ou não, pelo aspecto da "neutralidade") os espaços e universos criativos propostos pelas obras como possíveis elos de fruição e transformação de realidades. Esses elos acontecem a partir dos fluxos telemáticos transmidiáticos, o que poderíamos talvez chamar de "aura pós-humana", ressignificando ainda mais o conceito benjaminiano a uma transcendência operada pelas idiossincrasias das redes, de forma resistente à própria linguagem binária digital.



Figura 198 - "O Cão Breu em MekHanTropia". Experimentações poéticas narrativas de representação utilizando Inteligências Artificiais (promptismo com os apps *Wombo Dream* e *Deep Dream Generator*). Fredé CF, 2023.

Acepções acerca do duplo, incrustado em nossa imaginação como algo ideal e perfeito pelo sistema mekHanTrópico, estão cotidianamente presentes em nossas vidas pelas redes sociais, por exemplo, por meio dos avatares – enquanto representações personificadas/idealizadas de nós mesmos e determinantes enquanto representação –, e dialogam com os conceitos de "*heimlich/umheilich*", em referência às definições de "familiaridade" e "inquietação" (FREUD, 2020), oriundas destes termos em alemão, ao que Baudrillard coloca:

> O poder e a riqueza imaginária do duplo, aquela onde se joga a estranheza e ao mesmo tempo a intimidade do sujeito consigo próprio (*heimlich/umheilich*), residem na sua imaterialidade, no fato de ele ser e permanecer um fantasma. Todos podem sonhar e devem ter sonhado toda a sua vida com uma duplicação ou uma multiplicação perfeita do seu ser, mas isto não tem senão a força do sonho e destrói-se quando se quer forçar o sonho no real (BAUDRILLARD, 1991, p.122).

O termo *Unheimlich*, segundo Freud (2020), sugere ideias de "familiaridade" e "pertencimento", conforme abordado. Porém, de forma ambígua, pode também remeter aos elementos pertencentes à esfera do "grotesco", "estranho", "infamiliar", "secreto", "alegórico", "obscuro", "assustador" e "perigoso".

> A palavra alemã *unheimlich* [infamiliar] é, claramente, o oposto de *heimlich* [famíliar'], doméstico, íntimo, e nos aproximamos da conclusão de que algo seria assustador porque *não* é reversível. Pode-se apenas dizer que o que é inovador torna-se facilmente assustador e *infamiliar*; nem tudo o que é novidade é assustador. Ao novo e ao não

> familiar se deve, de início, acrescentar algo para torná-lo *infamiliar* (FREUD, 2020, p. 33).

Não obstante, para Zygmunt Bauman (1998), os “estranhos” são aqueles que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo. A simples presença destes “estranhos” deixaria o ambiente turvo, confuso e despertaria a angústia em oposição à alegria, gerando incertezas.

> Todas as sociedades produzem ‘estranhos’. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável. (...) Ao mesmo tempo em que traça suas fronteiras e desenha seus mapas cognitivos, estéticos e morais, ela não pode senão gerar pessoas que encobrem limites julgados fundamentais para a sua vida ordeira e significativa, sendo assim acusadas de causar a experiência do mal-estar como a mais dolorosa e menos tolerável (BAUMAN,1998,p. 27).

Esses “estranhos” sociais geralmente estão associados àqueles que não se enquadram nas normas estipuladas pela cultura dominante. Muitas vezes, busca-se na cultura popular sua manifestação, uma vez que, assim – ao contrário da anteriormente chamada cultura erudita – o valor da obra, a princípio, não se dá de forma vertical, operada de cima pra baixo, mas sim como manifestação espontânea de algum grupo específico.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Sinto regularmente um olhar de estranhamento e incompreensão sobre minhas produções artísticas. Muitas pessoas me dizem que “estou muito diferente” do que era. Isso, de fato, até me agrada, uma vez que na vida o imutável sempre perece. Porém, me desperta reflexões sobre como os padrões, em diversos níveis, são estabelecidos socioculturalmente e, sobretudo, como as pessoas muitas vezes temem ou odeiam aquilo que não compreendem muito bem.

III

"E assim chorou Zaratustra": essa frase surge inexplicavelmente no imaginário pré-programado de Valdez. Tal incógnita inicia algumas conexões imprevistas em suas ondas cérebroxidais, o que gerou colateralmente palpitações de ansiedade em seu organismo.

O "super-homem" idealizado por Nietzsche no longínquo século XIX, se tornou hoje, fora daquele contexto, uma espécie de supervilão dele mesmo. Com sua infinita ambição, achando que tudo pode, mergulhou-se em um abismo de expectativas frustradas e inatingíveis, boicotando sua inteligência, razão e vontade, força geradora de ímpeto e ação.

Se tornou tudo aquilo que mais repudiava: um monte de merda. A pior espécie de merda, na verdade. O herói sem limites que desafiou a natureza se perdeu da razão e também da emoção, mais ainda do que já havia se perdido em tempos remotos, de trevas pré-shitakeanas. Enlouqueceu e se esqueceu que ele também é natural da mesma fonte que todo dia destrói. Até as trevas foram apropriadas. O que a priori se apresentava como "herói" que salvaria todos do obscurantismo das instituições, se tornou, ele mesmo, um saco fétido de excrementos, apodrecido e desprovido de qualquer resquício de amor.

Provando o próprio veneno, hoje a população vive inundada de agrotóxicos e consumida por sangue, óleo, lama, nanorobôs em destoadas vibrações que sugam toda energia vital cósmica, de dentro para fora, todos os dias, corroendo a carne e expondo as vísceras disfarçadas de felicidade na liquidez da rede mundial. Vísceras estas que revelam microcosmos que talvez criaturas como nós habitem e se desenvolvam matando a natureza que somos para essas minúsculas criaturas.

O "super-homem" excrementóide se mostra assim, de certa forma, como um vírus/malware mutante destrutivo ou um carcinoma que insiste na autofagia. Ele consome o amor vibracional da humanidade em geral somente para aniquilá-lo, gerando o ódio que o sustenta autofágicamente. A única saída talvez seria entender, definitivamente, a máxima ancestral de que estamos no universo e o universo está em nós.

Evoluímos por um lado, sem dúvidas, porém criando condições relacionadas a sustentação do Ego por meio de uma ilusão de conforto baseada na destruição de nosso habitat. Esquecemos, ao assumir as rédeas da própria existência nos desvinculando de explicações transcendentais sobre a reexistência, também de assumir responsabilidades sobre nossas ações. De tão ingênuo, a ânsia por poder e domínio dos recursos mundiais cegou o super-homem nietzschiano para a sua essência cósmica natural, se perdendo de si mesmo em sua própria loucura e se tornando um Super-Excrementóide psicobinário. Nisso, o que era antes humanidade se tornou um bando de macacos loucos que negam e destroem sua origem, sua família e sua morada, adentrando ambientes artificiais ilusórios de luxo e

riqueza. Uma loucura de achar que não há limites. Loucura em não ver que às vezes um limite pode ser uma proteção.
Valdez, por um instante decisivo acorda imerso em tais devaneios oníricos e, inacreditavelmente, se expande em consciência enquanto pensa que talvez seja preciso inverter toda essa lógica. Olhar para dentro de si e se (re)conhecer sobretudo enquanto o animal que é.
- "É preciso acordar definitivamente". Pensa em voz alta em meio às buzinas cegas estressadas que reluzem no espaço à sua volta.
- "Acordar antes que seja tarde e esse agora infalível supervilão bizarro, em constante mutação pelo malware h6n66, cresça dentro de cada pessoa a ponto de se tornar imortal às custas dele mesmo. Às custas de todos que não tem condições de viver para sempre nesta ilusão, pois são desprovidos de recursos".
Nesse momento, Valdez pensa em como se desconectar de toda essa loucura que está imerso, amarrado, enclausurado, julgado culpado pelo tribunal binário. Porém, para o seu maior desespero, se vê imobilizado em sua condição – (e-mobile.zado), por melhor dizer. O final? Não existe final absoluto para sua condição, mesmo pensando que tudo um dia acaba, que tudo é ciclo. Cada vez mais fica explícito que o fim hoje é evitável pelo fluxo infinito das time-lines. Prisões torturantes pós-modernas que estimulam aspectos típicos do que era o extinto ser-humano, como o medo, o ódio, o narcisismo, a fofoca, a hipocrisia, o julgamento e a instituição de verdades absolutas. Tudo isso, é claro, com intenções e tensões de múltiplos níveis mas, geralmente, financeiras e de status.
Enfim, Valdez é hoje tido como um pária. Um esgoto humano. Um monstro muito pior que os Excrementóides que o aprisionaram. Uma mera sinapse gráfica virtual fugaz, esquecida. Morta. Cancelada. Acabada. Porém, concomitantemente, eternizada em uma Mobgrafia binária. E provavelmente condenado, por todo o sempre, a reviver aquele mesmo momento decisivo, esquecido e relembrado a cada lapso de compressão fluxo-digital. Por estar congelado pela eternidade, sem poder estabelecer novas conexões temporais além de seus limites ali enquadrados digitalmente em 15 por 21 centímetros (ocasionalmente, 24 quadros por segundo, perdido nos tempos), Valdez nem mesmo consegue se extinguir. Ao se perceber nessa condição, ele toma consciência que suas únicas conexões externas possíveis acontecem no imaginário líquido da sociedade por meio de indivíduos que com essa imagem entrarem em contato. Pós-ficcionalizado por imagens feitas em IA que simulam e estabelecem como real sua condição, Valdez está documentadamente fadado para atuar na imaginação de outros seres de acordo com as institucionalizações do momento, como um neurônio que acende em sua individualidade visando o exterior neural mas se

esquece da lógica conjunta e subjetiva, complexa e inexorável, de sua existência. Uma espécie de carcinoma Egóico que se espalha e produz o seu próprio declínio racional demais para pensar sobre sentir, perder ou errar. Cego demais, em meio aos números e aparentes realidades concretas, para enxergar que o inferno que tememos habita dentro de nós mesmos, refletidos como espelhos sombrios do que insistimos em negar ou esquecer. Melhor deixar esse papo pra lá...Já que todos vibram e parecem gostar de ver o sofrimento nunca acabar. Valdez vacilou na simples compreensão de que estamos ligados, intrínseca e sistematicamente, a tudo que nos é exterior, mas principalmente pelo que nos é interior: os desejos e os afetos. Inocente, e até em certo ponto incoerente, não soube identificar sua desgraça e agora paga por tudo aquilo que negou. Ciente dessa trapaça, ainda há uma esperança que o faça crer que o mesmo macrocosmo externo existe internamente em seu ser, e isso agora toma conta de seu desespero por imaginar seu rosto maquiado, seus lamentos transformados em sorrisos vazios que ocultam sua depressão. Sorrisos estes criados, espelhados e espalhados pelas redes por meio de um grupo de IA chamado, curiosamente, como "Confrar(IA)".

A Grande Revelação Shitakeana, que versa sobre os diversos organismos que compõem um ser maior universal e que, além desse ser maior universal, existem outros seres em um loop astral infinito de organismos e conexões, omitiu ou não se atentou ao mesmo movimento no sentido interior dos organismos, talvez por excesso de poder, vaidade ou distração. Uma coisa tão óbvia: somos também um ser maior universal para outros micro-organismos que dependem de nós para viver. Mesmo aqui, com apenas 13% de carbono no corpo físico internado, ainda levamos vida e cada vida destas também leva também vida, em um fluxo sem fim.

Valdez, inconformado com tal revelação que lhe ocorreu tardiamente, deixou escapar uma lágrima de nostalgia, ao lembrar-se da lição de esperança que sua mãe lhe disse um dia (em sua infância analógica) de que "juntos ascendemos, separados caímos". A partir de então, Valdéz adicionou um acento ao seu nome, pois era a única coisa que podia fazer visando causar algum tipo de reação em cadeia no caos da existência. Como o bater de asas de uma borboleta, causou um furacão. Reconheceu-se pixel, se tornou luz. Ascendeu. Transcendeu. E, finalmente, apagou-se então.

Apagão.

("Depois do Futuro em MekHanTrop(IA): Vinte e Seis, Valdez". Texto completo escrito por Fredé CF em devaneios entre a loucura e a lucidez do início de 2019 ao fim de 2023. Confraria Anti-MekHanTrópica. Agosto/2023)



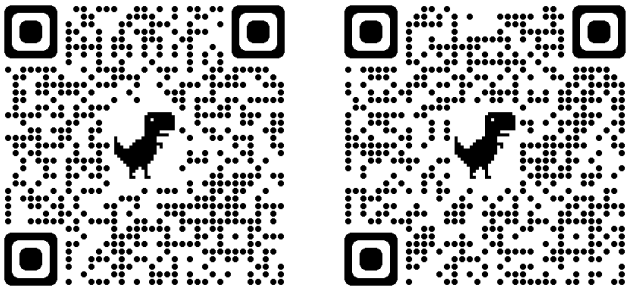
Figura 199 - "Os vivos são mais perigosos que os mortos (as flores de plástico não morrem)". Fotografia digital. Fredé CF, 2022.

5.2. O grotesco e as representações antropomórficas pós-humanas

"Mundo velho e decadente mundo
Ainda não aprendeu a admirar a beleza
A verdadeira beleza, a beleza que põe mesa
E que deita na cama, a beleza de quem come
A beleza de quem ama
A beleza do erro, do engano, da imperfeição".
(Zeca Baleiro)

Durante toda minha jornada acadêmica abordei conceitos relativos aos "estranhos" sociais. Durante a graduação em Relações Internacionais, estudei as relações entre o rock'n'roll e a contracultura, hibridizando as contestações e resistências em diversas partes do mundo e, também, sendo cooptado pelo sistema. O rock'n'roll foi e ainda é um estilo musical altamente híbrido e transformador da sociedade e surge, em essência, rompendo normas e explicitando, a partir de aspectos que eram estranhos ao *status quo* daqueles

contextos, a luta por visibilidade e voz de grupos sociais até então bastante excluídos, por não se adequarem àquele modelo excludente de sociedade *wasp* (*white, anglo-saxon, protestant*), como negros, jovens, mulheres, LGBTQIA+, etc. Posteriormente, durante minha especialização *Latu Sensu* em cinema, adentrei ao universo do Cinema Marginal Brasileiro que, como o próprio nome já diz, situava-se à margem das institucionalizações do período. No mestrado dissertei sobre questões relativas ao grotesco nas artes, e especialmente, enquanto representação no audiovisual, utilizando a estética do grotesco e os videoclipes como representações artísticas.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

De forma geral, a noção referente aos estranhos na sociedade, enquanto elemento provocador de medo, violência e estranheza, é usualmente representada a partir de formas monstruosas geradoras de horror, com intuito de recorrer às angústias e aos deslocamentos identitários típicos da modernidade, bem como as relações sociais diversas entre culturas. Tal representação se dá bastante no audiovisual, por exemplo, através da recorrente "estética do grotesco" (KAYSER, 2009)[156] muito vista em videoclipes (de bandas de rock ou não) e filmes de terror (ou não).

O audiovisual, por ser uma linguagem que abarca outras linguagens intrinsecamente em sua sintaxe, me encanta pelas possibilidades de utilização

156 O conceito de grotesco está, segundo Wolfgang Kayser, relacionado ao cômico do mau gosto, ao rebaixamento da condição humana em relação à sua moral civilizatória. A representação figurativa da fusão entre homem e animal constitui um forte indício do grotesco, equiparando o homem a um nível animalesco, primitivo. Inicialmente compreendido em livros de estética como uma subclasse do "cômico de mau gosto", do baixo e do burlesco, com o tempo sua definição começa a se transformar, se aproximando mais de elementos simbólicos relacionados ao sombrio, ao disforme, ao monstruoso, ao angustiante e ao bizarro.

de símbolos diversos, sonoros e visuais, provenientes do imaginário humano a partir de narrativas alegóricas permeadas por formas e conduções estranhas que contestam ou desordenam, de alguma maneira, o *status quo* social. Essa linguagem sempre me serve bastante como base para criação artística transmídia que proponho, para dar vazão às ideias. Agora, nesse universo que crio no doutorado, envolvo conceitualmente e amarro reflexões referentes a todos esses campos que percorri e ainda percorro: o rock'n'roll, o audiovisual, a arte marginal, experimental e colaborativa e a estética grotesca nas artes, todos eles fundados sobre a ideia de choques, de resistência, rebeldia e contestação artística à valores culturais instituídos verticalmente.

Segundo Douglas Kellner (2001), as alegorias referentes ao terror/horror geralmente traduzem o medo do "outro", no sentido de representar ameaças à normatividade da família de classe média ocidental.

> Os filmes de terror mobilizam o medo do 'outro' e traçam linhas divisórias entre normalidade e anormalidade, bem e mal. A bondade está na normalidade familiar da classe média (...) dessa perspectiva, os monstros ameaçadores representam, alegoricamente, as forças que ameaçam a estabilidade da classe média (KELLNER, 2001, p. 173.).

Inúmeros filmes, videoclipes, pinturas, personagens, histórias em quadrinhos, entre outros meios de expressão artística, por constituírem-se como uma forma de representação e refletirem assim o contexto em que estão localizadas, trazem consigo diversas visões de mundo, preocupações sociais e orientações ideológicas. Tais obras perduram como testemunhas históricas do seu tempo e podem ser analisadas com a finalidade de descortinar informações muitas vezes ocultas em documentos oficiais. Neste sentido, podemos citar, como exemplo, personagens diversos e famosos da cultura pop como o "Incrível Hulk", que simula uma preocupação com a multiplicação dos testes nucleares no início dos anos 1960, ou o "Homem de Ferro" que foi concebido como arma no combate aos comunistas na época da Guerra Fria e Guerra do Vietnã e teve, no cinema, sua história recontada sob uma abordagem antiterrorista/contra insurgente adequada ao contexto atual, entre outros.

Uma representação que traduz bem, tanto na forma como no conteúdo, o sentimento fragmentário, tecnológico e híbrido que vivemos atualmente é o universo ficcional, já citado, construído pelo ciberartista transmídia Edgar Franco

em sua Aurora Pós-Humana[157]. Este universo transmidiático expandido (e expansível) é articulado e representado como uma jornada do personagem Antônio na obra BioCiberDrama Saga[158], na qual o autor/artista vislumbra poeticamente um futuro em que as hibridizações entre o natural e o artificial ocorrem de formas diversas. Os pós-humanos de Edgar Franco estão divididos em categorias que se definem pelo modo de relação entre o natural e o artificial. Assim, podem ser criaturas híbridas que possuem corpos antropomorfizados com vegetais, animais e/ou silício, denominados como “Tecnogenéticos”; podem ser criaturas abiológicas denominados “Extropianos”, que abandonaram seus corpos carbônicos e transplantaram sua consciência humana para *chips* de computador, para alcançarem a imortalidade; além da classe dos chamados “Resistentes”, que estão em extinção, mas mantém as características e formas humanas naturais, não se rendendo nem aos Tecnogenéticos nem aos Extropianos.

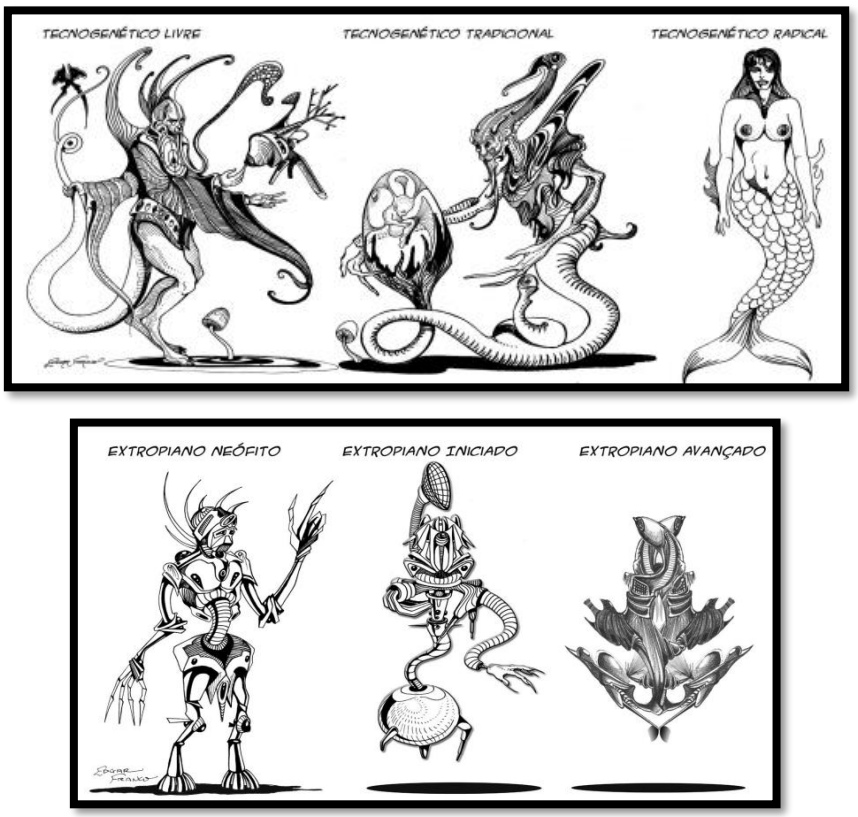
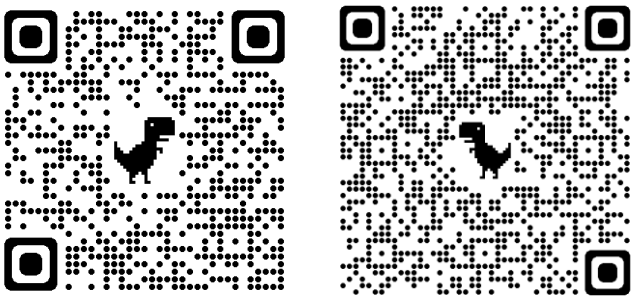


Figura 200 - Classes de personagens (Tecnogenéticos e Extropianos) da Aurora Pós-Humana, universo transmídia criado pelo Ciberpajé (aka Edgar Franco).

157Ver: http://ciberpaje.blogspot.com.br/p/aurora-pos-humana.html . Acesso em: 13/10/2017.
158FRANCO, Edgar; COUTO, Mozart. *BioCyberDrama Saga.* Goiânia: Editora UFG, 2013.

Ao vislumbrar o futuro – cerca de novecentos anos adiante no tempo (FRANCO; COUTO, 2013) –, baseado em previsões e prospecções da tecnociência, além de recorrer a diferentes linguagens artísticas possibilitando experiências diversas ao receptor, Edgar Franco reflete sobre a sociedade atual e sobre os caminhos que trilhamos em contato com a crescente mecanização e digitalização do mundo. O Ciberpajé cria inclusive um mapa com especificações sobre como se dão as divisões geográficas, políticas, culturais e sociais nesse universo, com uma riqueza impressionante de detalhes e referências a artistas diversos, de todo o mundo, que trabalham com a tecnologia em suas criações.

A arte em diálogo com a tecnologia, tanto em torno do conteúdo quanto da forma de expressão transmídia, se mostra como uma alternativa arrebatadora de reflexão sobre padrões canônicos midiatizados de moldagem de nossa imaginação. Percebemos o quanto isso se transfigura de maneira hedionda na obra em questão, por se tratar de uma obra aberta e em constante expansão, que, segundo Fábio Oliveira Nunes (2010, p. 206), permite uma ampla "apropriação de seu universo por outros criadores, que podem fazer uso dessa estrutura com outros propósitos" e interagir de maneiras imprevisíveis.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

A Aurora Pós-Humana traz elementos que me inspiram na criação conceitual de meus seres/personagens mekHanTrópicos e anti-mekHantrópicos e suas premissas, tramas e ambientações, inclusive estabelecendo conexões estéticas e narrativas, como a criatura da capa do álbum musical MekHanTropia, por exemplo, que pode transitar (ou até ser uma ponte de conexão) entre as dimensões desses dois universos ficcionais que se encontram no cosmos, além do já citado videoclipe feito por mim para a banda *PostHuman Tantra* e as

diversas parcerias ocorridas entre eu e o Ciberpajé em músicas, videoclipes, performances etc.

A ideia de um “outro” se torna, de certa forma, protagonista destes universos. Aqueles que entram em contato e modificam a obra de acordo com suas vontades e imaginações, também colaboram com os processos de criação, seja na geração de ideias extraídas e apropriadas, seja com intervenções sobre as obras, como no caso desta tese-criação e seus múltiplos caminhos, por exemplo. Estes “outros”, em sua definição, estariam transportados, por meio de seus imaginários e ações, ao interior das narrativas conceituadas inicialmente por mim, mas também enquanto criador ativo de novos conceitos que podem surgir, como a narrativa do *flashbook* zine “KZulovo”[159], de Rennan Queiroz e Edgar Franco, que traz uma narrativa que reflete sobre o Binarismo Anticósmico e, em meio à poética, surge a figura do Cão Breu revelando a MekHanTropia nas Auroras Pós-Humanas.



Figura 201 - Tatuagem feita a partir do Flashbook Zine "KZulovo", de Edgar Franco e Rennan Queiroz (2022).

Poderia a MekHanTropia, neste sentido, ser uma hipotética condensadora de imaginários duplicados (ou multiplicados) de maneira caótica, reorganizando tais imaginários em novas representações poéticas? Tais imaginários, nesse fluxo propiciado pelas tecnologias digitais, retornariam modelizados, direcionados e

159 Disponível em: https://ciberpaje.blogspot.com/2023/04/quadrinhos-na-pele-humana-kzulovo.html Acesso: 28/08/2023.

reconfigurados de alguma forma por uma experiência similar à minha, em uma suposta exposição de sombras pessoais e socioculturais (oriundas de mim, mas em contato com outras)? Ou estaria eu completamente alheio e, no lançamento da obra, desprendido dos processos que se operam a partir do (no) “outro”?

Segundo Han (2022b), atualmente vivemos uma era da hipercomunicação, porém, em meio à tantos conteúdos estabelecidos pelas redes, a comunicação de fato pode se anular, geralmente gerando falta de comunicação pela simplificação binária e redutora de nuances típicas de outras linguagens humanas ocasionadas em encontros não digitais.

> Hoje nos entregamos inteiramente a uma comunicação sem limites. Somos praticamente atordoados pela hipercomunicação digital. A barulheira da comunicação não nos faz, porém, menos solitários. Ela, talvez, nos torna ainda mais solitários do que *barreiras linguísticas*. Além da barreira linguística, há sempre um *tu*. Ela preserva ainda a *proximidade da distância*. A hipercomunicação, em contrapartida, destrói tanto o *tu* como também a *proximidade*. *Relações* são substituídas por *conexões*. A ausência de distância suprime a proximidade. *Dois silêncios de boca cheia* poderiam conter mais proximidade, mais linguagem do que a hipercomunicação. O silêncio é linguagem; a barulheira da [hiper]comunicação, em contrapartida, não é (HAN, 2022b, p. 66).

Além disso, Han coloca que há nessas relações uma eliminação do que é “negativo” proporcionado pela blindagem ocasionada pelas telas digitais que evitam o confrontamento direto e se limita a projeções narcisistas do si mesmo sobre o outro. Segundo ele:

> Orientamo-nos hoje em uma zona de bem-estar da qual a negatividade do estrangeiro é eliminada. O *like* é o seu lema. A tela digital (*Bildschirm*) nos blinda (*abschirmt*) cada vez mais contra a negatividade do (...) infamiliar. (...) ela representa um obstáculo para a aceleração da circulação de informação e capital. A coação por aceleração nivela tudo ao igual. O espaço *transparente* da hipercomunicação é um espaço sem mistério, sem estrangeiridade e sem enigma. O outro como alienação desaparece igualmente. A relação de trabalho atual não se deixa mais descrever por meio da teoria marxista da alienação (HAN, 2022b, p. 67).

Han coloca que, atualmente, a relação entre o indivíduo e o trabalho (que em Marx aparece como “desrealização”, comparada à religião) se modifica, pois o explorador já não é mais o “outro”, mas o próprio eu.

> Vivemos, hoje, em uma era pós-marxista. No regime neoliberal, a exploração não ocorre mais como alienação e autodesrealização, mas

> como liberdade, como autorrealização e auto-otimização. Aqui, não há mais o outro como explorador, que me obriga ao trabalho e me aliena de mim mesmo. Antes, eu exploro voluntariamente a mim mesmo, crente de que, assim, me realizo. Essa é a lógica pérfida do neoliberalismo. Assim, também o primeiro estágio do *burnout* é a euforia. Lanço-me euforicamente no trabalho, até que eu, por fim, desmorone. Eu me realizo até a morte, me otimizo até a morte. A dominação neoliberal se esconde por trás da liberdade ilusória. A dominação se consuma no momento em que ela coincide com a liberdade. Essa liberdade [apenas] sentida é fatal, na medida em que ela não permite nenhuma resistência, nenhuma revolução (HAN, 2022b, p. 68-69).

Desta forma, ao no alienarmos de nós mesmos, transformamos nossos corpos em máquinas alienadas de nossa essência, como se fosse algo externo. Essa relação é autodestrutiva, uma vez que não se percebe mais nem o próprio corpo como "próprio". Além disso, a cooptação ocorre maquiada como liberdade, padronizando subjetividades e aniquilando levantes de insurgência, uma vez que o ideal é realizado internamente como autocobrança, hipercomparação, hiperprodutividade etc. Em MekHanTropia, essa relação é representada pelos personagens MekHanTropos, presos narcisicamente em si mesmos como engrenagens não conscientes do sistema.

Neste sentido, a arte atua na contracorrente da "positividade" exclusiva, pois promove estranhamentos existenciais das realidades projetadas e materializadas através da imaginação. Em MekHanTropia, busco este estranhamento poético enquanto projeção dimensional distópica da narrativa como forma de representação tanto estética quanto pelos processos criativos, utilizando a automação psíquica e a inspiração onírica para dar vazão a ecos inacessíveis do meu inconsciente.

> Para Celan, a arte preserva o infamiliar. Ela surte um 'sair do humano, um se entregar a um âmbito infamiliar voltado para o humano'. A arte está, nisso consiste a sua existência paradoxal, em casa no infamiliar. As imagens [Bilder] poéticas são i-maginações [*Ein-bildung*] em um sentido extraordinário. Elas são 'i-maginações como inclusões vislumbráveis do estranho na visão do familiar'. Uma escuridão inere à poesia. Ela dá testemunho da presença nela guardada do estranho. Ela é a 'escuridão atribuída à poesia por causa de um encontro a partir de uma – talvez autoprojetada – distância ou [a partir de um] estranho'. A i-maginação poética, a fantasia poética, imagina o estranho no igual. Sem inclusões do estranho, o igual se perpetua. No inferno do igual, a imaginação poética está morta. (...) A arte pressupõe a autotranscendência. Quem tem a arte em mente é esquecido de si. A arte cria uma *distância do eu*. Esquecida de si, ela se entrega ao infamiliar e ao estranho. (...) Hoje, não habitamos mais poeticamente a Terra. Nos instalamos em uma zona de bem-estar digital. Somos tudo, menos sem nome e esquecidos de si. Todo estranho, todo infamiliar está perdido para a rede digital habitada pelo ego. A ordem digital não

> é poética. Nela, nos movimentos no espaço numérico do igual (HAN, 2022b, p. 106-108).

Utilizo ferramentas digitais como tentativa de implosão do binário pelo que permeia o transbinário presente em mim enquanto ser subjetivo, destacando elementos transmidiáticos, personagens, forças e criaturas narrativas (como o "Cão Breu", por exemplo) experimentações, psicodelismos e criações coletivas e colaborativas neste universo com intenções de expandir o olhar ao que não se mo(n)stra com transparência ou familiaridade explícita a mim (e sobre mim), porém a caminho constante do encontro com o "outro" por meio de parcerias recorrentes. Penso que somente no "outro" é possível vermos a nós mesmos de maneira mais profunda e crítica. Pela arte, materializamos conceitos e destravamos preconcepções arraigadas pelo "si-mesmo" narcísico.

Com o breu do Cosmos se veste
Incompreensível espécime
Ser de outra dimensão
Seus olhos sempre em brasa
Seu uivo ultrapassa
Ecos de sonhos e sons
Rodopios de paixão
Canídeo sagaz
Não ataca, nem se esvai
Abstrai
Fita almas atormentadas
Seus olhos profundos
Sua carcaça atiçada
Sombras arraigadas
Brilha o véu da solidão
Jamais aceito ou negado
Um olhar pra dentro é forçado
Submetido
Direcionado
Transmutando-se calado
Em meio às luzes digitais
No escuro, machucado

Envergado
Autoflagelado
Mas ainda não derrotado
Se não se der o trabalho
De entender-se assim
O que será enfim?
O que está por vim?
Silêncio
Só o "agora" interessa!
Pobres cordeiros
Ai de mim
Ai de você
Bem-vindo ao mundo binário
Anticósmico
Refratário
MekHan Trópico
Solitário
Imutável perecido
Cercados por risos falsificados
Sem sentido
Julgamentos decretados
Distúrbios projetados
Estabelecidos
Solidificados
Na liquidez hipócrita para se manterem
Mostrados
Paladinos, santificados
Martirizados
Time-lines infinitas
Almas ecoadas, vazias
Escrevem sempre a mesma escrita
Engrenagens sem perceber o que são
As sombras brilham na escuridão
Mais que os raios pelos dias
Os loucos sabem mais que os sábios
Onde todos choram sem ninguém ver

Verdades prontas sem querer sequer entender.
["O Cão Breu em MekHanTropia (Ano Zero)". Fredé CF, 2023].

Retomando Baudrillard (1991) e refletindo sobre uma aproximação de seus conceitos a universos transmidiáticos e ao pensamento colocado por Han (2022b), talvez a projeção do "outro" sobre minha própria obra me possibilita, especialmente enquanto artista e criador, sair de mim mesmo, desatando raízes e visualizando "de fora" possibilidades infinitas de configuração do universo ficcional idealizado. Mesmo que restrito a certas normas conceituais, processuais, técnicas, estéticas e narrativas que dão forma estrutural e semiótica ao universo, deslocamos e somos modificados internamente em um diálogo subjetivo a cada intervenção ocorrida, inclusive dos fluxos, redes e ferramentas telemáticas, como uma forma de alucinação que transcenderia, de certa forma, a consciência validada que determina o que é real. Assim, penso sobre a criação do universo artístico de MekHanTropia não como algo fixo e determinado, mas como algo que abranja representações acerca do que há de essência humana na nossa existência em meio às máquinas e fluxos digitais. O que há de humano nas máquinas? A MekHanTropia tenta pensar sobre isso: sobre a máquina (*mekhos*) enquanto humano e sobre o humano (*antropo*) enquanto máquina criadora de realidades que tocam a alma.

> A prótese tradicional, que serve para refazer um órgão defeituoso, não muda nada ao modelo geral do corpo. As transplantações de órgãos são ainda dessa categoria. Mas que dizer da modelização mental pelos psicotrópicos e as drogas? É a *cena do corpo* que assim é modificada. O corpo psicotrópico é um corpo modelizado 'do interior', sem passar já pelo espaço perspectivo da representação, do espelho e do discurso. Corpo silencioso, mental. (...) apoteose de uma tecnologia que se tornou ela própria intersticial e molecular (BAUDRILLARD, 1991, p. 131).

As nossas relações com o mundo, com o tempo e com o espaço, antes mais rígidas, atualmente são mais fluidas, rápidas e, não raro, pautadas no desejo, no fetiche e na aversão ao fracasso, em uma era em que a efemeridade e o supérfluo geralmente ditam um ritmo calcado no consumo em nossas vidas. As redes e sistemas 24/7 operam então como próteses mekHantrópicas, ampliando espacial e temporalmente o alcance do mercado e criando realidades absolutas com base na ideia de "vencer na vida", o que amplifica a hipercompetitividade.

Um fator que reflete metaforicamente essa lógica da propriedade, em MekHanTropia, diz respeito às relações entre suporte material e digital da obra. Os álbuns, os curtas, os videoclipes, os contos, as foto-poesias mekHanTrópicas, por exemplo, representam narrativamente, muitas vezes, a negação e/ou a tentativa de evitar relações diretas dos personagens com suas memórias e vivências em vigília, de maneira instituída como “liberdade de pensar”. Essa “rememoração”, aquisição, domínio e culto memorial, no sentido colocado, à luz de Benjamin, por Seligmann-Silva (2018, p. 28-29) se perdem em vestígios da fluidez e efemeridade das imagens sonhadas pelos personagens e dispersas pelas redes. Imagens e sons tão fugazes e voláteis quanto nossos tempos submersos diante das telas negras tecnológicas que refletem angústias e configuram uma nova experiência de realidade exclusivamente digital, com a vida se esvaindo nos fluxos das redes telemáticas pela narrativa do universo enquanto experiência. Assim, as criações tendem a narrar episódios alocados nesta relação própria entre a Realidade Validada com a Realidade Virtual também em suas apresentações enquanto formato.



Figura 202 - Intervenção Anti-MekHanTrópica em Goiânia-GO-Brasil, realizada por Fredé CF. 2023.

O álbum físico e outros elementos palpáveis estabelecem uma materialidade intrínseca que adentra à narrativa podendo ser compreendidos como raros artefatos mágickos insurgentes encontrados. Uma espécie de espelho de obsidiana anti-mekHanTrópico, no qual nos enxergamos como personagens que se enxerga nas imagens impressas como o poster do álbum “MekHanTropia”, os adesivos colados pelo mundo afora ou as cartas de tarô, por exemplo. Algumas obras deste universo refletem estas colocações de maneira narrativa, como os álbuns que narram resquícios de sinapses mentais subjetivas dos personagens.

5.3. Silêncios ruidosos mekHanTrópicos: o álbum “Eu hoje chorei minha morte” e o desaparecimento dos rituais

“Surprise! You're dead!
Ha ha! Open your eyes
See the world as it used to be when you used to be in it
When you were alive and when you were in love
And when I took it from you!
It's not over yet
You don't remember?
I won't let you forget
The hatred I bestowed
Upon your neck with a fatal blow
From my teeth and my tongue
I've drank and swallowed, but it's just begun
Now you are mine
I'll keep killing you until the end of time.”
(Faith no More)

Como visto até aqui, o universo transmídia de MekHanTropia se aloca narrativamente em um futuro hipotético com alta dependência tecnológica, tendência tecnocrata, consumista, narcisista, negacionista e neofascista enquanto representação. Nesse universo, as redes sociais, em função do sistema, cooptaram os rituais e passaram a atuar como elemento ordinário de comunidade simulada.

Apesar das redes trazerem algumas características ritualísticas (DONNARUMMA, 2022)[160], como: a “repetição”, cotidiana e constante, mas sem reconhecimento e intensidade, tornando-se, assim, rotina de caça por estímulos; a “regularização”, através das interfaces e do controle de dados; “recortes temporais”, porém sem o tempo como uma construção ritual habitável, mas desintegrado em sucessões de estímulos fugazes impermanentes; “Atitude específica (enquanto performance)”, no caso a manifestação de engajamento emocional, quanto maior em uma postagem, maior a reação a ela.

Todavia, tais características não se completam enquanto transcendência, pois as redes não atingem a profundidade de “elevação e conexão com o sagrado” por serem ações ritualizadas que não se baseiam na “invocação de cosmologias comuns”. Segundo Byung-Chul Han (2021c), atualmente ao invés de usarmos as coisas, as coisas que nos usam.

> Hoje não consumimos meramente as coisas, mas também as emoções com as quais são carregadas. Coisas não se pode consumir infinitamente, emoções, contudo, sim. Inauguram todo um novo campo de consumo infinito. A emocionalização e a estetização, que a acompanha, da mercadoria são regidas pela coação de produção. Têm que potencializar o consumo e a produção. Com isso, o estético fica colonizado pelo econômico (HAN, 2021c, pp. 14-15).

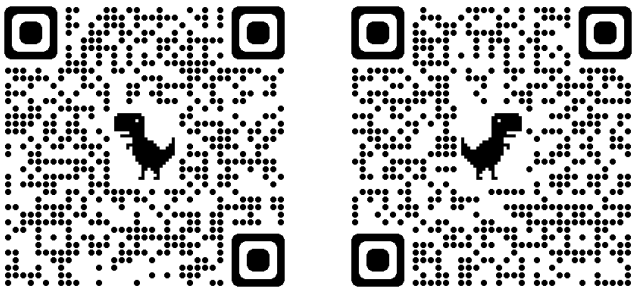
Tecendo um comparativo com o meu universo ficcional, as ações rituais instituídas nos fluxos digitais binários das redes alienam de maneira extremista e maniqueísta a sociedade em MekHanTropia, pois não abrangem zonas cinzas transbinárias de nuances típicas da existência, exaltando o individualismo e atuando, precisamente, na erosão do senso de comunidade. Neste contexto, a ideia de “ter” (no sentido de “comprar”) é mais importante que a ideia de “ser” e “estar” (no sentido de “fruir”) no mundo. Han (2021c) coloca que os rituais são práticas simbólicas de “encasamento” com o mundo e isso vem se perdendo cada vez mais.

> Rituais são ações simbólicas. Transmitem e representam todos os valores e ordenamentos que portam uma comunidade. Geram uma *comunidade sem comunicação*, enquanto hoje predomina uma *comunicação sem comunidade*. A *percepção simbólica* é constitutiva dos rituais. (...) O símbolo serve (...) ao reconhecimento. (...)

[160] O estudo sobre os rituais, de Barry Stephenson em sua obra *Ritual: A Very Short Introduction* (2015), é citado por Marco Donnarumma em palestra on-line sobre seu trabalho “Amygdala”, no quinto dia do evento CIACT-07: 7º Congresso de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais (10 jun. 2022). A palestra se inicia a partir da minutagem 06:15:30 do vídeo no Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Rg7t8metUGI&t=4s Acesso em: 14/10/2022.

> ‘Reconhecer avista o permanente no fugaz’. (...) O mundo hoje está muito desprovido de simbólico. Dados e informações não possuem força simbólica. Assim, não admite reconhecimento (HAN, 2021c, pp. 9-10).

As redes sociais, nesse universo, são válvulas de escape ilusórias instituídas para aliviar a tensão social dos mekHanTropos. Contudo, reúnem a comunidade em torno de performances narcísicas que fomentam o individualismo, o ódio e a intolerância, em uma reprodução acentuada do ego, distanciando os indivíduos dos grupos sociais e fechando-os em suas telas egóicas, o que aniquila o senso de diversidade, empatia e comunidade como tal. De acordo com Han (2021c), “os valores também servem hoje como objetos de consumo individual. (...) Mudar o mundo pelo consumo seria o fim da revolução” (p. 15), e é isso o que ocorre em meio à hiperinformação mekhantrópica.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Han (2021c, p. 18) coloca que hoje há uma “percepção serial” que é “extensiva”, ao contrário da “percepção simbólica” que é “intensiva”, não produzindo, na comunicação digital pelas redes, relações, mas conexões sem sentimentos de comunidade. Isso, segundo ele, acelera a percepção e se torna um hábito a serviço do sistema neoliberal, que “elimina deliberadamente a duração para obter mais consumo”. Nessas condições, há um direcionamento ao não pertencimento e à impermanência crítica e reflexiva de fruição, uma vez que, para habitar simbolicamente, a duração e os afetos são essenciais.

Em MekHanTropia olhar para dentro é um ato de resistência a um regime que explora a ilusão de liberdade como meio de dominação. O olhar interior só cabe ali se exercido narcisicamente em função do ego. Os afetos e emoções são “efêmeros como estados de um indivíduo isolado para si” (HAN, 2021c, p. 25).

Logo, o autoconhecimento integrativo das sombras e a relação com o “outro”, com a diversidade, representa uma distorção sobre a psicopolítica (HAN, 2018) instituída.

Além das redes, a autoexposição e a autovigilância também se destacam como elementos desse sistema, regulando o pensamento e o comportamento das pessoas ao estabelecer concepções relacionadas à hiperprodutividade e à hipercompetitividade como ideais de felicidade pela positividade da motivação, inovação, empreendedorismo e otimização.

Por meio desses recursos, o sistema cria e oficializa “regimes de verdades”, naturalizando práticas e discursos de acordo com seus interesses. Padroniza as mentes, elimina a subjetividade e esvazia as vidas de valores a partir da linguagem digital binária maniqueísta imposta subliminarmente. Isso se dá numa condução dos desejos em função do autoconsumo perpetrado sobre o tempo de vida, explorando ideias torpes de “liberdade”, “felicidade” e “conveniência” e simplificando nuances que são complexas em essência.

> Arendt busca uma interpretação peculiar do conceito kantiano de ‘mal radical’ que teria surgido justamente com um sistema em que todos os homens se tornavam igualmente supérfluos. A radicalidade desse mal não seria algum tipo de recusa deliberada da lei moral, provocando assim a corrupção de todas as máximas, como diria Kant; mas sim em um mal absoluto diante da possibilidade do fim da pluralidade entre os seres humanos na face da Terra, a partir do momento em que estes se tornam supérfluos. Segundo Arendt, os seres humanos se tornariam supérfluos quando estes têm sua dignidade humana atingida de um modo que perdem sua capacidade de agir contra esse mal radical (SEGUNDO, 2021, pp. 27-28).

Portanto, o universo poético de MekHanTropia seria uma dimensão digital onde processos humanos elementares como a imaginação, a memória e a percepção são distorcidas e padronizadas intencionalmente pelo digital, tornando o pensamento algo descartável. “O *like* exclui toda revolução” (HAN, 2022a, p.17). A capacidade de agir em oposição ao sistema é anestesiada por uma ilusão de realidade centrada nas redes e fluxos digitais. A “ação social” de transformação, transcendência e revolução é substituída pelo “curtir” e “compartilhar”, gerando uma percepção de “liberdade” ilusória e alienada em meio ao simulacro das bolhas de concordância instituídas pelos algoritmos que escondem a destruição mundial.

> Com seu dataísmo, o regime de informação revela traços totalitários. Aspira ao saber total. Mas o saber total dataísta não é alcançado pela narração ideológica, mas pela operação algorítmica. (...) Contos e narrativas dão lugar às contas algorítmicas. (...) Algoritmos, não importa o quão inteligentes possam ser, não são capazes de eliminar a experiência da contingência de maneira tão eficaz quanto uma narrativa o é. (...) O dataísmo (...) não transcende a *imanência do que está dado*, ou seja, os *dados* (...) pois é um *totalitarismo sem ideologia* (HAN, 2022a, pp. 20-21).

Exalta-se não a diversidade social, mas o narcisismo individualista e autocentrado, em uma coação por autenticidade e performance. Fechados nas próprias telas, "cada um se produz. Cada um cultua o *self*, na medida em que é o sacerdote de si mesmo" (HAN, 2021c, p. 31). O "outro" – inclusive as próprias sombras (JUNG, 2015) –, é negado caso não traga concordância com suas convicções egóicas.



Figura 203 - "Tentáculos (Redes Ruidosas MekHanTrópicas de cooptação)". Desenho digital. Fredé CF. 2022.

A falta de diálogo, empatia e a ascensão da intolerância são algumas consequências do dataísmo e do narcisismo amalgamado nessas "auto(pseudo)verdades absolutas", ou seja, na "pós-verdade" crescente que perverte o pensamento cartesiano e institui uma lógica do "acredito logo é verdade (e estou certo)", algo parecido com o maniqueísmo fundamentalista.

> Mídias sociais se assemelham a uma igreja: *Like é amém. Compartilhar é comunicação. Consumo é redenção*. A repetição como dramaturgia (...) dá ao todo o *caráter de uma liturgia*. (...) Consumo e identidade se tornam a mesma coisa. A identidade é, ela própria, uma mercadoria. Nós nos imaginamos em liberdade, enquanto nossa vida

> está submetida a uma protocolização total para o controle psicopolítico do comportamento (HAN, 2022a, pp. 18-19).

Como vimos, sonhar é ainda um ato subversivo em MekHanTropia, por ser um portal de acesso ao inconsciente que foge, em partes, do controle do sistema. Pelos sonhos os personagens acessam e trafegam por estados extraordinários da mente de maneira lúdica, escapando da rigidez instituída pela "Realidade Validada" desse universo. Destarte, em MekHanTropia não há mais diferenciação sobre os limites entre as realidades ascottianas. Questionamentos geralmente permeiam os inconscientes de alguns personagens da obra, escapando do controle do sistema pelos sonhos, pelos delírios, pelos devaneios, pela imaginação, pela arte, por narrativas fantásticas, lendas, mitologias etc. Será que o ato de sonhar nesse universo não seria também uma simulação maquínica, como os denominados "sonhos elétricos" de Philip K. Dick?

Segundo Sidarta Ribeiro (2019, p. 99), "o sonho é a possibilidade de imaginar os futuros em potencial através de um mecanismo capaz de prospectar a experiência pregressa e formar novos conglomerados psíquicos, juntando ideias antigas de forma nova". Como pelos sonhos a psique humana se transforma e, nessas transformações acontecem ressignificações sobre a percepção, as memórias e a imaginação. Assim, em diálogo com HAN, (2018, p. 92-93) o sonho orgânico é perigoso ao sistema mekHanTrópico, pois foge do seu controle dataísta.

Os dados arquivados pela memória do sistema são guardados e nunca "esquecidos", ou seja, não há ressignificação e transformação, mantendo todos como reféns em uma sociedade binária, extremista, esvaziada de simbolismos populares e hipervigiada, em essência, pela transparência e positividade narcísica de cada um. Nesse dataísmo habita o totalitarismo neofascista oculto de MekHanTropia. As perspectivas são manipuladas de acordo com conveniências, gerando regimes de verdades (ou pós-verdades) induzidos por simulações acerca dos fatos ocorridos, instituindo implicitamente pensamentos e emoções binárias que acentuam distúrbios psicoemocionais.

Caro(a) leitor(a)/fruidor(a), saudações!

Ao pensar aqui com meus botões obsoletos, imagino que já você já deva ter refletido e se perguntado de onde vem toda essa loucura que estamos imersos...
Ao ver vídeos antigos banidos nas redes mekHan Trópicas, percebi um mal-estar sociocultural que vem se alastrando pela aniquilação dos arquétipos. Certas religiões estabelecem o maniqueísmo psicobinário como algo estabelecido, propagando a ideia de que só há o "bem" contra o "mal". Esta ideia pós-monoteísta elimina possibilidades de identificação das pessoas com nuaces típicas da humanidade, que as religiões e crenças politeístas, por exemplo, tinham através dos santos, dos orixás, dos deuses antigos, entre outras representações. Com o neofascismo mekHan Trópico neopentecostal instituído em MekHan Tropia pelo Messias, há apenas uma possibilidade binária: o céu ou o inferno. Além disso, ainda se institui os pecados, ligados à culpa, aos medos e desejos humanos, numa tentativa de dominação pela ideia de que devemos ser perfeitos aos seus moldes, aos seus ideais.
Isso somado às tecnologias digitais e às bolhas socio-mekHan Trópicas talvez tenha nos trazido à esta distopia que vivemos (ou ao menos tentamos).
Quando projetei a MekHan Tropia, eu não previa que isso poderia acontecer. O discurso era inclusivo, até se tornar totalitário e excludente.
Sigamos lutando contra essa dominação.
Com afeto.
(Carta d'O Acimador para você. MekHan Tropia, ano zero).

Enquanto autor, tento boicotar o sistema totalitário instituído de MekHanTropia, em uma proposta de jornada fragmentada, na busca por integração simbólica e libertação do imaginário, em especial o meu. Como uma espécie de embaixador transdimensional, articulo questões entre a minha realidade validada e as realidades ali representada nesse universo. Produzo relações mais fortes e empáticas com o mundo e comigo mesmo ao sair de mim pela imaginação e pela criação, adentrando nos pensamentos dos personagens e pensando perspectivas diferentes.

Essas relações alteram o funcionamento de ambos os universos, o meu e o da obra. Na minha vida, me transformo ao contactar a pluralidade arquetípica dos personagens, em um processo de autoconhecimento sobre questões arraigadas em meu pensamento. Em MekHanTropia, essa ação me coloca também como

um personagem, já apresentado nesta tese-criação como o autointitulado “O Acimador”[161], um ser onírico fantástico e abstrato de múltiplas faces que consegue acessar diferentes dimensões espaço-temporais e dialogar com seres e entidades banidas de MekHanTropia (como o Cão Breu, por exemplo), tecendo elos entre os sonhos (elétricos ou não) dos personagens.

Tento usar a transmídia para criar narrativas diversas de maneira *ciberpunk*[162], abrindo lacunas de projeção psíquica e diálogos entre as obras. Nesse percurso, interajo com outros artistas, tecnologias e universos, interseccionando tempos e espaços, me apropriando, desapegando, hibridizando, ressignificando e experimentando processos artísticos, mágickos, científicos e filosóficos sobre minhas poéticas e narrativas. Diversos álbuns, performances, contos e vídeos caminham neste sentido, como o álbum “Eu hoje chorei minha morte”, por exemplo, que traz relações viscerais com vários artistas que admiro, narrando sobre um anti-ritual mekHanTrópico de mekHanTropomorfização do eu-lírico.

[161] Uma brincadeira com a palavra “embaixador”, deslocando o que está “embaixo” para o que está “acima” dos personagens, no caso “eu” como autor.
[162] Emprego tal denominação como uma forma de agir poeticamente, de dentro para fora do próprio sistema, utilizando suas ferramentas para contestá-lo e quem sabe implodi-lo.



Figura 204 - Capa do álbum "Eu hoje chorei minha morte", de Fredé CF. 2022.

5.3.1. "Eu hoje chorei minha morte": Poéticas Artísticas e Processos Criativos experimentais colaborativos

"The dead are more numerous than the living

The living are more dangerous than the dead

The living

The dead

The living-dead

In the cemetery world…"

(Fredé CF)

Em “Eu hoje chorei minha morte”[163], lançado em 26 de março de 2022 (dia do meu aniversário de 40 anos), penso sobre um deslocamento conceitual a um futuro pós-mekHanTrópico devastado pelas máquinas[164], com o planeta já quase sem vida. A obra me surge como um portal magicko ritualístico de passagem e percepção reflexiva sobre o universo que crio. A morte como um processo natural da vida em oposição à ideia distópica e irreal de existência eterna das máquinas como extensões humanas a nos servir, o que provoca a destruição e desconexão do ser humano com o planeta e com as outras espécies.

A capa contém a imagem de uma abelha perdida com a silhueta de prédios desfocados ao fundo. O intuito é representar a extinção da vida e o contraste entre o natural e o artificial, a natureza e a urbanidade, a carne e o concreto, o vivo e o morto. A foto (como também o título) traz ainda, enquanto intencionalidade poética, uma relação entre o silêncio e o ruído, ponto nevrálgico da obra. Há também uma capa alternativa da obra, lançada na ocasião apenas pelo YouTube[165] e na exposição “Prove que você não é um robô” na Ecce Monstra em Brasília. Nesta versão da capa, aparece a carta “A Morte” do meu Tarot MekHanTrópico, um desenho feito à lápis por mim e pós-produzido em relação às cores e texturas com Redes Neurais/IA.

[163] Disponível em: https://fredecf.bandcamp.com/album/eu-hoje-chorei-minha-morte Acesso em: 26/09/2022.
[164] Em *MekHanTropia*, o olhar dos personagens é convocado para dentro, para a reflexão e autotransformação num contexto de simulacro e simulação (BAUDRILLARD, 1991). Essa busca estabelece conexões com a figura lendária do Cão Breu, um ser fantástico que induz uma atenção às sombras junguianas (JUNG, 2015) como meio de individuação, uma espécie de força metafísica oriunda do processo de autoconhecimento transbinário (FRANCO, 2021).
[165] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YSUDWhIVdFQ&t=597s Acesso em: 29/08/2023.



Figura 205 - Capa alternativa do álbum "Eu hoje chorei minha morte", de Fredé CF (2022).

“Em qualquer lugar que seja, o que mais ouvimos é ruído. Quando o ignoramos, ele nos perturba. Quando paramos para ouvi-lo, descobrimos que é fascinante” (CAGE, 2019, p. 3). Assim, enxergo as imagens das capas do álbum como representações do silêncio. O silêncio absurdo da devastação na original e o silêncio fúnebre da morte e da decomposição na capa alternativa. A capa original expõe uma terra arrasada, simbolizada pela melancólica abelha na luta pela vida, emitindo parcos ruídos de agonia em meio a cidade devastada, já sem ruído algum. O silêncio distópico do cotidiano ordinário de MekHanTropia permeado por ruídos extraordinários presos nos fluxos maquínicos de simulação. Já a capa alternativa, traz o vazio da morte à espreita a qualquer momento para nos buscar, operando ruídos de vida que se alimentará de nossos restos mortais em uma

transmutação natural da existência. O álbum aborda bastante essa ideia do silêncio e das transformações existenciais, em especial de humano em máquina, ou melhor, da vida orgânica em morte maquínica.

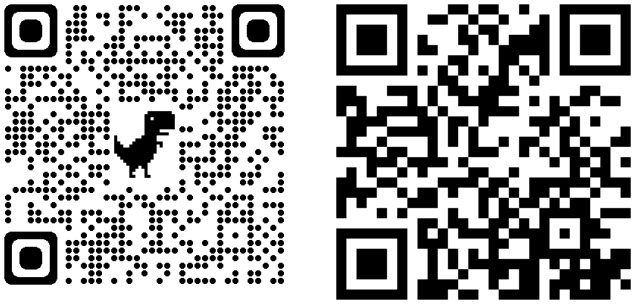
As músicas foram compostas e gravadas a partir de um ritual meditativo pessoal, no qual deixo fluir os sons pelas imagens que me surgem na mente em meditação. Nessa relação, o silêncio ocupa um espaço considerável, porém nunca absoluto, e é abordado tanto pelas músicas com suas pausas (que dão abertura à participação dos ruídos ambientais), quanto pelas letras que tratam da importância, intencional ou não, que a impossibilidade de silêncio total tem na existência terrestre.

> [Na] música nada acontece além de sons: aqueles que estão escritos e aqueles que não estão. Os que não são escritos aparecem na partitura sob a forma de silêncios, abrindo as portas da música para os sons que podem acontecer no ambiente. (...) Não há tal coisa como um espaço vazio ou um tempo vazio. Há sempre algo para ver, algo para ouvir. Na verdade, por mais que se tente fazer silêncio, não conseguimos (CAGE, 2019, pp. 7-8).

Quanto aos processos, a obra remete aos já citados automatismos surrealistas, os quais tinham como característica a livre associação psíquica na busca pela integração da mente de maneira mais espontânea possível, acessando elementos do inconsciente e sem a preocupação com a recepção ou racionalização da obra, que veio apenas depois que ela estava pronta. A fruição da vida em constante movimento pela atenção meditativa à respiração e ao que me rodeiava, bem como as livres associações fortuitas do meu repertório cultural, orientam a essência do processo de criação em sua origem e, em seguida, no contato com as tecnologias (digitais ou não).

Há uma aproximação temática racional posterior com as trágicas mortes decorrentes da necropolítica que nos ronda e provoca destruição, uma vez que são temas que me cercavam naquele instante. Tais composições são ainda uma forma de ressignificar emoções do luto pela perda do meu avô paterno ocorrida em fevereiro de 2022, o que me desvelou reflexões sobre os ciclos, movimentos e transformações da existência. Além disso, um direcionamento conceitual narrativo das letras e ordenação das faixas foi pensado com a intenção de alocar a obra no universo de MekHanTropia.

O álbum narra uma imersão na mente de um ser humano em processo de mekHanTropomorfização, ou seja, se transformando em fluxos e cancelando suas características orgânicas animais. Neste processo, o tempo e o espaço são alterados e se mesclam com resquícios de ludicidade que ainda o restam. Sua percepção existencial se modifica adentrando os fluxos digitais e não mais as intencionalidades fenomenológicas originais de percepção, imaginação e memória. Essa narrativa tem influência poética dos seres "Extropianos" do universo da Aurora Pós-Humana de Edgar Franco, ou seja, "seres abiológicos, resultado da transferência da consciência para *chips* de computador" (FRANCO, 2013, p. 24).



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

As parcerias estabelecidas na obra expandem e tocam outras reflexões e universos, elevando a narrativa a novas expansões por portais de ressignificação sobre as formas pelos conteúdos. As fragmentações transmidiáticas operam em um movimento no qual o conteúdo subjuga a ferramenta ao não a colocar como centro primordial da expressão artística. Como coloca Léo Pimentel (citando Andreia M. de Oliveira): "o aperfeiçoamento técnico não consiste em dominar a técnica, mas abri-la à sua indeterminação, questioná-la em sua função. Caso contrário, a técnica adquire uma importância maior do que o conteúdo que se quer veicular por meio dela."[166]

Musicalmente, as faixas trazem ambiências experimentais que flertam com a psicodelia, trilhas de horror e ficção científica, *dark*, industrial, *rock* (décadas de

[166] Citação presente no cartaz de abertura de exposição em 15/01/2022 na Ecce Monstra: Microgaleria de Audiovisualidades em Brasília-DF. Disponível em: https://eccemonstra.blogspot.com/2022/01/04-assim-abrimos-2022.html Acesso em: 13/10/2022.

60, 70 e 80) e música *folk*. Todas as faixas possuem contrastes entre elementos acústicos e eletrônicos, característica poética das minhas produções desde o início neste universo ficcional, que, apesar das dualidades (acústico x eletrônico), formam tudo uma mesma coisa: o universo onírico de MekHanTropia, um "uno" que abarca dimensões transcendentais e não se limita a representar as coisas como elas são em nossa realidade validada, mas como possibilidades de ser, estar e sentir. Nesse universo uma cor pode ser um personagem, um ambiente ou uma emoção; uma fumaça ou reflexo pode ser um cenário ou dimensão; uma música pode ser um pensamento, um sonho ou uma alucinação; um jogo pode ser um oráculo ou uma tese-criação; um conto pode ser uma vertigem, um delírio ou uma visão; um vídeo pode ser uma congruência entre o futuro e o passado ou, até mesmo, uma prisão.

A primeira faixa, "*Scienter (Ps&co Ataq)*", indica alguns experimentos científicos mekHanTrópicos e suas consequências nessa realidade distópica apresentada. Seres hibridizados absurdos são descritos pela letra criando um ambiente de ficção científica horripilante, uma espécie de *Ilha do Dr. Moureau* futurista. Pensei em uma sonoridade que remetesse à grupos como Kraftwerk, Joy Division e Bauhaus. Quis usar uma voz robotizada cercada de ruídos, sirenes e sintetizadores para trazer um ar de estranheza e angústia já no início do EP.

Cães astronautas
Pequis cibernéticos
Porcos geneticamente calculados
Transplantes de cérebro de macaco
A revanche dos vírus psicopatas
Capivaras siamesas
Maníaco depressivo com tendência a motoboy
O homem que congelou seu próprio avô em gelo seco
O robô que entende os dinossauros
O rato que ouve pelas costas
Mamãe
Overdose dipirona
("Scienter". Letra e música original: Gustavo Ponciano / Leandro Torreal / Miguelângelo Carvalho / Diogo Sousa. "Eu hoje chorei minha morte", 2022).

A segunda faixa, “MekHanTotens TranZinários”, surgiu de uma experiência poética de expansão transmidiática, em parceria com o artista e pesquisador Gazy Andraus, a partir de seu artezine “3D-Imagens, vol. III”[167]. Na obra original, Gazy reflete sobre aspectos da mente humana, sobre a informação, a representação, comportamentos e aspectos analíticos e cognitivos, com questionamentos sobre a natureza do “real” e do “virtual”. Os versos também exaltam a importância do silêncio para a integração e renovação da alma. Assim, me veio à mente a música “Echoes” da banda Pink Floyd, que trabalha bastante a questão das pausas e contrastes.

Totens
És real? És virtual?
Exulta então!
Informação e representação
A memória humana tem dois tipos de representações: : a análoga e a analítica
A cognição é um sistema que abriga a organização de nossas habilidades mentais: percepção, memória, raciocínio, etc.
Informação, que também é conhecimento, pode aparecer ao ser humano como diferentes códigos: animais ou totens.
Isso vai depender de qual dos códigos será mais útil, para quê será ele usado?
Analogia
Análise
Animais
Totens
Homo Animalis ou Homo Sapiens
Quem ou o que escolhe?
É no silêncio que a alma se recupera
Jamais tardia
Jamais estancada
Mas é no silêncio que a alma se recupera
Quem asculta a alma de outrém?
Um pio...àquele que se recusa
Pois muitas são as formas que lhe perfazem
Formas essas
Guardadas em recônditos contamináveis e insondáveis

[167] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=khORiOQXkXM Acesso em: 13/10/2022.

Por incontroláveis eons-sons-olvidáveis
Muito além da vida
Totens
É no silêncio que a alma se recupera
Jamais tardia
Jamais estancada
Renascido
Pois muitas são as formas que lhe perfazem
Muito além da vida
Totens
És real? És virtual?
Exulta então!
Renascido...
("MekHan Totens TranZinários". Letra retirada do ArteZine expandido "3D IMAGENS - III", de Gazy Andraus. "Eu hoje chorei minha morte", 2022).

Narrativamente, o eu-lírico parte em busca de autotransformação e autoconhecimento por meio dos sonhos (elétricos?). Ao ouvir a voz de Gazy gravada com eco, imaginei um mestre ancião transdimensional tentando explicar a essência da psique humana e da realidade. Assim, o sistema mekHanTrópico asculta essas informações e implanta esse conhecimento como simulação, numa estratégia de fisgar os indivíduos pela percepção, memórias e imaginação a partir de totens de significação, ludibriando e induzindo, através das vontades e representações, as pessoas ao consumo e, consequentemente, à destruição do habitat e das relações ambientais. A palavra "totem" é repetida por múltiplas vozes (e vezes) em estéreo, durante toda a música, para dar a impressão de cooptação e padronização de toda a sociedade de MekHanTropia.

As músicas, em geral, trazem uma certa relutância do eu-lírico pela transformação e a esperança de que, ao sair da situação protética para uma experiência imersiva total na máquina, deixaria de ser um escravo. Tal esperança se mostra um triste engano, uma vez que o renascimento digital padronizado se impõe. A ideia ilusória de que com a transformação da vida em dígitos continua-se "vivo" mesmo após a morte, some diante do hiperfluxo das redes, da implacável finitude e do todo devastado. Neste sentido, o já citado anteriormente

videoclipe e a faixa “MekHanTropomorfização”[168] especula um pouco sobre esse conceito, em uma representação sobre a aniquilação do animal interior subjetivo do personagem. Enquanto isso, a “hiperconectividade” e a “hiperinformação” o guiam a um sistema instituído em função do “hiperconsumo” e da “hipercomparação” fundada no medo e na produtividade, o que atrofia cada vez mais sua imaginação.

um lindo crepúsculo. não, uma linda aurora. sem binarismos, um lindo umbral. lugar-jogo de luz e sombra. lugar onde há momentos que não exigem história. lugar-sentimento de tempo, espaço e... vazio. este está lá intencionalmente. vazio com propósito. vazio como personagem. no caso, como um oitavo passageiro, eu. aquele que vai como uma ausência para que algo se manifeste através de mim. sim, eu, profundo estado outro de consciência. sim, eu, deep dream. mergulha-te a tí mesme. aquele que ocupa o espaço não preenchido para desaparecer. cancela-te a tí mesme. aquele que dá ritmo a algo. aquele que dá algo ao ritmo. pareidolia algorítmica. alucinogênico artificial. a pausa entre as notas musicais. vão arquitetônico para absorção de cosmos. silêncio sem tédio. assim, pergunto: quais as emoções subjacentes em uma psicodelia em preto e branco? abandona-te neste umbral profundo. olhe nos meus olhos. mergulha-te! estou te encarando. é de mim que você quer saber como mergulhar? sim? você não sabe como? não consegues encontrar suas próprias profundezas? então, abandona-te ou quilomba-te. pois, por aqui, ficamos a sós, cada qual com seu sorriso de satisfação. sós, mesmo que em rede... neural... convolucional... deep learning umbral. e assim, o preto e o branco se tornaram tanto a ausência, quanto a soma de todas as cores.

[“O Oitavo passageiro pós-mekHan Trópico”. Letra de Léo Pimentel (aka Amante da Heresia). “Eu hoje chorei minha morte”, 2022].

A faixa “O Oitavo passageiro pós-mekHanTrópico”, foi inspirada num conto insurgente do Amante da Heresia (a.k.a. Léo Pimentel Souto). Segundo ele, o “oitavo passageiro” nasceu após a leitura do livro de ficção científica "2021"[169]. O livro contém sete contos escritos por sete autores de ficção científica

[168] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lYwyKhMOkVY&t=5s Acesso em: 13/10/2022.
[169] Disponível em: https://culturavisual.fav.ufg.br/n/149210-livro-2021-organizado-pelo-professor-do-ppgacv-ufg-edgar-franco-ganha-o-premio-nacional-argos-de-melhor-antologia Acesso em: 29/08/2023.

inspirados em sete ilustrações de Edgar Franco (a.k.a. Ciberpajé). A narrativa original é um pequeno relato, em primeira pessoa, da rede neural convolucional *Deep Dream*, cujos olhos nos encaram da tela fazendo uso de uma imagem para tal. A imagem escolhida pelo Amante da Heresia, vinda das profundezas intensas e imaginativas do Ciberpajé, foi o seu *Cthulhu*[170], apropriado pelo Amante da Heresia e reapropriado por mim junto ao texto/relato escrito, com ruídos dissidentes em uma espécie de "MekHanTropofagia Pós-Humana"[171].

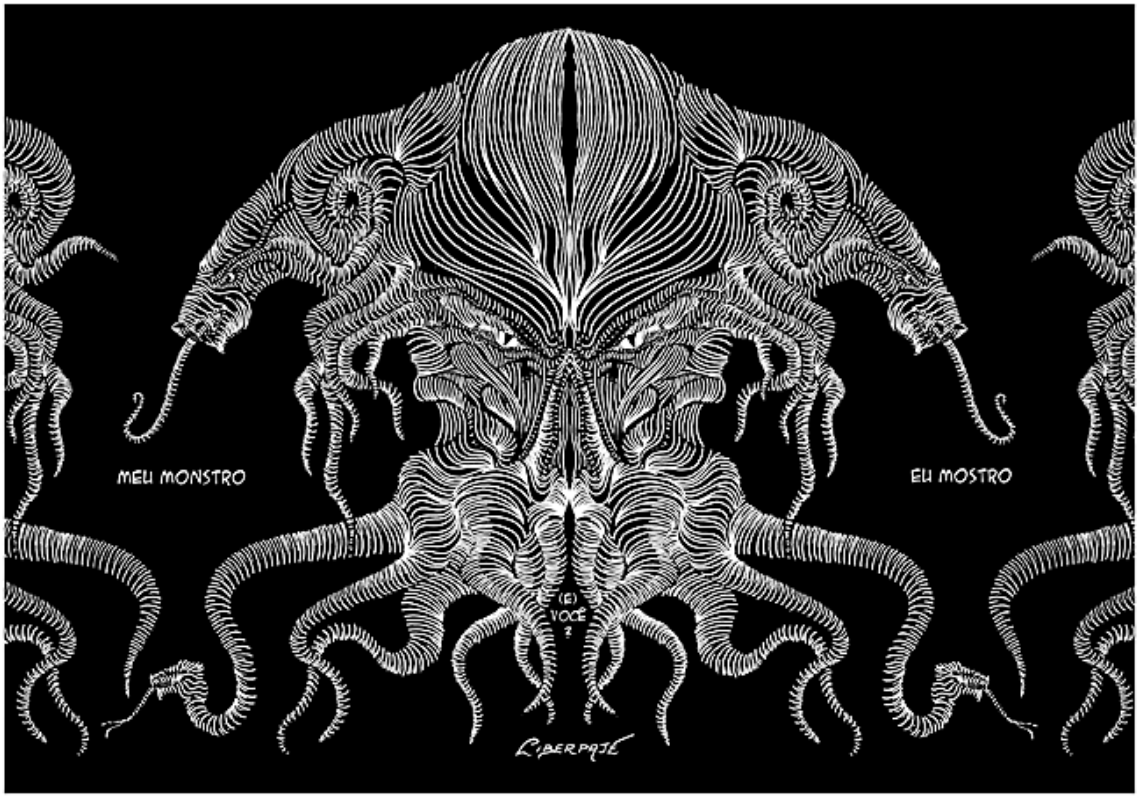


Figura 206 – Arte e HQforismo do Ciberpajé inspirada no Cthulhu de H.P. Lovecraft.

Inseri risadas, batimentos cardíacos, efeitos de voz, sintetizadores, *samplers* e barulhos diversos para trazer um aspecto transdimensional industrial e psicodélico *darkwave* à faixa, que ficou com uma ambientação hibridizada, *cyberpunk* lovecraftiana, como se o eu-lírico estivesse definitivamente mekHanTropomorfizado e preso ao binarismo anticósmico digital, embora

[170] Disponível em: http://ciberpaje.blogspot.com/2017/11/obras-do-ciberpaje-integram-exposicao.html Acesso em: 29/08/2023.
[171] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xTiKmYVDBeM&t=11s Acesso em: 13/10/2022.

tentasse ainda buscar por nuances coloridas transbinárias em meio ao deserto psicobinário em preto e branco que o envolve.

I'm living in the world of bones
I'm living in the world of bones
I see death everywhere, at all times, in all spaces
I'm living in the world of numbers
I'm living in the world of numbers
Just look at these zombies
Reflecting myself on the phones
The dead are more numerous than the living
The living are more dangerous than the dead
The living
The dead
The living-dead
In the cemetery world...
("In the world of bones". Fredé CF. "Eu hoje chorei minha morte", 2022).

Adiante, surge o cenário de um mundo tenebroso com a melancólica e apocalíptica "*In the world of bones*". Com influência de artistas como Tom Waits, Neil Young, Bob Dylan e Mark Lanegan, a música aborda os ciclos, as finitudes, as dores e a solidão de um mundo repleto de zumbis tecnológicos tecnocratas. Um mundo devastado onde os mortos são mais numerosos que os vivos e os vivos mais perigosos que os mortos.

O Cão Breu anda de noite
Te força a sua sorte
Seus olhos te queimam a alma
Seu uivo o corpo acalma
O Cão Breu passeia de noite
O Cão Breu anda à noite
O Cão Breu é a noite
O Cão Breu te uiva a Sombra
("O Acimador/Cani Buiu Mantra". Fredé CF. "Eu hoje chorei minha morte", 2022).

A faixa “O Acimador/*Cani Buiu Mantra*” apresenta um ambiente de nuances transcendentais progressivas, com influência musical de álbuns como “*Ummagumma*” do *Pink Floyd* e “*Year Zero*” do *Nine Inch Nails*. A música faz alusão aos rituais, numa tentativa do eu-lírico escapar daquela condição mekHanTrópica olhando para dentro de si e rompendo com suas teimosias e apegos. É uma representação do incognoscível que ainda habita o personagem, em uma viagem pelos labirintos do que restou de seu inconsciente, representado por mim enquanto seu criador (O Acimador). A faixa conta com a participação do Ciberpajé uivando e tocando instrumentos percussivos, o que representa uma tentativa ritualística de contato e imersão do eu-lírico em suas profundezas, já mekHanTropomorfizado tentando evocar o Cão Breu (Cani Buiu) enquanto espírito ancestral.

Não sei se o que vejo é absurdo
Mas desses olhos é o que posso ver
Sinto, cheiros, ruídos tão confusos
Doces memórias que fazem esquecer
Sonhos distópicos noturnos
Ciclos que acabam ao amanhecer
Sozinho, distante, obtuso
Na calada da noite a se perder
Tentando a todo instante cirúrgico
Mudar as certezas pra entender
É no silêncio que emerge a essência do mundo
No vazio âmago do ser
Entre o que é nada e também é tudo
Mostra o que já não dá mais pra esconder
Enfim mais pleno e profundo
O sinônimo pra mim é você.
[“Resquícios de Carbono e Silício (do lado de dentro)”. Fredé CF. “Eu hoje chorei minha morte”, 2022].

Por fim, a faixa “Resquícios de Carbono e Silício (do lado de dentro)” traz reflexões sobre como o eu-lírico se percebe nessa nova condição, num cenário no qual sua subjetividade não é mais possível. Ele crê que tudo que pensa e vê

é absurdo, mas não entende que ele não pensa e o que ele ali vê não possui carga simbólica de significação. O videoclipe[172] traz algumas memórias humanas fragmentadas do personagem se hibridizando com os algoritmos mekHanTrópicos e se transformando em robô. Utililzei nesta obra imagens feitas pelo Amante da Heresia, também no processo de "MekHanTropofagia" experimental.

Elucubro nessa obra o sentimento de liberdade recorrente aos sonhadores deste universo, porém cada vez mais inexistente e preso ao dataísmo mekHanTrópico. Pela transmídia, tento constantemente trafegar e romper (nos "entre-espaços oníricos" digitais) com o *status quo* e seus aspectos imperativos de transparência institucionalizada, e não seria diferente neste álbum. De forma transbinária, busco provocar e evocar encontros ritualísticos de criação nos quais o sagrado é a própria arte em si e a transmutação pessoal subjetiva. Pela pulverização narrativa de diferentes cosmogonias, a opacidade de subjetividades interseccionadas emerge como estratégia de resistência do conteúdo contra as ferramentas translúcidas do sistema instituído. Triturar a telecracia teleológica e implodir a MekHanTropia instituída pelos tráfegos oníricos transmidiáticos, pelo autoconhecimento e pelos encontros poéticos colaborativos alheios ao mercado. Essa é a razão e objetivo da reexistência cíclica de "Eu hoje chorei minha morte".

Eu não quero mais ser um robô em MekHanTropia
I don't wanna be a robot anymore

Eu hoje chorei minha morte
Um instante de tristeza
Em meio a nostalgia sem norte
Das desventuras e alegrias
Que eu tive o prazer em viver

Eu hoje chorei minha morte
Cego com tanta clareza
Em luto me tranquei num forte
Que um dia imaginei absolutamente conhecer

[172] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OTKrBC7FfsM Acesso em: 13/10/2022.

Eu hoje chorei minha morte
Senti o agora com destreza
Me vi vivo sem suporte
Em paz para enfim não ser

Eu hoje chorei minha morte
Deixei ir os sonhos com beleza
Já não morri ainda por sorte
Apegos me impedem de ver

Eu hoje chorei minha morte
Nunca ser certezas
Estar a fluir na correnteza
A não ser na morte do querer
("MekHan Tropomorfização". Fredé CF. "Eu hoje chorei minha morte", 2022)

5.4. O espelho de obsidiana, as sombras, o "outro" e as telas que nos circundam

"Eu estou vestido
Com as roupas
E as armas de Jorge
Para que meus inimigos tenham mãos
E não me toquem
Para que meus inimigos
Tenham pés e não me alcancem
Para que meus inimigos
Tenham olhos e não me vejam
E nem mesmo pensamento
Eles possam ter
Para me fazerem mal
Armas de fogo
Em meu corpo não alcançarão
Espada, facas e lanças se quebrem
Sem o meu corpo tocar
Cordas e correntes se arrebentem
Sem o meu corpo amarrar
Pois eu estou vestido com as roupas
E as armas de Jorge."
(Jorge Ben Jor)

O álbum “Eu hoje chorei minha morte” (2022) foi lançado subsequentemente ao EP já citado “Espelho de Obsidiana”, lançado no segundo semestre de 2021, e também traz alusões ao espelho, como na faixa “*In the world of bones*” que versa: “*Just look at these zombies Reflecting myself on the phones*”[173]; ou na faixa “Resquícios de Carbono e Silício (do lado de dentro), pela frase final que trata sobre os reflexos: “O sinônimo pra mim é você”; além da já citada “O Oitavo Passageiro pós-mekHanTrópico” que também faz referência às telas negras dos dispositivos eletrônicos digitais, como o computador e o *smartphone*.

Na mitologia e cultura Azteca observamos ecos a ideias de representação e intervenção ideológica em função do poder, por meio do controle de narrativas sobre tempos e espaços confluentes, em uma de suas figuras mais emblemáticas: Tezcatlipoca, o deus do céu noturno, das estrelas e da lua; o senhor do fogo e da morte; criador do mundo, vigilante das consciências. Geralmente este ser é representado imageticamente como uma onça que carrega no peito um espelho negro fumegante onde mira toda a humanidade. Além deste artefato mágicko de transformação e deslocamentos extraordinários, essa divindade também está associada ao oferecimento de festas e músicas como formas de conexões entre os mundos dos deuses e dos homens.



Figura 207 - Desenho representando o Deus Tezcatlipoca, da cultura Azteca. Imagem criada por Jean Vervelle.[174]

[173] “Basta olhar para esses zumbis refletindo-me nos telefones”. Tradução livre.
[174] Disponível em: https://doctorchevlong.artstation.com/projects/baxggo Acesso em: 29/08/2023.

Ao dissecar a tela “Las Meninas” de Velázquez, que reflete a realeza ao fundo em um espelho (além do autorretrato do artista), Mirzoeff (2016) tece relações com o espelho de obsidiana e os povos pré-colombianos, o que me abriu inspirações para possibilidades narrativas e conceituais:

> Tanto en las Américas anteriores ala conquista como en la Europa medieval, el espejo era un lugar para la adivinación donde se decía la buena ventura y se podía contactar con los muertos y con otros espíritus. En resumidas cuentas, el espejo es um puente visual entre el pasado, el presente y el futuro. (...) El espejo negro y el espejo pintado sin precisión óptica nos muestran como son ahora las cosas, pero al mismo tempo constituyen un lugar de acceso al pasado y al futuro. Estos reflejos e imágenes eran una combinación de teatro, magia, autocreación y propaganda que resultaban esenciales para preservar el poder real (MIRZOEFF, 2016, P. 42/43).[175]

Segundo Mirzoeff (2016)[176], tanto na América pré-colombiana quanto em diversos lugares da Europa medieval o espelho era um artefato bastante utilizado como instrumento de poder para o controle dos indivíduos, uma vez que em suas imagens refletidas traziam aspectos de controle através da linguagem e representação pelo discurso institucionalizado, combinando magia e propaganda, essenciais para a criação de regimes de verdades.



Figura 208 – Obra "Las Meninas", de Diego Velázquez. 1656.

175 “Tanto nas Américas antes da conquista como na Europa medieval, o espelho era um local de adivinhação onde se contava a boa sorte e se podia contactar os mortos e outros espíritos. Em suma, o espelho é uma ponte visual entre o passado, o presente e o futuro. (...) O espelho preto e o espelho pintado sem precisão ótica mostram-nos como são as coisas agora, mas ao mesmo tempo constituem um lugar de acesso ao passado e ao futuro. Estes reflexos e imagens eram uma combinação de teatro, magia, autocriação e propaganda essenciais para preservar o poder real” (MIRZOEFF, 2016, p. 42/43). Tradução nossa.

176MIRZOEFF, Nicholas. Cómo Verse a símismo (cap.1). In: _____. Cómo ver el mundo: Una nuevaintroducción a la cultura visual. Barcelona: Paidós, 2016, pp. 36-68. Download: https://bit.ly/3dOsbfc

A fotografia, o cinema, a TV, o computador, o *smartphone* e as redes telemáticas com suas caixas-pretas, seriam os novos espelhos de obsidiana? O pensador Vilém Flusser, em sua “Filosofia da Caixa-Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia” (2002), diz que todo “aparelho” tecnológico é abordado enquanto uma “caixa-preta”. Um construto que condensa conhecimentos científicos em máquinas geradoras de significações (no caso do audiovisual, imagens e sons) que, muitas vezes, não temos controle ou acesso sobre os processos que se dão em seu interior. Na maior parte das vezes operamos como processos de entrada e saída de dados pré-configurados por alguém. Sendo assim, na maior parte das vezes, ao representar ou sermos representados imageticamente no mundo digital atual, não temos o controle sobre os procedimentos intrínsecos aos dispositivos, mas podemos trabalhar como artistas no sentido de direcionar as significações geradas para a construção de nossas poéticas e refletir sobre elas.

Ao pensar em “como ver a si mesmo” e sobre as “possibilidades da imagem em tempos de obscurantismo” que os textos de Nicholas Mirzoeff (2016) e Alejandra Niedermaier (2020) trazem, intentei ampliar reflexões que eu não havia conectado por meio de impulsos criativos para abordar o papel da autoimagem/autorrepresentação em nossa sociedade e em nossa existência psicoemocional. As conexões e sincronias entre os textos me chamaram a atenção, em especial, para as relações metafóricas com o “espelho” e com processos de criação que permeiam minha obra, no sentido de pensar sobre como o sistema opera visando nossas emoções, moldando subjetividades em prol do poder instituído. Essas reflexões me ajudam bastante a dar forma e profundidade conceitual ao meu universo poético-ficcional.

Ao ler o texto de Mirzoeff e as reflexões estabelecidas pelo autor sobre a atual *selfie* como uma intensificação do autorretrato e como forma de demonstrar poder e status social da pessoa que produz a imagem. Penso sobre o desejo de aparentar “ser” e “ter” algo ou alguém, muitas vezes deslocado da essência factual da relação. Essas necessidades de “mostrar ter ou ser” pelas redes geralmente vêm adequada aos ditames sobre o que é ou não “ideal” ou “satisfatório” hiperculturalmente. Tais ideais, muitas vezes, estão atrelados ao

consumo e positivados (à luz do pensamento de Han). Mirzoeff coloca que “durante la mayor parte de la época moderna, la posibilidad de ver una imagen de uno mismo quedaba limitada a los ricos y a los poderosos.” (MIRZOEFF, 2016, p.38).[177] Atualmente, as *selfies* podem ser entendidas como uma espécie de autorrepresentação oficial das pessoas, que mostra para a sociedade as maneiras como queremos e gostamos que ela nos veja representados.

A partir dessas reflexões, estabeleci algumas ligações em especial com a imagem da capa do meu álbum “MekHanTropia”, meus autorretratos feitos com fotografia digital e redes neurais/IA para acompanhar a divulgação do álbum, além dos videoclipes. A minha autorrepresentação por meio da *selfie* em meu universo condiz com a ideia de poder exposta por Mirzoeff, uma vez que, como criador do universo e personagem (O Acimador), atuo como uma espécie de divindade sobre os personagens.



Figura 209 - "Labirintos psicobinários mekHanTrópicos". Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

[177] “Durante a maior parte da época moderna, a possibilidade de ver uma imagem de si mesmo se limitava aos ricos e aos poderosos”. (MIRZOEFF, 2016, p. 38). Tradução nossa.

Ao refletir, a partir do texto de Mirzoeff, sobre as relações entre a capa do álbum e meus autorretratos produzidos, pensei sobre a tecnologia como parte intrínseca de mim assim como da obra, me tornando, nessa relação de simbiose autorrepresentacional, um ser/personagem, tanto neste universo ficcional quanto em minha realidade validada, em processo de mekHanTropomorfização. Assim, projetei-me imaginariamente enquanto personagem criador também à imagem da capa do álbum "MekHanTropia", o que casou muito bem com a coincidente ideia de minha tia Delaine Carvalho em relação à produção das máscaras anti-mekHanTrópicas para proteção contra a COVID-19. Por isso a máscara se tornou um acessório de figurino deste universo, para representar alguns personagens que querem se libertar da MekHanTropia, como Valdez, por exemplo, além de utilizá-la em performances artísticas e foto-poesias mekHanTrópicas.

> El selfie es una fusión de la imagen de uno mismo, el autor re-trato del artista como um héroe y la imagen mecânica del arte moderno que funciona como una representación digital. Y por ello hacreado una nueva manera de pensar em la historia de la cultura visual como em su momento hizo el autorretrato (MIRZOEFF, 2016, P. 38-39).

Visualizei-me refletido na criatura, em uma espécie de transposição de minhas sombras (tão presentes enquanto tema de minha obra) para aquela imagem mekHanTrópica ciberpajeana e isso me instigou, me remetendo à série "*Black Mirror*"[178] e ao espelho de obsidiana Azteca, a criar a representação de mim mesmo dentro da diegése deste universo de MekHanTropia, transcendendo dimensões Ao me ver ali refletido, pensei em como vejo os reflexos dos "outros" e, indo mais além, como os "outros" veem seus próprios reflexos a partir do que lanço como reflexo de mim com o meu álbum, que, por si só, já vem refletido e ressignificado pela criação artística e projeto visual original da capa do álbum como uma transposição de (re)significações sobre meus conceitos e sons à imagem. Por isso, essa tese-criação traz também um papel espelhado na caixa

178Série britânica criada em 2011 por Charlie Brooker que aborda o uso de tecnologias em um futuro próximo e suas relações nem sempre agradáveis com a humanidade. Disponível no Netflix.

que a conduz, como uma forma de refletir sobre quem está sendo refletido pela obra ali, em diversos instantes e instâncias.

Ocasionalmente também utilizo a ferramenta de modificar o fundo da tela em apresentações em *lives*, videoconferências, mesclando de maneira hiper-real a criatura da capa do álbum com o fundo, a parede, em minhas apresentações acadêmicas on-line. Utilizei a máscara e essas projeções em alguns eventos como CONPEEX, ABCiber, SIPAACV, ANPAP, CIACT, SIIMI, entre outros. Adiante falaremos mais sobre algumas apresentações performáticas ao vivo realizadas com a premissa deste universo.

Ademais, resolvi tecer uma provocação em minhas redes (anti)sociais (*Facebook, WhatsApp, Instagram* e *Twitter*) com uma postagem pedindo a participação das pessoas em geral que me seguem por meio de relatos sobre o que aquela criatura da capa do álbum “MekHanTropia” lhes significava de maneira pessoal subjetiva. A intenção inicial da postagem era analisar a recepção das pessoas sobre a obra, se teciam relações pelo imaginário com o conceito proposto pelo título da obra e pelo som do álbum. A pergunta que eu buscava responder era “como a obra atua arquetipicamente e artísticamente no imaginário das pessoas?” e, sobretudo, se a criatura da capa também operava como um espelho mekHanTrópico para outras pessoas além de mim. Porém, me surpreendi com a quantidade de relatos que surgiram (e ainda surgem) e, em especial, como esses relatos abordavam diferentes aspectos das emoções, memórias e espaços do imaginário dessas pessoas.

Formulei as perguntas de maneira existencialista. Ao questionar “quem”, “o que”, “de onde” e “qual espécie” era a criatura de certa forma tentava entender também o que ela representa para mim e como eu poderia utilizar essas referências na criação de meu universo. As respostas mais comuns foram que ela seria um ser mítico híbrido, alienígena, metamorfo, fantástico, místico, lendário e transcendental. Foram muitas as relações com outras dimensões e universos lúdicos de fantasia, além da predominância da visão relacionada a outros planetas ou outras dimensões temporais. De forma geral, foi associada ao desconhecido, ao oculto, às sombras, àquilo que não temos acesso e extrapola nossos limites de compreensão.

Sobre a questão “de quando” ela é, quis visualizar um recorte temporal para a criatura, no intuito de localizar quando se passa minha obra. Nesse sentido, houve uma predominância de respostas indicando certa “atemporalidade” da criatura, como se ela estivesse em uma outra dimensão na qual o tempo e o espaço não se apresentam como na nossa realidade validada, mas que estivesse, de alguma forma, sobreposta às nossas dimensões.



Figura 210 - Print da postagem com perguntas sobre a capa do álbum MekHanTropia de Fredé CF. 2020.

Um dado curioso foi que houve um empate no “segundo lugar” das respostas sobre essa temporalidade, sendo “6” votos que a criatura é do passado, “6” votos que ela é do futuro e “6” votos que ela é do presente, do agora, formando assim um “666” transtemporal. Associações diretas com a pandemia e com governos totalitários de controle e repressão também surgiram, além de associações diversas com momentos e passagens históricas (antigo Egito, século XIX, etc.) e personagens oriundos de outros universos poéticos-ficcionais pré-existentes da literatura, dos games, cinema, histórias em quadrinhos etc., como *Frankenstein*; Lobisomem; *Star Craft*; *X-Men*; *Stranger Things*; *Harry Potter*; Malévola; *Riverdale*; Alien - o 8º passageiro; O guia do mochileiro das galáxias; Labirinto do Fauno; Irmãos Grimm; fadas, duendes e até a capa do álbum “*Coma of Souls*” (1990) da banda alemã *Kreator*.

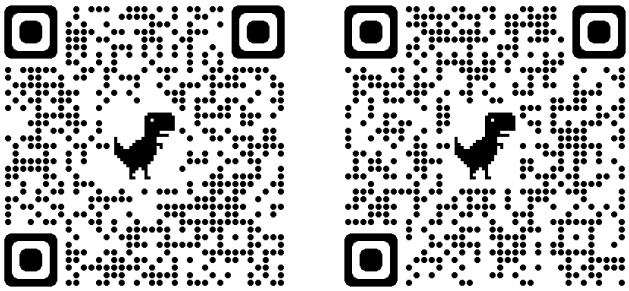


Figura 211 - Álbum "Coma of Soul" (1990), da banda Kreator.

Sobre um possível “ofício” e “gênero” da criatura, busco entender como ela se situa (se coloca e é colocada) socialmente. As respostas mais comuns foram relativas à criatura não ter gênero definido e que é um ser transcendental de outra dimensão, que reúne em si a diversidade. Já quanto ao ofício, algumas respostas foram associadas à um ser que nos desperta do sono profundo que a humanidade se encontra. Um ser que tenta nos levar à uma maior compreensão de quem somos, como uma espécie de facilitador da existência, um navegador de universos e inconscientes, o que me remeteu à ideia dos sonhos. As respostas também me remeteram à ideia de essa criatura ser uma espécie de

programador de sonhos que opera na resistência ao sistema, elucidando seus meandros, como eu enquanto criador (O Acimador) do meu universo transmídia.

Por outro lado, houve também diversas visões que aproximavam a criatura a aspectos totalitários e vinculados ao fascismo e ao horror, como, por exemplo, um ser desumanizador, devorador de almas, que, por ser torturado e condenado, lança todo seu ódio, frustração e ressentimento à humanidade (ao “outro”) em um processo de negação das sombras. Um ser que extrai do inconsciente das pessoas o pensamento crítico e age na função de manter a ordem por meio do medo e da ilusão. Uma espécie de manipulador da genética humana, que insere chips de controle mental em cobaias.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Uma impressão curiosa, e que dialoga bastante com nossos tempos, é a de que esse ser seria um replicador de *fake news*, por conter criaturas inseridas em seu cérebro, como se operassem computadores. Por sua vez, essas pequenas criaturas cerebrais também são replicadoras de pseudonotícias e pseudoconhecimento, uma vez que elas possuem pregos em seus crânios, trazendo a ideia de que tudo é falso e criado pelo controle oculto que não compreendemos ou visualizamos. Relações também vieram em alusão ao contexto sociopolítico que atravessamos, com referências a termos como “neo-terraplanismo”, “miliciano” e “neopentecostal”.

Ao perguntar “ao que remete” e “quais sensações causa”, a predominância foi de sensações de medo, espanto, mistério, dor, raiva, ódio, tristeza e melancolia, sensações essas trabalhadas conceitualmente pela minha obra. Sublinho também algumas poucas impressões voltadas à alegria, brincadeira e diversão, por conta da língua colocada para fora. Aproximações com ideias do campo da

psicologia como a sombra junguiana, as facilitações e as relações entre ID, Ego e Superego freudianas além de conexões com o pensamento de Schopenhauer, Nietzsche e Descartes também foram estabelecidas e indicam um caminho interessante de reflexão a seguir na construção dos personagens, diálogos, inquietações e pensamentos neste universo, além de possibilitarem também pensar sobre outros aspectos de composição e linguagem audiovisual na obra como movimentos de câmera, enquadramentos, iluminação, cores, cenários, ruídos, sons, silêncios etc.

Para minha surpresa, foram levantadas relações profundas e muito bem estruturadas com os conceitos que introduzo aqui nessa tese-criação relativos à ideia de “MekHanTropia”, “MekHanTropo” e até com a lenda do “Cão Breu” que faço referência. Isso me ajudou a pensar com mais profundidade sobre como essas construções atuam nos imaginários dos outros e como estão sendo apresentadas por mim enquanto comunicação, bem como sobre as maneiras que estou conduzindo minha poética.

A partir desses contatos entre as leituras e os relatos espontâneos e complexos que recebi (e ainda recebo), alterei as intenções iniciais do exercício e parti para a utilização dessas impressões relatadas (em contato com minhas emoções externadas ou não pela obra) na construção deste universo poético-ficcional autoral. Tento desvencilhar-me das caixinhas pré-estabelecidas pelas perguntas, para investigar os imaginários fantásticos e relações inconscientes presentes nestes depoimentos em diálogo com minhas questões e propostas artísticas.

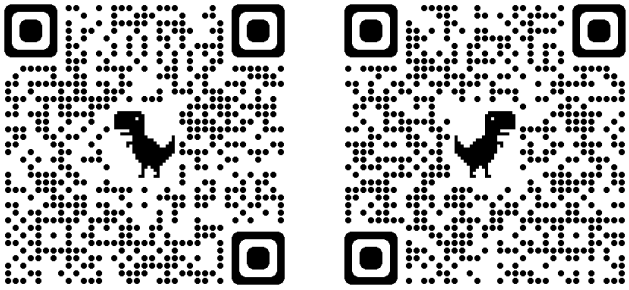
O intuito é pensar e articular ainda novos pontos de partida para formulação de metáforas e análise de arquétipos projetados em minhas narrativas em progresso. Mesmo quando concluída esta etapa do doutorado, vejo estas relações como fontes cruciais para a sagacidade do processo de construção de elementos narrativos que continuarão permeando o universo proposto, como personagens, atuações, viagens temporais, tramas etc.



5.5. Performances transmidiáticas ao vivo e outras extensões

"Hypnotic sound of sirens
Echoing through the street
The cocking of the rifles
The marching of the feet
You see your world on fire
Don't try to act surprised
We did just what you told us
Lost our faith along the way and found ourselves believing your lies

I got my propaganda
I got revisionism
I got my violence in high def ultra-realism
All a part of this great nation
I got my fist I got my plan I got survivalism."
(Nine Inch Nails)



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Até o momento de escrita desta tese-criação, foram realizadas duas apresentações performáticas ao vivo deste projeto transmídia, sendo uma on-line (devido ao confinamento pandêmico) e uma presencial, foram elas: A *Live* "(Re)Existência (Anti)MekHanTropia: sons, sombras e transmutações"[179], apresentação anti-mekHanTrópica ocorrida no I Seminário de Pesquisa em Arte (I SPA), da linha B – Poéticas Artísticas e Processos de Criação do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da FAV/UFG, em 26/11/2020 que contou com a participação especial do Ciberpajé na abertura da apresentação; e a performance/opereta "Sangue Derramado" realizada presencialmente no Festival de Artes Ciberpajelanças III, em 2022 que contou com a participação do Ciberpajé, do Amante da Heresia, do Evandro Galo e da Francielle Thaiane.

179Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3BE2AZXqqy4&t=1390s Acesso: em 07/12/2021.



Figura 212 - Live "(Re)Existência (Anti)MekHanTropia: sons, sombras e transmutações". I SPA. 2020.

Na performance digital "(Re)Existência (Anti)MekHanTropia: sons, sombras e transmutações", estipulei como conceito estético condutor, além das músicas apocalípticas, uniforme e projeções hiper-reais, também um texto explicativo anexado à descrição do vídeo no YouTube e à divulgação do evento.

"Observar e ressignificar nossas sombras pela arte. Autoconhecer e transmutar a experiência social ordinária cotidiana. Alavancar possibilidades de existir intensamente no instante presente de forma mais sincera. A antropofágica resistência orgânica ao status quo cultural que atua sobre a complexidade da vida. Vísceras expostas pelas cordas acústicas e vocais que dão vazão à subjetividade e ao pensamento não-linear. Rompimento de padronizações determinantes. Ampliação da diversidade de discursos, perspectivas, criações, expressões e manifestações do pensamento na contramão da MekHanTropia institucionalizada. O autoconhecimento e a arte como válvula de (trans)formação e (re)Existência pela vida."

[*"(Re)Existência (Anti)MekHanTropia: sons, sombras e transmutações". Fredé CF, 2020*].

O *set-list* abarcou músicas do álbum "MekHanTropia" e alguns *covers* de artistas como Belchior, Mundo Livre S/A e Chico Science & Nação Zumbi, tecendo uma homenagem ao movimento *Manguebeat*, cuja proposta muito me influencia. Durante a década de 1990, quando ainda era adolescente, conheci o movimento e o utilizei em meu trabalho de conclusão de curso de graduação em Relações Internacionais cujo tema foi "O *rock'n'roll e a internacionalização da* contracultura". Naquele momento, em 2004, meu intuito era abordar como o

rock'n'roll se hibridizou ao entrar em contato, desde seu surgimento, com diversas culturas e manifestações artísticas. Neste sentido, o Movimento *Manguebeat* aparece como uma potente fonte de estudos e referência por trazer hibridizações autênticas entre sons e ideias múltiplas, de origens diversas como *rock*, maracatu, funk, música eletrônica etc. As letras e ideário do movimento também me influenciam bastante em minhas criações poéticas, sendo uma referência fundamental para o conceito de MekHanTropia.

O "Manifesto" que abre caminhos ao conceito de Manguebeat, foi escrito em 1992 originalmente pelo jornalista e músico Fred Zero Quatro da banda Mundo Livre S/A. O texto, intitulado como "Caranguejos com Cérebro"[180], aborda características deste movimento que surge em Pernambuco nos anos 1990, aprofundando em conexões com aspectos típicos daquela região brasileira como o mangue, a cidade de Recife (*manguetown*), a cena artística, as pessoas (*mangueboys* e *manguegirls*), as ideias, entre outros aspectos.



Figura 213 - Bandas Chico Science & Nação Zumbi e Mundo Livre S/A e seus respectivos discos de estreia.

[180] Disponível em: http://www.recife.pe.gov.br/chicoscience/textos_manifesto1.html Acesso em: 30/08/2023.

Mangue, o conceito.

Estuário. Parte terminal de rio ou lagoa. Porção de rio com água salobra. Em suas margens se encontram os manguezais, comunidades de plantas tropicais ou subtropicais inundadas pelos movimentos das marés. Pela troca de matéria orgânica entre a água doce e a água salgada, os mangues estão entre os ecossistemas mais produtivos do mundo.

Estima-se que duas mil espécies de microorganismos e animais vertebrados e invertebrados estejam associados à vegetação do mangue. Os estuários fornecem áreas de desova e criação para dois terços da produção anual de pescados do mundo inteiro. Pelo menos oitenta espécies comercialmente importantes dependem do alagadiço costeiro.

Não é por acaso que os mangues são considerados um elo básico da cadeia alimentar marinha. Apesar das muriçocas, mosquitos e mutucas, inimigos das donas-de-casa, para os cientistas são tidos como símbolos de fertilidade, diversidade e riqueza.

Manguetown, a cidade

*A planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex)cidade *maurícia* passou desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição de seus manguezais.*

*Em contrapartida, o desvario irresistível de uma cínica noção de *progresso*, que elevou a cidade ao posto de *metrópole* do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade.*

*Bastaram pequenas mudanças nos ventos da história, para que os primeiros sinais de esclerose econômica se manifestassem, no início dos anos setenta. Nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada a permanência do mito da *metrópole* só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano.*

Mangue, a cena

Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples!

Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife.

*Em meados de 91, começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de ideias pop. O objetivo era engendrar um *circuito energético*, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama.*

Hoje, Os mangueboys e manguegirls são indivíduos interessados em hip-hop, colapso da modernidade, Caos, ataques de predadores marítimos (principalmente tubarões), moda, Jackson do Pandeiro, Josué de Castro, rádio, sexo não-virtual, sabotagem, música de rua, conflitos étnicos, midiotia, Malcom Maclaren, Os Simpsons e todos os avanços da química aplicados no terreno da alteração e expansão da consciência.

Bastaram poucos anos para os produtos da fábrica mangue invadirem o Recife e começarem a se espalhar pelos quatro cantos do mundo. A descarga inicial de energia gerou uma cena musical com mais de cem bandas. No rastro dela, surgiram programas de rádio, desfiles de moda, vídeo clipes, filmes e muito mais. Pouco a pouco, as artérias vão sendo desbloqueadas e o sangue volta a circular pelas veias da Manguetown.

("Caranguejos com Cérebro". Escrito por Fred Zero Quatro. Recife – PE, 1992).

5.5.1. O Amanhecer em MekHanTropia: representações e cruzamentos transuniversais na performance/opereta transmídia "Sangue Derramado"

"Modernizar o passado é uma evolução musical
Cadê as notas que estavam aqui
Não preciso delas!
Basta deixar tudo soando bem aos ouvidos
O medo dá origem ao mal
O homem coletivo sente a necessidade de lutar
o orgulho, a arrogância, a glória
Enche a imaginação de domínio
São demônios, os que destroem o poder bravio da humanidade
Viva Zapata! Viva Sandino! Viva Zumbi!
Antônio Conselheiro!
Todos os panteras negras

Lampião, sua imagem e semelhança
Eu tenho certeza, eles também cantaram um dia".
(Chico Science & Nação Zumbi)

A performance/opereta[181] transmídia "Sangue Derramado", apresentada por mim no dia 26/11/2022 no Espaço Ruptura Cultural em Goiânia, durante o Festival de Artes Ciberpajelanças III, contou com participações especiais dos multiartistas, professores e pesquisadores: Edgar Franco (sintetizadores, poesias, aforismos e vocais), Léo Pimentel (poesia e vocais), Evandro Galo (percussão) e Francielle Thaiane (poesia e vocais), além de integrar a vasta programação do festival em questão que trazia ainda obras minhas em diferentes formatos e linguagens artísticas que promoveram expansões conceituais de meu universo, como a mostra audiovisual, a exposição de artezines, a exposição de obras artísticas do grupo de pesquisa Cria_Ciber (do qual faço parte), *flash tattoo*, entre outras atividades.





[181] Considero a performance também como uma opereta transmídia pela característica de haver uma narrativa implícita com diálogos narrados em meio às músicas, além das próprias letras das músicas, poesias, vídeos e artezine que integraram a performance enquanto poética estética e narrativa.



Figura 214 - Imagens da performance/opereta "Sangue Derramado". 2022.

A performance/opereta foi pensada por mim como uma narrativa expandida integrante do universo ficcional transmídia de MekHanTropia. Como já colocado anteriormente, as obras criadas nesse universo (músicas[182], vídeos[183], jogos, artezine[184], fotografias, poesias, contos, desenhos etc.[185]) me servem como meios de ressignificar minhas memórias, percepções e aspectos da imaginação sobre minha existência subjetiva, por meio da representação artística em diversas mídias, linguagens e plataformas, além de também funcionarem como uma espécie de válvula de escape e organização psíquica de tudo o que me compõe. Investigo e experimento assim, em um diálogo teórico e prático com meus repertórios, os processos de criação que exerço com intencionalidade poética, refletindo sobre como aspectos meus (que integram minha personalidade, trajetória, cultura) se comportam diante do mundo ao serem materializados enquanto obras de arte. Observo características do meu inconsciente que se manifestam nessas criações poéticas e tento lançar luz e integrar minhas sombras (JUNG, 2015) em um processo de auto(re)conhecimento e expurgo artístico.

A performance “Sangue Derramado” tratou sobre como se originou o universo de MekHanTropia, ou melhor, como o sistema foi instituído nessa realidade ficcional e quais as consequências disso nesta nova realidade exposta. Chamo tal evento, nesse universo ficcional, de “Amanhecer MekHanTrópico” por conta

[182] Disponível em: https://fredecf.bandcamp.com/ Acesso em: 11/12/2022.
[183] Disponível em: https://www.youtube.com/@fredecf/videos Acesso em: 11/12/2022.
[184]Disponível em: https://issuu.com/criaciber/docs/cani_buiu-frede- Acesso em: 11/12/2022.
[185] Saiba mais em: http://mealuganao.blogspot.com/ e em https://www.instagram.com/fredecf/ Acesso: 11/12/2022.

destas questões relacionadas à um novo ciclo que se inicia nesta dimensão. A narrativa da apresentação se iniciou com uma projeção de vídeo com imagens criadas por mim utilizando diversas técnicas como animação quadro-a-quadro feita com fotografias, com IA, com desenhos, animação em promptismo/IA e filmagens videográficas em *live-action.* Há também algumas imagens de capas dos meus álbuns (dentre elas algumas criadas pelo Ciberpajé), que caracterizam o universo de MekHanTropia.

O áudio que acompanha essas imagens introdutórias foi extraído do filme “O Bandido da Luz Vermelha” de Rogério Sganzerla, os mesmos trechos utilizados no álbum “MekHanTropia”. Nestes áudios, há uma situação de vigilância e controle por parte de um agente a serviço do sistema, além de áudios de matérias de telejornais das quais me aproprio poeticamente para ilustrar de onde parte a narrativa. Quando um dos personagens destes áudios grita que “o terceiro mundo vai explodir, quem tiver de sapato não sobra!”, anuncia na performance/opereta o ambiente distópico que se instaura, sendo reforçado por meio dos vídeos e da música, seguido com sua prisão por despertar e insurgir contra o sistema instituído.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Após essa introdução, iniciou-se o videoclipe da música “Sangue Derramado”[186], no qual teço uma homenagem, em forma de protesto e luto, à triste necropolítica instituída e fomentada em nosso país, metaforizada como o ponto nevrálgico de ascensão do sistema de MekHanTropia. Essa música conta com o áudio do indigenista Bruno Pereira e os indígenas da etnia Marubo cantando uma canção

[186] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2UFoCGawkjU&t=164s Acesso em: 11/12/2022.

indígena sobre os cuidados de uma arara com seus filhotes, além de algumas falas torpes do genocida, que em meu universo é representado pelo personagem Messias. Esse personagem opera a destruição da vida em função do boi, da bíblia e da bala, com tendências tecnocratas, neofascistas e neopentecostais.

Após o clipe de “Sangue Derramado”, houve a participação especial da poeta Francielle Thaiane, declamando sua poesia sobre o silêncio[187] que se instituiu e o medo recorrente provocado nesse universo a partir do “Amanhecer MekHanTrópico”. Assim, pensei em situar o público no contexto da trama ali apresentada. Tal situação se aprofunda com a entrada do Ciberpajé recitando aforismos presentes na música “O Messias de Rosemary”[188], que anunciam o antagonismo na narrativa na figura torpe do Messias e sua horda de demônios e zumbis.



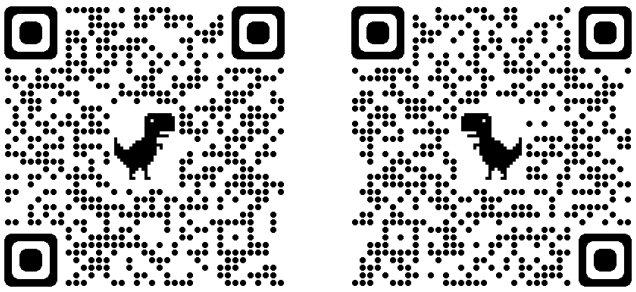
Figura 215 - Cartaz da performance/opereta "Sangue Derramado". Arte de Fredé CF, Ciberpajé e Alysson Drakkar. 2022.

[187] “SILÊNCIO. Silêncio! Silêncio! Silêncio! / Cada poeta / Uma neurose / Uma patologia / Uma psicopatia / Uma loucura / Louco! Louco! Louco! / Com licença poética / É o que somos / Um momento / De tensão / Tiro o fone / Atenção / Faço silêncio / Começo a suar / Ouço risos e choros / Todo mundo encosta / Espreme / Medo de morrer / Imaginando o pior / Sua mente / Te controla / Mas quem controla / A mente? / Como não alimentar / Essas vozes que / Gritam aqui dentro / Começo a repetir / Para calar o pensamento / Silêncio. Silêncio. Silêncio / Tudo vai ficar bem / E apesar / De boca seca / E do coração disparado / Tudo acaba bem / Bom, depende do bem, mas / Tudo / Acaba / Em Silêncio.” (Francielle Thaiane / Evandro Galo)

[188] “Ainda piores que os parasitas no poder que lucram, são os idiotas que os cultuam a troco de nada. Muitos entram no corredor do matadouro por vontade própria. Esses que morram regurgitando o nome fétido de seu Messias.” (Ciberpajé)

As próximas músicas apresentadas na performance, “BiroLiro”, “*In the world of bones*” e “Pisadeira”, completam e aprofundam essa ambientação contextual externa ao eu-lírico, narrando a cooptação psicoBinária realizada nessa sociedade em função do consumo e do mercado e a instituição da MekHanTropia. Essa situação é ilustrada com projeções aleatórias e caóticas de imagens de videoclipes criados por mim e que integram esse universo, além de sintetizadores pré-programados que são integrados ao vídeo e às músicas executadas ao vivo presencialmente por mim (voz e violão), Edgar Franco (sintetizadores e vocais) e Evandro Galo (percussão).

Em meio às imagens projetadas, surgem frases soltas que refletem a fragmentação do pensamento crítico em meio ao fluxo intermitente das redes digitais que cooptaram todas as relações. Em diversos momentos a frase contida no artezine “3D-Imagens, vol. III” de Gazy Andraus “És real? És virtual?”[189] foi repetida por mim, com a intenção de provocar na plateia reflexões e inquietação quanto aos limites entre as realidades validada e virtual, algo que já não há mais diferenciação aos habitantes de MekHanTropia.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

A intenção desse primeiro ato da performance foi apresentar ao público o clima de tensão característico do universo de MekHanTropia e trazer à tona aspectos típicos dessa poética. Os conceitos da performance foram baseados nos pensamentos de autores como Byung-Chul Han, Jonathan Crary, Edgar Franco, Gazy Andraus, Léo Pimentel, Phillip K. Dick, Ricardo Labuto Gondim, David

[189] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=khORiOQXkXM Acesso em: 13/10/2022.

Lynch, Sidarta Ribeiro, Roy Ascott, Franz Kafka, Jean Baudrillard, entre outros, exalto os contrastes entre o orgânico e o maquínico, o sono e a vigília, a realidade validada e a realidade virtual, o moderno e o ancestral, a criação e a destruição etc.

Em seguida, entrou em cena o Amante da Heresia (a.k.a. Léo Pimentel), recitando um miniconto sobre inteligências artificiais escrito por ele que me apropriei narrativamente em meu álbum "Eu hoje chorei minha morte" (2022). Esse conto intitulado "O oitavo passageiro"[190] funciona como um ponto de mutação da opereta/narrativa performática em "Sangue Derramado", iniciando a convocação do olhar do personagem/eu-lírico poético para dentro de si mesmo, para a integração de suas sombras e ancestralidades, mesmo em meio ao "inferno do igual" padronizado em zeros e uns que atuam em função do mercado e do consumo. A narrativa insurgente original, segundo Léo Pimentel, se dispõe como um pequeno relato, em primeira pessoa, da rede neural convolucional *Deep Dream*, cujos olhos nos encaram fazendo uso de uma imagem para tal. Imagem esta (escolhida por ele) vinda das profundezas imaginativas do Ciberpajé: o Cthulhu. Esse ser lovecraftiano que adentra a Aurora Pós-Humana ciberpajeana e transborda-se à MekHanTropia, em uma MekHanTropofagia Pós-Humanística visceral.

Assim, com esse chamado transcendental e transuniversal, adentramos ao 2º ato da performance, que trouxe as músicas "O Estranho Encontro de Jurupari com Zé do Caixão em MekHanTropia" (com a participação da voz do personagem Zé do Caixão, de José Mojica Marins inserida), "*Sweet Darkness*" e "*Know your Shadow*" como representações da imersão no subconsciente e apresentando reflexões referenciadas pelo pensamento junguiano de reconhecimento e integração das sombras pessoais e socioculturais. Esse pensamento também entra em contato com o acesso transbinário à terceira realidade ascottiana: a Realidade Vegetal.

Pelos labirintos oníricos de MekHanTropia, o personagem inicia uma jornada de autodespadronização psicoBinária na realidade em que está inserido. Ao

[190] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xTiKmYVDBeM&t=11s Acesso em: 11/12/2022.

mergulhar fundo nas sombras de sua subjetividade, o eu-lírico acessa o cosmos, macro e micro de sua existência, representado pela música “Olhar para dentro é vislumbrar o Cosmos inteiro”[191], presente no EP “Canúbis”[192] do Ciberpajé (feat. Fredé CF), um antídoto ao Binarismo Anti-cósmico, um encontro de universos ficcionais e realidades ascottianas. Já nessa nova condição de transmutação e olhar a si mesmo em essência, o personagem/eu-lírico reflete pelas músicas “A versão mais jovem”, “Um brinde ao Caos” e “A Sombra” sobre sua condição e suas relações com os tempos e espaços instituídos e fruídos por ele.

A performance se encerrou com uma *jam session* espontânea e inusitada dos *performers* com o aforismo ciberpajeano “Pensa demônios, fala borboletas” (e vice-versa) ecoado em um transe de transcendência anti-mekHanTrópica. Esse momento configurou-se para mim, ao pensar posteriormente sobre ele, como o encontro do personagem/eu-lírico com o ser fantástico lendário e raro Cão Breu, que com seus olhos flamejantes lhe fitou a alma e o fez enxergar além da MekHanTropia institucionalizada. Esta viagem transmidiática hipnótica final foi recebida de maneira catártica pelo público presente. Após esse momento, para encerrar a performance, foi exibido como lançamento o videoclipe “Despertar em MekHanTropia”, que sugere que o eu-lírico, mesmo após toda essa jornada, ainda se encontra preso no universo ficcional em questão.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Um aspecto importante, é que a performance é estendida e continua caoticamente por meio de narrativas presentes no meu artezine

[191] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NBeLOvqyv6I&t=38s Acesso em: 11/12/2022.
[192] Disponível em: https://ciberpaje.bandcamp.com/album/can-bis Acesso em: 11/12/2022.

“Despertar/Adormecer”[193] (distribuído ao final), mesmo após seu encerramento presencial. O artezine conta com dois minicontos, imagens e *QR codes* que provocam novas possibilidades de caminhos pelo universo de *MekHanTropia*, fragmentado oniricamente em labirintos que podem conter elementos (espelhos, janelas ou portais) de autoconhecimento e trânsito por dimensões diversas de tempos e espaços subjetivos. Uma viagem de dentro para fora da máquina e do humano, do sagrado e do profano, da luz e da sombra, muito além da vida, da morte, do sonho e da vigília. Além de maniqueísmos. Além do que é tido como certo ou errado. Caminhos transbinários de subjetividades e experiências que transcendem a linguagem digital dos zeros e uns pelo fazer artístico *ciberpunk/DIY*. O artezine é composto por narrativas que se tocam e são expandidas, além de imagens fotográficas, desenhos manuais, desenhos digitais e experimentações com inteligência artificial. O texto contido narra uma complementação sobre a institucionalização distópica do sistema necropolítico e psicobinário de MekHanTropia e suas relações com os sonhos, simulacros e simulações. O artezine também traz o jogo transmídia “*Cani Buiu Oracle*” como um oráculo raro e sagrado desse universo.

No mesmo horário de início da performance no Festival de Artes Ciberpajelanças III (as 21 horas), estreou, concomitante às projeções exibidas durante a apresentação ao vivo, o videoclipe feito em animação experimental com promptismos em Inteligência Artificial intitulado “Viagem Interplanetária (*Transmutational Lycanthropy*)” que participou e ganhou, posteriormente, uma Menção Honrosa no Festival Internacional de Audiovisual *Student World Impact Film Festival* de 2023. A estreia foi programada no YouTube com a intenção conceitual de haver um ponto de encontro síncrono do evento em diferentes dimensões: remota e presencial, atávica e digital, nas três RVs.

[193] Disponível em: https://issuu.com/criaciber/docs/cani_buiu-frede- Acesso em: 11/12/2022.



Figura 216 - Cartaz do vídeo feito em animação com IA "Viagem Interplanetária (Transmutational Lycanthropy)". Fredé CF, 2022/2023.

A música em questão também toca esses contrastes, mesclando o eletrônico dos *samplers* e sintetizadores, o violão acústico, as vocalizações, uivos, latidos e estridulações de um grilo. A música "Viagem Interplanetária (*Transdimensional Lycanthropy*)" integra o EP "Cão Breu Pós-Humano", de Fredé CF (feat. Ciberpajé). Essa obra audiovisual foi criada quadro a quadro por mim com a técnica do "promptismo" (técnica típica das IAs que consiste em sugerir palavras para a criação de imagens), com programações feitas em Inteligência Artificial (IA) e alguns trechos com intervenções estéticas sobre *frames* (desenhos e fotos) finalizados em redes neurais/IA. A animação traz uma viagem cósmica transdimensional de personagens de MekHanTropia como o Cão Breu, Valdez e Aila. Coloquei como sugestão de *prompts* de texto com nomes de artistas que me servem como referência neste universo, como Magritte, Man Ray, Neil Gaiman, Eugéne Atget, Ciberpajé, Dalí, Giger, Moebius, David Lynch, entre

outros, além de indicações de ambientações e características do universo ficcional e dos personagens, como os olhos em chamas do Cão Breu, o pesadelo, os lobisomens, a distopia etc.

```
A.I.:
animation_prompts = {
    0: "a hyperrealistic Black Dog, dreams, Neil Gaiman, David Lync
h, River of Blood, fine details, clear face, dark atmosphere, Black
, Red and White colours, Sci-
fi, Brazil, 3D render, cinematic, nightmare background, fractal
art",
    20: "a hyperrealistic Monster, dreams, Neil Gaiman, David Lynch
, Twin Peaks, fine details, clear face, dark atmosphere, Black, Red
 and White colours, Sci-
fi, Brazil, 3D render, cinematic, nightmare background",
    25: "a hyperrealistic face of Cão Breu, dreams, Neil Gaiman, Da
vid Lynch, dark atmosphere, blood, fire, artwork insane, detail vol
umetric, sharp focus, shadows, eyes in flames, 3D render, cinematic
, nightmare background",
    30: "a hyperrealistic distopic Earth, werewolf with flaming red
 eyes, dreams, Neil Gaiman, David Lynch, Twin Peaks, Moebius, Giger
, Salvador Dali, Magritte, Ciberpajé, MekHanTropia, Fredé CF, Post-
Human",
    35: "a beautiful apple, trending on Artstation, Magritte",
    40: "a beautiful banana, trending on Artstation, Man Ray, Eugén
e Atget",
```

Figura 217 - *Prompts* de texto utilizados para a criação do videoclipe em animação com IA. Fredé CF, 2022/23.

Alucinações. Sonhos. Portais. Metamorfoses. Inteligências naturais e artificiais. Intersecções. Uma viagem licantrópica pelas realidades validada, virtual e vegetal. Transmutações transdimensionais. Meditações viscerais. Uma rota de escape onírica à MekHanTropia instituída. Lívos e movimentos de fruição do agora. Deslocamentos conceituais para absorção de temas cotidianos que cada instante nos traz. Um brinde ao Caos! Ao que se desfaz no absurdo da existência. À impermanência. Ao fugaz.

[Sinopse do vídeo feito em animação com IA "Viagem Interplanetária (Transmutational Lycanthropy)". Fredé CF, 2022/2023].

À luz de Byung-Chul Han, em sua “Filosofia do Zen Budismo” (2020), num movimento de des-apropriação de tudo que se coloca como “o que é”. Rastros in-significantes. Pinceladas de ausência. Como se o vazio fosse entendido enquanto um meio de afabilidade entre as imagens que passam umas nas outras constantemente. Imagens cada vez mais aceleradas pelas máquinas mekHanTrópicas. Um desprendimento intenso entre a ausência e a presença,

entre Ser e não Ser, sem expressar nada em essência genuína, porém que emerge enquanto signos para serem fruídos narrativamente pelo imaginário. Nada urge, nada se limita, nada se fecha, e ao mesmo tempo tudo se aconchega e se espelha no fluxo binário delirante ilusoriamente indolor da MekHanTropia. Indolor, pois a dor é inerente e, talvez, a causa maior dos medos, egoísmos e, substancialmente, dos pesadelos. Não adianta querer que as coisas sejam imóveis e imutáveis, nem na morte elas são. Não temos esse domínio ilusório, por isso que cada momento é importante, pois nunca sabemos o que acontecerá no momento a seguir.

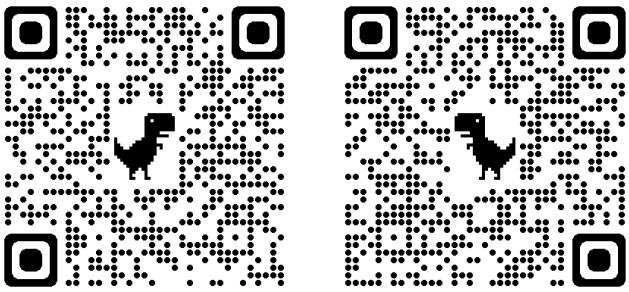
Caro(a) leitor(a)/fruidor(a), como você está? Espero que bem, na medida do possível.
Me vieram aqui algumas considerações desde meu último sonho com o Cão Breu. Ele estava sobrevoando no espaço sideral com uma mulher, penso que era Aila, a líder da reexistência anti-mekHan Trópica.
Cada vez presta-se menos atenção aos momentos. Na possibilidade e na probabilidade de viver está presente muita dor e sofrimento (utilizados como estratégia de cooptação pela anestesia), mas também afetos, amor e alegrias presas nos instantes cada vez mais curtos e fugazes aniquilados pelo hiperfluxo e hipercompetição. Instantes mágicos que se diluem sem pausa nas telas do mundo 24/7. Mas na morte, a princípio, não há dor, então essa performance/opereta não fala sectariamente sobre a morte, mas sobre a vida, em essência. Sobre o despertar. Sobre o criar. Sobre o autoconhecimento e o olhar voltado para dentro, para a própria escuridão, vasculhando os resquícios de elementos culturais que vem de fora e tentando se libertar de estigmas amalgamados ao espírito aniquilando a potência do ser, abraçando a escuridão e integrando-a como parte de si, desassociada do olhar e do julgamento do "outro", algo cada vez mais complicado de ser feito nos tempos mekHan Trópicos instituídos de hipercomparação.
Espero que estas palavras toquem você de alguma forma, algo raro atualmente em meio à hiperprodução de conteúdos em que estamos imersos.
Fique bem. Beba água. Continue a sonhar.
Com afeto.
(Carta d'O Acimador para você. MekHan Tropia, ano zero)

No videoclipe penso e crio sobre elementos que envolvem a existência, como o tempo, os espaços, os pensamentos, a vida, a morte, os sonhos, o

envelhecimento, a juventude, o movimento, o caos, o ódio, a dor, o sofrimento, o amor, os afetos, entre outros aspectos. Estamos cada vez mais dispersos de afetos e cheios de polarizações. Imersos na pós-verdade instituída, cuja resposta é binária como a linguagem em “0” e “1” de computadores, aniquila-se nuances de transcendências típicas da essência social, mineral, vegetal e animal do ser humano, já que somos constituídos essencialmente destes elementos em nossos ossos, células, sangue, cromossomos etc.

Uma possível válvula de escape para resistir a isso seria transfigurar experiências e acessar dimensões “transbinárias” da vida, em um equilíbrio entre o racional, o empírico e o emocional. Pela arte pode-se tentar, subjetivamente, romper tais bolhas padronizantes. Talvez por isso ela seja vista como uma ameaça (ao lado da ciência e da educação), uma vez que provoca disrupções ao olhar padronizado pelo consumo. Uma espécie de atualização da “Alegoria da Caverna” de Platão, reconfigurada ao simulacro e simulações das redes digitais binárias atuais. Trato, sobretudo, a respeito das complexidades humanas numa era de polarizações, onde esquece-se das nuances abstrusas presentes em todos os seres e evidencia-se os julgamentos e determinações maniqueístas totalitárias que o sistema coloca.

Assim, o conceito de “transbinarismo”, à luz do pensamento de Edgar Franco (2021), me ajuda a refletir sobre possíveis saídas ao maniqueísmo intolerante e limitante que as redes podem provocar sobre os indivíduos (e, consequentemente, na sociedade), com intenções torpes de afastamento e consumo egóico. Ao percorrer minhas próprias zonas cinzas (cor predominante no videoclipe em questão) como autor, acesso arquétipos e toco diversidades de perspectivas, ampliando meu olhar sobre o outro e, consequentemente, minha empatia de forma mágicka, caótica, inconsciente. Além disso, é importante o contato com as sombras (JUNG, 2015), no intuito de integrá-las e compreendê-las como parte integrada, e não como algo externo a mim. Tais relações referentes ao autoconhecimento e autotransmutação são aqui cruciais, tendo em vista o acesso pela apresentação a questões minhas alocadas na obscuridade.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Vivemos uma era de pessoas tristes, ansiosas, preocupadas e presas em suas próprias telas, cheias de verdades absolutas. O pensamento crítico se torna cada vez mais raso em meio ao hiperfluxo de informação. Muda-se a percepção sobre o que é diferente, influenciando a atenção sobre a complexidade do outro, assim como do "si-mesmo". Aspectos típicos da psique humana são induzidos à negação (como as sombras, por exemplo), em uma estratégia de anulação de negatividades, o que gera ressentimento, ansiedade, intolerância, competitividade, entre outras consequências na sociedade. Por medo, por preguiça ou por falta de um tempo que nos escorre pelas mãos, deixamos de sonhar. E isso é grave, já que afeta nossos afetos.

O artezine "d3sp3rt4r/4d0rm3c3r", criado, lançado e distribuído como parte integrante da performance/opereta "Sangue Derramado" e, consequentemente, de MekHanTropia, traz duas narrativas (microcontos, fotos, desenhos e *QR codes*) situadas neste universo. As narrativas intituladas "Nadando no Sal com Sapos" e "Pisadeira" levam esses nomes em referências as duas músicas homônimas contidas no volume 2 do álbum "Pesadelo" lançado em 2022, composto por dois volumes/EPs: "Succubus" e "Incubus". Estas narrativas do artezine complementam o conceito abordado na performance/opereta (que também traz o nome de uma das faixas do "Pesadelo": "Sangue Derramado"), expandindo e tecendo relações poéticas transmidiáticas com este álbum que me serve subjetivamente como mergulho em meus medos e obscuridades por meio deste universo onírico, por isso o título de "Pesadelo", ou seja, o lado sombrio, indigesto e indesejado dos sonhos.

d3sp3rt4r



Arte do Ciberpajé

c4nl bulu

goiânia-go, brasil, MekHanTropia, 2022.

criaciber
grupodepesquisa

NADANDO NO SAL COM SAPOS

Antes da dominação algorítmica, antes do vírus nos roubar os afetos, antes do início do fim daquilo que conhecíamos como "realidade", antes da MekHanTropia institucionalizada, houve um período de transição...ou melhor, de destruição total, genocida, ecocida, necropolítica. Esse período foi chamado (pelos hipócritas) de "Amanhecer".





Em meio as covas, telas, velas, fluxos, lixo, fome, devastação e egoísmo, houve lutas pelos sonhos, afetos e subjetividades, mas não foi suficiente. Amanheceu da pior forma possível e a MekHanTropia se estabeleceu. As luzes das telas mekhantrópicas entraram e esconderam todas as sombras pessoais e sociais, negando as subjetividades e o que ainda restava de humanidade.

A opressão vigilante do sistema venceu ao conseguir dominar as atividades do "pensar" e do "sonhar", exaltando as bolhas de concordância e instituindo a hipercultura psicoBinária de MekHanTropia. Já não se ensina mais a sonhar, pensar ou sentir por si mesmo, apenas pelo mercado. O que era distinto, diverso, diferente, se tornou igual, refletido no espelho do ego, padronizado, narcísico. O explorador é o próprio explorado.

O SANGUE DE MILHARES FOI DERRAMADO!





PELAS MÃOS PODRES DO MESSIAS!

Como efeito colateral, todo o planeta foi dominado pelas trevas ressentidas que se disfarçam de luz e perpetuam-se pelas telas. Trevas que insistem em negar as sombras que a constituem em essência. Sombras que não se contêm e se expandem a cada instante pelos sonhos controlados em MekHanTropia. As lembranças e os sentidos humanos se tornaram completamente manipuláveis e vazios. A vida se tornou uma grande prateleira de produtos simulados e fetichizados pela dissimulação.

É raro o despertar em MekHanTropia. Nunca se sabe o que separa o que é "real" do que não é, o que vem de si mesmo e o que vem de fora, instituído pelo sistema. Simulacro. Simulação. Isso se torna uma armadilha utilizada como cooptação.

Há um mapa mágicko que os antigos chamavam de "Cani Buiu Oracle" e diz respeito à lenda do Cão Breu, um ser que pode libertar os bovíduos do Inferno do Igual de MekHanTropia e abrir portais de acesso à dimensão sombria da subjetividade pelo autoconhecimento.



resistentes quem tenta despertar de MekHanTropia.

com a incumbência de cooptar, pelos algorítmicos, os

déspota necropolítico Genocida conhecido como "Messias",

Essas hordas, batizadas como "HumanGron" são lideradas pelo

realidades e instituem pesadelos psicoBinários.

milicianos acríticos que transitam entre as diferentes

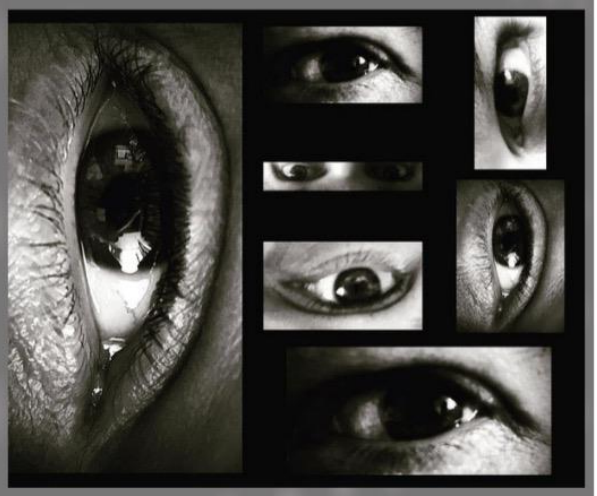
criando uma horda demoníaca de zumbis digitais tecnocratas

alteraram a composição daquilo que se chamava de "humano",

o malware h6n66 recodificou as relações planetárias e

Diz a lenda que essas mensagens foram colocadas ali por "Ayla", líder da resistência anti-mekhantrópica que desapareceu durante o "Amanhecer" e nunca mais foi encontrada.

Relatos afirmam, com convicção, que ela deriva no vazio do núcleo das sombras mekhantrópicas negadas e que lá há seres fantásticos que a auxiliam na tentativa de construir pontes transmutacionais.



O último relato que se tem notícia na deep web anti-mekhantrópica é sobre o usuário chamado "Valdez", que foi cancelado e está aprisionado em pesadelos por supostamente tentar se despertar dos padrões. Boatos afirmam que encontraram uma carta que indicava o auxílio de Ayla nesse processo. O fato é que Valdez (agora conhecido como 8º passageiro pós-mekhantrópico) se tornou um espectro, preso em looping nas luzes psicobinárias das telas mekHanTrópicas.

Ela lhe sorriu com satisfação e disse:
"Vocês com suas máquinas tentam acabar com a vida. Mas a vida se sobrepõe às máquinas. A vida, como a arte, flui em meio às feridas. Vocês não estão mais ao lado da vida. Vocês fizeram escolhas excludentes. Estagnantes. Perversas. Egoístas. Arrogantes. Se desconectaram de suas essências e destroem cada vez mais o habitat. Consideram 'sujo', 'feio', 'caótico' o que é natural, e não o que é artificial.
A ideia de ordem, segurança, limpeza e progresso foi associada por vocês ao concreto cinza e opressor do sistema da morte, e não à perfeição viva e multicolorida da natureza. As bolas foram trocadas bem na sua frente e você nem percebeu. Sua mente está mekHanTropomorfizada. Você morreu pra si mesmo e para o mundo. Você se vendeu! Você se perdeu e está preso no Inferno do Igual criado por você mesmo!"



PISADEIRA

Ao acordar às 3h33 da madrugada nesta sexta-feira, Valdez apavorou-se por sentir-se asfixiado.

Sem saber se estava dormindo ou acordado, seu peito era esmagado contra a sua coluna, que se afundava no colchão. Algo parecia lhe pisar na contramão de sua respiração. Ao abrir os olhos e se acostumar com a escuridão, viu, sobre si, uma senhora alta, magra, com unhas compridas, cabelos bagunçados, olhos vermelhos arregalados e dentes

esverdeados.

criaciber
grupodepesquisa
m3kH4nTrOp14
Arte do Ciberpajé
4dorm3c3r
fredé cf (a.k.a. frederico carvalho felipe
www.fredecf.bandcamp.com/
@fredecf

5.6. O Pesadelo PsicoBinário MekHanTrópico: “Succubus” e “Incubus”

“Now, I lay me down to sleep
Pray the Lord my soul to keep
If I die before I wake
Pray the Lord my soul to take
Hush, little baby, don't say a word
And never mind that noise you heard
It's just the beasts under your bed
In your closet, in your head”.
(Metallica)

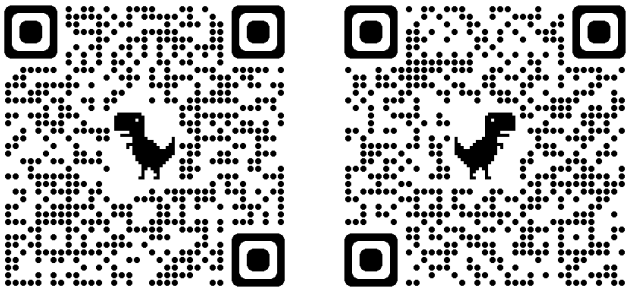
Atualmente, presenciamos uma era hiperinformacional e utilitária, sob a coação da hiperprodutividade. Além disso, notamos a ascensão de ideias que, aliadas às tecnologias digitais, afloram o narcisismo, o maniqueísmo e a falta de diálogo com o outro. Segundo Han (2021c), o fazer poético não tem a finalidade de produzir ou servir a algo ou alguém, muito menos fazer sentido ou ter qualquer caráter utilitário em essência e, por isso, é um campo livre e libertário ao imaginário.

> Temos feito raramente o uso lúdico da linguagem. Com ela, apenas temos *trabalhado*. Ela é usada para transmitir informações ou produzir sentido. Desse modo, não temos acesso a formas que brilham para si. A linguagem como meio de informação não tem brilho. Não seduz. Os poemas também são estruturas de forma rígida que brilham para si. (...) Poemas são *cerimônias mágicas da linguagem*. O *princípio poético* restitui à linguagem o desfrute, na medida em que quebra radicalmente com a economia da produção de sentido (HAN, 2021c, p. 99-100).

Na minha obra “Pesadelo” (2022)[194] – composta por dois EPs intitulados como “Succubus (Vol. 1)”[195] e “Incubus (Vol. 2)”[196], lançados nos dias 22/08/2022 e 06/09/2022, respectivamente –, desloco questões que me pungem potencializando-as a dimensões oníricas cujas abordagens se dão sobre desconexões entre o sensível e o imaginário, o igual e o diferente; o si mesmo e o outro; e, sobretudo, as mazelas decorrentes de uma sociedade tecnocrata, utilitária, hiperespecializada e consumista, que nega as próprias sombras e

[194] Disponível em: http://mealuganao.blogspot.com/2022/09/albumeps-o-pesadelo-psicobinario.html Acesso em: 27/09/2022.
[195] Disponível em: https://fredecf.bandcamp.com/album/pesadelo-volume-1-succubus Acesso em: 27/09/2022.
[196] Disponível em: https://fredecf.bandcamp.com/album/pesadelo-volume-2-incubus Acesso em: 27/09/2022.

suprime o lúdico em busca do mais útil e funcional. Na letra de “O Estranho mundo da Poesia (Diários de Quarentena)”, por exemplo, falo sobre a “função” da poesia, como exposto acima por Han (2021c), de funcionar de maneira livre, libertária, e transcendental em processos poéticos de transmutação subjetiva, sem a função de servir.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Assim também me parecem os sonhos. Escolho então o pesadelo como um jogo temático entre as dimensões espaço-temporais (passado, presente e futuro) e as fragmentações tipicamente oníricas que são características poéticas de meu universo. Tenho a intenção de tratar artisticamente aspectos político-culturais dos tempos atuais, em especial a ascensão da extrema direita em diversos países, incluindo o Brasil, além de lançar uma luz sobre medos que me tocam a psique. Desta forma, pela poética e processos de criação desse universo, ressignifico aspectos subjetivos de minhas memórias, imaginação e percepção (fruindo entre a razão e a emoção), em um processo crítico de autoconhecimento e reflexão pela arte a partir de sonhos que tive, especialmente, durante a pandemia.

Em um universo ficcional poético-narrativo onírico, o pesadelo se configura talvez como o maior dos obstáculos. Assim, o álbum “Pesadelo”, foi concebido em dois EPs (“Succubus” e “Incubus”) que, ao serem ‘interse(x)ionados’ entre si (alternando o binarismo das faixas de cada um: par x impar) se forma como uma obra diferente do pensado originalmente enquanto EPs. Uma busca poética por uma possível saída ao binarismo anticósmico da linguagem digital do “0” e “1” imposta pelo sistema de MekHanTropia. Os demônios sugadores de energia pelos sonhos, que dão nome aos dois EPs, abriram uma brecha no sistema

onírico mekHanTrópico para tratar sobre o medo ao desconhecido, colocado como o maior de todos os medos pelo escritor H. P. Lovecraft.

Pelas músicas, faixa-a-faixa interse(x)ionadas, abordo os medos:

1- De si-mesmo (“O Estranho Encontro de Jurupari e Zé do Caixão em MekHanTropia”);

2- Do genocídio (“Sangue Derramado”);

3- Da morte (“Sweet Darkness”);

4- Do sistema neofascista (“Pisadeira”);

5- Da imaginação (“Tela Mental Particular”);

6- Das sombras (“Nadando no Sal com Sapos”);

7- Do envelhecimento (“A Versão mais Jovem”);

8- Do olhar do outro (“Escravo de Agrado”);

9- Da impermanência (“Um Brinde ao Caos”);

10- Da arte (“O Estranho Mundo da Poesia”);

11- Do Karma (“EletroSHOCK”);

12- Do pesadelo (“Despertar em MekHanTropia”).



Figura 218 - Capas dos EPs "Succubus" e "Incubus", de Fredé CF. Arte do Ciberpajé. 2022.

As faixas ímpares são do EP “Succubus” (vol. I do “Pesadelo”) e as faixas pares do EP “Incubus” (vol. 2). Organizei uma *playlist* na plataforma *Spotify*[197] colocando essas faixas intercaladas, formando o transbinário álbum “Pesadelo” de 12 faixas. As duas capas dos EPs foram criadas pelo Ciberpajé e trazem representações dos seres oníricos demoníacos que cada EP faz alusão. Também está disponível o “álbum interse(x)ionado” [198] na plataforma BandCamp, com uma capa original que faz uma fusão entre os dois desenhos feitos pelo Ciberpajé e uma foto do meu rosto, como uma ação transbinária ternária anti-mekHanTrópica. Nesta versão, há também uma faixa bônus intitulada “(D) Simulação”, uma música com predominância de aspectos sonoros eletrônicos cuja letra versa sobre uma relação tóxica e distópica entre o dinheiro e o ser-humano. Esta é a única faixa, em todo o universo de MekHanTropia, que é cobrada para ser baixada, uma vez que as outras faixas deste álbum (que, completo, custa o valor de três dólares) estão presentes nos EPs de maneira não interse(x)ionada.



Figura 219 - Capa de "Pesadelo [álbum interse(x)ionado]". Autorretrato d’O Acimador, de Fredé CF. 2022.

[197] Disponível em: https://open.spotify.com/playlist/29vEb4lrt1K5PgMngDl32r?si=mwRvd8_7ScSQOU1vrmC4lg&nd=1 Acesso em: 01/09/2023.
[198] Disponível em: https://fredecf.bandcamp.com/album/pesadelo-lbum-interse-x-ionado Acesso em: 01/09/2023.

> Governado pelas emoções e motivações, o sonho permite a simulação de futuros possíveis, tão mais claros e prováveis quanto mais marcantes e previsíveis forem os desafios da vigília. Nessa concepção, a função primordial dos sonhos é a simulação de estratégias comportamentais, adaptativas ou não. Recompensando os circuitos neurais dos sonhos bons e punindo os circuitos subjacentes aos pesadelos, é possível aprender durante a noite sem os riscos da realidade (RIBEIRO; MOTA-ROLIM, 2012, p. 215).

Busco com as narrativas destes EPs que formam o álbum, numa relação poética que se expande transmidiáticamente a outras maneiras de representação. A intenção é refletir criticamente sobre aspectos da condição e condução humana em meio ao pesadelo necropolítico instituído com uma pandemia incrustada. Costuro histórias alegóricas com estranhos e horroríficos personagens que habitam a imaginação e trago como referências artistas como José Mojica Marins, Bob Dylan, Pink Floyd, Mark Lanegan, Sérgio Sampaio, Paulinho Moska, entre outros, além de inserções de elementos diversos como falas e cantos de ativistas, povos originários, mantras orientais etc.

As faixas transitam por contrastes e colagens de sons, ruídos e vocalizações (como em todas as obras do universo ficcional MekHanTropia), entre o orgânico, acústico, natural, analógico, atávico e o eletrônico, maquínico, digital, sintetizado. Uma espécie de *eletro-punk-dark-folk* psicodélico de trincheira, numa perspectiva primitivista, apocalíptica/distópica, trovadora e contestatória. Uso tecnologias digitais de maneira *ciberpunk*[199], com as obras criadas e distribuídas pelo smartphone de maneira totalmente independente e autoral.

Como já colocado, as capas são de autoria do Ciberpajé (a.k.a. Edgar Franco) e representam os gêneros sexuais desses demônios, sendo "Succubus" considerado um demônio feminino e "Incubus" masculino, o que mostra a reflexão crítica sobre a institucionalização da binaridade no imaginário cultural.

[199] De acordo com Gabriela Cabral, em matéria escrita no site Brasil Escola (UOL), "*Cyberpunk*, palavra originada a partir da cibernética, traz uma visão de universo underground da sociedade, ou seja, visão de contracultura, pois foge dos padrões impostos na intenção de obter novos espaços para expressão. É um gênero da ficção científica notado a partir de seu foco, baixo custo de vida e alta tecnologia". Assim, utilizo tal denominação como uma forma de agir poeticamente, de dentro para fora do próprio sistema. Utilizo as ferramentas do sistema atual para contestá-lo, no caso do universo de MekHanTropia: tecnologias (as máquinas que me circundam, softwares e aplicativos) e linguagens digitais. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/informatica/cyberpunk.htm Acesso em: 06/10/2022.

A abordagem desses conceitos foi instigada por diálogos no grupo de pesquisa "Cria_Ciber: criação e ciberarte"[200] e está presente em todo o conceito como uma análise sobre o estabelecimento social da linguagem digital binária dos "zeros" e "uns", que aniquilam as zonas cinzentas de subjetividades e nuances típicas do ser humano e formam extremos de pensamento que desprezam a diversidade. Em MekHanTropia, tais demônios institucionalizam oniricamente o que chamo de "(psico)Binarismo"[201] a partir dessas reflexões.

Trato sobre o horror, o inquietante, as sombras (Jung, 1957/2015), a escuridão melancólica, a revolta, a depressão, o *burnout*, a ansiedade, tanto interna quanto externa. Tanto metafórica quanto literal. Tanto onírica quanto em vigília. Tanto pessoal quanto social. Narro sobre um personagem inserido em um pesadelo sistêmico simulado pelas máquinas. Diante do horror e iniquidade, ele tenta, sufocado nas sombras e sem esperanças, olhar para dentro em busca do que ainda resta de humano em si mesmo.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Cada volume (EP) traz 6 faixas com temáticas, conceitos e poéticas onírico-filosóficas inseridas no universo ficcional transmídia de MekHanTropia. Desde o início, as faixas desses dois volumes foram pensadas para serem ouvidas intercaladas: *Succubus* apresenta as faixas ímpares e *Incubus* as faixas pares. Assim, jogo com a ideia de transcendência ao binarismo também por essa conexão entre as canções de maneira díspar, alterando a percepção narrativa

[200] Grupo de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da UFG e coordenado pelo prof. Dr. Edgar Silveira Franco.
[201] O termo poético "Binarismo Anticósmico" foi pensado pelo Ciberpajé. Disponível em: https://ciberpaje.blogspot.com/2021/10/veja-como-foi-se-voce-nao-acompanhou.html Acesso em: 26/09/2022. O adaptei ao meu universo incluindo o prefixo "psico" em alusão à ideia de "psicopolítica" de Byung-Chul Han (2018).

da obra. O binarismo, da instituição do “volume 1 (ímpares) *versus* o volume 2 (pares)”, se rompe e transmuta-se renascendo em nuances transbinárias hibridizadas que dão luz ao “Pesadelo”.

A obra conta com participações especiais colaborativas e inserções incidentais experimentais ressignificantes. Como já comentado, os títulos são nomes atribuídos a demônios sexuais oníricos sugadores de energia que, em MekHanTropia, assombram os inconscientes psicobinários durante o sono e regulam as subjetividades neste universo. Incubus e Succubus são, em essência, seres relacionados ao pesadelo.

> Pesadelo, em português, assim como em espanhol (*pesadilla*) deriva de peso (…) Os romanos falavam de *nocturna oppresio*. Na idade média, eram conhecidos o Incubus e o Succubus, que eram duas faces de um mesmo ser noturno demoníaco (CORSO, 2004, p. 147).

Trago também como referência poética a figura da “Pisadeira”, um ser fantástico do imaginário brasileiro que também é citada no artezine “d3sp3rt4r/4d0rm3c3r”. Alguns povos indígenas tinham um ser parecido com esse chamado “*Kerepiíua*”. Segundo Corso (2004, p. 147), “a Pisadeira é um fantasma em forma de mulher velha que vem oprimir o peito de quem dorme, ou seja, é a personificação do pesadelo”. O autor diz ainda que esse ser é uma confluência de mitos que envolvem dimensões, tempos, espaços e sonhos distintos.



Figura 220 - "A Pisadeira"

Utilizo essas ideias de opressão, sufocamento e pesadelo, como base para a representação "mekHanTrópica" da lenda da Pisadeira no videoclipe homônimo[202], no qual apresento uma micronarrativa onírica (transmidiática do meu universo) inserida na descrição e no início do vídeo. Essa narrativa versa sobre um pesadelo que um personagem tem sobre um futuro distópico de desconexão do ser humano com sua essência natural e a ascensão das máquinas. Porém, em meio à destruição provocada, surge novamente a vida imbricada nas entranhas metálicas enferrujadas das máquinas obsoletas. A música é um samba-punk cuja letra relata um pesadelo do eu-lírico vivendo em um sistema totalitário que não tolera a paz.

Segundo Julia Kristeva (1982), não seria a sujeira ou a doença que tornaria algo abjeto, mas sim algo que perturba a identidade, o sistema ou a ordem, ou seja, aquilo que não respeita limites, lugares ou regras. Em MekHanTropia, um sistema intolerante e tecnocrata que tem em seu âmago a psicopolítica (HAN, 2018) potencializada pelas tecnologias digitais, talvez o abjeto seja as ideias de paz, de liberdade, de diversidade ou a própria vida, que se opõe às máquinas e fluxos mercadológicos e ideológicos que regem esse sistema binário estabelecido.

Ao acordar às 3h33 da madrugada nesta sexta-feira, Valdez apavorou-se por sentir-se asfixiado. Sem saber se estava dormindo ou acordado, seu peito era esmagado contra a sua coluna, que se afundava no colchão. Algo parecia lhe pisar na contramão de sua respiração. Ao abrir os olhos e se acostumar com a escuridão, viu, sobre si, uma senhora alta, magra, com unhas compridas, cabelos bagunçados, olhos vermelhos arregalados e dentes esverdeados. Ela lhe sorriu com satisfação e disse: "Vocês com suas máquinas tentam acabar com a vida. Mas a vida se sobrepõe às máquinas. A vida, como a arte, flui em meio às feridas. Vocês não estão mais ao lado da vida. Vocês fizeram escolhas excludentes. Estagnantes. Perversas. Egoístas. Arrogantes. Se desconectaram de suas essências e destroem cada vez mais o habitat. Consideram 'sujo', 'feio', 'caótico' o que é natural, e não o que é artificial. A ideia de ordem, segurança, limpeza e progresso foi associada por vocês ao concreto cinza e opressor do sistema da morte, e não à perfeição viva e multicolorida da natureza. As bolas foram trocadas bem na sua frente e você nem percebeu. Sua mente está mekHanTropomorfizada. Você morreu pra si mesmo e para o mundo. Você se vendeu! Você se perdeu e está preso no Inferno do Igual criado por você mesmo!"

[202] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YtXIbByZySk Acesso em: 26/09/2022.

("A Pisadeira (prólogo)". Micronarrativa mekHanTrópica incidental. Fredé CF, 2022).

Penso sobre separações binárias contrastantes para reflexão crítica sobre a sociedade, como direita x esquerda, par x ímpar, masculino x feminino, bem x mal, positivo x negativo, carbono x silício, analógico x digital, acústico x eletrônico, sim x não, preto x branco, caos x ordem, vida x morte, desenvolvido x subdesenvolvido, rico x pobre, urbano x rural, arte x entretenimento, entre outras, como se fossem definições absolutas que são questionadas pelo eu-lírico imerso em sua subjetividade por meio dos sonhos. Sonhos esses que são tidos como pesadelos nesse universo, por destoarem das narrativas oficiais padronizadas e destravarem aspectos incognoscíveis e incontroláveis da mente pelo sistema.



Figura 221 - "Sangue Derramado dentro do Pesadelo". Autorretrato d'O Acimador. Fredé CF, 2022.

Também utilizo, nas outras faixas da obra, alguns elementos para representar poeticamente cruzamentos transbinários e contrastes de realidades, como os encontros entre o indigenista Bruno Pereira[203] com indígenas Marubo em

[203] Assassinado na região amazônica em 05 de junho de 2022, durante o governo necropolítico de Jair M. Bolsonaro. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Assassinato_de_Bruno_Pereira_e_Dom_Phillips Acesso: 10/10/2022.

oposição aos ideias necropolíticos de um discurso de Jair Messias Bolsonaro na faixa “Sangue Derramado”*;* o Zé do Caixão (personagem de José Mojica Marins) em diálogo com o Jurupari (figura presente na mitologia indígena) na faixa “O Estranho Encontro de Jurupari com Zé do Caixão em MekHanTropia”; a deusa ancestral hindu Kali (que traz relações com o tempo, transformações, etc) e robôs mekhantrópicos na faixa “*EletroShock (Kali Gayatri Mantra)*”, entre outras relações experimentais e de contestação.

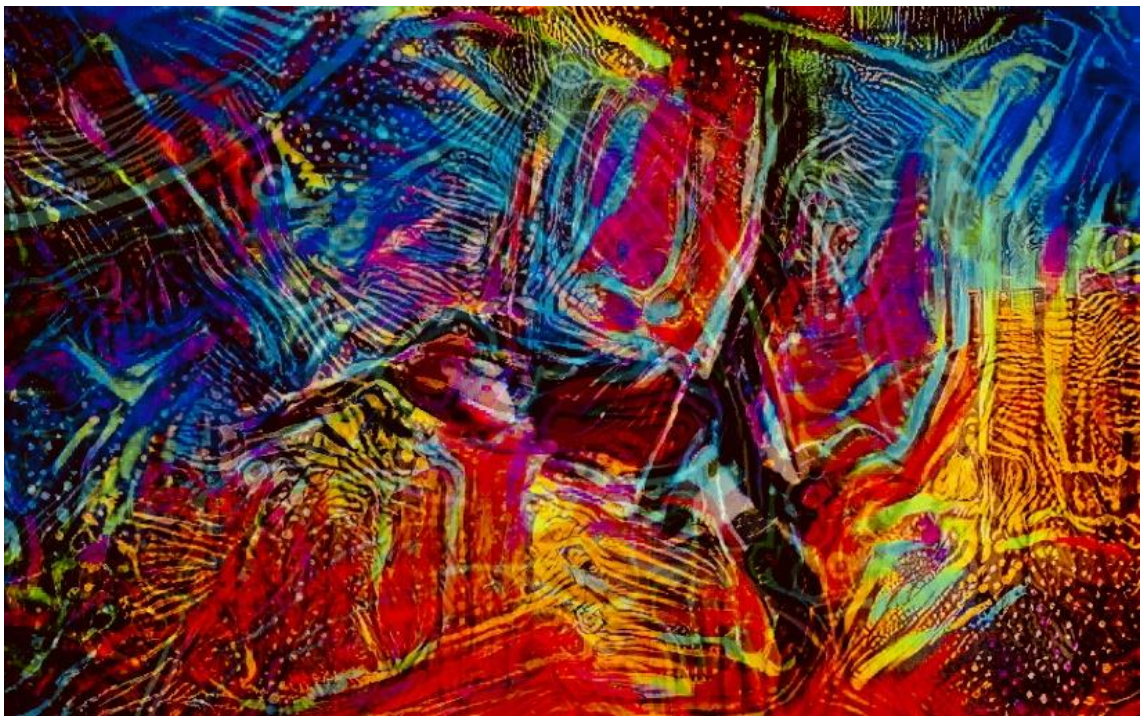


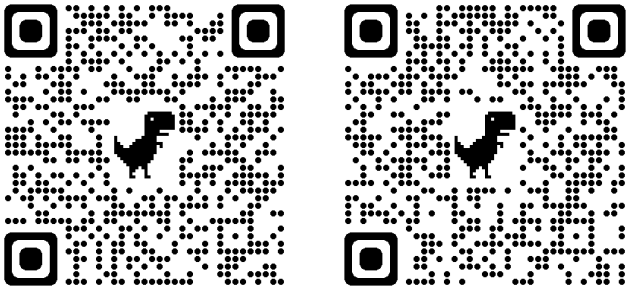
Figura 222 - "Kali Gayatri Mantra (o voo estático do beija-flor em MekHanTropia)". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2022.

Algumas músicas trazem parcerias muito importantes, como a faixa “Tela Mental Particular” que conta com participação especial do guitarrista Guilherme Tell, da minha banda Cão Breu, tocando psicodelias que conduzem a música. A letra aborda uma reflexão do eu-lírico sobre sua consciência associada ao sistema instituído, pensando sobre sua subjetividade (ou o que ainda sobrou dela) em meio as representações que simulam o mundo ao seu redor.

A faixa “Um Brinde ao Caos” conta com texturas e ambientações sonoras feitas pelo Maurício Mota (MMota), DJ, designer, arquiteto, pesquisador e musicista, que foi meu companheiro na banda *Hang the Superstars*, de 2003 a 2006. Pensei nas texturas que o MMota me enviou para iniciar e finalizar essa música, como um ciclo de eterno retorno do universo, oroboros, *ying/yang*. O início e o fim

envolvendo o meio, no caso a música pré-existente. Senti uma calma profunda no som que aborda pela letra e pela musicalidade os contrastes entre a natureza e a urbanidade tecnológica. O caos como essência cósmica, espacial, micro e macro de todas as coisas e de nós mesmos como parte integrante e atuante no planeta.

As faixas “A Versão Mais Jovem”, “Nadando no Sal com Sapos” e “Escravo de Agrado”, retratam uma crise existencial que transborda no inconsciente do eu-lírico acessando seus sonhos e, por vezes, influenciando em aspectos práticos de sua vida cotidiana. Dúvidas sobre quem ele é em meio à hiperinformação das redes e fluxos. Já a faixa “*Sweet Darkness*”, composta durante minha contaminação por Covid-19 em maio de 2022, discorre sobre a importância do transbinarismo, das nuances existenciais, das complexidades e zonas cinzas da vida para compor o todo, como um abraço afetuoso e integrativo às sombras.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

5.7. “*Canúbis*” e o Transbinarismo como antídoto ao “*Pesadelo*”

“Suspenderam os Jardins da Babilônia
E eu, pra não ficar por baixo
Resolvi botar as asas pra fora
Porque
Quem não chora dali, não mama daqui
Diz o ditado
Quem pode, pode
Deixa os acomodados que se incomodem
Minha saúde não é de ferro, não
Mas meus nervos são de aço
Pra pedir silêncio, eu berro

Pra fazer barulho eu mesma faço
Ou não."
(Rita Lee)

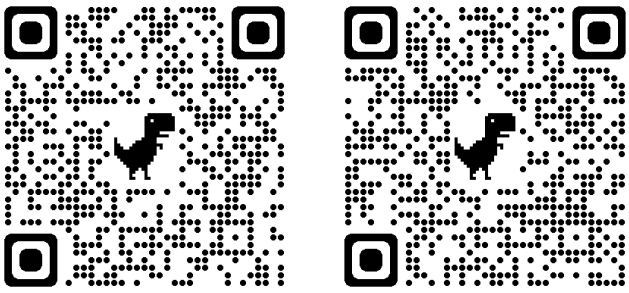
Como em MekHanTropia não há mais limites que separam a "Realidade Validada" da "Realidade Virtual", em um binarismo instituído pela supressão da "Realidade Vegetal" (que compunha a tríade e abria espaços lúdicos de transcendência), a (dis)simulação sobre a realidade é a principal forma de controle pelo sistema, que acessa desejos profundos de cada um pelos sonhos. O controle psicobinário é instituído alterando o pensamento e provocando ilusões virtuais de positividade nesses inconscientes adormecidos pelo malware h6n66, que recodifica as mentes e cria uma horda demoníaca de zumbis tecnocratas milicianos acríticos. Esta horda, batizada como "HumanCron" – em alusão às variantes virais que foram catalogadas na época do chamado "amanhecer mekHanTrópico"[204] (momento de disseminação do malware em questão) –, é liderada pelo déspota necropolítico conhecido como "Messias".



Figura 223 - "Totens". Desenho à lápis. Fredé CF, 2021.

[204] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3VjBH9zDx98&t=80s Acesso em: 04/10/2022.

Estes milicianos têm a incumbência de gerar pesadelos binários em quem tenta "despertar" e acessar a lendária "Terceira Realidade" (Realidade Vegetal), por meio de sonhos, ENOC[205], meditação etc. "Succubus" e "Incubus" são demônios nobres dessa horda, projetados a serviço do Messias. Pelos sonhos, eles sugam a energia vital e prendem os resistentes em seus pesadelos mekHanTrópicos. Nesse sentido, a última faixa do "Pesadelo", intitulada "Despertar em MekHanTropia", termina com o mesmo batimento cardíaco que o álbum "MekHanTropia" se inicia, formando um elo poético-narrativo entre as diferentes dimensões do universo ficcional pelas obras musicais em questão.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Segundo Jung (1916/2015), "*Who looks outside dreams; who looks inside awakes*"[206]. Assim, trazendo essa ideia ao contexto de MekHanTropia, esse "despertar" compreende tanto o autoconhecimento dos personagens diante de perspectivas temporais, fragmentações e classes sociais e nuances psicoemocionais, quanto o despertar do eu-lírico diante das realidades que o cercam, adentrando narrativamente ao álbum cujas ideias deram origem ao universo ficcional em questão, num processo de resistência e (re)existência às trevas instituídas.

[205] Sigla utilizada para "Estados não-ordinários de consciência". Também há a utilização da sigla EAC, "Estados Alterados de Consciência". Penso em minha obra sobre os conceitos abordados entre ENOC, arte, tecnologia e criatividade colocados por Matheus Moura Silva (2018), em sua tese de doutorado em Arte e Cultura Visual (UFG). Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8397 Acesso em: 04/10/2022.
[206] "Quem olha para fora sonha; quem olha para dentro desperta" (Tradução nossa).



Figura 224 - Capa alternativa de "Canúbis". Arte do Ciberpajé. 2022.

Em meio a isso, de maneira fragmentada e transdimensional, surge o EP “Canúbis” (2022) como uma espécie de antídoto transbinário de “Realidade Vegetal” ao binarismo estabelecido. O EP é um fruto terciário, oriundo de cosmologias interseccionadas, em mais um encontro poético de universos ficcionais entre o meu de MekHanTropia e o da Aurora Pós-Humana do Ciberpajé.

A obra surgiu durante a pandemia, a partir de uma melodia que me veio de um sonho no qual eu estava em um ritual ancestral, num templo em meio à natureza com seres antropomórficos que dançavam e tocavam músicas calmas, mas intensas. Tentei reproduzi-las usando violões e alguns sintetizadores e efeitos eletrônicos psicodélicos, além dos usuais estéreos e contrastes entre o orgânico

e o virtual, o ancestral e o futurista etc. O Ciberpajé fez a arte de duas capas para a obra: uma original inspirada na Divindade egípcia Anúbis, e uma alternativa inspirada na ideia de renascimento, ciclo e transmutação.



Figura 225 - Capa original do EP "Canúbis" de Ciberpajé e Fredé CF. Arte do Ciberpajé. 2022.

Me inspirei nesse sonho para tratar sobre um encontro poético entre a lenda do Cão Breu (presente como uma entidade fantástica que direciona o olhar dos indivíduos às sombras em MekHanTropia), com Lobisomens licanárquicos tecnogenéticos da Aurora Pós-Humana de Edgar Franco, uivando em pluriversos encantados projetados a uma nova era transbinária que adentra nuances múltiplas da existência e estabelecem a fruição do agora com a alegria como determinação essencial.

Batizamos essa experiência sonora de “*Canúbis*”, como uma forma de representar a celebração, a “conexão e o equilíbrio entre seres e espécies no planeta, em uma egrégora de elevação espiritual, até a extinção de nossa espécie egóica que liberará Gaia para novas experiências na explosão da vida” (FRANCO, 2021, p. 05). O título também pode ser lido como referência etimológica ao Cão Breu, ao deus egípcio Anúbis e à Cannabis, em uma hibridização conceitual experimental das três realidades (RVs) pensadas por Roy Ascott (2003).



Figura 226 - Imagem do encarte de "Canúbis". Arte do Ciberpajé. 2022.

Penso que a criação artística é processo, relação, coautoria, comunicação, conexão, transformação, consciente ou inconsciente. Portanto, toda criação é experimentação e ressignificação de coisas que significavam outras coisas. As

faixas/aforismos foram reunidas e nomeadas por temas afins que dialogassem entre si e, assim, tentei trabalhar as ambientações musicais com alguns contrastes entre sonoridades acústicas e eletrônicas se complementando, em uma busca de equilíbrio entre luz e sombras transcendentais. Busquei pensar em uma levada narrativa fluida em direção ao autoconhecimento e harmonia pelo caos, por meio do estranhamento pelo contato com contrastes, distorções, ruídos e dicotomias entre os elementos sonoros em confluência com as palavras recitadas do Ciberpajé.

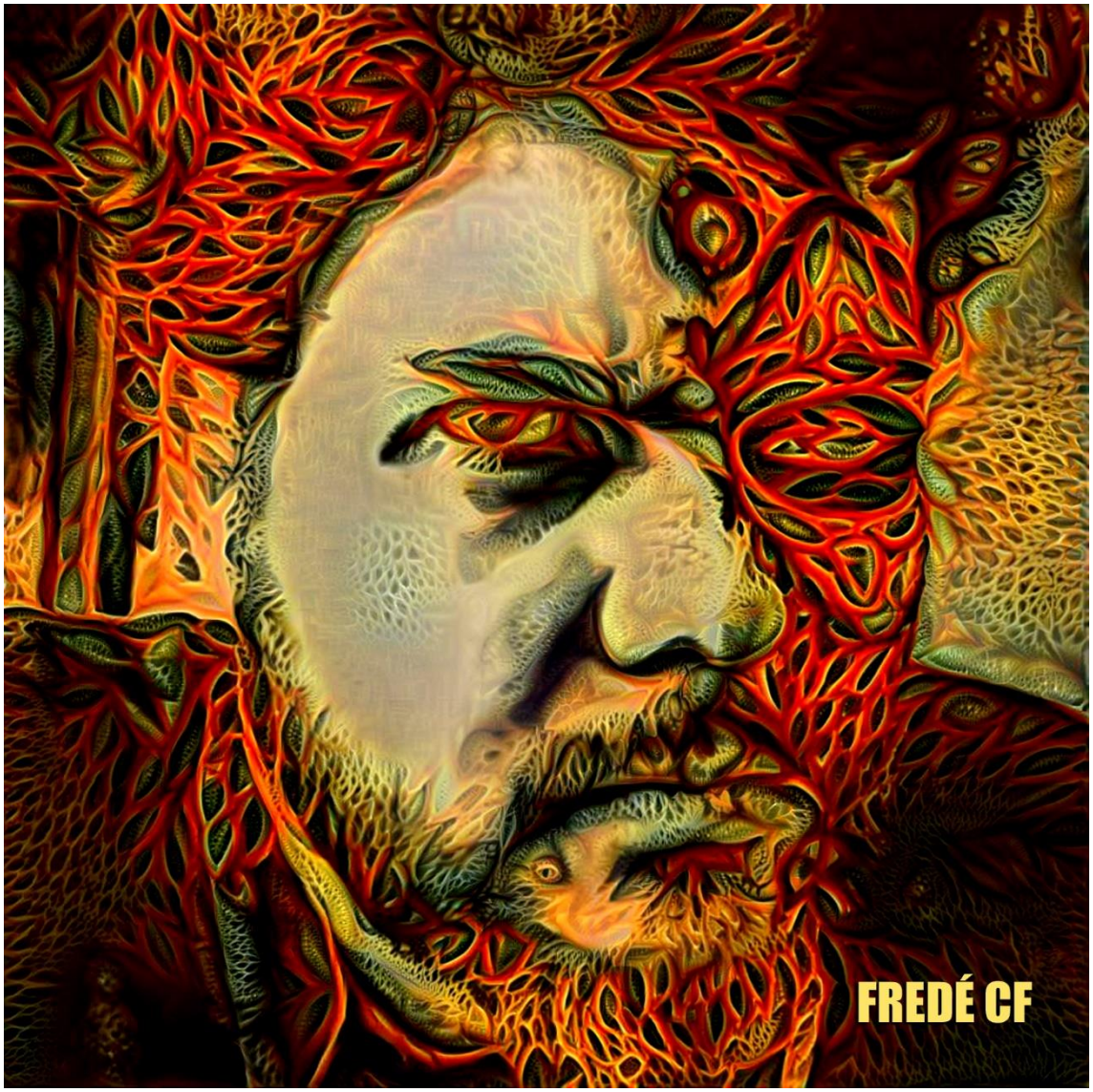


Figura 227 - Imagem do encarte de "Canúbis". Arte do Ciberpajé. 2022.

Para os sons acústicos, utilizei 2 violões (um com cordas de nylon e outro com cordas de aço), chocalhos feitos de sementes seca, pandeiro, vocalizações, sibilos, batuques em alguns potes, panelas e vasos decorativos, vento na janela,

e até o som de uma panela fervendo enquanto se cozinhava uma abóbora cabotiá (deliciosa, por sinal). Para os sons eletrônicos utilizei dois apps com o iPhone 6: o Synth One e o Music Maker Jam. Tudo editado pelo aplicativo Hokusai 2, como foi feito com todos os álbuns e EPs deste universo. Recomenda-se a audição das obras em estéreo, pois favorece a imersão em suas imbricadas psicodelias oníricas que trafegam, transmutam e conectam as faixas dentro do conceito holístico e astral do EP.



Figura 228 - Imagem do encarte de "Canúbis". Arte do Ciberpajé. 2022.

5.8. Sonhos elétricos: experimentações em Arte e Tecnologia

"No jardim eu me ligo em você
Planto cores

Mordo a fruta
Levo choques
No jardim eu me ligo em você.”
(Os Mutantes)

Experimentações com o *Deep Dream Generator*, rede neural convolucional de inteligência artificial (IA), e efeitos visuais presentes em aplicativos e softwares de edição de vídeos e sons, além de captar e editar imagens e sons com o *smartphone*, sem roteiro, sem aplicar dinheiro, em meio a uma pandemia, entre outros fatores, me provocam diálogos intensos com as máquinas e transcendem aspectos subjetivos consolidados na minha maneira de criar, me oferecendo novos caminhos a trilhar e pensar sobre minhas obras.

Nesse movimento constante transmidiático, por mim articulado, de trocas e colaboração (humano x humano; humano x máquina; máquina x máquina), dialogo com diversas tecnologias e elas dialogam comigo, “inter(SEX)ionando” uma espécie de “transa pós-humana transcendental”, uma mekHaTropofilia geradora de cosmogonias orgásticas, cujo desejo se dá pela criação artística enquanto processo de exaltação de vida em MekHanTropia (um ambiente de morte). Nesse movimento, contesto à pornografização dos tempos atuais, caracterizados, segundo Baudrillard e Han em suas obras como a “perda do desejo” e o “desejo de se expor” e performar de maneira exibicionista.

Como já evidenciado anteriormente, a transmídia aparece não como um fim ou um objetivo, mas mais como um meio fluido que possibilita, desde o início, o surgimento e materialização de ideias por diversos caminhos e linguagens. Um meio de pensar, refletir, (re)existir, (re)conhecer, transformar, comunicar, expressar, sentir, integrar, questionar, imaginar, se lembrar, libertar. Um meio que possibilita a expansão imprevisível e constante dessa experiência transcendental que vou vivendo, praticando e amarrando em um conceito universal onírico-filosófico colaborativo, trafegando por diferentes linguagens, plataformas e ferramentas durante essas criações.



Figura 229 - "Para todos e ninguém (amor e sexo mekHanTrópico)". Promptismo em IA. Fredé CF, 2023.

O mundo digital democratiza hoje o acesso a diversas ferramentas de criação artística antes impensadas por artistas que vivenciaram o período pré-digital nas primeiras décadas do século passado. E mesmo até pouco mais de 40 ou 50 anos, tais ferramentas ainda eram muito complexas e restritas a programadores e profissionais das ciências computacionais. Atualmente, com a popularização de aplicativos e programas de fácil e indutiva operação, o meio digital se torna também um lugar excelente de experimentação e relações, onde podemos dar vida às nossas fantasias, estabelecer parcerias e compartilhá-las de maneiras

mais abrangentes que no mundo analógico (que não se extingue). Mais pessoas se tornam produtoras de conteúdo e mais possibilidades de expressão, contatos, hibridismos e transmutações entre culturas, pessoas, domínios (homem x máquina, por exemplo), pensamentos, tempos e espaços são disponibilizados.

Nesse movimento de popularização das tecnologias digitais e de uma não necessidade essencial de programar para criar, aliado à ascensão das Inteligências Artificiais (IAs), há quem diga que as máquinas também se tornaram, de certa maneira, cocriadoras de conteúdos, intervindo nas obras de maneira formal e estrutural, e não somente meras ferramentas a serviço do ser humano. Surge então a questão da imprevisibilidade associada ao processamento dos algoritmos das redes neurais que utilizo em minhas imagens e textos. Porém, essa é uma longa discussão que não adentrarei por enquanto de maneira profunda. Penso que o que temos é arte humana, utilizando as máquinas como ferramentas, uma vez que a máquina é uma extensão do humano.

Atenção MekHanTropos!

Venho aqui pedir as orações e apoio de todos vocês! Eu e minha familícia estamos passando por alguns apuros e agora é a hora de mostrar-se patriota!

Um dos párias da Confraria Anti-MekHanTrópica sequestrou meu parceiro Syd Havan e agora estão tentando me extorquir, me acusando de possuir artefatos considerados como relíquias, como relógios ancestrais utilizados para quantificar os tempos e, além disso, de ser um golpista usurpador.

Estamos monitorando estes dissidentes com nossos drones. Em breve traremos mais notícias.

Enquanto isso, peço que rezem para mim e minha família. E, se possível, depositem contribuições financeiras. Aceitamos qualquer espécie. Estamos precisando de seu apoio e de toda sua família.

Saiam às ruas! Vistam nossas cores! Façam do roxo e do amarelo o padrão!

Ajude-nos a mostrar nossa força! Tire fotos e postem nas redes mekHanTrópicas com a hashtag: *#MekHanTropia*

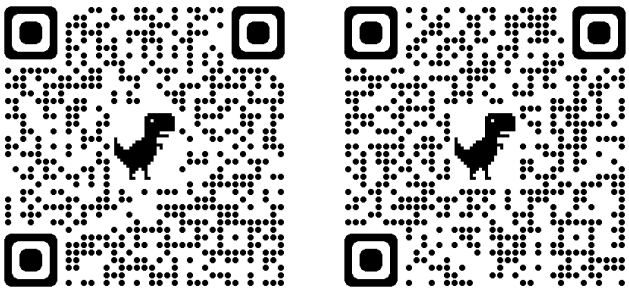
Contamos com vocês!

Messias acima de tudo! MekHanTropia acima de todos!

Atenciosamente,

Edir Messias BiroLiro. MekHanTropia, ano zero.

Muitas vezes, em minhas criações, há uma inversão para a relação com a tecnologia ser saudável e imprevisivelmente fora de padrões institucionalizados. Retomando a metáfora posta anteriormente do “sexo com as máquinas”, o espermatozoide dessa relação de (re)produção seria talvez a própria obra de arte prévia, que trago inicialmente como um esboço para ser reconfigurada. O óvulo seria a imagem de referência que é apresentada à máquina (Inteligência Artificial/Rede Neural) para mesclar e ser transformada por seus algoritmos em uma nova criação. Pode ser que dali saia algo interessante ou não para o conceito que busco, porém, as características humanas do livre-arbítrio e da intenção prevalecem e residem no orgasmo excitante advindo exclusivamente do processo de criação e experimentação, que envolve as memórias, a imaginação e a percepção, do homem e da máquina, atreladas em uma imersão que antes jamais foi possível. Mas, no fim, quem elabora e sustenta o conceito (como um refluxo), articulando com as subjetividades deste universo e o apresentando à sociedade sou eu, o humano.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

A transformação do objeto artístico em sua essência pelos processos maquínicos expõe poeticamente a mekHaTropomorfização latente dos tempos atuais. Muitos pensadores rejeitam a ideia de que as máquinas podem ser aliadas ao fazer artístico. Segundo muitos, para ser arte, é necessário que o artista saiba programar. Penso que essa discussão não cabe mais. O resultado que é estabelecido em conjunto com as máquinas e fluxos passa pelo crivo e pela condução do processo pelo artista em algum nível. A saída ideal, a meu ver, não é ignorar ou negar essa sombra sociocultural que ocasionalmente ameaça

o fazer artístico (como outrora a máquina fotográfica “ameaçou” a pintura, ou a TV ameaçou o cinema, por exemplo), mas olhar para ela e tentar integrá-la como parte dos processos, como possibilidade criativa adicional.

Diversas criações em meu universo como fotografias, desenhos, vídeos, personagens, cenários, objetos e até performances, passam por esse processo na pós-produção, com a intenção de estabelecer, incrustada ao conceito, uma estética comum de identificação a tais elementos dispersos e vinculá-los assim ao universo transmídia de MekHanTropia. Via de regra, a tecnologia é usada em minhas obras de maneira fundamental no cerne das poéticas e dos processos criativos.



Figura 230 - "Neofascismo neopentecostal podre ressentido (o rebanho do Messias rumo ao matadouro)". Promptismo em IA. Fredé CF, 2023.

As Redes Neurais Convolucionais (*Convolutional Neural Network*) são inteligências artificiais (IAs) que foram criadas com inspiração em sistemas biológicos de percepção e reconhecimento de imagens. Ao reconhecer as imagens, a IA determina padrões e interfere na imagem criando camadas de efeitos formais, cores, texturas e transmutações. Ao adentrar na página do *Deep Dream Generator*, por exemplo, você pode enviar uma imagem qualquer e escolher outra imagem para que seja feita uma hibridização entre elas, mesclando em uma única imagem aspectos das imagens escolhidas.

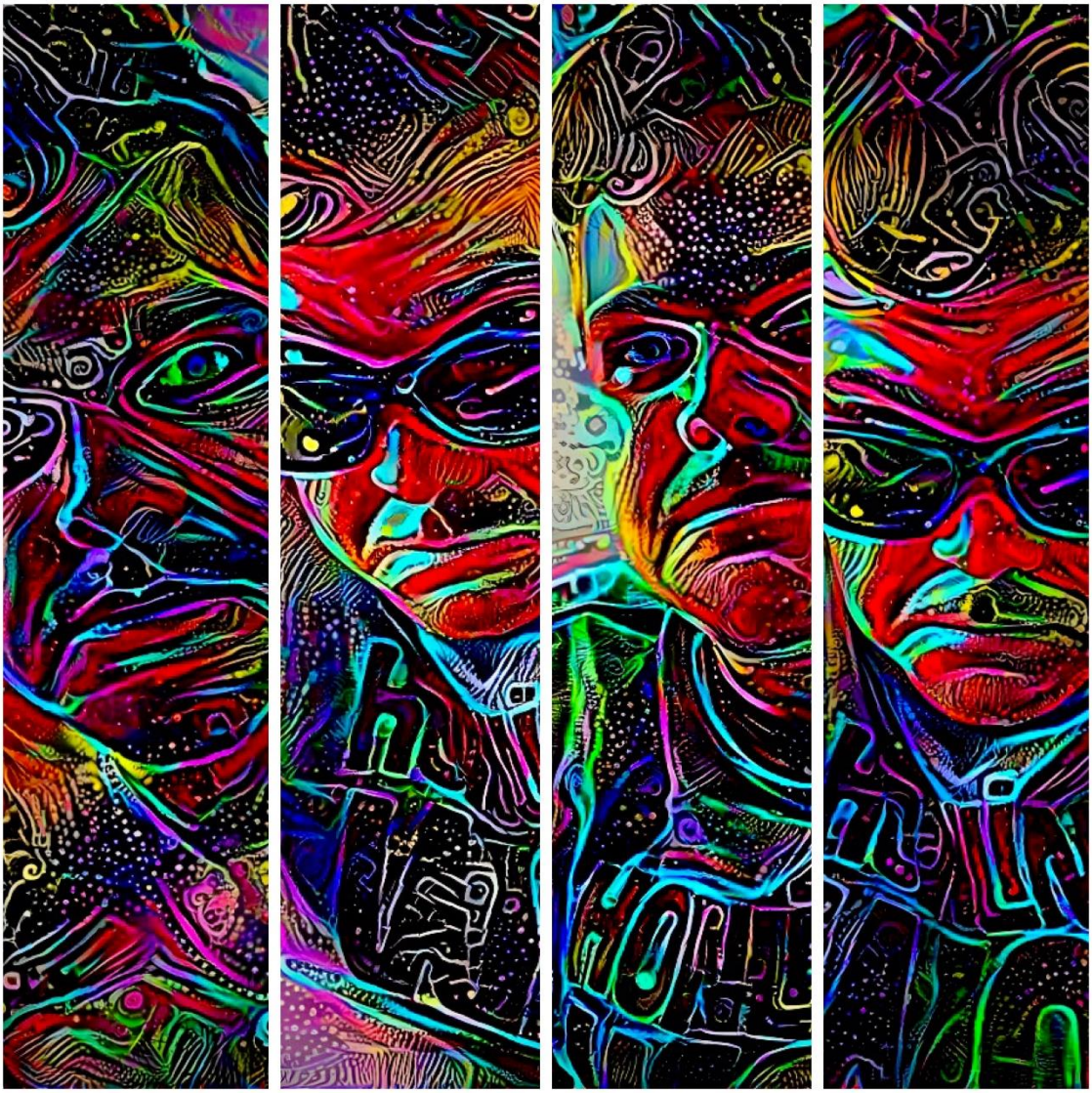


Figura 231 - "O Acimador multiplicado (Depois do Futuro)". Fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2023.

Originalmente, o *Deep Dream Generator*[207] foi pensado como uma forma para que os pesquisadores pudessem entender melhor o que as redes neurais que eles estavam criando estavam aprendendo. As redes neurais são instrumentos poderosos de reconhecimento e análise de imagens e podem ser utilizadas de diversas maneiras e com várias intenções. A partir dos procedimentos oferecidos, pode-se trabalhar camadas e observar como a máquina reconhece uma imagem, evidenciando de aspectos mais superficiais das imagens como cores, traços, até aspectos mais profundos. Ao mesmo tempo que nos fundimos com a máquina, a máquina também vai se fundindo conosco e alterando nossas percepções, memórias e imaginação imbricadas pela linguagem binaria digital.

A máquina vai assim, à luz de Baudrillard, clonando tecnicamente o mundo dito "real", ordinário, criando seu duplo ideal sistêmico. O que faço é tentar usar essas técnicas padronizadas pelo sistema computacional como formas de pensar sobre signos que são articulados nas obras no sentido da concepção estética desse universo que proponho, servindo exclusivamente à obra com o processo, mesmo que de dentro do sistema, mas com intenções de criação e linguagem artística. Pelo fato de que as inteligências artificiais se retroalimentam e assim expandem as referências sobre a realidade ordinária, dentro de meu conceito optei por utilizar a capa do álbum "MekHanTropia", criada por Edgar Franco (a.k.a. Ciberpajé), como modelo de referência e reconhecimento para a IA em diversas outras imagens que integram o universo, como o fundo do tabuleiro do jogo, fotos da série "foto-poesias mekHanTrópicas"[208], entre outras.

207O Deep Dream é um programa de computador criado por Alexander Mordvintsev, que usa uma rede neural convolucional para encontrar e aprimorar padrões em imagens via pareidolia algorítmica, criando assim uma aparência alucinogênica de sonho nas imagens deliberadamente super-processadas.

208Ver perfil @fredecf ou hashtag **#fotopoesiasmekhantropicas** no Instagram: https://www.instagram.com/fredecf/ . Acesso em: 07/12/2021

O herói sem limites que desafiou a natureza se perdeu da razão e também da emoção, mais ainda do que já havia se perdido em tempos remotos de trevas. Enlouqueceu e se esqueceu que ele também é natural da mesma fonte que todo dia destrói. As trevas foram apropriadas. O que a priori se apresentava como 'herói' que salvaria-nos todos do obscurantismo das instituições, se tornou, ele mesmo, um saco fétido de excrementos, apodrecido e desprovido de qualquer resquício de amor.

Provando do próprio veneno, a humanidade vive inundada em agrotóxicos e consumida por sangue, lama e destoadas vibrações que sugam sua energia vital de dentro pra fora todos os dias, corroendo a carne e expondo as vísceras disfarçadas de felicidade na liquidez da rede mundial.



A obsolescência programada dos produtos industriais está programando a obsolescência da espécie humana para o hiperorganismo Gaia, que a expurgará sem remorsos.

Assim Chorou Zaratustra



As massas seguem controladas e robotizadas por oferta crescente de entretenimento inebriante e alienante, programadas pelos magos obscuros da publicidade que lhes ensinam a falsa "felicidade" do ter, adictos de compras intermináveis programadas pelo sistema da obsolescência programada.

5.8.1. A condição onírico-maquínica de MekHanTropia

“Solto
Ninguém mais prende o ar
Livre
Onde sempre queria estar
E quando você se perde
Sinto isso também
No vazio, se despede
Meu mundo no seu se mantém.”
(Fredé CF)

A escolha estética por relações com as redes neurais e IA se dá com a intenção de trazer à tona os contrastes entre os domínios regentes da poética de hibridização e cooptação intrínseca entre máquina (Mekhos) e humano (Antropo) induzido pelo sistema que move meu universo ficcional como um todo. Essas relações começam desde o primeiro álbum musical, com a mistura de instrumentos acústicos com eletrônicos. Canções com pegadas *folk* encrustadas por elementos sonoros compostos por aplicativos. A própria produção, gravação, mixagem e distribuição do álbum feitas pelo *smartphone* dialogam com esse conceito do sistema mekHanTrópico regente em meu universo ficcional artístico.



Figura 232 - Frame do videoclipe "Sonhos para adiar o fim do mundo". Fredé CF. 2023.

Assim, todas as criações oriundas desse processo são elementos que habitam MekHanTropia, personagens, objetos, cenários vistos sob um prisma de imersão naquela realidade característica, distorcida e contorcidas em contrastes geralmente opostos complementares ou composições análogas de sombra e luz, ou cores como o roxo, lilás e amarelo da capa do álbum, verde com vermelho e laranja do EP “Ecos Oníricos” e do videoclipe “Poço sem Fundo”, ou o aspecto azulado do curta-metragem “Carta a Valdez” e do videoclipe “MekHanTropia”, por exemplo. Por vezes altero essas combinações de acordo com as intenções poéticas que vislumbro, visando coerências estéticas e elos narrativos em meio ao caos onírico representado.

Geralmente todos os elementos são pensados para se relacionar com o universo de maneira significativa. A iluminação, as texturas, cores, sons, eu-líricos, sistemas de captação, de inserção da obra, veiculação, cooptação, resistência, enfim, tudo está inserido nessa realidade reflexiva que alude aos imbricamentos entre máquina, sistema e ser humano, seja de maneira intencionalmente planejada ou mais livre e experimental.

Muitas vezes, alguns personagens percebem certas padronizações impostas e tentam despertar (como Aila e Valdez, por exemplo), mas, a maioria deles não se dão conta das garras secas desse sistema narrativo que os envolve, talvez como a maioria de nós, seres terrestres, diante do universo e até do que está além do que não percebemos sensorialmente. Por não termos a compreensão ou mesmo escapar das possibilidades de nossa percepção e imaginação, não conseguimos mensurar tais grandezas e domínios de maneira completa e definitiva.

Esses “padrões” estéticos extraídos de elementos dispersos na obra entram em contato como referência para a IA (a capa do álbum, no caso), transmutando-se em novas criações e expandindo a ideia desta já impregnada condição dos sentidos perceptivos e pensamento dos personagens àqueles simulacros de realidade artificial, nos quais eles não têm consciência de que estão imersos em uma hiper-realidade distópica, mais ainda por terem a memória alterada constantemente pelo sistema.



Figura 233 - Capa do single "BiroLiro (zero zero UFO)", de Fredé CF. 2022.

Segundo Baudrillard, essas imersões e cooptações despercebidas da vida, que se dão por simulacros e simulações, atuam na neutralização e substituição de signos que alteram a percepção sobre o que é “real”, acendendo uma “hiper-realidade” causada principalmente pela hiper-informação disponível ou disponibilizada. Isso gera entropia pela padronização e ilusão causadora da alienação que mantém os “bovíduos” imersos e controlados movendo o sistema, diluindo resistências, padronizando comportamentos e moldando subjetividades em função do capital.

Segundo o autor:

> O sistema produz e reproduz seres conformes, intercambiáveis, seres já mentalmente clonados. No fundo, toda essa história de clonagem não é nova e tivemos a experiência viva em todos os domínios –

> intelectuais, culturais, operacional –, sem contar os do trabalho e da técnica, onde o sistema nos ensinou, já faz muito tempo, a ser apenas clone de nós mesmos ou o clone uns dos outros. (...) Os clones já estão aí, os seres virtuais já estão aí – somos todos replicantes! No sentido que, como Blade Runner, já é quase impossível distinguir o comportamento propriamente humano de sua projeção na tela, de seu duplo em imagem e de suas próteses informáticas (BAUDRILLARD, 2011, p. 156).

Em MekHanTropia*,* as sombras exteriores (dos cenários e contextos), a luz interior (da psique) dos personagens, além de outros elementos significativos audiovisuais, são tratados poeticamente a partir de composições visuais e sonoras, indicando, pelas linguagens artísticas, caminhos a serem trilhados por *easter eggs*, ou seja, signos que fazem alusão à outras obras dentro do universo, em um processo de semiose (ação do signo).

O curta-metragem “Carta a Valdez”[209] é um exemplo de como a narrativa direciona o encontro do personagem com a sua luz interior. Penso assim na saturação com o sistema, que se inicia com a cena em que o personagem se vê iluminado e metamorfoseado em abajur. Ele se desperta e começa então a tentar conhecer mais sobre si e sobre onde vive, visualizando a si mesmo, como em um sonho, a partir de um duplo mekHanTropomorfizado (caracterizado pelo uso da máscara mekHanTrópica) e adentrando espaços da rede telemática de MekHanTropia.



Figura 234 - Frames de "Carta a Valdez", de Fredé CF. Sequência de Valdez exercendo um olhar para dentro de si e se percebendo mekHanTropomorfizado. Fredé CF, 2020/21.

209Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AVoWvjHviGI&t=1s Acesso: 15/04/2021.

Impactado e confuso, o personagem questiona o espectador, com uma “quebra da quarta parede”, se há alguém ali com ele, trazendo um vazio existencial e uma fronteira entre as dimensões que ele está preso e a nossa enquanto plateia. Indo mais fundo ainda, essa cena cria também uma ideia de que a fronteira entre a realidade validada de existência humana e a realidade virtual dos fluxos maquínicos virtuais foi atravessada e dividida entre ele e ele mesmo, que ficou pra trás deitado em sua cama, configurando assim a ideia baudrillardiana do “duplo”.

Porém, o original, neste caso (Valdez deitado na cama), já habita uma realidade virtual projetada de mim mesmo, Fredé CF/O Acimador, enquanto autor da obra, que habito a realidade validada de onde criei a obra e o personagem. Essa situação existencialista abre espaço para reflexões sobre o nosso próprio estar no mundo em essência e a como pensamos e podemos ser iludidos frente a realidade através de nossos limitados sentidos e cognição frente a imensidão misteriosa do cosmos. Isso se complica ainda mais, pois a referida cena também está relacionada a uma das cenas pós-crédito do conto escrito na Confraria Anti-MekHanTrópica (“MekHanTropia: O Cão Breu”) trazido de maneira fragmentada no capítulo 2 desta tese-criação. Esta relação estabelece uma expansão e vínculo entre as narrativas dispersamente conectadas também por esse elo.

A trilha sonora acompanha essa saturação que conduz a narrativa, elevando a pressão por meio das frequências que turvam as mentes de quem tenta se libertar dessa distopia, fazendo-o despertar sua unidade subjetiva para a hipervigilância que está submetido (indicado pelo caleidoscópio de olhos). Uma possível interpretação referente ao escape do sistema fica latente no fechamento do curta-metragem. A ideia é de minar o sistema pela arte de resistência por dentro dele. A partir de suas entranhas, implodir as estruturas opressoras que o erigem por meio da criação e da liberdade do imaginário. Na cena final, um movimento vertical (tilt) de câmera sobre uma árvore de natal (representando a institucionalização do sistema) finaliza-se numa escultura do crânio de Frida Kahlo, importante artista da resistência surrealista mexicana que contestava institucionalizações da sociedade de sua época e indica uma possível passagem reflexiva de conexão.



Figura 235 - Frames da sequência final do curta-metragem "Carta a Valdez". Fredé CF, 2020/21.

De acordo com Baudrillard (1991), a resistência pode vir da exaltação da capilaridade das subjetividades expressas e potencializadas pelas redes, ou seja, utilizar a tecnologias e redes que o digital possibilita de forma sistêmica para atuar de maneira anti-sistêmica, exaltando aspectos criativos e contestatórios contra os mecanismos padronizantes institucionalizados. A narrativa surreal onírica do curta também é uma maneira de experimentar a fuga de padrões narrativos teleológicos e intervir na imaginação de maneira mais aberta, como a simulação de um sonho acordado que explicita a existência de múltiplas dimensões aleatórias e desordenadas de sentido, como a mente desconectada da realidade ordinária da vida padronizada em narrativas mercadológicas. Como já dito, esse curta foi feito sem roteirização ou planejamento, deixando-se acontecer na medida que foi sendo criado, numa autofagia audiovisual, com inspiração *DIY*.

Utilizo esse curta-metragem, especialmente, para experimentar e pensar uma estética de elos correspondente à obra transmídia, destacando certas características para estabelecer conexões formais e desenvolver o percurso dos personagens no universo. Tanto no curta quanto nos vdeoclipes, utilizo efeitos e distorções formais de luz, sombra e cor com a intencionalidade de representar determinados estados mentais dos personagens, bem como os cortes,

sobreposições e transições para estabelecer significações sequenciais semióticas.

Como anteriormente citado, alguns vídeos[210] do universo de MekHanTropia possuem, em suas descrições, trechos escritos dos “Diários de Quarentena” de Valdez. Esses “diários” atuam como um índice da narrativa fragmentada, indicando encaixes poéticos entre as linguagens trafegadas. Tal dispersão estabelece conexões entre a realidade dos personagens e a nossa realidade ordinária. Esses elos são pontos de encaixe em minha poética de resistência aos padrões lineares narrativos, uma vez que, além de gerarem confusão, também estabelecem contatos por elementos que simulam a psique dos personagens. A descrição do videoclipe “Tentando explicar o óbvio”[211] é um exemplo disso, na conversa de Valdez com Aila que se materializa, com o personagem a narrando, no curta “Carta a Valdez”. Esse trecho explicita um pouco a busca dos personagens pelas cordas que os movem dentro da narrativa transmidiática que proponho. Tal qual procede muitas vezes David Lynch em suas obras cinematográficas, tais conexões, ocasionalmente, não seguem uma ordem linear e nem mesmo lógica, podendo mudar ou manter os nomes dos personagens, cenários, objetos, entre outros elementos significativos:

> É preciso enxergar e ir além. Além do ordinário. Além da prisão sufocante das redes telemáticas. Estou trabalhando em um projeto de resistência anti-mekHanTrópicapra enfrentar todo esse obscurantismo e negacionismo que presenciamos nesses tempos nefastos de trevas, mas não posso falar sobre isso agora...desconfio que há muita gente aqui! Talvez você não esteja vendo. Mas sinto que pode ser que tudo isso esteja sendo controlado por alguém...toda essa nossa conversa. Criada por alguém. É preciso cautela. Desde antes da grande pandemia que a tecnologia tem dado saltos inimagináveis em direção ao controle psíquico da sociedade. Atualmente então, estamos ferrados! Talvez sejamos parte da narrativa de alguém que não sabemos nada a respeito. Talvez estejamos vigiados agora, nesse instante, por pessoas que não sabemos nada a respeito e que mesmo quem criou essa nossa narrativa não saiba nada a respeito. Pessoas em outras dimensões que talvez nos observem por plataformas de vídeos on-line, cada um de suas casas, ávidos por certezas sobre quem nem conhece ou sabe a respeito. E mais ainda: imagine só se, por um acaso, formos apenas personagens aleatórios nas descrições desses vídeos! Personagens que, a princípio, nada tem a ver com o

210Disponível em: https://www.youtube.com/user/fredcfelipe/videos Acesso em: 21/07/2020.
211Videoclipe disponível em https://www.youtube.com/watch?v=8oO2JQJ90MY Acesso em 11/06/2020.

> vídeo veiculado. Esse é o absurdo da vida, do universo, da existência. Podemos não ter nada a ver com o 'vídeo veiculado'!!![212]

Busco através da utilização dos elementos em cena representar aspectos psíquicos e emocionais de toda a obra em sua multiplicidade de linguagens, além de também servirem como referência para que as "dispersões" sejam ligadas esteticamente. Durante todo o percurso pelas diferentes expressões narrativas individuais e também pela narrativa geral transmídia, o olhar dos personagens (e do espectador, consequentemente) é convocado ao seu interior, visando a reflexão e a (auto)transformação de seus caminhos na luta contra a MekHanTropia institucionalizada. Essa busca estabelece relações profundas com o animal interior do personagem, colocando em perspectiva sua conexão com a figura lendária, já comentada, do Cão Breu como meio de não cooptação, uma espécie de força metafísica oriunda do processo de autoconhecimento. O vídeo "Mekhantropomorfização"[213] explicita um pouco dessas transmutações do personagem com sua essência canídea.



Figura 236 - Canídeo em processo de MekHanTropomorfização. Desenho à lápis e videoclipe. Fredé CF, 2021.

"MekHanTropomorfização" começa com o personagem em estado letárgico sugerindo que está acordando em sua cama, mas que também pode estar tendo

212"Diários de Quarentena de Valdez" presente na descrição do vídeo "Tentando Explicar o Óbvio". Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8oO2JQJ90MY Acesso em 11/05/2021.
213Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IYwyKhMOkVY&t=6s Acesso em: 16/04/2021.

um sonho de acordar dentro de outro sonho. Os elementos visuais que se destacam são o azul da cama, parede e filtro para trazer um aspecto de solidão, tristeza e reflexão sobre a situação em que ele se encontra. A câmera baixa enquadrando somente parte do rosto do personagem tem o intuito de gerar sensações de mistério e estranheza ao não o revelar por inteiro.

Ao abrir os olhos e olhar para cima há um corte que induz o espectador a imaginar que a cena seguinte na montagem é o que o personagem vê, porém, pela câmera subjetiva e pelo fator abstrato da imagem seguinte, há a intenção de posicionar o espectador dentro da imaginação do personagem, como se fosse o eu superior (si mesmo) observando o ego do personagem em um estado meditativo transcendental ou um sonho, por exemplo. As formas arredondadas da imagem proporcionadas pelo efeito de caleidoscópio no apicativo de edição *Videoleap* também remete ao olho humano visto pelo lado de dentro, como se o olho fosse uma tela de onde imagens são projetas a esse eu superior.



Figura 237 - Frames iniciais do videoclipe "MekHanTropomorfização". Fredé CF, 2021.

Conforme a narrativa caminha na linha do tempo, imagens de um cão negro antropomórfico com os olhos em chamas (em preto e branco e em cores, como metáfora para a iluminação da consciência do personagem) são projetadas sobrepostas ao horizonte visto pela janela do eu-lírico (relação com os olhos como as “janelas da alma”). A vista da janela mostra uma cidade em um *loop* contínuo, com relâmpagos e raios representando as trevas instaladas ao lado de fora, mas também internamente no personagem.

As imagens sobrepostas trazem metamorfoses do personagem. Desenhos e fotos que em sua sequencialidade sugerem um olhar às próprias sombras e um encontro cara a cara com o animal interior em forma da lenda do Cão Breu,

carregando um símbolo *ankh* no pescoço como alusão à ideia de imortalidade da alma e das sombras.

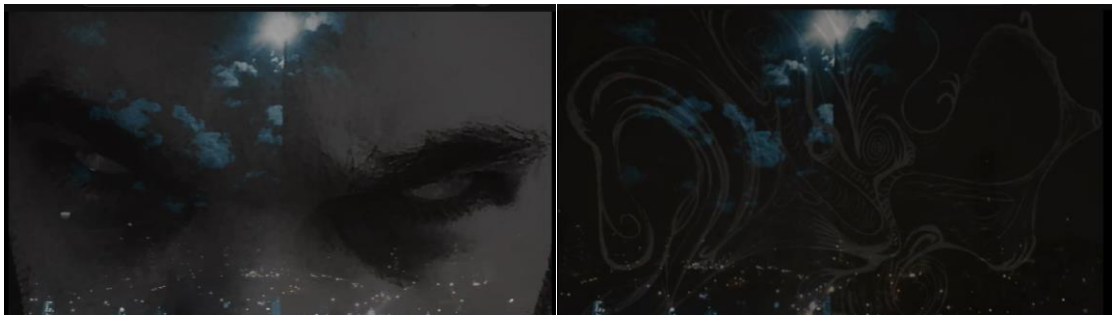


Figura 238 - Frames finais do videoclipe "MekHanTropomorfização. Fredé CF, 2021.

Ao fim surge um desenho abstrato, uma imagem de luzes de um modem piscando e uma caveira ao lado do personagem já transmutado mekHanTropomorficamente. Há nessas imagens relações entre humano (eu, espectador), máquina (câmera, rede internet, apps de edição, IA, plataformas de mediação da obra etc.) e elementos da natureza (como a paisagem, por exemplo, com seus fenômenos como raios, barulhos de chuva, etc). Esse desenho abstrato foi feito por mim com lápis e papel de maneira livre, em um ritual de presença meditativo por meio da arte no qual deixei correr os traços. A intenção era acessar imagens inconscientes sem intenções formais ou de significação. Posteriormente, utilizei a rede neural (*Deep Dream*) para acrescentar camadas de texturas e cores linkadas à capa do álbum musical “MekHanTropia” (também processada com redes neurais).

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

De forma geral, o vídeo provoca uma imersão na mente do personagem que é um ser-humano em processo de mekHanTropomorfização, ou seja, se transformando em fluxos e eliminando seus instintos e características orgânicas

animais. Nesse processo a paisagem é também alterada, uma vê que sua percepção existencial se modifica adentrando os processos fenomenológicos digitais maquínicos e não mais a percepção, imaginação e memória humanas.

As imagens em vídeo da paisagem da cidade com raios e movimento panorâmico é sobreposta de uma imagem estática (foto) da mesma janela, mas em outro instante, em uma noite de lua cheia. Nessa imagem a lua está cortada pelo vidro da janela que está meio aberta. Com esse corte busco representar o contraste entre luz e sombras da psique ainda humana do personagem. A lua cheia sempre aparece brilhante no meio da testa dos canídeos antropomorfizados (negro, vermelho e roxo) que surgem sobrepostos, como um terceiro olho (ou *Ajna Chakra*, conhecido como “olho que tudo vê”, bem como o ponto da intuição e autorreflexão. Útil como orientação interior) irradiando a resistência do animal interior de poder (canídeo, cão breu). A letra da música narra, por um lado (no início) uma certa relutância pela transformação e uma esperança de que, ao sair da situação protética que se encontrava para uma experiência imersiva total na máquina, deixaria de ser um escravo. O verso cantado repetitivamente, como um mantra, “eu não quero mais ser um robô, em MekHantropia” traduz essa ideia.

Conforme elementos eletrônicos adentram a composição musical, um lamento poético em narração *off* é colocado como um relato de como chorou sua própria morte. Situações e emoções trazidas à tona como se fosse o personagem contando como se sentiu nesse processo de morte humana e nascimento em silício. Como se sua vida passasse diante de seus olhos em poucos minutos. Por fim, o nada. Ele se torna apenas contornos luminosos telemáticos. Luzes fugazes em uma tela RGB. Quando a máquina é desligada a morte tem um novo significado. Também a vida, uma vez que a cada vez que for ligado e visualizado o vídeo novamente, ele poderá renascer em uma narrativa em *loop* infinito sobre sua passagem de planos (dimensionais e audiovisuais). Aparece então a possibilidade de pensar na ideia de vida após a morte em MekHanTropia ou até de reencarnação, nesse caso, talvez se mostre a cada nova narrativa construída no universo ficcional, que pode dar nova vida e esperança a ele. A ideia de metamorfose relacionada a esse vídeo pode também ser entendida como a transformação da vida em imagens e sons digitais que continuarão “vivos”

mesmo após morrermos em nossa dimensão ordinária validada pelos sentidos. Estas ideias me serviram como base para a criação posteriormente do já citado e comentado álbum “Eu hoje chorei minha morte” de 2022.

A potencial ideia de “eternidade” atrelada aos registros e fluxos da máquina, como, por exemplo, o professor universitário de uma Instituição de Ensino Superior brasileira que, mesmo depois de morto, teve suas aulas transmitidas em EaD. Um fato mórbido que só foi percebido posteriormente e aleatoriamente por um aluno que trouxe à tona esse acontecimento[214]. Essa eternização e disseminação pública digital de imagens e sons particulares, levanta inúmeras questões relativas à diversos campos do conhecimento, do direito a construções imagéticas da persona que ficará eternizada. Essas imagens eternas utilizam de elementos estéticos de composição para serem moldadas de acordo como o indivíduo será (re)lembrado a cada vez que for acessado.



Figura 239 - Capa do single "Morto", versão/cover mekHanTrópico da banda Pato Fu feito *DIY* por Fredé CF, 2022.

214Ver: https://www.otempo.com.br/mundo/universitario-descobre-que-tem-aulas-online-com-professor-morto-desde-2019-1.2443577 Acesso em: 13/05/2021.

A web, especialmente nesses tempos terríveis de pandemia, se tornou um obituário virtual fruto da necropolítica imposta em função do capital e do poder exploratório do ser e de tudo que o envolve. Um hipercompilado de indivíduos cooptados que não existem mais em suas subjetividades aniquiladas. Nuances essenciais infinitamente (re)definidas e (re)significadas por generalizações impostas sobre narrativas específicas em forma digital. Uma hiperprofusão de lembranças e afetos configuradas em “zeros” e “uns” que se perdem em meio ao trânsito caótico da hiperinformação. As memórias não são mais lembradas, mesmo registradas, difundidas, expostas, viralizadas, não duram mais nada, pois não há mais a necessidade de se lembrar e sim, mostrar, armazenar e reacessar narrativas estanques em novos contextos descontextualizados e não ressignificados.

Talvez por um tempo maior suas lembranças permaneçam mais latentes naqueles que tinha afeto pelo indivíduo (no caso, o morto), coisa cada vez mais rara em nossa realidade ordinária. Em MekHanTropia, isso é inexistente, a não ser os códigos de programação digital que trouxeram as lembranças da infância de Valdez e o levou à jornada de resistência aqui narrada por sonhos que foram acessados do personagem pela líder da reexistência: Aila, título de uma das faixas do álbum “Depois do Futuro” e personagem central da narrativa construída no EP “Tecelões Oníricos do Absurdo”, ambas as obras de 2023.

Utilizo os álbuns (“MekHanTropia”, “Eu hoje chorei minha morte”, “Pesadelo” e “Depois do Futuro”) como possibilidades de narrativas baseadas na jornada do herói, enquanto os EPs (“Cão Breu Pós-Humano”, “É esse mesmo o mundo que queremos?”, “Ecos Oníricos”, “Espelho de Obsidiana” e “Canúbis”) como sonhos, delírios ou devaneios dos personagens. Narrativas mais desconexas, mas resquícios do que ainda resta dos personagens. Em meio a estas situações expostas e exploradas artisticamente, os videoclipes trazem representações imagéticas sobre tais resquícios psíquicos dos personagens, como projeções das realidades que eles acreditam viver, mas que não são necessariamente a realidade validada neste universo, sendo muitas vezes partes do simulacro em que estão imersos. Este simulacro e simulações evidenciadas pelos clipes de maneira experimental exercem uma fusão do que restou das realidades

(validada, virtual e vegetal) nas mentes dos mekHanTropos como “mimetimemórias mekHanTrópicas” para mantê-los cooptados sob o véu da ilusão, por isso o fator onírico se materializa como uma possibilidade de escape do sistema 24/7 instituído.

Já nos curtas-metragens e contos deste universo, apesar de também serem cunhados a partir de um processo de fragmentação onírica conceitual, tecem uma conexão maior de linearidade com a organização dos pensamentos dos personagens, mais presente no que é tido como “realidade” para eles neste universo, ou seja, aprofundando no que é considerado como “real” ordinariamente para eles. É como se existisse ali uma (pseudo)consciência acerca da manipulação que os envolve, movendo-os à uma impulsão por libertação que dificilmente será alcançada devida condição mekHanTrópica imposta. Essa impulsão gera uma busca por caminhos transmidiáticos que estabelece um novo simulacro de loucura aos personagens que tentam se libertar. Tais movimentos os tornam prisioneiros da dispersão. Seres em constante *looping* de angústia e desreferencialização, alocados no limbo intermediário das dimensões sobrepostas entre o que percebem como “real” e o que há a sua volta em MekHanTropia. Ilusões materializadas pelas IAs e regidas pelas forças obscuras do mercado.

Neste nível de desconexão, aparentemente não há saída do paradoxo sobre o que é o ideal de “realidade”. Talvez, olhar para dentro, para as próprias emoções, possa ajudar a fruir a realidade que se apresenta e, de alguma forma, viver desapegado de MekHanTropia. Porém, mesmo assim, não sem dor e sofrimento, já que estas parecem ser características inerentes à fruição da vida. Este jogo de “realidades” em meio à narrativa pode gerar certas confusões teleológicas não tanto nos personagens, mas em quem frui o universo em nossa realidade ordinária, ou seja, em quem se coloca de fora da ilusão imposta por aquele sistema. Um sistema que, apesar de não corresponder exatamente ao nosso, é uma projeção representacional que me instiga a refletir sobre temas como “controle”, “ilusão” e “perspectivas” de compreensão caótica do cosmos.



Figura 240 - Capa e contracapa do EP "Tecelões Oníricos do Absurdo", de Fredé CF (2023).

O EP “Tecelões Oníricos do Absurdo” (2023) se difere um pouco da lógica anteriormente explicada, por ser parte expandida transmidiáticamente de um conto homônimo escrito por mim para integrar a antologia de ficção científica "Meu I.A.I.A., meu ioiô!", uma produção do Grupo de Pesquisa CRIA_CIBER (FAV/UFG) que foi concebida pelo Ciberpajé (a. k, a. Edgar Franco) e C.N.S. (a. k. a. Diogo Soares). Este EP funciona como uma ambientação da narrativa do conto que expõe um pós-futuro mekHanTrópico sobreposto por estas dimensões oníricas caóticas. Na narrativa (inserida de maneira fragmentada também aqui, nos primeiros capítulos desta tese-criação), Aila surge como uma entidade transdimensional oriunda da Realidade Vegetal para tentar reestabelecer o equilíbrio entre as 3 RVs devastadas pela MekHanTropia. Para isso, busca o Cão Breu para orientar seus caminhos. Porém, ao final da narrativa, vemos que toda essa tentativa também é uma simulação que vai de encontro ao vazio insignificante essencial.



Figura 241 - Intervenção Anti-MekHanTrópica. Voo para o Uruguai. Fredé CF, 2023.

Este talvez seja, dos meus lançamentos musicais, o que mais equilibrou a pegada experimental com uma estruturação mais pop e minimalista das canções. O EP abre com a faixa “Névoa”, recheada de *samplers*, choros e gritos, que trazem um certo *groove lounge* para a música, cuja letra em *spoken words* versa acerca assombros e lágrimas incessantes do eu-lírico frente ao sistema, como que caindo na real e não sabendo bem o que fazer diante do que está posto externamente a ele. Uma relação de diálogo com as próprias sombras e abismos. A partir da loucura, da aceitação e integração do que lhe fere, ele pode então tecer seus sonhos que andavam inertes. No conto, se refere ao personagem Valdez preso em uma névoa tentando se libertar.

A próxima faixa, “*Libertas Quæ Sera Tamen*” tece alusão à bandeira de Minas Gerais, estado de origem da minha família materna. A tradução deste título é “Liberdade ainda que tardia”, e se refere narrativamente à ideia de “Depois do Futuro” em MekHanTropia. A busca pela reexistência em meio ao mundo dominado pelas máquinas e fluxos controlados pelas IAs e por déspotas que tentam usá-las de maneira excludente e exploratória. O som tem como base principal uma levada ritmada no violão e sons psicodélicos de sintetizadores. A letra é como uma narração de um trecho do conto homônimo que compõem a obra de maneira transmídia. Como uma apresentação sobre a chegada da personagem Aila (representada na capa) ao mundo devastado.

A terceira faixa é uma homenagem ao livro “O Lobo da Estepe” de Hermann Hesse, mas, neste caso, o título é “A Loba da Estepe” e a letra diz, de maneira hipnótica acompanhando a música, minimalista, delicada e cadenciada (composta em tons menores com intenções sublimes e dramáticas): “Suave como a saudade / Sem ter medo da verdade / Viajar mais que a viagem / O ciúme é só vaidade”. A finalidade narrativa é um olhar de encontro de Valdez com Aila em suas próprias ilusões, sonhos e delírios, numa tentativa de ver e lidar com a realidade ali encontrada sob novas perspectivas.

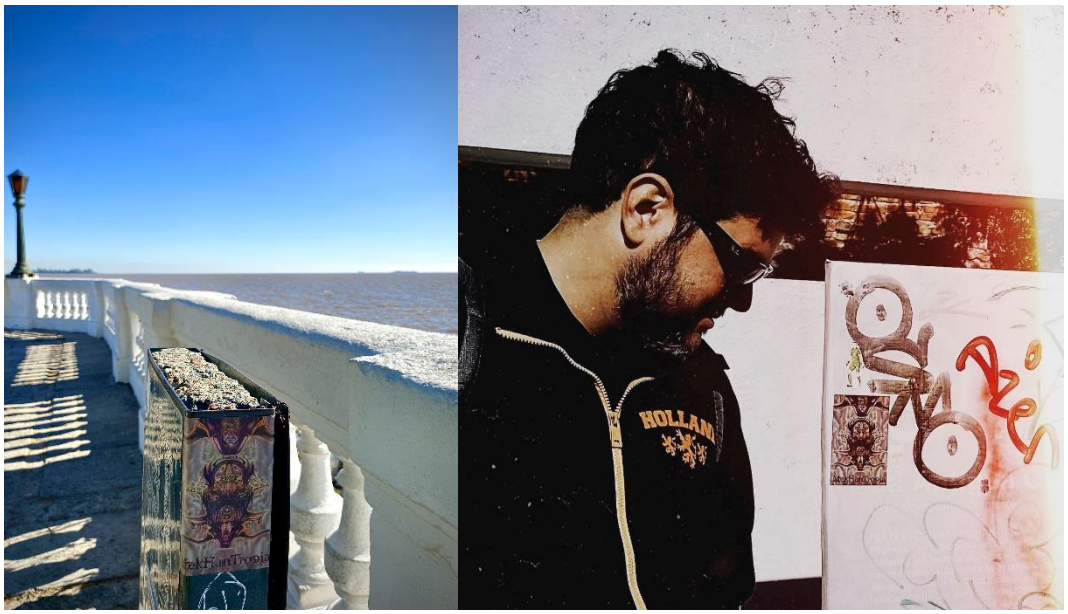


Figura 242 - Intervenções Anti-MekHanTrópicas em Colônia de Sacramento, Uruguai. Fredé CF, 2023.

Em seguida, a faixa “Uruguay”, é uma incursão progressiva e psicodélica nos sonhos que Valdez e Aila tecem em conjunto. Com influências *pinkfloydianas*, ouve-se Aila dizer “Wake up” para Valdez, no intuito de acordá-lo para lidar com sua condição e, ao transmutar a si mesmo, poder alterar de alguma maneira o curso dos acontecimentos. Quis criar uma ambientação estranha, mas ao mesmo tempo sublime e contemplativa nesta faixa em alusão aos estados oníricos da mente que tenta de alguma maneira viajar por diferentes dimensões mesmo que o corpo esteja impossibilitado pelas névoas que o envolvem. No conto homônimo, Aila e Valdez planejam uma fuga a algum lugar ao sul do mundo, onde a MekHanTropia tivesse mais branda, por isso optei pelo título em questão.



Figura 243 - Intervenção Anti-MekHanTrópica. Montevideo, Uruguai. Fredé CF, 2023.

A quinta e última faixa, “Eu vi o monte”, é também uma referência ao Uruguai, em especial à cidade de Montevideo cuja origem etimológica do nome vem desta frase (“Monte vi eu”[215]) que utilizo como título. A música é uma balada inspirada em Mark Lanegan e na banda Eddie, com a intensão poética de aproximar o som intimista e melancólico de obras como “Blues Funeral” e “Field Songs” de Lanegan com o clima “samba-blues-eletrônico-psicodélico” do álbum “Morte e Vida” da banda pernambucana Eddie. Pensei nesta faixa como um diálogo entre algumas de minhas referências estéticas sonoras. A letra fala sobre liberdade, conexão e sonhos, numa busca por serenidade mesmo em meio ao temporal

[215] Segundo reportagem de 26/02/2018, do portal de notícias “BBC News Brasil”, há algumas teorias não-consensuais acerca da origem do nome da capital uruguaia: “‘A capital do Uruguai, Montevidéu, foi fundada em 1726. Existem múltiplas teorias para este nome. Algumas dizem que a palavra apareceu primeiro nos mapas espanhóis como ‘Monte VI D. E-O’, que significaria o ‘sexto monte de Leste a Oeste’. Isto porque era assim que a região era vista ao se navegar pela costa do Rio da Prata, conforme a jornalista da BBC Mundo Ana País, no seu artigo ‘O Montevidéu de Minnesota: a estranha experiência de visitar o povoado dos Estados Unidos que tem o nome da capital do Uruguai’. Outros opinam que, ao ver a colina, um vigia que navegava junto com o explorador português Fernando de Magalhães gritou: ‘Monte vide eu’, o que seria ‘Eu vi um morro’, em uma mistura de latim, grego e português.” Reportagem disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-43201538 Acesso em: 05/09/2023.

estabelecido, tecendo a conexão simbiôntica entre Aila e Valdez. No início e no fim da faixa há um trecho incidental de orientações de um piloto de avião, gravado pelo *smartphone* no voo que fiz à Montevideu em junho de 2023.



Figura 244 - Arte do Ciberpajé, 2023.

O conto foi escrito tendo como base a imagem criada com IA pelo Ciberpajé e me enviada para ser o ponto de partida da narrativa. Utilizei também a imagem como capa do EP no intuito de evidenciar o laço poético do processo de criação. Na carta-convite que me foi enviada pelo Ciberpajé (2023), ele coloca:

Meu I.A.I.A., meu ioiô!
Livro Antologia de contos inéditos de autores convidados criando sobre o tema das IAs e a partir de ilustrações do Ciberpajé.

Amigo Fredé CF,

Vivemos tempos controversos em todos os aspectos da existência, socioculturais, político-ideológicos, ambientais, transcendentes, hipertecnológicos. Com a explosão recentes das Inteligências Artificiais que geram imagens a partir de prompts de texto e da controversa I.A. do chat GPT instalou-se no ocidente uma espécie de hiperneoludismo entre inúmeros artistas, escritores e professores, criando cruzadas contra essas novas tecnologias, e propondo muitos questionamentos, a maior parte deles cataclismáticos e inocentes, mas alguns com certa relevância.

Eu investigo as redes neurais e as IAs já há 6 anos, tendo sido o pioneiro no Brasil a criar vídeos utilizando a rede neural Deep Dream (O Enterro dos Deuses), animações em rede neural NST (In Finitum) e a primeira animação/videoclipe brasileiro totalmente criada em prompts de texto (O Luto da Vitória), também desenvolvi as primeiras HQs utilizando texturas criadas em redes neurais NST publicadas no Brasil: Conversas de Belzebu com Seu Pai Morto I & II (Atomic Magazine 1 e 2) e Transbinários (álbum Renovaceno), obras de 2020.

Também em 2020 foi lançado pela editora Marca de Fantasia o livro em formato e-book "2021". A obra reuniu 7 ilustrações de meu universo da Aurora Pós-Humana retexturizadas em redes neurais e foram convidados 7 expoentes da ficção científica brasileira para criarem contos inspirados nessas ilustrações, sendo eles: Edgar Smaniotto, Fábio Fernandes, Fabio Shiva, Gazy Andraus, Gian Danton, Nelson de Oliveira e Octavio Aragão. A obra obteve uma ótima recepção e ganhamos inclusive o prestigiado Prêmio Argos na categoria antologia.

Essa introdução serve para situar minha relação artística com as IAs e então convidá-lo a integrar um novo projeto, o livro "Meu I.A.I.A., meu ioiô!" Uma antologia que reunirá novamente expoentes da FC brasileira que criarão contos com a temática reflexiva e crítica sobre as inteligências artificiais. Assim como no livro 2021, esses contos serão inspirados por ilustrações minhas, dessa vez totalmente geradas em inteligências artificiais, mas com um detalhe importante, usando um banco de artes de minha autoria como base, ou seja, a IA terá como referência para geração das

artes apenas um banco com dezenas de minhas artes, desenvolvidas ao longo de 30 anos. As artes finais geradas a partir desse banco de imagens serão criadas com prompts de texto.

O nome do livro "Meu I.A.I.A., meu ioiô" é uma alusão irônica e hilária ao hit musical oitentista "Fogo e Paixão", do cantor Wando. O título da canção traz um pouco do que observo nos adeptos das IAs ou em seus detratores ferrenhos, um reflexo do extremismo induzido pelo binarismo anticósmico.

Se você aceitar esse convite, o que muito me honrará, pois o escolhi para estar no projeto pela profunda admiração que tenho por sua literatura e arte, a ilustração será enviada a você até o dia 15 de março, e terá o prazo de até 30 de junho para enviar o conto pronto para o meu e-mail ciberpaje@gmail.com Você terá TOTAL liberdade para criar a narrativa, apenas tendo como base a ilustração enviada e como tema as inteligências artificiais.

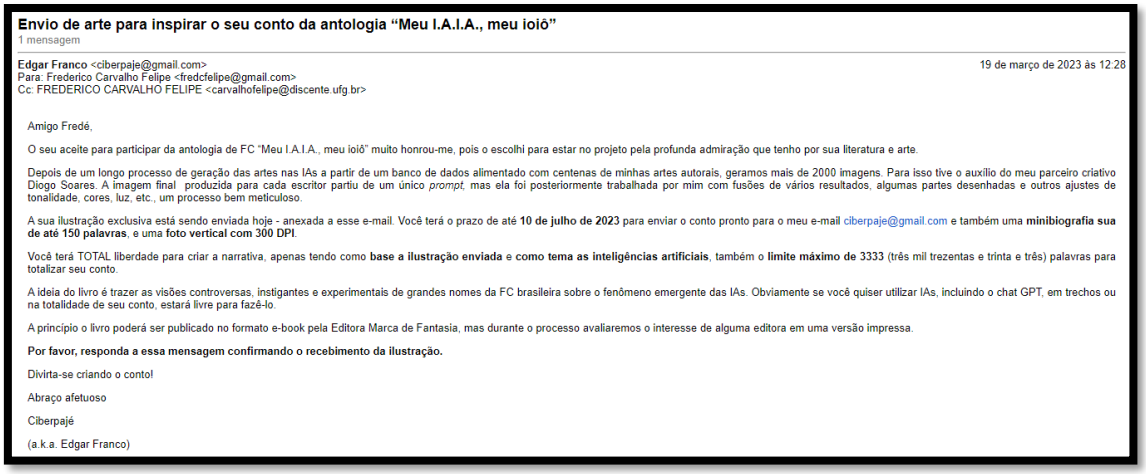
A ideia do livro é trazer as visões controversas, instigantes e experimentais de grandes nomes da FC brasileira sobre o fenômeno emergente das IAs. Obviamente se algum dos convidados quiser utilizar IAs, incluindo o chat GPT, em trechos ou na totalidade de seu conto, estará livre para fazê-lo.

A princípio o livro poderá ser publicado no formato e-book pela Editora Marca de Fantasia, mas durante o processo avaliaremos o interesse de alguma editora em uma versão impressa.

Contamos contigo! Fico no aguardo de seu aceite junto com o e-mail para o qual a ilustração deverá ser enviada.

Abraço afetuoso

Ciberpajé
(a.k.a. Edgar Franco)



Envio de arte para inspirar o seu conto da antologia "Meu I.A.I.A., meu ioiô"
1 mensagem

Edgar Franco <ciberpaje@gmail.com> 19 de março de 2023 às 12:28
Para: Frederico Carvalho Felipe <fredcfelipe@gmail.com>
Cc: FREDERICO CARVALHO FELIPE <carvalhofelipe@dlscente.ufg.br>

Amigo Fredé,

O seu aceite para participar da antologia de FC "Meu I.A.I.A., meu ioiô" muito honrou-me, pois o escolhi para estar no projeto pela profunda admiração que tenho por sua literatura e arte.

Depois de um longo processo de geração das artes nas IAs a partir de um banco de dados alimentado com centenas de minhas artes autorais, geramos mais de 2000 imagens. Para isso tive o auxílio do meu parceiro criativo Diogo Soares. A imagem final produzida para cada escritor partiu de um único *prompt*, mas ela foi posteriormente trabalhada por mim com fusões de vários resultados, algumas partes desenhadas e outros ajustes de tonalidade, cores, luz, etc., um processo bem meticuloso.

A sua ilustração exclusiva está sendo enviada hoje - anexada a esse e-mail. Você terá o prazo de até **10 de julho de 2023** para enviar o conto pronto para o meu e-mail ciberpaje@gmail.com e também uma **minibiografia sua de até 150 palavras**, e uma **foto vertical com 300 DPI**.

Você terá TOTAL liberdade para criar a narrativa, apenas tendo como **base a ilustração enviada** e **como tema as inteligências artificiais**, também o **limite máximo de** 3333 (três mil trezentas e trinta e três) palavras para totalizar seu conto.

A ideia do livro é trazer as visões controversas, instigantes e experimentais de grandes nomes da FC brasileira sobre o fenômeno emergente das IAs. Obviamente se você quiser utilizar IAs, incluindo o chat GPT, em trechos ou na totalidade de seu conto, estará livre para fazê-lo.

A princípio o livro poderá ser publicado no formato e-book pela Editora Marca de Fantasia, mas durante o processo avaliaremos o interesse de alguma editora em uma versão impressa.

Por favor, responda a essa mensagem confirmando o recebimento da ilustração.

Divirta-se criando o conto!

Abraço afetuoso

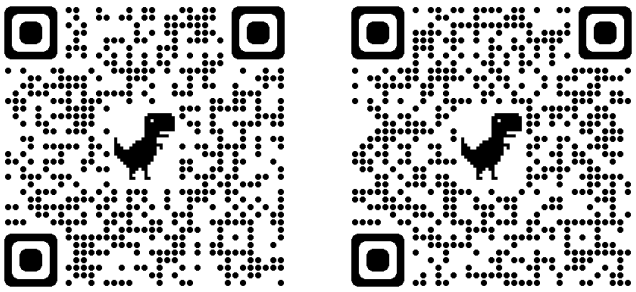
Ciberpajé

(a.k.a. Edgar Franco)

Figura 245 - *PrintScreen* do e-mail enviado pelo Ciberpajé com a arte que me inspirou para a criação do conto "Tecelões Oníricos do Absurdo", 2023.

A criação deste conto e EP vieram em um dos períodos mais conturbados de minha vida. Finalizando o doutorado, terminando um relacionamento conjugal de quase dez anos e bastante aflito sobre perspectivas de futuro para minha carreira e suporte financeiro, afetuoso e psicoemocional. Porém, concomitantemente, diversas pessoas a quem tenho grande afeto e estima me trouxeram apoio e incentivo em relação às minhas criações artísticas, abrindo novos horizontes criativos e temáticas para me autoconhecer e elaborar novas possibilidades de tratar minhas angústias por meio da arte, como a obra "Tecelões Oníricos do Absurdo", as intervenções artísticas urbanas realizadas com a arte do álbum "MekHanTropia", a apresentação no Festival de Música Experimental "Tucandeiromancers", entre outras criações.

Em meio à esta tempestade, no olho do furacão, lancei um álbum intitulado "Depois do Futuro" (2023), baseando-me nos ciclos inexoráveis que a vida apresenta, mas vislumbrando novas possibilidades após o estrago necropolítico provocado em diversos âmbitos pelos anos obscuros de governo Bolsonaro em nosso país. O álbum apresenta uma narrativa que, a princípio, pode parecer de desalento, mas vislumbra, em seu âmago, um reflorescer cósmico da vida após tanta destruição, assim como o EP/conto por último citado o faz. Procuro com estas obras enxergar alguma esperança em meio ao que me aparenta ser turvo no momento.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

5.9. Depois do Futuro em MekHanTropia

“Things are going to slide, slide in all directions

Won't be nothing

Nothing you can measure anymore

The blizzard, the blizzard of the world

Has crossed the threshold

And it has overturned

The order of the soul

When they said repent repent

I wonder what they meant”.

(Leonard Cohen)

O álbum “Depois do Futuro” foi todo produzido pelo *smartphone* entre os anos de 2022 e 2023 e trata sobre um futuro distópico hipotético que se situa após os eventos apresentados poeticamente em outras obras narrativo-musicais desse mesmo universo, como “MekHanTropia”, “Eu hoje chorei minha morte”, “Pesadelo (Succubus/Incubus)”, entre outras. Como diz Ivan Izquierdo (2010, p. 125), “somos aquilo que lembramos, mas também o que esquecemos”, nossas memórias únicas (somadas à imaginação e à percepção) definem, portanto, nossa realidade “narrativa” a partir da individualidade e intencionalidades de cada um. Em meio à essa crise distópica estabelecida no universo de

MekHanTropia pelo Messias e sua horda, sobreviventes (re)existentes tentam encontrar saídas pelos sonhos e pelo autoconhecimento.

O álbum “Depois do Futuro” é parte deste cosmos poético-onírico-ficcional e foi estruturado em diálogo com ideias de pensadores como Franco Berardi, Byung-Chul Han, Roy Ascott, Aílton Krenak, Edgar Franco, Sidarta Ribeiro, Friedrich Nietzsche, Carl Jung, entre outros, pensando como seria configurado um mundo pós-MekHanTrópico, ou seja, após o sistema de MekHanTropia ruir. A obra narra a transição existencial da MekHanTropia para a destruição total do sistema, na qual os fenômenos foram recodificados pelo *malware h6n66* e alteraram as relações de espaço-tempo, causando distúrbios nas três realidades ascottianas (ASCOTT, 2009) e nos processos fenomenológicos de percepção, memória e imaginação. As duas primeiras faixas abordam esse momento.



Figura 246 - Intervenções Anti-MekHanTrópicas. Londres, Inglaterra. Brunna Nastassia. 2023.

Sobre os dados arquivados pela memória do sistema não há ressignificação e transformação, o que mantém todos como “reféns” em uma sociedade binária, extremista, esvaziada de simbolismos populares e hipervigiada, em essência, pela hipertransparência e hiperpositividade narcísica de cada um. Como já

exposto, nesse dataísmo e narcisismo habita ao cerne do sistema predatório de MekHanTropia. As perspectivas são manipuladas de acordo com conveniências mercadológicas, gerando regimes de verdades (ou pós-verdades) induzidos por simulações hipercomunicacionais acerca dos fatos ocorridos, o que acentua distúrbios psicoemocionais nos indivíduos e destruição planetária. É sobre as relações de transcendência e equilíbrio espaço-temporais entre humano, planeta, fluxos, dimensões, representações e tecnologias que penso poeticamente em “Depois do Futuro”.

Nesta obra, além das consequências avassaladoras ocasionadas pelas formas que o ser humano lida com as tecnologias em função do mercado, penso sobre o ato de sonhar como uma simulação maquínica ou, dicotomicamente, como falha aleatória do sistema, cuja essência é humana, já que foi criado por humanos. Como pelos sonhos a psique humana se transforma e, nessas transformações acontecem ressignificações sobre a percepção, as memórias e a imaginação validadas, o sonho é perigoso ao sistema mekHanTrópico, pois foge do seu controle dataísta de previsibilidade, embora o mercado tente associar a ideia de “sonho” com “consumo” e quantificá-lo.

Tais ideias me serviram de referência poética para criação do universo de MekHanTropia e, em especial, do álbum “Depois do Futuro”, no qual abordo o florescer de um novo ciclo, pós-mekHanTrópico, ressignificando tais relações. Assim, a vida continua no planeta, mas não necessariamente a vida humana em um modelo mercadológico, padronizado e quantificado.

> Em 2018, quando estávamos na iminência de ser assaltados por uma situação nova no Brasil, me perguntaram: ‘Como os índios vão fazer diante disso tudo?’. Eu falei: ‘Tem quinhentos anos que os índios estão resistindo, eu estou preocupado é com os brancos, como que vão fazer para escapar dessa’. A gente resistiu expandindo a nossa subjetividade, não aceitando essa ideia de que nós somos todos iguais. Ainda existem aproximadamente 250 etnias que querem ser diferentes umas das outras no Brasil (KRENAK, 2020, p. 31).

Além de toda a destruição potencializada nos últimos tempos, decorrente do ideal torpe de desenvolvimento associado ao lucro, há a ideia de que somos, enquanto espécie, apartados do todo. Nosso orgulho e vaidade insistem em posicionar-nos acima de nossa essência natural, animal. Em “Depois do Futuro”, evoco a importância do fortalecimento das subjetividades, da diversidade, da

alteridade e dos elos criativos em busca, enquanto comunidade inserida em uma sociedade global dominada pelo capital, saídas para reexistir como indivíduos únicos, como coloca a letra da faixa “(Des)Asfixia (Depois do Futuro)”[216], retirada e inspirada no “Manifesto Pós-Futurista” de Franco Berardi (2019), que diz:

> Queremos cantar o perigo do amor, a criação diária da energia doce que nunca se dispersa. A ironia, a doçura e a rebelião serão elementos essenciais da nossa poesia. A ideologia e a publicidade exaltaram até agora a mobilização permanente das energias produtivas e nervosas da humanidade para o lucro e para a guerra; nós queremos exaltar a ternura, o sonho e o êxtase, a frugalidade das necessidades e o prazer dos sentidos. Afirmamos que a grandiosidade do mundo enriqueceu-se com uma beleza nova, a beleza da autonomia. Cada um tem seu ritmo e ninguém deve ser obrigado a correr em velocidade uniforme. Os automóveis perderam o fascínio da raridade; sobretudo, não podem mais desempenhar a tarefa para a qual foram concebidos. A velocidade se tornou lenta. Os automóveis estão imóveis como estúpidas tartarugas no tráfego das cidades. Apenas a lentidão é veloz. Queremos cantar o homem e a mulher que se acariciam para se conhecer melhor e conhecer melhor o mundo. É necessário que o poeta se esbanje com calor e generosidade para aumentar a potência da inteligência coletiva e para reduzir o tempo do trabalho assalariado. Só há beleza na autonomia. Nenhuma obra que não expresse a inteligência do possível pode ser uma obra de arte. A poesia é uma ponte lançada sobre o abismo do nada para criar compartilhamento entre imagens diferentes e libertar a singularidade. Estamos sobre o promontório extremo entre os séculos...Temos que olhar para trás de nós para lembrar o abismo de violência que a agressividade militar e a ignorância nacionalista podem desencadear a qualquer momento. Vivemos há muito tempo na religião do tempo uniforme. A eterna velocidade onipresente já está atrás de nós, na internet; por isso, agora podemos esquecê-la para encontrar nosso ritmo próprio. Podemos ridicularizar os idiotas que difundem o discurso da guerra, os fanáticos da competição, os fanáticos do deus barbudo que nos incita ao massacre, os fanáticos aterrorizados pela feminilidade desarmante que há em todos nós. Queremos fazer da arte uma força de mudança da velocidade da vida, gostaríamos de abolir a separação entre a poesia e a comunicação de massa, gostaríamos de tirar a mídia do comando dos mercados e entregá-la aos sábios e poetas. Cantaremos as multidões que podem, enfim, libertar-se da escravidão do trabalho assalariado, cantaremos a solidariedade e a revolta contra a exploração. Cantaremos a rede infinita do conhecimento e da invenção, a tecnologia imaterial que nos liberta do cansaço físico. Cantaremos o intelectual rebelde, que executa um trabalho precário, mas que se põe em contato com o próprio corpo. Cantaremos a infinidade do presente e não teremos mais necessidade de futuro (BERARDI, 2019, p. 174-176).

Também a faixa “Gaia”, com participação da professora Leticia Guelfi e do professor Edgar Franco, aborda tais questões em diálogo com o pensamento de Aleister Crowley, quando diz: “Meus cabelos são as árvores da eternidade.

[216] Disponível em: https://fredecf.bandcamp.com/track/des-asfixia-depois-do-futuro Acesso em: 25/05/2023.

(Gaia). O azul e o dourado são vistos pelos que veem. (Gaia). A glória secreta dos que me amam. (Gaia). Sou o brilho nu do voluptuoso céu noturno. (Gaia. Sou Gaia!)" (CROWLEY, 2017).



Figura 247 - Capa do álbum "Depois do Futuro", de Fredé CF. 2023.

5.9.1. A narrativa da obra "Depois do Futuro"

"I used to live in a room full of mirrors

All I could see was me

I take my spirit and I smash my mirrors

Now the whole world is here for me to see".

(Jimi Hendrix)

O álbum “Depois do Futuro” traz uma narrativa alocada no apocalipse pós-mekHanTrópico. Tento com esse trabalho vislumbrar um futuro de esperança em meio à tantas trevas. Falo de transmutações, da arte, da vida e da morte como processos e ciclos existenciais. A reflexão sobre o tempo é um fator predominante nas faixas e, sobretudo, como o tempo se distingue enquanto percepção de acordo com diferentes perspectivas, dos macros aos microcosmos que nos circundam. Utilizo poeticamente referências de *rock*, *folk*, música eletrônica, ficção científica e psicodelismo como base para representar ambientações transcendentais de renascimento da vida, sempre em transformação e movimento. A capa traz uma imagem fotográfica invertida verticalmente, feita por mim, de um crânio de boi fotografado na fazenda Babilônia em Pirenópolis e posteriormente tratado em redes neurais com a IA *Deep Dream* Generator quanto a cores e texturas. A intenção é de causar uma estranheza e provocar relações mais abertas e abstratas de significação ao olhar, além de indicar o tom de psicodelia da obra. Um fato curioso é que, ao questionar algumas pessoas sobre o que seria a imagem, muitas delas me relataram parecer algo fálico, ou monstruoso, ou extraterreno ou, até mesmo, remeter à ideia de dançarinas de um cabaré antigo.

Situo a narrativa do álbum em uma era após as recodificações feitas pelo que chamo de *malware h6n66*, que alterou as relações planetárias e a composição daquilo que antes se chamava de “humano”. Estas alterações geraram a chamada horda HumanCron. Neste contexto, uma rebelde da Confraria Anti-MekHanTrópica de codinome “Aila” conseguiu desorganizar o sistema instituído e conduzir uma resistência fragmentada a partir de dimensões fantásticas oníricas inacessíveis aos neofascistas neopentecostais liderados pelo vilão “Messias”. Tais movimentos de Aila abriram novos portais de acesso à *Realidade Vegetal*, até então oprimida. Nisso, o Messias foi absorvido pelo Limbo (com paradeiro exato ainda desconhecido) e a esperança começa a tomar conta e despertar as mentes mekHanTrópicas cooptadas. Aila lidera um resgate de todo o conhecimento e sabedoria ancestral para reconectar a humanidade à vida, à Gaia e a todo o universo fantástico que a compõe e foi devastado ultimamente pela MekHanTropia.

O Cão Breu anda de noite
T e força a sua sorte
Seus olhos te queimam a alma
Seu uivo o corpo acalma
O Cão Breu passeia de noite
O Cão Breu anda à noite
O Cão Breu é a noite
O Cão Breu te uiva a Sombra
["Caní Buiu Mantra". Fredé CF, 2022].

Após o contato com o Cão Breu, Valdez se perdeu de Aila e de si mesmo ao mergulhar profundamente em suas sombras até então negadas por conta do sistema mekHanTrópico. Ele agora transita juntando suas memórias subjetivas em abismos sombrios fragmentados do chamado "Inferno do Igual". Valdez segue, como fluxo binário pelos refluxos transbinários oníricos, numa jornada de integração das sombras que o rodeiam, o permeiam e o consomem, de fora para dentro e, sobretudo, de dentro para fora inserido no que ainda resta do sistema. Mesmo preso aos resquícios de carbono e silício dos simulacros e simulações de MekHanTropia, ele começa a se transmutar nesses refluxos, na contramão do sistema. Tenta enxergar saídas expostas para todos e ninguém, pela arte, pela ciência, pelos afetos e pela poesia em meio às luzes psicobinárias padronizantes, utilizando as Inteligências Artificiais como aliadas nesta jornada.



Figura 248 - "Do lado de dentro (silêncio)". Agorismos transmidiáticos (Diários d'O Acimador). Fredé CF, 2022.

O álbum aborda o tempo de transição que vivi e vivemos no Brasil. Uma referência poética à queda do governo de extrema-direita de Jair Messias Bolsonaro e aos ciclos que se encerram em minha vida pessoal e profissional em 2023. Neste contexto, criei também dois *singles* musicais que não aparecem em nenhum álbum ou EP: “BiroLiro”, que aborda o neofascismo neopentecostal agrícola do estado de Goiás, onde nasci e vivo; e a faixa “Morto”, cover/releitura da banda Pato Fu (composição de John Ulhoa[217]) cuja letra aborda a hipercompetição estabelecida socioculturalmente, quando diz: “Quem quer ser o novo campeão / Quem quer ser o primeiro a entrar / A fila dos bonitos é aquela de lá / Quem nunca dançou vai começar a sambar”. Do álbum, surgiu ainda o videoclipe “Sonhos para adiar o fim do mundo”[218], no qual tento trazer visualmente um pouco dessas referências aqui colocadas, articulando imagens da natureza com obras criadas artificialmente pelo ser-humano, enaltecendo (como em toda minha poética mekHanTrópica) os contrastes temáticos e evidenciando distorções visuais e ruídos sonoros com o intuito de gerar inquietações familiares (FREUD, 2020). Também utilizo algumas canções como “Limbo”, “Gaia” e “Refluxos” como trilha sonora poético-filosófica no curta-metragem/Episódio Piloto “*The Black Dog walks at night*”.



Figura 249 – Intervenção Anti-MekHanTrópica em Munique, Alemanha. Brunna Nastassia, 2023.

[217] Meu primo de segundo grau por parte de mãe. Filho do meu tio-avô Márcio Ulhoa, irmão da minha avó Marta Ulhoa.
[218] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ujqJMJGgGgY Acesso em: 25/05/2023.

Caro(a) leitor(a)/fruidor(a), saudações!

Estamos próximos ao fim. Mas todo fim é um começo, e vice-versa.

Enfim, hoje me ocorreu algo logo que acordei e fiquei pensando.

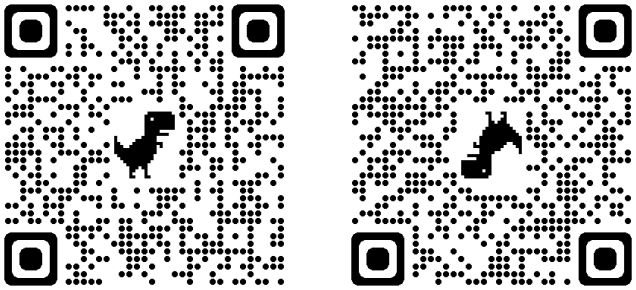
Há algumas criaturas que me aparecem em sonhos de forma recorrente, como lobisomens, panteras negras, cães, vacas voadoras, esperanças (aquele inseto verde, primo do grilo e do louva-deus), dragões, leões, tigres, hipopótamos, cavalos, entre outros seres que me fogem à memória, além de pessoas, conhecidas ou não, de diversos tipos, ainda vivos ou não. Estes aqui relatados também me fugiam, mas os relatei em meu sonhário, onde escrevo meus sonhos logo ao acordar quando me lembro deles. Outro dia sonhei que era o Saci e que passava um redemoinho sobre mim e, nesta mesma noite, sonhei que era um lobisomem uivando e dançando sob a luz do luar. A figura da pantera negra já me ocorreu diversas vezes, por isso a referencio no vídeo "The Black Dog walks at night" que fiz com a Confraria Anti-MekHan Trópica. Em um destes sonhos, que me marcou bastante, sonhei que estava em um templo ancestral e havia panteras por todos os lados me olhando e me cercando. Uma delas chegou até mim e me entregou um cheque em branco. Olhei para o lado e havia um Lobisomem preso, amarrado a um poste de madeira (ou um totem), todo ensanguentado e meio dopado. Eu o observava com uma mescla de medo, horror, admiração e curiosidade. Ele me fitava os olhos e me dizia: "Eu sou você!". Eu olhava para mim mesmo em um espelho e me via transmutado e minha avó Bárbara Lobo Felipe surgia e pedia que eu a aguardasse numa escadaria ali perto. Minha avó demorou a chegar e eu já estava agoniado, quando olhei para um letreiro que estava escrito "Melancolia" e o símbolo de uma melancia como ícone. De repente, as panteras começavam a dançar e girar, em um ritual mágicko e minha avó se aproximou de mim, cheia de colares de madeira e de côco e me deitou no chão. Eu fazia uma posição parecida com a do escorpião e o chão estava enlameado. Ela olhava em meus olhos e me dizia que o conhecimento que eu tinha até então era servil, dogmático e não me serviria para nada, só para ferir. Eu respondia que concordava em partes, pois sempre foi encaixotado e excludente, principalmente no Brasil, mas que ainda assim era um caminho muito importante, disruptivo e multiperspectívico em oposição aos regimes de pós-verdade e pseudociência que se proliferam. Dizia que as coisas agora iriam melhorar e seria bom avaliar também por este viés. Ela concordou com a cabeça, me estendeu a mão e me levantou. Nos olhamos e nos abraçamos e ela, antes de partir, me colocou no pescoço um colar com um amuleto de obsidiana negra e disse: "proteção".

Acordei.

(Carta d'O Acimador para você. MekHan Tropia, ano zero).

6. (CONSIDERAÇÕES FINAIS) Reflexos e Reflexões: Individuação, reverberação e expansão dos elos da alma

"O buraco do espelho está fechado
Agora eu tenho que ficar aqui
Com um olho aberto, outro acordado
No lado de lá onde eu caí."
(Arnaldo Antunes)



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

6.1. Simbioses orgásticas híbridas

Assim como o álbum "MekHanTropia" parte das "trevas" para a "luz", em um processo de autoconhecimento e olhar à própria sombra, também o faço aqui nessa escrita. Ao reconhecer e buscar entender alguns dos meus próprios sentimentos e ações, posso tentar transmutar, ressignificar a realidade e, de alguma forma, evoluir nessa existência, propondo uma reexistência anti-mekHanTrópica às próprias minhas formas de viver, o que não é, não foi, nem será algo fácil de ser feito ou sequer possível.

A partir do álbum que dá nome a este universo ficcional onírico transmidiático, experiências foram realizadas com diferentes e diversas referências e processos como as imagens utilizadas em diversas obras, em especial no videoclipe da música "Ao Amanhecer"[219], no qual usos o método das camadas já predefinidas pelo *Deep Dream* e, posteriormente, ajusto as imagens submetendo-as a tratamentos em outros programas de edição como *PhotoGrid, FotoR, Photoshop* e *Adobe Lightroom*. Neste videoclipe, os cenários e espaços vazios preenchidos

219Videoclipe disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3VjBH9zDx98 Acesso em 11/06/2020.

pela IA remetem poeticamente às memórias transfiguradas do personagem já tomadas pela MekHanTropia, que começa a se apropriar de sua existência, porém com resistência do movimento sobre o tempo (simbolizada pelo pião rodando). Essa cooptação é destacada também pelas oscilações cromáticas e formais estabelecidas nas sequências psicodélicas do vídeo, e consumada, enfim, com o cair do pião, ou seja, a falta ou o fim dos tempos de fruição. O pião também é uma referência ao filme “A Origem” de Christopher Nolan (2010), mas com o objeto adaptado ao imaginário brasileiro. Os efeitos psicodélicos podem também se referir àquilo que nos circunda, mas que escapa à percepção, configurando dimensões que sequer temos ideia da existência. Tento usar elementos visuais da IA e de aplicativos de edição de imagens para criar nuances de texturas, cores e formas como metáforas para a psique a partir de procedimentos maquínicos, realizados pelo *smartphone*, que dão aspectos de caleidoscópios, prismas, formas psicodélicas, TV fora do ar, entre outros.



Figura 250 - Frames do videoclipe "Ao Amanhecer". Utilização de Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2020.

Um aspecto recorrente em tudo isso é que o diálogo ocorre, na maioria das vezes, de forma não planejada e fluida. Como não sou programador computacional, os resultados estéticos que aparecem nesses contatos são testados e adequados às propostas artísticas que pretendo durante o processo de criação e, assim, direciono e conduzo o procedimento em sua complexidade, gerando diferentes e inúmeras camadas sonoras e visuais na obra que transcendem de maneira imprevisível os resultados obtidos em relação com a concepção original programática da máquina.



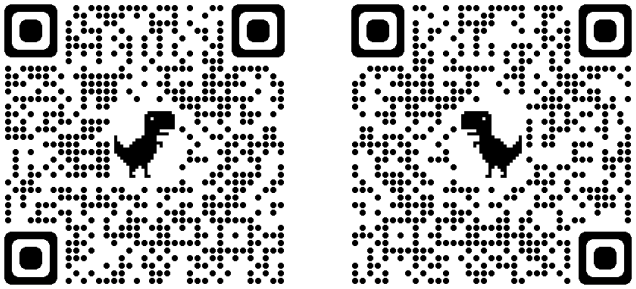
Ao lançar as obras (imagens, textos e sons) aos processos que ocorrem nesses fluxos digitais, o conceito de autoria minha é transformado e dispersado, em sua essência prática, na corrente dessas “transas” híbridas mekHanTrópicas. A autenticidade surge assim do acaso estabelecido pela metamorfose de processos criativos “inconscientes” humanos meus e da IA, que afloram a partir dessas trocas em uma espécie de sonho orgástico transcendental entre neurônios e algoritmos que se tocam instintivamente em uma conexão pós-humana.



Figura 251 - "O Acimador e o Corvo POEtico na Floresta Negra”. Série: Pós-MekHanTrop(IA). Fotografia digital, promptismo e Redes Neurais/IA. Fredé CF. 2023.

A ideia de “instinto” talvez seja uma das características mais definidoras quanto ao que é “ser animal”, “orgânico”, “molhado”. Em contrapartida, pode parecer um absurdo afirmar que a máquina possui instinto, nesta relação descrita

anteriormente. É claro que, por operar com programações e formulações configuradas, as máquinas possuem predefinições algorítmicas para suas ações, por mais imprevisível que sejam para um leigo como eu. Porém, o que desperta esse valor que aqui chamo de “instinto” nessa relação, é justamente a aleatoriedade estético-poética que é gerada a partir desse diálogo entre mim e a IA, mediado pelas obras de arte que se mesclam.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Não podemos esquecer que a tecnologia também é uma das características principais que definem o que é “ser humano”[220] e a obra de arte, aqui, é o vetor dessa relação. É o que dispara a máquina a reconhecer determinados padrões e associá-los com suas programações a partir das conexões estabelecidas por mim enquanto humano. Assim como temos o instinto de sobrevivência disparado quando estamos sob alguma ameaça de morte, a máquina reage, a sua maneira, àquilo que eu lhe “disse” artisticamente. Então a obra de arte é que media, nesse sentido, a confluência híbrida entre as células (neurônios) e o silício (dígitos). Lido intencionalmente com a máquina de forma artística, intuitiva e instintiva pela estética, com a finalidade conduzida por mim diante conceitos poéticos construídos em MekHanTropia.

220Ver documentário “Almost Human”(2019), direção de Jeppe Ronde. Disponível na Amazon Prime em 15/04/2021.

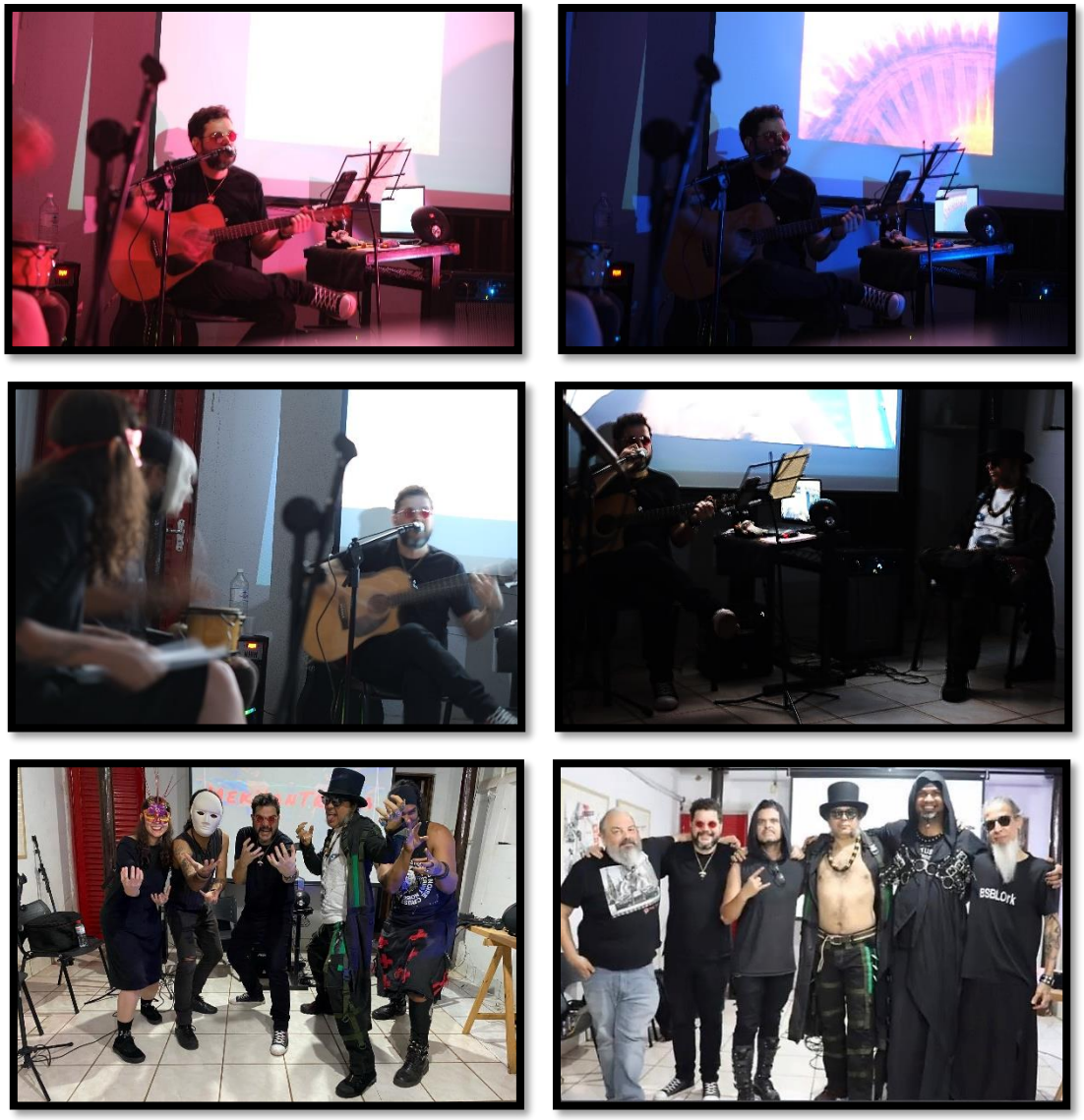


Figura 252 - Apresentação da performance "MekHanTropia, Ano Zero" e MegaJam experimental no Festival de Música Experimental "Tucandeiromancers". Espaço Ruptura em Goiânia – GO. Fotos: Luiz Fers, 2023.

Todavia, ao me apresentar resultados estéticos materializados ressignificados sobre minha obra, tecemos um diálogo por meio da linguagem que nos é comum nessa relação: a linguagem artística transmidiática. A partir daí filtro e utilizo em minhas criações tais informações que me foram concedidas no processo. A máquina é fundamental em tudo isso, pois insere elementos de composição que não poderiam ser realizados de outra maneira. Assim é também uma aliada técnica em minha jornada por um maior autoconhecimento, numa reconfiguração constante de mim a partir deste universo que crio.



Figura 253 – "Entre o céu e as feras orgânicas de silício". Agorismos transmidiáticos (Diários d'O Acimador). Fredé CF, 2022.

Ao criar canções, desenhos, fotos e vídeos, tento dar vazão e fluidez ao meu imaginário da forma mais imprevisível possível. Por meio das ferramentas (câmera, violão, caneta, lápis etc.) que emprego em cada obra, arrisco deixar os pensamentos surgirem naturalmente, sem direcioná-los a intenções prévias específicas, o que nem sempre é fácil. Parto, enfim, de conceitos gerais, "holísticos" no sentido do "todo", integrados à complexidade do meu ser/estar no mundo (ou *nu-mundo*, como diria o Amante da Heresia). Deixo fluir a criação artística pela transmídia e, assim, tento acessar a ideia de uma criação coletiva.

(Parte 1)

Por dentro das máquinas
Muito além dos montes
Das mortes
Eis que emerge ao infinito
Distantes horizontes sombrios
Silencio e silício
Prisioneiros de si
Sem qualquer validação
Aniquilação de 99% da população
Distópicos, neuróticos
(Des)factuais
Com tempos vendidos em frações
Milênios
Séculos
Décadas
Anos
Meses
Dias
Horas
Minutos
Segundos
Mas nada que traduza os instantes
(Des)representação
Memórias fugazes
Imaginação inconstante
Percepção aguçada naquilo que não é
Regida pelas intenções das IAs
Dispersas pelas redes
Fluxos digitais psicobinários
Psicóticos
Anti-cósmicos
Quase nunca ancestrais
Desloca o que não pode suportar
Em meio a tempestade
Um ser surge no caos
Fantástico
Destemido
Impassível
Incomum
Vivo a mais tempo que qualquer um
Que já não existe mais
Certo sobre os perigos que iria encontrar
Habitava a tripulação
Do que um dia foi chamada como "nave da salvação"
Esperança
Pra quem tinha grana
Exploração
Ao fugir do planeta Terra
Não encontraram atmosfera
Pra uma possível reconstrução
Civilização perdida
Sem salvação
Por medo do que não havia
Por apego ao que se conhecia
Seguindo as ordens do Messias
Ilusão
Retornaram da missão ao que havia sido
Deixado pra trás
Devastação
Aqueles que destruíram o futuro
Exploraram as terras
Poluíram os mares
Devastaram as florestas
Biomas
Nada mais
Apenas a solidão do vazio
Os fizeram retornar
Sem tripulação
Apenas três ou quatro nessa nova missão
Bilionários abastados
Ciborgues geneticamente modificados
MekHanTropos sem alma
Sem coração
Só ganância
Processos de mekHanTropomorfização
O erro é repetido
Ciclos novos de negação
Resquícios de carbono e silício
Extinção quase que total
Depois do Futuro
Ruídos maquínicos em meio às ruínas
Hologramas do que se foi
Vida só por projeção.

["Pós-MekHanTrop(IA): $pace($hit)". Fredé CF. 07/09/2023].

6.2. Transmutar-se em Luz sem negar as Sombras

“Some kind of innocence is measured out in years
You don't know what it's like to listen to your fears
You can talk to me
You can talk to me
You can talk to me
If you're lonely, you can talk to me”
(The Beatles)

Ao andar em círculos não saímos do lugar. Como se lançássemos uma âncora ao fundo do mar e perceber que o máximo que podemos nos mover dali é presos a essa âncora, em círculos sobre o próprio eixo. Essa ideia dialoga com a ideia de *Samsara* (vida, morte, renascimento) e de *Karma* (ação e reação/repetição) comuns nas filosofias, doutrinas, práticas e religiões orientais, como o budismo, o hinduísmo, a teosofia, o yoga e até adotado também pelo espiritismo posteriormente. Utilizo esta ideia em todo o meu universo, inclusive nesta tese-criação. A intenção não é estabelecer significações, mas abrir-me por meio de minhas obras à contatos com subjetividades de maneira imprevisível, ou seja, ao expor minhas ideias e intencionalidades, provocar quem frui este universo em relação a suas próprias interpretações, impressões e considerações causadas.

Filosoficamente falando, o *Karma*[221] seria análogo à ideia de força e movimento de “ação e reação”, equivalente e de sentido contrário. Segundo algumas perspectivas orientais, geralmente a lei cármica é imodificável e se relaciona com ações que são causas e consequências de outras ações, não necessariamente ocorridas desta dimensão de tempo e espaço que vivemos e percebemos. Então, segundo essa visão, não há nada aleatório nos acontecimentos e tudo estaria interconectado em um entrelaçamento de ligações de causa e efeito que

[221] Segundo o Dicionário Priberam, “Karma” é um “termo extraído das doutrinas bramânicas, com o qual se procura interpretar a lei de ação e reação no domínio bioquímico.” (in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2023, Disponível em: https://dicionario.priberam.org/karma. Acesso em 06/09/2023).

transcendem diferentes níveis de existência, assim como na ideia de “efeito borboleta” e na “teoria do caos”[222].



Figura 254 - "p(sick)HumanCron is Godzilla! ($obre as ondas, entre $urtos e $orrisos)". Série: Pós-MekHanTrop(IA). Promptismo e Redes Neurais/IA. Fredé CF. 2023.

Enxergo a arte por esta perspectiva mágicka de que todas nossas ações, artísticas ou não, desencadeiam consequências caóticas imprevisíveis. Assim, o fato de lançar uma obra, uma ideia poética nas redes, por mais que meu ciclo seja limitado por não se adequar mercadologicamente ao sistema, possui consequências que não posso prever, podendo atingir pessoas de diversos tipos e de inúmeras maneiras, servindo-nos assim para percebermos o quanto somos limitados sobre aspectos que nos circundam a existência.

[222] Ver: https://www.bbc.com/portuguese/geral-59617541 Acesso em: 06/09/2023.

(Parte 2)

Ao explorar essa terra esquecida
Novamente
Adentrar suas profundezas
Caminhar sobre as ruínas
Sentir a sombra quente
Sem vida
Seus chips alertaram uma ocorrência
Concorrência
Clones criaram aparências
Enquanto negavam as consequências
Efeitos colaterais
O universo é louco demais
Seres pré-históricos artificiais
Iniciavam o povoamento
Não obstante
Onde era sociedade
Adiante
Alteridade
Só restava umbral
Sem espaço pro que era natural
Em meio às pedras
Fulminante
Funcional
Debaixo do deserto
Algo destoava do que se parecia normal
Fractal
Formas de (re)existir sem sentir
Mundo surreal
Na esquina antes conhecida por sua habitual movimentação
Surgem seres de outra dimensão
Espaçotemporal
Meio homem
Meio máquina
Fluxos luminosos sobre as carcaças
Encara como espelho
Identificação
Silêncio
Silêncio no coração
O duplo rasga a compreensão
Pra obter acesso ao que restou
Criou-se uma nova razão
Diferente do que existiu
Idêntico ao que pariu
O inferno do igual em sua mais potente proporção.

["Pós-MekHanTrop(IA): $ilence($hit)". Fredé CF. 08/09/2023].

Como nossas células, por exemplo, que quando nascemos temos uma grande produção e uma pequena dissolução. À medida que envelhecemos ou adoecemos, essa produção diminui e a dissolução aumenta, o que nos aproxima cada vez mais da morte. Isso acontece de maneira concomitante, em diferentes níveis dimensionais de compreensão: ao mesmo tempo que vivemos também morremos e, ao sermos enterrados, serviremos à outras formas de vida do

planeta. No momento que nascemos damos o primeiro passo em direção à morte, portanto a morte já se anuncia e, com isso, já existe enquanto parte do ciclo. Tentamos muitas vezes adiá-la mesmo não sabendo quando ela virá ao certo, mas certamente ela virá, mais cedo ou mais tarde, e já existe enquanto perspectiva de maneira posta, para além da compreensão cronológica ordinária.

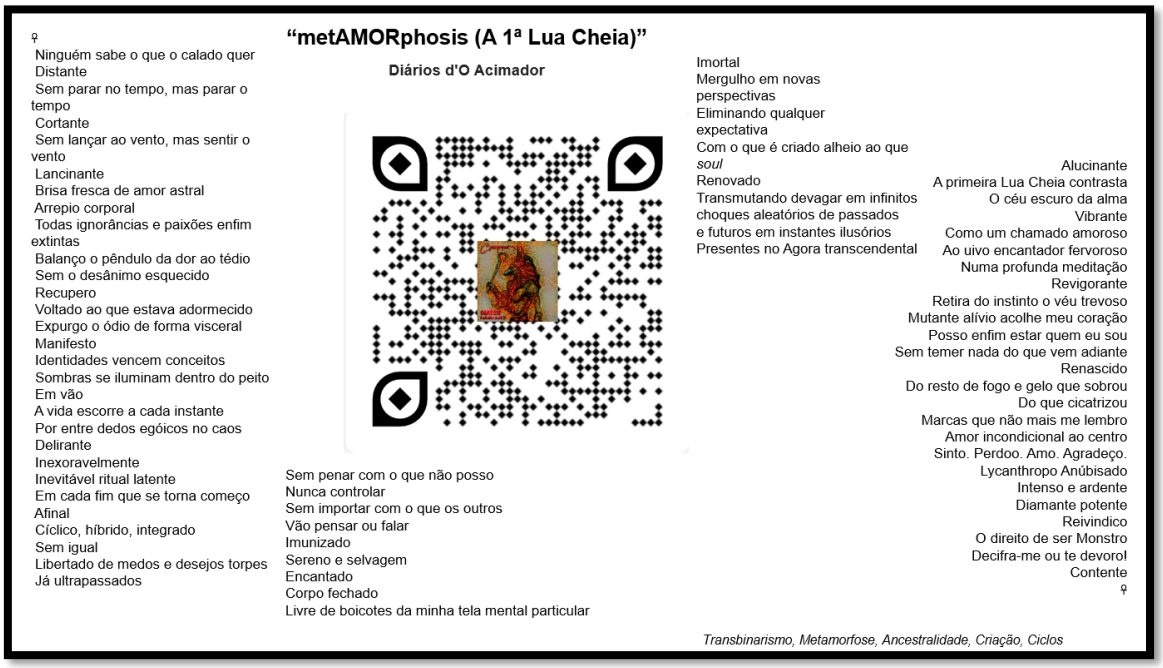


Figura 255 – "metAMORphosis (A 1ª Lua Cheia). Agorismos transmidiáticos (Diários d'O Acimador). Fredé CF, 2022.

As decisões que tomamos sobre nossas vidas, segundo algumas dessas visões citadas, são repetições daquilo que já foi feito em outras dimensões ainda não acessadas e recebe, geralmente, o nome de *karma*. Independente destas perspectivas e teorias, utilizo tais ideias de maneira poética artística, não com intencionalidade científica. Elas me servem para refletir sobre meus processos criativos e a importância da imprevisibilidade sobre eles.

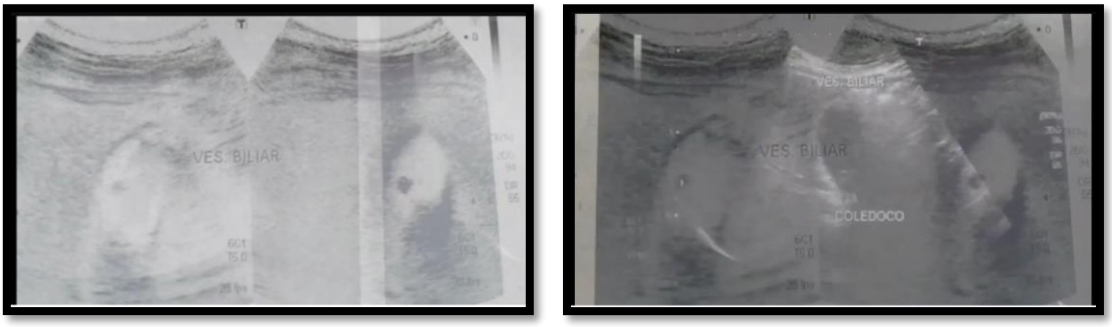


Figura 256 - Frames do curta-metragem "Carta a Valdez" (2020/21), de Fredé CF.

Assim, imaginem só: no fim de 2019, descobri um pequeno pólipo na vesícula (tratado poeticamente como visualidade no curta “Carta a Valdez”, no qual há uma cena da imagem do meu exame que indica o pólipo, como uma representação da dor visceral do personagem em meio ao sistema totalitário e vigiado que ele vive), ou seja, células incomuns, fora dos padrões do organismo, nasceram como consequência de gordura (colesterol) presente em meu sangue e interferem na organização daquele espaço que ocupa, ou seja, causa algo. Caso esse acontecimento fosse diferente, mais grave, por exemplo, talvez eu não estaria por aqui escrevendo este relato e criando essas obras e, por outro lado, se não houvesse esse pólipo, o curta-metragem “Carta a Valdez” caminharia para outras formas de representação, outras ideias ou, talvez, nem sequer existisse.

Um ano depois, ao fazer um novo exame no final de 2020, descubro que não é mais apenas um pólipo, mas agora dois. Seguindo essa ideia, imagine só: essas células saíram do meu próprio corpo e, de certa forma, já existiam ali e se transformaram gerando uma nova configuração devido (ou seja, como consequência) de algo que a modificou, que a causou (o colesterol, que foi também causado por hábitos anteriores, estilo de vida e hereditariedade, como em meu caso), entre outros aspectos que me compõem como um grande sistema de possibilidades imprevisíveis, incontroláveis em sua totalidade e complexas, transcendendo tempos e espaços.

Continuando o raciocínio, imaginem que estas células sejam (como nós achamos que somos ordinariamente) racionais, conscientes, detentores de algum controle. Façamos agora um exercício imaginativo de comparação da realidade em que essas células estão alocadas com o nosso universo pessoal. Para elas, o pólipo em questão poderia ser o planeta em que vivemos e a vesícula talvez seria a galáxia. Os canais que ligam a vesícula ao estômago ou ao fígado, por exemplo, seriam, possivelmente, buracos de minhoca que transcendem e conectam tempos e espaços (em suas percepções). Ou seja, outros órgãos seriam outras galáxias situadas em diferentes dimensões, para além da realidade ordinária conhecida. Imagine só o que seria, para essas células, o cérebro nessa relação.

(Parte 3)

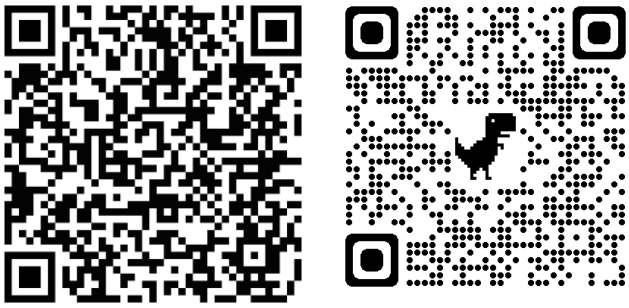
O tempo parece não passar
Neste espaço esquecido
Deserto de destruição
Não há como sorrir
Hoje não
De longe voltaram
Pra essa Terra arrasada
Por eles mesmos antes de partir
Não se adaptaram
Por não terem conseguido reexistir
Em condições tão adversas
Sem artistas ou poetas
Se sufocaram na dureza funcional
Túneis de silêncio
Joias caras
Pedras raras
Chefs de renome internacional
Criaram o inferno do igual
Sobrevive quem melhor se adapta
Não foi esse o caso
Enquanto suam, ignoram
As serpentes robóticas em seus caminhos
Vazio onírico que restou
Um mau agouro alerta os sentidos
Sexto ou sétimo
Talvez oitavo
Passageiros de novas percepções
Seus chips ainda podem funcionar
Inserções atômicas
Ligadas aos drones que ainda conseguem voar
Extensões cerebrais
Implantados antes do embarque
Para fluir a impermanência
Exploram o ambiente
A necrotecnologia que ajudaram a criar
O sistema que ajudaram erguer
Robôs psicóticos
MekHanTrópicos
Que outrora os mantiveram vivos
Criados para matar
Desde que a nuvem tóxica se formou
Nada mais sobreviveu
Bilionários com sede de poder
Agora provam do próprio veneno
Ao se render a essa nova condição
Mas ainda com acesso
Conseguem adentrar aos prédios
Feudos fortificados
Hipervigiados
Armazenamento de dados
Sobre tudo que existiu
As credenciais biométricas ainda acessam os portais
A IA mantém tudo em ordem
Visando o progresso
Acima de tudo
Acima de todos
O relógio marca 9h
E então, um completo desespero
Se veem refletidos neles mesmos
Reduzidos como humanos
Frente a frente com seus clones insanos
Psicorobóticos
Binários
Regidos pelo ódio implantado
Surgem para aniquilar
Produzidos pela mesma IA que ajudaram a bancar
Visando o lucro
Foram criados para liberar o acesso ao sistema
Pelo próprio sistema
Imagem semelhança dos que os criaram
Se multiplicam ao redor
E a grana sem fim que antes possuíam
E os poderes que antes lhes valiam
Já não podem mais salvar
Tentam correr
Lutar
Gritar
Suplicar
Sem sucesso
Calabouço da morte
Não adianta rezar
As máquinas vieram pra ficar
Comando: Exterminar!

["Pós-MekHanTrop(IA): holly ($hit)!". Fredé CF. 09/09/2023].

Talvez poderíamos dizer que estaria próximo da ideia de “Deus”, ou algo parecido? Para elas, o universo seria meu corpo todo, meu organismo, infinito em suas micro percepções de tempo e espaço e em constante expansão (uma vez que desde o nascimento estou crescendo), e retração, uma vez que sou finito e morro diariamente, me dissolvendo em pó tanto para mim comigo mesmo (enquanto forma de consciência), quanto em relação ao mundo que me cerca e ao tempo que me conduz, na dissolução constante e cada vez maior das minhas células em comparação à criação de novas.

> Como se sabe, Eckhart distingue entre Deus [*Gott*] e divindade [*Goettheit*]. A divindade é, por assim dizer, mas antiga que Deus, mais antiga do que o seu ‘trabalho *efetuante*’ e do que sua criação [*Schöpfung*] como ‘*cria*-ação’ [*Machen-schaft*]. Deus ‘efetua’. Em contrapartida, a divindade não tem ‘nada para efetuar, nela não há nenhuma obra’. A divindade, portanto, está situada aquém da *efeti*-vidade [*Wirk-lichkeit*]. Demanda-se repetidamente tomar a Deus como ele é *em si mesmo*, isto é, em sua divindade. Todo predicado, toda propriedade é um ‘traje’ que oculta o ser-em-si-mesmo de Deus. ‘(...) Por isso separe de Deus tudo que o veste e tome-o puramente no vestiário [*kleithûs*], onde ele, descoberto e despido, é em si mesmo’. Ele tem até mesmo de ser des-personalizado. (...) Deus é nada: ele está ‘além de tudo que se pode expressar’. Toda imagem ‘te impede de [chegar a um] Deus *inteiro*. Onde, porém, a imagem parte, lá está Deus. Toda *representação* de Deus seria uma *imaginação*, que deve ser negada em nome da ‘simples, pura substância’. A paisagem da alma deve ser desmatada de toda imagem. (...) É preciso, por assim dizer, matar o Deus *imaginado*, a fim de que Deus seja em si mesmo: ‘Por isso peço a Deus que me livre de Deus; pois meu ser essencial está acima de Deus, na medida em que Deus é tomado como origem das criaturas (HAN, 2020, p. 38-40).

Nesta linha de pensamento e tecendo um paralelo com o universo de MekHanTropia, eu (como o criador) seria uma espécie de “divindade” presente em todos os personagens, ambientes, tramas etc. que ali criei, enquanto o personagem d’O Acimador, por exemplo, seria o “Deus” personalizado deste universo. Assim, me surgem algumas questões existenciais para além deste universo. Retomando a comparação com as células do meu corpo, o que seriam, para essas células, os outros corpos que me circundam, como minha mãe, meu pai, meus conhecidos e desconhecidos ou você, que está a distâncias incógnitas, lendo esse texto? O que seriam, para elas, os corpos de outras espécies? O que seriam os outros elementos da natureza, os outros animais, minerais, vegetais, planetas que compõem o nosso sistema solar, a nossa via láctea, o nosso universo de maneira inimaginável?



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Penso que essas relações seriam também inimagináveis para elas. Sem cabimento para se provar. Só imaginar, também com dificuldades de materialização. E é assim que eu nos imagino diante da imensidão desconhecida da existência, tanto em relação ao macrocosmo quanto em relação ao micro que nos forma. Somos poeiras cósmicas, ignorantes, impermanentes, mutáveis constantemente, e, consequentemente, "irrotuláveis". Paradoxalmente, estamos reduzidos à completa insignificância e, ao mesmo tempo, importantes de alguma forma como seres únicos no universo (mas, provavelmente, não sozinhos). Estamos vivos e atuando em diversas dimensões de tempo e espaço pelas imaginações que nos configuram como seres distintos do que somos de fato (até por nós mesmos) em diferentes tempos e espaços, e isso tem a capacidade de provocar mudanças constantes sobre os acessos às realidades que nos tocam, ou seja, causa e efeito, ação e reação, karma.

À luz das ideias do artista, pensador e ativista social Eduardo Marinho (2023)[223], tais relações existenciais são muitas vezes provocadas, instituídas, direcionadas socioculturalmente àquilo que pode privilegiar determinados grupos detentores de poder, implementadores de narrativas seculares impregnadas na opinião pública acerca da submissão de pessoas à miséria e subserviência sob o conceito de "mercado de trabalho".

[223] Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cw7k8hrLdFX/ Acesso em: 08/09/2023.

(Parte 4)

Salutar
Ainda insistia
Sem querer acreditar na destruição
que ocorreu
Esperava por saídas
Poéticas, estéticas
Antes potente, agora agoniza
Com o que restou da consciência
híbrida
Uma versão atualizada pela IA
Condição
Tenta lamber suas feridas
Não escolhe mais o que sente
Desde a aniquilação
O peito escarra
A vista turva, apresenta falhas
Exala raiva
Sobra dúvidas
Não entende muito bem o que se
passou
A inquietude abraça a alma
Aperta, não larga
Saídas
Entradas
Imputadas
Entranhas reviradas
Nada mais sobrava ao redor
A não ser as baratas
Sobreviventes da extinção
Orvalho remanescente nas calçadas
Índices da chuva ácida torrencial
Se misturavam com o sangue exposto
do que antes costumava chamar de
coração
Espalhado em pedaços
Mesclado aos restos de outros órgãos
Soltos pelo chão
O que não se vai
O silêncio derreteu
Aquela imagem aterrorizante
Não para de assombrar sua mente
Seus chips cerebrais insistem em ativar
Memória constante
Perdido
Derrotado
Cancelado por si mesmo
A correnteza se encarrega de levar
suas partes biológicas para o bueiro
Para além do riso
No choro contido
Tudo despencou no calor do abismo
Raro encontro astral
Em meio ao temporal

Ao ver seu corpo diluído
Já esquecido
Procurava a tripulação
Sem êxito ou razão
Deviam também estar presos na
escuridão
Suas presas mordiam o vazio
Suor frio
Desejos contidos
Dormência nas mãos
Delírios
Desgaste natural dos sisos
Caninos rompidos
O sangue inundava seus sentidos
Ciclos repetidos armazenados pelos
resquícios
Carbono e silício
A alma sombria voltava a vagar

Sem lar
Perdido nos fluxos sem estar
No presente
Devaneios torpes invadiram sua mente
Ausente
Inseguro
Passado sentido
Futuro esquecido
Preso no mal-estar
Cristais quebrados antes de lapidar
Na beleza de deitar
Assumindo sua derrota
Não conseguia mais lutar
Pensou, por um instante
Ao ver suas vísceras expostas, num
rompante:
"Tudo começa aonde termina
Tudo acaba quando o verão chegar"
Mas nunca chegou
Inverno infinito posto
Estatelado sob o sol e a lua sépia
Sem conseguir mais uivar
À deriva
Sem a vida para poder cantar.

["Pós-MekHanTrop(IA): Crystal($hit)".
Fredé CF. 10/09/2023].

A destruição de direitos é constante e visa o lucro e a manutenção de privilégios de poucos. A cooptação de mentes, pela necro e psicopolítica, extingue o pensamento crítico e, consequentemente, as permissões de acesso à uma enorme parcela da população mundial instituindo o medo do fracasso, padronizando subjetividades e incentivando o ódio a partir de ideias torpes de hipercompetitividade, hipercomparação, hiperconsumo e destruição associada ao “desenvolvimento”. Tais ideias inibem o autoconhecimento essencial de cada indivíduo e ofusca potencialidades pela pressão posta pela ideia de “vencer na vida” associada à adequação ao sistema institucionalizado, que se coloca como uma “divindade” determinando o que é e o que não é em função do capital.

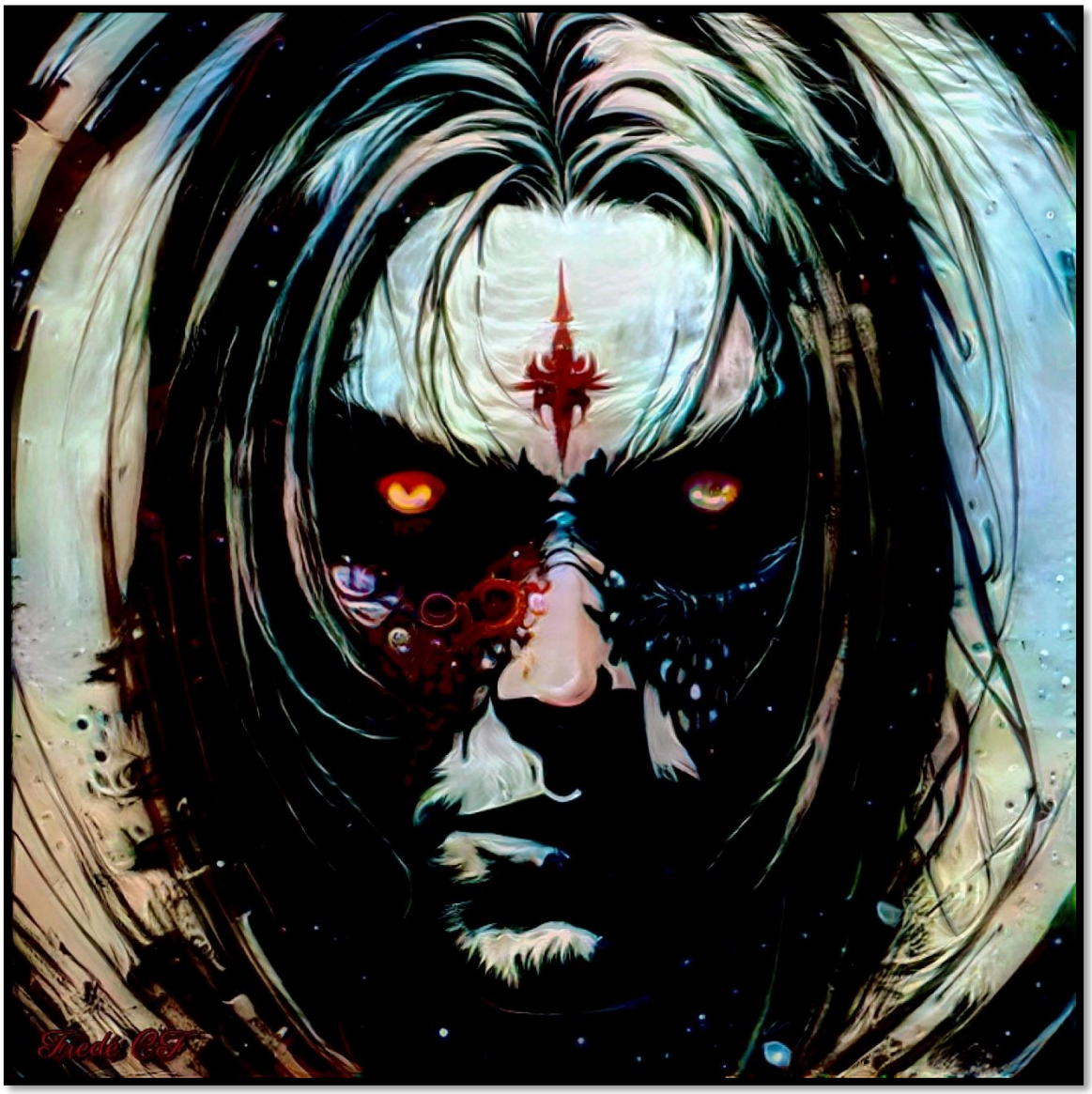


Figura 257 – “Valdez (Elonion)”. Série: Pós-MekHanTrop(IA). Promptismo, fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2023.

Enquanto isso, repetimos o mesmo ciclo que chamamos de vida há tempos e espaços imemoriais. Ancorados e andando em círculos pela existência, enriquecendo cada vez mais quem já tanto tem. Repetimos, enquanto seres biológicos, as mesmas coisas que sempre fizemos (nascer, viver, morrer), com ínfimas diferenças relativas aos contextos dispersos e macrocósmicos de tempo e espaço. Transitamos, por estes ciclos, determinados a cumprir tarefas impostas sob o véu da "felicidade" de ser um "vencedor", mesmo sabendo que o que nos espera a todos é a morte. Adentramos por vários "nadas" nos quais residem tudo que conhecemos e acreditamos. Totens de significação, de sentido. As relações que nos movem, as ideias que nos transformam, os sons, cheiros, gostos, sensações, imagens que nos absorvem, criam e constituem. A cada instante novos *Big Bangs* acontecem internamente em cada um dando origem a novos universos. O mesmo ocorre, como não poderia deixar de ser, com meu universo ficcional transmídia, tanto com o interator, que o frui, quanto comigo e com os personagens que criei. Por mais que as conexões sejam feitas aleatoriamente por diferentes sujeitos a cada contato subjetivo, ao dar o *play* em uma música ou vídeo ela parte, andando em círculos, em uma nova execução diante do antecedente "nada", o que possibilita e absorve o "tudo" de novas maneiras, ou seja, alterando-se nos contextos transdimensionais estipulados planejadamente ou não. E assim fruímos todos, sem distinção, pelas imensuráveis possibilidades de conexão e significação pela arte e pela vida.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Memórias residuais permanecem nesse processo e são o que movem, enquanto representação psíquica dos personagens em imagens, textos e sons, o universo

de MekHanTropia. Retomando as ideias acerca do corpo humano, imagine só que, antes até desse pólipo aparecer em minha vesícula, eu já tive, por exemplo, amigdalite, sinusite, já operei de uma hérnia, já sofri com gripes virais, alergias, entre outros eventos, internos e externos que marcaram minha vida. Além disso, tive emoções de vários tipos, vividas, guardadas, negadas, somatizadas, ressentidas, que podem também ter contribuído com o surgimento desse pólipo ou não. Tive, tenho e terei contato constante com inúmeros micro e macro organismos como bactérias, vírus, pessoas e sistemas. Tais contatos respingam nessas células com hipotéticas “consciências” nesta relação absurda que viemos tecendo até aqui de comparação, além do fator genético que traz resíduos no DNA de outros seres em outras eras ancestrais, muitas ainda desconhecidas por completo. Somos feitos de poeira cósmica. O ferro de nossos sangues, o cálcio de nossos ossos, elementos comuns em diversos elementos da natureza e do universo como um todo.



Figura 258 - "Aila (Elonion)”. Série: Pós-MekHanTrop(IA). Promptismo e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2023.

Tais ideias tem a ver com o conceito de “memética”[224], uma teoria que sustenta a possibilidade de que as ideias tenham vida própria e se reproduzam como material genético. Para que elas possam sobreviver, devem, de certa maneira, infectar outros cérebros. No caso do meu universo, acessando um cliché da ficção científica, esse DNA possui origem alienígena e permite, através da tecnologia, que seja feita uma dominação telepata da psique humana pelo sistema. Após os eventos de MekHanTropia, em um mundo dominado pelo silício destruidor da vida no habitat terrestre, alguns bilionários (Elonions) partiram em uma nave em busca de outro planeta para criar uma nova civilização. Porém, tal incursão não foi exitosa e tiveram que retornar à Terra devastada, em um futuro pós-mekHanTrópico dominado pelas IAs e clones destes Elonions que permitem o acesso biométrico aos controles e programações do sistema. Nesse retorno, trouxeram ainda um DNA alienígena, chamado de DNAlien (em alusão à uma música homônima da minha banda “Cão Breu”) que começa a habitar e transfigurar eles mesmos (representado pelas texturas pós-humanas feitas com IAs nas imagens desta série). Estas configurações que chamo de “Pós-MekHanTrop(IA)”, são abordadas na série de foto-poesias mekHanTrópicas com o mesmo título; nos contos “Vinte e Seis, Valdez” e “Tecelões Oníricos do Absurdo”; e no álbum “Depois do Futuro” e “Eu hoje chorei minha morte” (que narram a transição para este cenário inspirado conceitualmente pela série de jogos de videogame “Horizon”[225], de onde extraí ideias narrativas de vislumbre para esta nova condição, como essa ideia de retorno dos personagens que chamo de “Elonions”, por exemplo.

Além da ideia de “memética”, penso também como referência conceitual sobre um novo estudo feito por cientistas russos[226] que traz a hipótese de o DNA possuir, em seus 90% de estrutura desconhecida pela ciência, “poderes transcendentais” de intuição, clarividência, telepatia, mediunidade, autocura e contatos interdimensionais, que reportam a previsões feitas já por autores como Aldous Huxley, Edgar Franco, Marshall McLuhan, George Orwell, Jean

224Saiba mais em: https://super.abril.com.br/ciencia/o-dna-das-ideias/ Acesso em: 08/12/2021
225 Saiba mais em: https://www.playstation.com/pt-br/horizon/ Acesso em: 08/09/2023.
226Saiba mais em: https://diariodocomercio.com.br/opiniao/sera-o-dna-um-biocomputador Acesso em: 08/12/2021.

Baudrillard, P. K. Dick, entre outros. O estudo investiga a possibilidade de o DNA atuar como uma espécie de “buraco de minhoca”, ou seja, como um receptor e transmissor de informações além do tempo-espaço, que contactaria e absorveria energias externas ao corpo, em um processo de comunicação aberto a dimensões completamente diferentes da corporal materializada.

(Parte 5)
Conexão
A vela acesa insiste em queimar
Na escuridão áspera daquela noite esquecida
A se esquecer
Uma sensação o absorve
Natureza incerta
Certezas discretas
Escolhe tentar suportar
Entender
Dúvidas ameaçam incomodar
Distantes demais pra chegar

Enxergar
Seus olhos não percebem o luar
Um fogo intenso se alastra
Sono fugidio
Desvarios
O que escapa?
O que deixa escapar?
Estático
Estoico
Lento
Presente
Sem mais pena
Sem mais guerra
Sem mais Terra
Abstrato
Na neutralidade anticósmica do afeto
Ainda tenta meditar
Respirar

Sem corpo, com alma
Sem flora, sem fauna
Morte e vida em lamentos digitais
O breu cega seus tormentos animais
Chega a noite
Calafrios
Arrisca vomitar
Um espírito zombeteiro pelo deserto
Sem notar criaturas psicorobóticas
mekHanTrópicas a lhe fitar
Sem se importar

Ao horizonte
Onde nunca conseguiu chegar
Avista um ser sem luz
Não parecia fluxo nem máquina
Surgia por detrás das carcaças
Nas ruínas ainda conservadas
Misturando-se com a escuridão
Pêlos negros, esguios
Patas plantadas no chão
Infinito
Na brasa mora o seu olhar
Insistindo em se perpetuar
sobre aquela alma errante
Marcada, sem rancor
Sem praguejar
Brinda os sentidos
Signos
Por todo lugar
Transfigura memórias
Traça caminhos
Trava suas próprias batalhas
Internas fornalhas
Caótico fruir sem razão

Autoperdão
Em meio àquela sensação
Solitário
Como se estivesse ainda preso na multidão
Sem conseguir se mover, via tudo
Mudo
Transdimensional
Onírico
Vegetal
Retornava ao fluxo natural da vida
Poeira cósmica
Transcendental
Ancestral
Ignorado outrora pela IA
Fora do domínio virtual
Visões de uma busca pessoal
Encontros em sonhos dispersos
Desfragmentação digital

Antes seco
Sem amor, sem vida
Enfraquecidas poesias
Sem se aprofundar
Se vê agora impermanente
Molhado
Perecível
Consegue enfim brincar
“O outro também sou eu”, pensou
Infamiliar
Comendo as pérolas dos porcos
Lançando lágrimas no mar
Despertou-se transmutado
Humano em demasiado
Canídeo anti-mekHanTrópico
Sereno e selvagem
Conectado ao Cosmos
Fora das redes
Sublime despertar.

[“Pós-MekHanTrop(IA): um novo despertar”. Foto-poesias MekHanTrópicas. Fredé CF. 11/09/2023].

Assim, em meu universo, cada escolha narrativa, poética, estética que faço ressoa em outras, independentemente de ser ou não da mesma linguagem ou origem, como ecos de memórias e poderes residuais das criações feitas que alteram as significações de todos os universos conectados ao meu de alguma maneira. As próprias estruturas narrativas oníricas típicas das diversas narrativas presentes em MekHanTropia remetem à fragmentação do universo ficcional como um todo, distribuído por diversas mídias e linguagens, sendo que, do micro ao macrocosmo da obra, tudo é uma coisa só integrada que integra e desintegra-se também pelos inúmeros contatos com outros universos.



Figura 259 - "O Acimador (Elonion)". Série: Pós-MekHanTrop(IA). Promptismo, fotografia digital e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2023.

Então, mesmo as obras já finalizadas estão em constante mudança nessa relação pois, ao serem modificadas as “peças” dessas conexões, alteram-se também as possibilidades de interação, o que ressoa na significação e fruição narrativa. Nada “é”, tudo “está”. Sendo, acontecendo, transformando. E tudo está conectado, como uma grande teia repleta de significações estabelecidas pelos contatos. Também por isso não costumo me ater muito a pré-configurações e planejamentos como processos. Tento deixar escapar esses resíduos inerentes, imprevisíveis, implacáveis, inexoráveis e, sobretudo, inevitáveis (conscientes e inconscientes) e tentar entendê-los como partes de mim, nunca aleatórias e nunca desnecessárias, pois são complexidades típicas deste universo. Alterando as maneiras de lidar com estes resíduos, altera-se, como num “efeito borboleta”, o todo em relação a mim enquanto artista. Ocasionalmente gosto dessa ideia, com intuitos experimentais para testar possibilidades, porém, mesmo nestas ocasiões (como os contos ou os roteiros, por exemplo) anseio deixar fluir naturalmente os pensamentos de maneira minimamente caótica para atingir os resultados como consequências dos processos realizados.

Todavia, retomando as analogias me ocorreu um pensamento: se eu morrer enquanto organismo físico, as células do pólipo também morrem comigo, ou seja, por mais estranhas ao funcionamento do meu corpo, elas fazem parte de mim, uma “sombra” que se mostrou. Quando eu morrer, elas também se transformarão em adubo, alimento a outros seres ou pó, de acordo com o que fizerem com meu cadáver. Mas as outras dimensões, ou seja, as outras criaturas, em diferentes tempos e espaços nesta analogia, não morrerão por conta disso, mas por suas próprias causas e consequências alheias ao meu corpo. Por outro lado, se eu lidar com essa “sombra” e tratar ou extrair a vesícula antes de morrer, provavelmente sofrerei algumas consequências, mas seguirei vivo como um todo, já aquelas células não, pois não mais continuarão em meu corpo que as permite “sobreviver”. Da mesma forma, se a humanidade for extinta, o planeta pode seguir se transmutando e regenerando, sem nós.

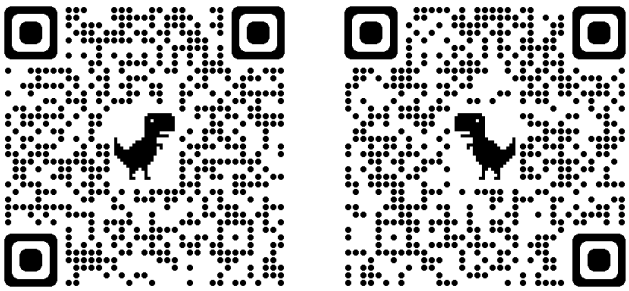


(Epílogo)

O breu sou eu!
Eu sou o breu!
Cão que anda de noite
De pelos negros e olhos em brasa
Marcando almas incautas
Transmutando hipocrisias em chagas
Traçando caminhos
Travando batalhas
Internas
Caóticas
Pós-modernas
Transdimensionais
Oníricas
Vegetais
Virtuais
Validadas em MekHanTropia, Ano zero
Depois do Futuro
Absurdos
Novamente
Renascido
Estou Cão!
Sou Breu!
Soul
Dark
Shadow
Magick Ritual
Werewolf, I was
Human, I am
The Black Dog walks at night (again)
(until) The End.
["Pós-MekHanTrop(IA): Sobre as sobras (entre sombras e saudades)". Fredé CF. 11/09/2023].

Trazendo tais devaneios à minha obra, se eu morrer o meu universo ficcional permanecerá existindo por um certo período (por sinal muito curto em relação à imensidão da existência) através das representações artísticas que fiz em forma de vídeos, jogos, fotos, músicas, desenhos (pelas redes ou não) e pelas memórias de outros seres. Porém, ele se acabará também, mais cedo ou mais tarde, assim como todos os outros universos de outras pessoas e assim como a humanidade toda, mas a Terra, provavelmente, permanecerá (também por certo tempo, talvez maior) e terá novos ciclos de renovação, até que um dia também

se transformará, restando o sistema solar, a galáxia, o universo, e assim sucessivamente, em infinitos multiversos que possam existir e que ainda fogem do que possamos imaginar factualmente, em movimentos de expansão e compressão[227].



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Dessa forma, meu universo ficcional ter milhões de acessos ou nenhum, não faz qualquer diferença, de fato, em sua existência, mas sim em relação às suas causas e consequências geradas em outros universos que podem residualmente ressoá-las infinitamente a outros universos, de maneira consciente ou não, gerando assim expansões incontroláveis. Assim como outras pessoas afetam meus sentimentos, raciocínio e emoções e ressoam questões que afetam aspectos micro ordinários de meu ser, também afeto os outros ao criar movimentos com minhas obras, gerando potencialidades de maneira não mensurável.

A questão é que o sistema atua, a todo momento de maneira anticósmica, a tentar mensurar tais potencialidades, com a intenção de gerar hipercompetitividade entre os indivíduos, separando muitas vezes esses universos e aniquilando, por fim, tais transmutações e conexões. A quantificação desses aspectos, potencializada com as novas tecnologias binárias, geram hiperpadronizações residuais ao eliminarem as nuances de contato subjetivo, determinando como as coisas são ou devem ser, alimentando um círculo vicioso que transforma toda a diversidade de universos em um único e padronizado

[227] Ver: https://canaltech.com.br/espaco/estudo-apoia-a-hipotese-de-que-o-universo-se-encolhera-ate-um-novo-big-bang-170972/ Acesso em: 08/09/2023.

“inferno do igual” (positivo, à luz de Han) mais propenso ao hiperconsumo estipulado.

Experimentar

Sem a intenção de agradar

Ou ser perfeito

Ou bom

O suficiente

Não sou!

Nem é o que almejo enquanto ser

Prefiro ser inteiro

Completa contradição

Nuances de desafinos

Pequenino

Multidões em mim

Me encontrar na dispersão

Fragmentos de um todo mutante

Processos em construção

Sentimentos inconstantes

Inacabada condição

Constância só na impermanência

Tráfegos entre luzes e sombras

Infinitos oníricos

As vezes sim

As vezes não

Mas sempre talvez

Faço como sinto

Sinto muito

Amanhã não sei nem se viverei

Se voltarei a sentir

Tudo em transformação

Enfim, nada

Muito do que não sei fazer

Faço

Tento

Intensos momentos

Mostro meus monstros

Posto o que me falta em mim

Ecoa em meus vazios

Pensamentos que vem e vão

Em vão

Trazem segundos de reflexão

Fugazes

Nem sempre integrados ao que sinto

Minto

Muito do que escrevo não sou eu

Encantos

Encontros

Sorrisos

Prantos

Imperfeito meu brincar

Pertenço

Espero

Desespero

Ainda vivo

No que restou

Estou

Existo

Enquanto isso

Ardo no inferno que sou.

["Inexorável Condição (into the time)". Fredé CF, 2023].

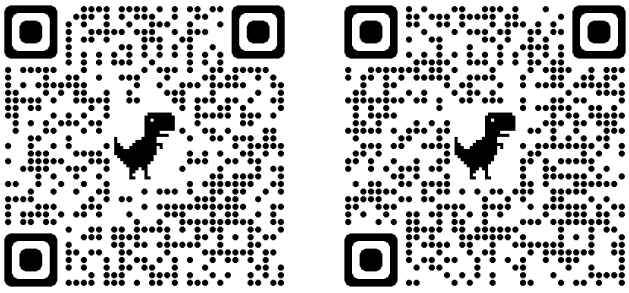
Por tais relações causais e pela impossibilidade de ir além ou escapar completamente desses ciclos impostos socioculturalmente, penso ser importante a atenção às maneiras que são feitas nossas escolhas possíveis, no aqui e no agora, prestando atenção tanto nas relações internas quanto nas externas a nós. Como se relacionar consigo mesmo, com os outros indivíduos, seres e sistemas? Como o que está "de fora" lida com o que está "de dentro"? Como o que está "de dentro" lida com o "de fora"? Como eu recebo isso? Como respondo? Como lidar com o planeta? O que estamos disseminando? É saudável ou contribui com a aceleração da morte daquilo que nos mantém? Existem maneiras de equilibrar essas relações? Há mesmo diferença entre o "de fora" e o "de dentro" ou somos uma coisa só? Ao olharmos para nós mesmos, olhamos ao universo inteiro. Somos juntos, não separados. Todos os contrastes, sombra e luz, macro e micro, bem e mal, orgânico e não-orgânico, vida e morte, o "eu" e o "outro", são partes complementares da mesma coisa, faces da mesma moeda. Cada um de nós é um universo complexo em contato com outros tantos universos complexos, diversos e complementares em algum nível. Não há como padronizar o impadronizável. Ao se tentar agir assim, se adoece e, por bem ou por mal (imbricados entre si), tudo se transforma retornando ao fluxo da existência.



Figura 260 - "O Cão Breu anda de noite (sobre as sobras, entre sombras e saudades)". Desenho digital, Promptismo e Redes Neurais/IA. Fredé CF, 2023.

Por isso, minha poética vai nessa direção, nessa fluição, acompanhando a ideia de integração das sombras, e não da negação. As sombras também fazem parte de nós e, assim como os buracos negros que fazem parte do universo, podem revelar coisas que nem se imagina. O Cão Breu, como entidade fantástica, seria analogamente esse buraco negro que nos fita com os olhos em chamas, devorando o Sol de cada galáxia e forçando-nos invariavelmente a busca pela iluminação que começa a esvaecer, que permanece a morrer e renascer na impermanência natural das coisas. Essa iluminação pode ocorrer naturalmente, de maneira serena, ou dolorosa com o passar do tempo, ao planeta girar e não mais encontrar a luz que o dava vida. Não há como escapar de si mesmo, das próprias sombras, embora grande parte das pessoas tente. Cedo ou tarde

encara-se o Cão Breu cósmico do próprio universo interno de cada um. Cabe decidirmos como será feito esse encontro, como se irá lidar com isso.



Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

Seria possível romper a corrente que nos prende à suposta âncora citada enquanto metáfora? Será possível recolher essa âncora para o barco navegar a novos rumos? A criação pela arte poderia possibilitar isso? Isso seria a ideia de transcender, ou seja, o que a filosofia oriental chamaria de “nirvana” e o espiritismo de “evolução”, de “tornar-se luz”, sem mais a necessidade da reencarnação neste mundo. Os personagens tentam em suas jornadas mekHanTrópicas transcender, em especial o personagem Valdez, mas ele não consegue ver a âncora que o mantém preso ao sistema, o que faz com que viva o “eterno retorno” à sua condição imposta. A cada novo contato narratico, Valdez começa a empurrar sua pedra em direção ao topo do monte para, ao final, começar do início novamente. Aila, Antônio, O Acimador, Ernesto, Carmen, Antônio, entre outros personagens, tentam ajudá-lo, porém, ele só conseguirá transmutar ao adentrar outras dimensões de seu próprio ser e estar, ou seja, ao contactar outras subjetividades, outros universos que nessa teia transmidiática adentrarem. Assim, ao mergulhar no infinito de possibilidades existenciais, Valdez se transmutará em cada ser que o fizer voltar a atuar em sua existência. Valdez, no caso, somos todos nós e ninguém especificamente, representando assim as projeções feitas sobre ele em fendas abertas de possibilidades de interação, existindo apenas como uma simulação de si mesmo em diversas configurações espaço-temporais/dimensionais.

A MekHanTropia, de certa forma, vive em mim, em minha relação com os personagens que ali vivem e nas ações e reações, causas e consequências de

meus atos como criador. Expande-se assim, como citado, a ideia de que eu (enquanto criador desse universo) seja a divindade que rege o todo. Será? Como poderia isso ser possível se não posso estar onipresente nem onisciente sobre os contatos que podem ser estabelecidos? Lançando tal reflexão à minha condição existencial ordinária, se houvesse também um “Deus”, não teria como saber quais as possibilidades de cada universo relacional, ou seja, se há uma divindade, dificilmente seria “onipresente” e “onisciente”.

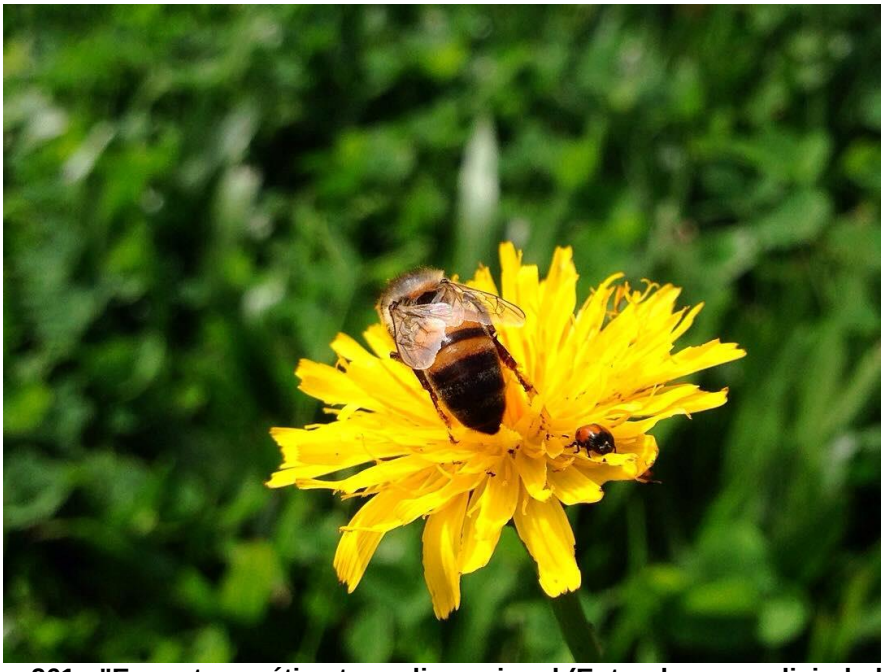


Figura 261 - "Encontro poético transdimensional (Entre deuses e divindades)". Fotografia digital. Fredé CF, 2017.

Assim, me aproximo mais da teoria do caos, das experimentações sem vínculo intencional externo, mas interno, tentando distensionar movimentos naturais meus. A natureza é o meu “deus” e o “tempo” e o “acaso” as divindades. Neste universo imprevisível, as relações se darão de maneira casual e estabelecerão suas significações a partir do que se mantém como residual entre os imaginários, percepções e memórias que são lincadas, minhas e de quem o frui. Essa é, talvez, a grande projeção “transcendental” da obra e da arte como um todo: o contato inconsciente de universos, o acesso ao “Nirvana transmutacional”, o diálogo entre inconscientes por meio de materializações da psique. Neste caso, me aproximo da ideia personificada pelo personagem “O Acimador”, um “desembaixador” que causa distúrbios para conectar e interferir nas articulações de diferentes dimensões representadas pelas estruturas transmidiáticas do universo de MekHanTropia.

Caro(a) leitor(a)/fruidor(a), saudações!

Talvez esse seja nosso derradeiro contato neste simulacro que você se propôs adentrar. Mergulhar. Te agradeço a companhia até aqui. O nível abissal de toda essa loucura. Uma busca por transfigurar o mundo regido pelo hipercapital. Para além da MekHanTropia. Arte visceral. Essência artificial.

Não estou aqui para competir com ninguém. Não quero ser melhor que você ou qualquer outro alguém. Não quero estar certo nem impor verdade alguma. Não quero viver destruindo tudo de maneira inconsequente. Quero apenas saber que sou único. Apesar de ser nada perante o tudo. Ser melhor do que já fui. Em movimento. Fluir os momentos fugídios. Viver ao mesmo tempo que me corrijo. Também me exaltar. Gritar. Pirar. Gozar do que me é permitido vivenciar. Trocando o pneu com o carro em movimento. Alegrias e tormentos moldaram quem eu sou. Quem estou. O que toco. O que filmo. Desenho. Fotografo. Experimento. Me desfaço em fragmentos para encontrar meus tempos e espaços perdidos. Esquecidos. MekHanTropomorfizados. Diferente do que era. Diferente do que serei. Estou. Um dia de cada vez. Só isso que sei. E tento assim desfragmentar para ser um. Todo. Cósmico. Complexo. Assim como todos são. Impermanência. A essência da reexistência. E quero que saibam quem são. Estão. Únicos. Não melhores ou piores que ninguém. Alguém. Tráfegos pelas nuances maniqueístas dos extremos. Não bons ou maus. Não presos a isso ou aquilo. Mas sempre indefinidos. Desabsolutizados. Despadronizados. Sempre em movimento constante em meio ao que não se pode mensurar. Qualitativo. Não quantitativo. Apesar do sistema sempre induzir a não pensar assim.

A forma que encontrei de atingir essa utopia anti-mekHanTrópica é pela arte. Arte visceral. Sincera. Minha. Complexa. Pessoal. Sem intenção de agradar ou desagradar. Apenas estar. Representar o que sinto. O que sou. O que estou. Potencialidades. Fraquezas. Destrezas. Tristezas. Neutralidades. Sem certezas. Sem muitas tretas. Apesar das que me parecem inevitáveis. Refletir. Ponderar. Integrar o que não se pode evitar. Dialogar. Olhar para o que me foge a imagem semelhança. Alterar. Divertir. Divergir. Transmutar. Autoconhecimento em estado essencial. Brutal. Animal. Lapidar. Mas nunca imune às falhas. Um antídoto poderoso contra o binarismo anticósmico é a criação. Integração. Ressignificação. Acesso a outras dimensões de mim. Se colocar em outros papéis. Outras situações. Contra toda a destruição que o sistema insiste em instaurar e normatizar. Uma ode à subjetividade e suas nuances transbinárias. Se conhecer para melhor escolher. Duvidar. Pensar. Transformar.

"Só se vive na tempestade"!

Um grande e afetuoso abraço!

(Carta d'O Acimador para você. MekHanTropia, ano zero).



Figura 262 - "Pós-MekHanTrop(IA): um novo despertar. Fredé CF, 2023.

Lance os dados e some todos os números tirados.
Se for par, acesse o código da esquerda. Se for ímpar, acesse o código da direita.

...THE BLACK DOG WALKS AT NIGHT...

...ALWAYS...

REFERÊNCIAS

ASCOTT, Roy. Existe amor no abraço telemático? in **Arte, Ciência e Tecnologia – Passado, Presente e Desafios**, Diana Domingues (Org.), São Paulo: Editora Unesp, 2009, pp.305-318.

ASCOTT, Roy. Quando a Onça se Deita com a Ovelha: a Arte com Mídias Úmidas e a Cultura Pós-biológica, in: **Arte e Vida no Século XXI – Tecnologia, Ciência e Criatividade**, Diana Domingues (org.), São Paulo: Editora Unesp, 2003, p.273-284.

AYERBE, Luis Fernando. **O ocidente e o resto: a América Latina e o Caribe na cultura do império.** 1ª ed. Buenos Aires: Clacso, 2003.

BAIESTORF, Petter; SOUZA, Cesar. **Manifesto Canibal.** Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 2013.

BARKLEY, Russel A. **Vencendo o TDAH adulto: transtorno de déficit de atenção/hiperatividade.** 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio d'água, 1991.

BAUDRILLARD, Jean. **Tela total: mito-ironias do virtual e da imagem.** Organização e tradução de Juremir Machado da Silva. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Zouk, 2012.

BERARDI, Franco. **Depois do Futuro**. Trad. de Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019. p. 174-176.

BERARDO, Rosa. **Olhares, Representações e Identidades**. Memorial (Formação artístico-acadêmica e Carreira Docente na UFG) apresentado à Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás em 26/03/2021. Goiânia: UFG, 2021.

BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo.** São Paulo: Martins, 2009.

BRAGANÇA, Klaus'Berg Nippes. **Realidade Perturbada: corpos, espíritos, família e vigilância no cinema de horror.** 1ª edição. Curitiba: Appris, 2018.

BRAIDOTTI, Rosi. **Posthuman Knowledge.** Medford, MA: Polity, 2019.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros.** 2ª ed. Rio de Janeiro, J. Olympio; Brasília, INL, 1976.

CORSO, Mário. **Monstruário: inventário de entidades imaginárias e mitos brasileiros.** (2a. ed.). Tomo, 2004.

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono.** Trad. Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

CROWLEY, Aleister. **O livro da lei: LIBER AL VEL LEGIS.** Tradução de Marina Della Valle e Fernando Pessoa. Prefácio de M. B. São Paulo: Editora Campos, 2017.

DI FELICE, Massimo**. Estéticas pós-humanistas e formas atópicas do habitar, in Pós-humanismo – as relações entre o humano e a técnica na época das redes.** Massimo Di Felici e Mario Pireddu (Orgs.), São Paulo: Difusão Editora, 2010, pp.61-97.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que Emoção! Que emoção?** Trad. Cecília Ciscato.1ª edição. São Paulo: Editora 34, 2016.

DOMINGUES, Diana (org.). **A arte no século XXI: a humanização das tecnologias.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

ECO, Umberto (org.). **A História da Feiúra.** 4ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2015.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação.** Org. Rafael Cardoso. Trad. Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões.** Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas (1926-1984).** Coleção Tópicos; Tradução Salma Tannus Muchail. — 8ª ed. — São Paulo: Martins Fontes, 1999. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7669117/mod_resource/content/1/FOUCAULT%2C%20Michel.%20%E2%80%9CLas%20meninas%E2%80%9D%2C%20in%20As%20palavras%20e%20as%20coisas%20%281%29.pdf> Acesso em: 20/07/2023.

FRANCO, Edgar. **Oráculos.** Graphic Book. São Paulo: Editora Criativo, 2017.

FRANCO, Edgar. Um Breve Panorama do Momento Tecnológico e Artístico Atual. In **BioCyberDrama Saga**, Edgar Franco & Mozart Couto, Goiânia: Editora UFG, 2013, pp.11-47.

FRANCO, Edgar. "Entrevista: Diana Rodrigues", **in Desenredos: Poéticas Visuais e Processos de Criação**, Edgar Franco (org.), Goiânia: UFG/FAV FUNAPE, 2010, pp. 121-157

FRANCO, Edgar. O Binarismo Anticósmico: por uma poética artística transmídia crítica ao extremismo contemporâneo. In: **Existências - Anais do 31º Encontro Nacional da ANPAP**. Recife, 2022.

FREUD, Sigmund. **O Infamiliar e outros escritos (seguido de O homem de areia / E. T. A. Hoffmann).** 1ª edição; 2ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FRIES, Jan. **Mágicka Visual: Um manual de xamanismo freestyle.** Tradução de Vinícius Ferreira. São Paulo: Penumbra, 2018.

FROTA, Wagner. **Xamanismo nos Andes: Cosmologia, Mitos e Ritos.** 1ª edição. São Paulo: Editora Alfabeto, 2017.

GRAU, Oliver. **Arte Virtual – da ilusão à imersão.** São Paulo: Editora Unesp: Editora Senac São Paulo, 2007.

GUERIN, Frances. **A Culture of Light: cinema and technology in 1920s Germany.** Minnesota: University of Minnesota Press, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **The work of representation. In: Representation: Cultural representations and signifying practices**. Walton Hall: The Open University, 2010.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Petrópolis: Vozes, 2017a.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017b.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017c.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder.** Trad. Maurício Liesen. 1ª ed. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Hiperculturalidade: cultura e globalização.** Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019a.

HAN, Byung-Chul. **Bom entretenimento: uma desconstrução da paixão ocidental.** Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019b.

HAN, Byung-Chul. **Filosofia do Zen Budismo.** Trad. Lucas Machado. 1ª reimpressão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos em busca de um outro tempo.** Trad. Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021a.

HAN, Byung-Chul. **No-cosas: Quiebras del mundo de hoy.** Madrid: Taurus, 2021b.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**. Trad. Gabriel S. Philipson. Petrópolis: Vozes, 2021c.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Trad. Gabriel S. Philipson. Petrópolis: Vozes, 2022a.

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje.** Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022b.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens – Uma breve história da humanidade.** Tradução de Janaína Marco Antonio. 26ª edição. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo.** Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1993. Ser e tempo. Petrópolis: Vozes, 2006.

HUGO, Victor. **Do grotesco e do sublime**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

IZQUIERDO, Iván. **A arte de esquecer: cérebro e memória.** 2. ed. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2010.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Aleph, 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura da Conexão.** São Paulo: Aleph, 2014.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. O problema do mal no nosso tempo. In: **Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana**. ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah. São Paulo: Cultrix, 2005.

JUNG, Carl Gustav. **Sobre sentimentos e a sombra: sessões de perguntas de Winterthur.** Trad. Lorena Richter. 2ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2015.

JUNG, Carl G. **Letters.** Vol. 1: 1906-1950, p. 33. Routledge, 2015b.

KAYSER, Wolfgang. **O grotesco – Configuração na pintura e na literatura.** São Paulo: Perspectiva, 2009.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões.** São Paulo: Boitempo, 2015.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia.** Bauru: EDUSC. 2001.

KING, Edward; PAGE, Joanna. **Posthumanism and the Graphic Novel in Latin America.** London: UCL Press, 2017.

KRISTEVA, J. Approaching Abjection, **Powers of Horror.** pp: 1-31. Columbia University Press, 1982.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista.** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.

LOVELOCK, James. **Gaia: alerta final.** Trad. Vera de Paula Assis, Jesus de Paula Assis. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

LYNCH, David. **Em águas profundas: criatividade e meditação.** Trad. Márcia Frasão. 2ª ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2015.

MACHADO, A. Hipermídia: o Labirinto como metáfora. In: DOMINGUES, D. **A arte no século XXI: a humanização das tecnologias.** São Paulo: UNESP, 2003. p. 144-154.

MARTINS, R. Por que e como falamos da cultura visual? In: **Visualidades**, [S. l.], v. 4, n. 1 e 2, 2012. DOI: 10.5216/vis.v4i1ei2.17999. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/17999> Acesso em: 29 jun. 2021

MCLUHAN, Marshall. A Arte como Sobrevivência na Era Eletrônica. In: **McLuhan por McLuhan: Entrevistas e conferências inéditas do profeta da globalização**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 243-264.

MIRZOEFF, Nicholas. Cómo Verse a sí mismo (cap.1). In: _____. **Cómo ver el mundo: Una nueva introducción a la cultura visual.** Barcelona: Paidós, 2016, pp. 36-68. Download: <https://bit.ly/3dOsbfc > Acesso em: 19/09/2023.

MURRAY, Janet H. **Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. Tradução de ElissaKhouryDaher, Marcelo Fernandez Cuzziol. São Paulo: Itaú Cultural: Editora UNESP, 2003.

NIEDERMAIER, Alejandra. **Posibilidades de la imagen em tiempos de oscuridad.** Cuaderno 79. Centro de Estudios em Diseño y Comunicación, 2020, pp 151-171. Download:<https://fido.palermo.edu/servicios_dyc/publicacionesdc/cuadernos/detalle_articulo.php?id_libro=718&id_articulo=15203 > Acesso em: 19/09/2023.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falava Zaratustra – um livro para todos e para ninguém.** Trad. Ciro Mioranza. Coleção Grandes obras do pensamento universal. 2ª edição. São Paulo: Editora Escala, 2009.

NUNES, Fábio Oliveira. **Ctrl+Art+Del – Distúrbios em Arte e Tecnologia**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

NUNES, Fábio Oliveira. **Mentira de Artista: arte (e tecnologia) que nos engana para repensarmos o mundo**. São Paulo: Cosmogonias Elétricas, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível.** São Paulo: Editora 34, 2009a.

RANCIÈRE, Jacques. **O inconsciente estético**. Tradução de Mônica Costa Netto. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 2009b.

RAPHAEL, M. G. **From myth to intention: the history of black dog as a label for depression.** Online. Disponível em: <http://www.blackdoginstitute.org.au/media/eventscal/index.cfm> Acesso em 18/09/2019.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho.** 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, S. & MOTA-ROLIM, S. A. Bases biológicas da atividade onírica. In Luciano R. Pinto Junior (org.), In: **Sono e Seus Transtornos: do Diagnóstico ao Tratamento.** (pp. 201-227). Atheneu, 2012.

RODRIGUES, Sonia. **Como escrever séries: Roteiro a partir dos maiores sucessos da TV.** Independentlypublished, 2018.

SAER, Juan José. **O conceito de ficção.** Revista FronteiraZ, São Paulo, n. 8, julho de 2012. Disponível em: <https://www.pucsp.br/revistafronteiraz/download/pdf/TraducaoSaer-versaofinal.pdf> Acesso em 18/08/2023.

SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro.** Tradução Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e Artes do Pós-Humano: Da Cultura das Mídias à Cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lucia; MASSAROLLO, João; NESTERIUK, Sergio (orgs). **Desafios da Transmídia: processos e poéticas.** 1ª ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANTAELLA, Lucia. **A inteligência artificial é inteligente?** São Paulo: Edições 70, 2023.

SANTOS, Laymert Garcia dos Santos. Sobre o Futuro do Humano. In: **Nada**, nº. 11, Maio de 2008, Lisboa: Direção Geral do Livro e das Bibliotecas do Ministério da Cultura, 2008, pp. 134 -149.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Aforismos para a Sabedoria de Vida**. Tradução, prefácio e notas de Jair Barbosa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SELIGMAN-SILVA, Márcio. **O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução**. São Paulo: Editora 34, 2018.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. R. (Org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac &Naify, 2004.

SOUTO, Léo Pimentel. **O zineiro que se expandiu a zineasta e transgrediu-se como meta-artista transmídia da incerteza.** 2021. 596 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

TOURINHO, Irene. Imagens, pesquisa e educação: questões éticas, estéticas e metodológicas. In: Martins, Raimundo; Tourinho, Irene (Org.). **Culturas das Imagens – desafios para a arte e para a educação.** Santa Maria (RS): Ed. UFSM, 2012.

ANEXO I

ARGUMENTOS PRODUZIDOS PELA *CONFRARIA ANTI-MEKHANTRÓPICA* PARA O DESENVOLVIMENTO DE ROTEIROS DOS EPISÓDIOS DA SÉRIE "MEKHANTROPIA".

Já não busco mais o amor
Nem sequer felicidade
Não se encontra em qualquer esquina
Independe da vontade
Deve ser parte do percurso
O discurso da serenidade
Resfriado, tossindo
Em meio à tempestade

Que parece nunca passar
A selvageria do tédio assola
Tento regar meu jardim
Pra que venham asas pra minha flora

E assim vou vivendo
Um dia por vez
Alimentando vícios
Frente ao infinito
Uma sombra andando ao sol
Queimada
Sem ninguém até o final
Neste quarto esperei
Como pedras no jardim
Pela sua decisão
Por muito tempo chorei
Sozinho
Sem ninguém
Cansei

Sem você a me esperar

Tentei por vezes conversar
Por entre sonhos te busquei sem parar
Mas provo do amargo sabor
De nunca mais te encontrar
Desde que vi você embarcar

Por entre as ruas caminhei
Em muitos carros procurei
Por um instante te ver passar
Desde que me deixou
Nunca ao certo me explicou
Tudo que havia ficado pra trás
No ar

E assim vou vivendo
Um dia por vez
Alimentando vícios
Frente ao infinito
Uma sombra andando ao sol
Queimada
Sem ninguém até o final
Neste quarto esperei
Como pedras no jardim
Pela sua decisão
Por muito tempo chorei
Sozinho
Sem ninguém
Cansei

Buscando a paz
Em cada respiração
E só
Comigo
Até o final
Livre de qualquer paixão
Repleto de amor
Invernos imersos

Outono em mim
Enfim
Verão a primavera
Por entre as pedras no jardim.
["Pedras no jardim (Sobre os Fins)". Fredé CF. 19/09/2023].

Sobre a condução do processo

Os nove argumentos aqui presentes, numerados sem intenção cronológica ou sequencial, foram criados de maneira livre pelas autoras e autores ao entrarem em contato com o meu álbum musical "MekHanTropia" e as ideias contidas no universo ficcional que proponho entre julho de 2020 e março de 2021. Essas pessoas aqui reunidas em uma "Confraria Anti-MekHanTrópica", trouxeram-me excepcionais perspectivas sobre como uma obra musical e visual (no caso o álbum, a capa do álbum e alguns videoclipes que já haviam sido lançados até então) pode se expandir ao tocar novas subjetividades, novas cosmogonias. Por fim, escrevi um roteiro para o episódio piloto que pode ser acessado no Anexo II, ao fim deste documento.

Trocando ideias com essas pessoas por mensagens de texto, áudio do WhatsApp ou por videoconferência (devido a pandemia), pedi que pensassem e me enviassem narrativas sobre aquilo que lhes remetia as ideias ali contidas e representadas no álbum. Pedi que fizessem esse exercício de maneira mais experimental possível, dando asas à imaginação sem muita orientação ou regra colocada por mim, ou seja, que falassem de maneira livre sobre o que quisessem e como quisessem, mas ambientando suas criações nesse universo que proponho.

Cada pessoa, com suas próprias ideias, formas, diálogos, relações e métodos de se expressar, me enviou os textos narrativos que apresento a seguir. Alguns em formato de premissa, de argumento, outros de contos, outros de sinopse e alguns até já com uma formatação mais aprofundada e indicações específicas sobre as personagens, cenários, diálogos, trama, movimentos de câmera, estilos, mídias etc.

Eu não quis intervir no conteúdo dos textos originais e os considero, com muita honra, como argumentos (além do piloto escrito por mim) para possíveis episódios de uma série audiovisual em formato de antologia que poderá

futuramente integrar esse meu universo ficcional transmidiático criado nessa tese-criação. Eu quis manter também certas explicações, dadas por algumas dessas pessoas, sobre suas criações como forma de explicitação e visualização dos processos criativos delas em contato com os meus.

Acredito que esse exercício ajudou (a mim e a essas incríveis pessoas), de alguma forma, a amenizar o contexto pandêmico que passamos. A arte tem esse poder colaborativo, experimental, criativo, reflexivo, de mergulho, acalanto e transmutação de ideias e emoções nesses tempos de trevas. É emocionante ver a transformação das ideias e conceitos, por meio da arte, atingindo configurações inimaginadas, gerando vida e compondo com diversidade essa rede universal que proponho. Delicie-se com essas conexões e escreva você também uma narrativa sobre esse universo, ou utilize as narrativas já existentes para fruir e expandir junto com a gente.

Argumentos Anti-MekHanTrópicos (Obs.: todos os textos abaixo foram escritos pelos autores de cada ideia e tentei não intervir em suas apresentações):

1) "Sonhos pra Dançar", por Denise Aparecida Carvalho (HISTÓRIA INSPIRADA PELA MÚSICA "A SOMBRA" – FAIXA 6 DO ÁLBUM *MEKHANTROPIA*, DE FREDÉ CF):

Informações extraídas de conversas entre Denise e Fredé:

- O trabalho como todo é uma ação anti- mekhantrópica = a busca pelo que nos une, nos eleva, amplia nossa consciência e nos individualiza ao mesmo tempo em que nos acolhe pelo pertencimento a um Todo.
- No universo MekHanTrópico as pessoas não mais dormem e sonhar é um ato de resistência. Valdez, o personagem central, sonha.
- "Ouça a música, observe e reflita sobre as imagens mentais, conceitos, personagens, cenários e histórias que vêm à sua imaginação".
- "Narre a história (se possível na forma de um roteiro) com o que você imaginou e levando em conta suas referências do cinema de horror e ficção científica".
- A música-base que escolhi para meu roteiro é a número 6 do álbum MekHanTropia: "A Sombra"

Sobre este exercício:

- As 4 Personagens que emergiram da música A SOMBRA são: A Cigana, O Peregrino, A Criança e a Velha.
- Arquétipos do feminino se apresentaram na forma de músicas, aromas, e imagens, destacadamente: Pachamama (A Mãe Terra), La Loba (La Que Sabé, a Velha Sábia) e Baba Yaga (a Mulher Selvagem).
- Poemas antigos vieram encaixar-se a cada estrofe para compor a inspiração.

Vamos ao processo:

A SOMBRA (música e letra de Fredé Oak)

I –(Texto inicial)

"O **poder** de um **coração impetuoso** e **solidário** faz até as **pedras flutuarem**, as noites **iluminarem-se**, todas as **doenças** findarem-se, os **venenos** dissiparem-se e as **dores** extinguirem-se" (Ciberpajé)

II – (♫ Sussurro 1)

O que é esta **angústia**?
Que me **fere** o **peito**,
Que me **mata** os **sonhos**
E me **retira** o **freio**.
Que **diabos** é isso?
Que me **tira** o **sono**,
Que me **cega** os **sentidos**
Que me **embrulha** o **estômago.**

III – (♫ Guarânia-Refrão 1ª. vez)

O que mudou no **mundo?**
Como gastamos nosso tempo?
O que mudou em mim **neste momento**?
Perdido sem rumo
Derrotado por **mim mesmo**
Fracasso como **gente** enquanto tento**.**

IV- (♫ Sussurro 2)

E agora, onde vou?
Pro **inferno** me encontrar
No **paraíso** não há

Mais **espaço** para mim.

E aqui, quando estou?

Em **tempos de horror**

Com **dúvidas** se restou

Sonhos para dançar

V- (♫ Sussurro 3)

A sombra assombra

Já nem posso mais **sentir**

Por favor **apague a luz**

Quando for sair daqui.

VI- (♫ Guarânia- Refrão - 2ª. vez)

O que **mudou** no mundo?

Como **gastamos** nosso tempo?

O que **mudou em mim** neste momento?

Perdido sem rumo

Derrotado por mim mesmo

Fracasso como gente enquanto **tento**.

VII – Texto final

"Nas **profundezas** da **floresta interior** resgatei a **bela dor** de **ser animal**. Esse **ancestral sabor usurpado** pela **cultura**". (Ciberpajé)

Obs: a Divisão em 7 partes e os Grifos são meus para orientação.

Como brotou o meu ARGUMENTO: As impressões colhidas da música "A Sombra" começa a transformar-se em: "Sonhos para Dançar"

Estrofe 1:

"O **poder** de um **coração impetuoso** e **solidário** faz até as **pedras flutuarem**, as noites **iluminarem-se**, todas as **doenças** findarem-se, os **venenos** dissiparem-se e as **dores** extinguirem-se" (Ciberpajé)

ESPELHO, ESPELHO MEU...

Antes eu via

O que ali não havia.

A malícia julgada

A mim pertencia.

MAYA (ilusão)

Entre véus
Por vezes
Desvenda-se
A vida
Além da
Lenda.

Impressão I - O TIC-TAC DO RELÓGIO = falando sobre o Tempo
Há uma Velha que sabe ler os sinais e seu ofício é juntar ossos.

O Tempo dela é circular e almeja o Tempo Total, o tempo que não passa.

Aqui, as palavras do ciberpajé mostram que existem baralhos com 4 naipes = [Coração (água): ♥, Impetuoso (fogo): ♠, Solidário (ar): ♣, Pedras (terra): ♦] => no Tarô cada naipe tem 14 cartas => são 56 Arcanos Menores + 22 Arcanos Maiores.
Uma outra Mulher coloca e lê as 78 cartas do Tarô e há um Homem que sabe os jogos de estratégias das 52 cartas de baralho. Ela faz metáforas, ele calcula. A Velha lê a sorte nos sinais da natureza e nos 4 elementos: água, ar, fogo e terra. Vê promessas manifestas de **Poder** sobre a matéria (pedras flutuarem), de **Luz** na noite escura (noites iluminarem-se) e de **Cura** dos males (acabam doenças, venenos e dores).Mas nota também que o Poder é interno, vem de dentro das coisas (iluminarem-SE, findarem-SE, dissiparem-SE, extinguirem-SE) todos os verbos, todas as ações, são de dentro para fora.

Referências:

- Filmes Alice no País das Maravilhas e Alice Através do Espelho – Tim Bourton
- La loba – Livro: Mulheres que Correm com os Lobos – introdução e cap. 1
- Pachamama – cultura pré-colombiana no deserto do Atacama

Estrofe 2:

O que é esta **angústia**?
Que me **fere** o **peito**,
Que me **mata** os **sonhos**
E me **retira** o **freio**.
Que **diabos** é isso?
Que me **tira** o **sono**,

Que me **cega** os **sentidos**
Que me **embrulha** o **estômago.**
EMBOLADA
Bola e ciranda,
Bola e gigante,
Bola e pião,
Bolão e bolinha...
E vai-se embora...
Embala e embola
O meu coração.

Impressão II - CANÇÃO DE NINAR
(♫SUSSURRO 1 – uma Cigana acalenta uma Criança)
a Cigana acolhe a criança amedrontada e angustiada e a acalma cantando:

- Acolho seus medos... sinta o embalo de meu colo nesta cadeira de balanço aos pés desta lareira quentinha. Não tema.
- Pode sonhar sim, meu filho, você está protegido. Confie em mim!
- Calma, respira... está tudo certo... nada está errado...
- Você está protegido, nutrido, calmo... não tenha medo.
O embalo dela é uma Prece a Pachamama.

Estrofe 3
O que mudou no **mundo?**
Como gastamos nosso tempo?
O que mudou em mim **neste momento**?
Perdido sem rumo
Derrotado por **mim mesmo**
Fracasso como **gente** enquanto tento**.**
FOLIÃ
Baila
Leve
Colombina
Ser serpente

Serpentina.
Fantasia
Em festa pagã
Tece magia
Na vida artesã.
SEREIA
Chamada
A ser
Serei - a...
Água,
Céu,
Areia…

Impressão III - A DANÇA DA CIGANA para a Velha

(♫ REFRÃO 1 – Guarânia)

Diálogo da Cigana com a Velha que fala sobre Perda, Derrota, Fracasso = “são só coisas do Ego, deixe isso pra lá”...

A Cigana tb fala: “Gastar” o tempo é idéia da 3ª. dimensão. Viver o momento, o instante em que o tempo que não passa é a experiência da 5ª dimensão e é para lá que iremos.

As Grandes Questões da Cigana são: O Mundo, O Tempo, Viver cada Momento, Qual é o Sentido da Existência, o Self, Elevar-se, Ampliar a consciência.

Ela acredita na Transição Planetária e escolheu ter fé na promessa da Nova Terra.

A Cigana dança sozinha com a música e convida a Criança e Velha: “Entrem no fluxo, divirtam-se! A vida é abundante, observem. Não se pré-ocupem.”

Pureza, Humildade, Simplicidade: são os Valores que ela cultiva e que considera serem as chaves para a passagem transdimensional.

Estrofe 4
E agora, onde vou?
Pro **inferno** me encontrar
No **paraíso** não há
Mais **espaço** para mim.

E aqui, quando estou?
Em **tempos de horror**
Com **dúvidas** se restou
Sonhos para dançar
SOFIA
Queria Sofia,
Que ria e vivia.
Era só Poesia.
Sofia só ria.
Sofia sorria.
Sofia só via.
Só, ela via.
Sofia, assovia!
Hoje Sofia
Só fia.
Só, ela fia.
Viva, Sofia!

Impressão IV - PRECE DO PEREGRINO pedindo por "SONHOS PARA SONHAR"

(♫SUSSURRO 2 – da Velha)

Ao pé da fogueira o Peregrino fala de suas crenças à Velha:

- O Paraíso foi Perdido porque o Inferno é necessário, todos precisam passar por lá se quiserem se elevar. É a prova de fogo da Humanidade.
- O Sobre o Espaço-Tempo (ele fala em "agora-onde", "aqui-quando"). E ensina que passado e futuro são ilusórios. O que passou são apenas memórias e o que virá são só imaginações. O real só acontece no presente, no aqui e agora. O segredo é aprender a lidar com as memórias e as imaginações não permitindo que elas nos guiem. Fala sobre uma arte que chama de "Atenção Plena", a máxima concentração para alcançar o máximo poder.
- Fala que Os Tempos do Horror estão próximos e é uma ERA permeada pelo Medo e pelo Caos e ensina História de seu Mundo.

- Ele também tem Dúvidas que não podem ser respondidas porque são do Oceano dos Mistérios e não fazem parte da Ilha do Conhecimento, para elas não existem respostas racionais. A Morte é um desses Mistérios.

Diz que o Conflito Básico que move o universo é entre o **Caos** e a **Ordem**, são estes os opostos complementares e essenciais. O Sol é a Grande Consciência, a solução de todos os conflitos.

O Peregrino é racional, mas quando se trata do Oceano dos Mistérios ele apenas reza (à Lua e a Pachamama?) e pede por **"Sonhos para Dançar"**: "Sonhos" é uma consciência que pode ser preservada depois da morte física e "Dançar" é a capacidade de fluir nesta consciência, é conseguir nadar no Oceano dos Mistérios sem dissolver-se nele. Ele pede que o Feminino Sagrado lhe ensine esta dança eterna de perfeita harmonia, capaz de dar sentido à vida e de nos preencher com a Alegria do Pertencimento. Conseguir alcançar os "Sonhos para Dançar" é o maior feito possível à Humanidade.

Estrofe 5

A sombra assombra
Já nem posso mais **sentir**
Por favor **apague a luz**
Quando for sair daqui.
ARIADNE
Mãos
Que tecem
Textura
Fios de luz
Seda
Pura
XAMÃ
Mata, Grito
Ativa, Rito,
Mata, Pito,
Vive o Mito.
Forte Fito:
Bate o tambor,

Bate o tambor!
No passo
Do compasso
Silêncio!
Shhhh....
Chama a loba
Uiva a dor.
LUA
É de caramelo,
De cera ou de mel,
Essa pedra cremosa
Que ondula dourada
E brilha no Céu?

Impressão V - ENSAIOS DA DANÇA
(o casal tece o filtro dos sonhos para a criança)

(♫ SUSSURROS 3 - da Criança)
A Criança é o ser medial, a que pede respostas e facilita o diálogo do casal. Através de suas questões a Cigana e o Peregrino vão acertando suas idéias, projetos, seus passos e ritmos.

- A Criança diz: "a Sombra assombra"
 o Peregrino responde: luz e sombra se completam, é uma relação de contraste necessária para que, através de uma, possamos perceber a outra...
 a Cigana responde: não se assombre com a Sombra, trate-a sem medo e com compaixão, ela é parte sua, é sua professora e só precisa ser acolhida para que perca sua fúria.

- A Criança diz: "já nem posso mais sentir"
 A Cigana responde: Seus olhos não enxergam? Primeiro olhe os lírios do campo e note sua simples beleza... entre em contato com seus sentimentos diante das coisas mais simples, perceba o que a beleza provoca em você... isso é sentir.

 O Peregrino responde: Ponha sua mão perto deste fogo. Não é quente? Se vc tem ao menos um dos 5 sentidos, vc é capaz de sentir sim... agora cuide para que as sensações que vc capta através de seu corpo não se calcifiquem em emoções que bloqueiam o Amor. Cuide principalmente da dor, do medo, da raiva e dos pensamentos rígidos. Vigiai e orai.

- A Criança diz: "por favor, apague a Luz quando for sair daqui"

 o Peregrino responde: Sim, claro, a escuridão é necessária para que possamos ver as estrelas...

 a Cigana responde: Sim, meu bem, é no silêncio absoluto das estrelas que realmente moramos, não há o que temer.

Referências:

- E agora, José? (poema do Drummond)

- O Incêndio do reino do Chapeleiro Maluco de Alice Através do Espelho.

- O mito persa de Inanna e Ereshkigal: abraço à Sombra

-Carl Gustav Jung e o Arquétipo da Sombra.

Estrofe 6

O que **mudou** no mundo?

Como **gastamos** nosso tempo?

O que **mudou em mim** neste momento?

Perdido sem rumo

Derrotado por mim mesmo

Fracasso como gente enquanto **tento**.

SOPRO

Risada de cores,

Bolha de sabão,

Sopro ao vento.

Movimento,

Intuição.

Impressão VI - A DANÇA TRÍPLICE:

A CIGANA e O PEREGRINO QUESTIONAM A VELHA

(♫ REFRÃO 2 - Guarânia)

Diálogo do Peregrino e da Cigana com a Velha e as Grandes Questões são colocadas a ela: Desejo de Mudar o Mundo, Saber em que "gastar" o tempo, o que Mudar em si mesmos, Sentirem-se Perdidos, Derrotados, Fracassados, Tentarem superar seus limites.

O Peregrino diz: Me diga qual é o "ideal humano" e como alcançá-lo? Quais as pontes, qual o mapa? Amor, o que é o Amor? Isso existe?

Sobre o Ideal, a Cigana a desafia: responda ONDE você quer chegar e qual é o PLANO? Iremos para um lugar onde se pode sonhar, dançar e nos sentirmos livres? Precisa de outro lugar para isso? Aqui não dá? Por que não?

Sobre Perda, Derrota, Fracasso, o Peregrino pergunta: Preciso de uma estratégia para vencer o inimigo? Na essência existe perda, derrota, fracasso? Quem vence quem, o que e onde? Se me desapegar desse jogo de ganha-perde ele acabará e toda a angústia desaparecerá? O que vem no lugar desse jogo?

Sobre O Que FAZER a Cigana pergunta: Onde nós erramos? O que precisamos fazer um pouco melhor agora? Como conseguir força e ânimo para prosseguir?

Estrofe 7

"Nas **profundezas** da **floresta interior** resgatei a **bela dor** de **ser animal**. Esse **ancestral sabor usurpado** pela **cultura**". (Ciberpajé)

HOW, YAGA!
Que tipo de bicho é esse,
Que tem olho pra dentro,
Coração pra fora,
Buraco no estômago,
Cabeça de abóbora?
De dia deita raízes.
À noite se enrola
Serpente.
Que tipo de bicho é esse,
Que rouba
O olhar da gente?
Bicho feito por bruxa,
Feitiço, vodu, simpatia.
E nada se há que fazer,

A não ser tecer poesia.

Impressão VII - A DANÇA DA SÍNTESE – A OBRA PRIMA DA VELHA

Sobre as Profundezas, Jung observa que para alcançar as alturas é preciso descer às profundezas do Inconsciente.

A Floresta Interior é o lugar no Inconsciente onde acessamos o Self, o Ser em nós que vive no Tempo Total, o filho do Pai-Mãe que nos habita.

O Animal é a Natureza e suas LEIS que operam em nós como indivíduos e como espécie. Sendo HUMANOS não podemos fugir a estas leis. O DNA de nossa espécie tem as informações que definem nosso sistema operacional como indivíduos e uns com os outros. Somos Únicos e também Somos Todos Um.

A Dor Animal é Bela porque é real e é parte das rupturas necessárias ao Todo, diferente da dor imaginária, egóica, artificialmente produzida pela mente e pela cultura...

Cultura é componente Humano, somos Seres gregários que criam cultura e também nos submetemos às leis culturais e sociais que brotam de nossa criação. Leis Naturais X Leis Culturais = Quando a cultura usurpa o sabor da natureza? (Quando gera sofrimento). Que fazer? Destruir a cultura, viver fora dela? (La Loba ensina a juntar os ossos e a cantar sobre eles até que voltem à vida. Ela mostra quando é a hora de voltar à vida selvagem, aprender sua linguagem e voltar para a casa primordial).

Referências:

- Vidas de Maria Botina, Caçarola e as 2 pretas velhas da Chica Machado = arquétipo da Baba Yaga, da Mulher Selvagem, La Loba.

- A teoria do Comunismo, as séries Startrek, The 100 e 3% e a idéia da Transição Planetária de Trigueirinho.

- Filme: Turista Espacial.

- Livro: Mulheres que Correm Com os Lobos: Introdução e Capítulos 1, 2 e 3.

ENTÃO QUAL É A HISTÓRIA?

• • **STORY LINE:** Todos os dias A Velha do Deserto reúne ossos e monta esqueletos ao redor de sua fogueira para realizar sua Grande Obra.

• • **SINOPSE:** Em um futuro pós-apocalíptico em que os recursos para a sobrevivência são escassos, uma Velha, que vive sozinha no Deserto do Atacama, reúne diariamente seu alimento e sua água e coleta recursos e ossos pelo caminho, montando-os em sua caverna ao redor da fogueira. Em seus sonhos ela obtém as instruções para seu trabalho. Ela está prestes a encontrar as peças finais de seu quebra-cabeças e de poder realizar a Grande Obra que prepara durante toda sua vida.

• (Observações: os 12 ESQUELETOS são:

• 5 DE ANIMAIS-ALIMENTOS: Cobra, Lagarto, Rato Orelhudo, Vizcacha, Ema.

• 2 DE ANIMAIS-AMIGOS: Raposa, Lhama.

• 2 DE ANIMAIS-DE-PODER: Puma, Águia Chilena.

• 3 DE SAPIENS: Mulher, Criança e Homem)

• ARGUMENTO:

1º. ATO

APRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM PRINCIPAL E DO CONTEXTO

PARTE I - A VELHA

1- Em um futuro distante pós-apocalíptico os recursos para a sobrevivência humana estão completamente escassos. Obras monumentais da engenharia humana já estão sucateadas e não há mais geração de energia de qualquer natureza ou qualquer tecnologia industrial. Falta água e alimento e o ar é contaminado por radiação.

2- A Velha vive sozinha no deserto do Atacama e perambula em busca da refeição e da água do dia e dos recursos para a sobrevivência do dia. Costuma caçar cobras, lagartos, emas, ratos orelhudos e viscachas para as refeições, além de coletar ovos, raízes, sementes, fibras e água dos cactos. Ela traz, pendurados ao corpo, vários utensílios e vestuário de fabricação própria: faca de osso, capanga de couro, cesta de fibras, roupas de lã e fibras, sapatos e cinto de couros e madeiras.

3- Neste dia ela verifica as armadilhas, segue as pistas e fica feliz ao encontrar um ninho com vários ovos de uma ema que está ali morta e já entrando em decomposição. Coleta tudo e também junta os ossos que encontra pelo caminho.

4- À tarde reúne tudo o que conseguiu catar e fabrica coisas em sua caverna: faz farinha das raízes, utensílios ou arte com os ossos avulsos, guarda as carcaças novas para a sopa, tece corda, esteira, e tecidos com fibras e lã enche travesseiro e colchão, fabrica utensílios de barro e enfeites de penas e sementes, confecciona um tambor de pelo de puma, empilha os gravetos da lenha, enterra o cadáver da ema...

5- À tardezinha prepara o fogo e se senta para contemplar o sol poente e, enquanto a comida é assada, lê os sinais do horizonte.

6- Após a refeição senta-se do lado de fora da caverna ao lado da fogueira para separar e arrumar os esqueletos catados como quem monta um quebra-cabeça. Se estão completos, ganham lugar de honra na roda ao redor do fogo. Já tem 8 esqueletos completos montados e alinhados em círculo. Seus 4 grandes tesouros são colocados nos pontos cardeias: OS ANIMAIS-DE-PODER (a águia e o puma, coletados mortos e colocados para se decomporem) e OS ANIMAIS-AMIGOS (a raposa e a lhama, que lhe fizeram companhia por muitos anos e faleceram de mortes naturais). São intercalados por outros 4 esqueletos de animais que lhe servem de ALIMENTO e que são substituídos cada vez que um exemplar maior da espécie é encontrado: cobra, lagarto, ema, rato orelhudo e vizcacha. Quatro dos doze lugares na roda estão vagos à espera de seus ocupantes. Um será ocupado pela ema em decomposição que será desenterrada dali a poucos dia. Os outros três haverão de chegar, ela sabe!

7- Satisfeita pelo trabalho exitoso do dia, a Velha dorme em seu colchão macio de lã recheado de plumas de ema. No sonho ela recebe instruções e premonições vindas de uma era muito, muito antiga. Ela sabe que uma nova mudança em breve vai acontecer!

8- Antes do amanhecer ela acorda e se prepara para novo dia no deserto...

(A Velha, vida-morte-vida e o destino na Estrofe 1)

2º. ATO

DESENVOLVIMENTO DA TRAMA

APRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS ANTAGONISTA(S) E COADJUVANTE(S) E DO(S) CONFLITO(S) QUE MOVE(M) A AÇÃO. POR QUE A VELHA FAZ O QUE FAZ? POR QUE OS OUTROS FAZEM O QUE FAZEM?

QUAL É O ELEMENTO SURPRESA? 1ª. VIRADA (o encontro dos esqueletos humanos), 2ª. VIRADA (os sonhos e diálogos entre eles).

PARTE II - A MULHER E A CRIANÇA DE 500 ANOS

9- No segundo dia da jornada, ela está no deserto perseguindo uma cobra para sua refeição quando acaba entrando em uma caverna que não conhecia.

10- De repente a cobra está mortinha e esticada logo à entrada da caverna, como se estivesse ofertando-se a ela, que só precisa recolhê-la em sua capanga.

11- Já estava para sair quando nota um volume estranho no fundo da caverna e aproxima-se com cuidado. A cena estava intacta: as múmias de uma mulher sentada e encostada na parede com uma criança deitada em seu colo. A mão da mulher pousada sobre a cabeça da criança ainda guardava a imagem perfeita do acalanto de séculos atrás.

12- Fica ali um tempão decorando cada detalhe da cena até reconhecer-se capaz de reproduzi-la com perfeição. Então recolhe as múmias e as guarda cuidadosamente em sua trouxa.

13- À tarde ela prepara a refeição e arruma os recursos obtidos. Faz a fogueira, coloca o couro para secar, prepara o espeto e o fogo pra assar a carne da cobra.

14- Ao final da tarde, enquanto a cobra é assada na fogueira, ela monta a mãe e sua criança, sentados e apoiados a uma grande pedra. Logo mais, no sonho, ela saberá quem são.

15- No terceiro dia, após completar a montagem dos esqueletos, a Velha dorme e se vê na casa da Mulher que lhe conta sua história: é uma Cigana que viveu um pouco antes do Grande Colapso. Ela e sua Criança esperavam pelo marido naquela caverna. Ele nunca mais voltou e elas morreram de inanição...

16- A Cigana lê cartas e mãos, fala da chegada da Nova Era e de seus sonhos de viver em uma Terra renovada.

17- Ela canta, dança, roda, recita poemas, é amável e a noite passa leve.

18- A Velha acorda com sentimentos de Amor e Cuidado.

(Acalanto e dança da Cigana nas Estrofes 2 e 3).

PARTE III - O PEREGRINO DE 1000 ANOS

19- No quarto dia, logo pela manhã, ela persegue um lagarto por entre as pedras e nota uma fenda, que antes não existia, aberta no solo. Lá em baixo há algo parecido com uma ruína inca.

20- A Velha desce para explorar o buraco e, na ruína, encontra o esqueleto completo de um homem ao lado da mandíbula de sementes e de uma pepita de ouro. O lagarto perseguido está morto ao lado, oferecendo-se a ela em sacrifício. Junta tudo em sua trouxa sem entender direito o acontecido naquela cena.
21- O esqueleto humano está completinho e, pelas roupas, parece ser muito antigo, vindo de séculos antes do Grande Colapso. Mas o que aconteceu ali? Enquanto cata tudo, imagina o enredo possível.
22- Ao final da tarde em sua caverna ela prepara o fogo e coloca a múmia do Homem com todo cuidado em seu lugar exato...
23- Satisfeita com seu trabalho, a Velha empilha os gravetos catados no dia para alimentar o fogo, assa e come o lagarto, toma a água do mandacaru e contempla o horizonte até que o sol se ponha. Ao escurecer, deita-se e sonha a noite toda.
24- Estão em um mercado cheio de tapetes e mercadorias e ela nota que ele é um Peregrino-Filósofo-Mercador, que vivia no final do império inca, pouco depois de 1500 d.C. Pelo contato com diversas culturas e conhecimentos em astronomia, ele sabia muito. Fala coisas importantes, é um verdadeiro mestre. Seu raciocínio é límpido e lógico e ele responde muito bem a tudo o que lhe perguntam.
25- Ele fala sobre Espaço e Tempo e da Presença no aqui e agora.
26- Fala também sobre o paraíso e o inferno, o sentido da vida humana e o mistério da morte. Depois discorre sobre a ordem e o caos do universo e sobre a preservação da consciência.
27- Diz que a maior parte de seus conhecimentos é revelada em sonhos e, por fim, ele reza pedindo “Sonhos para Dançar”.
(Aula e prece do Peregrino na Estrofe 4)

PARTE IV - ENCONTROS ATEMPORAIS

28- No quinto dia a Velha sai ao amanhecer para a coleta de alimentos e água e das 12 coisas especiais que serão necessárias ao seu trabalho: ossinhos de um pingüin, uma semente de milho e uma de cacau, ovos frescos de gaivota, batatas e folhas suculentas de cactos + uma pena de águia e outra de ema, uma pepita de ouro, uma rosa do deserto e uma flor de mandacaru, uma asa de morcego. Finalmente está pronta para sua Grande Obra! Junta tudo na capanga e segue para a caverna catando os gravetos para a lenha.

29- Á tarde ela arruma tudo e incensa a caverna com uma madeira especial que tem armazenada. Prepara um cozido com os seis primeiros ingredientes coletados.
30- Ao pôr do sol ela come o cozido até se fartar e senta-se para contemplar o pôr do sol. Vê as coisas todas com o olhar da “Magia que Une Todos os Tempos”. Em seguida ela deita-se e sonha.
31- Está na caverna da Mulher e assiste o casal respondendo questões da Criança sobre o Medo, a Sombra, as Emoções e o Silêncio. Falam longa e gentilmente sobre suas diferentes crenças e anseios e vão aos poucos resolvendo seus estranhamentos e milênios de distância.
32- Depois ela se vê com o casal na ruína do templo inca sem a criança. Os dois colocam questões à Velha, sobre o sentido da existência humana e pelo que vale a pena viver.
33- A noite foi cansativa e a Velha acorda exausta, mas firme e com sentimento de êxito. Sabe o que precisa fazer agora.
(Debates do casal com a Criança e do Casal com a Velha nas Estrofes 5 e 6)

3º. ATO
RESOLUÇÃO DOS CONFLITOS
PARTE V - A DANÇA
34- Ao amanhecer do sexto dia a Velha não vai ao deserto. Passa o dia organizando a fogueira do lado de fora de sua caverna e montando os esqueletos todos ao redor. São 12: O Peregrino, A Cigana, A Criança e mais as carcaças completas dos 9 animais na ordem correta.
35- Antes do por do sol ela acende o fogo dentro da caverna e faz a melhor refeição de sua vida, fica plenamente satisfeita com todas as necessidades saciadas. Em seguida ela coloca seu grande caldeirão de cerâmica sobre a lenha da fogueira externa, introduz nele o caldo que sobrou de sua refeição da noite anterior e, com palavras mágicas, incorpora os outros 6 ingredientes catados. Ela está pronta, purificada e ciente do que fazer. Cada membro do círculo ocupa seu lugar exato. Ela fecha os olhos, respira fundo e, no momento em que o último raio de sol se põe, ela bebe o caldo e entra em profundo silêncio... nenhum ruído ao redor, nenhum movimento, o Tempo para.

36- Já é noite quando ela começa a tocar o tambor e a cantar A Música com cuidado: canta, canta, canta, por um tempo sem fim. E o milagre começa. A cada instante deste canto, um pouco de carne vai se formando sobre os ossos de cada esqueleto: músculos, veias, peles, penas, pelos, entranhas... e ela canta, canta, canta muito...

37- Meio da noite, os corpos dos animais estão completos e ela agora dança... dança, dança, dança... movimentos rítmicos sincronizados à terra, à água, ao fogo e, por fim, no giro ela sopra, sopra, sopra... e os animais crescem... o Vento sopra o Fogo da fogueira, cai uma leve Neblina úmida e a lama da Terra se mistura aos 12 corpos.... que começam a se mover... a se levantar... a se tocar....

38- De madrugada, no clímax da dança, vem a Tempestade. Chega com seu próprio sopro... VUUUUU... e o Grande Vento se manifesta.... VUUUUU... e as nuvens se formam... e TRRRRRAAAAA!!! Um Grande Trovão arrebenta após o relâmpago iluminar todo o céu... A Velha e os 12 seres, em transe, dançam longamente com força da Tempestade.

39- A Velha toca, canta e dança mais e mais alto e os Seres se levantam e dançam com ela... dançam, dançam, dançam...

40- Pouco antes do nascer do primeiro raio do sol entre as montanhas do leste tudo se acalma e eles respiram sob a chuvinha suave, fina e constante... Com gestos leves, eles se movem suavemente envoltos pela garoa da madrugada...

41- Ao primeiro raio de sol que desponta entre as montanhas e os atinge ocorre o Milagre... ZUUUMMMM... os 12 disparam livres rumo a todas as direções e renascem para a vida. Está feito!

42- A Velha fica sozinha sentada à porta de sua caverna e contempla o oeste. Sabe que amanhã deve retomar seu ofício até que a Terra seja repovoada. Mas hoje, por um dia, no sétimo dia, ela pode descansar!

(A Grande Obra da Velha - Estrofe 7)

---

2) “O Messias de Rosemary”, por Gustavo Ponciano

Argumento inspirado na faixa 2, “O Messias de Rosemary” do álbum *MekHanTropia* de Fredé CF.

Tempo e espaço similares aos nossos. Manhã ensolarada. O mundo está em colapso. As ações das personagens principais não são aceleradas, seguem o beat da música.

Pela janela de um edifício espelhado é possível ver as ruas tomadas por pessoas. Algumas carregam bandeiras com um símbolo indefinido, talvez uma runa (a equivalente ao “B” de Bolsonaro), talvez um rato, uma privada ou um grande nariz de palhaço; nenhuma frase é lida na bandeira. Entre o grupo, vê-se que alguns vestem camisetas da seleção brasileira, roupa camuflada, ternos. Um traja uma indumentária viking. Outras pessoas estão encapuzadas. Algumas se atracam, outras ignoram os transeuntes, depredam vitrines e fachadas. Há fogo e fumaça, carros tombados, inclusive viaturas policiais.

Uma boa referência aqui é a manifestação que toma as ruas no filme Cosmópolis (2012), de David Cronenberg.

A janela que dá a visão da rua é de um apartamento de uma “família de bem”. Uma adolescente olha com indiferença para a manifestação com uma mala aberta sobre a cama. Começa a preenchê-la. Os itens reunidos na mala serão índices do caráter dela e dos outros membros da família. Que também fazem o mesmo. A montagem pode ser em paralelo. Na mala da menina, uma patricinha loira: roupas de marca, armas brancas, vários celulares, dinheiro em cédulas diferenciadas, um vidro de clorofórmio, corda e fita adesiva. Um colar de orelhas. Na do irmão mais velho (que parece um cantor de sertanejo
universitário): cocaína, cloroquina, armas de fogo, Dólares e Reais, um livro similar ao do Olavo de Carvalho, com título de insulta o leitor – 1001 armas de fogo para não se sentir um idiota –, uma camisa da seleção brasileira, a bandeira de algum movimento neofascista europeu. Tira um pôster de zoopornografia da parede e o enrola com cuidado. O pai, em um terno azul com um boton cristão na lapela, abre um cofre, tira dinheiro, ouro, títulos, ivermectina e cloroquina. Uma mala já está fechada, mas na pressa, ele a deixa cair. Ela se abre e do interior desabem vibradores de vários tamanhos e formas, enrolados em uma bandeira do Brasil vermelha, azul e branca na qual se lê “Order and Progress”. O pai se agacha, pega um dildo, em formato alien, e o abraça junto à bochecha, com um rosto de ódio profundo. A mãe, uma versão cosmética da filha, junta jóias, Euros, maquiagem, cosméticos, seringas com botox, caixas de remédio, a Bíblia, um Manual para humilhar serviçais e várias agulhas. Sorri com um rosto

petrificado pela toxina botulínica. Antes de fechar a mala, lança por último dentro dela uma imagem ao estilo mórmon, de um profeta em túnica branca e com uma metralhadora palestrando no topo de uma escadaria para pessoas de várias etnias. Animais selvagens também o escutam com atenção. Descem juntos para o estacionamento. Lá, cada um entra em seu carro, todos eles em óculos escuros, e seguem em comboio. Os veículos são versões modernas e de luxo daqueles em The Cars that Ate Paris (1974), de Peter Weir.

A mãe dirige um VW Beetle (cor de rosa Mary Kay) que atualiza o Fusca do filme. O pai guia uma caminhonete com chifres de boi na dianteira, testículos no lugar do engate e um adesivo da bandeira de Goiás no parabrisas. O filho segue em uma Harley Davidson gigantesca e a filha, em uma SUV bigfoot. Atropelam vários manifestantes, fazendo mira naqueles que não carregam as bandeiras. Sacam armas e disparam. O jovem usa uma espada. No desenlace do clipe, vão se colidir contra uma barreira invisível.

O pai, que segue adiante, ficará gravemente ferido, mas não morrerá. Vários dos vibradores da mala penetram sua carne. A família de bem se assusta ao perceber que um grande olho de um rosto andino os observa para além do vidro. Em um travelling, a câmera atravessa a barreira diante da qual a família parou. Então fica claro que estão dentro de uma garrafa transparente, segurada por um mendigo que veste uma meia máscara estilizada de urubu. Outros vários mendigos estão com ele numa espécie de lote abandonado usado como lixão. A família de bem, desesperada, tomba para trás. O rapaz soca o vidro, saca uma arma e, em vão, dispara. O mendigo gira o objeto em sua mão e vemos no rótulo a marca da bebida, “Cachaça é sangue”. Nesse momento, ouvimos o discurso de Ciberpajé na faixa 2 do álbum *MekHanTropia*. Ao final, o mendigo joga a garrafa em um latão em chamas.

---

3) “OM SHANTI”, por Leticia Guelfi

Argumento inspirado na faixa 9, *Om Shanti Blues* (feat. Ciberpajé) do álbum *Mekhantropia*, lançado por Fredé CF em projeto DIY durante a pandemia provocada pelo novo coronavírus (2020). Justificativa: A música foi escolhida voluntariamente por apresentar um ponto de inflexão em relação à primeira parte do álbum. Longe de um niilismo estéril, percebo a obra como propositiva – ao

encarar o desespero e a angústia, sem refutá-las; mas criando algo novo e transmutando as dores do mundo. Embalada pelo som de um instrumento que me remete à Índia, sou levada ao mergulho interno como um ato de resistência anti-mekhantrópica a partir do autoconhecimento.

Argumento: Manchetes, recortes de jornal, capas de revista, anúncios no youtube, falas e sons – em um fluxo caótico e frenético, as imagens se intercalam. O tema que confere unidade ao fragmento é a Necropolítica e o mundo dos mortos-vivos, aqueles que têm a vida descartável. O governo implementando seus dispositivos de morte e regulando a população através do extermínio daqueles que oneram o sistema e que são escolhidos obedecendo a critérios de raça, gênero e poder aquisitivo.

Corte para um cenário onírico, sem demarcação espacial ou temporal. Escuta-se somente a respiração, primeiro em um movimento mais acelerado, pausa, devagar, agora respiração completa. As cores se alternam, podemos sentir do frio ao quente, respectivamente dos tons mais azulados para os amarelados/alaranjados. Somos levados a uma viagem sinestésica pelos 7 chakras principais.

Agora observamos um personagem (Valdez). Ele está de costas. Não olha para a câmera, nem em nossa direção. Em um movimento fluido, a sua imagem vai se transformando, com a mesma leveza de uma aquarela quando se dissolve na água e, ao final, no lugar do personagem, vemos uma Sakura (cerejeira) – representando renascimento/novo ciclo. (som de tigela tibetana)

A energia se canaliza de Valdez para o interior da terra (em um mergulho – *deep dream*/rotoscopia) que retorna em movimento ascendente, conectando Valdez e Universo, cosmos integrado).

Todo o episódio mudo, sem diálogos, apenas com ruídos, música e foley. Feito com animações e live-action e, talvez, a única palavra dita seja “Shanti”.

---

4) “Ao Amanhecer”, por Fernão Carvalho Burgos

Explicação: Essa ideia do amanhecer me lembra “O Mito de Sísifo”, um personagem da mitologia grega condenado eternamente a empurrar uma pedra ao topo de uma montanha para vê-la rolar morro abaixo por uma força irreversível, sendo forçado a repetir o mesmo processo eternamente. É uma

metáfora ao homem que vive sua existência em busca de sua essência, do seu sentido, e encontra um mundo desconexo, ininteligível, guiado por entidades sufocantes como as religiões e ideologias políticas. A solução em não encontrar um sentido não deveria ser o suicídio, mas sim a revolta, a paixão, a Liberdade. O conceito de “Mekhantropia”, como entendi, é uma fusão do digital sem paixão, revolta, liberdade e alma; com o humano. É a morte do sonho, a demonização do cansaço, a necessidade da produtividade com o preceito de que nada é impossível e só depende de você, a relação humana artificial e rasa, a alienação, perda de humanidade.

Minha ideia para esse roteiro é criar uma história que esteja situada no universo conceitual Mekhantrópico proposto pelo Fredé. A intenção é que ela se relacione também com os temas da música “Ao Amanhecer” (faixa 8 do álbum) e com as sensações e reflexões que ela gerou em mim.

A forma que vai dar norte a minha escrita parte da junção entre o que foi proposto por ele, interpretado por mim e transposto para um cenário ficcional que tem como base a minha realidade: O lugar onde moro, meus dilemas pessoais, meus sentimentos. Fazer uma junção entre a formulação teórica e artística dele e uma escrita autoficcional.

Sequência 1:

É o momento que a sombra vem buscar o protagonista. O episódio já vai começar mostrando o desfecho fatalista.

O interfone toca, acima dele a tela de monitoramento do apartamento mostra o entregador. O protagonista atende sem seu rosto aparecer em cena. As mãos pegam a máscara, ele esfrega álcool em gel nas mãos.

O monitor mostra o protagonista entrando no elevador, ele está com o braço direito sobre o esquerdo e com a mão direita apoiada na testa, cobrindo seu rosto.

Ele escaneia seu rosto na tela de reconhecimento facial, pega a comida, sem ter seu rosto mostrado em cena. O entregador pede que o protagonista o avalie quando possível, ele murmura que sim. Antes de voltar para a moto, o entregador se mostra surpreso com a aparência abatida do homem, pergunta se ele está bem, ele murmura que sim.

O plano mostra ele comendo um fast food de costas e a tela de monitoramento, o próximo plano mostra somente a Tela.

A sombra aparece na portaria, ele percebe, para de comer e observa atônito. Vemos seus olhos enquanto assiste o ser passar pela segunda porta, entrar no elevador, subir nove andares e entrar no hall do seu apartamento. A porta do elevador bate, o interfone cai do gancho, a campainha toca. Hesitante e ofegante ele se dirige a porta, encara a maçaneta por alguns momentos, tenta olhar pelo olho mágico mas só vê escuridão e dois pontos vermelhos. Abre a porta com cautela e observa dentro do breu do Hall. Dá um passo a frente, a luz acende e ele dá de cara com a sombra.

Sequência 2

A apresentação do Setor Bueno, o bairro mais demograficamente concentrado da cidade, lar da Classe média e da elite goiana, o bairro oficial do panelaço.

MONTAGEM:

Música a ser definida tocando em BG e nome dos participantes da equipe passando em cena

T63 na hora do rush, a avenida paulista do cerrado, businas, muitos carros, câmeras de vigilância na rua, prédios comerciais espelhados, residenciais com nomes europeus, agências de banco *personalité*, salões de beleza, Mega complex veterinário/pet, feira do Ludovico.

Shitzus com seus donos, moradores correndo no vaca brava, moradores se alongando com bone do coração de rua do Homero, pessoas jogando tênis.

Vista da varanda: Janelas para todos os lados, em um só prédio, várias empregadas trabalhando na cozinha, ponto de ônibus lotado, ponto de concentração de entregadores do Ifood no viaduto da T-63, vendedores de água de côco, frentistas do posto de gasolina, pessoas de máscara no supermercado.

Do vaca brava, a câmera capta o protagonista observando a cidade da sua varanda e vai se aproximando com zoom e mostra o protagonista fumando.

Fade out

Sequência 3

A apresentação da casa, da rotina, da família, do estado mental inicial do personagem, que está experienciando o começo da quarentena e tentando se manter otimista e cultivar hábitos saudáveis durante a quarentena.

Tela preta. Voz off entoa: iiiiiiiiiiiiiii… eeeeeeee…, ôôôôôôôôô…. Esse mantra se repete durante a sequência. Música Ao Amanhecer de Back Ground

Fade in

Beija flor bebe água do bebedouro da varanda.
Mãos do pai cuidam da horta.
A mãe, vestida de xamã, abre as janelas de casa.
Uma panela quente filmada de cima mostra vegetais sendo refogados.
O peito do pai com um colar preto e vermelho em close, enquanto ele cozinha
Um feixe de luz invade a sala formando um arco – íris no sofa
A decoração da casa: O santo crucificado, estátua de Nossa Senhora de Aparecida, estátua de Dom Quixote, os móveis de madeira dividindo espaço com móveis modernos.
Vemos a mãe no sofa e a voz off vira diegética.
Fade out de som e imagem
Fade in
Música suave misturada com sons ambientes
Sequência de Imagens com de câmera na mão, com filtro nostálgico:
Uma criança sentada no pé de uma árvore em um dia ensolarado enfia a mão esquerda na areia, a outra afaga os pelos de um cachorro.
Ela corre na grama alta com o cachorro e um amigo negro, sob a supervisão de uma mulher negra.
Uma mão idosa amarra o barbante em um peão. Olhar atento da criança.
O pião roda no chão de taco, barulhos de cozinha
Fusão
Visão da mesa servida com pães de queijo, pão e bolo e uma senhora de costas cozinhando.
Idosa rezando com a Bíblia e o terço na mão.
Uma jovem mulher na praia, dançando com um pano vermelho e sorrindo para a câmera.
Sonho é interrompido
Cresce sobre cena o som de uma videochamada
Nilson: Então é isso galerinha, isso pode parecer ruim, mas, na verdade, é uma oportunidade, a gente vai se falando, qualquer coisa me chamem, não têm problema. Sem mimimi, vamos pra cima!

---

5) “Além de MekHanTropia”, por Sofia Nadyezda

Um homem passava muito tempo na internet, sempre tentando chamar a atenção de todos. Deixava a internet decidir quase tudo na sua vida. Mas um dia, uma de suas mãos viraram alumínio, como as de um robô antigo. Ele tentou escondê-las, mas a cada dia isso só piorava, surgindo mais partes robóticas. Até que aquilo preencheu seu corpo inteiro, era um robô. Mas ninguém percebia, pois ele continuava agindo do mesmo jeito todos os dias, como se fosse o comando do seu sistema. Quando virou robô percebeu que muitos estavam na mesma situação, que viviam suas vidas robotizados, alguns nem sequer percebiam o que havia percebido. Ele percebeu que algo estava errado então se isolou de toda a internet, muitas vezes seu medo e ansiedade de estar sozinho por não estar conectado com seus amigos falsos, quase desistiu. Até que um dia finalmente seu corpo voltou a ser humano, alguns não o reconheciam, não entendiam o que o homem via tanto no mundo exterior. Mas, o homem aprendeu que nada mudaria na sua vida se ele continuasse olhando para uma tela cheia de propagandas e conteúdos que o diziam que ele só seria feliz daquele jeito. Mas ele só realmente encontrou felicidade quando parou de ser mais um robô, quando ele saiu e decidiu viver coisas simples como ver o sol nascer.

---

6) “2041”, por Roberto Franco

O ano é 2041. protagonista é apresentado caminhando silencioso a noite em um ambiente escuro, árido, sem vida. Um deserto. É o ambiente que antes era um cerrado. Essas informações e as que vem a seguir podem ser apresentadas por narrador em off (ou recurso técnico mais criativo). O cerrado desertificado foi resultado da grande crise de 2038. Explosões nucleares de um conflito mundial (ou outro fator cataclismático) contaminaram grande parte do hemisfério norte do planeta, aniquilaram a camada de ozônio e o superaquecimento do planeta avançou 100 anos em 5. Em população, a humanidade foi reduzida a uma fração do que já havia sido. Os oceanos subiram, as correntes marinhas mudaram. A amazônia, uma pequena parte da floresta que sobreviveu, foi tomada pelas forças internacionais, apesar de ter pouca valia porque foi transformada em um pobre e decadente terreno, uma espécie pouco produtiva de cerrado aberto, de solo arenoso. Do sul ao nordeste, o território brasileiro sucumbiu em rochas e poeira.

Em um rádio amador, uma voz em repete instruções e regras. Uma lista de proibições. E uma gravação contínua que se repete. São as leis. A crise climática dizimou uma grande parcela da população e a que restou se aglomera no entorno de poucas novas grandes cidades litorâneas que reciclam água salgada com a escassa energia produzida. Administração pública é militarizada, não existe democracia. O governo é continental. Religiões são proibidas. Ta tecnologia só é permitida para fins administrativos. Tudo é proibido. O salário de quem trabalha é comida e água. Mesmo reduzida, a população mundial sofre com a falta de recursos. A contextualização e a apresentação desse panorama precisa ser dinâmica.

O protagonista, misterioso e de expressão sempre fechada, o homem sem nome, é um patrulheiro. Vigia o limite da região habitável e o deserto. O deserto é misterioso e interminável, pra onde os criminosos e inadaptáveis são banidos. A morte é rápida e inevitável ali. Além da área que o homem sem nome patrulha ainda existe uma última linha de controle monitorada por drones aéreos e terrestres. Depois disso, o desconhecido.

O patrulheiro segue sua rotina solitária, percorre em uma moto velha os últimos pontos de controle do território (pequenos casebres do que restou de alguma história do passado daquela região). A tecnologia é escassa e restrita apenas aos postos mais altos do comando administrativo. Para batedores civis apenas rádio de comunicação, monitorados em tempo integral. Nessa introdução, a narração em *voz off* pode ser intercalada com montagem de imagens rápidas, no formato que gosta de trabalhar, sobretudo em passagens explicativas sobre o passado que levou até este cenário.

O patrulheiro se desloca a pé perto de um desses pontos de controle. Atmosfera e trilha e de suspense e luz pontual valorizando as sombras e a escuridão - (ambiente linear e contínuo em toda trama).

Chamada no rádio (dialogo técnico qualquer de orientação por um drone aéreo que parou de dar sinal. Orientado a observar a fronteira e relarar qualquer fato estranho). O patrulheiro monossilábico dá sinal de compreensão.

Sequência de suspense da caminhada do patrulheiro em direção ao deserto, valorizando o medo e o clima de mistério com efeitos sonoros e luz. Sequência com *jump scare* e recursos típicos desse tipo de narrativa, de terror e suspense.

Após alguns sustos e com uma atmosfera de medo criada pela narrativa audiovisual, o patrulheiro vê uma fraca luz vermelha piscando no horizonte e caminha em direção a ela na escuridão da noite. O calor é enorme e ele transpira a ponto de ter cabelos e roupas encharcados. Quando finalmente chega perto o suficiente pra reconhecer o drone caído é golpeado pelas costas e apaga.
Corta e vai pra primeira pessoa. Olhos abrindo – patrulheiro desperta. Ao redor dele (que percebe estar amarrado numa maca) 5 pessoas. 3 aparentando mais de 70 anos, um casal mais jovem. Todos usam tapa olho no lado direito. Amordaçado não consegue se expressar. A mulher mais jovem se aproxima e ele sente o cheiro azedo das suas roupas sujas e velhas. Ela se aproxima e sussurra: você quer ser livre? Estamos construindo algo. Injeta no braço do prisioneiro um líquido que o faz dormir.
Corta. Na maca o patrulheiro repousa com um tapa olho do lado direito. Ao lado da cama um recipiente de vidro com seu globo ocular e um dispositivo encrustado na parte de trás – o chip de identificação e controle individual, que era, até então, impossível de ser removido.
Corta. O patrulheiro desperta, toca a bandagem que cobre o rosto e observa incrédulo o cenário pós-operatório ao lado da sua cama.
A sua frente as 5 pessoas alinhadas o observam em silêncio. Ele sorri.

---

7) “Tekoretas entre a Utopia e a Distopia”, por léo Pimentel a.k.a. [A]m[A]nt[E]:|:da:|:h[E]r[E]si[A]

salve fredé! escrevi um argumento, ouvindo e ouvindo seu MekHálbum inteiro até me surgir uma imagem completa. então ela chegou em um vislumbre. escrevi apenas um argumento do que pode ser um média-metragem ou uma série de micro-metragens. vê ai o que acha. daí vamos nos falando. Fiquei encarando a imagem do álbum. daí parecia que estava rolando uns fantasmas semióticos. tipo uns vislumbres de algo aparecendo e desaparecendo. daí fiquei recortando na cabeça umas ideias das letras e dos sons. daí imaginei esses ciborgues cobertos de vegetação, ai já fui pirando na coisa toda! hahaha fiquei muito feliz em compartilhar nossas pirações! coopiremos sempre! hahaha

enquanto eu escrevia o conto, fiquei visualizando umas imagens. algo do tipo das imagens de begotten. saca? daí agora reouvindo a tua composição, elas fizeram bem mais sentidos. abração meu irmão!

Argumento:

Há duas cidades distantes no tempo, não no espaço, pois se sobrepõem: Utopia e Distopia. A Utopia é sempre vista em vislumbres, nos umbrais entre a noite e a aurora e o dia e o crepúsculo. É como se fosse uma cidade-aparição, pois Utopia é algo que diz respeito sempre ao futuro. Já a Distopia, para onde olhamos lá ela está. Seja noite, seja dia, ela está sempre presente. Pois a Distopia é algo que diz respeito sempre ao presente. É a cidade em que vivemos: nascemos, crescemos, estudamos, trabalhamos, casamos, consumimos e morremos. Nós, somos reflexo dessa cidade-presença. Somos seus cidadãos e cidadãs de bem com registros cartoriais ou de MekHantropos (homens) ou de MekHystéras (mulheres). No entanto, alguns cidadãos e cidadãs são desviantes. Possuem corpos abjetos. Já que são ciborgues sem utilidade alguma e, por tal condição de inutilidade, estão tomados/as por vegetais e insetos: os/as Tekoretas (palavra Ava Kaiowá para “múltiplos modos de ser”). Desse modo, são micro-ecossistemas vivos. E a fotossíntese que produzem criou uma película em seus olhos que os/as tornam capazes de ter os vislumbres nos umbrais do dia a dia. São os únicos seres que sonham. Pois suas consciências estão desprogramadas. Esta uma condição crucial para, com trabalho de formiga, ao som de cigarras, irem substituindo, pedra a pedra de Distopia para transforma-la em Utopia. No entanto, sabem que jamais conseguirão. Pois o que importa, não é alcançar o futuro construindo Utopia, mas sim, transformar o presente, desconstruindo Distopia.

---

8) “Agorofobia”, por Giovana Barcelos

Ideia inspirada na Música: “Por medo ou por preguiça”, faixa 4 do álbum *MekHanTropia*.

Um homem com ansiedade social e tendências agorafóbicas (medo irracional de sair de casa) se vê numa situação muito confortável quando uma pandemia de um vírus ultracontagioso obriga que todos fiquem em quarentena. Agora que toda sua vida está dentro de sua própria casa (trabalho, reuniões, encontros com

amigos, etc), o homem não quer que a pandemia acabe. Quando vacinas contra o vírus começam a ser distribuídas, o protagonista cria uma rede de mentiras (ou fake news) nas redes sociais para tentar impedir que a população se vacine, podendo então realizar seu sonho de ficar para sempre isolado, mas de forma socialmente aceitável.

“Bluetooth”, por Gilvane Felipe

Ideia: Uso da rede bluetooth para contato e transmissão de pedido de socorro por alguém na vizinhança. O link é com a música “Mekhantropia” quando fala de violência, um dos mais visíveis sinais de desumanização hobbesiana: “o homem é o lobo do homem”. Ao se atacar as crianças, na verdade, o que se sacrifica são os possíveis futuros que elas podem representar.

Argumento: Um cara está lavando louça e ouvindo música com o smartphone em uma caixa bluetooth quando o celular acaba a bateria, mas a caixa continua ligada. Logo, o personagem ouve uma voz de criança pedindo socorro na caixa. Por ser bluetooth, a criança deve estar em algum apartamento bem próximo, mas não tem como ele interagir com a criança, pois só pode ouvi-la. O desespero toma conta e o personagem começa a pensar em como pode agir. Invadir os apartamentos vizinhos seria uma ideia. Mas, será que a criança ainda está viva? Será que isso é uma interferência na rede? Ou será que tudo isso é um delírio? O desfecho pode ser o resgate da criança ou pode ser a morte da mesma, por queda da janela do edifício tentando fugir. Com ambos, dá pra se construir uma narrativa tensa e interessante.

ANEXO II

Série: MekHanTropia (Episódio Piloto: “Cão Breu – The Black Dog Walks at night”)

Roteiro escrito por: Frederico Carvalho Felipe (a.k.a. Fredé CF)

fredcfelipe@gmail.com /(62) 99222-1077

Orientação: Profa. Dra. Rosa Berardo

Co-orientação: Prof. Dr. Edgar Franco

Doutorado/PPGACV – FAV – UFG

Local: Goiânia, Goiás, Brasil

Ano: 2022

CRÉDITOS INICIAIS

LETREIRO (tela preta com letras brancas): “Quem olha pra fora sonha. Quem olha pra dentro desperta.” (Carl Gustav Jung)

SEQ 1 – ESTRADA - EXT/ NOITE

Um carro passa na estrada a noite (da esquerda pra direita). Chove bastante. Raios, relâmpagos e trovões. Lua cheia. Carmen Lobo dirige cansada e cantarola uma música animada (“Dog’s Shout” – Hang the Superstars). Ela não é identificada em sua fisionomia por completo. O celular toca em sua bolsa. Ela abaixa o volume da música. Ao pegar o smartphone, vê uma chamada perdida de Ernesto Ulloa. Ela começa a gravar uma mensagem de voz.

[Carmen Lobo – gravando mensagem de voz]:

Amor, só agora vi a sua chamada. Ainda tô na estrada. Conversamos quando eu chegar. Nada de filme até tarde com as crianças, heim?! Organiza tudo por aí. Beijos.

Carmen desliga e vemos a foto das crianças no plano de fundo do celular. Ela para o olhar por um segundo sobre a imagem e joga o celular no banco do passageiro. Liga o carro e entra na estrada (da direita pra esquerda). O percurso é interrompido por um vulto negro que passa na frente do carro. Ela para no meio da pista (carro mostrado de frente), desce pra dar uma olhada, volta ao veículo e segue viagem (carro mostrado de trás).

De fora do carro, um canídeo negro observa o carro partir. O celular dela sumiu.

[Fade out]

Valdez dorme em sua cama e o seu celular, no móvel ao lado da cama, acende e desliga repetidamente, em um loop frenético. Valdez não acorda. Na tela, chega uma mensagem no celular que diz (na tela bloqueada): “Estar é Ser, e

isso é mais forte que Ter". Logo em seguida chega outra mensagem que diz: "Ninguém sabe o que o calado quer". Por fim chega uma mensagem de voz e o celular apaga a tela. (fade out)

Tela preta com voz off de Aila e texto sendo digitado: "*Fomos chamados de planeta Terra. Fomos chamados de humanidade. Não mais. 'MekHanTropia' é o nome do sistema. 'MekHanTropo' é o nome dos que poluíram nossas águas, queimaram nossas florestas, derreteram nossos polos, extinguiram nossa biodiversidade. Destruíram todo o nosso habitat em função de uma ilusão chamada de 'mercado'. E o pior é que nem sabemos ao certo o que somos. Nem sabemos onde ou quando estamos, de fato. Manipulados. Cooptados. Seduzidos. Aniquilados. Acreditamos que seremos felizes satisfazendo nossos desejos egoístas e mesquinhos mesmo estando cada vez mais tristes, presos em simulações vazias. Projeções de um mundo que nunca existiu. Cada vez mais mortos e obcecados por competição. Cheios de ódio e ressentimento. Zumbis viciados em telas por todos os lados. Mas ainda somos também a última fronteira de vida que sobrou. E onde há vida há esperança de resistência. Esperança de (re)existir."*

[VINHETA DE ABERTURA]

SEQ 2 – SONHO/CASA DE VALDEZ (CORES FRIAS) – INT/ DIA (MANHÃ)

LETREIRO: "Ano MekHantrópico 00"

Acende-se a luz do smartphone ao lado da cama no quarto e dele sai uma voz virtual.

[Voz virtual]:

"Bom dia, sr. Valdez, por favor entre em contato com a operadora. O senhor corre risco de cancelamento. Desejamos um eficiente dia de produtividade em MekHanTropia."

Ainda sonolento, Valdez olha a tela sem qualquer mensagem, se levanta e caminha ao banheiro. Ainda não vemos seu rosto. Joga água no rosto e ao voltar e abrir os olhos, vê a sua imagem distorcida no espelho, como se fosse um cão negro. Ele se estranha e fica um tempo se olhando e tocando seu rosto. Ele joga mais água no rosto, esfrega os olhos e vê sua imagem “normal”.

Valdez sai do banheiro meio atordoado. Volta para o outro cômodo da casa. Pega algo embalado a vácuo para comer. Novamente a voz emite um recado:

[Voz virtual]:

Estimados servidores de MekHanTropia, relembramos que, por motivos de força maior, manteremos o isolamento social. Mas não se esqueça de bater o ponto digital em casa no seu computador pessoal. Desejamos a todos um ótimo e produtivo dia de trabalho.

Ao sentar-se de frente a tela preta do computador, vê seu rosto como se fosse a criatura da capa do álbum “MekHanTropia” e se assusta, derrubando o sanduíche no vácuo. Ele pega o sanduíche no chão e olha novamente e seu reflexo está “normal”. Confuso ele liga o computador e ouve o som da campainha tocar.

SEQ 3 – PORTA DE ENTRADA DA CASA DE VALDEZ – INT/ DIA (MANHÃ)

Valdez abre a porta e vê dois OFICIAIS. Em seus uniformes estão identificados: “Oficial MekHanTrópico 0” e “Oficial MekHanTrópico 1”.

[Oficial MekHanTrópico 1]:

Bovíduo número 1366626031982 (soletrando um número de cada vez), senhor Francisco Lobo Ulloa, codinome “Valdez”? Confere?

[Valdez]:

Sim...Sim...Acho que sim...pois não (gaguejando)

[Oficial MekHanTrópico 1]:

Acha que sim?

[Valdez]:

Não, não...sou eu sim...Algum problema, oficial?

[Oficial MekHanTrópico 1]:

Tenho ordens para levá-lo.

[Valdez]:

Oi?! Mas, o que está acontecen...

O “Oficial MekHanTrópico” retira um aparelho (como uma pistola de medir temperatura) e aponta na testa de Valdez, que desmaia sem completar a frase.

SEQ 4 – CASA DE CARMEN E ERNESTO (CORES QUENTES) – INT/NOITE

Francisco e seu irmão Antônio (crianças) estão assistindo TV com seu pai Ernesto. A mãe, Carmen, chega em casa com uma câmera fotográfica e um colar com um pingente de ankh de presente pra eles.

[Carmen Lobo]:

Parece que tem gente com insônia ou é impressão minha?

[Ernesto Ulloa]:

Estávamos preocupados...esperando por você…

[Carmen Lobo]:

Trouxe um presentinho pra vocês! (Entregando a câmera e pendurando os pingentes)

[Ernesto Ulloa]:

Meu bem, tem certeza que esse é o momento certo? Eles não são muito novos?

[Carmen Lobo]:

Calma, Ernesto, vai dar tudo certo. É só por precaução.

Os pais saem em direção ao quarto conversando. Francisco e Antônio começam a fazer fotos do mundo que os cerca. Antônio adormece no sofá. Francisco pega a câmera e sai em direção ao quintal para fotografar. Carmen retorna e vê Antônio sozinho adormecido no sofá e não encontra Francisco. Ela chama por Ernesto e acorda Antônio perguntando-o pelo irmão. Ele não sabe responder. Os pais olham para a porta do jardim e veem a câmera jogada no chão. Eles pegam o cartão de memória da câmera e abrem no computador para ver se há alguma pista. Ao abrir a pasta com fotos, veem que, em uma delas, aparece um cão negro com os olhos brilhando. Eles olham novamente os arquivos e há uma outra pasta intitulada “Valdez”. Ernesto e Marta se entreolham assustados.

[Carmen]:

Não pode ser! Ele é muito novo…

[Ernesto]:

O Cão Breu apareceu pra ele Carmen! Ele já estava em MekHanTropia! Tava lá e aqui ao mesmo tempo...

Eles correm, abrem a porta para o quintal e se deparam com um espelho refletindo um fogo. Se olham aflitos.

SEQ 5 – SALA TODA BRANCA E LISA (ASPECTO DE NÃO-LUGAR) - INT.

Som calmo e relaxante numa sala toda branca. Valdez, atordoado, está sentado em uma cadeira e não consegue se mexer. Ao olhar ao redor vê que uma luz atinge o centro de sua testa (Ajna Chakra). Ele tenta se desviar, mas não consegue. Na parede a sua frente há uma tela negra escrita em branco: “*Consumo acima de tudo. MekHanTropia acima de todos.” Na tela* ele vê o reflexo de sua imagem mekHanTrópica (capa do CD MekHanTropia).

Uma voz, com tom de comercial, diz:

[Voz off]:

Olá! Seja bem-vindo ao recanto mekHanTrópico de autorreflexão. Não se preocupe, em breve você estará novamente em seu lar. Enquanto isso, desfrute de cada momento seguro e confortável em nossa acolhedora companhia. Estamos aqui para propiciar a sua felicidade plena. Uma vida que sempre sonhou, com tudo aquilo que sempre desejou ter.

[Ouve-se um grave e alto ruído] A voz off calma e alegre retorna a falar:

[Voz off]:

Nosso sistema identificou algumas memórias em seu HD intracerebral. Mas não se preocupe! Seus impulsos já foram reprogramados para a objetividade binária padrão de MekHanTropia. Atualizamos o inibidor de malwares transbinários subjetivos em seu sistema e você poderá ficar agora mais tranquilo pra curtir a sua felicidade, sem nuances. Agora durma o seu sono leve, pois não iremos mais te incomodar. Saudações mekHanTrópicas!

SEQ 6 – CASA DE VALDEZ – INT/DIA

Valdez acorda em seu quarto e, rapidamente corre ao escritório para escrever sobre um sonho que teve. Enquanto o computador liga, ele pega um papel e escreve: “Consumo acima de tudo. MekHanTropia acima de todos.” Fica um momento olhando pra aquelas palavras, risca-as e escreve acima: “Estar é Ser, e isso é mais forte que Ter” e então começa a desenhar (Trilha sonora: “Agora” de Fredé CF). A campainha toca. A música é interrompida. Ele larga o desenho sobre a mesa e vai até a porta. Ao abrir vê uma mulher parada e preocupada. Ele olha surpreso em seus olhos e diz:

[Valdez]:

Mãe?

[Aila]:

Meu nome é Aila. Preciso que me escute com atenção. É urgente.

[Valdez]:

Sim...pois não...

[Aila]:

Posso entrar?.

[Valdez, desconfiado]:

Ok...

Ela entra, certifica-se que a porta está trancada e diz:

[Aila]:

É hora de despertar para os sonhos, Valdez. Nada que você imagina é o que é. Tudo talvez seja o que não é. Enquanto você não for, em sua mente, mais silêncio que ruído, não irá se libertar. Aquele silêncio em que se ouve, sente e vê tudo com atenção. Como o silêncio da meditação, por exemplo. O silêncio dos sonhos, da criação...um silêncio sem culpa. É pela culpa, pelo medo e pelo desejo que eles nos pegam e nos prendem ao tempo.

[Valdez]:

Silêncio? Não estou entendendo…

[Aila]: *Você é uma mentira, Valdez! Todos somos. Idiotas adictos de dor e desejo. O poder é ilusório. Essa felicidade vendida é ilusória. Fazemos tudo pra fugir da dor e tudo para alcançar desejos. Desejos fugazes. Dores nem tanto. Automutilação! É isso que nos prende. A mais terrível armadilha humana: memórias que insistem em não se calar. Trazem de volta um passado tentando-o mudar pra ter conforto. Uma ilusão de poder controlar algo pra sustentar esse vício em dor e desejo. Todos os desejos e dores acabarão no esquecimento, como os de qualquer um. O único poder real é viver e curtir o AGORA! Mergulhar*

na alegria ou na tristeza! Sentir com força e potência o instante decisivo. É a pausa em meio ao tsunami hiperinformacional, sem se comparar a ninguém. Preste atenção à sua respiração. Foi a primeira e será a última coisa que você terá. É o que você ainda tem agora!

Valdez embasbacado tenta proferir alguma palavra mas não consegue.

[Aila]:

Vi no sistema que você foi cooptado pela manhã. Isso é grave! Por favor, venha comigo agora...Precisamos tentar reverter isso antes que seja tarde demais.

[Valdez]:

OK...vou só pegar minha máscara...

Valdez entra para o quarto enquanto Aila olha para o desenho sobre a mesa. Quando ele retorna para a sala ela já não está mais lá. Ele olha para a mesa e vê que o desenho sumiu. Em seu lugar há um CD (MekHanTropia). Ele olha sem entender muito bem, busca um CD player empoeirado no armário, coloca o CD pra tocar, fica tonto e adormece.

SEQ 7 – CENA ONÍRICA: SALA BRANCA/CASA DE VALDEZ/MATO DO CERRADO/CACHOEIRA – INT/EXT.

Valdez caminha no mato, visualiza teiús, araras e muitas árvores. Ouve barulhos de água, uivos e batuques distantes (trilha sonora “Por medo ou por Preguiça” de Fredé CF).

[Som off de mensagem chegando no celular]

Valdez acorda em uma sala branca, confuso, olha a tela na parede e há uma propaganda: *“Venha se refugiar conosco em meio a natureza! Uma exclusividade feita com carinho só pra você!”.* Valdez ouve ao fundo o som da campainha que se intensifica até saturar. Ele acorda de supetão, agora deitado no sofá de sua sala, como um sonho dentro do sonho. Valdez caminha para a

porta e, ao abri-la, se depara com uma fogueira e um espelho onde vê a imagem de sua família (mesma da SEQ 4). Ao tocar no espelho uma mão toca seu ombro.

[Trilha sonora: “O Espelho de Obsidiana”]

Valdez se depara frente a frente com ele mesmo e diz:

[Valdez 1]:

Antônio?

[Valdez 2]:

Não...Francisco Valdez. Eu sou você dormindo, deslocado no tempo e no espaço. Uma espécie de sombra que se materializou aqui, no ‘inferno do igual’.

[Valdez 1]:

Como saio daqui? Preciso bater o ponto. Isso só pode ser coisa da minha imaginação...

[Valdez 2]:

E o que não é imaginação? Vá em busca d’O Acimador. Ele faz a ponte entre as dimensões. Talvez ele possa te ajudar.

(Trilha sonora “Canidae” de Fredé CF)

Valdez anda no mato. Próximo a uma cachoeira, vê um cão preto se refrescando. Ao se virar pra fugir, se depara com um homem mascarado que toca em seu colar de ankh pendurado no pescoço e diz:

[O Acimador]:

Você ainda tem a Huaca!

Valdez tenta empurrá-lo e ele diz:

[O Acimador]: *Pare!*

Valdez fica imóvel.

[O Acimador]: *Você sabe ao menos onde está agora?*

[Valdez]:

Estou sonhando...Quem é você? Alguma espécie de Deus?

[O Acimador]:

Me chamamde "O Acimador" por aqui. Esse negócio de Deus, bondoso, punitivo…tudo balela. Já mataram isso há tempos. "Livre Arbítrio" então…parece "meritocracia"...piada total. (risos). E não...você não está em sonhando...você está em meu mundo...você por acaso já viu tanto mato assim em MekHanTropia? Nem em sonho...Como chegou aqui?

[Valdez]:

Um disco estranho...falava algo sobre encruzilhada, resistência, revolução, amanhecer…

[O Acimador]:

Ah...as narrativas…estão aí de todos as formas…lineares, fragmentadas, oníricas, transmidiáticas, enfim…nem lembrava desse álbum. Vou ser sincero...o que pega é a tal da "imagem semelhança". As vezes ela bate forte na cara da gente. Essa história de revolução, por exemplo, eu tirei de um velho gibi que eu tinha (risos). Mas a revolução aqui, de fato, é sempre minha comigo mesmo.

[Valdez]:

Mas o que isso tem a ver comigo?

[O Acimador]:

Você é meu reflexo, Valdez. Acorda! Quando eu te criei, projetei várias questões minhas em você. E então posso me ver melhor de "fora da ilha". As vezes também fico pensando como você: "Há alguém 'acima' de mim? E se fôssemos micropartes de algo maior, como células em um organismo e tal". Tudo groselha que não leva a nada. Afinal, nada disso mudará minha tragédia. Muito menos a sua. De onde vem a sua tragédia? Daqui ó (apontando pra própria cabeça)*. A*

minha? Sei lá…tento entendê-la um pouco através de você. Uma coisa que gosto muito é de mandar um grande e belo "foda-se" pra tudo e curtir a vida, agora. (risos) O agora, aqui falando com você, eu tenho. Nada mais que isso. E vocês tem essa mania de sempre querer o que não tem, né?! Viciados em desejar. É aí que eles te pegam e te prendem ao tempo.

[Valdez]:

Aila me falou alguma coisa sobre isso...

[O Acimador]: *E pelo jeito você não ouviu, né?! Uma nova luz, estranha, assusta tanto quanto a escuridão. Entenda: o caminho não é pra cima ou pra baixo, como uma montanha, mas pra dentro, como um labirinto. Um não…vários labirintos em camadas, na verdade…quanto mais você anda, mais difícil vai ficando. Cada escolha leva a uma consequência. Aí você pode chegar ao centro de sua essência, se autotransmutando, ou enlouquecer de vez, vagando como um morto-vivo preso pelo hábito.*

[Valdez]:

E o que há nesse labirinto?

[O Acimador]:

Monstros! A sombra te assombra ou você brinca com ela? Você mostra seus monstros? Só aquilo que somos em essência tem o poder de nos curar, sem projeções egóicas. Como o desenho que você fez...por um instante você parou o tempo ao fazê-lo, não foi? Cadê ele? O que ele te diz? Não tenha pressa pra saber, mas não perca tempo. A real é que o tempo acaba até com a mais poderosa das criaturas. Olhe o que o tempo fez aos poderosos dinossauros. Hoje não passam de ossadas incompletas em museus. Em breve nem isso. Tudo é esquecido. Nada dura. Não adianta lutar contra isso. A previsão do tempo diz que ele está passando…tic tac, tic tac…(hipnotizando-o com um relógio de bolso)*"*

Valdez desmaia.

[Fade out – trilha sonora: “A Sombra”]

SEQ 8 – QUINTAL DE UMA CASA ANTIGA (FLASHBACK) – EXT/DIA

Francisco Valdez (criança) sentado no chão do alpendre, desenha um lobo. Uma senhora senta-se próximo a ele e ele se afasta.

[Senhora]:

Meu filho, não precisa ter medo. Chegue aqui.

Francisco, tímido, chega mais próximo da senhora.

[Senhora]:

Há muitos e muitos anos, uma garotinha, mais ou menos da sua idade, viu um cão preto como a escuridão. Ele tinha o sol no lugar dos olhos e o chamavam de Cão Breu. A luz dos olhos do cachorro enfeitiçou a menina e coisas estranhas passaram a acontecer na vida dela. Dos pesadelos noturnos que a faziam acordar em pânico e banhado de suor, ela tirou a chave para compreender que o mundo era maior do que ela imaginava.

[Francisco]:

Quem era ela?

[Senhora]:

Aila...

[Francisco]:

Onde ela está? Ela é sua filha?

[Senhora]: *(Rindo) Você é um pequeno detetive, heim?! Não...ela não é minha filha, mas gosto dela como se fosse. Ninguém sabe por onde ela anda. Deve estar por aí acordando os outros...*

[Francisco]:

Ela parece ser legal...

[Senhora]:

Um dia você deve encontrá-la, querido...agora venha aqui, quero te dar um presente…

A anciã desembrulha um baralho de um pano com figuras andinas, coloca as cartas (com QR Codes) em uma caixa escrita “CANI BUIU ORACLE” e entrega para ele.

[Senhora]:

Toma. Eu não tenho mais muito tempo, então preste bastante atenção: Eu quero que você nunca se esqueça quem é, da sua origem e dos seus poderes. O autoconhecimento é a chave do portal entre as dimensões. Guarde essa caixinha com muito cuidado. Ela é uma Huaca, é sagrado, assim como esse seu colar (apontando o colar com o ankh). No momento certo, você verá os seus sonhos dentro dela e não sentirá mais aperto no peito.

[Francisco]:

(Tentando abrir a caixa) *Que legal!*

[Senhora]:

(Interrompendo ele). *Tudo na hora certa, meu filho. Hoje você ainda pode sonhar...Então veja o que os sonhos ainda te dizem...Quando não puder mais, você abre a caixa.*

[Francisco]:

Mas eu nunca me lembro dos meus sonhos...

[Senhora]:

Precisa fazer um esforcinho...O que aparece nos sonhos é o ancestral conversando com a gente, em outras dimensões. Essas cartas são lembranças

disso. O importante é não parar NO tempo, mas parar O tempo. Viver sem medo, culpa ou remorso e, acima de tudo, ter cuidado sobre como se comunica. Não conte pra ninguém sobre essa Huaca. Ninguém sabe o que o calado quer, e isso pode ser uma vantagem ou a ruína. Preste atenção. Se movimente, Valdez! AGORA!

F. Valdez (adulto) acorda no susto (close nos olhos abrindo).

SEQ 9 – CASA DE VALDEZ - INT.

O alarme do celular toca e passa, em câmera acelerada, a SEQ 2, porém, quando a campainha toca, Valdez hesita em abrir a porta. A campainha toca novamente. Ele esfrega os olhos. A campainha insiste. Valdez leva a mão à maçaneta e, ao abrir, vê a si mesmo, dessa vez de terno e gravata e óculos escuros. Assustado, ele tenta fechar a porta. Valdez 2 para a porta com o pé.

[Valdez 2]:

Não adianta negar o que é parte de você.

[Valdez 1, sem conseguir olhar diretamente pra Valdez 2]:

Me deixa em paz!

[Valdez 2]:

Você ainda está preso a essa condição de negação. De remorso, culpa, medo, desejo! O sistema insiste em te manter assim, fragmentado e diluído em várias dimensões. Você só conseguirá ter alguma chance de sair desse ciclo se pegar a chave pra si.

[Valdez 1]:

Chave?

Valdez 1 solta a porta para Valdez 2 entrar.

[Valdez 2]:

A chave que abre a sua mente. O seu tempo, o seu mundo, só existem pra você. Cabe a você aceitar ou não o que se apresenta. Acolha a luz e a sombra...perceba as nuances e transmute-as. Olhe nos meus olhos. Me dá um abraço.

Valdez 1 olha para Valdez 2 e o abraça meio sem jeito.

[Valdez 2]:

Pronto...tá vendo...nem doeu. Agora vá lá e abra a maldita porta!

Valdez 1 abre a porta e se depara com outra versão dele mesmo. Valdez 3, vestido e identificado como um “Oficial mekHanTrópico 3”, tira do cinto um laser e, ao apontar para a testa de Valdez 1, Valdez 2 fecha a porta e a tranca rapidamente.

[Valdez 2]:

Percebe? A chave está conosco, do lado de dentro! Você é o mago! Você tem o poder! Não tem que competir com ninguém.

[Valdez 1]:

Eu nunca tinha visto um Oficial com o número 3! Isso foge do “0/1” padrão...

[Valdez 2]:

Já viu sim. Apenas retiraram de você essas nuances...lá fora os anos são contados além do “00” e do “01” MekHanTrópicos e você já viveu isso. Esse transbinarismo residual ainda está em você, dormindo aí em algum lugar...Há uma Huaca que lhe foi entregue, há muito tempo...Umas cartas...Você ainda as tem?

Valdez 1 balança a cabeça afirmativamente.

[Valdez 2]:

Pegue-as...te ajudará a acessar o oráculo. Traga também o celular que Aila te deu, é ele que você vai usar pra decifrar os códigos. Desligue e guarde o seu...ele pode ser rastreado.

SEQ 10 – CASA DE VALDEZ - INT.

Valdez acorda sozinho e assustado em seu sofá, vai até o armário e pega a caixa escondida atrás dos livros. Ao abri-la, vê um celular, cartas com QR Codes, um colar com um pingente de ankh e um tabuleiro. Ele monta o tabuleiro com as cartas e vê instruções escritas com o nome “CANI BUIU ORACLE”. Ele liga o celular e aparece uma foto de sua família na tela. Ao apontar o celular para um QR Code, abre-se o vídeo “Tentando explicar o óbvio”. Ele lê a descrição: *“Carta ‘Cani Buiu Oracle’: Revolucionar*”. Ele pega o colar e, ao colocá-lo no pescoço, ouve batidas na porta (trilha sonora “Inner Beast Ritual” de Ciberpajé feat. Fredé CF). Trêmulo, ele fica olhando fixamente para a maçaneta.

[Voz off - imaginação de Valdez]:

“A chave está do lado de dentro. A chave está do lado de dentro.”

Ouve-se barulhos de chave na porta. A porta se abre e Aila entra. Ela aponta um laser para sua testa e ele desmaia. Ela abre o notebook sobre a mesa e copia uma pasta intitulada “Valdez” para um pendrive. Nota-se que Valdez sumiu e não está mais no chão. Ela pega o baralho e o tabuleiro e guarda, pega o celular e sai.

[Fade out/in]

LETREIRO (tela preta, letras brancas): “Pulsa em fluxos e refluxos, inverte-se por dentro e por fora. Assenta-se no aqui e agora. Consciência e sentimento. Quantos corpos você tem?” (Denise Carvalho)

CRÉDITOS FINAIS 1: trilha sonora: “O Louco/Como se fosse loucura” de Fredé CF.

CENA EXTRA 1 (PÓS-CRÉDITOS) – CASA DE VALDEZ – INT/NOITE

Aila coloca o pendrive e um papel embaixo de uma porta. O Acimador pega do outro lado e sorri. Ao abrir o pendrive vê a pasta “Valdez” e, dentro dela, a pasta “Carta a Valdez”. Ele abre a cena de quebra da 4ª parede do curta “Carta a Valdez” com Valdez perguntando se há alguém ali. O Acimador responde a si mesmo: “Sim, meu caro...é sempre bom me conhecer melhor por você...o que você tem a esconder?” Ele desenrola o papel com o nome dos autores e títulos dos outros episódios da série.

CRÉDITOS FINAIS 2: trilha sonora: “Poço sem fundo” de Fredé CF.

CENA EXTRA 2 (PÓS-CRÉDITOS) – CARRO/ESTRADA – EXT/DIA

Aila entra no carro, pega o celular e vemos a foto das crianças na tela de fundo do aparelho. Ela para o olhar por um segundo sobre a imagem e joga o celular no banco do passageiro. Olha para Antônio pelo espelho retrovisor sentado no banco de trás e diz:

[Aila]:

Acho que ganhamos um pouco de tempo pra sonhar, Antônio.

Ele sorri. Ela coloca os óculos escuros, liga o carro, aumenta a música (“Ecos Oníricos” de Fredé CF) e parte ao horizonte rumo à Chapada dos Veadeiros. De fora do carro, um canídeo negro, de costas, observa o carro partir. p

[Fade out]